

Je ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

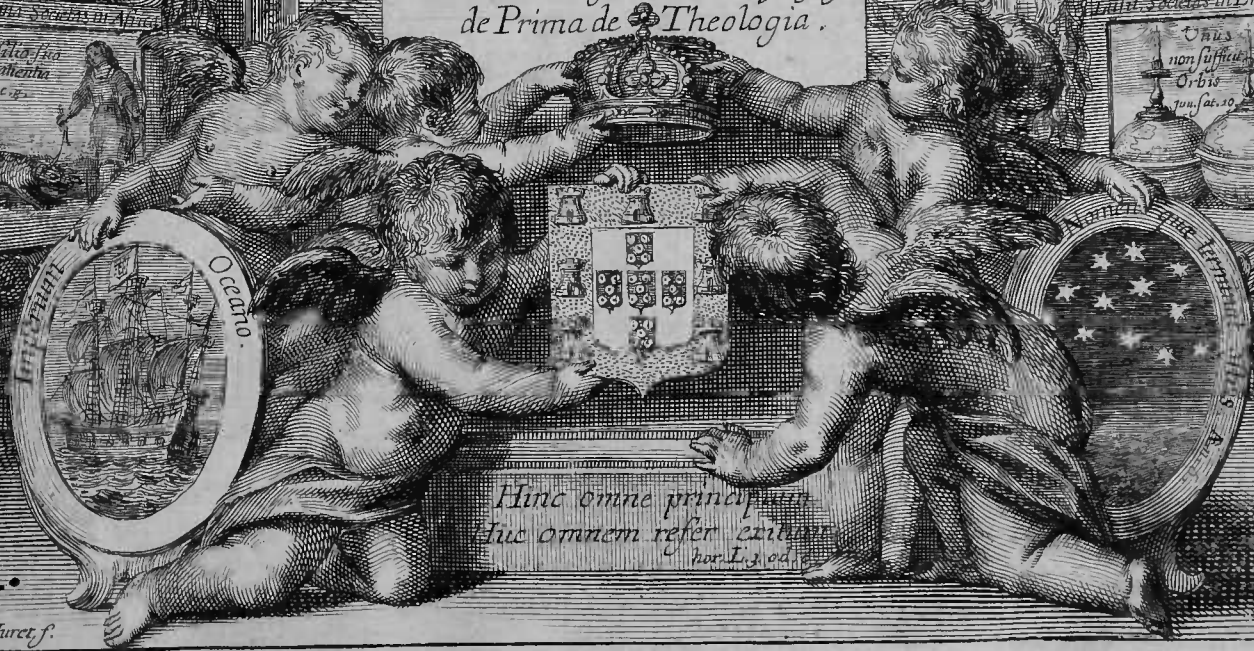
Constante ingenio et lauro honoribus
hor. ad. 3.



Lusitana Societas IESV

Super stabilitatem suam. ps. 103.

CHRONICA
DA COMPANHIA DE IESV
Nos Reynos de Portugal
Pelo P. M. BALTHAZAR TELLEZ
natural de Lisboa lente que foy
de Prima de Theologia.



Hinc omne principium
Huc omnem refer exitum
hor. L. 3. ad. 1.

CHRONICA

DA

COMPANHIA

DE IESV,

NA PROVINCIA

DE PORTUGAL;

E DO QUE FIZERAM, NAS CONQUISTAS
*d' este Reyno, os Religiosos, que na mesma Provincia entraram,
nos annos em que viveo*

S. IGNACIO DE LOYOLA,
nosso Fundador.

PELO P. M. BALTHAZAR TELLEZ
da mesma Companhia, natural da cidade de Lisboa,
& nella Lente de Prima de Theologia.

PRIMEIRA PARTE,

NA QVAL SE CONTEM OS
principios d' esta Provincia,

No tempo, em que a fundou, & governou

O P. M. SIMAM RODRIGVES,
Com sua sancta vida, & morte.

EM LISBOA.

Com todas as licenças necessarias.

Por Paulo Craesbeeck. Anno do Senhor M.DC.XXXXV.

A
MAGESTADE
DO MVITO ALTO
PODEROSO, E INVICTO
REY DE PORTV GAL
DOM IOAM O IV.
NOSSO SENHOR.

SENHOR.



Vitos annos antes da restauraçam deste Reyno, & felice acclamaçani de vossa Magestade procurou a Companhia de IESV, nesta provincia, fahir a luz com o Compendio dos heroicos exéplos de seus filhos; mas nũca o cuydado teve effeito, nũca no intêto houve execuçam. A muitos, & grandes engenhos se encômédou esta êpreza, nenhũ a concluio: sentiamos o impedimento, nam conheciamos a causa, até que o tempo a mostrou. Ordenava a divina providencia (contra a qual nam hà industria humana) se dedica sê as accões gloriosas da Cõpanhia de IESV, neste Reyno, a hũ Rey que fosse legitimo fucçessor daquelle Rey, que a trouxera, & fundara no mesmo Reyno, & Cõquistas. Sessenta annos esperou Portugal por hũ Rey, a quẽ se entregasse; os mesmos esperou a

Companhia por hum Rey, a quem se dedicasse.

A algũs pareceo que se offerecesse esta Chronica da Companhia de IESV Lusitana, ao serenissimo Rey D. Ioam III. que a fundou; que, parece, por direito nos pediam suas cinzas este reconhecimento; porque como por sua morte nam acabaram as obrigaçoẽs em nõs, nam deviam fenecer as lêbrãças d' elle; & ainda que as cinzas (segundo diz o princepe da poesia) sejam ingratas, nõs devemos ser a estas agradecidos; que nam exime do agradecimento aos vivos, a ingraticam que hã nos mortos. Cõmtudo a mim me pareceo que faria mayor serviço ao serenissimo Rey já defunto, se dedicasse antes esta obra a V. Mag. que a elle; âtes a hũ Rey dignissimo successor seu vivo, do que às cinzas delle já mortas: primeiramente, porque o Rey que succede he hũa imagem viva, & do que precedeo, nam ha mais que hũa lêbrãça morta. Secundariamente, porque tenho por certo, que nenhũa cousa mais estimará aquelle felicissimo Rey, que a que mais redundar em hõra de hũ Rey, que lhe restaurou seu Reyno, & avivou suas virtudes: porque assim como he mayor façanha restaurar o perdido, que conservar o alcançado; assim julgará que mais se devẽ offerecer as honras a hũ Rey, que deo a vida a seu Reyno morto, do que a hum Rey, que conservou a vida em hum Reyno vivo: & quem duvida, que vossa Magestade gloriosissimamente restaurou o que o outro pacificamente conservou.

Virg. Æn. 6.
Et cineri in
grato suprema
ferebãt.

Acrescentase, que hã em vossa Magestade huãas rezoẽs (alem das cõmuas de successor) particularmente representativas do serenissimo Rey ja defuncto; porque he V. Mag. successor seu immediato, & animado: immediato no nome, que se nam repete o de vossa Mag. sem que immediatamente nos traga a memoria o serenissimo Rey Dom Ioam terceiro, quem repetio nunca Dom Ioam o quarto, que lhe nam occorresse logo o terceiro? He V. Mag. tambẽ successor animado, & vivamente representativo nos dõtes, & reaes talẽtos, que nelle se viam; porque em vossa Mag. se vè a religiã, pera com Deos; a obediencia pera com a Igreja; a misericordia, pera com os pobres; a affabilidade, pera com o povo; o amor à pãtria; o favor, pera com as letras, a justiça, & igualdade pera com todos; a aspereza no trato de sua real pessoa, que póde ser exemplo á penitentes religiosos, & tudo em tam perfeito grao, que nam parecem imitaçoens de tal Rey, mas vivos exemplares de tal virtude; & com vermos a vossa Mag. feito Rey, os que o conhecemos antes de o ser, podemos com mais rezã dizer o que Plinio ^a lisongeava ao seu Emperador Vespasiano, que nenhũa cousa em V. Mag. mudou a grandeza de sua fortuna, mais que em lhe dar novas occasioens de fazer bem, & de parecer bom.

Emfim em vossa Mag. lemos o serenissimo Rey D. Ioam terceiro, que V. Mag. melhor escreveo em sua pessoa, do que os escriptores de sua vida o

^a
 Plin. in præ-
 fat. ad Vesp.
 Nec quic-
 quam in te
 mutavit for-
 tunæ ampli-
 tudo, nisi ut
 prodesse tã-
 tudẽ posses,
 & velles.

descreveram em seus livros: & assi ficou V. Mag. muy nobre, & mais animado descẽdente d'aquelle grande Rey; porque se o nam foy em todo no sangue, que he a menor parte, o foy em tudo no espirito, que he a melhor arte: & se nam he V. M. descẽdente proprio no filhamẽto, he successor legitimo nas obrigaçoẽs, das quaes hũa muito principal he favorecer, & amparar a Companhia, que foy obra do braço d'aquelle esclarecido Rey; cõtinuando vossa Mag. no amor que nos tinham, & favor, que nos faziam os serenissimos Reys Portugueses, antecessores de vossa Magest. que se entregaram tanto à Companhia, que até suas mesmas cõsciẽcias della fiavam. Este amor herdaram do magnifico Rey D. Ioam o terceiro os serenissimos Reys D. Sebastiam seu neto, & D. Hẽrique seu irmam, & todos os princepes, & infantes, que por nos amarẽ como pays, os serviamos nõs como filhos; que hum bõ Princepe, como disse Xenophonte,^b nam se distingue de hum bom pay.

^b
Xenoph. in
suo Cyro.
Bonus prin-
ceps nihil
differt à bo-
no patre.

Este reciproco amor himos já vendo, & esperamos cada dia ver mais transfundido no coracã de vossa Mag. assim como nossos primeiros Padres transfundiram em nõs, filhos seus, o amor, que tiveram aos Reys de Portugal: de modo que os Reys testaram em vossa Mag. o amor à Companhia; & nossos Padres testaram em nõs o amor ao Rey; estes passaram a nõs a obrigaçã de servir a vossa Magestade; aquelles passaram a vossa Mag. a obrigaçã de defender a Cõpanhia,

a qual atégora de sua parte nam faltou em hum ponto, no serviço de tam querido Rey; assim pelo affecto, & obrigaçam, que temos a vossa Magestade, como pela gratidam, & obrigaçoës, que devemos aos Reys antecessores.

Dedicase esta Chronica a vossa Magestade aos cinco annos de seu Imperio, tempo a que os Latinos chamam *Lustro*, em argumento, & vaticinio de quanto lustre crescerá a estas illustres acçoens, & obras maravilhosas dos filhos da Companhia de IESV, com tam lustroso, & real patrocínio. Dedicase aos cinco annos, debaixo da protecçam das cinco quinas das armas de vossa Magestade, ou das chagas de Christo nosso Salvador, pera que o mesmo escudo defenda o Rey, & ampare a Companhia; porque dizem bem as chagas de Christo com o nome de IESV, & o escudo do Rey com os soldados da Companhia.

Este favor espera nossa Religiã de vossa Magestade, nam só pera que a defenda, como fizeram os Reys antecessores com seu escudo, & braço real, mas tambem pera que os filhos de sancto Ignacio, na sombra, protecçam, & amparo de tal Rey, façam na pregaçam do Evangelho, & promulgaçam da fé taes acçoës, quaes se contem neste volume, que offereço a vossa Magestade, cuja autoridade real nam só hà de apadrinhar o credito das cousas grandes, que nelle se escrevem, mas tambem a pessoa, que as escreve,

Festus, Varro, Plin. Junior, & alij apud Theaur. linguæ Lat. verbo *Lustru* n.

porque igualmente he de vossa Magestade o ob-
jecto do livro, & a mãã do escritor, offerecida
com a pena, & com a vida ao mayor serviço
de tal Rey, de quem sou, & me professo o mi-
nimo, & o mayor seruo; o minimo, no mereci-
mento de o ser; o mayor, no desejo de servir.

Guarde Deos á Real pessoa de vossa Magesta-
de, pera senhorear o mundo, & pera reynar no
cèo.

De Vossa Magestade

Humilde seruo,

Balthazar Tellez.

LICEN-

LICENÇA DO PADRE PROVINCIAL DA
Companhia de IESU, na provincia de Portugal.

Antonio de Sousa da Companhia de IESV, Provincial em Portugal, por particular commissão, que pera isso tenho do muito Reverendo Padre Mucio Vitelleschi, nosso Preposito geral, dou licença pera se imprimir a Chronica da Companhia de IESV desta provincia de Portugal, composta pelo Padre Balthezar Tellez da mesma Companhia; depois de vista, examinada, & approvada por pessoas dōtas, & graves da nossa Companhia. Em testemunho do qual dey esta por mim assinada, & selada com o selo do meu officio. Lisboa a 10. de Agosto de 1642.

Antonio de Sousa.

*VIUZO, E APPROUAC, A M, QUE DEO SOBRE
esta Chronica o Padre Mestre André Gomes da Companhia de IESU,
Lente que foy de Philosophia, & Theologia, & pregador
muy celebrado neste Reyno.*

Por mandado do Padre Provincial Antonio Mascarenhas, li, com grande gosto, o liuro da Chronica da Companhia de IESV desta provincia de Portugal, ordenada pelo Padre Balthezar Tellez da mesma Companhia: parece-me ser obra de grãde edificação, & consolação pera toda a Companhia, em que se referem cousas mais admiraveis, que imitaveis, & de grande confusão pera alguns dos que vivemos, & vemos quam longe estamos daquelle primeiro, & fervoroso espirito, em que nossa sancta Companhia se fundou. O estylo da obra he grave, & pouco affectado, como deve ser o da historia. Tudo o que nella se refere he muy conforme às tradições, que hã nesta provincia, a qual ao Autor está em obrigação, pela boa diligencia, & certeza, com que as inquirio, & pelos graves termos, com que as refere. Pelo que me parece muy digna de se estampar, pera edificação, & proveito espiritual de todos, & principalmente dos filhos da Companhia. Lisboa 9. de Outubro de 1644.

André Gomes.

*IUIZO, E APPROUAC, A M., QUE DEO SOBRE
esta Chronica o P. M. Paulo Gomes da Companhia de IESV,
Lente jubilado em Theologia.*

LI cõ applicaçam devida (& deve se toda) esta primeira parte da Chronica da Companhia de IESV, no tocãte à Provincia de Portugal, composta pelo Padre Balthezar Tellez da mesma Companhia, & Provincia; & entendo que a este livro quadram bem as palavras, que de Christo, grande Deos, disse o autor da obra *de Vera circumcissione* (que anda entre as de S. Hieronymo) aonde, querendo averiguar a causa do filho de Deos, mandar aos seus, que nam dissessem ser elle Christo; havendo tantas rezoens pera elles o publicarem, diz: *Novult se inventum, quam proditum*. Assim que o mesmo livro dou por abonada testemunha do muito que deve ser estimado, lido, & mais lido. E achar se hã tam longe de ter cousa contra nossa sancta fee, & bons costumes, que nelle se acharã grandes confirmaçoens da mesma fee, & illustrissimas finezas dos costumes mais subidos. Do autor somente digo, que no especulativo tem assã mostrado, que comprehende as sciencias; nestra obra mostra, que exercita a pratica do realçado das virtudes, & mais das mais aventajadas; & assim entendo ser esta obra dignissima de toda a licença, pera sahir a luz, & a dar à historia. Sam Roque 12. de Outubro de 1644.

Paulo Gomes.

*APPROVAC, OENS, E LICENC, AS
do Sancto Officio.*

O Padre doutor frey Antonio Bottado, Qualificador do Sancto Officio, veja o livro, de que se faz mençã, & informe com seu parecer. Lisboa 27. de Septembro de 1644.

*Pero da Sylva. Francisco Cardoso do Torneo.
Pantaleão Rodrigues Pacheco.*

*PARECER, E APPROUAC, A M. DO MUITO
Reuerendo P. M. Fr. Antonio Bottado da sagrada Ordem de S. Agostinho,
Doutor, & Lente de Theologia, Qualificador do S. Officio, &c.*

VI esta Chronica da Companhia de IESV de Portugal, digna empresa do Padre Mestre Balthezar Tellez, que com seu singular engenho, em planta tam breve, nos mostra

bem

bem as traças, & alicesses deste grande edificio espiritual , com tal arte, que nada fica por ver, & muito que imitar nos exemplares sanctos desta sagrada Religiã, & no Autor a modestia , & bom estylo com que escreve, tem offensa de particulares , edificando a todos ; pera o que deve sahir a luz este primeiro tomo. Lisboa no convento de Nossa Senhora da Graça , em 20. de Outubro de 1644.

O P. M. Fr. Antonio Bortado.

PARECER, E APPROVAL, AM DO MUITO Reverendo P. M. Fr. Adriam Pedro, da sagrada Ordẽ da sanctissima Trindade, Doutor, & Mestre em Theologia, Qualificador do S. Officio, &c.

O Muito Reverendo P. M. Balthazar Tellez he o Autor desta Chronica, da insigne Religiã da Cõpanhia de IESV, da Provincia de Portugal (que por mãado do Conselho geral do S. Officio vi) nella nam achey cousa algũa contra nossa S. Fẽ, ou bons costumes; antes os ratos exemplos de vii tude, & mortificaçam, que nella se referem, podem servir de grande utilidade a todos os que a lerem; porque, como disse o grande Doutor Sam Basilio: *Illorum enim qui in fide claruerunt historia, velut lucem quandam Dei caloribus ad virtutis iter ostendit*: grangeando o Autor o devido respeito a sua illustre Religiã, com a relaçam de progenitores tam insignes.

Scilicet est olim vis rerum in semine certa,

Et referunt animos singula quaque Patrum.

Lisboa no Convento da Sanctissima Trindade , em 10. de Novembro de 1644.

O Doutor Fr. Adriam Pedro.

Vistas as informações , pode se imprimir o primeiro tomo da Chronica da Companhia de IESV desta Provincia de Portugal, Autor o Padre Balthazar Tellez ; & depois de impresso tornarã ao Conselho pera se conferir com o original, & se dar licença pera correr, & sem ella nam correrã. Lisboa 2. de Dezembro de 1644.

Fr. Ioam de Vasconcellos.

Francisco Cardoso de Torneo.

Diogo de Sousa.

Pedro da Sylva.

Pantaleam Rodrigues

Pacheco.

Licença

*IUIZO, E APPROUAC, A M., QUE DEO SOBRE
esta Chronica o P. M. Paulo Gomes da Companhia de IESU,
Lente jubilado em Theologia.*

LI cõ applicaçam devida (& deve se toda) esta primeira parte da Chronica da Companhia de IESV, no tocãte à Provincia de Portugal, composta pelo Padre Balthezar Tellez da mesma Companhia, & Provincia; & entendo que a este livro quadram bem as palavras, que de Christo, grande Deos, disse o autor da obra de *Vera circumcissione* (que anda entre as de S. Hieronymo) aonde, querendo averiguar a causa do filho de Deos, mandar aos seus, que nam dissessem ser elle Christo; havendo tantas rezoens pera elles o publicarem, diz: *Novult se inventum, quam proditum*. Assim que o mesmo livro dou por abonada testemunha do muito que deve ser estimado, lido, & mais lido. E achar se hã tam longe de ter cousa contra nossa sancta fee, & bons costumes, que nelle se acharã grandes confirmaçoens da mesma fee, & illustrissimas finezas dos costumes mais subidos. Do autor somente digo, que no especulativo tem assas mostrado, que comprehende as sciencias; nestra obra mostra, que exercita a pratica do realçado das virtudes, & mais das mais aventajadas; & assim entendo ser esta obra dignissima de toda a licença, pera fahir a luz, & a dar à historia. Sam Roque 12. de Outubro de 1644.

Paulo Gomes.

*APPROVAC, OENS, E LICENC, AS
do Sancto Officio.*

O Padre doutor frey Antonio Bottado, Qualificador do Sancto Officio, veja o livro, de que se faz mençã, & informe com seu parecer. Lisboa 27. de Setembro de 1644.

Pero da Sylva.

Francisco Cardoso da Torneo.

Pantaleão Rodrigues Pacheco.

*PARECER, E APPROUAC, A M. DO MUITO
Reuerendo P. M. Fr. Antonio Bottado da sagrada Ordem de S. Agostinho,
Doutor, & Lente de Theologia, Qualificador do S. Officio, &c.*

VI esta Chronica da Companhia de IESV de Portugal, digna empresa do Padre Mestre Balthezar Tellez, que com seu singular engenho, em planta tam breve, nos mostra

bem

bem as traças, & alicesses deste grande edificio espiritual , com tal arte, que nada fica por ver, & muito que imitar nos exemplares sanctos desta sagrada Religiam, & no Autor a modestia, & bom estylo com que escreve, sem offensa de particulares, edificando a todos; pera o que deve sahir a luz este primeiro tomo. Lisboa no convento de Nossa Senhora da Graça, em 20. de Outubro de 1644.

O P. M. Fr. Antonio Bottado.

PARECER, E APPROVAL, A M DO MUITO Reverendo P. M. Fr. Adriam Pedro, da sagrada Ordẽ da sanctissima Trindade, Doutor, & Mestre em Theologia, Qualificador do S. Officio, &c.

O Muito Reverendo P. M. Balthazar Tellez he o Autor desta Chronica, da insigne Religiam da Cõpanhia de IESV. da Provincia de Portugal (que por mãdado do Conselho geral do S. Officio vi) nella nam achey cousa algũa contra nossa S. Fê, ou bons costumes; antes os raros exemplos de virtude & mortificaçam, que nella se referem, podem servir de grande utilidade a todos os que a lerem; porque, como disse o grande Doutor San Basilio: *Illorum enim qui in fide claruerunt historia, velut lucem quandam Dei cultoribus ad virtutis iter ostendit*: grangeando o Autor o devido respeito a sua illustre Religiam, com a relaçam de progenitores tam insignes.

Scilicet est olim vis rerum in semine certa,

Et referunt animos singula quaeque Patrum.

Lisboa no Convento da Sanctissima Trindade, em 10. de Novembro de 1644.

O Doutor Fr. Adriam Pedro.

Vistas as informaçoes, pode-se imprimir o primeiro tomo da Chronica da Companhia de IESV desta Provincia de Portugal, Autor o Padre Balthezar Tellez; & depois de impresso tornará ao Conselho pera se conferir com o original, & se dar licença pera correr, & sem ella nam correrá. Lisboa 2. de Dezembro de 1644.

Fr. Joam de Vasconcellos.

Francisco Cardoso de Torneo.

Diogo de Sousa.

Pedro da Sylva.

Pantaleam Rodrigues

Pacheco.

Licença do Ordinário.

Pode se imprimir. Lisboa 6. de Dezembro de 644.

O Bispo de Targa.

Licença Real da Mesa do Paço.

Que se possa imprimir este livro, visto as licenças do S. Officio, & Ordinário, & depois de impresso torne para se taixar, & sem isso nam correrá. Lisboa 9. de Dezembro de 645.

Ribeiro.

Coelho.

Esta primeira parte da Chronica da Cõpanhia de Iesu da provincia de Portugal, está conforme cõ o original. Lisboa no Cõvento da Sanctissima Trindade de Lisboa, a 12. de Setebro de 1645.

O Doutor Fr. Adriaõ Pedro.

Visto estar conforme cõ o original, pòde correr este livro. Lisboa 19. de Setebro de 1645.

Francisco Cardoso de Torneo.

Pedro da Sylva.

Pantaleão Rodrigues Pacheco.

Diogo de Sousa,

Taixão este livro intitulado, Primeira parte da Chronica da Companhia de Iesu, em oitocentos.

Lisboa 27. de Setembro de 645.

Pinheiro.

Meneses.

Cazado.

P R O L O G O, E A D V E R T E N C I A S N E C E S S A R I A S A O L E I T O R.



Si à hoje tam augmentada em Portugal a Religião da Companhia de IESU ; multiplicou-se tanto, nestes cento e quatro annos, este pequeno gram de mostarda, que veyo a fazer-se huma grande arvore, à qual bem quadram os louvores, que o Propheta Daniel dava a outra, de que fala no cap. 4. cuja altura, diz, que chegava ao cêo, cuja vista abrangia aos ultimos fins da terra, as folhas fermosissimas, o fructo copioso, e muy saudavel

^a
Dan. 4. n. 8.
Magna arbor,
& fortis, &c.

Proceritas eius contingens cælum, aspectus illius erat usque ad terminos universæ terræ, folia eius pulcherrima, fructus eius nimius &c. Estêdeõ esta grãde, e fermosa arvore seus grãdes, e fermosos ramos, nam sò pelos prados de Portugal; mas tãbem pelos espaçosos campos do mundo todo; porque de Portugal sahiram as provincias da Asia no Oriente, os Collegios, e residencias pela Africa; a provincia do Brasil no mundo novo; e atê Hespanha deve este reconhecimento á nossa provincia de Portugal, como veremos nesta Chronica.

Deo tambem esta nobre arvore fructos de bençãem, e muy bem asseoados, nos muitos Religiosos de rara virtude, e admiravel vida, que nella se criãram. Porém toda esta grandeza, e toda esta fermosura estava como escondida debaixo da terra, sem se verem seus ramos, sem brilharem suas flores, sem se lograrem seus fructos; porque, por lhe faltar a luz do prelo, estavam as cousas desta provincia como nas trevas do esquecimẽto; e ficavam estas vidas como sepultadas, e sem vida, por nam terem a alma da impressãem. Tinhase este cuydado entregue a muitos Padres, dos quaes, com grande fundamento, se podia esperar o bom logro do que tanto se desejava; porém atêgora se nam tinha chegado ao termo de vermos compostos, e estampados tam gloriosos trabalhos, como foram os desta provincia.

Vieram finalmente os superiores a me entregar esta occupaçãem, quando eu menos o cuydava, por andar com pensamentos de Theologias, e nam com divertimentos de historias: aceitei porém o que me mandavãem, porque nam podia resistir, a quem devia obedecer; e por me nam succeder como aos outros, puz logo as mãos à obra, revolvi os papeis, que disto havia, e achei que o que nesta materia mais se tinha cançado, foy o Padre Alvaro Lobo de nossa Companhia, natural de Villa Real, homem douto, e muyto erudito, de muita verda-

Primeira advertencia.

de, e

b
Plin. in sua præ-
fatione ad Vef-
pas.
Est enim be-
nignū, & plenū
ingeniū pudori-
s, fateri per
quos profeceris.
&c.

c
In Virg. vitā.
Hos ego verfici-
culos feci rulit
alter honores.

Segunda ad-
vertencia.

Terceira ad-
vertencia.

de, & sinceridade; o qual, além de hum doutíssimo tratado da entrada das Religioens em Portugal, que deixou acabado, posto que sem o imprimir; também deixou começadas, & muy bem diligenciadas grandes noticias das cousas pertencentes a esta provincia: & porque he de honrados, como diz Plinio^b a seu Emperador Vespasiano, confessar aquelles de quem nos aproueitamos: & porque eu nam pretendo ser do numero dos que (como o outro^c se queixava) querem engrangear honra propria, com vender versos alheios; confesso, com toda a candura, que me foram de grande ajuda os papeis, & noticias, que achei do Padre Alvaro Lobo, & esta seja a primeira advertencia.

Advirto também, que assim trato as cousas pertencentes a esta Chronica, que mais pretendo seguir as pessoas de que fallo, que atar-me aos annos, que vam correndo; porque a historia feita por annaes, ainda que serve muito pera a boa clareza dos tempos, & melhor conhecimento dos annos; com tudo tem outros grandes inconvenientes, porque á conta de seguides a ordem dos annos, nam vides a dar o devido conhecimento das pessoas; pois tal vez era necessario levardes ao cabo a vida de hum varão illustre, que ficaria totalmente interrompida, se o autor se houvesse de obrigar a hir seguindo o curso dos tempos, contando os successos pelos annos. Com tudo em quanto for possível seguirey a ordem dos annos, ao menos pera começar os principaes successos; & pera isto, no principio da pagina, em que começo a tratar estas cousas, ponho o anno de Christo, que entam corria, & o anno da Companhia, que já era.

Reparto esta obra em partes, as primeiras duas (q̄ eu agora tomo à minha cõta) cõprehendem o tempo que viveo governado a Companhia S. Ignacio nosso fundador, q̄ foram quasi de sessenta annos, & trato nam somente dos successos principaes, das fundaçõens; & progressos de Collegios, & casas, que entam houve em Portugal; mas juntamente fallo de todos aquelles varoens illustres, que nestes annos entraram nesta provincia, contandolhes as vidas, de tal sorte, que ainda que na ordem dos annos nam passo do tempo de S. Ignacio, com tudo, por respeito das pessoas, vou muito adiante, & dou plenaria noticia das vidas de semelhantes sujeitos. Porém de tal maneira trato estas vidas, dos que entraram, & ficaram nesta provincia, que também conto, ainda que por mayor, os successos dos nossos Religiosos, que sahiram deste Reyno, pera suas conquistas, porque também sam ramos, & foram garfos pertencentes a esta grande arvore, pois sam filhos desta provincia, que aqui criamos, & daqui embarcamos pera a India, pera o Brasil, & mais conquistas. Mas com tal modo fallo assim de hums como de outros, que toco muy brevemente as cousas daquelles cujas vidas sam já por outros impressas, & sabidas, como he a vida de nosso sancto Padre Ignacio, de S. Francisco de Xavier, do Padre Mestre Gaspar Barzão, & de outros semelhantes: detendome mais naquelles de quem se tem menos noticia; porque desta maneira nem ensado aos que já sabem algumas cousas destas, & fico satisfa-

zendo

Prologo, & advertencias necessarias ao Leitor.

zendo aos que desejam saber outras.

Agora nesta primeira parte, dou conta dos principios da Companhia neste Reyno, & de seus progressos, no tempo em que nella governou o P. M. Simam Rodrigues de Azevedo, que foy o seu primeiro fundador, & ser á o principal sogetto desta primeira parte; contando he sua sancta vida, & ditosa morte. Na segunda tratarei do mais tempo, até a morte bemaventurada de nosso Sancto Patriarcha Ignacio, contando em ambas as partes, especialmente na segunda, muitas cousas pertencentes a el Rey Dom Ioam o III. que foy o primeiro pay, & principal protector da Companhia; fazendo tambem a mesma lembrança do serenissimo Rey Dom Henrique seu irmao, assim no sangue, que teve, como no amor, que nos mostrou.

Uzo ordinariamente de estylo menos affectado, sem lisonjas, fora de galas, & sem os enfeites, & liberdades com que alguns pretendem nestes tempos innovar palavras, & vestir á culta, porque até nisto quero mostrar que sigo o estylo da verdade, a qual os antigos pintavam sem trajos, & despojada de roupas lustrosas; & por isso quanto menos enfeitada, tanto mais bem e graça da: porque, como affirma sancto Ambrosio, mais força tem a verdade simples, que a mentira eloquente, *Mior ambizioso eloquentiae mendacio, simplex veritatis fides.* Traço porém as vezes algumas provas, & alluzoens a alguns lugares da sagrada Escripura, & confirmo talvez o que digo com autoridades dos sanctos Padres; porque como escrevo historia Ecclesiastica, que contem vidas, & exemplos de varoens sanctos, & de homens religiosos, nam fica isto sendo contra o costume de bons autores, & contra as leys de quem escreve Chronica. Com tudo, por nam molestar os leitores, raras vezes ponho estas autoridades em latim no conteisto da historia, remetendoas á margem, com toda a certeza possível dos lugares citados; obrigandome a este voluntario trabalho, assim pera proveito de alguns curiosos, como tambem pera mostrar a certeza das cousas, que allego, pois todas vi nos proprios autores, sem me fiar de diligencias alheyas.

Tambem advirto, que como escrevo historia de muitos Padres, que foram de procedimentos muito exemplares, & de outros, que deram a vida pela fé Catholica; & hei de contar muitos casos que pareceram milagrosos, & propheticos; & porque me consta do Breve do senhor Papa Urbano VIII. publicado em 13. de Março, anno de 1625. em que prohibe, que nam chamemos sanctos, nem martyres aos que a Igreja nam canonizou; & nos manda, que nam autorizemos por propheticos, & milagrosos os casos que nam forem por taes autenticados pelo Ordinario; por isso advirto que sempre pretendi guardar este Breve, & que em tudo me remeto ao parecer da Igreja, porque só tratei de contar os casos como succederam, & nam de julgar a censura, que mereceram: por onde se alguma vez nesta Chronica parecer a alguem que excedi as ordens desta pro-

hibicam,

Quarta advertencia.

Quinta advertencia, sobre o estylo desta Chronica.
Horat. lib. 1. O. 24.
Incorrupta fides, nudaque veritas.
Ambr. de Patriar. Abrah. lib. 1. c. 2.

Sexta advertencia.

Prologo, & advertencias necessarias ao Leitor.

hibiçam, aqui declaro, & protesto que mais seria effeito de descuydo, que conrumacia da intençam, porque esta sempre foy querer acertar, & conformar-me em tudo com o parecer, & juizo da sancta Igreja Catholica, & Romana, que he a primeira, & summa regra de toda a verdade.

ULTIMA ADVERTENCIA, acerca do que se diz de nosso sancto Pa- dre Ignacio, na historia Benedi- ctina Lusitana.

Adirto mais que o meu intento, nesta obra, nunca foy (como constará a quem a ler) impugnar opinioens alheyas, reprovár, ou tocar nos au-
tores d'ellas, porque nem escrevo satyras, nem componho controversias; Vou sempre seguindo caminho direito, sem fazer caso, nem dos q̃ lãdrma, né dos que erram; seguindo á risca o conselho de S. Bernardo, Prætermisiss scandalis, quæ iuxta iter vobis à dextris, & à finistris posita sunt, ad interiora vestra vos extendite.

E pera que de todo ponto cessem as contendas no contexto, & progresso desta Chronica, nam posso deixar de advertir aqui o que julgamos do que se diz na historia Benedictina Lusitana, acerca de nosso sancto Patriarcha Ignacio; porque se por huma parte agradecemos muito ao muy Reverendo P. M. Fr. Leão de S. Thomas, autor desta Chronica, o grande affecto, notavel benevolencia, & devaçam, que mostra a S. Ignacio, & sua Companhia; & confessamos, com elle, o muito que devemos ao sanctissimo Patriarcha S. Bento, de quem S. Ignacio foy muy devoto, & de cujas sanctissimas regras, como das de outros sanctos fundadores de Religioens, muito se aproveitou, pera o edificio das constituçoes da Companhia: por outra parte nam podemos deixar de sentir muito o que nesta Chronica se refere (nam em nome do dito author, mas por auctoridade alheya) a saber, que S. Ignacio tomou o habito de converso de S. Bento em Monserrate, & que prendendo em Florença, por cuydarem que era espia, se lixeon mostrando que era irmão leigo de S. Bento.

Bem vejo que he muy natural aos historiadores, como diz Tito Livio, quere-rem trazer em seus livros alguma cousa de novo, pera, com a graça da novidade, illustrar a rudeza da antiguidade; & assim podia ter alguma escusa quem jul-
gou que com estes casos de S. Ignacio, que lhe pareceram novos, ficava satisfazendo o gosto dos leitores: principalmente que estas cousas nam sam inventadas pelo Doutor Frey Leão, senam fielmente tiradas do autor, que aly se allega, que he o Padre D. Frey Constantino Caietano monge Cassinense, & Abbade, em

D. Bern. de vita
solitaria ad fra-
tres de monte
Dei.

In hist. Bened.
tr. 2. p. 2. c. 23.
§. 2. fol. 388.

Tit. Liv. dec. 1.
l. 1. initio,
Dum novi sem-
per aliquid
scriptores, aut
in rebus certius
allatos se, aut
ferendis arte,
rude vetustate
superaturos cre-
dunt &c.
Constat. Caiet.
de religiosa S.
Ignatij Institu-
tione pag. 121

Prólogo, & advertencias necesarias ao Leitor.

cuja authoridade se funda, & se levanta toda esta fabrica, como diz o muy Reverendo P. M. Fr. Leam por estas palavras, que se lem às folhas 338. col. 2. Quem duvidar desta verdade, veja o dito Abbade Cōstantino, no lugar citado. E mais expressamente fol. 390. col. 2. Tudo o que temos referido, tomamos do nosso celebre Abbade D. Constantino.

Daqui se segue que se nos mostrarmos, que he apocrypha, nestes casos, a autoridade deste muy celebre Abbade D. Constantino, que tambem he apocrypho tudo o que elle diz neste particular; porque assim como he necessario vir ao chã a casa a quem se derrubou o alicesse; assim por consequencia infallivel se segue, que hã de arruinar o edificio da historia fundada em autor de nenhuma authoridade. Pois pera que se veja quã pouco credito se deve dar a estas proposições, que traz o dito D. Constantino, trareya aqui o decreto, que sobre estes pontos, cõ grãdes empenhos, fizeram os muito Reverendos Padres de Monte Cassino, cabeça da sagrada Orde de S. Benço, juntos nesta proxima congregaçã geral passada. os quaes cõ n'ecẽdo muy bẽ ao dito Constantino Cayetano, pois foy monje seu; & advertindo no justo sentimento, que toda a Companhia devia ter da liberdade, cõ que o dito Constantino falava em materias de tãto porte do fundador de hũa Religiã tam santa (da qual aquelles muy veneraveis Padres, com grãde gosto, & honra nosa, professã grãde irmandade, & singular amizade) sahiram com o decreto seguinte, que aqui treslado de verbo ad verbum, pera que por huma vez se desfaça todo este neoeixo, & fique prevalecendo a verdade. Diz o decreto da Congregaçã geral Cassinense desta maneira.

Cũm nobis relatum fuerit libellum quendam, sub nomine D. Cōstantini Caietani monachi Cassinēsis, & Abbatis, fuisse impressũ Societatis IESV existimationi insigniter prœiudicialẽ, doluimus sanẽ, prout par erat vehemẽter, hominis levitatẽ, & audaciam (si quidem talis scriptionis est author, quod difficillimẽ nobis persuaderi potest) summoperẽ admirati: ac ut Religiosissimis Patrĩbus, qui tãti à nobis fiunt, quanti ipsorũ egregiã virtutẽ, ac doctrinã fieri æquũ est, per nos ipsos satisfiat, ut cæteris omnibus cõstet, inconsultis nobis, & prorsus inscijs, eiusmodi librũ in lucem prodijisse, per occasionẽ nostrorũ cõmitiorũ in unum cõgregati, isthuc ipsum publico edicto evulgare, ac contestari statuimus. Addentes insuper prœdictũ P. D. Constantinũ (quod extra congregationẽ nostrã multis abhinc annis Pontificiã authoritate degat) potestati nostræ nõ magis, quàm alium quẽlibet alterius relligiosi iustituti professorẽ, subditũ esse: quare si quid ab ipso in hoc genere huc usque peccatum est, vel peccari in posterum (quod Deus avertat) contigerit; tum ipsos Societatis IESV alumnos, tũ alios quoscũq; omnes enixẽ rogatos volumus, ut certò sibi persuadeant, id cõmuni totius congregatio-

Histor. Bened.
Lufit. suprà.
fol. 338. col. 2.
& fo. 390. col. 2.

Decreto da
Congregaçã
Cassinense,
contra o au-
tor Constanti-
no Cayetano.

Prologo, & advertencias necessarias ao Leitor.

nis Cassinensis sensui, & in Societatem IESV peculiari observantia omnino adversari, & repugnare.

Atè aqui o decreto da Congregação geral em Monte Cassino, que treslada do fielmente em Português, diz assim.

Como viesse a nossa noticia, que fora impresso hum livro, com nome de D. Constantino Caietano, monge Cassinense, & Abbade. muito prejudicial á boa opiniã da Companhia de IESV. Tiemos grande sentimento, como era rezã, espantandonos muito da liviandade, & atrevimento daquelle homem (se por ventura elle he o autor de tal obra, ao que difficultosissimamente nos poderemos persuadir) & pera que por nòs mesmos demos a satisfação a estes religiosissimos Padres, que tam estimados sam de nós, quanto pède sua excellente virtude, & doutrina ; pera que conste a todos, que este livro sahio a luz, sem sermos consultados , & sem totalmente o sabermos : agora, por estarmos todos congregados, por occasiã do nosso Capitulo gêral , determinamos de declarar, & contestar este mesmo nosso sentimento, com hum publico decreto. Acrecentando mais que o dito P. D. Constantino , por haver muitos annos que vive fóra de nossa Congregação , com authoridade Pontifical, nam he mais sojeito ao nosso poder, do que qualquer outro professor de outro qualquer instituto de religiã; por onde se elle nesta materia atégora tem errado, ou succeder errar ao diante (o que Deos nam permita) pedimos muy instantemente, assim a todos os Religiosos da Companhia de IESV, como a quaesquer outros, que tenham por certo , & se persuadam, que isto totalmente repugna, & he contra o commum sentido de toda a Congregação Cassinense, & contra o particular respeito, que temos à Companhia de IESV. *Este he o decreto acima referido.*

Vejam agora os juizes da verdade, se se há de dar algum credito, em materia de tanta importancia, a hum autor julgado pelos mesmos de sua Ordem, juntos em Congregação geral, por homem leve, & atrevido. E assim tenho por cousa certissima, que se o muy reverendo P. M. Fr. Leã tivesse noticia da liviandade deste autor , nam deixaria estampar tal opiniã, pelo que lhe merece toda esta Provincia da Companhia em Portugal.

Antes espero, do amor que nos tem este Reverendo Padre, que como lhe constar assim de nosso justo sentimento, como da verdade deste decreto , nos dará a satisfaçã, q neste particular delle espera a Companhia, como já fez a Congregaçã geral em Monte Cassino ; porque nam he mayor a mandade, & amizade, que os muy reverendos Padres Cassinenses tem com a Companhia, em Italia, do que a que tem com a Companhia em Portugal, os muy reverendos Padres desta sagrada

Prologo, & advertencias necessarias ao Leitor.

Ordem (aos quaes tambem singularmente estimamos, & amamos) que sem duvida devem querer procurar nos esta satisfacão, pera como membros muy benmidos se parecerem com sua cabeça de Monte Cassino. Mas porque poderá alguem dizer que pôde o autor ser apocrypho, & trazer alguma historia verdadeira (como se diz de Abdias Babylonico) mostrarey brevisimamente que (ate do autor Constantino ser apocrypho) o que neste particular diz, he falso.

E decendo ao particular desta contenda, como o hey com hum homem julgado por leve, disputarey com elle a de leve, deixando o pezo de mayores, & mais largas rezoes, pera outro tempo, se a sum for necessario a esta Provincia. E quanto ao habito, que S. Ignacio aly vestio, foy hum sacco de burel, como dizem todos os autores de sua vida, que aqui allego à margem, os quaes escreveram isto muito antes, que o dito Constantino, quando os nam podia mover alguma paixam; pois nam podiam adivinhar, que se poderia escrever tal falsidade: & ainda hoje temos entre nós grandes reliquias deste sacco, que com sua vista testificam ser de burel pardo: trazia mais o Sancto huma corda de esparto, com que se cingia, andava com hum pé descalço, porque no outro, por causa da ferida, trazia huma alparca de esparto: & nam haverá homem de bom juizo que diga, que o habito de monge de S. Bento he hum sacco de burel, huma corda de esparto, pés descalços, cabeça descuberta. Mayor fundamento teriam os muy reverendos Padres da nossa Arrabida em Portugal, pera por embargos ao dito Constantino Caietano, dizendo que a elles pertecia S. Ignacio, pois lhe vestio seu habito, que tambem he hum sacco de burel pardo, huma corda de esparto, com as de mais alfayas da pobreza de S. Ignacio.

Acrecentase que aquelle pobre sacco nam lho deram a S. Ignacio em Conserrate, senam que já o levava comprado, quando entrou naquelle sagrado templo da Senhora, assim o testifica o Padre Masseo lib. 1. c. 3. fine. Viatorium ibi (em hum lugar junto a Conserrate) coemit ornatum, talarem e sacco tunicam, funemque &c. O mesmo diz o Padre Orlandino lib. 1. n. 18. Quem prope Montemferratam nuper ex itinere comparavit. E o habito sagrado de S. Bento nam deve de ser o que se compra em huma tenda, mas o que se dá no mosteiro.

E apertando mais com este ponto, consta nos dos autores acima referidos, & em especial do P. Pedro da Ribadaneira (o qual, nas cousas que conta de nosso sancto Patriarcha, he de summa authoridade, assim porque vio muitas, & ouviu outras de S. Ignacio, ou dos que com elle trataram; como tambem porque pregumado legitimamente pelo Summo Pontifice, testificou com juramento, que nenhuma cousa, que escrevera na vida de S. Ignacio, lhe parecia ser falsa) consta nos, digo, que S. Ignacio nam esteve em Conserrate vestido com este habito de penitente, mais que huma brevisima noite; porque os dias em que se confessou com o religiosissimo P. Fr. Joam de Chanones, esteve ainda com suas mesmas

Vide historiam
Bened. Lufir.
fol. 308. col. 2.

Petr. de Riba.
in vita S. Ignat.
lib. 1. c. 4.
Ioan. Pet. Maff.
in vita S. Ignat.
lib. 1. c. 4.
Andr. Lucas.
in vita S. Ignat.
lib. 1. c. 6.
Orland histor.
Societ. Iesu.
lib. 1. n. 18.
Ioann. Euseb.
in vita S. Ignat.
Ire Vilhegas, &
alij cõmuniter.

Ioannes Maff.
lib. 1. vitz S.
Ign. c. 3. fine.

Orl. histo. genl.
lib. 1. n. 18.

Petr. Ribad.
lib. 1. c. 4.

Vide Ioannem
Rho, Interrog.
10. contra Ca-
stal. n. 52.

Prologo, & advertencias necessarias ao Leitor.

Maff. lib. 1. c. 4.
propè initium.

Pet. de Ribad.
suprà.
Maff. lib. 1. c. 5.
initio.
Orlã. l. 1. n. 18.

Maff. cap. 5.
initio.
Orl. hist. Soc.
Iesu l. 1. n. 18.

Vide Plaurum
in Amphitruo.

Vide Orland. in
hiffor Societ.
lib. 1. n. 10.
Mantefam ver-
sus difcefsit,
oppidũ à Mon-
teferrato tribus
diftitũ leucis.
Ribed. Maff. &
alij supra.

Vide And. Luc.
in vita S. Igna.
lib. 3. c. 6,

galas, & vestidos ricos, os quaes em 24. de Março de 1522. já de noite deo a hum pobre; & naquella mesma hora se vestio do seu sacco, & como se fosse armaz de cavalleiro novel, as velou aquella noite diante do altar da Senhora; & porque nam fosse conhecido, se sabio logo ao outro dia em 25. de Março (antes de amanhecer) da Igreja de Monserrate, & se foy caminho de Manreza; assim testificam (alem do Padre Ribadaneira) o Padre Maffeo, & o Padre Orlandino, citados á margem; de sorte que he cousa sem duvida, que o Sancto nam esteve vestido daquelle sacco dentro de Monserrate, mais que algumas horas daquella noite, pois de noite deo os seus vestidos; & de noite se vestio do seu sacco, & de noite se sabio: Noctis silentio, diz Maffeo, pretiosa vestimenta, quibus erat ornatus, quam occultissimè poutuit pannoso cuidam largitus, confestim optato illo sacco se se alacer induit; & logo antemenhã, Nondum certã luce, relicto monachis iumento, è Monserrato discessit; & o Padre Orlandino diz q̃ tudo isto se fez, Denfis tenebris &c. Com tudo o autor Constantino teve traça pera desta noite fazer dous meses, porque tantos diz o Padre mestre frey Leam (fiado em sua authoridade, fol. 389. col. 2.) que se deteve o Sancto em Monserrate, vestido no habito de Sam Bento. De Iupiter contavam os Poetas antigos, entre suas licenciosas fabulas, & atrevidas eloquencias, que estendeo tanto o tempo de huma noite, que sendo huma, se multiplicou em tres: mayor prodigio he este do muy celebre autor D. Constantino, em multiplicar tanto huma breve noite, que se estendesse a dous compridos meses. Prodigios sam estes de que sabe muy bem a especie de multiplicar, pera de hum mosquito fazer hum gygãte armado.

Logo aos 25. de Março, no mesmo dia, em que o Sancto sabio de Monserrate, chegou a Manreza, aonde esteve quasi por espaço de hum anno, ou vivendo so em huma lapa, ou no hospital da dita povoaçam, tudo tres legoas em distancia de Monserrate: assim o testificam todos os autores allegados; alem de serem disto testemunhas de vista, os vizinhos de Manreza, que o contaram ao Padre Pedro de Ribadaneira, & o testemunham em seus papeis autenticos, que eu vi. Pois pergunto agora, se o Sancto Patriarcha era monge de S. Bento, como esteve aquelle primeiro anno, morando tres legoas fora do mosteiro, ou em huma lapa so, ou em hum hospital, entre os pobres? Em quanto nos nam constar, que o dito D. Constantino lhe deo esta licença, nós a temos, pera muy constantemente dizer, que nenhum fundamento tem esta sua liberdade.

Mais rezam temos nós pera dar credito ao muy Reverendo Padre Frey Lourenço Neto, Abbade de Monserrate, o qual fez levantar huma pedra de marmore branco em Monserrate, no anno de 1603. com a letra seguinte: B. Ignatius à Loyola hic multã prece, fletũque, Deo se Virginiq; devovit. Hic tamquam armis spiritualibus, sacco se muniens per-

Prologo, & advertencias necessarias ao Leitor.

noctavit. Hinc ad Societatem I. E. S. V. fundandam prodijt. Anno Domini 1522. E nam he de crer, que, se o Sancto vestisse o habito de S. Bento, & tivesse sido monge d' aquelle mosteiro, o nam apontasse aqui hum Abade da mesma casa, que devia entam de saber melhor estas historias, do que depois as fingio o P. D. Fr. Constantino, que foy Abade de S. Barontio; & esta pedra, como padrao de immortal memoria ainda que he muda, com tudo co o seu este munho bráda melhor, & he menos sospetosa.

A segunda novella, que conta o Abade Constantino, ou que diz no cap. 9. do seu livro, que lhe contou hum Abade, chamado Caffarello, refere d' elle por estas palavras o P. M. Fr. Leam na sua Chronica, ds folhas 388. Caminhando (S. Ignacio) por Italia, chegando a Florença, no anno de Christo, 1523, como entam havia guerras, prenderamno, sospitando, que era espia; querendohe dar tratos, nam teve outro remedio, senao confessar que era Irmão leigo, de N. S. de Monserrate do mosteiro de S. Bento, &c. Notavel he a confiança d' este homem, que quer que demos credito ao que elle diz que ouvio, sendo tudo mera ficção. Porque primeiramente nam se achará em autor algum da vida de S. Ignacio, que diga que elle neste anno de 1523, entrasse em Florença, porque a primeira jornada, que fez no principio do dito anno, foy de Navarra a Barcelona, & daqui por mar a Cayeta, & de Cayeta a Roma. De Roma partio logo o Sancto a Veneza; & sendo assim que o P. Pedro de Ribadaneira, o P. Caffaro, & o P. Orlandino, descrevem este caminho, nenhum diz que chegasse a Florença: & como he de crer que isto escapasse aos autores de sua vida, & que só o alcançasse o Abade Caffarello? Principalmente que havendo de Roma a Veneza como com legoas, & hundo o Sancto com tanta pressa, pelos desejos que tinha de alcançar embarcação para Ierusalém, como he verisimil, que houvesse de deixar o caminho real, direito, facil, & muito cham, que he pela Romanha; & que houvesse de atravessar 30 milhas Italianas, que tantas se ham de nocrear, para passar por Florença, donde entam se devia fugir, por causa das guerras, que havia, como diz o P. fr. Leam. Alem de que o Sancto hia a pé, & descalço, & o caminho de Roma ate Florença he muito aspero, & montuoso; & de Florença a Veneza tem dous dias de caminho ate Bologna, em que se atravessam as altas montanhas, & asperas cerrarias do Appennino, que nã gostaria de tomar a pé, & descalço o P. Caffarello autor desta novella.

Depois disto quizera saber, q' guerras havia na Toscana, no anno de 1523, pelas quaes era necessario aos Florentinos trazer no campo centinellas, & prender a hum pobre peregrino por espião. Porque nunca mostraram autor algum que diga, que já entam estava rota a paz, & ardiã as guerras na Toscana; por que estas começaram depois do sacco de Roma, que foy no anno de 1527. por occa-

Cent. Caiet. i
suo libel. de R.
ligiosa S. Ig.
institur. cap. 9
fol. 120.
Autor. Bened.
fol. 388.

Neste cami-
nho nam en-
trou o Sancto
em Florença.

Ribad. in vita
S. Ignat. lib. 1.
c. 10.
Pet. Mass in vi-
ta S. Ign. lib. 1.
c. 13.
Orland. in hist.
gener. lib. 1.
n. 23.
Andr. Luc.
& alij plures.

In hist. Bened.
fol. 388.

Notavel erre
em materia
de tempos.

Prologo, & advertencias necessarias ao Leitor.

fiã, que estando como preso o Papa Clemente VII. que era da casa dos Medices, os Florentinos tomaram as armas, & lançaram fora os Medices; como se pode ver em Paulo Iovio na 2. parte da historia do seu tempo; em Sandoval na Carolea anno 1527. E logo sobre haverem de tornar a admitir os Medices, se ateou mais a guerra, em a qual morreo, tendo cercada a Florença, o Principe de Orange, Visorey de Napoles, como refere Ilhescas na vida do Papa Clemente VII. Pois se no anno 1523. nam havia guerras em Florença, como prenderam alby o Sãcto por causa da guerra? se nam havia vigias de inimigos na çapanha, como o apanharam, sospeitando, que era espiã? Donde se segue que, se nam he que o mesmo Constantino, ou seu amigo Caffarello, foy o espiã, q̃ descobrio o Sãcto, & o deo a prisãm, fica isto sendo novella famosa, cõposta pela pena de Constantino, nã menos leve pera voar, que atrevida pera fingir; que se lhe a elle dessem os tratos, que fingio quererem dar em S. Ignacio, elle confessaria esta verdade; posto que poderia deitar a culpa ao pharo, que seguio no seu Caffarello, que foy tal como o que fez perder os Gregos no monte, que tambem se dizia Caphareo.

Agora apontarey aqui ao Abbade Barontino D. Constantino Cayetano (se he que deseja saber a verdade deste caso; ou quando nam goste de a ouvir, eu lha quero ensinar, ainda que lhe custe, porque, como disse o outro sãcto gençio, melhor he aprender, que errar) apontarey, digo, o tempo, & lugar das prisoes de sãcto Ignacio, quando o tiveram por espiã; que foy em Lombardia, indo de Ferrãra pera Genova; sendo por huma vez preso dos Hespanhões, & outra dos Franceses (por causa da guerra, que entre elles havia) como se pode ver no Padre Pedro de Ribadaneira, lib. 1. c. 12. no Padre Caffeo lib. 1. c. 15. & em todos os mais autores da vida de S. Ignacio: as quaes prisoes foram no anno de 1524. depois de vindo de Jerusalem, como consta dos autores aqui allegados. E neste anno ardiã em guerras os Hespanhões, & Franceses na Lombardia, sobre o Estado de Milã, como se pode ver em Paulo Iovio, assim na historia do seu tempo, como na vida do Marquez de Pescara; em Ilhescas no tomo 2. da historia Pontifical; em Frey Prudencio de Sandoval, na historia de Carlos Quinto; & em todos os mais historiadores d' aquelle tempo. D' aqui se segue que tambem os Florentinos tem sua rezã de queixa contra o Abbade Constantino (pera nam sermos sos os queixõs) pois os faz reos da culpa, em que estã innocentes, & os perturba, & mete em guerras, no tẽpo em que floreciam em bella paz.

E como quer que o computo dos tempos he a alma, & o fundamento da historia, sendo esta proposiçãõ tam errada nos tempos, fica toda ella sem vida, & sem fundamento; & com muita rezã he poderemos dizer, a quem isto afirmar, o que Cicero lançava em rosto a Marco Antonio, Non quidem in re tota, sed quod maximum est, temporibus errasti: antes este he hum dos erros mais portentosos, em que (como afirma Baronio, tam visto na combi-

Paul. Iov. hist. sui tẽpons. p. 2. lib. 25. Sand. in Carol. lib. 19. 7. an. 1527.

Ilhesc. in vita Clem. VII. anno 1527.

Virg. 11. Vltor. que Caphareus.

Horat. de Arte poet. Cur nec scire pudẽs pravẽ quam discere malo.

Petr. de Ribad. cit. lib. 1. c. 12. P. Mass. lib. 1. c. 15. Villeg. tract. de S. Ignat.

Paul. Iov. in vita Marquionis Piscarij, ultim. duobus lib. & in hist. sui tẽpons anno 1523. & 1524. Ilhesc. in hist. Pontif. tom. 2. in vita Adrian. VI. & Clement. VII.

Fr. Prudent. de Sand. in Carol. 1. p. lib. 11. S. 2. atq. 23.

Vide Ilhesc. in vita Clem. VII. anno 1527.

Cicero. Philip. 2. in Marc. Ant.

Cesar Baroni. tom. 1. anno Christi 70. S. 3

Prologo, & advertencias necessarias ao Lector.

naçam dos annos) costumam cahir os autores, se nam tem grande vigilancia com a conta dos annos, & com a rezam dos tempos: **Quantum conferat**, diz elle, in rebus investigandis temporis ratio, sine qua interdum labi in portentosos errores necesse sit, & bem o vemos neste espantoso portento do Abbade Barontino, que com estas, & outras semelhantes fabulas, ainda que se fez celebre com algũs, ficou reprovado de sua mesma Religiam. Estas rezõens bastam por agora, **Nec enim** (como dizia o Orador Romano, contra aquelle seu celebre adversario) omnia effundam; ut si sæpius decertandum sit, semper novus veniam.

Sõ hũa consolaçam nõs fica de todo este successo (se he consolaçam ter companheiros desconsolados) a saber, que nam sam somente os Religiosos da Companhia os queixosos do Abbade Constantino, neste particular de querer levar ao seu habito o sacco de nõsso sancto fundador Ignacio; senam que tãbẽ se queixam delle outros muitos Religiosos, & entre elles, os muy reverẽdos Padres Theatinos, por q̃ quiz advinhar, q̃ tãbẽ perteciã a S. Beto o Religiosissimo varã Pedro Carajã, Bispo de Theari (q̃ depois foy Papa Paulo IV.) & o B. Cayetano Thienẽo, fundadores desta sagrada Religiam: porẽm nam logron por muito tempo em paz esta sua advinhaçam, porque se levantou contra elle hum Ioam Bautista Castaldo, com hum livro, cõposto cõ grã coragẽ, a que chamou Juizo, ao qual cõ rezam lhe quadra este nome, porque he hũ dia do juizo ver os raios de queixas, & os coriscos de tiros, que a seita contra o dito Abbade Constantino: & he digno de advertencia, que este Ioam Bautista Castaldo he aquelle famoso Commentador, que fingio a fabula, de S. Ignacio em Venezia pedir ao B. Cayetano Thienẽo, lhe desse o habito dos Padres Theatinos; de sorte que este dizia quemõsso sancto fundador quizera entrar em sua Religiam, & no mesmo tempo o Constantino lhe levava pera S. Bento. a seus fundadores Pedro Carajã, & o B. Cayetano: ambos estes autores tiveram neste particular seus desgostos; por q̃ contra Constantino escreveu o Castaldo, cõ grãde colera: & cõra a fabula de Castaldo escreveram com muita erudiçam, & argucia, o P. Julio Nigrono, & o P. Ioam de Rhõ, ambos de nõssa Companhia: & contra os atrevimẽtos do mesmo Constantino, nos dizẽ, tẽ cõposto cõ grãde efficacia, o mesmo P. Ioã de Rhõ: o q̃ tudo parece foy disposiçam da divina providencia, pera q̃ estes dous Padres Constantino, & Castaldo entendessem quãto custa bully sem fundamento, em materias de tanta importancia; & pera que subesse cadahum delles aquietarse com o que tem proprio, & nam procure pescar o que he alheyo, que se elles assem o fizessem nam lhe succederia (com o nõsso proverbio) hirem por lã, & virem cosquados.

E pera que acrescentemos mais o numero dos queixosos, & haja tambem queixosas, quer provar Constantino no seu mesmo livro as folhas 18. até 22. que S. Clara de Assis, com todas suas freiras, sam Religiosas de S. Bento. Nam sey eu como sofrerãm tal metamorphose estas religiosissimas madres (tã devotas do seu

Marc. Tul. Phil. lip. 2. in Marc. Anton.

Constant. eodẽ lib. fol. 2. 1.

Ioan. Bap. Caf. in 1. lib. adversus Const. edito ann. 1640. cui nomẽ iudiciũ.

Idẽ Cast. in vita B. Caietani Thienzi. & in suo Pacifico certamine.

Nigron lib. advers. Castald. & Ioann. Rhõ. Apolog. advers. Castald.

Const. Caiet. in suo lib. cir. fol. 18. usq. ad 22. Ex superioribus, inquit, iã factis probatum est S. Clara factis cõ suis filiabus virginibus magnõ Patrarcha Benedicõ adfendebere

Diz o Abbade Constantino que S. Clara he da orde de S. Bento.

Prologo, & advertencias necessarias ao Leitor.

Seraphico P. S. Francisco) que cuidando ategora que eram freiras Frãnciscanas, se achem de repente mudadas em monjas Bentas; & isto sem consentimento seu; & sem mais breves Apostolicos, que a breve resoluçãam da penna do Abbade Constãtino, mais poderosa que a vara de Mercurio, pois tem poder pera as mudar todas, em hum momento, de S. Francisco pera S. Bento; que nem Pythagoras foy tam apressado nas mudanças de seus ridiculos, & fabulosos sonhos.

Pera o Abbade Constãtino melhor corar, & coroar todas estas insignes novellas, acrescenta no cap. 8. do seu livro, que S. Francisco de Xavier nam foy primeiro Apestolo do Oriente (que aonde se nam perdoa ao pay, nam hã que estranhar bulir tambem com o filho) porque antes delle, diz, foram á India, & ainda hã andam muitos Religiosos Bentos: & em prova disto affirma, que em Portugal hã tres Collegios, aonde se criam monges Benedictinos mancebos, que todos os triennios se embarcam pera a India, a continuar com estas suas gloriosas missoens. Certo tenho que nem com suas muitas letras se atreverã o P. M. Fr. Leãam defender, ou apoyar esta proposiçãam Barontina, pois como Gêral, que foy de S. Bêto, em Portugal, lhe consta, que nem na nossa India hã tães missionarios, nẽ em nosso Portugal florecem tães Collegios; & destas premissas bem poderia elle, por conclusãam verdadeira, inferir, que ainda que este Abbade Constãtino seja celebre, como elle lhe chama, nam he verdadeiro, como eu mostrey; & quem assim finge tal mostrosidade em cousa tam palpavel, peôr o fará em materias mais escondidas; que pera todas estas consequencias nos dá licença a Congregaçãam geral Casinense, pois chama a este monge homem leve, & atrevido. Nem obsta que o dito Autor traga naquelle livro algũas cousas de S. Ignacio (poucas por final) que sejam verdadeiras; que tambem o diabo, como bem notou S. Ioã Chrysostomo, tal vez diz huma verdade, pera autorizar muitas mentiras.

E com isto quero deixar por agora de me queixar mais deste autor, porque as queixas (como diz o principal historiador das cousas Romanas) nem ainda estãam sam agradaveis, quando por ventura parecem necessarias: & ao menos he bem que cessem no principio desta obra, que deviamos começar conciliando applausos, & nam repetindo queixas. E já he tempo de colhermos alguma fructa desta nossa fermosa arvore da Companhia de IESU, em Portugal; despedindonos primeiro do Reverendissimo D. Constãtino Cayetano (ou de quem tomar por sua esta causa, se houver algum ventureiro, que queira sahir ao campo) com a sentença de S. Agostinho, Si de veritate scandalum sumitur, utilius permittitur nasci scandalum, quàm ut veritas relinquatur.

Eodem lib. c. 8.
fol. 109.

Eodem lib. &
eodem fol.

Histor. Bened.
fol. 190. col. 2.

Chrysost. super
Matthzum.
Concessum est
diabolo interdū
vera dicere;
ut mendacium
sua raris veritate
cōmendat.

Tit. Liv. dec. 1.
lib. 1. initio
Sed querelz,
ne tum quidem
gratz futurz,
cūm forsitan, &
necessariiz
erunt.

Aug. de lib. ar-
bitrio.



LIVRO PRIMEIRO
DA CHRONICA
 DA COMPANHIA DE
 IESV, NOS REYNOS
 DE PORTVGAL.

CAPITVLO I.

*Como Deos convertéo a sy a
 S. Ignacio de Loyola, pera dar
 principio à Religiam da
 Companhia de
 IESV.*

SEMPRE DEOS
 nosso Senhor tra-
 tou de se cõmu-
 nicar aos homẽs,
 & de reformar o
 mundo; nam faltando nunca ao
 que era proprio de sua divina
 sabidoria, em applicar traças,
 accommodar meyo, & descu-
 brir modos, pera habilitar
 nossa natureza, a poder parti-
 cipar a fermosura do ser divi-
 no: a essa conta ordenou na
 creaçam dos homens, que es-
 tes se pareceassem com elle, cõ-
 municandollhes, como cantou

*Modos por
 onde Deos
 tratou o
 bem dos
 homens.*

o real Propheta ^a, no composto
 humano, huns rayos da face di-
 vina.

² Serviram estas luzes de se
 obrigar Deos a descobrir, em
 sua infinita sabidoria, modos
 de sublimar a estes seus re-
 tratos, sobre a baixeza do bar-
 ro, de que os compos. No prin-
 cipio do mundo lhe pareceo,
 que bastava a luz do entendi-
 mento (ou como alguns Theo-
 logos ^b, explicam, o dictame da
 natureza racional) pera gover-
 no das acçoens moraes da vida
 humana. Avãte passou o amor,
 que Deos tem a suas criaturas,
 & o desejo, que tinha de as re-
 formar; porque, alẽ da ley natu-
 ral, se lhes cõmunicou mais cõ
 leys positivas, que em particu-
 lar declarou aos filhos de Israel,
 as quaes dentro do iume da re-
 zãm natural obrigassẽ os homẽs

^a
 Pf. 4. n. 7. Sig-
 nati est super
 nos lumẽ vul-
 tus, tui, Domi-
 ne.

^b
 Valq. 1. 2. d.
 150. n. 3. n. 22.
 Molin. in Con-
 cord. q. 14. a.
 13. d. 32. §.
 Rano hze. §.

a conhecer, & amar a Deos, & a guardar entre sy a proximidade, a q̄ os obriga a mesma natureza.

3 Todo este modo de cōmunicã pareceo a Deos pouco, até que se cōmunicou a sy mesmo, unindo se tanto cō estas suas tam amadas criaturas, q̄ na mesma pessoa ajuntou a essencia de Deos, cō a natureza do homẽ; pera q̄, aõde faltasse a humanidade depravada pelo peccado, suprisse a divindade cōmunicada pela graça. Efeito foy tambem deste divino cuydado, a fundaçam das religioens, que vemos na ley da graça, sobrelevando nellas a observancia ordinaria dos preceitos, com a execuçam mais perfeita dos conselhos.

4 Entre outras sagradas religioes, por cujo meyo Deos cōmunicou estes bẽs ao mũdo (& nas quaes, cō a prerogativa de mais antigas, reconhecemos os louvores de melhores grãdezas) quiz Deos nosso Senhor trazer ao mundo esta da Cōpanhia de IESV, que cõfessandose por minima, nam pode deixar de prezar muito a hõra de seu grande fũdador Ignacio, pelo qual nos ensinou Deos tãtos meyo, & tã novos, pera a salvaçam, & perfeiçam dos seus predestinados; & pera q̄ saibamos quẽ foy este autor de tãto bẽ, determino de o hir seguindo; desde Guipuscoa, aonde naceo, no anno de 1491. até sua sãcta morte e Ro-

ma, no anno de 1556. & cõ elle tambẽ se acabaram as duas primeiras partes d'esta Chronica, nas quaes diremos o q̄ a verdade nos for mostrando das obras gloriosas, que em Portugal, & em suas conquistas fizeram os Religiosos, que nesta nossa Provincia entraram nos 16. annos, que sancto Ignacio, Patriarcha nosso, viveo, depois da fundaçam da Cōpanhia: & como escrevo em tempo, em que ainda vivẽ algũs, q̄ conhecẽram as pessoas de que falarei, & em q̄ as memorias destas cousas, ao menos per tradiçam, estam muy frescas; & como li por vezes a sentença do melhor Orador Romano, que diz q̄ he cousa indigna de hũ historiador o mêtir, posso muy seguro empenhar a verdade do autor, & sollicitar a crença dos leitores.

5 Pera Deos estabelecer no mundo este fim da reformaçam de vidas; & pera fundadores d'estas religioens, por cujo meyo nos cōmunicasse os mais subidos segredos dos seus mais perfeitos conselhos, escolheo Patriarchas, & Sanctos de muy alta virtude, como hum Basilio em Grecia, hum S. Bento, & hũ S. Francisco em Italia, os Paulos. & Hilarioens na Thebayda, Sancto Antonio o grande no Egypto em Heraclẽa, os Agostinhos em Africa, os Hieronymos em Dalmacia, os Romual-

^c
Cicer. in Sall.
Historias scri-
benti mentii
suspe.

Quaes fo-
ram os fũ-
dadores de
algũas re-
ligioens.

dos em Rauena, os Brunos, & Bernardos em França, S. Domingos em Castella, S. Ioam de Deos em Portugal, & sancto Ignacio de Loyola em Biscaya; a vida do qual breuemente, & muito por mayor, aqui tocarei, pera que se veja o principio, por onde Deos trouxe ao mundo esta sagrada Religiam da Companhia de IESV. Foy este santissimo Padre de muy illustres progenitores, & de muy antigos solares, como largamente mostram os authores de sua vida: nem lhe faltou o lustre da boa criaçam, que seus pays lhe deram na Corte dos Reys Catholicos, tam conhecidos no mundo: cultiuouse o generoso filho, nam só nos costumes catholicos da Corte, mas tambem nos espiritos valerosos da guerra, nã lhe enfraquecêdo a ociosidade de cortesam polido os alentos de caualeiro esforçado. Grãdes testemunhas teue do seu valor em hũ exercito inteiro do Christianissimo de França, cercandõ, & combatendo no anno de 1521 Pãplona (celebre por seu fundador Põpeio, celeberrima por seu defensor Ignacio) como cabeça do Reyno de Navarra, que el Rey de França Frãcisco de Valoes desejou restituir a Henrique de Brit seu parente, a cujo pay Ioam de Brit el Rey Dom Fernando o Catholico a ganhou por suas armas.

6 Tinha cercado aquelle castello Mõsiur^d André de Fox general de hũ grosso, & poderoso exercito de Franceses, foy o sitio muy apertado, as baterias muy repetidas, grandes os gastos, muitos, & varios os petrechos de guerra: tanto apparatus nã era pera a conquista de hũa sò Pãplona, do mundo todo se trataua neste cerco, porque daqui dependia a mudãça de Ignacio a Deos, & a cõuersam do Oriẽte a Christo. Apertados estauã os sitiados, & o governador daquella praça inclinado a largala ao poder do inimigo, com quẽ trataua de cõcertos: nã soffria o valente espirito de Ignacio tã grande fraqueza, que podedõse defender, ou morrer como hõrados, se rendessẽ, & entregassẽ, como couardes. Bafitou aqui hũ leã pera os tornar a todos leoẽs, & fazerem valeroso rosto a tã excessiuo poder, como os cõbatia; refrescãse, & animãse os brios Hespanhoes cõ o esforçado espirito de Ignacio: dobra-se a bateria cõ o arrebatado impeto, & valor Frãces, descõfiado de lhe desprezarẽ os seus partidos; mas se bẽ espertarã os assaltos, mais esperta achãrã a defesam; & como Ignacio fora o autor della, como cousa sua a me neaua, achandõse em todas as partes, aõde era mayor o trabalho, & mais euidente o perigo: chega o cõbate a termos, q̃pera

^d
Mañ. lib. 1.
cap. 2.

Resiste S. Ignacio a se entregar e castello de Pãplona, e fica mal ferido.

Mañ. lib. 1.
c. 1.

se rēder a praça ao inimigo, foy necessario (pelo querer Deos assi pera mayor gloria sua) que se rendesē primeiro as valerosas forças de Ignacio à violēcia da bala de hũa peça de artilheria, q̄ assi como lhe tirou o poder defēder o castello, lhe pudera tirar a vida, se Deos o nã guardara pera a comunicar a tantos.

7 Tomouse finalmēte a praça, porque pode tomar-se, nam se deo, porque nã conuinha dar-se: faltoulhe a fortuna, mas nam o esforço; rendeose o castelo, mas nam se fogueitou o animo, aquelle podia se vēcer, mas este era inuēciuel: teue a bala poder pera ferir o corpo, mas nã pera enfraquecer o brio. Nam se vio nunca bombardas tam bem affestada, nem se vio pelouro tam bem governado; o que parece veyo dirigido pera matar, vinha encaminhado pera immortalizar. Cahio Ignacio, mas com esta queda se levantaram muitos. Ficou Jacob^d manco da luta do Anjo, & tambem o ficou Ignacio do golpe da bala, ambos aonde parece que ficauam com dificuldade de poder andar, ficaram com azas pera poder voar: andou depois Jacob por muitas partes, mais terras correo sancto Ignacio, deixando Europa, entrou na Azia, foy a Ierusalē, passou os Pyreneos, o Appenino, os Alpes, nã pera render Italia

com ferro, mas pera conquistar o mundo a Christo.

8 Nam foy tã leue o golpe da bõbardada, que deixasē de desconfiar os medicos do ferido poder escapar da morte: soffreo elle grandes martyrios na cura: cortaram-lhe humosso, comque lhe parecia ficaria menos ayroso aos olhos do mundo, porque ainda naquelle tempo nam tratava dos de Deos: tudo soffreo com grande constancia; que quẽ cõ tal animo leuou a ferida, nã lhe hauia de faltar pera soffrer a cura; & quem nam perdeo as cores, pera ver o pelouro fulminante, nam as hauia de perder à vista do ferro medicinal; que o varam constante sempre tem as mesmas cores. No meyo dos accidentes, & do trabalho da cura, nam perdeo o esforçado soldado o acordo de entreter o tẽpo com liçam, que o diuertisse das dores, que padecia: o seu natural tã bellicoso o inclinou a desejar liuros de guerras, & caualarias; parece que ainda doēte, da maneira que podia, queria aquelle brioso espirito guerrear, & porque nã podia menear as armas com o braço, ao menos tratava de as exercitar com a liçam: pedio algum liuro destes, que chamã de caualheiros andantes (que sendo assi, que nunca andaram pelo mundo, sua fama sempre voou entre

Rendeose o castello de Pãplona.

^d
Gen. c. 32. n. 24. Tetigit neruū femoris eius, & statim emarcuit.

Meyo de hua boa liçam, por onde Deos conuerteo a S. Ignacio.

os ociosos) mas nam se achou em casa nenhum destes aliuos da ociosidade, & ladroës das horas mais preciosas, q'entã lhe furrou da mesa, nam a fortuna casual, mas o acerto diuino. Trouxeram lhe hum liuro da historia dos Sãctos, que contẽ em si outra milicia mais gloriosa; pera conquistar grãdezas do ceo, & nam pera render castellos encãtados; pera vècer vicios, & nã pera matar gigãtes fabulosos; pera entrar em guerra cõtra o inferno, & nã pera passear por florestas imaginarias. Nã regeitou o enfermo a liçã, nem perdeu sê fruito o tẽpo, que gastou nella, porque nos exẽplos, que leo dos Padres do ermo, lhe armou Deos os principios de sua cõuersam; & tal foi o mouimẽto, que a breue liçam causou em seu espirito, penetrãdo de repẽte cõ hum tã poderoso rayo do ceo, que (assi como S. Paulo * em hũ instante se tornou de leam em cordeiro) assi Ignacio se vio logo de todo conuertido a Deos, & já tã mimoso seu, que o mandou o Senhor visitar pelas mais graues pessoas, que no ceo logram suas mayores glorias: foy a primeira o primeiro Vigairo de Christo na terra o glorioso S. Pedro, aquẽ Ignacio sempre teue muy singulares rẽspeitos de familiar deuaçã: & nã sò seruiu a visita de aliuio, que lhe trouxe, mas tambẽ de mezinha

do mal, que padecia, achandose de repente com saude; que quẽ sò com a sombra antigamente faraua enfermos, bem podia agora com a visita curar feridos. 9 A segũda pessoa, que se deu por obrigada a visitar o Sancto enfermo, foy a Virgem sacratissima, com seu Filho bendito nos braços: merecialhe S. Ignacio tam sollicito fauor, pelos amoroſos affectos, cõ que seruia, & veneraua a purissima Senhora; & com esta sua visita taes raizes lançaram na alma do enfermo aquellas aluissimas neues dos liros da pureza, que nũca dali por diante puderã, nem de hum leuissimo ar, ser bafejadas, ou maculadas. Porem assi como o ceo nestas visitas mostrou a estimaçam, que fazia de tam apressado, & resolute rendimento de Ignacio, tambem mostrou o inferno quãto temia leuantar se hum tam capital inimigo de seus enganos, publicãdo logo, naquella mesma noite da visita do ceo, guerra cõtra o Sancto, com hum excessiuo tremor, que abalou a casa, no tempo, em que Ignacio, com cõnouo abalo do ceo, se leuanto a orar, como largamente contã os Autores de sua vida; porem se o tremor da casa foy grande, mayor, sem duuida, foy o do inferno.

f Ad. c. 5. n. 5.

Summa processus Canoniz. fol. 5.

Ad. c. 9. an. 6

He visitado na doẽça por S. Pedro, & pela Virgẽ sanctissima.

Ribad. Andr. Lucas li. 1. c. 3. ite Grethfer in Apol. pro vita sãcti Ignat. lib. 1. c. 7.

CAPITULO II.
 Continúa S. Ignacio sua con-
 uersam: faz grandes peniten-
 cias; vay a Ierusalem; estu-
 da em varias Uni-
 uersidades.

MV dados os pensa-
 mentos, & traças
 da vida militar de
 Ignacio, em desejos de abne-
 gaçam, & desprezo do mun-
 do, deixa a casa, & solar de seus
 Pays, & Auós, cõ pretexto de ir
 dar as graças ao Duque de Na-
 jara, das muitas visitas, que em
 sua enfermidade delle recebe-
 ra. Partese com sòs dous cria-
 dos, que ao segundo dia despe-
 dio; chega a Monserrate, aon-
 de o leuaua o espirito do Se-
 nhor, como a ceruo acoffado, a
 demãdar aquella fonte purissi-
 ma: vinha elle ja sam do golpe
 da balla, mas a alma vinha fe-
 rida de amor diuino; dizia bem
 o nome, & o milagre do monte
 serrado, com o coraçam cor-
 tado do peregrino, senam que
 o monte era de penhasco, & o
 coraçam vinha de cera, que á
 vista da face de Deos atè os
 montes mais duros correm, se-
 gũdo diz o Propheta, como se
 fossem de cera derretida. Nef-
 ta sancta casa se confessou muy
 de proposito de toda a vida; lar-

gou os vestidos de capitam il-
 lustre, que ainda leuaua a humo
 pobre pedinte, que achou; fez
 pendurar diante da rara vir-
 ginal a espada & adaga, como
 por tropheo do mundo, que
 deixaua vencido, & em final de
 renunciaçam, que fazia de tu-
 do o que por armas, & nobreza
 podia, com tanto fundamento,
 esperar. Vestido das despreza-
 das & humildes galas da sancta
 pobreza (que eram hum sacco
 de burel) pera mostrar, que as
 prezaua, como armas de gran-
 de estima, as velou toda aquel-
 la noite diante do altar da Se-
 nhora, como caualleiro nouo,
 que trataua de assentar praça
 com outro melhor capitam,
 pera comẽçar a exercitar outra
 milicia, nam contra os France-
 ses em Pamplona, mas contra
 si mesmo no mundo todo: era
 nouo genero de peleja, em que
 elle mesmo hauia de ser o ven-
 cido, & elle mesmo hauia de fi-
 car o vencedor; & porquẽ era
 guetradomestica, era mais por-
 fiada; & por ser mais difficul-
 tosa a batalha, seria mais glo-
 riosa a victoria.

2 Logo na menham seguin-
 te se partio, por nã ser conhe-
 cido: retirouse em huma lapa,
 que em huns penhascos vezi-
 nhos á cidade de Manresa es-
 condera a natureza; que mais
 parecia lugar pera sepultura de
 hum corpo morto, q̃pera habi-

Vay a Mon-
 serrate.

Pfal. 39. n. 5.
 Montes sicut
 cera fluxerunt
 a facei Domini.

Retirase
 hũa lapa
 em Man-
 resa.

taçam

taçã de hum homem viuo. A-
qui esteue o nosso penitente S.
Ignacio, quasi por espaço de hũ
anno, tam falto de regalos, que
só com pam, & agoa se susten-
taua, & atè este fauor lhe falta-
ua os tres, & os quatro dias in-
teiros: andaua cuberto todo de
cilicio, tinha no dia sete horas
de oraçam mental, disciplinan-
dose tres vezes entre dia, & noi-
te, com hũa cadea de ferro; a
mesma choça tremia com o es-
trondo, & se compadecia com
as dores, retumbando entre as
cõcauidades da lapa, juntamẽ-
te o som dos crueis golpes, &
o echo dos abrasados collo-
quios.

Fauores q̃
S. Ignacio
recebeo de
Deos.

3 Nestes tam grandes ri-
gores, & entre asperezas tã ar-
duas, & difficultosas à natureza
humana, foram notaueis os fa-
uores, & diuinos os regalos, que
o São penitente experimẽtou,
que mal podia continuar espi-
rito tam affligido com penitẽ-
cias, senam fosse confortado cõ
mimos do ceo, que nunca foy
escasso com quem com elle se
mostrasse liberal: assi o experi-
mentou este felicissimo peni-
tente (pera que nam toquemos
outros) na sua Manresa, quan-
do hum Sabbado, ouuindo ves-
peras na Igreja do Hospital de
S. Luzia, teue hum admirauel
extasi, que lhe durou per oito
dias, no qual recolhendose os
sentidos do corpo, em hũa, co-

mo ausencia, que delles a alma
fazia, ficãdo o espirito liure pe-
ra tratar sò cõ Deos, com hun
rpto tam espantoso, que por
fer tam continuado, sem quasi
final de vida, os moradores de
Manresa tratauam de o sepul-
tar; mas nã estaua ainda. aquel-
le corpo afazoado pera a mor-
te, & por isso escapou da sepul-
tura, porem a vida morta ficou
sepultada no corpo viuo; & nam
pareça contradicãm; porque
assi fala o Doutor das gentes,
*Mortui enim estis, & Vita vestra
abscondita est cum Christo in Deo.*
Antes bem longe estaua da
morte, quem em tam vagaroso
espaço assi trataua com Deos
viuo, cuja cõuersaçam he mais
vital, que o fruto da aruore da
vida, como bem experimentou
Moyles, quando por quarenta
dias sustentou a vida, só alenta-
do com a presença, & conuer-
sacãm diuina.

Exod. c. 34.
n. 28. Fuit et-
go ibi cū Dño
quadraginta
dies, & qua-
draginta no-
ctes, panẽ nõ
come dit, & a-
quã nõ bibit.

4 Mas como Deos nosso
Senhor nã conuerteo a Igna-
cio pera ermitam de couas so-
litarias, mas pera criar prẽga-
dores pera o mundo todo, lhe
inspirou, que deixando as cele-
stiaes delicias de Manresa, tra-
tasse da romaria de Ierusalem;
poese logo a caminho sem sub-
sidio humano, & sem viatico al-
gum, com a pobreza por com-
panheiro, & com a esperança
por guia, entre infinitas diffi-
culdades de caminhos, de fo-

Trata de
hir a Ie-
rusalem.

mes, de perigos. De Barcelona aporta em Cayeta no Reyno de Napoles, guardando no tumulto, & inquietaçam da nao a paz, & os sossegos da vida de Manresa: gastando os dias, & passando as noites nas conuersações, que Sam Paulo^d dizia tinha com os cortesãos da gloria, nam sem grande fruto dos passageiros, que como Sancto o viam, & como Anjo o venerauam. De Cayeta foy a Roma, presidindo no Pontificado Romano o Papa Adriano Sexto. Partiose daquella sancta cidade para Veneza, aonde achou cuidados diuinos pera seu galhado, executados pello senador Marco Antonio Triuizano (que mouido por diuina inspiraçam o veyo huma noite demandar, estando elle deitado na praça de S. Marcos) o escuro era grande, que parece que a lua, & as estrellas, ou por cõpasiuas se escondiam, ou por enuergonhadas se encubriam: hia diante com huma tocha o pagem; viram o seruo de Deos lançado no cham, & reconhecendo, que aquelle era quem demandaua, o leuou pera sua casa, aonde competio a charidade do senador com a resistencia do peregrino. Mas tambem achou faouores do Illustrissimo Andre Gritti Duque daquella Republica, pera sua embarcaçam, em a nao capitania

^d
Ad Philip. 3.
n. 20. Nostra
conuersatio
in caelis est.

da armada, q̄ leuaua o governador do Reyno de Chypre, q̄ entã era do Senhorio Veneziano.

5 Partiose de Veneza em 14. de Julho de 1523. & a 4. de Setembro chegou a Ierusalem. Fique à contemplaçã de quem puder, & quizer considerar o que passaria de jubilos espirituaes, de consolações do ceo naquelles sanctuarios sagrados, que Deos sanctificou cõ sua diuina presença. Basta dizermos que sobre o Sancto estar empenhado com diuina reuelaçam tida em Manresa pera ser architecto do edificio da Companhia, foy tanta a suauidade de seu espirito na cõtemplaçam daquelles sanctos lugares, que desejou ficar nelles; porrem mais poderosa foy a traça da prouidencia de Deos, que o gosto da deuaçam do Sancto: voltouse a Hesperia cõ a mesma pobreza, com que della se ausentara pera a Palestina. Passa a Chypre, embarcase na peor das tres naos, que vinham a Italia, perdeose no mar a Turqueza, deu a traues em terra a Venezeana; saluouse a em que vinha o sancto Padre, posto que muito velha, & mal aparelhada, sem outra esperança mayor de chegar ao porto, que trazer o sancto Padre por seu passageiro, como a nao, que trouxe a S. Paulo^e a Italia, a todos pos em terra seguros da tormenta, por-

*Chega a
Ierusalẽ.*

^e
Aclor. c. 27. a
n. 15.

que

f
 Lucan. lib. 7.
 Pharf. Italiam
 fixo autore
 reculas,
 Me pete, sola
 ribi caufa est
 est hzc iusta
 timoris Vec-
 toré non nos-
 se cuum.

que vinha nella o Apoitolo; que se Cesar ^f julgou, que nam haviã que temer carranca do ceo irado, & tormentas do mar furioso, aonde se embarcaua sua fortuna; menos haviã que arreccar, aonde Ignacio nauegava, & aonde o mesmo Deos pilotava. Desembarcado sancto Ignacio no Reyno de Naples, passou logo por Veneza, & Ferrara a Genoua; & tornou se recolher em Barcelona. Aqui se resolveo a se applicar todo ao estudo das letras, pera com esta occupaçam ao diante executar por obra, o que agora o Senhor lhe dava a sentir por reuelaçam.

6 A nada se acanha, & a nenhũa difficuldade se rende hum espirito resolutto, & fauorecido da diuina graça; aquem nam affombrariam trinta & tres annos de idade; que tantos tinha neste tempo sancto Ignacio, pera entrar, como se fosse menino, nas miudezas de principios de Grammatica, pera soffrer, & continuar tam vagarosos estudos, com tam euidente falta do necessario pera elles. A tudo se dispos o sancto Padre com hũa admiravel fogueiçam às inspiraçoẽs de Deos. Começa em Barcelona a estudar no anno de 1524. rendendo, & soffitando os brios de tam crecida idade, com acçoẽs, & estudos de tam pueril emprego:

S. Ignacio
 Começa
 a estudar.

Dous annos gastou em Barcelona nesta trabalhosa occupaçam, sem nunca largar o costume quotidiano das tres disciplinas, & sete horas de oraça mental. Dali se passou á Vniuersidade de Alcalã, aonde ouuio a Philosophia, & padeceo os primeiros trabalhos de suas prifões, por trazer a Deos os que andauam enganados no mundo. Daqui, por conselho de D. Affonso da Fonseca Arcebispo de Toledo, mudou o sancto Padre a Vniuersidade, & se passou à de Salamanca, aonde se lhe dobraram os trabalhos por zelo apparente de certos religiosos, que chegaram ao prender; mas nam seruiu de mais o discredito da prisam, que de autorizar ao Sãcto, que por sentença publica foy julgado por innocente da culpa, & restituído á liberdade de poder aprobeitar a seus proximos, como dantes fazia, com tanto que antes de ter quatro annos de Theologia nam pudesse prègar ao pouo mysterios diuinos; como se nam pudesse bem entendelos, quem de tam grande Mestre os aprendera nas escolas do santo retiro de Manresa.

[?]

CAPITULO III.

Vay S. Ignacio à Vniuersidade de Paris , ajunta companheiros ; vay com elles a Roma ; tratam da fundação da Companhia, que finalmente foy approvada pello Papa.

Vayse S. Ignacio à Vniuersidade de Paris.

COm esta prohibiçã de nam prègar , & limite (que parecia arrezoadado, se fosse niuelado pela prudencia humana) pareceo ao sancto Padre, que se lhe encurtaua muito a materia de seu tam largo, & estendido zelo; & por isso se passou à Vniuersidade de Paris, pera onde o Espirito sancto , com grandes, & occultas inspiraçoẽs , o chamaua. Aqui acabou seus estudos de Theologia, padecendo grandes trabalhos, & soffrendo notaveis contradiçoens , por meyo daquelles, que perdiam a vista, olhando pera hum tam fermoso sol, sentindo alguns em particular ver os muitos, que com o exemplo de sancto Ignacio, deixando os estudos da Vniuersidade , & as esperanças da vida escholastica , se retirauam a servir a Deos em varias reli-

giões. Foy tal o exemplo da vida do sancto Padre , que dos mais illustres mancebos, & melhores estudantes daquella insigne Vniuersidade se resolveram ao seguir, como a pay , & venerar como a mestre na eschola do espirito : & sendo muitos os que traziam esta pretençam, em particular escolheo a Pedro Fabro natural do Estado de Saboya, a Dom Francisco Xavier do Reyno de Navarra, a Diogo Laines de Almazam, a Affonso Salmeiram natural de Toledo , a Simam Rodrigues de Azeuedo Portugues, a Nicolao de Bobadilha de Palencia, a Claudio Iayo Saboyano, a Ioam Codori do Estado da Prouença, a Paschasio Broeth de Picardia. Todos noue podiam vencer na materia do espirito, o que alcãçaram os noue da fama no memento das armas : todos noue de tam Angelicos espiritos, como se em os noue choros dos Anjos se criassem. Eram noue em numero, mas por conformidade de espirito tam vnidos, como se fossem hum sò: assi obseruauam as acçoẽs, palauras, & conselhos de tam sancto varam , como se elle fosse hum espirito superior vindo do ceo pera sua instrucçam, & aproueitamento.

2 Oito annos tinha passado em Paris, na constancia , & diligencia de seus estudos, & na continuação de tam rigorosas

Ajunta companheiros

Volta a
Hespanha

penitencias, que chegou o sancto Padre a por em perigo a vida, & pera a nam perder de todo, o obrigaram os medicos a se vir a Hespanha a buscar na patria a saude, que tinha perdida por terras estranhas; o que aceitou o sancto Padre, pera de caminho resolver alguns negocios de seus companheiros, assentando entre si de os ir esperar a Veneza, pera onde partiram de Paris a 15. de Novembro, no anno de 1536. com intentos de todos irem em peregrinaçam à sancta cidade de Ierusalem. Recuperada a saude na patria, & reformada toda aquella prouincia com seu apostolico zelo, feitos os negocios de seus companheiros em suas patrias, se partio pera Italia; & passando por Genoua, & Bolonha, finalmente chegou a Veneza. Grandes foram os trabalhos, que no caminho de Paris a Veneza passaram os sanctos companheiros, & ditos filhos, em busca de seu querido pay, que com os braços abertos já os estaua esperando; chegarã finalmente a Veneza em 8. de Janeiro de 1537.

Occupãse
S. Ignacio, & seus
companheiros
no bẽ das
almas.

3 Bem se deixa ver: o que passaria naquellas benditas almas de pay, & filhos de satisfação, & jubilos de charidade, por se verem todos juntos. Em quanto esperauam embarcaçã se detiueram naquella cidade

occupados nos mais humildes officios dos hospitaes; espantados os homens, sem se poderem resolver, que intentos podiam ser de mancebos tam nobres, empregados com tanto cuidado no seruiço da gente miseravel & pobre, de que nam podiam esperar os grandiosos despachos, que poderiã ter certos nas cortes dos Principes, em que pareciam nacidos, & criados. Nesta perplexidade, em que os homẽs andauam, do fim que podiam ter aquelles tam officiosos cortesaõs dos pobres do hospital, os declarou por quem eram hum espirito infernal, que trazia atormentada a huma miseravel molher, fazendo trasordinarias visagens de fezeza, quando os via; o qual, mais com rayua, que com desejo de os authorizar (que tal vez toma Deos ao author da mentira por instrumento de annunciar alguma verdade, como o outro espirito maligno do Euangelho, quando chamou a Christo filho de Deos altissimo) com estas formaes palauras declarou quem eram: *Vos nam sabeis quem sam estes clerigos, sam hums varões excellentes, dotados de grandes virtudes, & excellentes doutrina. Eu, & meus companheiros pozemos todo nosso poder, pera desbaratar seus intentos, & que nam aportassem aqui, mas tudo nos ficou em van.*

a
Marci c. 5. n. 7
Quid mihi, &
tibi, Iesu fili
Dei altissimi.

Diuidese
em misso-
es.

4 Neste sancto exercicio gastarã atè o principio da quaresma, & entam se diuidiram em missoes pellas terras, & cidades do senhorio Venezeano, pera ajudar aos proximos: ainda nam eram religiosos, & já procediã como sanctos; ainda nam tinhã estatutos, & já os guardauam; ainda lhe nam tinham tocado à arma, & já sahiã a pelejar: já faziam por obra o que seu capitam Ignacio meditaua no pensamento. Por aquellas praças de armas procediam estes novos soldados com grãde admiracão dos que as habitauã, vendo huns homens tam sanctos, que, parecendo dignos de todas as riquezas da terra, andauam pedindo pellas portas hum pouco de pam, & huma pouca de agoa; estando sempre promptos, a qualquer tempo, & a toda a hora, pera ajudarem seu sproximos: o ordinario pulpito eram as praças publicas; as pregações mais solennes com admiravel izençã de estipendio; nas confissoes facillimos; nas doutrinas dos ignorantes muy continuos; nos hospitaes, & com os enfermos muy certos à sua consolaçã, & seruiço. De sorte, que com tam trasordinarios modos de zelo, & charidade, se fizeram em toda aquella parte da Lombardia, Marca, & Veneza, huns segundos Apostolos na saluaçã das almas,

& huns homens auidos por vindos do ceo, pera grandes bens dos que viuiam nas miserias da terra.

5 Repartidos assi os Padres por Italia, & desenganados que nam podiam passar á Terra sancta, por causa das armadas do gram Turco Solymam, & tendo ja perdida a esperança, posto que nam o cuidado, da peregrinaçã, se partio sancto Ignacio pera Roma, levando por companheiros o Padre Pedro Fabro, & o Padre Diogo Laines. Teue no caminho em huma ermida já velha, em que se recolheo a fazer oraçã, aquella suauissima, & tam celebrada visã, em que lhe appareceo o Salvador do mundo, fazendo-lhe huma muy amiguel promessa, de lhe ser de grande fauor em Roma, aonde o sancto esperaua o comprimento de seus sanctos intentos, que eram instituir huma religiam, cujo principal fim fosse ajudar aos proximos, pera conseguir mayor gloria diuina: com esta celestial visita lhe certificou o Senhor os fauores, que lhe offercia em Roma, com aquellas tã doces palauras: *Ego vobis Roma propitius ero.* Com tam certo patrocinio se confirmou de nouo o Padre no proposito, que dantes tinha, que a religiam, que instituisse, se chamasse Companhia de IESV; pera que tiuesse

Vay S. Ignacio a Roma.

o nome de quem lhe prometta o amparo ; que nam podia deixar de ser muy certo à vista dos empenhos de tal pessoa.

6 Nam tardará muito os cõpanheiros do S. Padre, que onã viessem demãdar a Roma. Iuntos todos na cabeça do mundo, no meyo da quaresma de 1538. se recolherã em hũa pobre casa de hũ deuoto Querino Guardonio, aõde passauam a vida em estremada pobreza. Porẽ logo a piedade Romana deo fé, com grã de estimaçam, da muita, que os novos peregrinos mereciam, porque repartidos pelos bairros, & igrejas de Roma, começaram a exercitar seus costumados officios, cõ singular fructo do trabalho de tam deuotos obreiros, com a renouaçam, que ouue de se frequentar naquella sancta corte o antigo costume, que estaua muy descaido, do vso dos Sacramẽtos da penitẽcia, & da sanctissima Eucharistia. Vẽdo os padres a beneuolẽcia, que achauã no sanctissimo Padre Paulo III. tratãram de instituir, & formar a Companhia, fundala, & confirmala por sua Sanctidade em religiam regular, & clerical; & que aos votos da castidade, & pobreza, que em Veneza tinham feito nas mãõs do legado apostolico Hieronymo Veralo, acrescentassem voto de obediencia ao que sahisse por superior, & pay de to-

dos : & ajuntando o quarto voto de missoens apostolicas aonde a sanctidade do Padre sancto os quizesse mandar : & quanto ao nome da religiam se conformãram todos com a humildade do Padre sancto Ignacio, a quem Deos tinha reuelado em Manresa, & confirmado no caminho de Roma, que fosse o da Companhia de I E S V, que por este nome a confirmou o sanctissimo Padre Paulo III. & Julio III. Gregorio XIII. & Pio V. & por este nome a califica o sagrado Concilio Tridentino; em que se deixa ver a differença, que a Companhia tẽ da religiam dos clergos regulares, q̃ fundou o eminentissimo Cardeal Pedro Carafa Arcebispo de Theati, aquẽ vulgarmente chamam Theatinos, & por se parecerẽ cõnosco no habito clerical, alguns populares nos chamam Theatinos, sendo nõs tã differentes em o nome, como diuersos no instituto.

7 Depois de grandes diligencias, & notaueis difficuldades, & exames sobre o instituto da Companhia; finalmente entendendo o sanctissimo Papa Paulo III. que esta religiam era obra do dedo de Deos, antes de a cõfirmar cõ bullas apostolicas, como fez no ãno de 1540. o aprouou no ãno de 1539. posto q̃ por entam sõmente, *in* *uocis* oraculo, mui latisfeito de ver,

Chegã os cõpanheiros do S. a Roma.

Bullar. societ. initio, & p. 217. 227. & 120. 121. 280. Conc. Trid. sess. 25. c. 16. de Regul.

Fundaçã da Companhia de IESV.

Anno de
Christo de
1540.

14

Chronica da Companhia de Iesu em Portugal.

Anno da
Companhia

I.

*Principio
que ouue
pera vir a
Companhia
a Portu-
gal.*

*Manda S.
Sãctidade
algũs dos
cõpanhei-
ros de S.
Ignacio a
varias
partes.*

que se lhe offerecia tam animosa companhia de soldados Apostolicos, pera a conuersam, & conquista das naçoẽs do mundo ao conhecimẽto, & adoraçã do criador delle; e q̃ nam era s̃o offerecimento de pãlauras, mas que juntamente se obrigauã cõ solenne voto a nam repugnare a sua Sanctidade, a irem a qualquer remota, & barbara naçam do mundo, aonde os enuiassem, ainda que fosse s̃e viatico pera a jornada, sem promessa, ou esperança humana de qualquer interesse da vida; mas s̃o por hũa absoluta, & voluntaria obediência ao sũmo Pastor do mundo. Começou logo S. Sãctidade a servirse de tã valerosos Coroneis, & Mestres de cãpo da milicia do ceo; despachou hũs por Lõbardia, outros mandou a Sicilia, & a Calabria, outros enuiuou por Nuncios ao Reyno de Hibernia. Estes forão breuemente tocados os principios da Cõpanhia; vejamos agora como veyo a Portugal.

CAPITVLO IV.

Do principio, que teue a entrada da Companhia em Portugal, com a vinda do P. M.

Simam Rodrigues a este Reyno.

ENtramos no ãno de 1540. que foy felicissimo pera toda a Companhia, por este

ser o primeiro anno de sua fundaçam, porque nelle foy cõfirmada em Religiam, como diremos, & nelle veyo a Portugal o P. M. Simam Rodrigues, pella causa, q̃ neste capitulo apõtarei. Como o fim da Cõpanhia era illustrar as mais remotas gentes do mundo com o resplendor do Euangelho, parece que nam conuinha que luz tam superior faltasse às prouincias mais visinhas ao nacimẽto do sol; antes bem era que pera ali primeiro se procurasse a luz dos melhores prẽgadores, aonde primeiro nacẽ os raios do melhor planeta. Hauia já fama pelos Reynos de Europa do raro exemplo, & doutrina do P. S. Ignacio, & seus companheiros em Roma. Com esta tam geral, & certa noticia, que se tinha dos Apostolicos obreiros de Roma, a teue o augustissimo Rey de Portugal D. Ioam o III. de gloriosa memoria, por via de seu embaixador de Roma, que neste tempo era D. Pedro Mascarenhas, filho do capitam dos ginetes D. Fernam Martins Mascarenhas, & de D. Violante Henriquez, fidalgo de grande autoridade, illustrissimo, & perfeittissimo varam, em cargos de paz, & guerra; ao qual toda a Cõpanhia deue, & cõfessa eternas obrigaçoẽs; do qual heide falar muitas vezes, & s̃ẽpre ferã menos dõ q̃ elle nos merece, & do muito que lhe deuemos,

& a

& a toda sua illustrissima familia; o qual vendo o zelo, q̄ ardia nas almas de S. Ignacio, & seus cōpanheiros da conuersam do mūdo, parecēdolhe muy accōmodados pera a cōquista espiri- tual da Asia Oriētal, escreueo ao serenissimo Rey, que pois se- us grandes intentos eram nam menos fogeitar Reynos do O- tiente a Portugal, que cōquistar almas de Gētios a Christo, q̄ ti- nha em Roma hũa noua Cōpa- nhia de celestial soldadesca, cu- jo capitã era Ignacio, dos quaes lhe podia prometer muy bẽ fũ- dadas esperanças da conuersam daquella vastissima gētilidade.

2 Neste mesmo tempo, co- mo se estiuẽsẽ falados, deo este mesmo aluitre a elRey o doutor Diogo de Gouuea Portugues, & pessoa de grande authoridade, que tinha sido Reytor no col- legio de sancta Barborã, na- quellas celebres escholas de Pa- ris, quando ali estudaram san- cto Ignacio, & seus companhei- ros. Pareceo a sua Alteza que pelo muito conhecimento, & a- mizade, que o doutor mostraua ter cō o sancto Padre Ignacio, lhe escreueffe sobre sua real pre- tençam, que era prouẽr cō grã- de cuidado as prouincias do Oriente de taes obreiros, que podessem com sua doutrina, & zelo fazer a Deos tam co- nhecido nos Reynos Oriētaes, como as suas poderosas armas

o faziam Monarcha, & senhor delles (que este foy sempre o animoso, & catholico zelo dos augustissimos Reys de Portu- gal, conquistatẽ Imperios pera Deos ser nelles conhecido, & adorado; & que andasse sempre cō igual compasso nas suas cō- quistas a felicidade de suas ar- mas victoriosas, cōa conuersam dos Reynos cōquistados.) Fez o doutor o que o serenissimo Rey lhe mādaua, persuadindo ao S. Padre Ignacio hũa grata cōfor- midade cō a vontade real, pois lhe abria tam largas portas ao feruor, & zelo de seus compa- nheiros pera as vastas prouin- cias da Asia Oriental. Respon- deo o sancto Padre ao doutor Diogo de Gouuea, que na mã de sua Sanctidade estaua posto o despacho da petiçam, & dese- jo do serenissimo Rey; & q̄, pre- suposta a aceitaçam, que o san- ctissimo Padre tinha de se porẽ em suas mãos elle, & seus cōpa- nheiros; nam era rezã, que dos olhos da corte Romana, & do Vigairo de Deos na terra, se grã- geassem tã illustres missoes, co- mo erã as que elRey queria, sẽ virem da mam, & tençã do Sũ- mo Pastor do mundo.

3 Desta reposta de S. Igna- cio deo conta o doutor Diogo de Gouuea a sua Alteza, o qual logo escreueo ao seu ebaixador e Roma D. Pedro Mascarenhas, pera q̄ tratasse negocio tã impor-

Escreueo al
Rey Dom
Ioaõ a seu
embaixa-
dor a Ro-
ma, sobre
a vinda
dos padres

Anno de
Christo de
1540.

16

Anno da
Companhia
I.

tate cō o Summo Pontifice, & com o sancto Padre Ignacio, que, posto que neste tempo nam estaua ainda eleito geral, com tudo, como era pay, & mestre de todos seus companheiros, tinha paternal superintendencia nas acçoēs, nas obras, trabalhos, & jornadas de todos elles. Entrou D. Pedro Mascarenhas a falar cō S. Ignacio, pera nũca mais tirar do coraçã, nẽ a elle, nẽ a seus filhos, antes cō hũ amor tã reciproco entre a Cōpanhia, & esta illustrissima familia, que, como por direito, ficou nella a affeiçã, & em nõs a obrigaçã. Pedia o embaixador, da parte do serenissimo Rey, & instaua por seis cōpanheiros de sãcto Ignacio, dos quaes sua Alteza se prometia já hũa fermosa Igreja Oriental de novos christãos, que tam zelosos obreiros conuertessẽ. Bem entendeo S. Ignacio o zelo do catholico Principe, em querer missionarios pera tã grãdes fearas; & concedera seis de boa vōtade, se lhe nã parecera, que ficaua prejudicando a todas as mais partes do vniuerso (porque a todas se estendia já aquelle animo, que era mayor, que o mesmo mũdo) deixando pera tam dilatados cãpos tã poucos conquistadores; & essa resposta deu ao embaixador; que erã muitos os que pedia, & que importaua repartir daquelles obreiros cō as outras Prouincias de todo

mundo, tã necessitadas como as Orientaes. Verdade he, dizia o sãcto, que meus cōpanheiros, & eu estamos cō os braços cruzados á obediẽcia de sua Sãctidade; mas se na materia posso ter parecer, o meu era, que pera a India fossem dous, & os oito fiqueẽ pera o restante do mundo, sogeitos á obediencia de sua Sãctidade.

4 Tinha o embaixador acabado o seu tẽpo na corte Romana; & estaua proximo de partirse pera a de Portugal; & entendendo o grande gosto, que seria pera el Rey, se lhe trouxesse cõfigo aquelles tã desejados missionarios, que o mesmo Rey tãto solicitaua: tratou cō sua Sãctidade sobre a pretençã real, & resposta, que della já tinha do P. S. Ignacio. Nam pode sua Sãctidade improuar a cuidadosa prouidencia, que sancto Ignacio mostrara do mais restante do mundo, pera remedio de sua cegueira, por via de seus companheiros, & assim se conformou com a vontade do sancto, que lhe desse dous, pois nã podia ser seis. Instou o embaixador cõ grãde calor pela nomeaçã dos Padres, porque de Lisboa o apertaua o serenissimo Rey, pera chegarem a tempo da nauegaçã. Com madura deliberaçã foy logo nomeado por S. Ignacio no primeiro lugar o P. M. Simã Rodrigues,

Nomea S.
Ignacio a
dous Pa-
dres pera
a missã
da India.

que,

Parte pe-
ra Lisboa
o P. M. Si-
mam Ro-
drigues.

que, como Portugues, poderia com mais facilidade menear as coufas da missam em Portugal, & assistir à conuersam da India no Oriente, aonde tudo se governaua por lingua, & ministros Portugueses. Mandou o logo vir a Roma de Toscana, o qual acudio voando, por nam perder tam gloriosa emprela, por mais fraco, & doente que estaua de humas importunas quartans, que ainda eram reliquias de outra mais perigosa doença, que tiuera em Sena; & se querer esperar pelo embaixador, aproueitandose da occasiã, que Deos lhe daua, se partio em hum nao, que daua à vela, do porto do Papa, que chamã Ciuitã uecha, emproando mais no Oceano da India que demandaua, que no mar Mediterraneo por onde nauegaua. Foy esta sahida de Roma no anno de 1540. nam estando ainda a Companhia confirmada, & fomête approuada. *Vna vocis oraculo.* Nam o assombrou o mar, nam o deteue a infirmitade, pera deixar de partir com grãde aluoroço pera tam ardua, como gloriosa empreza. E trazêdo por companheiro ao Padre Paulo Camerte, que em Roma fora admitido na Companhia, com muy feliz viagem, em espaço de oito dias, aportou, segundo entêdemos, em Setual. & por ordem particular, que o

Padre trazia do embaixador D. Pedro Mascarenhas, se retirou à sua quinta da Palma (que hoje he villa titular dos Mascarenhas Côdes da Palma, & entam era fazenda do mesmo embaixador, & está situada entre a villa de Setual, & a de Alcacere do sal) pera nella conualecer da quartaã.

5 Tanto que teue auiso o serenissimo Rey da chegada do Padre mestre Simam, o mãdou ali visitar por hum gentilhomẽ de sua Corte, o qual o viesse acompanhando atè Lisboa, dizendo, que pera tudo oque fosse farar da quartaã, & descãsar do caminho, era Lisboa mais acomodado lugar. Acodio logo o Padre mestre Simam, obedecendo a esta affectuosa vontade, que o piadosissimo Rey mostraua de o ver, & tratar, o qual o rcebeo com reaes, & benignos affectos, que parece já pronosticauam o muito, que auia de estimar a este Padre, & fauorecer a Companhia; nam se fartando sua Alteza de o ouir; nem acabaua de lhe perguntar, com grãde curiosidade, pela pessoa de sancto Ignacio, que tanto veneraua, & pelos principios da Companhia, que tanto estimaua. Despedio de sua presença ao Padre, mandando a seus reaes ministros, que se enxergasse no bom gasalhado do Padre, o muito, que tam re-

Chega M.
Simam a
Lisboa,
vay visitar sua Al-
teza.

Anno de
Christode
1540.

Anno da
Companhia
I.

ligiosa pessoa merecia, & o muito, que seu liberal amor lhe prometia. Vendo o Padre mestre Simam a grandeza do animo real, o solcito cuidado de seus ministros em o seruirem, & regalarem: como vinha tambem costumado ao desprezo da vida, que nos hospitaes passaua, & à estreiteza dos viaticos, que pelas portas pedia; com modestia, & efficacia rogou ao serenissimo Rey fosse seruido, por primeira merce, de o deixar seguir seu antigo estylo, & sancto instituto, que com seus companheiros guardara inuiolauel, pedindo pelas portas, & morando em hospitaes; & que este modo de viuer seria pera elle de mayor delicia, que os regalos, com que sua Alteza queria que o tratassem; como tambem poderia ser de mayor edificaçam pera aquella cidade, aonde estauam, & mais cõforme ao fim pera que sancto Ignacio os mandaua. Com muita difficuldade alcançou o P. M. Simam a merce, que pedia a sua Alteza; mas preualecendo por entam com elle as rezoës, que o Padre lhe daua, em quanto lhes nam assignalaua casa propria, em que habitassem, como já el Rey traçaua, permittio, que estiuesssem no hospital, como o Padre pedia. Auida a licença, se recolheo cõ seu companheiro no hospital de todos os Sanctos na cidade

Recolhe-se
M. Simã
no hospital
de Lisboa.

de Lisboa; aonde, a pezar da molestia da quartaã, cõtinuou em seus sanctos exercicios, prẽgando, confessando, ajudando aos enfermos, & edificando a todos com seu raro exemplo; porque aonde faltauam as forças do corpo enfermo, supria a virtude do espirito valente.

CAPITULO V.

*Da se huma breue relaçam da
pessoa do Padre mestre Simã;
de como seguiu a sancto
Ignacio, & de suas
peregrinaçoës.*

TEmos já em Lisboa ao Padre mestre Simam, o qual teue tã substancial parte na fundaçam desta Prouincia, & na felicidade das consequẽcias della (pois esta foy a mãy das Prouincias da India, Brasil, China, Iapam, & autora da fundaçam dos Collegios em outros Reynos catholicos, como veremos) que seria tam grãde ingratidam nã reconhecer, & gratificar ao Padre mestre Simam os grandes trabalhos, que passou neste illustre edificio, como se nos esqueçeramos de agradecer ao sancto Padre Ignacio o trabalho gẽral de toda a fundaçam da Companhia. Rezã he logo,

P. M. Simã Rodrigues he pay desta Prouincia.

que

que pois elle he o particular fundador das Prouincias fogueitadas á coroa de Portugal, façamos aqui alguma breue lembrança deste nosso muy prezado pay, pera que tenhamos alguma noticia do principal fogeito destes primeiros liuros, a quem todos reconhecemos, & veneramos, como se veneraua no pouo Iudaico o Patriarcha Abraham com o nome de *Pater multarum gentium*:^a como na verdade o foy o Padre mestre Simam, dando tantos filhos em o Senhor, pera serem lustre do mundo, que alumiarão; & resplendor da religiam, aonde se criaram.

2 Naceo o P. M. Simam Rodrigues de Azeuedo em a villa de Bouzella (que he d'hu concelho na Beira, a que chamam Concelho de Lafoens, na comarca de Viseu, & do mesmo Bispado de Viseu) seu pay se chamou Gil Gonçalves, & sua mãy Catherina de Azeuedo, ambos da gente principal, & mais nobre da terra, & parentes, segundo a tradiçãõ cõmũã do bemaumentado sam fr. Gil Rodrigues; dispondo Deos nõso Senhor as cousas de tal sorte, que daquelle lugar sahissẽdous illustres Prouinciaes, sam fr. Gil da sagrada Ordem dos prẽgadores, & o P. M. Simam o primeiro da Companhia de IESV. Estando pera morrer o

honrado velho pay do P. M. Simam, como outro Iacob, quis consolar as saudades de seus filhos em sua ausencia, com a bençãõ paternal: vieram todo: a presenciãõ aquella vltima despedida, & tomando nos braços a Simam, que ainda era menino innocente, & pondo nelle os olhos, com muy particular affecto, o entregou à mãy, dizẽdolhe estas formaes palauras: *Encomendouos, senhora, este menino, criayõ com especial cuidãõ, porque Deos o tem escolhido pera grandes cousas de sua gloria.* Notauel pronõstico, & muy bem acertado no successo; & ainda que nam dizemos que foy com a segurança da luz diuina, que tiueram alguns sanctos, que tanto dantemam profetizãõ calos futuros, como se jã fossem presentes: com tudo digo que nam foy este o primeiro pay, que estãdo pera morrer prenunciou os successos de seus filhos; pois Iacob,^b como bem notou sam Ieronimo,^c tẽdo os olhos cegos pera ver as cousas presentes, tinha o entendimento com vista pera preuer os segredos futuros; porque, como diz Xenophonte^d no seu Cyro; & o que mais he, como o notou sancto Thomas,^e a alma humana, se em algum tempo mostra o lume da diuindade, que em si tẽ, he principalmente na hora da morte, na qual tal vez assi pro-

^a
Gen. c. 17. n.
5. Ad Rom. 4.
n. 17.

^e
Patria, &
pays de M.
Simam.

^b
Exod. c. 49.

^c
In Proem. 2.
lib. Cõment.
in Amos.

^d
Lib. 8. Antia
hominis tunc,
siuquam alias
diuina esse vi-
detur, in mor-
te diuina est,
& tunc futura
prospicit

^e
S. Thom. 2. 2.
q. 172. art. 1.
ad 1.

Anno de
Christo de
1540.

20

Anno da
Companhia
I.

Vay M. Si-
mam estu-
dar a Pa-
ris.

nostica o futuro, como se o ti-
uesse presente: assi succedeo a
este bom velho, porque o tem-
po mostrou adiante quãta ver-
dade elle falou naquella hora.

3 Criou Catharina de A-
zeuedo, com todo o cuidado, a
seu filho; & tendo já annos ba-
stantes, o mandou estudar com
seu irram Sebastiam Rodri-
gues de Azeuedo (que depois
foy pessoa bem conhecida ne-
ste Reyno) a Vniuersidade de
Paris, que era o theatro, aonde
naquelle tempo mais campea-
uam as letras, & aonde acudiã
os Portugueses; por atè entam
nam termos cã Vniuersidade,
que introduzio o senhor Rey
D. Ioam o III. Eram ambos os
irmãos sogeitos de qualidade,
que se podiam chamar estudã-
tes del Rey, porque el Rey os
mandaua estudar àquella Vni-
uersidade^f com outros, à conta
de sua real fazenda. Estudou
Philosophia, com muito louvor,
& nella se graduou de mestre;
& foy muy excellente Theo-
logo. Aqui teue conhecimento
de nosso sancto Padre Ignacio,
& foy o quinto companhei-
ro, que se lhe ajuntou; dali o
acompanhou logo na jornada a
Veneza, & a Roma: & ainda
que teue pensamentos de vida
mais solitaria, teue socorro
do ceo, em que manifestamen-
te vio, que a sua vocaçam era a
que Deos primeiro lhe inspi-

rou. Foy notauel o feruor de
espirito, com que este seruo
de Deos começou o caminho
da perfeiçam; nam contente
com as quotidianas disciplinas,
& com trazer a cruz dentro na
sua alma, tambem a quiz imprir-
mir no mesmo peito à força do
ferro, pera em tudo se dar por
catiuo ferrado do Senhor, aquê
seruia; porem, porque o segre-
do deste nouo habito de Chri-
sto esteue sempre encuberto a-
té a hora da sua morte, pera el-
la deixaremos guardado este
thesouro.

4 Sendo ainda sò seis os
primeiros Padres, se fez a pri-
meira junta, na qual se achou o
P. M. Simam; & nella se lança-
ram as primeiras linhas de nos-
so instituto, tam certas, que tu-
do o que depois pelo tempo se
foy declarando, nada discrepa
daquella primeira traça. Se-
guiose o deuotissimo acto, em
que os Padres fizeram seus vo-
tos (em Paris na ermida da Vir-
gem nossa Senhora, chamada
vulgarmente Monte dos Mar-
tyres) no anno de 1534. dia da
Assumpçam da Virgem nossa
Senhora; & depois os renouarã
duas vizes, nos ãnos seguintes.
Na memoria destes dias (como
quem teue rãta parte nas con-
solaçoes, & fructos espirituaes
delles) falaua o Padre M. Simã
com grandes affectos de sua al-
ma. Em lèbrança da suauidade

M. Simam
cõ os mais
Padres lan-
çã os pri-
meiros sũ-
damentos
da Compa-
nhia.

^f
Orlandin. lib.
1. n. 88.

espiritual deste deuotissimo acto, por toda sua vida, ainda depois de professo, renouou sempre seus votos naquelle sagrado dia da Assumpçam da Senhora.

5 De Paris se partio o P. M. Simam com os mais companheiros a Veneza, a esperar o sancto Padre Ignacio (que era vindo a Hespanha) pera ali tratarem da peregrinaçam a Ierusalem. Sahiram de Paris a pé, com bordoës na mam, & com os alforges de seus papeis às costas, com o Rosario da Virgem sanctissima ao pescoço; & esta era a deuila de que vsauam estes nouos soldados do Senhor, este o final destes caualeiros da milicia do exercito celestial. Grande foy a consolaçam, com que os deuotos peregrinos passarã aquelle primeiro dia. Chegada a noite, se vio o P. M. Simam com hũa vehemēte afflicçam (que assim costuma Deos alterar a vida espiritual dos homens sanctos) Sahiolhe de subito em hum hombro hum inchaço tam grande, & tam inflammado, que metia medo a quem o via, quanto mais causaria dores a quem o sentia. Passou a noite com hum ardente febre; porem mayor era a pena, que tinha, com cuidar que por causa daquelle mal nã poderia acõpanhar seus muy prezados companheiros, os quaes

com o mesmo sentimento passaram a noite, que toda leuou em vella M. Simam, parte pelas dores do achaque, parte em muy feruorosa oraçam, esperando da mam do Senhor o remedio de tam grande mal. Chega a manhã, continua M. Simam suas feruorosas precēs, acodem os companheiros ao consolar; multiplica o enfermo as rogatiuas ao ceo; pede cada vez cõ mais affecto ao Senhor que lhe valha: eis que, com hũa repentina confiãça, acode com a mã ao hombro, nam acha o inchaço; cessa de repente a dor; da conta do successo aos mais Padres, que com grande alegria, dam os parabēs ao companheiro, que era o enfermo, & as graças ao Senhor, que foy o medico; que se bem pòde mortificar, melhor sabe viuificar: dādolhe huma saude tam milagrosa, nã por meyo de hum Anjo, como fez a Tobias, mas por sua propria mam, como faz a hum seu mimoso.

6 Partiram logo daqui, & caminharã pela arraya de Lorena, entraram na alta Alemanha, aonde tiueram huma notauel guia, que parece foy hum Anjo do ceo, que os acompanhou atè auistarem Constãcia: passaram por Basileã, que acharam já infestada com a peruersa doutrina do impio Luthero. Em fim chegarã a Veneza,

aonde

Sara M.
Simã mi-
lagrosa-
mẽ. ite.

Thob. e. ii.
v. 15.

Anno de 22
Christo de
1540.

Anno da
Companhia
I.

aonde o glorioso Patriarcha já os estaua esperando, com cuja alegre vilita amainaram os perigos, os sobrefaltos, os grandísimos trabalhos, que nesta larga peregrinação passaram, por espaço de tres meses, caminhando por França, atraueffando Alemanha, & discorrendo por Italia. Aqui, em quanto esperauam occasiam pera passarem a Ierusalem, se repartiram pelos hospitaes, fazendo vida de sanctos, prégando, ajudando a bem morrer, & seruindo aos enfermos. Coube a M. Simam hum hospital chamado de S. Ioam, & Paulo, aonde assistia com admirauel cuidado, & com rara humildade, varrendo as casas, curando as feridas, & enterrando os mortos.

*Succede
ao P. M. Si
mã hũ ca-
so admira
uel, por
sua muita
charidade*

7 Aqui neste hospital lhe succedeo a M. Simam hum caso admirauel, & de notauel edificação. Sendo alta noite, tempo, em que todos estauam accommodados, sem hauer já nenhũ lugar, aonde se podessẽ alojar mais enfermos, chegou à porta hum leproso, pedindo por amor de Deos, que o recolhessem; respondeo o enfermeiro mór, que perdoasse, porque nam hauiã em tódo o hospital hum só leito desoccupado. Tornou o pobre chagado a representar huma, & muitas vezes suas lastimas, & a estas ajuntou lagrimas, & importunaçoens de ro-

gos, sem o enfermeiro (que nam deuia ser dos mais charitativos) se render a tam lastimosas petiçoens. Ouuiã tudo o Padre, mais magoado do que o mesmo pobre se mostraua; rogou logo com toda a instancia ao enfermeiro, que o deixasse entrar, & cessariam suas lagrimas; porque os pobres, ainda que sam importunos, sam muy bons de contentar: nam tenho leito aonde o recolher, respondia o enfermeiro; nam nos desauenthamos por isso, lhe disse M. Simam, que eu lhe darei gasalhado em minha propria cama. Aqui nam pode o enfermeiro resistir mais, vendo o charitativo offerecimento do Padre, que se bem o disse por palaura, muito melhor o executou por obra. Abrese a porta ao leproso, tomão o Padre pela mam, recebe o com muita humanidade, consola o com muita brandura, exhorta o à sancta paciencia; & pera lhe dar a elle o aliuio, de que necessitaua, & escolher pera si a mortificação, que tanto estimaua; deo lugar no seu pobre leito ao pobre leproso; & por ventura sem saber quem agasalhaua, recolhia ao mesmo Christo, aquẽ, como diz o seu Propheta, ^h julgauam muitos por leproso, & nam foy esta a primeira vez, que o Senhor tomou esta figura de enfermo leproso, sendo elle a fi-

^h
Isaiz c. 35.
4. Et nos putauimus eum quasi leprosum.

gura da substancia de Deos. O certo he que vinda a menha, o leproso desapareceo, sem ninguem mais dar nouas delle; porem deixou bom rasto de sy, porque o Padre ficou todo cuberto de lepra, que pera os compañeros era materia de grande sentimento, pelo verem cõ hum mal tam contagioso. Mas o Senhor, que por meyo daquelle pobre o visitou com a lepra, logo milagrosamente o recteou com a saude. Pera isto lhe nam foy necessario mandalo lauar no Iordam, como Eliseu, ordenou a Naamam Syro: deitou se o Padre a noite seguinte cheyo de consolaçam, por se ver leproso no leito do hospital, por amor daquelle Senhor, que tal pareceo aos homens na cama da cruz. Caso milagroso; veyo o dia, & com elle lhe amanhéceo a saude; porque se leuãtou o Padre sem hum minimo final da hospedagem do leproso: como se nam quizesse o diuino hospede pagar com lepra aquem o agasalhaua com amor; antes pretendendo só com aquella lepra tirar a limpo a grande mortificação, & admirauel charidade deste seu seruo fiel, pera de hũa, & outra virtude nos ficar tam raro exemplo.

8 Sabemos de certo que succedeo este caso ao Padre mestre Simam; porem (pera tam-

bem aqui triumphar sua humildade) no tratado, que elle fez dos successos destas suas peregrinaçoens (& mandou a Roma ao Padre geral Euerardo Mercuriano) conta este caso em terceira pessoa, dizendo que succedeo neste hospital a hum dos noue companheiros; da maneira que S. Paulo^R punha em terceira pessoa o seu rapto milagroso ao ceo; mas assi como se o Apostolo encubria seus fauores, lhe manifestaua Deos suas glorias; da mesma forma, posto que o P. M. Simam, com tam fermosa capa de humildade nos encubra este milagroso successo, melhor ficamos entendendo que tanto mais campêa sua virtude, quanto menos ostenta seus lououres.

9 De Veneza passou a Roma o P. M. Simam, pedindo esmola de porta em porta com dous companheiros (porque lhes pareceo melhor aos Padres que se repartissem) & neste caminho foram notauéis os perigos, grandes as fomes, & faltas do necessario, que experimentou. Passou por Rauena; entrou em Ancona, aonde se encontrou com o Padre Diogo Laines (que foy o segundo geral da Companhia) & conta o Padre M. Simam [naquelle seu tratado] que se edificou muito de o ver andar pedindo de porta em porta com a cabeça del-

cuberta

Adoece de lepra M. Simã, & sãra mila grosamẽte.

i
4 Reg. 5. n. 10
Vade, & laua-
re septies in
Iordane, & re-
cipiet sanita-
tem caro tua,
atque munda-
beris.

R
2. ad Cor. cap.
12. n. 2. Scio
hominem in
Christo ante
annos quatu-
ordecim, siue
in corpore, si-
ue extra cor-
pus nescio,
&c.

*Vay M. Si-
mam a Ro-
ma.*

cuberta, com os pés descalços, & com huma profunda humilidade, sendo hum homem de tão raro engenho, de letras tam abalizadas, & de espirito, & talentos tam superiores. Daqui se foy visitar a sancta casa da Virgem Lauretana, aonde veneram os fieis Christaõs a sua uissima memoria do principio de nossa redempçam: neste sanctuario gastou tres dias, que estimara elle muito que fossem ali todos os de sua vida. Chegaram à cidade de Tolentino já muy de noite, chouendo, como dizem, a cantaros, sem ter quem os guiasse, nem aonde se agasalhassem; & o peor era, que com hirem os tres peregrinos tam molhados, hia a pobre bolça tam seca, que nem hum real hauia pera comprar algum socorro, do qual particularmente necessitava o P. M. Simam, que hia quasi desfalecendo: neste comenos lhes sahe ao encontro hum homem, ao parecer bem apestado, o qual entra pela agoa, chegase ao cançado peregrino, tomalhe a mam, metelhe nella dinheiro, tornalha a fechar, & desuiase, sem lhe dizer palaura: quiz o padre conhecer quem era o seu bemfeitor a tal tempo, & em tal occasiam; mas o homem, alem de ser noite, vinha com o rosto embuçado, parece que pera o nam conhecerem, seguindo o conselho de

Christo, ¹ que no dar da esmola se ha de abrir a mam, & encubrir o rosto: o certo he que as moedas eram de prata, que bastaram pera bom socorro dos pobres peregrinos; & o homem desapareceu tam de repente, que nos deixou occasiam de sospeitar, que este era o mesmo que tomou a figura daquelle pobre leproso do hospital de S. Ioam & Paulo, o qual agora quiz pagar a M. Simam com a esmola, que lhe deo em Tolentino o agasalhado, que lhe fez em Veneza. Chegaram em fim todos a Roma, aonde foram muy bem recebidos de sua Sãcidade.

CAPITULO VI.

Do mais que succedeo ao Padre mestre Simam até vir a Portugal.

A Nimados os Padres com a bençam de sua Sanctidade, & cõ os diuinos fauores, se voltaram a Veneza, pera se embarcarem pera a sua desejada jornada de Ierusalem, ali se ordenaram de Sacerdotes; & em quanto as difficuldades da viagem durauam, se repartiram pelos lugares daquelle senhoria, pera se aparelharem pera dizer missa, & estarem mais á mam pera se em-

barca-

¹ Matth c. 6. n.
2. Cum facis eleemofynam noli tuba canere ante te.

Torna M. Simam a Veneza pera hir a Ierusalẽ.

barcarem; ao Padre mestre Simam lhe coube com o Padre Claudío Iayo a cidade de Baçam. Aqui se foram recolher com hum famoso ermitam, que em hum lugar deserto fazia vida solitaria; chamauase Antonio, & era verdadeiramente imitador do grãde Antonio; recebeos o sancto velho, como se fossem dous anjos do ceo; & como o P. M. Simam naturalmente fosse afeiçoado à vida solitaria, foy notavel o gosto, cõ que ali esteue aquelle tempo: passava a mayor parte do dia em oraçã, dormia de noite sobre huma taboa, tratava seu corpo cõ grande rigor.

2 Porem como os trabalhos passados eram grandes, & as penitencias presentes muy rigurosas, nam pode o debilitado corpo sustentar as forças do incansavel espirito; veyo finalmente a cair em huma graue enfermidade, & entrou em perigo de vida. Chegou esta noua a Vincencia a nosso glorioso Padre sancto Ignacio, que tambem estaua enfermo com huma febre: venceo porem o fogo da charidade do pay, pera com tal filho, o da febre; pode mais a força do espirito valente, que a fraqueza do corpo enfermo: acompanhado do Padre Pedro Fabro caminha com grande pressa a Baçam, pera acudir a

seu amado filho; a charidade lhe daua azas pera caminhar; com este abalo do caminho, com que parece hauia de crescer a febre, se lhe despedio, como se o feruor da febre desse a palma ao incendio da charidade. Apos este fauor diuino se seguiu outro admiravel, porque no caminho teue reuelaçam, que o Padre mestre Simam nam morreria daquella enfermidade. Chega o glorioso Patriarcha, entra na casa do ermitam, acha ao seu enfermo estendido sobre huma taboa, compadecese muito de o ver vestido sobre tal cama, & com a enfermidade tanto auante, que o gesto mais indiciaua sinaes de corpo morto, que esperanças de homem viuo.

3 Chegase o S. P. ao seu doente, cõ entranhavel amor, abraçao cõ singular affabilidade, dizendo-lhe estas palauras formaes: *Alegrauios, meu irman mestre Simam, que Deos se quer servir de vossos trabalhos, & a essa conta vos estende o prazo da vida; nam morrereis desta em Baçam, cumprido he o caminho, que vos fica, muito tendes que andar, & que fazer por seu amor.* Ditas estas notaveis palauras, tratou logo de acudir às obras; tomou o officio de enfermeiro, buscou por meyo do ermitam alguma roupa, fazlhe hũa cama, despeo, de tao nella,

S. Ignacio se faz enfermeiro de M. Simam.

Adoece, & he visitado de S. Ignacio.

& começao a curar. Cõ tal enfermeiro, com a visita deste diuino Esculapio, cõ tal intercessor pera cõ Deos, cobrou logo M. Simam a faude perdida; porque esta mais facilmente se alcança por meyo da charidade feruorosa de hũ varã tã sãcto, q̃ cõ os remedios mais presentes de hũ bõ medico. E quam bem se comprio a prophesia do S. P. veremos ao diãte, porque se lhe estendeo o prazo da vida nam menos que a quarenta annos, q̃ tantos andou ainda neste deserto, até chegar à terra da promissam; & como foy vida alcançada, & prophetizada por hum sãcto milagroso, nam podia deixar de ser vida milagrosa.

4 Em breue cobrou M. Simam as forças perdidas (q̃ faude milagrosa nam requiere largas cõualescências, como succedeo ao paralytico, ^a que, tanto q̃ o Senhor o sãrou, logo teue forças pera poder leuar o leito às costas) Passouse cõ seu cõpanheiro o padre Claudio a Vincencia (q̃ os sanctos nam querem a faude pera folgar, mas pera trabalhar, como succedeo à sogra de San Pedro, ^b que tãto que se leuãto do leito, logo se poz a servir à mesa) Aqui com todos os mais padres se ajuntou em hũa ermida, meya legoa fora da cidade, sem portas, & sem janellas, & de todas as partes patête aos ventos, & às chuvas, na qual sobre

hũas palhas se agasalhouã o sãcto Patriarcha Ignacio dõ seus dous cõpanheiros Pedro Fabro, & Diogo Laines (boa occasiam tinhã na pobreza, no desẽparo, & nas palhas, pera meditar no presẽpio do Senhor). Em Vincencia differam alguns missa noua cõ extraordinarios sentimentos do ceo fauoruel. Neste comenos chẽgou o fim do ãno de 1537. que era o tẽpo preciso do voto da terra sancta, & as difficuldades da jornada cada vez mayores, como se contẽ na vida de nosso glorioso Patriarcha: assentãram os Padres que S. Ignacio cõ seus dous cõpanheiros fosse a Roma a offerrecer ao Papa a si, & aos mais; & que elles entretanto se repartiffem, ajudãdo o bẽ das almas; coube nesta repartiçam ao P. M. Simam, & a seu cõpanheiro a cidade de Ferrara, aonde forã marauilhosas as obras, que fizeram, foy admirauel o exẽplo, q̃ derã; por final que morãdo elles no hospital, o que o tinha a seu cargo estranhou muito o modo de vida dos dous Padres, tã fora do cõmũ, & se velaua delles, como de homẽs sospeitos; pera se assegurar mais nestes seus pẽsamentos tratou de os espreitar de noite, & achou que no mayor silencio della se leuantauam da pobre cama, & que ferindo fogo, & acendendo candeas, se punham com os joelhos

Prẽga M. Simã em Ferrara, e faz outros seruiços a Deos.

^a Ioan. e. 5. n. 9
Et statim sanus factus est homo ille, & substituit grabatũ suum, & ambulabat.

^b Marci e. 1. n. 31. Continuo dimisit cã febris, & ministrabat eis. &c. Vbi Victor. Antioch. Nos per hoc erudientes sanitatis bene ficiũ frustra à Deo expectamus.

em terra , gastando a mayor parte da noite em oraçam ; & aduertindo mais nas boas obras, em que gastauam o dia, como curauam os doentes , & como doutrinauam aos saõs ; veyo em fim com esta confrontaçam de cousas a condemnar sua desconfiança , mudando em grande opiniam de sua virtude , & apregoando em toda a cidade, que tinham entre sy dous Anjos vindos do ceo.

Diz M. Simã a primeira missa.

5 Aqui em Ferrara foy vencida a humildade do Padre mestre Simam de sua propria charidade, porque se resolveo em dizer missa noua, hauendo que ficaua assim habilitado pera os ministerios, que exercitaua em beneficio das almas . De Ferrara se partio com seu companheiro pera Padua , pera consolar ao Padre Ioam Coduri, que estaua muy sentido pella dita morte de seu companheiro o Padre Diogo Hozes , cuja bendita alma vio nosso sancto Padre Ignacio estando em Monte Cassino , tres jornadas de Roma, entrar na gloria vestida de grande resplendor , no mesmo ponto em que este seu decimo companheiro na terra, & primicias da Companhia no ceo, acabou sanctamente em Padua . A sancta memoria des-

te bom Padre obrigou ao Padre mestre Simam a continuar os seus exercicios, a que a morte cortou o fio . Aqui tomou por sua guia , & por seu particular intercessor ao bemaumenturado Sancto Antonio , a quem o Padre procurou tam de veras imitar, que tornaram os Paduanos a ver em seus pulpitos outro Portugues , que com o espirito do seu tam querido Apostolo Antonio , honra de Lisboa , & gloria de Portugal, os tiraua dos peccados, como prægador zeloso, & os excitaua à virtude, como varam sancto.

6 Adoeceo neste comenos grauemente o Padre Ioam Coduri, curauao o padre mestre Simã, & como o mal fosse grande, & igual a falta do necessario, moueo Deos o coraçam de hum Ecclesiastico nobre, & rico, que leuasse pera sua casa assim o enfermo, como ao seu enfermeiro ; nella foy o Padre muy bem curado , mas tambem pagou Deos muito bem ao seu hospede ; & se o Padre sarou no corpo, elle se melhorou na alma; porque meteo em casa o pobre de Christo , & lançou della quem o apartaua de Christo; recolheo dentro hum Anjo do ceo , & lançou fora hum tiçam infernal : a conuer-

Adoece o P. Ioã Coduri, curou M. Simã.

façam tam sancta como os Padres, lhe fez esquecer a illicita com o diabo: que assim costuma Deos cambiar os gattos, que se fazem em agasthar semelhantes hospedes, cujas rendas nunca quebram, como diz o glorioso sam Bernardo, e gattadas em semelhantes hospiralidades, porque sò na casa da charidade sempre passa a receita pella despeza.

7 Ainda que a muita beneuolencia dos Paduanos fazia grande instancia ao Padre mestre Simam pera os nam deixar, com tudo foy necessario acudir a Roma com todos os mais Padres, pera se entregarem nas mãos do Summo Pontifice. Aqui se juntaram todos no anno de mil & quinhentos & trinta & oito, hũ anno antes do Padre mestre Simam vir a Portugal. Estando em Roma offereceram aos Padres humas casas pera sua morada, as quaes estauam deshabitadas, & como depois souberam, por se dizer que as infestaua, & definquetaua hum espirito maligno, que nellas habitaua. Coube ao Padre mestre Simam hir lá dormir sò a primeira noite, pera guardar as pobres alfayas, que já nellas tinham. Fechou as portas da casa, rezou o officio diuino, e encommendouse a

Deos, & fez suas costumias das oraçoens: nam parece que ficou nada contente com tal hospede o inimigo de nossa paz; em o Padre começando a repouzar o espertou de repente com hum horrendo estrondo, & espantoso trouam: nam parou aqui este inquieto espirito, muitas vezes corria pella casa, como hum fero jauali acossado dos monteiros, a quem as lanças dos caçadores tem cercado, & porque nam pode romper auante, corre por huma, & outra parte furioso, atroando os ares com roncões espantosos, & ameaçando os monteiros com os dentes agudos. Espertou o Padre com o terrivel estrondo do trouam, & aduertio nas voltas do porco montés dentro em casa, & aquellas horas; & usando de sua grande prudencia, & conformidade com a diuina vontade, alcançou o que podia ser, & estando certo que o nam podia morder aquelle infernal Cerbero, sem licença particular do Senhor (em cujas mãos paternaes elle estaua entregue, como filho muito amado) lembrandose do grande Antonio no deserto da Thebaida, se pos a rir daquelles phantasticos estrondos, & diabolicas matinas, que no restante da noite con-

e
Bern. ser. 10.
in Cant.

Hay M. Simam a Roma; vence ali os medos que o diabo lhe mete de noite.

continuaram, dormindo o Padre melhor a este som, como se fosse de hũa branda corrente de agoa, que com seu tremulo susurro faz adormecer ao caminhante cansado. Tam fraca he a guerra do infernal inimigo, tam pouco pôdem seus fingidos estrondos contra a quietaçam de hũa alma, que tem a Deos por pay, & a consciencia por guia.

8 Vinda a menhã nem rasto appareceo daquella nocturna larua; auisou porem aos Padres do hospede, que tinham naquellas casas, mas elles nam temeram estando juntos, o que desprezou mestre Simam ficando sò; muitas noites continuaram nesta briga contra aquelle desenguieto demonio, sem nenhum delles sahir ferido, por mais que com mil generos de traueffuras, com varios terricamentos, & inauditos estrondos os pretendia inquietar; como se vê na vida do nosso sancto Padre Ignacio.

9 Em mayor custo entravam os danos, que o diabo causava em a cidade de Sena, aonde com huma diabolica superstição, & infernal embuste trazia muita parte do poouo endemoninhado. O caso foy; acodia gram numero de gente a huma hermidã nam longe da cidade (pertencen-

te aos caualeiros da Ordem de Malta) mouida ao principio com o falso rumor de huns milagres fingidos pello autor das mentiras; era traordinario o concurso de toda aquella comarca, attrahidos pelo demonio com a isca da leuaçam (que até desta se sabe aproueitar pera seus diabolicos enganos) As ceremonias, com que o diabo tomava posse destes seus Romeiros, metem admiraçam, & causam horror; ao sahir da ermida, entre grandes apertos da gente, leuados de hum espirito phanatico, bradauam a grandes vozes: *Milagre, milagre*; & logo correndo, como gente alienada do juizo, se hiam a hum penedo, que como pedra de ceuar, com huma occulta violencia, os arrebataua a sy; & deitando se de costas sobre esta pedra, se lhes metia na alma o espirito arrepticio, & ficauam endemoninhados, & de todo ponto enfeitçados. Hia laurando este mal em toda a sorte de gente, assim homens, como mulheres, assim plebeyos, como nobres; que taes sam as traças do demonio, & os enganos dos homens, que chegam estes a querer ser endemoninhados, com tanto que tenham o parecer de milagrosos.

Acod. o P.
M. Simam
a hũ gran
de engano
do diabo
na cidade
de Sena.

10 Foy necessario ao summo Pastor acudir a esta horrenda contagiam, que hia inficionando suas ouelhas naquella illustre cidade, que adaua chea de endemoninhados, & nam menos de affombrados, pelo que viam em caso tam estranho, & nouidade tam estupenda, a que nam sabiam dar fahida: & pela muita confianca, que sua Sanctidade fazia do P. M. Simam, & do padre Paschasio Broeth, os escolheo pera hirem em missam a esta cidade; & esta foy a primeira missam em forma, que houue na Companhia; que nam he pequena gloria do P. M. Simam ser elle o primeiro missionario, que mandado pelo summo Pontifice abrio o caminho às gloriosas missoes, que tem feito no mudo, & vam fazendo os religiosos da Companhia. Esta da cidade de Sena succedeo quanto se podia de sejar: & pera lançarem fóra aquella diabolica supersticam, depois de muita oraçam, de muitas disciplinas, & depois de muitos jejuns (porque ha casta de demonios, como diz Christo Senhor nosso, ^d que se nam vencem, senam cõ estas armas) vieram a descubrir a raiz daquella grande contagiam; & logo usando dos exorcismos da Igreja contra os infestados daquella peste, & prégando contra os que se queriam deixar en-

^d
Matt. c. 17. n.
21. Hoc ge-
nus demonio-
rum nõ eijcitur
nisi in oratio-
ne, & ieiunio.

ganar; foy Deos nosso Senhor seruido que parou este grande mal, que hia inficionando os ares, & impèstando a gente.

11 Outro negocio encarregou tambem sua Sanctidade ao P. M. Simam, que foy a reformaçam de certo mosteiro de religiosas, que esquecidas do que deuiam á perfeicam de seu estado, & à clausura de sua religiam, tanto se desobrigauam desta, quanto se esqueciam daquella. Os padres neste caso [que nam podia deixar de ser muy trabalhoso, pois era negocio de freiras apaixonadas, & distrahidas] usaram de tanta destreza junta com tanta suauidade, que em breue tempo, todas com grande conformidade se accommodaram ao que o P. M. Simam lhes persuadio, & sua Sanctidade desejava: estimando todos, & louuando muito ver concluido com tanta quietaçam, & brandura hum negocio, o qual na opiniam dos homens parecia desconfiado; que na verdade mayores victorias se alcançam com brandura prudente, que com potencia violenta, como a Theodosio dizia o seu Panegirista.

12 Como o espirito do P. M. Simam era incansavel, & o desejo de ajudar o bem das almas era tam feruoroso, & como estaua em terra, aon le ha hũa muy celebre Vniuersidade,

Vay o P.
M. Simam
reformat
hũ mostei-
ro de frei-
ras.

^e
Claud. Paneg.
in Consul.
Theodosij.
Peragit tran-
quilla potestas
Quod violẽta
negat manda-
taque fortis
virget
Imperiosa
quies.

lia nella huma liçam da sagrada Escritura sobre as epistolas de S. Paulo, pera que á conta da curiosidade, com que pretendia perfeiçoar os entendimentos, viesse finalmente a lhes cõquistar as vontades dos ouuintes. Succedeo atraça tudo quãto se podia desejar; acodio grande numero de estudantes, os quaes estimando a doutrina do mestre, & muito mais o exemplo da pessoa, vinham ao Padre a se confessar, & a tratar muito de sua alma, viuendo como se fossem religiosos; & tomando os exercicios de nosso sancto Patriarcha, com grande proueito espiritual, muitos dos quaes entrãram depois na Cõpanhia, & se repartiram por outras sagradas religioes.

13 Notauel foy entre outras a conuersã de hum Sacerdote, que nesta cidade viuia com grande escandalo de todos; gastaua este a vida em cõpor comedias profanas; & nam se contentando com as escreuer em casa, as hia representar á praça; & como se prezaua de farsante, sahia muitas vezes ao theatro publico, representando taes figuras, & vestindo trajos tam indecentes, que se por huma parte ganhaua o nome de comediante, por outra, com o grande escãdalo, que daua, perdia a autoridade de Sacerdote. Este mouido com as prati-

cas do P. M. Simam, se veyo a confessar com elle gèralmente, & tomar os exercicios espirituales de nosso sancto Padre: foy tal a conuersã de este homem, que mouido do espirito do Senhor, se resolueo em dar satisfacã publicã, pois fora tam publico peccador; vestese de cilicio, cabeça descuberta, pès descalços, & com huma corda ao pescoço, entra na Igreja principal, sobese ao pulpito chorando, o que dantes entraua no theatro saltando; pede perdã a todos com gemidos, & suspiros sahidos do intimo do coraçã: abalouse grandemente o pouo com esta nouidade tam exemplar, & se dantes riam, agora chorauam, vendo tam mudado ao seu farsista; aceitam a satisfacã do passado, à vista do expectaculo presente; nam parou aqui este diuino fogo, metteose logo capucho, na religiã mais apertada do glorioso Patriarcha S. Francisco: confessando toda a sua vida que deuia ao P. M. Simam o bem, que possuia na religiã, & a saluaçã, que esperaua no paraíso.

14 Foy tanto o pezo do trabalho do P. M. Simam em Sena, que era bastante pera fazer ajoelhar a grandes Athlantes; veyo a adoecer grauemẽte, & se mudou a enfermidade em quartãs, que este foy o estipendio da missã, que leuou de

Por via do P. M. Simã mudou a vida hũ Sacerdote.

Adoece em Sena o P. M. Simam.

Anno de
Christo de
1540.

Sena a Roma, aonde foy chamado de nosso sancto Patriarcha, acodindo a toda a pressa pera a missam da India; & como se estiuessse muy valente, se partio logo pera Portugal, sem esta importuna febre o largar, atè que milagrosamente farou com a chegada do P.M. S.Frãcisco de Xauier, como logo cõtaremos.

15 Este foy o P.M. Simam até o tempo, em que o temos em Portugal; aonde procedeo sempre com raro exemplo de prudencia, de modestia, de zelo das almas, de penitencia, & de todas as mais virtudes, sendo sempre muy estimado, & muito amado de todos, assim seculares de fóra, como dos religiosos de casa, temperando (como S. Ieronymo^f diz de Nepociano) a grauidade da pessoa, com a alegria do rosto, como hiremos vèdo nos primeiros liuros desta Chronica, em que teremos muitas occasioens de referir parte de suas muitas, & muy heroicas virtudes. Agora nos voltemos a Roma pera trazermos a Portugal ao Padre S. Francisco de Xauier com o embaixador Dom Pedro Mascarenhas.

[?]

CAPITULO VII.

Da ditosa eleiçam do Padre S. Francisco de Xauier pera a India, & de sua vinda a Portugal.

I **N**Am sam os pensamentos diuinos (como dizia o Prophe-^a) conformes aos conselhos dos homens; nem se fazem coufas de grande importancia na terra sem particular predifiniçam do ceo. Os mais prudentes no mundo julgam huma cousa, mas Deos em seu diuino tribunal dispoem outra. Dos filhos de Isai, ^b nenhum menos representaua promessas de ser Rey, do que Dauid; porem a este, deixados os outros, escolheo Deos. Na eleiçam, que os Apostolos^c faziam entre os discipulos, pera hum delles ser cõtado no lugar, que Iudas perdeo: estando oppostos dous, dos quaes em hum parece que hauiam mais direito pera a dignidade, pois tinha o nome de justo, & as obras de sancto; com tudo a eleiçam diuina, & a sorte do ceo cahio sobre Mathias; pera que entendessemos, que semelhantes escolhas sam cõformes ao decreto de Deos, & nam segundo o conselho dos homẽs

Nada

^f Hier. ad Heliodorum de Nepotian. Grauitatẽ morum hilaritate frontis temperabat.

^a Isai. c. 55. p. 7. Non enim cogitationes meæ, cogitationes vestræ.

^b 1. Reg. c. 16. a n. 12.

^c Act. c. 1. n. 26. Et dederunt sortes, & cecidit sortis super Mathiã, & annumeratus est cū duodecim Apostolis.

Trata S.
Ignacio de
mãdar pe-
ra a In-
dia ao P.
Nicolaode
Bobadi-
lha.

Nada menos trataua S. Ignacio que de tirar de sy, & mandar pera a India a S. Francisco de Xauier; porẽ como esta celestial eleiçam estaua já predefiuida no eterno entendimento, as cousas se dispoleram de maneira, que logo mostrou como era em tudo decreto diuino. Foy o caso, que pera compañheiro do P. M. Simam pera a missam da India nomeou S. Ignacio ao Padre Nicolao de Bobadilha, que actualmente estaua na Calabria prouincia do Reyno de Napoles. Acodio logo a Roma o Padre, com desejos de se lhe nam dilatar tam grande bem, mas as forças do corpo nam andauam apar com os feruores de seu espirito; chegou tam debilitado, & fraco dos trabalhos da missam, penitencias, & rigores, com que todos se tratauam, que julgaram os medicos que punha em euidente perigo a vida, se em tal occasiam tratasse de se partir de Roma a Portugal. Pedia a enfermidade mais vagares, do que tinha, & daua o embaixador, que nem podia esperar pelo enfermo, nem queria sahir de Roma, sem o outro Padre concedido.

2 Assim hia a prouidencia diuina occasionando com a doença corporal de hum a saude e spiritual de tantos, por meyo de S. Francisco de Xauier, em

quem foy Deos seruido que coubesse esta ditosa forte, tam fora do que dantes o mesmo S. Ignacio imaginaua; porque, aẽle ter nomeado ao Padre Nicolao de Bobadilha, vendo as grandes partes, de que Deos sobre todos dotara a S. Francisco de Xauier, fazia já delle tanto cabedal, que o tinha por seu secretario mais intimo, & delle se aproueitaua nas cousas de mayor importancia. Com tudo mouido de huma interior luz o chamou, & nam foram necessarios grandes sermoens pera o persuadir a nauegaçam do Oriente, a conquista espiritual da Asia, a subita partida, & despedida de Roma; todas as eloquências se fecharam em estas breues palauras: *Irmam Francisco, esta jornada de Portugal, & da India cahe sobre vossos hombros; o embaixador está a pique; Bobadilha expedido por falta de saude, vos eleito pera seruiço de tanta gloria diuina: nam dá lugar o tempo pera mayores detenças: eu outros pensamentos tinha, mas os de Deos preualecem: o negocio todo he do ceo, & o vosso coraçam animoso pera os trabalhos, que vos esperam; aqui mostrai o feruor, que sempre em vós conhecemos; ainda que o embaixador de Portugal apressa a jornada; sey que vosso desejo se adianta; nam se dilata mais o tempo da partida, que pera tomar a bençam de sua Sanctidade, & começar o caminho com o embaixador: hede apos Deos, que vos tra-*

Nomea S.
Ignacio pe-
ra a In-
dia ao P.
S. Frãcis-
co de Xa-
uier.

Anno de
Christo de
1540.

34

Anno da
Companhia

I.

Accita o
P.S. Frã-
cisco de
Xavier cõ
grãde ale-
gria a jor-
nada pera
a India.

ma ao Oriente.

3 Ainda tinha na boca as palauras sancto Ignacio, & nam podia já deter as lagrimas de alegria nos olhos sam Francisco de Xavier: prostrase a seus pès, & tanto que lhe deram lugar o aluoroço, & jubilos, que tam alegre noua em sua alma causou, rendeo as graças a seu muy querido pay, pelo escolher pera tam gloriosa missam, tam conforme a seus antigos desejos, & celestial inclinaçam. Bastou aquelle breue aceno de S. Ignacio, pera se render aquelle generoso animo de S. Francisco de Xavier a huma empresa tam trabalhosa, que tinha por dauãte tam arduas difficuldades, como eram deixar patria, parentes, amigos, & entregarle á fortuna, & mudança de tempestuosos mares, de furiosos ventos, de espãtosos tufoens, de intemperança de climas, de barbaria de pouos, tam diferentes nos costumes, tam diuerfos nas cores, tam varios nas lingoas, & inclinaçoens, afogados na cegueira gentilica, & tam contrapostos às luzes do Euangelho & se ouermos de ponderar a multidam, & grandeza dos gloriosos successos, que este sancto obediente teue no Oriete, bem se pôde cuidar que todos foram frutos, que com grande abundancia de graça se merecêram naquella singular sojeiçam,

prompta, & cordeal obediencia, com que este apostolico missionario se consagrou à vontade diuina, explicada pelas breues palauras de seu sancto Patriarcha. E muito mais se acrecenta o preço, & valor desta prompta resignaçam, considerando que ainda neste tempo S. Ignacio nam era canonicamente eleito Preposito gèral da Companhia; porque esta obediencia do P.S. Francisco de Xavier succedeo em Março do anno de 1540. quando ainda a Companhia só tinha seu instituto approuado, *vixit vocis oraculo*; & sua confirmaçam foy em Setembro do mesmo anno; & a accitaçam de S. Ignacio em Preposito gèral da Companhia foi em o primeiro de Mayo de 1541.

4 Pera S. Francisco de Xavier coroar acçam tam generosa, o apresto, que fez pera sua partida, foy nam mudar cousa algũa da velha, & pobre roupa com que se cobria, contentandose com a remendar, & com tomar algũas breues horas, pera dar os vltimos abraços a seus irmãos, & se despedir de alguns amigos, que tinha em Roma. Porem a primeira visita foy ao sancto Padre Paulo III, pera lhe beijar o pè, & pedir sua sancta bençam. Recebeo o beatissimo Padre com particular affabilidade, como quem, com espirito de Pontifice summo, nelle

Da grãde
pressa, &
estremada
pobreza,
cõ que S.
Francisco
de Xavier
se pos ao
caminho.

enxergaua o muito, que Deos
posera de suas diuinas dadiuas
na pessoa, que tinha a seus pés.
Deolhe paternaes cõselhos en-
carecendo a obra, em que o Se-
nhor delle se queria feruir, &
agradecendolhe a vontade, cõ
que à imitaçam do Apostolo S.
Thome se hia sacrificar pera a
restauration da Igreja Orien-
tal. Vltimamente animandoo
lhe concedeo liberal muitas in-
dulgencias, & lãcou a bençã
& ainda que sua Sanctidade lhe
significou que o mandaua au-
torizado, & armado com as
graças, & priuilegios de Nũcio
apostolico do Oriente, nem o
tempo daua lugar pera a expe-
diçam do breue, nem sua San-
tidade queria se lhe entregasse,
senam por ordem do serenissi-
mo Rey.

o 5 Com este viatico de in-
dulgencias, & bençã aposto-
lica, & sò com seu breuiario de-
baixo do braço (amigo fiel de
sacerdotes deuotos) se partio o
dia seguinte o bemaumentado
Padre San Francisco de Xauier
com o embaixador Dom Pedro
Mascarenhas, tam desapegado
de todo o criado, quam bem sa-
bia pegarse sò com Deos: sem
querer outros apercebimentos
pera tantos milhares de legoas,
quantas aquelle dia começou,
porque foy a mais cõprida jor-
nada, que atè aquelle tempo sa-
bemos ser feita pela conuersam

das almas. Esta grande refig-
naçam, com que tam breuemẽ-
te se aprestou pera tam difficul-
tosa viagem, nos mostra a reue-
laçam, que o sancto tinha, do
muito que hauia de fazer, & pa-
decer na conuersam do mundo
Oriental; porque nam foy sò
huma, mas foram muitas as ve-
zes que destes gloriosos traba-
lhos teue antecipados correos;
pois estãdo em Italia dormin-
do em huma camara, tendo ali
por cõpanheiro ao Padre Dio-
go Laines, que foy o segundo
geral da Companhia, acordou
muitas vezes com grande fadi-
ga do riguroso trabalho, que
lhe daua hum Indio negro, &
muy pesado, que entre sonhoso
trazia em trabalhosa luta; que-
rẽdo Deos neste Indio represẽ-
tarlhe o Oriete, como lemos de
sam Paulo, a quem appareceo
tambem em sonhos a prouin-
cia de Macedonia, em figura de
hum mancebo, pedindo a sam
Paulo o ajudasse: & o que nam
lemos que fizesse no seu sonho
o Apostolo, fez dormindo Xa-
uier; porque tomando nos bra-
ços aquelle negro, & nelle to-
do o Oriente, lidando, & suando
com o peso, o leuaua às costas:
& quem assim trabalhaua pelos
Indios entam dormindo, muito
melhor o fez depois vigiando.
Outra vez em hum hospital de
Roma, em companhia do P. M.
Simam, lhe mostrou Deos os

*Alguns si-
naes, em q
Deos ti-
nha reue-
lado a S.
Francisco
de Xauier
a mi Sam
da India.*

*Act. 16. n 9
Visto per no-
sã Paulo ostẽ
si est, vir Ma-
cedo quidam
erat stans, &
deprecãs eũ.*

Anno de
Christo de
1540.

36

Anno da
Companhia
I. 01

mesmos trabalhos do Oriente, & acordou gritando, pedindo a Deos que fossem *mais, mais, mais*. O Padre Ieronymo Domenec, com quem teue grande amizade em Bolonha, testemnhaua delle ser frequentissimo em falar da gentilidade da India, como cousa, que lhe andaua muito no affecto, pera a desejar, & na lembrança, pera a suspirar. O que tudo nos dá mostras euidentes, que esta notauel eleiçam do nouo Apostolo do Oriente, além de ser na eternidade decretada, lhe foy a elle em tempo reuelada.

6 Partio o embaixador de Roma com tam sancta companhia, que pera todos foy de grande satisfação, & proueito, pelos varios, & milagrosos casos, que no caminho succederã. Nam perdeu o Padre em tam compridas jornadas tempo algum de sua contemplaçam, nẽ deixou exercicio algum de deuaçam; assim caminhaua pelas estradas, como se estiuera no mais retirado recolhimento do deserto. Nam faltou aos companheiros, & criados do embaixador em cousa algũa, que lhe podesse ser de proueito temporal, ou seruir de edificaçam religiosa. Ao secretario do embaixador liurou no meyo dos Alpes de hum euidente perigo, porque cahindo de huma rocha talhada, sobre hum monte de

neue, o sancto Padre o tirou per sua pessoa, arriscando a vida propria, por dar remedio á alhea; & pondo em saluo em lugar seguro ao que já se daua por enterrado em sepultura de neuẽ. A outro liurou da violẽcia da agoa, com que hum rio impetuoso furiosamente o leuaua já vencido da força da corrente.

7 Ao terceiro acodio o S. Padre, liurandoo tambem da morte, em que per huma paixão se hia precipitar, porque leuado do impeto da colera, que o cegaua, mais que da pressa do caualo em que corria, descahio de hum precipicio, rodãdo per huma rocha abaixo, & caindo o caualo com tal furia na raiz do monte, que logo se fez em pedaços. Tinha o Padre Francisco dãtemam, como quempreuia o caso, pedido, contra seu costume, huma boa caualgadura, & a toda a pressa vinha seguindo ao que hia dar no despenhadeiro. Apease logo, achao já sem fala, dando todos por morto, porque a queda isso demandaua. Tomao o sancto nos braços, falo tornar em si (que nam podia perder-se quem em taes braços se achaua) & fazendo deste successo negocio, & grangearia, lhe pergunta amigavelmente: *Que fora de vós, senhor, se aonde acabou o caualo, tomara a morte ao caualheiro?*

Alguns casos milagrosos que succederã por meyo do P. S. Francisco de Xavier na vinda de Roma.

e
Ad. c. 9. n. 6.

Seu grã-
de desape-
gamento
de paren-
tes.

f
Luc. 14. n. 26.
Si quis venit
ad me, & non
odit patrē suū
& matrē, &c.

Que fora se assim passáreis á outra vida, sem nesta ter feito penitencia da queda espiritual, que vos causou esta corporal? Rêdido o canaleiro (como outro Saulo ^e á voz de Christo vêcedor) deo as graças ao P. pela vida do corpo, q̄ lhe deuia, & pela faude da alma, que dali por diante lhe prometia, confessando-se com o sancto, arrependê-dose do passado; & protestando que milagrosamente alcançara, per sua intercessam, nam menos a vida do corpo, que a faude da consciencia.

8 Com ser tam feruorosa a charidade do sãcto caminhã-te, pera acodir ao remedio dos estranhos, foy igoyal o desapegamento, com que tratou seus parentes: passando já de Frãça pera Hespanha os Pyrinèos, & sê-do a estrada do embaixador por Nauarra, junto à famosa cidade de Pamplona, patria sua, estando nesta cidade D. Maria d'Azpilcoèta, & de Xauier sua mãy, seu irman, & seus parentes, que hauia annos nam vira; pediolhe muito o embaixador, (como tã cortesam, & tã benigno) que quizesse visitar aquelles senhores, pois era bẽ certo, q̄ nã teria neste mũdo outra occasiã: porẽ como o S. P. seguia neste particular outra mais nobre philosophia, que o ensinava, como Christo S.N. ^f dizia, a ter odio a sua propria mãy, nam foy possível acabar cõ elle q̄ a visitasse,

satisfazêdo cõ rara brãdura, & sãtos deydês à opiniã, & ainda ao escãdalo, q̄ algũs poderiã ter de sua abnegaçam, & secura.

9 Admiado vinha o embaixador cõ as coufas milagrosas q̄ via, & notava neste seu sancto cõpanheiro, alcançando com a viveza de seu engenho, & madureza de seu grande juizo (de que Deos liberalmente o tinha dotado) os raros talentos de S. Francisco de Xauier, como quẽ com tanta familiaridade o tratava, em tam comprido caminho. E sentindo a dilaçam de chegar a Lisboa, logo despachou hum correo ao serenissimo Rey com cartas, dandolhe novas de quam contente vinha, pera apresentar a sua Alteza aquellas illustres primicias de gente noua no seruiço de Deos, mas do antigo espirito dos Apostolos, qual sem duvida era seu companheiro o P. Frãcisco de Xauier; & que mais cõtente vinha com este sò, do que se trouxesse outros muitos milhares. Com estas boas novas, que lhe escreuia o embaixador, & cõ outras, que a famã já dãtes voando lhe offereceo, esperaua elRey cõ grãde alvoroço pela chegada do embaixador cõ o P. Frãcisco; muito mayor era o desejo do P. de chegar cõ tẽpo a Lisboa, pera alcançar as naos da viagẽ da India, por nã perder a cõjunçam, pera se partir logo

D
aquelle

Anno de
Christo de
1540.

38

Anno da
Companhia
I.

aquelle anno, como em effeito perdeo, posto que nesta perda, como logo veremos, ganhou muito Portugal.

CAPITULO VIII.
*Chega a Lisboa o P. S. Frã-
cisco de Xavier, dà saude ao
P. M. Simam, vam ambos vi-
sitar a sua Alteza.*

TRes mezes auia que o P. M. Simam, na corte de Portugal, esperaua pelo P. M. Frãcisco de Xavier, lidando sempre nam menos cõ a molestia da quartã, qõ affligia, qõ cõ os exercicios da virtude, qõ o recreauã: eis que estando temendo a quartã, por ser aquelle o seu dia, chega a Lisboa e 17. de Abril de 1540. o P. M. Frãcisco de Xavier; vayse logo ao hospital a visitar seu antigo cõpanheiro, na hora, e que a quartã visitaua a seu enfermo. Derãse apertados, & cordeaes abraços, cõ tal aluoroço, & repõtina alegria, que como se o P. M. Simam cuidãra que o abraçaua hũ espirito superior de hũ Anjo S. Raphael, vindo do ceo pera medicina de seu achaque, assim bastou aquella vista, & charitatioo comprimento, pera o aluiar de maneira da quartã, que nunca mais lhe tornou; que bẽ era que os bons, & milagrosos effeitos, que os companheiros do sancto Padre Francisco sen-

S. Frãcisco de Xavier dà saude ao P. M. Simam.

tiram na jornada de Roma, experimentasse este seu querido irmam, na chegada a Lisboa; & entendeffemos que nam tinha menos virtude pera acodir aos estranhos, que graça pera farar aos amigos.

2 Deixou o serenissimo Rey descansar por espaço de tres dias ao nosso caminhante, pera que podesse lograr com o P. M. Simam das affectuosas lembranças, que lhe trazia de seu muy querido P. S. Ignacio; & pera saber o P. M. Simam em que estado ficauã as cousas da Cõpanhia; como pera S. Frãcisco de Xavier saber do P. M. Simã a disposiçã das cousas, qõ tinha achado e Portugal. Acabados estes tres dias, mãdou el Rey chamar ambos os Padres ao paço: entrãram nelle os dous seruos de Deos, leuãdo apos sy os olhos dos mais illustres da corte, qõ acõpanhauã a pessoa real, & tinhã por gram nouidade ver a dous homens, que mais represẽtauã trazer sobre sy, & por dẽtro de suas almas o cilicio da mortificaçã, & abnegaçã, qõ outro algũ trajo, por abrigo de seus corpos: tal era o habito de sua modestia, tal a religiosa composiçã, cõ que entrãram pelas salas do paço, qõ em todas suas acçoẽs se enxergaua, que mais as meneaua, & regia hum superior mouimẽto do espirito, que outrã inclinaçã, ou affecto da natureza.

Vam falar cõ el Rey o P. S. Frãcisco de Xavier, e o P. M. Simam.

Da mu-
ta affabi-
lidade, cõ
que foram
recebidos
delRey.

3 Tanto que o serenissimo Rey teue vista dos Padres, parece que logo se encheo de hũa noua, & certa esperãça, q̃ por elles hauia de mãdar outro nouo Oriẽte de luz do ceo aos pouos do mũdo oriẽtal. Foy notauel a beneuolẽcia, & muy grãde o prazer, & rara a satisfaçam, q̃ o Rey mostrou dos hospedes tam desejados. Passados os primeiros cõprimentos, entraram logo os serenissimos Rey, & Rainha em muy particular, & miuda cõuersaçã cõ os Padres; pregũtarãlhe algũas cousas, q̃ muito gostauã de ouuir, da origẽ da Cõpanhia, como se vniram entre sy, sendo de tã varias naçoẽs; cõ que me-yos os leuãra S. Ignacio a seguirem seus cõselhos? que rezam dauam os que por tantas vezes os perseguiam? que sentiam em suas almas de fauores diuinos, quãdo se viam tã mal tratados pelos homẽs? Tudo isto pergũtauam cõ muy paternal affabilidade, & aceitauam suas repostas cõ agradauel satisfaçam. E cõ a mesma confiança, & particular fauor lhes fez elRey a elles outra relaçam de suas cousas, do gouerno de sua casa, & corte, do fim de suas conquistas, do numero de seus filhos; contando, & nomeãdo os mortos, & fazendolhe ali vir os que tinham viuos, que era o Principe D. Ioam, & a Infanta D. Maria, Princesa, q̃ dahi a tres annos

foy dos Reynos de Castella. A este tam insigne, & real fauor acrecentou muitos outros, & em particular hũ muy notauel, por q̃ como se ẽ espirito adiuinhasse q̃ entraua a Cõpanhia nestes Reynos, pera ensinar as letras, & virtudes, em especial aos de menor idade, lhes encomendou logo, que em quanto tardaua o tẽpo da nauegaçam pera a India, tomassẽ muito a seu cargo o cuidado dos moços fidalgos, q̃ trazia ẽ seu paço, pera q̃ os doutrinaassẽ nos bõs costumes, & os instruisassẽ em toda christãdade.

4 Grande foy a consolaçam dos Padres, quãdo viram que na primeira pratica, que ambos tiueram cõ hũ tam poderoso Rey acharam o caminho tã aberto, & o fauor tã facil, & a põto, pera tudo o que cõprisse ao seruiço diuino, pois nam só trataua de os mãdar pera a India o anno seguinte, mas jã fazia delles tã particular cõfiança, que logo lhes entregaua a criaçam, & bõ ensino de tantos mininos illustres, & moços fidalgos, q̃ entam trazia ẽ seu paço, q̃ nam erã tã poucos, que nam diga Orlandino, * *Centũ ferẽ numero erant adotesçetes, latissima spes Lusitani Regni*, q̃ erã quasi hũ cẽto de moços fidalgos, nos quaes estaua a flor do Reyno, & as mais bẽ libradas esperãças de tudo o q̃ tã florente Imperio podia ao diãte prometter. Os Padres muy agradecidos

Entrega
elRey aos
dous Pa-
dres a cria-
çam dos
moços fi-
dalgos.

^a
Orland. lib. 2.
103

... de
... de
540.

beijaram a mam a sua Alteza, aceitãdo a obrigaçam, que lhes punha, que sempre toy continuando nos da Companhia (atè o tempo del Rey D. Sebastiam, no qual os companheiros do Padre Mauricio, seu confessor tinham à sua conta doutrinar os moços illustres, que no paço seruiam as pessoas reaes) mostrando o prudentissimo Rey, quanto monta ao diante a boa criação dos mais nobres: porque de ordinario os procedimẽtos desconcertados dos que sam maiores, & mais illustres, sam de grandes perdas, & de mayores danos nas republicas aos de menor condiçam: que o descuido, & erro do marinheiro nam faz tanto mal aos nauegantes; o erro do piloto, & o descuido do mestre traz naufragios aos passageiros, & causa danos na fazenda, & perdas na vida. E por isso com rezam o grande padre sam Ioam Chrysofostomo^b achaua. que as culpas dos homens vulgares andauam às escuras, & que a elles sòs offendiam; porem o erro do mais illustre he dano commum, que a todos faz mal: & a essa cõta disse Cassiodoro, que os peccados dos nobres leuam consigo a luz pera serem vistos: & o outro sabio^d aduertio no seu Panegyrico ao Emperador Honorio, que soubesse de certo, q nam hauia lugar escondido pe-

ra vicio de pessoa real.
5. Sahiram finalmente os Padres da vista do Rey, & da presença dos cortesãos: tratou logo o aposentador mór de os leuar pera as casas, que por parte de sua Alteza estauam tomadas; & se deo ordem pera serem agasalhados com a largueza, que pedia a liberalidade do Rey, & a muita merce, que lhe viram fazer aos Padres. Porem como o Padre mestre Simam tinha sua morada no hospital, & nelle estaua já recolhido o Padre mestre Francisco nos tres dias antecedentes, logo do paço dos Estãos (aonde entam pousaua el Rey, & agora está o tribunal do sancto officio) se foram direitos ao hospital de todos os Sanctos (insigne aposento de pobres, & enfermeria de doentes, que está no mesmo rocio) nam bastando nenhuma diligencia das muitas, que se fizeram, pera se mudarem de seu sancto proposito, rogando com todo o affecto da alma aos ministros del Rey, que nam quizeessem que a real grandeza de sua Alteza encontrasse o humilde trato de suas pessoas.

[?]

^b Chrysof. lib. 3. de sacerdotio. Na vulgatum h. c. ma. deic. ra velut in tenebris comissa aurores suos solū perdūt, oz terū hominis illustis delictū cōmune omnibus damnum affert.

^c Cassiod. lib. 5. Epist. Claras enim suas maculas reddūt, si illi, ad quos multū respiciunt, aliqua reprehensione ordesunt.

^d Claud. Paneg. in 4. Confultu Honorij. Nec posse dari regalibus v. quā secreta virijs.

CAPITVLO IX.

Como os dous Padres S. Frã-
cisco de Xavier, & M. Simã,
procederam em Lisboa, aonde
lhes puseram o nome de
Apostolos.

Como se
occuparã
na salua-
çam dos
proxim os
em Lisboa

I **A** Dilaçam da viagẽ pe-
ra a India, & a saude
recobrada pelo P.M.
Simã [por intercessam de seu sã-
cto cōpanheiro] habilitaram aos
dous Padres, pera cõ a graça di-
uina se empregare na saluaçam
dos proximos em Lisboa, na for-
ma q̃ tinhã guardado e Bolonha,
em Roma, & nas mais partes de
Italia. Acodiam cõ toda a dili-
gencia ao bõ ensino, & criaçã
daquelles mininos fidalgos, q̃
era a flor, & esperança do Reyno,
q̃ el Rey lhes tinha entregado,
nam perdoando a nenhum tra-
balho, pera alcançarẽ hum fim
tam desejado: ouuiamnos a to-
dos de cõfissam cada festa feira,
dãdolhes no mesmo dia o sanc-
tissimo Sacramẽto da Eucharis-
tia: andauam tam reformados
que pareciam hũs religiosos: &
pouco a pouco foy laurando es-
te celestial fogo, & ateouse tan-
to, que, apos os de menos idade,
vierã seus mesmos pays, & mui-
tos grãdes do Reyno, enuejãdo
aos filhos tam grãde bẽ: tomã-
ram muitos delles os exercicios
espirituaes, fizeram cõfissoes gẽ-
raes, & deram volta à vida: com

tam notauéis mudanças, que o
mesmo Rey foy considerando
como Deos hia dispõdo, & fauo-
recẽdo a cidade de Lisboa por
meyo destes seus nouos hospe-
des. Iã se via no paço, na corte,
& em todo o pouo, e a frequẽ-
cia dos diuinos Sacramentos da
cõfissam, & cõmunham, como
se anticipara a quaresma, & mu-
dara o costume do tẽpo passa-
do, porq̃ dãtes sõ pela quaresma
se viã fazer cõfissoes, & se acod-
dia a receber o sanctissimo Sa-
cramento da Eucharistia; como
se nam estiuesse Deos a todo o
tempo com os braços abertos,
& com a mesa posta.

2 Velauã estes dous sanctos
cōpanheiros boa parte da noi-
te, gastãdo o tẽpo em oraçã, & e-
liçam de liuros spirituaes, & a
menor parte dauã ao sono, de q̃
andauã bẽ faltos. Logo de ma-
drugada diziã sua missa, prece-
dẽdo às obras exteriores a dispo-
siçã interior da alma, cõ a ora-
çã, & obrigaçoes do diuino offi-
cio. Nas primeiras horas do dia,
como estauã no hospital, visita-
uã os seus doẽtes, por lhes ficare
mais perto, seruindo, & cõsolãdo
a todos, procurandolhe o reme-
dio corporal, & espiritual, aliuiã-
do cõ seu trabalho aos proprios
enfermeiros, no que lhes costu-
ma ser mais penoso. Sua occupa-
çam apos isto, era tratar cõ to-
la a sorte de gẽte, pera os leuar
Deos, tẽdo sẽpre a porta aberta

Como ga-
stauam a
noite com
Deos, & o
dia cõ os
proximos.

Anno de
Christo de
1540.

42

Anno da
Companhia
I.

pera todos osque delles se queriam ajudar na confissam, no conselho, & no remedio de seus trabalhos. Visitauam os carcere- res, procurauam liberdade á- quelles principalméte que mais estauam presos por pobreza, que por culpas, prérgauam com grande zelo, & ensinauam em toda a parte a doutrina aos mi- ninos.

3 Com este modo de vi- da, & obras de tanta edificaçã, & particularmente com a mui- ta modestia, & composiçam ex- terior, com que falauam, & an- dauam pelas ruas de Lisboa, quando sahiam fóra do hospi- tal, em breue correo a fama por toda a cidade, & sahio pelo Reyno, publicando a virtude, & singular exemplo dos Pa- dres; de maneira que todos os tinham por sanctos, & por ho- mens vindos do ceo; & como he proprio do amor, ou odio a- crecentar, ou diminuir, a muita beneuolencia que os Padres ti- nham ganhado com todos, & a muita opiniam de seu bom pro- cedimento, foy causa de á volta da verdade, andar entam na b- ca do pouo hum, que cha- mauam milagre, que era dizer- se que passaram o Tejo a pé enxuto, sem hauer mais funda- mento que a grande reputaçam de sanctidade em quẽ os tinhã, & a muita affeiçam que lhes ga- nharam, que os fazia sahir com

este excessõ, crendo que já ti- nham feito o que cuidauam po- deriam fazer.

4 A este mesmo affecto, & grande opiniam, que conce- beram destes dous Padres, de- uemos a muita honra com que falauam de nós, & o nome que lhes poseram neste mesmo an- no de 1540. dizendo que eram os Padres huns Apostolos; & até hoje nos authorizam em Portugal, & suas conquistas cõ este glorioso appellido. Disse S. Ambrosio, ^a que foy graça par- ticular que Deos concedeo ao pouo de Israel, que soubesse co- nhecer, & discernir quaes eram os verdadeiros prophetas; eu nam tenho a auctoridade de S. Ambrosio pera dizer que o pouo de Lisboa tinha esta graça de Deos, pera saber qualificar quaes eram os verdadeiros A- postolos: sómente posso affir- mar, que foi beneficio muy par- ticular, que deuemos ao pouo Lisboês, pois entre tantos reli- giosos mais antigos, que por vẽ- tura melhor mereciam este ti- tulo, sò aos da Companhia au- thorizaram com a prerogatiua de Apostolos. Bem vejo que no- me de tanta excellencia pedia mais consideraçam, que a que costuma ter o pouo em seme- lhantes aplausos; pois o mesmo Christo ^b pera eleger doze, que fossem Apostolos, se retirou a hum monte, & depois de gastar

Em Lisboa
chamã A-
postolos
aos Pa-
dres Sam
Francisco
de Xauier
& M. Si-
mam.

^a
Ambr. super
Luc. in princ.
Erat populi
gratia discer-
nere spiritus,
vt cognosce-
ret quos refer-
re debebat in
numero pro-
phetarum.

^b
Luc. c. 6. n. 15.
Elegit duode-
cim ex eis,
quos, & Apo-
stolos nomi-
nauit.

a noite toda em oraçam, & cõsideraçam de nome tam grandioso, escolheo tam poucos. Porem o pouo de Lisboa sem mais conselho que o que lhe ditaua o affecto, naquelles dous Padres, nos chamou Apostolos a todos os da Companhia.

O mesmo
Rey chamou
Apostolos aos
dous Pa-
dres.

5 Bem he verdade, que tambem sahio acreditado este feruor do pouo com a authoridade do Rey, porque estando elle a huma janela de seus paços com o Marques de Villa real Dom Pedro de Meneses, acertaram de passar os dous Padres S. Francisco de Xauier, & o P. M. Simam, com tal modestia, & recolhimento, pobreza, & humildade de suas pessoas, que nam se pode ter elRey, tratando de cousas tanto suas, que nam disse ao Marquès, *Que vos parecem estes homens?* Respondeo ò Marquès, como que era, em grande abonaçam dos Padres; tornou elRey, *Amim, vos digo, que me parecem huns Apostolos.* Desta nomeaçam real, que pelo bom animo do Marquès, nam ficou em segredo, começou, ou continuou o pouo de Lisboa chamandonos Apostolos; & dahi correo por todo o Reyno de Portugal a honra do titulo tam honrado: essa força tem as palauras de hum Rey, que ainda ditas a caso, feruem muitas vezes de ley; &

esta perseuerança tem os nomes postos por hum grande Principe, como vemos succedeo a Adam^o primeiro Monarcha do mundo, elle foy o que pos os nomes a todos os animaes, & acertou tanto com elles, que testifica a Escritura, que estes sam os seus verdadeiros nomes.

6 Este nome tam authorizado, que entam nos chamou o magnifico Rey, nos dura ainda no tempo presente; & posto que o sabemos agradecer, nam o podemos merecer (pois atè aquelle^d q por anthonomasia he o Apostolo, dizia que era indigno de tal honra) antes nem temos direito pera o deuermos aceitar; porque o nosso nome he o que nos deo sãcto Ignacio fundador da Companhia, inspirado pelo ceo, cõfirmado pelos summos Põtifices, & abornado pelo sagrado Cõcilio Tridentino, chamandonos da Companhia de IESV. Mas ou fosse o Rey, ou o pouo o autor deste nome, de qualquer maneira que isto passasse, assim como reconhecemos o pouo que merecemos tam glorioso appellido, assim entendemos o muito a que nos obriga prerogativa tão soberana. Nomes grandes trazẽ consigo grandes encargos, & grandes obrigaçoes, *Et nomen infirma onerosa sunt,* disse S. Chrysoftomo, o que se chama

I.
Gen. c. 2 n. 19
Omne quod
vocauit Adam
animz viuẽris
ipsum est no-
men eius.

d
1: ad Cor. c. 15
n. 9. Qui non
sum dignus
vocari Apосто-
us.

e
Vide Bullar.
societ. p. 39.
Frid. Iess. 25.
de Reg. c. 16.

f
Chrysol. hom.
31. epist. ad
Roman.

Anno de
Christo de
1540.

44

Anno da
Companhia
I.

Plur. in Apo-
pht. Alex. Fac
facinus nomi-
ne, quod geris
dignum.

capitam famoso, tem obriga-
çam de fazer obras famosas, &
aumentajadas facçoens: pouco
montam nomes fantasticos, se
nam ha obras verdadeiras. En-
controu Alexandre s Magno
com hum soldado, perguntou-
lhe como se chamaua? Respon-
deo, que tambem se chamaua
Alexandre: *Ide*, lhe disse o ge-
neroso Rey, *o fazey façanhas*
dignas de tal nome: assim tambem
deuemos de entender os da
Companhia, que com o titulo
de Apostolos, que nos deo o fa-
uor do Rey, & o applauso do
pouo, nos corre precisa obriga-
çam de fazer obras, com que
possamos autorizar o nome, &
corresponder à obrigaçam de
seus apostolicos empenhos; imi-
tando os raros exemplos da-
quelles dous excellentes varoës
S. Francisco de Xauier, & Pa-
dre mestre Simam, que pois
por elles nos veyo a honra do
nome glorioso, por nós tenha-
mos a imitação das obras san-
ctas.

CAPITULO X.

*Trata elRey da confirmaçam
da Companhia, recebese em
Portugal o primeiro nouico.
Po emse em conselho de es-
tado a ida dos Padres
pera a India.*

I **O**Vtra mayor obriga-
çam temos a este
benignissimo Princi-
pe, por outra merce, que nos
fez, em que mostrou quam so-
lidos, & verdadeiros eram seus
reaes desejos de sahirem a luz
effectiuamente os ditosos prin-
cipios da Companhia, nam sò
em Portugal, aonde já nos ti-
nha, mas no mundo todo, aon-
de nos delezaua; porque experi-
mentando nestes dous Padres
o muito, que sêdo muitos pode-
riam obrar estes seus nouos A-
postolos em bem das almas; &
crescêdo cada dia nelle o amor
a seu instituto, com a grande o-
piniam, que tinha de seu sancto
fundador; com hum incansuel
cuidado solicitou ao Papa Pau-
lo III. pera o que mais impor-
taua á Companhia, que era sua
aprouaçam, & confirmaçam
apostolica. Pera sahir melhor
com tam sanctos intentos, es-
creueo ao Emperador Carlos
V. (seu cunhado por duas vias)
& ao Rey de França Francisco
de Valois, seu grande amigo,
pera todos tres com apertadas
instancias procurarem este bõ
despacho, diante de sua Sancti-
dade. De ambos estes poten-
tados, & monarchas supremos
da Christandade, se valeo elRey
pera socorro das rogatiuas, &
supplicas, que fazia diante do
summo Põtifice, pera procurar
hum bem tam grande, como

*Diligen-
cias, que
fez elRey
D. Ioam o
III. pela
confirma-
çam da Co-
panhia.*

Anno de
Christo de
1540.

Anno da
Cõpanhia
I.

he o que veyo ao mundo todo pela fundaçam da Companhia: & quis apontar isto aqui, assim porque o calãram alguns nossos historiadores, como pera que entendamos os da Companhia toda, quantas sam as obrigaçoens, que temos a este grande Rey, pois tanto de sua parte procurou que sua Sanctidade deferisse às sanctas pretçoens, & continuas lagrimas de nosso sancto fundador, em obra tam gloriosa, como foy a confirmaçam da Companhia; que finalmente se veyo a concluir em 27 de Setembro do mesmo anno de 1540. E pera suprema cabeça, & prelado desta sancta religiam, por votos de todos, foy eleito o mesmo S. Ignacio; de quam aceita foy esta eleiçam a todos, tam pezada pera si a sentio o sancto Padre, fazendo notaueis diligências por se escusar de gouernar huma religiam tanto sua, como na sua vida^a se conta.

2 b Em quanto o serenissimo Rey Dom Ioam com suas cartas, & valias procuraua a confirmaçam da Companhia; & os dous Padres sam Francisco de Xauier, & mestre Simam continuauam na forma de viuer, que apontamos, cultiuando aquelle grande campo da cidade de Lisboa: entre o muito fruto que se colheo, tambem recolhêram as primicias da Cõ-

panhia neste Reyno, este foy o Padre mestre Gonçalo de Medeiros, homem nobre, & muito bom letrado, natural da villa de Meijam frio, junto ao rio Douro, da parte da prouincia dentre Douro & Minho, o qual era irmam de Francisco de Medeiros, escriuam da casa da India, muito conhecido, & estimado na corte por suas boas partes, & grande intelligencia nas coufas da fazenda real, a quem sua Alteza fizera merce de metter a seu irmam Gonçalo de Medeiros em o numero dos q; á conta de sua real fazenda, eram eleitos pera irem estudar a Paris; aonde continuaua no tempo, em que sancto Ignacio com seus companheiros dauam a todos tam grande exemplo: & logo entam teue elle os primeiros rebates do ceo, pera deixar o mundo, & seguir as pizadas de tam bons condiscipulos. Ouio a caso a hum prégador, & sahio tam conuertido, que logo mudou de vida; vestiose de hum aspero cilicio, & começou a viuer em grande penitência, & austeridade. Porem parece que o inferno todo se conjurou contra o pobre mancebo, experimentando bem o que diz o Espirito sancto, b quando encomenda ao que se chega a Deos, que apparelhe sua alma pera as tentaçoens. Por mais que se disciplinaua, por mais

O P. M.
Gõçalo de
Medeiros
foy o primeiro que
entrou na
Cõpanhia
nesta Prouincia.

b
Eccles. c. 2. n.
1. Fili accendens ad feruitutē Dei preparat animam tuam ad temptationem.

^a
Orland. lib. 3.
n. 8. Maff. lib.
2. c. 20.

Anno de
Christo de
1540.

46

Anno da
Companhia
I.

jejuns, que continuava, passando dias inteiros sem comer, tanto mais o perseguia huma rija bateria de tentações. Bradava continuamente a Deos, pedindo-lhe misericordia, gemia, chorava, & suspirava. Mas o Senhor, que lhe dava graça para vencer, para seu mayor merecimento o deixava peleijar.

3 Lidando Gonçalo de Medeiros com estas impetuosas ondas, & quasi çoçobrado da tormenta, entrou em hũa grande desconfiança de sua salvação. Estando neste mayor aperto lhe acodio o Senhor por meyo de hum Anjo, o qual achando chorando em oração, & em amorosas queixas com Deos [como aconteceu a sancto Antam, ° quando bradando pelo bom IESV, que imaginava que estava ausente, o achou presente] com huma resplandecente luz o alegrou, com sua vista celestial o consolou, & muito mais com a ditosa nova, que da parte de Deos lhe trouxe, dizendo-lhe estas palauras latinas, *Confide, tu saluus eris.* Logo desaparecco de sua alma aquelle espeso neuoero, com que se lhe representauam cubertos os caminhos da salvação; & com novas luzes do ceo continuou o caminho começado; & quem nam se alentaria com tam extraordinario fauor, que chegasse a ter reuelação de hum se-

greto, que se tratou na eternidade em conselho de estado das tres diuinas pessoas: fazendo-lhe a elle certo, & infalliuel o que pera todos he incerto, & duuidoso.

4 Acabados seus estudos, se tornou a Portugal, & estando em Lisboa conheceo a fam Francisco de Xauier, & ao Padre M. Simam, lembrando-se do tempo, em que os vira na Vniuersidade de Paris, & notou o raro exemplo, que dauam; & persuadindo-se que com taes companheiros acharia o caminho por onde hauia de alcançar o effeito de sua predestinação, denunciada pelo Anjo, se resolveo de seguir as pizadas de S. Francisco de Xauier, & do Padre M. Simam Rodrigues. Leuado deste sancto feruor pediu aos Padres que o recolhessem na Companhia; & depois de admittido, bem prouou com sua vida Angelica em Lisboa, que fora certa a promessa do Anjo em Paris. E assim hia a diuina prouidencia dispondo as cousas, para que hido o Padre Xauier para a India, ficasse com companheiro o P. M. Simam em Portugal. Foy este Padre homem de muy assinalada virtude; foy muito bom letrado, & tam insigne Theologo, & affeiçãoado á doutrina do Angelico D. S. Thomas; que sabia de cor as suas partes da summa The-

logica,

logica; procurando nam menos estudalo com cuidado, que imitalo com perfeiçam. De sua vida, & coufas mais notauéis falaremos ao diante no anno em que Deos foy seruido de lhe cumprir, por effeito, o que do Anjo tinha ouuido, por promessa.

5 Confirmada pois a Cõpanhia em Roma (ainda que com certo limite até sessenta professos, a que chamamos de profissam solenne de quatro votos) & vendo o serenissimo Rey a grande satisfaçam, que della hauia em Portugal, entrou em pensamentos de ser elle o primeiro, que nos desse morada, & edificasse hum grande collegio, que fosse hum nobre seminario, em que se criassem muitos sogeitos, pera reformaçam dos costumes em Portugal, & conuersam dos gentios em a India: com tal resoluçam entraram estes cuidados no real peito, que hum dia falando sobre esta materia com D. Pedro Mascarenhas (que trouxera de Roma ao P.M. Francisco, & que nos era affeioadissimo) lhe disse, que de muy boa vontade admitiria em seus Reynos a todos os da Companhia, ainda que lhe custasse muito de suas rendas; tomou azas este real pensamento com a grande approuaçam, que achou neste illusterrissimo fidalgo. Chegou se

neste comenos o inverno, & partiose sua Alteza á villa de Almeirim, defronte de Sanctarem (segundo o antigo costume dos senhores Reys de Portugal) & nam quiz, nem por aquelle tempo, perder de sua villa aos seus Apostolos: leuou os consigo, & mandou os agasalhar em humas casas visinhas à horta do paço, aonde, andando o tempo, el Rey D. Sebastiam [herdeiro nam menos do Reyno, que da piedade del Rey D. Ioam seu avo] em memoria destes dous sanctos varoões, ordenou que se accõmodassem melhore estas casas com Igreja, & alguns aposentos, pera os nossos Padres, que, por ordem sua, seguiam a corte, aos quaes tinha por seus confessores, & por seus mestres. Quatro Padres da Companhia se acharam já neste tempo em Almeirim, a saber o P. M. Sam Francisco de Xauier, o P. M. Simam Rodrigues, o Padre Paulo Camerte, & o P. M. Gonçalo de Medeiros, que receberam em Lisboa: hiam todos os dias a dizer missa a huma ermida da inuocaçam de S. Roque, começando já o sancto a fauorecer em Almeirim aos que tambem hauia de agasalhar em Lisboa. Exercitaram os Padres os mesmos bons officios, & cõ o mesmo calor em Almeirim pelo inverno, como os tinham obrado em Lisboa pelo verão

Vamos os Padres com el Rey a Almeirim, e como ali passaram.

Trata el Rey de fundar hum Collegio á Cõpanhia.

Anno de
Christo de
1540.

48

Chronica da Companhia de Iesú em Portugal.

Anno da
Companhia
I.

6 Hia porem passando o inverno, & apontando a primavera, & com ella ferviam na corte os Indiaticos com suas pretensoens, & despachos pera a India; os mais sollicitos requerentes eram os Padres, pretendendo os trabalhos da missam do Oriente, com mayores ansias, do que outros negociavam a fortaleza de Sofala, & a capitania de Ormuz. Apertavam os Padres por haver delRey esta licença, mas nam achavam nelle a pressa pera os mandar pera a India, conforme a diligencia, com que os tinha feito vir de Roma; a causa disto foy por lhe estar tam affeçoado oRey, & o pouo, pela plenaria satisfacçam que delles havia, que nam queriam largar pera tam longe aquelles de quem tanta satisfacçam recebiam, tendoos mais perto. Instavam os Padres pela hida, apertava o povo que ficassem. Pera sua Alteza acodir às instancias de huns, & aos rogos dos outros, poz o negocio em conselho d'estado, no qual se tratou, se reteria os Padres no Reyno, pera melhoramento de seus vassallos, ou se os deixaria embarcar, pera conversam dos Gentios?

O que se tratou em conselho de estado sobre a hida dos padres pera a India.

7 Neste conselho de estado se achou o Infante Dom Henrique, Cardeal que depois foy do titulo dos sanctos quatro Coroados, & Rey desta co-

roa; cujo parecer foy, que sua Alteza os mandasse muito embora pera a India, pera onde vieram destinados; & que eram escusadas em Portugal religioens novas, aonde havia tantas antigas; & que com a Companhia se havia de hir muito a tento, & devagar, pois era religiam que ainda entam começava, da qual nam sabia por experiencia os bens, que muitos della apregoavam por fama; principalmente que os mais daquelles Padres tinham andado pelas partes do Norte, que naquelles tempos estavam inficionadas cõ a peste contagiosa das heregias. Este foy por entam o voto deste sabio, & prudentissimo Principe, que com rezam se podia precatar de novidades, & querer que o tempo fosse mostrando, se o procedimento dos da Companhia era tam solido por dentro na virtude, como por fora mostravam na modestia: & por outra parte, tambem lhe aticavam esta opiniam algumas informaçõs finistras, que de nossas cousas tinha ouvido. Porem nos grandes, & extraordinarios favores, que este esclarecido Principe ao diante, com grandes excessos, fez à Companhia (como veremos) abundantemente suprio este inculpavel disfavor.

8 Por diferentes meynos julgavam outros, que era bem que os Padres se partissem pera a India; porque a charidade pedia que se acodisse à parte mais fraca,

Julgã alguns, q' he bẽ q' vdm os Padres pera a India.

onde

onde a necessidade era mais evidente, & o perigo mayor; que sabidamente mais necessitavam os gentios da India de quem os ensinasse, que os Christãos de Portugal de quem lhes pregasse; porque havia muitas religioens, & infinitos pregadores pera o Reyno, & raras os missionarios, que se offerciam pera a India: que nos Portugueses sempre, pela bondade de Deos, se achou fe; que escusados eram pregadores novos, que lha ensinassem, tendo tantos antigos, que lha conservaßem: que deixasse sua Alteza hir aos Padres pera onde o Spirito sancto, com tam vehemente inspiraçam, os chamada; & pois os trouxera de Italia pera tam gloriosa empresa, que nam havia pera que lha impedir, porque seria resistir a Deos, que os chamava, & negar o pam da doutrina aos pobres, que a pediam, por acodir aos ricos, que a escusavam; & assim que nam convinha que sua Alteza mudasse de parecer em os reter em Portugal, suposto que o tivera tambõem em os mandar vir pera a India; & pois o seu real intento era querer antes o Oriente convertido, que conquistado, ja que o provia sempre de tam esforçados capitaens, bem era que o enriquecesse huma vez com tam valentes pregadores.

9 A mayor parte poremdos que se acharam neste concelho, & entre elles no primeiro lugar o excellentissimo Principe, & serenissimo Infante Dom Luis, sofriam muito

mal haveremse os Padres de ausentar de Portugal, & haverem de perder de sua vista tam grandes pilotos do ceo.

& como pareceria bem, diziam, entre gente de entendimento largar a naçoens barbaras, & idolatras os que tanto proveyto fazem nas politicas, & catholicas: a charidade bem ordenada começa primeiro por sy mesma, pois como sofreremos ficarmos privados de tam poderosos meynos da salvaçam, tendoos em casa, pera que os logrem os Orientaes no cabo do mundo: quem teria por prudencia esquecerse de sy em materia de tanta importancia, por acodir a quem della faria menos estimaçam. Muito vay, diziam, dos amos, & senhores, aos vassallos, & escravos; & grande differença vay dos vencidos aos vencedores; pois como nos havemos de persuadir tirar estes Padres aos Portugueses, que sam os senhores, & os conquistadores, pelos dar aos Casres Orientaes, que sam os cativos, & conquistados? Quanto mais, senhor, acrescentavam, que vossa Alteza faz mayor merce a toda a India em lhe reter cá estes Padres; & negandolhe agora sis dous, lhe poderá ao diante mandar muitos; porque ficando elles no Reyno, & dandolhes vossa Alteza rendas, pera edificarem casas, se lhe poderãmjuntar muitos companheiros do mesmo espirito, como agora já fez o M. Coçallo de Medeiros, & daqui pelos annos adiante os poderá V. A. enviar; & assim estaremos os Portugueses satisfeitos, & ficarãmj os Indios providos.

Rezoës, q
dava o In
fante D.
Luis, pera
os Padres
ficarẽ em
Portugal.

Anno de
Christo de
1541.

50

Anno da
Companhia
2.

Pera que he, senhor, deitar ao mar de hum lanço as esperanças de tanto bem? E pera que he arriscar agora em hum só anno, o que ao diante nos pôde ajudar em todos? nem a natureza em suas obras, nem a graça em seus efeitos outra cousa nos ensinam, porque aquella nam acode ao longe, sem primeiro obrar ao perto: & a graça ensina, que as leys da charidade bem ordenada, primeiro que favoreça aos alheos, hade acodir aos proprios.

IO Estes foram em summa os pareceres, que se deram naquelle concelho d'estado; & desta maneira hum, & outro mundo, o Oriente, & o Poente competiam sobre quem havia de ter a boa sorte de reter em sy a estes dous apostolicos varoens. Vencèo finalmente por entam (como de ordinario he costume) a parte, a que el Rey mais se inclinava, que era a que desejava que os Padres ficassem em Portugal; parecendo a sua Alteza, que nam mudava, antes confirmava a vontade, cõ que os fizera vir de Roma, pois por querer ao diante prover a India com outros muitos, agora mandava ficar aquelles dous: & juntamente tratou de lhes haver de dar rendas, & fundar casas, em que se criassem muitos religiosos imitadores da virtude de sancto Ignacio,

com os quaes o Oriente se convertesse, & Portugal se melhorasse.

CAPITULO XI.

Da ultima resoluçam, que se tomou neste negocio, & como el Rey despachou pera a India ao Padre mestre Sam Francisco de Xavier.

I **O** Coraçam do Rey, como diz o sabio, está na mam de Deos, elle o move, & o governa da maneira, que melhor lhe parece, segundo o conselho de sua divina sabedoria: esta sentença do Spirito sancto particularmente se entende, conforme a doutrina dos Padres, em Reys sanctos, & nas materias de grãde importãcia; & esta, que se tratou no concelho d'estado, o era de grãdissima, de cuja resoluçã no hir, ou no ficar dos Padres, dependia a conversã à fé do Oriente, & o melhoramêto nos costumes em Portugal. Queria o piedosissimo Rey deixar ambos os Padres neste Reyno, mas, como as traças de Deos eram outras, veremos agora o modo, por onde ordenou, que se embarcasse hum pera a India, e nos ficasse o outro em Lisboa.

a
Prou. c. 31. n.
1. Cor Regis
in manu Dei,
quocunque vo-
luerit, incli-
nabit illud.
D. Hier. & alij
Patres ibi.

Anno de
Christo de
1541.

Sẽtẽ mui-
to os Pa-
dres nam
os deixarẽ
hir pera a
India.

Anno de
Cõpanha
2.

2 Tomada no concelho de estado a resoluçam q̃ dissemos, de deixar ambos os Padres em Portugal, nam faltou quem os avisasse do que passava (que estas materias, que se tratam em segredos, & conselhos reaes, ninguem as diz, mas logo as sabem todos.) Nam he tam mal recebida de hũ prezo em ferros del Rey a nova, que lhe dã do desterro de sua patria pera Guinè, em q̃ sahio condenado, quãdo estava, cõ os olhos lãgos, esperãdo liberdade, quã sentida foy dos dous Padres a resoluçã real de haverẽ de ficar em Portugal. E vendo que seus rogos nenhũa cousa valiam cõ sua A. esperãram a resoluçam de seu beatissimo Padre Ignacio (a quẽ jã d'antes tinham dado conta do animo, que alcançavam em S. A. pera os deixar ã Portugal) Nam quiz o sancto Patriarcha fazer nada nesta materia, sã primeiro dar parte a S. Sãctidade, cuja reposta foy, q̃ o negocio todo se puzesse nas mãos de S. A. q̃ elle dispuzesse dos Padres, como julgasse ser mais hõra de Deos, & serviço seu. Nam podia deixar o glorioso Patriarcha de aceitar bem esta ordẽ; & nesta cõformidade avisou aos Padres, q̃ deixassẽ tudo na determinaçam, & parecer de hũ Rey tam prudẽte nas cousas humanas, & tã zeloso nas divinas: acrescentãdo porẽ na carta, q̃ escreveo a

Dom Pedro Mascarenhas, que se sua Alteza no caso lhe perguntasse o que sentia, o seu parecer seria, que mandasse o Padre mestre Frãscisco à India, pera cõversam dos gentios, & q̃ deixasse embora no Reyno ao P. M. Simã, pera fundaçã do seminario; porq̃ assim nẽ a India por entam seria desamparada, nem Portugal ficaria queixoso. Muito approvou sua Alteza tam saudavel conselho, dado por hum varam sancto, & a quem o mundo por tam prudente respeitava; & (ãlem de cõ este meyo se dar sahida aos pareceres do concelho, & aos desejos do povo) deose à execuçam o meyo, que Deos de toda a eternidade tinha ordenado pera o fim da conversam de tantas almas em Asia, pelo Padre mestre Francisco, & fundaçam de tantos Collegios em Europa, pelo Padre mestre Simam.

3 Mudado jã o coraçam do Rey, conforme à vontade do Senhor de todos, & resolutõ de seguir o parecer de sancto Ignacio, em fazer aquella repartiçam dos Padres na maneira sobredita, os mandou chamar a ambos diante de sy, & recebendoos com grandes mostras de benevolencia, com a mesma, lhes declarou o assento, que se tinha

Resolve-se,
que fique
em Portu-
galo P. M.
Simam, &
que vá pe-
ra a India
o P. M.
Frãscisco.

Anno de
Christo de
1541.

52

Chronica da Companhia de Iesu em Portugal.

Anno da
Companhia
2.

tomado de hir o P. M. Francisco, & ficar o P. M. Simam, encõmendando a cadahũ a boa execuçam da sorte, q̃ lhe tinha cahido por repartiçam, mais ordenada por Deos, que tomada pelos homens. Mal se poderà explicar com palavras os jubilos de alegrias, com que o Padre Sam Francisco de Xavier aceitou esta, pera elle tam desejada, & ditosa nova. Viose de repente aquella bendita alma tirada fora das talas, & angustias, de que andava cercada, entre esperanças, & medos duvidosa; desfezse aquella confusa nuvem de tristezas, & amanheceolhe hum dia claro, & huma luz serena, por ver que sua eleiçam estava já confirmada com aquelle real decreto. Levantou logo os olhos ao ceo, como quem lhe dava as graças, por merce tam singular, & lançandose de joelhos beijou a mamãa el Rey, com o mayor affecto de sua alma, por este, que elle tinha pelo mayor favor do mudo.

*Sete mil-
to o P. M.
Simã nam
hir pera a
India.*

3 Qual foy a alegria do sancto Xavier no despacho da viagem pera a India, tal a tristeza de mestre Simam com a nova de ficar em Portugal. Mal se pôde encobrir no rosto a dissimulaçam do justo sentimento da alma, porque ainda quando a lingua guarda o ma-

yor silencio, falam os olhos, & fala o rosto todo, apregoando com hũa pratica muda os mais encubertos segredos do retiro interior: difficultosa cousa he, (como disse o outro Romano^b) representar com animo triste palavras alegres. Viose bem esta verdade no que aqui aconteceo ao P. M. Simam, porque sobrefaltado com diferente nova da que desejava, nam pode deixar de manifestar a grande dor interior, com que, por obedecer, se sometia a esta ordem de sua Alteza, a quem com palavras muy prudentes pedio perdã de em sua presença nam poder encobrir os sentimentos de sua alma, que quando d'antes fossem muy justificados, já nam podiam ficar bem avaliados, pois lhe constava ser esta a vontade de sua Alteza, que tanto mais devia estimar, quanto mais a via apoyada cõ o parecer de seu P. Ignacio, cõfirmada cõ o divino decreto, que desta maneira os queria dividir, pera melhor se servir delles: que elle nam podia negar, que mais sentia entã ficar na patria, do q̃ a outros podia custar ir ao desterro, porẽ q̃ muito se cõsolava cõ cuidar q̃ naquelle seminario, que sua Alteza tratava de fundar em Portugal, assim como fosse mandando outros, tambem lhe viria a elle a sua hora, pera alcançar por effeito

^b
Tribul. Eleg. 7
Hei mihi difficile est imitari
gaudia falsa;
Difficile est
tristi fingere
mente iocum.

o que

o que entam perdia por obediencia. Ouvio o benignissimo Principe a hum, & a outro cõ grande affabilidade, ficando cheo de muy bem fundadas esperanças, que por estes dous Padres havia de acodir à conversam da India, & ao melhoramento de Portugal.

4 Com isto se fahiram os Padres da presença delRey; & como era já muy entrado o tempo da monçam pera a India, foy necessario tratar da viagem: aqui teve o glorioso missionario S. Francisco de Xavier, no apresto de sua pessoa, milhares de nobrezas de espirito, fundadas no amor da sancta pobreza, que estimava, & na confiança de Deos, que pretendia: porque nam tratou de matalotagem pera a viagem, como quem a havia de emprêder tam difficultosa, nem como quem hia fogeito à variedade dos climas, ora abrazados nas calmarias da costa de Guinë, ora enregelados nos frios da terra do Natal; pera tudo entendeo que lhe sobejavam pera sy, & pera os seus dous companheiros (o Padre Paulo Camerte Italiano, & o Irmam Frãcisco de Mansias Portugues) tres cacheiras uzadas, pera defensam das calmas, & pera emparo dos frios: havendo que do contrario se podiam dar por agravadas a sancta pobreza, & a

cõfiança em Deos: tambem aceitou algũs livros, que na India podiam ser de grande proveito: de tudo o mais que podia levar pera cõservaçam da vida, & regalo da pessoa, se deo por desobrigado: o q̃ mais nos deve de espãtar, por ver q̃ tinha tãto em seu favor a liberal, & afeiçoada võtade de hũ Rey tã poderoso, tã repetida, & encõmendada ao Cõde da Castanheira, que era Veador da fazenda (a cujo cuidado estava o apresto da armada) que cõ toda a benevolência, & largueza desejava prover ao sancto, & satisfazer ao Rey; cõpetindo a pobreza do Padre em nam aceitar, cõ a liberalidade do Conde em offerecer. De sorte que foy dito seu muy celebrado naquella occasiam, que mais trabalho tivera com o Padre Francisco, por nam querer aceitar o necessario, que lhe davam, do que com toda a armada junta, pera que escusassem as demasias, que pediam.

5 Mas nam quero passar daqui sem fazer alguma cõmemoraçam devida a tam illustre Cõde; porq̃ este he aquelle D. Antonio d'Ataide primeiro Cõde da Castanheira, ao qual (pelo muito, q̃ nesta occasiam lhe deveo S. Frãcisco de Xavier, & depois toda esta provincia) confessamos grãdes obrigações: foy este fidalgo filho de D. Alvaro d'Ataide, & de Dona Violante

Como se
aprestou
pera a India o P.
M. Frãcisco de Xavier.

Benevolência do Cõde da Castanheira.

Anno de
Christo de
1541.

D. Antonio d'Ataide Cõde da Castanheira, Veador da fazenda.

Boas partes do Cõde da Castanheira.

54

2.

de Tavora: por parte do pay neto dos Condes d'Atouguia, & por parte da mãy dos Condes de Prado: neto do Conde D. Alvaro Gonçalves d'Ataide, & da Condesa D. Guiomar de Castro, filha de Dom Pedro de Castro senhor do Cadaval, avo da Duquesa de Bragança Dona Ioanna de Castro, molher de Dom Fernando, o primeiro do nome, & segundo Duque de Bragança. Este foy aquelle gram valido del Rey D. Ioam o III. o qual fazia delle tanta cõta, pela muita prudencia, & bõdade, de que Deos o tinha dotado, que tendo sós vinte annos de idade, o mandou por embaixador traordinario a el Rey Francisco de França, em hum negocio de grande importancia, & de igual difficuldade; na qual embaixada elle bem desempenhou a confiança real; mostrando que nelle a prudencia de velho supria os annos de mancebo.

5 Este he aquelle D. Antonio d'Ataide verdadeiro exemplar de toda a modestia, de toda a honra, & de toda a fidalguia Portuguesa; este aquelle que sempre estimou mais a virtude, que as riquezas; & prezou mais a honra, que o interesse; porque tendo muitas occasiões pera enriquecer (pois foy o mayor valido del Rey D. Ioam, & foy Veador da fazenda tantos

annos, no tempo em que a India era India) com tudo só tratou do bem cõmum, sem sombra de proveito proprio. Com esta mesma constancia rejeitou outra occasiam, que teue, pera fer muy rico; porque o Infante Dom Luis o quiz fazer seu herdeiro, que elle nam quiz aceitar, com nam menor espanto, que edificaçam do serenissimo Infante, por ver hum homem, q por ganhar nome de desinteressado, deixava as occasiões de fer rico. E porque teue muitos filhos, & filhas, & era muy pouco o que tinha pera lhes deixar, & poderiam elles esperar muito, em rezam dos grandes cargos, que teue, & mayores valimentos com a pessão real; entendeo que lhe era necessario dar satisfaçam por escrito [que ainda hoje se guarda em casa do Conde da Castanheira D. Antonio d'Ataide seu neto] a seus filhos, & descendentes, do pouco, que lhes deixava; aconselhandoos com seu exemplo, que estimassem mais o bom nome, que a muita fazenda; que he exemplo raro, & que pòde servir de admiraçam aos validos, & de freo aõs pretendentes.

6 Este finalmente foy aquelle tam celebrado, tam cortesam, & tam avizado Conde da Castanheira, em cuja boca sempre se ouvio a verdade;

O Cõde da
Castanhei
ra foy muy
afeiçoa do
ao P. M.
Francisco,
& ao P.
M. Simã.

em cujo coraçam sempre reynou a piedade, em cujas obras sempre se enxergou o desinteresse. E como eram tam superiores os dons das virtudes de tam illustre fogeito, nam me espanto ficar logo tam amigo do Padre S. Francisco de Xavier, & do P. M. Simam Rodrigues; principalmente; que nisto queria dar gosto a sua Alteza, que via quanto estimava aos Padres; & daqui lhe começou o grande amor; que teve a toda a Companhia, da qual sempre foy afeiçoadissimo protector; deixando, como por herança, este grande amor a seus filhos, & descendentes, que o guardam, como sabemos estimar, & como desejasmos agradecer.

7 Com este ser o Veador da fazêda, que tinha a seu cargo aviar ao P. M. S. Francisco de Xavier, nam foy possivel acabar cõ elle q̄ aceitasse mais, q̄ o q̄ temos dito: & cõ esta matlotagem, entregue nos braços da sancta pobreza, esperava este ditoso missionario o final pera se hir embarcar; da maneira que hum valeroso mantenedor espera atento, & com animo alvoroçado, o final da trombeta, pera sahir ao campo.

[?]

CAPITULO XII.

Como se foy o Padre mestre S. Francisco de Xavier de despedir del Rey, & deo à vela pera a India.

Tanto que a nao capitania disparou peça de leva, veyo o P. M. Francisco ao paço, acompanhado do Padre M. Simam, & mais companheiros, a despedirse de sua Alteza, pera dali se hir embarcar: foy recebido del Rey com a brandura, & afabilidade costumada, & com a mesma lhe meteo na mam os breues, & letras apostolicas, que por seu respeito lhe tinha mādado a sanctidade do beatissimo Padre Paulo III. pelas quaes o fazia seu Nuncio apostolico na India, & Comissario geral em tudo o que fosse necessario pera bem, & proueito das almas: & posto que a expediçam desta dignidade sò pertença ao summo Pastor da Igreja, com tudo era sua Alteza tanto da deuaçam, & respeito do sanctissimo Padre, q̄ lhe mandou a elle remetidas estas bullas, pera o tivesse o gosto de as dar ao P. M. Francisco, pois elle era a causa porq̄ lhas davam. Cõfuso ficou o humilde servo de Deos com a offerta, & entrega de tam

Vay o P.
M. Fran-
cisco des-
pedirse
del Rey pe-
ra se hir
embarcar

Anno de
Christo de
1541.

56

Chronica da Companhia de Iesu em Portugal.

Anno da
Companhia
2.

grande dignidade; tratou de se escusar, mas já nam havia lugar pera essas detenças; & bẽ mostrou ao diante que mais aceitou esta honra pera a encobrir, que pera se authorizar; pois sò huma vez na India uzou de seus grandes poderes; como quẽ mais pretendia exercitar occasioens de humildades, que ofentãr luzimentos de grandezas.

2 Depois de entregues, & recebidos os breves, dizem se despedio sua Alteza do Padre com estas palavras: Mestre Frãcisco, dou infinitas graças a Deos nosso Senhor pelas assinaladas merces, que de sua divina mam continuamente recebo, a de me fazer senhor de tam ricos, & prosperos Reynos do Oriente (que meus avôs nam chegãram a possuir) desejava eu de satisfazer a Deos, com procurar que os mesmos termos, que houvesse em meus senhorios, & outros mais dilatados, fossem os do conhecimento de sua divindade: chegou Deos a ser servido de me dar firmes esperanças de ver, em meus dias, cõpridos estes meus desejos, pois me deo vossa religiosa pessoa, pera mos comprirdes: & ainda que sey, que a vós vos sam escusadas advertencias, por ventura que a mim me corre obrigaçam de as fazer; nam pera vos espertar a vós, mas pera me desempenhar a mim. Tres sortes de gente hà nos largos estados da Asia Oriental; a saber, os vassallos naturaes deste Reyno, q̃ cõ armas sustentam, & conservam as terras, que

seus pays ganhãram em meu serviço, & com as mesmas conquistam outras de novo a meu imperio: a estes, que sam filhos desta coroa, & meus, vos rogo muito sejais de particular favor com vosso sancto zelo; pera que, na liberdade das armas, nam se esqueçam das obrigaçoens de Christãos, pois sabem que me nam agradam largos senhorios, ganhados com roins procedimentos; & que os façais entender que aquelles imperios sam de mais dura, em cujo governo reyna a iustica, & floresce a Christandade: & que aquelles senhorios sam mais aceitos aos vassallos rendidos, que menos violencia acham nos senhores vencedores. E pera que com mais authoridade possais fazer o que tanto vos encomendo, vos entreguem as presentes letras apostolicas, pelas quaes tudo o que há na India vos reconhecerã por universal superior de toda ella no espiritual. E ainda que nam digam com espirito tam religioso, como o vosso, espiritos militares, isto se entende pera o exercicio das armas, e nam pera as advertencias do conselho: & assim espero que as façais muy continuas aos meus visoreys, governadores, capitaens, & ministros, pera que em tudo se conformem com os caminhos, que lhes mostrardes, pera serem melhor guiados ao serviço de Deos & ao meu. Nam tiro deste cuidado o que de vós espero de me advertirdes, por cartas vossas, de tudo o que sentirdes conuem no governo politico dos povos, & ainda na observancia militar das cousas da guerra.

3 Os segundos moradores da

India

Pratica
del Rey ao
P. S. Frãcisco de
Xavier.

Anno de
Christo de
1541.

Anno de
Cōpanhia
2.

India sam gentios meus vassallos, ou alumiados já na fé, ou cegos nella, nam há pera que encomendar ao vosso zelo o melhorar a huns, & o alumiar a outros, porque a grande luz, de que Deos vos fez merce, vos nam sofrerá vagares em communicardes a do Evangelho.

4 A terceira casta de gente, que há na India, sam os gentios fora de meu senhorio, pera cuja conquista temporal eram necessarios maiores poderes, que os meus, pera a espiritual bastam os vossos, pois sam divinos. Pera mim serà grande gloria nam faltardes a estes com a luz do Evangelho, por que ainda que os nam tenhamos por vassallos conquistados, gloria nossa serà telos por visinhos convertidos; & nam vos pareça que he fora de meu serviço trabalhardes em vinha alhea, & fazerdes nella gastos de minha fazenda; & pera esta vos nam faltar, aviso a meus ministros; porque mais estimo na India hum gentio convertido, que hum Reyno conquistado. De tudo o que pertence a estes tres estados de gente, que há na India, me avisareis muy a miude, porque em terras tam remontadas da vista de seu Rey, sam necessarios muitos olhos, & ouvidos alheos; & por mais que sejam, nunca sam sobejos. Sobre tudo sabei que primeiro perderei o Reyno, & a vida, que o cuidado dessa christandade, pera que daqui tireis a obrigaçam, que vos corre a vós em os converterdes, & o gosto, que me dareis a mim, por saber que os tendes convertidos.

5 O Padre mestre Fran-

cisco, que já estava envergonhado de ver o muito caso, que elRey fazia de sua pessoa, em lhe entregar os breves, pera officio de tanta dignidade, sendo sua intençam fazer o mais baixo, & humilde da nao; muito mais atalhado ficou ouvindo esta pratica, & vendo a muita conta, que sua Alteza delle fazia; tanto que teve lugar de responder, com breves palavras, regraciou as merces, que nesta despedida lhe fazia. Mal poderia, senhor, lhe disse, satisfazer ao muito, que vossa Alteza de mim confia: espero eu na divina bondade, que me fará merce de tam fervorosos espiritos, que possa corresponder ao que V. A. me ordena; & que seja Deos tanto em meu favor, pera o servir em tam gloriosa empresa; como pera satisfazer os pyssimos desejos, que vossa Alteza tem pera augmentala. Quanto á dignidade, que V. A. me offerrece, mal podia esperar tam grande honra, quem nam deseja mais que servir; mas pois já nam há lugar de esusa, quererá Deos, que o haja pera mostrar ao mundo todo, que aceito esta dignidade mais por obedecer como servo, que pera governar como Nuncio.

6 Com esta ultima resposta se despedio o P. M. Francilco da presença real, e em cōpanhia do P. M. Simam, & mais companheiros, se foy embarcar em a nao capitania do governador Martin Affonso de Sousa, tomãdo posse naquelle dia a

Resposta do
P. S. Francisco a S.
Alteza.

Anno de
Christo de
1541.

58

Chronica da Companhia de Iesu em Portugal.

Anno da
Companhia
2.

primeira vez as lagrimas de ultimas despedidas, que todos os annos choramos na praya de Lisboa, quando, com sancto costume, himos acompanhando aos nossos missionarios da India, do Iapam, & da China, dando os ultimos abraços, & saudosos vales, aos que dali se apartam de nós, deixando-nos a muitos envejosos da sorte, & a todos saudosos da partida.

7 Nam ficou esta vez no caís o P.M. Simam, senam que pondo com elle os pés na prãcha, entrou no batel, & se foy com seu sancto companheiro a bordo, desejando de o acompanhar até a India; & tendo picada a amarra, & dando o mestre ao apito, pera desfraldar a vela de gavia, se despediram os dous sanctos varoës; & no meyo de suas saudades, se exhortaram hum ao outro, a cada hum levar sua cruz em terras por distancia tam diversas, & muito mais por costumes, & religiam:

Agora, diz o sancto Padre Francisco, que tenho a desejada posse desta nao, principio das mercês, de que Deos me tem dadas certas prendas, nam vos quero encobrir, irman meu mestre Simam, hum segredo, que vos será de grande consolaçam. Lembra-do estareis d'aquelles brados, que me ouvistes em hum hospital de Roma, quando com voz em grito dizia, mais, mais, mais; muito desejastes entam saber que brados eram estes, &

a que fim se repetiam, agora vos declaro, irman meu muito querido em o Senhor, que me representou o mesmo Senhor os trabalhos da India, cuja navegaçam hoje começo; & foy tal o animo, que entam me deo, que sahi com aquelles impetuosos gritos, bradando por mais, & mais. Rogay por mim a Deos como bom amigo, que pois me deo tanto animo pera os aceitar, representados em sonhos, me dá ainda mayor, pera os padecer, experimentados em realidade.

8 Mais queria o Padre Francisco dizer sobre este seu tam celebrado, & repetido *mais*; porem interrõperam-lhe as palavras, pera nam poder dizer mais, por huma parte as lagrimas, que choravam; por outra o nordeste, que espertava, & a grita dos marinheiros, que ao largar da vela deram a boa viagem: tudo isto obrigou ao P. M. Simam a deixar, pera nunca mais ver, a seu grande amigo o P. S. Francisco de Xavier; o qual finalmente sahio de Lisboa em a nao Sanctiago, em que hia o governador Martim Affonso de Sousa, fidalgo de grande estima, em o qual concorriam todas as boas partes; foy filho de Lopo de Sousa tenhor do Prado, & alcaide mór de Bragança, & de Dona Britis de Albuquerque; o qual erdou a casa de seu pay, & foy homem de grande valor, & de notavel piedade, & zelo da fé, como tam amigo de Sam

Ultima despedida do P.M. Francisco, & do P.M. Simam.

Capitaens
das naos
da arma-
da, em que
foy S. Frã-
cisco de
Xavier.

Francisco de Xavier; succedeo no governo a Dom Esteuam da Gama, irmam do Conde almirante. Hiam em sua companhia mais quatro naos, das quaes erã capitaens Dom Alvaro d'Ataide da Gama, filho do Conde almirante, Alvaro Brandam, Frãcisco de Sousa, Luis Cayado; cujos nomes aqui aponteí, pela boa dita, que tiveram em hirem na companhia de tam fancto passageiro. Deram todas á vela, anno de 1541. em os 7 do mes de Abril, que he mes de primavera, em que o verám nos abre o thesouro da natureza reuerdecida, nas alegres, & vistosas flores, com que a terra se enfeita, & as arvores se revestem, que sam penhores certos dos fruitos sazoados, que se ham de colher pelo estio, & outono. Outras melhores esperanças se abriram neste Abril de 1541. a todo o Oriente, com a missam de Sam Francisco de Xavier, a qual nos prometeo o copiosissimo fruto, que da renovaçam das almas recolheo este apostolico operario; o qual como hum novo Argonauta vay sulcando as immensas agoas do largo Oceano, nam pera trazer da India o vello de ouro, que despreza; mas pera recolher no ceo o thesouro das almas, que estima.

[?]

CAPITULO XIII.

Dase huma breve noticia da pessoa, & virtudes do Padre Sam Francisco de Xavier.

EMbarcamos no capitulo passado pera a India ao Padre Sam Francisco de Xavier; & pois lhe temos tantas obrigaçoens, & o nam podemos acompanhar cõ o corpo, figamolo ao menos cõ a lembrança; & já que o perdemos de vista, nam o larguemos da memoria, dedicandolhe estes tres capitulos, fazendo hum breve elogio de sua milagrosa vida, & recolhendo neste pequeno mappa a grãdeza do mudo todo. Sam tam sabidas as cousas deste incomparavel varram, tantas em numero suas glorias, tam bem historiadadas suas illustres façanhas, tam bem cantadas per hum insigne Homero, as grandes proezas deste melhor Achilles, que seria grãde temeridade querer vadear pego tam profundo; & muito mayor pretender recopilar taes grandezas: & por outra parte he tam notavel a obrigaçam, que lhe temos todos os Portugueses, que seria ingratitude nam fazermos delle alguma

*Original de Joigberg
3 ref. orig
copiada
mto. 1811
-111 elen
1811*

a
Joan. de Lu-
oena in vita S.
Franc. Xaverij.

com-

commemoraçam nesta historia da Provincia de Portugal, sendo elle o principal, a quem devemos quanto logramos no Reyno, & quanto temos em a India. Esta he a rezam, porque me resolvo a dar aqui huma breve noticia, ainda que muito per mayor, deste nosso mayor sancto, querendo antes ser julgado por temerario, que ser avaliado por ingrato: hirei sò tocando, & descrevendo brevemente com a pena as terras, & os mares, que elle passou, discorrendo com sua pessoa: farey huma breve peregrinaçam, acompanhando a hum sancto, que sempre foy peregrino na vida, & tambem appareceo em habito de peregrino depois de morto.

Milagre prodigioso que fez S. Francisco de Xavier no P. Marcello Mastrillo.

2 Foy o caso, que estando em Napoles, em nossos dias, o Padre Marcello Mastrillo da Companhia, agonizando por momentos com a morte (por causa da mortal ferida, que lhe abrio na cabeça hum martelo, que por descuido cahio a hum armador em huma Igreja) lhe appareceo S. Francisco de Xavier, vestido como peregrino, & lhe fez renovar o voto de hir ao Iapam, & logo lhe disse que se levantasse, porque já estava sam: & assim foy, porque immediatamente se levantou vivo o moribundo, diante de todos os de casa, que lhe rezauã

o officio da agonia, que logo se unudou em jubilos de alegria. Tiráramlhe os panos da cabeça, & acharamno sem hum minimo final da ferida; o cabelo, que tinha cortado pera a cura, já crecido; o rosto desfeito, & descórado com a doença de trinta dias, de repente ficou cheio de carne, & elle valente nas forças, & alentado na saude. Deste estupendo milagre podemos dizer, que foy o mundo todo testemunha de vista, porque o Padre Marcello correo Italia, veyo a Lisboa, aonde todos o vimos, navegou a India, foy ás Philipinas, passou ao Iapam, a cumprir seu voto, aonde gloriosamente deo a vida pela fé de Christo, que pregarva.

3 Neste prodigioso milagre appareceo Sam Frãcisco de Xavier, ainda depois de morto, feito peregrino, porque sua vida foy huma continua peregrinaçam, & nisto se remata toda a perfeiçam de hum christam, diz S. Ioam Chrysofomo: *Universa virtus esse huius mundi hospitem, & peregrinum*: & por isso ainda, depois de morto, lhe tresladam seu corpo incorrupto de Sancham a Malaca, & de Malaca pera Goa, pera assim (como de Iacob disse S. Ambrosio, quando mandou tresladar seus ossos) nem ainda depois de morto descansar, quem sempre

Appareceo S. Frãcisco de Xavier vestido de peregrino.

^a
D. Chryf. ho. 21. ad Hebr.

^b
Ambr. de fide refur. Trãster- n enim ossa sua, ne vel mortuus requiesceret, obsecravit.

em toda a vida quiz andar peregrinando. Sigamos pois brevemente, & com toda a préssa, a este tam andante peregrino, cuja patria era o mundo; como de sy já dizia o grande Seneca, *Patriamque nobis mundum professi sumus, ut liceret latiusrem virtuti campum dare*, pera q̄ a virtude tivesse mayor campo, em q̄ melhor se podesse exercitar. Vamos vêdo as terras, por onde andou, & temos muito que caminhar, porque alé de Navarra, aonde naceo, & de França, aõde estudou, alem de Italia, & de Europa, passarêmos a linha Equinoccial, atravessarêmos esses mares Atlantico, Ethiopico, Arabico, Indico, & ainda á vista do mar vermelho; passarêmos à India, entrarêmos, & sahirêmos do Iapam, baterêmos às portas da China; veremos lugares, que o sol nam aqueitou com seus rayos, alumados com a luz peregrina deste esclarecido peregrino; emfim nestes tres capitulos daremos varias voltas ao mundo todo, seguindo sempre a este apressado caminhante. O mundo todo em redondo, como ensinam os mais sábios Geographos, tem seis mil & trezentas legoas; & S. Francisco de Xavier, peregrino de ventagem, muitas mais legoas andou, porque só de Roma dentro ao Iapam, tomadas as con-

tas pelo diligente Bozio, ^d andou seis mil, & citocentas legoas; & o sancto Xavier voltou outra vez do Iapam à India, & da India foy à China, andando terras sem numero, & correndo legoas sem cõto; postoque houve hũ curioso, que as quiz cõtar com o Bispo Bozio, & vê a dizer que andou este sancto peregrino quinze mil, & tantas legoas: que espirito tã grãde tam dilatado campo demandava.

5 Mas porque he impossivel representar em tam pequeno theatro, como he o de tres capitulos, façanhas tam estendidas por tantas terras, tocarei as que fez em algumas, pois nam podemos dizer o que lhe acõteceo é todas. Vamonos primeiro a Hespanha, entremos no Reyno de Navarra, aonde se levãta, junto à nobre cidade de Pamplona, o castello de Xavier, primeiro berço do sancto Padre Francisco, aonde nasceo de esclarecidos progenitores; seu pay se chamou Dom Ioam Iasso, sua mãy Dona Maria de Aspilcueta, & de Xavier, dos mais illustres senhores, & mais antigos solares daquelle Reyno. Aqui neste castello esteve por muitos annos, na mesma casa, aonde nasceo, S. Francisco de Xavier, hũ veneravel crucifixo, do qual sabemos que todas as vezes, q̄

^d
Bozio de Reg-
nis Ecclesiæ
lib. 6. c. 3.

^c
Senec. lib. de
tranq. c. 3.

Mares, q̄
passou S.
Francisco
de Xavier

Milagre
do crucifixo,
q̄ sua-
va, quando
o P. M. Frã
ciscotinha
algũ tra-
balho.

o sancto Pãdre lá no Oriëte lidava cõ algũ grãde trabalho, o sancto crucifixo, cã em Navarra, se cobria de suor. Deste milagre, de que nam temos já hoje rezam de duvidar, nos fica ainda rezam de perguntar, que combinaçam podia ter o trabalho de Xavier no Oriente com o suor do crucifixo em Navarra? A rezam disto ao certo eu a nam poderei dar; salvo se era tal a uniam, que havia entre Christo, & Xavier, que era impossivel padecer hum, sem o sentir outro; q̃ assim como pela grande uniam, que hã entre o corpo, & a alma, quando hum padece, tambem o outro tem pena; assim tambem quando Xavier cansava, Christo suava.

5 Suou Christo a no hortogotas de fangue; & se perguntarmos a causa deste trãordinario suor, elle a dáva, com huns suspiros tam mortaes, que entristeciam o valle todo, brãdando, & dizendo: *Tristis est anima mea*: de maneira, que o que a alma padecia dentro por tristeza, o corpo manifestava fóra por suor. Se perguntãssemos á veneravel imagem do sancto crucifixo, no meyo de seus suores, que causa havia pera taes afflicçoës? Se, assim como suou, falãra, respondéra, *Tristis est anima mea*, que suava, porque sua alma Frãcisco de Xavier estava em trabalhos, & padecia penas.

He o grãde Padre, & Ieraphim abrazado S. Francisco de Assis, pelas chagas, que o Senhor lhe imprimio, imagem viva de Christo morto; & quẽ vé a Frãcisco chagado, lhe parece q̃ vé a Christo crucificado; porem S. Francisco de Xavier, neste milagroso suor da veneravel imagem, passa avante, pois, como se fosse a alma do mesmo Christo (pela grande uniam, que entre sy tinham) Xavier padece as dores, & Christo mostra os suores.

6 Mas deixemos o Reyno de Navarra, deixemos a populosa França, & a celeberrima cidade de Paris, aonde o sancto Padre Francisco renunciou ao mundo, & seguiu a Christo, por conselhos, & persuasoens de S. Ignacio (Sahindo de tal pay tal filho, de tocha tam resplandecente hũa luz tam esclarecida, que nã podia deixar de ser immenso o fogo, donde na sceo tã grãde sol. Continuemos cõ elle nossa peregrinaçam, tratemos de hir em romaria á sancta cidade de Ierusalem, atravessemos a alta Alemanha, deçamos aos Países baixos, voltemos logo a Itãlia, passeemos á fresca Lombardia, entremos em Veneza, vejamos Vincencia, descubramos Bolonha; em todas estas cidades, por todas estas regioës acharẽmos ainda viva a memo-

Terras, q̃
correo em
Europa S.
Francisco
de Xavier

d
Luc. c. 22. n.
44. Sudor eius
sicut guttz sã-
guinis decur-
rentis.

Matte. c. 26.
n. 38.

Como se
houve S.
Francisco
de Xavier
em hũ hos-
pital.

ria deste ſancto peregrino, em Veneza ainda hoje eſtã hũ hospital antigo, aonde elle coſtumava ſervir aos incuraveis; acodialhes cõ charidade, faziathes a cama cõ cuidado, lavavalhes as chagas cõ amor; por final, q̄ hũa vez encõtrou cõ hũ deſtes incuraveis, q̄ tinha hũa chaga tã nogeta, q̄ quando o Sãcto ſe poz de joelhos pera lha curar, ſentio a natureza grãde aſco; porẽ cõ hũa illuſtre victoria de ſy meſmo, vëceo a abũdãcia da graça a repugnãcia da natureza; por q̄ de joelhos, como eſtava, nam ſe contentou cõ beijar, & lãber aquella chaga, q̄ era a mais abominanda; pouco era iſto, pera a grãde victoria, q̄ de ſy meſmo meditava; eſpremẽo, chupou, & levou pera baixo a peçonha, & iſto nã de hũ golpe, mas goſtãdo muy devagar aquelles ſuaves amargozes, pera por largo tẽpo dilatar as delicias de ſeu tormẽto. A S. Pedro ^f apresẽtou Deos hũa meſa, na qual lhe oferecia por iguarias cobras, & ſapos, cõ outros nam menos trabalhosos pratos, animãdoo cõ grãdes vozes, pera q̄ os comeſſe, *Occide, & mãduca*; porẽ por mais q̄ os brãdos do ceo ſe repetiã, já nũca S. Pedro ſe pode reſolver a levar algũ bocado daquelles pera baixo; mas o q̄ S. Pedro receou em representaçã, nã temeo Xavier e realidade. E ſe na peçonha da meſa de S. Pedro, ſe representa-

f
Aclor. c. 10. n.
11, 12. 13. Vc-
lũlinteũ mag-
nũ, in quo erãt
omnia quadru-
pedia, & ſerpẽ-
ria tenz.

va a gẽtilidade, deſta ainda menos aſco teue S. Frãciſco de Xavier, do q̄ S. Pedro, pois foy propriamẽte Apoſtolo da gẽtilidade. Deſta maneira ſabia eſte grãde Sãcto cõ o eſforço da graça ſoberana, ſopear os lãços da natureza temeroſa.

7 Continuemos a peregrinaçã de Paris a Roma, & acharẽmos neſte caminho outra victoria maravilhosa, quando o Sãcto por ſaber de ſy, q̄ em moço fora airoſo, & inclinado a dãçar, pera mortificar eſta inclinaçã já paſſada, atou os buchos dos braços, & por cima dos joelhos, cõ hũ cordeis tã delgados, & cõ hũ labyrintho de nũs tam cegos, q̄ creſcẽdo a carne por fóra das ataduras, & nam lhas podẽdo cortar, o puzerã às portas da morte, ſẽ poder paſſar avante eſte Sãcto peregrino, prezo, & por ſy meſmo, trateado cõ eſtes apertados cordeis; atẽ q̄ o ceo, per cujo amor ſe prendeo, milagroſamẽte o deſatou; por q̄ nam erã baſtãtes aquellas prizoẽs pera prẽder a eſte forte Sãſam; & nã era bẽ, q̄ tã depreſſa parãſſe, quẽ era tã ligeiro no correr. Porẽ eſtes terriveis tratos de cordel, & eſtes crueis tormentos, a que Xavier ſe poz volũtariamẽte, deſcobrirã a verdade, a qual era, que queria o Sancto antes morrer prezo, & engraçado a Deos; q̄ parecer ſolto, & gentil homem ao mundo.

Como o S.
ſe mortifi-
cou atã-
do ſe forte-
mente.

8 Dali por diãte caminhou cõ passos ainda mais agigantados; chegou a Roma, de Roma, atravessando os Alpes, veyo a Portugal; daqui embarcado em a nao de Martim Affonso de Sousa chegou à India; deo volta ao mûdo todo; foram muitos os climas, q̃ mudou; innumeraveis as nações barbaras, em que entrou: aportou em Moçãbique, de Moçambique chegou a Melinde, de Melinde a Zocotorã, correo toda esta costa de Africa meridional; atravessou o mar Arabico, entrou na Asia, & finalmente lançou ferro em Goa: aqui reformada esta cidade nos costumes; fezse logo no cabo de Comorim, converteo toda a costa da Pescaria, celebre cõ as perolas, q̃ ali se pescam, celeberrima pelas muitas almas, q̃ nella pescou Xavier pera o ceo. Passou ao Reyno de Travãcor; entrou na famosa ilha de Ceilam, em Nagapatam, & Coromãdel; daqui foy a Meliapor: visitar o corpo do sagrado Apostolo S. Thomè, aõde esteve algũs dias sã comer bocado, todo arrebatado no ceo, como outras muitas vezes o virã enlevado, & elevãdo no ar; aqui teve particulares favores da Rainha do ceo cõtra o inferno, q̃ se atreveo ao querer inquietar cõ medos, & molestar cõ pãcadas. De Meliapor se fez: à vela pera Malaca: esteve na ilha de Amboino: cor

reo todo o Macaçar; foy o primeiro, q̃ entrou nas Malucas a prégãr a fé de Christo.

9 Esteve na temerosã ilha do Moro, esteril nos mõtes, inculta nos valles, fertil de peçonha, doẽtia no terreno, fragosa nas pedrias, mãy da crueldade, deshumana nos costumes, barbara na gẽte, porq̃ nã guardã entre sy amisade, matãse lũs aos outros, pera cevarẽ suavoracidade e scus filhos: esta he aquilla ilha do Moro, aõde os trabalhos do Sancto foram infinitos, & as cõsolações infaveis: esta he aquella ilha, de q̃ tãtos medos metiã ao Sancto: esta he aquella ilha, a quẽ elle depois chamava, ilha de sua cõsolaçam, aõde andava cõ os pés descalços, cõ a cabeça descuberta, cõ o cabello, & barba crescida, & cõ a roupetã sobre o peito rasgada, por nã poder sofrer dẽtro no coraçã fechado as grãdes cõsolações, q̃ o ceo lhe abria. Esta finalmente foy aquella ilha, aõde as lagrimas de devaçã erã tãtas, que sahio della, depois de milhares de almas bautizadas, por nam perder a vista dos olhos, pelo copioso chuveiro de lagrimas, que derramava.

10 Tirado do Moro tornou a Ternate; daqui passãdo por Amboino, se fez: à vela pera Malaca, de Malaca voltou a Goa; de Goa arremeteo cõ a gloriosa epreza do Iapam, teatro fatal de martyres gloriosissimos: foy em

Vay à ilha do Moro.

descobrimento de todos estes Reynos; entrou com a campainha da sancta doutrina pelas provincias do Iapam, por Nangazaque, por Omura, por Arima, por Bungo, por Firando, por Cangoxima, & Amanguche: prégou a fé de Christo na mesma corte de Meâco; atravessou as mais nevadas serras destas ilhas, andãdo sempre a pé, muitas vezes descalço, & os pés vertendo sangue; seguindo a pressa dos Iapoês, que hiam a cavallo, & lhe serviam de guias, por aquelles matos, os mesmos, que elle guiava pera a salvaçã; como succedeo a Moyses, ^g quando pedio a Iethro, que era gentio, que o guiãsse pelo deserto; pera que, como notou Ruperto, ^h Moyses tivesse occasiã de ecaminhar pera o ceo, a quẽ o guiava pela terra: *Ducẽ requirebat in via, ut dux illi fieret ad vitam.* De Iapam se tornou á India, desembarcãdo em Malaca; de Malaca navegou a Goa; de Goa voltou a Malaca; de Malaca se fez no descobrimento das grandes provincias da rica China. Deixou atras o rio Indo: vio os campos, que rega o Ganges. Dobrou todos estes cabos, que vam de Portugal até a China, o Bojador, o Cabo verde, o de Boa esperãça, Rosalgate, Comorij, Cingapura, Gardafu, & outros muitos; passou toda a Zona torrida; entrou no

Malavar; navegou o golfam de Bengala; descobrio novas constelaçoens; adorou o cruzeiro do polo austral: & como diz a bulla de sua canonicacãm, foy o primeiro, que prégou a fé de Christo aos Paravãs, aos Malayos, aos Iãos, aos Achens, aos Mindanos, aos Malalenses, & aos Iapoês. Correo em fim tantas terras, & navegou tantos mares, que, como bem disse hum grande seu devoto, ⁱ ou he necessario que o mundo se confesse por mais pequeno, ou que o tenhamos a elle entre os homẽs por mayor.

II Andando por todas estas terras, & navegando estes mares, apparecia por vezes no mesmo tempo em diversas partes, q̃ ou parece desejava multiplicarse, & fazerse em muitos, pera acodir a todos (q̃ na verdade hũ homem sancto sendo hũ, val por muitos, como de David diziam ^m os seus vassallos, que sendo hum sò representava dez mil) ou fosse, porque nam cabendo aquelle grande espirito em hũa sò parte, queria no mesmo tempo socorrer a muitas, & acodir a todas; que a todas abrangia aquelle vastissimo coraçãm; quem, como do coraçãm de S. Paulo disse Sam Ioam Chrysostomo, ⁿ podiamos chamar coraçãm do mũdo todo, & primeiro elemento do universo: *Totius orbis cor, & elementum*

ⁱ
In bulla can.
fol. mubi 5.

^l
Franc. Rem.
Orat. 18. Tor
terras, & maria
exhaustis, ut or
bis terrarum
aut se iam mi
norem se ipso
credat, aut illũ
humana cõdi
tione maiorẽ.

^m
2. Reg. c. 18.
n. 3. Vnus pro
decẽ millibus
computatis.

ⁿ
Chryf. ho. 32.
in ep. ad Rom.

^g
Num. c. 10. n.
31. Tu nosse
quibus locis
per desertum
castra ponere
debeamus, &
eris dux nos
ter.

^h
Rup. lib. 1. in
Num. c. 23.

primarium salutis nostra. Por todas estas terras entrou este peregrino da terra, & cidadam do ceo; convertendo Reys, baptizando os povos, ensinando os mininos, prégando a todos, prophetizando o futuro, assolando os idolos, resuscitando mortos, fazendo hũa vez ° parar o sol, como outro Iosue, assombrando com milagres ao mundo, & confundindo com prodigios ao inferno.

CAPITVLO XIV.

Continuase a mesma materia do elogio de S. Francisco de Xavier.

Ainda que prometi, de nam fazer mais, que seguir ao sancto Xavier nesta sua peregrinação, com tudo elle corre tam apressado, com a ligeireza de seu alentado espirito voando, que nam hà podelo alcançar, nem com as azas da pena escrevendo. E verdadeiramente nestes seus apressados voos, ou vejo hum Sam Paulo sobindo ao Paraiso, ou hum Bispo Acholio voando por Europa, a quem S. Ambrosio ^a chama imagẽ de S. Paulo arrebatado ao ceo, pela muita pressa, com que este sancto prégador correo muitas terras de Europa, Constantino-

pla, Achaya, Epiro, & Italia, cõ tal ligeireza, diz o sancto, que nam podiam os mãcebos igualar os passos de Acholio velho. E pois nam podemos voar com tanta préssa, necessario será determonos hum pouco por algumas destas partes. Primeiramente nas prayas da costa da Pescaria nos ficou aquelle milagre raro, a que chamamos do caranguejo, quando o sancto (no meyo de huma horrivel tẽpestade, em que parece que toda a maquina do mundo em tormenta se vinha desfazendo, quando nam havendo já remedio humano, acodio o sancto ao divino) tirou hum crucifixo, que trazia consigo ao pescoço, & lançou o por hum cordam dependurado nas ondas furiosas do soberbo, & irado elemento: foy caso raro, no mesmo instante *facta^b est tranquillitas magna*, amainou o vento, cessou o temporal, aquietaramse as ondas, & ficou o mar leite: porem quebrou o cordam, & ficou nas ondas o sancto crucifixo. Desembarcou o Padre com a mais companhia, & diz a historia, que andava passeado na praya, com os olhos no mar, cheyo de saudades do seu crucifixo: quando vem todos, que, de là do meyo do pego, sahia hum grande caranguejo (que podia ser contado entre os signos celestes, cõ mais rezam, que o fabuloso por

Milagre do Caranguejo.

^o
Euseb. in vita
S. Ignatij c. 37
pag. 116.

^a
D. Amb. epist.
60. de Achol.
Vidi imaginẽ
illius, qui serap-
tũ in Paradisũ
viderat, ita e-
nim percurte-
bat omnia ex-
cursu frequẽti,
Cõstantinopo-
lim, Achalam,
Epirũ, Italia,
ut iuniores eũ
non possent
consequi.

que tocou no pé do fingido Hercules) este vencendo o rolo do mar, hia andando pela praya, levandolhe nas duas bocas, ou mãos, arvorado o sancto crucifixo; vayse a elle o servo de Deos, todo banhado em lagrimas de alegria, tomao nas mãos, leuao á boca, poemno sobre a cabeça. o sup. n. 1.

2 Muito havia aqui, que discursar sobre este notavel milagre; & podiamos perguntar como quiz o Senhor aqui sahir do mar, & entrar na terra, buscar a seu sancto sobre hum animal tam tosco, & tam pouco acomodado pera ser throno em semelhante sahida? E aonde ficaram as serèas de Thetis, & os golfinhos de Arion? aonde estavam os carros de nuvès ligeiras, em que o Senhor foy visto por Isayas? o Aonde ficaram os coches de empenados ventos, donde o Senhor rasgava rayos de magestade? como o vio o Rey Propheta. d Porem assim como quando quiz entrar triumphando em Hierusalem, o amor dos homens o fez escollier, em lugar de carro triumphante, hum vil, & abatido animal, *sedens super asinam*; e assim agora o amor, que tinha a S. Francisco de Xavier, o fez nam reparar em thronos de gloria, & em carros de magestade, & vir em hum caranguejo, que ali logo achou à mam, porque

aonde faltava o aparato, & a grandeza; sobejava o amor, & venciam as saudades.

3 No mar do Iapam, hindo em a nao de Duarte da Gama, navegando naquella travessa, corro de temerosos tufoens, & theatro de infames tempestades, nos fica o caso, ou milagre, a que communmente chamam do batel. Foy o temporal tam forte, que, depois da tormenta durar cinco dias, no cabo se vieram todos a dar por perdidos, & no meyo da confusam do ceo, & dos assombros do mar, quando os passageiros desesperados da vida choravam sua perdiçam, seguro de todo o perigo brádava entre todos o Sancto Xavier ao ceo: *Senhor, se desta hei de escapar, seja pera outra mayor*: sahio a nao milagrosamente da tempestade, & foy necessario lançar fora o batel, & levandoo á toa, seguindo a fortuna da nao, com quinze homens dentro; como o mar andava muy grosso, eis que lhes ferio a todos o coraçam, ainda mais que as orelhas, hum grito de *Senhor Deus misericordia*, das quinze pessoas, que estavam no batel, ao qual a força da vaga fez trincar as cordas, por onde estava amarrado; & num momento desapareceo, seguindo a força dos mares, que ainda andavam empolados. Choravã os tristes navegãtes a lastimosa

Milagre
do batel.

o
Isai. 19. n. 1.
Dominus ascē-
det super nu-
bom levem.

d
Psal. 17. n. 11.
Et ascēdit su-
per Cherubim
& volavit, vola-
vit super pen-
nas ventorū.

e
Mat. c. 1. n. 7.
Zach. c. 9. n. 9

perda de seus companheiros, encomendandolhe a Deos mais as almas, que as vidas. Neste mesmo tempo estava o Sancto descansando, encostado sobre o prepão, como se repoufasse. E como o cançassem os brados dos passageiros, lhes disse o Sancto, que se aquietassem, porque o filho antes de tres dias viria buscar a mãy, & o batel tornaria à nao. Porem o piloto dizia, ao outro dia, vendo que ainda nam apparecia, que era cousa impossivel tornar o batel, porque a bom orçar, ficava por rè mais de fincoëta legoas. Senam quando, ao terceiro dia, dizendo o Sancto, que amainassem, & vigiassem se apparecia; bràda hum minino, eis o nosso batel; olharam todos, com subito alvorço, & viram, que vinha o batel direito á nao, guiado, parece, per Anjos, cortando as vagas, & atravessando as ferranias dos mares: & finalmente chegou, salvandose todos, conforme a prophesia do Sancto; affirmando algũs delles, que no mesmo tempo o viram no batel. Admiravel caso foy este, & que causou grande espanto em todos os que hiam naquella nao. O que aqui mais me espanta, he a segurança do Padre S. Frãcisco de Xavier, que quando os outros desmayavam, & se davam totalmente por perdidos, elle estava tam seguro, sem temer

os naufragios presentes, que bràda pelos perigos futuros, dizendo (como fazia em muitas tempestades.) *Se desta heide escapar, seja pera outra mayor; & tam sem medo, q com grande segurança se poem a descansar, & a dormir: imitando a seu divino mestre, que no meyo daquella mareta, em que os discipulos se deram por perdidos, dormia na poppa descansado.* *Ipse verò dormiebat.*

4 Continuando com o sancto peregrino; navegando da India pera a China, em hũa nao muy grande, em que hiam, como diz a bulla^h de sua canonizaçam, quinhentas pessoas, deo a nao em huma terrivel calmaria, com a qual esteve parada muitos dias, sem poder canjar avante, nem hum sò passo: a calma, por causa do tempo, & do clima, parecia que abrazava; & o peor he, que nam havia já nem gota de agoa: os soldados, os passageiros, & a mais chusma de gente, meyos mirrados, & quasi consumidos com a sede, pediam a Deos misericordia. Vamse ao Sancto, porque este era o ultimo remedio, que lhes ficava: manda elle logo, como diz a bulla, de sua canonizaçam, encher todas as pipas, & jarras de agoa salgada, & lançandolhe hũa bençã, a trêsformou logo em agoa doce, como agoa abençoada

^F
Mat. c. 8. n. 24

Milagre da agoa salgada, q fez doce.

^h
In bulla can. fol. mihi 6.

^f
In bulla can. fol. mihi 6.

por tal Sancto.

5 Assim se conta este milagre na sua bulla, porem se hemos de dar credito a muitas cartas dignas de fé, que eu li vindas da India, escritas por pessoas de verdade, & authoridade, & ás pinturas, que em muitas partes achamos sobre este milagre; ou fosse que juntamente deitou a bençã, ou que o successo, & o milagre foy multiplicado, porei aqui o que dizem estas testemunhas, a saber, que se fez o Sancto atar por huma corda, & dependurar do bordo da nao sobre as ondas, de maneira que lhe tocasse com o pé; & assim como o sancto peregrino punha o pé no mar, lhe punha Deos logo a mam, com tal ventura, que ficava a agoa doce, & emfim agoa milagrosa, tocada com os pés de tam sancto peregrino, porque todos os que bebêram della sarãram de suas infirmitades, louvando os passageiros todos a Deos (como antigamente fizeram os Hebreos, vendo que Moyses, com o lenho metido na agoa de Marã, de amargosa a tornou doce) E com esta particular circumstancia, que só estava a agoa doce naquella altura, aonde o Sancto tinha o pé; de sorte, que conforme o seruo de Deos metia, ou tirava o pé da agoa, assim ficava salgada, ou se tornava doce.

1
Exod. c. 15. n.
25. Ostendit ei
lignu, quod cum
misset in a-
guas, in dulce-
dinem versa-
lunt.

6 Nam pôde carecer de grande mysterio, que pera S. Francisco de Xavier adoçar, & amansar este bravo elemento, o quiz fazer pondolhe o pé, & pizandoo: que assim como Iosué^m mandou trazer diante de seus soldados aquelles cinco Reys dos Amorrheos, & ordenou à sua gente que, pondolhes os pés nos pescoços, os pizassem, & atropelassem, pera que desta maneira, como dizia Iosué, & commenta Abulense,^a perdessem o medo, que tinham àquelles cinco gigantes temerosos, & entendessem, que nam tinham que temer, como a valentes, aos que viam pizados como covardes; assim parece, que o sancto Padre Francisco, capitam fortissimo, punha aqui o pé sobre o Oceano, como pizando, & sopeando a este espantoso gigante, dizendo a seus filhos as palavras, que Iosué repetia a seus soldados: ^a *Ponite pedes super colla Regum istorum*, animando aos da Companhia a desprezar as tormentas do mar da India, as tēpestades do cabo tormentoso, os tufoens repentinos do Iapã; porque nam há mar nenhum destes, pôr mais infamado que esteja com naufragios lastimosos, que tambem nam esteja pizado, & primeiro sopeado por S. Francisco de Xavier, pondolhe primeiro o pé sobre o pescoço, & nestas suas tam largas

^m
Ios. c. 10. n. 22
Producite ad
me quinque
Reges, &c. &
n. 25. Nolite
timere nec
paueatis.

ⁿ
Abul. ibi. q. 93

^a
Ios. c. 10. n. 24

navegaçoens ; de forte que já estes mares , que eram d'antes salgados, & medonhos , estam hoje adoçados , & amansados, depois que lhe tocaram os pés de tam milagroso peregrino.

7 Pois que direi das muitas almas, que converteo este sancto peregrino com suas cõpridas peregrinaçoens por terra , & largas navegaçoens por mar? Testifica o doutissimo Bispo Bôzio, ^p ferem trezentas mil as almas, que bautizou, & converteo á fé , em quasi onze annos, que viveo na India ; & entre ellas perto de mil almas de crianças, que em as bautizãdo, voaram pera o ceo : bemaventuradas almasinhas, pois primeiro entendéram, que eram ditosas , do que soubessem que foram nascidas. E sendo Provincial de nossa religiam, & tendo tantos negocios , a que assistir, assim acodia à conversam das almas, como se este fosse oprincipal cuidado de sua alma. Mas se tantos foram os convertidos a Christo, quãtos foram os melhorados nos costumes ? Digao Lisboa , que por gratificaçam de se ver por elle , & por seu companheiro o P. M. Simantam melhorada, lhe deo o nome de Apostolos : digao Goa, que elle quasi trãtransformou; testifiqueo Meliãpor , que á sua entrada toda estava em vicios atolada, & quando o Sãcto sahio

della, nam se sabia pessoa , que ficasse em mão estado : que como de Christo se diz, ^q que *pertransiit benefaciendo*, que suas entradas, & sahidas sò eram pera fazer bem ; & como o divino esposo ^r dizia da alma sancta, *Emissiones tuae paradisus* , que suas sahidas eram hum paraíso ; assim este sancto peregrino, em todas suas obras, em todos seus caminhos , em todas suas navegaçoens , melhorava as almas, alumiandoas com a luz do Evangelho, & sanctificandoas cõ a mudança dos costumes.

CAPITULO XV.

Das mais virtudes do Padre Sam Francisco de Xavier.

I **Q**ue direi de sua profundissima humildade, com que, sendo Nuncio apostolico na India , se sogeitou ao Bispo de Goa, & nam quiz uzar dos poderes de Legado, porque queria os desprezos de servo: mostrando, como verdadeiro humilde, que só tinha esta grande dignidade, pera se abater, occultando; & nam pera se autorizar, manifestando; que assim dizia o glorioso Padre Gregorio Nazianzeno, ^s que sò estimava os bens, que Deos com elle repar-

Bautizou
trezentas
mil almas

^p
Boz. de fig. n.
Ecclesiaz. lib.
9. c. 3.

Act. c. 8. n. 8.

Cãr. c. 4. n. 1.

^s
Nazianz. orat. 1.
Ex quibus dicitur
taxat huc fructu
capit. quod
eas contēpsi.

tio, por ter que deixar pelo mesmo Senhor.

2 Que direi dos notaveis trabalhos, que este grande sancto padeceo, pera alcançar este fim do bem, & salvaçam das almas? Bem podia fazer delles outra ladainha, como o Apostolo S. Paulo ^b contando os trabalhos da terra, & descrevendo os perigos do mar; tres vezes fez nau fragio; & de huma dellas andou quasi tres dias sobre as ondas do mar, em huma taboa: muitas vezes foy perseguido dos Mouros, & huma escapou em hum bosque, estando nelle por alguns dias escondido; muitas o livrou Deos de cofarios no mar, & de ladroens na terra: muitas escapou dos arcos, das frechas, & da peçonha dos barbaros, guardando Deos pera os cultivar com a policia da fê de Christo, & pera os ensinar com a doutrina do Evangelho. O zelo da salvaçam dos proximos foy verdadeiramente de hum Apostolo Sam Paulo, que, sendo hum, representava muitos, pera acodir a todos, dizendo de sy, que se fazia todo pera todos, *Omnibus omnia factus sum*,^o & em confirmaçam disto dizia o mesmo Apostolo, que era hum espectáculo, *Spectaculum facti sumus*,^x ou como hum theatro (porque assim explica S. Hieronymo^d) ionde representava toda a variedade de

figuras, que o zelo das almas lhe ensinava, pera converter a huus, & melhorar a outros; fazendo de sy mil manjâres, pera contentar aos que convidava pera o ceo; com o soldado falava de valentias, ao taful baralhava as cartas, com o mercador tratava de mercancias; encontravase com o lascarim, & fazia-se seu maralote. Desta maneira fingindo que entrava cõ o mundo, na realidade sahia cõ Deos; & quanto mais dissimulava o que nam era, tanto mais manifestava que era sancto; & como hum divino Protheo, mudava tantas figuras, quantas a engenhosa charidade lhe ensinava, nam pera enganar com vaõs fingimentos, mas pera defenganar com solidas verdades: entrando (como o Sancto costumava a dizer) com a sua, pera sahir com a nossa. Foy finalmente tal o zelo das almas deste grande Apostolo, que parece, que lhe ardia, no peito esta sancta ambiçam, & por isso lhe era necessario rasgar a roupeta sobre o peito, pera poder respirar a alma fora.

3 Esta rara charidade, & trasordinario zelo da salvaçam das almas, tinha sua fonte manancial no amor de Christo Senhor nosso, que naquelle fervoroso peito ardia. A uniam, & familiaridade deste Sãcto com Deos, era continua, & qual à de

As traças
sãctas de
q' usava.

Grandes
trabalhos
q' padeceo.

^b
1. ad Cor. 2. c. 11
an. 26.

^c
1. ad Cor. c. 9
n. 22.

^x
Ibi. c. 4. n. 9.

^d
Hier. sup. c. 4.
Epist. ad Gal.
• Non quòd ef-
ter, quòd se ef-
se simulabat,
sed quòd id
estum viere-
tur esse, quòd
alij proderat

Exod. c. 33. n.
11. Loqueba-
tur autem Dñs
ad Moysem fa-
cie ad faciem,
sicut soler lo-
qui homo ad
amicū suū.

Do seu
grande a-
mor de
Deos.

f
Cār. c. 6. n. 10

Das grã-
des cõso-
lações, q̃
Deos lhe
cõmuni-
cava.

Moyfes com o mesmo Senhor, da qual diz a Escritura, que era como de amigo pera amigo, passava noites inteiras velando em oraçam, & suavissimos colloquios com o bom Iesu; ou em huma tribuna diante do Sanctissimo Sacramento, estando em Goa; ou na horta, em humas ermidas de S. Hieronymo, & de S. Antam, dos quaes era devotissimo; & posto que o sancto, por nam ser visto, se retirava a estes lugares, nam escapou aqui a nossos irmãos (como nem aos amigos da alma sancta, escaparam os favores do divino esposo na sua horta) que notaram os cordeaes affectos, & amorosas praticas, com que tratava com o Senhor, & a cõfiança, com que lhe falava.

4 Huma vez entre outras, espreitando, o viram em huma destas ermidas da horta, tam cheo de mimos, & favores do ceo, que acodindo com as mãos a delabafar o peito, ardendo em chamas de amor, & abundancia de consolaçoens, brádava, *Nam mais, Senhor, nam mais:* caso notavel, que este mesmo Sancto, que agora nam quer mais consolaçoens, he aquelle, que em outro tempo, quando se lhe representavam os trabalhos, as mortes, as tormentas, os naufragios, as lâças enristradas, as espadas desembainhadas, os cutellos afiados, as bombardas

acestadas, os perigos encadeados, o mesmo ceo atroando o mundo com trovoês, despedindo sua reforçada artilheria de rayos, coriscos, & chuveiros de pedra grossa, & emfim os tormentos do diabo, & o inferno todo conjurado em sua perdiçam, entam muy seguro brádava, *Mais, Senhor, mais, mais;* imitando, como bom discipulo, a seu amoroso mestre, que na cruz ainda brádava por mais cruces; & dizêdo o seu propheta ^b que havia de ser farto de afrontas, elle dizia, que ainda dellas tinha sede, *Sitio;* ^b por ventura porque o Propheta julgava os trabalhos, & afrontas de Christo pelo effeito, que pediam, & Christo os avaliava pelo affecto, com que os padecia, & como este era infinito no calor, era tambem infaciavel na sede. Tal era o grande Xavier, que como o affecto, com que desejava padecer, era tam inflammado, nenhuns trabalhos o podiam apagar, todos lhe pareciam poucos, & suspirava por mais; & como nam podia ter quãtos queria, ao menos em os favores do ceo pedia termo, pera suprir, cõ a falta das consolaçoens, o desejo dos trabalhos; havendo que nam era seu peito capaz, pera no desterro deste valle de lagrimas lograr taes favores da patria celestial.

5 Tam enlevado andava

em

Iere. Thren.
c. 3. n. 30. Sa-
turabitur op-
probijs.

h
Ioan. c. 19. n.
28. Vt consu-
maretur scrip-
tura, dixit Si-
uo

32

em Deos este grande Sancto, que entre outros lhe succedeo hum dia, levantandose da oração (em que se tinha por horas transportado) & sahindo de casa em Goa, pera hir falar ao governador, andar por toda a cidade com o espirito no ceo, passando de rua em rua, com hum rosto de homem extatico, tam enlevado, como quem sò trazia os pès pela terra, & com o pensamento voava pelo ceo; atè que finalmente se tornou pera casa, & dandose por obrigado a dar descarga de sy ao companheiro, lhe disse: *Filho, outro dia teremos pera negociar com o governador, o de hoje Deos o tomou pera sy*: verdadeiro peregrino da terra, & cidadam do paraíso, com quem entam mais negociava, quando com os homens melhor feria.

6 Pois quem poderá agora, nam digo contar, mas tocar os grandes milagres, & espantosos prodigios, que Deos por este milagroso, & prodigioso sancto no mundo obrou. Teve dom de lingoas, como os Apostolos no dia de Pentecoste, & muitas vezes, falando em huma sò, o entendiam muitos de naçoens muy diversas, que nam podia deixar de ser muy bem entendido quem falava pela lingua da charidade. Do glorioso Bispo Sam Martinho diz a Igreja sancta, h que foram taes seus

merecimentos, que chegou a resucitar tres mortos: a bulla da canonizaçam deste Sancto diz, que resucitou muitos; & eu acho em livros, & historias authenticas, & em testemunho de muitos, que foram vinte & cinco os mortos, que resucitou; que assim obedecia a morte tēporal aquem anunciava a vida eterna.

7 Em Choromãdel lhe succedeo o caso da esmola milagrosa, quando sahindo hum naufragante naquella praya, escapando do naufragio com a vida, & sem a bolça, vendose pobre na terra, tendo entrado rico no mar, se veyo valer do Sancto, pedindo esmola, havendo pouco que elle a podia repartir; meteo o Sancto a mam na algibeira (por bom costume de querer buscar dinheiro pera dár, & nam por esperança de achar nella que tirar) & achou a vazia, como a costumava trazer; desconso- louse o pobre, & muito mais o Sancto, aquelle por nam haver que receber; este por nam ter que offerecer; *Nam nos desconsolemos, irmani*, disse o glorioso Sancto, *que multa grande he a misericordia de Deos*; torna a meter a mam na propria algibeira, eis que milagrosamente logo a tira chea de moedas d'ouro; deo as ao pobre, assim como Deos lhas

Esmola milagrosa

Teve dom de lingoas

Breviar. Rom.
in eius legēda
1. Junij. Vt
in virtute Dei
ficæ Trinitatis
mereretur si-
ri triū mortuo-
rū suscitator
magnificus.

deo a elle, ficando o pobre remediado, & o esmoler consolado. Grande maravilha foy a que obrou a nossa Rainha de Portugal Isabel (a quem communmente os Portugueses chamamos a Rainha sancta) quando mudou huma vez, por causa de huma esmola, o dinheiro em rosas; & de outra vez as rosas em dinheiro; & assim em huma, como em outra, sempre aquelle dinheiro ficou dinheiro de rosas; porẽ esta maravilha do dinheiro de Sam Francisco de Xavier, ainda he mais milagrosa; porque no milagre da Rainha sancta, precedendo a materia das rosas, pera o dinheiro, & a do dinheiro, pera as rosas; sò houve mudança na forma; porem aqui no milagre da esmola de Sam Francisco de Xavier, nenhuma materia precedeo, senam que de nada criou ali Deos, em hum instante, a materia, & a forma daquelle ouro; pera que nelle tudo fosse milagroso, assim a materia, que de repente se criou, como a forma, que de novo se introduzio. Deixo os outros milagres, assim porque he impossivel contar todos, como porque toda sua vida foy hum perenne, & continuo milagre, com que edificou o mudo, & asõbrou o inferno.

7 Este foy o glorioso P. S. Francisco de Xavier, novo Atlãte do mundo Orietal, prodigio

triũphal de sanctidade, compẽdio theatral de successos milagrosos. Este foy o ditoso cõpanheiro, q̃ cõsigo trouxe de Roma o embaixador D. Pedro Mascarenhas; este aquelle passageiro, q̃ agora mãda pera a India el Rey D. Ioam, em a nao Sãctiago: este he aquelle tam milagroso peregrino, aquẽ pareceo estreito o Oriete, & muy limitada a vastidã do mundo, a respeito da grãde capacidade de seu animo, suspirãdo, como outro Alexandre, por mais mũdos, nam pera os fogeitar a sy cõ força de armas, mas pera os converter a Deos cõ a brandura do Evãgello. Este foy aquelle grande Padre, chamado pelo Papa Urbano VIII. ^m na bulla de sua canonizaçam, Apostolo das Indias: deo o Sancto a fé à India, & a India convertida lhe deo este nome glorioso; cõ mais rezã, do q̃ antigamẽte as terras vencidas o derã aos Africanos, Asiaticos, Cantabricos, Germanicos, Britanicos, & a outros, q̃ perfilhavam semelhantes ostentaçõens de vaidades, amplificando seus nomes com os nomes das gentes conquistadas; desfazendose o mundo todo, pera dar novos titulos de nova ambiçam; pois se matavam tantas gentes, só por se acrescentar hum novo titulo, contando os appellidos entre os despojos, & nam se cõtõtãdo

i
Invita Regina
Isabeth. mēse
July 4. Ribad.
in flor. sanct.

i
Juven. sat. 10.
Veni Pellzo
iuveni nõ sufficit orbis,
Acfluat infelix angusto limite mundi.

m
In bulla canoniz. S. Frãcis-
co de Xavier he chamado Apostolo da India.

com roubar as provincias, tambem lhes furtavam os nomes. Tudo isto foram effeitos da soberba, da vaidade, & da ambição; porem o nosso Apostolo na India alcançou este renome, nam pela roubar, mas pela converter; nam matado gentes, mas bautizando povos; oferecendo graças, & nam tirado vidas.

8 Este foy aquelle tam amado filho de seu sancto pay Ignacio de Loyola. Mereceo este glorioso peregrino, como diz o Papa Urbano VIII. na bul la de sua canonização, a benção do Patriarcha Abraham, que fosse tido por pay de muitas gentes, & que visse os filhos, que gèrou em Christo, multiplicados sobre as estrellas do ceo, & sobre as areas do mar, pelos muitos, que por sua via se convertèram no Oriente: & se foy grande gloria do Oriente ter por descobridor a hum Gamma, mayor gloria he ter por Apostolo a hum Xavier. Acabou em fim o curso desta sua larga peregrinação em Sâcham, que he huma ilha quasi deserta no mar da China; desemparrado de todo o favor da terra, assistido porem de mimos do ceo; desacompanhado de homens, em cõpanhia de Anjos; sê remedio humano, mas cõ socorros divinos: & finalmente entre suavissimos colloquios, com o sanctissimo nome de IESV na boca,

& no coração, acabou a vida presete, pera começar a eterna, em 2. de Dezembro de 1552. junto das portas da China, que buscava, como outro Moyses ° à vista da terra prometida, que demandava: temperado as des-cõsolações, que tinha de a nam entrar, cõ a certeza dos filhos, q depois a haviam de cõverter. E pera que entendessemos q nam se lhe acabava o curso dos milagres com o termo da vida; seu corpo, depois de muito tempo enterrado, foy achado fresco, & incorrupto, porque nam era justo que vencesse a corrupçã a hum sancto, que foy purissimo; ficando inteiro na morte quem foy inteiro na vida. De Sâcham foy o corpo mudado a Malaca, & de Malaca trasladado a Goa; continuando ainda, depois de morto, as peregrinações, que vivendo exercitou. Foy recebido em Goa, nam menos cõ infinito cõcurso de gente, que o applaudia, como a seu Apostolo; que cõ innumeraveis milagres, com que Deos o authoriza, como a sancto; o qual finalmente foy canonizado pelo sanctissimo Padre Gregorio XV. & vive descansando de seus caminhos na gloria do paraíso, aonde, como diz S. Hieronymo, ^P nê o trabalho já parece duro, nê o tempo das peregrinações cõprido. Ecõ isto temos dada hũa breve noticia do sancto Padre Francisco

Deut. c. 36.

In bulla can.
mibi fol. 8.

^P
Hier. in epist.
Nullus labor
durus. nullum
tempus longè vi-
eri debet, quò
gloria æterni-
tatis acquiritur

Anno de
Christo de
1541.

76

Anno da
Companhia
2.

de Xavier ; do qual agora com muitas saudades, nos apartaremos, por tornar a continuar com seu bom companheiro o Padre mestre Simam, que deixamos no cãis de Lisboa chorando, por nam acompanhar ao Padre Xavier, que se hia pera a India navegando.

CAPITULO XVI.

Dà elRey ao Padre mestre Simam Rodrigues o mosteiro de Carquere, pera ajuda da fundaçam do Collegio de Coimbra; trocáo pelo mosteiro de sancto Antam o velho, que tinha sido de freiras da Annunciada.

EM quanto vay navegando pera a India o Padre mestre Francisco de Xavier, vejamos o que succedeo em Lisboa ao Padre mestre Simam Rodrigues; que assim como aquelle hia alegre entre as difficuldades da viagem, assim este ficava sentido, por lha impedirem: a sorte era desigual, mas a esperança do fruto, com rezam, podia em ambos ser igual, porque nas cousas da obediencia tanto nos sanctifica fa-

zer o difficultoso, que se manda, como deixar o aprazivel, que se estima: holocausto era hir pera o Oriente, com a evidencia, & certeza dos trabalhos, que lá se previam, mas nam menor sacrificio era ficar nos áres da propria patria, quando a vontade tanto desejava o desterro na terra alhea. Parte Sam Francisco de Xavier com alvoroço, ficamos mestre Simam com saudades, figamos o que nos fica, pois nos foge o que se nos vay.

2 Depois de dar à vela pera a India o grande servo de Deos, novo Apostolo da Asia, nam deixou logo mestre Simam a estancia do hospital, delle sahia, como de huma praça de armas, a combater, & render pera o ceo almas, & consciencias perdidas. Muito se alegrava o benignissimo Rey de ver tam felices progressos, esperando que daquelle unico gram se encheriam grandes celleiros de abundantissimo fruto, a mesma satisfação havia na corte, & a mesma complacencia no povo: desejavam todos de se dar já principio a o Seminario de gente tam escolhida, & de quem se prometiam tam certas, & tam espirituaes bonanças. Porém, como as obras grandes

Ocupações do P. M. Simam em Lisboa depois da partida de S. Francisco de Xavier.

sam sempre vagarosas em seu principio; & os negocios da corte nam vam de ordinario tam apressados, como desejam os requerentes; sentia muito o P.M. Simam ver este seu negocio em calma, & nã se effectuarẽ logo as promessas reaes da fundaçam do Collegio, por cuja occasiam o deixavam em Portugal; & porque o desejo de hir à India era grandissimo, por esse ser o seu principal intento da vinda a Portugal, entrou em pensamentos de elle ser o que, logo no anno seguinte, de mil & quinhentos & quarenta & dous, levasse o socorro de sua propria pessoa a seu bom amigo Sam Francisco de Xavier; fez isto com grande segredo, pela certeza, que tinha das grandes contradicoens del-Rey; deo com tudo primeiro conta a nosso sancto Padre Ignacio, preparandose entre tanto pera a viagem: nam teve porem effeito este intento, porque o de Deos era, que o Padre ficasse, & se executou desta maneira.

3 Vagou neste comenos o mosteiro de nossa Senhora de Carquere, que antigamente foy de Conegos regrantes da ordem de sancto Agostinho; & como elRey nam esperava mais, que ter rendas, com que acodir ao novo Collegio, que nos traçava, tãto que houve es-

ta vacatura, a deo logo ao P.M. Simam, pera principio de dote, & fundaçam do dito seminario; o qual S. Alteza com parecer do seu concelho, & do P.M. Simam, quiz fundar na cidade de Coimbra, pera onde pouco antes tinha passado as escholas gèraes, que estavam em Lisboa; instituindo naquella cidade, como no coraçam do Reyno; hũa insigne Vniversidade, florentissima em todo o genero de letras, & sciencias; da qual tẽ sahido doutores famosos, prelados dignissimos, varoẽs muy esclarecidos em religiam, & sanctidade, que foram, & sam a luz, & governo destes Reynos.

4 Este mosteiro de Carquere, que elRey D. Ioam applicou à Cõpanhia, está situado junto ao rio Douro, tres legoas da cidade de Lamego: foy fundado pelo Conde D. Henrique, progenitor, & trõco dignissimo dos serenissimos Reys de Portugal, no anno 1099. em reconhecimento da singular merce, que ali recebèra o Infante D. Afonso Henriquez seu filho, primeiro, & fortunatissimo Rey de Portugal; porq nascendo o venturoso Principe aleijado de ambos os pés (que tinha tolhidos, & pegados detras hum no outro) a Virgem nossa Senhora, Rainha soberana, & avogada dos Reys de Portugal (que com suas armas, & por suas

2.

Milagre
feito por
nossa S. de
Carquere
em elRey
D. Affonso
Henriquez.

Dã elRey
à Cõpanhia o Mo-
steiro de
Carquere

Anno de 78
Christo de
1541.

Chronica da Companhia de Iesu em Portugal.

Anno da
Companhia
2.

cõquistas haviam de levar por todo o mundo o nome de seu beditissimo filho) appareceo em sonhos a Egas Monis , ayo deste insigne Principe, mandã-dolhe , q fosse a Carquere, que fizesse cavar em o lugar, que lhe apontou, & que ali acharia os alicesses de huma Igreja, que antigamente fora dedicada a seu nome , com huma imagem sua , & levantando ali altar, & fazendo hũa noite vigia, pozesse o Infante aleijadinho sobre o seu altar, que logo alcançaria a desejada saude.

5 Deo credito Egas Monis ao mysterioso sonho (que nam foy esta a primeira vez, q Deos explicou em sonhos, & às escuras, successos, que depois succederam em vigia, & às claras, de que temos muitos exemplos na sagrada Escripura *) parte-se pera o lugar revelado, mãda cavar, acha os alicesses promettidos, & a divina imagem enterrada, que mais estimou, que se descobrisse hum inestimavel thesouro (que o nam há melhor que o favor da Virgem sacratissima, na qual está escondido aquelle infinito thesouro, de q fala o Sábio *) levanta o altar, poem nelle a sagrada imagem, & ao pè della o aleijado Principe, que logo se levantou com perfeita saude, ficando livre milagrosamente do impedimento, & aleijam dos pés, solto já, &

desempedido, pera dar saltos com ligeireza de cervo, como canta o Propheta Isaias; dando victoriosos assaltos aos Mouros; & pera, como hum espantoso rayo, discorrer ligeiro de huma pera outra parte, como fez este famoso Rey, com asôbro do mundo, & destruiçam das armas Mahometanas; libertando, com eterna gloria sua, as terras desta coroa, da prizam, & cativeiro, em que estavam; que isto, sem duvida, parece quiz Deos significar, na milagrosa soltura de seus membros; porque, assim como Deos o soltou a elle das prizoões naturaes, em que nasceo, assim elle nos libertou a nós dos grilhoões Mauritianos, em que viviamos. Em reconhecimêto desta merce, logo o Cõde D, Henrique (como tam agradecido, & como quem sabia, que conforme á doutrina de S. Ioam Chrystomo, d nam há melhor meyo pera conservar o beneficio, que a continua lembrança de o ter recebido) em memoria de tam grãde milagre, & singular merce, edificou ali aquelle mosteiro, & o deo aos Conegos regantes da ordem de S. Agostinho; o qual com o tempo, que tudo acaba, ficando deshabitado dos Conegos, se veyo a reduzir, ou a presidencia de Abbade, ou a titulo de Commendatário.

6 Esta foy a primeira

Isa. c. 35. n. 6.
Tunc saliet ficut cervus claudus.

d
Chryf. sup.
Mat. hom. 15.
Optima beneficiorum custos est ipsa memoria beneficiorum, & perpetua commemoratio gratiarum.

Gen. c. 41. n. 1
Mat. c. 1. n. 20
& c. 2. n. 12.

Sap. 7. n. 14.
Infinitus enim thesaurus est hominibus, quo qui usi sunt participes facti sunt amicis Dei.

coisa, que nos deo o liberalissimo Rey D. Ioam, neste Reyno ordenado Deos as cousas de maneira, q̄ na mesma casa, em q̄ a Virgẽ sanctissima primeiro agasalhou as primicias do Reyno de Portugal; essa nos dẽsse, pera principio da fundaçam da Companhia, no mesmo Reyno; pera q̄ entẽdessemos q̄, assi como a Rainha dos Anjos tomara à sua cõta os Reys deste Reyno, como mãy amorosa, assim aceitava nelle a Cõpanhia, como protectora cuidadosa. Está hoje este mosteiro unido perpetuamẽte ao Collegio de Coimbra, com bullas Apostolicas, como em seu lugar veremos; posto que entam o P.M. Simam o trocou cõ a Preceptorial, ou cõmenda de S. Antam de Benespera, pela rezam, q̄ aqui direi.

7 Sétia o P.M. Simam nam ter em Lisboa cõmodidade de casa, pera nella poder receber gẽte, q̄ principiãsse a fundaçam do Collegio de Coimbra; & pera ter lugar certo, aonde habitassem os nossos, q̄ acoadissem a Lisboa, ou pera tratar os negocios da fundaçam do seminario; ou pera se embarcãrem pera a India; ou finalmente pera exercitarmos, naquella grande, & principal cidade do Reyno, os ministerios da Cõpanhia: o que veyo a ter effeito no mosteiro de S. Antam o velho, fundado pela Rainha D. Leonor,

molher del Rey D. Ioam o II. & irmã del Rey Dom Manoel, Princeza, que foy de estremado valor; a qual, cõ sancto zelo, instituiu; & dotou o famoso hospital da villa das Caldas; & cõ o mesmo animo patrocinou, & ajudou a instituiçam da insigne confraria da sancta Misericordia de Lisboa, da qual foy principal, & felicissimo autor o muy reverendo P. Fr. Miguel de Cõtreiras da ordem da sanctissima Trindade, q̄ por isso em todas as Misericordias deste Reyno (por costume muy antigo, & por provizam real, passada em 20. de Abril de 1627) anda em suas bandeiras pintada, & arvorada, como tropheo da eterna memoria, a imagem deste tam grave religioso, & tam veneravel varam; cõ estas tres letras no escapulario *F. M. I.* que querẽ dizer, *Frey Miguel Instituidor.* dõde bẽ se vè a grãde obrigaçam, querẽ a esta sagrada ordẽ todas as casas da Misericordia deste Reyno, & muy em especial a de Lisboa. Era este grãde servo de Deos confessor da serenissima Rainha D. Leonor, cõ quẽ ella cõmunicava todas as obras de serviço de Deos, q̄ emprendia; entre outras, q̄ sahiram desta celestial officina, foy tambẽ hũa casa, q̄ esta senhora mãdou fundar em Lisboa ao pẽ do castello, da parte do Norte, junto à Moararia, pera recolhimento de

F. Miguel de Cõtreiras instituidor da Misericordia.

Trata o P. M. Simam de termos algũa casa em Lisboa.

Anno de
Christo de
1541.

80

Chronica da Companhia de Iesu em Portugal.

Anno da
Companhia
2.

hūas religiosas da ordē de S. Domingos, cō titulo d' Anūciada: & sēdo o sitio mal acōmodado, pera mosteiro de freiras (como depois o tēpo ensinou) advertiram à serenissima Rainha, q̄ buscasse outro lugar, pera esta fūdaçam: ella, cō grāde resoluçam, respōdeo, q̄ deixasse ali fundar o seu mosteiro, porq̄ esperava ē Deos, q̄ daquelle sitio, & paredes havia de fahir hūa grāde reformaçam de Portugal. Mostrou o tēpo, q̄ fora o cōselho bē cōsiderado da parte de quē o dera à Rainha; porē que a sua resoluçam mais fora prophecia, q̄ respeitava ao bē futuro, que reposta ordinaria, q̄ atētasse a cōmodidades presentes: porq̄ o mosteiro se veyo a mudar, como logo direi; & daquella casa fahirā ao diāte, & fahem hoje grādes prégadores, & servos do Senhor, de que tē resultado grāde bē, e reformaçam a estes Reynos.

8 Porē andādo o tempo, se descobriram mais as incōmodidades do lugar, q̄ era humido, occasionado a ser mal sam, & danoso à faude de molheres religiosas, & muito mais ao recolhimento, que professavam, por ser devassado de tres montes vizinhos, a saber, o do castello, o de N. S. do Mōte, & o de N. S. da Graça. Sendo disto informado el Rey D. Ioam o III. as fez mudar pera o lugar aōde agora estam (& aōde vivē cō admira-

vel exemplo de sãctidade) & se chama Annunciada. Estava ali entam hū mosteiro de Conegos da ordē de S. Antām (o qual era fogeito a outro mosteiro de S. Antā de Benespera) os quaes se passaram pera o convēto do pé do castello; effectuādose a troca cō aprazimēto das partes. Vierāse estes mosteiros de S. Antā, cō o tēpo, a reduzir (como logo veremos) a hūa Preceptoria, ou Cōmēda, da qual neste anno, de que himos falādo, estava de posse o Bispo titular D. Ambrosio Pereira. Desejou o P. M. Simam de fazer troca cō o dito Bispo, dādolhe a Igreja de Carquere, de que S. Alteza lhe tinha feito mercē, pela dita cōmēda de Benespera; porque ao Bispo era de pouco proveito este mosteiro de S. Antā de Lisboa, q̄ pertēcia ao de Benespera; & a nós seria de grāde cōmodidade, por ter Igreja feita, & casas bastātes, pera logo se recolher nelle o P. M. Simam, cō os mais cōpanheiros.

9 Florescia neste tēpo em Portugal, & era muy valido del Rey D. Ioam o III. o reverēdissimo P. M. fr. Ioam Soares, religioso da ordē dos Ermitaēs de sancto Agostinho (que depois foy Bispo de Coimbra) famoso prégador daquelles tēpos, que com a graça de suas eloquentes palavras, & efficacia de suas excellentes rezoēs, trazia apos sy a corte toda, & era confessor de sua

Troca-se o convento das freiras d' Anūciada, cō o mosteiro de S. Antām.

Alte-

Troca o P.
M. Simam
o mosteiro
de Carque
re, pelo de
S. Antam.

Alteza, & mestre do Principe seu filho. Com este grave, & religioso varãr tinha o Padre M. Simam muita amisade, & trato, pelo que, communicandolhe este seu desejo, de ter casa propria em Lisboa, pelas rezoens, que apontamos, & que pera isto nos ficava bem a Commenda de Benespera, por estar a ella annexo o mosteiro de S. Antam de Lisboa, que nos podia ser de grande commodo: tomou este muy reverendo P. a sua conta acabar com o Bispo D. Ambrosio, que nos largasse esta Commenda, pela Igreja de nossa Senhora de Carquere: veyo nesta troca o Bispo, & elRey houve d'isto muita satisfacãm, fazendo logo com o Nuncio apostolico Aloisio Lippomano unisse a Companhia os ditos mosteiros de S. Antam, por espaço de cem annos, como logo fez (& depois no anno de 1550. foram unidos pera sempre pelo Papa Julio III.) & como esta troca se fez pela Igreja de nossa Senhora de Carquere, que era dada pera dote do Collegio de Coimbra, por isso ainda S. Antam de Benespera, com suas rendas, pertence ao Collegio de Coimbra, postoque estã ja muy diminuidas, porq' depois do Concilio Tridẽtino cessãram os petitorios, q' se faziam pelo Reyno, em que consistia a principal renda d'esta Commenda.

CAPITULO XVII.

Dãse algũa noticia deste mosteiro de S. Antam, o qual foy a primeira casa, que tivemos em Portugal, pera onde se mudou o P. M. Simam.

I **S**Am muy grandes as obrigaçoens, que todos os da Companhia d'esta provincia de Portugal, temos ao glorioso P. S. Antam (a quem por antonomasia chamãram o grande) porq' elle foy o primeiro, que neste Reyno, como pay amoroso, nos agasalhou, & como protector liberal, & cuydadoso, nos sustentou, & nos defendeo sempre; assim no seu mosteiro velho, aonde primeiro estivemos; como no Collegio novo, pera onde, com o Sancto, nos mudamos: & por esta rezãr, pera fazer algũ serviço a este sanctissimo Patriarcha (gloria do Egipto, aonde naceo; sol do mundo, que alumiou; alegria do cẽo, que enriqueceo; espanto, & terror do inferno, a quem assombrou) desejei tirar a limpo a verdadeira noticia d'esta sua ordem, & mosteiro. Achei, depois de revolver os autores, q' d'isto me podiam dar noticia, que foy esta cõgregaçãm instituida no anno de 1095. sendo summo Pontifice Gregorio VII. em França, na

Obrigaçoens, que temos a S. Antam.

Vide historiam Antonianam apud Baron. tom. 2. an. 1095 n. ult. Onuf. in Chron. anno 1095. Ml̃r. R. O. in sep̃u. Christ. lib. 6. per plurã capicã. Azof. ro. 1. lib. 11. c. 11. q. 8. & alios

Anno de 82
Christo de
1541.

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno da
Companhia
2.

Tinhã es-
tes mōges
cuydado
dos hospi-
taes.

diecesi Viennensi, no lugar cha-
mado Mota, a quem hoje cha-
mam S. Antonio (por trazerem
aly de Constantinopla o precio-
so thesouro de seu sagrado cor-
po) Seus fundadores foram hun-
dous fidalgos chamados Gas-
tam, & Girono, pay, & filho, &
outros companheiros. Tinham
estes Religiosos cuydado dos
hospitaes, aonde se curavam os
enfermos, que sam abrazados do
fogo, a que chamam de S. An-
tonio, que em Latim se diz
ignis sacer, & vem a ser erysipola.
E posto que estes religiosos ti-
vesse a S. Antonio por seu prin-
cipal padroeiro, cō tudo, da ma-
neira, que os Religiosos de Sam
Bernardo guardam a regra de S.
Bento, assim estes guardavam a
regra de S. Agostinho, & eram
seus conegos regrantes; assim o
achey em varias bullas, passadas
pelos summos Pontifices; entre
ellas se ve hũa passada pelo Pa-
pa Bonifacio VIII. no anno de
1297. que diz assim: *Quodq; in
eodem monasterio S. Antonij, & hos-
pitali, ac membris eisdem, Beati Au-
gustini regula servaretur, & secundum
eam dicti Abbas, & Canonici perpetuo
vivere teneretur.* O seu prelado im-
mediato era Abade: o superior
mayor, ou geral de todos estes
Religiosos, se chamava *Præceptor
maximus*, que vinha a ser, como
seu gram mestre; & por isso os
mõsteiros, se chamavam *Præcep-
torias*, que este mesmo nome ti-

Tinhã
gram me-
stre.

nha tambem este nosso mostei-
ro de S. Antam de Benespera.

2 Floreceram principal-
mente em França, & tambem os
havia em Castella; porẽm por
mais que a sua insignia era hum
Tau, que significa a potencia,
nam puderam resistir a tyrãnia
do tempo; porq; cō elle se veyo,
quasi a extinguir esta Religiam
ẽ Portugal, & a reduzirse a hũa
Cõmenda, que jã no tempo do
Papa Julio II. no ãno de 1510.
se provẽo em hum Ruy Lopes,
como cõsta de hum Breve, que
tenho em meu poder (& agora
a possuia o Bispo D. Ambrosio
Pereira) As casas, que neste Rey-
no houve d'estes Religiosos, era
o mosteiro de Benespera, o mo-
steiro de S. Antam de Lisboa, e
dous oratorios, o de S. Antam de
Sanctarẽ, & outro, q se chama-
va S. Antam d'Aveleira; item
outra Igreja, que se dizia S. Do-
mingos de Belteiros, no Bispa-
do de Viséo; tudo cõsta do Bre-
ve, q temos em nosso poder, pas-
sado pelo Papa Julio III. em q
nos unio estas Igrejas, no anno
de 1550. Nam consta do anno
ẽm q estes mōges entrãram em
Portugal, nẽ da occasiã, q pera
isto houve; a mais antiga memo-
ria, q acho d'estes Religiosos em
Portugal, he hũa bulla do Papa
Nicolao V. expedida no anno
de 1450. Deste Breve tam-
bem consta, que por estes fra-
des terem seguido a regra dos

Casas, que
trvẽra em
Portugal.

Cone-

Habito, q
traziã no
peito estes
religiosos.

Conegos regrantes de S. Agostinho, lhes chamavam tambem a elles Conegos.

3 Consta porem dos ditos breues, que eram verdadeiros religiosos, & que tinham regra, & professavam os votos sustanciaes, & usavam de habito regular. Sabemos mais, que a divisa destes religiosos no seu habito era huma cruz pequena no peito, a modo de T. ou Tau Grego, que representa a cruz, na forma, em que ainda hoje a trazem nas capas brancas, os cõfrades da irmandade deste Sancto, & se lhe costuma a pintar no peito ao mesmo sancto Antam.

4 A cabeça, & casa principal destes religiosos era o mosteiro de S. Antam de Benespera, situado na comarca da Guarda, junto à fresca ribeira chamada Teixeira. A esta casa estava sogeito o mosteiro de sancto Antam, que havia em Lisboa; o qual ainda hoje tem o nome de S. Antam o velho, & primeiro foy edificado no lugar, aonde estam as religiosas d'Annunciada.

5 Tambem fiz diligencia pera descobrir a fundaçam, & principios deste primeiro mosteiro, que este modo de Conegos tiveram em Lisboa; & achei que sendo seu gram Mestre hum Pedro Lobato, se fez a doaçam pera aquella Igreja,

& pera o mosteiro, & hum hospital, no anno de 1400. por huns dous casados, chamados Ioam de sam Vicente^a, & Lourença Ioanne, os quaes eram mercadores, como consta da escriptura; & deviam de ser bons negociantes, & grandes homẽs de negocio, pois queriam ganhar o ceo, depois de ter grangeado o dinheiro; como do bõ ladram disse S. Ioam Chrysotomo, ^a que soube tam bem exercitar o officio, que na vida furtava as capas, & na morte roubou o paraíso. Estes dous bons casados, sendo mercatores, & sendo ricos, poderam muy bem guardar o conselho, que Christo no Evãgelho ^b dava a gente semelhante, advertindoos, que com as riquezas, que sam temporaes, soubessem câbiar os tabernaculos da gloria, que seram eternos.

6 O sitio, aonde elles mãdaram fundar o mosteiro de S. Antam (que he, como dissemos, aonde estã o convento da Annunciada) se chamava a carreira dos cavalos, como consta da escriptura, que logo apontarei; porque ali se deviam de exercitar os cavaleiros de Lisboa, naquelle tempo: & nam era pera isso o lugar mal accõmodado; porque das portas de S. Antam, até a Annunciada, entrando as hortas, que por ali hã, se estendia hum fermoso

campo

^a
Chryl. tom. 3.
hom. de cruce
& latrone. Ille
latro de ligno
mercaturifalu-
tem: hic latro
furtatæ cele-
ste imperium.

^b
Luc. e. 16. n. 9
Facite vobis
amicos ex mã
monã iniqui-
tatis, ut cum
defeceritis re-
cipiant vos in
æterna taber-
nacula.

O sitio da
Annuncia-
da chama-
se carri-
ra dos ca-
valos.

Principio
do mostei-
ro de S.
Antam.

Anno de
Christo de
1541.

84

Chronica da Companhia de Iesu em Portugal.

Anno da
Companhia
2.

campo razo, largo, & comprido, & muito capaz pera este exercicio de cavallos, que naquelle bom tempo era mais costumado em Portugal: as palavras desta escritura sam as seguintes: *Nos mandamus, atque concedimus corpora nostra dicto ordini de sancto Antonio: Item mandamus, & concedimus, quod in quadam domo, cum suo territorio, sive pradio, qua nos habemus in vico de Corredeira, que est inter ambas vias, videlicet quadam via, per quam tenditur ad Bemfica, & alia, per quam tenditur ad Coturiam, construatutur quadam Ecclesia, & edificetur domus, atque hospitale dicti ordinis, cum quadam capella, in qua mandamus corpora nostra sepeliri, quando contigerit nos debitum natura persolvere, &c.* Querem dizer estes latins, que nam sam Ciceronianos: *Mandamus, & entregamos nossos corpos á dita ordem de S. Antam. Item mandamos, que numa casa cõ seu territorio, & herdade, que temos no lugar da carreira dos cavallos (que está entre ambos os caminhos, correm a saber, hum caminho, por onde se vay pera Bemfica, & outro por onde se vay pera a Coturia) se edifique hũa Igreja, humna casa, & hum hospital da dita ordem, com humna capella, na qual mandamos sepultar nossos corpos, quando succeder pagar o commum tributo á natureza, &c.* Aqui esteve este mosteiro, & Igreja de S. Antam, que, como dissemos, era sogeito a S. Antam de Benespera, a quem tambem pertencia outra

ermida de S. Antam, que está na villa de Sanctarem, em Marvilla, fora dos muros, junto do paço del Rey, pera a parte do poente.

7 Porem, como as cousas desta vida todas caminham pera a morte, já nam havia, no tempo del Rey Dõ Ioam, neste mosteiro mais, que dous religiosos, ou conegos, que escassamente representavam o nome, & guardavam a regra daquella ordem: & como o sitio era mais accommodado pera convento de freiras, do que era o lugar aonde ellas estavam ao pé do castello, junto á Mouraria, se fez a troca da maneira, que dissemos; levãdo as freiras consigo a invocaçam da Annuciada, pera o mosteiro dos frades de S. Antam; & os frades trazendo o nome do seu Sancto pera o mosteiro do pé do castello. E com tudo a porta da cidade, que vay do rocio pera a Annuciada, nunca perdeu o nome da porta de S. Antam, que ainda hoje conserva, como se nam quizesse o Sancto deixar a guarda, & defensam daquella porta da cidade, de que humna vez tinha tomado posse.

8 Mas nem, com a mudança do sitio, se melhorou a ordem de S. Antam, ou se acrecêtou o numero dos seus religiosos: antes totalmente se extinguiu, sem lhe ficar mais que o

Como se
extingui
ram estes
religiosos
de S. Antã.

*Vieramse
estes mosteiros a re-
duzir a
cõmenda.*

nome, acabando se primeiro o espirito da perfeiçam, como costuma succeder; & já no tempo, em que o Padre mestre Simam fez esta troca, nam havia nenhum destes religiosos, & assim se extinguiu totalmente esta ordem, & se veyo a reduzir a commenda, como succedeo a outros mosteiros em Portugal, como forã os de S. Ioam de Lõgavares, de S. Fins, do Pedroso, de Roriz, & outros, de q̄ adiante falaremos. Bẽ pòde ser q̄ o Bispo D. Ambrosio, q̄ foy o ultimo possuidor desta commẽda, fosse religioso desta mesma ordẽ, da maneira que os cõmendadores de Christo sãtãbẽ religiosos da ordem de Christo, porq̄ Ruy Lopes, de quẽ atraz falamos, era tambẽ religioso desta ordẽ, como consta dos breves allegados.

9 Entrẽgue pois este mosteiro de S. Antam á Cõpanhia, se passou pera elle o P. M. Simã, em 5. de Janeiro do anno do Senhor de 1542. vespora dos sanctos Reys Magos, embaixadores, & paranimphos da gentildade, de cuja nova conversam havia de ser aquelle Collegio hũa como ditosa escala, aonde os nossos de todas as partes se haviam de ajuntar, & partir dali pera a India, & mais terras de infieis. A honra desta festa, em que tomavam a posse do mosteiro, tomou o Pa-

dre Bernardino, novamente recebido na Companhia, o appellido dos Reys, chamandose d'antes Bernardino Escalceato: tinhalhe a este bom Padre prometido o Padre mestre Simam de o receber na Cõpanhia, tanto que ambos dẽsem á vella pera a India; & como nam ficou por elle a viagẽ, cõpriolhe o Padre o prometido, recebẽdo o na religiam, na qual acabou em boa velhice, depois de servir muitos annos a esta Provincia, & muito mais à da India, & Iapam, pera onde embarcou grãde numero de religiosos da nossa Companhia, sendo procurador daquellas partes, com grãde exemplo, & rara edificaçam, assim dos de fora, como dos de casa.

10 Com este novo cõpanheiro, & cõ o P. M. Gõçalo de Medeiros, primeiro noviço, q̄ se recebeo nesta Provincia, deo o Padre mestre Simam o bemafortunado principio á residencia de sancto Antam; nã qual, como em casa propria, começaram logo os nossos a exercitar, com grande felicidade, os ministerios de nosso instituto, & a dar ditosos principios à grande edificaçam, & fruto espiritual, que daqui tem procedido: & foram tam copiosos os frutos, que se recolhiam, que os que se lembravam do dito propheticõ

*Tomase a
posse do
mosteiro
de S. An-
am.*

*Começam
os nossos ã
S. Antam
a traba-
lhar no vi-
nha do Se-
nhor.*

Anno de
Christo de
1541.

86

Anno da
Companhia
2.

da prudente senhora Rainha Dona Leonor, que daquelle seu mosteiro havia de sahir a renovaçam deste Reyno, julgavam terse comprido, pela grande mudança, & melhoria de costumes, que viam, & louvavam na cidade, por meyo dos nossos, que residiam em sancto Antam, que sendo poucos em numero de fogeitos, trabalhavam por muitos no exercicio das virtudes. Foy este mosteiro a primeira casa, que teve a Companhia no mundo todo, depois da Igreja de nossa Senhora da Estrada em Roma: porem com isto pôde estar, que o nosso famoso Collegio de Coimbra foy o primeiro entre todos os da Companhia, porque o de S. Antam somente foy residencia sem titulo de Collegio, até o anno de 1552. como adiante contaremos.

O estado é
que achamos o mosteiro de S. Antam.

II O estado, em que o P. M. Simam achou o mosteiro de S. Antam, quanto ao material, foy hũa Igreja velha mal ornamentada, hum dormitorio pequeno cõ sua claustra correspondente á mais obra, com algũas officinas mal accommodadas, pera o nosso modo. Nam residia no dito mosteiro mais que hum só ermitam, por nome Pedreanes, o qual recolhia as esmolas, & o azeite pera as alampadas, que por ser homem de

idade, de rara singileza, & muita devaçam, o deixou o Padre mestre Simam no mesmo officio, no qual perseverou até ser admittido na Companhia (pelo Padre Ieronymo Nadal, Comissario de toda Hespanha) no estado de irmã coadjutor tēporal, & foy o primeiro Sãcristam, q̃ houve na casa professa de S. Roque, aõde finalmente acabou muito velho na idade, & cheo de merecimētos, ordenãdo Deos que o ultimo ermitã de S. Antam o velho fosse o primeiro Sãcristã dos Padres velhos de S. Roque, pera q̃ em ambas estas casas de Lisboa nos ficassem em lêbrança os exemplos de virtude deste bom velho; & pera que os irmãos Sanchristães de S. Roque entendam a obrigaçam, que tē a S. Antã, pois lhe criou em sua casa o primeiro Sanchristam; que se foy o ultimo no officio de ermitam, foy o primeiro no exēplo da virtude.

12 E como a renda do mosteiro de Benespera se applicou, como dissemos, ao novo Collegio de Coimbra, nam ficando a esta residēcia de Lisboa, mais q̃ o assento deste mosteiro cõ algũs foros (em q̃ tãbẽ entra a ermida de S. Antã, q̃ estã em Sanctarem) supria elRey com suas esmolas, & ordinarias, na falta, que havia de rendas, & de fazenda; até que no anno de 1567. o serenissimo Rey D.

*Mudança,
que depois
fizemos
doste mo-
steiro.*

Henrique (entam Cardeal, & Legado á latere) aceitou a fundação deste Collegio da maneira, que ao diante diremos; & por quanto este sítio, & habitação de S. Antam o velho era notavelmente apertado, pera o numero de sogeitos, & pera a grandeza do edificio (que meditava a largueza do animo real de hum Principe tanto nosso afeiçoado) traçou hum novo edificio, junto às freiras de sancta Anna, em sítio mais espaçoso, ao qual lançaram a primeira pedra a 11. de Mayo de 1579. sendo superior o Padre Amador Rebelo: pera onde finalmente nos passamos em 8. de Novembro, do anno de 1593. trazendo o mesmo titulo de sancto Antam: ficando aquelle mosteiro antigo aos muy reverendos Padres de sancto Agostinho, que no lo compraram; tornando a pôr à Igreja a invocação de Nossa Senhora; posto que, pera distincção do mosteiro das freiras da Annunciada, ficou intitulado Nossa Senhora da Encarnação.

13 Isto quiz aqui summariamente apontar, pera que se vissem as mudanças de nomes, & variedade de habitadores, que esta casa teve em breve tempo, porque primeiro foy de freiras da Annuciada, pouco depois de conegos de S. Antã, logo Collegio da Cõpanhia, & a-

gora o he de religiosos de S. Agostinho, com titulo de Nossa Senhora da Encarnação. Mas o bemaventurado sancto Antam se chamou à posse desta casa (como o tinha feito na sua porta do rocio) de maneira, que ainda hoje chamam à quella casa o Collegio de sancto Antam; posto que, pera distincção do Collegio novo, pera onde nos mudamos, lhe chamam, sancto Antam o velho, & ao nosso Collegio chamam S. Antam o novo.

CAPITULO XVIII.

*Manda sancto Ignácio companheiros de novo ao Padre mestre Simam: recebe outros em Lisboa, entre elles ao ir-
mam Manoel Godinho, a quem mandou, vestido como estudante secular, à Universidade de Coimbra.*

1 **T**anto que o Padre mestre Simam tomou posse da casa de sancto Antam, & se vio com aposentos bastantes pera agasalhar cõpanheiros, que o ajudassem à fundação do Collegio de Coimbra, lhe trouxe logo Deos algũs de Paris, mãdados por nosso sancto P. Ignacio, á instancia

*Muitas
variedades de
nomes, qteve
este mosteiro
de S.
Antam.*

Anno de
Christo de
1542.

88

Anno da
Cõpanhia

3.

del Rey Dom Ioam, a quem o zelo da conversam da India, & desejo da fundaçam do seu Collegio, excitava a procurar novos socorros de operarios, dos quaes lhe chegou no principio deste ãno hũa nova colonia de gẽte muy escolhida, a saber o irmão Diogo Miram Valenciano, Micer Põcio Frãcès, Frãcisco de Roxas Castelhanos, os quaes estudavã em Paris, aõde forã recibidos. Poucos meses depois chegou outro mayor socorro, eram estes o P. Cypriano Soares, o irmão Frãcisco de Villanova, ambos Castelhanos, Frãcisco Gallo de nome, & naçã Frãcès, Angelo de Paradiso, Isidoro Brilino, & Martino Parmesano Italianos.

Padre Manoel Godinho
ẽ trou na Companhia.

2 Acrecetouse logo o numero com algũs Portugueses, a quẽ Deos moveo a seguir nosso instituto, foy o primeiro destes, hũ mancebo nobre na calidade de sangue, & illustre nos procedimentos da virtude, chamado Manoel Godinho, natural de Lisboa, & foy o primeiro filho, que esta grande, & real cidade deu à Cõpanhia, o qual andãdo no paço, tratou em Almeirim com os dous primeiros Padres M. Francisco, & M. Simam, com cujo exemplo se moveo a fazer hũa confissam gèral com o S. P. Francisco de Xavier, ficãdo dali tã affeiçoado aos nossos, que nunca lhes sãhia de casa. Andando jã assim abalado, o mo-

veo, & rãdeo de todo hũ sermã, que ouvio ao famoso prégador da Corte Fr. Ioam Soares, dignissimo Bispo que depois foy de Coimbra, o qual fez na capella real sobre o Evangelho da trãfiguraçam, aõde, cõ admiravel eloquencia, tratou sobre a fermosura, & eternidade dos bens da gloria, cõ trapõdoos à vileza, & brevidade dos deste mundo. Ouvindo o cortesam mancebo os louvores da corte celestial, se sentio de subito ferido cõ hum rayo de luz, que logo o fez totalmente aborrecer o paço, em que se criava, pela gloria, que esperava, parecendolhe menos agra a cruz de Christo, que dantes temia, à vista dos prazeres do ceo, q o prégador lhe pintava; resolveose a fugir do mũdo, pera se recolher ao mõte Thabor da religiam, & abraçar se cõ Christo desfigurado na cruz, pera gozar delle transfigurado no ceo; & estimando jã muito mais o desprezo de Christo, q as esperanças da corte, pera fazer sua a graça daquella resoluçam do Senhor, o qual, como diz Sam Paulo, estimou antes a cruz do Calvario, que os gostos da vida.

3 Logo no mesmo dia, em que o divino caçador ferio a preza, veyo a cahir aos pès do Padre mestre Simam, pedindolhe, cõ instancia, o quize se receber na Cõpanhia, deolhe

^a
Ad Heb. c. 12.
n. 2. Proposito
sibi gaudio,
sustinuit crucem.

o Padreboas esperanças, & posto q de sua bela inclinaçã à virtude tinha bastantes provas, quiz que as houvesse bem solidas desta sua deliberaçam; metendo tempo em meyo, lhe apontou o dia, em que podia tornar: acodio a ponto no dia assinalado, recebeu o Padre mestre Simam na Companhia, & logo ao dia seguinte o fez recolher em exercicios espirituaes; nelles se aproveitou tam bem o novo soldado, que sem ter outro mestre de noviços, sahio tam alentado, & perfeito religioso, que fiou delle o Padre mestre Simam mandalo logo em peregrinaçam a Sanctiago de Galiza, & q na volta ficasse em a Vniversidade de Coimbra, como por espia (à maneira que Iosué^b antigamēte mandou primeiro vigiar a terra de promissam) ordenadolhe, q em trajos de secular andásse entre os estudantes, pera com seu exemplo os affeioar à virtude; & pera que depois nam estranhasssem aos da Companhia, quando os conhecesssem, pois já os tinham conversado desconhecidos. Partio o devoto mancebo cõ animo alegre, pès ao caminho, olhos no ceo, & o coraçam em Deos: adoeceo em Coimbra do cãçasso da jornada de tersãs, que totalmente lhe impediram continuar a peregrinaçam. Depois de sarar continuou com o

sancto disfarfe de estudante fingido no trajo, & de religioso verdadeiro no trato: alcãçando grandes victorias, & tendo valentes successos, como adiante veremos.

4 Desta sancta traça usou aqui o P. M. Simam, & como foy tam notavel, a algũs poderã parecer nova; & os que se prezam de criticos, & judiciosos, a poderã estranhar, dizendo, q nam era licito mudar habito, & q parecia isto usar de enganos: cõtudo he certo q esta açã do P. M. Simã he louvavel, e virtuosa, & como tal usada dos varoēs sanctos, exercitada pelos mesmos Anjos, & cõfirmada pelo proprio Deos; & deixando a parte o exẽplo de S. Sebastiam, q se vestia^o como soldado gentio, pera animar os christãos, q fraqueassem, & outros muitos semelhantes, de q estã cheas as historias ecclesiasticas; S. Ioam Chrysoftomo^d nos offerece hũ caso, que parece que o acabou de ler nelle o P. M. Simã, quando mandou a Coimbra da maneira, que dissemos, ao irman Manoel Godinho. Conta o Sãcto q mandãram algũas vezes do ermo a hum monge mancebo de grande virtude, que sahindo do mosteiro viesse á cidade muy bem trajado, ao modo de secular, pera cõ mais facilidade, como diz este sagrado doutor recolher nas suas redes a mui-

Mãda o P.
M. Simã a
o Irmam
Manoel Godinho dis-
farsado a
Coimbra.

Ios c. 2. an. 5
Mist Iosue fi-
lius Nun de
Sitiim duos vi-
ros explorato-
res. &c.

Esle disfar-
se do irman
Manoel
Godinho
he conforme a dou-
trina de
Christo.

Paul. Diac. lib.
6. c. 2. Baro-
to. 2. pag. 673

d
D. Chryf. to. 5
l. 3. spe, adver-
sus vituperat.
vitz monast.
Exteriore qui-
dẽ habitũ nihil
à ceteris dif-
ferre videbitur,
ut facilius
multos contu-
bernales intra
sua retia in-
cluderet.

Anno de 90
Christo de
1542.

Chronica da Companhia de Iesu em Prtugal.

Anno da
Cõpanhia

3.

g
2. Mach. c. 11
n. 6.

tos de sua idade : desta mesma traça usava o irmam Manoel Godinho ; aquelle, sendo monge, fingia-se leigo; este, sendo religioso, mostrava-se estudante; ambos no exterior ostentavam trajos profanos ; & ambos no interior conservavam intentos sanctos : & assim, como ninguem com rezam diria, que o monge de S. Chrystomo enganava os seculares, assim se nam poderá affirmar que este precursor do P. M. Simam enganava os estudantes, pois o intento de ambos era o mesmo, nam querendo introduzir enganar, mas pretendendo persuadir desenganar. Desta mesma traça usava S. Paulo, ^e do qual diz Sam Hieronymo (fundado naquellas suas palavras, em que elle se chama espectáculo, ou theatro) que como se fosse hũ representante, mudava o habito, & fingia a voz, pera se fazer todo com todos, & pera atrahir todos a Christo, *In histrionum similitudinem factus, habitum in diversas figuras mutabat, & vocem, &c.*

5 Esta doutrina nos ensinaram os mesmos Anjos, porque estes por ajudar aos homẽs, conservando o mesmo ser por dentro, mudaram tambem o parecer por fora ; assim o fez o Anjo ao Patriarcha Abraham, apparecendo-lhe em figura de peregrino, sendo elle cidadam do ceo; S. Raphael a Tobias

em habito de caminhante, sendo elle dos que estavam diante da presença de Deos; & aos Machabeos ^e se mostrou o outro Anjo em postura de hum valente cavaleiro : que pera acudir aos homens, usam de semelhantes disfarces estes celestiaes espiritos ; & entam mais Anjos na innocencia interior, quando mais varios nas apparencias externas.

6 O proprio Verbo encarnado tomava por nosso bem muitos, & varios officios: humas vezes se fazia Rey ; já se chamava Pastor ; já se dizia lavrador, & mercador ; & como diz S. Cyrillo ^h Ierosolimitano, sendo hum, fazia-se muitos, & sendo o mesmo, parecia vario; pera salvar a todos, fazendo-se todo de todos, *Unicusque varius fit salvator ad utilitatem, & omnibus fit omnia, idem naturã manens qui est.* E com o mesmo aviso disse S. Ioam Chrysollego, ⁱ que Christo se fez todo pera cada hum; & sendo sempre o mesmo em sy, se mudou muitas vezes por amor de nós; & ficando dentro na mesma forma da magestade, mostrava aos homens diversas formas de piedade, *Tibi totum factus est, qui totum fecerat, & qui sibi nunquam, tibi toties immutatur, propter te varias mutatur in formas, qui manet unica suã maiestatis in forma.*

7 Atè no habito, & no ve-

itido

O Verbo encarnado se disfarçava, por amor dos homẽs

^h
S. Cyril. Hier. Catech. 10.

ⁱ
D. Chrysollog. Ierm. 23.

^e
1. ad Cor. c. 4.
n. 9. Hier. sup.
c. 4. epist. ad Galat.

Os mesmos Anjos se disfarçavam.

^f
Gen. 18. an. 1.
^g
Tob. c. 5. n. 6.
^h
Ignorãs quòd angelus Dei fuit, salutavit eum, &c.

I
Ioan. c. 20. n. 15. Illa exultans hortulanum esse.
n
Luc. c. 14. n. 18. Tu solus peregrinus in Hierusalem.

o
Augu. tract. in Pf. 63. n. 7. Obiectis aspectibus hominis, servans intus Deum: celas formam Dei, in qua æqualis est Patri, & offerens formam servi, qua minor est Patri.

P
In sumario regul. 4.

q
1. ad Cor. 9. n. 22. Omnibus omnia factus sum, ut omnes facerem salvos.

stido vemos nelle esta mesma variedade, porque à Magdalen^a appareceo feito jardineiro, & aos de Emaus se mostrou em figura de peregrino; & ainda q^o o Senhorⁿ aqui fingia, que hia pera mais longe, nam se pôde dizer que enganava aos dous discipulos, pois vinha pera desenganar a todos os homens. E pera concluir de remate esta materia, o mesmo Christo, sendo tambem Deos, sò parecia fer homem; conservava dentro, como diz S. Agostinho, ° a forma de Deos, na qual he igual ao Padre, mostrava fora a forma de homem, na qual he menor que o Padre; porque como, sendo Deos, queria ganhar aos homens, era necessario esconder o ser divino, & mostrar a libré humana: que com estes divinos disfarces pretendia encaminhar os que andavam errados, & queria ganhar os que estavam perdidos. E se a alguns religiosos melhor dizem tam sanctas traças, tam angelicas formas, & tã divinas transformações, sam em especial aos da Cõpanhia, porque como o nosso^p fim he trazer todos pera Deos, nam quiz S. Ignacio, que tivessemos habito proprio, & estavel, pera que em todos podessemos ajudar a todos, & fazerse cada hũ de nõs como o Apostolo^o dizia de ty, *todo pera todos.*

8 Este fundamento tam

sancto, tam angelico, & tam divino teve o Padre mestre Simam, pera mandar a Coimbra o irram Manoel Godinho, na forma, que temos dito. Foy este Padre Manoel Godinho, na Cõpanhia, homem de muita virtude, & rara mortificaçam, & desprezo proprio. Huma vez peregrinando em vestidos pobres, com o irram D. Rodrigo de Meneses, desejoso de experimentar em sua pessoa a desnudeza de Christo na Cruz, & de sentir em parte as afrontas, que o Senhor ali padeceo por junto; (tendo por davante o exemplo do seraphico Padre S. Francisco, ° que em sua pessoa o fez em Assis; & ao sancto Frey Rufino, a quem mandou exercitar o mesmo em a mesma cidade) elle se despio da cinta pera cima, & muy roto, & descalço, com muita humildade foy pedindo por toda a villa da Sertã do Priorado do Crato, pretendendo com esta sancta traça tirar esmola de escarnios, & desprezos, de que sò andava faminto; mas destes foy tam mal provido, quam rico de louvores; & Deos, que lhe aceitou a vontade, nam quiz que tivesse as afrontas; porque, entendendo o povo a causa daquelle sancto excesso, em lugar das zombarias, que elle pretendia, lhe davam esmolos, & lançavam bençoens. Neste successo parece se

Padre Manoel Godinho homẽ de grande mortificaçam.

D. Bon. in vita S. Francisci, c. 4. & Fr. Luis dos Anjos in eadẽ Chron. t. p. 1. c. 30.

Anno de
Christo de
1542.

92

Chronica da Companhia de Iesu em Portugal.

Anno da
Cõpanhia

3.

Entra na
Cõpanhia
hũ grande
pregador.

Orland. lib. 3
n. 82.

ensayou pera outro notavel semelhante a este, que lhe succedeo, sendo Reitor no Collegio de Coimbra, como adiante cõtaremos: & finalmente veyo a morrer na casa professa de Sam Roque no anno de 1569. fazendo a Deos voluntario sacrificio de sy mesmo no tempo da peste; sendo ferido no acto da confissam, em que assistia a hum ferido: corcando Deos, com este genero de martyrio, os merecimentos de tam perfeito varam; com o qual se póde muito honrar Lisboa, por ser o primeiro filho, que esta grande, & universal mãy deo à Companhia.

9 O segundo, que em Lisboa desta vez recebeu o Padre mestre Simam, foy o Padre Manoel Fernandez, natural de Ceita, excellente pregador, & insigne obreiro do Evangelho: era, no tempo de sua entrada, de ordens de Epistola: foy religioso de grande perfeçam, & zelo, até morrer, por fazer o que devia ao officio apostolico de pregador das verdades; do qual falaremos ao diante, tratando das cousas do Collegio d'Evora.

10 Foy o terceiro recebido hum ecclesiastico Castelhanõ, muy grande pregador, chamado Francisco Neto. Tratava este Padre em Lisboa, com frequente familiaridade, ao Padre mestre Simam, dizia grandes

bens de nossos primeiros Padres; & cõ tal resoluçam se moveo em se despedir do mundo, contra quem prægava, & recolherse na religiam, que muito louvava, q̃ na ultima prègaçam se determinou em dar rezamdo que pretendia fazer: depois de prègar, com grande zelo, falou com os ouvintes desta maneira, como conta o nosso Padre Orlandino. *Ou eu ategora vos prèguei verdade deste lugar, ou callandoa vos enganei. Se falei verdade, nam faltará quem me argua; & me diga, como he possivel, que prègueis a perfeçam da pobreza, se vós viveis cõ hum beneficio rico? como nos dizeis que desprezemos o mundo, se vós ainda estimais a honra? nam entendemos que vossa prègaçam se conforme com vossas obras, pois authorizais a virtude com louvores, & nam a seguís com effeito.* Isto disse ao auditorio contra sy, & tornou a continuar; *Mas porque entendáis, que nam vos enganei deste lugar, mas que vos prèguei verdades Evangelicas, neste momento de tempo, em que estamos, renuncio, & deixo tudo, quanto tinha no mundo, & deste lugar me parto ao mosteiro de S. Antam, pera que, em companhia daquelles Padres, execute por obra, o que tantas vezes me ouvistes louvar por palavra.* Assim o disse este excellente pregador, & descendo se do pulpito, tomou o caminho pera nossa casa, acompanhado de muitos ecclesiasticos da Sê, movendo mais a ci-

dade

Anno de
Christo de
1542.

^s
D. Aug. lib. 4.
Confes. c. 12.

Entram
outros va-
rios na
Cõpanhia.

dade toda com este unico exē-
plo, do que dantes tinha feito
com muitos outros sermoens.
Deste insigne prègador podera
escrever S. Agostinho o que
disse de Christo Senhor nosso,
que prègava com palavras, &
com obras. *Clamans dictis, & fa-
ctis.*

II Recebeo mais o Padre
mestre Simam, nesta sua casa, a
o Padre Antonio Soares, que
muitos annos trabalhou nesta
provincia, com rara edificaçam,
na sancta, & trabalhosa occupa-
çam de confessor. Item mais a
o Padre Francisco Henriques,
mancebo de grandes esperan-
ças no mundo, que todas dei-
xou em agrção, por seguir a
Christo na religiam; aõde mui-
tos annos cõtinuou em coufas
de muita importancia, & de
grande serviço de Deos: foy
professo, sem ser letrado, Pre-
posito da casa de S. Roque, &
eleito a huma congregaçam
géral. Item mais recebeo o ir-
mam André Gomes, que foy o
primeiro cozinheiro do Colle-
gio de S. Antam; dando neste
humilde officio illustres exem-
plos de sua alta virtude: de S.
Antam foy depois mudado pe-
ra a casa de S. Roque, aonde
foy esmoler por espaço de trin-
ta annos, cambiando as esmo-
las, que recebia, com a edifica-
çam, que dava.

12 Com estes compa-

nheiros se achava muy alenta-
do o Padre mestre Simam, pera
exercitar logo os ministerios
da Companhia, & pera acodir
a Coimbra, a fundaçam daquel-
le Collegio, que o zelo do Rey
tanto desejava. Desta celestial
officina sahiam os novos ven-
tureiros a fazer guerra aos vi-
cios, a prègar por Lisboa, a en-
finar os ignorantes, acodir aos
carceres, a visitar os hospitaes,
& a exercitar todas as ma-
is obras de misericordia, cõ tam
valentes sucessos, que de novo
se davam os parabens os que
lhe tinham posto o nome de
Apostolos. E bem se pòde crer
a grande satisfaçam, que teria o
Padre mestre Simam, vendo tã
prosperos principios, como lhe
hiam amanhecendo, de se fun-
dar em Portugal, patria sua, a
Companhia, & de ver os cuida-
dos reaes tam sollicitos neste
negocio de amplificar, & auto-
rizar a Companhia; porque se
nam contentava com lhe dar
rendas em Portugal, mas no
mesmo tempo ordenou que as
letras da confirmaçam da Cõ-
panhia se pagassem à sua conta:
& ainda acrescentou mais esta
magnificencia, porque pera
mostrar o grande preço, em que
tinha a graça Pontifical, man-
dou, que se pagasse à Camara
apostolica na mais nobre moe-
da, que no mundo havia, quaes
eram os Portugueses d'ouro,

Grãde be-
nevolência
del Rey D.
Ioam pe-
ra a Com-
panhia.

que

Anno de
Christo de
1542.

94

Anno da
Companhia

3.

que ainda naquella idade d'ouro em Portugal se batiam; havendo que aonde a graça era de mayor estima, bem era, que a satisfaçam fosse de melhor preço. Agora veremos como o Padre mestre Simam foy a Coimbra, a pör em execuçam os desejos, que este bom Rey tinha de ver começado o seu Collegio.

CAPITULO XIX.

Partese o Padre mestre Simam Rodrigues pera Coimbra, dàse principio àquelle magnifico Collegio.

I Bastava pera ser entre nós digno de perpetua memoria este anno de 1542, por ter nelle principio o nosso muy magnifico, & famoso Collegio de Coimbra, a quem a grandeza del Rey Dõ Ioam o III. tam liberalmente fundou, & o Rey de todos os Reys liberalissimo enriqueceo, com favöres divinos, & com dõs celestiaes, com que atègora o tem feito celeberrimo, nam sò em Portugal, aonde foy fundado, mas no mundo todo, aonde he venerado. E se el Rey Cyro achou, q̄ eternizava a Chroni-

ca de suas façanhas, ordenando no primeiro anno de seu governo (como conta a sagrada Escripura) que se tornasse a edificar o templo de Ierusalem; nam he menor gloria deste grande Monarcha el Rey Dom Ioam, a que neste anno lhe recresceo, com a fabrica de tam grandiosa casa, que tambem se fazia pera Deos. Eram grandes os desejos do serenissimo Rey, de ver principiado este seu real Collegio em Coimbra, pera assegurar com isto as esperanças em que sempre vivia, de fazer a Companhia muy dilatada, & venerada, nam só em Portugal, aonde já a via, mas no mundo todo, aonde a desejava ter. Tratou pois com o Padre mestre Simam, que se dispuzesse, & preparasse, com os que havia de levar consigo, pera pedras fundamentaes deste edificio. Nam pudera haver cousa de mayor prazer ao P.M. Simam, que ver o fervor real tam inclinado a esta obra, que por tantos titulos era obra sua. Conforme a isto, achandose já com socorro de gente bastante, pera dar o desejado principio ao novo Collegio de Coimbra, se resolveo na partida.

2 Entregou logo o governo da casa de S. Antam ao Padre mestre Gonçalo de Medeiros, & se partio com onze companheiros pera Coimbra, em 9

^a
Esdz 1. 1. c. 6
n. 3. Cyrus Rex
decrevit ut z-
dificaretur do-
mus Dei in
Hierusalem.

*Fica o P.
Gõçalo de
Medeiros
por supe-
rior em S.
Antom.*

de Junho de 1542. dia de Sam Primo, & Feliciano martyres, que já em o nome traziam o bõ agouro, pera a fundaçam de hũ Collegio, que assim como he o primeiro da Companhia, no tẽpo, & nas rendas; assim tambem he felicissimo na ditosa criaçam de tã virtuosos irmãos, & apostolicos ministros do Evangelho, q̃ delle, como de hum jardim fertilissimo, se trãsplãtam cada anno, huns pera mestres em Portugal, outros pera prẽgadores no Oriente: annuncios foram estes de grande ventura pera aquelle Collegio, pronosticados em o nome do martyr S. Felix: pudera muy bem dizer sua Alteza, o que Cassiodoro^b conta que disse o Emperador Theodorico de Roma, dandolhe por consul a Felix, varam nobre, *Felix á consule sumat annus auspiciuum.* Entrou o P.M. Simam cõ esta sua nova, & religiosa colonia em Coimbra, dia de S. Antonio nosso Portuguẽs (que tãbem foy outro bom prognostico) a quem nam só Lisboa, patria sua, mas todo Portugal, & em especial a cidade de Coimbra, festeja com grande devaçam, penhorada com honra dobrada, por lhe ter este glorioso Lisboẽs, com sua sancta presença, consagrados dous mosteiros da mesma cidade, ambos com rezam famosos; hum em pobreza, & humildade; outro ẽ rique-

za, & magnificencia; este he o real convento dos Conegos regantes de S. Cruz, da ordem de S. Agostinho; aquelle he o humilde mosteirinho de S. Antonio dos Olivaes, da ordem de S. Francisco, da Provincia da piedade, em ambos estes mosteiros viveo sancto Antonio; no de S. Cruz foy primeiro agasalhado, quando entrou em Coimbra.

3 Neste mosteiro tambem foy recebido o P.M. Simam cõ seus companheiros, por aquelles muy reverendos Padres, & gravissimos Conegos, com a liberalidade, & amor, que sempre lhe saberemos reconhecer, como desejas, posto que nunca poderemos satisfazer, como devemos. Estavam elles já prevenidos, & esperando pelos novos hospedes, com carta, & lembrança de sua Alteza; & assim na grandeza, com que nos agasalharam, mostraram bem que a recommendaçam foy real, porrem que a charidade era divina. Ali estiveram todos juntos na hospedaria do convento, cõpetindo o desejo da mortificaçam nos hospedes, com a liberalidade daquelles muy religiosos Padres. Até que o provedor delRey, a quem o negocio vinha cometido, offereceo ao P.M. Simam hum sitio, & casã, que, depois de feitas varias diligencias, sobre todos lhe contẽ-

Agasalhã
se os nos-
sos em S.
Cruz de
Coimbra.

^b
Cassiod. lib. 2.
epist. 1.

Anno de
Christo de
1542.

96

Chronica da Companhia de Iesu em Portugal.

Anno da
Companhia
3.

tou, & se mudou pera elle cõ seus cõpanheiros, como diremos.

4 Muitos sitios, & muitas moradas de casas se offereceram ao P. M. Simam, mas elle (posto que estava tam bem hospedado no mosteiro de S. Cruz, que està no mais baixo da cidade) tratou de edificar o novo Collegio nos altos della: escolheo o monte mais levantado da cidade (como quem sempre trazia os olhos nos montes, donde, como o Propheta, ° esperava socorro do ceo) parecialhe este sitio mais sadio, & mais accomodado pera Collegio de estudantes, pelas rezoens, que hiremos vendo. Tomou logo hũas moradas de casas de aluguel no fundo da que chamavam rua nova del Rey, pouco distantes do muro da cidade, que cahe da parte do norte, sobre a cerca dos reverendos Padres de sancta Cruz, defronte d'hum outeiro, que chamam Mõtaroyo; he este lugar, ou monte de muito bons ares, que de todos os rumos lhe cursam puros, vi-taes, & desempedidos; & ainda que està muy descuberto aos nortes, q̃ tal vez sam penetrantes; & posto que o vëto soam, de quando em quando soa mais violento, do q̃ algũs achacados quizerã; cõtudo o sitio he muy aprazivel, cõ âlegres, & muy espaçosas vistas do fresco Mõdego, & das grãdes planicies de cam-

pos, q̃, cõ suas agoas de cristal derretido, vay regando, & com suas enchentes vem fertilizando; decendo poderoso em agoas nevadas da serra da Estrella: & tendo esta boa estrea, de ser rio todo Portuguès, pois nasce em Portugal, & em Portugal se entrega ao Oceano. Aqui deste nosso sitio tem os olhos muito por onde livremente se pòdem apascentar; ao longe se descobrem longes muy saudosos de campinas estendidas, de montes fermosos, de serras famosas, qual he a que chamam do Cãtaro, que dali a tres legoas, pera o norte, se descobre; & por aquella parte mais celebrada desta mõtanha, a que chamam o Boçaco, ou serra de Luso: tã-bem pera o Leste se vè a serra de Semide, & da Louzã, confinantes cõ a da Estrella. Nam sam menos agradaveis as vistas ao perto de outeiros enramados com grandes vinhagos, & cubertos com fermosos olivæes. O cham do sitio he largo, o terreno sadio, o ceo patente, benigno, & saudavel.

5 Todas estas boas partes desta parte da cidade cõvidavã ao Padre mestre Simam a escolher antes este, que outros sitios, & já sua Alteza o tinha demarcado. & nelle compradas muitas casas, pera ali fundar a sua Vniversidade, que como de emprestimo tinha hospedada

Deo el Rey
D. Ioam
seus paços
à Vniver-
sidade, &
a nòs as
casas, que
tinha pera
a Vniver-
sidade.

Pf. 120. n. 1.
Levavi oculos
meos in mon-
tes, unde ve-
niet auxilium
mihi.

Descreve
se o sitio
do nosso
Collegio
de Coim-
bra.

Anno de
Christo de
1542.

Anno da
Cõpanhia
3.

noutra parte; porem depois que vio q̄ este lugar cõtõtava ao P. M. Simam, quiz antes de se acomodar-se a sy, que de se cõtõtetar ao Padre; & se veyo a resolver a ficar sem paços, por nelles agasalhar a sabedoria, largãdoos pera sempre à Vniversidade, & dandandonos à Cõpanhia as moradas de casas, que elle já tinha cõpradas pera o novo edificio, q̄ traçava, pera os géraes, & escholâs da Vniversidade; como tudo nos cõsta das doaçoens, & provisões reaes, que temos em o nosso cartorio de Coimbra.

6 Pera estas casas se partito o Padre M. Simam com dez cõpanheiros sòs; nem faça duvida termos dito assima q̄ eram onze os com que entrou, & que com dez se sahio; o caso foy, que hum dos onze, que em sancta Cruz se agasalhãram, edificado da muita virtude, & notavel assistencia do choro daquelles tam religiosos Padres, se inclinou a ficar com elles (liberdade tinha, pera o poder fazer, porque era ainda noviço) pedio, & tomou seu habito, nelle esteve vestido sòs tres horas, porque logo lhe chegou o arrependimento de sua liviandade, & a mudança de seus propositos (que assim succede às vezes a os que nam tem lançado grandes raizes na virtude) quizera depois sanear sua culpa, cõ o arrependimento della, & tornar à

sua primeira vocaçam; resolveuse porem o P. M. Simam em nam tornar a admittir na Cõpanhia a hũ fogeito, que com tam leves causas duas vezes tornou a voltar pera tras os olhos, quando ainda havia tam pouco, que tinha tomado o arado nas maõs; & com tam mudavel inconstancia, que em menos de quatro horas lhe parecẽram bem, & mal duas Religioens; porque mal se podia prometter firmeza de vida em huma, quando, em tam breve tempo, lhe contentavam, & descontentavam duas.

7 Dispondo Deos as cousas desta sorte, pera que o primeiro Collegio, q̄ a Cõpanhia teve no mundo, se nam fundasse cõ diferente numero de fogeitos, do que se fundou a Cõpanhia universal, esta teve dez Padres (contando entre elles o Padre Diogo Ozes, q̄ foy o ultimo, q̄ se ajuntou) os quaes sam no mundo tam celebrados por suas virtudes, & tam conhecidos por seus nomes; & bẽ era, que a o filho primogenito da Cõpanhia, qual he, entre os Collegios, este de Coimbra, ficasse como per herança avinculado o mysterioso numero dos dez cõpanheiros, cujos nomes sam estes, Mestre Diogo Mirãm Valẽciano, de grãde entẽdimẽto, & espirito; dous Frãceses Micer Põce, & Francisco Gallo; dous Castel-

Nomes dos nossos primeiros habitadores do Collegio de Coimbra.

Anno de
Christo de
1542.

98

Anno da
Companhia
3.

Ihanos Francisco Roxas, & Francisco de Villa nova; dous Italianos Angelo de Paradiso, & Martim Parmesano; tres Portugueses, irnam Antonio Cardoso, Manoel Fernãdez subdiacono, & o irnam Lançarotte de Seixas: em numero eram dez, & na uniam represētavam a hũ sò; as lingoas eram diversas na toda, porem muy cõformes no espirito; q̃ tambẽ muito diversas lingoas falavam os Apostolos, porq̃ testimunha a Escripura, q̃ os Persas, os Parthos, os Cretẽses, os Arabes, & os Romanos os ouuiam em suas lingoas, & q̃ estas eram muitas, *dispertitæ lingua*, mas ofogo era hũ sò, *tãquã ignis*: bẽ pareciam estes nossos irmãos garfos tirados daquelle nobre trõco S. Ignacio, q̃ ajũtou outros dez cõpanheiros, q̃ sêdo cõpostos de naçoẽs tã diversas, & encõtradas, estavam unidos em amor tam cordeal, & uniforme.

8 Fez o Padre mestre Simam accõmodar as casas pera uso dos nossos o melhor que soffria o aperto do lugar, & a falta das alfayas; ordenou hũa Igreja, ou oratorio, pera dizer missa, & ministrar os Sacramentos de huma logea, que nam era mais de tres braças & meya de comptido, & duas pouco mais de largo; repartio as mais officinas, segundo a capacidade do sitio. Ordenado isto da maneira que pode ser,

se mudou pera estes paços o Padre mestre Simam, com este feu novo, & pequeno manipulo de religiosos soldados, confiado em o Senhor, que em tam pequenos, & humildes princípios havia sua divina magestade de fundar grande fabrica, de copiosas graças, & de amplissimos favores. E assim succedeo, por sua divina misericordia, porque deste pequeno gram de mostarda sahio hũa muy grãde arvore; qual a de q̃ fala Daniel, *Proecritas eius cõringes calũ, aspectus eius usq; ad terminos uniuersa terra*. Deste perto de lugar, desta estreiteza de humildes casas, em que estiveram muitos annos, sahio hum Collegio tam insigne na largueza do edificio, na extensam do sitio, na grandeza das rendas, no numero dos sogeitos, na frequencia das missoens, na copia de letrados, na celebridade de famosos prẽgadores, que he hoje com rezam o mayor, & mais insigne Collegio de Hespanha, & pôde competir com os melhores, & mais celebrados de toda a Christandade.

9 Declarou logo o P.M. Simam pera Reitor desta nova colonia de gẽte tam boa de governar, a M. Diogo Miram, cujo animo cãpeava sobre os annos, nam era ainda mais que irnam, & já parecia Sacerdote, nã tinha

ainda

d
A. R. c. 2. n. 11
Audivimus
eos loquentes
nostris linguis
&c.

Dan. 4. n. 8.

Como o P.
M. Simam
accommo
dou as ca-
sas pera
sua habi-
taçam.

Primeiro
Reitor do
nosso Col-
legio de
Coimbra.

Anno de
Christo de
1542.

ainda ordens sacras pera dizer missa, & já podia dar ordens, perã administrar governos; era mancebo na idade, mas era velho na gravidade: fiava o Padre mestre Simam de seu grande espirito, de suas muitas letras, & de sua rara prudencia, que promoveria muito a fundaçam do Collegio, & o bom governo dos subditos: & dandolhe o regimento, & as ordens do que havia de fazer, se voltou a Lisboa, como elRey lhe tinha ordenado, pera na corte melhor acodir ao bem do Collegio em Coimbra, & ao augmento da Companhia no Reyno.

CAPITULO XX.

Como passavam os nossos neste tempo em o novo Collegio de Coimbra, assim no temporal, como no espiritual: E do procedimento do seu primeiro Reitor.

NEsta estreiteza de aposento, começou o novo Reitor M. Diogo de Miram a reger seus subditos, qeram muito mais acõmodados pera serẽ governados, do q eram as casas pera serẽ habitadas: a charidade fraternal, & a uniam dos espiritos, q todos entre sy tinham, era rã

maravilhosa, que cõ rezam podiamos aqui dizer o qda primitiva Igreja diz a Escripura, ^a *Erat cor unum, & anima una.* Desejava cada hum de dar ventagem aos outros; serviamse entre ly com tam sancta porfia, q era necessario vigiar hum muito, por nam ser anticipado da charidade do outro; antes pretendendo cada hum nesta sancta contenda aventajarse em servir ao outro; que he o primor, que S. Paulo ^b desejava nos seus discipulos de Galacia: nam inventa tantas artes o amor proprio, pera poupar trabalho, & se descarregar de molestias, quantas buscava cada hum pera aliviar a seu irmam: viamse estas finezas, em a perpetua contenda, que entre elles havia, sobre quem havia de lançar primeiro nos officios mais baixos, com tanta chaneza, & com tam sancta ambiçam, que o que era o principal da casa, era o primeiro oppositor da cozinha; prezando mais o officio de cozinheiro, que o cargo de Reitor. Tal foy o primeiro procedimento dos que no Collegio de Coimbra começaram a dar principio àquella tam bẽ unida sempre, & charitativa cõmunidade.

² Sustentavamse neste principio os nossos em Coimbra com a renda de S. Antam de

3.

^a Ad Gal. 4. n. 32

^b Ad Gal. 5. n. 13. Per charitatem spiritus servite invicem.

*Virtudes
dos nossos
primeiros
Padres do
Collegio de
Coimbra.*

Anno de
Christo de
1542.

100

3.

Rêda, que
os nossos
tinhamno
principio
em Coim-
bra.

Benespera, que neste tempo montava como mil cruzados, por causa dos petitorios pera S. Antam, que eram gêraes por todo o Reyno; mas como, depois do Concilio Tridentino, nam era licito arrendalos a outrem, nem era decente aos religiosos arrecadalos por sy, largando os nossos os ditos petitorios, abateo tanto a rêda, que se reduzio a pouco mais de cem cruzados: mas aonde faltou o mosteiro com suas rendas, supria elRey com sua grandeza; porque assim como hia crescendo o numero dos fogeitos, assim fazia acrecentar a quantidade do sustento; o qual mandava dar de sua mesma casa, sem permittir que passasse pelos ministros, & officiaes da fazenda, que era segūda merce, & de grãde consideraçam; porque despachos, que passam pela via ordinaria de ministros reaes, & de officiaes da fazenda, sam tã vagarosos na execuçam, & tem tantas difficuldades na cobrança, que tal vez mayor he o trabalho, que vos dam em os diligenciar, que o proveito, q̄ vos vem de os alcançar; que tãtos sam os vagares, taes as replicas, & as duvidas, que vos poem; as vistas, que mandam dar; as declaraçoens, & justificaçoens, que vos mandam fazer. E a rezam d isto he a que deo Plinio^c ao Emperador Trajano (q̄

tam antigo he este mao costume) porque vos querem abonar a merce por grande na estima, à vista da mayor difficuldade no alcance: de todos estes trabalhos livrou elRey ao P. M. Simam, cõ nam querer que as merces, que nos fazia, corressem por ministros ordinarios: àlem de que, como acrecenta o mesmo Plinio,^d huma merce, que passa por tantas mãos, necessariamente ha de vir já çafada, & por ventura que venha cerceada, *Sic enim unum manus per multas teritur manus*: mas a merce, q̄ sò passa pela mam doRey, è tudo he real, vè cõ toda a flor; & como nam vè cõprada cõ muitas instãcias (q̄ assio disse o aviso de Cassiodoro) he graça muito melhor è graçada. Durou esta merce, & singular favor, è quãto se nam annexaram ao Collegio de Coimbra o mosteiro de S. Fins, o de S. Ioam de Løgavares, & outras Igrejas q̄ depois se nos unirã por autoridade apostolica, e a presêtaçã real, como veremos.

3 Porè como pera o numero dos religiosos, q̄ foy crescendo, era a habitaçam muito incõmoda, & apertada, & a gēte de fora começava de nos acodir, se ordenou, de obra rude, huma casa grande, pera capella interior dos irmaõs, continuando com ella hum estreito dormitorio de poucas camaras, as mais dellas divididas com

d
Plin. ibidem.

e
Cassio. in epil.
Gratius est do
nũ quod venit
ante preces.

^c
Plin. jun. Pane
yr. ad Traia-
num.

com paredes de taipa, & de tijolo, a que por muito tempo chamàram cubiculos novos: a qual habitaçam, posto que já esteja de todo arruinada, & desfeita (porque nam hà obra nova, que com os annos nam venha a envelhecer, & com o tempo a totalmente acabar) cō tudo, porque ainda alcãçamos estas sanctas velhices, & nos criamos, sendo noviços, naquelles palacios da pobreza, & naquelles theatros da devaçam, bem he que pois esta habitaçam totalmente já se arruinou, nos fique em pé a lembrança, & inteira a memoria de lugar tam sancto, da piedade, penitencia, & oraçam daquelles seus primeiros habitadores, anjos verdadeiramente na innocencia da vida, & seraphins no amor de Deos.

Grãde devaçam, & penitência dos nossos em Coimbra.

4 Era muito pera ver, & louvar ao Senhor de como ali se passavam as noites em véla, como sem limite de tempo aquellas puríssimas almas se entregavam a seu creador, na oraçam diante do Sanctíssimo Sacramento, despedindo amorosos suspiros, & fervorosas jaculatorias ao ceo. Suas praticas, no tempo, em que falavam, todas, conforme a regra, eram de Deos, animandose à virtude, & desafiandose com sanctas emulaçoens a quem havia de ser

mais penitente, mais devoto, & mais mortificado; que estas haviam de ser as competencias entre os religiosos; & estas sam as contendias, que Christo nos encōmenda: *Contendite intrare per angustam portam.* Os rigores em se disciplinar erã tã notaveis, q̄ de ordinario derramavam muito sangue, de que davã bom testemunho as paredes rociadas com este orvalho vermelho: era tã grãde a virtude, tam profunda a humildade, tam continua a oraçam, & tam admiravel a competêcia, em se aventajarem por mortificaçam, & em se abaterẽ por sojeiçam, & era finalmẽte em todos a vida tam angelica, que podiam estes humildes servos do Senhor fazer enveja aos discipulos de Sam Marcos em Alexandria, aos quaes se attribuem os louvores, que conta Philo Judeo. E quem visse comunidade tam sancta, & tam unida, podia dizer com Sam Chrysofomo, ^h o que elle dizia dos sanctos, que habitavam os dẽsertos do Egypto, que aquelle ermo parecia paraíso, & seus habitadores representavam ser Anjos.

5 Ao Reitor (nam sendo este ainda Sacerdote) tinham tanto respeito, como se fosse a pessoa do Padre sancto Ignacio, porque nam olhavam, que era homẽ o que os mandava,

Luc. c. 13. n. 24.

^g Philo Jud lib. de vita contempl.

^h Chryf. hom 92 in Mar. Si quis n̄t ad Aegypti solitu. linem veniat, paradiso profus videbit omnem illi regionem digniorem, & innumerabiles angelorum caetus in corporibus habitare mortalius.

Anno de
Christo de
1542.

102

Anno da
Companhia
3.

Das mui-
tas virtu-
des do pri-
meiro Rei-
tor do Col-
legio de
Coimbra.

1.
ad Tim. c. 5
n. 23.

1.
August. hb. 9.
conf. c. 30.

mas respeitavam a Deos, por amor de quem obedeciam. Era este bom superior, mestre Diogo Miram, tam mortificado em todas suas acçoës ; era tam inimigo de sy, & tam dado a grandes penitencias, que foy necessario hirthe à mam de Roma nosso glorioso Patriarcha (como Sam Paulo, fazia a Timotheo, que nem Timotheo Bispo, nem o Reitor de Coimbra moderariam seus rigores, se lhes nam foram à mam; porque teme hum varram sancto, como advertio S. Agostinho, ciladas encubertas da natureza, nas rezoens apparentes da necessidade, *Ut obtentu salutis obumbreret negotium voluptatis*) nomeoulhe hum irmam, a quem neste particular obedecesse, o qual lhe moderasse os rigores, com que se tratava, & modificasse as penitencias, com que se affligia; porque era tal o odio, que tinha contra sy mesmo, que jejuava frequentemente a pam, & agoa, & de ordinario comia sò pam seco: trazia hum jubam sobre a carne, tecido de sedas de cavallo, cõ muitos nós, muy asperos, & agudos; tomava rijas disciplinas, até derramar sangue, & como quem sò tratava de crescer, & se augmentar na graça, gastava, & consumia a natureza. Na oraçam, & trato com Deos era tam cõtinuo, & applicado, que por trazer sempre o pensamento no

ceo, vinha muitas vezes a namdar fê das coufas da terra.

6 Depois de Sacerdote, de tal modo se transformava na missa em Deos, que a cada passo se perdia, com hũs acertados erros, sem advertir no que obrava nas ceremonias por fora, por deferir a Deos, que lhe falava dentro na alma. Acabada a missa se retirava em oraçam por muito tempo, em acçam de graças, por tam singular beneficio, recebendo ao Senhor cõ tam particular devaçam de cada vez, como se aquella fosse a primeira, ou como se houvesse de ser a ultima. Nam permitia particularidade nenhuma em sua pessoa; nem na mesa, que era muy parca; nem no fato, que era muy pobre. E como no tempo, em que estava no refeitório, pera dar refeçam ao corpo, principalmente tratasse de dar pasto à alma, nenhuma advertencia tinha no que comia, nem fazia differença, se era temperado, ou mal guisado: deram-lhe hũa vez, à volta da carne, hũ pedaço de rodilha, por inadvertencia do irmam cozinheiro (q ou tambem andava muy enlevado em Deos, ou era muy descuidado no officio) esteve o pobre do Reitor mastigado por muito tempo aquelle trabalho bocado, sem o poder accommodar pera o levar pera baixo; até que finalmente o irmam,

que

^m
Ioa. c. 4. n. 34
Meus cibus
est ut faciam
voluntate Pa-
tris mei.

que servia, lhe foy á mam, & lhe fez advertir no erro, de que elle fazia pouco caso, porque o seu manjar era o de que falava Christo, ^m quando dizia, que se sustentava com fazer a vontade a seu eterno Padre. De tal maneira era superior de todos, que sempre procurava ajudar nos officios a cada hum; & nam havia em casa occupaçam tam humilde, que elle por sua propria pessoa nam exercitasse muitas vezes.

7 Muitas cousas pudemos contar deste humilde superior, de cujas virtudes falaremos em outras occasioens. Este foy o primeiro Reitor, q teve o nosso Collegio de Coimbra; & se, como disse o Philosopho, ⁿ o q he primeiro em algum cargo, he justo que seja a medida, por por onde os mais se devem ajustar, & nivellar; bom exemplar tem diante dos olhos neste humilde irman, & sancto Reitor, os Padres, que forem Reitores em o nosso Collegio de Coimbra, os quaes entam compriram melhor com as obrigaçoens de seu officio, quando melhor imitarem os exemplos deste superior.

8 Neste primeiro anno da fundaçam do Collegio, querendo o novo Reitor mestre Miram, dar huma espiritual recreaçam a seus subditos, sahio com elles, em dia do Apostolo San-

tiago pela menha, a huma ermida do Spirito sancto (que esta como hum quarto de legoa da cidade de Coimbra, em hum lugar de vista aprazivel) pera todos nesta casa do divino Spirito renovarem seus votos, á imitaçam do que, tres vezes, nossos primeiros Padres fizeram em Paris, dia d' Assumpçam de nossa Senhora, em Monte dos Martyres. ° Chegado o desejado dia daquela sancta, & alegre festa, que esperavam, sahiram de suas pobres casinhas aquelles humildes servos do Senhor, passaram o caminho todo (que he muito alegre, pela muita variedade de flores, de que he todo alcatifado, pelos grandes; & fermosos olivaes, que nelle se levantam, & pelas estedidas vistas, que delle se descobrem) louvando sempre o creador, á vista de suas creaturas, & preparando suas purissimas almas, pera lhe fazerem aquelle desejado holocausto, & nellas o receberem sacramentado. Entrando todos na ermida, ouviram missa, que hum delles disse (porque o Reitor ainda nam era Sacerdote) & comungou a os mais, com huma inexplicavel devaçam, & grande copia de suaves lagrimas.

9 Logo começando o irman Reitor, com as maos postas sobre a pedra d'Ara, com abrazado amor, & charidade;

^o
Orland. lib. 1.
§. 89. n. 101,
Rib. lib. 1. vi.
t. B. Ign. c. 4.

Grande devaçam nesta renovaçam de votos.

ⁿ
Aristot. lib. 3.
Phys. Primum
in unoquoque
genere est me-
sura ceterorū

Primeira
renovaçam
de votos
no Colle-
gio de Co-
imbra.

Anno de
Christo de
1542.

102

Anno da
Companhia
3.

Das mui-
tas virtu-
des do pri-
meiro Rei-
tor do Col-
legio de
Coimbra.

1.
ad Tim. c. 5
n. 23.

1.
August. hb. 9.
conf. c. 30.

mas respeitavam a Deos, por amor de quem obedeciam. Era este bom superior, mestre Diogo Miram, tam mortificado em todas suas acçoës ; era tam inimigo de sy, & tam dado a grandes penitencias, que foy necessario hirthe à mam de Roma nosso glorioso Patriarcha (como Sam Paulo, fazia a Timotheo, que nem Timotheo Bispo, nem o Reitor de Coimbra moderariam seus rigores, se lhes nam foram à mam; porque teme hum varram sancto, como advertio S. Agostinho, ciladas encubertas da natureza, nas rezoens apparentes da necessidade, *Ut obtentu salutis obumbret negotium voluptatis*) nomeoulhe hum irmam, a quem neste particular obedecesse, o qual lhe moderasse os rigores, com que se tratava, & modificasse as penitencias, com que se affligia; porque era tal o odio, que tinha contra sy mesmo, que jejuava frequentemente a pam, & agoa, & de ordinario comia sò pam seco: trazia hum jubam sobre a carne, tecido de sedas de cavallo, cõ muitos nós, muy asperos, & agudos; tomava rijas disciplinas, até derramar sangue, & como quem sò tratava de crescer, & se augmentar na graça, gastava, & cõsumia a natureza. Na oraçam, & trató com Deos era tam cõtinuo, & applicado, que por trazer sempre o pensamento no

ceo, vinha muitas vezes a nam dar fê das coufas da terra.

6 Depois de Sacerdote, de tal modo se transformava na missa em Deos, que a cada passo se perdia, com hũs acertados erros, sem advertir no que obrava nas ceremonias por fora, por deferir a Deos, que lhe falava dentro na alma. Acabada a missa se retirava em oraçam por muito tempo, em acçam de graças, por tam singular beneficio, recebendo ao Senhor cõ tam particular devaçam de cada vez, como se aquella fosse a primeira, ou como se houvesse de ser a ultima. Nam permitia particularidade nenhuma em sua pessoa; nem na mesa, que era muy parca; nem no fato, que era muy pobre. E como no tempo, em que estava no refeitório, pera dar refeçam ao corpo, principalmente tratasse de dar pasto à alma, nenhuma advertencia tinha no que comia, nem fazia differença, se era temperado, ou mal guisado: deram-lhe hũa vez, à volta da carne, hũ pedaço de rodilha, por inadvertencia do irmam cozinheiro (q̃ ou tambem andava muy enlevado em Deos, ou era muy descuidado no officio) esteve o pobre do Reitor mastigado por muito tempo aquelle trabalho bocado, sem o poder accommodar pera o levar pera baixo; até que finalmente o irmam,

que

^m
Ioa. c. 4. n. 34
Meus cibus
est ut faciam
voluntatē Pa-
tris mei.

que servia, lhe foy á mam, & lhe fez advertir no erro, de que elle fazia pouco caso, porque o seu manjar era o de que falava Christo, ^m quando dizia, que se sustentava com fazer a vontade a seu eterno Padre. De tal maneira era superior de todos, que sempre procurava ajudar nos officios a cadahum; & nam havia em casa occupaçam tam humilde, que elle por sua propria pessoa nam exercitasse muitas vezes.

7 Muitas cousas pudemos contar deste humilde superior, de cujas virtudes falaremos em outras occasioens. Este foy o primeiro Reitor, q̄ teve o nosso Collegio de Coimbra; & se, como disse o Philosopho, ⁿ o q̄ he primeiro em algum cargo, he justo que seja a medida, por por onde os mais se devem ajustar, & nivellar; bom exemplar tem diante dos olhos neste humilde irman, & sancto Reitor, os Padres, que forem Reitores em o nosso Collegio de Coimbra, os quaes entam comprirão melhor com as obrigaçoens de seu officio, quando melhor imitarem os exemplos deste superior.

8 Neste primeiro anno da fundaçam do Collegio, querendo o novo Reitor mestre Miram, dar huma espiritual recreaçam a seus subditos, sahio com elles, em dia do Apostolo San-

tiago pela menhã, a huma ermida do Spirito sancto (que está como hum quarto de legoa da cidade de Coimbra, em hum lugar de vista aprazivel) pera todos nesta casa do divino Spirito renovarem seus votos, á imitaçam do que, três vezes, nossos primeiros Padres fizeram em Paris, dia d' Assumpçam de nossa Senhora, em Monte dos Martyres. ° Chegado o desejado dia daquela sancta, & alegre festa, que esperavam, sahiram de suas pobres casinhas aquelles humildes servos do Senhor, passaram o caminho todo (que he muito alegre, pela muita variedade de flores, de que he todo alcatifado, pelos grandes, & fermosos olivães, que nelle se levantam, & pelas estêdidas vistas, que delle se descobrem) louvando sempre o creador, á vista de suas creaturas, & preparando suas purissimas almas, pera lhe fazerem aquelle desejado holocausto, & nellas o receberem sacramentado. Entrando todos na ermida, ouviram missa, que hum delles disse (porque o Reitor ainda nam era Sacerdote) & comungou a os mais, com huma inexplacavel devaçam, & grande copia de suaves lagrimas.

9 Logo começando o irman Reitor, com as mãos postas sobre a pedra d' Ara, com abraçado amor, & charidade,

^o
Orland. lib. 1.
§. 89. n. 101,
Rib. lib. 2. vi-
ta B. Ign. c. 4.

ⁿ
Aristot. lib. 3.
Phys. Primum
in unoquoque
genere est mē-
sura ceterorū.

Primeira
renovaçã
de votos
no Colle-
gio de Co-
imbra.

Grande
devaçam
nesta reno-
vaçam de
votos.

Anno de
Christo de
1542.

104

Chronica da Companhia de Iesu em Portugal.

Anno da
Companhia
3.

Chegam
alguns nos-
sos de no-
vo ao Col-
legio de
Coimbra.

renovou seus votos, em voz alta, como hoje fazemos; após elle se seguiram os mais, com as mesmas sanctas ceremonias, & com tam grandes jubilos de interior consolaçam, & ardentes suspiros ao ceo, que muitas vezes nam cabendo dentro na alma a suave violencia do divino Espirito, brotando fora lhes interrompia as palavras, sem poderem continuar com a profissam, que faziam, por causa dos fervorosos affectos, em que as almas ardiã. Desta maneira se festejou a primeira renovaçam de votos, que houve em o nosso Collegio de Coimbra, a onde ainda hoje, duas vezes no anno, se repete esta sancta memoria da renovaçam dos votos (como he costume na Companhia) com grandes aparelhos de devaçoes antecedentes, & com muy fervorosas lagrimas dos que se renovam em espirito, como diremos adiante.

10 Acabado este acto de tanta piedade, & devaçam, se tornaram pera o seu Collegio, pulando de prazer, & jubilos d'alma, abrazandose huns aos outros com praticas de amor divino, acezas no fogo da charidade; animandose, á vista de tantos mimos do ceo, a padecer muitos trabalhos por hum Senhor tam liberal; em communicar favores divinos a quem tanto se retirava de conversaçoes,

humanas. Quatro dias, depois desta ditosa renovaçam, se lhes acrecêto a alegria, com a chegada de cinco companheiros, que de novo, como novo subsidio, lhes inviou nosso sancto Padre Ignacio de Loyola; os quaes eram o Padre Martim de S Cruz Castelhana, que depois foy o segundo Reitor do Collegio de Coimbra: o Padre Antonio Criminal Italiano, que foy o primeiro da Companhia, que, em testemunho da fé, derramou seu sangue, & abrio este ditoso caminho aos muitos, que tam prodigamête dêram as vidas pelo author da vida: o terceiro foy o Padre Nicolao Lâcinoto, & Hercules Bucero Italianos, & o P. Guilherme Coduro Francês.

CAPITULO XXI.

*Da pouca estimaçam, que na
Universidade se fazia dos
nossos, & como se foy mudan-
do esta roim opiniam. & dos
primeiros, que entrãram
naquelle Col-
legio.*

1 **D**Esta maneira procediam os primeiros habitadores do Collegio de Coimbra, conhe-

cidos

Como em
Coimbra
se fazia
pouco ca-
so dos nos-
sos no prin-
cipio.

cidos, & estimados de Deos, escondidos, & desprezados dos homens. Nam podia esta vida tam sancta deixar de espantar aos habitadores daquella cidade; mas como estes nossos Padres eram tam encolhidos, & tam retirados, sem haver na terra quem os conhecesse (sendo os mais delles estrangeiros, que mal entendiam a lingua Portuguesa) a admiracão do q os Conimbricenses sentiam, se lhes mudou em desprezo, pelo que viam: nam havia naquelle tempo entre elles nenhum, que pudesse contentar por pregador, & que atrahisse ao novo Collegio os Academicos; & julgavam os de fora, que todos seriam huns ignorantes, espantando-se como hum Rey prudente fazia caso de gente idiota: finalmente por desprezo, & zombaria lhes chamavam communmente os Franchinotes, nome que em Portugal costumam dar a alguns pobres estrangeiros, que vem do Norte a estas partes, & andam pedindo esmolas, cantando pelas portas. A este desprezo das pessoas se acrecê-tava a sospeita dos costumes; porque como neste tempo o Norte todo ardia em heregias, que do inferno trouxeram aquelles dous diabolicos ministros Latero, & Calvino; nam faltavam alguns, que, com capa de zelo, punham tambem a bo-

ca em os nossos, por serem muitos estrangeiros, & alguns terem vindo daquellas partes inficionadas. Estes zeladores avisavam aos estudantes, que se guardassem daquelles estrangeiros, porque, ainda que por fora pareciam cordeiros mansos, por dentro podiam ser lobos carniceiros; que o vicio entam he mais perigoso, quando menos descoberto; & por isso disse bẽ S. Bernardo, ^a que os hereges de melhor vida sempre foram de peor astucia; porque parecendo ovelhas no habito, são rapozas no engano; & fogem de parecer maos, pera na verdade serem peores; nem a peçonha se dá senam disfarçada; & como disse o outro, ^b quando o copo he mais dourado, entam pôde ser o veneno mais refinado. Nam paravam as sospeitas em discursos domesticos, & em praticas ao soalheiro; mas ouve religioso (senam foy mais que hũ) que advirtio muy seriamente a o Cardeal infante (por ventura por cuidar, que nisto lhe dava gosto, por saber o pouco, que entam tinha de nos ver em Portugal) como consentia sua Alteza, que taes homens entrassem em aquella Vniversidade, aonde acodiam todos os mancebos do Reyno, em cuja idade mais facilmente se podia pegar o que temiam, que os nossos podiam ensinar?

^a
Bern. ser. 66.
in Cant. Oves
sunt habitu,
asta vulpes, a-
ctu lupi. Mali
viri timent,
ne parum sint
mali.

^b
Iuven. sat. 10.
Sed nulla ac-
nita bibitur
Fidibus, tunc
illa time, cum
pocula fumes
Gemmata.

Anno de
Christo de
1542.

106

Chronica da Companhia de Iesu em Portugal.

Enganos
dos homẽs
em seus iui-
zõs.

^c
Ioan. c. 8 n. 18
Nõ bene di-
cimus nos,
quia Samarita-
nus estis, &c.
^d
Isai. c. 55, n. 9
Quia sicut ex-
altantur cæli
a terra, sic exal-
tantur sunt viz-
mez à vijs ve-
stris, & cogita-
tiones mez, à
cogitationibus
vestris.

2 Assim julga o mun-
do muitas vezes dos servos
de Deos, & nam he esta a pri-
meira vez que delles formou
juizos errados, que até no mes-
mo filho de Deos vimos com-
prida esta verdade, pois chegã-
ram os homens a ter por Sama-
maritano, ° & peccador o que
era sancto, & innocente: & se os
pensamentos de Deos, como o
Propheta^d diz, andam tam re-
montados dos juizos dos ho-
mens, segundo a distancia que
tem o ceo da terra; tal vez assi-
sam os pareceres dos mūdanos,
& os precedimentos dos reli-
giosos. Bem viam aquelles hu-
mildes servos do Senhor quam
pouco estimados eram dos ci-
dadãos de Coimbra, que os des-
conheciam, & dos Academicos
da Vniversidade, que os despre-
zavam; porem destes desprezos
dos homens faziam grangearia
pera com Deos, & quanto me-
nos se viam estimados do mun-
do, tanto mais se recolhiam en-
tre sy; & se retiravam das gẽtes,
& tratavam com os Anjos.

3 Porem como a Compa-
nhia veyo ao mundo, nam pera
viver encerrada sõ com Deos,
no retiro das cellas; mas pera
tratar tambem com os homens,
no publico das praças, parece
que lhes poderia o mesmo Se-
nhor reprovar este seu recolhimen-
to em casa, tendo obriga-
çam de prègar por fora: como

antigamente fez a Elias, ° quã-
do se foy meter na sua cova; es-
tranhandolhe Deos esta retira-
da, com aquella pergunta do
Anjo, *Quid hic agis, Elia?* que fa-
zes aqui Elias? como se lhe dis-
sera, segundo commenta Lyra,
que nam era ainda tempo de
descanso, quando tinha obriga-
çam de trabalhar pela salvaçam
dos proximos. Pera acodir a
isto, tinha usado o Padre mestre
Simam, com sua muita pruden-
cia, de huma sancta traça (pre-
vendo ja o que podia suce-
der) pera que ao menos os estu-
dantes perdessem o medo, que
tinham de nõs, & pera que os
podessem nõs tratar a elles;
mandoulhes diante, como dif-
femos, ao irmam Manoel Godi-
nho, vestido em trajos de estu-
dante, pera que desta maneira
o admittissem pelo habito, além
de ser muy conhecido pela pes-
soa. Vivia elle, & tratava com
os estudantes, era religioso, &
mostravase secular; o exterior
era de estudante polido, & ga-
lhardo, o animo de religioso hu-
milde, & composto: era Iacob
verdadeiro, & mostravase Esau
fingido: pera com estes sanctos
enganos desenganar ao mun-
do, & com estes novos disfarfes,
desmentir seus enredos. Vinha
muitas vezes a nossa casa a cõ-
fessar se, & a commungar; trazia
de quando em quando consigo
outros amigos, hora huns, hora

Anno da
Companhia
3.

^c
3. Reg. c. 19
n. 13. Lyran.
ibi. Nõ est ad
huc tempus
quietis perfe-
ctæ, sed labo-
ris pro salute
hominum.

irmam
Manoel
Godinho
vestido de
secular
trazia os
estudantes
a nossa
casa.

outros,

Aug lib. 9 cõ-
fess. c. 6. Surgit
in docti. &c. &
rapiunt nobis
caelum. &c.

outros, como melhor podia, pe-
ra lhes tirar os medos, que dos
nossos tinham: pelo caminho,
& nas praticas ordinarias, lhes
persuadia o que neste particu-
lar entendia, & elle o sabia fa-
zer com muy bem ordenadas
palavras, & bem apontadas re-
zoens.

4 Certo, senhores, dizia o ir-
mam Manoel Godinho, que nam
vejo rezam, que vos obrigue a sentir
mal, & a fugir de gente tam qualifi-
cada; se fugis delles por serem estran-
geiros, a virtude, que professam, lhes
dá privilegio de naturaes: pouca im-
porta nam lhe entenderdes a lingua
que falam, porque elles bem se expli-
cam pelo exemplo, que dam; & aonde
brádam as obras, sam escusadas as
palavras. Nam tendes pera que os ter-
por suspeitos na doutrina, que ensinam,
pois ainda lhes nam ouvistes os termos
com que se explicam: que nam he lici-
to, conforme a todo bom direito, ^f pre-
sumir de alguem que he de maos costu-
mes, antes de haver prova bastante;
quanto mais que nam pôde haver som-
bra de maldade em quem tanto pro-
fessa a virtude. Se fugis delles por se-
rem tam pobres no trajo, tam encolhi-
dos no trato, tam modestos nos olhos,
& tam apontados nas palavras; cau-
sas eram estas pera os demandarmos
de muito longe, & nam pera os fugir-
mos, tendoos tam perto. Se os tendes
por idiotas, & se os julgais por igno-
rantes, vergonha he nossa vermos qua-
ta vantagem nos fazem na verdadeira
sabiduria. Lembremvos as queixas,

que S. Agostinho & teve de sy, & de
seus amigos, á vista da virtude de
S. Antam, & de seus monges, que se
levantavam os idiotas, & lhes arre-
batavam o ceo, & que elles com suas
sciencias hiam caminhando pera o
inferno.

5 O caso he, senhores, acrecetava
o irmam Manoel Godinho, que
nos podemos correr de conhecerem me-
lhor os cortesãos da corte de Lisboa
as preciosas letras destes sábios idiotas,
que nós tanto desprezamos: el Rey D.
Ioam, nosso senhor, os traz a elles
nos olhos, & deseja de os recolher
em sua alma; & se os nam prezára
como filhos, nam nolos mandára por
visinhos, pois tanto estima esta sua U-
niversidade. Nam tendes que recear
que seu trato vos cause algum mal,
antes estou certo que, se os tratardes,
tereis dahi grande bem. Muita graça
acho que nam tememos nas nossas cõ-
quistas tratar com Mouros, que sam
publicos peccadores, & que temamos
dentro em Coimbra falar com homens,
que parecem grandes sanctos. Mais
rezam havia pera se guardarem elles
de nós, do que he o fundamento, que
temos pera fugirmos nós delles; por-
que elles sam homens sanctos, & reco-
lhidos na Religiam; nós somos secula-
res, & distrahidos no mundo; elles de
nós nenhum bem tem que esperar, nós
por sua via podemos alcançar a salva-
çam: & com tudo a mim me consta
que nos desejam tratar, pera nos po-
derem melhorar: & se se retiram he,
porque nam querem dar pena a quem
desejam servir: buscavos, senhores, &

Rezoës, q
dava o ir-
mam Ma-
noel Godi-
nho aos es-
tudantes
de Coim-
bria.

f
Bonusquibet
presumitur, l.
merito, ff pro
focio. l. Quo-
ries, q. qui do-
lo, ff de pro-
bat. c. unico
de scrutinio,
cap. dudum.

Christo de
1542.

tratayos ao menos huma só vez, que elles nam sam empéstados, que vos hajam de contaminar só com a vista; Et se vos nam contentarem, com mayor facilidade os podeis largar, do que he a difficuldade, cõ que agora os nam quereis demandar.

Começam os de Coimbra a deixar a roim opinia q tinham dos nossos.

6 Com estas, & outras practicas, & com semelhantes rezoados foy o irmam Manoel Godinho abrandando a dureza dos Academicos; foram selhe a alguns tirando dos olhos as cataratas, com que olhavam pera nossas cousas; que o fogo nam pòde muito tempo estar sem por sy se manifestar: nem a luz clara, & bella perde sua graça, & fermosura entre as sombras feas, & tenebrosas; antes a mesma luz, que mostra os outros objectos, por sy se louva primeiro, & se manifesta a sy mesma, escusando luzes alheas, pois tem a luz tanto de casa; que esta he (diz S. Ambrosio, ^h falando da mesma luz) a propriedade das obras de Deos, que tendo testemunhos proprios, escusam louvores alheos. Pouco, & pouco se foy ausentando o medo, & o asco, que tinham aos nossos; & a experiencia lhes hia mostrando, que eram plantas escolhidas, criadas com influências do cõo, mais pera aproveitar gente perdida, que pera desencaminhar estudantes quietos. Vieram finalmente os Conimbricenses a mostrar ao mū-

^h
Amb. inexam.
lib. 1 c. 9. Bonorum operum proprium est, ut externo commẽdatore non egeat, sed gratia sua, cum videtur, ipsa restantur.

do que, depois de abertos os olhos, sabiam trazer nelles os que, com elles fechados, nam viam: começaram acodir a nossa casa, & tratar os nossos, mudando o desprezo em estima, & em amor a esquivança.

7 Estando as cousas já nesta altura, o primeiro, que nos veyo demandar a Companhia, foy hum Sacerdote Portugues de Villapouca de Aguiar, comarca de traz os montes, por nome Pero Lopes, homem de muita virtude, & grande bondade, de grande confiança, & zelo da Religiam; & por esta causa lhe foy encommendado o meneo temporal das rendas do Collegio, & grangearia dos mosteiros, que, andando o tempo, se uniram ao Collegio de Coimbra, aonde acabou sanctamente. Entrou logo o irmam Adam Frãcisco, q foy coadjutor temporal, o qual no anno de 1546. foy mandado pera a India, & lá trabalhou com muito louvor. Apos este veyo pedir a Companhia hum estudante Theologo, natural de Betancor cidade no Reyno de Galliza, chamado Ioam de S. Miguel; era muy bõ letrado, & muy apurado na lingua Castelhana, na qual prẽgava com tanta eloquencia, & suavidade, que com rezam foy tido por hum dos principaes prẽgadores, que teve a Companhia nestes Reynos. Foy homem de

Primeira q entrou no Collegio de Coimbra.

grande

grande espirito, & seus conselhos, & avisos espirituaes se advertiam, & escreviam, como de homem sancto. Muitas vezes lhe succedia, que depois de larga meditaçam das cousas divinas, ficava todo o dia enlevado em Deos, sem se lembrar de outra cousa, tam abrazado, & aceso em espirito, que, à força de suspiros, & gemidos ao ceo, parecia arrancar-se a alma. Dez annos somente gozamos do bem deste insigne fogejito, mas neste breve tempo recopilou largos annos; floreceo principalmente em sancto Antam de Lisboa, com o Padre mestre Gonçalo de Medeiros, & com o Padre Micer Ioam (que foram as tres primeiras, & principaes columnas, sobre as quaes, naquelle tempo, se fundou, nam menos o temporal, que o espiritual edificio daquelle Collegio) aonde acabou sanctissimamente; mostrando, na ultima hora de sua vida, a grande estimaçam, que fazia da
que agora escolheo na
Companhia: como
adiante
veremos.

[?]

CAPITULO XXII.

*Entram na Companhia Melchior Nunes Barreto, pro-
vao o Padre mestre Simam
com huma nova mortificaçam:
vem tambẽ, entre outros, Dom
Gonçalo da Sylveira, &
Dom Rodrigo de
Meneses.*

Começou logo atear-se o fogo do divino espirito no mais florido daquela Vniversidade: obrou a divina luz seus effeitos, alumando a muitos, que andavam mais nos olhos de todos, por illustres no sangue, & melhores nos talentos, pera nelles se fundarem firmos torres de sanctidade, em honra de Deos, gloria deste Reyno, & estimaçam da Companhia. Seguiu-se logo a vocaçam, & entrada no Collegio de Coimbra de hum insigne Theologo naquella Vniversidade (posto que o nosso historiador a gêral quer q fosse Canonista, cõ menos fudamẽto, do q nõs tẽmos) chamavase Melchior Nunes Barreto, natural da cidade do Porto, da melhor gẽte, & dos mais principaes daquelle lugar (como veremos

Anno de
Christo de
1543.

110

Chronica da Companhia de Iesu em Portugal.

Anno da
Companhia
4.

adiante, quando falarmos em seu irram o Padre Ioam Nunes Barreto, que foy Patriarcha de Ethiopia, & em o Padre Affonso Barreto, tambẽ seu irram, todos tres plantas de bẽçam, escolhidas pera o ceo da Companhia) Quando o P. M. Melchior veyo pedir a Companhia, tinha seus estudos acabados, & estavam feitos os autos necessarios pera se haver de graduar naquella facultade de theologo, & sô lhe faltava tomar o grão de Doutor; & por cuidar que fazia nisto a Deos mayor holocausto, se entrasse sem esta honra, lha quiz sacrificar, vindo sem ella à Companhia: porem o P. M. Simam, que entam estava em Coimbra, & governava as cousas com pensamentos mais sobrelevados, lhe ordenou que primeiro tomasse o grão de Doutor, pera mayor merecimento da humildade, que buscava, & pera mayor authoridade da escolha, que fazia; que tambem Christo quiz em sua companhia homens conhecidos por letrados, como hum Nicodemos,^b mestre da eschola Hebreá; & a hum Paulo,^c tam erudito nas escrituras; pera que, como diz Lyrano,^d nam desprezassem aos Apostolos por ignorantes, pois tambẽ entre sy tinham homẽs fabios.

2 Chegou o dia, em que

o novo candidato da Companhia havia de tomar o grão de Doutor; quiz o Padre mestre Simam, que fosse com todas as ceremonias, & solennidades costumadas de charmelas, atabales, oraçoens, propinas, acompanhamentos, como se faz naquella Vniversidade: q̃, pera quẽ dizia vir fugindo das hõras do mundo, era nova, & dura mortificaçam; repugnava elle com grande humildade: porem quando elle se mostrava mais sentido, o consolava o Padre mestre Simam, com as palavras de Christo a Sam Pedro, quando resistio à honra, que o Senhor lhe fazia, *Quod ego facio tu nescis modo, scies autem postea*; em resoluçam obedeceo, tomou o grão, poz a borla, recebeu o capelo, aceitou as honras, & entrou em nosa casa, acompanhado de todos os graduados, como he costume daquella Vniversidade, que acõpanhem atẽ sua casa ao novo Doutor. Tãto q̃ entrou no Collegio, lhe ordenou o P. mestre Simam, que tomasse às costas hum carneiro, que já ali estava esfolado, & o levasse, hindo em corpo, pelo meyo da cidade, a offerecer de propina a o D. Marcos Romèo cathedratico de Theologia, muy conhecido neste Reino, & mestre, q̃ tinha sido do Infãte D. Duarte, f Arce-

bispo

^b
Ioa. c. 3. n. 10
Tu es magister in Israel,
&c.

^c
Act. c. 22. n. 3.
Sceus pedes
Gamalielis eruditus,
iuxta veritatẽ paterna
legis.

^d
Lyrano. ibi. Ne
contẽptui haberetur,
quasi a solis simplicibus
recepta.

Fazse primeiro doutor na Vniversidade

^e
Ioa. c. 13. n. 7.

^f
In hist. Archi. Bracar. in vita Iaf. D. Eduardi.

bispo eleito de Braga, o qual tinha sido padrinho no grau: obedeceu o humilde Doutor, e de muy boa vôtade largou a borla, deixou o capelo, pera levar o carneiro; & cõ grãde cõfiança, & igual alegria foy pela cidade de Coimbra, naquella postura, a cumprir sua obediencia: entra em casa de Marcos Romeo, que ficou cheo de confusam com tal modo de propina, & muy embaraçado de ver tam desusada açam, & em pessoa de tanta qualidade, & tam encontrada com a honra doutoral, ainda fresca daquella hora. Desassombrouo o novo Doutor, & asserenoulhe o animo, com estas formaes palavras: *Este he, senhor Doutor, o vexame, que, depois do meu doutoramento, me dá a Companhia de I E S U, a fim de me graduar no espirito da mortificaçam, & desprezo do mundo.* Vendo o grave Doutor o fim daquelle sancto disfarfe, o levou nos braços, prezando dali por diante mais a Companhia, pois tinha subditos, que tomavam as honras mais pera exercicio de humildade, que pera ostentaçam de vaidade.

3 Desta maneira provava o Padre mestre Simam aquelles seus primeiros noviços, renovãdo neste acto de obediencia, & humildade, aquelle primitivo espirito, com que Sam Francil-

co criava a seus subditos; & cõ que Carolomano^s irmam de Pipino Rey de França, feito religioso de S. Bento, mandado pelo superior, levava ao campo a pastar as ovelhas do mosteiro: este, guiando as ovelhas, & o P. M. Melchior, levando o carneiro, ambos cõ muita alegria, por amor de Deos. Tambẽ aquelle bom pastor do^h Evangelho, com muito gosto, tomou aos hombros a ovelha, que andava perdida, & a levou pera casa; cõ nam menor satisfaçam o P. M. Melchior tomou às costas o carneiro, pera o levar a casa do Doutor: o pastor se alegrou pelo proveito, que lhe vinha daquelle achado; o P. M. Melchior festejava o ganho, que lhe resultava por obedecer. E assim como neste pastor parecia muito bem a carga da ovelha aos hombros; assim o novo cavaleiro de Christo melhor parecia com o carneiro esfolado às costas, do que os Principes do Tufam com o seu cordeiro d'ouro ao pescoço. Este he aquelle grãde servo de Deos M. Melchior, que depois no anno de 1551. deo à vela pera a India, aonde fez grandes serviços a Deos: & sucedendo por Provincial, em lugar do Apóstolo do Oriete S. Frãcisco de Xavier, depois da morte do P. M. Gaspar, o quiz imitar nos caminhos, assi como queriã q o repre-

h
Luc 15. n. 5.
Et cum inven-
nerit eam, im-
ponit eam in hu-
meros suos
gaudens, & ve-
nit ad domum,
&c.

Anno de
Christo de
1543.

112

Chronica da Companhia de Iesu em Portugal.

Anno da
Companhia
4.

*Entrã ou-
tros na
Companhia.*

sentasse no officio; passou ao Iapam, correo aquelles Reynos, vendo, & consolando aquelles christãos, & padeceo gloriosissimos trabalhos, dos quaes falaremos ao diante.

4 Apòs o Padre mestre Melchior, entrou logo na Companhia o Padre Fructuoso Nogueira, que foy homem muito virtuoso, manso, & espiritual, & como tal tinha por officio no Collegio de Coimbra dar os exercicios espirituales, & instruir nas cousas da oraçam aos irmaõs da Companhia. Depois, com zelo de ajudar as almas, passou, por ordem dos superiores, àquella parte da Africa, a que chamamos Guiné, aonde tendo padecidos muitos trabalhos, & grandes desemparos, na conversam daquelles gentios, se foy a gozar do descanso eterno, morrendo na empreza do Reyno de Congo.

5 Seguiu-se logo o Padre Melchior Carneiro natural da cidade de Coimbra, muy noble por geraçam, & mais illustre por suas virtudes; foy varam muito dado à mortificaçam, & devaçam, & proveito das almas; foy o primeiro Reitor do Collegio d'Evora, & d'ali foy mandado pera a India, aonde o obrigaram seus superiores a aceitar a dignidade de Bispo

de Nicèa, pera succeder a o Padre Patriarcha de Ethiopia; morreo em Macáo trabalhando como sancto; delle falaremos em seu lugar no livro terceiro.

6 De tal maneira lavrou este divino fogo, que a o principio parecia estar escondido debaixo da cinza da humildade, que chegou a abraçar os mais altos cedros daquelle fermoso Libano da Vniversidade; nella havia dous mancebos fidalgos, que eram os dous olhos em quem todos melhor empregavam os seus; eram as duas flores mais bellas daquelle jardim escholastico; eram as duas perolas mais brilhantes daquelle madre perola da Vniversidade; eram as duas estrellas mais luzentes daquelle ceo Conimbricense; por serem os mais illustres no sangue, mais estimados de todos, mais buscados dos amigos, melhor dotados de engenho, mais ricos de esperanças; & em fim a melhor gala daquellas tam florentes escholas, & os que melhor representavam naquelle famoso theatro da juventud Lusitana. Hum delles se chamava Dom Gonçalo da Sylveira, o outro se dizia Dom Rodrigo de Meneses; em ambos, com os esmaltes da arte,

*Sam recebidos na
Companhia
D. Gonçalo
da Sylveira, & D.
Rodrigo
de Meneses.*

com

Progenito
res de D.
Gõçalo da
Sylveira.

P. Nicol. God.
in eius vita
cap. 1.

competiam os dons da natureza: tinha Dom Gonçalo vinte annos de idade, era filho de D. Luis da Sylveira primeiro Cõde da Sortelha, guarda mór del-Rey Dom Ioam III. alcaide mór de Alenquer, filho de Nuno Martins da Sylveira, senhor de Goes, & mordomo da Rainha Dona Catherina, & de Dona Philippa de Villena; era o Cõde Dom Luis da Sylveira pessoa de grandes partes, muy valido, em algum tempo, com el-Rey; & por huns, & outros respeitos eleito por embaixador, pera tratar, & concluir o casamento da Emperatriz Dona Isabel, irmã del-Rey Dom Ioam, com o Emperador Carlos quinto. Era casado com a Condesa Dona Brites Coutinha (& nam de Noronha, como na sua vida lhe chamam) mãy do Padre Dom Gonçalo, a qual foy filha de Dom Fernando Coutinho, Marichal do Reyno (o que mataram em Calecut, quando, em companhia do grande Afonso d'Albuquerque, os nossos quizeram tomar aquella cidade ao Zamorim) destes dous casados D. Luis da Sylveira, & D. Brites Coutinha, pays do P. D. Gõçalo, descêde hoje nã só os Cõdes da Sortelha, mas tãbê os Condes de S. Ioam, porq delles naceo D. Philippa de Villena, q casou cõ Luis Alvares de Ta-

vora primeiro deste nome, señor do Mogadouro, visavõ do Cõde de S. Ioam, Antonio Luis de Tavora, q hoje vive: do mesmo trõco descêderam o morgado d'Oliveira, & a Cõdesa de S. Cruz, cõ outras illustrissimas casãs.

7 Cõ este ser o nascimento de D. Gõçalo, per hũa, & outra parte, de mayor estima era o valor da pessoa, q o lustre do sangue; porq tinha excellête engenho, o juizo muy asêrado, & dotado de grande piêdade, à qual era summamente inclinado: habitava elle dentro no mosteiro de S. Cruz de Coimbra, aonde os nossos foram ao principio recebidos, & muy bem hospedados dos muy reverendos Padres daquelle insigne convento: logo ali, com a entrada dos nossos religiosos, se começou Dom Gonçalo da Sylveira a afeiçoar a seu procedimento: ficava visinho, & á vista do novo Collegio, via muitas vezes com os olhos os nossos religiosos, os quaes já trazia na alma, edificado principalmente na modestia, que mostravam nos olhos, no desprezo, que tinham do mundo. Veyo este fidalgo a pedir a Companhia, foy recebido pelo Padre mestre Simam, depois de examinar, & entender o espirito de sua vocaçam.

8 A Dom Gonçalo seguio logo D. Rodrigo de Meneses,

Anno de
Christo de
1543.

Pays de D.
Rodrigo
de Mene-
ses.

114

Chronica da Companhia de Iesu em Portugal.

Anno da
Companhia
4.

filho tambem legitimo de Dõ Henrique de Meneses, governador da casa do Civel, cõmendador da Azinhaga, & da Idanha a velha, & tambem capitam em Tangere (& posto que tinha sido canonista, mostrou bem neste cargo, q̃ se sabia usar dos textos, melhor podia jugar da lâça) o qual foy filho de Dom Ioam de Meneses, primeiro Cõde de Tarouca, aquẽ chamavam o Cõde Prior, por q̃ era Prior do Crato. Era D. Rodrigo muy querido, & muy prezado de seu pay, & de sua mãy Dona Brites de Vilhena, senhora de grandes virtudes, & de muy illustre geraçam, filha de Ruy Barreto alcaide mór de Faro. E como ambos estes dous mancebos eram tam semelhantes nas calidades da natureza, assim o foram tambẽ nos primores da graça, que bẽ mostrou logo seus effeitos, em mover a tam illustres pretendẽtes da humildade, a vir buscar huma Religiam tam nova em seu nascimento, & tam desprezada ainda do mundo; bem podiamos delles dizer com o Prophetas, *Prævenierunt principes conuincti*, que se adiantaram, & ajutaram estes, que se nam eram dous principes, eram os dous principaes daquella Vniversidade.

9 Grande consolaçam tiveram os Padres, & irmãos do novo Collegio, com Deos lhes

meter em casa aquelles dous insignes fogeitos, que logo comecaram a estimar, como duas joyas mais preciosas do thesouro da Religiam. E posto que os viam tam apostados em continuar seus bons propositos: com tudo o Reitor Diogo Miram (como tam prudente q̃ era, & a quẽ a luz do ceo rãto guiava) considerando as tempestades, que ordinariamente levantam, em taes occasioens, os pays poderosos no mundo, contra os filhos, que se recolhem cõ Deos; & receando muito, que o Conde da Sortelha, & o governador da casa do Civel resistissem aos fervorosos intentos de seus filhos (assim pelo muito que lhes quieriam, como pela novidade da Religiam, que escolheram) tratou muito de sua conservaçam; que os noviços, como plãtas tenras, mais facilmente perigam á vista dos pays; & por isso nem Christo sofre que hum filho, nos primeiros lanços de sua vocaçam, se ocupe nas hõras de hum pay defuncto, dizẽdolhe o que lemos no Evangelho, que o siga, *Q̃ que deixe aos mortos sepultar seus mortos*; porque he certo o que disse Seneca, ¹ que nunca a demasiada benevolencia nos pays, trouxe muito proveito aos filhos; por esta rezam tratou o Reitor de os levar fora de Coimbra. E pera que estas duas flores pudessem ao diante

Mat. c. 8. n. 21
Sine mortuos sepelire mortuos suos.

Seneca ad Mat. fiam. Nunquã indulgentia ad utilitatem respexit.

dar

Pl. 67. n. 26

Anno de
Christo de
1543.

Anno de
Cõpanhia
4.

Vem á
Cõpanhia
Luis da
Gram.

^m
Ozez c. 2 n.
14. Ecce ego
baclabo eã, &
Ducã eã in fol
litudinẽ, & lo-
quar ad cor
eius.

dar copioso fruto, procurou que primeiro lançassem profundas raizes no bem começado: & tambem pera Deos as regar com seus divinos favores, & celestiaes influencias; & lhes falar ao coração, usou do conselho do Propheta, ^m que foy levado ao deserto, & nelle darlhe os exercicios espirituaes de nosso P. S. Ignacio, conforme ao costume da Companhia: retirou os a huma quinta solitaria, muy accommodada pera a contemplaçam, situada duas legoas álem da cidade do Porto, que era do pay de hum irman da Companhia, do qual fiava estes segredos. Aqui lhes deu os exercicios espirituaes, tẽdo por importante obrigaçam de seu officio, deixar por algum tempo o governo do Collegio, por lhe hir grãgear estes dous Collegiaes.

10 Deixemos agora por hum pouco aos dous devotos exercitantes no seu bemaventurado retiro, que d'aqui a pouco os viremos demandar, pera vermos as armas, com que sahiram deste rico almazem de virtudes, pera resistir ás batalhas, que lhe fizeram os homens, & pera se occuparem na vida, que sabem estimar os Anjos: & vejamos outros, que vem pedir a Companhia, assim Theologos, como Canonistas, movidos com o exemplo de taes noviços.

Foy hum delles Luis da Gram, estudante nobre, & de grandes prendas, que, chamado pelo Spirito sancto, trocou o estudo das leys Imperiaes, pela eschola dos conselhos de Christo, & entrou na Companhia, na qual foy insigne, nam menos em virtude de obedecer, que em prudencia de governar: em Portugal foy Reitor do Collegin de Coimbra, sucedendo no governo ao Padre Luis Gonçalves da Camara, como diremos no principio do terceiro livro; & no Brasil, por muitos annos, teve o cargo de Provincial, aonde fez grandes serviços a Deos, & acabou como soldado esforçado, sem nunca largar a estancia, nẽ deixar as armas.

11 Apos este entrou logo na Companhia outro estudante chamado Antonio Correa Theologo, natural da cidade do Porto, que entã era moço na idade, na qual foy crescendo, & muito mais na virtude, atẽ ser hum perfeito varam de muita oraçam, & mortificaçam, homẽ verdadeiramente humilde, & pobre de espirito. Foy o primeiro mestre de noviços, que houve nesta Provincia, depois de praticadas as constituçoens, do qual falaremos ao diante, quando tratarmos das coufas da casa de S. Roque.

12 Foy tambem recebido neste anno o Padre Nuno Ri-

Entra tâ-
bẽ Anto-
nio Correa

Christo de
1542.

beiro, cujos ditos trabalhos na Ilha de Amboyno, assim como diante de Deos lhe grãgearam a illustre palma dos q̄ dam a vida pela fé de Christo; assim pede nesta historia grandes lãbranças, que deixamos pera seu lugar; por agora basta dizer, que em Malaca gozou da vista, & conversaçam do S. Padre Francisco de Xavier, bebendo naquella fonte purissima o primitivo espirito da Companhia, & o verdadeiro zelo da salvaçam das almas. De Malaca foy enviado pelo mesmo sancto Padre á Ilha de Amboyno, aonde acodio áquelles desemparados christãos. Tres vezes no mar (como outro Apostolo S. Pauloⁿ) fez naufragio, & na terra foy grandemente perseguido dos Mouros. Doutrinava os christãos, destruia os idolos, levantava cruces nos mesmos lugares, em que o diabo estava venerado; & em hum sò anno, que lhe durou a vida, bautizou por sua mam duas mil, & oitenta & seis almas; & bem mostravam estes bons principios os grandes progressos, que ao diãte faria, se os Mouros, envejosos de tanto bem, & inimigos de nossa sancta Religiam, lhe nam apressassem a morte com a peçonha, que lhe fizeram dar, acabando a vida, depois de dizer missa com grande deyaçam, & notaveis jubilos de alegria, cã-

ⁿ
2. ad Cor. c. 11
Ter naufragiũ
feci, nocte, &
die in profun-
do maris sui.

tando, como cisne, naquella ultima hora, & tomando aquelle divino antidoto de vida, contra o venenoso trago da morte. Neste mesmo anno se consagraram a Deos na Cõpanhia Antonio Soares, & Manoel de Moraes, grandes servos de Deos; este na India prégando, Antonio Soares em Portugal confessando.

CAPITULO XXIII.

Dã licença o Papa pera na Cõpanhia nam haver limite nos professos: pera todos promete rēdas el Rey D. Ioam: dã se noticia dos estados de professos, que há na Companhia.

ERam já tantos os que, movidos pelo Spirito sancto, vinham pedir a Companhia, que foy necessario ao P. M. Simam hir mais a tento, em os receber, & fazer recolher pera casa ao irman Manoel Godinho, que até entam andava com aquelle sancto disfarfe, que temos dito, persuadindo aos estudantes, que nam fugissem dos nossos; na qual empresa teve tam valente successo, como temos visto. A rezam, que moveo ao Padre M.

Eram já demastados os que pediam a Cõpanhia.

Simam

Simam a nam querer mais gente, foy porque ainda durava a limitaçam, que o Summo Pontifice pusera á Cõpanhia (quando a primeira vez a confirmou) de nam poder admitir á profissam solenne mayor numero, q̄ sessenta. Outra causa tambem havia pera nam admitir mais, porque el Rey Dom Ioam o III. naquelles principios nam mandava dar sustentaçam mais que pera vinte & cinco sogeitos; que os rios, ainda que muy caudalosos, em seus principios levam muy pouca agoa.

2 Tinha já entrado o anno de 1543. (que era o quarto da Companhia) & considerando sua Sanctidade o copioso fruto, que os filhos da Companhia já recolhiam por varias partes do mundo, vendo quam necessarios eram naquelle tempo obreiros zelosos da salvaçam das almas, & que havia muitas cidades, & povos, que cõ grandes instancias pediam fundaçoẽs de Collegios, & de casas; & sabendo de certo haver muitos de grandes talẽtos, que desejavam ser da Companhia, julgou, que nam era bem que pois Deos estendẽra seu sangue pelo mundo todo, fechasse elle os braços a quem, por tam diversos modos, os buscavam abertos.

3 Movido por estas causas o summo Pastor; & pela supli-

ca, que sobre este ponto lhe fez nosso Sancto Patriarcha Ignacio, respondeo (como diz o nosso historiador Orlandino ^a) *Ex augustissima sanctitatis cathedra*, que a tam justa petiçam se nam podia negar justissimo despacho, & favor: & assim declarou, que izentava a Companhia de toda a limitaçam de pessoas, & tempo, & que de novo a declarava por Religiam ^b regular, & com authoridade Pontifical, & apostolica, a aprovava, & confirmava; dando licença pera todos os que quizessem entrar na Cõpanhia, assim pera professos, como coadjutores formados, de que se passãram letras em 14. de Março de 1543. no anno decimo de seu pontificado, as quaes começam, *Innoctum nobis desuper, &c.* que nam era bem, q̄ os homens affinassem termo a quem Deos nam punha limite; & pudera bem o sanctissimo Padre dizer à Companhia o que Haisias ^c já dissera á Igreja, *Dilata locum tentarij tui, & pelles tabernaculorum tuorum extende: ne parcas: ad dexteram, & ad sinistram penetrabis.*

3 Mal se pòde encarecer a fatisaçam, que resultou ao Padre Mestre Simam da bençam pontifical, com que o Papa desfez o limitado numero de sessenta professos, esperando na divina bondade, que assim como a esta sagrada Religiam

Cõpanhia
4

Cõfirmase
a segũda
vez a Cõ-
panhia, sã
limite nos
professos.

^a
Orl. lib. 4. n. 3

^b
Bulla 2. An.
1543.

^c
Isai. c. 54. n. 3

Christo de 1542.

se nam punha termo nas pessoas, tambem nam teria algum limite nos tempos, senam com o fim, que Deos ao mundo puzesse: que, com mayor rezam, poderemos dizer da nossa Companhia, o que o outro^d cantou dos seus Romanos, aos quaes quiz lisongear glorias sem conto, & prophetizar tempos sem fim. Foy logo o Padre M. Simam dar esta alegre nova a sua Alteza, como quem bem sabia quanto havia de festejar a dilataçam da Companhia. Muito se alegrou o piedosissimo Principe com tam boa nova; & perguntando ao Padre, quantos subditos tinha no seu Collegio de Coimbra, lhe respondeo, *Senhor, sam vinte & cinco; tornou elRey, E porque nam sam mais? Senhor, disse o Padre, porque nam chegam a mais as rendas: elRey, declarando entam a magnificencia de seu grandioso peito, lhe respondeo estas reaes palavras, dignas de animo tam liberal, & piedoso: Padre, nam ponhais termo algum ao Espirito sancto, recebei na Companhia quantos quizerdes, que eu darei sustentaçam pera todos. Com esta paternal benevolencia do Rey, & com a pontifical licença do Papa, de tal maneira cresceo o Collegio de Coimbra em religiosos, que em muitos annos o nam venceo, nem igualou o Collegio Romano (que hoje excede a*

todos os da Companhia, assim pela fundaçam do Papa Gregorio XIII. como pelos grandes augmentos, que lhe fez o Papa Gregorio XV. & o eminentissimo Cardeal Aloisio seu nepote) Assim foy engrossando o Collegio notavelmente em numero de bons fogeitos, pera todos os estados da Companhia; posto que, naquelles primeiros onze, ou doze annos, como ainda nam havia constituiçoens ajustadas, & publicadas, sò o Padre M. Simam fez profissam solenne neste Reyno, & a mandou escrita a Roma a nosso sancto Padre, em huma forma muy devota, pela nam haver ainda certa, & commua. Nem sabemos que em todos estes annos fizesse algum outro nesta Provincia profissam, com votos publicos, atè o anno de 1553. no principio da fundaçam da casa professa de S. Roque, na qual o illustre varam Dom Gonçalo da Sylveira, com outros Padres, como adiante diremos, fizeram os primeiros votos publicos, diante da corte toda, dando huma breve mostra dos tres estados dos professos, que hã na Companhia.

4 E por quanto estamos ainda quasi no principio desta historia, na qual, por vezes, havemos de falar em professos, & coadjutores da Companhia, & ainda agora muita gente de Por-

tugal

AEa. 1. His ego nec metas rerum, nec tempora ponã.

Liberal promessa delRey D. Joam.

Dãse cõta da variedade de professos, q ha na Companhia.

tugal nam tem noticia deste modo particular, acerca de seus estados, pede a rezam, que nam fayamos deste capitulo, sem darmos alguma luz nesta materia, apontando, & declarando a differença, & calidade dos professos da Companhia, a quem agora o Papa tirou o limite, que tinha posto, de serem sòs sessenta. O primeiro, & principal estado da Companhia, he dos Sacerdotes professos de quatro votos, que fazem profissam solenne; os quaes aos tres votos de pobreza, castidade, & obediencia (q̄ fazẽ os demais religiosos) acrescentam o quarto voto solenne, de especial obediencia a o Summo Pontifice, pera por seu mandado hir a qualquer parte do mundo, & andar entre fieis & infieis, em serviço, & bẽ da Christãdade. Este voto quiz fazer a Companhia, pera maior veneraçam da Sé apostolica, & confusam de hereges, que nestes tempos pretendem apartar a gente da obediencia, & fogeçam do Pontifice Romano.

5 Este hẽ o mais autorizado estado, & a mais grave profissam, que tem a Companhia; a estes costumamos chamar, professos de quatro votos solennes; entre os quaes nam sam admitidos senam Padres muy provados em virtude, & muy approvados^h em letras;

a fatisaçam da virtude dam os superiores ao Preposito gèral, que reside em Roma, por informaçoẽs, q̄ lhe mandã, depois de varias experiẽcias, & de larga provaçoens, q̄ ordinariamente passam de vinte annos; & sò o Padre gèral pòde admittir os religiosos a esta profissam solenne. A abonaçam das letras se manda ao mesmo Preposito gèral, dada por quatro examinadores, & mestres de Theologia, que na informaçam, que mandam, com grande segredo, ham de jurar, que aquelle religioso, a quem aprovam, pòde com fatisaçam ler Theologia.^m na Cõpanhia, & este he o modo ordinario. Estes professos da profissam solenne de quatro votos, nam pòdem ser despedidos da Companhia, senam pelo Padre gèral, ⁿ nos casos, em que tambem os pòdem despedir nas outras Religioẽs approvadas (cõforme nossas constituiçoens) Destes professos se elegem o Preposito gèral, & seus assistentes, ^o os Provinciaes, Visitadores, & Prepositos das casas professas: elles tem direito de entrar nas congregaçõs ^p gèraes, & provinciaes, o que nam tẽ os demais, senam he por rezam de officios de Reitores, ou Procuradores gèraes de toda a Provincia: sam incapazes ^q de toda a herança, & beneficios ecclesiasticos.

4.

¹
Exam. c. 1. §
8. & par. 5. c.
2. §. 7.

¹
Par. 5. Cõst. c. 1.
§. 2. & p. 9. c.
3. §. 1.

^m
Sept. Congt.
Cau. 33. n. 1. &
n. 4. & in Ord.
Præp. c. 18. p.
3. Itẽ in Septi.
ma Cõg. decr.
33. n. 3. & 4

ⁿ
Const. p. 2. c. 1
lit. C.

^o
Cõst. p. 4. c. 10
§. 1. & p. 10.
§. 1.

^p
Vide Soar, de
Rel. 10. 4. lib.
6. c. 11. n. 3

^q
Cõst. p. 5. c. 2
§. 12. Exam.
c. 4. §. 5.

^c
Exa. c. 1. §. 8
par. 5. c. 1.
lit. A. §. 4

^f
Cõst. p. 10. n. 6
Vide Soar, 10.
4. de Relig.
lib. 6. c. 4. Vi.
de itẽ lib. 7. c.
11. n. 5

*Primeiro
estado na
Cõpanhia
de profes-
sos de qua-
tro votos.*

^g
Const. p. 5. c. 1
§. 4

^h
Exam. cap. 1
§. 8. & p. 5. c. 3
§. 1.

Christo de 1543.

6 Posto que este estado de professos de quatro votos he tam authorizado na Companhia ; com tudo, pera cortar as raizes a toda a ambiçam, ordenam as mesmas constituiçoens, que, tâto que hum faz esta profissam , faça juntamente , voto de nam procurar, nem directè, nem indirectè, dignidade alguma na Companhia , ou fora della, & descobrir a quem souber q a pretende. Assi quiz nosso sancto Patriarcha fechar as portas a toda a ambiçam, & cõ muita rezam, pois nam há coula mais prejudicial, entre religiosos, que o espirito da vaidade, & ambiçam; porque este da Religiam faz mudo, & troca o mundo em inferno. Nem he de espantar , pois o mesmo cèo empireo se revolveo em bãdos, & dissençoês: & o desejo de governar , como notou Sam Bernardo, fez com que aquelles celestiaes espiritos, que eram anjos per natureza , se tornassem demonios pela ambiçam; & o que pretèdia sublimar seu alto throno , sobre as urfas do polo boreal, veyo a ficar sepultado, debaixo do mais profundo lago do inferno; como disse o Propheta Isaias. E na verdade , se na Religiam huma vez entra o espirito de mãdar , mayor estrago faz nella , que no mundo o desejo de reynar; porque este , aonde nam tem o

pretèdère rezam, busca o remedio das armas, as quaes, em breve, desfazem a contenda, dando o Reyno a quem tem mayor poder. Porem a guerra espiritual de vontades encontradas, & entendimentos diversos, nam obedece à rezam, nem se rende ao ferro. E toda esta perniciosã contenda se resolve em bandos, & parcialidades, em odios intestinos, em paixoens, & discordias mais que civis; pois se andam infamando, & defautorizando os que sam filhos da mesma mãy, & os que bebèram o leite da mesma Religiam; perpetuando desuniam de huns a outros , com destruiçam dos estatutos , com scisma da casa de Deos, & com eterno escandalo dos seculares.

7 E o peor he, que muitas vezes entra esta cõtagiam com capa de zelo , & com mascara de virtude; donde, com muito fundamento, chamou S. Bernardo a ambiçam, mal sutil, peçonha secreta, peste encuberta, artifice de enganos , mãy da hypocresia, causa da enveja, origẽ dos vicios, traça roedora da sanctidade, cegueira de coraçoens, a qual do antidoto faz toxico, & da medicina gera doēças, &c. Isto diz S. Bernardo, & isto experimentamos hoje. Daqui vè, que de nenhuma coufa os religiosos mais se devem temer , & vigiar, que deste infernal appe-

4.

Prejudiciaes osbãdos entre religiosos, por causa da ambiçam.

Fazê voto os professos de nã procurar dignidades.

Cõst. p. 10. § 6. Vide Soa. to. 1. Rel. lib. 6. c. 8.

Bern. in serm. Ambitio angelicam felicitatem a seculis privavit: scientiam appetitum hominum immortalitatis gloria spoliavit.

Isa c. 14, n. 13 Sedebo in lateribus Aquilonis. Verum ad infernum detrahens in profundum lacus.

Bern. in ser. 40. Ambitio subtilis malum, ferere rursus virus, pestis occulta, doli artifex, mater hypocrisis, livoris patens, vitiorum origo, &c.

tite

x
De vic Pat. lib
i. invita Pach.
c. 24. Sicut
foculus ignis
cum messum
inciderint, in
terdum totius
anni fructus
excipit, ita cogitatio feralis
ambitus.

y
Ambr. tom. 3.
in Evãg. Luc.
c. 4

z
Vide Soa. r.
de Rel. lib. 6
c. 10.

tite de governo, assim pelo pe-
rigo proprio, como pelo dano
da Religiam. E ainda que pare-
ça a alguns que este mal he
pequeno, he causa de dano ir-
reparavel: por isto dizia antiga-
mente o sancto Pachomio ^x (a-
quelle a quem hum Anjo ditou a
regra) que assim como huma fa-
isca de fogo, se dá em huma sea-
ra, queima os trabalhos de todo
hum anno, assi o vicio da mor-
tal ambiçam, aõde entra, abra-
za, & faz em breve arruinar to-
do o bem, que em toda a vida o
religioso tinha grangeado. Nã
basta ter hum religioso alcan-
çadas outras victorias, pera se
persuadir, q̃ nam serã vencido
deste sutil enemigo; porq̃ como
bẽ advirtio S. Ambrosio, ^y mui-
tas vezes aquelles, a quem nam
abalou a luxuria, sendo in-
nocentes na avareza, ficam cul-
pados na ambiçam. *Sape quos nul-
la potuit movere luxuria, nulla avaritia
subruere, fecit ambitio criminosos.*

8 Esta he a causa porque
os professos da Cõpanhia fazẽ o
tal voto, pera fechar, por huma
vez, a porta a esta cõmum affo-
laçam das Religioẽs, ordenãdo
aquelle prudẽtissimo P. S. Igna-
cio, pera atalhar a tantos males,
que se obrigassem per votos os
seus professos, de nam procu-
rar honra, ou dignidade algu-
ma, nem dentro, nem fóra da
Cõpanhia, & de manifestar ao
superior o que souberem que

as procura: que os que tẽ as
verdadeiras honras de servir a
Deos na Religiam, nam de-
viam pretender as fingidas dos
governos do mundo. Deste
estado de professos tem sahido
da provincia de Portugal va-
roẽs illustrissimos em sanctida-
de, prẽgadores famosos, mar-
tyres valerosos, doutores insig-
nes, & outros muitos esclareci-
dos fogueitos, q̃ cõ suas letras il-
lustraram a Religiam, & cõ sua
virtude edificaram o mundo.

CAPITULO XXIV.
*Continuase a mesma materia
dos diversos estados, que
ha na Compa-
nhia.*

I **O** Segũdo estado ^a na
Companhia he de
coadjutores espiri-
tuaes, que ajudam aos pro-
fessos no ministerio espiritual
das almas. E por isso o tal esta-
do pede Sacerdotes ^b virtuosos,
zelosos, & prudentes, instruidos
ẽ a Theologia moral. Incorpo-
raos em sy a Cõpanhia por vo-
tos publicos, que fazẽ; os quaes
posto q̃ nam sam solẽnes, ^c &
irrevogaveis; a sancta Sé aposto-
lica, conforme às constituiçoẽs
da Companhia, os accita, em
tal forma, que nam sò tem for-
ça de irritar o matrimonio,
mas tambem fazem aos ditos
coadjutores incapazes de toda

a
Vide Soa. r. 4
de Rel. lib. 7.
c. 2, a n. 1, & lib
6. c. 2, n. 4
Const. ex c. 6,
examinis ge-
ner. n. 1, & 2.

b
Const p. 5, c.
2, n. 4.
Cõst. p. 1, cõst.
c. 10, n. 4

c
Exam. c. 1, 2,
3, & 12, & c. 4,
4, 5, 16, & 41,
& c. 6, 8, 8,
& p. 2, c. 1,
& p. 5, c. 4

1543.

Exam. c. 2. §
3. Vide Soar.
to. 4. de Relig.
lib. 7. c. 3. n. 10

Conf. p. 2. c. 1
declaraciones
ibi Vide Soar.
de Rel. tom. 4
lib. 7. c. 3. n. 11
Vide Soar. to. 4
de Rel. lib. 11
c. 1

Estado de
coadjuto-
res espiri-
tuales he
autoriza-
do na Cõ-
panhia.

Conf. p. 4. c.
10. n. 4.

Conf. p. 8. e. 3

In sexta cõgr.
Can. 15

herança, ^d & dominio tempo-
poral, & de ter beneficios ec-
clesiasticos, ficando de tal sorte
unidos, & incorporados na Re-
ligiam, q̄, posto q̄ ella os possa
a partar de sy, nam o pode, nem
costuma fazer, senam por ordẽ
do Padre ḡeral, & por gravissi-
mas, & urgẽtes causas, & assi he
cousa rara semelhãte despedida
de coadjutor e spiritual jã profes-
so. A este estado dam nossas cõ-
stituições tãta autoridade, q̄ nam
sõ delle se escolhẽ homẽs pera
procuradores, & outros officios
de muita confiança na Reli-
giam, mas tambem pera Rei-
tores, & pòdem ser eleitos pe-
ra hir à congregaçam ḡeral, ^e &
ter voto em tudo, salvo na elei-
çam do Preposito ḡeral da Cõ-
panhia; porque nisto sã pòdem
votar os Padres da profissam
solenne dos quatro votos. A es-
te estado se reduzem algũs, que
ainda que sabem Theologia, &
Philosophia, cõ tudo nam pòde
ser approvados, ^h pera ler estas
faculdades cõ satisfaçã. Tẽ Deos
hõrado este tam importante es-
tado nesta Provincia, com illu-
stres martyres, & sanctos cõfes-
sores, cujas vidas resplãdecãram
com muito exemplo, acabando
gloriosamente em actos de ex-
cellente charidade, huns mor-
rendo por acodirem nas pestes,
outros perecendo em naufrãgios,
& desteros, entre pagaõs,
& Mouros.

2 O terceiro estado na
Companhia, ⁱ he de Coadjutores
tẽporaes ⁱ formados, os quaes tẽ
os mesmos votos, que os espiri-
tuales, feitos tambẽ em publico,
posto que nam sã solennes, &
na Companhia tem o mesmo
estado, que na primitiva Igre-
ja, entre os apóstolos, os lete-
diaconos ^l (dos quaes sahio o
primeiro martyr da Igreja, san-
cto Estevam) escolhidos pera
dispensar as esmolas, & prover
de remedio temporal às viu-
vas, a fim de desocuparem os
apóstolos, pera mais livremen-
te attenderem à prẽgaçam do
Evangelho: o que em seu mo-
do fazem na Companhia os
irmaõs coadjutores: assim cha-
mados ^m pelo Papa Paulo ter-
ceiro, & pelo Papa Grego-
rio XIII. conforme nossas con-
stituiçõens; porque com o tra-
balho corporal ajudam o espi-
ritual; & ocupãdo se em acodir
à cõmunidade, desocupã os pro-
fessos, & mais religiosos, pera li-
vremẽte se empregãrem na ajuda,
& proveito das almas; gozando
cõ elles do merecimẽto, ⁿ & par-
ticipãdo do premio: como forã
participantes tãbẽ nos despojos
da victoria, por sentença del Rey
David, ^o os duzẽtos, q̄ na guerra
ficãram jũto ao rio Bezor, guar-
dando os arrayaes, com os que
levãram as lançadas, & com
seu sangue ganhãram a victo-
ria; pois na verdade, por estarẽ

4.

Exa. c. 1. n. 9
Vide Soar. de
Rel. to. 4. lib.
7. c. 3
In Bulla Ascē-
dente Dño sub
Greg. XIII.
an. 1584.

I
Act. c. 6. à n. 3
Vbi videndus
Ioan. Lerin.

Esta dode
irmãos
Coadjuto-
res na Cõ-
panhia.

m
Bullar. Societ.
p. 24. 25
Greg. XIII.
Bul. Ascēdē-
te Dño.

u
Exa. c. 6. n. 3

o
1. Reg. c. 30
à n. 21

p
Ad c. 7. n. 58.
Aug. ser. 1. de
sanct. Omnia
lapidantiu ve-
stimenta serua-
bat, ut rāquam
in manibus Om-
niū ipse lapida-
re videretur.

ali occupados com elles, & por elles peleijaram. Nesta conformidade fala sancto Agostinho, quando diz de Sam Paulo, sendo ainda Saulo, que apedrejava a sancto Estevam com as mãos de todos aquelles, cujas capas guardava, porque os desembaraçava, pera melhor fazerem tiro ao sancto martyr; &, lançadas bem as contas, tanto premio merece o que trabalhau, como o que pera trabalhades vos habilitou.

3 Assim se pôde dizer do irman coadjutor da Companhia, que com seu trabalho, & charidade desocupa os ministros do Evangelho; pera fazerem seu officio, no serviço das almas, que com elles juntamente prèga, confessa, ensina, bautiza, & converte os infieis. Assim o diz o Apostolo S. Paulo (escrevendo aos Philippenses⁹) falando das sanctas molheres, que com sua charidade serviam aos Apostolos, dizendo que trabalharam com elle no Evangelho, chamandolhe suas ajudadoras, com Sam Clemente, & os demais varoës apostolicos, cujos nomes, affirma; estarem escritos no livro da vida; nam porque as sanctas molheres prègassem, mas porque serviam aos prègadores, nem porque ellas bautizassem, mas porque tinhã cuidado de ministrar o necesfario aos, que ministravam o

9
Ad Phil. c. 4.
n. 3. Aduva
illas, quæ me-
cū laboraverūt
in Evāgelio cū
Clemente, &
cæteris adiu-
toribus meis,
quorū nomina
sunt in libro
vitæ, &c.

bautifimo; & desta maneira bem se pôde dizer, com sua proporçam, que tanto merecia Evodia, acodindo â cozinha, como Paulo prègãdo no pulpito. Donde claramente se vê quam honrado, quam antigo, & quam authorizado nome he este de Coadjuutores; pois S. Paulo chama coadjutores seus a Timotheo, a Tito, a S. Clemente, a S. Marcos, & a S. Lucas. E S. Bernardo, com palavras expressas, chama coadjutores âquelles, q assistiam ao Papa Eugenio: & o mesmo S. dà este illustre nome ao esposo sãctissimo da Virgem Maria. E o sagrado Conc. Tri-dã este tã grave, & tã excellẽte titulo âquelles Sacerdotes, que ajudavam aos Bispos, quãdo, ou por velhice, ou por infirmitade, necessitavam de quẽ os ajudasse, & destes coadjutores foy hum S. Agostinho, ajudando a Valerio Bispo Hipponense.

4 Foy este estado em Portugal muy fertil de irmaõs de muita virtude, & delle sahiram muitos martyres gloriosos, hũs dos quaes morreram em terras de infieis, acõpanhando os prègadores evangelicos, & outros em pestes, ajudãdo aos Padres, q sacrametavam, & animavam os enfermos; & houve algũs delles, q prègavam, & cathequizavam os gëtios, qual foy o irman Ioam Fernandez d'Oviedo (de que ao d'ãtẽ falaremos) segũdo

Ad Ro. 16. 1.
2. ad Cor. 8. n.
23. ad Phil. 1.
6. 8.
Ad Phil. em. 24.
Ber. lib. 4. de
Consil. c. 1.
Coadjuutores
quos Idẽ ser.
de Assumpt.
Magni consilij
Coadjuotorem
dissimulã.
Tri-d. sess. 21.
de reform. c. 6.
& sess. 25. de re-
form. c. 71.

Houve nesta Provin-
cia muitos
irmaõs co-
adjutores
de muita
virtude.

Anno de
Christo de
1543.

124

Anno da
Companhia
4.

O Apostolo de Iapam: outros perseverarã muitos annos no trabalho dos officios humildes, cõ raro exemplo de virtude, & perfeiçam, como foy no Collegio de Coimbra o irnam Domingos Ioam, espelho da humildade, & Religiam; & na casa de Sam Roque, entre outros muitos, o irnam Melchior de Siqueira, de rara virtude, & admiravel perfeiçam de vida, dos quaes adiante teremos occasiam de falar.

5 A nenhum destes estados costuma a Companhia admitir senam depois de larga experiencia de annos, em que por sua virtude, prudencia, & perseverança na observancia, & perfeiçam da obediencia, se fazem dignos de a elles serem admitidos. Os demais Religiosos, em quanto nam sam promovidos a algum destes estados, depois dos dous annos de noviçado (que a Companhia lhes dà, pera devagar elles provarem nosso instituto, & ella melhor se inteirar no conhecimẽto delles) fazem seus votos nam solẽnes, mas simples; porẽtaes, que por elles ficam incorporados na Companhia, & inhabeis pera contrahir matrimonio, como verdadeiramente religiosos, conforme a declaraçam da sancta memoria do Papa Gregorio XIII.^o na Bulla, que passou, em confirmaçam

de nosso instituto: & de tal maneira os tem em sy a Companhia, que se nam procedem com o exemplo, que pedem nossas constituioẽs, * os pòde despedir de sy, & ficam logo desobrigados dos votos, porque estes sò os obrigavam, em quãto estavam na Companhia.

6 Estes sam os tres estados de nossa Religiam, nos quaes nam havia licença pera admitir mais que sessenta. Estes sam os muros, que se abriram, pera que, sem termo algum nas pessoas, & sem limite nos tempos, entrassem muitos na Companhia, como dali por diante entraram, com particular gosto del Rey Dom Ioam, que tanta parte tinha no bom logro deste bem. E pera que digamos tudo, tenho por cousa certa, que a este benignissimo Rey, & à Provincia de Portugal se devem os notaveis augmẽtos, que se seguiram em toda a Companhia, pois nos consta, por cartas do P. M. Simam pera S. Ignacio, & por repostas suas, que movido o S. Patriarcha com os grandes luzimentos das cousas de Portugal, pedio elle ao sanctissimo Padre, que abrisse as portas de toda a Companhia, & alcançou o despacho, que

contei.

[?]

*
Gonst. p. 10. n.
7. Exam. c. 6
n. 8. & c. 7. n. 1

A el Rey D.
Ioam tem
toda a Companhia
grãdes obrigações.

Religiosos
sem profissam
solẽne.

Greg. XIII, in
bulla quæ in ei
Pit Quato fir
tuosus. nn.
1582. 1. Febr.
Pontif. an. 11.

CAPITULO XXV.

*Comoneste tempo, por meyo do
nosso sancto Padre, & do
Padre mestre Simam, se a-
talharam huns grandes
desgostos entre elRey
Dom Ioam, & o
Papa Paulo
III.*

POr este mesmo tem-
po fez nosso glorio-
so Patriarcha hum
grãde serviço a elRey D. Ioam
o III. em que mostrou sua muita
prudencia, & o grãde amor, que
tinha ao augustissimo Rey; &
porque nisso trabalhou muito
o P. Mestre Simam, quero a-
qui apontar este caso, pera que
tambem, com alguma varieda-
de de successos, fique esta Chro-
nica mais aliviada. No an-
no de mil & quinhentos, &
quarenta & hum, se começou
a armar neste Reyno hũa grã-
de tempestade de desgostos,
entre a sanctidade de Paulo
III. & elRey Dom Ioam o III.
a qual veyo a ser desfeita ne-
ste tempo, de que himos falan-
do, & nelle finalmente cessou,
por intercessam do bemaven-
turado Padre sancto Ignacio
com Deos, & boa agencia sua

com estes dous tam grandes
Principes, aos quaes sempre foy
tam agradecido, como obriga-
do, pelas fundações, merces, &
favores, com que sempre tratã-
ram a Companhia.

2 Pera mór clareza do q̃ pas-
sou, tomemos o caso e seu princi-
pio. D. Miguel da Sylva, Bispo de
Viseo, & filho do Cōde de Por-
talegre D. Diogo da Sylva, era
escrivam da puridade delRei D.
Ioam o III. & grãde seu valido,
& cabia nelle toda a merce, q̃ S.
A. lhe fazia, por cōcorrerem no
Bispo, a lã de seu illustre, & anti-
go sangue, grãdes partes, & raros
talẽtos, e particular de seu mui-
to saber, & superior engenho (de
q̃ tãbẽ nos deixou testemunho
Paulo Iovio Bispo Nucерino, q̃
foy o Tito Livio de seus tẽpos,
em os elogios dos varoẽs illustres)
Foy homẽ de grãdes espi-
ritos; & de sua magnificẽcia nos
dam ainda hoje testemunho o
rio Douro na baliza de sua en-
trada no Porto (q̃ elle levantou
pera segurãça dos navios, q̃ en-
trã, & faẽ por aquella barra) & a
famosa quinta de Fõtello, q̃ fez
jũto da cidade de Viseo, cõ pa-
ços põtificaes, pera habitaçam
dos prelados daquella mitra, &
com outras grãdezas, que eram
partos de seu animo grandioso;
porq̃ dentro da quinta se esten-
diam grãdes ruas de parreiras,
bosques muy frescos, tanques
muy fermosos, fontes de grãde

*Grãdes ta-
lentos de
D. Miguel
da Sylva
Bispo de
Viseo.*

²
*Paul. Iov. Elo-
gior. lib. 3. fol.
mihĩ 183.*

*Obras grã-
diosas, q̃
fez o Bis-
po D. Mi-
guel.*

Anno de
Christo de
1543.

126

Anno da
Companhia

4.

^c
Cice. de orat.
Nihil est tam
miserabile, quā
ex beato fieri
miser.

^d
Maxim ser. 18
Interrogatus
Bias quid es-
ser difficilius,
respondit, mu-
tationē secu-
dū fortunę
fortiter ferre.

Sabese de
Portugal
o Bispo D.
Miguel, se
licença.

artificio, & outras notaveis curiosidades; entre as quaes se viam gayolas de fio de arame, de tal altura, & capacidade, que dentro livremente voavam os passaros, & nam se dando por prezos, pela liberdade do lugar, faziam seus ninhos, & criavam sobre as arvores (que ficavam dentro das redes) dando agradaveis musicas a quem lhes dava tam livres prizoões, que estando metidos em redes, cuidavam andarem alegremente soltos pelos campos; tam preciosa cousa he a liberdade, que até aos brutos, sò imaginada, recrea.

3 Porem quando a privança do Bispo^c parecia estar no mayor auge de seu valimento, houve de experimentar a volta infeliz da inconstante roda: ou fosse por queixas, que algũs faziam a elRey, da pessoa do Bispo (porque os validos nam podem contentar a todos os pretendentes; & os grandes, como disse o outro,^b nunca carecẽ de enveja) ou fosse por queixas, que elle tivesse; porque seus grandes espiritos tinham outras mayores pretensoões. Veyo emfim o Bispo Dom Miguel a perder a graça do Rey, & a cahir da privança; que os mais privados, como andam mais nos olhos da fortuna, estam mais expostos a lhes dar olhãdo. Nam sofria elle bem os disfavores reaes, a

vista de sua passada privança; que nam hã mayor trabalho, disse o Orador Romano, ^e que verse desluzido, & descahido, o que estava mais sublimado; nẽ hã cousa mais difficultosa, dizia hum sabio, ^d que levar com fortaleza a mudança cruel da fortuna favoravel. Nam quiz o Bispo Dom Miguel fogueitar seu grande animo ao conhecimẽto pessoal das sentenças destes sabios, que sam muito boas, pera se lerem; mas muito roins, pera se experimentarem. Instimulado da altiveza de seus pensamentos, tratou de buscar privanças em Italia, pois lhe faltavam as de Portugal; pareceolhe que hindo a Roma, acharia no Papa a graça, que tinha perdida com elRey, pela estreita amizade, que tivera em Sena, cidade de Italia, com Alexandre Farnesio, que entam era o nepote do Papa Paulo III. Assim o pẽfamenteou, & assim o executou; porque, levado desta apressada deliberaçam, se sahio do Reyno secretamente, sem licença do seu Rey; o qual sentio grandemente tal resoluçam, antes executada, que imaginada.

4 E vendo que o Bispo, sendo seu escrivam da puridade, & participante de todos seus reaes segredos, se sahira do Reino, sem entregar os papeis do Estado, que tinha ainda em seu poder, nem deferir aos recados,

que

^b
Vellei Pater.
Hist. lib. 2. Nũ.
quã eminentia
invidiã carẽr.

Anno de
Christo de
1543.

3.p.Chro. Re-
gis Ioan. III.
c. 82.

Sentença
del Rey cõ-
tra D. Mi-
guel.

Anno da
Copanhia
4.

Foy feito
Cardeal o
Bispo D.
Miguel.

que lhe mandou ao caminho; antes izentandose muy seccamente de seu serviço; procedeo contra elle, fulminando huma sentença a 26.º de Janeiro de 1542. a qual traz de verbo ad verbum o Doutor Francisco d'Andrada, pela qual o privava do officio de escrivam da puridade, & de todas as jurdições, rendas, tenças, & moradias; privilegios, liberdades, honras, graças, & merces; desnaturalizando de seus Reynos, mandando, sob as mesmas penas, que nenhuma pessoa; no Reyno, tratasse, nem negociasse com elle, nem diligenciasse cousas suas, nem com elle tivesse communicacão alguma, por cartas, ou recados. Na execuçam da qual sentença, guardou tanto rigor, que, por se achar que Dom Jorge da Sylva, que era seu sobrinho (& nam irmam, como diz o Chronista citado acima) tinha recebido hũa carta do dito Bispo, o mandou prender na torre de Belem, degradando pera as partes de Africa (aonde o mataram os Mouros em Arzilla, peleijando, como valente Portugues)

5 Tornou outra vez a fortuna a rirse pera Dom Miguel em Italia, posto que se tinha rido delle em Portugal: foy muy bem agasalhado em toda Italia, & em Roma foy feito Cardeal (que era a principal

toffe, que lhe deo em Portugal, depois da morte do Cardeal D. Affonso, Bispo d'Evora, & irmam del Rey Dom Ioan) & o capelo se lhe deo, com grandes honras, & notaveis fivores do Papa Paulo III. dignidade, por certo, muy devida a suas partes, & muita nobreza; se bem foy estranhada em Portugal, por ser em conjunçam, em que tanto desgostara a el Rey: o qual tinha irmam ecclesiastico, que era o Infante Dom Henrique, a quem parece que primeiro se havia de oferecer o capelo, pois vagara por morte tambem de irmam. Por onde sabendo el Rey o que passava, & quam aceito era Dom Miguel ao Sũmo Pontifice, & como, hindo em desgraça sua (de que bem lhe constava ao Papa) fora logo promovido à dignidade de Cardeal, sem se lhe fazer a saber, nem se ter respeito ao desprazer, que disso havia de ter, houve ser isto feito em grande despeito de sua real pessoa: & mostrou tanto desgosto, que se deo por muy agravado de sua Sanctidade; & pera dar mayor demonstraçam deste sentimento, mandou sahir da corte de Roma seu embaixador, & em Portugal nam foy recebido Monsenhor de Monte Policiano, Nuncio do Papa. Nem a magestade do Emperador Carlos quinto (como cunhado, &

Tememse
grãdes des-
gostos en-
tre elRey,
& o Pa-
pa.

grande amigo del Rey Dom Ioam) quiz aceitar o mesmo Cardeal Dom Miguel da Sylva, que sua Sanctidade mandou por Legado de Hespanha, por estar fora da graça del Rey Dõ Ioam.

6 Fezse tam publico, & foy tido por tam notavel este desgosto, entre o Summo Pontifice, cabeça da Igreja, & el Rey de Portugal, tam grande columna da Christandade, que, (crescendo a fama, como tem por costume, principalmente quando anda muitas legoas) já por Italia se dizia, que era ainda mayor o rompimento, & com grande fundamento se temiam desgostos mayores, com escandalo da Christandade, entre hũ Rey sancto, & hum Papa sanctissimo. Sobresaltaram grandemente estas novas a nosso glorioso Padre S. Ignacio, a quẽ a uniã da Igreja, & o agradecimento devido a tal Rey, & a obrigaçam a tal Põntifice o punham em grande cuidado: nem se podia ver em mayores talas, que ver desgostados os dous pãys, & protectores, que a Companhia tinha no mundo, sem se poder resolver a quem havia de recorrer por bem da paz, mais que a Deos, que tem nam os coraçõs dos Reys, & a quem era muy facil serenar o tempo, & aquietar mais asperas tormentas. Encomendou o ne-

gocio, muy de proposito, a tua divina Magestade, pera atalhar o mal, q já se via, & muito mais o que adiante se temia. Feita esta primeira, & mais importãte diligencia (que nam largou, até Deos o nam ouvir) escreveo logo huma carta ao P. M. Simam, encarregandolhe muito, & dandolhe ordem do que devia de fazer em Portugal, acerca deste negocio; da qual carta, que he muy larga, muy sancta, & muy prudente, me pareceo pór aqui o que toca a este negocio, pera que della aprendamos agradecimento, & prudencia.

COPIA DA CARTA de S. Ignacio, pera o Padre mestre Simam, sobre este negocio do Bispo Dom Miguel.

7 **C**onsiderando como a ingratitude he hũa das cousas mais estranhas, & abominaveis, nam só diante de nosso Criador, & Senhor, mas diante das criaturas capazes de sua eterna gloria; tratei de vos trazer á memoria, como, depois de nossa entrada em Roma, fomos sempre inteiramente favorecidos, & amparados do nosso sancto Padre o Papa Paulo III. com graças especiaes, que recebemos da mã de sua

sancti-

sanctidade. Assim mesmo, como he notorio a toda a Companhia (& a vós mais que a todos, pola verdes pelos olhos) quanto somos todos obrigados a el Rey vosso senhor, & nosso em IESU Christo? Primeiramente, pelas muitas graças espirituacs, que Deos nosso Senhor lhe communicou, querendo em tudo levantar a seu mayor serviço, & louvor. Alem disto, quem somos nós? Ou donde sabemos, pera que Deos nosso Senhor ordenasse, que hum Principe tam afinalado tivesse lembrança de nós outros? E morido de sy mesmo immediatamente, ou por meyo dos seus, sem nós o cuidarmos, antes que a Companhia fosse confirmada, pela Se apostolica, pedisse, com tanta instancia, a sua Sanctidade alguns dos nossos, pera serviço espiritual dos seus Reynos, favorecendonos tam de proposito, em tempo, que alguns queriam por nota, & má sospeita em nossa Companhia. Ajuntamse a isto o grande amor, a real benignidade, que, depois de chegardes a Portugal, lá experimentastes. Vós estareis no cabo de todas as cousas; dado que a nós nam se esconde o grande amor, & benignidade, com que sua Alteza nos tratou sempre, acodindo com subsidios temporaes, fora do que usam outros Principes, offerecendose por sua grandeza (& muita devaçam a nosso instituto) a fundar hum Collegio, & edificar algumas casas, pera esta Companhia, tam indigna diante de nosso Criador, & Senhor no céu, & de tal Principe na terra. E sobre tudo passar tanto avante, que continuamente recebe, & ampara debaixo de sua

sombra a quantos estrangeiroe de cá mandamos, pera estudarem nesses estudos.

8. Tudo isto vos quiz trazer á memoria, pera que vós de lá, & nós de cá, todos com o mesmo intento de mayor serviço de nosso Criador, & Senhor; sendo inteiramente fieis, & em tudo summamente gratos a pessoas, a que tanto devemos (depois da summa, & divina bondade) procuremos, com todas as forças, que do céu nos forem concedidas, tomar nossa parte de trabalhos espirituaes, & corporaes, á conta dos muitos, que o inimigo da natureza humana tem tomado pera o contrario, procurando por discordia entre taes pessoas, & de tanta importancia. E porque lá tereis noticia, como nós cá, do que passa, só resta, pois todos somos devedores, & sobremaneira obrigados, que vós, & nós todos, com muita diligencia, tomando as armas espirituaes (pois as temporaes pera sempre as deixamos) instemos em fazer cada dia oraçam continua, & offerecer sacrificios ao Senhor, com especial lembrança, rogando, & importunando a Deos nosso Senhor, se queira dignar de metter a mam, & dar graça, & remedio a cousa tam ardua, & tam digna de ser encommendada a sua infinita, & summa bondade. E dado que com a graça divina em tudo me persuado, que o inimigo, neste particular, nam levantará cabeça, com tudo nam será pouco o dano, & perturbaçam de muitas almas, estar a causa nestes termos; ainda que seja por poucos dias.

Anno de
Christo de
1543.

I 30

Chronica da Companhia de Iesu em Portugal.

Anno da
Companhia
4.

9 Falando devagar sobre esta materia, com o Cardeal de Burgos (que em todas nossas cousas he muy especial senhor, & avogado) me disse, em confirmaçam do que eu sentia, humas palavras, que nam causáram em minha alma pequena consolaçam. Falandome hum (diz o Cardeal) veyo a dizer, parece, senhor, que el Rey de Portugal quer sahir da obediencia do Papa. Eu lho nam pude soffrer, & com grande indignaçam lhe respondi. Quem ouza a dizer tal? Ainda que o Papa pizasse aos pés a el Rey de Portugal, nam chegaria a desobedecer ao Vigairo de Christo. E vós cuidais, que a gente em Portugal he como a de cá? Ou que esse Rey he como o de Inglaterra, que já dantes que se declarasse cõtra a Igreja, estava meyo fora della? Nam vos venha tal pensamento de Principe de tanta christandade, & de tam boa consciencia.

10 Isto disse o Cardeal. E dado que eu quizer a escrever hum carta a el Rey, deteveme por hum parte, por os olhos em mim mesmo, que de todo me acho indigno de o fazer; por outra, vendo tervos lá presente, me pareceo ser escusado, pois lhe vós podeis fazer inteira reverencia, & falar em nome de todos nós outros, & de vós mesmo. Com tudo, se outra cousa vos parecer, eu nam quero, nem desejo faltar, nem na cousa mais pequena, que tocar ao agradecimento, & serviço devido a Principe tam alto, & benemerito.

11 Atequi a carta de nosso sancto Padre, na qual se mostra tam sancto, tam agradeci-

do, & tam prudente, que tudo isto vemos, lendoa; porque hum carta, como disse S. Paulino, he prova do fabor da alma; & por esta mesma rezam escreve S. Gregorio Nazianzeno, que nas cartas se retratam os amigos. Tentou o Sancto, por todas as vias, com o summo Pontifice, que tiuesse algum comprimento com sua Alteza: porem as difficuldades cada dia se multiplicavam, porque se o Rey tinha seus justos sentimentos, tambem o Papa cuidava, que lhe nam faltavã: o mais agro ponto, que o Papa sentia, era a sentença tam rigorosa, que el Rey dera contra o Cardeal Dom Miguel, por tratar, com tanto rigor, & tam peizadas penas, a hum Bispo, como se fora qualquer vassallo secular. Em segundo lugar sentia o Papa muito, que as rendas ecclesiasticas do Bispado de Viseo se sequestrassem, & se impedisse usar dellas o Bispo, a cuja congrua sustentaçam estavam apostolicamente applicadas. Entendia sua Sanctidade que encontrava esta retençam, & violencia a liberdade ecclesiastica: instava com el Rey levantasse o sequestro das rēdas do Bispado ao Cardeal.

12 Pelo contrario nam parecia a el Rey estar bem a sua authoridade real ceder á pretēçam do Papa, sem que sua San-

f
Paul. ad Del-
phir. ep. 15.
Mentis sapor
in sermone gu-
statur,
8
Nazian. ep. 45
Hoc invenimus,
ut literis
presentiã adu-
bremus.

Rezoões de
sentimēto
entre el-
Rey, & o
papa.

Nota.

8ida-

cidade tomasse claro conheci-
mento dos fundamentos de di-
reito, em que a sentença se fun-
dava, pera castigar o excesso,
com que Dom Miguel se apar-
tara da obediencia, & servi-
ço de seu Rey natural. Em grã-
des ansias se via o sancto Padre
Ignacio, por ver tam esforçada
resistencia, que entre tam grã-
des partes achava, em defender
cada huma sua pontifical, ou
real authoridade (que nam hã
guerras mais porfiadas, que as
da coroa secular contra a mitra
pontifical)

13 Pera aquietar estas tam
controversas difficuldades, deo
o sancto Padre Ignacio, como
tam prudente, em huma traça,
que foy verdadeiramente obra
digna de tal juizo; tomou hum
meo muito facil, que era col-
lar o Papa o Bispado de Viseo
no Cardeal Alexandre Farnesio
seu sobrinho, de que elRey
teria grande satisfaçam, assim
por fazer esta merce a tal pes-
soa, como por ver a D. Miguel
privado deste beneficio: & que
o Papa puzesse obrigaçam ao
Cardeal Farnesio de consignar
os frutos do Bispado no Car-
deal Dom Miguel; o que elRey
permitiria facilmente, pois o
Bispado, & os frutos já eram al-
heos. E desta maneira nam
perdia seu vigor, nem sua au-
toridade a pessoa real, pela
sentença, que tinha dado con-

tra o Cardeal Dom Miguel: nã
o Papa devia de receber isto
mal, pois, ainda que ao Cardeal
se lhe tirava o Bispado, tudo em
fim lhes ficava em casa, o Bispado
no nepote, & as rendas no ami-
go; & com isto podiam ficar as
 cousas em bella paz, & amiza-
de. Pareceo ao Papa o meo
muy acertado, & encommêdou
ao sancto Padre Ignacio, que
pois fora o autor delle, o dispu-
zesse a devida execuçam. Ef-
creveo logo o sancto ao Padre
mestre Simam, pera dar conta
da disposiçam do negocio a sua
Alteza. E o Padre mestre Si-
mam (que nisto muito traba-
lhava) lho praticou a sua Alte-
za: & ficou o negocio posto em
justa concordia, dando elRey
seu consentimento pera se dar
ao Cardeal Farnesio o Bispado
de Viseo, que por alguns annos
gozou, por este fundamento, q
aqui vimos. Foy esta concordia
de grãde satisfaçam a toda Ita-
lia, & Portugal, onde a conten-
da era mais sabida, & a contra-
riedade de huma naçam, & ou-
tra, podia ser de mayor dano.
Ambas as partes pontifical, &
real, agradeceram, com grandes
affectos, o zelo, & trabalho, que
sancto Ignacio applicara em cõ-
por, tam suavemente, tam peri-
goso litigio; & em particular
elRey lhe mandou as graças,
pela traça, que dera (porque a-
inda que estimava sua authori-

dade,

Meyo, que
tomou S.
Ignacio
per aquie-
tar estes
desgostos.

Ficamel-
Rey, & o
Papa a-
gradeci-
dos a S.
Ignacio.

Anno de
Christo de
1543.

132

Anno da
Companhia
4.

dade, mais prezava sua chris-
tandade) & o Summo Pontifi-
ce tambem lhas deo empre-
sêça, havêdose ambos por muy
bê servidos de sua prudente in-
dustria, & sancto zelo.

CAPITULO XXVI.

*O Padre mestre Simam recu-
sa o Bispado de Coimbra,
aceita ser mestre do
Principe, & de ce-
mo se houve ne-
ste cargo.*

N Este mesmo anno
sucederam duas cou-
sas, nas quaes sua
Alteza mostrou bem quanto es-
timava a pessoa do P. mestre Si-
mam, & a grande benevolen-
cia, que lhe tinha. Era o P. M.
Simam (como quem bebera na
fonte purissima da doutrina de
S. Ignacio) huma viva estampa
das virtudes proprias de nosso
instituto, assim das que orde-
nam a alma immediatamente,
pera conversar cõ Deos, como
das q nos ensinã, pera tratar cõ
o proximo. Ajütavase a este es-
pirito, & perfeiçam de virtu-
des, huma singular graça na cõ-
versaçam, com que cativava a
todos, fazendo que juntamente
o amassem como pay, & o ref-

*Boas par-
tes do P.
M. Simam
pera con-
tentar a
tidos.*

peitassem, como sancto. Tinha
tal natureza, que parece que
nacera pera grãgear vontades,
& render coraçõs. Sobre to-
dos elRey Dom Ioam lhe era
tam affeiçoado, que nam sofria
bem apartalo de sy, ainda por
breve tempo (& cõ difficultade
lhe dava licença pelas Pascho-
as, & festas principaes, pera vi-
sitar o Collegio de Coimbra)
assim pela consolaçam, que re-
cebia, em tratar as cousas de
sua alma com tam prudente
varam, como pela muita conta,
que fazia de seu parecer, & cõ-
felho, ainda em materias de es-
tado; porque tal vez mais acer-
ta o religioso prudente, que o
conselheiro apaixonado.

2 Conforme a esta satisf-
façam, que delle tinha, vagãdo
o Bispado de Coimbra com a
morte de Dom Iorge de Al-
meida, que foy neste anno de
1543. em 25. de Iulho, desejou
dar aquella cidade por pastor
o P. M. Simam, pera bem da-
quellas ovêlhas, & pera acrescẽ-
tamento do seu novo Colle-
gio, & ajuda espiritual dos estu-
dantes da sua Vniversidade, q
desejava igualmente promover
nas letras, & ajudar na virtude.
Declarou elRey ao Padre esta
sua vontade, & as causas, que o
moviam a darlhe o tal Bispado,
a que estã annexo o Con-
dado de Arganil, o senhorio de
Coja, & de outras terras.

*Quer el-
Rey fazer
Bispo de
Coimbra
ao P. M.
Simam.*

Resiste o
P. M. Si-
mam a Jer
Bispo.

^a
Cassio l. lib. 1.
epist. 3. Iudicij
nostru culmen
excellum est,
quod enim ma-
ius queritur,
qui hic inve-
nisse laudū te-
limonia, ubi
gratificatio nō
potest esse sus-
pecta

33 Grande foy o sobre-
fulto, que o servo de Deos te-
ve á viita de semelhante merce,
porque seus pensamentos
eram muy encontrados aos in-
tentos reaes: proprio he de
humildes estranharẽ qualquer
coufa, que ouçam tocante a
sua honra, & muito mais se sahe
ajuizada por hum Rey sábio, &
poderoso; que he a causa, pela
qual disse Calsiodoro, ^a falan-
do de Theodorico, que a opi-
niam real he pompa triumphal
dos merecimentos da pessoa,
porque tâto he o louvor de ma-
yor estima, quanto o que o dá
he mais soberano, pois mostra q̃
nam o cegou a paixam, nem o
enganou o temor; quanto mais
passando o liberalissimo Rey do
louvor das palayras a offerta
das obras, dandolhe a dignida-
de de Bispo, & offerecendolhe o
titulo de Conde. Nada menos
esperava, nada menos desejava,
quem só tratava do bem de sua
Religiam, & do abatimento de
sua pessoa, desejando sobre tudo
continuar no humilde estado, q̃
professara, & morrer nos bra-
ços da sancta pobreza, que yo-
tara. Com tantas veras resistio,
& com tantas lagrimas
mostrou a sua Alteza o senti-
mẽto, que teria cõ aquella hon-
ra, que houve por bem el-
Rey de nam molestar mais a
quem via tam resolutos em vi-
ver pobre, & em desprezar

honras: principalmente ouvian-
do as rezoens, que o Padre lhe
dava, em nam querer que na
Companhia se abrisse a por-
ta pera semelhantes dignida-
des, das quaes sabia que era
tam alheo o humilde animo de
seu muy prezado Padre Igna-
cio de Loyola.

4 Foy o Padre mestre Si-
mam o primeiro, que resistio na
Companhia a semelhantes of-
fertas, & com tam grande victo-
ria, que nam foy necessario va-
lerse das forças de seu glorioso
Padre Ignacio, como succedeo,
quando o Emperador D. Fer-
nando, sendo Rey dos Roma-
nos, pretendeo que fosse Bis-
po ^b nos seus estados de Austria
o Padre Claudio Iayo, hum
dos primeiros dez Padres. E
ainda que em nenhum destes
casos obrigava o decreto das
constituiçoens (pois ainda as
nam havia) contra a aceita-
çam de dignidades, foy com
tudo sempre este o animo dos
nossos primeiros Padres, por
importar muito á Companhia
izentarse destes cargos; que
os verdadeiros religiosos, que
se prezam de segair a Chri-
sto crucificado, devem tra-
tar de viver entre seus irmãos
com humildade, & nam de
governar a seculares com ma-
gestade. E foy mayor o louvor
do Padre mestre Simam, pois
antes de haver este decreto, já

4. 2. 1

O P. M. Si-
mam he o
primeiro q̃
regeitou
Bispado.

^b
Orlad. in hist.
Societ. lib. 6.
p. 31. 32. 33.
34.

^c
Const. Societ.
p. 10. n. 6.

Ge. c. 32. n. 10
Chryf. hom. 54
Peregrinatu-
rus neque iu-
mētis egebat,
neq; ministris,
neq; viaticis,
sed apōstolici
morem imita-
us iter facit.

Mars. c. 6. n. 8.

o guardava ; cousa, que S. Ioam Chrysofostomo tanto gaba na peregrinaçam de Iacob tam pobre, que nam levava mais, que ham bordam na mam, *In baculo meo transivi Iordanem*, seguindo já tanto tempo d'antes o decreto de Christo, em que ordenava aos Apostolos, que, em suas peregrinaçoens, nenhuma cousa levássem mais, que hum bordam, *Et praecepit eis, ut nihil tollerent in via, nisi virgam*; que os varoens sanctos nas coufas de Deos, sabemlhe cumprir os preceitos, & sabemlhe adinvinhar a vontade. Lançou finalmente de sy, & sò por sy esta honra o Padre Mestre Simam (que ninguem melhor resiste às dignidades, do que aquelle, a quem se offerecem) & tratou sua Alteza de a prover em outrem.

4 Escolheo pera Bispo de Coimbra ao muy reverêdo P. M. Fr. Ioam Soares seu prégador, dignissimo desta mitra, comobê mostrou, assi no q fez no sagrado Conc. Trid. como no muito que aproveitou suas ovelhas, q tudo he notório a todo Portugal. Era este gravissimo Padre mestre do Principe Dom Ioam, & por sua ausencia da corte, pera seu Bispado, vagava este officio de mestre do Principe, pera o qual logo escolheo elRey ao Padre mestre Simam. Concorriam nelle todas as boas

partes, pera se lhe poder êfregar hum Principe, em quem estavam libradas as esperanças do Reyno, & o amor do Rey; porque (alem de lhe nam faltar a nobreza dos mais honrados de sua terra) era o Padre mestre Simam homem de muy conhecida, & eminente virtude, era excellentê Theologo, & mestre em Philosophia, tinha grande noticia de linguas, porque alem da Latina, sabia Grego, falava Italiano, & sabia muy bem pronunciar o Idioma Francês: & ainda que tinha corrido muitas terras (que tambem isto nam ajuda pouco a homens doutos) como era naeido no Reyno, sabia muy bem os costumes patrios, & muito melhor conhecia os estylos divinos; que até nos Principes soberanos parecem melhor costumes sanctos, que vicios palacianos. E assim entendeo o serenissimo Rey, que satisfazia a sua obrigaçam, com dar tal mestre a tal filho; que nam convem menos a hum Principe, como bem disse Plutarcho, aprender com bons mestres, que nacer de bons pays; porque assim como os filhos representam os pays, de quem nascèram; assim os discipulos sahem aos mestres, de quem aprenderam: & se he grande

Erasm. in ap-
pēdice Apo-
ph. Plur. Non
minus interest
quos adificas
praeceptores,
quā quos nac-
tus sis patres.

a força da natureza, mayor he a efficacia da doutrina, pois esta, com seus preceitos artificiaes, pôde emmendar os erros naturaes: além de que nascer hum pera Rey, he mero caso da fortuna, mas fazerse digno de ser Rey, he grande acerto da arte, como advertio o mesmo Plutarcho. r

5 Pareceo ao P.M. Simam, que nam era bẽ resistir ao cargo de mestre do Principe, & q̃ nam convinha desgostar nisto a sua Alteza: & tanto mais se accommodou a lhe aceitar esta merce, quãto entẽdeo ser esta a vontade de nosso S. P. Ignacio; parendolhe que por hũa parte, com esta entrada no paço, negociaria melhor as cousas da Cõpanhia em Portugal (q̃ nam he contra a virtude assistir nas cortes cõ intẽtos sanctos; como outro Ioseph, no paço do Egyptano; & Daniel, na corte do Caldeu, aceitãdo as hõras, como nota S. Hiero. nã pera se autorizarẽ a sy, mas pera defenderẽ aos seus) & q̃ por outra parte nam aceitava dignidade episcopal, nẽ admitia esta occupaçam, pera de grao de algũa mitra. Houvese este bom Padrẽ cõ tanta prudẽcia, & moderaçam, q̃ nam sãmẽte o Principe lhe era muito affeiçoado, mas tambẽ cada dia hia crescẽdo mais na graça do Rey, & grangeando os animos dos grandes: porque tal era a

eminẽcia de virtude, & exẽplo, q̃ no P.M. Simam toda a corte enxergava, tal sua affabilidade, & cortesia com todos; tal a humildade, & encolhimento de sua religiosa pessoa; tal o desprezo das honras, entre os que mais as prezavam; tal o valor do animo, sobre pretensoẽs humanas; tal o esquecimento do q̃ podia, & valia, pera se adiantar a sy, & pera dar entrada a outros; que todas estas cousas obri-gavam aos mais bem considerados a julgarem que o desprezo, que o Padre tinha de tudo, o fazia senhor de quanto havia na corte; parcialhes que viam Arsenio, restituído do deserto da Thebaida à corte de Constantinopla, & posto outra vez na cadeira de mestre de Arcadio.

6 Com estas boas partes era summamente amado, & bẽquisto de toda a corte, cousa q̃ muy difficultosamente se acha em validos: entre outros, que muito o amavam, o primeiro era o serenissimo Infante Dom Luis, affectuosissimo protector da Companhia. Tambem era grande devoto do Padre o Duque de Aveiro D. Ioam de Lẽcastre, filho do senhor D. Iorge mestre de Sanctiago, & de D. Brites de Mello (filha do senhor D. Alvaro, irmam do Duque de Bragança) & neto dignissimo do serenissimo Rey Dom Ioam o

f
Plur ibi. Re-
gẽ nasci nihil
magnum est,
regoo dignum
se prelatore id
maximũ est.

B
Gen. 42. n. 6.
Erat Ioseph
princeps in
AEgypto.
h
Dan. 2. n. 48.
Tũc Rex Da-
nielẽ in subli-
me extulit.
Hier. in Dan.
c. 6. Ut scili-
cet haberẽt so-
latiũ captivi, &
peregrinantes
Iudæi.

i
Socr. l. 2. c. 10
Sozom. lib. 7.
c. 12.

segundo, o qual lhe cobrou tam particular affeição, que aonde o encontrava lhe fazia notavel honra, & no meyo da rua se apeava, com mostras de grande respeito, & sinaes de grande benevolencia. Nam lhe era menos affeçoado o Conde da Castanheira Dom Antonio de Ataide, gram privado do mesmo Rey, por seu grande aviso, & maduro conselho, do qual já atrás falamos no capitulo 11. & poderamos dizer muito, porque muito mais lhe devemos. E commumente entre os mais senhores, & fidalgos havia a mesma estima de sua pessoa, nam tanto por se conformarem com o gosto delRey, como pelo muito exemplo, que o Padre lhes dava; porque no meyo destas honras, & valias, andava o servo de Deos tam dentro de sy, tam modesto nos olhos, tam humilde em sua opiniam, que a todos era hum claro espelho de religioso encolhimento, & reconhecimento da modestia.



CAPITULO XXVII.

Da humildade, & pobreza do Padre mestre Simam, sendo mestre do Principe: do modo com que fazia seus caminhos a Coimbra: das muitas merces, que elRey lhe fazia.

Hia todos os dias a pé com seu companheiro ao paço, vestido pobrementé, como verdadeiro desprezador do mundo; & diante do Principe, & de toda a corte andava com huma roupeta velha, & algumas vezes parda, atada no collar com huma ataca de couro branco, como entre nós costumam trazer alguns noviços: & advertindolhe por vezes alguns cortesaões, que nam era autoridade de tal discipulo o vestido, que trazia o mestre, respondeo, que nam achava que roins vestidos no mestre, deixassem de ministrar bons dictames nos discipulos. De sorte que quem visse ao Padre mestre Simam no paço, se o avaliasse pelos vestidos, julgaria ser hum pobre clerigo, que buscava o esmoler delRey pera pedir algum socorro a sua pobre-

za, & se soubesse quem e-
era, faria largos discursos,
sobre hum animo tam supe-
rior a todas as cousas huma-
nas, que pera sy nenhuma
pretendia, nem queria, em
hum lugar, aonde muitos
queriam, & requeriam tan-
tas.

2 Os caminhos, que fa-
zia, seguindo a corte, ou
hindo a Coimbra, nam que-
rendo aceitar as nullas, que
pera elle, & seu companhei-
ro estavam deputadas, hia
sempre em cavalgadura de al-
barda, que alugava, nam
como cortesam valido, mas
como religioso pobre; pre-
zandose muito nam sò de o
ser, mas tambem de o pa-
recer; como quem muy bem
sabia que nenhum credito se
arriscava nestes lanços de hu-
mildade, que nem^a Christo
Senhor nosso perdeu o nome
de Rey, por caminhar a Ie-
rusalem em hum humilde ju-
mentinha, *Ecce Rex tuus venit
tibi sedens super asinam*: & até
Balam,^b como notou o Abu-
lense, achou que era abono
de propheta entrar nesta mes-
ma postura, na corte do Moa-
bita.

3 Caminhando o Padre
mestre Simam nesta forma,
que temos dito, de Evora pe-
ra Coimbra, foy muito pera
ver o encontro, que teve com

o muy veneravel Padre frey
Antonio Moniz, reformador
do convento de Tomar (pes-
soa de grand prudencia, au-
thoridade, & virtude) hin-
do pera a sua quinta da Car-
diga (que he hum das fa-
mosas granjas, & mais cele-
bradas quintas de Portugal,
& esta junto ao Tejo, cu-
jas christalinas agoas lhe re-
gam seus largos campos) hia
o muy reverendo Padre acom-
panhado com alguma gente,
(que tal vez tambem estas de-
monstraçoens ajudam pera
conciliar authoridade aos car-
gos, & pera grangear credi-
to ás pessoas) o qual vendo
ao Padre Mestre Simam, &
conhecendo que era o mes-
tre do Principe, se apeou lo-
go, como muy cortesam que
era, tanto a ponto elle, com
todos os da sua companhia,
como se encontrâram a pes-
soa do mesmo Principe: vay-
se o reverendissimo reforma-
dor ao Padre mestre Simam,
levoa nos braços, deixa o ca-
minho pera a Cardiga, volta
atrás pera Tomar, pera a-
gafalhar ao Padre, estranhan-
dolhe muito o incommodo,
com que caminhava, & hir
entregue a hum almocreve; pe-
dindolhe que nam quizesse
desautorizar ao Principe, de
quem era mestre, à conta de
grãgear mortificaçam, da qual

Como ca-
minho
o P.M. Si-
mam.

Mat. o.º 21, n.º 5

b
Num. c. 2, n.º
20, Strata as-
ina sua, profe-
tus est.
Abul. ibi.

De hum
encontro, q
teve com
fr. Anto-
nio Moniz.

Anno de
Christo de
1543.

138

Anno da
Companhia
4.

Resposta
humilde,
& avisa-
da.

era tam devoto : à volta desta queixa tam cortesã, lhe fez força pera que aceitasse logo hũa mulla cellada, & enfreada : mas o Padre mestre Simam (a quem entre os lanços da humildade, nam faltavam os primores da cortesia) temperando com hum modesto rizo a queixa, & a offerta do reverendissimo, lhe respondeo : *Bem sabeis, senhor frey Antonio, quanta honra Deos poz no desprezo della, & quanto tem autorizada a humildade; da qual eu me quero valer, pera responder á alteza do Principe; que pois em mim nam há outra cousa, com que o possa autorizar, justo he que o honre com mostras de pobreza, & com sinais de humildade; a esta conta, com vossa boa licença, hey de continuar o caminho na postura, em que o tenho começado.* Assim aconteceu, ficando este gravissimo religioso muy edificado, & continuando o Padre muy contente.

Pobreza, e
humildade
de do P.
M. Simam

4 Com o mesmo espirito, sendo mestre do Principe, & Provincial da Companhia, hia muitas vezes pelo meyo da corte de Lisboa, aonde era tam conhecido, vestido de pardo, com hum caldeiram às costas, levar de comer aos prezos. A obrigação, que tinha de assistir no paço, lhe era tam penosa, q̄ lhe chamava hũas vezes purgatorio, & outras cativoiro. Escrivendo ao Reitor de Coimbra, lhe affirmou em huma carta (que

temos guardada) que de melhor vontade aceitara ser carreiro do Collegio, que ser mestre do Principe. Muitas vezes se lhe ouvio dizer, que a mayor mortificaçam, que tivera, depois de se consagrar a Christo na Companhia, fora perder a mislam da India em companhia de seu amado irmam Padre mestre Francisco: & a segunda andar na corte, entre favores de grandes, & honras do mundo. E como o P. M. Simam estava neste conhecimento, entam mais se descontentava de sy, quando os Principes mais gostavam delle; & parece que à porfia o seguia a honra popular, & o favor real.

5 Com esta ser a entrada, que tinha com elRey, nunca pretendeo nada pera parentes seus, nem por sua via tiveram despacho algum, tendo muitos, que delle se queriam aproveitar; que he exemplo raro; porque nas cortes o mesmo he começarem a valer os privados, & começarem a luzir os parentes; como se o valimento daquelles sò fosse pera luzimento destes: mostrando com esta desordenada ambiçam, que nam tem a entrada, & a privança, pera servir ao Rey, & ao Reyno, mas pera aproveitar a sy, & aos seus: sendo assim, que, pera bem, o mais valido avia de ser o menos ambicioso, por estar exposto a

gran-

^c
Esther 7. n.
10. Suspendens
estigmat Amā
in patibulo.
&c.

^d
Suet. in Tyber.
cap. 55.

^e
Sen. de benef.
lib. 2. c. 1.

Grades fa-
vores, que
el Rey fez
ao P. M.
Simam.

grandes envejas, & por ter maiores obrigações ao Principe: com tudo pôde mais com elles a cegueira da ambição, que o empenho da obrigação; & sem atentar ao fim, que podem ter, se expoem ao perigo de perder nam só os bens, que de novo tiverem, mas também os que dantes possuíam; como lemos ter sucedido em Amam^o valido de Assuero; em Sejano privado de Tyberio, ^d & em outros muitos, que sucederam nos tempo passados, & nos presentes vimos cō nossos olhos. Tudo o q̄ o Padre pedia era pera bem de sua Religiam; tendo el Rey particular gosto de lhe fazer merce, anticipando com real benignidade suas petições, que he merce melhorada, como bẽ disse Seneca. *Illud melius, occupare, antequam rogemur.* E se he tormento da alma o pedir, deste martyrio vos livra (sobre a merce dobrada, que vos faz) quem a soube fazer antes de se lhe pedir; *Qui hoc tormentum remittit, munus suum multiplicat*, disse o mesmo Philosopho. E isto fazia sua Alteza, com tanto amor, & affabilidade, que em pẽ assina-va ao Padre as provisoens, cartas, & portarias, em favor da Companhia, escritas por qual-quer nosso religioso. Falando huma vez a sua Alteza, sobre hum negocio da Companhia, que alguns grandes do Reyno

encontravam, el Rey, com rosto alegre, o animou dizendo: *Deixayos dizer, M. Simam, bom procurador tendes em mim: no que for necessario, pera bem da Companhia, nam acudais a outrem, senam a mim, nem outrem me fale em vossas cousas, senam vos.*

6 Outra vez falou o Padre com el Rey, dandolhe conta de como o seu Collegio de Coimbra tinha crescido no numero de cem religiosos, & conforme isto necessitava de alfayas, pera as quaes pedia a sua Alteza alguma esmola: acodio logo o magnifico Rey, mandando que lhe dessem cem mil cruzados (que por isso os Reys de Portugal tinham tantos milhoes, porque davam tantos cruzados) agradeceo o Padre tam real grandeza, & heijou a mam pela merce; replicando porem que nam era necessario tanto, que bastava menos, & que dezoito mil cruzados comporiam tudo de sorte, que a casa ficasse provida, & sobejassem as alfayas: fezse a portaria, entregouse o dinheiro. Sucedeo que neste mesmo tempo veyo nova, que decia a armada do Turco a estas partes occidentaes, & que trazia intentos de tomar a cidade de Ceita, cõquista desta coroa, & chave de toda Hespanha, no estreito de Gibaltar; pareceo logo necessario bastecerse, & fortalecerse aquella pra-

4.

Liberali-
dade del-
Rey Dom
Joam III.

Christo de
1543.

Offerta do
P. M. Si-
mam a el-
Rey.

ca, com toda a pressa, com gente, com as armas, & viveres necessarios; o que se nam podia fazer sem grandes gastos. Foy-se logo o Padre mestre Simam a elRey, & lhe offereceo os dezoito mil cruzados, que pouco d'antes tinha recebido, dizendo que nam tinha com que servir a sua Alteza, senam com merces suas; & pois aquella estava ainda inteira, & a pressa de dinheiro necessario era grande, que pedia a sua Alteza mandasse logo receber aquelle, pera ajuda das preparaçoens de Ceita. Fez elRey a devida estimaçam de tam desinteressada offerta de tam leal vassallo, que cortava pelo proveito proprio, por acodir ao bem commum: aceitou o serviço, & usando de sua real magnificencia, acrescentou depois as merces, que com larga man fez ao Padre, ordenandolhe, que tratasse logo de dar principio á fundaçam, & fabrica do Collegio, dando todo o dinheiro necessario pera correrem as obras, & pera se sustentarem os religiosos; como em seu lugar veremos.

[?]

CAPITULO XXVIII.

Dos combates, que se deram aos irmaõs Dom Gonçalo da Sylveira, & Dom Rodrigo de Meneses; & de sua firme constancia.

1 **D**Eixamos no capitulo. 22. aos dous cavaleiros noveis de Christo Dom Gonçalo da Sylveira, & Dom Rodrigo de Meneses, naquelle sancto retiro, junto ao Porto, velado suas novas armas, cobrando forças de espirito, & aprendendo a pelejar as batalhas do Senhor. Estavam os dous noviços, neste seu quieto remanso, ouvindo as sanctas meditaçoens de seu Reitor, & mestre Diogo Miram; mas no mesmo tempo se armavam contra elles grandes trovoadas. Veremos agora brevemente os encontros destas batalhas, & festejaremos os successos de suas victorias.

2 Entrado Dom Gonçalo da Sylveira na Companhia, & retirado ao deserto, que dissemos, como tudo isto se fez com grande segredo, ao principio ficou muy enleado, & embaraçado Dom Diogo da Sylveira

Do Diogo da Sylveira Conde da Sortelha, irmão do P. D. Gonçalo.

seu

Anno de
Christo de
1543.

Anno da
Cõpanhia
4.

Vay a Co-
imbra ati-
rar seu ir-
mam da
Cõpanhia.

seu irnam (que já entam era Conde da Sortelha, & depois foy guardamõr delRey D. Sebastiam) sem saber o que era feito delle, com se fazerẽ grandes diligencias; & vendo que nam apparecia, se veyo a resolver que devia de se hir por esse mundo: sendo a verdade que elle tinha fugido do mundo. Acabados os exercicios, voltou Dom Gonçalo pera Coimbra, & veyo a entender claramente o Conde, que o tinha na Companhia: Notavel foy o sentimento deste fidalgo, & grandes os extremos, que fez pelo tirar da Religiam; acõdiõ logo a Coimbra, armado, como outro Saulo, com cartas, & ordens reaes, pera lhe haver de falar: chegou ao Collegio, acompanhado tãbem de alguns outros religiosos, valendose de hum, & outro braço, ecclesiastico, & secular; falou ao Reitor, mostrou as ordens, que trazia: nam foy possível negar selhe ver, & falar com seu irnam; mandou o Reitor chamar, veyo o noviço com os olhos no cham, & vestido muy pobrememente: envergonhouse o Conde de ver naquelle habito a quem tinha criado em outro tam diverso; com tudo tratou de começar o duello sò por sò, parecendolhe que tinha certa a victoria de seu irnam, que, como mais moço, o respeito natural á cabeça de sua casa,

o faria mais covarde, pera approvar, & defender o que tinha feito: em fim, postos ambos no campo, começaram a peleijar com armas encontradas; porq̃ Dom Gonçalo sò tratava do mayor desprezo do mundo, & o Conde fazia toda a força em o persuadir, como era possível que hum homem tam bem nascido se deixasse enganar de huns estrangeiros chamados Franchinotes, & avaliados por idiotas; & que sò foram chamados delRey a este Reyno, pera hirem conversar com os negros da costa de Africa, & com os gentios das partes da India. Que se desenganasse, que nam havia pessoa de entendimento no Reyno, que nam avaliasse esta sua resolução por huma grande loucura; & que tratasse com tempo de voltar se com elle pera Lisboa, porque o que agora se lhe podia attribuir a livandade de mancebo, depois seria julgado por erro, sem nenhum remedio. Estas mesmas lembranças lhe fizeram os religiosos, que consigo trazia o Conde.

3 Ouvia o valeroso mantenedor o estrondo da artilheria do Conde, nam esmoreceo com elle, nẽ se enfiou; com grãde confiança respondeo em sua defeza, tam alegre, como quem tinha a esperanza certa de fahir da briga victorioso; que esperava em Deos, que nam faria confusor onde desautorizasse os ossos de seus pais, & a boa criação, que lhe davam; que tam tinha por estrangeiros

Rezoões, q̃ dá o Cõde a seu irnam.

Resposta de D. Gõçalo ao Conde.

Anno de
Christo de
1543

142

Anno da
Companhia
4

na terra, os que elle respeitava como cortezaes do ceo: & que tam fora estavam de serem idiotas, que elle os tinha pelos mayores sabios do mundo. E que quando o tivessem por muy louco naquella traça de vida, que tomara, entam se teria elle por mais sesudo; & que se defengasse, que nam havia hu minimo ponto de tornar atrás na resoluçam tomada; nem havia de descansar, até se nam ver tam desprezado, tam pobre, & tam abatido, que de todo se visse anichilado, & que o tempo lhe dava por testemunha desta verdade.

Com tam resoluta reposta, largou o Conde o campo, & se declarou a victoria pelo irman Gonçalo da Sylveira; cujas virtudes rarissimas, cuja vida admiravel, & morte por Christo gloriosissima, podiam dar materia pera muy largos capitulos, que deixamos pera tratar no livro quarto desta historia, quando falarmos das cousas da casa de S. Roque, da qual foy o primeiro Preposito. Agora nos vamos ao irman Dom Rodrigo.

4 Bem claro fica que nam haviã de faltar semelhantes baterias ao irman Dom Rodrigo, pois nam tinha menos autorizados parentes, que com sua entrada na Companhia, tambem se davam por afrontados. Parcialhe a Dom Henrique de Meneſes, pay de Dom Rodrigo, que nam era o negocio de tam pouco pezo, que escufasse,

ou vir elle em peſſoa, ou mandar algum seu filho (nam se contentando com mandar outro mais moço, que se chamava D. Ieronymo de Meneſes, que depois foy Reitor da Vniversidade de Coimbra, Bispo de Miranda, & ultimamete do Porto) & nam podẽdo elle vir em peſſoa, porque os negocios de Lisboa nam permitiam jornada tam comprida a Coimbra, se resolveo em mandar seu filho morgado Dom Ioam Tello de Meneſes, que foy, por seu valor, & honra, hum dos benemeritos fogeitos, que houve neste Reyno, em quanto viveo; foy embaixador em Castella, & presidente do paço em Portugal, commendador d'Azinhaga, & da Idanha, & de outras commẽdas da ordem de Christo; & senhor de Aveiras: & nem perdeu da singular opiniam, que com todos tinha, por acabar a vida com a dignidade de governador deste Reyno, quando os governadores seus companheiros entregaram em Ayamonte esta coroa aos grilhoes de Castella, contra seu parecer. Este foy o embaixador, & agente, que Dom Henrique de Meneſes mandou em seu lugar, com grande tropa de gente de pé, & de cavallo, mais pera afombrar, com comitiva de autoridade, que pera se fazer temer, com animo de violencia, por

lhe

Como D.
Henrique
de Meneſes
sentio
a entrada
do filho na
Companhia.

Dom Ioam
Tello de
Meneſes
vem a Co-
imbra.

lhe parecer que nam seria ne-
cessaria algũa força, aonde elle
cuidava que tinha toda a re-
zam.

5 Chegado a Coimbra,
pedio vista, & fala com seu ir-
mam, fazendo mil queixas, &
grandes ameaças, pelo pouco
respeito, que se guardâra â au-
toridade de seu pay, em lhe re-
ceberem seu filho, tanto contra
sua vontade, & brazonando po-
deres, que trazia, pera lhe darẽ
copia delle. Com facilidade al-
cançou licença do Reytor, pe-
ra lhe falar livremente, confia-
do no valor, & animo do novo
soldado, & nas armas da divina
graça, com que o tinha prevenido.
E como a causa do irnam
Dom Rodrigo era tam identi-
ca com a do irnam Dom Gon-
çalo, & as circunſtancias das
pessoas tam iguaes, & semelhã-
tes, todas as bateiras vieram a
dar na mesma força, de o dissua-
dir do baixo estado, em que o via, fei-
to por huma parte hum pobre cozi-
nheiro, & por outra desfeito, em tu-
do, da autoridade de neto de seus avós,
& filho de seus pays: cometer huma
loucura, sem conselho de hum dos mais
honrados pays, que Portugal susten-
tava: deixar Religioens conhecidas, por
huma tam mal avaliada, de gente
idiota, & estrangeira, vinda de partes
contagiosas. E quando, irnam da mi-
nha alma, dizia Dom Ioam Tello,
vos nam movam estas efficazes re-
zoens, nam vos mistreis tam alheo

*Uglya cristi
Loff, aliu
lag, a dolo
1543, 20.
Santo pho
M. 1. 1. 1. 1.
quora scia
5. 2. 2. 2.*

D. Ioam
Tello quer
persuadir
a seu ir-
mam, que
sabha da
Cõpanhia.

da humanidade, que desprezeis as
lastimas, com que fica chorando huma
illustissima mãy, que vos pario, &
vos traz nas minimas de seus olhos, en-
tre as lagrimas, que por vós derrama
com perpetuas saudades. Isto dizia
Dom Ioam; & pera dar mayor
pezo á força de suas palavras,
lhe acrescentou a efficacia de
suas lagrimas; porque estas, co-
mo bem disse o outro, ^a sam
muy eloquentes, & quando pa-
recem mais brandas, entam s. m
mais violentas.

6 Com muy pouco gosto
assistia o irnam Dom Rodrigo
a estes rezoados de seu irnam,
mas tambem, como homem,
que era de branda, & generosa
condiçam, nam podia deixar de
se enternecer, com ver as lagri-
mas, posto que nam fazia caso
de ouvir as rezoões. E porque
nam queria mostrar nem esta
minima sombra de fraqueza, &
estava já cansado de ouvir ao ir-
mam, & desejava de se apartar
delle, lhe disse, que ao outro
dia lhe responderia: aceitou D.
Ioam Tello as tregoas, parecê-
dolhe que já o negocio hia em
bons termos, & que cedo se de-
clararia a victória.

7 Acabadas aquellas bre-
ves tregoas, & chegado o pra-
zo do seguinte dia, esperava D.
Ioam ser tam bem respondido,
como cuidava ter bem rezoa-
do. Chega o irnam D. Rodri-
go ao lugar do combate: repete

^a
Ovid lib. 3, de
Pont. el. 1.
Interdū lachry
mæ pondera
vocis habent.

Anno de
Christo de
1543.

144

Anno da
Companhia
4584

Resposta de
D. Rodrigo de Me-
nezes a seu
irmam.

Dom Ioam outra vez as mes-
mas rezoës do dia precedente;
esperando renovar as feridas,
com repetir os golpes; porem o
bom irram se defendeo dos
golpes com destreza, & respon-
deo às rezoens desta maneira.

Nam me espanto, senhor, que nam
saibais sentir a suavidade da vida reli-
giosa, porque quem traz os olhos em-
pregados em cousas humanas, mal pôde
empregar os pensamentos em estimar
gostos divinos. Se vós souberdes a diffe-
rença, que vay de huma a outra cou-
sa, mais estimariẽs estes vestidinhos po-
bres, que essas vossas tellas ricãs. Sa-
bei, senhor, que debaixo destas despre-
zadas roupas, se criam preciosas joyas,
como debaixo das vossas gallas, se a-
cham abominaveis culpas. O mundo
quer ter a todos em seu serviço, & os
que se passam ao de Deos, dandolhe as
costas, mal lhe pôdem contentar, pois o
desprezam; pelo q̄ nam he muito, q̄ vós,
que ainda andais metido na corte do
mundo, desprezeis os que fogem pera o
deserto da Religiam. Que vos pareça
nesta minha pobreza hum abatido co-
zinheiro, nam me espanto, porque esses
vosos olhos, meu irram, & senhor,
nam tem a vista muy clara, que se vós
bem os abrisseis, saberiẽs apartar o
precioso do vil, & ficariẽs entendendo,
que como diz S. Hieronymo, ^b asãs tẽ
de riqueza, quem por amor de Christo
se abraça com a pobreza; que nem os
vestidos çafados fazem as almas des-
prezaveis, nem as sedas preciosas poem
melhor lustre nas almas: visto, como
pobre, que sou, sirvo, como servo, que de-

sejo ser destes meus queridos irraõs,
que nam he rezam que queira eu ser
melhor que meu Capitan, & Senhor,
que se fez voluntario pobre, sendo por
natureza tam rico; & quiz vir pera
servir aos homens, sendo d'antes servi-
do de Anjos.

Enganaivos em dizer que
com esta pobreza, que escolhi, afronto
aos pays, de que nasci, que nam tem os
vestidos parentesco com o sangue; nem
sangue bom se perde com os roms ve-
stidos; & se por estes, em que me ve-
des, vós me negardes por irram, nam
me negarã Deos por seu filho. Grave-
mentc me magoastes, em me salardes
cõ tam pouco conhecimẽto da Religiam,
que escolhi, sou obrigado a responder a
este ponto, pera que nam pareça, como
dizia S. Hieronymo, ^c contra Rufino,
que calando, confesso os crimes, que lhe
impondes: nam podeis vós ser o juiz,
que hade calificar o muuto, que ella
merece, à conta do Vigairo de Christo
na terra está esse cuidado; este a tem
por vezes já approvada, & confirma-
da; & se os tivera por homens sospei-
tos na fẽ, nam se servira delles em mi-
nistérios do governo da Christandade.
Nem lhe tira a perfeiçã haver pou-
co que comẽçou, que essa mesma novi-
dade a faz ser mais fermosa, & lhe
dã a graça, & fermosura, que costu-
mam ter as cousas mais novas; & co-
mo he tam nova, nam he muito ser a-
inda menos conhecida, que mal pôde
huma criatura, que está no berço, ser
já conhecida na praça: quanto mais
que eu só busco viver desconhecido no
mundo, por me saberem o nome no cõo.

^c
Hier. advef.
Ruf. li. 3, Res-
põdere cõ pel-
lor, ne videat
tacendo crimẽ
agnoscere, &
lenitatẽ meam
ma'z confite-
ria signum in-
terpreters.

^b
Hier. epist. ad
Heliod. Affa-
tim dives est
qui cõ Christo
pauper est.

9 Bem vejo as Religioens, que há em Portugal, a quem a antiguidade faz veneraveis, a sciencia insignes, & a sanctidade respeitadas: mas nam chegariam ao auge da estimacão, em que as vemos, senam tivessem começado com os principios, em que se viram: a agoa, quanto mais junto da fonte, em que nasce, tanto he mais cristalina, & pura; na fonte toma a agoa, & em seu berço logro desta minha muy prezada Religiam; nella estimára ter nascido, nella me quzera ter criado, pera nella, pera sempre, servir a meu creador. Por onde, senhor, nam tem este negocio mais que responder, nesta Religiam busquei a cruz de Christo, nella me heyde crucificar com o bom IESU, até a morte; nella vivo com gosto singular; & muito mayor fora, se assim, como sois meu irnam por natureza, fosseis tambem meu companheiro no espirito: nam vos pareça grande façanha deixardes as esperanças de hum morgado rico, por ganhardes a segurança de huma vida eterna.

10 Muy comprida parecia já a Dom Ioam a pregação do irnam Dom Rodrigo, & muy encontradas suas pretencões, querendo Dom Ioam levar a Lisboa, pera seu pay, a quem o queria deixar em Coimbra, pera a Religiam: em resoluçam o rezoado foy feito com tal efficacia, que Dom Ioam deo o negocio por concluido, despedindose de seu

irmam, & muito mais da victoria; voltou a Lisboa, foy muy mal recebido de seu pay, por lhe nam trazer a seu irnam, tachandoo de homem pera pouco, pois se viera sem elle; ao que Dom Ioam lhe respondeo: Nam fiz eu, senhor, tam pouco em me voltar pera casa, & nam ficar com meu irnam, porque taes foram as palavras, que me disse, & taes as rezoes, que me deo, que em lugar de o trazer pera o mundo, corri muito risco de elle me levar pera a Religiam. Desta maneira venceu o irnam Dom Rodrigo este combate, que Deos nosso Senhor muitas vezes em seus sanctos permite haver peleijas, pera lhes ver lograr victorias.

CAPITULO XXIX.

De outros combates, que teve o irnam Dom Rodrigo; de sua sancta vida; & bema-venturada morte.

1 **P**Assadas estas tornetas, estando o céu já mais sereno, tratou o Reitor de mädar ao irnam D. Rodrigo a peregrinar a nossa Senhora de Guadalupe (que desta maneira se provavam, & enfoyavam os noviços na-

Dãse D.
Ioam Tel-
lo por vido das
rezoões de
seu irnam.

quelle tempo) cahiolhe por companheiro o irman Manoel Godinho , religioso de grande exemplo , & muita mortificaçam , de quem já atrás falamos . No mesmo tempo sahiram outros muitos a peregrinar por varias partes, segundo nosso instituto : daqui tomaram occasiam os seculares (porque sempre cuidam o peôr dos religiosos) pera dizerem , que nascia esta separaçam mais de paixoens , & de bandos , que de estatutos , & costumes ; que já desta traça usauam antigamente os gentiôs contra a Igreja, como se queixa Tertuliano, capeando falsidades , pera fingir afrontas ; despintando verdades , pera introduzir mentiras.

2 E como o irman Dom Rodrigo tinha muitos, que de fóra o observavam , tanto que o viram sahir de casa , cuidaram que o tinham seguro , como a soldado tomado fóra da fortaleza . Alcançou o entre Seras , & Tomar , hum escudeiro de seu pay Dom Henrique , o qual lhe trazia huma carta de sua mãy Dona Brites de Vilhena , com ordem pera lhe dar todo o necessario , & o levar a Lisboa com toda a autoridade, supondo, que ella sabia as desunioens , que houuera no Collegio de Coimbra,

entre tantos de varias naçoens, & já que todos se sahiam pera onde queriam, que quizesse elle hir a casa de sua mãy , pera onde o chamavam. Leo o irman Dom Rodrigo a carta , & com boas palavras despedio ao escudeiro : porem elle (que se queria mostrar muy zeloso no serviço de seus amos) os foy seguindo até Tomar ; & vendo que se foram agasalhar ao hospital da villa , appellidou o juiz da terra , pera com autoridade de braço secular obrigar o peregrino a tomar o caminho pera Lisboa ; tendo disso noticia os dous noviços , se sahiram logo , pera se passarem a Tancos , deu com elles já no barco o escudeiro , acompanhado com as justiças da terra , & logo o juiz lhe fez huma fala muy cortés , persuadindoo , que obedecesse a seu pay : Respondeo o irman, que elle era subdito da Religiam , & obedecia a seus superiores, & assim que havia de continuar sua peregrinaçam ; mandou o juiz fazer disto auto, & deu a sua diligencia por feita; nam assim o escudeiro , que se quiz mostrar mais constante , & pegando do irman o nam largava ; até que corrido de tratar assim o filho de seu senhor , lhe disse, que o largaria , com tanto que lhe

desse

Tert. Apolog. c. 7. Ne tñ quid verè affert, sine mendacij velo est, detrahēs, ac mutans de veritate.

Fazê força ao irman Dom Rodrigo, pera deixar a Religiam.

déſſe reposta à carta de ſua mãy ; a iſto o obrigou o ir-
mam Manoel Godinho, o que
elle logo fez com a carta ſe-
guinte, que me pareceo pôr
aqui letra por letra, como a a-
chei eſcrita, & a guardaram
ſeus pays, como reliquia de
muita eſtima.

REPOSTA DE Dom Rodrigo pera D. Brites de Vilhena ſua mãy.

3 **A** Graça, & conſolaçam
do Eſpirito ſancto viſite,
& more ſempre na al-
ma de voſſa Senhora. O falſo rumor,
que moveo a V. S. a me eſcrever, de ſe
deſpovoar o noſſo Collegio de Coimbra,
por cauſa dos bandos, & pelejas, tirou
o demorno, pay da mentira, por meyo
dos murmuradores, da extraordinaria
devaçam, com que muitos de noſſos ir-
mãos ſahiram eſte veram a peregrin-
nar a diversos lugares ſanctos, pera
exercicio de humildade, mortificaçam,
& pobreza: eſtes ſam os bandos, &
pelejas, que entre nós há, contendêrmos
com huma ſancta competencia, quem
ſerá mais humilde, mais pobre, mais
devoto, & mais crucificado. Nam ſey
como V. S. tam facilmente deo ouvi-
dos a tam clara falſidade, nem como de
mim, poſto que peccador, creio tal fra-
queza, como era eſtar eu poſto em dei-
xar a Deos, & a Religiam. Baſtava

a criaçam, que U. S. me deo, pera com
a divina graça. nam cometer tal fra-
queza: mas o que mais me corta he
nem a ver U. S. por tal, nem ter por
afromia minha inconſtancia; ſendo af-
ſim, que ſe eu na guerra deſemparrara
a eſtancia, que me cabia pera defender,
fazendo pé atrás, & virando as coſtas,
ſera ſalta V. S. ſe corréra de filho
tam covarde, & como eſte, me nam vi-
ra mais dos olhos, nem nomeára por
filho.

4 Pois como cabe em peito
tam chriſtam, & generoſo, a covardia,
que ante o mundo nam ſofrera, procu-
rar, que eu a cometa diante de Deos:
Como quer voſſa ſenhoria, que vive as
coſtas a Deos, & fuja pera o mundo?
& deſempare os arrayaes da Religi-
am, em que Deos me poz? Como me
manda, ſopena de ſua bençam, que fa-
ça o que, ſe eu fizer, ſerey digno de
todas as maldiçoens. Mandame buſ-
car, com eſtrondos, & forças, roman-
dome os portos, ſalteandome nos ca-
minhos, a fim de me tirar da Reli-
giam, havendo de fazer mayores eſtre-
mos, pera eu me nam ſahir della.
Nam ſey a que attribua iſto, ſenam a
meus peccados, & ingraticam; que
pois eu nam dou ao Senhor as devidas
graças, por tam alta merce, juſto he
que meus pays a nam conheçam, &
hajam mais por açoute, & deſventu-
ra, que por honra, julgando por deſhõ-
ra meu deſengano, buſcandome, como
perdido, quando mais que nunca eſtou
ganhado, chorandome por morto, quãdo
começo a viver com Deos.

5 Grande magoa he pera xim ver,

que a mayor alegria minha cause a vossa Senhoria accidentes de tristeza, De sorte que pera U. S. ser alegre, he forçado ser eu triste, pois poem sua consolaçam no que nam pòde ser, sem eu ficar pera sempre desconsolado: ò caro remedio, difficultosa cura! pois forçadamente ha de ser tanto à custa de minha salvaçam. Quanto mais, que se vossa Senhoria, com me ver fóra da Companhia, espera ser alegre, enganada está; porque privado eu de tam grande bem, como nunca terei gosto, assim o nam poderei dar a outrem, nem V. S. telo de mim, salvo se minha pena lhe ficasse em contentamento. Veja, senhora, o que emprende, & contra quem se poem. Olhe que o bom IESV, de sua cruz com os braços, & coraçam aberto, me chama pera a Religiam: a elle acodi, com elle me abracei, por elle desejo ser crucificado. Veja, senhora, o desprimor, que comete, em me querer tirar dos braços de tam alto, & amoroso Redemptor: elle me chama pera a Companhia, V. S. pera o mudo; elle pera trabalhos, U. S. pera mimos, & regalos; elle pera procurar a salvaçam das almas, V. Senhoria pera arriscar a minha: veja a qual he rezam que acuda, & se devo ouvir a quem da Companhia de meus doce IESV me quer tirar? O amor natural, que cega a vossa Senhoria em parte a desculpa, & faz que nam entenda ser erro, & injuria, que faz ao bõ IESU, a qual espero, que muito cedo conheça, & com muitas lagrimas chore.

6 Por remate quero dar a U. S.

hum remedio pera nunca me ter ausente, ameme, senhora, como filho, que gerou pera Deos, & nam pera sy, faça esta offerta nas mãos do Senhor, das quaes recebo todo o bem, que tem: de infinitas graças á summa bondade, por se querer servir de cousa tam inhabil, & indigna, como eu sou; nam me busque nas creaturas, senam no creador, & nelle sempre me terá presente. Busque-me na cruz de Christo, que ali, nas suas chagas preciosissimas, comigo achará morada: ali, em seu lado sacratissimo, verdadeiro descanso, & alegria: se aqui, senhora, me buscasse, quam proveitosamente me acharia, com quanto mayor consolaçam me veria, do que hoje se desconsola de me ter ausente. Mal emprega em mim tam continuas lagrimas de saudades, empregueas no benignissimo IESU, por seu amor crucificado; por este, senhora, suspire, a elle converta seus affectos, & lagrimas, nelle me ame & busque, & terá segura posse, & perfeita consolaçam.

7 Atèqui esta admiravel carta, tam chea de avisos sanctos, tam devota, tam espiritual; bem mostrou este ditoso irman o muito, que aproveitou no pouco tempo, que tinha da Religiam. De tam evidentes mostras de espirito, em tam tenros principios, bem se pòde cuidar, que crescendo o espirito com o tempo,

viria

vitia a ser hum grande sancto, & huma das mais illustres plantas deste novo jardim. Porem os juizos divinos sam muy occultos, & como o Propheta ^b lhe chamou, sam abismos profundissimos: nem hã, como escreve Sam Paulo, ^c quem possa entre os homens alcançar os pensamentos de Deos. Quando esta bella flor estava mais em flor, & cõ as esperanças mais brilhantes, no apontar da primavera de seus primeiros annos na Companhia, entam foy Deos N. S. servido de o transplantar pera o ceo, entrando em o numero daquellas flores, de que fala a Escritura, ^d que tâtoque appareceram, & brotaram, logo desaparecẽrã, & se cortãram. Nam foram mais que cinco os annos, que teve de vida na Cõpanhia, parecẽdo digno de a ter sempre eterna. Morreo em fim em Lisboa (aõde tinha vindo pera se ordenar de ordens sacras) por causa de hum accidente de dores tam crueis, que em cinco dias lhe concluíram a vida, & lhe fabricãram huma illustre coroa de paciencia. Conhecendo a morte, mandou chamar ao Padre mestre Simam, & o recebeo com palavras de grande affecto, pedindolhe a bençãam, depois de lhe beijar a mam; & despedindose d'elle, cõ suavissimas mostras de muy

filial amor. Perguntoulhe o Padre se tinha algũa cousa em sua consciencia, que lhe dẽsse pena, respondeo que, pela bondade de Deos, nenhuma, mas que sua reverencia o absolveste plenariãmente, conforme as indulgencias da Companhia. Logo pedio o viatico, & a unçãam, que recebeo com entranhaveis mostras de consolaçãam: & abraçouse com hum crucifixo; finalmente abrindo os olhos, & pondoos no Padre mestre Simam (como em gratificaçãam de lhe dever o bem, que esperava naquella hora) cõ hũa notavel demonstraçãam de alegria, deo a alma a Deos a 9. de Agosto de 1548. cujo remate aqui logo apõtei, posto q̃ succedeo algũs annos ao diante, porque, como tenho advertido, ainda q̃ vou seguindo os annos, mais trato de dar noticia das pessoas, q̃ de me atar aos tempos.

CAPITVLO XXX.

Do sentimento, que bouve da morte deste irram D. Rodrigo de Meneses, & das boas partes com que Deos o dotou.

FOy tal o exterior, cõ q̃ ficou depois de morto o irram D. Rodrigo, que bem mostrava aquelle

Qual ficou o irram D. Rodrigo depois de morto.

^b
Psal. 35. n. 7.
Iusticia tua abyssus multa.

^c
1. Cor. 13.
Quis enim cognovit sensum Domini?

^d
Cãr. c. 2. n. 12
Flores appa-
uerunt in terra
nostra, tẽpus
putationis ad-
venit.

*Morte di-
diosa do
irram D.
Rodrigo.*

alegre roito o estado de sua dita alma: em vida represetava hũ Anjo nas feiçoẽs, & nas perfeiçoẽs, cõ q̃ a natureza, em competencia da graça, o dotou; & ainda depois de morto parecia que estava vivo: da maneira que huma bella rosa, ou huma branca açucena, se acerta de ser cortada, ou com o arado do lavrador, ou pela mam do jardineiro; posto que fica sem vida (pois já sua mãy, a terra, lhe nam dá alento, nem lhe ministra forças) com tudo (como o outro b̃ dizia) por algum tempo conserva a viveza da cor, & mostra a mesma suavidade do cheiro: tal ficou aquella bella flor, que já estava morta, mas ainda parecia viva. Cuja saudosa lembrança foy de muita estima a todos os Padres, que o conhecêram, & tratãram; & entre outros o Padre Luis da Gram, que foy Reitor de Coimbra, & dahi mandado pera Provincial ao Brazil, fez grandes diligencias pera levar consigo algũs ossos (como reliquias deste bemaventurado irman) & em effeito os levou; porque estando elle em Lisboa, se abriu a sua sepultura, pera nella recolherem o Padre Micer Ioam, que morreu em S. Antam. E o famoso prégador o Padre Francisco Estrada, de quem logo falaremos, ouvindo em Valhedolid a morte deste

tan virtuoso irman, que em Portugal conhecia, escreveu huma carta aos irmaõs do Collegio de Coimbra, que, por ser breve, & mostrar o estylo, & affecto deste insigne prégador, me parecêo por aqui, da maneira, que está no cartorio de Coimbra.

2 *La gracia, y paz de Christo nuestro Señor crezca siempre en maestras animas, Amen. La semana pasada recebi cartas de allá, con que aqui dimos gracias al Señor, entendiendo por ellas el dichoso transito de nuestro muy buen hermano Don Rodrigo de Meneses. Mucho nos devemos todos alegrar, porque, aunque tengamos un hermano menos en la tierra, Dios tiene un hijo más en el cielo. Diminuyó el numero desse Colegio, mas acrecentò el numero de los Colegiales del cielo. No se lee bien la Theologia en la tierra, y el fuela aprender en el cielo. Tenia de cantar missa, y por se ordenar de más buen Obispo, passosse adonde le hallò, ya hecho sacerdote celebra por nosotros cada dia muchas vezes, lo que acá no podia hazer. O bendito el Señor, que tan liberal es en hazer mercedes: era Don Rodrigo flaco, y hale hecho fuerte; era enfermo, y le hizo sano; era estudiante, hale hecho maestro; era sugerto, y hale hecho libre, y tanto más libre, quanto más el por amor de Dios se sugerò. O Don Rodrigo, agora sabes que tal es la mutacion de la mano del muy alto, agora experimentais que el, que se humilla, será ensalcado. Agora entendeis quan bienaventurados sean los po-*

Carta do P. Francisco de Estrada, sobre a morte do irman D. Rodrigo.

a
Virg. AEn. 9.
Purpureas velati cum flos
facillius aratro
languescit moriens,

b
Virg. AEn. 11.
Cum neq; fulgor
adhuc, necdum
sua forma recessit.
Non iam mater
aliter tellus, vi-
retque ministrat, &c.

bres de espiritu, pues dellos es el Reyno del cielo, que poseeis: ora conueis quanto es el valor de la obediencia, que más vale obedecer, que sacrificar.

3 O Dios, que pagas adelantado a los que te sirven, y previenes con bendiciones de tu dulçura a los que por ti trabajaron! porque eres tan adelantado a pagar a tus obreros, antes que acaben su jornada? Mucho tiempo aun pensava Don Rodrigo que le quedava de trabajar en su viña, porque, Señor, le llamaste al medio dia de su mocedad para le pagar? hizistelo por ventura, Señor, porque el ya desfallecia en el trabajo? no. Hizistelo, porque turba-va sus compañeros? no. Pues porque, Señor, lo hiziste? Quia cōsumatus in brevi, implevit tēpora multa, placita enim erat mihi anima illius. Pues assi es, hermanos míos, trabajemos en este breve tiempo, que tenemos complir muchos tiempos, y hazer muchos tiempos, y hazer tanto en poco tiempo, como los negligentes en mucho: uno andando poco a poco, gastará un año en poco camino, y otro en una semana acabará a buen andar. No viamos que caminava Don Rodrigo, más en aver tan presto llegado a la posada, podemos conocer que antes bolava, que corria: y esto entendieron los que conócian sus desseos, y quantas vezes el dizia, Quis dabit mihi pennas sicut columbæ, & volabo, & requiescam. Bien sabemos todos, que, mientras vivió, bolava muy a menudo, como paxaro al ramo verde de la cruz, mas despues no se contento con tan pequeño buelo, quiso bolar, como

aguila, allá donde estava el cuerpo, que fue quitar de la cruz, Jesu Christo, que en ella murió: y quien en la muerte a Don Rodrigo favoreció, nos favorezca en la vida, porque con su favor, bien viviendo, no ay que tener temor en ella, donde se coge el fructo de los buenos trabajos. Ea pues, hermanos míos, con nuevas fuerças, comencemos desde ahora a trabajar, porque como fuimos compañeros de Don Rodrigo en la tierra, lo mereçamos tambien ser suyos en el ciela. Amen. De Valladolid 12. de Setiembre de 1548.

Francisco Estrada.

4 Nam he muito ser tam sentida a morte deste tam exemplar irman, pois, por sua muita virtude, foy sempre tam querido, & tam estimado em vida: do qual, ainda hoje, vivem entre nós muy illustres exemplos de sua paciencia, mortificaçam, modestia, mansidam, & obediencia; na qual foy tam exemplar, que vindo o P.M. Simam (pouco depois de sua entrada) ao Collegio de Coimbra, elle foy dos primeiros, que, á imitaçam dos Padres do ermo, alcançou licença pera alternadamente ás semanas, dar obediencia a varios, que tivessem cuidado de o mortificar em tudo, aos quaes o fervoroso irman obedecia, ao minimo aceno, com alegre prōtidam em todas as cousas, por mais difficultosas, & repugnantes que fossem. Bem alcançou

Virtudes do irman D. Rodrigo.

Sap. c. 4. n. 13

d
Pl. 55. n. 7.

Christo de
1543.

Trata o
P. M. Si-
mam de
provar ao
irmam D.
Rodrigo.

Cassia Collar.
19. in princip.

o P. M. Simam o muito, que Deos tinha communicado a Dom Rodrigo, & quam aparelhado era pera nos deixar nesta provincia hum singular exemplo de sofrimento; & assim determinou com hum modo extraordinario (que só alcança quem tem semelhante luz do cèu) manifestarnos sua heroica paciencia, & humildade, com semelhante espirito ao de Sam Sam Paulo Abbade do deserto de Scythia, que, segundo conta Cassiano, em huma junta de innumeraveis monges, assentados de doze em doze, em hum pateo do convento, querendo mostrar a todos a singular paciencia de hum monge (mancebo na idade, mas anciam na virtude) lhe mandou dar em presença de todos huma grande bofetada, que foy ouvida de todo aquelle religioso ajuntamento, porem mais soou a edificaçam de quem a deo por obediencia, & muito mais o exemplo de quem a levou por humildade; louvando todos o sancto intento do Abbade, & a singular paciencia do discipulo.

5 A imitaçam deste caso nos quiz o Padre mestre Simam deixar no Collegio de Coimbra outro semelhante exemplo da virtude, que conhecia no irmam Dom Rodrigo de Menezes: pera este effeito mandou a

hum irmam (a quem naquella semana o irmam Dom Rodrigo mandava, & mortificava) q̄ tanto que o dito irmam Dom Rodrigo, em presença de muitos, lhe mandasse alguma cousa, lhe dèsse huma bofetada. Succedeo, pois, que, estando os irmaõs todos juntos, mandou D. Rodrigo, com toda a innocencia, ao que tinha esta ordem, que beijasse o cham; o qual pondo os olhos na obediencia, a quem respeitava, & nam em a natureza, que isto repugnava, respondeo ao irmam Dom Rodrigo com huma bofetada, que se foy bem mandada, foy ainda melhor executada: nam esperava o irmam Dom Rodrigo semelhante repostura, mas elle a recebeo com tal serenidade de rosto, com tal mansidam, & exterior composiçam, sem mudar cores, nem dar hum minimo sinal de perturbaçam, como se naquella hora lesse o successo do Abbade Paulo, ou entam ouvisse a Christo f̄ prègando que quando nos dèsses hũa bofetada, aparassemos a face pera receber outra, porque nam respeitava a afronta, que lhe faziam, senam ao Senhor, por amor de quem a sofria. Isto succedeo em Coimbra.

6 Outro exemplo nos deixou de sua cega obediencia em Lisboa, estando no Collegio de S. Antam, que sendo de gentil,

4.

Exemplo
de humil-
dade do ir-
mam D.
Rodrigo.

f
Luc. c. 6, n. 29
Qui te percussit
in maxilla, præbe illi
& alteram.

Obediência
do irmam
D. Rodri-
go.

& ama-

2. Reg. c. 10.
n. 4. Tullit ita-
que Hannon
servos David,
rafitq; dimidia
partem barbæ
eorum.

& amavel aspecto, quiz hum dia passar pela afronta, com que os filhos de Hēnon injuriaram os embaixadores del Rey David, cortando-lhe a metade das barbas por desprezo. Estava elle nas mãos do barbeiro, com o cabello da barba meyo feito: deram-lhe a caso hum recado da parte do superior, que o chamava, pera hir fazer certo negocio; & sem mais discursar (porque o verdadeiro obediente fecha os olhos, & nam admittē discursos) se levantou, acodindo ao aceno da obediencia, & pera fazer o negocio, que lhe estava ordenado, andando por diante de todos, naquella forma; tanto mais ayroso, quanto mais obediente; porque elle nam olhava quam bem parecia, mas quam bem obedecia.

7 Foy muy querido, & muy amado de todos, por sua grande affabilidade, & admiravel brandura, & o P.M. Simam lhe tinha grande amor, & lhe escrevia particulares avisos, & conselhos espirituales, como se pôde ver em huma carta, que achei do mesmo Padre, pera este devoto irman, escrita em 3. de Dezēbro de 1544. na qual, entre outras cousas, lhe diz affim. *O entranhavel amor, que em o Senhor vos tenho, me faz desejar ver-vos unido com Christo, prezo das cadeas de sua charidade, & apacentado de seus olhos, & recreado com a agoa*

de suas fontes; com a uniam de Ionathas com David vos amo em o Senhor, & desejo sejais em seu amor fervente, pera que nam entibieis; circumspecto, pera que vos nam canseis com estremos indiscretos; invencivel, pera que os trabalhos, & doutrina de Christo vos nam espantem. Amai docemente a cruz, como a fim suavissimo, & alvo de vossos desejos; sejavos doce Christo, pera que firmemente, & sem mudança, estejais nelle, sem nunca vos apartar, pois o mysterio da cruz aos que se perdem, he loucura, mas aos que se salvam he virtude de Deos. Por isso gostai de o amar, pera que vos seja doce o Senhor, porque os que sam levados pelo espirito de Deos, eses sam seus filhos, & desprezadores dos falsos contentamentos deste mundo.

8 Muitas outras boas partes havia neste irman, pera fer de todos muy prezado, porque nam sò a graça o adornou com tâtas graças sobrenaturaes, mas tambem a natureza, parece que à porfia, se poz com mais desuelo a enriquecelo de seus melhores favores: o exterior era de hum anjo, a condiçam de cera, pera tudo o que era virtude, o engenho rato, a graça no falar admiravel, a memoria traordinaria: assistio huma vez a hum sermam, que fez o reverendissimo frey Ioam Soares, famoso prégador daquelles tempos, honra da sagrada Religiam de sancto Agostinho, mandou-lhe o P.M. Simam, que sobisse em a

Insignes talentos deste irman D. Rodrigo.

Carta do P. M. Simam pera o irman D. Rodrigo.

cadeira do refeitorio, & repetisse o sermam; elle o fez, com tal graça, & tal imitação do prègador, que os ouvintes igualmente se admiraram do milagre da memoria, & da felicidade na pronuncia; & com hum aprazivel engano, vendo a Dom Rodrigo de Meneses, cuidavam q̄ ouviam ao P. frey Ioam Soares. Peçamos a Deos nosso Senhor, que nos dê muito de seu espirito, pera que saibamos imitar os grandes exemplos, que este irmam nos deo em vida, & nos deixou por morte. E nõs agora tornemos à ordem dos annos, & digamos do P. M. Simam.

CAPITVLO XXXI.

Ocupase o Padre mestre Simam em Lisboa no proveito dos proximos, & vay pela festa do Natal a visitar o Collegio de Coimbra; & dos grandes proveitos, que se seguiam destas suas visitas.

Cõvertese em Lisboa hũ embaixador da India, por meyo do P. M. Simam.

IEM quanto os habitadores do Collegio de Coimbra, passavam com a edificação, & exemplo, que temos visto, & o Padre mestre Simam continuava com a

edificação, q̄ dissemos,ucedeo em Lisboa a conversam de hũ embaixador da India; era este hum illustre Asiatico, mandado por embaixador a Portugal, pera tratar negocios de grande importância, mas muy esquecido do principal, que era o de sua salvação. Muito estimava el-Rey as boas partes deste homem, mas muito sentia faltarlhe a melhor de todas, qual he o lume da fé; estando, como gentio, sepultado ainda nas trevas de suas ignorancias. Tal era o zelo do christianissimo Principe, que lhe doia muito ver dẽtro em sua corte a hum gẽtio fóra do bautismo, quando lho mandava ministrar em terras tam remontadas. Encommẽdou o ao Padre mestre Simam, pera que por sua via alcançasse o bem, que lhe faltava. Muito estimou o Padre esta occasiam, pera executar em Lisboa, o que tanto desejava de hir exercitar em Goa: visitou ao embaixador em sua casa, & ficou tam seu amigo, que lhe pagava a visita em sancto Antam. Favoreceo Deos os desejos del-Rey, ajudou à industria do Padre, & acodio à cegueira do gentio; o qual se bautizou, depois de muy bem instruido pelo Padre, com grãdes festas da corte, & com melhores applausos do cẽo.

2 Nam era menor o zelo, que o P. M. Simam punha em

Anno de
Christo de
1543.

Como pro-
cedia em
Lisboa o
P. M. Si-
mam.

Liuro primeiro. Cap. XXXI.

155

Anno da
Copanhia

4.

procurar o bem das almas dos Lisboaes, nam sò no paço, aonde assistia, como sancto, mas em toda a cidade, aonde procedia, como Apostolo: prégava muitas vezes, fazia praticas pelas praças, visitava os hospitaes, acodindo aos pobres, & procedendo como companheiro tam particular daquelle grande Padre S. Ignacio: ardía em zelo do bem das almas; morria tambem por morrer por ellas. Via que viera de Roma por primogenito missionario da India, assim na nomeaçam, como na partida pera Portugal; & posto que perdeo a viagem, nunca se lhe acabaram os desejos, & cada dia se augmentavam as sanctas envejas a seu muy querido irman S. Francisco de Xavier, o qual, porque lhe conhecia estes fervores, pera o consolar, & entreter com estas esperanças, estando pera partirse da India pera a China, lhe escreveo estas palavras: *Irmam, mestre Simam, se nosso Senhor for servido de agora se manifestar entre gente tam discreta, & engenhosa, parece que nam deveis deixar de vir à China. cumprir vossos sanctos desejos; se Deos. lá me levar, eu vos escreverei da disposiçam da terra; tanto desejo tenho de vos ver, irman meu mestre Simam, antes de acabar esta vida, que sempre ando cuidando, como poderei effectuar estes meus desejos, &c.* Os mesmos trazia sempre o P.M. Simam, & como se

via impossibilitado pera buscar a conversam das almas na India, alegravase com qualquer occasiam destas em Portugal.

3 Este sancto zelo, que sentia em sy, tratava de intimar nos subditos, que governava. Hum aviso tinha dado em o Collegio de Coimbra, que era regra inviolavel; que todo o que tratasse com gente de fóra, se ao tempo de jantar nam tivesse exhortado alguem a melhor vida, com lembranças da salvaçam de sua alma, nam jantasse sem primeiro hir dar conta desta falta ao superior, & sem lhe pedir primeiro licença pera hir à mesa; que já S. Paulo a punha semelhante pena aos christãos de Thessalonica, *Qui non vult operari, non manducet*, como se nam merecesse a sustentaçam pera o corpo, aquelle que primeiro nam buscava o pasto pera as almas; imitando nisto aquelle Senhor, ^b que dizia, que o seu mantimento, era cumprir a divina vontade de seu eterno Padre, em buscar os peccadores, & em salvar as almas. Ordenava que as missões se fizessem a pé, sò com hum bordam na mam, os papeis aos hō-bros, & com o Breviario debaixo do braço; & que as poufadas fossem nos hospitaes.

4 Todos os seus cuidados neste tempo, era o seu muy prezado Collegio de Coimbra,

Zelo do P.
M. Simam
em ajudar
as almas.

Ad Thessal. c.
3, n. 10.

Joan. 4. n. 34.
Meus cibus
est, ut faciam
voluntatē eius
qui misit me.

Vay o P.
M. Simam
pelo Na-
tal a Co-
imbra.

fentia

Christo de 1543.

sentia grandemente verse repartido com o corpo em Lisboa, & com o coraçam em Coimbra; desejando de estar todo por presença, aonde vivia todo por amor. Nam queria porem sua Alteza, que elle faltasse à sua occupaçam de mestre do Principe; mas sempre lhe dava licença, pera, nas festas do Natal, & em outras semelhantes, hir assistir naquelle Collegio; chegavase o fim deste anno de 1543. foyse a Coimbra a passar o tempo devotissimo do Natal, com seus muy queridos irmãos. Nam se pôde crer o alvoroço com que era recebido em Coimbra, nestas suas tam desejadas visitas; acertando huma vez de chegar, estando na primeira mesa (em tempo, em que já os subditos passavam de cento) sabendose no refeitorio, nam ficou pessoa alguma nelle, que nam acodisse à portaria, estimando mais; & prestandolhe melhor o gosto de o ver, que o sabor do que comiam: tal era a benevolencia deste bom prelado, & tal era o amor de tam bons subditos.

Como era festejado no Collegio.

Grãde devaçã nas noites do Natal em o Collegio de Coimbra.

6 A devaçam, com que passaram aquella sancta noite do Natal, os ardores, & jubilos espirituas, com que aquellas devotas almas se abrazavam em amor do bello menino de Bethlem; os devotissimos colloquios ao presepio, as juntas, &

compridos seroens, gattados em praticas sanctas, & em affectuosas jaculatorias ao menino, sò as pôde entender quem, ainda no tempo d'agora, assiste naquellas noites em o Collegio de Coimbra; aonde parece que em particular se vê cõprida a prophacia de Joel, que naquelle tempo, diz, haviam os montes de estilar doçura, & os outeiros correr suavidade; taes sam as divinas vonsolaçoens, taes as delicias espirituas, comque o cêo liberal se costuma communicar neste tempo aos habitadores daquelle sancto Collegio; tudo teve sua origem nesta primeira visita, que o P.M. Simam pelo Natal fez aos irmãos de Coimbra; & a continuaçam se deve muy especialmente àquelle grãde mestre de noviços, devotissimo varã, & pay universal de toda esta provincia o Padre Diogo Monteiro, de cujas heroicas virtudes se falarã em seu tempo.

6 Grandes eram os proveitos, que recreciam aos irmãos de Coimbra com estas visitas de seu muy querido pay, & prelado. Ajuntavaos todos muitas vezes na capella, fazia-lhes praticas espirituas, & daqui teve principio o sancto costume das praticas, que todas as semanas se fazem em Coimbra a toda a comunidade jũta na capella. Os principaes

Joel. c. 3. n. 18. In illa die stabunt montes dulcedine, & colles fluent lacte.

d
Aet. c. 4. n. 32.

Grãde u-
niãam nos
religiosos
do Collegio
de Coim-
bra.

e
Ad Rom. 10.
n. 12. Non est
distinçio Iu-
dæi, & Græci,
&c.

pontos, que encommendava a seus subditos, eram (conforme acho escrito) q̄ guardãsem entre sy tam grande uniãam, que se podesse dizer, que no Collegio de Coimbra nam havia mais que, *Cor unum, & anima una*; & na verdade este amor, & esta uniãam he huma das graças particula- res, com que Deos nos conserva, & porque o mundo nos estima: em quanto na Companhia houver esta sancta uniformidade, sempre ferã autorizada pelos homens, & favorecida de Deos. Nam hã peste mais contagiosa nas Religioens, do que a desuniãam de animos, & a diversidade de vontades; no cẽo se perdẽram os anjos, por se desunirem em pareceres; na terra se perdem os religiosos, por se dividirem em paixoens. He bẽçam deste sancto Collegio viverem nelle todos como irmaõs muy unidos. E muito ferã de estranhar faltarmos em algũ tẽpo neste grãde bẽ. Nam há, dizia S. Paulo, ^e distinçam diante de Deos, de Hebreo, nem de Grego, porq̄ o Senhor de todos he hũ sò. Nam basta a diversidade das terras, pera introduzir contrariedade de afeicões; os nossos primeiros dez Padres eram diversos nas Provinçias, mas unidos nas võtades; as linguas varias, o amor o mesmo;

& por isso forã tam sãctos, porq̄ eram tam cõformes. Seria materia de grãde escãdalo, que tenha paixam pelos da sua terra quẽ tem por patria ao mundo todo: pera nõs, dizia S. Gregorio Naziãz. *toda a terra, & nenhũa terra he nossa patria: Nobis omnis terra, & nulla terra patria sit.* q̄ parece falava cõos da Cõpanhia, cuja vocaçã he discorrer pelo mundo todo. Seria pera chorar, q̄ houvesse desuniãam, por causa de terras diversas, nos q̄ se criã pera habitarẽ no mesmo cẽo.

7 A segunda coula, que acho escrita, q̄ o P. M. Simam muito encõmendava, era a candura, a simplicidade, & a verdade nos subditos, sem dobrezes maliciosos, & sem invençoens rebuçadas; porque entre religiosos, que professam virtude, se nam hã sinceridade, nam pôde haver quietaçam; se há gente refohada, necessariamente hãde andar a casa perturbada. A corte do cẽo vio Sam Ioam no seu Apocalypse, ^h que era toda muito clara, transparente, como de crystal: toda a muralha, & casaria tambem era crystallina: pera nos ensinar, diz S. Bernardo, ⁱ que na casa de Deos, no cẽo da Religiam, nam hade haver refoho; hã de ser os homẽs sinceros, & hãde ter as cõsciências crystallinas. Encõmedava tãbẽ muito o zeloso Padre a prudẽcia, & cautela em tratar cõ gẽte de

h
Apo. c. 21. n. 11. Habentem claritatẽ Dei, sicut crystallũ. Et n. 18. civitas aurũ mudũ simile vitro mundo.

i
Bern. serm. de triplici bono. Vt sicut per vitru lucidissimẽ videmus, sic aliorũ cõsciẽtias clarissimẽ videamus.

Christo de
1543.
Gen. c. 3. à n.
1.

Pureza, q
desejava
na Compa
nhia.

m
2. ad Cor. c. 10
n. 3. In carne
ambulantes nõ
fecundum car-
nẽ militamus.

n
Apoc. c. 21. n.
27. Nõ intrabit
in eam aliquid
e inquinatũ.
&c.

fõra ; & que assim como a per-
da do mundo ¹ todo succedeo
por huma mal advertida con-
fiança, assim muitas vezes o
religioso , & ainda a mesma
Religiam, se põde vir a per-
der , por haver neste parti-
cular liberdades descautelada-
das.

8 Nam acabaua de en-
cacecer o muito, que desejava
nos filhos da Companhia hu-
ma pureza de anjos, de ma-
neira, que, como diz o Aposto-
tolo, ^m sendo formados de
carne, parecessemos transfor-
mados em espirito ; & dizia,
que quem nam era fiel a
Deos nesta singular virtude,
nam permitia elle , que per-
severasse na Companhia, por-
que nesta sua cidade feita de
ouro limpissimo , & de cris-
tal purissimo , nam permitia,
que passasse por ella o imun-
do, ⁿ nem que entrasse nel-
la o enlodado . Sobre tudo
lhes encommendava o entra-
nhavel amor a Christo nosso
Redemptor (porque desta fon-
te manancial nos procede a to-
dos todo o bem) & daqui tam-
bem nasceria a grãde affeicam,
que em nõs desejava do institu-
to da Companhia, & da pri-
meira vocaçam, a que Deos nos
trouxe.

9 E pera que estas sanctas
praticas passassem de boas pa-
lavras a melhores obras, em

huma noite de Natal, eitando
toda a comunidade junta,
lhes ordenou, que nenhum se
movesse do lugar em que esta-
va assentado ; & logo, quie-
tos todos, se levantou, & poz
no meyo da casa de joelhos,
& disse com grande affecto,
& lagrimas, assim suas, co-
mo dos presentes, que elle
se sentia muy necessitado de
favores do ceo, & que por
suas oraçoens esperava alcan-
çalos : & que era homem so-
geito a errar em muitas cou-
sas, como em effeito errava;
& que assim pedia a todos, pe-
lo sanctissimo nascimento do
menino I E S V, que naquel-
le lugar, ainda que publico,
ou em particular, como mais
quizessem, o avizassem de tu-
do, em que entendessem exce-
dia nos officios, que tinha, &
nos cargos, que exercitava, dos
quaes havia de dar a Deos es-
treita conta ; & que tanto ma-
is obrigado ficaria à charida-
de de quem com liberdade, &
confiança, lhe fizesse esta lem-
brança, quanto era mayor
a necessidade, que elle tinha
destes tam desejados avisos; &
apos isto beijou os pés a todos,
prostrado de joelhos. Expectacu-
lo foy este, q nõ podia deixar de
fazer grãde abalo em todo aq-
le religioso auditorio; & tal foy
o filécio, & reverência, cõ q todos
se reportaram, q se os coraçõs

Anno da
Companhia
4.

Exemplo
de humil-
dade, que
deo o P.M.
Simam.

se vissem, & se as lagrimas fálassem, ellas sòs poderiam declarar os affectos, que causou tam humilde aççam, & os abalos, que fez tam insigne exemplo: confessando todos, que nunca melhor praticara, que com aquellas breves palavras, porque na verdade, á vista da persuaçam do exemplo humilde, fica desapparecendo a eloquencia das pregaçoens douradas. Sòs sete palavras disse Christo Senhor nosso na cruz, mas estas montaram mais, que os largos sermoens, que fazia no monte aos Apóstolos, & da barca ás turbas; porque como notou Arnoldo, o exemplo da paciencia supria a falta das palavras, recopilando em breve por obra, o que d'antes ensinava prègando: *Quia iter longum fuerat per praecepta, ventum est ad compendiosum, & efficax per exemplum*; que na verdade com as pregaçoens se rodèa, & pelo exemplo se atalha.

IO Com tões praticas, & muito mais com tões exemplos era notavel ofervor, com que todos nam sòmente corriam, mas voavam no caminho da perfeiçam. A oraçam em todos era continua, a penitencia trasordinaria; & a mortificaçam propria; & desprezo do mūdo tam grande, que os mais autorizados do Collegio, por

fangue, & por letras, como eram os irmaõs Dom Gonçalo da Sylveira, Dom Rodrigo de Menezes; o irman Antonio de Quadros, os Padres Melchior Nunes Barreto, Antonio Gomes, ambos doutores, Melchior Carneiro, que depois foy Bispo de Nicèa, o Padre Luis da Gràm, que foy Provincial do Brazil, hiam em corpo, vestidos muy pobrememente, com recados à cidade; outras vezes hiam com o carro do Collegio, pera trazer agoa pera casa, ou com o macho, trazendo o necessario pera a communidade; & vinham mais satisfeitos deste seu tam autorizado disfarfe, quando mais gente achavam, que os conhecia, porque entam se tinham por mais honrados pera com Christo, quando se viam mais aviltados entre os homens. Todos estes proveitos lhes vinham aos irmaõs do Collegio de Coimbra, com as sanctas visitas, & com as praticas do

Padre mestre Si-
mam.



Arnold. tract.
de septem
verbis.

Fruitos, q
se colhiam
das prati-
cas, & exê-
plos do P.
M. Simã.

CAPITVLO XXXII.

Tratase da vinda do Padre Pedro Fabro a Portugal, mãda este diante doze escolhidos sogeitos, entre elles o irman Francisco Estrada, insigne prègador; entram muitos na Companhia movidos com seus sermoes.

NOtavel era o augmento, em que hia cada dia o Collegio de Coimbra em numero, & qualidade de sogeitos; no principio deste anno, de 1544. lhe entraram doze muy escolhidos, mandados pelo Padre Pedro Fabro (que foy hum dos primeiros Padres companheiros de nosso glorioso Patriarcha) o qual sendo em o seguir o primeiro, a nenhum na sanctidade foy segundo, porque foy homẽ de tam rara prudencia, & admiravel virtude , que nam faltou quẽ o igualasse a S. Ignacio, que pera nõs he o mayor louvor , q̃ lhe podemos attribuir . Houve rezoens de grande consideraçam , pera este insigne varãm haver de vir a Portugal , como logo apontarei. Estava neste tẽpo acertado já o casamento da

serenissima Infante Dona Maria , filha delRey Dom Ioam, com seu primo irman o Principe Dom Philippe, filho do Emperador Carlos V. Tratava o serenissimo Rey nam menos da autoridade de sua casa , que do acrescentamento da Cõpanhia; & pera que com a infante sua filha, entrasse juntamente em Castella a Companhia (cousa q̃ nosso sancto Padre muito desejava) tratou com o P. M. Siram, que lhe alcãçasse do S. Patriarcha Ignacio dous Padres dos nove primeiros, pera q̃, cõ titulo de acõpanhãrẽ a infante, dilatasse a Cõpanhia por Hespanha. Tal era o amor, q̃ nos tinha este piedosissimo Principe, q̃ na mesma balança trazia a honra da filha , & o augmento da Cõpanhia. Escreveo logo, & ordenou a seu embaixador, q̃ lhe pedisse dous, e ao menos hũ dos nove, apõtado ẽ particular ao P. Pedro Fabro, ou ao P. Diogo Laines, e q̃ viesse em sua cõpanhia os Padres Ioam d' Aragam, & Alvaro Affonso, q̃ o anno atrás tinham entrado na Cõpanhia, movidos do sãcto exẽplo do P. Pedro Fabro , & sendo capellaes das infantas D. Maria, & D. Ioanna, filhas do Emperador Carlos quinto.

2 Com toda a boa võtade tratou logo o S. Padre de dar a execuçam o q̃ pedia o serenissimo Rey. Porẽ, porq̃ o P. Pedro

Fabro

Trata el Rey demã dar Padres da Cõpanhia a Castella cõ a Princesa D. Maria.

Vide Orland. lib. 4.º an. 35.

Vide Ori. li. 3. hist. n. 7. Magna profecto laus ut Fabrii prop. ex. 2. quet. Ignanc.

Fabro andava por Alemanha, em cõpanhia do Nuncio Ioam Poggio (q̄ depois foy Cardeal) em negocios de grãdissima importãcia, lhe nam foy possível ao Nuncio largar por entam ao P. Fabro. Como os negocios derã lugar, cõ ordẽ particular de sua Sãctidade, se veyo o Padre Pedro Fabro a Lovaina, pera dali se partir a Portugal. Tãto q̄ naquella Vniversidade de Lovaina appareceo aquelle apostolico varã, & viram os Academicos o raro exẽplo de sua pessoa, & soubêram, que vinha a Portugal, foram muitos os que pediram entrar na Companhia, & seguilo naquella peregrinaçã. Tratou elle de receber algũs mais escolhidos, pera trazer subsidio ao Padre mestre Simam; & porque nam podia ainda acompanhalos, recebeu fo nove, escolhidos dos muitos, que pretendiam entrar, os quaes mandou diante a o Padre mestre Simam, no principio deste anno de mil & quinhentos & quarenta & quatro. Eram estes Pedro Fabro de Halles, Bacharel em theologia, & bom prégador; Mestre Hermes Boen, conego, & lente de ethicas; Mestre Diogo Lostio, lente de dialectica, & rhetorica; Mestre Ioam Coulhono, varã muy douto, lente de Grego, que depois foy ao Cõcilio Tridentino por Theologo

do serenissimo Principe de Bavaria; Leonardo Cheselio, Mestre Maximiliano Capella, Daniel Donderamunda, Cornello Vistavẽo, Thomas Poghio; todos nove pareciam escolhidos entre os nove choros dos anjos; mãcebos todos na flor da idade, & na primavera de suas bẽ fundadas esperãças: todos eram dotados de bellissima indole, nobres por sangue, & de muy excellẽtes letras, & tães finalmẽte que podiam competir com os primeiros nove cõpanheiros de nosso glorioso P. S. Ignacio.

3 Mandou mais o Padre Fabro com estes nove, que ali recebeo, outros tres, que jã trazia consigo, o Padre Micer Ioam Aragonés, de quem falarẽmos adiante; Andrẽ de Oviedo, pessoa jã muy estimada naquelle tempo, & ao diante fez obras de sancto (como veremos no qu into livro desta historia) sendo Patriarcha de Ethiopia, sobre o Egypto: o terceiro foy o irman Francisco Estrada, recebido por nosso sancto Padre Ignacio em Italia, voltando pera Roma de Monte Cassino (aonde vira entrar na gloria a alma do Padre Hozes seu companheiro) querendo Deos recompensar a falta do q̄ o Padre entã dera pera o cẽo, cõ o provimento do que logo lhe deo pera a Religiam. Foy o irman Frãcisco Estrada dos ra-

*Movemse
muitos a
entrar na
Cõpanhia
cõ o exem
plo do P.
Fabro.*

*Mãda diã
te nove in
signes so-
geitos.*

*Manda
mais tres
excellẽte
varoẽs.*

1544.

Francisco Estrada
insigne
pregador.

ros, & insignes sogeitos, q teve a Companhia, & tam ditoso, que hindo de Hespanha a Napoles, a professar as armas, pera por meyo dellas alcançar honra, veyo primeiro a entrar na milicia de Christo, pera nella grãgear a salvaçam: encontrou no caminho a hum tam dẽstro capitam, como era S. Ignacio, o qual às duas palavras o fez rẽder, & militar debaixo de sua bandeira. Era Francisco Estrada mancebo de grandes talentos, & excellentes partes, naturalmente modesto, muito habil, muy avisado, & de tanta graça no falar, & efficacia no persuadir, que como outro Demosthenes, ^b no theatro de Athenas, parece que tinha na mam as redeas, pera mover os animos, & render as vontades. Em Lovaina se perfeiçooou tanto em virtude, & letras, que, nam sendo sacerdote, & ouvindo ainda philosophia, já prégava aos estudãtes, & doutores daquella Vniuersidade, na principal freguesia de S. Miguel, com tam notavel applauso, & com tam raro sucesso, que confessavam os nove companheiros, que elle os movera a hir pedir a Companhia ao Padre Pero Fabro, que aonde o espirito sobeja, nunca as letras fazem falta. Este he aquelle famoso prégador, tam conhecido em muitas partes de Europa, em Sena, em Monte

Policiano, em Brexa, & suas comarcas, & nas uniuersidades de Paris, Louaina, & Coimbra: nas cortes de Portugal, de Hespanha, de Roma, & em outras muitas partes, que ditosas logram seus grandes talentos, & se aproveitaram de seus raros exẽplos: foy provincial do Reyno de Aragam, sucedendo ao P. M. Simam.

4. Ao diante veremos grãdes provas do insigne talento deste notavel irmam, nam he pequena a conversam do Conego Ioam da Beira; chegaram os doze companheiros (que pareciam huns doze Apostolos) á cidade da Corunha em Galliza, aonde, em desembarcando, os levou, & agasalhou em sua casa hum homem nobre, & virtuoso, levado da modestia, que nelles vio, achandose a caso na marinha, ao tempo que desembarcavam. Concorreram muitos da cidade a sua casa, movidos da novidade dos hospedes nunca vistos: vendo o irmam Estrada esta boa occasiam, como quem nenhuma perdia no ganho das almas; lhes começou a falar de Deos, com tam notavel espirito, com tanta força de eloquencia, & com tal pezo de rezões, que hum nobre prebendado naquella Sê, pessoa de muito respeito, sacerdote muy autorizado, conego bem afazẽdado, no mesmo dia ao mundo

^b
Iuvena sat 10
Quẽ mirabantur
A Ethenz.
Totentem: &
pleni moderãtẽ
frãna thea-
ui.

Vêse cõ os
nove ir-
mãos do
conego Ioam
da Beira.

deo de mam, & a Christo entregou a vontade, com tam viva resoluçam, que havendo ao outro dia de partirse, & vindo hum dos doze companheiros muy fraco, & debilitado, lhe deo a sua mulla, & elle se veyo com os mais caminhando a pé. Grande foy a consolaçam dos doze companheiros, por empolgarem no caminho em tal preza; & ainda fora mayor se previfsem de quanta honra de Deos, & proveito das almas ao diante foy na Companhia este conego (que se chamava o Padre Ioam da Beira) porque foy hum dos insignes varoës, que desta provincia foram pera a India, de cujas heroicas virtudes, & inflammado zelo da salvaçam das almas, tem muito que contar a chronica da India, aonde parece que o mundo todo hia apos elle, como do Senhor, diziam em Ierusalem, bautizou Reys em Maluco, cõverteo muitos gentios, & foy hũ dos melhores fogeitos, que sulcaram as ondas do Oceano, por transplantar as almas ao cõo.

5 Da Corunha, por lhes ficar perto, foram visitar o corpo do senhor Sanctiago a Compostella; & logo tomaram seu caminho direito pera Coimbra: aonde entam se achava o P.M. Simam, o qual tendo noticia desta nova infantaria do cõo, que lhe vinha de refresco, & sa-

bendo, que caminhavam a pé, & com grandes incommodidades, como tam exercitado em semelhantes penalidades, lhes mandou ao caminho subsidio de cavalgadas, & refresco de mantimento; & vindo já mais perto, mandou irmãos, que os fossem receber ao caminho fóra da cidade, aonde chegaram aos 19. de Abril, deste anno, de que himos falando de 1544. Neste mesmo dia foy logo recebido na Companhia o Padre Ioam da Beira; & assim entraram no Collegio de Coimbra treze fogeitos de novo; nem se pòde facilmete declarar a grãde consolaçam, que houve com taes hospedes, & a grande satisfacãm, com que elles davam por bem empregada sua entrada na Companhia, & sua comprida peregrinaçam, vendo o espirito, & o procedimento dos Padres, & irmãos do novo Collegio, cuja fama os trazia de tam longe, & cuja vista muito mais os animava ao perto.

6 Nam pode o fogo estar encuberto, & no mesmo ponto, em que o vemos sahir, & apparecer, logo o vemos luzir, & queimar; tal foy o inflammado zelo do irmaam Francisco Estrada, escaçamente chegou a Coimbra, & logo na Vniversidade se sentiram os flammantes raios de seu espirito abrazado; começou a sahir nos pulpitos

Ioam da Beira insignemissionario.

Ioan. c. 12. n. 19
Ecce totus mundus abit post eum.

He logo recebido o conego Ioam da Beira.

Christo de
1543.Grãdeta-
lêto do P.
Francisco
Estrada.

este apostolico prégador, man- cebo na idade, mas muy madu- ro no juizo, & em quẽ largamẽ- te cãpeavam os animos sobre os annos; concorria a terra toda a seus sermoens, & nam era menor o gosto de o ver, que a satisfacãm de o ouvir; era notavel sua composiçam no pulpito, rara sua modestia, aprazivel sua acçam, a voz muy clara, parecia de prata fina. Quando na prẽgaçam se acendia em algum passo da Escritura, era tanta a efficacia de suas rezoens, tal a explicativa de seus affectos, que até no rosto por sóra resplandecente, brotava o fogo da alma inflammada, parecendo ao auditorio, que viam a face de hum anjo, qual antigamente a face de S. Estevam, a quando com os rayos de sua celestial doutrina fulminava abrazado, contra Iudaicos enganos: que por isso quer Sam Ioam Chrysofostomo, que tiveram os Iudeos sofrimento de o ouvir como prẽgador, porque elle tinha a graça de apparecer como anjo.

7 O copioso fruito, que se colhia, mostrava bem o talento do prégador; eram muitos os que vinham tomar os exercicios de S. Ignácio, muitos os que fugiam do mundo, & se recolhiam ao sagrado das Religioens; notaveis as mudanças de vida: eram tãtos os que vinham pedir a Companhia, que foy

necessario fazer escolha, nam querẽdo admitir senam os mais aventajãdos em boas partes; destes, em muy breve espaço, foram recebidos doze na Companhia, dos melhores da Vniuersidade, & que ao diante foram das principaes colunas deste novo edificio: estes foram o Padre Frãcisco Vieira, natural da villa d'Arruda, homem de muita virtude, & prudencia, que depois de ser por muitos annos superior dos nossos, que residia em S. Antam, foy à India, & dahi passou a Maluco, aõde depois de muy gloriosos trabalhos sanctamente acabou, na cõversã dos gentios. O segundo foy o Padre Frãcisco Péres, semelhãte ao primeiro na vida sancta, que fez em Portugal, & na viagem pelo bem das almas, que fez ao Oriente. O terceiro foy o Padre Miguel Botelho, o qual chamado a Roma por nosso sancto Padre, ficou prẽgando, & trabalhando em Italia. O quarto foy o Padre Diogo Vieira, natural da Ilha da Madeira, pessoa muy nobre, & que logo em seus principios deo mostrã do grãde thesouro de virtudes, que em sua alma se guardava, porque acertando o Padre Reitor do Collegio mãdarlhe por certa occasiam, que se fosse encõmendar a Deos à capella, & nam advertindo em lhe gizar, ou limitar o tempo; este bom obe-

diente

4.

Entrã em
Coimbra
doze ex-
cellentes
sogeitos cõ
os sermoens
do Padre
Estrada.Ad. c. 6. n. 15.
Videret facie
eius tamquam
facie angeli.Chryf. ho. 15.
Hoc dico ut
causam prop-
ter quã passi
sunt illi con-
fouari.Obediẽcia
cega do P.
Diogo Vi-
eira.

diente acodio logo à oraçam, tam esquécido de sy, quam lembrado da obediencia cega: deteve-se o restante do dia orando, veyo a noite, continuou huma, & outra hora, tangéram à comunidade, & elle ainda continuava, dando à alma o pasto espiritual da oraçam; tangéram depois ao exame, & a se recolherem, & o bom irram em oraçam na capella, aonde levou a noite toda, sem pregar olho: atè que, ao outro dia, advertio o superior em seu esquécimento, & chegando á capella o achou em oraçam, apostado a continuar até o avizarê, da parte do superior, que podia acabar, sem advertir na inadvertência do superior, & que sua vontade seria que acabasse a devaçam; porque o verdadeiro religioso, em semelhantes casos, sabe obedecer, mas nam costuma discorrer.

8. A Seguiose logo nestes, que entráram movidos dos sermoens do irram Francisco Estrada, o Padre Balthazar Nunes, que, naquelles principios do Collegio de Coimbra, lançou profundas raizes de humildade, fazendo, por muito tempo, o officio de enfermeiro do Collegio, na qual occupaçam o hia Deos adêstrando, pera curar as almas da gentildade na India, como ao diante fez com singular zelo. O bom exemplo de-

ites sinco seguiram logo outros, como foy o Padre Ioam Diccio, de naçam Flamengo, que sendo doutor na sagrada theologia, nam se envergonhou de se fazer ouvinte do irram Estrada, que entam começava a ser theologo: este bom Padre viveo depois com muito exemplo no Collegio de Coimbra, & nelle acabou sanctamente. O septimo foy o Padre Valeriano Mendes, natural da Ilha da Madeira, varam de grande zelo da salvaçam das almas, como adiante veremos. Entráram logo na Cõpanhia quatro, q foram nella tam bem logrados, que vieram a ser Provinciaes, posto que em partes muy distantes, aonde o amor da salvaçam das almas os dividio no corpo, mas nam os apartou no espirito; estes foram os grandes servos do Senhor, Iorge Serrám, natural de Lisboa, que veyo a ser Provincial em Portugal, doutor em theologia, & o primeiro cathedratico de prima em a Vniversidade d'Evora, de que foy muitos annos cancellario, & reitor, como tambem o foy de Coimbra, & do supremo concelho da Inquifiçam, de cujas hero cas virtudes, & angelica pureza falarémos em seu lugar. O outro, o Padre Manoel de Nóbrega, sobrinho do chãceller mór, Provincial que foy no Brazil, do qual largamente falarémos no

Entram
quatro, q
forã Pro-
vinciaes.

Anno de
Christo de
1544.

166

Anno da
Companhia
5.

livro terceiro. A este seguio o padre Gonçalò Vaz de Mello, natural de Lisboa (filho de Antonio de Mello) fidalgo de grãdes esperanças, & que na Vniversidade se tratava com muito regalo, por ser de muy delicada compreçam; mas, em entrando na Religiam, se mudou de maneira, que sò tratou de se mortificar, foy provincial desta Provincia, & neste officio morreo, como veremos adiante.

Entra o
P. Antonio de Quadros, insigne foygeito.

9 Entrou logo, na Companhia, o muito insigne varãam Antonio de Quadros, que tambem foy Provincial na India; era natural de Sanctarem, muy nobre (& irman do illustissimo Dom Manoel de Quadros Bispo da Guarda) do qual, em particular, falaremos ao diante. Pouco depois de admitido na Companhia, sendo d'artes muy conhecido na Vniversidade, sahio hum dia com hum cantaro às costas a huina fonte bem distante do Collegio, a que chamam a fonte do Bispo; vestido pobrememente em hum rouparam velho de cacheira Irlandeza, à vista de todos; & nestas, & semelhantes mortificaçoens foy muy exercitado. No anno de 1555. se partio pera a India, aonde leo philosophia, & theologia, & explicou as constituiçoens de nosso sancto Padre, & finalmente foy Provincial muitos annos: & foram suas obras

tam excellentes, que demãdaim muitos capitulos, nòs ao diante falaremos delle outra vez, no anno de 1555. em q se embarcou pera a India.

10 Entrou neste anno, & por esta occasiam, mouido dos sermoens do irman Francisco Estrada, & do exemplo dos nossos, o irman Antonio Moniz, cujos successos pedem capitulo particular.

CAPITVLO XXXIII.

Da entrada do irman Antonio Moniz; da tentaçam, que teue; com que fugio da Companhia; & de como tornou a entrar.

1 Entre os doze, que nesta occasiam entraram na Companhia, foy hum d'elles o irman Antonio Moniz, muy estimado na Vniversidade; por suas excellentes partes; pelo illustre sangue de sua atiga fidalguia dos Monizes: era irman mais moço de Febo Moniz, hum dos quatro sumilheres; & dos mais validos del Rey Dom Sebastiam, filhos legittimos de Ieronymo Moniz, reposteiro mór del Rey Dom Manoel, & de Dona Violante da Sylva, filha de Ioam de Saldanha, veador da casa da Rai-

Traça, q
usou o dia
bo pera tē
tar o ir-
mam An-
tonio Mo-
niz.

^a
Geu. 3. n. 6.
Chryf. ibi. Ad
vescendū bo-
nū est lignum,
in quo tana
formositas &c.

nha Dona Maria, molher do dito Rey Dom Manoel. Nam podia o commum inimigo ver tam bem logradas conversoens de mancebos tam nobres, em Religiam tam sancta; & como dos doze Apostolos tirou hum pera o inferno, assim destes doze quiz levar hum pera o mundo. Veremos a traça, com que lhe armou a tetaçam: he estylo do diabo, com fermosa apparencia de fóra, encobrir fealdades, que estam dentro, como nota S. Ioam Chrysoftomo, que fez a nossa mãy Eva^a no Paraiso terreal, a quem enganou com a fermosura do pomo, & com a graça de sua vista. Desta invençam quiz uzar com o irmam Antonio Moniz, meteolhe em cabeça, que lhe nam convinha a vida na Companhia, & que procurasse buscar outra, aonde tratasse menos com homens, & se retirasse mais com Deos. Fez o diabo seus tiros huma, & muitas vezes, aos quaes, como soldado bizonho, hia rendendo as armas o irmam Antonio Moniz; começou aconselhar-se cõfigo (esquecido de quam fraco conselheiro he hum homẽ em suas cousas, quando o cega a paixam, & quando o persuade o diabo) tratava de fahir-se da Companhia, pera viver retirado, & fugindo da gente, em cõtinuas peregrinaçoens, & romarias; como se estas o houves-

sem de sanctificar; & como se houvesse de achar a Deos pelos caminhos, quando o deixava em sua casa. Viasse aqui bem o que diz o Spirito sancto,^b que ha caminhos, que parece vam direitos à vida, & no cabo levam à morte.

2 Soube o Padre mestre Simam desta grave tentaçam do pobre irmam, via bem, como solcito pastor, quam desencaminhada hia esta sua querida ovelha; & nam se esquecendo das semelhantes tentaçoens, que padecera em Italia, cõpadecia-se das que via naquelle seu subdito em Portugal: applicava, como bom medico, todos os bons remedios, porem estes aproveitam pouco, quando o mesmo enfermo se quer curar por sua cabeça. Aquietouse cõ tudo o tentado irmam por algum tempo; mas logo tornou a fogueitar-se á tentaçam; que o diabo nunca cessa de nos perseguir, nem quando perde o campo vencido, nem quando leva a palma vencedor, como do Cõsul, Marcello dizia antigamente Annibal; & muito melhor se vio esta verdade, nas porfiadas tetaçoens,^d qõ tẽtador repetia ao mesmo Christo no deserto. Tornava a instar o irmam huma, & muitas vezes com propostas, cõ rogos, & com importunaçoens, que o deixasse hir viver a seu modo, & conforme seu espirito;

^b
Prov. c. 14. n. 12. Est via quæ videtur homini iusta, novissima autẽ deducit ad mortem.

^c
Manut. Apop. verbo Annibal. n. 27. Rẽ sibi esse cū hoste, qui nec victus, nec victor nec quiesceret.

^d
Mat. c. 4. n. 1.

& quan-

Christo de
1544.

& quando vio que este caminho nada montava, pera conseguir seus intentos, meteo por terceiro a seu irnam Febos Moniz, que seguia a corte, & cõ grandes instancias requeria ao Padre mestre Simam, que lhe largasse seu irnam, pois o nam chamava Deos pera a Companhia: & deviam ser bem grandes as importunações deste fidalgo, como bem se collige dos fragmentos de hũa carta do P.M. Simam, escrita d'Evora pera este irnam, que aqui porei, pera que se veja sua grande charidade, & celestial prudencia. *Nam vos dem paixam, diz, meus trabalhos, porque eu os hey por bem empregados, por quem os ha de pagar por usura. Os que eu tive com vosso irnam, foram poucos, & outros muito mayores em quantidade, & qualidade, sendo o Senhor servido, daqui lhe offereço por vós, & lhe peço, que todas vossas desconfortações ponha em meu corpo, & as tire de vossa alma, pera que possais ver, & sentir a suavidade, & descanso, que está em hũ se entregar de todo a Christo. Nam cureis de recolher em vossa alma outras cousas, senam as que vam por obediencia; nem vos pareça, que as cousas de espirito se alcançam na Religiam sem ella. Nam haveis de achar a unção do Spirito sancto, sem primeiro morrerdes a vós mesmo, & a vossos appetites. Ainda depois de morto de quatro dias, vos haveis de provar, & fazer experiencia, se estais morto, ou*

Escreve o
P. M. Si-
mam ao
irnam
Antonio
Moniz.

vivo. *Nam queirais buscar tanto a quietação do espirito, porque aonde cuidais achar quietação, & socego, acharvosheis de todo inquieto, & dessocegado, porque, segundo avisa o sabio, Est via, quæ videtur homini recta, novissima autem illius sunt tenebræ, & coluber tortuosus. Cuidareis, que his por estrada Coimbra, & direita, & acharvosheis às escuras, em betesgas, & rodéos, sem sabida, implicadas com mil voltas, & gyros, como cobra retorcida, sem saber atinar por onde hides, nem donde vindes, &c.*

3 Nada bastaram tam paternaes avisos pera defenganar a Antonio Moniz, guiado por suas fantasticas imaginações, & apparencias de vida mais meritória, se a passasse em peregrinações. Em fim elle se resolveo a fahirse do Collegio de Coimbra, sem licença do Padre mestre Simam (que a tanto chegou sua cegueira) sahe o illuso peregrino da casa de seu pay, muy contente, por se ver livre, pera dispor sua vida a seu modo, & pera começar suas romagens: resolve se em ser a primeira a Sanctiago de Galliza: escaçamente poz os pés ao caminho quando se lhe abriram os olhos na alma, & o sobresalteou o arrependimento de sua loucura (que assim costuma succeder, aos que deixam a Religiam, aonde Deos os chamou, que logo se arrependem, mas tarde tem o

5.

Foge do
Collegio
de Coim-
bra o ir-
nam An-
tonio Mo-
niz.

remedio)

remedio) Recorrêdo á oraçam, achava nella huma cõfusam de pensamêtos perturbados, hũs enxames de phãtasmas desbaratados, & encõtrados hũs cõ os outros, hum tropel de discursos anciosos; sem luz, que o guiãsse, & sem ordẽ, q̃ o governãsse: via-se metido em hũ intricado labyrintho de irresoluçoens confusas, cheo de caminhos cegos, a que nam podia achar sahida, & sem fio, que o guiãsse, pera o poder desfandar: achou-se com trevas no entendimento, durezas na vontade, securas na alma, agudos remorsos na consciencia, perigosos balanços no coraçam affligido, duvidosas esperanças da salvaçam; que todos estes trabalhosos combates começou a experimentar o pobre mancebo, logo no principio de suas desejudas peregrinações.

4 A estas afflicções da alma tambem ajudavam as descommodidades do corpo, via-se em terras alheas, na força do inverno, & por caminhos desabrigados, & frios; com chuvas, nevês, mãos gasalhados; & muito mayor pena lhe dava o inverno interior de malêconicas nuvens; tudo feito huma tormentosa cerraçam, com que, no meyo do dia claro, se achava deseparado em noite escura. Lembravase da

deslealdade, cõm que tratara a Deos, & a seus servos, aos quaes devendo tam primorosas correspondencias, virara as costas, & fugira de hum pay, que tanto o amava, & de huns irmaõs, que tanto lhe queriam. Entre estes apertos, & angustias da alma, se buscava o cêo pera algum alivio, achavao cerrado a tudo o que fosse cõsolaçam. Picavao hũa força interior, que cõ instancia lhe bradava, que voltãsse a buscar arrependido a Cõpanhia, q̃ deixara ingrato; mas punhao é desesperaçam, nam se atrever a ter rosto pera hir buscar cõ confiãça, a quem cõ tanto despejo desprezara. Tudo isto nos consta por cartas suas.

5 Nesta confusam de pensamentos, se resolveo a tentar a segunda peregrinaçam a nossa Senhora de Monserrate, assim pera ver se lhe succedia melhor que a primeira, como porque esperava de buscar remedio, aonde seu pay Sancto Ignacio o achara, posto que este viera fugindo do mundo, & elle era fugitivo da Religiam. Aqui, à vista deste oraculo do cêo, se lhe dobraram as baterias, & se lhe acrescentaram os estímulos da consciência, & as saudades do bem, q̃ deixara; & já lhe parecia que teria fortaleza, & cõfiança, pera verse diante dos

homẽs arrependido, pois a teve
pera se ausẽtar delles femẽtido:
jã lhe parecia que nam podia
viver fõra da Cõpanhia, pois sò
achava occasiões de morte no
mundo: gritava á Virgẽ Senho-
ra, conhecia seu estado misera-
vel; via que deixãra o mundo,
por buscar a Deos, & que per-
dẽra a Deos, por se buscar a sy.
Nam se lhe offereceo outro
remedio, naquelle sagrado san-
ctuario, senam estender os pas-
sos de sua peregrinaçam, &
buscar a sancta cidade de Ro-
ma, & nella os pẽs do glorioso
Padre S. Ignacio, pera se lançar
a elles arrependido, em cujas
paternaes entranhas sò espera-
va achar consolaçam; & assim
dizia diante da Virgem de gio-
lhos, como outro filho prodigo,
Surgam, & vadam ad patrẽ meum.

Luz. c. 15. n.
19.

Partese a
Roma.

6 Com esta resoluçam
partio pera Roma, na mayor in-
cõmodidade do tempo, no prin-
cipio de Dezembro, a pé, com
chuvas, & neves dos mõtes da
Catalunha, & por toda a Pro-
ença de França, falto de to-
do o abrigo, & com summa po-
breza, sendo de natureza muy
delicada. De puros rigores, ca-
hio enfermo na cidade de Avi-
nham em França, por espaço
de dous meses, em hum hospi-
tal: convallecido o peregrino,
chega a Roma, entre milhares
de trabalhos, & miserias, em ha-
bito de pobre romeiro, vestido

de pano grosseiro, com hum pé
calçado, & outro descalço; que
assim costuma Deos muitas ve-
zes castigar loucuras de mãe-
bos, q̃ deixam a Religiam. Foy
demandar o hospital de S. An-
nio, gafalhado de peregrinos, &
pobres Portugueses; & corrido
de apparecer, naquelle estado,
diante do sancto Padre Ignacio,
pareceolhe, que mais confiada
falaria huma carta, q̃ lhe escre-
veo desta maneira.

7 *Sintome tam culpado, que nam
sou digno de apparecer diante de V. P.
nem de ver o rosto a pay, a quem tan-
to offendi, senam, como peccador, por
letra, em espelho, & por enigma, dan-
do conta a V. P. como sou chegado a
esta terra, pera dar a obediencia, que
hã tantos dias tenho usurpada; porque
vendome por esse mundo triste, & de-
semparado, tornando sobre mim, com
grande magoa, & dor de minha alma,
& nam sabendo aonde me hir, disse co-
mo outro filho prodigo, Surgã, & ibo
ad patrẽ meũ. Por amor de nosso Se-
nhor, que V. P. use comigo de sua costu-
mada piedade, dandome licẽça pera q̃,
depois de tantos trabalhos, o possa ver, q̃
se ella nã teret rosto pera o poder fazer,
por q̃, como diz o Propheta, Timor. &
tremor venerũt super me, & cõ-
texerũt me tenebrẽ. O mais guar-
do pera quãdo me vir na desejada pre-
sença de V. P. se algũa hora o alcãçar,
q̃ ainda isto nã sey, como de perturbado
soube escrever. Fico neste hospital de S.
Antonio, esperãdo misericordia, indigno
de nome de filho, & ainda de jornaleiro.*

Escreve a
S. Ignacio.

f
Pf. 54. n. 6.

8 Grande compaixam teve o sancto Padre Ignacio, dos trabalhos desta sua ovelha desgarrada; & geralmente se magoaram todos os Padres da casa, edificados da força de seu arrependimento. Nam pareceo com tudo ao sancto Padre usar de facilidade no perdam; mandou ao ministro da casa, que entam era o Padre Bertholamèo Ferram, Portuguès, que lhe dèsse o necessario, porrem que o nam melhorasse no vestido, pera mayor confusam sua, assim esteve apartado doze dias em penitencia, & lagrimas, choradas com tanta contriçam, que chegou a fazer grandes excessos, entre os quaes foy, que se disciplinou publicamente por Roma, despido da cintura pera cima, & descuberto, derramando grande copia de sangue de seu corpo, & outra mayor de lagrimas de seus olhos, por todo o tempo, que correo as estaçõens, & tratava de continuar; se o sãcto Padre, no dia seguinte, lhe nam mandara dizer, que moderasse os rigores; parou por obediencia, com promessa, q o dia seguinte viria pera casa. Nam podera dar-se nova mais alegre ao desconsolado peregrino; chegou a ver a seu sancto Padre, lançandose a seus pès, com muitas lagrimas, envergonhado, & cor-

rido de seus desvarios, brãdando, como o prodigo, & *Pater peccavi in calum, & coram te, non sum dignus vocari filius tuus.* O sancto o abraçou com paternal benignidade, festejando sua reconciliaçam, com tanto gosto, que pelo dar ao Duque de Gandia Dom Francisco de Borja, lho escreveo, referindo, por menor, as finezas, que fizera, por se tornar à Cõpanhia, o que muito festejaram o Duque, & a Duqueza D. Leonor de Castro, com quẽ o irman Antonio Moniz tinha muito parentesco.

9 Tinham os trabalhos das romagès, as penitencias, & desgostos, tam quebrantada a cõpreiçam do pobre irman, que lhe durou muy pouco a vida no sossego, & paz da Companhia: deolhe hũa febre ethica, de que nosso sancto Padre o curou com summa charidade (tam satisfeito ficou de sua penitencia) até que finalmente, com grande quietaçam de sua alma, fez a última peregrinaçam pera o cõo. Mandou o o Sancto sepultar junto à sepultura do Padre Ioam Coduri, hum dos primeiros companheiros; &, abrindose a cova, dali a alguns annos, pera sepultarẽ o corpo do insigne varãm o P. Pedro Fabro, se achou o do irman Antonio Moniz inteiro, sã lesam algũa. Permittio Deo,

o successo desta historia, que aqui temos relatada, pera que por huma parte saibam os religiosos novèis continuar no bem de sua primeira vocaçam, & por outra entendamos quanto Deos estima hum coraçam arrependido, pois nam permitio que entrásse corrupçam na morte, em quem se soube emmendar na vida.

CAPITULO XXXIV.

Da inquiriçam, que por via do Cardeal Infante se tirou, sobre a doutrina do Padre mestre Simam Rodrigues, & sobre os exercicios de S. Ignacio.

Foram tam valentes os successos dos fermoens do irmam Frãisco Estrada, tam raro, & admiravel o exemplo, que os nossos davam em Coimbra, & abalou tanto a Vniversidade toda a entrada na Companhia de tantos fogeitos, os melhores daquella insigne eschola, que em toda ella se vio huma notavel mudança de costumes. Recolhiame muitos a tomar os exercicios espirituaes de S. Ignacio, era muy grande a frequencia nos Sacramentos, & o melhora-

mêto das vidas; eram muitos os que, renunciando o mundo, batiã às portas das Religioens. Porê assi como havia muitos, q̄ acodiam às vozes do exêplo dos nossos, & às luzes das inspiraçoẽs de Deos; havia outros, aquem pareciam mal estas conversoẽs dos Academicos; q̄ nũca a virtude deixou de ter perseguidores; nace na mesma fruita o sam, e o podre, o bõ, e o mau, como na arvore, de q̄ fala Moyse, ^a *Lignũ q̄ scietia boni, & mali,* porq̄ tãto q̄ o bẽ começa a luzir, logo o mal o pretende escurecer: he estrellada Igreja, diz Tertuliano, pera que entendam os bons, que andam peregrinos na terra, & por isso tem nella tantos inimigos.

² Nam vedes, diziam alguns, como estes homens estrangeiros, & sem letras, com suas invencõens, & biocos, levam apos sy a flor dos estudantes, & despovoam os estudos da gente nobre, & escolhida, em quem a Universidade trazia os olhos, & o Reyno punha as esperanças? E os que cá ficam andam todos desfastosos de sy mesmos, esquecidos do estudo, incertos da vida, alheos do mundo, & como gente alienada dos sentidos: & muitos, q̄ nós conheciamos inquietos, & terraveis, tãto que tratava cõ elles, logo os vemos brãdos, modestos, & mortaes, se sabere falar, e se nos quereẽ ouvir. Que cousa he esta, q̄ tam depressa obra em hũ homem, & em hũ momento o transforma em outro? Certamente isto nam pode ser

Gen. 2. n. 9.

^b Tert. Apol. ca. Scit se peregrinã in terris agere, inter extraneos facile inimicos invenire.

O que de nós se dizia na Vniversidade.

virtude, porque esta consiste em mcyo, & nam admite estes extremos tam exorbitantes. Isto deve ser algum embuste, ou enrêdo, ou algum modo da illusam, ou alumbramento; & a graça he, que a tudo querem dar cor de sanctidade, dizendo serem efeitos de certas meditações, a que estes Frãchinos chamam exercicios, aonde, com as portas, & janellas fechadas, dizem que se tẽ muitos sentimentos, muitas visões, & grandes arrebatamentos. Nam se nos criem aqui algũs alumbrados, que vivam em trevas de ignorãcia; nam tenhamos nõs aqui algũs beatos fingidos, que sejam hereges verdadeiros, que, cõ capa de sanctidade, nos semeem seus erros; que tudo se pòde temer de gente estrangeira, que deceo de partes tam inficionadas de heregias: atalhar com tempo he prudencia, porque ao tarde, ainda que às vezes se cura o mal presente, nam se evita o dano passado.

3 Assim falavam entre sy muitos dos mais graves da Vniversidade, aos quaes vivamente ajudavam alguns religiosos, que se prezavam de zelozos; em resoluçam sobre esta materia fizeram grandes papeladas, formando capitulos contra a Companhia, & parecendolhe, que tẽriam boa entrada cõ o Cardeal Infante D. Hérique, assi pela pouca, q̃ com elle tinha a Cõpanhia, como pelo grande zelo, q̃ tinha nas coufas da fé, lhos remetèram, acõpanhados de grãdes advertências, & cautelas. Tẽpos havia que este

Principe desgostava do P. M. Simam, & o trazia d'olho, carregãdose de o ver no paço; nam porque lhe descontetasse a pessoa, mas porque se temia da doutrina; receando, que a tivesse bebida, chea de erros, nas partes de França, Flandes, & Alemanha, por onde tinha andado. Tomou logo o Cardeal o negocio entre mãos, pera de hũa vez saber ao certo os procedimentos, & doutrina da Cõpanhia; porem, como via a muita estima, q̃ el Rey seu irmam, & senhor fazia de nõs, nam se atrevèo a bulir nestas materias, sem primeiro lho fazer a saber; nẽ se aquietou cõ seu muy catholico zelo, até acabar com sua Alteza, que houvesse por bem tirar-se huma informaçam sobre os exercicios da Companhia, & sobre a doutrina do Padre mestre Simam, & seus companheiros: veyo nisto o Rey prudentissimo, nam por elle se querer informar do que jã entendia, mas pera que se desenganasse o Infante do que ainda nam sabia.

4 Encarregouse o negocio desta inquiriçam ao Reitor da Vniversidade, que entam era frey Diogo de Murça, da ordẽ de S. Hieronymo, pessoa de muita autoridade, letras, & virtude, dãdose-lhe as ordens do que havia neste negocio de guardar; & em particular se lhe mandava que, em quanto se

Mandase
tirar in-
quiriçam
sobre o pro-
cedimento
da Compa-
nhia.

O Infante
D. Henriq̃
ao princi-
pio nam
gostou da
Cõpanhia.

Anno de Christo de 1544.

fizesse esta diligencia, nem o Padre mestre Simam communicasse com os subditos, nem elles tivessem algum recurso ao mesmo Padre; a que el Rey logo mandou aviso (tal era o amor, que nos tinha) dizendolhe, que nam estranhasse aquella diligencia, que permitia fazerse por bons respeitos, & que esperava seria pera mayor honra de Deos, & melhor credito da Companhia. Nam ha melhor testemunho do que o da boa consciencia, esta faz muy confiados aos servos de Deos; por merce muy particular de Deos, & del Rey teve o P.M. Simam, haverse de tirar a limpo a verdade, & com ella a reputaçam da Companhia; & com esta lhe pediu outra, que quizesse sua Alteza, que elle estivesse prezo, em quanto se tirava a devassa, pera mayor segurança do negocio, & pera que, achandolhe culpas, podesse logo ser castigado, & estivesse, como reo, seguro, pera a execuçam da sentença. Edificouse muito el Rey da humildade do Padre, posto que nam aceitou seu offercimento, como quem entendia, que nam merecia ser prezo, quem tinha vida de sancto.

O Reitor da Vniversidade tirou esta inquiriçam.

5 Se bem se encomendou a devassa ao muy reverendo fr. Diogo de Murfa, muito melhor foy por elle executada; entrou no Collegio, & ali, com

toda a solennidade, fez autos, perguntou testemunhas, tomou seus depoimentos, com grande diligencia, & recommendaçoes de segredo: foy perguntado aos irmãos, em especial aos que me nos havia tinham entrado, com repugnancia dos parentes, & sentimento de muitos da Vniversidade: chegaram finalmente ao irman Dom Rodrigo de Meneses, de quem atrás falamos, & perguntado, pelo Reitor da Vniversidade, sobre hum capitulo, entre outros, do interrogatorio, se nos exercicios da Companhia tivera alguma visam? Respondeo Dom Rodrigo com grande serenidade, *Si senhor, tive humma grande visam: alvoreouse o reverendissimo, havendo que tinha descuberta a mina, vay logo por diante, inquire, aperta com Dom Rodrigo, que diga, & deponha sinceramente de tudo o que vira naquelles seus exercicios? Respondeo o humilde irman, com grande segurança: Nam ha, senhor, pera que encubra a visam, que vi; vime, senhor, a mim mesmo, que ategora nam me tinha visto, nem entrado no conhecimento de meus peccados, & de minha propria vileza.*

6 Ficou suspenso o muy reverendo Padre frey Diogo, & de todo atalhado, com tam humilde, & avizada resposta: & com isto deo o auto por concluso, & a devassa por ferrada, & se acaba

Acalouse a devassa, com muita honra da Companhia.

bou a cerraçam, & nevoeiro, que os capitulâtes lhe meteram na cabeça; resultando da inquiriçam secreta, o que elle publicamête, como varã n tam prudente, tam religioso, & tam avido, confessava, que ficâra com muita clareza, & opiniã da sancta vida, & pura doutrina do P. M. Simam; dos costumes angelicos de seus companheiros, & do maravilhoso espirito, que Deos quiz encerrar, & communicar com as sanctas meditaçoẽs dos exercicios, feitos por nosso glorioso Padre S. Ignacio, no seu retiro de Manreza, aonde sò teve por mestre ao divino Espirito; que nam podia deixar de ser a obra tam perfeita, pois sahio das mãs de tal architecto.

7 Sucedeo nesta devassa o que Deos costuma fazer pera mayor hõra de seus servos, que os deixa padecer, pera melhor os autorizar; que a verdade, como diz Seneca, o entam fica mais autorizada, quando està mais debatida: & a fé de Christo nam se queixa de ser examinada, acrecêta a Tertuliano, pera que entam seja melhor conhecida, quando for mais perseguida. Foy este exame de tanta honra da Companhia, & louvor do P. M. Simam, & sua doutrina, que logo amainaram os ventos furiosos das murmuraçoẽs; & em grande parte depos

o Cardeal infante os temores, & recõs, com que fugia de nõs; & tães satisfaçoẽs veremos em o tempo adiante, tal confiãça cobrou de nossa doutrina, que nos entregou sua consciencia, pera o confessarmos, & seus parochos de Lisboa, & Evora, pera os ensinarmos; & tam grãde foy o amor, que nos cobrou, & tam liberal se mostrou com a Companhia, que parece permitio Deos nelle estas duvidas, pera que entendesse o mundo, quam bem considerada era a grande afeicãm, que nos tinha, & que mais nos amava por experiencias, alcançadas pelo entendimento recto, que por cegueiras fundadas na võrade captiva.

8 Este foy o successo da inquiriçam, & devassa, que em Portugal se tirou da doutrina do P. M. Simam, & dos exercicios de nosso S. P. Ignacio; nam foy menos venturoso o que depois se tirou em Hespanha, sobre os mesmos exercicios, aonde, dahi a poucos annos, nam faltaram algumas pessoas graves, & doutas, que, mal informadas, quizeram, por palavras, & escritos, censurar muitas proposiçoẽs deste celestial livrinho, levandoas ao tribunal do Sãcto Officio. Sentiram muito esta perseguiçam, nam menos os da Companhia, mas outra muita gente de grande autoridade,

Infante
Cardeal
veyo a ser
grãde ami-
go da Cõ-
panhia.

Que suce-
deo sobre
o livro dos
exercicios
de S. Igna-
cio.

Seneca lib. 2.
de ira c. 29.
Magis veritas
elucet, quæ ad
manũ sapius
venit.

d
Tert. Apolog.
c. 1. Vnũ gestit
veritas interdũ
ne ignorata
damnetur.

Anno de
1544.

176

Anno da
Companhia
5.

Sam ap-
provados
os exerci-
cios de S.
Ignacio.

Vide Orland.
n histor. gen.
lib. 8. n. 1.

que em suas almas tinham experimentado os maravilhosos efeitos de tam sanctas meditações. Hum destes foy o Duque de Gandia Dom Francisco de Borja, antes de entrar na Companhia, o qual supplicou humilmente á sanctidade do Papa Paulo III. que, visto o grande fruto, que no mundo se colhia com estes sanctos exercicios, como elle experimentara em sy, & vira em outros, se servisse sua Sauctidade de os mandar examinar; & achando serem de proveito na Igreja de Deos, os approvasse, & autorizasse, pera, sem perigos de contradicções, & calumnias de maldizentes, se poder com elles ajudar a piedade, & devaçam dos Christãos. Inclinado o summo Pontifice a tam piedosas preces, os mādou diligentemente rever, & examinar, pelo eminētissimo Cardeal de Burgos Dom frey Ioam de Toledo, da sagrada ordem de S. Domingos, Bispo, & Inquisidor, & pelo illustrissimo Bispo de Seleucia, & depois dignissimo Arcebispo de Milam Dō Philippe Archinto, que entam era vigairo gèral de Roma, & pelo reverendissimo fr. Egidio Fofcarario, mestre do sacro palacio, tambem da ordem dos sapientissimos, & gravissimos Padres Prêgadores; os qnaes, depois de largo, & maduro exame, julgaram a doutrina dos exercicios

por certa, madura, & muy proveitosa ao bem espirital das almas. Tomada esta informaçam, & visto o copioso fruto, que nosso Padre S. Ignacio, & a Companhia, por elle fundada, sem cessar, fazia no mundo, por meyo destes exercicios; a sanctidade do Papa Paulo III. de certa sciencia, approvou, louvou, fortalecéo, & autorizou os ditos exercicios, & documentos espirituaes, & exhorta a todos os fieis Christãos, queiram usar delles, como mais largamente se contem nas letras Apostolicas, que sobre esta materia foram expedidas o ultimo de Julho de 1548. as quaes andam impressas, & annexas no principio do sancto livrinho dos exercicios, & começam, *Pastoralis officij cura.*

CAPITVLO XXXV.

Dãse huma breve noticia da que cousa sejam os exercicios, de que usa a Companhia, & dos grandes bens, que delles resultaram no mundo.

N Am quero passar a diante, sem neste lugar, por causa da occasiam do capitulo passado, dar alguma breve noticia dos

exerc-

exercicios espirituaes, de que usa a Companhia, pois a elles devemos a conversam de muitos, que nella entraram, & o melhoramento das vidas de tantos fieis. E por ser obra nacida do espirito de nosso Padre S. Ignacio, & hum dos mais principaes meynos, de que usa a Companhia, pera bem das almas; & porque ainda muita gente, nestes Reynos, nam entende o modo, & proveito delles, nam sera cousa superflua, nem ociosa, darmos aqui esta breve noticia, de que cousa sejam estes exercicios, de como se tomam, & do fruto, que delles se tem recolhido.

2. Tem sua valia as moedas ricas, nam so pela materia preciosa, de q sam copostas, mas tambem pelas armas reaes, co que foram selladas; assim o livrinho, em que se contem os exercicios espirituaes, de que usa a Companhia, tem o preço incoparavel do Author, que foy o bemaventurado S. Ignacio de Loyola, nosso fundador, o qual (como eruditamente mostra, o Padre Julio^a Nigronio) inspirado, & doutrinado pelo supremo Mestre, que he Deos, escreveo hum livrinho, que he como arte de meditar, de orar, & contemplar, a que chamou Exercicios espirituaes, porque assim como (diz^b o mesmo San-

cto) passear, correr, & saltar, sam exercicios corporaes, assim arrancar da alma os vicios, adornala com virtudes, & enlevala nas contemplaçoens, se chamam exercicios espirituaes; que nam he novo este titulo, ou desusado dos Sanctos, que tratam de materia de espirito; assim intitulou S. Boaventura hum tratado, que anda no fim do primeiro tomo; & deste mesmo nome usa S. Bernardo, no livro de *vita solitaria*, & outros authores de obras espirituaes. E ainda he muito mais antigo este nome, & este exercicio de ter exercicios sanctos: pois David confessa de sy, que os tomava, meditando sobre os justos juizos de Deos. Repartese este livro em varios tratados, contem varias meditaçoens, advertencias, & documentos, pera emmendar a vida, crescer em virtudes, & unir co Deos. As meditaçoens se repartem em quatro partes, ou semanas; na primeira se trata do conhecimento proprio, & contriçam dos peccados; na segunda da vida sanctissima de Christo; na terceira, de sua sanctissima paixam; na quarta, de sua gloriosa resurreiçam, & uniam co Deos; repartidas todas conforme as tres vias espirituaes, de que salam os sanctos Padres, a saber, via purgativa, illuminativa, & unitiva.

3. O modo, que em dar

estes

^a Julius Nigron.
in secessu c. 4.

^b Lib. exercit.
annot. 1.

^c S. Bern. in fine
1. tomi. Vt in
virtutibus con-
serves, oportet
te habere
exercitia spi-
ritualia.

^d S. Bern. lib. de
vita solit. ad
fratres de mo-
te Dei. Non
spiritualia ex-
ercitia sunt
propter corpó-
ralia, sed cor-
poralia prop-
ter spiritualia.

^e Pf. 118. n. 23.
Servus tuus
exercebatur
in iustificatio-
nibus tuis.

estes exercicios usa a Companhia, assim pera com seus subditos, como pera com os de fóra, (cõforme à instrucçam de nosso sancto Padre Ignacio) he que quem os hãde tomar, se retire do trafego das occupaçoẽs exteriores, & se recolha sò com Deos, ficando em hum deserto retirado: que assim chamam ao lugar dos exercicios S. Bernardo, S. Agostinho, S. Basilio, & S. Hieronymo; porque pòde ser deserto, ainda que esteja no meyo da cidade. (como lhe sucedia ao sancto Rey, David, quando, habitando em Ierusalem com o corpo, se imaginava num deserto com o espirito) E o exercitante, que assim està retirado, gasta o dia todo com Deos, ou orando, ou rezando, ou lendo livros espirituaes, & tem no dia certas horas de oraçam mais, ou menos, conforme sua capacidade, que todas vam reguladas pelo Padre espiritual, que lhe hã de dar estes exercicios, por quanto na via espiritual he cousa perigosa haver enganos, & illusoens; & costuma este Padre ser pessoa grave, & experimentada, o qual lhe leve a tocha diante, & o governe, instruindoo no que hã de meditar, tirandolhe as duvidas, allumiandoo nos escrupulos, & difficuldades da consciencia; com o qual he costume confessarse gèralmente: & de ordi-

nario sò fala com este Padre. Duram estes exercicios de cada vez nove, ou dez dias continuos, ou mais (posto que nosso sancto Padre nos seus primeiros annos os dava por espaço de trinta, & quarenta dias) no qual tempo estam os de fóra tambem á conta da Companhia, em todo o necessario, pera que se nam divirtam com nenhum outro cuidado.

4 Desta eschola de sanctos exercicios foy maravilhoso o proveito, que tiraram os nossos, crescendo de virtude em virtude; & nam se podendo conter tanto fruto dentro de casa, sahio fóra, & fez participantes a muitos, que entre nõs quizeram ser hospedados cõ estes favores do cèu, recolhendose em exercicios, pòdose nas mãos de Deos, & nas de seu Padre espiritual, deixando se guiar por caminhos no mundo desusados, alimpãdo suas almas de peccados, & purificandoas com virtudes, & unindoas com Deos por amor. Em Coimbra era notavel o fervor, que neste particular tinha entrado na Univeridade, porque se ateou de tal maneira este divino fogo, com as boas novas, que huas a outros hiam dando, quando tomavam os exercicios, que, além das mudanças, verdadeiramente da mam do excelso, ficavam cobrando grãde conceito dos nossos, & aos que

f
S. Ber. ser. 40.
in Cant.

g
S. Aug. lib. de
vera religione
c. 35.

h
S. Basil. epist. 1
ad Gregor.

i
S. Hiero. epist.
14. ad Celant.

l
Psal. 54. n. 8.
Eccc elögavi
fugiens, & mansi
in solitudine.

m
B. Iga. not. 4.
ex 20. c. 4. S.
10. Director
exercit. c. 11.

n
Vide Nigron.
de secessu. m.
6, c. 5. & 6.

o
Bõs effei-
tos dos e-
xercicios
espiritua-
es.

p
Illexce. di.

d'antes desprezavam, como estrangeiros, logo os queriam por naturaes; & tendoos primeiro por idiotas, já os abonavam por sábios; nem dali por diante os temiam, como gente sahida do Norte, mas estimavamos, como anjos vindos do cêo. E na verdade sò do alto do cêo, & do pay das luzes descia o grande bem, que nestes exercicios se alcançava, o claro conhecimento, que por seu meyo faziam das cousas da outra vida, & a mudança do modo desta: donde se vê quanta rezam teve o summo Pastor do mundo, & sãctissimo Padre Paulo III.º pera dizer, que estes exercicios sempre foram, & serã muy uteis, & proveitosos aos fieis.

5 Começou este sancto uso dos exercicios, & cõtinuou naquelles primeiros tempos cõ o fervor, que relatamos; & em Portugal, entrando na Vniversidade de Coimbra, passou ao paço de Lisboa, aonde os tomou, entre outros muitos, o serenissimo Infante Dom Luis, a quem os hia dar cada dia o Padre Diogo Mirã; tambem se recolheo o Cardeal Dom Henrique, antes, & depois sendo Rey, & lhos hia dar o Padre Leam Henriques, seu confessor. Chegaram aos tomar a Infante D. Isabel, & seus filhos o senhor Dom Duarte, a senhora D. Maria Princesa de Parma, a

senhora D. Catherina sua irmã, Duqueza de Bragãça, aquẽ pertenciã o Reyno de Portugal, tendo por guia nelles ao Padre Gonçalo Vaz de Mello, todos com grande proveito de suas almas, com grandes consolações do cêo, manifestadas em muy copiosas lagrimas de seus olhos; porque tambem há lagrimas, que alégram, & hà choros, que consolam, como até o outro sãbio gentio, alcançou. O mesmo fez, entre outros muitos fidalgos muy illustres, Dom Pedro Mascarenhas, que de Roma trouxe a S. Francisco de Xavier, & com esta matalotagẽ se preparou antes de navegar pera a India por Visorrey daquelle estado. E até nas mesmas náos da India se achou já esta celestial mercadoria; que nam há lugar tam escuso, em que Deos se escuse de se communicar aos homens, se estes de sua parte lhe entrégam os coraçõs por amor, & lhe nam fecham as portas, como ingratos,

CAPITULO XXXVI.

Dos grandes frutos, que se têm tirado destes exercicios espirituaes.

I **O**S frutos, que se tem recolhido destes exercicios, sã muy

& muy

In. approbat. exerc. Pietate, & sanctitate plena, ad spiritualē profectū fidelium valde utilis, & salutaria esse, & fore.

P
Ovid. l. 4. trist.
Eleg. 3.
Est quædã ferre voluptas.
Expletur lacrymis, exequiturque dolor.

Pelos exercicios se nã emco-nhecimẽto de Deos.

^a
Arist. lib. 10.
Ethic. c. 7.

^b
Ioan. 17. 2.
Hæc est autem
vita æterna, ut
cognoscant te
solum Deum
verum, &c.
D. Th. 1. 2. q.
3. a. 4. & 8. &
communiter
Thomistæ.

^c
Soar. 1. 2. d. 7.
Mol. 1. p. q. 12
a. 1. d. 2. cõcl.
5. & alij.

^d
Ad Rom. c. 1,
n. 20. Invisibi-
lia enim ipsius
a creatura mû-
di, per ea quæ
facta sunt, in-
tellecta conspi-
ciuntur.

& muy notaveis. Primeiramen-
te (ãlem de unirem a alma com
Deos, & apartala de vicios, &
peccados) ensinam a hum chris-
tam a vir em conhecimento
de seu criador, de suas infinitas
per feiçoens, & divinas grande-
zas: cousa tam propria da cria-
tura racional, que o Philoso-
pho,^a sò com o lumẽ da rezam,
atcançou consistir nossa bema-
venturança intellectual na con-
templaçam do mesmo Deos; &
a sobrenatural, cõforme a dou-
trina de S. Thomas,^b encostado
ã sentença de Christo Senhor
nosso, consiste ou sò no conhe-
cimento claro da natureza di-
vina, ou juntamente no conhe-
cimento, & amor:^c por onde
nam pôde haver nesta vida cou-
sa mais ditosa, & que mais en-
cha a medida de nossas almas,
que a contemplaçam da divin-
dade, do modo, que nesta pere-
grinaçam se pôde alcãçar, nam
sõmente com o lume natural,
como fizeram os Philosophos,
mas tambem com a luz sobre-
natural, como fazem os San-
ctos.

2 Porem como os myste-
rios invisiveis de Deos encu-
berto nam se alcançam, como
diz o Apostolo,^d senam pela
vista apprazivel das criaturas, &
como todas ellas sejam huns
rascunhos muy toscos, em cõ-
paraçam do conhecimento da-
quelle divino artifice; daqui vê,

que sò as obras de Christo Se-
nhor nosso, sam as que realçam
melhor, & as que mais nos le-
vantam ao conhecimento do
ser divino; & por isso nellas prin-
cipalmente se empregam os
exercicios, instruindonos na se-
gunda, na terceira, & quarta se-
mana, nas meditaçoens dos my-
sterios sanctissimos do Verbo
encarnado. E como este co-
nhecimento de Christo Senhor
nosso, conforme à doutrina dos
Padres espirituaes, nam pâre na
especulaçam do entendimento,
pãssa avante, espartado o amor
na vontade, nascendo hum do
outro; porque nas cousas divi-
nas, ainda que o conhecimento
acẽde o amor, tambem o amor
excita o conhecimẽto; & posto
que nas materias naturaes sem-
pre o conhecimento e he a to-
cha, que governa a vontade, &
precede ao amor; comtudo, nas
cousas sobrenaturaes, & myste-
rios divinos, de ordinario o a-
mor he o que esporẽa o conhe-
cimento, & a vontade he a q̃ ex-
cita o entendimento, a quem so-
geita, & cativa ao obsequio da
fẽ (como fala S. Paulo^f) fazen-
dolhe render as armas, & some-
ter o juizo aos mysterios, que
nam penetra: & he certo que
nam poderia dar-se conhecimẽ-
to sobrenatural no entendimẽ-
to, senam precedesse pia affei-
çam na vontade, conforme a
doutrina dos Theologos,^g per q̃

*Nas cou-
sas espiri-
tuaes, a vo-
tade exci-
ta o entẽ-
dimento.*

^e
Arist. lib. 1.
Post. c. 4. Nihil
voluntatum, quibus
præcognitum.

^f
Ad Cor. 2. c. 10
n. 5. In capti-
vitatẽ redigen-
tes omnẽ intel-
lectũ, in obse-
quium Christi.

^g
D. Th. 2. 2. q. 1
a. 4. Vide Soar
de fi de disp. 6
sect 7.

esta o inclina, & domestica, pera crer o que nam entēde, & pera confessar o que nam alcāça: tam sábio he, & tam engenhoso o amor divino, que elle ensina o juizo; apura o entendimento, & sutiliza a rezam; porq̃ nam hà cousa, que nam ensine o amor; o qual assim como, segūdo S. Paulo, ^h tudo sōfre, & tudo espera, assim tambem tudo sabe, & tudo ensina.

^h
Ad Cor. 1. c. 13
n. 8. Charitas
omnia suffert,
omnia sperat.

3 Este divino amor he o alvo, a quem particularmente atiram as meditaçoens dos exercicios de nosso sancto Padre, porq̃ quanto mais a vontade se abraza cō o fogo da charidade, mais se esclarece o entendimēto com a luz do conhecimēto; & a experiencia tem mostrado a muitos, que nestes exercicios entraram com pouca noticia das cousas de Deos, & sahiram delles com grandes luzes, pera verem quanto aproveita a oraçam fervorosa pera esclarecer o entendimento, pois por meyo della souberam fazer differença entre as leys de Christo, & os enganos do mundo; entre os bēs eternos, & as cousas transitorias; entre as vaidades da carne, & as verdades do espirito.

4 O outro fruto, que se recolhe destes sanctos exercicios, he o conhecimēto proprio: pōto he este de tãta importācia, q̃ por isso se escreveo na casa

Ulcangase
conheci-
mento pro
rio.

Delphica' com letras d'ouro, a sentença de Chilon, *Nosce te ipsum*. Nam há melhor sciencia, como diz S. Agostinho, que aquella, com que hum homem sabe de sy mesmo: que importa (dizia ainda o gentio¹) saber hum homē as grādezas do céu, senam conhece a baixeza de seu corpo. Nesta sciencia nos instrue, & adéstram os exercicios, allumiando nossa alma no conhecimēto proprio cō as meditaçoens, q̃ chamam da primeira semana, pondonos diante o fim, pera que Deos criou o homem, que he a eterna bemaventurança, & logo a cōsideraçam dos peccados com que della se desviou, pera os sentir, & chorar; & da morte a q̃ estã fogeito por natureza, & do inferno, a q̃ pōde ser cōdenado: & dali tira materia pera se humilhar diãte de Deos, & melhorar entre os homens. Grandes bēs resultam deste conhecimēto proprio, porque primeiramente, quanto hum mais alcança de sua pouquidade, tanto mais descobre nas divinas grādezas, pois à vista de nossos males, & peccados, melhores realces mostra a divina bondade, & misericordia; & assim em vam levanta os olhos pera ver a Deos quē os nam tē pera se ver a sy. Por esta rezam pedia sãcto Agostinho^m dous conhecimentos, o de Deos pera o servir, & amar, & o de sy pera se cōfudir,

ⁱ
Plin. li. 7. c. 32.

Aug. lib. 4. de Trin. in proemio.

^l
Iuven. sat. 14.
Illum ego iure
Despiciam, qui
scit quãto sibi
blimior Atlas
Omnibus in Ly
biz sit monti-
bus, & tamē
idem ignoret.
&c.

^m
August. de vita
beata. Novem
te. novem
m e.

Q & hu-

& humilhar; porque assim lhe poderia este servir de escada, pera sobir ao mais alto conhecimento de sua infinita bondade, & de suas divinas perfeições; porque sò entam conhecemos mais estas grandezas, quando melhor alcãçamos nossas baixeças. O outro sábio antigoⁿ perguntado quando começara a philosophar, respondeu, *quando me comeceti a conhecer*; & nam há meyo mais efficazes pera alcançarmos o perfeito conhecimento de nossas miserias, que o das meditações, em que na primeira semana nos manda exercitar nosso glorioso Patriarcha, nos exercicios; põdonos diante dos olhos os peccados, a morte, o inferno, & as mais penalidades, a que somos sogeitos por nossa mesma natureza.

5 Serve tambem este conhecimento proprio pera nos nam esvaecermos enganados com soberba, quando nos conhecemos humildes por nascimento; que quẽ haverà, que se atreva a entonar por grandeza, á vista do que he por natureza. De Philippo ° Rey de Macedonia conta Eliano, que sentindo em sy huma grande soberba, depois da victoria dos Athenienses, pera acodir a este mal, que como sábio temia, ordenou a hum seu criado, que todos os dias pela manhã o es-

perstasse do sono, com estas palavras, *Surge Rex, & hominem te esse cogita*; julgando, como prudente, que era impossivel conhecer as fraquezas do ser humano, & anhelar vaidades de Rey soberbo: nam ha meyo mais vivo, & effectivo pera conhecermos nossa pouquidade, que o q nos ensinam as meditações da primeira semana dos exercicios.

6 Outro grãde fruito destes exercicios he ensinar aos qvivẽ no mundo a fugir do mudo, ao menos por algũ tẽpo, furtãdo se ao tumulto das occupaões, pera q ficando a solas cõsigo, melhor ouçam a voz divina, q segũdo diz o propheta Ozeas, *Pleva hũa alma ao solitario apartamẽto, pera ahi lhe falar ao coraçã; q ẽ semelhãtes desertos costuma o Senhor manifestar seus mayores segredos a seus melhores amigos. Boas testemunhastemos desta verdade ẽ os sãtos Prophetas, os quacs deixãdo as cidades ẽ q habitavã, se recolhiã aos mõtes, q buscavam, aõde aos mõtes experimentavam favores soberanos, & revelaões divinas: desta maneira se cõmunicou Deos ao Patriarcha Abraham, no valle de Mambre; ao esforçado Gedeam, junto ao Carvalho de Ephra; a Moyses, caminhãdo pera o mais interior do deserto, & depois no mõte Sinay. Ezechiel fora do povoado, junto ao rio Chobar, teve celestiaes visoens*

Ensinam os exercicios a fugir do mudo.

P
Ozeas c. 2. n. 24. Ducã eã in solitudinem, & loquar ad cor eius.

q
Gen. c. 18. n. 1 Apparuit ei Dominus in valle Mambre.

t
Iud. 6. n. 11.

s
Exod. c. 3. n. 1. Cũque inisset gregẽ ad interiorã deserti, &c.

t
Ezec. c. 1. n. 1. Iuxta fluvium Chobar, apertũ sunt celi, & vidi visiones Dei.

n
Stob. ferm. 21.

Rezoens q temos pera nos humilhar.

o
Stob. ferm. 21. ex AEliano.

da gloria de Deos ; & o grande Bautista melhor logrou mimos, & favores divinos, vivêdo no ermo feito solitario: & pera mayor confirmaçam desta verdade o mesmo filho de Deos se retirou a hũ deserto, no qual se recolleo em sãtos exercicios, por espaço de quarêta dias: a cuja imitaçã, conhecendo bẽ esta verdade os sãctos Mõges, fugiã das cidades bulcãdo os desertos, aõdẽ se retiravã cõ Deos, enchendose entã os mõtes de solitarios penitẽtes, & ainda agora povoãdo se os mosteiros de religiosos devotos.

7 Porẽ nosso glorioso P. S. Ignacio, atẽ no mesmo retiro da religiam, invetou outro melhor deserto, ordenãdo nos, q de quãdo em quãdo nos retiremos dos mesmos religiosos, a fim de nos recolhermos sò cõ Deos, pera re fazermos em nossas almas cõ a oraçam, o q perdemos cõ os ho mẽs, em seu trato; cobrãdo novas forças pera continuarmos no serviço divino, & aproveitamẽto das almas: à maneira das plãtas, as quaes, se em algũ tempo se occupam todas em se ornar, & enfeitar no exterior, vestindose de fermosas flores, cobrindose de alegres folhas, & carregãdose de bem logrados frutos: com tudo em outro tempo, despindo todo este apprazivel ornato, se esquecẽ de hũ certo modo de sua natural fermosura, ficando sem flor, sem folhas, &

sem fruto, recolhendo toda sua virtude, a fim de se refazer de novo nas raizes, & tornar a fructificar, com mayor força, no tẽpo da primavera, & pelas calmas do veram: nam doutra maneira os ministros evangelicos, q tẽ por instituto tratar com o proximo, pera q nam desfaleçã as forças do espirito com o lustrozo da prẽgaçam, & com o mais florente, & luzido das cadeiras, & applauso do povo; he bẽ q de quãdo em quãdo, deixãdo o publico do mũdo, se retiẽ ao secreto da Religiam, pera lâçar raizes de humildade, & pera de novo afiar as armas de sua doutrina na charidade de Christo, & pera tingirem, & banharem as settas de sua prẽgaçam no lado do Senhor crucificado. Este mesmo retiro de negocios, trocados em ocio cõ Deos, nos encõmenta muito S. Agostinho, sobre aquellas palavras do Rey propheta, *Vacate, & videte*, & S. Hieronymo * nos acõselha, q dẽtro de casa tenhamos hũ deserto, em que tenha nossa alma suas fẽrias com Deos. E a mesma lembrança fazia S. Bernardo * ao Papa Eugenio, amo estãdo, que algũas vezes se retirasse a considerar em sy, & a meditar em Deos; & assim o faziã aquelles sãctos Gregorio, Machario, Columbano, Agostinho, Francisco no seu montẽ de Alvernia, & outros muitos.

Mar. e. 4. n. 1.
Ductus est in
desertũ à spiri
tu. &c.

Atẽ na
mesma Re
ligiam hã
retiros
remonta-
dos.

u
Aug. lib. de ve
ta relig. c. 35.
Agite oriũ, &
cognoscetis,
quia ego sum
Deus, non oriũ
desidia, &c.

ii
Hier. ep. 14. ad
Celãr. Ita ha
beto solitudi
nẽ domus, ut
aliquam tamẽ
vacacionẽ ani
mã tribuas.
&c.

z
Bern. lib. 1. de
confid. c. 71.

Donde com rezam cõclue sancto Ambrosio,^a que nam foy Scipiam o primeiro, q̄ soube nam estar sò, quando estava sò, nem menos ocioso, quando mais ocioso. Conforme a este sancto aviso, & conselho dos Sanctos, temos obrigaçam^b na Companhia, de nos recolhermos em exercicios todos os annos, ao menos por oito, ou dez dias continuos.

Aos seculares sam mais necessarios os exercicios espirituales.

9 Pois se aos religiosos he necessario a tempos este tempo de recolhimento, de retiro sancto, & exercicios espirituales, quanto mais importante, & proveitoso sera para os seculares, que vivem mais engolfados nas ondas do mundo, & no pego dos negocios; que atè os géticos, pera quietamente cõtemplar as cousas naturaes, buscavam semelhantes apartamentos, como lemos de Pythagoras^c antiquissimo philosopho, q̄ se metia em hũa cova fugindo das cidades, pera melhor cõtemplar os segredos de sua philosophia: o mesmo achamos escrito de Platam, que estimava mais o secreto das sylvas academicas, que o resplendor do applauso de Athenas: tãbem sabemos de Numa^d Pompilio, segũdo Rey dos Romanos, que tinha certos tempos, em q̄ desaparecia da corte, metendo-se em hũa fragoza cova, pera escõdido meditar as leys, que havia de ditar aos Romanos; fa-

zendo-se com isto de tal maneira respeitado, que tanto mais o tinham por divino, quanto mais o reconheciam por retirado; & com esta notavel traça lhe foy muito facil domesticar aquella gente indomita, amansar, & reger aquelle povo tam feróz. E nam carece de mysterio o que ponderou S. Ioam^f Chrysofostomo, que atè o primeiro homem criou Deos no estado da solidam, o qual, em quanto viveo solitario, sempre viveo num paraíso; & pelo contrario todos os dons, que recebeo, estando sò, perdeo tanto que teve companhia.

10 Estes, & outros grandes bens resultam no mundo destes sanctos exercicios, aos quaes os da Companhia devemos os bens, que temos na mesma Companhia, porque a nam haveria no mundo, se primeiro nam houvesse exercicios espirituales; com estes attrahio a sy sancto Ignacio a seus cõpanheiros, com estes trouxe a sy a S. Francisco de Xavier; com estes se autorizou a Companhia; & com estes se hade cõservar; porque com nenhũs meyoes melhor póde hũ effeito continuar prospero, do que com aquelles mesmos, com que pode comẽçar florente.

[?]

^a Ambr. lib. 3. of
sc. c. 1. Nõ er-
go primus Sci-
pius icivit solus
non esse, cũ so-
lus esset. &c.

^b Congr. 6. n. 48
Sept. Cõgr. 21
§. 4.

^c Plata. de Pyth.
& Plat.

^d T. Liv. Decad.
1. lib. 1.

^f Chryso. ad c.
Gen. hom. 1.

CAPITVLO XXXVII.

*Vay o Padre Diogo Mirãm,
Reitor deCoimbra, fundar o
Collegio de Valença, entra
em seu lugar o Padre Mar-
tim de sancta Cruz; vam os
nossos peregrinar, & fa-
zem outras mortifica-
çoens publicas.*

COm esta divina tra-
ça dos exercicios es-
pirituaes, & cõ a vi-
da exẽplar dos nossos, crescia
tanto o Collegio de Coimbra
em numero de bõs sogeitos, que
se atẽgora fomos vendo como
de varias partes de Europa, espe-
cialmente de França, Flandes, e
Italia, corria gente pera o novo
Collegio (aonde todos se jun-
tavam, como em congregaçam
de muitas agoas do cẽo) daqui
por diante veremos sahir del-
le fermosos rios de espirito, &
sciencia, que ao pẽrto, & ao
longe regaram, & fertilizã-
ram varias partes de Africa, de
Asia, & de Europa. A primei-
ra parte, pera onde sahio gen-
te deste Collegio, foy pera
Hespanha, na nobre cidade
de Valença de Aragam, a cu-
ja fundaçam o Padre Hiero-
nymo Domenec, pessoa grave,

*Sahem do
Collegio de
Coimbra
pera fun-
dar a Cõ-
panhia e
varias
partes.*

& rica, tinha entregue (depois
de dada sua pessoa à Cõpanhia)
toda quãta fazẽda tinha, q̃ foy
muita. Tratou nosso S.P. de en-
viar hũ religioso de importãcia,
q̃ dignamente podesse dar prin-
cipio a este Collegio; pera isto
escreveo ao P. M. Simam, en-
commendandolhe a escolha da
pessoa, que pera cousa de tanto
pezo lhe parecesse mais acom-
modada, entre todos os subdi-
tos, que tinha no Collegio de
Coimbra. Recebida a carta,
tratou o Padre primeiro o ne-
gocio com Deos, a quem sem-
pre recorria; & considerando a
importancia da missam, se re-
solveo em mandar o mesmo
Reitor do Collegio, que era
o mestre Diogo Mirãm, assim
por ter jã alguma experiencia
do governo, como por ser
natural de Valença, & nel-
la bem nascido, & aparen-
tado: deolhe por companhei-
ros o Padre Francisco Roxas
Castelhano, & o irman Diogo
Romano, & Antonio Meniz
de quem falamos atrã (parecẽ-
dolhe ao P. M. Simam, que cõ
esta peregrinaçã fartaria os de-
sejos, que tinha de viver pere-
grinando) Chegados a Valença
foram muy bem recebidos, & o
Padre Mirãm promovéo com
grande sucesso a fundaçam da-
quelle Collegio.

2 Em lugar do P. Diogo
Mirãm declarou o P. M. Simam

*Cõpanhei-
ros, q̃ vam
cõ o Padre
Diogo Mi-
rãm a Va-
lença.*

Anno de Christo de 1544.

pera Reitor do Collegio de Coimbra o Padre Martim de sancta Cruz, em quem bem cabia este cargo, por sua muita virtude, grande exemplo, & excellente doutrina, com que de novo avivou o espirito daquelle Collegio, que governou por alguns annos, com grande zelo, humildade, & amor dos subditos; o qual, em servico do mesmo Collegio, acabou em Roma no anno de 1548. aonde foy mandado pelo P. M. Simam a negocios de muito porte, pertencentes ao mesmo Collegio, procedendo na vida, & na morte, com opiniam de homem sãcto: & ao diante ainda falaremos nelle no anno, em que Deos o levou a descansar ao cœo. Tambem foy o iramam Francisco de Villanova, mandado do mesmo Collegio de Coimbra, a Alcalà; aonde floreceo este grande servo de Deos, & foy a pedra fundamental daquelle Collegio, & da insigne Provincia de Castella a nova, à qual depois se foram ajuntando as mais da coroa de Castella em Hespanha, & no mundo novo; que todos devem este reconhecimento ao nosso Collegio de Coimbra, & à Provincia de Portugal, pois de cà lhe foram os primeiros habitadores; os quaes nam menos assistiram à fundaçam das casas, que á edificaçam da gente; mostrando

sempre a doutrina, & dando o exemplo, que tinham aprêdido do P. M. Simam.

3 Provido o Collegio de Coimbra com o novo Reitor, se voltou o P. M. Simam pera a corte (conforme a ordem de sua Alteza) pela quaresma deste anno de 1544. no qual tempo florescia já muito o Collegio de Coimbra em numero de religiosos. E posto que, em todo o discurso do anno, vivia entre elles o amor da perfeçam (como temos visto nos capitulos passados) com tudo, conforme os sanctos conselhos, que lhes deixou o P. M. Simam, em chegando as ferias, & cessando as hidas á Vniversidade, começaram todos, com novo fervor, outros novos estudos de mortificaçam, penitencia, & devaçam; pera que entendamos, os que nos criamos no Collegio de Coimbra, & de Evora, quam antigo he este sancto costume, que ainda hoje dura (& durarà cõ a divina graça) de, no tẽpo das vacaçõs das letras, haver novas occupaçõs de espirito; & tratarmos cõ mais calor de applicar a alma a exercicios espirituaes, que de aliviar o corpo de trabalhos literarios: procurando entam refazer algumas quebras da perfeçam, que periga com o fervor dos estudos, com as brigas das disputas, no meyo dos ventos da vaidade, a que estãm so-

5

Do Collegio de Coimbra sahirã os fundadores das Provincias de Hespanha

No tempo das ferias se applica mais os nossos á mortificaçam.

geitos os letrados, entre as ondas da emulaçam dos condiscipulos, & entre as tempestades, que levanta o demasiado desejo de crescer nas sciencias, & de montar pelas letras.

4 Tudo previa o P. mestre Simam, como grande Piloto, q era, no caminho do espirito, o qual deixou ordenado ao novo Reitor, o Padre Martim de sancta Cruz, que entre outros sanctos exercicios do tempo das ferias, se praticasse com fervor este de peregrinarem alguns nossos (da maneira, que o tinham feito nossos primeiros Padres) passando so com esmolas, recolhendo se pelos hospitaes, pera que este voluntario exercicio de pobreza, levado a pe por caminhos desusados, & por terras estranhas, lhes servisse de ensayo, pera outros mayores, & mais difficultosos, a que necessariamente haviam de estar sogeitos os religiosos da Companhia, como homens, que professavam fazer vida em qualquer parte do mundo; & que faziam voto de hir, sem viatico, aonde quer que o Summo Pontifice, por causa do bem das almas, os inviasse. Com muita pontualidade, & acordo veyo no mesmo parecer o novo Reitor o Padre Martim de sancta Cruz, continuando neste anno de 1544. este sancto uso, na forma, em que hoje, em parte, se conserva, dig-

no do espirito da pobreza, tam proprio de Religioens mendicantes, qual he a Companhia (como esta declarado pela sanctidade do Papa Pio V.) pera que, pois temos os privilegios de pobres, nam estranhemos o encargos da pobreza: notavel era a mortificaçam, & humildade, com que se haviam nestas peregrinaçoens, levavam os mais delles por vestidos pelotes curtos de burel, pobres, & desprezados; de maneira que, sendo desconhecidos pelo trajo, de q vestiam, so os conheciam pela modestia, de que usavam.

5 Com este sancto exercicio das peregrinaçoens, ajuntaram outros de mortificaçoens publicas pela cidade (que a todo o tempo usavam) de grande desprezo, & proprio abatimento, a vista dos estudantes, & da mais gente da cidade; & de ordinario os mais illustres do Collegio eram os primeiros nestas finezas, como o irnam Gonçalo da Sylveira, Rodrigo de Menezes, Antonio de Quadros, & outros. Nam faltavam tambem a dar este expectaculo de sy os mais doutos, & de melhores letras; o Padre Melchior Nunes Barreto, doutor pela Vniversidade de Coimbra, & outros muitos: entre os quaes o irnam Melchior Carneiro, que era theologo (filho de hum cidadam principal de Coimbra, o

Vam os
nossos a pe
regreinar.

^a
Const p. 3. c. 2
lit. g. & p. 6. c.
3. §. 5.

An. Do. 1571.
Pontificatus
an. 6. in bulla
quæ incipit,
Dum indefes-
sit, &c.

Mortifica-
çoens publi-
cas, que fe-
ziam os
nossos.

Anno de
Christo de
1544.

188

Anno da
Companhia
5.

qual depois foy Bispo de Ethiopia) hia todos os dias á Vniversidade ouvir a liçam da theologia, em corpo, passando pela porta de seus pays, os quaes (como nam entendiam os thesouros, que estam encubertos debaixo dos vestidos humildes da sancta pobreza) o viam passar, & nam podiam reter as lagrimas nos olhos, envergonhando-se de o ver tam pobre, & tam confiado. O mesmo sucedia ao irram Jorge Serram (que depois foy doutor insigne em Theologia, Provincial nesta provincia, & varam de grande authoridade) o qual hia ouvir a liçam em pelote de burel, cõ hum manteo muito velho, & muito curto, & algumas vezes hia em corpo, & detras do irram D. Gonçalo; & como era muito moço, representava ser criado seu; sendo ainda mayor mortificaçam do amo, que fugia das honras, do que era a do pagem, que pretendia afrontas: hum sò alivio tinha o irram Gonçalo da Sylveira, & era, que hia tam mal enroupado, como o criado; & quem o avaliava por nobre, à vista do pagem; logo o julgava por pobre, em vèdo o trajo. Nesta mesma forma, & postura hiam à botica a buscar as mezinhas, & à praça a trazer o que o irram comprador mandava pera casa; & se davam por mais validos, & me-

lhor contentes, os que nette particular alcançavam mais licenças, & tiravam mais despachos. Deste modo de pelotes de burel, em final de mortificaça, se usou por alguns annos, até que se assentou o modo commum, de que hoje usamos, assim ordenado por nossas cõstituiçoens.

6 Outras vezes sahiam pelas ruas da cidade de Coimbra, prégando penitencia a todos, imitando os prophetas antigos; que pera a persuadirem, bráda-va Ionas, nas praças de Nini-ve, & Isayas, ainda que atado cõ cadeas, soltava livremente a voz, brádando contra peccadores; & o Bautista, vestido de cilicio, nam sò prégava nos desertos de Palestina, mas també nos paços de Herodes; & o mesmo faziam os sagrados Apóstolos, em Ierusalem, por mais inhibiçoens pharisaicas, que contra elles urdisse a malicia dos Iudeos.



^c
In sum. Conf.
n. 4.

^d
Ion. c. 3. n. 4
Cæpit Ionas
introtire civita-
tem, & clama-
vit, &c.

^e
Mat. c. 3. n. 1.

^f
Act. c. 5. n. 42.
Non cessabant
in templo, &
circa domos
docentes, &
evangelizantes
Christi Iesum.

CAPITVLO XXXVIII.

Reprovam alguns as mortificações dos nossos; levantase huma perseguição contra o P. M. Simam; acode Deos por sua innocencia, & accrescentamse os favores reaes.

Sempre as cousas de Deos tem seus perseguidores, & se em tudo pretendermos cōtentar aos homens, em nada pareceremos servos de Christo, como S. Paulo dizia; nam faltavam muitos prudentes do seculo, aos quaes nada contentavam estes sanctos excessos dos nossos religiosos; q̄ nam será esta a ultima vez, em q̄ veremos, nesta Chronica, tormentas levantadas contra a Companhia; porem tambem veremos como Deos sempre acode pelos filhos de S. Ignacio; & a experiencia nos tem ensinado, que quando as perseguições sam mais valentes, entam as victorias sam mais gloriosas. Nesta occasiam reprovavam muitos as mortificações dos nossos; diziam, que a virtude nam se quera assoalhada por fora, pois dentro na Religiam está tã bem agasalhada; que a sanctidade he

como o thesouro do Evangelho, que sendo assum que estava escondido, com tudo o homem, que o achou, ainda o escondeo mais; porque, como diz S. Gregorio, deseja ser roubado; o que traz o thesouro da virtude à vista pelas ruas, & o poem em publico nas praças: que semelhantes extravagancias mais pareciam acções de hypocritas fingidos, que obras de Religiosos verdadeiros; & que tam fora estam de dar exemplo a alguem, que causam escandalo a todos. Chegaram alguns religiosos a prégar nos pulpitos contra estas nossas mortificações publicas; & pera que nam bradassemos pelas ruas penitencia, se puzeram graves penas por ministros Ecclesiasticos.

2 Pera mais apoyarem esta sua opiniam, pretenderam o parecer do muy reverendo Padre fr. Luis de Montoya (gravissimo religioso dos ermitaens de S. Agostinho, comissario geral, & reformador de sua sagrada Religiam, nos Reynos de Portugal) porem este excellētissimo varam (como quẽ em Roma tinha tratado ao Padre S. Ignacio; & confessadose com elle gèralmente; & como quem tãto entendia a distincão, que vay entre o espirito, & a carne, & quam diversos sam os juizos, que das cousas formam os religiosos, que pretēdem salvaçam, ou os seculares, que buscam hōras) respondeo, quando nrais o apertavam, que disse o que

sentia,

^b
Matt. c. 13. v. 44. Simile est Regnū cælorū thesaurō absconditō, quem qui invenit homo, abscondit.

^c
Greg. hom. 11 in Evang. De praed. dan. de fide. Iat qui thesaurum publicè portat in via,

Padre fr. Luis de Montoya, o que responde acerca a estas mortificações.

^a
Ad gal. 1. n. 10 Si hominibus placuissē, Christi servus non essem.

1544.

Paul. i. ad Co-
rint. 2. n. 15.

sentia cō hūas notaveis palavras de S. Paulo, ^a *Spiritualis homo omnia iudicat, ipse à nemine iudicatur.* Dando com isto a entender, que sam tam superiores as coulas espirituaes aos que sō tratam das corporaes, que nam tē estes pera que entremeterse a julgar o que nam pōdem entēder; que sō sabem os que sam os officiaes a perfeiçam da obra, que fizeram, pelos principios da arte, que professaram. Nam entendem os mysterios encubertos nas mortificaçoens os que nam sabem mortificar-se: nēm alcançam a nobreza, que reluz nestes excessos, os que seguem as leys do amor proprio; aos quaes parecem grosseiros, & loucos os exteriores da mortificaçam, porque nam chegam a gostar as delicias, & regalos della.

3 Porem, como Deos nosso Senhor pretēdia apurar mais a virtude de seu servo M. Simam, permitio que estas ondas, que contra as mortificaçoens de seus subditos se levantavam, principalmente fossem quebrar nelle, por dizerem, que era o author de tal modo de vida. Estes falsos zeladores sahiram logo com papeis infamatorios contra nōs, levantando mil calumnias fabulosas; atrevendose a dar a el Rey, & ao Cardeal D. Henrique grandes memoriaes contra a Companhia, bulindo

com todo seu edificio, pera darem com elle d'aveço, como se fosse torre de Babel, fundada nam sobre pedra firme, senam sobre arēa levadiça (que a tanto chega a paixam cega de homens mal intencionados) criminando de falsos todos os privilegios da Cōpanhia; *que era mero fingimēto do P. M. Simam dazer q̄ era izeta da jurisdicam do Ordinario, como as mais Religioens. Acrecentavam, que a Companhia nam tinha leys, nem regras por onde se governar, mais que o arburio de M. Simam; que era hum homem extravagante, que cō suas invençoens trazia enganados os melhores sōgeitos da Universidade de Coimbra; que sō tinha por sy o favor de alguns. que a ignorancia de muitos: que era desobediente, contumaz & rebelde aos decretos apostolicos; por que tendo o Papa limitado o numero dos da Companhia a 60. sō em Coimbra passavam jã de cento; que q̄ com modestia capeada encubria enganos verdadeiros.*

4 Nam parou sō a coufa em roins palavras, senam que tambem houve quem pretendēo vir a peores obras, & nam se contentando com esgrimir a lingoa atrevida, tambem quiz tentar pōr as mãos violētas. Esta diabolica licença quiz tomar hum certo licenciado, (que assim lhe chama o nosso Chronista gēral ° Orlandino) dandose por muy agravado do P. M. Simam lhe licenciar hum

seu

Persegui-
çam cōtra
o P. M. Si-
mam.

^c
Orlan. in hist.
gener. Societ.
lib. 4. n. 135.

seu irman, que por ser perturbador da paz entre os religiosos, nam mereceo ficar na Companhia. Porem, como Deos nosso Senhor sempre costuma em seus servos, permittir afrontas, pera lhes grangear honras; ordenou as cousas de tal sorte, que de nuvens tam escuras, & mal assombradas, tirou rayos fermosos de luzes resplandecentes. Porque toda esta machina de maldades, assim como foy temeraria, & maliciosamente fingida, assim com pouca resistencia foy desfeita, & aniquilada: mostraramse as bullas apostolicas, com a approçação, & confirmaçação da Companhia, & o novo decreto Pontifical, cheo de mil abonaçoens, honras, & privilegios, no qual se abriam de par em par as portas a todos os que na Companhia quizessem admitir. Mostraramse os privilegios, & as bullas da izençação do governo dos Ordinarios: servindo esta perseguição de mayor gloria da Companhia, que sempre costumou sahir com melhores applausos, quando padecia peores guerras.

5 E porque esta perseguição nam só tocava à Companhia, mas tambem pretendia desautorizar a pessoa do Padre mestre Simam, de quem elRey fazia tanta estimaçam; tomou sua Alteza muito à sua contra

castigar os autores dos libellos, & os que intentaram deitar as mãos sacrilegas além das linguas venenosas: mandou tirar devassas, & fazer ápertadas diligencias; & descubertos os aggressores, pronunçiou sentença contra elles, com graves penas, & que pera sempre fossem deterrados de todos seus Reynos; como se nam quizesse conhecer por vassallos seus, os que estavam julgados por inimigos nossos. Notavel foy o exemplo de mansidam, com que se portou, entre todas estas tempestades, o P. M. Simam; nenhum abalo nelle causaram estas afrontas; nenhum sinal de impaciencia; nam está mais immovel o penhasco no meyo do Oceano, quando mais varejado com os combates das ondas ladradoras, que com seu escarcéo parece que pretendem borrifar as estrellas do firmamento. Primeiramente nunca se queixou, nem se lhe ouvio palavra alguma, em que mostrasse menos satisfaçam dos aggressores, & infamadores. E logo, sabendo o que sua Alteza tinha feito, & a sentença, que estava fulminada, rompeo o silencio, & com grandes veras pedio a sua Alteza o perdam dos culpados, & ainda alcançou, que em parte se diminuisssem as penas, posto que nam quiz elRey perdoar o delitto. Servindo toda esta tor-

menta

menta, pera que se conhecesse
melhor a muita virtude do P.
M. Simam, que com a mesma
ignaldade de animo vivia entre
favores de Rey, & passava cõ
perseguiçoens de apaixonados:
acrecentandose em sua Alteza
a estima da Companhia, & cres-
cendo no amor ao Padre.

Vay el Rey
visitar ao
P.M. Si-
mam.

6 Pera dar disto mayores
mostras, adoeendo o Padre em
Almeirim, foy o mesmo Rey
em pessoa a visitalo, acompa-
nhado do Principe, & dos Pre-
lados, que seguiam a corte. Tal
era o amor, que el Rey tinha
ao Padre, & tal a benignidade
deste Principe, que parece se
esquecia da magestade de Rey,
por tomar o officio de amigo;
porem (como no Emperador
Trajano ^f louvava Plinio) en-
tam representava ser mayor se-
nhor, quando com os vassal-
los se mostrava mais familiar,
*Tunc maxime imperator, cum ex im-
peratore amicum agis.* E nam me-
rece menos louvor esta acçam
del Rey Dom Ioam, que as que
tanto gaba nas visitas dos ami-
gos no Emperador Honorio o
seu Panegyrista. ^g

^f
Plin. in Paneg.
ad Trajan. Desi-
cedis in omnia
familiaritatis
officia, & in a-
micum ex impe-
ratoris submit-
teris.

^g
Claud. de sexto
cõsul. Honorij.
Patriciasque
domos, privatã
que vulgo Li-
mina, deposito
dignaris visere
factu.

7 A volta deste real favor
cada dia cresciam outres ao Pa-
dre mestre Simam, & a seus
subditos; aos quaes amava tan-
to, que até os noviçosinhos,
que hiam peregrinar (se passa-
vam por Evora, aonde estava a
corte) os mandava chamar,

davalhes bons conselhos, &
mandava, que lhe dessem esmo-
la, & se edificava de os ver ve-
stidos em pelotes, com man-
téos curtos, com huma cana
por bordam, & com alforge
pendurado de hum tiracõlo de
orelos; por final, que entran-
do nesta postura diante del-
Rey, & da Rainha o irmam
Dom Rodrigo de Meneses, cho-
rou mil lagrimas hũa senhora,
que era dama da Rainha, & ir-
mã de Dom Rodrigo; nam en-
tendõdo ainda as riquezas, que
na sançta pobreza estam en-
ceradas. Este fim tiveram as per-
seguiçoens, que se levantaram
contra a Companhia, & contra
o P.M. Simam; que assim costu-
ma triumphar a verdade dos
perversos combates da mentira;
& nem por estas persegui-
çoens deixaram de continuar
as mortificaçoens publi-
cas dos nossos, co-
mo adiante
veremos.

[?]



CAPITULO XXXIX.

Vem a Portugal o Padre Antonio de Araós; chega depois d'elle o Padre mestre Pedro Fabro: he muy festejado de sua Alteza; vay a Coimbra; faz entrar na Companhia escolhidos sogetos, entre elles o Padre Luis Gonçalves da Camara.

Dissemos no capitulo 32. da occasiam, q̄ houve pera ser chamado a Portugal o Padre Pedro Fabro, ao qual já deixamos em Lovayna, mandando diante os companheiros, que recebêo pera a Companhia, naquella insigne Vniversidade. Como o negocio, a que vinha, era de tanta importancia, quiz o Padre S. Ignacio darlhe por cõpanheiro ao Padre Antonio d' Araós, muy chegado parête seu, pessoa muy calificada em partes, em Religiam, & nobreza, & o primeiro professo, que houve na Companhia, depois dos primeiros nove Padres; ao qual mãdou logo S. Ignacio a Portugal esperar, q̄ o P. Fabro decêsse de Alemanha. Chegou o P. Antonio d' Araós a Coimbra no anno de 1543. aõ-

de foy notavel a alegria, q̄ teve cõ a vista da fermola novidade, q̄ no Collegio achou de singulares sogetos, & dos raros exemplos de virtudes, que em todos via, & venerava. Escrevêo logo bellissimas novas, & de grande consolaçam a nosso S. P. Ignacio, assi do que via de disciplina, & observancia religiosa na virtude, como do que advertia na promoçam escholastica nos estudos. Daqui (depois de afferorar aos de casa, & aos de fóra com seu raro exemplo, & singulares exortaçoens) se partio pera Almeirim, aonde estava a corte, & o Padre mestre Simam, a quem vinha dirigido. Nam se pòde bem explicar a muita satisfaçam, & gosto, cõ q̄ as pessoas reaes recebêram a este Padre, pediramlhe logo, que lhes prégasse em Almeirim, o que fez com grande fruto, assim alli, como em Lisboa, & em Evora, aondè quer que os Reys se achavam; sempre, com grande applauso dos ouvintes, por verem hum prégador tam exemplar, & com grande gosto do prégador, por ver huma corte tam reformada, que naquelle tempo mais parecia eschola de religiosos observantes, que paço de cortesãos seculares: igual era a cõplacencia, q̄ tinha de ver a naçam Portuguesa tam inclinada à devaçam, & estima da Companhia.

Dáfenoticiã do P. Antonio d' Araós.

Anno de
Christo de
1544.

194

Chronica da Companhia Je desu em Portugal.

*Chega a
Lisboa o P.
pedro Fc.
bro.*

2 Em dia de S. Bertholameo, deste anno em que himos falando de 1544. chegou por mar a Lisboa cõ prospera navegaçam o Padre Pedro Fabro; & porque a corte estava entam em Evora, & nella tambem residia o Padre mestre Simam, & o Padre Antonio d'Araós; depois de se cõsolar muito cõ os poucos, q̃ estavam na residencia de S. Antam, dirigio seu caminho a Evora pera beijar a mam a elRey, & à Rainha D. Catharina, & á Princefa Dona Maria. Chegado o Padre Pedro Fabro aos pés delRey, com grande humildade, & reverencia deo da parte do nosso sãcto fundador, & em nome da Companhia, as devidas graças a sua Alteza, pelas singulares merces, & assinalados favores, que com larga, & liberal mam tinha feito à mesma Companhia; & pela paternal providencia, com que nam sò a emparava nos estados proprios, mas tambem a pretendia dilatar nos Reynos alheos, usando de meyo tam conveniente, como era darlhe por padroeira a serenissima Ptincesa Dona Maria, da qual nam duidava, pelo grande amor, que nos tinha, que imitaria a seu pay, em tambem ser protectora da Companhia; em cujos sogeitos esperava em Deos, que sempre viviria a gratidam, & o devido reconhe-

ciumento a tam singulares beneficios.

3 Recebeo elRey, com muita honra, & ouvio, com particulares finaes de contentamento, ao Padre Pedro Fabro, de quem já tinha grandes noticias de sua muita virtude, & estremada prudencia: acrescentandose em presença, pelo que nelle entam vio, a grande opiniam, que d'antes tinha, pelo que já ouvira. Sahio o Padre da presença real, & se foy com o Padre Araós às casas donde habitava o Padre mestre Simam, na rua, que chamam de Machede, visinhas ao sitio, em que agora està o nosso Collegio. Nam se pôde facilmente dizer de quanta consolaçam foy pera estes dous Padres (que, depois de sancto Ignacio, entam eram as duas principaes columnas, que havia em Europa, entre as primeiras, que pera a fundaçam da Companhia teve nosso glorioso Patriarcha) aqui renovaram a memoria de sua sancta conversaçam, quando estudavam em Paris, quando seguiam a sancto Ignacio, das peregrinaçens, dos trabalhos, das perseguiçoens, dos intentos de principiar a Companhia, que pela bondade de Deos viam confirmada pelo Papa, estimada por elRey, dilatada por seu Reyno, mandada

Anno da
Companhia
5.
Como foy
recebido
de Jua A.

Trata el-
Rey de dei-
car a Por-
ugal o P.
Pedro Fa-
bro.

à India, & a ponto de se es-
tender, com o favor da seren-
nissima Princeza, pelos Reynos
de Castella, & pelas Indias oc-
cidentaes.

4 Foy tal a satisfação, que
el Rey teve do P. M. Pedro Fa-
bro, de sua tam composta mo-
destia, tam assentadas palavras,
tam ajustadas acçoens, com
tudo o que era prudencia, &
sanctidade, que tratou de ante-
por o proveito do Reyno, ao
gosto da Princeza, querendo
que elle ficasse em Portugal, &
que o Padre Antonio d'Araõs,
acompanhasse a Princeza a Ca-
stella, parecendo que este ba-
staria pera naquelles Reynos
multiplicar o gram da mostar-
da da Campanhia; & que seria
grande gloria de seus estados,
& igual proveito, ter nelles em
Portugal, & na India os tres
mais prezados fogeitos de ma-
yor estimaçam na Cõpanhia, &
ostres dos primeiros, que segui-
ram a S. Ignacio, a saber, S. Frã-
cisco de Xavier, o P. M. Simam
Rodrigues, & o Padre mestre
Pedro Fabro. Isto traçava S. A.
& os intentos do Padre Fabro,
eram os do P. S. Ignacio, de vir a
Portugal, pera acõpanhar a Ca-
stella a serenissima Princeza, &
assim ter occasiam pera entrar
a Cõpanhia naquelles Reynos.
E porque grandes jornadas de
Principes nam se aprestam em
breve tempo, teveo o Padre Fa-

bro pera poder visitar (antes da
partida da Princeza) o Collegio
de Coimbra, que entam era os
olhos, & delicias da Cõpanhia,
assim pelo exemplo, cõ que nel-
le se procedia, como porque
mais avultava elle sò naquelle
tempo em Portugal, que tudo o
mais de nossa Religiam em to-
da Europa.

4 Grandissima foy a ale-
gria do Padre M. Pedro Fabro,
quando se vio naquelle novo
jardim do céu, já florido pela
graça divina, com novas flores
de tam escolhidos fogeitos, &
plantado, com a sancta industria
do Padre mestre Simam, de
generosas plantas, que prome-
tiam alegres esperanças de co-
piosos frutos. Grande era o
jubilo neste bom Padre, em
ver huma tam numerosa com-
muniidade, que mais parecia
no procedimento ser de anjos
vestidos em trajos de homens,
que de homens nascidos no
meyo do mundo; vendose cer-
cado de tantos filhos de sancto
Ignacio, que pelo mesmo titulo
lhe pertenciam a elle, nam ces-
sava de dar graças à divina bõ-
dade, por ver em tam breve
tẽpo em Coimbra, o q̃ em Paris,
& em Roma S. Ignacio, & os mais
cõpanheiros foram debuxado,
nam discrepado o q̃ via, cõ o mo-
delo, q̃ no alto do mõte de sua
cõtẽplaçã se lhe tinha represẽta-
do. Nã era menor a cõsolaçã dos

Anno de
Christo de
1544.

198

Anno da
Cõpanhia

5.

filhos , logrando a vista de pay tam sancto ; estavam em sua presença como suspensos de alegria , & como enlevados em o modo , que tinha de falar , de tratar de Deos, de praticar das virtudes, pendendo de suas palavras , como se fossem de hum oraculo de sanctidade ; lembrando-se , que tinham diante de seus olhos o primeiro companheiro de seu Padre sancto Ignacio ; & que aquelle era o de quem se contavam tantas maravilhas de notaveis inspiraçoens , & divinas illustraçoens do céu , & achavam que ainda a presença em muita parte lhes acrescentava a fama do que tinham ouvido.

Entrã muitos na Companhia por via do P. Pedro Fabro.

6 Nam he possivel, que o fogo deixe de abraçar , nem se podem por marcos , ou limites a huma inflammada charidade : dentro do Collegio estava recolhido o Padre Fabro , mas de tal maneira voou a fama de sua rara virtude por toda a Vniversidade , que era grande a multidam dos que o vinham demandar , pera consolar suas almas , & aliviar suas conciencias , com hum homem, a quem tinham por prudente, a quem veneravam por sancto ; pediam muitos os exercicios , & muitos pretendiam

entrar na Companhia ; a tudo ajudava o Padre Francisco Estrada com seus sermoens . Foram os que neste tempo abraçaram a cruz de Christo o Padre Manoel de Sã, mancebo de excellente habilidade , & talento ; tam conhecido ao diante no mundo todo, por suas obras, que nos deixou impressas, em especial por aquelle livrinho de ouro, a quem , com rezam, chamamos Manual ; porque , na verdade, anda nas mãos de todos: foy prègador do Papa em Italia , doutor famoso, homem de grande virtude , & letras. Entrou logo o Padre Antonio Gomes, insigne doutor Theologo Sarbonense , & muito conhecido, de excellente engenho, & dos mais afamados prègadores; nem menos rico, nem pouco esquecido do que tinha, pera deixar tudo aos pobres. Após este se seguiu o Padre Miguel de Sousa , filho de Antonio de Sousa , fidalgo muy conhecido, de quem adiante falarèmos : & logo o Padre Ioam Aspilcueta Navarro , sobrinho do grande doutor Navarro , de quẽ tambẽ adiante faremos mençam.

7 Logo entrou outro, digno de perpetua memoria, & dado por singular providencia, & merce de Deos nosso Senhor á Cõpanhia, o qual foy o P. Luis gõçalves da Camara, q̃ neste tẽpo

Entra na Cõpanhia Luis Gõçalves da Camara.

era

Anno de
Christo de
1544.

Pais illu-
strissimos
de Luis Gõ
çalves.

Anno da
Companhia
5.

era estudante theologo, com cursos acabados, & passante naquella Vniversidade, de grande habilidade, & saber, que se estedia a muita erudiçam, & variedade de letras humanas, expediçam no falar, & entender as lingoas Hebraicas, Gregas, & Latinas; tudo acompanhado com muita prudencia, & singular aviso. Sobre estes bons talentos, era do illustre sangue do Reyno, irman de Simam Gonçalves da Camara, primeiro Conde da Calheta, capitam mór da ilha da Madeira (hoje seus descendentes são Condes da Calheta, & se intitulam Côdes Capitaes) eram ambos filhos legitimos de Ioam Gõçalves da Camara de Lobos, capitam mór da dita ilha, & de D. Leonor de Vilhena, a qual era filha de Dõ Ioam de Meneses Conde de Tarouca, que tambem foy Prior do Crato, a quem chamavam, naquelle tẽpo, o Conde Prior, mordomo mór del Rey D. Ioam o II. & del Rey D. Manoel; & cõforme isto ficava o Padre Luis Gonçalves da Camara sendo primo do irman D. Rodrigo de Meneses (de quẽ falamos atrás) porque a mãy de Luis Gonçalves da Camara, era irmã do pay de Dom Rodrigo, & ambos filhos do Conde Prior. Tinha o P. Luis Gõçalves da Camara estudado em Paris com mestres doutissimos, & tinha sahido muy

aproveitado. Naquella Vniversidade conheceo o Padre Pedro Fabro, & os mais primitivos Padres de nossa Religiam. Fudada depois a Vniversidade de Coimbra por el Rey D. Ioam o III. se retiraram os estudantes fidalgos Portugueses da Vniversidade de Paris, pera a sua de Coimbra, nam só por dar gosto ao Principe, que a fundara; mas pera autoridade da patria, que os gerara.

8 Aqui assistia Luis Gonçalves da Camara, no tempo que chegou a Coimbra o Padre Pedro Fabro, & pelo conhecimento, que delle tivera em Paris, o buscava muitas vezes, & o tratava cõ grande gosto, & satisfaçam de sua alma; & com tam suaves, & religiosas praticas se moveo de maneira, que tratou de ser religioso, com o mayor desprezo do mudo, que podesse fer; por esta rezam (como elle cõtou ao P. Manoel Godinho) quiz escolher a Cõpanhia, por ser entam a Religiam mais moderna, menos conhecida, & aõde se lhe fechavam as portas pera dignidades, & prelasias, q em outras Religioes, conforme suas constituicoes, licitamente se admitem. Resoluto assi Luis Gonçalves da Camara, pedio logo a Cõpanhia, & foy nella admittido pelo P. Pedro Fabro, a quem particularmẽte devia sua vocaçam, assi pelo conhecimẽto

Occasiam,
q teve Luis
Gõçalves
para entrar
na Compan-
hia.

Anno de
Christo de
1544.

Anno da
Companhia
544

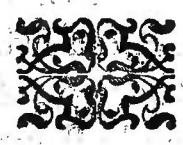
antigo, q̄cõ elle tivera em Paris, como pelos conselhos, que agora lhe déra em Coimbra. E como o espirito, com que Deos o trazia, era tam fervoroso, pedio que a primeira experiencia, que entre nòs se costuma dos exercicios espirituales, se lhe dèssẽ em algum lugar separado, & ausente de Coimbra, aonde lhe nam podessẽ chegar novas de parentes, & amigos, pera que de todo perdèsse a memoria delles, quem sò pretendia lembrar-se de Christo: condescenderam os superiores com esta sua devaçam, & o mandaram tomar os exercicios na villa de Coja, sete legoas de Coimbra, do senhorio do Bispo Conde.

9 E porque de veras queria fugir do mundo, (como outro Abraham, a quem Deos disse que deixasse, nam sò sua patria, mas tambem seus parentes) pedio licença pera ter o noviciado fóra de Portugal; & alcançando o despacho desta sua petiçam, de Coja foy peregrinando ao Reyno de Aragam, a fazer seu noviciado em o novo Collegio de Valença, aonde era Reitor o Padre Diogo de Miram: os companheiros, que levou consigo eram o Padre Urbano, que depois foy Reitor de Coimbra, & morreu na viagem da India; & Manoel de Sá, de quem já aqui falamos, insigne doutor, & excellente prégador,

que estes eram os fogeitos, que naquelle primeiro tempo buscavam a Companhia. Tal foy o espirito, que o Padre Luis Gonçalves da Camara ganhou neste breve tempo, que sendo Reitor o Padre Martinho de sancta Cruz, quando elle entrou na Companhia, elle mesmo foy o Reitor que logo lhe succedeo; porque como os nossos religiosos primitivos, tam de veras se entregavam a Deos, em breve tempo alcançavam o que demanda muitos annos de experiencia; que nam he esta a primeira vez, em que a abundancia da graça robusta suppriõ os defeitos da natureza fraca; pois sabemos, que Sam Paulo, sendo d'antes peccador, prégou logo como doutor, & de repente sahio sancto, com admiraçam de todos, sem lhe ser necessario tomar liçam como discipulo dos Apostolos em Jerusalem, pois tivera por mestre ao mesmo Deos

no terceiro

cèo.



Vay Luis
Gonçalves
ter o noviciado fora
de Portugal.
Gen. c. 12. n. 1.
Egredere de terra tua, & de eognatione tua.

Ad. c. 9. n. 20.
Et contub in synagogis predicabat Iesum.

CAPITULO XXXIX.

Como por meyo do Padre Pedro Fabro, veyo milagrosamente à Companhia hum nobre Abbade de entre Douro, & Minho, chamado Ioam Nunes Barreto.

Estas eram as obras, que em Coimbra exercitava o Padre Pedro Fabro; estes os fogeitos, que, com seu exemplo, ao perto, nos trazia à Companhia; muito mais ao longe se estendiam suas influencias; como succede ao Sol, que aonde nam chega com rayos claros, penetra com virtudes occultas: veremos neste capitulo huma admiravel vocaçam de hum excellente fogeito, dos melhores que teve esta Provincia, que entrou na Companhia, morando junto a Braga, trazido pelo Padre Fabro, que estava dentro de Coimbra.

Havia naquelle tempo hum nobre Abbade da Igreja de nossa Senhora de Freiris, entre Braga, & Ponte de Lima, chamado Ioam Nunes Barreto, natural da cidade do Porto, filho legitimo de Fernam Nunes

Barreto, senhor do morgado de Freiris, & Penagate; o qual foy ditoso nos filhos, que Deos lhe deo, porque teve oito; quatro femeas, que entraram em Santa Clara do Porto, aonde foram religiosas de grande exemplo. Dos filhos o mais velho foy Gaspar Nunes Barreto, que herdou a casa, & foy pay de D. Ieronymo Barreto Bispo do Algarve, & de Fernam Nunes Barreto, segundo do nome, de quem naceo Dona Izabel Henriquez, que casou com Dom Fradique de Meneses (irmam do Conde de Cantanhede) dos quaes naceo Dom Affonso de Meneses (que hoje vive, & herdou a casa) Dom Francisco de Meneses, que he Conego doutoral d'Evora, Fr. Fernando de Meneses, Fr. Ioam de Meneses, ambos religiosos de S. Domingos, que sam hoje illustrissimos fogeitos em letras, & em virtude. Os outros tres filhos de Fernam Nunes Barreto, primeiro do nome, todos, deixando o mundo, nos honraram, como tres preciosissimas joyas, os principios de nossa Religiam; hum delles foy o Padre Melchior Nunes Barreto, do qual já falei no capitulo 22. o outro foy este nobre Abbade Ioam Nunes Barreto (de quem agora trato neste capitulo) & nelle tinha seu irmam Gaspar Nunes Barreto appresentada aquella Ab-

Ioam Nunes Barreto Abbade de Freiris, que foram seus pays.

Christo de
1544.

badia de Freiris, por ser de seu padroado, como ainda hoje he de seus herdeiros; do quarto, & ultimo irman, que foy o Padre Affonso Barreto, falarêmos no capitulo 43. Estudou o Abbadé, sendo ainda mancebo, em Salamanca, fazendo vida tam exemplar naquella Univerfidade, que commummête lhe chamavam o Abbadé sancto. Formado em letras se véyo à sua Igreja a reformar na sanctidade, curando de suas ovelhas como bom pastor, & continuando sua vida, como homem sancto. Era muy dado à óraçam, na qual galtava no dia sete horas, & lhe contentava muito a vida contemplativa, gostando da suavidade, que nella achava, retirado dos homens, de quem fugia, & abraçado com Deos, a quem buscava.

3 Muito desejava seu irman o Padre Melchior Nunes, que já tinhamos na Companhia, de ver ao Abbadé fazer hũa composiçam de ambas as vidas por óraçam, & acçam; tratando de fazer bem aos outros, assim como se aproveitava a sy; & vendo que em nenhũa parte podia melhor fazer esta sancta uniam, que na Companhia, buscou occasiam pera o persuadir; tevea boa, hindo em peregrinaçam a Sanctiago de Galliza, passou pela Igreja de Freiris, vio a seu irman, deolhe as boas

novas, do grãde bem, que achava na Companhia de IESV, como as deo alguma hora S. André a seu irman S. Pedro, do que achava na de Christo. Trouxe de o persuadir, a que, deixando os perigos do mundo, aonde estava, se recolhesse ao quieto remanso da Religiam, que elle escothera; porq ali acharia lugar pera suas contemplações, & o teria muito bom a vida activa, sanctificando se a sy, & aproveitando os outros; porque aquella he a mais perfeita vida, conforme a melhor doutrina de graves, & antigos Padres, que a tenta ao bem proprio por óraçam, & tambem trata do alheo por acçam; pois esta exercitou Christo em sy, & a ensinou a seus Apostolos.

4 Com melhor galardado recebeu o Abbadé ao peregrino, do que ovio sua propolta, sempre lhe foy rebatendo os tiros, que fazia; respondeo, que elle se achava muy contente cõ aquelle modo de vida; & que ainda que confessava ser mais perfeita a vida, que ajuntava a contemplaçam de Maria, com a operaçam de Martha, que elle nam pretendia buscar o melhor, senam que se queria aquietar com o que se achava bem; que nem elle tratava de mudar estado, nem havia pera que lhe falar em mudança de vida. Sahiose o Padre Melchior Nunes

a
Ioa. c. 1. n. 41
Invenit hic Petrus
& dicit ei in
nimus Melchior

b
D. Ignat. ep. 1.
ad Ioan. Evag.
D. Greg. in Job.
lib. 6. c. 25. &
26. In Ezech.
lib. 1. hom. 12.
D. Tho. 2. 1. q.
184. a. 7. ad 3.
& 3. p. q. 10. 2.
1. ad 1.

Era muy
dado á cõ-
templação.

da casa do Abbade, mas nam deixou a pretença da batalha, que com elle trazia; & posto que por entam lhe deo tre-goas, cessando da bateria, deixou na alma atravessada a sêta vital das rezoens, que lhe tinha praticadas: voltouse a Coimbra, escreveu huma carta ao Abbade, pedindolhe quizesse chegar a Coimbra, & consolar-se com os Padres, & irmãos daquelle Collegio, & communicar sua alma a hum homem sãto, que ali esperavam, que era o Padre Pedro Fabro, primeiro companheiro de S. Ignacio. Recebeo o Abbade a carta, & andando lidando com estes pensamentos, depois de encomendar muito o negocio a Deos, & mandar por esta intença dizer muitas missas. Recolhendo-se huma noite a repousar, teve huma visam em sonhos (que tambem entre sonhos se comunica Deos aos que o buscam em vigia) parcialhe que via hum sacerdote dizer missa solenne, a qual elle Abbade ministrava, como diacono; & que chegado o sacrificio a tempo de dar o diacono a paz ao sacerdote, como se costumava naquellas Igrejas, hindo pera lha dar a parte direita (conforme a ordem, & costume) o sacerdote lhe dizia, que lha desse da parte esquerda: atè que, entre as replicas, & & porfias de parte a parte, es-

peritou o Abbade, nam sem espanto da novidade do sonho, q logo se lhe soltou, com huma clara luz do entendimêto, com que Deos o alumiou, que nam tratasse de buscar a paz só na vida contemplativa, que elle tinha por direita, mas que tambem a buscasse na activa, que a elle lhe parecia ser esquerda.

5 Penetrado o Abbade com esta visam, & com a nova explicaçam, que Deos lhe inspirou, levantou o coraçam ao cêo, pedindo, com muitas lagrimas, a Deos, lhe desse a sentir o que mais fosse de seu serviço, & mayor gloria; & pera que melhor assegurasse o bom despacho da supplica, recorreo ao favor da Virgem Senhora, como a intercessora, & avogada geral de nossos requerimentos, grangeandoa com huma promessa de missas. Logo a piedosa Virgem (couza notavel) em dia da commemoraçam dos fieis defunctos (estando o devoto Abbade tratando com a Senhora, de seu requerimento sobre o estado de vida, de que devia fazer eleiçam) lhe appareceo cercada de resplandores de gloria, cõ fermosura, & magestade de Rainha do cêo, & Senhora do mûdo, da maneira, q se costuma manifestar aos bemaventurados, acompanhada tambem da presença de hum veneravel sa-

5.

Sonho mysterioso do Abbade Joam Nunes Barreiros.

Visam maravilhosa, que teve o Abbade.

Anno de
Christo de
1544.

Anno da
Companhia
5.

cerdote, ao qual o Abbade muy bem conheceo, que era o mesmo na figura, & nas feicoes, no gesto, & no rosto, que vira no sonho dizer missa solenne, & lhe nam aceitara a paz pela parte direita. Com tam regalada visita se prostrou por terra o devoto Abbade, diante de tam soberana Magestade, á vista de tam singular beneficio; & logo ouvio a mesma Senhora, que lhe dizia; que se fosse ao Collegio da Companhia de IESV em Coimbra, & nelle fallasse com aquelle seu servo, que ali via. Desappareceo a visam, & com ella tambem o nevoeiro de duvidas, com que o Abbade andava embaraçado: entrou em grandes jubilos de celestial alegria, com tam autorizada guia de quem o encaminhasse, que nam poderia deixar de acertar; quem por tal norte se governasse.

Vê logo a
Coimbra o
Abbade Io
am Nunes
Barreto.

6 Nam sabe a divina graça ser vagarosa na execuçam dos conselhos, que nace do author della. Nam dilatou a jornada por concertos, & aprestos de Abbade rico, com hum bordam na mam, & com hum habito de peregrino, se partio ao outro dia pera Coimbra; & no caminho mais parecia voar, que andar; tal era o fervor do espirito, que o levava; & tal a lembrança da visita da Senhora, que o espertava. Chega ao

Collegio de Coimbra, dá conta a seu irmam o Padre Melchior Nunes de suas felicidades, que se o foram a primeira vez em sonhos dormindo, mayores lhas fez a Virgem sanctissima em vigia, quarenta dias esteve com grãde consolaçam sua recolhido no Collegio de Coimbra; & sendo já tam grãde o numero dos religiosos, entre todos conheceo quem era o Padre Pedro Fabro, pelos sinaes que na alma lhe ficaram impressos de ser aquelle o sacerdote do altar, & o companheiro da Virgem; lançouse por terra pera lhe beijar os pés, & era o menos que cuidava merecer pessoa, a quem nam vira, senam celebrando sacrificios divinos, ou acompanhando a mãy soberana. Comunicoulhe o Abbade suas duvidas, disse-lhe do sonho, & da visam, que tivera; deolhe conta da consolaçam, que tinha no retiro da contemplaçam; & das inspiraçoens, que sentia pera servir a Deos, ajudando a salvaçam dos proximos.

7 Logo o Padre Pedro Fabro lhe deo o despacho de seu sancto requerimento, com estas formaes palavras: *Nam vos deixeis, senhor, levar do gosto da contemplaçam, de que gozáis na vossa Igreja, que o inimigo a toma por meyo pera vos deter no mundo, entre as vendas, regalos, & serviço de vossos criados, com o pezo de vossas ovelhas ás*

Conheceo
P. Pedro
Fabro se o
ter visto.

Anno de
Christo de
1544.

Bern. sup. Car.
ser. 31. Et quis
nempe ad hoc
jstoneus? nec
sanctusprophe
ta qui ait, Nisi
Dominus cul-
todierit. &c.

Pede en-
trar na Cõ
panhia.

Liuro primeiro. Cap. XXXX.

203

Anno da
Cpanhia
5.

costas, pera o que S. Bernardo, ^a nam achava a hombros bastantes mais que os divinos: quanto mais que nesse modo de vida nam acharéis daqui por diante a consolaçam, que ategora tinheis; porque em quanto vos parecia ser essa a vida, em que mais agradaveis a Deos, podieis ser nella consolado; mas agora, que o Senhor vos tem mostrado outra mais perfeita, em que de todo podeis morrer ao mundo, & viver a Christo, trazendo muitas almas a seu conhecimto, & serviço, nam poderéis estar quieto na vossa Igreja, vivendo com liberdade, comendo a vossa renda, limtando a vossas ovelhas a charidade, que podieis estender ao mundo todo.

8 Bastou tam abreviado roteiro ao Abbade, pera logo se resolver a deixar duvidas, & a mudar estado; lançase aos pés do Padre Fabro, pedelhe, com instancia, o receba na Companhia, & o encaminhe em seguit huma nova vida, com que se aproveitasse a sy, & salvasse aos outros. Quiz o Padre que houvesse mais alguma detença em negocio, que pedia tanta madureza; respondeolhe desta maneira: Nam vos determineis, senhor, tam depressa, ainda tendes mais que fazer, levantavos hoje á meya noite, como he vosso costume, & posto em oraçam diante de Deos, do intimo de vosso coraçam, vos offerecei, & designai todo em suas divinas mãos: logo desafiou a Lucifer, que venha com suas tentações: & vindo a manhã, direis missa, pedindo ao Senhor vos allumie, &

conforte na que for mais sua vontade, & no em que, diante da sagrada Eucharistia, vos resolverdes; nisso assentai, & ficai firme pera sempre. Com grande obediencia fez o devoto Abbade tudo o que feu instructor lhe ordenara. Levou a noite vigiando em oraçam (como succedeo a frey Angelo no alto de hum monte, por ordem de S. Francisco) desafiou ao pay das trevas, que jugou fortemente das armas, usando de suas traças, & astucias, representando-lhe as rendas, que deixava, as esperanças, que cortava, & os trabalhos, a que se fogeitava: com tal vehemencia lhe fez esta guerra umbratil, & imaginaria, que parecia em tudo real, & verdadeira. De tal maneira se reportou o Abbade na briga, que o inimigo lhe deo as costas, & nunca mais o buscou em materia de vocaçam. Veyo o dia, fez o mais, que o Padre Fabro lhe tinha ordenado, entregandose nas mãos do divinissimo Senhor, que nas suas tinha, estando na missa; & com suavissima illustraçam do entendimento, & efficaç deliberaçam da vontade, se resolveo a entrar na Companhia, na qual foy recebido pelo Padre Pedro Fabro, & nella viveo nam menos conversando com Deos, como sancto contemplativo, que tratando com o proximo como apostolo activo. Este he aquelle

Como vencè as difficuldades, que o diabo lhe punha.

Entra na Companhia.

insigne

Anno de
Christo de
1544.

204

Anno da
Companhia
5.

inlignie servo do Senhor o Padre Ioam Nunes Barreto, que foy Patriarcha de Ethiopia (como adiante veremos no liuro quinto) pessoa de muita prudência, & rara piedade, escolhido pera aquella dignidade em lugar do padre Pedro Fabro, em quem elRey Dom Ioam a tinha nomeada, se Deos nosso Senhor o nam escolhèra primeiro pera o céo; ordenando Deos as cousas de sorte, que o Padre Pedro Fabro nos trouxesse à Religiam quem o imitasse na sanctidade de vida, que tinha; & quem lhe succedesse na dignidade do cargo, que elRey queria que tivesse.

9 Voltou o Padre Pedro Fabro pera Evora, com intentos de acompanhar a serenissima Princesa, cuja partida pera Castella estava destinada, em passando as calmas deste anno de 1544. porem huma grave doença, que em Lisboa teve, veyo muito a proposito aos intentos reaes, de o deixar em Portugal; porque a Princesa se partio logo em Outubro, & o Padre Fabro ficou enfermo.

No capitulo seguinte veremos o que fez, depois de convallecido.



CAPITVLO XXXXI.

Alcança o Padre Pedro Fabro licença pera se hir a Castella; escreve ao Collegio de Coimbra, & mandalhe algumas reliquias, & finalmente se parte pera Valladolid.

R Esidia a corte neste tempo em Evora, pera esta cidade endereçou o Padre Pedro Fabro seu caminho (depois de cobrar bastante saude) nella foy recebido de sua Alteza, com as mesmas demonstraçoens de benevolencia a sua pessoa, & satisfação de suas obras. Recorreo logo o Padre a seus usados exercicios, & cõtinuados exemplos, com que a todos causava nam menos devaçam, que grande admiraçam, vendo todos nelle hum tam perfeito religioso, que nos trajos parecia homem, & na vida era Seraphim. Era tal a suavidade de sua conversaçam, que a todos satisfazia; de sorte, que sem biocos, & sem vans ceremonias (nas quaes muitos cuidam, que consiste a virtude) trazia a sy os mayores, & os mais luzidos cortesaõs, que o buscavam como a oraculo, & o ref-

Como se havia na Corte o P. Pedro Fabro.

peitavam

peitavam como a sancto; vindo à practica com elle, quando se nam precatavam, por mais polidos, & discretos que fossem, se achavam ausentes da corte de Portugal, & presentes na curia do cêo. Era nelle particular graça de Deos, a boa graça, & grãde desabafamento, com que entrava nas materias de espirito, & sahia das da corte, quando nella o metiam, tirando de cousas ordinarias occasiam de practicas superiores, imitando aquella sancta destreza de Christo no trato dos homens, porque pedindolhe a Samaritana, que lhe desse agoa do poço, logo lhe offereceo a fonte da graça: & tratando com os Apostolos ^b da seara, que viam, logo lhes meteo a practica da colheita das almas; que assim se aproveitava Christo do humano, pera meter o divino, como advertio o Cardenal Cayetano, *Sumpra occasione ex fonte, docuit de gratia.* Tam engenhoso he o amor dos proximos. Era tambem nelle dom particular de Deos, ver como se fazia senhor da roda dos fidalgos, que em brevissimo espaço se achavam discipulos de sua doutrina angelica, & divina, esquecidos da cortesã, & humana. Guarnecia todas estas mostras de sancto cortesam, com huma modestia seraphica, huma

alegria no rosto, huma compostura no exterior tam bem affombrada, que parecia que andando na terra, entre os homens, habitava nos céos, vendo a Deos. Muito crescia a opiniam, que todos delle tinham, com vezem que naquella corte, aonde tinha tam grande entrada com o Rey, & com todos seus validos, de nenhuns se queria valer, pera negocio algum temporal: tam grande he a força do espirito, que tudo converte em sy, & tudo faz ausente, & peregrino do que leva a mayor bem.

2 Tudo isto obrigava a sua Alteza a desejar efficazmẽte de mudar o conselho, que d'antes tivera, na vinda do Padre Fabro a Portugal; & como a Princesa se partira já sem elle, pela occasiam da doença do Padre, lhe parecia que era muito mais facil havelo de persuadir a ficar, aonde era tam estimado, & desejado, fazendo natural do Reyno por residencia, já que o nam era por natureza. Porem os intentos do Padre Fabro mais eram hir aonde procurasse o bẽ da Companhia, que deixar se ficar aõde o acõpanhavam os favores reaes. Via q̃ o tinham tirado de Alemanha (aonde estava, com ordem de sua Sãctidade em negocios gravissimos) por se

^a
Ioa. 4. n. 6. Da mihi bibere, &c. & n. 14. Fiet ei fons aquaz salientis in vitam æternã.

^b
n. 35. Et venit messis. ibid. Videte regiones, quia albae sunt ad messẽ.

Catec. ibi. Ita salutẽ annunciat sub metaphora fugum.

Prêtede o P. Fabro hir a Castella.

Anno de
Christo de
1544.

206

Chronica da Companhia de Iesu em Portugal.

Anno da
Companhia
5.

dar gosto a elRey, & por se multiplicar a Companhia em Hespanha, como S. Ignacio pretedia; & que ficaria isto frustrado, se pelo gosto particular de S. A. deixasse de acodir ao commum da Companhia, porq̃ aquelle affas se supria cõ a presença do P. M. Simam, & pera acodir a introduzir a Companhia em Hespanha (em quãto era bafejada cõ o emparo da serenissima Princesa) nam se acharia tã facilmente outra igual occasiam. Tudo isto se cõmunicou a S. A. & valeram tanto as rezoës deste bendito Padre, q̃ se movèo elRey, ainda q̃ cõ grãde difficulidade, a cortar pelo gosto de sua pessoa, por acodir ao proveito da Companhia. Tomada esta resolução, & havida a licença pera se partir, quiz este sãcto varã dar hũ regalo a suas saudades, cõ falar algũ pouco, por carta, cõ seus muy prezados irmãos do Collegio de Coimbra, & esperar-lhes mais as q̃ là padeciam por sua ausencia, mãdãdolhe hũ penhor de suas cordeaes lembranças, com as quaes, por largo tempo, o fizessem presente, como fazem ainda hoje. Foy este penhor de algũas sagradas reliquias, de grande estima, que trouxera de Alemanha, as quaes elle mesmo, com autoridade apostolica, tirara de hũ mosteiro de religiosas na cidade de Colonia Agripina, & outras, que

Reliquias,
q̃ manda
a Coimbra
o P. Pedro
Fabro.

elle resgatara em algũs lugares inficionados de hereges, pera as trazer aonde fossem estimadas com a devida veneraçam.

3. Entre estas preciosissimas joyas, vinha hũa cabeça de hũa das companheiras da gloriosa virgem sancta Virsula, com certidã passada por sua mam, pedindo, & encõmendando muito aos Padres, & irmãos do Collegio de Coimbra, venerassem cõ grande devaçam aquella sancta reliquia, pelo muito que a sagrada virgem merecera, em dar a vida pela honra de Christo, & pella defensã da pureza. Festejou se muito no Collegio tam sancta, & tam rica peça, com pijsimos affectos, devaçam, & reverencia a tam virginal thesouro. E tal foy o espirito, & festa, com que no Collegio se recebêram, & agasalhãram prẽdas de tanta estima, que ficou em perpetua solennidade festejar se, naquelle sancto Collegio, o dia das onze mil virgens, aos vinte & hum de Outubro, com particular devaçam de jubileo, de prẽgaçoens, de poemas, emblemas, & outras semelhantes festas, à honra das sanctas virgens. E deste Collegio se dilatou esta devaçam a todas as mais casas da Companhia, em Portugal, India, & Brasil, venerando todos, com grande

Sam feste-
jadas no
Collegio de
Coimbra
as onze
mil vir-
gens.

solen-

solénidade, & devaçam estas sagradas virgês; & pretédendo alcãçar por sua intercessam a pureza, que a Cõpanhia, cõ muy particular affecto, deseja ver em seus filhos, que dentro cria, & em os estudantes, que fóra ensina.

4 Outro penhor, de grãde estima nossa, mãdou o P. Fabro a seus muy estimados irmãos de Coimbra, q̄ foy hũ carta, escrita d'Evora, q̄ como reliquia guardamos no cartorio de Coimbra, q̄ (por ser de hũ varã de tanta virtude, tam eminẽte, primeiro cõpanheiro de nosso S. P. & a quẽ, depois d'elle, devemos o bẽ, q̄ logramos na Cõpanhia) me parecẽo relatar aqui, diz el la assi.

5 Charissimos em Christo irmãos. A graça de Iesu Christo N. S. & o amor do espirito sancto, seja sempre em vossos coraçõs. Ategora vos nam pude escrever causa certa de nossa partida. El Rey, depois de minha chegada a esta corte, me concedeo licençã, mas pouco depois na tornou a negar. Cõ tudo vencidas as difficuldades, cõforme ao q̄ creio ser vontade do Senhor, á força de rezões, & instãcias alcãçamos o que era em serviço do Senhor, q̄ livremente pude hir aos Reynos de Castella. Por tãto rogai ao que he vida, & saude de todos, q̄ seja em nossa cõpanhia, em todos nossos caminhos. O dia de nossa partida desta corte nam está certo, esperamos seja por toda a semana seguinte, por causa de hum negocio de muita importancia. Nam poderei, conforme minha esperançã, & a vossa, & meu de-

sejo passar por esse Collegio, o que na verdade me chega muito, & a vós tãbẽ, conforme vossa charidade, poderã ser causa de sentimento. Sabe nosso Senhor quanto desejei consolarme cõ vosco por algũs dias nesse Collegio; camberã sabe a consolaçam, & edificaçam, que por ventura dahi esperavas mas a vós, & a mim camberã sofrer, pera que se cumpra, nam a nossa vontade, mas a de Deos perfeitamente. Por esta causa sou forçado fazer por carta o que, com mayor gesto, fizera em presençã, pera, com esta ultima despedida, melhor poder merecer terdes diante de Deos lembrança de mim; pois todos, irmãos meus charissimos, entendeis quanta necessidade tenho de vossas oraçoens, & sacrificios.

6 Eu nam sey por quanto tempo me despido de vós, por que por ventura sera temeridade dizer, que ainda, antes de morrer, vos tornarei a ver; por outra parte seria sobeja desconfiança, desesperar de ver a muitos de vós. Sabe nosso Senhor com quanta pena eu soffro isto, a qual de vossa parte cuidonã sera menos. Sou constrãgido a despedirme de vós por carta, havẽdo de o fazer por palavra, pera que mais firmemente pudesse merecer vossas lembranças; por que nenhum de vós hã, charissimos irmãos, que nam saiba muito bem quam necessaria me seja a vida de todos. Eu nam sey quam comprido serã este vale, que agora vos dou. Vivite igitur felicẽs, & servi sempre a Christo N. S. cõ alegria, nam dando nunca de mam àquelle, q̄ toda a boa disposiçã nos cõcede. Estai todos nisto, & nã vos apeguéis

Carta do
P. Pedro
Fabro aos
irmãos de
Coimbra.

Anno de
Christo de
1544.

208

Chronica da Companhia de Iesu em Portugal.

Anno da
Companhia

5.

a ninguẽ tirado a Iesu Christo, o qual vos nam pode ser tirado, porq̃, ainda que a presença corporal dos homẽs nos possa algumas vezes aproveitar; com tudo mais frequentemente nos empece, & por isso vos haveis de costumar àquella conversaçam, que toda he do ceo. Haja embora conversaçam transitoria, em quãto nos serve pera passarmos às cousas eternas. Recreenos a voz viva, que aproveita, mas nam de qualquer maneira, senam em quãto nos guia pera a voz interior. & que nos seja em o coraçam: o mesmo differa dos mais sentidos, os quaes tambem presencialmente mostram varias differenças de cousas, & entam muito mais nos aquietam, quando por elles somos excitados aos sentidos interiores das cousas espirituales; os quaes sentidos, charissimos, tanto he necessario, que andem em nós mais exercitados, quãto o proveito dos exteriores he menos: & este ganho tem principalmente aquelle, a quem a sabiduria ensina por sy, & a quem diz, * Audi filia, & vide, & inclina aurẽ tuã. Estas cousas sam ditas pera aquelles, que costumam entristecerse demasiadamente, quando os amigos se lhes ausentã.

7 Se aos Apostolos de Christo * foy conveniente carecerem da presença daquelle, que com ella dava saude ao mundo, por ventura nam serã necessario q̃ tudo aquillo que nos faz presentes, nam somente se nos tire, mas ainda de todo pereça? Humã sò cousa releva, que fique em o meyo do que Deos quer de nós, que he Christo medianeiro entre Deos, & os homens, o qual he tudo em todos. A este, pois, tenhamos sempre

presente, & neste, como em fonte, se busque cadabũ a sy, & a seu irman. Busquemonos por mutua contẽplaçam na sacratissima Virgem; eis aqui, charissimos, aonde vos leva este meu vale, àquelle, cujo vale dicere, & facere est conferre ipsam valetudinẽ, ao qual peço, ut de røre eius, & de pinguedine eius sit benedictio vestra, Benevalete, & in eodem Iesu Christo Domino nostro.

De Evora 20. de Março de 1545.

Vosso irman em Christo
amantissimo

Pedro Fabro.

8 Foyse finalmente o Padre Pedro Fabro a Castella, chegou à corte de Valledolid, aonde estava a Princeza Dona Maria, & com seu real favor se comecaram a fundar Collegios nossos em Castella; o que se fez com socorro de gente, que de Coimbra mandou o Padre M. Simam, como logo veremos, pera que entendamos, que esta provincia he mãy, namsò de todos os Collegios fudados na India, & Brazil, mas tambem dos que se fundaram em Hespanha, pera que assim o Oriente, como o Occidẽte, reconheçam a este sancto Collegio por autor deste bem, & cõfessem as obrigações, em que estam à Provincia de Portugal.

[?]

Sen. e. 17.
n. 28.

A Provin-
cia de Por-
tugal foy
principio
da de Ca-
stella.

Pf. 44. n. 11.

d
ca. c. 16. n. 7.
Expedit vobis
ur ego vadam.

CAPITVLO XXXII.

*Do socorro de religiosos, que
o Padre mestre Simam man-
dou ao Padre Fabro a Castel-
la: E do que este ben-
dito Padre escreveu
ao Collegio de
Coimbra.*

*A Princesa
D. Maria
muy affei-
çoada à Cõ-
panhia.*

I Notavel era a deva-
çam, que a serenif-
sima Princesa Dona
Maria tinha ao Padre Pedro
Fabro, & grandissimo o amor,
cõ que tratava as cousas da Cõ-
panhia, como filha dignissima
de hũ Rey, que foy pay de to-
da nossa Religiam; & se a vi-
da lhe durasse mais tempo, se-
riam, sem duvida, muito ma-
yores os progressos da Compa-
nhia em os Reynos de Castella;
porem a morte envejosa nam
deixou a Hespanha gozar por
muito tempo esta grãde felici-
dade, porq̃ morreo do primeiro
parto, no anno de 1545. sendo
de idade de dezasete annos, &
nove meses, parecendo merece-
dora de viver annos eternos. Cõ
tudo nesse tempo, que teve de
vida, procurou com todo o cui-
dado o bom logro da Cõpanhia
em Castella, alcançando licença
da Magestade do Emperador

Carlos V. & do Principe Dom
Philippe seu marido, & filho do
Emperador, pera a Cõpanhia fi-
car de assento nos Reynos de
Hespanha, & se dilatar nella
por fundaçam de casas, & Col-
legios, cõforme a nosso institu-
to. Pera este effeito mandou o
Padre Pedro Fabro pedir ao P.
M. Simam, que lhe mandasse al-
gum subsidio de gente do Col-
legio de Coimbra.

2 Com muito gosto tratou
logo o P. mestre Simam de de-
ferir a esta petiçam, vendo a
porta, que se abria de tãta glo-
ria de Deos, pera a Companhia
entrar em Castella, & nas suas
conquistas; mandoulhe logo
ao Padre Andre de Oviedo (de
quem no livro quinto faremos
mençam, que a merece elle
muy larga, por ser hum dos
mayores servos de Deos, que
teve a Companhia) mandou-
lhe mais o irmam Francisco
de Villa nova (de quem fa-
lei no capitulo 36.) mestre
Hermes, & mestre Maximilia-
no Flamengos, Francisco Gal-
lo Francês. Logo o Padre Fa-
bro fez repartiçam destes so-
geitos enviandoos a Gandia, a
Alcalá, aõde assistiram com ra-
ro exemplo à fundaçam daquel-
les Collegios. Mestre Hermes
ficou em Valledolid com o Pa-
dre Pedro Fabro.

3 Foram tambem inuiados
em outra occasiam, pera q̃ em

*Mãda o P
M. Simam
gente de
novo a Ca-
stella.*

Anno de
Christo de
1544.

210

Anno da
Companhia
5.

*Voltam a
Coimbra
os Padres
Vrbano, &
Luis Gon-
çalves.*

principio do novo Collegio de Valença, tivessem seu noviciado Luis Gonçalves da Camara, com o intento, que dissemos, de se alongar de seus parentes, & os irmãos Urbano, & Manoel de Sá; destes dous o irman Urbano veyo a ser Reitor em Coimbra, & acabou, com grande exemplo, na viagem da India, como veremos em seu lugar: Mnoel de Sá passou a Italia, como já apontamos. Todos tres em Valença procederam com valente edificação, assim entre os nossos, cõ quem cõversavam, como entre os seculares, a quem doutrinavam: esta foy a causa da grãde difficuldade, com que largou o Padre Pedro Fabro a os dous primeiros Vrbano, & Luis Gonçalves, porq̃ obrigado da necessidade de recobrem a saude perdida em Valença, os tornou a remeter a Coimbra, aonde houve grandissimo alvoroço com a vista dos seus dous irmãos restituidos ao Collegio, & notavel a consolaçam, com as boas novas, que lhes davam do augmento da Companhia pelas partes de Aragam, & Castella, & dos grandes serviços a Deos nosso Senhor, que fazia o Padre Antonio d'Araõs em Valença, aonde era seguido de toda a gente, assim nobre, como popular, pela grande satisfaçam que toda a cidade tinha de sua rara virtude, & excellente dou-

trina. Fez tambem muy alegre sua vinda o que contavam do sancto varã Pedro Fabro, a quem todos os irmãos de Coimbra tinham especial devaçam; entre o que delle diziam era quam alegre, & consolado ficava, com as boas novas, que de Portugal lhe tinham hidas, do que na India fazia aquelle grande Apostolo S. Francisco de Xavier, que, como hum novo sol, tinha amanhecido no Oriente, allumiando aquelles povos, que, gozando dos primeiros rayos da rica aurora, viviam sepultados nas ultimas trevas da triste ignorancia.

4 Mas porque neste capitulo seremos obrigados a nos despedir deste insigne varã Pedro Fabro, pay nam sòmente universal, mas muito particular desta provincia, ajutemos aqui outra carta, que escrevêo aos irmãos de Coimbra, com affecto verdadeiramente paternal, pera que vejamos qual era o espirito de Deos, que morava naquella ditosa alma, & qual era o fogo do divino amor, que o abrafava na charidade de seus irmãos. Diz assim.

5 *Depois que recebemos vossas cartas, que vinham em companhia das da India, nam me foram dadas outras, parece que foy tanto o prazer, & gosto espirital, que com taes novas recebestes, que ellas vos tiraram os desejos, que tinheis de communicar com as*

*Carta do
Padre Pe-
dro Fa-
bro aos ir-
mãos de
Coimbra.*

que

que cá estamos. Ao menos eu nam queria que vos esquecesses de mim, em vossas oraçoens, especialmente nesta entrada de anno novo, quando cada hum hà mister muita ajuda pera se prover: pelo que folgára de ver cartas vossas, das quaes entendera os desejos, que tiuestes sobre os bons Nataes, & bons annos; & se me dizeis de dentro de vós, que tambem desejais de saber a forma, que eu guardei nesta festa em vos encommendar ao minimo I E S U novamente nacido, responderei, que já là tendes meus desejos, & bençam. Mas se eu, de verdade, sentia em mim algum outro bom nacimiento de novo, differente dos passados, nam respondera assim: porem eu fico este anno, como o passado, & nam me acho mais propo to pera padecer, & servir, como se álem deste nacimiento, em que Christo appareceo ao mundo feito homem, nam houvesse outro espiritual seu em vossas almas. Christo padecéo, & naceo por todos, & eu nam me sey fazer filho, nem seruo seu, & muito menos sey fazer conta, que naci escravo de todos; esta falta conheço em mim, quando me querem mandar como filho, como criado, ou como escravo, porque logo me parece que nam tem tal poder, nem tal autoridade sobre mim; & he porque nam tenho dado em hum novo nacimiento.

6 Rogai a Christo nosso Senhor por mim, pera que possa algum dia escrever, & dar ás boas novas, que vos he nacido hum pequeno, que vos he dado hum filho, nam somente em Christo, mas tambem em mim, pera todo me

empregar em o serviço de todos: quem nam cuidasse, que he nacido pera a cozinha, ou pera outro officio, ou pera outra cruz, nam poderia bem descansar nos trabalhos; mas como quer que somos nacidos pera o trabalho, ainda que recebamos tal circuncisam, que aconteça derramar sangue, pouco temos feito: & nam so isto, mas tambem he necessario crescer em idade, & sabidoria, & sofrer a sojeçam, pera que fomos nacidos. Nosso Senhor em tudo vos guie, & vos ensine, & a mim de graça pera fazer mais que traçar vidas, & traçar perfeçoens com a lingua semente. Nam me quero alargar mais nesta, senam rogar a nosso Senhor, que a seisa, que está por vir, falando quanto ao espiritual dessa casa, seja melhor, & de mais bençoens, que todas as passadas, & nam somente neste anno nam faltem á sementeira, & à messe o verám, & o inverno, a calma, & o frio, o dia, & a noite, mas nam de bem em melhor em tudo, até que venha o desejado tempo, em que há messe sem sementeira, verám sem inverno, quentura sem frio, & dia sem noite.

8 Nam me parece necessario determe nas encommendas particulares de casa. Os que fazem os officios, & os que rezam o officio, me tenham em sua memoria. Ao cozinheiro de casa peço, que rogue a Deos me faça iguaria bem guisada. Ao porteiro, que mereça ouvir aquella sentença, *Intra in gaudium Domini tui.* Ao despenseiro, que rogue a Deos, que eu nam dispense mal as suas palavras, &

Mat. 6. n. 9.
Parvulus natus
est nobis, & fi-
lius datus est.

Mat. 6. 21. n.
23.

Anno de
Christo de

212

Chronica da Companhia de Iesu em Portugal.

Anno da
Companhia

5.

I 544.

^b
Luo. c. 12. n.
37.

^c
Pf. 40. n. 2.

^d
Toa. c. 10. n. 9.

^e
Pf. 104. n. 21.

^f
Mat. c. 5. n. 8.

as dos seus sanctos. Ao reitor eiro, que mereça em alguma hora ver a Christo Senhor nosso passar servindo, & ministrando ^b aos seus sanctos. Ao enfermeiro, que seja eu do numero daquelles, quibus dicitur, ° Beatus qui intelligit super egenum, & pauperem, in die mala liberabit eum Dominus. Ao comprador, ^a Vt ingrediar, & egrediar, & pascua inveniam. Ao roupeiro, Vt rectè audiam Verbum Dei, & custodiam illud. Ao sancto christam, Vt laver, qui fero vasa Domini. Ao ministro da casa, que seja imitador de Ioseph, do qual se diz, Constituit ° eum Dominum domus suæ, & principem omnis possessionis suæ. O varredor me passava da memoria, ao qual peço me queira impetrar munditiam cordis, iuxta illud, Beati ^f mundo corde. Ao Padre Reitor peço em summa quanto tenho dito em particular, cõvem a saber, que peça por mim, quanto puder, & quanto me he necessario pera mim, & pera os outros, & todas as virtudes, que me sam necessarias, pera bem reger a mim, & aos outros. Dos estudantes, ainda que sejam muitos, me contentaria com que me alcançassem a graça pera bem falar, pera bem julgar, pera bem philosophar, in Christo Iesu Domino nostro. Ao prégador nam peço mais, senam que peça pera mim, & pera sy, ut faciamus ea, que docemus.

8. Estes sam os fragmentos de carta do bendito Padre Pedro Fabro, que aqui apõtamos,

porque me parecem que devem ser suas cartas estimadas como se já fossem reliquias preciosissimas; & posto que a algũs nam pareçam estas cartas muy cultas, a respeito das que no tẽpo d'agora se costumam (com termos desusados, & com palavras innovadas, que livremente inventou a ociosidade de algũs curiosos) com tudo he certo, que nellas se contem algumas delicadezas de espirito, q̃ sò penetram, nam os q̃ sam mais cultos, mas os q̃ sam mais devotos; deve, ao menos, esta contentar muito aos irmãos do Collegio de Coimbra, a quem se escreveu, & devia de ser, por elles, muitas vezes lida, & ouvida, assim pelo preço da doutrina, como pela estima do autor.

9 De Hespanha se foy o Padre Pedro Fabro a Italia, chamado da obediencia de nosso sancto Patriarcha, pera se achar no sagrado Concilio Tridentino, por theologo de sua Sanctidade; ainda que Deos nosso Senhor o hia chamando pera o ajuntamento dos seus sanctos na Igreja triumphante, como em effeito se partio pera o cẽo (que he a eterna morada dos que na militante trabalham) no anno seguinte de 1546. conforme a historia geral ^B da Companhia. E escrevendo ao Padre M. Simam, quando se partio pera Italia, lhe pede, q̃ por ultima

Morte do
P. Pedro
Fabro.

Ol. lib. 6. n. 8.

delpe-

despedida, beijasse por elle a mamã a suas Altezas, Rey, & Rainha, pedindo a Deos lhe desse graça, pera sempre, & em todo lugar lhe hir crescendo a memoria, que em sua alma se nam diminuhia de suas Altezas, & de todo o seu Reyno: & como o lugar, pera que se mudou, he o da gloria, aonde a charidade he mais perfeita, confiamos que lá se lembrará desta Provincia, destes Reynos, & de seus Reys, pois estando na terra os amava tam cordealmente. O mais, que deste varão excellente, & de sua grande sanctidade se podia contar, pertence à historia geral^h da Companhia; esta lembrança fizemos d'elle, pelo muito, que lhe devemos, nam só como a pay commum de toda a Companhia, mas como particular desta Provincia, & muito mais do Collegio de Coimbra, aonde esteve, & a quem tanto amava.

CAPITULO XXXXIII.

Entra na Companhia o irmao Affonso Barreto; de sua grande mortificação, & zelo extraordinario da salvação das almas.

DIssemos no capitulo 40. da entrada na

Companhia do Abbade Ioam Nunes Barreto, irmao do Padre Melchior Nunes, que antes d'elle já tinha entrado; neste capitulo falaremos da entrada de outro seu irmao, porque toda aquella casa parece que foy de gente sancta, pois sendo oito os filhos, quatro varões, & quatro femeas, os sete serviram a Deos da maneira, que temos contado no capitulo 40. tanto monta a boa criação; & tam bem azaoados sam os fructos, que na idade madura colhem os homens do bom ensino, que tiveram sendo mininos.

2 Vivia Affonso Barreto no Porto em casa de seus nobres pays, nam tinha mais que quinze annos, era o filho mais moço na idade, & o mais privilegiado no amor, era o objecto dos cuidados do pay, & era o emprego das delicias da mãy; & elle tudo merecia, porque o exterior era de hum anjo, & o interior mostrava haver de ser de hum seraphim. Moveo se tanto com o bom exemplo de seus irmaos o Padre Ioam Nunes, & Melchior Nunes, que se resolveo a deixar os pays no mundo, por seguir aos irmaos na Religiam. E porque sabia de certo a repugnância, que havia de achar no amor da mãy, tratou de fugir estes encontros, que assim fazem os que sam valentes nestas entradas. Com o mayor

Como se moveo Affonso Barreto a entrar na Companhia.

segredo

^h
Miland. lib. 6.
1. 86.

legredo se sahio da casa, em que nacéo, & veyo buscar a Religiam, em que pretend a morrer. Chega a Coimbra, & com taes mostras de sancta resoluçã significou ao Padre Martinho de S. Cruz, Reitor do nosso Collegio, a vontade, que tinha de sevir a Deos; que entendeo o Padre, que a copiosa graça do espirito supria com abundancia os poucos annos da idade. Logo o recolheo entre os noviços, & como a chama do fogo divino, que o chamou à Religiam, era grande, nam pode estar encuberta dentro, sem dar de sy alegres sinaes por fóra.

3 Poucos dias tinha do noviciado o irnam Affonso Barreto, quando, movido do exemplo, que via em seus companheiros, & dos sanctos excessos, que naquelles principios da Religiam, entre os nossos, mais eram pera admirar, que pera imitar; levado do mesmo espirito, sahio com outro semelhante excesso; depoem o vestido ordinario, toma huma veste de penitente, sahe com os pés descalços, vayse à praça publica de Coimbra, & como se fosse hum famoso malfeitor, fezse atar de pés, & mãos ao pelourinho; & logo, levantando a voz em grito, começa, com grande efficacia a bradar: *Aeu Senhor Iesu Christo, que em casa de Pilatos permitistes, que vos atassem a huma co-*

lumna, ponde os olhos de vossa divina misericordia neste povo peccador, nam pera o castigardes, mas pera lhe perdoardes. Estas palavras repetidas huma, & muitas vezes, com a mesma efficacia de espirito fervoroso, & com os mesmos brãdos da voz dolorosa, fizeram concorrer a gente, que andava na praça, a tam novo espectáculo, sem se saberem resolver aonde isto hiria dar; huns cuidavam, que enlouquecêra; outros diziam, que alguem enganava aquelle innocentinho, pera vir perturbar o povo àquellas horas, com tal novidade; porrem considerando mais devagar a modestia de seus olhos, a ingenuidade no aspecto, a composiçã do rosto, o vestido de penitencia, & mais circumstancias, mostradoras do espirito, que o movia, muitos sahiram compungidos, & todos se recolheram admirados: & o irnam Affonso Barreto tambem se recolheo pera casa, depois de cõpripir muy bem com esta sua sancta extravagancia; que podera ser de muitos ainda mais estranhada, senam tivessemos semelhante exemplo no grande seraphim de Assis S. Francisco, de quem conta S. Boaventura, a q hum dia, despido da cintura pera sima, & com huma corda ao pescoço, se fez levar ao pelourinho; & ahi, ouvindo, todos, apregooou de sy grandes cõ-

*Notavel
excesso de
mortifica-
çã do ir-
nam Af-
fonso Bar-
reto.*

^a
D. Bon. in vita
S. Francisci,
cap. 6.

Vay a Lij-
boa o ir-
mam Af-
fonso Bar-
reto.

Nicol. Godin,
de rebus Abaf-
sin. lib. 2. c. 5.

fusoões; que os Sanctos entam se-
dam por mais hōrados no mū-
do, quando se vem mais despre-
zados por Christo.

4 Dahi a poucos dias o
mandaram continuar o novi-
ciado a Lisboa, pera ajudar às
missas em casa aos nossos, & pe-
ra que naquella grande cidade
tivesse grandes occasioens de
fartar a sede impacientissima,
em que ardia, de servir a Deos,
& ajudar as almas; entre outras
muitas obras, que neste parti-
cular fez em Lisboa, acho duas
escritas, que nam posso deixar
de apontar aqui; a primeira lhe
sucedeo com os homens de ga-
nhar, que andam naquelle lu-
gar; a segunda com hum sacer-
dote da mesma terra. Foy o ir-
mam Affonso Barreto algumas
vezes à ribeira acompanhar o
irmam comprador, & trazer pe-
ra casa o que se comprava; en-
contrava na praça (como ordi-
nariamente succede) grãde mul-
tidam dos que andam ganhãdo
a vida com levar cargas, & a-
carretar fazenda; porque desta
gente acodem grandes cafilas
a Lisboa, em especial daquella
parte de Portugal mais chega-
da a Galliza; entre os quaes hã
varias sortes de trabalhadores,
homens, moços, & mininos, os
mais homens, & mais valentes
levam as cargas pezadas, os de
menos idade trazem hūas ce-
rinhas, em que levam a carne

do açougue, ou o peixe, ou ou-
tras mercadorias da ribeira: co-
stuma esta gente ser a menos
culto no trajo, & a mais inculto
nos costumes; a menos dome-
stica no trato, & a mais safara
na doutrina.

5 Vendo o irmam Affon-
so Barreto este grande campo
tam cheo de espinhos, intentou
com todo o cuidado de o cul-
tivar: & depois de tratar o ne-
gocio com Deos (do qual de-
pendem todos os bons successos)
pedindolhe, que se aquella era
sua sanctissima vontade, movê-
se o animo de seu superior a
lhe dar licença pera pōr em
execuçam o que neste particu-
lar desejava (em rezam de aco-
dir ao bom ensino, & doutrina
desta gente) & logo lhe occorreo
fazerse moço da ceira, vestin-
dose a seu modo, & vivendo en-
tre os deste officio, pera que
nam o desconhecendo, como a
estranho, lhe tomãsem seus cō-
selhos como de amigo: vay se,
com este pensamento, ao supe-
rior da casa de S. Antam, que
entam era o Padre Gonçalo de
Medeiros; propoem sua tēçam,
pedelhe liberal licença, pera vi-
ver alguns dias entre aquella
relé de gente. Notavel caso; o
que escassamente se poderia fiar
de hum religioso muy velho, &
muy experimentado na escho-
la do espirito, se concedeo a hū
moço, que nam tinha dezaseis

Tracã, q
toma o ir-
mam Af-
fonso Bar-
reto, pera
ensinar a
salvaçam.

Anno de
Christo de
1544

216

Anno da
Companhia

5.
b
Paul. ad Phil. e.
3. n. 8. Propter
quæ omnia de-
trimenta faci, &
arbitror, ut ster-
cora, ut Christi
lucri faciam.

annos de idade, & que tinha poucos meses de noviço: o certo he, que me parece quiz Deos fechar os olhos do superior nesta occasiam, pera nos abrir os nossos, & vermos o grande desprezo da propria estimaçam, & estima do bem das almas, que ardia no peito daquelle fervoroso irman.

Nota.

6 Sahe-se logo da vista do superior, tira o habito de noviço, vestefe de hum pelote, ou chiote de burel, gualteira velha na cabeça, pés descalços, sacco ao hombro, ceirinha às costas, com seu tiracòlo de corda de esparto, & assim mal enfeixado com estas suas novas galas, se apresentou ao superior, mais alegre, que se viesse muy louçam, com as mais vistosas roupas de brocado. Nam pode o Padre Gonçalo de Medeiros reter as lagrimas com esta vista, fez-lhe suas lembranças, deo-lhe direiçam, pera melhor alcançar o bem daquellas almas; advertindoo, que todos os Domingos lhe viesse dar cõta dos ganhos espirituaes, que ajuntasse com aquelle seu novo modo de ganhar almas, & pera se confessar, & cõmungar.

Faz-se moço da ceirinha.

7 Partiose este anjo disfarçado da vista do seu superior, com a ceirinha às costas, feito moço de ganhar; & na verdade, que a nenhum mais convinha este nome, pois tra-

tava de ganhar almas, que iam os ganhos, pelos quaes S. Paulo desejava padecer as mayores perdas: & pelo mesmo interesse nam duvidou o Salvador do mundo a fazer mayores excessos, que o irman Affonso Barreto; que se este dispio a roupa de noviço, por tomar hum pelote de burel, Christo encobrio a gala de sua divindade, por tomar o çurrão de nossa humanidade; disfarçando o ser de Deos, com o parecer de servo, por ganhar os homens, q andavam perdidos.

8 Vayse o irman Barreto à praça de Lisboa, feito moço da ceirinha, começa a dar-se cõ os que vinha a buscar, tratãdo, & conversando com elles, exercitando o novo officio; & dava-se tam bem com esta vida, que tinha já muitos frêgueses, que gostavam de se aproveitar de tam bem estreado marãozinho, que, além de ser muy bem parecido, & de alegre semblante, era muy fiel no que lhe entregavam; nunca com elle se delatinham no preço; edificavam-se muito de seu exemplo; espantavam-se da verdade de suas palavras, do pouco interresse de seus caminhos; de sorte, que pelo exterior angelico, & compostura de suas aççoens, era tido, & conhecido pelo marãozinho sancto. Metia-se às praticas com os companheiros do officio,

Ad Phil. c. 2. n.
7. Formãleri
accipiēs. &c.

faziale

faziase amigo de cada hum delles, estranhavalhes os peccados, louvavalhes as boas obras, ensinavalhes a doutrina, contavalhes historias sanctas; tudo cõ tam boa graça, & com tam valente successo, que em breves dias o vieram a ter por seu capatàs, & estimar como a seu oraculo.

9 Tal he a efficacia da virtude, que até os entendimentos mais barbaros, & toscos, conhecem a força da sanctidade; & as condições mais duras se abrandam cõ a suavidade da boa doutrina: Seguiam estes penhascos ao seu divino Orphêo, & hiam estas feras apòs o seu novo Amphion, que com a cythara de sua celestial doutrina, os trazia como encantados; domesticando a dureza de seus costumes, com a brãdura dos cõselhos de Christo; q por menos q isto differam os Gregos q do seu Orphêo, q os seguiam as pedrãs, que amãsou tygres, & açãsou leões. Admiravãse aquelles agrestes engenhos de ouvir o seu cõpanheiro, pasmavam de ver tal saber em tam pouca idade, seguiã à risca suas ordês, vinham a cõfessar-se a S. Antam, pera õde elle finalmête se veyo recolher, sem nenhum dinheiro na bolsa, & com muito ganho das almas.

10 Esta he a primeira cousa das duas, q nam quiz passar em silencio. Agora apontarei a

outra. No tẽpo, em q o irnam Affonso Barreto andou com a ceirinha, levou por vezes algũas cargas a hũa rua, aonde ouvio dizer, que vivia hum sacerdote muy escandaloso, sepultado na torpeza de sua sensualidade; desejando de lhe acodir, & cuidando que lhe sucederia tambem na casa do clerigo, como lhe tinhã sucedido na praça de Lisboa; vayse ao superior, declaralhe seu intento, que era hir-se ter com aquelle sacerdote, servillo por alguns meses, pera assim ter occasiam de o amoestar, & apartar daquella infame occasiam. Havida a licença, com o mesmo fato de ribeirinho, que ainda tinha, vayse a casa do sacerdote, oferecese ao servir, sem delle querer soldada; vendo elle a boa feiçam, & innocencia do moço, & que, com tam boa graça, o queria servir de graça, gostou de o receber por seu criado (que todos estes manjãres chega a fazer de sy hum verdadeiro zelador do bem das almas) pouco hà vimos ao irnam Barreto feito moço da ceirinha, agora o vemos feito criado de hum clerigo, imitando áquelle Senhor, que, como hum divino Protheo, tantas traças tomou pera nos dar a salvaçam, & sendo Senhor de todos, se veyo a fazer servo dos homens.

Invêta outra traça pera cõverter a Deos hum clerigo.

rat. in Art.
et. Sylvestres
mines, facer
erpreque
orum, Cz di-
is, & viãtu fã
deterruit Or-
eus, Dicitus
hoc lenire
res, rabidof-
e leones.

Christo de
1544.*Do quelle
succedeo cõ
o clerigo.*

II Tal era a diligencia, & cuidado, com que o irman Affonso Barreto servia a seu amo, que este lhe veyo a cobrar grãde amor; & tirãdolhe o vestidinho de burel, o vestio de preto, & se servia delle, como de pagẽ de acõpanhar; & cõ isto veyo o irman a ganhar cõfiança, pera lhe fazer suas saudaveis lembranças; zombava o clerigo de suas prẽgaçoẽs, & desprezava seus conselhos, como de minino (nam procedendo elle como velho) & lhe dizia, que se callasse, & que se lembrasse, que o tinha tirãdo da ceirinha, & que falava tanto, depois que se vira vestido como honrado, & comendo como Principe; & sã fazer caso dos conselhos, q̃ lhe dãva, continuava na abominaçam de seu peccado: vendo isto o bõ irman, ardẽdo em zelo da honra de Deos, entrando nelle o espirito do Senhor, levantãdo a voz, fez hum espantoso sermam ao infeliz sacerdote, lembrãdolhe a morte, que tinha cẽta, & ameaçandoo com o inferno, que via aberto. Tam fõra esteve o endurecido peccador de se abrandar, com estas vozẽs do cẽo, que arremetẽo ao seu prẽgador, & o lançou fõra de sua casa, ameaçandoo de o matar se mais nella entrãva, ou lhe fazia tães amoestaçoens. Muy desconfolado se sahio daquella

caza o irman Barreto, por lhe nam succeder esta sua missam; & hindose recolhendo pera sancto Antam, encontrou de caminho com a mã occasiam do sacerdote, que pera elle foy muy boa, porque, com tal efficacia lhe fez seus rezoados, & com tal espirito de Deos lhe falou, que a miseravel molher tornou em sy; & chorando, com grande copia de lagrimas, seus peccados; fez huma confissam gẽral em sancto Antam, recebẽo o sanctissimo sacramento, deo lugar à graça divina, que lhe entrou na alma; devendo a emenda da vida a hũ minino a que andava perdida com hum sacerdote.

12 Este foy o fim do segundo caso; & este foy em o noviciado o irman Affonso Barreto, que este anno entrou na Companhia: o restante da vida em tudo foy igual: tres virtudes nelle principalmente resplandecẽram, grande modestia, grande charidade pera com o proximo, & grande devaçam pera com Deos: ensinou em sancto Antam letras humanas; foy Reitor no Collegio de Evora; teve outras varias occupaçoẽs, contentandõ em todas a Deos, & edificãdo sempre aos homẽs. Eveyo finalmẽte a dar o fim desejado aos dias de sua vida em o Collegio de S. Antam, aonde quasi tinha começãdo os

5.

*Converte
a hũ peccadora.**Procedi-
mẽto do
irman Af-
fonso Bar-
reto no re-
stante de
sua vida.*

primeiros na Religiam: a doença, que lhe deo, foy de febre continua, causada de sua grãde mortificaçam, & assistencia aos exercicios espirituaes cõ Deos naõ draçam, com o estudo, & com os proximos: & ainda que (como diz S. Hieronymo) a muita fraqueza do corpo costuma debilitar as forças do espirito, & enfraquecer os alentos do engenho; com tudo o Padre Affonso Barreto passava com os mesmos brios do estudo, & da devaçam, entre os desfalecimẽtos das forças, & da saúde: & como o mal era de ethica, teve largo tempo pera se aparelhar, & pera receber os sa-

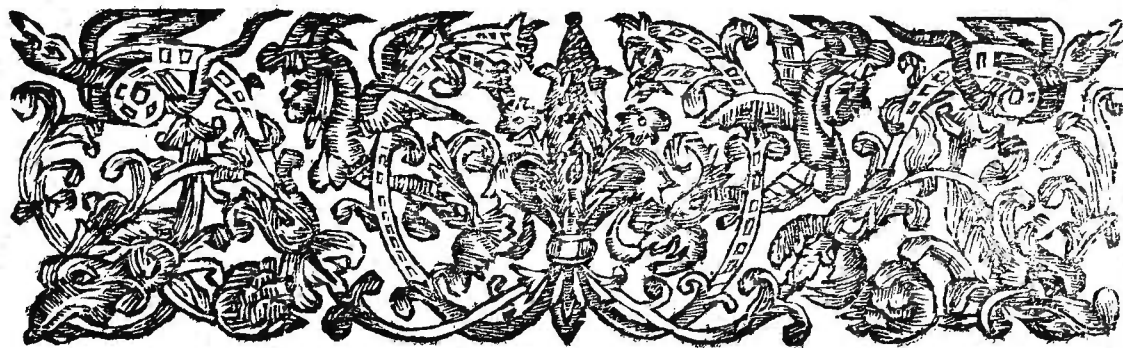
cramentos; com elles veyo finalmente a morrer, nam porque era doente, mas porque estava vivo: que a morte (como bem disse Seneca^f) mais persegue a vida, do que segue a doença; pois muitos morrem sem lhe ter precedido enfermidade, & nenhum vive sem se lhe seguir a morte. E com isto damos fim a este primeiro livro da Chronica da Companhia de IESV, nos Reynos de Portugal; & entraremos no segundo livro, começando o anno de 1545. que he já o sexto da Companhia.

^f
Sen. epist. 62.
Moriẽris, non
quia ægrotas,
sed q uia vivis.

^e
Hierõ io. 5. in
secund. Com.
Amos, in pro-
z. Imbecillitas
corporis a-
nimã quoque
vires secum
trahit.

FIM DO LIVRO PRIMEIRO.





LIVRO SEGUNDO
DA CHRONICA
DA COMPANHIA DE
IESV, NOS REYNOS
DE PORTVGAL.

CAPITVLO I.
*Da missam, que este anno de
1545. foy pera a India; &
da gloriosa morte do P. Anto-
nio Criminal, primeiro da Cõ-
panhia, que deo a vida pela
fè, & do mais que succedeo
a seus companheiros.*

*Grãde fã-
ma, q ha-
via em
Portugal
do P. S.
Francisco
de Xavier.*

DAremos dito-
so principio a
este livro, & às
coufas deste an-
no de 1545. q
he o 6. da Cõpanhia, cõ a glo-
riosa missam pera a India do P.
Antonio Criminal, cõ mais do-
us cõpanheiros, q succedeo desta

maneira. Em quãto em Portugal
passavam as coufas da Cõpanhia
do modo, q temos referido, o P.
S. Frãcisco de Xavier, a quẽ em-
barcãmos pera a India no anno
de 1541. trazia, cõ suas obras,
espãtado o Oriẽte; & com suas
cartas abalado o Occidente. Iã
dissemos a da grãde cõsolaçam,
& enveja sãcta, q o bẽdito P. Pe-
dro Fabro tivera cõ estas boas
novas, q da India mãdava o S.
Xavier; estas foram as q moverã
ao P. Ieronymo Nadal, pessoa de
grãdes talẽtos (de quẽ adiãte fa-
larẽmos) a entrar na Cõpanhia,
como cõsta da nossa historia^b ge-
ral. Cõ estas cartas cõvidava o
S. apostolo do Oriẽte aos irmães
do Collegio de Coimbra ao aju-

^a
Lib. 1. c. 42.

^b
Orti. lib. 5. n. 6.

Anno de
Christo de
1545.

222

Anno da
Cõpanhia
6.

Luz. e. 5. n. 7.
Annuerunt so-
cietis. qui erant
in alia navi, ut
venirent, & ad-
iuvarent eos.

Grandes
desejos no
Collegio de
Coimbra
da missam
da India.

darẽ a tirar as redes, q̃ tinha lã-
gado naquelle vastissimo mar da
gẽtilidade, da maneira q̃ S. Pe-
dro no de Galilãa acenãva aos
companheiros, que estavam em
a outra não.

2 Vinham estas cartas di-
rigidas ao P. M. Simam, & bẽ qui-
zera elle ser logo a resposta viva,
hindo acompanhar, & ajudar a
seu bom companheiro, & gran-
de amigo: os mesmos effeitos
houve em todos os irmãos do
Collegio de Coimbra (desejan-
do cada hum, que lhe cahisse a
ditosa sorte de tam gloriosa vi-
agem) os quaes, assim como
cresciam na idade, cresciam tã-
bem no fervor; & já nam ca-
biam no Collegio de Coimbra,
& cada hum delles abafava em
Portugal, desejando de passar a
os vastissimos campos de Asia;
como o generoso leam, que
estando d'antes recolhido em
humã cova, tanto que se sente
mais crescido, & lhe dà o faro
da caça de mayor polpa, despre-
za o covil materno, falta, corre,
empolga em grandes touros, &
pera elle parece já estreita a
largueza dos campos Africa-
nos: assim facedia a qualquer
dos irmãos do Collegio de Co-
imbra, com as boas novas, que
da India vinham; porque logo,
em seus principios, começou a-
quelle sancto Collegio com es-
ta celestial bençã, de todos
seus habitadores se criarem cõ

estes desejos de deixar a terra,
aonde nascéram, pelas estran-
has, que nunca viram; passan-
do à India, ao Iapam, & à Chi-
na, a converter almas dos gen-
tios ao conhecimento de seu
creator; de maneira, que mais
difficultoso he aos superiores
consolar aos que ficam, que a-
nimar aos que ham de hir.

3 Como esta havia de ser
a primeira missam, que do Col-
legio de Coimbra se havia de
fazer à India, & conforme isto
havia de ser no cõcelo de todas as
mais, escreveu o P. M. Simam a
Roma a nosso sancto Patriar-
cha Ignacio, communicandolhe
o que nisso determinãva, pera
que hindo governado com as
ordens, & direiçam de hum va-
rã tam sancto, & tam prudente,
acertasse melhor em materia
de tanto serviço de Deos. Tan-
to que chegaram as repostas de
Roma, tratou o P. M. Simam de
escolher tres fogeitos do Colle-
gio de Coimbra, pera com el-
les dar bem affortunado prin-
cipio às gloriosas missõens do
Oriente. Mal se pòde explicar
o grande alvoroço, que houve
no Collegio de Coimbra, quã-
do souberam, que d'entre elles
haviã de sahir os ditosos misio-
narios; porem o sentimento era
em tudo igual, por saberem, que
sõs tres haviam de ser os esco-
lhidos, desejando todos de ser
os preferidos. Ajuntou os o P.

Como se
fez a no-
meaçã
dos tres
missio-
narios.

Anno de
Christo de
1545.

Anno da
Companhia
6.

M. Simam a todos na capella, & depois de os exhortar ao espirito da Companhia, que he de semelhantes missões; tendoos a todos suspensos: cahio finalmente a primeira sorte sobre o Padre Antonio Criminal, natural da cidade de Parma, cabeça de ducado em Italia, primeiro missionario depois do sancto Xavier, & a quem Deos tinha guardada a primeira coroa, entre os illustrissimos martyres, com que Deos tem enriquecida a Companhia.

4. Tinha já o Padre Antonio Criminal grande direito para elle ser o preferido, porque já o anno atrás fora eleito para esta missão, com tal obediência, que avisando o em hum dia, por se achar entam em Lisboa, ao outro se foy logo embarcar na não Burgalesa, da qual era capitam Simam Pêres d' Andrade, filho de Fernam Pêres d' Andrade, o qual Fernam Pêres hia por capitam mór de cinco nãoes, que, por partirem tarde aos vinte & nove d' Abril, tiveram muy roim viagem; porque d'ellas a não Garça, capitam Simam de Mello, sobrinho de Lopo Vaz de S. Payo, se perdeu em Moçambique, Iacome Tristã foy tomar Zanzibar, aonde invernou, Luis de Calataud foy, por fora da Ilha de S. Lourenço, tomar Cochim em Outubro; & só Fernam Pêres d' Andrade (co-

mo quem sabia bem o caminho, porque tres vezes tinha hido por capitam mór à India) aportou na barra de Goa; & a Burgalesa, em que hia o Padre Antonio Criminal, arribou a Lisboa, & nam a Moçambique: o que nos pareceo advertir, porque hum bem grave autor nosso na historia admiravel do grande Padre S. Francisco de Xavier, diz, que o Padre Antonio Criminal invernou em Moçambique, & que ahi o foram tomar, neste anno, os seus dous companheiros (de quem logo falaremos) sendo certo que com elles se embarcou em Lisboa, & que aquellas nãoes, em que elles hiam, nam tomaram Moçambique, senam que foram caminho direito a Goa.

5. O segundo, que este anno avisaram para a India, foy o Padre Nicolao Lancilloto, tambem Italiano, natural de Urbino, cabeça de outro ducado: dando ambos principio aos felicissimos missionarios, q' quasi todos os annos mãda Italia para o Oriente, por esta mesma via de Portugal. O terceiro, sobre quem cahio esta desejada sorte, foy o Padre Ioam da Beira, natural de Pótevedra em Galliza, a que (como dissemos) trouxe a Companhia, com seus sermoens, o Padre Francisco Estrada. Aceitou o Padre Ioam da Beira este aviso com os joe-

Rezãmpor
q' o P. Antonio Criminal foy preferido nos missionarios.

Vide Cour.
dec. 5. lib. 10
cap. 6. Item.
Andr. in histor.
Ioan. 3 p. 3. c.
98. itē Archivū
Collegii Co-
nimbr.

P. Ioan. Luc.
lib. 7. c. 7.

Nicolao Lancilloto, & Ioam da Beira, insignes missionarios da India.

Christo de
1545.

lhos por terra, dando principio ao sancto costume, com que nesta Provincia se recebem semelhantes despachos: ficando todos tres cheos de notavel consolaçam, & com grâdes jubilos de alegria, causando sanctas envejas aos mais irmãos do Collegio de Coimbra, que neste dia tomaram posse pera todos os annos continuarem estas gloriosissimas empresas.

6 Logo se vieram a Lisboa, hindoos o Collegio todo acompanhando (como hoje fazem até a ermida de nossa Senhora da Esperança fóra da cidade) tendo entam ditoso principio as suavissimas lagrimas, que os mais dos annos ali se derramam, na despedida dos nossos missionarios do Oriente. Dêram finalmente à vela pera a India, na armada daquelle anno, que constava de seis náos, das quaes hia por capitam mór, & pera suceder no governo da India, Dom Ioam de Castro (filho de Dom Alvaro de Castro, governador da casa do cível) este foy aquelle grande Dom Ioam de Castro, vencedor dos Rumes, libertador de Dio, & exemplo de toda a honra, & desinteresse, o qual veyo a morrer feito Visorrey da India, tendo, entre suas victorias, huma grande felicidade, como diz o nosso Padre Mafféo, de lhe assistir na ultima batálha da mor-

te o glorioso Padre S. Francisco de Xavier, que nam podia deixar de sahir vencedor quem hia governado por tal capitam. Tiveram estas náos tam prospera viagem, que, sahindo de Lisboa em 28. de Março, lançaram ferro em Goa no principio de Setembro, nam gastando mais que cinco meses, & alguns dias: que, com esta apressada, & ditosa navegaçam, hia Dcos dando a boa viagem ao Padre Antonio Criminal, preparando huma gloriosa coroa, que lhe tinha tecida, de toda a eternidade, pera ser o primeiro da Companhia, que deo a vida pela fé, & o que nos havia de abrir esta porta, que com mais rezam merece o nome de especiosa, pois por ella entraram tantos, & tam gloriosos martyres, vestidos de alvissimas estôlas, matizadas com a purpura de feu proprio sangue.

7 Foy o Padre Antonio Criminal tam insigne operario na India, que chegou a ter a abonaçam do Padre S. Francisco de Xavier, dizendo que desejava, que os obreiros da nossa Companhia, naquellas partes, fossem semelhantes ao Padre Antonio Criminal: & foy elle em tudo tam imitador do P. M. S. Francisco de Xavier, que (como bem disse seu insigne historiador) pelo muito, que desejou de se lhe fazer semelhante

D. Ioam
de Castro
governador,
& Visorrey da
India.

h
Vide Cout.
dec. 6. li. 1. c. 1.
Chron. Reg.
Ioan. 3. p. 4.
c. 1.

i
Maphzeu. hist.
Ind. lib. 13.
Hoc etiam no
mine felix,
quod morientu
Xaverius affu-
it, & in extre-
mo illo certar-
mine opè egre-
giam tulit.

Virtudes
do P. Anto-
nio Crimi-
nal.

Lucen. lib. 7.
cap. 17.

1
Lucena lib. 7.
c. 17.

na vida, veyo ao nam imitar na morte, como logo veremos. Mandou o o sancto Padre Xavier por superior dos nossos à quella parte da India, que corre do cabo de Comorij até os baixos de Remanacor, & Manâr, chamada a costa da Pescaria; que, se merece este nome pelo aljofar, que ali se pesca, melhor lhe quadra, pela ditosa pescaria de preciosissimas perolas de tantas almas de innocentes, que ali bautizou o sancto Padre Francisco, & agora cultivava o bemaumentado varâm o P. Antonio Criminal: & ainda q̃ a terra de tudo o mais he pobrissima, com tudo tem trabalhos muy rendosos, & delles foy este bendito Padre enthesourando taes merecimentos, que quando nam entrara no cêo, cõ a preciosa coroa, que alcançou com seu sangue, affás rico entraria, cõ os que grangeou, por seus trabalhos. Era hum animado retrato de S. Francisco de Xavier; setenta legoas tem aquella costa, todas estas corria a pè, & descalço, desejando passar as ultimas rayas do mundo, pera em toda a parte prègar a fé de seu creador. No trato, & òraçam com Deos era tam continuo, que cada dia, à imitaçam do Apostolo S. Bertholaméo, quarenta vezes se ajoelhava, detendose muy devagar, tratando com seu creador: na conversa-

çam com homens era muy afavel, acautelado, & modesto; no zelo das almas fervorosissimo; cõ os superiores muy brando, & obediente; consigo muy aspero, & penitente.

8 Estas heroicas virtudes principiadas em Roma, exercitadas entre os nossos em Coimbra, perfeiçoadas na Pescaria em os tres annos & meyo, que nella residio, foram dispondo a este grãde servo de Deos, pera a gloriosa morte, com que deo remate a tam sancta vida. No principio de Junho, no anno de 1549. estando nas terras de Remanacor, no lugar de Punicale, convertendo, & ajudando aos seus pobres Paravàs, permittio Deos, que subitamente se levantasse o gètio de Narsinga, com seis mil Badagàs (gente barbara, & muy cruel, inimigos capitaes dos christãos) os quaes vinham defrõtar aos seus deoses, que viam desprezados, & em especial o seu famoso idolo do celebre pagóde, chamado Trichandur, que estava duas legoas de Punicale, & nam podiam soffrer as afrontas, que padecia, a vista da fé, que triumphava; traziam na retaguatda muitos Mouros, que tambem se vinham vingiar dos Christãos, conforme seu odio tam antigo; vinham estes barbaros affolando quanto achavam diante. Os Paravàs da-

Levãtam-se os gétios contra os Christãos da costa da Pescaria.

quella

quella costa he gente muy coitada, mais costumados a pescar perolas no mar, que a menear armas no campo: os Portuguezes nam eram mais que quarenta (estes sem muros, nem reparos, nem muniçoens) julgando que era temeridade resistir lhes em terra, tratâram de salvar as vidas no mar; & assim se recolhêram ao navio, pedindo, com grandes vêras, ao Padre se salvasse em sua companhia, pois elle sò nam podia ser bom áquelles christãos; porém como o Padre seguia as leys do bom Pastor, nam quiz deixar as ovelhas, ainda que lhe custasse deixar a vida; resolve-se a ficar entre os seus christãos, nam por lhe parecer que poderia elle sò defender a tantos, mas pera que nam morressem tantos, escapãdo elle sò: principalmente que era cousa indigna de hum prégador apostolico, deseparar os seus christãos, quando os inimigos os vinham demandar, sendo a causa porque os matavam, a fé, que elle lhes prégava; & em nenhuma boa rezão podia estar, que morressem elles por ser bautizãdos, & que fugisse, com vida, quem os bautizou.

*Offerecese
o P. Antonio
Criminal ao mar
tyrio.*

9 Com esta resoluçam se foy o servo de Deos à Igreja (que esta era a sua fortaleza) nella, aquelle dia, offerecêra o sacrificio incruento, desejando

offerecer todo seu sangue por holocausto suavissimo, a quem primeiro por elle sacrificara sua vida. Sahe dali com novo animo (como acontecêo ao Senhor, ^m quando no horto, depois de recorrer à oraçã, sahio mais animoso aos inimigos, que o pretendiam matar) procurou, por todas as vias, defender suas ovelhas; & quando vio, que era já impossivel poder lhe valer com a vida, quiz que primeiro a elle lhe dessem a morte: poe-se diante dos seus christãos, como se fosse muro pera os defender elle só a todos juntos (da maneira que na mesma occasiam, & lugar, o tinha feito o glorioso Padre S. Francisco de Xavier) com os joelhos em terra, os olhos no cêo, & asmãos levantãdas, esperando os esquadroens dos barbaros Badegãs, porque sempre os valerosos soldados de Christo se adiantãram aos tyrannos, sendo mais apresados em offerecer o pescoço, do que elles em levar da espada. Desta maneira o encontrãram os da vanguarda, & nenhũ mal lhe fizeram, ou porque já o davam por rendido, ou porque elles, ainda que barbaros, se rêdêram à vista de tam humilde postura. Chegou a retaguarda, na qual vinham muitos Mouros, capitães inimigos da fé de Christo; hum delles, brandindo furiosamête a lâça, o atravessou

^m
Matt. e. 26,
n. 46

P. Lucena in
vita S. Xav. lib.
2. cap. 17.

Como foy
alãccado.

pela

pela ilharga esquerda; logo lhe tomáram a roupeta, que elle ajudou a tirar, banhada em seu proprio sangue, pera ficar de todo despojado de todas as cousas desta vida, imitando a seu creador, que morreo na cruz, largãdo primeiro seus vestidos; depois lhe dêram outra lançada no peito, porque nam era bem, que soldado, que morria como esforçado, fosse ferido nas costas, como covarde; & finalmente com a terceira lançada (que eram necessarias muitas pera derrubar tam forte guerreiro) cahio morto sobre hum lado, imitando ao bom IESV; que tambem reclinando sobre outro lado a cabeça, espirou na cruz.

IO. Cahido o Padre, levãtaram os barbaros huma grande grita, como em final da victoria; logo lhe cortáram a cabeça, que (como por trophêo de sua fereza, & em final da vingança, que vinham tomar, em nome de seus falsos deoses) pendurãram na mais alta torre do seu pagode, tendo por grande gloria ver emmudecida a lingua, que prêgando os cõfundia. Tambem lhe tirãram a camisa, toda banhada em o sangue, que tam liberal corria, & como bandeira vermelha, que denunciava guerra contra os christãos; a puzeram em hum lugar alto; posto que na verda-

de parece que foy em final de que se levantava bandeira de paz, porque dali por diante a gozou toda aquella christandade, como se Deos nosso Senhor quizesse mostrar, que dava cõprimimento, depois da mortê deste nosso bemavêturado defensor da fé, aos grandes desejos, que em vida teve da paz, & cõservaçam daquella sua tam querida christandade; que nam podia deixar de ser paz muy bem lograda, a que foy comprada com o sangue tam precioso. Em toda a Companhia foy muy festejada esta ditosa forte, & tomada, como em primicias das muitas semelhantes, que ao dia-te seus verdadeiros filhos padecerãram, dando liberalmente a vida do corpo, por quem os tinha livrado da morte da alma. Com rezãram se pôde gloriã Italia, por nos dar o primeiro, que morreo pela fé no Oriente, & lhe podemos dar os parabês, pois deste seu estado sahio pera o estado da India, quem, como primeiro capitã, sendo de Parma, levasse a primeira palma das muitas, que no céo, entre fermosos esquadroens de martyres triumphãtes, leva nas mãos vencedoras (por insignia de sua victoria) o insigne choro dos martyres da Companhia.

II. Este foy o muy ditoso varãram Antonio Criminal, primeiro missionario da India, depois de

S. Fran-

Ioa. c. 19. n. 30
Inclinato capi
te tradidit spiri-
tum.

Crueldades, q' lhe
fizeram de
pois de mor-
to.

*Grandes
virtudes,
& traba-
lhos do P.
Ioam da
Beira.*

S. Francisco de Xavier, & primeiro da Companhia, que pela fé de Christo derramou o sangue. Muito poderamos dizer de seu companheiro o Padre Ioam da Beira, o qual foy hum dos mais milagrosos varoens, que teve a Companhia na India; padecèõ grãdes naufragios, por acodir ao bem das almas; correndo, por vezes, todas as ilhas Malucas, & de huma dellas andou dous dias sobre as agoas do mar, abraçado a hum madeiro, lidando com os mares, cõ os ventos, com a fome, & com a morte; atè que o mesmo mar o lançou, como a hum Ionas, vivo na praya. Outra vez se alagou o barco, em que navegava, & desaparecendo o Padre entre as ondas, salvandose os mais navegãtes, o vieram achar na praya, com o vestido enxuto, todo cheo de alegria, esperando pelos companheiros. Em huma ilha das Malucas profetizou o castigo do céu, aos que, sendo christãos, apostataram; & sahindose d'entre os apóstatas (por nam ser participante no castigo, pois nam podia ser testemunha da emenda) o céu se poz em armas contra aquelles peccadores, disparando sua reforçada artilheria de rayos, de coriscos, de chuva de pedras grossas, de nuvens de cinza, que cahiam sobre a povoaçam dos rebeldes, rebentando o fogo

das entranhas da terra, e m novo, & espantoso parto (que contra perversos nam sò o inferno arde em lava èdas, mas també a terra produz incendios) tudo com tam horrendo estrondo, que parecia abalaremse os mesmos cunhães da firmeza da terra, sobre a qual o Propheta diz, que está fundada. Foy Deos servido, que os que escaparam do fogo, abjuráram sua perfidia, & se reconciliãram com Deos, sendo absoltos por este sancto varã; o qual chegou, com seus gloriosos trabalhos, a bautizar nestas ilhas, cõforme acho escrito, mais de sincoëta mil almas: escapando, muitas vezes, milagrosamente da morte, que os Mouros lhe machinavam; até que finalmente acabou sanctamente em Goa, querendo muitos darlhe o glorioso titulo de martyr, pois tantas vezes teve a occasiam do martyrio, pera o qual a elle lhe nam faltou a vôtade, posto que ordenou Deos, que lhe faltasse o effeito.

512 O terceiro companheiro foy o Padre Nicolão Lancelloto, o qual foy o primeiro Reitor do Collegio de S. Paulo em Goa, & trabalhou tam incãfavel, pelo bem das almas, que veyo a quasi intificar; porèm sendo o corpo tam fraco, andava o espirito muy valente. Em Coulam fez obras tam maravilhosas, que todos a huma voz

ⁿ
Psal. 103. n. 5.
Qui fundasti
terram super
stabilitatem
suam.

*Boas par-
tes do P.
Nicolão
Lancelloto.*

o nomeavãem por sãcto, porque nunca faltava aos infieis, bautizando, nem deixava de acodir aos christãos, prègando. Muito havia que contar destes tres incomparaveis varoens; mas isto baste pera a nossa provincia de Portugal se consolar muito, & em especial o Collegio de Coimbra, por fahir delle esta gloriosa missam de tam heroicas pessoas, como foram os Padres Antonio Criminal, Ioam da Beira, & Nicoláo Lancilloto; o mais deixemos a quem escrever a Chronica das provincias da India; & nós agora nos voltamos ao nosso Collegio de Coimbra.

CAPITULO II.

Exercitamse os nossos em Coimbra com varias mortificaçoens em que os prova o P.

M. Simam Rodrigues.

Ainda q̃ as penitencias exteriores nam sam tã necessarias, como as interiores; & por outra parte, ainda q̃ sam mais arriscadas à vaidade; cõ tudo nam se pòde negar, q̃ causam grãde edificaçam; porq̃ como os homẽs, q̃ sò vêm o q̃ há por fóra no corpo, nam possam, ao certo, julgar do interior da alma, governãse pelo q̃

alcãçam cõ os sëtidos, servindo a vista do bom, ou do mào exterior, como de mam de relógio, que mostra o concerto, ou o descõcerto das rodas mais internas: & tal vez sam necessarias estas mostras, & estes finães de mortificaçoens exteriores, & muy conformes com a doutrina de Christo, & com o exemplo dos sanctos, porque ainda que o Senhor^a nos ensinou, que a esmola havia de ser em segredo; & a oraçam^b se havia de ter escondida: cõ tudo tambem nos diz, q̃ obremos de maneira, que appareçam nossas boas obras, as quaes rendam gloria a Deos, & causem edificaçam aos homẽs. Bẽ estava em toda esta doutrina o P. M. Simam; & ainda que sabia, que as penitencias extraordinarias sam menos conformes com o nosso instituto, com tudo julgava, que nestes principios, em que nossa Religiam estava em sua primitiva idade, se podiam permittir semelhantes fervores, & se deviam approvar aquelles excessos; porque (ãlem de assim os exercitarem os fundadores das outras sagradas Religioens) ajudam muito semelhantes demonstraçoens pera humildade dos que as fazem, & pera edificaçam dos que as vem.

Este espirito de mortificaçoens se tornou atear, neste anno de 1545. como hũ fogo vindo

^a Matt. c. 6. n. 4. Vt sit eleemo. syna tua in abscondito.
^b Erc. 6. Intra in cubiculum, & clauso ostio, &c.
^c Mat. c. 3. n. 36. Vt videãt opera vestra bona, & glorificent patre vestri &c.

Mortificaçoens publicas tambẽ sam louvaveis.

Christo de
1545.Grandes
mortifica-
ções no Col-
legio de Co-
imbra.

d
Ad Col c. 9. n. 3
Expoliates vos
veterem homi-
nem, cum aedibus
suis, & induen-
tes novum. &c.

do céu, por meyo do Padre M. Simam, em todos os fogeitos do Collegio de Coimbra: cada qual se fazia cruel guerra a sy mesmo, mortificando seus appetites, quebrando sua propria vontade, despindo totalmente o homem velho, conforme ao conselho de sam Paulo,^d & vestindose de Christo crucificado: de tal sorte, que todo aquelle Collegio era hum retrato vivo de Christo morto; aonde se nam viam mais que humas continuas batalhas da graça vencedora contra a natureza sopeada; da virtude contra os vicios; & da Religiam contra o mundo: & pera que nam pareça que usamos termos de encarecimentos alheos da historia, que contamos, & desviados da verdade, que professamos, sabemos que estavam as paredes das cellas, & dormitorios rociados com sangue, que, à força das disciplinas, derramavam de seus innocentes corpos, desejando imitar a seu mestre, & Senhor, nam só no tormento, mas tambem em o numero dos açoutes, porque de muitos se conta, que pretendiam chegar aos cinco mil, & tantos; que tal era o rigor da mortificação, & tal o fervor daquelles primitivos habitantes do nosso Collegio de Coimbra; & os que nos criamos em o noviçado velho daquella casa, alcã-

çamos ainda grandes vestigios destes sanctos excessos; parecêdo os cubiculos, & as cellas mais bẽ adornadas, com esta purpura de sangue, do q as salas reaes, adereçadas cõ vistosas artrações de borlados ricos, & de tapeçarias preciosas. Ainda hoje alcãçamos hũas certas lapas na cerca do Collegio, parte abertas pela natureza, parte ajudadas cõ o picã, q mais pareciam covis de feras, q morãdas de homẽs, cujos lados todos estavam banhados em sangue dos que ali se hiam recolher a fazer penitencia, imitando a S. Ignacio na sua lapa de Manreza.

3 A mayor contenda era sobre quem havia de trazer a roupeta, & o mantẽo mais remendado, & sobre quem havia de hir à cidade vestido com o pelote de burel, & aquelle se dava por melhor despachado, que sahia nestas mortificações mais provido; & como o P.M. Simam sabia bem os thesouros, que nestas mortificações estavam encubertos, facilmente lhes concedia liberal, por nam atalhar o merecimento, & por nam impedir o fructo, que de tam fervorosas resoluções se podia recolher: & nam só lhes concedia as penitências, q os irmãos, de sua mesma vôtade, lhe pediam, senam que tambẽ lhes dava outras, quando elles menos as esperavam, & por vêtura

que

que estas, porq̃ tinham menos de propria vontade, tinham mais de merecimento. Recolheramse huma vez de sua peregrinaçã o irnam Manoel Alveres (q̃ ao diante foy hū grãde missionario na India) cõ o Padre Luis Gonçalves da Camara; & quando foram ao dar da conta (como costumam os que vem de fóra) disse o Padre Luis Gonçalves de seu companheiro, como nam pudera acabar cõ elle, passando pela cidade de Viséo, q̃ se mortificasse, em hir cõprar dous rês de azeite a hũa rêda, pera comerem hū pouco de peixe, q̃ tinham recolhido de esmola, por mais que o amoestara, que vencesse aquella repugnancia da natureza, & covardia do espirito: chamao o Padre mestre Simam, & querendo mortificar a elle, & ensinarnos a nós, lhe meteo em huma mam huma moêda de cobre, & em outra huma almotolia de barro, & mandao, q̃ torne outra vez ao caminho, & volte á cidade de Viséo, aonde compre os dous rês de azeite, na mesma venda, a que nam quizera chegar, & se torne ao seu Collegio.

4 Nam havia aqui poder repugnar, porq̃ já o que o mandava nam era o cõpanheiro da peregrinaçã, mas era o superior do Collegio; abaixa o bõ irnam a cabeça, como verdadeiro

obediênte, poẽ o peito à difficuldade, & os pès ao caminho, & partese pera Viséo, q̃ dista como 13. legoas de Coimbra, sò cõ a moêda em huma mam, & almotolia na outra; porẽm, se vay a falar verdade (como elle depois contava) cuidou ao principio, que aquella obediencia mais era pera o Padre o provar no affecto, que pera elle a executar na obra; sahe de casa, vay andãdo, & a cada passo lhe parecia, q̃ hiam corrêos nas costas, q̃ já o chamavam, & o absolviã da jornãda; olhava de quando em quando pera traz, & como ninguem apparecia, caminhava adiante, enganandose com esperanças de sedo apparecer seu libertador; até q̃ chegãdo a Botã, (que dista duas grãdes legoas de Coimbra) & vendo, q̃ ninguem lhe vinha nas costas, se veyo a resolver, q̃ a cousa hia de fizo: apostase logo, com grande prõptidã, a cumprir sua obediencia; vay por diante, pedindo esmola pera se sustentar, chega a Viséo, busca a venda, compra seu azeite, faz volta ao Collegio (sincõ dias depois de sua partida) entra por elle, vay demandar ao Padre M. Simam; offerecelhe, em prova de sua obediencia (com huma certidã de hū sacerdote grave) a almotolia cõ o azeite, ao modo que o Propheta Elias offerecêo à viuva Sareptana, em testemunho

Notavel
obediencia
de hū noviço.

3. Reg. 17.
u. 16.

Christo de
1545.Cõ panhia
6.

de sua charidade, achando, que à conta da obediencia, que comprio, era muy bem empregado hum caminho tam comprido, que andou, & desandou, satisfazendo, cõ ventagem, a repugnância da natureza covarde, com a promptidam da graça valerosa; mostrando se verdadeiramente seruo fiel neste pouco de Portugal, em penhor do muito, em q̃ muito o foy na India.

Como o P.
M. Simam
exercitou
em humil-
dade a hũ
noviço.

Assim provou o Padre M. Simam a obediencia deste irman; vejamos como experimentou a humildade de outro. Havia no Collegio de Coimbra hum noviço naturalmente altivo, & mais do que conyinha brioso; neste desejava muito o Padre mestre Simam, que se fundasse bem o espirito do desprezo do mundo, & o preço da sancta humildade. Mandao chamar diante de sy, dizlhe, que se vã vestir em hum pobre pelote; & que fosse, como moço dos recados, a casa de hum calceteiro, & lhe desse humas meyas a concertar: obedecéo o noviço, cobrese com o pelote, toma as meyas nas mãos, & poem os pés ao caminho, vayse a casa do calceteiro; que morava na praça de Coimbra, bem distante do Collegio, dálhe as meyas a concertar; & volta pera casa muy contente, por cuidar, que já tinha satisfeito com a-

quella mortificaçam; poreim (ou fosse, que hia divertido cõ algũa boa consideraçam; ou, que à vista dos muitos, que punham nelle os olhos, nam advertio nas meyas, que trazia nas mãos) o certo he, q̃ elle chegou ao Collegio sem hũa dellas, nam com pouco sentimento, quando cahio em seu descuido: mas o P.M. Simam, que nesta meya perdida, achava meyo pera continuar no que entendia ser proveito do irman, desejava, q̃ cõ a obediencia ajuntasse a humildade, o tornou a mandar buscar a meya, perguntando por todo o caminho, quem lha achara; assim o comprio o noviço, padecendo na busca risos, & zombarias dos que nam sabiam o segredo do que buscava, que mais era o abatimento, que achava, que a meya, que perdéra; & menos entenderam o precioso thesouro daquelle achado, que foy o vencimêto de sua altiveza, servindolhe esta perda do caminho de tornar mais rico pera casa.

6 Desta maneira mortificou o P.M. Simã a este, q̃ já era noviço; vejamos como experimentou a outro, que o pretendia ser: havia em Coimbra, em casa do Bispo Dõ Jorge d'Almeida, hum famoso tangedor de trela, chamado Ambrosio Ferreira, homẽ muy estimado, por ser muy insigne nesta arte. Por

Ambrosio
Ferreira
trata de
trarna
panhia.

morte do Bispo, cõ aventajado partido, o passãrã ao serviço del Rey; porem elle tratou, cõ grãdes vèras, de se passar antes ao de Deos, vendo o risco, que no mũdo tinha, de sua salvaçam; & pera de todo põto se sacrificar a Deos, determinou de entrar em alguma Religiam, aonde o nam estimassem pelo seu talento, tam prezado de todos; tratou, pera isso; de entrar na Companhia; & como nam tinha letras pera ser sacerdote; quiz ser coadjutor temporal; na qual occupaçam lhe nam ficavam na Religiam outras teclas, que tocar, mais que a vassoura, os instrumentos da cozinha, & as chaves da portaria, que elle desejava antepor aos seus manicordios, aos seus orgãos, cravos, & realejos.

7 Tomada esta deliberaçam, parte se de Lisboa a Coimbra, vay demandar ao P. M. Simam, que entam se achava naquelle Collegio. O P. q̃ muy bẽ conhecia a Ambrosio Ferreira, vèdo quã pouco poderia servir na Companhia, por sua idade; & de quanto proveito seria em outras Religioes, em q̃ houvèsse choro, por sua insigne arte, tratou de o persuadir a que fosse demãdar outra Religiã, na qual pudesse empregar bẽ o talento, em q̃ Deos o fizera tam insigne. Nam se deixou vècer Ambrosio Ferreira deste cõselho, persistio

na mesma pretêçam; dizendo, q̃ pois nam tinha outras riquezas, q̃ deixar por amor de Deos, lhe queria fazer sacrificio desta sua arte, entrãdo em Religiam, aõde a nam pudesse exercitar, & aõde o nam estimassẽ, como fariam em qualquer outra. Quando o Padre M. Simam vio esta determinaçam, tratou de lhe pordiante hũa condiçam pezada, que ou ajudasse ao divertir, ou lhe servisse de o provar.

Vede, lhe diz, senhor Ambrosio Ferreira, já que me dizeis, que a fim de serdes desestimado no mundo, vos vindes á Companhia, se estãis determinado a meter debaixo dos pès a propria estimaçam; porque estou posto a vos nam receber, sem primeiro fazer prova desta vossa deliberaçam, com algum acto publico, & seja este, virdes, de dia, do Arnado (que he o mais baixo da cidade) até o nosso Collegio (que está no mais alto) com humma cãveira de hum morto na mam, à vista de toda a cidade, detendo vos a fazer oraçam em todas as Igrejas, que achardes no caminho.

9 Bem vio o novo pretendẽte da Religiam, a dificuldade da proposta, que era ainda mais trabalhosa de cõprir, e m hũ homẽ tam conhecido por sua arte, & tam amado por sua condiçam: nam perdeu porẽm o bõ musico o compãssõ neste contraponto, que lhe metiam, pera pizar os pontos de honra; vayle a casa, arma se com a oraçam,

Notavel
prova da
vocaçam
de Ambro-
sio Ferrei-
ra.

Anno de
Christo de
1545.

Notavel
mortifica-
çam de
Ambrosio
Ferreira.

234

Chronica da Companhia de Iesu em Portugal.

pera entrar em tam dura bata-
lha; sahe logo, assim como esta-
va, com capa, & espada, com
huma cãveira nas mãos, à vista
de toda a cidade, hindo muy
devagar, com os olhos fitos nel-
la, sem os divertir pera nenhu-
ma outra parte. Com a vista de
tal novidade nam podia deixar
de haver grande abalo na gen-
te, principalmente sendo Am-
brosio Ferreira tam conhecido:
os amigos ficaram como atoni-
tos, persuadindose que hia dou-
do (que estes sam os pensamen-
tos errados do mundo nos acer-
tos da salvaçam) o mayor tra-
balho foy o que lhe deram os
mininos, concorrem logo mui-
tos, cer camno, seguemno, perse-
guemno (como he costume fa-
zer aos doudos) fazem mil gei-
tos, levãtam grãdes gritas, acõde
gente às portas, às janellas, sem
se darem a conselho, com este
novo espectáculo; & quan-
do chegou à Igreja de S. Cruz,
pera nella fazer oraçam, era já
tãta a rapazia, que o perseguia,
que foy necessario aos amigos,
pelo livrar de suas mãos, & nam
lhe prejudicarem mais à cabe-
ça (que elles cuidãvam que era
a culpada) tratar de o recolher
em alguma casa: porèm o apo-
stado pretendente hia tam mo-
desto, & tam seguro, que nem
dãva pelos gritos dos mininos,
nem pelas amoestaçoens dos a-
migos; pondo diante dos olhos

nam menos a cãveira, que tinha
nas mãos, que a Christo, que le-
vãva no pensamento, a quem
primeiro Heròdes, e com sua
corte, tinham desprezãdo como
doudo.

10 Com esta mortifica-
çam, vencendose a sy, & trium-
phãdo do mundo, chegou ao
Collegio, aonde o estava espe-
rando o P. M. Simam, que, vista
sua constancia na pretençam, &
quam bem soubera desprezar a
vaidade, o recebèo na Compa-
nhia, na qual viveo com grãde
exemplo, exercitandose sempre
em officios de humildade, pro-
cedendo, como homem, que ti-
nha premeditado naquella cã-
veira (que levou, sendo vivo)
qual havia de ser, ficando mor-
to. E nam foy este o mayor
excesso, que tem succedido por
hãr buscar a Deos à Religiam,
que S. Hieronymo conta outro
de hum mancebo cortesam, &
rico, que pera melhor fugir ao
mundo, sem ter em que lhe pe-
gar, se despio de todos seus ve-
stidos, & nu, pera mais imitar a
Christo crucificado, se foy pelas
ruas publicas, correndo ao mo-
steiro, aonde já o Abbade o es-
tava esperãdo, por lhe ter Deos
revelãdo que sahisse depressa
a recolher a quem, com
tal fervor, o vinha
buscar.

Anno da
Companhia
6.

Luc. 9. 23. n.
11. Sprevitau-
te illi Herodes
cum exercitu
suo.

Recebeo P.
M. Simam
na Compa-
nhia a Am-
brosio Fer-
reira.

D. Hieron. in
vita Parr.

CAPITVLO III.

*Continuam os nossos, por or-
dem do Padre mestre Simam
Rodrigues, com estas mor-
tificaçoens publicas,
em que os exer-
citava.*

SAhiam muitas vezes os
nossos, pelo meyo da
cidade de Coimbra, prè-
gando, & brádando penitencia
pelas praças, & pelas ruas pu-
blicas. Hum dia, sobre a tarde,
chamou o P. M. Simam aos ir-
mãos Manoel de Nobrega, Va-
leriano Mendes, & Manoel Fer-
nandez (todos tres ao diante
muy zelosos prègadores, & in-
signes obreiros na vinha do Se-
nhor) os quães, sahindo á boca
da noite, tocaram huma cam-
paina, & parando em certos
lugares, levantava hum dos cõ-
panheiros a voz, dizendo, *Lem-
bravos, irmãos, que hà gloria pera
bons, & que hà inferno pera os que
estam em peccado mortal; & foy grã-
de o fruto, que daqui se tirou,
como se via nos muitos, que se
compungiam, & vinham á nos-
sa Igreja tratar do melhoramẽ-
to da vida.*

2 Mandou logo ao outro
dia dez, ou doze juntos em cor-

po, & com sua campainha na
mam, na forma dos primeiros;
os quães, pelos mesmos lugares,
lançauam o pregãm seguinte:
*Peccadores, pois haveis de morrer, &
dar conta a Deos de vossa consciencia,
apartavos de vossos peccados: suce-
deo que entre outros, que aco-
diram a estas vozes, foy hum
honrado sacerdote secular, o
qual tambem, levado de sancto
zelo, & contentandolhe muito
esta traça dos brádos, se meteo
de volta entre os nossos; & co-
mo homem, que sabia mais da
terra, & conhecia melhor os
bairros, chegando a certas para-
gens, aonde elle sabia, que mo-
rava gente de menos exemplo,
dizia aos nossos irmãos em la-
tim, por nam ser entendido da
gente popular, *Fratres, clamate
hic, clamate; & se elle bem lho
encommendava, melhor bráda-
vam, repetindo o seu pregãm;
ao qual respondia o povo, que
os seguia, com suspiros ao céo,
gemidos de coração, batendo
nos peitos, & pedindo a Deos
misericordia.**

3 Logo ao dia seguinte
(porque nestas cousas nam per-
mittia detença) mandou varios
irmãos por diversas partes da
cidade, tambem em corpo, &
com os mesmos finães de mo-
destia, & humildade; os quães,
ao som das campainhas, que tã-
giam, convidavam a gente a
ouvir a palavra de Deos: aba-

*Vam ou-
tros prè-
gar em pu-
blico nas
praças.*

*Sahem os
nossos pe-
las ruas
brádando
penitência.*

Anno de
Christo de
1545.

236

Anno da
Companhia
6.

louse a cidade toda com tal novidade, & concorrendo à praça, pera onde os chamavam, se enchêo de grande multidam de gente; logo puzeram, no meyo della, hum pulpito, no qual, subindo o Padre Antonio Gomes (doutor Sorbonico, pela Vniversidade de Paris) fez huma admiravel prègaçam da morte, sobre aquellas tam repetidas palavras, *Mcmento homo, quia pulvis es, & in pulverem revertèris*: o successo do sermam foy notavel, muitas as lagrimas, os suspiros muy repetidos, com outros grãdes sinâes de contriçam: acabouse o sermam, com pedir a todos, q̃ ao seguinte dia, na mesma hora, viessem ouvir, do mesmo lugar, ao Padre Francisco Estrada (famoso prègador daquelles tempos, como temos dito) o qual, ao outro dia, por ser da gloriosa Magdalena, fez hũ largo, & eloquêtissimo sermam, a mais de sinco mil almas, que se ajuntãram, sobre aquellas palavras, *Lacrymis capit rigare pedes eius, & capillis capitis sui tergebatur*; com tam notavel abãlo, & tam copioso fruto, que logo concorrêo muita gente compungida ao Collegio, chorando mil lagrimas, como cervos feridos, a buscar a fonte manancial da divina graça, pelo sacramento da confissam; & alguns, dos melhores da Vniversidade, vieram, com grande fervor, pedir a

Companhia.

3. Estes bons effeitos sahiram dos sermoens dos Padres Antonio Gomes, & Francisco Estrada: tambem o irmam Gõçalo da Sylveira, & outros, que no mundo tinham sido illustissimos, fizeram outros sermoes, nam prègando com brãdos, mas brãdando com exemplo: porque sahiram muy pobres, com humas roupetas pardas, muito velhas, a pedir esmola pelas portas, da maneira, que costumam os pobres; exprimindo aquelle mesmo encolhimento, & humildade, que se vé nos pedintes; representando em sy por amor, o que aquelles mostram por necessidade. Espantãram se muito os graves da terra, & os da governança da camara, de ver, em habitos de pedintes, aos que tinham conhecido com trajos de fidalgos; & persuadindo-se que grande devia ser a falta do necessario, que obrigava a tâes pessoas, a pedir pelas portas, se ajuntãram em camara, aõde, havido seu conselho sobre este caso (que elles julgavam ser novo, & que lhes nam seria bê contãdo, nam acodirem, em tal occasiam, ao Collegio, que lhes parecia devia de estar em grande falta do necessario) mandãram suas embaixadas, offerecendo suas fazendas, & ainda suas pessoas, pera ajudar a tirar as esmolas: & se nesta offera mo-

Vay o irmam Gõçalo da Sylveira pedir esmola pelas portas.

Sermam do P. Francisco Estrada na praça.

a
Luc. e. 7. n. 38.

strãram

strãram a boa vontade, que nos tinham, tambem manifestãram, que nam entendiam o mysterio deste nosso petitorio, cuja riqueza estava, nam em tirar dinheiro, mas sò em pedir esmola.

Vamos nos
fis em cor
po buscar
agoa.

5 No mesmo tempo hiam outros em corpo, com quartas de barro às costas, vestidos com os mesmos pelotes curtos, a buscar agoa ao rio, & a huma fonte, que está hum pedaço fóra da cidade, à que hoje chamam a fonte do Bispo: neste fervor entravam pessoas de muito respeito, & autoridade, como era o Padre Luis da Grã, (que dahi a pouco foy Reitor do Collegio de Coimbra) o Padre Manoel Godinho (que no Collegio tinha officio de mestre da casa, que em parte respondia ao que agora he de ministro; & tambem, dentro em poucos annos, foy Reitor do mesmo Collegio) o Padre Antonio de Quadros, pessoa de grandes talentos, & outros muitos, de que, por vezes, fizemos larga mençam.

Tornase a
levantar
perseguiçã
contra as
mortifica-
ções publi-
cas dos
nossos.

6 Muito edificavam a muitos estes sanctos excessos, porèm tambem foram causa de grandes murmuraçoens, que tornãram resuscitar em toda a parte; sobre maneira estranhavam brãdarem, & prègarem os nossos pelos lugares publicos; como se a palavra de Deos es-

tivesse atada sò ao pulpito das Igrejas; o certo he, que atè dos pulpitos nos faziam, naquelle tempo, a charidade, chamando doudices, impertinencias, & hypocresias a nossas mortificaçoens no trajo, & a nossas prègaçoens nas ruas; como se nam fosse melhor prègar nas praças, que murmurar nos pulpitos. Grandes poeiras se tornãram a levantar neste particular; mas nam faltãram, tambem muitos, que vendo o espirito da Companhia, & o que pretendiamos com estas publicas demonstraçoens, nos defendiam em segredo, & nos autorizavã no publico, julgando, que nam eram doudos, os que se mortificavam como sanctos; & juntamente, que as acçoens, que faziamos, mais eram segundo a doutrina divina, que conforme os procedimentos do mundo; que a maiores excessos chegou, Isaias, mãdado pelo mesmo Deos, pois testimunha à Escritura sagrada, que prègou ao povo, andando nú, & descalço, *Et fecit sic vadens nudus, & discalceatus*: & nota S. Cyrillo Alexandrino, que nam fizera Isaias caso de lhe poderem estranhar, que hia menos galante, ou que parecia pouco gentilhomem. E com semelhãte espirito sahio Micheas, na mesma postura pelas ruas de Ierusalem, brãdando, & chorãdo, *Plangam, & ululabo, vadam spoliatus*,

b
Isai. 20. n. 2.

c
Cyril. Alex. ibi.
Idque fecit vō
admodū solici-
tus, quomodo
elegās appare-
ret.

d
Mich. c. 1. n. 8.

Anno de
Christo de
1545.

238

Anno da
Companhia
6.

¶ *mundus*: porque os sanctos nam attentam pera os juizos errados de quem os nota, mas sò respeitam os preceitos divinos daquelle a quem obedecem. Mas porque as perseguiçoens aqui foram muy repetidas, serà necessario mostrarmos mais em particular, como estas acçoens dos nossos nam mereciam ser tam reprovadas.

CAPITULO IV.

Mostrase como estas mortificaçoens, de que usavam os nossos, sam conformes á doutrina dos sanctos; dàse a rezã de se nam usarem já hoje tanto, na Companhia.

NAm he esta a primeira vez que o mudo se enganou, em ter por doudices as acçoens mais acertadas, & os procedimentos mais acordados, entre os varoens sanctos; porque a prudencia da carne he muy encontrada com as leys de Christo; & ordinariamente acontece julgar o mundo por erro, & desatino, o que os sanctos tem por acerto de sabidoria. Por grande loucura tivera o mundo, ver hum mancebo, no flo-

rente dos annos, rico de bens, galhardo na pessoa, & illustre por langue, viver em casa de seu pay, ^a como estranho, & pedinte, metido debaixo de hum a escãla, por barreira de afrontas, & desprezado de seus proprios criados; mas isto em S. Aleixo foy summa sabidoria, como Deos declarou em sua morte. Por doudice tivera a prudencia mundana, se visse a hum homẽ letrado, philosopho eloquentissimo, muito bem nascido, honrado, & rico em sua patria, hir se a terra muy distante, & tẽmar por vida ser carvoeiro; mas isto em S. Alexandre manifestou Deos ser alta sabidoria, revelando a S. Gregorio ^b Taumaturgo, que fizesse Bispo de Comana, cidade de Ponto, aquelle humilde carvoeiro, que depois deo na Igreja de Deos fermosos rayos de luz, entre as trevas de seus carvoes.

2 Por loucura, & desatino julgava Micol, ^c filha del Rey Saul, hir David em corpo dançando diante da arca do Senhor, devendo hir, como ella queria, muy bem vestido, & muy acompanhado, como depois fez seu filho Salamam ^d. Mas bem zombou David destes desprezos de Michol: nem se envergonhou (diz S. Ambrosio ^e) de fazer semelhante obsequio; por que mais estimava a approvaçam certa de Deos, que a opi-

^a
Apud Brev.
Rom. in festo
Iulij, die 17.
Sur. in vita S.
Alex.

^b
Martyr. Rom.
11. de Agello,
ex Baronio, &
Metaphr.

^c
1. Paral. 15. n.
27. Michol filia
Saul vidit
David balneans
arque ludente,
& despectu ei.

^d
3. Reg. c. 8. v. 13.

^e
Amb. lib. 4. ep.
30. ad Sabin.
Nō erubuit Da-
vid famine
opinionem, nec
opprobria pro
religionis ob-
sequio.

*Juizos do
mudo co-
sumã ser
muy erra-
dos.*

Bern. ep. 87,
a. Ogerium.

1. ad Cor. 4.
D. Thom. ibi.
lect. 4.

ad Cor. 2. n.
4. Animalis
ut homo nō
et cetera, quz
est spiritus
iei.

ora algus
antos jul
ados por
ludos.

Cor. li. 2. far 3.
nihil plus ex-
licet, ac si
nfanie paret
tetta ratione,
modque.

niãm falsa da molher. Pouco
monta (acresceta S. Bernardo ¹)
que huns tenham por loacura,
outros avaliem por zombaria,
as mortificaçoens sanctas, que
fazeis; que boa he a zombaria,
que aos homens dà occasiam
de riso, mas aos Anjos offerece
fermoso espectáculo de alegria:
*Bonus ludus, qui hominibus quidem
ridiculum, sed angelis pulcherrimum
spectaculum præbet.* Semelhante
ao parecer de Michol, era o jui-
zo, que formavam os Corin-
thios de S. Paulo, & dos mais
apostolos, havendoos por igno-
rantes, & de pouco fizo, por so-
frerem fome, & sede, ou por
lhes saltar vestido, como expli-
ca S. Thomas, & por soffrerem
afrontas, & receberem bofetada-
das; & nam hà que espantar
destes enganos, porque, como
diz o mesmo apostolo, o ho-
mem, que he sō animal nos ap-
petites, nam percebe as cousas,
que sam todas espirituas na es-
tima.

3 E tal vez muito avante
ainda passam os verdadeiros
servos do Senhor, porque de
propósito fazem cousas, por on-
de os julguem por doudos; &
chegam a fazer, por arte divi-
na, o que sō pôde succeder por
falta humana, que he fazerem-
se loucos por rezã, & serem
doudos por sciencia; que o ou-
tro ^h julgava por impossível. Tal
foy o Abbadẽ Simeam da pro-

vincia de Egypto, como conta
S. Hieronymo, o qual sabendo
que o governador, & justiça
mayor daquellas terras, o vinha
visitar, movido da fama de sua
sanctidade, tratou, com disfar-
ses de louco, encubrir verdades
de sancto, porque se poz á por-
ta da sua cella a comer, com
grande sofreguidam, & descom-
postura, como se fosse mente-
capto, & nesta conta o ficou
tendo, aquelle personagem, que
o buscava. Do mesmo espirito
foy o outro sancto Simeam Sa-
lo (cuja festa põem o Martyro-
logio ¹ Romano, Evagrio, & Me-
taphraste ao primeiro de Julho)
o qual se fingio doudo, pera en-
cubrir sua alta sabidoria, pretẽ-
dendo, com piedosos enganos,
embotar os fios de seu agudo
engenho, pera melhor afiar a fi-
neza de sua virtude: fazendo
desluzir seus grandes talentos
entre os homens; pera terem
melhor lustre entre os anjos: vẽ-
cendo, sem duvida, com a som-
bra desta fingida loucura, a luz
da mais acordada sabidoria; &
com a capa da ignorancia, as
togas da mais douda philoso-
phia: nam houve, por certo, no
mundo stulticia mais sabia, nem
doudice mais sesuda: à vista de-
ste fingido bruto, ficou verda-
deiro bruto o que, sendo sabio,
foy entre os Romanos chama-
do Bruto; & porque Deos via
sua tençã, o manifestou com
grandes

D. Hier. in vit.
Patr.

Martyr. Rom.
Julij. 1. Meta-
phr. ibidem.
Evagt. lib. 4.
c. 23.

Ovid. Fast. li. 2.
Dronus erat stul-
tissimus imi-
tator, &c.

Anno de
Christo de
1545.

240

Chronica da Companhia de Iesu em Portugal.

Anno da
Companhia
6.

ⁿ
AdHebr. e. 11.
n. 38. Circue-
runt melioris,
in pellibus ca-
pripnis egentes,
angustiani. &c.

^o
Lib. 3. e. 13. &
lib. 1. de habitu
monachali, c. 8.

^p
Alb. Grantz. li.
8. Saxon. e. 7.

*Notavel
mortifica-
çam de A-
dolpho Cõ-
de de Al-
facia.*

^q
Infelix erubui-
si Christi pau-
peris baiulans
jac. in manu-
bus, nunc vel
in capite oves
de quid porta-
eris.

grandes milagres em vida, & autorizou com musicas d'arjos na morte, ficando todos entendendo, que entam era mais fesu-do, quando se fingia mais doudo. E porque a vaidade humana tão to estima a riqueza dos trajos, & a galhardia dos vestidos; por isso os sanctos, & os prophetas, (de cuja conversaçam, como diz S. Paulo, ⁿ o mundo nam era digno) andaram vestidos de pelles de cabras, & de ovelhas, como pobres angustiados, & como affligidos, em habito de penitentes; & assim o conta Cassiano, ^o q fazião os mōges do Egypto. Tal foy Adolpho, Conde de Alfacia, ^p homem muy celebrado nas historias, por sua muita valentia; o qual, deixado seus estados, se vestio como pobre, se fez minimo entre os padres menores; & andado mendigado trazendo nas mãos huma quarta de leite, que tinha tirado de esmola; & passando por seus filhos, que vinham com grande ostentaçam de grandeza, teve naturalmente algum pejo; porém elle o venceu com huma valerosa victoria de sy mesmo, porque tomou a quarta, pola na cabeça, & quebrandoa, se enchêo todo de leite, dizendo estas memoraveis palavras: ^q *Pois te emvergontaste de trazer o leite nas mãos, mostraloas agora até na cabeça.* Desta maneira se soube mortificar este servo do Senhor: nem

se deo por afrontado neste caminho; pelo verem todo cheo de leite, antes entam se lhe abriu outra nõva, & mais celestial via lactea, por onde se caminha pela estrada mais apertada dos mayores desprezos, ao cêo, das mayores glorias.

4. E deste mesmo espirito procedeo a S. Francisco vestir-se em hum sacco de aspero burel; & desta mesma fonte manou àquelles grandes sanctos, cheos de verdadeiro desprezo do mundo, aos Antonios, & aos Paulos, vestirem-se de folhas, de palma, julgando, que assim se levava a palma do mundo desprezado; & que desta maneira ficava o espirito vencedor, triūphante da carne fopeada; & cõ rezam lhes convinha a palma, nam sò por insignia em a nam, mas por vestido em todo o corpo, pera que nenhuma parte tivessem, que nam andasse cuberta de victorias; nem se deve cõtar, entre os ultimos exemplos, o que neste particular nos deixou nosso P. S. Ignacio ^o de Loyola, o qual, ainda antes de ser religioso, desprio em Monserrate seus vestidos ricos, & se vestio em hum sacco de burel, caminhando descalço, & com a cabeça descuberta. Este mesmo espirito levou a frey Iacopone, da ordem de S. Francisco em Italia, aos admiraveis extremos, que delle contam, pois chegou

Hier. in vit. D.
Pauli eremit.

Ribad. in eius
vita, M. A. in
tus vita lib. 1.
c. 4.

In Chron. 2. p.
lib. 6. p. 32.

a sahir

a sahir pela cidade sem vestido, cuberto de pennas pegadas com tormentina, & assi entrou nas vodas de seu irnam, como se fosse doudo, sendo homẽ doutor, & muy conhecido. E estes sanctos excessos muy em especial convem às Religioes em seus principios, cõforme a doutrina de Thomàs de Chempis.

5 Estas demonstraçoẽs exteriores; os desprezos de atavio, de que os mundanos se prezam em seus vestidos, muy particularmente convem aos filhos da Companhia, pois nosso fim he, (como atrás dissemos) pera fazer vida em qualquer parte do mundo, sem termos habito proprio; & quando for necessario, pera mayor gloria de Deos, & proveito das almas, nam hemos de estranhar andar vestidos cõ turbante turquesco, & cõ marlota entre os Mouros; cõ cabaya entre os Asiaticos; no Iapam com quimóens, & na China cõ chãpãos (q̃ assi chamã aos seus mãtos) & tal vez, como soldados sã pagas, & como mercador sã commercio; entre os Abexins de Ethiopia vestidos de pelles, & cõ os Bragmenes de Madurè defcalços, & sã cõ alparcas. E como o P. M. Simam criava aos seus subditos do Collegio de Coimbra, pera fim tã soberano, permittialhes, & approvavalhes semelhãtes excessos, pera q̃ ao diante se nam achassem novos, quando

se visse cõ vestidos pobres, & nã estranhasse a mudança dos trajos alheos, os q̃ nũca os tiveram proprios. Alẽ de que (como diz S. Bernardo *) assi como o cuidado do ornato exterior, he sinal, de quam nua, & despida estã a alma, assim tambem o descuido no vestido costuma indiciãr o cuidado da alma.

6 Bem he verdade, que depois de larga experiencia nos foy o tempo ensinando, que nam estava jã hoje o mundo capaz pera se aproveitar destas trasordinarias mostras de virtude, pois em lugar de se edificarem do que nã faziamos, se escandalizavam pelo nam quereẽ elles fazer; & sendo as obras merecedoras de louvor, muitos as tomavam por dignas de zõbaria: levãtando tães tẽpestades, & tam grãdes murmuraçoens, que se resolvẽram os nossos Padres a recolher estes extremos entre os limites de hũa sancta mediocridade: que nam basta ser hũa açcam boa, & sancta, pera logo se exercitar; porque, conforme a doutrina de S. Paulo, x pòde a cousa ser licita na especulaçam, & pòde ser illicita na praxe; & esta mesma moderaçam, nos advertio, cõ divina prudẽcia, nosso glorioso P. S. Ignacio, em huma carta, q̃ sobre esta materia escrevẽo aos irmaõs do Coimbra, o anno de 1547. no qual a referiremos toda; nella diz, entre ou-

De imit. Christi lib. 1. c. 18. O quantus ser- vor omniu reli- giosoru, in prin- cipio suz san- ctæ institutio- nis fuit.

Conã p. 3. c. 2. lit. g. p. 6. c. 3. §. 5. In sum. n. 3. & n. 4.

u
D. Bern. in de- ciam. Saper- ecce nos reli- quimus. Curæ cordis indicia evi lens cõstip- ruse exteriorum, sic corundẽ fo- licitudo certum signum mentis inculcã.

Rezãmpor
que hoje
nam usa-
mos de
mortifica-
çoẽs publi-
cas.

x
1. ad Cor. c. 6. n. 12. Omnia mihi licent, sed non omnia expediunt.

Anno de
Christo de
1545.

Anno da
Companhia
6:16

Mortifica-
ções publi-
cas parecê
doudices
sanctas.

tras, estas palavras: Nam quera, q̄ cuidasseis, q̄ me desconteram vossas mortificações, q̄ estas, & outras doudices sanctas sey en que as usam os sanctos cō fructo, & sam de muito proveito, pera hum se vencer a sy mesmo. & adquirir mais copiosa graça, em especial, em os principios: mas em tempos de estudos, & a quem tem já mais dominio sobre o amor proprio com a graça divina, o que tenho escrito de se reduzir a huma discreta mediocridade, tenho por melhor; nam se apartando nunca da obediencia. Atêqui as palavras de nosso glorioso Patriarcha; nas quaes chama a este modo de mortificações, doudices sanctas, nam porque de todo sayam das regras da verdadeira prudencia (porque se assim fosse, nam mereceriam o nome de sanctas, que a sanctidade nam he imprudente) mas porque sam cōtra a policia humana, que censura por loucas estas acçoens, nam pelo serem, senam porque cuida que o sam.

7 O que devemos muito ponderar nestas regras de nosso sancto Padre he, dizer elle, com seu grande entendimento, & luz do cêo, que os demasiados fervores de mortificaçam, eram proprios de principiantes; donde nasce começarem de ordinario por aqui as religioens, lançando em os alicesses da fabrica de seu instituto estas pedras, que à

vista do mundo parecem tocas, & pouco lustrosas; mas, na realidade, sam firmes, & muito fermosas, & que nam menos servem, pera melhor segurança do edificio, que pera mayor crescimento da humildade. Conforme a esta celestial doutrina, nam hã que estranhar os excessos, com que entam sahiamos, nem a mediocridade, em que agora nos recolhemos, governada pela obediencia, cōforme a nossa * regra; que nos prohibe, que nam façamos mortificaçam publica, sem licença do superior. Advirto porém, q̄ posto que moderamos estes fervores em parte, nam os tiramos de todo; como se hirã vendo no discurso desta historia; porque pôde haver occasiam, em que semelhantes demonstraçoens sejam muy louvaveis.

CAPITULO V.

Escreve sancto Ignacio a primeira vez a el Rey Dom Ioam: dalhe conta de suas cousas; pedelhe licença pera o Padre mestre Simam hir a Roma, em rezã de renunciar o cargo de geral.

1 Q Valquer bom entendimento, que considerar o que atêqui

* Regula 6. C. 6. mun. Nullo mortificationis publicæ factæ, nisi superiore approbante.

^a
Isai. c. 8. n. 3.
Voca nomen
eius accelera,
festina &c.
Psa. 8. n. 6.
Exultavit ut
gygas ad cut-
rendã viam.
^b
Matt. c. 24. n.
27. Sicut sul-
gur exit ab O-
riente, &c.

^c
Iacobi, ep. Cat.
c. 1. n. 26. Om-
ne donũ perfe-
ctũ de fuisum
est descendens
à parte lumi-
num.

Grandes
obrigações
que temos
a el Rey D.
Ioam III.

temos escrito destes primeiros seis annos da Companhia, nam duvido, q se espantarã da prẽssa, cõ qã nova Religiam caminha-va, imitando ao bõ IESV, a quẽ tinha por capitam, & exemplar, ao qual hum Propheta. a poz varios nomes do appressado; & outro disse, que corria com pas-
sõs agyгантados; & o mesmo Senhor, com mayor proprie-
dade, se comparou a hum rayo, que nascendo no Oriente, parece, q em hum momento se poẽ no Occidente: assim vimos, nestes poucos annos a Cõpanhia tam dilatada, & tam estendida, que nascendo no occidente de Europa, logo foy amanhecer, como hum novo sol, no oriente de Asia; como se o mesmo fosse nesta Religiam nascer, & correr; apparecer nascendo, & desapparecer voando. Tudo isto se deve primeiramẽte a Deos nosso Senhor; porque toda a boa dadiva, & todo o dom perfeito, como diz o seu Apostolo, d'elle procede como de pay das luzes, que vé muy bem o que dá, & conhece muy bem a quem o dà.

2 No segundo lugar cõfessamos, que tudo isto se deve ao augustissimo, & liberalissimo Rey Dom Ioam o III. o qual foy o primeiro Principe, que fez no mundo estimaçam da Companhia, ainda quando nam era approvada, nem confirmada

pela Sè apostolica; como se nos amasse, nam pelo que sabia que eramos, senam pelo que via, que haviamos de ser: elle foy o primeiro q solicitou os Principes vizinhos, & remotos, a que tambẽ procurassem, & bafejassẽ cõ o Papa nossa confirmaçam; & em prova de quanto a desejava, quiz, que com grandes gastos, à conta de sua real fazenda, se pagassem as letras desta cõfirmaçam. Foy o primeiro que nos chamou pera suas terras, fundandonos fermosos Collegios, com grossas rendas: & entregandonos os espaçosos termos da mayor Asia, de cuja grande parte era senhor. Foy o primeiro Principe, que nos defendeo de perseguidores, & o que mais nos autorizou, com os mayores potentados da terra: de sorte, que mais parecia pay amoroso, que amigo affeioado. Com todas estas obrigaçoens (que mais tocavam ao Padre sancto Ignacio, que a nenhuma outra pessoa d'este mundo) pudera parecer ou mais que esquecimento, ou menos que fria gratidam a tam insigne bemfeitor, nam lhe ter atè este tempo escrita alguma carta, na qual lhe gratificasse tam reaes, & soberanas grandezas.

3 Tem os Sanctos tam diferentes primores dos que o nam somos, que muitas vezes

*Os varoẽs
sanctos es-
crevẽ pou-
cas vezes
a senhores.*

*Athan. in vita
Antonij, c. 50.*

o que nós cuidamos, que nelles he falta de gratidam, vem a ser effeito de humildade; & assim nam usarem de correspondencias politicas com principes, & de mutuos comprimentos com senhores, acham, que algumas vezes he obrigaçam da virtude, que professam, & he regra da abnegaçam, que pretendem. Voava pelo mundo todo a fama de sancto Antam Abbade, retirado no deserto da Thebaida, sem conversar com homens, quem sò tratava com Deos: desejava muito o Emperador Constantino tratar com tam grande sancto, communicarse com elle per cartas; escrevia lhe algumas vezes, encommendandolhe sua casa, & seus tres filhos Cesares: dissimulava porẽm o fervoroso ermitam; & como quem sò sabia dos primores da corte do cẽo, fazia pouco caso das correspondencias dos senhores da terra; nam por se mostrar ingrato, mas por querer ser humilde. Muy estimada era a fama de sancto Ignacio em toda Europa; muy grande conhecimento tinha delle o serenissimo Rey Dom Ioam, & as obrigaçoens, da parre do sancto Patriarcha nam podiam crescer mais; & como quem muy bem alcançava o muito, que lhe devia, dizia a boca chea, que a Companhia era del Rey Dom

Ioam, mais que sua; & ilto nam por comprimento, porque delles sua sinceridade era muy alhea, mas por obrigaçam, q̃ lhe punha este conhecimento.

4 Com tudo atẽ este anno de 1545. nam lhe escrevẽo carta nenhuma, procurando responderlhe obrando, & nam escrevendo; havendo, que entam melhor lhe escrevia, & mais o tratava, quando melhor o servia, & mais o venerava; & assim nam perdia occasiã nenhuma em que nam acudisse ao minimo aceno da vontade de tam magnifico bemfeitor, tratando todos os seus negocios na corte de Roma, que pera elle eram mais que proprios, & escrevendo sobre elles ao Padre mestre Simam, que com el Rey immediatamente corria em todos, encarecendolhe em suas cartas, que em seu nome, & de toda a Companhia, dẽsse as graças a S. A. pela singular proteiçam, & paternal beneficẽcia, com que emparava, & beneficiava esta sua Cõpanhia: dizendolhe, que se tinha por indigno de escrever a tam grande Principe; ensinando, com este exẽplo a seus filhos, que devemos procurar merecer os favores dos grandes senhores, mais com oraçoens, que com cartas; mais com nos retirar nas cellas dos mosteiros, que

*S. Ignacio
nam oufa-
va escre-
ver a el-
Rey, por
sua humil-
dade.*

*Rezoens, q
movèram
a S. Ignacia
a escrever
a el-Rey.*

com entrarmos nas fallas dos palacios.

5 Porèm neste anno de 1545. vencéo sua gratidam a sua humildade, & se resolvèo a escrever, pera gratificar merces, que já recebêra, & pera pretender outras, que ainda esperava; a principal, que agora queria, era, que dèsse licença ao Padre mestre Simam, pera chegar a Roma, pera effeito de renunciar o cargo de gèral. Desejava o sancto varàm, como tam humilde, aliviarse desta carga, pera se entregar, com mais vagar, à contemplaçam das cousas divinas; nam era possivel fazer em sua pessoa, & na Companhia tam grande mudança, sem que a communicasse aos Padres, com quem a principiou, & fundou; & como hum destes, & dos principaes em Europa, era o P. M. Simam, & o que estava mais ausente de Roma, & tam occupado na fundaçam da provincia de Portugal, & no serviço delRey, com tanta felicidade de bons successos, como temos visto; nam era justo, que o Padre mestre Simam fizesse o requerimento a sua Alteza por sy mesmo: tratou o sancto Padre de ser o requerente por sua mesma carta; na qual, com a mayor humildade, & demonstraçam de agradecimento, em seu nome, & da Companhia, gratificava ao sere-

nissimo Rey tantas merces recebidas; & porque sabia o sãcto, que desejava muito sua A. saber os particulares de sua conversam, os trabalhos, que tinha passado, & os carceres, em que estivera, primeiro que chegasse a pòr em execuçam tam raro edificio, como he o da Companhia; fez lhe o santo varàm, com toda a chaneza, & sinceridade huma sèria narraçam de suas perseguiçoens, prisoens, & sentenças, que sobre sua innocencia houve, em tantas partes, com os ditosos successos, que em todas teve. Muito festejou o benignissimo Rey esta carta, mostrando grande satisfaçam de quem a escrevia, & notavel gosto das materias, que nella se referiam, pelo muito que desejava saber muy por menor o que o santo passou nos combates, & difficuldades, com que lutara, até levar ao cabo obra de tanta perfeçam.

6 Apòs esta noticia de grande estimaçam pera elRey (por entender, que pessoa, de quem tinha tam sublime opiniam, o tratava com tal confiança) entrou o santo Patriarcha no ponto principal do negocio, que era declarar o seu pensamento, & humilde acordo de retirar-se do governo da Companhia, q já era tã dilatada por tantas partes do mundo, porque ainda que os negocios eram de

*Trata S.
Ignacio de
renunciar
o cargo de
gèral.*

Anno de
Christo de
1545.

246

Anno da
Companhia
6.

fy tam pios, & sanctos, com tudo, por serem muitos, & varios, dizia, que nam sentia em sy forças, nem talentos pera os poder sustentar; nem lhe davam o lugar, que elle desejava, pera tratar só com Deos, em hum quieto, & pacifica contemplaçam das cousas divinas. Chega finalmente a pedir a elRey liberal licença, pera o Padre M. Simam hir a Roma, pera com elle, & com os mais Padres antigos, se tomar a resoluçam em negocio de tanta importancia, em hum Congregaçam, que pera isto se fazia.

7 Mostrou elRey, na resposta, quanto estimava ficar aberto o caminho, pera mais particular communicaçam; & assim o fez, como logo veremos. Quanto ao que tocava à hida do Padre M. Simam, lhe significou quam difficuloso lhe seria largalo por entam, nam só pela falta, que lhe faria no tocante ás cousas de sua consciência, ao ensino do Principe, & dos moços fidalgos, & ao menço do governo do Reyno, pelo muito que se valia de seu maduro conselho; mas tambem porque nam estavam ainda as cousas da Companhia em Portugal, pera poderem crescer, & hir avante, faltandolhe seu principal estêo; que lhe parecia arriscarse muito tam fermosa colheita de plã-

Nam quer
elRey dar
licença ao
P.M. Simã
pera hir a
Roma.

tas, tam bem principiadas, com a ausencia de quem primeiro as plantou, & regou. Nam teve o Padre Sancto Ignacio por pouco consideradas as rezons, que elRey lhe dava, & assim cessou por entam da jornada do Padre mestre Simam a Roma; posto que, como desejava tanto de veras de se aliviar do officio de gèral, dilatou esta prètençam da hida do Padre, & de sua renunciaçam até o anno de 1550. como veremos no terceiro livro: & em hum carta, escrita de Roma a 14. de Novembro deste anno de 1545. (em que nos achamos com nossa relaçam) responde ao Padre mestre Simam, acerca de ficar em Portugal, nesta forma: *E pois sua Alteza tem tanta afeiçam, & vontade a esta minima Companhia, mostrando em as obras, em que sempre vay crescendo, ser particular senhor nesso em o Senhor de todos; de sua Alteza he mandarnos, & de nós obedecer, & crer, que a divina Magestade nos faz especial graça, em que possamos servilo em alguma*



CAPITULO VI.

Trata el Rey D. Ioam, por via do Padre Sancto Ignacio, com o Papa, sobre haver neste Reyno o tribunal do sancto Officio, do modo em que hoje està; & sobre o capello de Cardeal, pera o Infante D. Henrique, com o successo, que se pretendia.

COm esta occasiã começou el Rey a se comunicar, por cartas, com o servo do Senhor, & hia cada vez mais crescendo na opiniã de sua rara prudencia, & no amor a tam sancta pessoa, encommendañdolhe por vezes, que trataste cõ sua Sanctidade alguns negocios, muy importãtes ao serviço de Deos, & bẽ de seus Reynos; o que, naquelle tẽpo, em que ainda vivia o Cardeal D. Miguel da Sylva (de quẽ falamos no primeiro livro cap. 25.) nam foy de pouca importancia, pera informar S. Sãctidade, & conciliar a benevolencia cõ hũ Rey tam catholico, q̃ tam sãctido se mostrava, pelos termos, que com elle tivera aquelle seu vassallo, concluindose isto tam felismente, como dissemos.

2 Neste mesmo anno de que himos cõtando de 1545. se concluirã dous negocios de grande importacia, tratados, & alcançados por nosso S. Patriar-

cha, & muy bẽ sollicitados pelo insigne doutor Balthezar de Faria, que estava em Roma; & foy embaixador, da maneira que diremos no livro terceiro, cap. 16. n. 3. Entre outras cousas de grande pezo, que o serenissimo Rey encommendou a S. Ignacio, pera em Roma lhe alcançar, foy huma muy principal, & de grande consideraçam, & gloria divina, que procurasse cõ o summo Pontifice, que concedesse a estes Reynos haver nelles o sancto Officio da Inquisiçam, da maneira que ja o havia nos mais Reynos de Hespanha; & que revogasse o Breve, pelo qual tinha ordenado, e nam se procedesse até final sentença, sem ordẽ sua, & cõ outras limitaçoẽs. Foy este sancto requerimento diligenciado pelo bemaventurado Padre S. Ignacio, como negocio, que muito dizia com o zelo da fé dos fidelissimos Reys de Portugal, & muy conforme ao instituto da Companhia, cujo officio he prẽgar a fé entre gentios, & hereges, ensinar os bõs costumes, & dar a vida pela inteireza, & verdade da Igreja catholica. Tanto que nosso sancto padre recebeu estas cartas de sua Alteza, logo foy falar ao summo Pontifice, que estava fora de Roma em Monte Fiascon (passando as calmas no tẽpo dos Caniculares) donde sua Sanctidade lhe deo

Como negociou o tribunal do S. Officio.

Trata S. Ignacio de alcançar pera Portugal o tribunal do S. Officio.

Anno de 248
Christo de
1545.

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno da
Companhia
6.

muy larga audiencia, como que muito o estimava, ficando sò cõ elle, em huma camara: aqui beijou o pé a sua Sanctidade, em nome de Monsenhor de Monte Policiano, Nũcio de Portugal, q por carta lhe pedira o fizesse assim, & desse conta a sua Sanctidade, dos bons termos, em que se hiam pondo as cousas d'este Reyno, & da benevolencia, & grandeza, com que elRey já o recebera, o que até entam nam quizera fazer, por cansa das historias do Cardeal Dom Miguel, como dissemos atrás. Alegrouse muito S. Sanctidade, mostrando grãde cõtentamẽto deste particular, & dos sinães de amor, & devida sogeijam à sancta Sé apostolica, & Romana, q o piedosissimo Rey ẽ tudo mostrava.

3 Acabada esta informaçam, que o Padre S. Ignacio, como tam prudente, quiz lançar diante, por ver que havia de contentar muito a sua Sanctidade; vendo aberto o caminho com a benevolencia, que lhe tinha preuenida, lhe fez hũ largo discurso, em que declarou ao Papa, quanto importava, pera firmeza, honra, & defensam da fé, levantar, & criar, nestes Reynos, hũ perpetuo, & inuiolavel tribunal do S. Officio da Inquisiçam, com todos os privilegios, poderes, & izençoens, que hoje tẽ; porq aindaq neste Reyno já havia Inquisiçam, como

cõsta da bulla passada pelo mesmo Paulo III. ẽ 26. de Mayo de 1536. Cõ tudo esta bula (alẽ de ter algũas limitaçoẽs no tẽpo, & modificaçoẽs nas penas) já estava revogada, no tocante ao procedimento a sentença final. E nosso S. Patriarcha pretẽdia alcãçar as segũdas bullas (sẽ a limitaçam, & sã a revogaçam da primeira) como em effeito alcãçou, & sam as mesmas, por õde hoje se governa o S. Officio; & posto q já havia Inquisidor mór, q foy D. fr. Diogo da Sylva; elle porẽm renũciou esta dignidade no anno de 1539. no Infante D. Hẽrique, o qual foy o q ordenou este sagrado tribunal, & criou nelle o cõselho geral, & veyo a ser o primeiro Inquisidor mór, depois de haver Inquisiçam, na forma, q hoje vemos, a qual foy alcançada à instãcia delRey D. Ioam, sollicitada pelo insigne doutor Balthezar de Faria, & agenciada por S. Ignacio, como nos consta por cartas suas.

4 Praticou o P. S. Ignacio a S. Sãctidade, a pretẽçam, & rezões della, cõ todos os pòtos de jure, & gratia, & benevolẽtia, q se podiã allegar na materia. Tãbẽ esta proposta foy muy bẽ aceita de S. Sanctidade. E pera de todo ponto se alcançar o bom logro deste negocio, tambẽ se valeo S. Ignacio muito do secretario de S. Sanctidade Micer Bernardino Maffeo, & do eminẽtissimo Car-

Primeiro
Inquisidor mór de
Portugal.

Alcãça S.
Ignacio pe-
ra este Rei-
no o tribu-
nal da S.
Inquisiçaõ

Como pro-
pos ao
Sũmo Põ-
tifice o ne-
gocio da
Inquisiçaõ.

deal Alexandre Farnesio nepo-
te de sua Sanctidade, dando rezã
de tudo o que se hia obrãdo a
Balthezar de Faria, que entam em
Roma servia de assistir nos nego-
cios de sua Alteza: com tam bem
estreadas agencias se veyo final-
mente a concluir o negocio, con-
forme a võta de del Rey, & se ex-
pediram as segundas bullas, sobre
o sancto Officio, pelo Papa Paulo
III. em 16. de Agosto de 1547. Que
nam he pequena consolaçam, nem
a menor gloria deste sagrado tri-
bunal ser concedido à instancia de
tal Rey, & ser agenciado por via de
hum sãcto tam favorecido, & esti-
mado de Deos. E tambem os filhos
deste grãde sancto temos muito fun-
damento, pera esperar grandes fa-
vores. dos que assistirem ao go-
verno desta sagrada mesa, pois,
por meyo de seu sanctissimo pay,
gozam hoje poderes grandiosos,
& alcançaram izenções soberanas.

5 O segundo negocio, que sua
Alteza quiz, que passasse pela
mam do S. Padre Ignacio, foy a
eleiçam do Infante Dom Henrique
seu irmam, pera o sagrado Collegio
dos eminentissimos Cardeaes,
querendo tambem autorizar o tri-
bunal do sancto Officio com lhe
dar hum Inquisidor gèral, que foy
em tudo o primeiro destes Reynos,
tam autorizado na qualidade

de sangue real, como na digni-
dade de Principe da Igreja: tudo
o sancto Patriarcha negociou;
& tudo, em tam real pessoa, veyo
o tempo a unir, pois chegou a ter
o capello de Cardeal, com a dig-
nidade de Rey, vendo o Collegio
dos Cardeaes o que, por ventura,
nunca viram unido, em hum
segundo Melchisedech, Rey pade-
roso, entre os homens, & sacer-
dote sagrado pera com Deos;
a quem seu Reyno de Portugal,
depois de Rey jurado, vio no altar
fazer o divino sacrificio da missa:
com mitra de prelado, & cõ coroa
de Rey. O titulo que sua Sancti-
dade lhe deo, foy de sancta Cruz
em Ierusalem, que cõservou alguns
annos, mudando o depois em
titulo dos quatro coroados, que
cõservou até a sua morte. Nem
he rezã, que neste lugar calẽmos,
como dali a cinco annos, depois
de sua promoçam, ao Cardenalato,
no anno de 1550. quando por
morte do Papa Paulo III. de glori-
osa memoria, foy eleito Julio III.
sendo o Cardeal Dom Henrique
sõ de trinta & oito annos, era
jà, naquelle gravissimo senãdo
dos eminentissimos Cardeaes,
tam grãde seu nome, que de
quarenta votos, que havia no
Conclave, teve o serenissimo
Infante dezanove pera ser Papa
em Roma, vivendo sempre em
Portugal; & o que mais he, sem

nisto

Ignacio
vou so-
o capel
de Car-
al pera
Infante
Henri-
e.

nisto preceder significação del-Rey seu irnam, nem agencia do P. S. Ignacio; assim porque pera isto nenhuma ordem teve del-Rey, como porque sabia, que estas eleições nam devem ser diligenciadas com poderes humanos, mas remetidas à providencia divina.

CAPITULO VII.

Manda o Padre mestre Simam pera a India nove insignes ministros do Evangelho.

A Chouse o Padre M. Simam em Coimbra no principio d'este anno de 1546. conforme a seu sancto costume, de hir ter a festa do Natal no seu querido Collegio, & deterse nelle algũs meses, segundo a licença que lhe dava sua Alteza; com sua vinda, parece que de novo entrava no Collegio hum fogo divino, que por todos se ateava cõ nõvos fervores de oraçam, & mortificação, em tudo semelhantes ao que atégora temos referido. E como o numero dos fogeitos hia crescendo cada dia com novo augmento, pareceo-lhe ao Padre M. Simam, que era necessario repartir liberalmente com a India, mandando

huns nove fogeitos, pera ajudarem aos tres, que no anno atrás tinha despachado: tanto que no Collegio se soube, que havia aquelle anno missam pera a India, nam se pôde facilmente explicar os muitos oppositores, que houve a estas cadeiras, & os muitos candidatos, que sahiram a pretender, com sancta ambição, este desejado despacho.

2 Veyo finalmente a cahir a boa sorte nos seguintes religiosos; os Padres Henrique Henriques, Nuno Ribeiro, Frãscisco Henriques, Affonso Cypriano, Frãscisco Peres, & nos irmãos Nicolão Nunes, Adam Francisco, Balthazar Nunes, & Manoel de Morães: os quaes foram eleitos, & nomeados pera esta gloriosa missam, com as mesmas sanctas ceremonias, cõ que no anno atrás o tinham fido os Padres, que dissemos no principio deste livro: houve muitas lagrimas de saudades sanctas, muitas envejas nos que ficavam, & grande alegria nos que se hiam. Partiram de Lisboa em oito de Abril, no anno de 1546. na armãda daquelle anno, que constou de seis nãos, das quaes era capitam mór Lourenço Pires de Távora, filho de Alvaro Pires de Távora; Dom Ioam Lobo, Dom Manoel de Lima, Alvaro Barradas, Fernam d'Alvres da Cunha, Ioam Rodrigues Paçanha.

*Nomes dos
nove mis-
sionarios
da India.*

3 E porque julgamos ser obrigação nossa nam deixarmos em esquecimento os filhos desta Provincia, que embarcamos pera a India, de todos haremos sempre tecendo huma breve narraçam (deixando a mais comprida pera a historia do Oriente) porque nam he bẽ, que faltemos com alguma lembrança aos que nos grangeãram tanta honra. A esta Provincia merece eterna memoria o Padre Henrique Henriques, pela verdadeira imitaçam, que teve dos sagrados Apostolos, eleitos por Christo Senhor nosso, pera pescadores de homẽs em a costa de Galilèa, sahindo este bom Padre, singular pescador de almas, pela costa da Pescaria. O primeiro lança, que teve em Portugal no serviço do Senhor, foy deixar barcos, & redes, como fez Sam Ioam por seguir a Christo; porque, tendo bem de seu, & sendo já diacono, canonista de fama na Vniversidade, movido cõ o conselho de Christo no Evangelho, vendeo quanto tinha, & ajuntando em dinheiro quatro mil cruzados, os distribuiu aos pobres, com espanto da gente, que nam sabiam aonde hia dar tal liberalidade; & logo com igual edificaçam, feito este primeiro holocausto da fazenda (como Eliseo fez dos seus boys, & arado, pera nam ter occasiam de vol-

tar os olhos atrás;) fez outro melhor sacrificio de sy mesmo, entrou na Companhia, & se embarcou pera a India da maneira, que dissemos.

4 Daqui o mandou a obediencia a ter cuidado da Christandade do Cabo de Comorim, que com a industria do Padre S. Francisco de Xavier andava já bem cultivada, & com o sangue do Padre Antonio Criminal estava muy bem regada. Grandissimos foram os trabalhos, que nesta empresa padecéo este grãde servo de Deos; foy preso dos mesmos barbaros Badagãs, que martyrizaram ao Padre Antonio Criminal; tiveramno muito tempo em ferros, amarrado de pês, & de mãos, mas muito mais preso tinha elle o coraçam do amor divino; chegarãmo a meter com outro em huma braga muito curta; porẽm entam, mais livremente, passeava aquella ditosa alma pelos campos do Paraiso; & cõ barbara resoluçam de o matarem, o levãram huma vez ao cavalete, que he hum páo grãde pontagudo, aonde de alto a baixo espetam os que querem justicar: porẽm nam permitio o Senhor, que elle tivesse a morte neste tormento em effeito, posto que já a tinha bebida em desejo: livrou o Deos de huma, pera soffrer muitas mortes, com os incõparaveis trabalhos,

Trabalhos que passou o P. Henriques.

Grandes virtudes do P. Henrique Henriques.

Mat. e. 4. n. 18.

Joann. 4. n. 22.
Statim relinquit retibus &c.

Marci c. 10. n. 21. Vade, & quicunque habes vende, & da pauperibus.

1. Reg. c. 19. n. 20.

que padecéo por bem das almas, nos muitos annos, que depois vivéo: elle compôs a arte Malavar, & o vocabulario; trefladou a doutrina christã, que em Portugal ensinamos per modo de dialogo; compôs tambem na mesma lingua, em que era muy erudito, hum confessorio, & hum flos sanctorum; & tudo, com sua muita industria, fez imprimir na lingua vernacula do Malavar; & com estes livros se recolhéo, por todas aquellas partes, o muito fruto, que se esperava: nellas edificou muitas Igrejas, & dous hospitaes, hum pera remedio dos enfermos pobres, outro pera sustentaçam dos pobres saõs. Instituiu huma irmandade dos Christaõs mais provectos na virtude. Foy, em sua pessoa, irreprehensivel, nas palavras tam advertido, & prudente, que, em tanta variedade de negocios, nunca lhe ouviram alguma, em que de sgoftasse alguém. A esperança, & fé em Deos foy neste apostolico prégador muy admiravel, em prova de nossa sancta fé (como outro Elias com os Prophetas de Baal) desafiava os gentios, dizendo, que ajuntassem cento, ou duzentos Brame-nes, os mais doutos, que achassem, & que elle, o mais ignorante dos Christaõs, sahiria á disputa com elles: & que se nam queriam dar por argumentos de

palavras, viessem á experiencia das obras, & que entrassem com elle em huma fogueira, a ver quaes ficavam intactos do fogo, em prova da ley, que prégavam: o que tudo diz a com tanta confiança, que a tirava toda aos idolatras; os quaes tomaram por melhor partido calar, julgando, que sempre hiam a perder, ou tornãdo vencidos na disputa, ou ficando queimados na fogueira.

§ Trabalhava de dia, & de noite, por converter aquelles gentios, dos quaes trouxe muitos ao sancto bautismo. Enxergavase nelle huma consciencia purissima, huma castidade angelica; grande clareza com seus superiores: profunda humildade em suas açoens. No amor da sancta pobreza era tam pötual, que quem lhe nam visse a causa, que o movia, julgahia miseravel pelos effeitos, que mostrava: dizia elle, que mais estimava na costa da pescaria os seus remendos, do que os chatins prezavam as suas perolas. Na obediencia chegou ao mais alto ponto, em que sancto Ignacio a queria ver em seus subditos, porque era cousa que punha admiraçam, ver a hum velho de tanta experiencia, fogeitar-se ao minimo aceno de seus superiores, que tal vez eram moços na idade, & modernos na terra. Com ser tam viva sua fé (que

*Grandes
virtudes
do P. Henrique
Hé-
riques.*

3. Reg. c. 18. 2
n. 25.

parece

parece podia mudar montes, como Christo, prometia, & fechar alagoas, como fez o grande Taumaturgo^b) costumava dizer, & escrever, que na primitiva Igreja rendia Deos o mundo á força de milagres, mas agora, que o hemos de converter com virtude, & boas obras, com as quaes quer que provemos, & demos testemunho do Evangelho, que prégamos, & da doutrina, que professamos. Parece que sempre nelle ardia o fogo do amor divino, & daqui procediam as chamas, que brotavam fóra do zelo do bem das almas.

6 De todas estas virtudes nos deixou muitos, & muy vivos exemplos este grande servo do Senhor, que com ser tal sua sancta vida, nam faltou hum mal intensionado, & publico murmurador, que tambem, com grande escandalo, (imitando áquelles de quem fala o Propheta^c) punha a boca sacrilega neste fermoso céo: mas nam o deixou Deos sem a paga, que merecia, fechandolhe a boca com hũ prodigioso castigo, porq̃ quando queria falar, lhe sahia por ella hũ pedaço de carne, do tamanho de hum limam ordinario, o qual o nam deixava dizer palavra, q̃ se lhe entendesse; & assim passou toda a vida; que bem era, que pera sempre se fechasse a boca, de quem

sò pera murmurar a abria; & que pera sempre ficasse presa a lingua, que sò pera falar mal se soltava. Chegou finalmente este fiel servo do Senhor aos oitenta annos de sua idade, a qual, ainda que foy comprida, a respeito dos desejos, que elle tinha de ver a Deos, foy muy curta, segundo a vontade daquelles povos, pera o lograr: assim velho trabalhava, como mancebo; & assim o amavam, como a pay; antes, quanto mais hia envelhecendo pelos annos, que lhe entravam, tanto mais o hiam estimando, pelos temores de o perderem; que os velhos tambem pòem ser amados, se sabem ser proveitosos; antes os tâes sam como a fraita, diz Seneca, ^d que pelo Outono, quando he mais fugitiva, entam he mais agradavel, *Gratissima sunt poma cum fugiunt*. Chegou em fim ao termo da vida temporal, com penhores certos da eterna, na qual entrou, em 6. de Fevereiro de 1598. estado no lugar de Punicalle, chèo nam menos de dias; que de merecimentos, depois de recebidos os sacramentos, tendo sincoenta & sinco da Companhia. Varám verdadeiramente digno de perpetua memoria, pois sem viver ordinariamente em Collegios, nem casas novas, conservou, no meyo de tam barbara gentildade, a-

^a Marc. c. 13. n. 3. Quicunqueixerit huicnonti &c.
^b n eius vira 17. 10vemb.

^c f. 72. n. 9. Poverunt in ezum os suum.

Castigo, q̃ Deos deo i hũ murmurador.

^d Seneca ep. 12. Amplectenda est, & amanda senectus &c. Gratissima sũt poma cum fugiunt &c.

De sua ditosa morte.

quelle primeiro espirito, que bebèo no Collegio de Coimbra, que ainda nelle he mais de espantar, por ser já de vinte & cinco annos, quando entrou na Cõpanhia, & tendo de seu muitos mil cruzados: porém se a resolução de servir a Deos he verdadeira, logo hum toma o caminho direito da virtude, sem achar resistencia nas riquezas, nem ter impedimêto na idade.

Quam sentida foy sua morte.

7 O sentimento de sua morte foy tam grande, que nam sò os Christãos o choraram, mas até os gentios, & mouros, em final de dor, jejuaram o dia de seu passamento; & os gétios dos lugares comarcãõstãbẽ jejuaram dous dias, fechando suas tendas, & bázares, em final de tristeza, pela morte deste bom velho (que esta he a força da virtude, que até os que a nam querem professar, a sabem reconhecer) & commummente lhe tem tanto respeito, & tal opiniãõ de sua sanctidade, que ainda hoje, quando querem afirmar alguma cousa, júram pelo Padre Henriques; & todos os Christãos daquelles lugares vem de longe buscar sua sepultura, & como se fosse sancto canonizado, lhe fazem votos, lhe dam offertas, lhe poem candéas acesas, & com sancta simplicidade lhe mandam dizer missas. Hoje descansa seu bendito corpo em Tutocorim,

por causa do Collegio; que ali temos, aonde foy tresladado com grandissimo concurso de Christãos, & gentios, que ainda concorrem, com a mesma frequencia, a visitar sua sepultura, que assim honra Deos, ainda neste mundo, quem o soube deixar.

8 O segundo desta mislam foy o Padre Francisco Hêriques Portuguès, semelhante ao Padre Henrique Henriques, de quem atégora falamos, nam sò em o sobre nome de Henriques, mas tambem em nome de Apostolo, & nas obras de sancto: tambem lhe cahio por forte, hir ter cuidado da Christandade da costa da Pescaria, o que fazia com notavel cuidado, & admiravel charidade: tinha a seu cargo mais de cincoenta mil almas; estavam estes Christãos divididos em quarenta povoaçoens, com trinta Igrejas muy capazes, todas edificadas pelos nossos da Companhia: & tinha o Padre isto tambem repartido, que em cada huma dellas todos os dias se ensinava a doutrina aos homês, molheres, & mininos, em tempos diferentes, & deputados pera estes sanctos ministerios.

Virtudes do P. Francisco Henriques.



CAPITULO VIII.

Continuase a mesma materia das virtudes dos mais fogeitos desta missam.

I Tambem aqui merece particular lēbrança, entre os Portugueses, o Padre Francisco Pères Castelhana, hum dos eleitos neste anno, pera a missam da India: entrou na Companhia no anno de 1544. Tinha tam particular devaçam â sagrada paixam de Christo Senhor nosso, que em falãdo nella se lhe roubavam os sentidos, ficando todo arrebatado em huma como extasi de amor. Florecèo na India com particular opiniã de sançto; corrèo muitas terras, navegou muitos mares, dobrou muitos cabos, atravessou muitos golfaõs, passou além do rio Ganges, esteve, por muito tempo na cidade de Maláca, aonde trabalhou, com tãta continuaçam, com tal cuidado, & zelo, q̄ muitas vezes no mesmo dia prègava aos Christaõs, doutrinava os mininos, disputava cõ os Iudeos, & cõvencia aos Mouros. De quẽ se podia bem dizer o que S. Paulo^a de sy escrevia, *Instantia mea quotidiana;*

sollicitudo omnium ecclesiarum. No anno de 1550. em que Maláca sustetou aquelle famoso cerco^b dos Iãos (sendo seu capitam mór Dom Pedro da Sylva da Gama, filho do Conde Almirante, que com muito esforço, & destreza a defendeo, com ajuda, & favor do valeroso Gil Fernandes de Carvalho, que o veyo socorrer) teve o Padre Francisco Pères grandes occasioens em que mostrar seu espirito dobrado, que igualmente servia pera prègar a gentios, & pera animar a soldados; pera estar na Igreja confessando, & pera sahir ao campo peleijando: porẽm as armas, de que usava, eram de pròva, & muy aventajadas, com hum crucifixo nas mãos, peleijava, & vencia, animando aos Christaõs, & assombrando aos gentios; que estas eram as armas espirituas da milicia de que usava o Apostolo; confessando de sy, que nam sabia nem brandir outra lança, nem menear outra espada, mais que a Christo crucificado: *Nisi Christum, & hunc crucifixum.* Dali passou a Cochim; entrou em Negapatam, aonde, com huma morte sançta, deo principio a huma vida eterna, no anno de 1583.

2 Foy este Padre hum dos apostolicos fogeitos, & mais

^b
Vide Courto
Decad. 6. lib. 9
a cap. 51

Grandes
virtudes
do P. Frã-
cisco Pères.

^c
2. ad Cor. 10. 8.
4. Arma militie nostre non carnalia sunt.

^d
1. ad Cor. c. 2.
n. 12. Nõ enim iudicavi me feci re aliquid, nisi Christum, & hunc crucifixum.

^a
2. ad Cor. c. 11.
n. 28.

O P. Francisco Pêres he muy venerado depois de morto.

notaveis varoens, que a Companhia teve no Oriente, nam menos insigne trabalhador em vida, que estimado, & milagroso na morte. Foy sepultado na casa da sancta misericordia; & por mais que elle pedio, que o enterrassem entre os pobres, foy depositado no meyo da capella mór; & como era grande a opinião da sanctidade do bom velho, concorréo a terra toda a seu enterramento, & escaçamente o pudèram defender do povo, que acodia a venerar o corpo, & a lhe tomar reliquias. Ali esteve, por espaço de vinte annos, em grande veneraçam; & vindo a Companhia a ter ali casa, tratando de recolher, entre os nossos, este nosso thesouro; responderam os da misericordia, que nem ao mesmo Papa o dariam, senam obrigados, & que nam queriam largar tam milagroso deposito, pelo qual Deos lhes fazia grandes beneficios: em fim, depois de grandes instancias, alcançada a licença, com condiçam, que o nam levariam fóra da terra; aberta a sepultura, hindo hum religioso, com muita decencia, & resguardo, pera lhe tirar os ossos, achaos (couza maravilhosa) todos unidos, & liados entre sy, com huma raiz fresca, da grossu-

Acha lhe os ossos presos cõ hũa maravilhoza raiz.

ra de hum fio de barbante: pãsmam os presentes desta novidade; & advertindo, com mais attença, viram, que a dita raiz, nascia debaixo do casco da cabeça, unida a ella mesma, com muitas raizes, & procedendo dali, hia enlaçando, & enxerindo toda a armaçam dos ossos de todo o corpo, huns com outros; & depois se hia metendo pelos joelhos, & sahindo pelas canellas, até se vir rematar nos pès; sem deixar nenhum osso, que nam estivesse muy bem liado, unido, preso, & enlaçado com toda a boa disposiçam, & ordem; de sorte, que parecia obra milagrosa, feita só pela mam daquelle Senhor, que como diz o seu Propheta, guarda todos os ossos dos seus justos, & nem hum só deixa perder.

3 Grande foy o alvoroço do povo com tal maravilha, & muitos foram os discursos, que se fizeram sobre raiz tam mysteriosa; que nam se podia dizer da virtude deste Padre, o que Christo lançava em culpa àquelles, cuja sanctidade logo secava, porque nam tinham raizes. Sobre todos porèm contentou ao povo o parecer do seu Vigairo, que disse, que, com aquella notavel demonstraçam queria o bõ Padre dar a entender, que nam

Pfal. 33. n. 11.
Custodit omnia
ossa eorū, unum
ex his non eō-
teretur.

f
Marc. c. 4. n. 16.
Non habet radicē in se, sed
tēporales sūt.

era bem tiraremno do lugar, aonde tinha lançado raizes tam milagrosas: & porque he muy natural quadrarem as rezoens, quando combinam com as vontades; como os principaes do povo nenhuma tinham de largar da sua casa da misericordia aquelle bemaventurado deposito, se mostraram muy satisfeitos desta interpretaçam do seu Padre vigairo, a quem tinham por seu oraculo, mais certo que o de Delphos; & se tornaram a fazer fortes, sem querer largar aquellas, que elles tinham por preciosas reliquias; esperando o fruto, que tam fermosas raizes prometiam: persuadindose, que elles eram os escolhidos, entre os quaes o Espirito sancto^s mandava ao sabio lançar raizes. Em resoluçam, depois de varias demãdas, fezse hũa escritura publica, em que os Padres se obrigaram a por nenhum caso levarem aquelle bẽdito corpo fóra da terra, & de o terem depositado em lugar publico à vista de todos; & finalmente se fez a tresladaçam, com huma solenne procissam, concorrendo toda a gente pera o acompanhar à nossa Igreja, aonde foy collocado, & metido em huma caixa de teca, pãõ incorruptivel, a qual se fechou dentro de huma abobeda, que pera isso foy feita, aonde hoje está visitado,

& venerado de todos aquelles povos, aos quaes nam menos acodio com a boa doutrina; sendo vivo, que hoje com grandes favores, depois de morto; que nam podem raizes tam milagrosas deixar de dar frutos muy proveitosos: procurando àquellas gentes, diante de Deos, o bem de sua salvação; que se a raiz he sancta, conforme a consequencia de S. Paulo, ^h tambem os ramos hãde ser sãctos: *Si radix sancta, & rami.*

4 Entre os nove da missam deste anno, he tambem muy digno de boa memoria o Padre Affonso Cypriano, o qual residia em sancto Antam, aonde trabalhou com muito zelo, & edificaçam; até se embarcar pera a India; era já neste tempo anciam na idade, mas muy vigoroso no espirito. Na India foy varãõ perfeito, & grande perseguidor de peccados publicos: mandado pelo S. Padre S. Francisco de Xavier à cidade de S. Thomè, padecéo grandes trabalhos, pelo bẽ daquela Christãdade, por espaço de dez annos, com tãta charidade, vigilancia, & exẽplo de vida, q̃ nam tinha outro nome, entre os Christãos, senam de sancto. Nem lhe faltou o espirito de prophecia; pudera aqui contar muitos exemplos, com hum caso me contentarei, sobre o castigo, que denunciou ao

^g
Ecclif. 24. n. 13
Et in electis
meis mitte radices.

^h
Ad Rom. c. 11.
n. 16.

Caso notavel, q' lhe succedeo cõ hũs peccadores.

capitam, & piloto de hum navio; eram estes dous homens marcados pela natureza (que tal vez, com sua occulta providencia, nos finães, que poem no corpo disforme, nos avisa dos erros, que hã na alma depravada) porque o capitam era tartamudo, & o piloto cego de hũ olho; & mayor era a cegueira d'ambos na consciencia; nam sò os conheciã todos por famosos chatins, mas éram tambem conhecidos por infames peccadores. Sahe em terra o piloto, aonde deixou a consciencia, levando pera o navio furtada huma mulher casada, que tomou a hum Christaõ; sem respeitar a Christo, a quem offendia, nem ao Christam, a quem infamava: que aonde entra o espirito sensual, na peor maldade acha o melhor empenho. Andava o afrontado Christam como fora de sy pelas ruas brãdando justiça, contra insulto tam horrendo. Desfazia-se em zelo o bom Padre Cypriano; toma hum batel, boga ao alto, chega a bordo, salta no navio, que estava já pera dar à vella (como se sahisse de Lacedemonia, levando furtado o fogo, que abrazou Troya) queixase o Padre ao capitam, fala ao piloto, chora, ameaça, & bráda à vista de tam abominavel roubo; a resposta porêm foy de apupãdas, & zõbarias (que semelhantes pecca-

dores sam brutaes nas obras, & descorteses nas palavras) e abro
 705 Volta o Padre muy desconfolado pera a terra, & escaçamête se fez ao mar o infame navio, levando em sy presagios certos de sua infaulta perdiçam, quando o Padre, por revelaçam divina vio, que se havia de perder (que nam podia ser bem guiado por piloto tam mal governado) logo, prégando ao povo, lhe disse claramente, que se nam escandalizassem da paciencia divina, que se tardava algũa vez, em outras (como até o gentio alcançou) recompensa a tardança do tempo, com a gravidade do castigo; que de certo os avisava, que o navio se perderia, & o torto ficaria cego, & o gago mudo: foy isto entam mais festejado dos ouvintes por dito avisado, que por aviso dado por Deos: durou cõ tudo pouco tempo a graça em sua errada opiniam, porque se foubelogo, como o navio dera à costa, abrandose de todo, sem se salvar nenhuma fazenda; & que o capitam, cheo de rayva, & furor, se fora ao piloto, como a causa de todo o mal, & lhe arrancara o outro olho, deixádoo de todo cego (permittindoo assim Deos, em castigo de sua céga afeição) & o que mais he de espantar, que o mesmo capitam, com a força do brãdar no naufragio, ficara de todo mudo,

i
 Val. Max. li. i.
 Lento gradu
 procedit divina
 ira, tarditatem
 supplicij pœnar
 gravitate com-
 pensat.

Como succedeo o que tinha denunciado.

que

que nam era bem que mais pudesse falar entre os homens, quem tã mal respondéra ao Padre.

6 Nam posso deixar de referir brevemente outra, que parece notavel prophesia: estando doente o Padre Francisco Pères disse ao irman, que delle tinha cuidado: *No dia da vespora das cadeas de S. Pedro, se vos acabará, irman, este trabalho, que vos dou; porque nelle me soltará o Senhor das cadeas deste corpo mortal,* &c. Assim foy, que no anno de 1566. no mesmo dia que disse, ficou fóra das prisoens do corpo, voando a alma à liberdade da gloria, aonde, com descansos eternos, se remuéram trabalhos temporaes.

7 Entre os irmãos, que cõ tães servos de Deos este anno se embarcaram, foy hum o irman Nicoláo Nunes, companheiro do Padre Ioam da Beira, em as ilhas de Maluco, & do Moro, aonde soffréo grãdissimos trabalhos, pela conversam daquelles gentios: foy vèdido duas vezes, & de ambas entregue á morte, em ambas o livrou Deos milagrosamente. Navegando destas ilhas pera Maláca, se perdêo com o navio, & trabalhosamente se salvou a nado; passando em terra grandes fomes, & sede, até que dèspido o trouxe Deos á fortaleza de Maláca. Sam tambem dignos de eterna

memoria, o irman Balthezar Nunes, & Adam Francisco, o primeiro foy fiel companheiro do Padre Francisco Henriques, no cabo de Comorim, dando sempre grande exemplo de vida religiosa. O segundo tem boa prova de sua excellête virtude no grande Padre S. Francisco de Xavier, que mostrava grande satisfaçam de seu muy religioso procedimento.

8 Concluãmos este capitulo, com fazermos huma muy particular lembrança, & muy devida ao servo do Senhor, o Padre Nuno Ribeiro, companheiro destes nove, a quem em Amboyno quiz Deos honrar, & cõsumar seus gloriosos trabalhos, com a muy preciosa coroa de hum, que parece prolongado martyrio. Foy dos Religiosos da Companhia, que na India deixaram melhor nome de vida apostolica, de constancia nas adversidades, & de paciencia nos trabalhos. Renovou, por muitas vezes o exemplo da charidade de sam Martinho, repartindo dos vestidos amètade, & desejando de se dar a sy todo inteiro. Foy insigne missionario, andando varias terras, & navegando muitos mares. Dèramlhe os Mouros, em odio da fé, que lhes prègava, huma peçonha lenta, que pouco a pouco o foy consumindo; sem elle nunca esfriar hum ponto, nem

P. Nuno Ribeiro grãde missionario.

Dèramlhe os Mouros peçonha.

Dos procedimentos dos irmãos companheiros destes Padres.

Anno de
Christo de
1546.

260

Anno da
Companhia
7.

Sur. mense Ia-
nuarij, die 27.

à vista da morte, no grande fervor de espiritu, que nelle ardia. Faltandolhe já as forças pera visitar os seus Christãos, como costumava, se fazia levar em huma manta a hombros de homens, fazendo, por causa da doença, o que fazia Sam Ioam Evangelista, em rezam de sua muita idade; até que finalmente, desfeito com a peçonha, espirou; deixando, como sabemos, fama de sancto; & gozando, como parece, da gloria de martyr. Estes foram os nove ditosos companheiros, que este anno enviou pera a India o Padre mestre Simam; peçamos ao Senhor, que assim como sabemos reconhecer suas virtudes, saibamos imitar seus exemplos.

CAPITULO IX.

Vay o Padre Francisco Estrada em missam a entre Douro, & Minho, detemse no Porto; entra na Companhia, movido de seus sermoens, o Conego Vasco Ferràs.

Dissemos da ditosa missam, que os da Companhia neste anno fizeram por mar, façamos agora no volta da terra, &

veremos o bom successo de outra, que fez o Padre Francisco Estrada em entre Douro, & Minho; que tal era o espirito daquelles nossos primitivos Padres, que nam menos tratavam de ajudar à conversam dos gentios na India, que de acodir à reformaçam dos costumes em Portugal; socorrendo aos que viviam longe, & nam desemparrando aos que lhe ficavam perto. Prègou o Padre Francisco Estrada a quaresma de 1546. em Coimbra, com grande latifacçam, & igual fruto; & logo sahio juntamente em missam a entre Douro, & Minho, & em peregrinaçam ao senhor Sanctiago; hindo, como verdadeiro peregrino, por todo o caminho a pé, confessando, prègando, & trazendo as almas a Deos por todas as vias, que podia; levava por companheiros dous outros sacerdotes, que em os ministerios propios da Companhia muito o ajudavam. Nesta forma entrou na cidade do Porto, aos 6. de Mayo; & logo aos 8. em que celebra a Igreja a festa, & apparecimento do archanjo S. Miguel, no Monte Gargano, fez a primeira prégaçam na Igreja do mesmo Principe da milicia angelica, que está fóra da porta, que chamam do Olival, da maneira, que aqui direi.

P. Francisco Estrada entra no Porto.

2 He costume antigo da-

quella

Occasiám,
que teve
pera prè-
gar de re-
pente.

quella nobre cidade hir (em o tal dia, todos os annos) áquella Igreja, os da governança, o Cabido, & o mais povo: succedeo sobrevir hum inconveniente ao prègador, que pera o sermam daquella festa tinham nomeado; & como a fama hia diante prègando quam famoso prègador era o Padre Estrada, vieram-lhe offerecer o sermam, por causa do aperto, & falta em que se viam; o qual elle logo aceitou. Tanto que na terra se publicou a novidade, & a fama do prègador, houve trasordinario concurso da gente, de maneira, que foy necessario, contra o costume, fazerse o sermam no cãpo, debaixo da boa sombra das oliveiras: em entrando o prègador no pulpito, entrãram em espanto, & desconfiança delle os ouvintes (que o povo, nas suas festas, sempre quer ter o melhor prègador) olhãvam huns pera os outros, reparando todos na pouca idade, que representava; porque, segũdo parecer de muitos, escaçamente julgavam ter vinte annos; & como ordinariamente a gente pelos annos julga o saber (como se nam fossem muitas vezes os muito velhos na idade, muito ignorantes na sciencia, aos quaes, com a Escritura sagrada, podemos chamar moços de cem annos) ao espanto, & á desconfiança seguiu se grande inquietaçaõ do audito-

rio, que se dava por afrontado, dizendo, que parecia cousa de zombaria, em tal dia, & em tal ajuntamento, terem por prègador hum mancebo de tam fraca representaçãõ. Nam deõ o Padre pelos sinães, que vio da pouca aceitaçãõ da pessão; comẽçou o sermam, & a poucas palavras entendèram, que nelle, com ventagem, sopria o espirito os annos, que lhe faltavam na idade; que destes mancebos fallava o propheta Ioel, ^b quando lhes gabava o saber aventajado, pera alcançar mysterios soberanos, & conhecer visoens celestiaes; & a tal como este dizia Deos por Ieremias, ^c que se nam escusasse com a idade de moço, *Noli dicere, puer sum.*

3 Ao principio foram pouco a pouco ficãdo suspêso, & pendentes da suavidade, & eloquẽcia de suas palavras, cõ as quaes parece, q̃ tinha nas mãos as rédeas, cõ q̃ governava as vontades, & convencia os entendimentos; como se elle fosse, na verdade, o Hercules ^d Gallico, que a antiguidade fingio, o qual na lingua tinha as cadeas, com que trazia presos os ouvintes, & com que lhes rendia as vontades; assim o fez aqui o Padre Estrada; atè que finalmente, pera o fim do sermam arrebenãram todos em lagrimas, & prãto desfeito, com sentimento de seus peccados, nam sõmente os

^b Ioel c. 2. n. 28.
Et iuvenes vestri visiones videbunt.

^c Iere. c. 1. n. 7.

^d Aleiar. epigr. 190. Quavis durissima corda Eloquio poliēs ad sua vota trahit.

^a Isai. c. 65. n. 20.
Puer centū annorum morietur.

Quam satisfeitos ficaram do sermam.

seculares, & o Cabido, mas tambem os religiosos, que se acharam presentes. Mudada já a opiniã do desprezo, em admirãçam de tanto saber, em tam poucos annos, do grande espirito, que mostrava, da modestia do rosto, da humildade das palavras, & da composiçam de todo o exterior; diziam publicamente, que desejando no seu prégador de o ver homem nas cans, o acharam anjo no talento; & que sô tal anjo podia dignamente prégar de S. Miguel Archanjo.

4 Acabado o sermam, ficaram todos tam satisfeitos do prégador, quam descontentes de seus peccados; & pera que se veja a força do espirito do céo, que falava neste fervoroso mancebo, entre outras conversoens, & mudanças de vida, que deste sermam se seguiram, foy notavel a de hum conego, chamado Vasco Ferràs: era elle filho de Gaspar Ferràs, nob. lissimo cidadã (da familia dos Ferrazes, que he bem conhecida, & das mais nobres daquella nobre cidade) veyo o conego na procissam do Cabido, com bem differentes pensamentos, dos que levou pera casa, era mancebo de dezoito annos, rico, & prebendado em sua terra; naquella verdura dos annos entedia melhor da alegria da idade, q da malêconia do breviário;

Mudança notavel do Conego Vasco Ferràs.

como quẽ tratava mais de se lograr da vida presente, q de assegurar os bẽs eternos: no mesmo dia, em que foy vestido de conego na procissam, mudou o habito clerical, depòs a loba, tirou a murfa, & com vestido muy galante de secular polido, foy ver, & dar vista de sy, passeando pela feira (que tambem naquella occasiã, à honra do sagrado archãjo, se fazia) Veyo com tudo a ouvir o sermam, mais levado da curiosidade do prégador, que gabavam, que cõ pensamento da conuersã, que nam imaginava: que a hora do Senhor he como a hora do ladrã, conforme diz San Pedro, que entam vos entra pela porta, quando menos o esperaveis em casa.

5 Em o Padre Francisco Estrada começando a prégar logo a palavra divina, como espada penetrante, o começou a ferir, com tal efficacia, que em breve se sentio todo vencido, & rendido a Deos; continuava o sermam, & continuavam as lagrimas, & crescia a contriçam: nam espera mais aquelle cervo ferido, que o fim do sermam, pera vir demandar ao seu prégador, pera que lhe dẽsse o remedio quem lhe tinha causada a ferida: assim o fez, vemse apòs elle, entra no hospital, aonde se recolhia; declaralhe a dor, que trazia em sua alma, & em prova

della

2. Petri c. 3. n.
10. Advenie
dies Domini
surt.

Vem o Conego Vasco Ferràs a pedir a Companhia.

Anno de
Christo de
1546.

Capitulum
7.

della, lhe mostra o sangue de vivas lagrimas, que pelos olhos, em grande abundancia, brotavam: dizlhe, que vem resoluta a deixar de todo o mundo, & que logo se quer meter na Companhia. Consolava o Padre ao seu enfermo, dizialhe, que aquella resoluçam pedia mais maduras consideraçoens, que encommendariam o negocio a Deos, que se a vocaçam era sua, elle, que tinha dado os desejos, tambem lhe daria o comprimẽto: & com estas, & semelhantes palavras hia aquelle sabio medico acodindo ao seu enfermo; porẽm elle requeria mayor prẽssa; que apertos de alma ferida, nam admitem dilaçam na cura; & nam sofrem alguns vagares nos remedios.

6 Tães foram os finães da divina vocaçam, que o Padre Estrada vio neste mancebo, que o recebeu logo consigo; & com toda a brevidade, o remetẽo ao Collegio de IESV de Coimbra, com huma carta pera o Padre Martinho de S. Cruz, que era o Reitor, em que lhe encommendava, que logo o admitisse na Companhia. Quẽ bem considerar estas acçoens, nam menos se edificarã da prẽssa do Conego, em se converter, do que se espantarã da diligencia do Padre Estrada, em o receber: mas o Espirito sancto nam sabe admittir vagares, &

quando a vocaçam he sua, inflamma com ardores os affectos, & sobreleva com luzes os discursos; que assim o lemos de S. Paulo, o qual ao primeiro movimento da graça divina, offerece logo a Deos a alma rendida, *Domine, quid me vis facere.*

7 Nam se poderam fazer, com tanto segredo, estas mudanças da vida, & da terra, por mais que as pretẽderam disfarçar, que nam as presentissem seus pays (que como o outro disse, nam há poder enganar a quem tem amor) mandaram logo gente, que lhe fosse no alcance (porque antiga cousa he seguir o mundo a quem lhe foge, & muitas vezes fogir de quem o segue) tomaramlhe os caminhos, & atalharamlhe os passos, com tanta destreza, que lhe foy forçado voltar atrás, nam em a resoluçam, mas no caminho, por dissimular com a força de quem o violentava. Chega ao Porto, com satisfação, & prazer de quem o trazia, & muito mais de quem o esperava. Passando pela porta do hospital, que lhe ficava no caminho, acompanhado de seus seguidores, & perseguidores, se reportou de sorte, que deo consigo dentro do aposento do Padre Estrada, acolhendose a elle como a sagrado, com a mesma resoluçam de nam sahir dali senam pera Companhia. Dêram

logo

He recebido,
& mandado
pera
Coimbra.

Act. 9. n. 6.

f
Virg. AEn. 4.
Quis fallere
possit aman-
tem?

Como refi-
sio a seus
pays.

Christo de
1546.

logo rebate aos pays os que o foram buscar, escusandose de lhes fugir a presa, mas consolados com a deixarem emprazada. Vièram elles voado ao hospital, apercebidos de armas tão mais violentas, quanto mais brandas; chòramlhe, lastimam-se, poemlhe diante dos olhos o estado em que já o tinham, feito conego, provido de beneficios, bastantes pera honrar sua familia, & acodir a seus parentes, que attente no desatino, que cometia, & que tratasse logo de emenda, porque seus poucos annos o escusavam da repentina loucura, que inadvertidamente cometêra.

8 Nam foy porèm a graça divina tam pouco efficas, que pudessem persuaçoens humanas render hum espirito tam alentado. Aqui soube o conego fazer o que S. Hieronymo lembra ao outro mancebo Heliodoro, porq se resolveo de passar avante, ainda que fosse necessario, ao sahir da porta, pizar a seu proprio pay, por seguir os arreaes de Christo. Com huma piedosa crueldade (porque como diz o mesmo sancto, he genero de piedade ser cruel neste particular) rebatéo todas estas fortes armas, dizendo, que de balde se cansavam, & que mais obrigaçam tinha de buscar a Deos, que o levava pera o cèo, que de seguir a seus pays,

que o chamavam pera o mundo. Com tam valente reposta, se desfizeram os combates, & ficou o campo por Christo; logo se buscou, & achou modo (porque tudo se facilita a quem toma de véras semelhante resolução) pera com mais segurança, & mayor quietaçam se partir pera Coimbra, aonde foy recebido na Companhia (pelo Padre Martinho de S. Cruz, Reitor daquelle Collegio) em 14. de Mayo de 1546. no septimo anno da Companhia, tendo Deos nosso Senhor chamado a seu serviço, na forma, & modo, que relatamos, aos 8. dias do mesmo mes.

CAPITULO X.

Dos procedimentos do irman Vasco Ferràs, até sua morte na Companhia.

1 **P**Ois viemos com o conego Vasco Ferràs a Coimbra, concluamos com elle, & com o successo, que teve na Companhia, em quanto remos ao Padre Estrada recolhido no hospital do Porto, & continuado a sua missam, & logo nos voltaremos a elle; que bem he que vejamos o bom logro deste seu cõvertido,

que

7.

Volta a Coimbra, entra na Companhia.

Hiero. ep. 1. ad
Heliodor. Per
calcatu perge
patrem. &c.

Hier. ad Helio.
ep. 1. Pietaris
genus est in
hac re esse cru-
delem.

do proce-
dimêto do
irmam Vaf-
o Ferrás
a Compa-
hia.

que tambem muito em breve chegou ao porto da salvaçam. Foy admiravel o exemplo, com que o irram Vasco Ferrás se houve no Collegio de Coimbra, nem se pôde em breve encarecer, quanto o divino espirito obrou naquelle fogeito, tam poderosamente rendido á sua divina graça ; logo tomou o caminho da virtude tam de proposito , que se adiantou a muitos, que primeiro que elle gostáram a doutrina da Companhia. Resplandecia nelle , com grande excessso, quasi perpetuo exercicio de óraçam, & contemplaçam , em que gastava muitas horas de dia, & de noite , com tam intimos affectos de uniãem com Deos, que muitas vezes perdia a uniãem de suas acçoens com o uso dos sentidos exteriores, padecendo largas, patentes, & claras extases ; sendo muitas vezes necessario levaremno nos braços, tam alheo de sy, & dos negocios humanos , quam presente com Deos , & com as cousas divinas. Com igoal resoluçam se applicava a todo o exercicio da mortificaçam. Mas nem sempre a fraqueza do corpo acompanha a fortaleza da alma : tam rijas foram as violencias , que o espirito fazia à natureza, que veyo a enfermar , com huma febre habitual, que o con-

sumia , a quem acompanhou sempre a espirital , em que ardia . Entendêram os medicos , que podia ser de favor ao enfermo , mandalo aos áres da pátria; assim se resolvéo, & assim se executou.

2 Nam havia no Porto casa , nem residencia da Companhia ; & como da cidade se nam pretendia mais que os áres naturaes, lhe parecêo ao irram, q̄ é qualquer sitio d'ella os poderia lograr: tratou de se encobrir a seus pays, & parentes, seguindo o exemplo de S. Aleixo, & de S. Ioam Calybíta: & assi cõ todo o segredo se foy meter no hospital, aonde tinha começada sua vocaçam cõ o Padre Estrada ; entra nelle desconhecido, como hum pobre religioso doente , que naquelle hospital vinha buscar cura; & como estava tam consumido da febre , tam pouco o conhecerã os cidadãos naturaes, como os de Roma a S. Aleixo, por mais que os que tinham cuidado do governo do hospital, eram os principaes da terra , & todos parentes seus. Vivia o sanctinho enfermo, como peregrino, em sua patria: mas sua muita modestia , & do seu cõpanheiro, a muita prudencia nas acçoens, & rara paciência na enfermidade, convidou a muitos á virê, cõ sancta curiosidade, visitar este religioso enfermo : em resoluçam, tanto especulãram

Como adoe-
cêo, & foy
mãdado ao
Porto.

^a
Martyr. Rom.
17. Julij.
^b
Martyr. Rom.
15. Januarij.

Anno de
Christo de
1546.

266

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno da
Cõpanhia

7.

*Buscam
meo pera
o trazer
pera sua
casa.*

*Como foy
conhecido
de seus
pays.*

na matéria os que desejavam saber quem era o doente, que em fim vieram adivinhar, q era o irman Vasco Ferrás. Brota outra nova admiraçam de terẽ entre sy quem nam conheciam por cousa sua: renovase a memoria do admiravel caso de sancto Aleixo, filho de Euphymiano, cidadam illustrissimo em Roma: aos pays parecia sonho a nova (ainda que nada melhor se cre, que o que muito se deseja) trata o pay do defengano desta perplexidade, vẽ ao hospital com Henrique de Gouvêa, de quem logo falarẽmos, vay demandar o enfermo, que por mais que fez por se encobrir, nam pode o filho deixar de ser conhecido do pay, pelos sinaes que a natureza sabe dar, & nõs nam sabemos explicar: levaro o pay nos braços banhados em proprias lagrimas; nam sabe o que mais fin ta, se o prazer de o ver, se o estado em que o via: a mesma mãy acodio ao hospital. Tratam os pays, & os parentes de o trazerem pera sua casa, afsim por acodirem à enfermidade de filho tam querido, como por satisfazerem á hõra de pays tam honrados: porẽm o mefmo foy falar ao irman em mudar a casa da sancta pobreza, que mais que sua mãy amava, que dobrarselhe a febre, & crescerarselhe o desgosto.

3. Nam tiveram outro remedio, pera render ao irman Vasco Ferrás, que valeremse do Padre Dom Gonçalo da Sylveira, que neste tempo andava por aquellas terras em missã apostolica, pedindolhe, que aconselhãsse, & mandãsse ao irman, se rendesse às conveniencias, que estavam tam claras, a que os obrigava o direito natural de pays, & tam a perturbada enfermidade do filho, que nesta resistencia nam sò perigava a vida do enfermo, mas tambem a honra dos parentes, que seriam muy mal avaliados, por deixarem morrer-lhes à porta hum filho tam amado, desamparado do socorro de quem o gerou: mas nam foy tam facil de dobrar, em seu favor, o padrinho, que tomaram, que nam defendesse primeiro a sancta repugnancia do enfermo, dizendo, que as leys da graça eram superiores ás regras da natureza, & as obrigaçoens do espirito da Religiam, eram transcen tes aos costumes da policia natural: porẽm, que sem embargo de tudo, respeitando o grande perigo em que estava a vida do irman, & visto cederem todas as mais virtudes, a respeito da charidade, que elle approvava neste caso a mudança da casa da pobreza, pera a casa da natureza.

4. Admiravel foy o exemplo, que este hõ irman deo em casa de seus pays, cõ o irman da Cõpanhia, q tinha cõfigo; eram

*Como pro
cedeo em
casa de
us pays.*

todas

todas suas delicias, & toda sua cõsolaçam: nam permitio, q̃ mulher nenhũa lhe enrrasse na camara aõde estava enfermo, mais que a mãy que o gérara: a enfermidade hia sempre em crescimento, mas o fervor do espirito ainda era mayor; o cuidado nos exercicios espirituaes, era o mesmo que no Collegio de Coimbra: todos os dias ouvia missa em hum altar, que se lhe ordenou defronte da sua cama, entre semana comungava muitas vezes; por mam do Padre D. Gonçalo da Sylveira, em quãto por ali se deteve: no cuidado de sua pessoa assi passava, como se absolutamẽte nam estivesse em casa de seus pays. O seu cuidado todo era o trato cõ Deos nosso Senhor, com perpetuas jaculatorias, & suavissimos colloquios, com que significava quanto desejava versẽ cõ Deos; em tal forma, q̃ logo variava na cõversaçam, se cõ alguẽ a tinha, levado todo da divina, q̃ de todo lhe roubava a alma, & prendia os sentidos. Outras vezes advertia, com alvoroço, & fadiga aos presentes, que nam estavam bem cubertos diante da Virgem sanctissima, de Sam Ioam Evangelista, & de sancto Agostinho; tendo todos por causa certa, que lograva estas visões, & favores do céo, nam sendo effeito da febre ethica semelhantes tresvalios, quãdo a

outrospropositos os nam havia. Alguns dias, antes de sua morte, disse, com muita segurança, qual havia de ser o de sua ditosa hora. Ouviram huma vez, que gritava na sua camara, acodiram seu pay, & mãy, parecendolhes, que seria termo ultimo da vida, chorando já por morto; parando o paroxifmo, pos o irman os olhos no crucifixo, que ali tinha, & logo, voltando pera os pays, lhes disse; nam chorem, senhores, por mim, que hã muito tempo que sou morto; desda hora que me sacrifiquei a Deos, pera viver sò a elle: & quanto ao deixar esta miseravel vida, eu sey quando o Senhor me hãde fazer esta merce, que será a 23. de Março. Peçolhes, que nẽ agora, nẽ entam me chorẽ por me perderem, antes convertam as lagrimas em alegria, porq̃ me tiveram na Cõpanhia de IESV; que assi lembrava S. Hieronymo a Heliodoro, q̃ nam chorasse a Nepotiano, pelo haver perdido, antes se alegrasse pelo ter gozado: *Ne doleas, quod talẽ amiseris, sed gaudeas quod talẽ habueris*; seguindo a doutrina de Christo, q̃ prohibio semelhantes lagrimas, ^d *Nolite flere super me*; tendo por asrõta de sua fortaleza, chorarẽlhe a morte: antes (como lemos em S. Ioam, queria o Senhor, que se alegrassem com sua ausencia.

Como se
preparou
pera a morte.

Hier. epist. 3.

^d
Luc. c. 12.
n. 28.

^e
Ioan. c. 14. n.
28. Si diligere-
tis me gaude-
retis utique,
quia vado ad
Patrem.

Christo de
1546.Companhia
7.

Peço tambem (acrescentou logo o irman Vasco Ferrás) que me enterrem diante do sanctissimo Sacramento, & q̄ nam tragam dõ por mim, pois sou religioso. Pedio mais ao irman seu cõpanheiro, que no amortalhar de seu corpo, nam consentisse, q̄ interviesse secular algum. Chegou finalmente o dia de 23. de Março, & nelle, como tinha denunciado, acabou muy sanctamente, nas vesporas da Anunciaçam da Virgem sanctissima, de quem era devotissimo.

6 Chegado o tẽpo de lhe amortalharẽ o corpo, lhe achou o irman ter os joelhos tam calejados, & asperos, como se fossẽ de camello, por causa da muita continuaçam, cõ que assistia na oraçam de joelhos, vio tambem as costas cheas de calos, & finaes de feridas, que mostravam bem o rigor dos açoutes, & disciplinas, cõ que a ffligio seu corpo. Acodio o Cabido, a cidade, & o povo, & lhe fizeram hũ solenissimo enterramento, depositãdoo diante do sanctissimo Sacramento, como elle tinha pedido, pera ter seu corpo morto na terra, a vista daquelle Senhor encuberto, de quẽ no cẽo gozava descuberto. Este foy o remate do caminho da perfeiçam, q̄ o conego Vasco Ferrás tomou no Porto, movido de hũa pregaçam do Padre Francisco Estrada, abraçandose, com tanto fer-

vor, cõ a perfeiçam, a que Deos o chamou, que nam hã que espãtar, chegar em popa tam brevemente, cõ o vẽto do Espirito sancto, ao fim desejado; & aportar tam depressa em outro melhor porto, & mais seguro da bẽaventurança; porque entrãdo na Cõpanhia, em 14. de Mayo de 1546. entrou no cẽo no anno seguinte, em 23. de Março de 1547. Nõs agora, pois ainda estamos na cidade do Porto, voltamos ao hospital, aonde deixamos ao Padre Francisco Estrada, continuando sua missã; & jã que vimos a mudança de vida deste mãcebo, vejamos tambem outra de hum mais velho.

CAPITULO XI.

Do mais fruto, que o Padre Francisco Estrada recolheu na cidade do Porto, em especial na mudança de vida de Henrique de Gouvea; & de como, ainda ausente, animou aos seus devotos.

Vimos no capitulo passado a notavel mudança do conego Vasco Ferrás, cõ a primeira pregaçã, q̄ fez na cidade do Porto

Como foy enterrado.

o Padre Francisco Estrada; com este bom principio de sua mis- sam , & com os favores do cêo , que experimentavam , continuou , trabalhando por nam haver falta no que pudesse redundar em bem das almas. Hiase cada vez mais ateando o fogo do desejo da salvaçam em a cidade , & o Padre Estrada o affoprava, & acendia fortemente . Eram notaveis os abalos em toda a forte de gente : huns escolhiam viver em pobreza , deixando o mundo : outros acodiam , com grande continuaçam , ao sacramento da confissam , & da sagrada communham ; recolhiamse muitos a fazer os exercicios espirituales. Houve grandes restituçoens do alhéo ; & fizeramse muitas amizades entre pessoas nobres , que viviam com grandes desavenças , & discordias muy pezadas. Foram visitados os hospitaes, & carceres , acodindose a todos , nam menos com a esmola espiritual pera a alma , que com o remedio temporal pera o corpo.

2 E pera que vejamos como a todos abrangéo esta reformaçam de costumes, causada pelo Padre Francisco Estrada, & entendamos, que nam há estado na Igreja de Deos, que seja isento de experimentar mu-

danças de vida melhorada , verêmos o que sucedeo no Porto em hum nobre cidadam casado. Entre todas as vidas, a matrimonial parece mais arriscada com perigos , mais inquieta com cuidados , mais impedida com varias occupaçoens . Porém, pera que soubessemos, que o matrimonio (como bem disse sam Ioam a Chrystomo) nam he impedimento pera a virtude , sempre Deos no mundo teve, neste estado, homens perfeitos , & de vida exemplar; como a Escritura divina conta de Abraham, Isaac, & Iacob, & outros claros lumes da atrazada antiguidade: tambem tiveram os seculos seguintes homens , que desse estado gozaram gloriosos nomes de sanctidade: nem nestes modernos têpos faltaram alguns , que obrigassem aos presentes à perfeçam dos passados ; dos quaes nam merece o ultimo lugar o de quê agora falaremos , que deve a mudança, & melhoramento de sua vida ao Padre Francisco Estrada.

3 Entre os mais graves, & nobres cidadãos casados , que havia naquella cidade, era hum delles Henrique Nunes de Gouvêa , filho de Sebastiam Nunes de Gouvêa, & neto, por parte da mãy, de Cornello d'Vtra , primeiro capitam, & descobridor das ilhas Terceira, Pico, & Fayal,

^a
Chryf. hom. 21
in Gen. cap. 5.
Audiant viri, &
mulieres, ut ne
quis arbitretur
obstaculū vir-
tutis esse con-
jugium.

Mudança
de vida de
hum nobre
cidadam,
chamado
Henrique
de Gouvêa.

Anno de
Christo de
1546.

270

Anno da
Companhia
7.017

a quem elRey Dom Manoel tinha dada a dita capitania, pera sy, & pera seus herdeiros. Tratavase Henrique Nunes de Gouvêa naquella nobre cidade, com grande casa, & muito lustre; dandose a passatemplos, & conversaçam d'amigos, bem esquécido da mudança, que havia de fazer, & dos exemplos, que nos havia de deixar. Antes da chegáda do Padre Estrada, o exhortava muito Gaspar Nunes Barreto, seu amigo, & parête (& irram do Padre Ioam Nunes Barrero, de quem atrás falámos) que se chegasse à confissam muitas vezes, & se desse às obras de piedade (como elle fazia, excitado dos tres irmaõs, que tinha na Companhia, dos quaes, por vezes, temos falado) festejava Henrique de Gouvêa a devaçam do parente, mas nam lhe aceitava o conselho, que lhe dava, dizendo, que era aquilo beataria; que com semelhantes desdens se escusam os que tem a virtude por escusada. Porém na prégaçam do Padre Estrada, assim como moveo Deos o ecclesiasticõ, de quẽ já falámos, tambem moveo o casado, de quem agora diremos. De tal maneira tocou Deos, & falou ao coraçam deste nobilissimo cidadam, que d'aquella hora por diante, até o fim da vida procedeo, com hũa igualdade de sanctos costumes, em

forma tam conhecida por celestial, que toda aquella cidade o teve por hum singular espelho de qualificados procedimentos. Recorreõ logo ao Padre Estrada, ao qual, posto que mancebo, tomou por pay na virtude, por confessor, & por mestre na vida espiritual; tratando, com todo o cuidado, de se aproveitar a sy no espirito, & de ajudar aos outros na salvaçam; fazendo, em tudo o que podia, o officio de hum muy perfeito religioso da Companhia.

4 Logo se tirou do governo, & cargos honrosos da republica, nos quaes era o primeiro; que quem sabe lograr os gostos do cêo, no mesmo instante, com grande confiança, despreza as honras do mundo. Empregava-se todo em visitar os hospitães, em remediar os pobres, cõ suas esmolas, & em curar os enfermos, com suas mãos: & sendo por vezes provedor da misericordia (porque só este cargo admittia) parecia o mais humilde, & o mais charitativo irram daquella sancta casa. Notavel foy a criaçam, que deo a seus filhos, levavaos ao hospital, & ali, fechadas as portas, esquecido do ser de pay, se lhes fazia mestre de humildade, pondose com elles a fazer as camas, & servir em tudo o mais aos enfermos; que de tam boa arvore necessariamẽte haviam de bro-

Procedi-
mentos, &
virtudes
de Henri-
que deGou-
vêa.

^b
Gen. 18. n. 6.
Festinauit
Abraham. &c.
n. 8. Festinauit,
& coxit illum.

Phil. de Abra-
ham.

Padre Chri-
stovam de
Gouvêa fi-
lho de He-
rique de
Gouvêa.

tar fermosos ramos ; de tal casa de charidade nam podiam os filhos deixar de sahir muy charitativos (que foy o que disse Philo Iudeo ^b da casa de Abraham, na qual, porque o amo era tam apressado em agasalhar hospedes, foram os criados tam diligentes em servir anjos: *Nemo ad humanitatis officia segnus est in iusti familia*) De tal eschola nam podiam deixar de sahir os filhos muy bem aproveitados, porque feis, que nosso Senhor Ihe deo, todos entraram em Religiam; as filhas foram freiras; & os tres filhos, em chegando à idade de 14. annos, como elle era tanto da Companhia, dous entraram nella, como em casa sua; o mais velho delles foy o Padre Christovão de Gouvêa, varão innocentissimo, de vida muy exemplar, & de admiravel charidade, que logo parecia garfo, que sahira de tal tronco: teve na Cõpanhia cargos muy honrados, & que entre nós demandam muita virtude, & autoridade: foy mestre de noviços, Reitor de S. Antam, companheiro do Padre Provincial, Visitador do Brasil, Reitor do Collegio & Univerfidade de Evora, Provincial de Portugal, & Preposito da casa de S. Roque; do qual necessariamente farão ao diante larga, & honrifi cã mensã, os que continuarem a chronica desta Provin-

cia, por ser hum dos mais infignes varoões do seu tempo.

5 O segundo filho foy o Padre Ioam de Madureira, homem de grande espirito, infigne talento, & excellentes partes. Foy Reitor do Collegio de S. Antam, Preposito da casa de S. Roque, muy estimado do Cardeal Archiduque Alberto, quando governava estes Reynos, muy querido de todos os grandes de Portugal. Com todas estas qualidades, & autoridade, se desterrou, pelo bem das almas, pera o Brasil, sem dar pela repugnancia dos que o detinham, nem pela pouca saude, que o escufava; levava consigo dezoito companheiros, & elle hia por Visitador daquella Provincia. Ao sahir da barra foy tomado dos Ingreses, com quem entãm havia guerra, & morrêo, em summo desemparo, antes de chegar a Inglaterra; donde depois nos voltaram seus companheiros a esta Provincia. O terceiro filho entrou Capucho na Provincia da Piedade, aonde acabou sanctamente: pera que d'aqui tiremos (como de Marcella disse Sam Hieronymo,) qual seria a doutrina do mestre, quando tal foy a virtude nos discipulos.

6 Estes foram os filhos de Henrique de Gouvêa, & este era seu bom procedimento, que sendo leigo no estado, pare-

Padre Io-
am de Ma-
dureira, fi-
lho de He-
rique de
Gouvêa.

^c
Hier ad Marsel.
ep. 11. Vt faci-
lis sit estimatio,
qualis magistra,
ubi tales discipulz.

anno de
1546.

Anno da
Companhia
6.

Carta do
P. Gonçalo
Vaz de
Mello.

cia sancto na virtude ; & como era tã principal pessoa naquella republica , tinham grande effi- cacia seus saudaveis conselhos, pera decepar peccados antigos, & em plantas bravias enxertar verdadeiras virtudes. Com o exemplo deste grave cidadam, & com os sermoens, & procedi- mentos do Padre Estrada , foy tam illustre a reformaçam da cidade do Porto, que passando por ali em missam o Padre Gõ- çalo Vaz de Mello , escreveu huma carta ao Collegio de Co- imbra , na qual , falando nesta materia, diz assim : Hã nesta ci- dade muita gente devota, & delibera- da a servir a Deos , em tal maneira, que sam mais de duzentas pessoas, que se confessam muitas dellas cada oito dias , & recebem o sanctissimo sacra- mento : o principal de todos he o grande servo de Deos Henrique de Gouvea ; todos elles se amam entre sy, com huma charidade muy semelhante àquella , com que os de nossa Compa- nhia se amam em IESU Christo. Nam se falam senam por irmãos, & aonde quer que se tó pam dous, ou mais delles , parece que se querem meter na alma ; & se hum tem alguma tribu- laçam, he logo consolado dos outros, que o exhortam, a que leve de boa vontade a cruz, que nosso Senhor lhe quiz dar ; & pois lançou mam ao arado , nam olhe pera trás , antes seja muito con- stante , & persevere até a morte no serviço do Senhor , por mais trabalho, que seja. Entre estes hã certos, que

tem por exercicio visitar os outros , só pera os exhortar a terem perseveran- ça com grande fervor. Alguns hã, que fazem gente, & sollicitam, & movem outros, até morrerem nesta sancta ir- mandade ; & cada dia trazem nova gente ao amor da virtude, & exercicio de obras sanctas. Esta tam illustre es- chola de devaçam, & virtude, princi- piou Deos pelo Padre Estrada, & sem- pre foy, & ainda vay em grande cres- cimento. Assim amam todos os da nos- sa Companhia, como se foram della, & lhe tem grande amor, & respeito. Fa- ram estas pessoas , & sam cada dia muy perseguidas de outros da mesma cidade, mas elles tem por grande mer- ce de Deos todas as contradicçoens, que lhe vem ; & nam fazendo caso dos desprezos, & zombarias, com que os afrontam, vam sempre por diante, sem afrouxar, nẽ tornar hum ponto atrás. Em fim he cousa tam notavel , que se nam pôde escrever como he ; porque, sem falta, he muito mais do que se pôde cuidar. Atéqui o Padre Gonça- lo Vaz de Mello , pessoa muy qualificada, como veremos ; o qual, correndo o tempo, no an- no de 1571. morreu Provincial da Companhia, nestes Rey- nos. Da qual carta bem se vê o muito fruto da missam, & prê- gaçoens do Padre Francisco Estrada , pois houve tantos , & tam bons companheiros, que, com animo tam deliberado, to- mãram esta celestial estrada da salvaçam, a qual, ainda que (co- mo disse Christo Senhor nosso)

he

^d
Mat. c. 7. n. 14.
Quam arcta via
est, quæ ducit
ad vitam, pauci
sunt qui intrant
per illam.

^e
Apoc. c. 11. n.
25. Et portæ
eius non claud-
dentur.

Sam perseguidos no Porto os devotos do P. Francisco Estrada.

he estreita, & apertada, com tudo sempre está patente, pera os que, com a graça divina, por ella querem caminhar; & as portas do céo, como testifica S. Ioam, sempre estão abertas, pera os que merecerem entrar por ellas.

7 Nam fez Deos tam pouca estimaçam do grande fruto desta ditosa missam do Padre Francisco Estrada na cidade do Porto, & do notavel aproveitamento dos moradores della, que nam quisesse illuminar mais, & avivar melhor tam finas cores de sanctidade, com os retóques das perseguiçoens. Costume foy sempre no mundo murmurarẽ os imperfeitos, & perdidos das boas obras, que vêm fazer aos virtuosos, & sanctos; porque desta maneira quer Deos nosso Senhor acrisolar melhor os preciosos quilates do ouro da virtude, com os mayores combates do fogo da adversidade: assim succedéo no Porto aos que, com os conselhos do Padre Estrada, mudaram a vida, & reformaram os costumes. Grande foy a perseguiçam, que o diabo contra elles levantou, movida por muitos destrahidos, que com fôtaques malignos, com argucias infernaes, com risos descompostos, com desprezos de povo descortés, tratavam as reguladas acçoens de gente, que revestia todas as suas com sobreve-

ites de piedade, & sanctidade; riam do que nam entendiam, zombavam do que nam estimavam, desprezavam o que nam amavam, & perseguiam o que nam seguiam; que sempre este foy o costume do mundo, diz sam Hieronymo, desprezar por palavra, o que nam pode conseguir por imitaçam: *Quod consequi non valent, despiciunt*: pretendendo com semelhantes detracçoens, (como acrescenta o mesmo sancto) aliviar faltas proprias cõ desdanhar de virtudes alheas: *Remedium pena sua arbitrantur, si nemo sit sanctus, si omnibus detrahatur*. Sofriam elles, com paciencia, estas afrontas, & pera mayor consolaçam sua, escreveuam huma carta, por mam de seu principal patrão Henrique de Gouvêa, ao Padre Estrada; estando elle já em Lisboa, como a seu instructor, & pay espiritual, dãdolhe conta das perseguiçoens, que passavam, nam pera se aliviarem com estas queixas, mas se animarem com seus conselhos. Admiravel foy a reposta deste insigne varão, que por ser muy comprida, nam ponho aqui mais que a sustancia de suas eloquentes palavras, & efficazes rezoens.

8 Em primeiro lugar lhes diz, *que ainda que era tam clara a materia de sua paciencia, nam era como a que os sanctos padeceram com as perseguiçoens dos tyrannos, os quaes chegaram*

^f
Hieron. lib. 2.
Apolog.

^g
Hier. epist. ad
Asellam.

Escreve o P. Estrada ao Porto.

chegaram

Anno de
Christo de
1546.

274

Anno da
Companhia
7.

chegaram a por fogo, derramar sangue, tirar a honra, & privar da vida; que eram bem diferentes instrumentos de rigor, do que sam as palavras, que no ar se resolvem: que as afrontas, que lhes faziam, & diziam, se podiam be levar á vista das que disseram, & fizeram a Christo, Senhor do mundo, & Rey da gloria: & que quando o pay foy tam farto de opprobrios, bem era que os filhos se nam escusassem de os provar: que se envergonhassem de já se enfastiarem de afrontas, confessando o Senhor, que fo dellas deste mundo se parte sequioso. Que sam muitos, & muy grandes os proveitos, que se tiram de taes perseguiçoens, porque quando nos calumniam do mal que nam fazemos, espertamos, com mais cautela, no bem que devemos fazer. Que nam deixemos de seguir a virtude por medo dos q. a perseguem, porque no caminho da perfeiçam, os mayores murmuradores, contra os sanctos, costumam ser os melhores espertadores pera o bem: que a virtude nam he mimosa, antes quando mais combauida, entam melhor arriegada, como as searas, que com os mayores rigores deitam mais fundas raizes, & saem mais bem logradas. Que os bons procedimentos, entre bonanças, & louvores, sam flores, que depressa se murcham, criadas em brandas primavera, & bafejadas com zephyros favoraveis, as quæes logo nos primeiros dias do inverno secam, & no primeiro assoprar do vento sul, morrem. Que entendessem, que a gloria dos que confessam a Christo campeou melhor nas mayores perseguiçoens, & mostrou

melhor seus quilates nos martyrios mais deshumanos. Que nam seremos do bando de Deos, se arrecearmos os ditos dos homens; que mal poderemos sofrer obras ruins, quando estranhamos palavras descompostas. Que se houver olhos estendidos aos bens do paraíso, facilmente sofreremos as carrancas dos perseguidores, pois, como diz S. Paulo, bastam tribulaçoens leves, & que duram pouco, pera nos carabiarem ganhos de coroas, que seram eternas. Que a virtude há de ser muy constante, & da natureza da palma, da qual, como dizem os naturaes, quanto mais a carregam com pesos pera baixo, tanto mais se levanta vencedora pera o alto: & que ham de imitar, com a fragancia de suas nobres accoens, a propriedade das especies aromaticas, que quando sam mais pisadas, entam ficam mais cheirosas. Que atencem, & façam bem suas conças, porque muitos mais sam os bons, que os estimam, do que os poucos, a quem descontentam, pois no ceo contentam a Deos, aos anjos, & aos sanctos, & na terra sempre os virtuosos tem alguns, que os amam, & sempre contentam aos que se contentam da virtude? E posto que nam gostam delles os peccadores, he prova de virtude approvada, ser de semelhante gente reprovada.

9 Esta he a sustancia das cousas, que em sy continha a carta do Padre Francisco Estrada, toda ella composta com tanto espirito, & tam rara eloquencia, que poderia espertar aos mais preguiçosos, quanto mais

h
Ad Cor. 1. c. 4
r. 17. Memēta
neū, & leve tu-
bulationis no-
stra: supra mo-
dum in sublimi-
tate, æternum
gloriæ pondus
operatur in no-
bis.

i
Alejar. embi.
36. Nititur in
pondus palma,
& confurgit in
altū. Quo magis,
& premitur,
hoc magis tol-
lit onus.

excitar aos que já corriam. Esta carta léo Henrique de Gouvêa a seus devotos companheiros, os quaes alentados, & confirmados com tam sanctos conselhos, & tam apostolicas lembranças, continuaram, com feliz successo, o caminho começado da perfeiçam, devendo ao Padre Francisco Estrada, os sanctos principios, com que entraram por esta estrada da salvaçam, até que chegaram ao ditoso termo da bemaventurança.

10 Entre todos assi como foy notavel a vida, foy admiravel a morte do grãde servo de Deos Hériq Nunes de Gouvêa, o qual, fazêdo voto de castidade, cõ cõsentimento de sua molher Beatriz de Madureira, virtuosissima, & nobilissima matrona; vivendo, como irmãos, em continua oraçam, & penitencias; tratando de se consagrarem de todo a Deos, elle na Companhia, & ella no convento de S. Clara (aonde tinha já duas filhas) esperando licença do nosso Padre gèral; lhe deo huma febre maligna, de que veyo a morrer; comprindo primeiro, com grãde perfeiçam, todas as obrigaçoens de bom Christam. O qual, estando à hora da morte, chamou a sua companheira, & lhe deo conta de tres particulares mercês, que Deos lhe tinha feitas, e manifestadas; primeira, q̃ estava certo de se haver de sal-

var; segunda, de haver de morrer naquelle dia do glorioso S. Bento: terceira, que lhe declarava, que ella morreria d'ali a dez annos, no mesmo dia. Pela certeza, com que se compriram estas duas ultimas, julgamos, que tambem a primeiaa lhe foy concedida pelo pay das misericordias. Mandou chamar o Padre Reitor do nosso Collegio, que já ali tinhamos, & fez os votos da Companhia, conforme as licenças, que tinha de sua molher, & da Companhia; & acabou com grande consolaçam de sua alma, & edificaçam dos presentes. D'ali a dez annos, no mesmo dia de S. Bento, morreo sua bendita companheira; & abrindolhe, por esta causa, a sepultura na nossa Igreja, aonde estava sepultado, lhe acharam o corpo inteiro, lançando hum suavissimo cheiro; acodindo a cidade toda ao venerar na nossa sanctissima, aonde foy depositado, em quanto durava o grãde concurso da gente; que assim honra Deos a hum servo tam fiel, que viveo incorrupto nos costumes, & lançou sempre de sy tal cheiro de suavidade de virtudes, & bons exemplos, devendo tudo, depois de Deos, ao Padre Francisco Estrada, da maneira que a seguir se ve; e aqui temos referido.

CAPITULO XII.

Como Deos chamou pera a
Companhia a Dõ Leãm Hẽ-
riques , primo do Padre
Luis Gonçalves da
Camara.

I **C**Om muita rezam diz
Origenes. ^a que assi
como os planetas, &
estrellas dam lustre, e fermosura
ao cẽo com suas luzes , & res-
plandores , assim os varoẽs san-
ctos com os flammantes rayos
de suas esclarecidas virtudes,
sam preciosos esmaltes, que me-
lhor illuminam o cẽo da Reli-
giam; que por isso a sagrada Es-
critura ^b chama ao justo, humas
vezes, estrella no meyo da nẽ-
voa; outras vezes lũa, quando
estã no melhor auge de seu lu-
zimento; & finalmente lhe cha-
ma sol , quando se nos mostra
mais fermoso. Neste capitulo
verẽmos como no cẽo da Com-
panhia começou a luzir huma
nova estrella, & ao diante no li-
vro quinto verẽmos como cres-
cẽo a luz desta lũa, que nunca
foy mingoante, atẽ chegar a ser
hum sol , nam menos benefico
por suas influencias, que resplã-
deciente por suas virtudes: este
foy o Padre Leãm Henriques,
que, sem duvida, he huma das

mais fermosas luzes, que melhor
illustraram este novo cẽo da Cõ-
panhia, que Deos de novo criou
sobre a terra; foy homem de
rara virtude, exemplo de verda-
deiros religiosos , modello de
bons prelados, espelho de sub-
ditos humildes, pay & protector
desta nossa provincia de Portu-
gal , na qual foy hum dos mais
nobres fogeitos, que a hõrãram,
& huma das mais fortes colum-
nas, que a sustentaram, nam me-
nos por suas virtudes, & letras,
que por seu grande valor, & pel-
la muita autoridade de suas oc-
cupaçoens, & pela notavel esti-
maçã, que delle fizeram gran-
des Prìncipes deste Reyno.

2 E pera que em tudo fosse
de mayor estima, & melhor pre-
ço no cẽo da Religiam, nam
faltou a este bello planeta o lu-
stre do illustre sangue: porque,
ainda que (como atẽ os gentios
entendẽram) o melhor nos co-
stumes he o mais nobre na gẽ-
raçã; & como diz S. Hierony-
mo, ^d a melhor nobreza he a
mayor virtude: com tudo nam
se pòde negar que, ao menos nos
olhos do mundo, he de mayor
estima a virtude, quando, como
pedra preciosa, estã engastada
no ouro da fidalguia: esta nam
faltou ao Padre Leãm Henri-
ques, porque teve por pay a Dõ
Ioam Henriques, filho de Dom
Henrique Henriques, senhor
das Alcacevas, & caçador mór

^a Orig. hom. 1. in
Iob. Sicut il-
luminaria in fir-
mamento celi
cõstitis, quæ sub
celo sunt ful-
gent, sic & san-
ctorum virtutis
insignia.

^b Eccles. c. 50. n.
6. & 7. Quasi
stella matutina
in medio nebu-
la, & quasi luna
plena in diebus
suis lucet, &
quali sol resful-
gens, sic ille ef-
fultis in domo
Dei.

P. Leam
Henriques
foy grande
fogeito ne-
sta Provin-
cia.

^c Velleus Pater-
lib. 2. Quod op-
timam est id est
nobilissimum.

^d Hic. epist. 11.
Summa apud
Deum nobilitas
clarum esse vir-
tutibus.

Pays do P.
Leãm Hẽ-
riques.

del Rey Dom Manoel, & de D. Felipa, de Noronha, filha de Ioam Gonçalves da Camara, segundo capitam da ilha da Madeira; & por esta via ficava o Padre Leám Henriques primo do Padre Luis Gonçalves da Camara, de quem falamos no cap. 39. do primeiro livro. E se houvermos de tomar a agoa mais longe, acho em muitos nobiliarios descenderem estes fidalgos de sangue real, por via de Dom Henrique o segundo Rey de Castella. Naceo Dom Leám Henriques na ilha da Madeira, na villa da Ponta do sol, assim chamada pela semelhança do sol, que aquella rocha, com figura de rayos, representou ao seu primeiro descobridor: mas por muito mais claros tenho os rayos, que com a luz de sua vida communicou ao mundo este illustre Padre, que, sem duvida, podia dar áquella villa melhor nome, & mais celestial agouro, pelo ter a elle por seu natural. A causa de seu nascimento succeder neste lugar foy, porq̃ como ao avò materno de Dom Ioam Henriques pertencia a capitania d'aquella ilha, & nella tinham fazenda de consideraçam, teve occasiam este fidalgo de hir ao Funchal, aonde casou com Dona Ioanna d'Abreu, que nesta villa da Ponta do sol tinha grossas rendas, que ainda hoje

possuem seus descendentes.

3 Com muy particular cuidado criaram Dom Ioam, & Dona Ioanna a este filho, sobre o qual nam só os pays tinham seus desvellos, mas tambem os anjos traziam os olhos. Estava huma vez o minino junto de hum pouco de rosalgar, (peçonha presentissima, & que estava preparada, pelos criados de casa, contra alguns animais domesticos) & como he natural a huma criança levar á boca tudo o que acha, com esta mesma innocencia hia já o minino com a peçonha á boca, quando, de repente, o seu anjo da guarda (que só d'elle podia proceder tam angelica proteicam) interiormête movéo a húa sua irmã, que lhe acodisse com toda a prèssa, o que ella fez, no ponto em que já o innocetinho estava pera comer o mortifero veneno, que a irmã lhe tirou da mam, & da boca. Efeito singular da divina providencia, nam permitindo que morresse cõ peçonha hum minino, que sendo homem á tantas almas havia de livrar do toxico do peccado, & ministrar o antidoto da graça.

4 Era irmam de D. Ioam Hénriques D. Fernando Henriques, senhor das Alcacevas, & alcaide mór d'Evora; este, ouvindo dizer as boas partes cõ q̃ Deos abediçoara a este seu sobrinho, escreveu a seu irmam, q̃ lho mãdasse,

*Livra
Deos de hũ
grãde pe-
rigo a Dõ
Leám Hẽ-
riques, sã-
do minino.*

pera se criar em sua casa, persuadindo-lhe, q a criaçam no Reyno sempre seria melhor que a da ilha. Veyo o menino Dom Leão, criou-se em casa do tio, dando grandes mostras de vivo, & esperto engenho: & pera melhor o cultivar, sendo de idade de treze annos, o mandaram á Vniuersidade de Paris, em companhia de seu primo Luis Gonçalves da Camara (de que falamos no capitulo 39. do primeiro livro) pera que naquella celeberrima Academia (aonde entam, como a principal theatro da sabedoria, acodiã os melhores engenhos de Portugal) crecesse na idade, & aproveitasse nas sciencias. Ali se recolheu no Collegio de S. Barbara, estudando primeiro latinitude, cõ grande curiosidade do discipulo, & cõ igoal satisfaçam de seus mestres; em particular de Adriano Turnebo, varã sabio, & eruditissimo naquelles tempos (como, se controversia, bẽ se ve no seu insigne livro dos Adversarios) este excellẽte mestre, tã estimado, & reverenciado de todo o choro das musas, prezava muito o lindo engenho de Dom Leão, & festejava a grãde applicaçã, & louvaveis progressos, q mostrava nos estudos das humanidades, & poesia latina: que bem era, que todas as flores do Parnasso acodissem á porfia a enfeitar, & coroar nas letras hu-

Vay estudar à Vniuersidade de Paris.

Mostras de seu grãde engenho.

manas, a que havia de sahir tam provecto nas escrituras divinas.

5 Entre outras obras, com que naquelle tempo sahio Dom Leão, foy muy festejado por Adriano Turnebo hum seu disticho (q foy a primeira consa, que lhe vio) no qual brevemente tocou a historia de Marco Clinico, ou medico, entre os Gregos, de quem cõta Lucillio, que tocando a caso em hũa estatua de marmore de Iupiter, cahindo subitamente a estatua, ficou o Iupiter quebrado, & desfeito (tam mortifera foy a virtude do tacto d'aquelle medico, que como galantemente disse Ausonio, ao Iupiter nam lhe valẽo ser Deos, nem lhe mõtou ser de pedra) porẽm tambem o medico ficou morto com a pancada, que lhe deo a estatua, matando Iupiter, com a queda, a quem o derrubou com o toque; sobre a materia se fizeram antigamente, entre os Gregos, varios epigrammas, como temos em Lucillio; & tambem entre os Latinos, como vemos em Ausonio; & ainda naquelle tempo em Paris quizeram festejar o caso com algũas poesias, & em hũ sò disticho, que fez D. Leão, descobrio este grave autor Turnebo seu grande engenho, que propriedade he do leão (como diz o proverbio dos Latinos) fer

Lucil. epig. 2.
Anthol. c. 22.

b
Auson. epig. 77
E fertur quivis
sit Deus, atque
lapis.

c
Auson. epig. 73.

d
Paul. Manut. ii
Adag. Leonen
ex unguibus
stimare.

Virg. Geor. 4.
In tenui labor,
at tenuis non
gloria.

f
Tert. lib. 4. ad-
vertit. Matison.
Est lapis in
paucis.

conhecido, ainda que nam mostre mais que a unha; principalmente, que segundo cantou o principe da poesia Romana, pòde a obra ser pequena, & pòde a gloria ser grande; que tambem a natureza, em breve espaço, recolhe grandes thesouros (que assim o advertio Tertulliano r) no rubi as riquezas, no gram da mostarda o sabor. Dizia o disticho desta maneira:

*Clinicus effigiem lapidis Iovis attigit,
& mox*

Effertur pariter Clinicus, atq; lapis.
Nam andava Dom Leãm tam embebido em gostar das agoas cristallinas da fõte Castalia, que se esqueçesse de hir buscar os rios mais caudalosos da graça divina, porque (estando ainda em Paris os companheiros do nosso sancto Patriarcha Ignacio, no tempo em que elle veyo a Hespanha) tinha seu parente Luis Gonçalves da Camara cõ o P. Pedro Fabro particular trato nas cousas de espirito; acõpanhavao algũas vezes D. Leãm, & ouvia os sanctos cõselhos d'aquelle profũdissimo oraculo de sanctidade, q os instrua nas cousas da devaçã, & trato cõ Deos, persuadindo a Luis Gonçalves da Camara, que se confessasse, & cõmungasse cada oito dias.

6 Mudouse D. Leãm de Paris pera Coimbra com seu mesmo primo Luis Gonçalves

da Camara, pera estudar naquella Vniversidade, que el Rey Dõ Ioam o III. com maduro conselho tinha mudada de Lisboa pera aquella cidade, com novo augmento das sciencias, & grãde acrescentamento de rendas, com privilegios reaes, & com insignes mestres, que de varias partes de Europa fez vir, com grandes partidos, pera mayor luzimento da sua Vniversidade: & porque nam era bem, que naquelle tempo, no qual acodiam mestres de fõra, faltassem os discipulos de casa, todos os estudantes fidalgos, & gente nobre, que de Portugal acodiam a Paris, mudaram o domicilio escholastico, & acodiram a nova eschola das Athenas Conimbrienses, aonde, dentro em sua patria achavam o bom logro das sciencias, com menos custo, & com mais proveito.

7 Continuava Dom Leãm no gèral dos Canones cõ muy bom nome, cõ grande louvor, e credito, de estremado estudãte; sucedeo pois neste tempo, que entrou na Companhia Luis Gonçalves da Camara seu parente; & achandose D. Leãm sò sem companheiro, que o aliviasse, & sem amigo tam intimo cõ quem tratasse, entrou em grandissimo sentimento; & porque o natural era colerico, & fofoso, como de leãm impaciẽte, eram grandes as queixas, q fazia

Sete muito entrar
seu primo
na Companhia.

Vay estudar D. Leãm
a Vniversidade de
Coimbra.

contra a Companhia; & mayor ainda a averlãm, que nos tinha; foltando contra os Padres as palavras, que a muita colera facilmente lhe ministrava (que nunca faltam palavras aonde sobeja a paixãm) dizendo, entre outras proposiçoens, que elle defenderia em publicas cõclusoens, que os Padres peccãram mortalmente em receber ao Padre Luis Gonçalves, assim por causa de suas indisposiçoens, como pela falta que fazia a seus irmãos: estas eram suas praticas com os estudantes, estes seus discursos com os doutores, nas jũtas, nas rodas, nas conversaçõens; & com sua natural efficacia, sobrelevada cõ a paixãm, fazia parecer o caso mais grave do q̃ na verdade era; acrecentandose sempre nelle as saudades do parente, q̃ lhe faltava, & crecẽdo-lhe o odio dos Padres, que avorrecia: porẽm pouco montam defenhos, & opinioens de homẽs, quando encontram pensamentos, & ordens de Deos; tinha elle abæterno escolhido a Dom Leãm pera o trazer á Cõpanhia, pera nos hõrar com sua pessoa, & autorizar com sua virtude: de tal maneira lhe foy fallando com inspiraçoens no coraçam, & tòques na alma, que finalmente se lhe veyo a render, & estimar por sancta a religiam, que d'antes desprezava por nova.

CAPITVLO XIII.

Como Dom Leãm Henriques entrou na Companhia, & de seus procedimentos em o Noviciado.

8 **H**VM anno havia, que Luis Gonçalves da Camara continuava na Companhia, quando foy Deos servido de dar a primeira inspiraçam a Dom Leãm, pera que deixasse o mundo; seguiramse logo grandes inquietaçõens dentro em sua alma (que mal se póde aquietar com o mundo aquelle aquẽ Deos chama pera o cẽo) Viase este leãm ferido com a divina sãta, mas nam acabava de deferir aquem o chamava, pera buscar o remedio, na fõte perẽne de toda a suavidade, q̃ he o mesmo Deos, de quem fugia. Em quinta feira de endoẽças do seguinte anno, visitãdo sò as Igrejas, em hũa dellas, rendido jã (como outro sancto Agostinho debaixo da arvore) com grande copia de lagrimas se deliberou de buscar a Deos em huma Religiam, com tanto que nam fosse na Companhia, a qual, como dissemos, grandemente encontrava: porẽm a voz divina interiormẽte lhe brãdava, q̃ nam queria Deos aceitar

Como Deos
o moveo a
entrar na
Cõpanhia.

Aug. in Confess
lib. 8. c. 12.

a offerta

a offerta com semelhante li-
mitaçam; até que de todo se
rendêo, a quem de todo o que-
ria rendido, sem pôr limite algũ
à divina vocaçam, & sem excei-
tuar Religiam alguma. Cõ esta
resoluçam lhe amanheceo n'al-
ma hũa nova quietaçam; posto
que ainda Deos lhe nam dava a
sentir em q Religiam era servi-
do q entrasse; q por estes passos
costumã Deos dispor hũa alma,
pera se cõprir sua divina vôtade
cõ mais madura deliberaçam.

9 Passados oito dias, tendo
chegado a Coimbra de Valença
o P. Luis Gõçalves da Camara,
aõde (como atrás apõtamos) fo-
ra ter seu noviciado (q ainda na-
quelle tẽpo nam passava de hũ
anno) hindoo D. Leãm visitar ao
Collegio, pera lhe dar as boas
vindas; o porteiro, q lhe abriu a
porta (tẽdo por grãde novidade
velo em nossa casa, sabendo bẽ
quam pouco affeiçoadado nos e-
ra) sorrindose lhe disse: *Que boa
vinda he esta, senhor Dom Leãm?
quer v. m. por ventura, ficar entre
nós?* aceitou elle o religioso def-
dẽ, tomando mais por zõbaria
de dito cortesam, que por prog-
nostico de sucesso futuro: porẽ
nam foy esta a primeira vez, q
Deos tomou hũa palavra dita a
caso, pera fazer hũa obra muito
de proposito. Em quãto espera-
va pelo parente, entrou na Igre-
ja a fazer oraçam, diante do
sanctissimo Sacramento, aonde

foy grande a luta do espirito;
contra a resistencia da carne.
Aqui se conta, que querendo
sahir da Igreja, olhou pera hu-
ma imagem de Christo (que a-
inda hoje temos no Collegio
de Coimbra) que representa o
retrato do Salvador, quando há
de vir julgar o mundo, & ou
fosse, que o Senhor milagrosa-
mente se lhe representou muy
rigoroso, ou que a imaginaçam
(que tal vez tem grande força)
lhe fez esta vehemente repre-
sentaçam (em a qual lhe pare-
cia a Dom Leãm, que o mãsue-
tissimo cordeiro, contra elle se
tornava hum bravo, & espantoso
leãm) logo se lhe seguiu hũ grã-
de tremor, & repẽtino abalo do
corpo todo, ficando como outro
Saul, *Tremens, ac stupens*; sem sa-
ber mais que dizer com o mes-
mo Apostolo, *Domine, quid me vis
facere*: entam, prostrado de novo
diante do divino acatamento,
sentio, que o Senhor claramẽte
lhe dizia, que entrasse na Com-
panhia: resistia a natureza fra-
ca, & pelejava a graça valero-
sa; até que finalmente ficou
por esta a victoria; que to-
da esta força foy necessaria
pera dobrar hum leãm; logo,
com huma generosa resoluçam,
(rendido, como Paulo ^h, em
hum instante, & penetrado
dos rayos da luz divina) fez vo-
to de entrar na Companhia de
IESV; & porque a graça quãdo

*Occasiam,
que Deos
tomou pe-
ra o tra-
zer á Cõ-
panhia.*

^g
Ad. c. 9. n. 6.

^h
Ad. c. 9. n. 3.
Subitò circum
fulsit eum lux
de caelo.

Anno de
Christo de
1546.

282

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno da
Companhia
7.

Ambr lib. 2. in
Luc. c. 1. Nef.
cit rar. la molli-
mina spiritus
sancti gratia.

Entra na
Companhia.

he efficaz, nam admite embar-
gos, & atropella difficuldades;
antes, como diz S. Ambrosio,
com saber tudo o divino espi-
rito, nam sabe que cousa sejam
vagares, envergonhado já dos
que por elle tinham passados,
sahindo da presença do Senhor,
foy logo pedir a Companhia
com notavel constancia; aonde
foy recebido com grande con-
solaçam sua, & nam menor ale-
gria de todos os religiosos, que
naquelle sancto Collegio esta-
vam, os quaes se achavam en-
leados com a subita mudança,
vendo já aquelle bravo leám tã
fogeito, & transformado em hũ
cordeiro, dando de sy tam ra-
ros exemplos de perfeçam, &
humildade, que claramẽte mo-
stravam estes primeiros funda-
mentos o grande edificio, que
o divino architecto nelle que-
ria levantar.

IO Era o primeiro nos of-
ficios humildes de casa, em que
os noviços se costumam exer-
citar; hia fõra com o compra-
dor, & trazia da praça às costas
o que era necessario, pelo meyo
da Vniversidade, aonde era muy
conhecido; que os verdadeiros
humildes padecem afrontas á
conta de grangear merecimen-
tos. Muitos casos pudẽra con-
tar neste particular: trazendo
huma vez da praça huma ceira
de alfices, lhe pedio, por deva-
çam, huma dellas hum criado

do Bispo Dom Ioam Soares, nam
repugnando a isso D. Leám, lhe
sobreveyo depois escrupulo (q̃
he muy ordinario em noviços,
ainda em cousas minimas) deo
conta ao Reitor, que era o Pa-
dre Martinho de sancta Cruz,
o qual, como grande mestre de
espirito, quiz mortificar a Dom
Leám, & tentar sua virtude; re-
prehendeo de sua liberalidade,
& mandalhe, que volte a toda a
pressa ao paço do Bispo, que
busque aquelle homem, & lhe
faça restituir a alface, que lhe
deo; nam espera mais o humil-
de noviço, sahe logo do Colle-
gio, executa a obediencia, que
nam podia deixar de ser muy
penosa; vayse direito ao paço
do Bispo a buscar ao homem, &
a demandar a sua alface; porẽm
õ Reitor, a quem nam faltava
traça pera saber mortificar, &
prudẽcia pera poder governar,
mandou diante hum irmam á
porta do Bispo, pera atalhar a
Dom Leám a sua demanda, dã-
dose por satisfeito com esta pro-
va de virtude, & exercicio de
humildade: & o irmam D. Leám
se tornou pera casa sem alface,
que valia pouco, & com o me-
recimento, que rendia muito.

II Nas pègrinaçoens,
que teve, procedeo com grande
exemplo; & porque naquelle tẽ-
po, entre os nossos, nam se es-
tranhavam tanto alguns exces-
sos (como atràs fica dito) foram

Faz gran-
des exces-
sos em mor-
tificaçõs.

nota

Como pro-
cedeo no
noviciado

notaveis as valentias, que neste particular obrou; chegou a entrar por hũ lugar hindo quasi nũ, cuberto sòmente com hum pobrissimo fato de mendigo; pedindo esmola pelas portas; desejando ser tido de todos nam sò por pobre, que ja era na profissam, mas tambem por louco, que desejava ser por Christo. Chegando desta maneira a huma roda de gente grave, a pedir esmola, ouviu hum, que com grande desenvoltura estava jurando; foyse a elle o noviço, & lançandose de joelhos, lhe pediu por amor de Deos, que nam jurasse: o homem, que devia estar muy colerico (se nam era outra a paixam, que nelle predominava) advertindo, que lhe falavam à mam, poz os olhos no seu emendador, & vendo diante de sy hum pedinte descalço, tam mal enfeitado, notando a estatura do corpo, que era pequena, & desprezivel, estranhãdo muito a confiança, & atrevimento em tal figura, hindo de mãs palavras a peyores obras, falta nelle, derrubao no cham, encheo de bofetadas, & couces; sofréo tudo o bom noviço, com grande paciencia, recebendo, em lugar da esmola, que pedia, os couces, que lhe davam.

12 Mas nam sofréo o Senhor ser tratado tam mal seu servo, em seu serviço, nem dilatou muito o castigo; que as ve-

zes, ainda que quer que seus servos sofram, nam deixa de castigar aos que lhe dam occasiam de sofrimento; que por isso ameaçava por Hsaias, á vara de Assur; porque assim como Deos com ella costuma castigar, tambem facilmete a pòde quebrar. Aqui se renovou o castigo, que antigamente deo a Ieroboam, ao qual (querendo estender as mãos atrevidas contra o Propheta, tanto que lhe atalhou seu infame sacrificio) se lhe feo totalmente o braço, nem d'elle farou, senam por òraçoens do mesmo Propheta: da mesma maneira, tanto que o sacrilego jurador poz as mãos impias no zeloso noviço, subitamente lhe deo no braço huma dor tam aguda, & penetrante, que obrigando igoalmente do accidente, que o magoava, & da conciençia, que o atravessava, dando gritos, & gemidos, como doudo, se lançou de joelhos aos pés daquelle pobre, que com os seus tinha pizado; & com mostras de muita humildade, lhe pediu perdã; pedindo tambem o noviço a Deos, que lhe tirasse a dor; & assim foy, que por suas òraçoens alcançou aquelle homem saude no braço, & arrependimento na conciençia; que os verdadeiros humildes sofrem o custoso das afrontas, à conta de grangear o remedio das almas. Daqui se tornou D. Leãm

1
Hsai. c. 10. n. 5
Vz Assur virga
furoris mei.

m
3. Reg. c. 13.
n. 4. Extendit
manũ suã &c.
& exaruit ma-
nus eius.

Como se
houve em
hũa afron-
ta, que lhe
fizeram.

Anno de
Christo de
1546.

284

Anno da
Companhia
7.

pera casa, pobre de vestidos, & rico de merecimentos. Agora o deixarèmos continuando no exercicio de suas heroicas virtudes; que tempo nos virà, em que, no quinto livro, o tornemos a buscar, pera ver seus maravilhosos progressos na Companhia, & a muita autoridade, que tinha com os de fôra.

CAPITULO XIV.

Acrefcenta elRey Dom Ioam o III. as rendas ao seu real Collegio de Coimbra, dando-lhe o mosteiro de S.

Fins, & outros dous mais.

COnfiado o Padre M. Simam na divina providencia, q̄ tam cuidadosa, & liberal se mostrava com esta minima Companhia, & muy certo na real proteiçam do piedosissimo Rey (que lhe tinha dito, que nam fosse apertado em admitir sogeitos, porque elle feria liberal em os sustentar) eram já neste tempo mais de cem religiosos, no Collegio de IESV em Coimbra; & posto que nam havia ainda renda pera sustentar tanta gente, acodia a real magnificencia a tudo o que lhes era

necessario. Porèm como determinava de fundar este Collegio com rendas ecclesiasticas, que lhe fosse applicando; em quanto nam havia vacaturas rēdozas, supriam, com grande abundancia, os thesouros reaes, gastandose muitos milhares de cruzados, nam sò na sustentaçam de tanta gente, mas també na preparaçam, & disposiçam do sitio pera tam grande Collegio, que occupa muita terra na cidade de Coimbra, aonde foy necessario comprar varias moradas de casas, chãos publicos, & ruas inteiras, pera se accommodar a fabrica competente pera o Collegio. A primeira cousa que vagou, proporcionada pera ajudar a sustentaçam do Collegio, & aliviar os gastos da fazenda real, foy o mosteiro de S. Fins de Friestas, situado na provincia d'entre Douro, & Minho, na diecese Bracharense, junto ao rio Minho, em proxima visinhança da villa de Valença, fronteira à cidade de Tuy do Reyno de Galliza.

2 Era este mosteiro antiquissimo, porque acho memorias, que foy fundado no anno de Christo de seiscentos & quatro; foy de religiosos de S. Bento; ha muy pouca noticia, que seja verdadeira, ou ainda provavel, de quem fosse o fundador: cujo orago estã dedicado ao martyr S. Felix, que com a va-

riedade

No Collegio de Coimbra havia já mais de cem religiosos.

Dános el-Rey o mosteiro de S. Fins.

Da noticia deste mosteiro.

Quem foy
este mar-
tyr S. Fe-
lix.

Julia. Archipr.
in sua Chron.

^a
Martyr. Rom.
26. Februarij.

^b
Martyr. Rom.
16 April.

^c
Vile Spondan.
in annal. ann.
Christi 284.1

Cabeça de
S. Felix es-
tá no mo-
steiro de S.
Fins.

riedade dos annos se veyo a chamar S. Fins; & por estar junto a hum lugar chamado Frietas, se chamá S. Fins de Frietas, pera distincam de outras casas, ou igrejas q̄ tem o mesmo nome, sendo diversos os martyres a que chamàram Felices.

3 Querem algũs, que o que deo o nome a este mosteiro seja o martyr S. Fèlix, natural de Braga, que junto a Guimaraens, deo a vida por amor de Christo, do qual fala Iuliano Acipreste de S. Iusta em Toledo, na sua Chronica; porẽm isto nam pòde estar com a fundaçam deste mosteiro, q̄ dissemos ser no anno de seiscentos & quatro, & o martyrio deste S. Fèlix, foy em 26. de Fevereiro, do anno de setecentos & dezanove. Por mais provavel tenho, que deo o nome a este mosteiro outro S. Fèlix, ^b martyrizado em Saragoça de Aragam, por Daciano (em tempo ainda de Diocliciano, que começou a ser Emperador no anno de 284.) cujas reliquias deste Sam Fèlix estam no mosteiro de Chellas (que he hum arrabalde de Lisboa) E he boa conjeitura, que por esta rezam elRey Dom Ioam o III. mandou tresladar a cabeça deste sancto martyr pera este mosteiro de S. Fins (de novo applicado à Companhia) aonde hoje se venera este sagrado thesouro; por mais que as muy re-

ligiosas madres de Chellas, pela muita devaçam, que tem ao glorioso martyr, se persuadam, que tem ainda na sua Igreja, com as mais reliquias deste sancto, a sua cabeça; porẽm S. Fèlix a ellas lhes agradece a devaçam de cuidarem, que tem todo seu corpo, & nos concedeo a nõs a felicidade de lhe lograr a cabeça; que este bem, entre outros, tem os sanctos, todos lhe desejam ter suas reliquias, & muitos se consòlam sò com imaginarẽ, que as tem. Florecèõ antigamente este mosteiro de S. Fins com grande fama de varoẽs sanctos; porẽm os tempos, que tudo gastam, tambem entraram desfazendo a virtude, & o numero destes monjes, de tal maneira, que por nam quererem admitir a reforma, o mosteiro veyo a vagar nas mãos delRey, ficando incorporado no seu padroado real; nam havendo já neste tempo mais que tres monjes, que escaçamente sustentavam o nome de religiosos, & as obrigaçoens do mosteiro.

4 Vagando pois o priorado, ou abbadia deste mosteiro, por morte de Ioam Despinedo, que era Prior, ou Abbade do dito mosteiro (que assim foram as bullas da uniã) foy apresentado pelo mesmo Rey hum Manoel de Nobrega, que foy o ultimo comendador deste mosteiro, o qual o veyo a

renunciar

Anno de
Christo de
1546.

286

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno da
Companhia
7.

renunciar nas mãos de sua Alteza: & porque desejava ter rédas ecclesiasticas pera nos dar, logo nos fez esta uniã ao Collegio de Coimbra, com autoridade apostolica do illustrissimo, & reverendissimo Ioam Bispo eleito Sipontino, Nuncio de Portugal, que com poderes de Legado assistia na corte deste Reyno. Foy esta uniã feita por tempo de cem annos, com todas as perrenças, prebendas, fõros, juros, direitos, privilegios, igrejas curadas, & annexas, como mais largamente se contem nas letras da dita uniã, passadas na villa de Sanctarem, neste presente anno de 1546. sigilladas conforme ao uso dos Nuncios, & Legados apostolicos. Pera mayor segurança, & estabilidade desta doaçam, impetrou sua Alteza do Papa Paulo III. a mesma uniã do dito mosteiro *in perpetuum*, como cõsta das letras passadas *in forma pontificia*, em 17. de Junho, no anno de 1598.

Este mosteiro depois nos foy unido *in perpetuum*.

5 E pera que entendamos as obrigaçoens, que nos correm aos que somos filhos do Collegio de Coimbra, & professamos a perfeiçam, que demanda nosso instituto, porey aqui algumas regras da bulla do summo Pontifice, em que declara as causas, que houve pera se nos fazer esta uniã, as quaes foram os grandes fructos das almas, que

jã neste tempo, em muitas partes do mundo, se recolhiam por meyo dos religiosos da Companhia, pera que saibamos, & procuremos conservar o bom nome d'aquelles primitivos Padres, com o qual nos grangearam os bens, que hoje logramos, & as rendas, que entam nos dêram; as quaes palavras dizem desta maneira. *Attendens presbyteros predictæ societatis, antea per nos in alma Urbe nostra erectæ, & confirmatæ, ad Dei gloriam, & animarum salutem, religionisque christiana defensionem, & propagationem, sedi apostolicæ inserviendæ (cum nobis, nostrisque successoribus) peculiari ratiõ se obstrinxerint, plurimos in ecclesia Dei fructus afferre, illosque tam in regno Portugallia, & in insulis maris oceani eidem Ioanni Regi subiectis, quam in alijs multis locis, plurimum prodesse: & ad professionem in eadem societate emittendam, iuxta instituti sui rationem, non nisi litteratos admitti; & quod nonnulli ex dictis presbyteris in certis domibus, ipsius civitatis residentibus, ad univerfalem inibi Christi fidelium animarum salutem, tam publicè prædicando, & docendo, quam privatè die, noctuque vigilando, proficere non cessabant. &c.*

6 Tinha este mosteiro privilegio de couto, concedido pelo primeiro Rey de Portugal Dom Affonso Henriques, na forma das palavras seguintes. *In nomine sanctissimæ Trinitatis Patris, & Filij, & Spiritus sancti: Tri-*

Bulla da
uniã de
S. Fins.

Neste mosteiro havia couto.

nitatis individua, quae nunquam erit finienda, sed permanens per infinita saeculorum saecula, amen. Idcirco ego egregius Infans dominus Alfonsus bonae memoriae, boni Alfonsi Imperatoris Hispaniae nepos, Comitis Henrici, & Reginae Taresiae filius, in honorem Domini nostri Iesu Christi, & beatissimae Virginis Mariae, & sancti Felicis martyris, pro remedio animae meae, & parentum meorum, & pro vobis Abbate domino Petro, facio cautum ad illud monasterium de sancto Felice de ripa Manij &c. Facto hoc cautum firmitatis circa festum natiuitatis Domini, in mense Decēbris, sub era 1172. Ego inebryus Infans Dominus Alfonsus hoc cautum firmitatis propria manu roboro. Com estas palavras, & muito mais com hum animo real, & religioso, confessando a sanctissima Trindade, coutou este excellente Principe o mosteiro de S. Fins, pera proveito de sua alma, & de seus pays; prezandose de mercar bens espirituales; dos quaes era muy interesseiro, à conta dos temporaes dos quaes sempre foy muy liberal.

7 E posto que pera a sustentaçam do Collegio de Coimbra, pelos bens do dito convento, & suas rendas, montava pouco ter outrem a jurisdicam da justiça; com tudo, como os Reys de Portugal nos eram tam afeiçãoados, elRey Dom Sebastiam, herdando d'elRey Dom Ioam seu avò, nam menos o

Reyno, que o amor à Companhia, pera que esta merce fosse de mayor estima, nos concedeo toda a jurisdicam sobre este couto; & ainda que, neste mesmo tempo, o Bisconde de Villanova da Cerveira litigava, cõ valente porfia, sobre lhe pertencer a elle o direito sobre este couto, com tudo elRey Dom Sebastiam, em huma provisam real, isentou totalmente ao dito couto, da jurdicam, que o Bisconde sobre elle pretendia, por estas palavras. *a E isto sem embargo do Bisconde de Villanova da Cerveira, sendo vivo ter morido lte. E sendo caso, que eu, ou os Reys meus successores facermos, em algum tempo, merce a alguma pessoa das terras, & morgado, que vagarem pera a coroa pelo dito Bisconde, hey por bem, que na tal doaçam, que se lhe fizer, se nam comprehenda o direito de precender a jurdicam do dito couto de S. Fins ser sua: & isto sem embargo de quacquer clausulas, & condiçoens, que na tal doaçam se ponham; porque minha vontade he, que se precender a dita jurdicam pessoa a quem eu fizer merce das ditas terras, nam tenha alguma direito, ou auçam, & nem use, nem possa usar della, por cumprir a meu serviço, & bem de justiça, por haver no dito couto officiaes, como tenho ordenado, que haja, pera administrarem a justiça, &c. Passouse esta provisam no anno de 1578. pelo escrivam da camara Iosé da Costa, assinada por elRey, & de*

d
Constarex Ar-
chivo Conim-
bricensi.

elRey D.
Sebastiam
nos deo o
couto de S.
Fins,

vista Dom Ioam Tello. E com outra provisam do mesmo senhor, passada a 16. de Mayo do mesmo anno, se corroborou mais este favor, como se pode ver no livro das provisoes, & doações do Collegio de Coimbra.

8 E pera que ajantemos aqui, por causa desta doçam, que apontamos neste anno, outras, que o mesmo serenissimo Rey D. Ioam, pelo tempo adiante deo ao mesmo Collegio, pera sua sustentaçam; no anno de 1550. aos 19. de Dezembro, se nos unio in perpetuū, por merce do senhor Rey, com bullas apostolicas, passadas pelo Papa Julio III. o mosteiro de S. Antam de Benespera, sito duas legoas da cidade da Goarda (ainda que já entam era de menos rendimento) com todos os bens da preceitoria dos conegos antigos, que residiam em S. Antam de Lisboa, primeiro no bairro aonde agora he a igreja d'Annunciada, & depois em S. Antam o velho, aonde agora esta o Collegio dos Padres de S. Agostinho (como dissemos no primeiro livro, capit. 16. & 17.) porque esta Igreja nos estava unida sò por espaço de cem annos, pelo Bispo Aluizio Lipomano, como dissemos. Começa a bulla: *Iulius Episcopus &c. circumspecta, apostolica sedis benignitas viros litterarum scientia de-*

Como veyo á Companhia in perpetuum S. Antam de Benespera.

ditos, ut earum pretiosam inquirant margaritam, congruo solet favore prosequi &c. Dando o summo Pontifice a entender, que concedia esta uniãem em favor dos irmãos estudantes do Collegio de Coimbra.

9 Nam tardou muito o liberalissimo Rey em nos fazer outra doçam muy grandiosa, semelhante à do mosteiro de S. Fins, a qual veyo a succeder conforme se mostra das bullas apostolicas, em 12. de Outubro de 1551. Esta foy a uniãem do mosteiro de S. Ioam de Longavãres, o qual foy antigamente dos Conegos regrantes de sancto Agostinho; & estando já extincto, quanto aos religiosos, tinha elRey concedidas as rēdas desta Igreja ao senhor D. Duarte, seu filho natural, eleito Arcebispo de Braga; o qual (sendo dignissimo de muy larga vida, por suas grandes virtudes, & excellentissimas partes, de que Deos nosso Senhor, com liberalmam o tinha dotado) veyo a morrer em Lisboa, tendo já chēo o numero de todas as virtudes, porēem (tendo só de idade 22. annos) aos 11. de Novembro no anno de 1543. & esta doçam se fez o anno de 1551. & neste mesmo anno diremos o mais que pertence a ella, no livro terceiro. E he digno de particular advertencia, que desejando sua Alteza de ter algũa

Como nos deo elRey o mosteiro de S. Icam de Longavãres.

cousa vaga, que dar ao seu Collegio de Coimbra, se deixou estar oito annos sem prover esta Igreja, ou porque nam achava successor digno de possuir as rendas de hum Principe tam excellente, ou porque nam queria, com esta dadiva, renovar as tristes lembranças da morte de hum filho tam querido, por quem vagara: até que o amor, que nos tinha, venceu o sentimento do filho, que perdèra, dando ao Collegio de Coimbra, que tanto amava, as rendas, que possuio hum filho, que tanto estimava; como se este Collegio fosse o seu filho adoptiuo, que de novo lhe nascèra, em lugar do natural, que já perdèra.

CAPITULO XV.

Declarase a Companhia em Portugal por Provincia; vay o Padre mestre Simam a Coimbra, le a bulla da confirmação, e do grande fervor, e renovação de espirito, que houve com sua chegada.

I Rescia a Companhia em Portugal, & estèdiase pela India, cada vez mais, à vista dos progressos presentes se dobravam bem

fundadas esperanças de outros mayores augmentos. Grãde era a consolação de nosso Patriarcha S. Ignacio, & muitas as graças, q̄ decōtinuo dava à divina bõdade, por bafejar tam favoravel a estes seus servos tam queridos; por regar com influencias tam beneficas esta sua nova plãta de Portugal, q̄ por ella sentisse já o mūdo aõde o sol lhe nasce primeiro, no Oriēte da mayor Asia, os mayores resplãdores da luz Evāgelica, cōmunicados por seus filhos, q̄ em Portugal se criavam, & cada vez cresciam mais em numero de bons fogeitos, & em credito de virtuosos procedimentos. Vêdo pois o S. P. Ignacio, que da sua minima Companhia, o que mais na Igreja catholica avultava era o que havia em Portugal, assim em religiosos, como em missões gloriosas, dentro, & fóra do Reyno, tratou de fazer ereição de Provincia neste Reyno; & assim escreveu ao Padre mestre Simam, declarandoo por primeiro Provincial de Portugal, com grandes poderes, & licenças, para que podessem os subditos recorrer a elle como a pay, & como a Provincial: tēdo Portugal esta gloria, que fosse a segunda Provincia da Companhia, porque a primeira, como primas do mūdo, foy a de Roma, q̄ nam podia deixar de ser em tudo a primeira, & principal, pois tinha em sy

Grandes
augmentos
na provin-
cia de Por-
tugal.

Anno de
Christo de
1546.

290

Anno da
Companhia
7. 42

Pela festa
do Natal
vay a Co-
imbrao P.
M. Simam

o primeiro pay, que em Christo gerára filhos tam exemplares.

2 Pera ler esta carta da declaraçam da nova provincia, & ordenar as cousas mais necessarias ao bom governo, tratou o Padre mestre Simam de dar huma chegada àquelle sancto Collegio; escolheo a occasiam do Natal, goardando seu bom costume, de naquelle sancto tẽpo furtar o corpo aos cortesãos do paço, & hir visitar ao Principe da gloria em o seu paço da pobreza, representado na sagrada lapa de Belẽ. Chegou a Coimbra, entrou no Collegio, aonde foy recebido cõ notavel affecto d'aquelles seus subditos tam queridos: gastáram aquella bemaventurada noite do Natal em praticas suavissimas, ãtre sy, & devotissimos colloquios cõ o minino: cõsoládo-se muito o novo Provincial cõ ver tam acrescẽtado o numero dos subditos, q̃ neste tẽpo já passavam de cẽto; & ajuntandoos hum dia a todos na capella, depois de lhes fazer hũa devotissima pratica (à vista do presepio, acompanhada de muitas lagrimas suas, & dos ouvintes) mãdou tambẽ ler a bulla da confirmaçã da Cõpanhia, na qual se contẽ os varios estados, que nella hà, de professos, de coadjutores espirituaes, & temporães: & pera experimentar a virtude de cada hũ, & a confor-

In bullar.
Bul 2.

midade, q̃ tinham, cõ a vontade de seus superiores, & resignaçã de animo, pera aceitar de boa vontade qualquer grão da Cõpanhia (como tam grande mestre, que era de espirito) lembrãdo-se daquellas antigas collaçõs dos Padres do ermo, de que fala Cassiano (nas quaes cada hum dava seu parecer nas materias da perfeiçam, ou por palavra, ou por escrito) ordenou a todos os presentes, que cada hũ deisse por escrito o sentimento, que tinha do grao particular da Cõpanhia, a que mais se inclinava, entre aquelles estados, que na bulla se continham.

3 Com esta occasiam se vio huma nova, & sancta ambiçam, de varios desejos de muitos, que pretendiam o mesmo, com a mesma resignaçam nas mãos de seu superior. E porque faço esta historia, em especial, pera os religiosos da Companhia, lhes quero aqui referir, pera consolaçam, & edificaçam nossa, as repostas, & sentimentos de alguns d'aquelles tam exemplares religiosos, que achei ainda escritos, & goardados no cartorio do Collegio de Coimbra, pera que vejamos o espirito cõ que se criavam aquelles servos de Deos, que nam menos nos vam diante no tempo, que na virtude. Vieram todos ao outro dia, com seus escritinhos

Cassian. in Co
lanonib.

Dam seus
sentimen-
tos em es-
crito ao P.
M. Simam

Anno de
Christo de
1546.

Anno de
Capitulo
7.

ao Padre mestre Simam, no qual se continha o grao, que cada hum desejava na Companhia (da maneira, que ainda hoje, no tempo das ferias, costumam os mais devotos hir, com seu papelinho ao Padre Reitor, no qual lhe pedem o despacho das penitencias, que Deos lhe dà a sentir, que lhe peçam, pera fazer naquelle tempo.)

Sentimêto
do Padre
Antonio de
Quadros.

4 O primeiro papelinho, que achei, foy o do Padre Antonio de Quadros, pessoa tam grave, & de tanta autoridade na Companhia (que foy muitos annos Provincial, & hum dos mais insignes religiosos, que tivemos na India oriental, como veremos) dizia elle desta maneira: *Eu me sinto muy aparelhado, & desejo de servir a todos, grandes, & pequenos desta minima Companhia de meu Deos, & Senhor I E S U Christo, desejando que nunca me maldem, ou deixem de mandar, ou permitam fazer alguma cousa por condescenderem comigo.* O Padre Manoel Alvares, tam grande servo de Deos, & tam conhecido no mundo, pela sua arte de grãmatica (a qual he o texto, por onde começamos aprender Latim, nam sò nos Reynos da coroa de Portugal, mas tambem em muitas partes de Europa) dizia assim no seu escritinho: *Nam està na minha mam o meu querer, pois na de vossa Reverencia*

està o que devo querer; nenhuma escolha de estado me pôde ser melhor, & mais importante, que a obediencia, mãy da bemaventurança, & felicidade: em tudo estou posto a obedecer a vossa Reverencia, que tenho em lugar de Christo, ou a quem em seu lugar estiver.

5 O Padre mestre Melchior Nunes Barreto (doutor em Theologia, de quem por vezes falamos nesta historia) dizia assim no seu chirographo: *Nosso Senhor, por sua misericordia, me dá hũa grãde indifferença, pera tudo o que de mim a sãcta obediencia ordenar; & se algũa cousa especialmente hey de escolher, digo que se ser professo, traz mais dignidade, ou favor de Principes, ou mayor copia do necessario, que mais quero ser cosinheiro dos coadjutores da Companhia; mas se traz consigo mais perfeiçam de vida, mais cruz, & mais deshonnas, & injurias, padecidas pela honra de IESU Christo, se traz mayor dilatãçam da sãcta fè, & mais fructificar na vinha do Senhor, com grãdes trabalhos, perigos, & morte do tal professo; digo, que nosso Senhor me de desejo de o ser. V.R. lhe peça me faça tal, que em mim se cumpra sua sãcta vontade.* A resposta do Padre Manoel de Nobrega (que foy hum varãrn muy exemplar, & primeiro Apostolo, & Provincial do Brasil, de quem adiante falaremos) era desta maneira: *Quizera nam saber o que quero, mas em todo o caso sòmente querer a IESV crucificado.*

Do Padre
Melchior
Nunes Bar
reto.

Do P. Ma-
noel de No-
brèga.

Anno de
Christo de
1546.

Do P. Mel-
chior Car-
neiro.

292

Anno da
Companhia

70

6 O papelinho do Padre Melchior Carneiro (que foy o primeiro Reitor d'Evora, & Bispo de Ethiopia) continha o seguinte: *Eu me determino a ser perpetuo coadjutor temporal nesta sancta Companhia de IESU, & pera segurança de minha consciencia receberia muita cõsolaçam, em o ser sempre em officios baixos, & humildes: principalmente se nelles me fosse cõcedido algum pouco de tẽpo, pera que recolhendo cada dia meu pẽsamento, & renovãdo meus propósitos, endereçasse o fim de taes obras, pera serẽ mais meritorias, & menos distractivas, do q̃ por experientia em minha alma, & em alguns tenho visto, que o sam, se nam há este recolhimento. E pera os mais officios, & obras de charidade, que a Companhia principalmente professa (pera os quaes eu, ao presente, me sinto inhabisimo, assi por falta da natureza, como tambem da sciencia, & espirito) me quizer admitir, nam recuso o trabalho.*

7 Nam quero passar em filẽcio as regras do escritinho do P. M. Gaspar (do qual ao diãte falaremos no livro 3. q̃ foy aquelle insigne Apostolo de Ormuz, & este anno fora recebido na Companhia) diziam desta maneira: *Eu nam vim á Religiam a ser servido, mas a servir; nem me vim buscar a mim, mas a IESU Christo crucificado, pera o seguir em perpetua pobreza, castidade, & obediencia, como lhe tenho prometido; pelo que digo, & prometo, & estou prestes, & me entrego nas mãos de vossa reverencia, por*

coadjutor perpetuo dos professos da Companhia de IESU, ou por cozinheiro, varredor, cõprador, moço de esporas, pera levar os recados por mar, & por terra, a qualquer parte que elles, por serviço de Deos, me mandarẽ, ou seja em terra de Christãos, ou de Mouros, Turcos, Gentios, & hereges. Assi mais me entrego nas mãos de vossa Reverencia em nome de IESU Christo, pera servir em quaesquer officios baixos, em casa, ou fóra, & assim a quaesquer proximos, por serviço de Christo, sem nenbuna exceiçam, a leprosos, a doentes de peste, & de quaesquer outras infirmitades, por mais contagiosas que sejam; a servir sempre em hospitaes, & andar peregrinando por terras estranhas, na India, no Preste, em Guinẽ, em vestidos pobres, & rotos, por fome, & sede, por frios, & calmas, por chuvas, & por neves, por quaesquer penurias temporaes, segundo a forma, que por vossa Reverencia, ou de sua parte me for mandada: Sequar Agnum quocunque ierit; ipso passu, & eadem cogitatione armatus. Nam quero ser professo, nem tenho vontade propria pera isso, salvo a de Christo, & a de vossa Reverencia, & o que me mandarem. Tudo isto prometo, & professo a nosso Senhor, & à gloriosa Virgem sua madre, de o cõprir perpetuamente, cõ toda a perfeiçam, que puder: o que hey por tam valioso, como se fora voto solenne. Por tanto rogo a todos os Santos da corte celestial, me queiram alcãçar graça, pera o poder inteiramente cõprir como o desejo até a morte, & morte de cruz.

Grãde re-
soluçãdo
P. M. Gas-
par Bar-
zẽo.

Do P. M.
Gaspar
Barzẽo.

E. com isto me entrego nas mãos de
vossa Reverencia da parte de Christo,
pera que de mim ordene, & faça o
que mais entender ser serviço seu, in
perpetua servitute.

8 Desta maneira se ex-
plicava aquelle ardentissimo es-
pirito do Padre mestre Gaspar,
a quem todos os perigos, & tra-
balhos da vida, como a outro S.
Paulo, lhe pareciam faceis, por
ganhar a Christo: estas palavras
foram como primeiras prendas,
com que se empenhou a seu
criador, fazendo de sy sacrifi-
cio, como outro novo Abel
da ley da graça, que offerencia
as primicias de todos seus de-
sejos: & bem mostrou o tempo
quanto contentou a Deos esta
offerta, & quanto agradou aos
divinos òlhos este coraçam pu-
ro, & abrazado em chamas de
seu divino amor, que com tam
viva resoluçam, se lhe offerencia
em perpetuo holocausto.

9 Estas sam as repostas, q
vieram a minha noticia, & aqui
offereço aos nossos religiosos; &
com muito gosto puzera todas
as demais que faltam; porque
nam duvido, q as dos Padres Gõ-
çalo da Sylveira, Jorge Serrám,
Luis Gonçalves da Camara, &
de outros semelhantes servos de
Deos, nos causariam grãde cõso-
laçam: q nam podẽ deixar de ser
de muita estima semelhãtes of-
fertas a homẽs espirituaes, pera
quẽ escrevemos esta historia, aos

quaes mais pretẽdemos escrever
exẽplos sanctos, que edifiquem,
que successos profanos, que espã-
tem. Desta sorte se offerciam
a Deos, aquellas purissimas al-
mas, & como se nam tivessem
vontade propria, se sometiam
em tudo á de seu prelado, pre-
tendendo, por esta via, entre-
gar-se nas mãos de Deos, como
homens, que bem entendiam, q
a mayor perfeiçam consiste na
mayor resignaçam; q esta foy a
doutrina, que nos ensinou aquel-
le divino doutor vindo do cẽo,
quãdo, como se nam tivesse võ-
tade humana, se punha no be-
neplacito da divina, repetindo
cõ affectuosos suspiros, ^b *Nõ mea,
sed tua fiat voluntas.*

10 Esta mesma liçam, de tã
bõ mestre, aprendeo muito bẽ,
o mestre do mundo sam Paulo,
quando, transformado de perfe-
guidor cruel, q ameaçava mor-
tes, em ministro fiel, q anũciava
a vida, dizia, como obediẽte ser-
vo; *Domine, quid me vis facere;*
porque o verdadeiro obediente
sõ hãde tratar de fogueitar-se nas
mãos de seu superior, sem ha-
ver da sua parte, nem esco-
lha de vida, pois escolheo
morrer por vontade alhea;
nem eleiçam de officio, pois
tem por officio obedecer; que
com estas condiçoens define
Sam Ioam Climaco ^d a obe-
diencia, chamandolhe obra
sem exame, morte voluntaria,

A perfeiçã
consiste na
resignaçã
da propria
vontade.

^b
Luc. c. 22. n.
42.

^c
Act. c. 9. n. 7.

^d
Clima. grad. 1.
Obedientia est
spontanea mors,
vita curiositate
carens, discre-
tionis depõsi-
tio, &c.

^a
Gen. c. 4. n. 4.
Abel obtulit de
Primogenitis
gregis sui

vida sem curiosidade, resigna-
çam de seu proprio juizo, & sacri-
ficio de sua propria vontade:
& assim nam me espãto de nam
pertenderem estado na Com-
panhia, os que escolhiã o per-
feitissimo estado da obediencia:
antes podendo falar em outras
muitas virtudes, todos se reme-
tiam à obediencia, porque esta
contem em sy, como em sũma,
& breve recopilaçam, todas as
mais virtudes, como diz S. Gre-
gorio; e he a mais perfeita de
todas, como ensina sancto Tho-
mas. Bem estavam nesta dou-
trina estes servos do Senhor,
tam obedientes, que sò trata-
vam de se fogueitar ao minimo
aceno de seu superior: & nesta
virtude da obediencia recopi-
lavam todas as mais, que po-
diam desejar, mostrando nisto
quam verdadeiros filhos eram
da Religiam; porque (como
disse Sam Fulgencio Bispo,
com huma notavel sentença)
sò aquelles sam os verdadeiros
religiosos, que nam tem pro-
pria vontade, senam que estam
rendidos, promptos, & indi-
ferentes pera qualquer
couza, que lhes mã-
dar o supe-
rior.



CAPITULO XVI.

*Da renovaçam dos votos, que
houve neste mesmo tempo
no Collegio de Co-
imbra.*

I **L**ida a carta da erei-
çam da nova pro-
vincia, & recebidos
os escritinhos da resoluçam, que
cada hum tinha dada, acerca
do estado pera servir a Deos na
Companhia: fez o Padre me-
stre Simam, que neste mesmo
tempo houvesse huma gèral re-
novaçam de votos (feita em pu-
blico, na capella do Collegio,
com certa forma de palavras
devotissimas, semelhantes à que
hoje usamos) à imitaçam da q̃
nosso sancto Padre tinha feito
com os primeiros companhei-
ros, dia da Assumpçam da Vir-
gem sanctissima, na Igreja, que
estã junto a Paris, chamada
Mons Martyrum, & da manei-
ra, que o Padre M. Diogo Mi-
rãm, Reitor do mesmo Colle-
gio de Coimbra, tinha feito na
ermida do Espirito sancto, com
os primeiros habitadores da-
quelle Collegio (como disse-
mos no livro primeiro capitulo
15.) Esta vez se executou a
renovaçam, com tanto aballo
dos presentes, com tal abunda-

cia

^e
Grego. lib. 23.
moral cap. 10.
Obediencia sola
virtus est, quæ
virtutes cæte-
ras menti inse-
rit.

^f
D.Th. 2. 2. q.
186. a. 8.

^g
Sarius in vitã
B. Fulgenrij.
Illos quoque
veros mona-
chos esse dice-
bat, qui morti-
ficatis volũtati-
bus suis, parati
essent nihil velle,
nihil nolle.

Maff. in vita S.
Ign. li. 1. c. 11.

Como se
fez a renova-
çã dos
votos em
Coimbra.

cia de lagrimas, & tam verdadeiros propositos de servir a Deos, diante de cuja divina magestade, em o sanctissimo Sacramento, se offereciam, que parecia ser isto, nam renovaçam de votos já feitos, mas como primeira oblaçam, que de novo se fazia a Deos.

2 A forma que naquelle tempo se usava na renovaçam dos votos, ordenada pelo Padre M. Simam, em quanto se nam affentava outra, he a seguinte: *Senhor meu Iesu Christo, eu N. diante de vossa divina magestade, & da gloriosa Virgem Maria, sem condiçam alguma, nem outra intelligencia, do que estas palavras tem, & he tençam dos superiores da Companhia de IESU, me offereço, conforme as constituições della feitas, & por fazer, a perpetuamente vos servir no estado de professo, ou coadjutor, quando pera algum d'elles o superior me quizer aceitar. Prometo mais, até ser professo, ou coadjutor, guardar a pobreza, & castidade, que o Collegio tem por instituiçam; & de obedecer aos superiores da Companhia, em tudo o que me mandarem.* Esta forma está hoje mudada, nam na sustancia, que he a mesma, mas nas palavras, que muitas sam diversas.

3 Daqui ficou este bom costume tambem recebido na Companhia, que duas vezes no anno renovam seus votos todos os que nam tem a ultima profissam solenne; sempre, cõ gran-

de fruto, que todos experimentam neste sancto exercicio: a primeira vez he em dia da Circuncisam, pera que, à vista do sangue, que o Senhor offerecèõ por nòs, lhe offereçamos nossos votos; & à vista do feu nome novo, nos renovemos em espirito. A segunda vez he em dia de S. Pedro, & S. Paulo, hum cabeça da Igreja, a cuja obediencia a Companhia se offerece cõ particular voto; outro, Apostolo da gentildade, a cujo exemplo professamos a conversam, & bẽ das almas; ordenando nosso sancto Padre em suas constituições, que em toda a Companhia se guardasse este sancto costume por tres intentos: o primeiro, *Ad devotionis augmentum*, pera crescermos na devaçam; que, sem duvida, com esta divina traça muito se augmenta, como a experiencia nos ensina: o segundo, *Ad excitandam qua Deo obstricti sumus obligationem*, pera espertar em nòs a memoria das obrigaçoens, com que a Deos nos empenhamos: terceiro intento, *Ad maiorem studentium in sua vocatione confirmationem*, pera cada hum mais se confirmar em sua vocaçam, renovando aquelles primeiros propositos, com que começou a servir a Deos.

4 Sam os homens naturalmente delicados, & fracos da memoria, antes esta he cõforme a opiniã de Marco Seneca, ^b a

Forma antiga na renovaçam dos votos.

a
4 p. Constitut.
c. 4. §. 5.

b
M. Sen. li. 1. cõtra prazsar. Memoria ex omnibus partibus animi maximè delicatula, & fragilis, in quò primùm senectus incurrit.

Anno de
Christo de
1546.

296

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno da
Companhia
7.

Os Padres
Carmelitas descalços tambe
usam desta
renovaça.

^c
Psal. 105. n. 7.
Nō fuerūt me-
mores multitu-
dinis miserico-
rdiæ tuæ.

^d
Ces. hom. 3. ad
mon. Isti tales
nesciunt quid
voverunt, obli-
sunt propter
quid huc vene-
runt.

^e
Jer. c. 48. n. 10.
Maledictus qui
facit opera Dei
negliger.

^f
Ambr. lib. 1. de
Abel. c. 8.

^g
Carac. nor. ad
Cōst. Cēs. reg.
p. 2. c. 1. §. 1.

^h
Carmel. ex. cal.
in Manual. §. 1.

primeira parte do homem, em que a velhice primeiro exercita sua tyrania: & assim facilmente nos esquecemos (como dos filhos de Israel se queixa o Propheta °) dos beneficios, q Deos nos fez; & como diz S. Cesario, até dos votos, que fazemos a Deos, nos nam lembramos, nê do fim, pera que viemos à Religiam; & querendo nosso Patriarcha sancto atalhar a este grãde dano, que em nòs causa a pouca memoria do muito que a Deos devemos, & dos votos, que lhe offerecemos, nos manda, que nos renovemos nestas lembranças; pera sermos agradecidos, & nam encorrermos a maldiçam do Propheta Jeremias, sobre os que, com descuido, fazem as obras de Deos; lembrandonos que, como ensina S. Ambrosio^f, a boa graça do voto, que fizemos, he a boa diligencia do cuidado, com que o comprimimos, *Prima igitur voti gratia est celeritas solutionis.*

5 Estes, & outros grandes bens traz consigo esta sancta renovaçam dos votos, introduzida na Companhia, & exercitada primeiro por nosso sancto Fundador; usada tambem muitas vezes do glorioso Patriarcha S. Frãcisco^g de Assis: & executada, com grãde exacçam, pelos muy exemplares, & muy devotos religiosos os Padres Carmelitas^h, descalços, que en-

tre outros tambem tem este sancto costume de renovar seus votos duas vezes no anno, no dia da Exaltaçam da S. Cruz, & no dia da Epiphania do Senhor: que este he hum dos grandes meynos, por onde estes tam virtuosos Padres se conservam na devaçam, na modestia, & no raro exemplo, que todos em Portugal nelles reconhecemos, & estimamos. Avante passava ainda o muy glorioso Padre S. Francisco de Xavier, porque nam se contentando com renovar seus votos duas vezes no anno, os repetia, & renovava duas vezes no dia, como d'elle conta, em sua vida, o Padre Tursellino.

6 Esta renovaçam dos votos duas vezes no anno, nos ordenou S. Ignacio em suas constituiçoens, precedêdo tres dias de aparelho, com sanctas meditaçoens, & com huma confissam gèral, como ordena a sexta congregaçam. Assim se executa na Companhia, procurando, com este exercicio, renovar em seus filhos o espirito da devaçam; que este he o conselho que S. Pauloⁿ nos dava, *Renovamini spiritu mentis vestrae*; que ainda que a alma, por ser espiritual, nam pôde envelhecer, com tudo, em quanto está dependente do corpo, pôde este, com seu peso, abater a ligeireza do espirito, & fazer morrer com o

tempo

ⁱ
Turf. lib. 6. vi-
ta. B. Xaver. c.
13. 15.

^l
Const. p. 4. c. 4
§. 5.

^m
Congr. 6. de-
cret. 46.

ⁿ
Ad Ephesios.
c. 4. n. 3.

Sapient. cap. 5.
n. 5.

p
D. Greg. in mo-
ra. Valde necesse
sariū est ut in-
choare nos
quotidie cre-
damus.

He muy ne-
cessaria a
renovaçã.

q
Iar. c. 6. n. 29.
Ite Salomon
in omni gloria
sua coopertus
sicut unum
xistis.

tempo o que he immortal por natureza; que isto he o que o Espirito sancto nos ensina: *Corpus quod corrumpitur aggravat animam*; & assim, pera nam tornarmos tanto atrás na virtude he necessario sempre hirmos adiante na renovaçam; antes, como diz S. Gregorio, p he necessario cada dia começar de novo.

7 Assim nos aconselháram os Sanctos; & assim nos ensina a mesma natureza, porque até esta procura quanto pôde, renovar-se, refazendo as perdas da luz, que se lhe esconde de noite, com a fermosura do novo sol, que torna amanhecer com o dia; reparando a velhice do anno, com a novidade da primavera, que sahe tam liberal, & tam desejosa de se reformar, & reverdecer, que nam há arvore tam esteril que nam faya muy renovada cõ bellas flores, & que nam torne a reverdecer com alegres ramos; sahindo os prados, os campos, os mōtes, & mais toscos vallados, vestidos de novas galas, que vencem, como dizia Christo q Senhor nosso, os mais ricos vestidos de Salamam; & podem competir, na belleza, com as estrellas do céu, se assim como tem a fermosura, tivessem tambem a dura. Sô a idade do homem nunca se renova, & quanto mais vive, mais perde de vida; quanto mais cresce, mais se

envelhece; & assim he necessario, que a força, & juventud do espirito, prevaleça contra a fraqueza, & velhice do corpo; renovando seus bons propositos, que até estes se enfraquecem com a idade, que vay entrando, despindose (como diz S. Paulo) do Adam velho, & revestindose do novo, que he Christo; & pera que em tudo vença a graça liberal a pouquidade da natureza escaça, se esta se renova huma vez no anno, quiz nosso Patriarcha r sancto, que duas vezes, & mais, se assim pareceffe, nos renovassemos cada anno: costume introduzido por S. Ignacio, & continuado nesta provincia, pelo Padre M. Simam, experimentado todos cada dia, com esta divina traça da renovaçam, novos favores do céu, que sempre se commnica mais liberal, a quem o busca mais cuidadoso.

CAPITULO XVII.
Vay o Padre Martinho de S. Cruz a Roma, aonde morrêo sanctamente: entra em seu lugar, a ser Reitor do Collegio de Coimbra, o Padre Luis Gonçalves da Camara.

I NO capitulo atrás contamos a renovaçam de

Ad Col. c. 3. n. 9
Expoliates vos
veterē hominē,
induentes novum.

r
Const. par. 4.
c. 4. §. 5. p. 5.
c. 4. §. lit. H.

Anno de
Christo de
1547.

298

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno de
Companhia
8.

Boas partes do P. Martinho de S. Cruz.

espirito, que houve no Collegio de Coimbra, com a chegada do Padre mestre Simam; agora, com o novo anno, que começamos de 1547. que he o oitavo da Companhia, tambem começaremos com hum Reitor novo. Tres annos havia que continuava com o governo daquelle Collegio, o Padre Martinho de sancta Cruz, pessoa de tanta virtude, de tam raro exemplo, & de tal brandura de cõdiçam, que posto que tinha a cruz no sobrenome, nam era pera os subditos cruz pesada o governo de tam bom prelado. Pareceolhe ao Padre mestre Simam, que era tempo de o aliviar deste trabalho, assim por serem passados tres annos, como tambem pera que fosse acodir a Roma a humas grandes demandas, cõ que molestava àquelle Collegio (sobre algũas cousas pertencentes ao mosteiro de sam Fins) hum Lopo Gomes d'Abreu, que tinha recorrido, em pessoa, a Roma, & andava dizendo muitas cousas contra a Companhia. E como o Padre Martinho de sancta Cruz, tinha governado aquelle Collegio tres annos, & em seu tempo nos tinham dado o mosteiro de sam Fins, como tam pratico no particular destes negocios, poderia, com as noticias, que tinha, & com sua grande religiam, pòr termo no pouco, que

Lopo Gomes guardava contra nõs, pelo que brasonava, & bradava pelos auditorios da Rõta.

2 Partiose pera Roma o Padre Martinho de sancta Cruz, tomando o caminho a pé, como entam se costumava, levando por companheiros ao Padre Miguel Botelho, & Ifidoro Belino, com os quaes se embarcou em Barcelona, em hum Bergantim, que ahi acharam, bem equipado, satisfazendo muy plenariamente o frete, com ganhos espirituaes, assim aos passageiros, como aos remeiros, aos quaes o Padre fazia a doutrina, ensinadolhes as oraçoens, persuadindoos a nam jurar, nem jugar; sucedendolhe muito bem (senam com os remeiros, porque esta casta de gente, costuma ser muito roim de emedar) ao menos com os passageiros, entre os quaes, alguns mancebos nobres, que hiam no bergantim, se resolvéram a deixar o mundo, & a entrar na Companhia, a qual pediram, & alcançaram em Roma; que desta maneira caminhavam os religiosos da Companhia, naquelles bons tempos, persuadindose, que o principal fim da Companhia (que he ajudar às almas) nem se limita às cidades, nem há de cessar pelos caminhos; & deve continuar nas jornadas por terra, & nas navegações do mar.

Como se houve o P. Martinho de S. Cruz no caminho de Roma.

Anno de
Christo de
1547.

Anno de
Companhia
8.

O que lhe
sucedeo cõ
S. Ignacio.

3 Foy o Padre Martinho de sancta Cruz recebido por nosso sancto Padre, com o grande amor, & benevolencia, que pedia a plenaria satisfacção, que tinha da singular virtude, conhecida religiam, & zelo da Companhia, de tam virtuoso, & exemplar religioso. Mas pera que entendamos a notavel armonia de espirito, que havia naquelle sanctissimo Patriarcha, entendendo o negocio a que vinha o Padre, & vendo, que tinha alguma cousa de temporal, pois era sobre as fazendas do Collegio de Coimbra, posto que em tudo o que pode, favoreceo ao Padre, com animo verdadeiramente paternal; cõ tudo nam quiz, que elle, em quanto durou o negocio, estivesse na casa professa de Roma, na qual o santo Padre era Preposito geral: tal era o amor da sancta pobreza; & tal era o desejo, que tinha este insigne Patriarcha, de que nas casas professas da Companhia, aonde sò professamos promover o bem espiritual, nam houvesse nem sombra de quem tratasse de negocio temporal, posto que pertencesse á mesma Companhia, & fosse tam justificado como este era; pois nelle nam sò se tratava da sustentacção de tantos servos de Deos, mas tambem da honra da Companhia, que podia perigar, se em Roma dessem credito aos

brados d'aquelle poderoso adversario: & ainda se acrescenta mais esta admiracção, se considerarmos, que este negocio era diligenciado por hum varão dos mais exemplares, & regulares, que aquelles primitivos annos da Companhia nos deram. Recolheose o P. Martinho de S. Cruz em casa do Embaixador de Portugal, porque ainda em Roma nam tinhamos Collegio; por quanto este começou no anno de 1551. aos doze annos da fundacção da Companhia; & isto succedeo no anno de 1547. que era o oitavo da Companhia: & foram tam notaveis os favores, que achou no sanctissimo Padre Pio IV. (em rezam da muita justiça, que tinha esta causa, tambem representada, pelo Padre Martinho de sancta Cruz) que se nam dedignou de ser elle o ultimo juiz, que finalmete liquidasse o ponto, & viesse a dar a sentença definitiva, pela justiça do Collegio de Coimbra, fazendo calar ao adversario, que cõ tam pouca nos demandava.

4 Porèm recompensava muito bem o Padre Martinho de sancta Cruz o tempo, que gastava nesta demanda, com o que empregava no bem espiritual dos proximos, conforme á vocacção da Companhia, de que vio Roma grandes demonstraçoens, porque confessava

Como exercitava em Roma os ministerios da Companhia.

Anno de
Christo de
1547.

300

Anno da
Companhia
8.

Adoecegra
vemente.

continuamente, prègava muitas vezes, ensinava a doutrina em todo o lugar, & occasiã, sahindo em qualquer hora, pela cidade de Roma, a exercitar estes santos ministerios, sem temer as calmas mais nocivas dos maiores ardores da Canicula, que em Roma sam muy perjudiciaes, principalmente à gente forasteira. Nam podendo o servo do Senhor continuar com tanto trabalho, lhe sobreveyo huma gravissima doença, com dores tam vehementes (que segundo escrevéo de Roma o Padre Miguel Botelho seu cõpanheiro) podiam parecer hum genero de martyrio. Tinha elle particular amor aos irmãos, que deixãra no Collegio de Coimbra, & assim do caminho, como de Roma lhes escrevéo por vezes algumas notaveis cartas, nas quaes igoalmente lhes estampava seu grande espirito, & lhes imprimia sua ardente charidade: estando pera morrer (na casa professa de Roma, aõde já se recolhèra) pois os nam tinha presentes, se despedio delles, com muy repetidas, & muy suaves lembranças, pedindo ao mesmo Padre, que o encomédasse, com todo o affecto, aos irmãos de Coimbra, & de sua parte lhes pedisse perdã de lhes nam fazer os negocios, d'aquelle santo Collegio, com o zelo, & diligencia, que lhe devia (que os

servos diligêtes do Senhor, sempre lhes parece que ficam atrás no effeito, pelo muito que procuram passar adiante nos desejos) chegando finalmente o fim de seus trabalhos, virandose pera Christo, Senhor nosso crucificado, com quem sempre falava, cheyo de huma branda, & cordeal devaçam, lhe deo infinitas graças, pelo remir com seu preciosissimo sangue; & porque, em final de gratidã, desejava de se lhe offerecer todo, & naquella hora (consumido já o corpo com a infirmitade) sò lhe ficava a alma, essa, com muito gosto, resignava em suas mãos sanctissimas. Penetrado logo de hum excessivo fervor, & devaçam, arrebetando em copiosas lagrimas, & com os braços abertos começou suavemente a repetir, *Cupio dissolvi, & esse cum Christo.*

5 Com estes desejos no coraçam, com estas palavras, com o bom IESV na boca, & com nosso bemaventurado Padre S. Ignacio á cabeceira (felicidade pela qual sò se podia hir a pè a Roma) deo aquella bendita alma a seu creador. Huma cousa notavel sucedèo a este Padre nesta hora, que estando pera morrer, & vendo tam junto de sy a seu tam querido pay S. Ignacio, com toda a humildade, lhe pedio a bençam, & tomandolhe a mam, assim pegou

della,

O. land. lib. 8.
n. 81.

Ad Phil. c. 1.
n. 23.

Morte do
P. Marti-
nho de S.
Cruz.

della, que nunca mais, até espirar, a largou: como quem entendia serlhe de muito grande interesse espiritual nam abrir mam, d'aquella mam, da qual, como de sagrada anchora, se queria valer naquelle ultima tormenta, & perigosa luta com as ondas da morte, pera com seu favor segurar a viagem, & alcançar o desejado porto de sua navegação. Nas mãos do eterno Padre encômmendava Christo na cruz sua alma, quando estava pera partir desta vida mortal pera a eterna, na mam de seu muy prezado pay entregava sua alma o Padre Martinho de sancta Cruz, quando estava espirando: felicissima foy a morte de Christo Senhor nosso, pois dos braços da Cruz, em que o pregaram, voou às mãos do Padre, nas quaes se encomendou. Ditosa foy a hora do Padre Martinho de sancta Cruz, pois dos braços da morte, com que lutava, se passou às mãos de hum pay, que tanto o amava. Com tal mam nam podia deixar de ter, naquelle apartamento, boa mam direita, & prometerse com o Propheta, ^d que pois a mam direita do Senhor o engrandeceo, que entre as sombras da morte temporal, que temia, havia de alcançar as luzes da vida eter-

na, que esperava. Faleceo este bom Padre em 27. de Outubro de mil & quinhentos quarenta & oito, como consta da carta do Padre Miguel Botelho, seu companheiro. Ainda depois de morto ficaram seus olhos abertos, & fitos na imagem do Salvador, como se nos desse a entender com esta postura dos olhos do corpo fitos na humanidade de Christo crucificado, que tinha os da alma logrando, na bemaventurança da vista clara do Senhor glorificado.

6 Este foy, em vida, & em morte, o Padre Martinho de sancta Cruz, segundo Reitor do Collegio de Coimbra, a quem Deos nosso Senhor levou pera sy em Roma, por occasiã dos negocios, que dissemos. Seguiase, depois de sua partida, darlhe successor, pera governar aquelle Collegio, cujos fogeitos, neste tempo, passavam de cento. Tinha já o Padre Luis Gonçalves da Camara (de cuja entrada na Companhia falei no capitulo trinta & nove do primeiro livro) vindo de Valença de Aragam, aonde passou o primitivo tempo, de sua entrada na Religiam, em companhia do Padre Diogo Miram, primeiro Reitor de Coimbra (que tambem foy ser primeiro Reitor do Collegio, que a Companhia teve naquelle

Padre Luis Gonçalves da Camara he eleito em Reitor de Coimbra.

^d
Luc. 23. n. 46.
Pater in manus
tuas cômendo
spiritum meum.

^d
Pf. 117. n. 16.
Dextera Domini
exaltavit me,
non moriar, sed
vivam.

Reyno, como atrás contamos, no capitulo 37. do primeiro livro.) Tam grande era a opitiã, que o Padre mestre Simam tinha da muita virtude, & zelo do Padre Luis Gonçaves, que nam tendo da Companhia tres annos perfeitos, asentou, sobre tam modernos hombros, tam graves cuidados, como devia trazer consigo o primeiro, & mayor Collegio de toda a Companhia. E posto que o Padre mestre Simam entendia quam merecedor era o Padre Luis Gõçalves deste cargo, nam sò por seu illustre sangue (porque este por sy sò nam basta) mas por suas muitas letras, assim divinas, em que era insigne theologo, como humanas, das quaes foy excellente professor; com tudo, pera poder melhor suprir os annos, que lhe faltavam de experiencia, lhe deixou por escrito a ordem, que havia de seguir no governo dos subditos; & lhe apontou por adjuntos, & consultores finco Padres, todos de grande exemplo, & virtudes, convem a saber, o Padre Melchior Carneiro, que depois foy o primeiro Reitor d'Evora, & Bispo de Ethiopia; o Padre Melchior Nunes Barreto, doutor pela Vniversidade de Coimbra; o Padre Antonio Gomes, doutor pela Vniversidade de Paris; o Padre

Sam nomeados finco consultores.

Gonçalo Fernandes, & o Padre Bento Fernandes: designando a cada hum destes finco asseffores certo numero de religiosos, como os quaes tratariam, como se fossem seus prefeitos espirituaes, fogeitos porèm em tudo á cabeça do Collegio, que era o Padre Luis Gonçalves.

CAPITULO XVIII.

Como neste anno foy recebido na Companhia Dom Ignacio de Azevedo, o qual ao diante, com quarenta companheiros, deo a vida pela fé Catholica.

NO principio do governo do Padre Luis Gonçalves da Camara, neste anno de 1547. lhe quiz Deos nosso Senhor acrescentar o numero dos subditos do seu Collegio de Coimbra, com alguns fogeitos de grande estima, que, como bellas flores, dêram suavissimo cheiro neste fermoso jardim da Companhia. Entre outros o primeiro em todas as boas partes, foy o Padre Ignacio de Azevedo, natural da cidade do Porto, illustre

pelo

Anno de
Christo de
1547:

Progenito
res do P.
Ignacio de
Azevedo.

Boas par-
tes de D.
Ignacio de
Azevedo.

Anno de
Cepanhu
8.

pelo sangue, que erdou de seus avòs, & illustrissimo pelo sangue, que derramou por Christo. Foy descendente dos claros, & antigos progenitores Malafayas, & Azevedos, q̄ fizeram grandes façanhas, assim na restauraçam do Reyno por elRey D. Ioam o I. como na tomada de Ceita, & outros lugares d' Africa: seu pay se chamou Dom Manoel de Azevedo, foy Commendatario de S. Martinho, mosteiro antigo no Arcebispado de Braga: seu avo de D. Ignacio foy D. Ioam de Azevedo (a quem elRey D. Affonso o V. deo o Bispado do Porto, o qual houve de D. Ioanna de Castro, filha de Fernam de Sousa, alguns filhos) & este Dom Ioam era filho de Luis Gonçalves Malafaya (q̄ foy Veador da fazêda d'elRey D. Affonso o V.) & de D. Philippa de Azevedo. Teve D. Manoel de Azevedo, pay do nosso D. Ignacio, varios filhos (entre elles a D. Ieronymo de Azevedo, visorrey da India, & felicissimo conquistador de Ceilam) Fez este fidalgo em D. Ignacio seu filho mayor casa formada (q̄ a nam tinha em rezâm de seu estado) & ficava ella muy bẽ empregada em tal filho, porq̄ o tinha Deos dotado de todas as boas partes, pera apparecer na praça, & luzir na corte; cõ todos os primores, & bõs costumes, q̄ se podiam desejar, porq̄ na verdura de mãcebo, no lustre

de fidalgo honrado, no trato de abastado & rico, a todos era gratissimo: nas artes da cavalleria, cavalleiro: nas policias da corte, cortesam: nas prudencias humanas, muy apõtado; engraçado na conversaçam; muy fizudo nas acçoẽs ordinarias: no tratamẽto dos criados, muy luzido no trato de sua casa, grandioso, mas sem ostentaçam de vaidades: & sobre tudo era grande christam, que foy a melhor joya, com que Dom Ignacio esmaltava a illustre coroa de tam preciosos talentos. Que com estas tam bẽ lançadas linhas architectava Deos N. S. a obra deste grande fogeito, com que tanto havia illustrar este nobre edificio da Companhia.

2 A occasiã que houve, pera Deos nosso Senhor nos dar tam illustre pessoa, foy a seguinte. No capitulo II. d'este segundo livro, falamos naquelle devoto cidadam Henrique de Gouvêa (que na cidade do Porto seguio, tam pontual, os conselhos do famoso pregador o Padre Francisco Estrada) o qual, com hum grande zelo, por imitar a seu insigne mestre, tratava, com todas as véras, de trazer a todos ao caminho da salvaçam: foy tam ditosa sua industria, que recolheo pera Deos, & pera a Companhia, & pera toda a Igreja Catholica, hum dos mais

Occasiã,
que houve
pera D. Ig-
nacio en-
trar na Cõ-
panhia.

Anno de
Christo de
1547.

304.

Anno da
Companhia
8.

abalitados sogeitos, que se podiam esperar, o qual já em o nome de Ignacio, parece que trazia contigo a ditosa sorte de tam boas prendas, nam sò na qualidade do nome do pay sancto, mas tambem nas grandes virtudes de filho verdadeiro. Morava Henrique de Gouvèa na cidade do Porto, junto ás casas de Dom Ignacio; & nam era de pequena satisfação, & gosto, pera seu zeloso espirito, ter tam visinho, & conhecido hum sogeito tam bem formado, pera os que elle desejava na Companhia.

3 Retiravase muitas vezes Dom Ignacio na quinta de Barboza (sita no districto de Passo de Sousa, cinco legoas da cidade do Porto, affento, & cabeça do morgado ~~de~~ ^{de} fidalgos Azevedos de entre Douro, & Minho) soube Henrique de Gouvèa, que andava Dom Ignacio quasi abalado pera servir a Deos, desdo tempo, em que ouvio prègar ao Padre Frâncisco Estrada; trata de o buscar, pera o acabar de rêder, & trazer de todo ao verdadeiro caminho da salvaçam. Partese a este sitio a buscar tã rica preza, & a poucas palavras se achârã, & se conhecêram logo o espirito de hũ, & outro (q os que tẽ os mesmos pensamentos, facilmẽte se unem no mesmo amor) tratãram das vai-

dades do mundo, & da paga, que finalmente dava a seus mayores validos, & a seus mais sollicitos servidores. Resolvem, em tam limitado conselho, ser tudo o d'esta vida, fóra de Deos, mera vaidade, de muito fraca, & breve dura; & que sò podia tẽr persistencia eterna, o que podia levar os cuidados à eterna, & gloriosa duraçam. Acertados pensamentos, bem guiados juizos, certos & verdadeiros conceitos, de quem desejava atinar com o fim, & gloria da criaçam do homem: ditosa aliança de conselhos, bemaventurado acerto de juizos de hum zeloso velho, & de hum devoto mancebo; que quando o espirito he o mesmo, abraçamse os pareceres, ainda que se encõtrem as idades.

4 Unidos estes dous espiritos na mesma determinaçam, partemse logo ambos ao Collegio de Coimbra, aonde tratavam de hir tomar a ultima resoluçam, em materia de tanta importancia, como era a da salvaçam. O meyo que escolhéram pera acertar, foy, que ambos tomãram, dentro em o nosso Collegio, por espaço de trinta dias continuos, os exercicios de sancto Ignacio, os quaes acabados, pedio Dom Ignacio, com muy cordeaes, & affectuosos desejos, que o admittissem

Vam ambos a Coimbra tomar os exercicios.

Henrique de Gouvèa trata de trazer à Companhia a D. Ignacio.

^a
Vide Orland.
lib. 7. n. 69.

^b
Lucen. in eius
vitalib. 1. c. 7.

André Luc. in
vita S. Ignat.
lib. 4. c. 6.

na Companhia, na qual foy recebido, cahindo sua ditosa entrada em conjunçam (como alguns, com prudencial mystério, notaram) em que Deos abriu a porta ao estado do Brasil, pera a conversam d'aquella vasta gentildade; que foy o que muitos ^b advertiram no nascimento do sancto Padre Francisco de Xavier, que nasceu no anno em que se descobrio a India, & se abriram as portas ao Evangelho; & no nascimento, & conversam de sancto Ignacio, quando, nas partes do Norte, mais furioso bramia o infernal leam da heretica pravidade: que assim costuma Deos nosso Senhor por sua altissima providencia dar antidotos, & defensivos salutiferos, contra o pestilencial veneno das heregias; & desta verdade teremos ao diante insignes provas no que o Padre Ignacio de Azevedo fez pela conversam do Brasil, até chegar a dar a vida temporal, por livrar aquelles barbaros da eterna morte.

5. Recebido na Companhia Dom Ignacio de Azevedo, a primeira cousa que fez, foy renunciar a casa (de que já era senhor, por instituiçam de filho mais velho de seu pay Dom Manoel de Azevedo) em Dom Francisco de Aze-

vedo, ou de Atayde, seu segundo irman (que a possuio largos annos, em companhia de Dona Brites da Sylva sua mulher) & deste Dom Francisco de Azevedo veyo a casa a D. Manoel d'Azevedo, ou de Ataide, a quem succedeo seu filho D. Francisco de Azevedo, que hoje a possue, merecendo por suas boas partes outras casas mayores, de q Deos o fará senhor, porq lhe nam faltam nem merecimêtos, pera as esperar, nem honra, pera as possuir. Entrando Dom Ignacio em o noviciado, logo seus procedimentos mostraram qual havia do ser ao diate; tomou logo o caminho direito, por onde o Espirito sancto costuma levar aos justos, e pera lhes mostrar o Reyno de Deos:

6. Foy raro, neste estado de noviço, seu procedimento: entregou se a Deos, com tanta devaçam, & eram taes as delicias que sentia na cõmunicaçam espiritual das cousas do céu, que nas horas da oraçam mêtal, que tinha, eram tantas as lagrimas, que muitas vezes lhe achavam o cham banhado com estes orvalhos celestiaes. A mortificaçam, cõ que se tratava, era tam rigurosa, que se lhe nam passava occasiã alguma, a que se nam achasse o primeiro, em rebater, com asperos encontros, os assaltos mais sutis do inimigo: apertando tanto consigo

^c
Sap. c. 10. n.
10. Iustia deduxit
Dominus
per vias rectas,
& ostendit illi
regnum Dei.

Como procedeo em o noviciado.

Entra na
Companhia.

Anno de
Christo de
1547.

306

Anno da
Companhia
8.

com disciplinas, com jejuns, & cilicios (que nam pôde o corpo fraco sustentar o desafio do valente espirito) & assim lhe foy necessario, ordenandolho a obediencia, largar o campo, & aceitar o quartel, que os superiores lhe obrigaram a tomar, mandandoo retirar a Sam Fins, pera dar algum alivio, & permitir algumas treguas à humanidade. Neste mesmo tempo, hindo o Padre mestre Simam a visitar a residencia de S. Fins, & achandoo ainda muy desfeito, & defcòrado, lhe disse estas formaes palavras, diante de todos: *Irmam, andais ainda muito magro, he necessario engordar, pera poderdes melhor trabalhar*: couza foy admiravel, que como se trouxesse na mam nam menos a penitencia, pera enfraquecer, que a obediencia na alma, pera obedecer, dentro em poucos dias se reformou em forças, & cores; mostrando, que nam era menos penitente, que obediente.

7 Procedeo sempre com tam profunda humildade, que a todos deixou raros exemplos desta virtude, tam necessaria aos verdadeiros religiosos. Nos officios mais humildes se exercitou tam de proposito, & com taes desvellos, que sahio insigne official de alfayate, & çapateiro, como se viesse ao noviciado aprender estes officios, pera com elles ganhar o remedio de sua

vida: aos quaes officios ficou tam afeiçãoado, que crescendo ao diante nos annos, nos cargos, & na autoridade, sempre conservou a alcofinha, em que tinha os instrumentos necessarios desta mechanica, & sempre se prezou do officio, & exercicio de remendãm, que os varoës sanctos estimam por mais honrado o que o mundo despreza por mais humilde. Muito pudemos contar deste grande servo de Deos, mas deixemolo pera o diante, pera nos consolar-mos muitas vezes, em varias partes, desta historia, com repetir os raros exemplos, que nos deixou nam menos na vida esclarecida, que na morte gloriosa.

8 Baste por agora dizer, que este he aquelle Padre Ignacio de Azevedo, a cujo bom exemplo devemos o Collegio de Braga, que hoje logramos; porque tendose recolhido da missam do Barrozo, aonde tinha ajudado na visita ao grande servo do Senhor Dom frey Bertholamèo dos Martyres Arcebispo Primàs; & despedido já d'elle em Braga, se foy recother no hospital de S. Marcos, pera se partir com seu companheiro o Padre Pero Lopes, na menhã seguinte, pera o Porto; porém estando elle pera sahir do hospital, vieram alguns penitentes, & começou a ouvilos de con-

fissam;

Ao Padre
Ignacio de
Azevedo
devemos a
fundaçam
do Collegio
de Braga.

fiffam; & apòs estes vieram outros, & acodiram tantos, que era passado o meyo dia; & quando elles haviam de ter andado meyo caminho, estavam ainda no hospital confessando; que o varám apostolico nam perde esta occasioens, ainda que seja á cõta de perder as jornadas. Neste mesmo tempo, estando à mesa o Arcebispo, veyo a dizer a caso, *Aonde hvrá agora nosso bom companheiro o Padre Ignacio de Azevedo? Ainda nam sabio de Braga, lhe respondeo hum criado, porque o deixei agora confessando no hospital de S. Marcos.* Mandou logo o bom prelado, que vam ver se he así, & que lho tragam a casa: aõde, tãto q̃ entraram os dous Padres, os levou nos braços, & se resolvèo a fudar logo o Collegio, q̃ temos naquella cidade, cortando por grandes difficuldades, que nisso havia; que tanto rende a verdadeira virtude diante de quem sabe estimar o preço d'ella: em resoluçam, a obra se começou logo, & o Padre Ignacio de Azevedo foy o primeiro Reitor, que nam menos edificou o Collegio com o trabalho de suas mãos, que a cidade com o exemplo de sua pessoa. Mas porque a escritura da fundaçam deste Collegio se fez a 30. de Agosto de 1560. & a posse do Collegio, & escholas, que já ali havia, foy no anno de 1561. (& contẽ em sy cousas de grande exem-

plo, & edificaçam) pera este tempo remetemos as noticias mais particulares.

9 Outras mayores maravilhas contaremos ao diante; porque este he aquelle grande servo de Deos, que, levado de hum ardentissimo zelo da cõversam das almas dos gentios, desprezando Portugal, aonde nascèo entre fidalgos, se passou ao Brasil, aonde viveo entre barbaros. Este foy aquelle insigne zelador da honra de Deos, que sendo Provincial no Brasil, & abandonando seu grande espirito, por ver acodir tam poucos obreiros à conversam de tam vasta gentilidade, se voltou a Portugal, & dahi foy a Roma a pedir socorro de gente a nosso Padre geral, & de bençoens, & favores ao summo Pontifice; donde, tornando a Portugal, ajantou muitos religiosos pera voltar ao Brasil, a converter à fé de Christo aquella gentilidade. Este he aquelle esforçado capitam, que com quarenta companheiros deo a vida pela fé catholica, às mãos dos Calvinistas, capitanea dos por hum famoso pirata, & cruelissimo herege, chamado Iaques Oria.

10 Este foy aquelle P. devotissimo da Virgem nossa Senhora, que depois de muy ferido, pelos hereges, se pegou tam fortemente com huma sua imagẽ da invocaçam de S. Lucas, ou

Como tratou da missam do Brasil.

Morrèo pela fé com 40. companheiros.

Devaçam, que tinha a Virgem sanctissima

de Populo, que podendolhe os hereges tirar a vida do corpo, já nunca lhe podêram arrancar a imagem da mam, até que, pegado a ella, o lançáram ao mar: mostrando nisto, que mayor uniã m tinha com a Virgem, a quem muito amava, que com a vida, que nam estimava; & que naquella ditosa taboa havia de escapar do naufragio da morte deste mundo, pera assegurar a vida no Paraiso; o que tudo cõsta dos processos, & inquiriçõs juridicas, que estam tiradas, em rezã m de sua canonizaçã m, como largamente ao diante contarã m os que continuarem com esta Chronica.

II Este finalmente he o mais famoso capitã m dos esforçados soldados, que na Companhia dêram a vida por amor de Christo, pois entrou triumphando no cêo, acompanhado de quarenta companheiros, aos quaes, como esperamos, veremos muy cedo nos altares, coroados com preciosas laureolas de martyres, porque com grande calor se trata de suas canizaçõens; posto que já na opiniã m de todos, sempre foram tidos, & julgados por martyres (como se prova largamente em o nono artigo dos interrogatorios do processo de sua inquiriçã m, que temos em nossa mam) pois dêram as vidas por confessar a fé Catholica, & Romana, que hi-

Trata-se de sua canonizaçã m.

am prégar ao Brasil: & muy cedo esperamos, que pela mesma Igreja sejam declarados por sanctos os que piamente cremos, que estã m já no cêo vendo a Deos. E por agora nos contentamos com esta breve noticia do Padre Ignacio de Azevedo, assim porque ao diante se ha de contar este successo, no anno de 1570. em que succedêo, como tambem porque he já muy sabido, & sam muitos os Autores, que delle tem composto; & se pôde ver no Padre Pedro de Ribadeneira, ^a no Padre Luis de Gusmã m, & no Padre Bertholamêo ^b Guerreiro.

^a Rib. in vita terrij gener lib. 3. c. 10. & 11.
^b Guerreiro. in elog. p. 3. a. c. 10.

CAPITULO XIX.

Entram na Companhia o Padre Mauricio, que ao diante foy confessor del Rey Dom Sebastiam, & foy com elle a Africa: & o Irmã m Ioã m Fernandes de Oviedo, que depois foy grande missionario no Iapã m.

I **O** Outro que acrescentou, neste tempo, o numero dos ditos fogeitos no Collegio de Coimbra, foy o Padre Mauricio, a

quem

Boas partes do P. Mauricio.

quem sempre na Companhia chamaram por este nome, perdendo o que tinha no seculo, como quem, com a entrada da Religiam, deixava o mudo tam de proposito, que até do proprio nome se esquecia. Foy natural da notavel villa de Viana, foz de Lima; foy homem de grande religiam, de raro espirito, de muita oraçam, & conhecida obediencia, retirado em seu procedimento, muy recolhido em sua cella, muy dado a exercicios espirituaes, nos quaes Deos lhe communicava muitos favores, com hum grande dom de lagrimas; donde lhe nascia hũa sincera, & solida charidade, hum grande zelo de ajudar a todos; a mortificaçam foy mais que ordinaria, exercitando grande perseguiçam contra sy mesmo, & tratandose com asperos rigores, de frequentes disciplinas, & cilicios quasi continuos. E com fer tam grande a hostilidade, que usava no trato de sua pessoa, no da conversaçam religiosa tinha tam quieta paz, & tal suavidade no trato, que em todos causava admiraçam ver a grande brandura d'aquella tam pacifica natureza.

Sua grande paciencia.

Foy homem de muy conhecida paciencia, & de admiravel sofrimento: ensayouse pera os grandes exemplos, que adiante nos deixou neste particular, com hum que nos deo,

sendo noviço, hindo, com mais dous noviços, em peregrinaçam, na forma em que naquelle tempo se faziam semelhâtes romarias, com vestidos de pelotes velhos, & rotos; entrou em hũa villa, aõde os da governança (que nam deviam de fer os mais praticos no conhecimêto dos nossos religiosos) estranharam os peregrinos pelo habito, & pela modestia, & (como ordinariamente os homens sam mais inclinados a lançar tudo â peyor parte) os avaliaram logo por famosos, & dissimulados ladroes. Pera acodirem, como zelosos que eram, com toda a diligencia, dam nos pobres innocêtes; (aos quaes presidia o Padre Mauricio, nam menos pela obediencia dos outros, que levava, que pelo silencio proprio, que goardava.) Levamnos â cadeia publica, & quanto mais os vem calar, tahto mais se persuadem, que o faziam por se verem convencidos dos furtos, que lhes impunham, & por isso, pera melhor os assegurar, lhes meteram grilhoes nos pés. Logo, pera autorizarem esta sua grande presa, publicaram pela terra, que tinham metidos em ferros, a huns infignes ladroens, os quaes, por se verem convencidos, calavam, por nam dar nos complicés, & por nam descobrir seus roubos.

Foy preso por ladrão.

3 Trazia a curiosidade

(como

*Como foy
conhecido
por inno-
cente.*

(como he costume) a muita gente da terra, pera verem presos a huns ladroens tam cadimos, como a justiça os apregoava; acerca de vir a caso, entre outros curiosos, hum nobre estudante da Vniversidade de Coimbra, & vendo sua mansidam, & modestia, conheço ao Padre Mauricio; & cahindo no engano dos que o prendéram, grita com grandes brádos à justiça, que advertissem nos ladroens, que tinham na cadéa; que aquelles homens, tam injustamente infamados, & tam verdadeiramente innocentes, éram religiosos de muy approvada perfeiçam, nos quaes o silencio nam encubria furtos alheos, mas indiciaua virtudes proprias: estes zelosos brádos do estudante, foram causa de mayor concurso popular; acodiram todos à cadéa, com nova curiosidade, de ver retidos, com titulo de ladroens, os que já viam autorizados com nome de sanctos. Veyo tambem a justiça da terra, & facilmente cahiram no engano, & entendéram, que aquelle silencio nam procedera de cõciencia culpada, mas nascera de innocência cõfiada: soltaram-nos logo, pedindolhe mil perdoens, a que os peregrinos respondiam com mil gratificaçoens, como se mais estimassem as cadéas, em que antes os metéram, que os mimos, com que en-

tam os tratavam.

4 Destes tam religiosos principios (nos quaes por toda a vida foy continuando o Padre Mauricio) nam há que espantar fahir de tanta honra, & proveito pera a Companhia, porque foy o sexto Preposito da casa de S. Roque; no qual cargo procedeo com grande charidade, & gravidade: foy Reitor do Collegio, & Vniversidade d'Evora, & tivera outras muitas dignidades, porque de muitas mayores era merecedor, se lhe nam faltara a vida, que perdèu nos campos de Alcafere, em Africa, acompanhando a el Rey D. Sebastian (de quem era cõfessor, & muy valido, sucedendo no cargo ao Padre Luis Gonçalves da Camara, como ao diante mais largamente verémos) naquella jornada tam mal acõselhada por algũs privados, que tratavam de falar à vontade ao generoso, & pouco affortunado Rey, & tam reprovada pelo Padre Mauricio, que por vezes, cõ grandes rezoões, repetidas com notavel efficacia, pretendeo disuadir ao Rey de tam perigosa, & rescusada empresa. E como depois nos contava o Padre Amador Rebelto (pessoa bem conhecida neste Reyno, & mestre del Rey Dom Sebastian) muitas vezes lhe disse o Padre Mauricio, com os olhos cheyos de lagrimas, que estava preven-

*Officios, q
teve o P.
Mauricio.*

*Foy confes-
sor del Rey
D. Seba-
stian.*

do a perda da pessoa real, & o cativoiro da fidalguia de Portugal; repetindo isto com tal sentimento, que fazia chorar a quem o ouvia; como succedeo a Jeremias, ^d sobre a pessoa de Sediças, & de seu Reyno. Porém assim como nada montaram os prantos, & brados ao Propheta Jeremias, assim nada valeram as lagrimas, & os conselhos do Padre Mauricio; porque com fermeza a força das rezoens do Padre, mayor era a violencia dos fados, que antes quero condenar a estes, que culpar à humma magestade real; & nem ainda depois de tantos annos, he bem, que minha censura chegue a tocar espheras tam elevadas. Nam deixou por isso o Padre de acõpanhar, até morrer, a quem tanto amava; como quem nam lhe dissuadia a jornada por falta de animo, mas obrigaçam de amor.

5 E pera que entendamos a certeza, com que este prudente Padre previa a fatal ruina d'aquelle exercito, quando sahio da casa de S. Roque, pera se embarcar, disse ao Padre Amador Rebello, que o acompanhava: *Meu Padre, ficai vos embora, nós hamos a morrer, no outro mundo nos veremos.* Tudo succedeo como o Padre d'antemam adivinhava, & chorava. Roto o exercito, a quem elle esforçava, com hum crucifixo nas mãos, animando a

todos à obrigaçam de Catholicos; estãdo actualmẽte cõfessãdo a hũ fidalgo mortalmẽte ferido, o matou hũ Mouro, estimãdo mais matalo; por sacerdote Christam, que interessar delle proveito por cativo. Foy o unico da Companhia, que na batalha morrẽo, salvando as vidas os outros; ainda que cativos, & mal tratados dos Mouros: & levãdo a seu cargo doze religiosos da Companhia, que naquella jornada acompanharam a el Rey Dom Sebastiam, todos os mais, (a pezar dos fados contrarios, & da fortuna adversa) tornaram a Portugal, elle sò, em lugar de todos os doze, ficou sepultado nas entranhas dos Adibes, & Abutres, nos campos de Berberia, podendo dizer com o Senhor, *Quos dedisti mihi non perdidisti ex eis quemquam*; porque assim como dos doze Apostolos, que seguiam ao Salvador, elle sò ficou por todos morto na cruz; assim dos doze companheiros, que acompanhavam ao Padre Mauricio, elle sò, sendo o superior, cahio por todos morto no campo. Este foy o Padre Mauricio, & com esta especie de martyrio, deo sua alma ao Senhor, do qual, na occasiã desta infelix jornada, pudemos dizer cousas muy notaveis; porém materias tristes nem entã sam boas de ouvir, quando o tempo as traz pera as contar; & assim

a
Ier. c. 38. n. 18.
Si exiens ad
principes Re-
gis Babylonis,
tradetur civitas
hzc in manus
Chaldaeorum.
&c.

Como pre-
vio a per-
ta del Rey
Dom Se-
bastiam.

ⁿ
Ioa. c. 13. n. 9.

Anno de
Christo de
1547.

312

Anno da
Cithara
8.

Como Deos
trouxe á
Companhia
a Ioam
Fernandes
de Oviêdo.

Por occa-
sião de ou-
vir huma
disciplina
se conver-
teo.

nam hã pera que, as anticipar agora, deixandoas pera o anno em que estas lamentaveis tragedias succederam.
6 Aliviemos hum pouco as tristes lembranças, que nos causou a morte do Padre Mauricio (que neste anno, em que himos de 1547. entrou na Companhia em Coimbra) com a memoria da entrada do Irmão Ioam Fernandes de Oviêdo, que neste mesmo anno foy recebido na Companhia em Lisboa. Era natural da cidade de Cordova, morava em Lisboa, tinha officio de mercador, no qual estava muy rico; tratava em feda, & a condiçam era de fera, pera todo o bem; era mancebo liberal, & estimado de todos, & em seus tratos, & mercancias homem de muita verdade, & sinceridade, qualidades, que nẽ sempre andam juntas, em semelhantes occupaçoens. A occasiã, que Deos tomou, pera o trazer a esta sua minima Companhia, foy a seguinte; convidou o huma vez hum seu amigo, pera hir a huma musica (a que Ioam Fernandes era inclinado) ao nosso Collegio de S. Antam; ou fosse, que com esta traça o quiz levar ao bem; ou que, com semelhante disfarçe, quiz encobrir sua penitencia: facilmẽte se deixou levar Ioam Fernandes com os gabos, & encarecimentos da solfa, que cui-

dou achar em S. Antam: & em effeito achou musica tanto melhor, do que imaginou, que lhe arrebatou a alma, & enlevou o coraçam; posto que era de vozes muy diferentes; & instrumentos muy diversos: foy esta huma disciplina que se tomou, precedendo huma pratica da paixam, acompanhada de muitas lagrimas, & sentimento dos ouvintes; a vista de huma devota imagem do Ecce homo; da maneira que inda hoje se usa em muitas Igrejas da Companhia pela quaresma, & ainda continúa no Collegio de S. Antam, aonde teve principio costume tam louvavel.

7 Foy pera Ioam Fernandes de Oviêdo, este sancto engano, principio de seus defenganos, & lhe contentou sobre maneira esta nova musica de tam boas vozes, que a Deos pediam misericordia; porque, na verdade, nam hã melhor solfa, que a que enleva a alma, & arrebatada o espirito; que tambem hã musicas, que cõtentam ao coraçam, que destas falava o Propheta, *Psalentes in cordibus vestris*: & ainda que esta magoava o corpo cõ a disciplina, nam deixava por isso de aliviar a alma com sua armonia; que a cithara nam deixa de ser muy suave, ainda que se tõe com a penna. Com a aspereza desta disciplina nasceo em sua alma huma brandura

B
R. n. p. o.
h. s. an. p.
h. s. p. o.
h. s. p. o.
h. s. p. o.
h. s. p. o.
h. s. p. o.
h. s. p. o.

Paul. ad Ephes.
c. 5. n. 15.

espi-

1. Reg. c. 16.
n. 23. David tol-
lebat citharam
& percutiebat
manu sua, & re-
sonabat Sa-
ul. recedebat
enim ab eo spi-
ritus Domini
malus.

espiritual tanto do céo, que logo lhe lançou fóra o espirito mundano, ao modo que a Saul lhe sahia do corpo o mão espirito, com a melodia da arpa de David. Tanto que o irrmam Ioam Fernandes sahio deste devoto exercicio da disciplina, tratou, muy de proposito, de fazer huma confissam geral, & acodindo á mesma Igreja, pera este effeito; ouvio prègar ao Padre Francisco Estrada (que neste tempo em Lisboa, como hum trovám do céo, fulminava victorioso contra os vicios) neste sermám se acabou de resolver em deixar o trato da mercancia, & tratar de outros melhores ganhos, abandonando o mundo, & abraçandose com Christo crucificado.

7 Pedio a Companhia ao Padre mestre Simam, pera nella perpetuamente ser coadjutor temporal. Reparou o Padre, se havia já nelle bastante fundamento pera edificio de tanta humildade; principalmente, sendo o irrmam Ioam Fernandes homem tam rico, & tam concertado no luzimento de sua pessoa. Pera o experimentar, quiz primeiro tentar sua vocaçam; perguntoulhe, se acabaria consigo, por se crucificar de todo ao mudo, & quebrar banco com elle, hir pela rua nova de Lisboa, aonde

era tam conhecido, sobre hum jumento em offo, à villa de toda a gente, na hora em que estã mais junta naquella praça. Bem previa o Padre mestre Simam as difficuldades desta nova empreza; porém por isso mesmo lha representava; ou pera conhecer sua vocaçam, se a executasse; ou pera o desenganar, se a recusasse. Respondè o resolutto mancebo, que sim faria; & com animo deseioso de perder credito com o mundo, cujo trato já de todo aborrecia (porque tratava de outros ganhos mais rendófos, com os quaes queria comprar a preciosa margarita do Evangelho) Se bem o disse por palavra, melhor o executou por obra; vayse a casa, vestese de novo, com as melhores roupas que tinha, poemse sobre o humilde animal; & pera que esta victoria de sy mesmo fosse mais gloriosa, hia virado com as costas pera a cabeça do jumentinho, como quem de todo dava as costas ao mundo, & virava o rosto a Deos: toma desta maneira o caminho da rua nova de Lisboa, que foy atravessando pera entrar em nossa casa de sancto Antam: sahio este novo cavalleiro de Christo feito triumphador da vahidade, nam em carro levado por soberbos leoens, ou por grandiosos elefantes, como succedeo a al-

Notavel
experiência
que nelle
fez o P.M.
Simam.

Vem pedir
a Compa-
nhia.

Alexand. ab A
lex. lib. 5. c. 20

Anno de
Christo de

1547.

102 c. 12. n. 16
Sedens super
pullum asiæ.

316

Anno da

Companhia

8. 7. 71

guns Romanos, mas no humilde jumentinho, como fez seu mestre Christo: hia pela rua muy confiado (porque os sanctos nam se envergonham quando exercitam as obras de mayor humildade) Ao principio pasmava a gente com tam novo espectáculo; logo se lhe passou a admiracão do que viam, em desprezo do que imaginavam, & os que cuidavam, que melhor acertavam, o avaliavam por doudo, & como a tal seguia grande numero de rapazes, fazêdolhe a festa, que a semelhãte gente costumam fazer os d'aquella idade.

9 Com esta insigne victoria desy mesmo, chegou ao Collegio de S. Antam, aonde logo foy recebido; por lhes parecer aos Padres, que nam podiam mais resistir ao Espirito sancto, que taes effeitos causava em peito tam resolutu. Com tam bom principio de afrontas, tam bem sofridas; & com tal ensayo de injurias, tam bem levadas, lançou o irram Ioam Fernandes os fundamentos pera as innumeraveis injurias, & afrontas, que ao diante sofréo, pela fé catholica, em Iapam dos Bonsos, & letrados da gentildade d'aquelles Reynos (sendo fidelissimo companheiro do grande Sam Francisco de Xavier) com tanta segurança, como quem estava fortalecido da graça di-

vina, pera dar a vida pela fé sanctissima, que professava.

9 Muitas cousas poderamos contar deste insigne irram (do qual em nossas historias se contam cousas admiraveis) que sendo coadjutor temporal, sem estudar letras algumas, teve por mestre ao Espirito sancto, & foy hum dos mais excellentes prégadores, & & mais apostolicos obreiros, que a Companhia teve no Iapam, aonde sempre acompanhou, em seus grandes trabalhos, ao Apostolo de todo o Oriente Sam Francisco de Xavier; & este louvor lhe baste por agora, porque tempo virã em que lhe contemos cousas maravilhosas, que obrou naquelles estendidos Reynos, até finalmente acabar a vida, sem largar o campo, na mesma estancia, morrendo no Reyno de Firando em Iapam, entre os seus Christãos, que cultivava, & entre suavissimos colloquios cõ Christo, por quem suspirava.

11 Estes tres sogeitos, como tres preciosissimas joyas, foram este anno acrescentados à coroa dos servos do Senhor, com os quaes Deos hia enriquecendo nossa Companhia em Portugal.

Como foy
recebido
na Companhia.

Foy ao diã
te grande
prégador
do Evangelho.

CAPITVLO XX.

Vay o Padre mestre Simam a Coimbra, pera começar a obra do Collegio novo: trata, com toda a solênidade, de lançar a primeira pèdra, sabe da terra, nas primeiras enxadndas, hum enxame de abelhas.

HA dias ditosos, & bem affortunados, & & há dias tristes, & que sam aziagos, conforme a commum opiniã das gentes: hà dias cheyos, & bem crecidos, que sam os de que fala o Propheta, & hà dias apoucados, & horas mingoadas, que assim chamou Iacob aos dias de sua vida: & por isso os Romanos, antigamente costumavam notar, & apontar os dias alegres, com pèdras brancas. Hum dos mais felices dias, que nesta Provincia nos amanheçò, foy o dia de 14. de Abril deste presente anno de 1547. dia assinalado, & apontado com huma fermosa pèdra, que pera nòs foy pèdra preciosa, & a primeira da obra do Collegio novo de Coimbra. Neste mes (que

se chama Abril, e porque nelle abre o anno as esperanças aos lavradores) se abriu tambem a terra officiosa, pera em suas maternas entranhas receber esta primeira pèdra do Collegio primogenito de toda a Cõpanhia: succedeo o caso desta sorte.

2 Estava a corte, neste tempo, em Almeirim, á qual seguia o Padre mestre Simam, como mestre do Principe: & como el Rey cada vez mais continuasse no amor, que tinha á Companhia, vendo que os fogeitos creciam em Coimbra, & que faltavam as casas, pera os agasalhar; se resolvéo em mandar começar a obra nova, pera o Collegio, que era o Primás de toda nossa Religiam. Tinha el Rey comprado muita parte do sitio, aonde agora está o nosso Collegio, pera nelle edificar a sua Vniversidade, que por entre tanto hospedara nos seus paços reaes; mas vendo, que ficava nelle muy bem apsentada, & o sitio, que tinha comprado era o que mais nos convinha (assim porque em parte d'elle já habitavamos, como por ser largo, saudavel, & visinho ás escholas mayores) nos fez liberal merce de todas as casas, com hum pedaço de muro, & algumas torres, que pera a Vniversidade tinha comprado; & ordenou ao P. M. Simam, que logo viesse a começar a obra.

Cõpanhia
8.

Ovid Fast. 4.
Aprilẽ memora-
rant ab aperte
tẽpore dictum.

*Avisa el-
Rey ao P.
M. Simam
que vá co-
meçar a c-
bra do Col-
legio.*

^a
Virg. Georg. 1.
Ipsa dies alios
alio dedit ordi-
n. luna, Felices
operum.

^b
Pf. 72. n. 10.
Dies pleni in-
venitur in
eis.

^c
Gen. 47. n. 9.
Dies peregrina
nomis mez pau-
ci & mali.

^d
Pers. sat. 2.
Hunc Maerine
diem numera
meliore lapillo.

Anno de 316
Christo de 1547.

Anno da
Companhia
8.

Foy esta nova de grãde alegria pera o Padre, & muy em particular pera o serenissimo Infante Dom Luis, grande protector, & afeiçãoado à Companhia.

3 Chegou o Padre a Coimbra, tratou da obra, que já trazia traçada, nam conforme a humildade dos pobres, pera que se fazia, mas segundo a grandeza do Principe, que a mandava fazer: ordenou que se lançasse a primeira pedra (que quiz que fosse com toda a solennidade, nam de festas profanas, mas de orações devotas) escolheo o dia pera esta solennidade, que foy em 14. de Abril, que entam cahio em huma quinta feira, depois das oitavas da Paschoa, dia dos martyres Tiburcio, Valeriano, & Maximo, sendo esta celebridade outra nova Paschoa, pera todos os moradores d'aquelle sancto Collegio. E como naquelle dia se havia de abrir o edificio de huma casa de oração, bem era começasse logo pela oração: ordenou o Padre mestre Simam, que todos primeiro tivessem huma hora de oração na pobre Igreja, em que os nossos, naquella estreiteza de lugar, diziam missa, confessavam, & prégavam; & mandou que os sacerdotes dissessem missa ao sanctissimo

nome de IESV, a cujo nome sacrosancto se dedicava a obra, & se levantava o Collegio.

4 Acabada esta primeira cerimonia, se foram juntos, seguindo a seu capitam o Padre M. Simam, ao lugar aonde hoje vemos o cunhal, que cahe sobre a cerca, & que dà principio áquelles dous grandes dormitorios, hum que corre de Leste a Oeste (a que chamamos corredor do Norte) outro que se lança de Norte a Sul. E logo, com hum notavel alvoroço de devaçam, & lagrimas de alegria, cmeçam, ás enxadadas, a cavar a terra, a qual parece que com novos obsequios abria liberal suas entranhas, pera dentro receber tam ditos fundamentos, como se reconhecisse a virtude, & sentisse a sanctidade dos que com repetidos golpes a batiã, como gravemente disse Plinio (falando do tempo em que hum consul vencedor, deixou o governo, & tomou o arado) que gostava a terra quando se sentia sulcar pelo ferro laureado de hum Romano triumphante: *Gaudente terra vomere laureato, & triumphali aratore*: que nam he esta a primeira vez, em que a terra bruta, & os montes insensiveis sentiram a virtude, &

Lugar em que se deu a primeira pedra.

Em 14. de Abril se trata de lancar a primeira pedra.

Plin. lib. 18. e.
3. n. 40.

reco-

ff. 97. n. 8.
Montes exulta-
bunt in cõspe-
ctu Domini.
Pl. 113. n. 6.
Mõtes exulta-
tis sicut arie-
tes, & colles si-
cut agni.

Nomes de
algũs reli-
giosos, que
andavam
trabalhã-
do na obra
da Igreja.

reconhecèram a força superior, com apraziveis saltos, & alegres danças, que deste modo de falar usa muitas vezes a sagrada Escritura. g

5 Continuavam os repetidos golpes das enxadas, & dos alveoens, meneados pelos nossos religiosos, que ensinados pela charidade, que he muy engenhosa, faziam muy bem este officio, huns cavando, outros enchendo cestos de terra, outros postos á formiga em fileira, pera os despejar; & os que mais se aventajavam, em sangue, & em letras, mais se affinalavam na cava, & no trabalho; entre outros andavam na obra, vestidos em trajos humildes, Dom Gonçalo da Sylveira, filho do Conde da Sortelha; Dom Rodrigo de Meneses, filho do Regedor da casa do civil; Dom Leãm Henriques, filho de Dom Ioam Henriques; Luis Gonçalves da Camara, irmam do Conde da Calheta; Dom Ignacio de Azevedo, filho de Dom Manoel de Azevedo; Gonçalo Vaz de Mello, filho de Antonio de Mello; Manoel de Nobrega, sobrinho do Chançarel mór, com outros nobilissimos sogeitos, aos quaes acompanhavam letrados, & pessoas de muita autoridade; entre os quaes era o primeiro o Padre mestre

Simam, mestre do Principe Dõ Ioam; o Padre Melchior Nunes Barreto, doutor pela Vniuersidade de Coimbra; o Padre Antonio Gomes, doutor Sorbonico, pela Vniuersidade de Paris; Ioam Diccio, doutor em theologia; Francisco Estrada, famoso prégador; Ioam Nunes Barreto, Patriarcha que foy de Ethiopia, & outros naturaes do Reyno, & estrangeiros, todos dignissimos de eterna memoria.

6 Tal vista de gente tam autorizada, occupada em cavar a terra, pera o templo de Deos, & casa dos Religiosos, nos traz à memoria aquelles bons tempos, em que o grande Constantino se prostrou em terra, derramando copiosas lagrimas, & depondo a purpura imperial, tomando o alveám nas mãos triumphadoras, cavando no monte Vaticano, enchêo de terra doze cestos, á honra dos doze Apostolos, pera aquella augustissima basilica, dedicada aos dous Principes da Igreja S. Pedro, & S. Paulo: & com o exemplo de tam real pessoa, & magnifico Monarcha, ficou esta acçãõ tã honrada, & este exercicio tam autorizado, que nam sò neste dia o exercitaram os nossos Religiosos, mas nelle perseveraram por muito tẽpo, ficãdo como por officio a muitos cavar a terra, despejar os cestos, andar cõ a pa-

Exẽplo do
Empera-
dor Conf-
tantino.

h
Vide Barõn. in
annal. an. 324.
& Spond. ibi.
fol. mihi 282.
n. 19.

Anno de
Christo de
1547.

318

Anno da
Companhia
8.

diola, trazer a cal, & ajutar a pedra, cõ tãto cuidado, & cõ tal alegria, que quem via crescer a obra a olhos vistos, mais a attribuia ao sancto fervor dos religiosos, que ao ordinario trabalho dos officiaes; que he muy proprio das mãos de gente noble, & virtuosa (como gravemente advertio o autor da historia natural) cresceremlhe as obras com mayor luzimento, porque as fazem com mayor curiosidade: *Honestis manibus omnia latius proveniunt, quoniam & curiosius fiunt.* Renovandose tambem na fundaçam deste Collegio o exemplo, que nos deixaram os monges do real mosteiro de Alcobaca, da sagrada Religiam de S. Bernardo, os quaes, com huma sancta, & muy sincera humildade, andavam trabalhando nas obras do convento, & entre elles o Infante Dom Pedro, irman del Rey D. Affonso Henriques (ou filho, como outros querem) feito já religioso; o qual tinha sido famoso cavalleiro, parecendo melhor quando estava meneando o alveam, que quando andou nas guerras esgrimindo a espada.

7 Hiam os nossos devotos trabalhadores continuando em abrir a terra, fervia a obra, crescia a devaçam, multiplicavamse as lagrimas, preparavamse as primeiras pedras, que o Padre mestre Simam havia de lançar,

quando os quiz Deos nosso Senhor consolar com hum alegre prodigio, & bem affortunado agouro: porque continuando a cava; eis que subitamente, d'entre as enxadas, cestos, & mãos dos nossos, arrebeta da terra hum fermoso enxame de abelhas; as quaes, com seu alegre zonido, parece que saham cantando, & festejando, a seu modo, a presente festa da dedicaçam da primeira pedra; & logo, discorrendo por muitas partes, ora dilatandose a modo de nuve, ora apinhoandose em hum corpo, fizeram varios pousos, atè de todo desaparecerẽ. Grande fey o alvoroço dos nossos Padres, notavel a alegria de todos, com a vista de final tam mysterioso; porque nam podia deixar de ser grande mysterio, em tal occasiõ, em tal tempo, & lugar, sahir das entranhas da terra hum novo enxame de abelhas; porque em semelhantes principios de fundaçam de grãdes edificios, sempre os homens acharam grandes mysterios, & bem fundados prognosticos, nos sinaes, que viram, & nos prodigios, qnotaram; como succedeo em Roma, porque na fundaçam do seu sumptuoso Capitolio, se achou a cabeça de hum homem, & logo os Romanos, interpretandose os fados a seu modo, disseram, que aquella cidade seria cabeça fa-

Plin. lib. 18. c. 3. n. 40.

Vide hist. Cist. lib. 5. c. 17.

Vide fr. Ber. de Brit. hist. Cist. lib. 5. c. 16.

Fr. Ant. Brand 3. p. lib. 10. c. 33.

Nas primeiras enxadas sahe da terra hum enxame de abelhas.

T. Liv. Dec. 1. lib. 5. ad finem.

Roma caput mundi terris tale regendis.

tal

Varios dis-
cursos so-
bre este en-
xame de
abelhas.

tal do mundo todo.

8 Boas occasioens de grandes discursos tiveram os irmãos do Collegio de Coimbra, à vista de prodigio tam mysterioso, achado na fundaçam d'aquelle nosso Collegio; cujos sogeitos, como enxames de abelhas, haviam de sahir d'aquelle novo edificio, a discorrer, & enxamear pelo mudo todo; o successo foy mostrando quam bem fundado foy este discurso, pois vimos a grande copia de celestiaes prègadores, que deste felicissimo Collegio, como de colmèa bem lograda, tem sahido, adoçando, com o dulcissimo fructo de sua suavissima doutrina, os amargozes dos vicios, com que o mundo estava inficionado: representando a doçura do mel das abelhas a suavidade da eloquencia dos prègadores; que isso pronosticaram antigamente na boca de Platam, & na de S.^o Ambrosio, quando, estando dormindo no berço, & ainda na primeira flor da idade, vieram as abelhas demandar estas novas flores, entrando-lhe, & sahindo-lhe a cada hum delles pela boca, como se esta fosse hum fermoso favo de mel, aonde acodiam, como a casa propria, & officina de seu trabalho; dandonos com este successo argumentos evidentes, & sinaes pronunciadores da suave eloquencia, & meliflua copia de

palavras, com que haviam de mover as gentes, & atrahir o mundo.

9 Outros discursavam, que assim como as abelhas sam simbolo muy proprio da perfeita Religiam, pela grande obediencia, que goardam à sua abelha mestra, como a seu Rey, & superior; pelo recolhimento, que tem a certas horas, dentro em suas cellas, com final certo que acodem muy exactamente, & sem o qual nam sahem fõra; cõ o silencio, que goardam a seu tempo; & com o continuo cuidado no lavor, em que se empregam; pelo cuidado inviolavel, com que goardam suas leys; & parece que assim queria Deos, com este final, mostrar quaes queria os seus Religiosos do novo edificio, que fossem obedientes, recolhidos, calados, & trabalhadores, como abelhas; & nam fossem ociosos, como zangãos, porque a estes nos ensinam as mesmas abelhas a castigar como priguicosos, & despedir, como a escusados.

10 Outros, na pureza das abelhas (q he unica entre todos os animaes) achavam fundamentos pera cuidar, que taes haviam de ser os sogeitos, que naquelle Collegio se criassem, conservando sempre a bençam com que nasceo a Companhia, cujos subditos, constando de carne como homens, professam a pu-

As abelhas
sam symbo-
lo da Reli-
giam.

o
Virg. 4. Georg.
Præterea Regē
non sic AEgyptus
&c.

P
Virg. 4. Georg.
Omnibus una
quies operum,
labor omnibus
unus.

q
Virg. 4. Georg.
Magnisque agi-
tant sub legi-
bus ævum.

r
Virg. Geo. li. 4
Ignavam fucos
pecus a præse-
pibus arcent.

f
Virg. Geo. li. 4
Illi adco pla-
cuiffe apibus
mirabere mo-
rem &c.

n
In vita B. Amb.
per Paulinum
Episcopum.

reza como anjos.

CAPITULO XXI.

*Como se lançaram as primei-
ras pedras no edificio do Col-
legio de IESV, da ci-
dade de Coim-
bra.*

NO meyo destes a-
legres prognosticos
sobre as abelhas, q̃
tãto aliviãram aos devotos tra-
balhadores, mandou o Padre
mestre Simam dar final, pera
hirem descansar, & tomar a re-
feiçam corporal, que estava já
muy bem merecida; & às tres
horas da tarde, voltãram todos
com o mesmo fervor, à obra
começada, pera lançar as pedras
nos alicesses, que já estavam a-
bertos: logo pondose todos de
giolhos, rezam devotamẽte sin-
co Psalmos, à honra das cinco
letras do nome sanctissimo de
IESVS, aquem o Collegio esta-
va dedicado; os quaes acaba-
dos, disse o Padre M. Simam
varias oraçoẽs, benzendo algũas
pedras mayores, pera se lançare
no alicesse, que, sem duvida, e-
ram mais preciosas, que aquel-
las, de que fala a Escritura,^a que
se lançaram nos fundamentos
do templo de Salamam, a que
chama pedras grandes, & pedras

3. Reg. c. 5. n.
17. Lapidēs gr̃i
des lapides pre-
tiosos in funda-
mentum tem-
pli

preciosas. A primeira foy à hõ-
ra do sanctissimo nome de IE-
SV, que este he a pèdra funda-
mental d'aquelle sancto Colle-
gio, nelle se estriba, & nelle tem
libradas, & bem fundadas todas
suas esperanças: nam està edifi-
cado este Collegio sobre aiea,
estã fundado sobre a pèdra vi-
va Christo IESV; nam se vio
pedra mais preciosa, nem nas
minas de Ceilã na India, nem
nos muros de Ierusalem no cẽo;
confesso com o discipulo ama-
do, que os muros da fermosa
cidade de Ierusalem celestial,
todos sam lavrados de pèdras
preciosas; porẽm, com sua boa
licença, hũa pèdra temos em o
nosso fundamento do Collegio
de Coimbra, que sò ella val mais
que todas as pèdras dos muros
de Ierusalem: à vista deste rico,
& precioso carbunculo, desapa-
recem, os topazios, sardonios,
ametistos, beryllos, jaspes, os
calcedonios, sapphiras, esmeral-
das: nem estas appareciam no
edificio do cẽo, se lhes nam
dẽsse a graça este sanctissimo
nome de IESV, que se foy pè-
dra de escandalo pera Phari-
seos escandalosos, he pèdra an-
gular, & he pèdra de bençam,
nam menos pera a fabrica da
Igreja de Roma, que pera o e-
dificio do Collegio de Coim-
bra.

2 A segunda pedra se lan-
çou em memoria do Vigairo

*Primeira
pèdra, à hõ-
ra do no-
me de IE-
SV.*

b
Apoc. 20. n. 19
Fundamenta
muri civitatis
omni lapide
pretioso orna-
ta.

c
Apoc. cap. 21.
n. 20.

Anno de
Christo de
1547.

Segunda
pêdra á hõ
ra do Papa
Paulo 3.

Terceira
pêdra á hõ
ra do P.S.
Ignacio.

Quarta
pêdra em
nome del-
Rey Dom
Ioam III.

Liuro segundo. Cap. XXI.

321

Anno da
Companhia
8.

de Christo o sanctissimo Padre Paulo terceiro, que foy tam insigne bemfeitor da Companhia; que pois elle era a pèdra fundamental da Igreja, como successor da primeira pèdra, que foy Pedro, bem era que tambem sustentasse este edificio, donde haviam, ao diante, de sahir os prégadores apostolicos, & os martyres apostados a dar a vida pela Igreja, a que o sanctissimo Padre presidia. A terceira pèdra foy em nome do bema-venturado Padre S. Ignacio, a quem, por tantas vias, se devia esta lembrança, como a primeiro fundamento da Companhia, que levantada sobre este fortissimo diamante, se sustentará segura contra as mais insanas tēpestades, que chegarem abalar os cunhaes mais fortes dos Capitulos mais seguros. Logo, tendo o devido respeito, & gratidãem à real pessoa do serenissimo Rey Dom Ioam, fundador magnificentissimo do Collegio, lançou em seu nome huma pèdra, pera isso muy escolhida, & bem lavrada, com coroa, & sceptro. Lançou mais outras duas, huma em nome da serenissima Rainha Dona Catherina, insigne bemfeitora da Companhia, da qual ella era devotissima: outra em nome do Principe D. Ioam seu filho.

3 Depois de cumprir com estas obrigaçoens, como o Pa-

dre M. Simam, mais tinha os olhos da alma no edificio espiritual dos Religiosos, que na fabrica material do Collegio, escolheo tres pèdras assinaladas, que lançou naquelle alicesse, huma em nome da sancta Pobreza, outra em nome da Castidade, outra em nome da Obediencia; pera que entandamos, que o Collegio de Coimbra està fundado sobre estes tres fortissimos diamantes; & em quanto estas tres pèdras dos tres votos da Religiam, sustentarem o edificio, nam hã que temer nẽ os golpes do mundo perseguidor, nem as portas do inferno envejoso.

4 Sobre a pèdra, que Iacob a poz no edificio do seu altar, que levantou a Deos em Bethel, diz a Escritura sagrada, que derramou primeiro oleo; & que sobre esta pèdra assim molhada, & mollificada, assentou a obra do altar; tãbẽ todas estas pèdras hiam molhadas, & regadas com abundancia de lagrimas de devaçam, derramadas dos olhos do Padre mestre Simam, & dos mais irmãos do Collegio. Os architectos ensinam, que as pèdras, que ham de ser de dura em hum edificio, primeiro que as lancem no fundamento, as ham de molhar em agoa doce; estas hiam madefactas com doces lagrimas de suavissima consolaçam; & assim

Lançou tres
pèdras á
honra dos
tres votos
da Religia.

d
Ge. c. 28. n. 18.
Tulit lapidẽ, &
erexit in titulu,
fundens oleum
desuper.

e
Ioann. Gra. ad
lib. 6. de An.
tex. 121. Aedi-
ficatores lapi-
des, quos fir-
mos esse volunt
dulcibus aquis
dum madefactos
operibus im-
ponant.

rezam

Anno de
Christo de
1547.

322

Anno da
Companhia
8.

⁸
Orlan. li. 7. h. 11.
n. 73. Hic enim
Ignatius ille
Martinus est
sanctitate per
celebris, cui
beata sorte ob-
tigit non voca-
bulum modo,
sed & prae-
sentes B. Patris par-
ticipare virtu-
tes.

rezám temos pera esperar , que este edificio serà perpetuo na firmeza da obra, & sempre continuará na suavidade da devaçam.

5 Rematouse a festa deste celebre dia , com todos se prostrarem por terra , & rezarem de joelhos hum , *Te Deum laudamus* , & logo ajuntaram o Psalmo , *Memento Domine David* , cõ que se obriga este Rey a nam tomar descanso pera sy , sem primeiro dar morada a Deos, *Donec inveniam locum Domino , tabernaculum Deo Jacob* . Foy finalmente o ultimo remate deste dia, que prometéo o Padre mestre Simam , em memoria do do nosso sancto Padre Ignacio, de quem era devotissimo , que havia de chamar Ignacio ao primeiro que lhe viesse pedir a Companhia, cahio a sorte sobre hum estudante, chamado Vasco Martins , natural da villa de Gouvêa, que está nas fraldas da Serra da Estrella , & foy a sorte com tam boa estrêa , que este adiante foy aquelle tam celebrado mestre Ignacio, cujo nome foy tam conhecido , & estimado neste Reyno, pela sancta doutrina, que por muito tempo exercitou , cujas heroicas obras requeriam hum grande tratado , & ao diante as tocarêmos, falando das cousas da casa de S. Roque.

6 Este he (como diz o Pa-

dre Orlãdino ⁸) aquelle Ignacio Martins, muy celebre em sanctidade; ao qual, com ditosa sorte, cahio nam sò participar o nome, mas tambem as excellentes virtudes de S. Ignacio. Este he aquelle insigne varã, a quẽ todo Portugal venerou com titulo de Mestre Ignacio; porque, na verdade, foy mestre na doutrina, que por espaço de 17. annos ensinou, com a cana namam, & com o exemplo, que em toda a vida nos deo: mestre na mortificaçam, em que sempre exercitou seu corpo; & mestre na oraçam, com que continuamente enlevou sua alma: cuja entrada cahio bem naquella solenne festa, pera que entre as primeiras pedras, q se lançaram na obra do Collegio de Coimbra, tivessemos tambem o Padre Ignacio Martins, que foy huma das mais preciosas pedras, que fundaram, & ornaram o edificio d'esta Provincia; como veremos adiante, quando escrevermos sua vida; a qual foy tam admiravel, que quando nosso sancto Padre Ignacio de Loyola foy beatificado pela Sè apostolica, cuidavam muitos em Portugal, que o Padre Ignacio Martins era o declarado por sancto; & posto que tiveram occasiã pera este engano, pelo mesmo nome, que tinham; tambem havia fundamento pera defender este erro, pela mes-

^f
Psal. 131.

n. 6.

Entra na
Companhia
Ignacio
Martins.

ma virtude, que professaram.

CAPITULO XXII.

Das contradicoens, que se le-
vantaram contra as obras
do Collegio novo, &
como se aque-
taram.

T Odas as obras gran-
des tem grandes dif-
ficuldades, & ainda
quando sam mais de Deos, mais
mais impugnadas ficam pelo
diabo, que como inimigo de
todo o bem, sempre procurou
semeiar a peor zinania, no meyo
do melhor trigo. Nem basta a
autoridade de hum Rey pode-
roso, pera evitar a paixam de
vassallos envejados; porque a
envēja nam tem respeito á ma-
yor sanctidade, nem goarda re-
verencia á purpura mais sobe-
rana; & com ser vicio por sua
natureza baixo, sempre acomé-
te (como o outro dizia) á ma-
neira de rayo, as torres mais al-
tas, mas nem por isso despreza
as choupanas mais humildes.
Debaixo da terra estavam ain-
da escondidos os alicesses da
nova obra do Collegio de Co-
imbra, & já lá os descobriam os
olhos linceos dos envejados, &
já roiam; naquellas pedras, os
dentes afiados dos murmurado-

res? prevendo o commum ini-
migo; que naquelle Collegio
havia de ter huma nova fortale-
za, donde se jugassem as ar-
mas, contra todo o poder do in-
ferno. Era, sem duvida, esta fa-
brica obra de Deos; pois pera
elle; & pera seus servos se pre-
parava: tinha por padroeiro, &
fundador a hum Rey tam po-
deroso; cuja autoridade era re-
verenciada entre os mais auto-
rizados Monarchas; cujo poder
era temido dos mais poderosos
Príncipes da rica Asia; com tu-
do nam faltaram atrevidos en-
vejados, que logo em seus prin-
cipios quizeram bolir com os
fundamentos do seu Collegio, q
elle entam nos começava, pera
que acabasse de se arruinar o
que escaçamente tinha come-
çado a sobir; ao modo d'aquel-
les inimigos do povo de Deos,
que tomado a voz do Rey mais
safari de Babylonia, diziam
com brados repetidos: *Exi-*
nanite, exinanite usque ad funda-
mentum.

2. Começou a murmura-
cam pelos moradores de Co-
imbra, os quaes vendo a gran-
deza que demandava a traça, &
o que ao diante prometia obra
tam real, abafavam já com se-
melhante edificio; & nam o vê-
do ainda mais que com sua ima-
ginaçam; já parece que se lhe
representava nelle hum castel-
lo cheyo de artilheria afeftada

contra

Efeito da
enveja.

^a
David. lib. 1. de
med. Summa
perit livor, per-
lant altissima
enti.
Summa perit
letra fulmina
nissa Iovis.

^b
Pf. 13. n. 7.

Do que al-
gus mur-
muravam
da grãde-
za da obra
do Collegio.

Anno de
Christo de
1547.

324

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno da
Companhia
8.

Poẽ embar-
gos à obra
do Collegio.

contra a cidade: diziam que esta obra lhes tomava as ruas, impedia os caminhos, rompia os muros, & lhe derrubava as casas; & com demasiados temores parece que arreceavam, que se esta fabrica continuasse, lhes viesse a tomar a cidade toda, sem lhes deixar lugar em que os antigos cidadãos se recolhessem; como já antigamente, com mais fundamento, se queixaram os moradores de Roma daquella insana obra dos soberbos paços do Emperador Neram; os quaes diziam, que com sua grandeza igoalavam a cidade, que (conforme hyperbolizou o Ipigrammographo^e) parecia que era toda Roma humo sò casa de Neram; ficando com tal aperto os Romanos, que (como outros exageravam,^d) seria necessario mudar-se de Roma, e hir-se morar entre os povos Veyos, se ainda a casa de Neram nam chegasse a occupar os câpos Veyanos.

3 De tal sorte se ateou este fogo da murmuraçam, & com taes véras entrou o medo imaginario nos cidadãos de Coimbra, que já parece cuidavam que o nosso alicesse lhes vinha entrando por suas casas, & arrombandolhe as suas paredes: & como tam zelosos do bem da sua cidade, trataram de impedir a obra, antes que, do mais alto da cidade, aonde se

começava, lhes chegasse o alicesse abaixo à praça, & lhes tomasse a sua rua da Calçada. Vieram logo os da governança, & com todas as solennidades, & ruidos da justiça, nos embargaram a obra, que por este respeito parou por algum tempo; cõfiando os nossos em Deos, que pois era sua, elle levantaria os embargos dos homens, & lhe daria o favor dos anjos. Tamcêga he a imaginaçam mal fundada, que (sem respeitar a hum Rey, que era o protector, nem advertir nos religiosos, que haviam de ser os habitadores, pera ali se occuparem no serviço divino, & da mesma cidade) cortou por tudo, impedindo com embargos illicitos o, q̄ deviam augmentar cõ doações liberaes.

4 Pararam os nossos com as obras, mas nam pararam os Conimbricenses com seus embargos, porque sabendo que o senhor Rey nos tinha concedido hum pedaço da costa, que cae pera a parte do Norte, fronteira ao mosteiro de Sãta Cruz, parece que já se persuadiam, que ainda el Rey nos havia de dar todo o seu campo de Coimbra, & que haviam de ser nossos os seus oliuaes de Montarroyo; & que ainda lhes haviamos de tomar o seu rio Mõdego (que nam será esta a ultima vez em que algũs nos julguem por mais cobiosos do q̄ na verdade somos)

5. Amo-

^d Mart. lib. 1. ep.
2. Vnaque iam
tota stabat in
Urbe domus.

^d Suet. in Nerone
c. 39. Roma
domus fiet, Ve-
yos migrate
quirites,
Si non & Veyos
occupet ista
domus.

Anno de
Christo de
1547.

Anno d.
Cōpanhia
8.

5. Amotinouse logo o povo (que nunca falta nestas valentias) & seguindo o exemplo de alguns dos mais graves cidadãos , sabendo que já os nossos se começavam a cercar , fazendo o muro ; tomaram elles as armas , com todos os mais instrumentos necessarios , pera nos invadir por força , romper a cerca , arrombar as portas , & arrazar as paredes começadas : & o peyôr era , que se nam contentavam com menear as armas , senam que tambem esgrimiam as linguas ; com as armas nos ameaçavam , & com as linguas nos feriam ; com alavancas de ferro nos derrubavam os muros , & com a espada da lingua nos cortavam as vidas ; nam perdoando ás paredes , que queriamos fazer , nem aos religiosos , pera quem se faziam ; que tal he o mundo , que fere aos servos de Deos com espadas de dous gumes ; & acha por mal empregado tudo o que se emprêga com semelhante gente ; como se nam fora melhor gastado o que se dá a religiosos , que o que se gasta cō mundanos ; & com tudo , ningue estranha no mundo os grandes morgados , as commendas de altos lótes , & as grossas rendas possuidas de alguns , que sempre vivem com máo exemplo , & que tal vez trazem todos estes bens offerecidos ao

tombo do dádo ; ou á baralha das cartas. 6. De Coimbra chegou a Lisboa a fama da obra , & já vinha acrescentada (que eltes sam os milagres da fama , que além de ter azas muy ligeiras pera voar , tem traças muy artificiaes pera acrescentar) entrou este horrendo monstro no paço d'el Rey Dom Ioam , falou por todas suas linguas , usou de todas suas artes , & roins manhas ; & de tal maneira persuadio a muitos cortesãos , que se levantou huma grande poeira ; murmurando altamente contra a mesma pessoa real , dizendo , que todas suas riquezas gastava cō frades , & com Apostolos ; que só d'isto se lembrava , esquecendo de acudir aos lugares fronteiros de Africa , que os Reys seus antepassados tinham ganhado ; com tanto sangue de seus vassallos ; que o que perdia em nos dar a nós , que estavamos ociosos , podia aproveitar , gastandose em tenças , & commendas , pera satisfazer a muitos cavalleiros , que andavam em Portugal pretendendo , & em Africa peleijando. Costume antigo de mundanos , que tem por perdido tudo o que se gasta com Christo , & tudo o que se dá a seus servos :

Murmuraram, q se levantou contra o mesmo Rey, por causa da obra do Collegio.

Christo de
1547.

Mat. 26. n. 8.
Vt quid perdit
to n. c. & c.

Como se
houeram
os nossos
nestas cõ-
tradições.

todos estes tiveram por mestre a Iudas, que chamava perdiçam aquella effuzam do unguento da Magdalena, tam bem empregado em os pès de Christo: nam reparava este traidor em furtar o dinheiro, que lhe entregavam, & tinha escrupulo de se quebrar o alabastro, que lhe nam perencia; nam fazia consciencia de vender a Christo innocente, & hia mnito a tento em se derramar hum pouco de unguento; encobrando sua infernal cobiça, com a capa velha de acodir aos pobres, capeando roubos verdadeiros com piedades fingidas.

7. Nam abafaram os nossos tam depressa com estes trabalhos, como os Conimbrienses com as nossas obras; nem se defenquietaram com tam contraria marêta, entam tiveram melhores esperanças; que experimentado temos muitas vezes, que esta grande arvore da Companhia, entam he melhor regada, quando he mais perseguida; & entam sahe mais florida, quando foy mais cortada. Levaram os nossos o negocio por termos religiosos, usaram do escudo da paciencia, contra a lança da violencia: com grande longanimidade, & confiança em Deos, esperavam,

que elle acodiria à fabrica, que por tantas vias era sua. Parada a obra, pararam as murmuraçoens, & cessaram as contradiçoens, que assim he necessario muitas vezes largar o campo ao touro, & dar tempo ao murmurador: quando lhes pareceo, que os annos dos cidadãos estariam ja mais quietos da colera, & menos cegos da paixam, lhes mostraram as proviscens reales, nas quaes elRey punha graves penas a quem impedisse, ou embargasse a obra, obrigando, entre outras, aos embargantes, & impedientes, a tornar a restituir, & levantar à sua custa o que parafte, ou se derrubasse; mostramoshe tambem, com toda a evidencia, como nam pretendiamos com aquella obra tomarhe a cidade, mas servirhe a seus oradores. Aquietaramse emfim os cidadãos de Coimbra, como tam honrados; cahiram na conta, continuou a obra, & o tempo lhes tem mostrado, que nam perderam nada da sua cidade, com ter nella semelhante edificio, antes a tem mais autorizada; pois tem em sy o mayor convento de gente religiosa, que ha em toda Hespanha, & hum das mais fermosas Igrejas, ao menos na vista do seu fermoso frontispicio, que hoje ha em Portugal;

álem de outros grandes commodos, que lhes tem procedido das nossas escholas, & dos mais ministerios da Companhia: & a experiencia os defenganou, q nos nam queriamos apoflar da cidade, nem tomar nada dos seus olivães.

8 Desembargada a obra, tornaram os nossos, com mais calor, a continuar no começado; & porque pela notavel falta de agoa, que aquelle Collegio, tam numeroso em gente, ainda hoje padece (por mais que a providencia real, assim entam, como no tempo d'el-Rey Dom Sebastiam niffo quiz prover) era necessario hir com carro buscar agoa, pera o gasto do Collegio, & pera o meneyo das obras; era muito pera ver quantos, por se desprezar, serviam de carreiros, & agoadeiros; occupandose tambem outros em acarretar area pera as obras, & muitos em trabalhar nellas. Nem deve parecer indecente aos que isto lerem, nem cousa alhea da autoridade religiosa, occuparemse os servos de Deos em semelhantes officios, pois o Apostolo das gentes Sam Paulo, nam houve por indigno da dignidade apostolica ganhar de comer, trabalhando por suas proprias mãos, nam sò pera sua pessoa, mas tambem pera os que o acompanhavam:

nem o mesmo Redemptor, & Senhor do mundo teve por a fronta fogeitar-se a hum pay putativo, que tinha officio mecano, chamadolhe por isso a elle carpinteiro. ^h Donde procedeo, que o trabalho de mãos foy exercicio muy usado entre religiosos muy antigos, nam sò pera exercitar o corpo cõ trabalhos, mas pera alentar a alma cõ humildades; & foy este sancto costume muy conforme a quella regra angelica, que os anjos ditaram ao grande Padre Sam Pachomio, & ao que usavam os monges discipulos do Sãcto Abbade Aphthonio, do quaes conta ¹ Palladio, que aprediam todas as artes mechanicas, e q se exercitavam no tempo, que lhe ficava da oraçam.

9 Muito crescia o edificio material do Collegio com tam bons trabalhadores, mas muito mais se augmentava a edificaçã, q em todos causava o grande exemplo de ver pessoas tam qualificadas, como atrás nomeamos, tam entregues a estas humildes occupaçoens; em particular era muy celebrada a modestia com q os nossos andavam nas obras, parecẽdo q nam tinhã olhos mais que pera precisamente ver o que era necessario, pera fazer o de que haviam de dar cõta; da maneira que escreve S. Hieronymo no prologo da regra do mesmo ^m S. Pachomio,

8.
Trabalho de mãos nã he cõtra a perfeiçã de religiosos.
^h
Marci. c. 6. n. 3
Non ne hie est faber &c.

ⁱ
Pacho. reg. 35.

¹
De vitis Patr.
lib. 8. ex Pallad. c. 39.

^m
Hier. in Prolog. Regul. D. Pachom.

Continua
a obra do
Collegio.

^f
Act. c. 18. n. 3.
Et quia eiusdem
erat artis, operabatur, &c.

^g
Act. c. 20. n. 31.
Et his qui mecum erant ministraverunt manus istas &c.

Anno de
Christo de
1547.

328

Anno da
Companhia
8.

dos seus monges, os quaes com andarẽ muy occupados em trabalhar, nenhum olhava pera o que o outro fazia. Foy este grande exemplo, & rara modestia dos nossos, causa de pedirem a Companhia muitas pessoas graves, & de grandes talentos, dos quaes, com muito fundamento, se podia esperar, que fossem de grande lustre na Companhia, & de grande honra na Igreja de Deos, porque entre elles nos veyo demandar hum sobrinho do mesmo Rey, que foy Dom Theotonio de Bragãça, do qual neste livro falaremos largamente.

CAPITULO XXIII.

De alguns que se tentaram na vocaçam, do que sobre isto escreveu o Padre mestre Simam: E de huma grave penitencia, que deo a huns irmãos, que escreveram cartas sem ordem.

I. **C**ontinuavam as obras do novo Collegio, & continuavam os fervores dos nossos religiosos, fervendo nellas cõ tanto cuidado, & cõ tam grãde applicaçam, & destreza, como se tiveram

dados muitos annos ao officio de pedreiro, & ao trabalho de jornaleiros. Muito era pera ver aquelle illustre enxame de religiosos, em trajos de moços de serviço, com grãdes jnbilos de prazer, hũs dãdo cal, outros trazẽdo pãdra, outros meneando a padiola, acarretando arãa do Mondego, & trazendo a cal dos fornos, q̃ estam em S. Francisco da Põte, outros com o carro da agoa, pera amassar a cal. Acertou com tudo em tanto fervor, & tam nobre cõfiança de fogeitos (q̃ em tam humildes officios se occupavam, & dedicavam a Deos) haver alguns, que mostraram fraqueza, & desconfiança à vista de tanta humildade: nem he muito, que em comunidades sanctas, & occupaçoẽs religiosas, haja alguns que estranhem, com a cotinuaçam, o que no principio estimavam: que nẽ o cẽo ficou livre de ter em sy muitos demonios, que o queriam defautorizar; nem o apostolado de Christo deixou de ter hum traidor, que o poderia defacreditar.

2. Avizou o Padre Reitor Luis Gonçalves, por carta sua, ao Padre mestre Simam, da fraqueza d'aquelles irmãos, & do pouco animo, que mostravam em continuar os officios de humildade, julgando esta falta por muy criminosa: he notavel a resposta, que

escre-

Occupãse os nossos, cõ grande fervor, na obra de Collegio.

Escreve o P. Luis Gonçalves ao P. M. Simam.

que sobre isto lhe mandou o Padre mestre Simam, & he admiravel a resoluçam, q̄ tomou, em os mandar despedir, se nam estivessem aparelhados pera cōtinuar com o humilde ministerio das obras do Collegio: a qual reposta quero aqui pôr, pera q̄ vejamos quã proprio he da Companhia desde seus principios, o espirito de despedir aos q̄ nam procedem com a edificaçam, q̄ de nós esperam os superiores da Companhia.

Reposta do
Padre M.
Simam.

3 *Uede, lhe diz, se estam os irmãos, a que falastes, aparelhados pera andar cō a carreta, senam vamse muito e bora, q̄ eu por esta me offereço a ser vosso carreiro, & nisto levarei mais gosto, q̄ em ser mestre do Principe. Nam temos necessidade de gente q̄ se reja por respeitos humanos: convem despir estes, & o mūdo, & nã curar de vaidades, que o que leva o carreiro, pôde manter dous irmãos: azemel parece necessario tomar de fóra. A cruz de Christo nam foy senam às costas, nã a levou o Senhor d'etro de casa, senam pelo meyo de Ierusalẽ, & fóra della. Prouvera ao Senhor que tivera eu essa liberdade, que sūmamente amo, & desejo. Quẽ nam ama a Christo crucificado, seja havido por excomūgado, & por abominavel; quẽ nam ama as deshoras da cruz de Christo, nã he de Christo. Já passou o tẽpo de fallarmos por enigmas, hã mister falar de Christo claramete, os que nam crucificam sua carne cō Christo, nam sam de Christo; já por muitas vezes vos disse, que era melhor sermos quatro*

na Companhia: agora vos digo, que com hum sō me contentarei, & conheceram os que sam desta Companhia. Qui non sequitur Christum anathema sit, recedat, & abeat, separetur à nobis; aparçese d'aqui, busque outro Christo; porque nós buscamos a Christo crucificado.

4 Assim escrevia o Padre mestre Simam, assim se explicava nesta carta (que parece de hum Sam Paulo) com o Padre Luis Gonçalves, tacs queria seus subditos, que governava, tratando de os formar huns sogetos crucificados ao mundo; & que entendessemos, que a Companhia nam se hà de conservar com muitos em numero, senam com poucos, que na virtude fossem muy escolhidos. Tal era o espirito deste primeiro Provincial da Companhia em Portugal, que nam perdia o animo, nem à vista dos que nos perseguiam, nem cō a falta dos q̄ se despediam: mas em outra occasiã ao diante ponderaremos a notavel resoluçam desta carta, acerca dos despedidos da Companhia.

5. Outra historia succedeo neste mesmo anno, tãbẽ sobre hũs despedidos, que quero referir, porq̄ aindaq̄ tras o sentimento de alguns, que perdẽram a Companhia, tambem pôde servir de exẽplo aos que nella vivemos. No meyo dos mayores fervores das obras do Collegio, & da

Anno de
Christo de
1547.

Como o di-
abo armou
a tirar
tres da Cõ-
panhia.

sanctidade dos religiosos, armou o diabo as suas redes, em que apanhou a huns tres mais fracos, & com elles pretendéo armar laços pera inquietar a outros: nem he de espantar, que entre tantos, que já passavam de cento, houvesse alguns menos perfeitos, pois no mesmo cẽo hoave tantos que se perderam; & gẽralmente falando, nam hã ouro sem escoria, nem trigo sem joyo, nem rõza, que recrẽe os õlhos, sem espinhos que magoem as mãos: assi permite Deos nosso Senhor, que em comunidades sanctas haja subditos preverfos, pera que sirvam as quẽdas de huns de se alevantarem outros; & pera que, à vista do castigo dos mãos, se acautellem os procedimentos dos bons; como acontecẽo nestes primeiros principios do Collegio de Coimbra, com tres religiosos, que sendo castigados cõforme suas culpas mereciam, foram causa de outros crescerem mais na virtude, & se apurarem melhor na perfeiçam.

5 Eram estes tres menos fõgeitos à obediencia, amigos da liberdade, fõltos no entendimento, & nada presos na lingua: entendẽo com elles o Padre Reitor Luis Gonçãlves, deolhes as penitencias, que lhe parecẽram necessarias pera castigo das culpas passadas, & pera remedio de seu procedimento

ao diante (porque dissimular cõ distrahidos, he dar lhes licença pera serem peyores) Porẽm elles (como às vezes succede em mancebos menos considerados, que mais se deixam governar pela paixam, que os cega, que pela rezam, que deviam seguir) fizeram peçonha do que lhe davam, pera que fosse mẽsinha; & como o animo inquieto nam cabe dentro de sy, soltaramse em palavras, contra o superior, tratando entre sy, se lhes vinha bem ficar na Companhia (que he a principal tentaçam, com que o commum inimigo pretẽde enganar aos mais fracos) & passando avante, quizeram cõmunicar estes seus desgostos cõ outro, que estava em Lisboa, & julgavam ser do seu mesmo humor: & pera ver se os queria acompanhar, trataram de lhe dar conta do sentimento, que tinham contra seu superior, & dos pensamentos em que entravam, acerca de sua vocaçam. Escrevem finalmente a carta, dam na com mil cautellas ao portador, advertindolhe que a dẽsse na mam d'aquelle religioso; & quando cuidavam que estava o negocio metido nos melhores archivos do mais alto segredo, foy dar a carta à mam do mesmo Provincial.

6 Nam hã cousa mais perigosa que huma carta, depois que sahe da mam de quem a

Anno da
Companhia
8.

Escrevẽ a
outro reli-
giõso sem
licença.

Os grãdes
perigos a
vay expo-
sta hũa car-
ta.

escre-

Anno de
Christo de
1547.

Anno de
Espanha
8.

Horat. li. i. ep.
18. Et semel im-
missum volat
irrevocabile
verbum.

escreve, porque se a materia que contém demanda segredo, vay elle exposto a grandes perigos: peor he huma carta desordenada, que muitas palavras descōpostas; porque ainda que a palavra, que sahe da boca, he como a pedra, que se lâça da mam (que huma vez tirada, como dizia o outro, nam hã remedio pera a reter) com tudo a roim palavra nam deixa rasto, & se desfaz toda no ar de que sò cõtava; mas a carta, além de ter azas pera voar, que sam os pés do portador, leva consigo outras pennas mais trabalhosas, que sam as pennas com que se escreve, as quaes deixam o testemunho da propria mam, com que o escrevente fica sem remedio convencido. Quantos se perdèram por huma sò carta, escrevendo, & assinando, com sua mam, a sentença contra sy mesmos, que se nam houvesse o testemunho da carta, nam haveria a condenaçam da morte; & como a carta leva consigo o privilegio de nam mudar as cores; tambem leva a licença de ser atrevida, & a occasiã de ficar descortés. E he permissã divina, que nam bastem muitas vezes nos portadores as mais repetidas cautellas, pera que assim haja nos escreventes as mais repetidas emendas; & succede tal vez, em materia de cartas perigosas, o que agora aqui vi-

mos, que as primeiras que muito se encommendam, sam as primeiras que logo perigam; pera que entendamos, que nam valem diligencias humanas, aõde prevalecem juizos divinos; que se as cartas fossen tam sãctas como as de S. Paulo, & tam espirituas como a de S. Bernardo, entam bastavam menos portes de avisos a quem as leva, & escusavam os temores de desastres em quem as escreve.

7. Escreveram os tres penitenciados a Lisboa ao seu correspondente muy secretamente, & usaram com o portador de todas as boas advertencias, que em semelhante açã costumam dar os que se prèzam de mais acautellados, & circunspectos, a saber, que levásse as cartas a muy bom recado, & as nam entregasse senam em mam propria, que ninguem lhas visse dar, & que sobre tudo tomásse escrito de como lhas entregara. Tudo comprio à risca o portador, & nam lhe veyo daqui o mal aos autores das cartas, mas do que menos se precataram, que era do confidente pera quem hiam, o qual, depois de recebidas, & lidas as cartas, acertando de lhe entrar o escrupulo, se poz a considerar no que devia fazer; & julgando que devia antes ser mais fiel a Religiam, que o criava, que aos tres amigos, que o distrahiã, & que

Como a-
quellas car-
tas foram
dar namã
do P. M.
Simam.

Anno de
Christo de
1547.

332

Anno da
Companhia
8.

f
Ato. c. 5. n. 5.
& 10.

Basil. Mag. ep.
1. initio. Sic
cui epistolam
agnovi, ut ij fa
cere solent qui
amicorum liberos
ex similitudine
in ipsis cōspi-
cua agnoscent

b
Gen. c. 3. n. 23.

c
Gen. c. 4. n.
14.

d
3. Reg. c. 14.
n. 10.

e
Ato. c. 8. n.
18.

cessava a obrigação de primor humano, aonde entrava a rezã do respeito à obediencia, teve por injuria, com que o afrontavam, a confiança, que delle faziam; & logo com huma religiosa deliberaçam, tomando as cartas, as foy meter nas mãos do Padre mestre Simam; o qual (como nam era menos inteiro no rigor da disciplina monastica, que suave na affabilidade paternal) lendo aquellas cartas, vio nellas a distracçam dos autores dellas; que os homens (como diz S. Basilio * Magno) conhecemse pelas cartas que escreveram, como os pays pelos filhos que geraram: & visto conterem as cartas murmuraçoens de superiores, & tratãrem de inquietar, & desunir ao outro; se deliberou de castigar exemplarmente aquella culpa, que foy a primeira que achou em regra tam importante, & tam essencial pera o bom governo da Religiam; que costume he de Deos, castigar muy rigoroso aos que abrem a porta, & sam os primeiros em quebrar algũ preceito, como vemos que succedeo na primeira soberba dos anjos no cœo; na primeira desobediencia de Adam ^b no Paraiso; no primeiro homicidio em Cam; ^c na primeira idolatria entre os Reys de Iudèa, & Israel em ^d Ieroboam; na primeira simonia em Simam ^e Mago; na

primeira falsidade, & appropriaçã na materia da pobreza, em Ananias, ^f & Saphira; porque assim como alguns peccados, que na paz costumam passar com leves penas, no tempo da guerra se castigam com a mais grave, que he a morte (pelo grande dano, que dos taes descuidos pôde nacer) assim na Religiam peccados ao parecer leves, pelo roim exemplo, que podem causar, devem ser castigados com penas muy rigorosas, pera fazer acautellar os servos de Deos, mórmete nos principios da Religiam, em que he de summa importancia atalhar os primeiros delictos, com publicos, & exemplares castigos.

8 Este espirito levou ao Padre mestre Simam, pera castigar com grande rigor aquella culpa, por ser a primeira, & nos primeiros annos da infancia da Companhia, como quem bem previa quam necessaria era toda a advertencia em semelhante materia, por ser muy ordinaria, & muy lubrica entre mancebos esta occasiã de escrever cartas sem licença, & de se fiarem de suas cautellas, sem conselho. Mandou ao Padre Luis Gonçalves, Reitor do Collegio, que em presença de todos os religiosos, declarasse as culpas d'aquelles tres, autorizadas por suas proprias cartas, & firmadas de sua propria mam,

Do castigo
que deo a-
os que es-
creveram
aquellas
cartas.

que

que a todos mandou ler, & mostrar; & que logo os despedisse da Companhia. Iuntos pois os irmãos na capella do Collegio, com final da campainha, sem saberem o pera que os chamavam; logo o Padre Reitor Luis Gonçaves, posto no meyo de todos de joelhos, depois de pedir perdão de suas faltas, com muitas lagrimas, lhes encomendou, que trabalhasssem de ser fieis á Religiam, de se nam apartarem da sancta obediencia, por falta da qual succedera o que logo saberiam: nem pode hir mais por diante, atalhado das muitas lagrimas, que com grande sentimento derramava. E logo o Padre Manoel Godinho, que era o ministro do Collegio, leu aquellas cartas (que eram de dous irmãos, & de hum sacerdote) muy prejudiciaes, & danosas, cheas de espirito de divizão. Apòs estas cartas se leu logo huma do Padre mestre Simam, pela qual os mandava despedir da Companhia, como em effeito se executou. Muita parte desta carta me veyo ás mãos, que quero aqui por, pera que vejamos o espirito deste grande servo de Deos; & pera que a ouçamos agora com mais advertencia, porque as muitas lagrimas, do que entam a lia, a nam deixaram bem perceber de alguns dos presentes; a carta he a seguinte.

9 Diz nosso Senhor, que os que com elle nam ajuntam, espalham: nam ajuntam aquelles, que debaixo de huma bandeira militam, & nam seguem a insignia d'ella: os que havemos de estar debaixo da bandeira de Christo, a que todos somos chamados, havemos de ter hum mesmo espirito, hum coração, & hum sentir. Nosso Senhor sabe quanto cá sinto, nam se sentir isto entre nós: & porque alguns tiveram atrevimento de apartar os animos da vontade dos superiores, justo juizo de Deos he serem os táes de nós apartados. E depois de nomear as pessoas, diz assim: Dizeilhes que se nam muito embora fóra da Companhia, que em casa nam temos necessidade de gente, que se tema, & recate dos superiores, causando desunião entre os membros, & a cabeça, porque havēdose de aproveitar dos conselhos de quem os governa, levam caminho de nunca o fazerem; & quem tem em pouca conta as ordens, & regras da Companhia, rezam he que a mesma Companhia tenha pouca com elles. O machado está posto á raiz da arvore: quem quizer a Christo, neguese a sy mesmo, & tome sua cruz. Manifestai a todos, que toda a pessoa que eu souber que escreve d'aquella maneira, nam comprindo a regra, que acerca disto está posta, que se disponha a hir fóra da Companhia; porque nós nam havemos de agradar a Deos em multidão de gente, & em forças de homens, nem em engenhos, que querem saber mais do que lhe convem. Quem entre nós nam determinar de levar a cruz de Christo em verda-

Companhia
8.
Matth. c. 12. n.
30 Qui nō cō-
gregat mecū,
spargit.

Anno d^e
Christo de
1547.

334

Anno da
Companhia
8.

deira sojeiçam, & humildade, nam he pera nos, nem nos somos pera elle.

IO E se vos parecer que por leve causa dou grande castigo, assim se costuma fazer, quando os defeitos impedem o bem commum, & dam azo pera das leys se fazerem corruptelas, donde pode nascer todo o mal à Religiam. Por amor de nosso Senhor, que representeis a todos os irmãos, quanto nos importa sermos bons; & certo que os que agora estamos, se rães nam houvessemos de ser, por menos trabalho teria tornar a Coimbra a plantar o Collegio de novo: desenganay a todos da minha parte (ponho a IESU Christo crucificado, & condemnado entre mim, & elles) desenganayos digo, que este he o Senhor, a quem havemos de seguir, sem nenhuma outra interpretação, nem entendimento: & elles me desenganem, se sam contentes de se desposarẽ cõ Christo, debaixo das constituições da Companhia, & de guardarem inteira lealdade a IESU Christo, & aos que em seu lugar governam, que sam os superiores. Nẽ vos pareça ser pouco engano, cuidar eu de colher uvas doces, & acharme nestes tres com uvas agrestes de balceira. Se eu governara na India, pera onde me levava meu intento, quando pera este Reyno vim, nam tivera por muito achar entre infieis que repugnasse à perfeiçam da vida de IESU Christo: & se isto nam se achasse entre nós, eu haveria por bem empregado o ter ficado nestes Reynos. Ao portador desta, criado de casa, por haver trazido as cartas sem vossa licença, nem cá mas mostrar, dizey que

busque sua vida, & nam o occupéis mais em cousas do Collegio; & ainda que elle o fez por ignorancia, eu lho mandey perguntar, & lho perguntey, & elle mo negou.

II Estas, & outras semelhantes cousas, cheyas de grande fervor, & zelo, se contem naquella carta, conforme a qual aquelles tres foram ali publicamente despedidos, com grande confusam sua, & mayor mágoa dos presentes, servindo este castigo pera exemplo dos mais, que ficaram entendendo quanto importa a sojeiçam aos Prelados, a uniã entre os subditos, a observancia das regras; & de quanta importancia he a regra, que nos prohibe escrever sem licença do superior; & que em materia de cartas nam vallem cautellas, quando falta o conselho.

CAPITULO XXIV.

Sabem varios missionarios do Collegio de Coimbra, entre elles o Padre Gonçalo Vaz de Mello, vay de Sam Fins em missam a varias partes.

I **N** Este mesmo tempo continuava o Padre Luis Gonçalves, cõ grande

grande fervor, governando o Collegio de Coimbra, o qual foy varã em sua pessoa, muy apostado a toda a virtude, & principalmente dado ao espirito de mortificaçam, desprezo proprio, & grande zelador do bem das almas, como ao diante veremos no quinto livro. E porque he ordinario nos prelados, quererem estampar nos subditos o que julgam ser de mais proveito pera seu bem espiritual, entrou em grandes fervores de exercitar os nossos religiosos em varias peregrinações, & missoens, pera ajudar as almas, que he o principal fim de nosso instituto, & a que devemos atentar com mayor cuidado; pois nam he nossa vocaçã^a pera estarmos recolhidos nos Collegios, mas pera andarmos prégando pelo mundo. Logo pera diversas missoens nomeou varios sacerdotes, cada hum cõ seu companheiro. Sahiam todos do Collegio de Coimbra (que era a principal fronteira, & como praça de armas espirituas) a pé, sem viatico, comprindo â risca o conselho do^b Propheta, (que tambem o glorioso Padre S. Francisco de Assis, dava a semelhantes missionarios por principal alforge do caminho, que faziam) convem a saber, a confiança em Deos, porque elle os sustentaria. Partiramse alguns, peregrinando a Roma; outros

ao Bispado da Goarda, outros a entre Douro, & Minho, & outros a diversas partes, & comarcas do Reyno, entrando pelas cidades, pelas villas, & lugares, como se fossen hũs novos corréos do cẽo, que lhes vinham trazer novas da salvacam.

2 A nossa Residencia do mosteiro de S. Fins (de que já solamos) que está junto às ribeiras do Minho, foram mandados alguns convalescentes, pera tomarem novo alento na saude, naquelle sitio (que pelo verã goza de grande benignidade de âres, com vistas apraziveis, frescos arvoredos, & alegre copia de cristallinas fontes) Estes envergonhandose de estar ali occupados, com acodir aos achaques proprios, sem tratarem do bem alheyo, se deliberraram, com valentes resoluções, de fazer animosas sahidas, pera ajudar aos proximos, discorrendo por todos aquelles lugares d'arraya de Portugal, & de Galliza. O principal ventureiro, & como Adail mayor desta fronteira, nestas generosas empresas; foy o Padre Gonçalo Vaz de Mello (homem illustre por sangue erdado de seus avõs, & muito mais pela virtude, que ganhou na Religiã) do qual, por muitas vezes, faremos mençam nesta historia, porque foy na Companhia pessoa grave, de grande talentõ pera pré-

Vam algũs
à Residencia de S.
Fins, & da
hi sahem a
pregar.

^a
Bonif. part. 3.
p. 2. lit. G.

^b
Gal 5. n. 23.
acta super Do-
minum curam
tam, & ipse te
nutriet.

Anno de
Christo de
1547.

336

Anno da
Companhia
8.

Greg. hom. 11.
Super Ezech.
Ille loqui vera-
ter novit, qui
prius beneficia
didicit.

Ioa. e. 4. n. 40.
Cum venissent
ergo ad illum
Samaritani, ro-
gaverunt illū,
ut ibi maneret.

Pobreza
de q̄ usava
os nossos
missiona-
rios.

gar, & de grandissimo espirito de missionario, em o qual sempre a força do espirito generoso, prevaleceo contra a fraqueza do corpo debilitado; & como era ram grande servo de Deos, & de tam conhecida virtude, podia, com toda a confiança, sahír a prégár; que (como diz S. Gregorio Magno) sò aquelle pôde com toda a liberdade falar, que primeiro aprendeo com todo o cuidado a bem obrar. Fez a primeira prègaçam em Valença do Minho, com tal satisfação, & espanto de toda a gente, que em descendo do pulpito, & tratando de voltar a casa, o juiz, & vreadores, com todos os principaes da terra, sahiram apos elle, como antigamente succedeo ao Senhor, depois de prégár aos Samaritanos, pera o obrigarem a se ficar com elles mais tempo: nam pode o Padre por entam aceitar a boa vontade dos Valécianos, porque levava ordem pera voltar logo a S. Fins, mas sahio se com promessas de tornar a continuar cõ a missam, o que em breve fez; porque considerando como cõ a graça divina tirara forças da fraqueza, cõ aquella prègaçam, lhe crecêo de novo o animo pera mayores trabalhos: por onde alcançada a licença do superior de S. Fins, pera discorrer pelas terras visinhas d'aquella comarca, sahio com seu compa-

uheiro (que era o Padre Antonio Gomes, de quem por vezes renho falado) armados ambos com as armas da sancta pobreza, com vestidos tam velhos, que sò bastavam pera os cobrir, na mais humilde forma, que permitia a modestia religiosa, & o estado sacerdotal, que ambos tinham; de maneira, que mais poderia parecer, que hiam viver das esmolos, q̄ os moradores d'aquellas terras lhes podião dar, que levarlhes a suas casas os ricos thesouros da graça.

3 Levavam por regimen- to nestas missoens, que entendessem que mais hiam a se aproveitar a sy, em buscar a perfeiçam, que pera ensinar aos outros, inculcandolhe a salvaçam; que vivessem sempre de esmolos, & nam fizessem providencia das que lhe davam, pera as nam pedirem ao outro dia; que nas quartas feiras, sextas, & domingos, sobre prègarem nas menhas, fizessem aos mininos doutrina pelas tardes, & nam aceitassem galhados em casa alguma fora dos hospitaes; & que nestes servissem aos enfermos, & lhes varressem as casas, fizessem as camas, & acodissem a tudo o mais necessario; desfor- te que os exercicios superiores da prègaçam, melhor lustrassem com os mais baixos officios da humildade; trazendo sempre diante dos olhos o primeiro, &

Regimêto,
q̄ levava,
e guarda-
va os nos-
sos misso-
narios.

princi-

principal exemplar, q̄ he Christo, a quem o Padre eterno m̄dou do c̄o em missã, pera converter o mundo errado ao caminho da salvaçã: que tam soberana, & tam divina occupãçã he esta de fazer missões, que, como ensinam os Theologos, ^d até entre as mesmas pessoas da sanctissima Trindade, p̄de haver missões divinas, sem as imperfeições das creadas.

^d
Vide Soar, in
sum. Theol.
lib. 12. à c. 1.

Começam
a missã
pela villa
de Caminha.

4 Começaram o seu trabalho pela villa de Caminha, aonde, como a clérigos pobres, deram no hospital hum limitada casa em que se agasalharam; na manhã seguinte deram principio a seu bem empregado trabalho, com o hymno, *Veni creator spiritus*. Ditas suas missas convidaram a gente pera ouvir de confissão aos que delles se quizessem aproveitar, & recolhera m̄se ao hospital, pedindo esmola pelas portas: começou a gente a advertir na modestia dos dous hospedes, que na terra tinham, mas nam conheciam, viamos tam pobres, q̄ viviam de esmolas, & cõ tudo advertiram, q̄ nam queriam tomar dinheiro pelas missas, antes se offereciam a dizelas de graça; notavam a boa vontade com que se expunham a ouvir a todos de confissão; & com estas advertencias vieram a alcançar ser gen-

te nova no mundo, & muy desapegada de interesses; discursando os mais nobres entre sy, que debaixo d'aquellas roupas velhas, & d'aquelle encolhimento de vida tam humilde, & desentereçada de tudo o que era proveito, & honra, deviam estar occultos espiritos superiores a tudo o q̄ era humano, pois nada reluzia em suas acções, senam o que rescendia ao mais divino. Alcançada esta conclusão, depois de varios discursos, se foram os da Camara ao hospital, com os mayores, & meliores da terra, a dar as boas vindas aos Padres, & gratificar o zelo cõ que tratavam de ajudalos no melhor emprego da vida, pois todo era pera agenciare nesta o viatico pera a eterna. Tambem trataram de lhes melhorar a hospitalidade, assim no aposento, como no prato; responderam os Padres, com religiosa gratidã a tanta charidade, mas nam aceitaram sahir do hospital, & da pobreza, em que estavam, pera os levarem a melhorados aposentos, pera onde os convidavam.

Camo
conhecẽram
aos nossos
missionarios.

5 Começou logo o fervor da gente a valer se do socorro divino, que Deos lhes mandava pera suas almas; & depois do primeiro sermão do Padre Gõçalo Vaz, ouve tal abalo no auditorio, q̄ dali por diãte, pera satis fazerẽ às obrigações proprias

Anno de
Christo de
1547.

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno da
Companhia
8.

da oraçam, & missa, & acodirem, em amanhecendo, ao confissionario, lhes era necessario levantaremse algũas horas antemenhã; aturando muitas vezes o dia inteiro nas cõfissoens, atè nove, & dez horas da noite, tendo com difficuldade muy escaço tempo pera a refeição necessaria. Deço a este particular, sendo estes exercicios tam ordinarios em nossas missoens, porque nesta occasiam, & nestes dous missionarios, foram estes trabalhos nam sò merecedores de grande louvor, mas tambem dignos de grande admiraçam, pois estes dous zelosos Padres, sendo fracos, & convalescentes, & por esta causa mandados a cobrar forças corporaes em Sam Fins, eram tam esforçados nas espirituaes, que nos deixaram tam singulares exẽplos do zelo das almas.

6 Na segunda prẽgação, que cahio em huma das Ladainhas de Mayo, foy tam notavel o concurso da gente, que com se haver de fazer na Igreja mayor da villa, que he grande, & fermosa, havia já tanta gente às tres horas da madrugada, que se nam podia romper por ella; merecèõ a prẽgação este devoto alvorço, sendo sobre as palávras das Ladainhas. *A morte perpetua libera nos Domine:* foy o abalo deste fermam de

forte, que encheo a fama d'elle toda a comarca, & como se por ella soara de repente aquella espantosa trombeta (de que fala Sam Paulo na morte universal do mundo) que citasse a todos aquelles povos, pera acodirem ao juizo sacramental da confissam, assim se despovovam os lugares, & vinham a parecer nõ tribunal deste sacramento; pera ficarem aliviados de suas culpas, ouvindo a sentença particular neste sagrado juizo, pera escaparem da ultima da condenaçam no universal. O rumor, que por todos aquelles lugares voava, tambẽ chegou a S. Fins, & moveo ao superior a mandar o Irmam Diogo de Soveral, a saber como se achavam os Padres, com tanto trabalho; da maneira que Iacob^f mandou a Ioseph a saber como passavam seus irmaõs no lugar de Sicheim: chegou o Irmam à porta da Igreja, aonde estavam confessando, & era tal o concurso da gente, que lhe nam foy possivel chegar pera lhes poder falar; torna logo a dar novas ao superior do que vio na Igreja, & do que ovio na terra, de que ficou tam movido o bom superior, que cõ elle tambem fer dos achacados (enchendose de sancta enveja, & envergonhandose de se ver em casa descantando, quando

seus

Effeitos
bõs, que se
seguiram
de hũa prẽ
gação do
Padre Gõ-
çalo Vaz.

^e
1. ad Cor. c. 15.
n. 52. In novif.
sima tuba, ca.
ner enim tuba.

^f
Gen. c. 37. n. 14
Vade & vide si
cuncta prospere
sint erga fra-
tres tuos.

Anno de
Christo de
1547.

Anno d.
Española
8.

Fama a sa-
hir en mis-
sam.

seus soldados andavam no campo peleijando) se animou a partirse logo a ajudalos , o que fez por alguns dias , que pode furtar do cuidado da fazenda, & do governo da casa.

7 Com tanto trabalho, que poderia fazer acurvar aos mais valentes soldados, nam he muito que cahisse o que era tam fraco de forças corporaes, como o Padre Gonçalo Vaz; foylhe necessario retirar-se a Sam Fins, obrigado de huma importuna febre, que o nam largava, & da obediencia de seu superior, que o chamava; que se as forças do corpo andaram passo igual com as de seu valente espirito, estreito era o campo, que hà entre os dons rios Douro, & Minho; pera nelle se poder esprayar hum animo tam capaz, que com o zelo das almas se nam limitava ao mundo todo. Em resoluçam elle se recolheu bem contra sua vontade; porèm assim como fôtre mal em Africa o fronteiro de fama, & de valor, acodir ao final, pera se recolher dentro das tranqueiras, no tempo em que sabe que lhe ficam Mouros em fillada, & lhe està pulando o sangue, & saltando o peito, esperando novo repique pera sair ao campo; assim o Padre Gonçalo Vaz, se estava entificando ma-

is, por se ver na cama descanfando, quando desejava estar no pulpito pregando. Tornou finalmente a empresa começada, foy de novo recebido na mesma villa, como se lhes viera hum novo anjo do ceo, ou hum sancto resuscitado; respondeo em tudo o fruto espiritual, que elle desejava a festa, & alvoroço, com que o recebiam: foram muitas as restituicoes do atheo mal levado, noraveis as mudanças de vida escandalosa, muitas as superstiçoens, que tiraram, & muitas as amizades, que fizeram, entre os nobres da terra (que de ordinario, em semelhantes villas, costuma haver grandes desgostos, entre os que estam mais liados com mayores parentescos.) Com estas, & outras cousas semelhantes se achou a villa de Caminha espantada de sy mesma, & de se ver tam trocada com tam admiravel mudança, feita pelo braço direito do Excelso. E foy tam notavel a devaçam de commungarem todos os d'aquella villa, em dia do Espirito sancto, que decretaram os irmãos da Misericordia, que fosse perpetuo tam sancto costume, de que ainda hoje hà perennes lembranças naquella nobre villa.

Como se re-
colheu o P.
Gonçalo
Vaz de Mel-
lo a S. Fins.

Anno de
Christo de
1547.

340

Anno da
Companhia
8.

Vamos do
us missio-
narios a
Viana.

Luc. c. 4. n. 43.

Como forã
agasalha-
dos em Via-
na.

8 Bem quizeram os de Caminha deter mais tempo a os seus missionarios, mas elles lhes respondiam com as palavras do Senhor, & *Quia alijs civitatibus oportet me evangelizare verbum Dei.* Passaram d'aqui a Viana foz de Lima, que dista tres legoas, & he humã famosa villa, das mais nobres, & mais notaveis de Portugal, & por ser esta, temiam muito os Padres, que os gasalhados, & regalos de sua hospedaria dissessem mais com a grandeza da terra, que com a pobreza dos hospedes: porẽm quiz Deos nosso Senhor mostrar aos seus servos, que lhes estava melhor prognosticar esterilidades, pera lhes dar bonanças, & nam esperarem bonanças pera acharem esterilidades. Toda a expectaçam, & gasalhado da boa hospedagem, depois de correrem muita parte da villa, pedindo esmola, se veyo a resolver em dous reaes de cobre, com que os Padres passaram muito a seu gosto a quella primeiro dia. Porẽm a sã recompensou esta nobilissima villa com estremada liberalidade esta primeira, & inadvertida esterilidade, porque tanto que o Padre Gonçalo Vaz de Mello começou a prègar, & os ouvintes conhecêram quem eram os hospedes, que com disfarces de pobres, lhes traziam as

riquezas do cèo, se espertou em todos tal devaçam a sua doutrina, & tal estimaçam a suas pessoas, que nam havia quem os nam seguisse, amasse, & venerasse; perseguiamnos com tam frequentados, & ainda importunos presentes, com que todos os queeriam regalar, que se davam muitas vezes os Padres por obrigados a nam aceitarem nenhuns, por nam aggravarem a todos: deixando o que precisamente lhes era necessario pera se sustentarem a sy, & pera socorrerem aos presos.

9 Deste lugar se sahiram, deixando muy reformado nas vidas, & muy melhorado nos costumes, & saudoso da boa companhia, que os pobres hospedes lhe faziam. Com o mesmo zelo, & com igoal fruto repartiram seus trabalhos com as villas de Ponte de Lima, Barcellos, villa de Conde, & com a muy nobre villa de Guimaraes, nam faltando aos lugares menores, de cõcelhos, aldeas, & freguesias; pera que todos lograsẽ da benignidade divina, & do fruto do sancto zelo de tam charitativos obreiros. Tambem as duas cidades de Braga, & do Porto tiveram o bem d'estes missionarios, com os mesmos concursos de innumeravel gente, que acodia às pregaçoens, & às confissoens,

Vam dis-
correndo
por outras
terras de
entre Dou-
ro, & Mi-
nho.

& com

O que succedeo em hũ
sermam no
Porto.

^h
O. lib. 7. n. 67

& com os mesmos proveitos espirituaes, que atrás temos relatado.

IO Nam quero porèm passar em silencio o que lhe aconteeo no Porto. Haviamse de correr huns touros naquella cidade, em huma tarde em que o Padre havia de tornar a prègar (porque lhe aconteea em muitos dias prègar duas, & tres vezes, como d'elle, & de seu cõpanheiro o Padre doutor Antonio Gomes testifica o nosso Chronista gèral Orlandino ^h) & parecêdolhe que mais bẽ occupado ficava o povo em ouvir o sermã na Igreja, q̃ em assistir aos touros no corro, disse do pulpito pela menhã, que naquellè dia havia de experimètar quaes eram os que gostavam mais das cousas de Deos, que da vaidade do mundo; que elle estava resolutode prègar ainda que tivesse por ouvinte a hũa sò velha, porque essa ao menos nam faltaria: foy coufa notavel, que sendo tam grande o alvoroço, com que a gète costuma correr a semelhãte espectaculo de touros; & havendo algũs mancebos demasiadamẽte curiosos, & zelosos desta sua festa, que queriam persuadir ao Padre, que deixasse o sermam pera outro dia, ou pera lhe nam impedir os seus touros, se viesse a gente ao sermam, ou pera nam defautorizar a palavra de Deos, se

acodissem ao touril; com tudo o Padre perseverou animoso, & constante em fazer esta sorte aos seus toureiros, a qual lhe succedèo tam bem, que teve hum innumeravel auditorio, o qual trocou de boa vontade o theatro dos touros, em que hiam perder o tempo, pelo sermam da Igreja, a que vieram ganhar a salvaçam. Isto he por mayor o que succedèo nesta missã do Padre Gonçalo Vaz de Mello, andando convalescente; em outras occasioens o verèmos com mais forças, & com igoaes successos.

CAPITULO XXV.

Vay o Padre Manoel de Nobrega em missã pela Provincia da Beira, & do grande fruito, que d'ella rocolheo.

NO capitulo passado vimos o successo da missã dos nossos Padres na provincia de entre Douro, & Minho; agora veremos brevemente como succedèo a outros ventureros, que entraram a cõtinuar semelhãtes empresas pela provincia da Beira.

Anno de
Christo de
1547.

342

Anno da
Companhia
8.

Habitava em o Collegio de Coimbra o Padre Manoel de Nobrega, aquelle que ao diante veremos primeiro Provincial do Brasil, & primeiro Apostolo d'aquella gentilidade: este Padre, tendo ainda pouco tempo da Companhia, ardia já em seu peito hum grande incendio, que o abrazava em desejos de converter almas a Deos, & em quanto o nam apagava com a vastidam dos mâes d'aquella gentilidade, tratava de o temperar com algumas sahidas pelo Reyno em missoens. Este anno, em que estamos, de 1547. que foy o 8. da Companhia, sahio em missam à Beira, chegou à cidade da Goarda, aonde com suas pregaçoens, & doutrinas, fez muy conhecido fruto, nam menos dentro da cidade, que fóra em sua comarca; assim com os seculares, a quem pregava em publico, como nos ecclesiasticos, a quem amoestava em segredo. Entre elles havia hum dos mais principaes da terra, & dos que mais necessitavam de semelhantes avisos, porque estava tam obstinado em hũa torpeza, com a qual vivia, com publico escandalo, dentro de sua casa; que nem o temor do inferno espantoso, nem as inspiraçoens do cêo benigno; nem os rógos de amigos fieis, nem as censuras de prelados zelosos; nem, o que mais he, os avisos, & ameaças do

Do fruto que fez na cidade da Goarda.

Rey poderoso, foram bastantes pera o moverem a deixar a occasiã escandalosa, & a reformar a vida perdida.

2. Tratou o Padre têtar vêtura, pera bater esta rocha, & pera se combater com esta féra. Fazse grande amigo seu, visitaõ, serveo, acompanhao, falalhe sempre à vontade (que de todas estas traças usa hum engenhoso medico, que pretende dar saude a huma alma enferma. Tanto que lhe pareceo que podia applicar o remedio a este seu doente, que muitos tinham por incuravel, começa a tratar com elle do perigo do estado em que vivia: declaraselhe ainda mais, dizlhe, que largue a occasiã, em que o diabo o trazia enredado, & que trate da salvaçam, que trazia muito arriscada: porém o mal estava muy apoderado do enfermo, & a dureza era de penhasco; & já nam admittia curas brandas, & medicamentos suaves; assim tratou aqui o Padre, de usar de cauterios mais efficazes; entra de novo em campo contra este gigante encantado no castello da sensualidade, repête os golpes, sem lhe dar huma hora de descanso, ameaçando com o inferno, pera ver se pôde vencer, com força importuna; a quem nam pôde contrastar com suavidade & brandura: porém o sensual peccador, envelhecido na mal-

Traça de que usou pera converter hũ grãde peccador.

dade

dade, como se fosse frenetico, cada vez se infuricia mais contra o medico, que o curava. diz-lhe, por ultima resoluçam, que lhe nam fale mais na materia, jurandolhe que se o faz, lhe havia de tirar a vida, sem lhe valerem as ordens, que tinha, nem respeitar à Religiam, que professava (que a taes defatinos chega hum sensual, que de todo perdéo o timo ao temor de Deos, & à vergonha do mundo)

3. Nam se acanhou o valeroso mantenedor da virtude, com os feros desta fera, antes, com mayor porfia, continua o desafio, pera ver se póde abrir alguma porta em peito rã acastellado em sua obstinaçam: animado, & fiando em Deos, que o defenderia, entra de novo com este defensor da torpeza, buscao muitas vezes no dia, em suas mesmas casas, pera que entendesse que o nam temia fóra na praça, quem o buscava dentro em seu aposento: encontra-se com elle na rua por mométos, nam lhe dá vagar, nem lhe permite descansar; insta (como o Apóstolo^a aconselhava a Timotheo) a tempo, & fóra de tempo, rogando, increpando, ameaçando, assombrando, & bradandolhe, à maneira do Bautista ao Rey sensual; ^b *Non licet tibi habere eam*: julgando o prudente Padre, que huma alma calejada no peccado, & insensível no

avizós (qual S. Paulo^c pintava aos que tinham a consciencia cauterizada) a medicina mais violenta, fica sendo a mais proveitosa; porque (como disse o outro sabio, ^d) as feridas que estam já muy arreigadas nas entranhas, nam se melhòram com remedios leves, hê necessario applicarlhes o ferro, & atissarlhes o fogo.

4. Assim aconteceu no caso que himos contando, arrombou a constante, & zelosa importunaçam do Padre Nobrega aquelle peito, a quem a resistencia do mão costume fazia inexpugnável; rendeose finalmente este forte competidor da sensualidade, deixou o campo, & largou as armas, feito já de cera, pera seguir os conselhos do Padre; que se a importunaçam (como Christo Senhor nosso diz por S. Lucas) póde fazer cõ hũ escào que se anime a dar esmola, também poderà fazer cõ hũ peccador, que queira emmendar a vida. Cõ tal resoluçam tratou este homem de sua alma, que d'ali por diante foy hum raro exemplo de honestidade, & hum exemplar espelho de toda a virtude: & agradecendo perpetuamente ao Padre a grande constancia, & sancta perseguiçam, com que o buscara, lhe aconselhava, que nunca afrouxasse em semelhantes empresas, que pois seus re-

^c Ad Timo. c. 4. n. 2. Caeteriata habentium conscientiam.

^d Claud. lib. 2. in Eutrop. Vlcera possessis alit suffusa medulis. Nō leviore manu, ferro sanatur & igne.

Como finalmete converteteo este peccador.

^e Luc. c. 11. n. 8. Propter improbitatem tamen eius surget, & dabit illi.

^a ad Tim. c. 4. n. 2. Insta opportunē, importunē, argue, obsecra, increpa, &c.

^b Marc. c. 6. n. 18

Anno de
Christo de
1547.

344

Anno da
Companhia
8.

petidos, & porfiados combates o conquistaram; nam haveria no mundo outro rochedo tam endurecido, que a tam animoso, & perseverante zelo, se nam brandasse. Outro caso semelhante a este lhe aconteceo ao Padre Manoel de Nobrega, que veremos no livro seguinte.

5 Concluindo cõ a Guarda, se passou o Padre Manoel de Nobrega á villa do Sabugal, & neste tempo hia já descalço, porque como caminhava sempre a pè, se lhe gastara o calçado, que trouxera do Collegio de Coimbra; entrou por esta terra mendigando pelas portas, conforme seu sancto costume: achouse actualmente naquella villa o seu commendador Dom Duarte de Castello branco, que tinha sido pagem da campanha delRey Dom Ioam o III. & foy meirinho mór d'estes Reynos, & depois foy Conde do mesmo Sabugal, veador da fazenda, do concelho d'estado, & governador do Reyno, pessoa bem conhecida por suas grãdes qualidades de sangue, por sua prudencia, & governo; o qual, tendo noticia do religioso, & sancto procedimento do Padre Manoel de Nobrega, & da pobreza com que passava no trato, & no prato, merecendo tanto, pelo muito fruto, que fazia na terra; tratou, com grandes veras, de o ter por hospede na

sua casa, & na sua mesa; porèm o Padre recusou com valente resoluçam, nam querendo trocar a casa pobre, que tinha no hospital, pelo aposeto magnifico q̃ lhe offerecia o Cômédador: notavel foy a traça, que o Padre tomou pera fugir destes rōgos, & importunaçoens, que o meirinho mór lhe fazia; porque quando entendia que o haviam de vir demandar, se hia dissimulado esconder em hum mato alli visinho; que parece já nelle premeditava as selvas bravias, & matos maninhos do Brasil, nos quaes tam largamente discorreo, como adiante veremos: porèm (porque a charidade deste illustre fidalgo, era muito engenholosa) advertio a seus criados, que lhe fossem no alcance do Padre, pera verem aonde se escondia, quando acabava de prégar: fizeram os criados o que seu amo lhes mandava, & batendo as moutas, com toda a diligencia, foram dar com a preza que buscavam, no meyo de hũ sylvado, do qual quasi á força o arrancaram: foy se em fim com elles a casa de D. Duarte, & porque á volta da muita virtude lhe nam faltava cortesia, reconheceo agradecido o animo tam liberal; & finalmente vieram em concerto com este partido, que o Padre ficaria no hospital, porèm q̃ por conta do Cômédador correria o comer,

como

Como foy
recebido
na villa do
Sabugal.

O que lhe
sucedeo na
Covilhã.

como d'ali por diante se execu-
tou, com nam menor sentimen-
to do Padre, que demonstraçam
da grandeza do Commenda-
dor.

6 Estas honras, & tam bõs
gafalhados do meirinho mór,
folgou o Padre muito de nam
achar em outras partes, & em
particular lhe faltãram na vil-
la de Covilhã, aonde chegou
cançado do caminho, & mole-
stado da fome; com tudo, por-
que veyo áinda a hora em que
podia prègar, entrando em hu-
ma Igreja, pera o fazer, pedio
licença ao Cura, que lha deo de
melhor vôtade do que a esmo-
la; sôbe o Padre ao pulpito; &
& como era de natural coleri-
co, & algum tâto gago, foy tam
mal ouvido dos presentes, que
se foram alguns sahindo da I-
greja poucos a poucos, zombã-
do da prègaçam, & rindo do
prègador. Nam desmayou por
isso o zeloso Padre, antes per-
suadio ao Cura, que convidasse
o povo, pera tornar á tarde a
ouvirhe outro sermam; felo o
Cura; mostrando porèm a pou-
ca satisfaçam do prègador, dif-
se, que quem quizesse, podia vir
depois de jantar ouvir aquelle
clerigo gago, posto que nam sa-
bia de que proveito podia ser
aquella prègaçam; que com es-
tas liberdades se explicam às
vezes os Padres Curas, quando
se acham devagar, nas suas esta-

çoens; aceitou o pobre prèga-
dor, com religiosa confiança, o
rustico remòque do Padre Cu-
ra; volta álgreja pela tarde; e, ou
fosse por curiosidade, ou por di-
vina inspiraçam, foy grãdissimo
o concurso da gente: o certo he
que foy notavel a força do es-
pirito, com que o Padre entam
se declarou, & admiravel o su-
cesso da prègaçam, por virtude
d'aquelle Senhor, o qual pôde
(como diz a Sabedoria,) abrir as
bocas aos mudos, & fazer elo-
quentes as lingoas dos miní-
nos: & na verdade, aquelle he o
melhor prègador, em quem he
mayor o espirito, porque este
largamente supre, com virtude
divina, as faltas da eloquencia
humana. Voltãram os ouvintes
pera suas casas, compungidos cõ
os brãdos do prègador, baten-
do nos peitos, com pezar de seus
peccados (como succedeo ao Cē-
turiã, & a muitos dos ouvin-
tes, que com elle estavam na-
quelle ultimo sermam, q̄ Chri-
sto, fez na cruz, quando espi-
rou brãdando) todos elles vi-
nhãram dizendo: Vos passais pe-
lo gago, como elle se explicou?
Correspondéo bem o fruto do
auditorio ao sucesso do ser-
mã; houve notavel reforma-
çam de costumes; grande con-
curso ás confissoens, & muitas
restituiçoens do alhè, conti-
nuando o Padre com seus ser-
moens, desterrando vic os, con-

a
Sap. c. 10. n. 21
Sapientia aper-
ruit os muros,
& linguas in-
fantium fecit
diferas.

b
Luc. c. 23. n.
48. Percussit
pectora sua re-
vertebantur.

Anno de
Christo de
1547.

Anno da
Companhia
8. 7. 71.

vertendo peccadores, & me-
tendo medo ao mesmo infer-
no.

CAPITULO XXVI.

Apontamse alguns casos mais
notaveis, que succederam ne-
sta missam ao Padre Ma-
noel de Nobrega: vay a Ro-
ma o Padre Bertolameo Fer-
ram, por cujo meyo entrou na
Companhia o Padre Fran-
cisco Rodrigues, que
foy grande ser-
va do Se-
nher.

NEsta missam suce-
deo ao Padre Ma-
noel de Nobrega;
que entrando em huma Igreja,
achou nella huma vanissima, &
descomposta folia, que com mu-
ficas mal soantes, & com bailos
inhonestos, profanavam lugar
tam sagrado: nam lhe pareceo
rezam deixalos sem os repre-
nder da barbara irreverencia, co
que se haviam no templo de
Deos. Fez o Padre o que devia
a seu zelo, & a grande descom-
postura dos folgadores; mas el-
les com brados, & impertinen-
tes acçoens, nam deram lugar
ao respeito, que tam sancto avi-

so merecia. Entre elles, hum dos
mais desenfadados da festa, &
que se mostrou mais enfadado
do aviso, começou a blasfemar
contra a propria divindade.
Horrendo atrevimento, dignif-
simo de rigoroso castigo. Sentio
o servo de Deos tam insolente
loucura; & pera divertir o bra-
ço da divina justiça, se ajoelhou,
pedindo a Deos com lagrimas,
que nam ouvisse tam blasfemas,
& impias doucices. Porém tal
vez nam quer Deos ouvir a femp
sanctos, quando he necessario
castigar a peccadores; como a-
qui bem se experimentou na
terrivel execuçam do divino ri-
gor, porque sabindo o blasfemo
folgador da distrahida, & descõ-
posta galhofa, & sobindo em
hum cavallo, subitamente se ar-
mour huma grande tempestade,
revolveramte os ares em huma
confusa, & medonha cerraçam;
affoviam impetuosos ventos,
fuzilavam rayos temerosos, gem-
miam os ares com trovões hor-
rendos; a agoa, & pedra em con-
tinuo dilavio, com tanto hor-
ror, com tal tumulto, & pertur-
baçam dos elementos, & com
tam espantosa escuridam, que
qualquer andava de sy, que
nam podiam tam confusos mo-
vimentos trazer consigo menos
que as timidas vespas do tre-
mendo dia do final juizo: entre
tam espezas trevas, se vio fuzi-
lar hum rayo, & vir caminho

Castigo
Deos deo
hum pec-
cador.

Sap. c. 5. n. 22.

direito ao blasfemo (que assim dizia o Spiritio Sancto, que haviam de cahir os rayos pera demandar, & acertar em peccadores errados: ^a *Ibūt directē immisiones fulgurum, & in certum locum insipient*) veyo este a tomar contra aquelle desbotado, da liberdade de suas musicas, & da temeridade de suas blasfemias, & ficou logo com o rayo abrazado, sem tocar em nenhum dos companheiros; começando com as penas do inferno, ainda estando vivo na terra; pera que entendam os atrevidos em dizer blasfemias, que nam ham de faltar rayos do cêo pera os castigar. Resultou deste caso tam raro huma grande opiniam, & credito do zelo, & prégaçam do Padre Manoel de Nobrega, a quem d'ali por diante aceitavam, com grande reverencia, quaesquer avisos em materia de espirito, julgando que tinha a Deos por sy, nam menos pera autorizar suas prégaçoens, que pera castigar aos rebeldes a seus auisos.

2 Havia na terra huma molher muy conhecida por atormentada do demonio, o qual se foy fazêdo tam familiar seu, que lhe entrava no corpo, & lhe falava á orelha, & lhe dizia cousas admiraveis, com que espantava ao povo, & assombrava a miseravel: falou o Padre Nobrega com ella, persuadioa a fa-

zer huma confissam gèral; & depois a avisou, que se queria verse livre de semelhantes assombramentos, fugisse, com muito recato de dar mais ouvidos ao diabo; & que remedio terey, meu Padre, diz a pobre molher, pera lhe nam dar ouvidos, se elle me tornar a importunar? Se vos quizer algũa cousa (lhe disse o Padre, chêo de celestial confiança) dizeilhe, que venha ter comigo, porque eu cá me entenderey com elle. Foy este remedio de tanto terror, & espanto pera aquelle espirito perturbador da paz, que tomou por melhor partido antes deixar a morada tam antiga, que haver de ser remetido ao Padre Nobrega; que o diabo foge da cruz, & há medo de gète sancta.

3 Em outra villa, pera onde o Padre se passou, tendo elle por vezes prégado contra os peccados publicos, por haver muitos, & muy escandalosos na terra, & nam vendo emmenda nos vicios, nem proveito de seus brados, se desfazia o servo do Senhor em zelo, & sentimento de ver Deos tam gravemente offendido, & tanto sem nenhum pejo aggravado. A imitação do Propheta Rey, que quando via quebrantarse a ley divina, dizia a Deos, que era tẽpo de fazer justiça: & como lemos do Propheta zelador, que

Como pré-gava cõtra peccadores publicos.

^b
Pf. 118. n. 126.
Tempus faciendi Domine diffipaverunt legem tuam.

^d que lhe ucedeo cõ vna endemoninhada.

Anno de
Christo de
1547.

348

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno da
Companhia
8.

pedia a Deos fogo do céo pera abraçar peccadores endurecidos ; com este mesmo espirito bràdava algumas vezes no pulpito o Padre Manoel de Nobrega , justiça de Deos contra os que vivem em peccado publico , & se nam querem tirar delle ; acrescentava mais, que se nam visse emenda , sem falta hiria a casa de cada hum, & sobindo pela escada, diria a grandes brãdos , justiça de Deos sobre fulano. Foy esta ameaça de grande proveito, porque alguns arreceando, que este grande zelador da honra de Deos melhor executasse por obra o que prometia por palavra, emendaram as vidas; que os homens muitas vezes deixam de peccar mais por temerem ameassas rigorosas , que por respeitarem conselhos brandos. Recolheose finalmente o Padre pera Coimbra, muy saudoso da sua missãm, mas ainda o veremos nas muy estendidas terras do Brasil, aonde lhe nam faltaram nem almas que converter , nem trabalhos, que padecer.

4 Nam se contentavam aquelles nossos primeiros Padres com tratar do bem das almas, dentro dos limites do Reyno de Portugal , buscavamno tanto ao longé , que alguns fizeram peregrinaçoens a Roma sò a fim de acharẽ a cruz mais penosa, & os trabalhos mais rē-

dosos ; seguindo o exemplo de nosso glorioso Patriarcha Ignacio, na sua comprida peregrinaçam a Ierusalẽ, a cuja imitaçam caminhavã quãto podiã a pê pedindo esmola: foy entre estes o P. Bertholameo Ferrãm, pessoa de grande religiam, & espirito, natural da villa de Castello branco, pera cuja abonaçam nos basta dizer , que contentou tanto a nosso Padre S. Ignacio , que o fez seu ministro da casa professa de Roma, officio que depois teve o Padre Luis Gonçalves da Camara; & pela grande opiniãm, que tinha de seu talento, & confiança de sua pessoa, o fez seu immediato secretario , officio que tinha fiado de S. Francisco de Xavier , & depois do Padre Ioam Polanco (por cuja mam, & pena o sancto Padre escrevèò a insigne, & admiravel carta da obediencia) o qual foy pessoa tam grave, que chegou a ter oito votos pera ser Preposito gèral de toda a Companhia. Morrèò o Padre Bertholameo Ferrãm em Roma, foy o achãque de sua morte huma febre ethica, que lhe sobreveyo , causada dos continuados trabalhos, por nam faltar às provincias na correspondencia de seus negocios , & pera acodir com charidade aos sogeitos de casa, & officios della. Eram tam perennes os jubilos , & saudades que tinha da gloria , & tam efficazes

P. Bertholameo Ferrãm way a Roma.

Anno da
Christo de
1547.

Anno da
Companhia
8.

os desejos que tinha de morrer, que chegou a entrar em escrupulo, & mandou pedir licença ao sancto Patriarcha, pera lhe serem licitos estes suspiros pela morte tam desejada, porque como tam filho da obediencia, queria que assim como viveo obedecendo, assim tambem obedecesse morrendo. Visitou o por vezes sancto Ignacio nesta doença, a fim de o consolar, que nam podia deixar de causar grande devaçam a visita de tal medico, em tal occasiã; & por ultima despedida, lhe lançou sua bençam, com a qual finalmente foy gozar do bem, que tanto desejava. Delle se conta na historia geral da Companhia, que era tam singular a resignaçam, que tinha nas mãos da sancta obediencia, que nunca nosso glorioso Patriarcha Ignacio pode entender d'elle a que estado, ou occupaçam se sentia mais inclinado.

5 Entre outras obrigaçoens, que temos à boa memoria do Padre Bertholaméo Ferrãm, he huma, que per seu meyo nos trouxe Deos à Companhia o Padre Francisco Rodrigues, o qual entre nós foy pessoa de grande importancia. Tinha estudado em Coimbra, aonde teve conhecimento do instituto da

Companhia, & d'ali se passou a Salamanca, sendo em ambas aquellas Vniversidades insigne professor dos sagrados Canones, aqui se encontrou com o Padre Bertholaméo Ferrãm, que hia peregrinando a Roma; & movido de suas praticas, & muito mais de seu exêmplo, se resolveo a deixar o mundo, & a entrar na Companhia. Tinha porêm hum grande impedimento, porque era aleijado de ambos os pès, & por isso, ou andava em pès alheos, ou sustentado em duas molletas. Vemse com tudo a Coimbra, entra a falar ao Padre mestre Simam, encostado em as suas molletas, pedelhe, que o admitta na Companhia, aonde finalmente foy recebido. Mas nam sey se me espante mais do aleijado, que com tal confiança vinha pedir a Religiam, se do prelado, que com tal impedimento nella o recebeu? Porêm nam havemos de querer julgar as coufas divinas conforme ao conselho dos homens: previo logo o Padre mestre Simam, como quem tinha grande discricam de espiritos, que o que faltava aquelle pretendente nos pès, lhe sobejava com abundancia na cabeça: vio tambem as grandes partes, & raros talentos de sci-

Como foy
recebido o
P. Frãcis-
co Rodri-
gues.

Anno de
Christo de
1547.

Grãdes ta-
lentos do P.
Francisco
Rodrigues

350

Anno da
Companhia
8.

encia, prudencia, & habili-
dade, com que a graça liberal
supria bem o defeito da nature-
za escaça, como o tempo adian-
te nos ensinou; porque este foy
aquelle grande servo de Deos,
(a quem na India chamavam o
manquinho) hum dos mais im-
portantes fogeitos, que deo es-
ta provincia, em letras, & em
exemplo; o qual nam tendo
pés pera poder andar por terra,
teve animo pera navegar pelos
mãres: a quem parece que ser-
viram as moletas pezadas, de
azas ligeiras, com que voou ao
Oriente, no qual doutrinou a
muitos com sua sabidoria, con-
vertéo com seu zelo, allumiou
com seus sermoens, governou
com sua prudencia, & final-
mente espantou, com seus mui-
tos, & raros talentos. Agora
o deixemos sobre suas moletas,
continuando em o noviciado
de Coimbra, tempo nos virã
adiante nesta historia, em que
por vezes falaremos nelle, & o
veremos em huma não da In-
dia, & nella o seguiremos
até desembarcar em
Goa.



CAPITULO XXVII.

Da occasiã, que houve pera
hirem os nossos religiosos em
missã a Congo; dáse hu-
ma breve noticia

deste Rey-
no.

D Etivemonos nos ca-
pitulos anteceden-
tes, em falar nas
missões dos nossos Padres, em
Portugal, agora tambem fa-
laremos em outra, que fize-
ram a Guinë, acodindo neste
anno á conversã dos gen-
tios no Reyno de Congo, pel-
la occasiã, que logo direi,
descrevendo primeiro brevissi-
mamente aquelle Reyno. Es-
tam a as terras de Congo na
Ethiopia inferior, junto do grã-
de rio, que os Portugueses, em
o principio de seus descobri-
mentos, chamáram rio do Pa-
drã, por causa de hum fer-
moso padrã, que o capitã
Diogo Cam, cavalleiro da ca-
sa del Rey, no anno de 1484.
junto a este rio, levantou com
o escudo das sanctas, & reaes
quinas de Portugal, pondolhe
em cima no topo delle huma
cruz de pedra, embutida no
mesmo padrã com chumbo.

agora

a
Vide Ioã de
Barros na pri-
meira Decad.
lib. 3. c. 3.

Rio do Pa-
drã.

agora lhe chamam tambem, rio de Congo; o seu nome, entre os naturaes he Zayre, que em sua lingua quer dizer rio espantoso, que na verdade lhe quadra bem o nome, pelo pezo das agoas, que leva; pela fermosa bahia, & pela grande boca, por onde se lança ao Oceano.

2 He o Reyno de Congo grande, & povoado de muita gente, toda muy negra, com seu cabello revoltado: junto delles esta hum largo, & profundo lago, mais notavel por sy, que celebrado por escriptores: os modernos lhe chamam Zembre: nelle ha tantas ilhas, & de tam notavel povoacam, que dellas se tiram, quando sam necessarios, trinta mil homens de peleja, a que chamam Motèques. Tem este vastissimo lago duzentas legoas em roda, & nelle tem seu principio dous rios muy caudalosos. Primeiramente (conforme as informações que temos) pera a bnda do Norte sahe hu fermosissimo rio, a que os escriptores, em seus livros, & os geographos em seus mappas, ordinariamente chamam Nilo; imaginando que nesta vastissima lagoa te seu nascimento, q os Gregos, & os Romanos tiveram por muy occulto, & mysterioso; resolvendose, depois de grades pesquisas, que era segredo encuberto aos mortaes, descobrir a primeira fonte,

na qual nacera este, q julgavam por na menos sagrado, q encuberto Rey das agoas, como se a natureza (que assi o disse o Autor das guerras Pharsalicas) nam permitisse, q visse os homens em seu berço nacendo pequeno, & com poucas forças, o mais famoso, & mais fecundo rio do universo: queredo, q as gentes se admirassem pelo ter escondido, & que nam o desprezassem se o vissem pequeno.

3 Porém os Portugueses, & os nossos Padres da Companhia, que passearam todo o imperio de Ethiopia superior (que chamamos Preste Ioam) nos mostraram claramete, que nam nace o Nilo nesta lagoa Zembre, & que erram os autores, que aqui lhe dam seu principio; & tambem desengañaram ao mundo, que nam era este mysterio do nacimiento do rio Nilo tam encuberto, como os antigos imaginaram; porque descobriram a origem deste grande rio em o Preste Ioam, bebendo em sua primeira fonte, & vendo os maiores segredos de sua infancia, em os confins dos Reynos de Goyama, & Gamore; chegando a ver co seus olhos o q nam pode alcançar Alexandre Magno, por mais q o desejou, & pretendeo; ne Julio Cesar, por mais diligencias, q fez entre os sabios do imperio Egytano, mostrando disto tam

^c
Lucan. lib. 10.
Non licuit populis parvum te Nile videre,
A movitque finis, & gentes maluit ortus Mirari quam nosse tuos.

O rio Nilo nace no Preste Ioam.

^d
Lucan lib. 10.
Spes firmihi terra videndi Niliacos fœtes, bellu Civile re inquam &c.

Grãde lagoa junto ao Reyno de Congo.

^b
Vide theat ordis, sive Atlanti. nov. par. 2. & Henr. de Lãger. in suo ty-po.

O rio Nilo nam nace nesta lagoa.

Anno de
Christo de
1547.

352

Anno da
Companhia
8.

grande vontade, que dizia, que largaria as esperanças, que tinha em Roma, por descobrir em o Nilo a sua fôte; como se julgasse, q̄ ficava bẽ recõpẽsado o appetite de possuir a grandeza do imperio, com a curiosidade de descobrir a origem do Nilo.

Rio Zayre
quam grã
de, & quã
furioso se-
ja.

4 O segundo rio he o Zayre (a quẽ os Portugueses, como já dissemos, chamã rio do Padrã) o qual sahe pera a parte occidẽtal, tam furioso, & tam pujante em suas enchẽtes, tam poderoso em agoas, & tã soberbo em sua corrẽte, q̄ entra no mar pela parte occidẽtal, abrindo caminho largo, & rõpendo estrada frãca (a pezar do mesmo Oceãno) cõ tãta força, & cõ tal valẽtia, que por espaço de vinte legoas cõserva suas agoas doces muy unidas, sem se deixar rõper, & assaltear das salgadas, q̄ por todas as partes o vam cercãdo, como se pretẽdesse este famoso rio provar forças, em esquadram fechado, cõ o mesmo mar oceãno, & negarlhe elle sò o tributo, q̄ pacificamente lhe pagam todos os mais rios do mundo. Outro rio tambem muy notavel sahe de outro lago menor que o Zembre, que estã mais pera a parte meridional, ao qual alguns geographos modernos chamam Zambere, que nam he de menor admiraçã: começa elle a sahir logo muy caudaloso pera a banda do Orien-

Vide Maffium
lib. 1. hist. Ind.
prope principium.

Vide theat. orbis.
lib. 1. de Atlanti-
ca. in
tab. Aethiopiae
inferioris.

te, & dividindose por duas partes; vay lançar, como outro Rheno, por duas bocas suas agoas no mar; & estendendo dous grandes braços pera o meyo dia, abraça, & recolhe em sy a terra a que chamamos Monomotapa, de tal vastidã, & capacidade, que conta em redondo setecentas legoas, & se pòde chamar Mesopotamia de Africa, como os antigos chamãram à terra, que fica entre aquelles dous tam celebrados rios Tigres, & Eufrates: por onde entendemos (conforme a esta geographia, que a alguns parecerã nova) ser bem fundada a opiniã dos, que tiveram pera si, que o grande, & espantoso cabo de boa esperança, alem dos dous lados, que tem cercados do mar oceãno, pera a parte do occidente, & pera a parte do Oriente, tem outro lado pela parte do Norte, todo cortado das copiosissimas agoas destes vastissimos lagos, que o vam cercãdo de mar a mar, & assim fica este cabo feito ilha, cercado de todas as bandas de agoas, parte salgadas, parte doces, que assim parece quiz a natureza por alguma via adoçar os amargõzes deste cabo tormentoso, que tambem por isso o chamãram; Cabo de boa esperança.

Esta o Reyno de Congo na costa de Africa ocidental.

lançado

Anno da
Christo de
1547.

Altura em
que fica o
Reyno de
Congo.

f
Ovid. i. Meta.
Quarum, quæ
media est non
est habitabilis
zilu.

Anno da
Cpankia
8.

lançado desda linha equinoc-
cial pera o meyo dia, & alargã-
dose muito pela terra dentro;
porque ficando Africa estendi-
da da parte do Norte atè o ca-
bo de boa esperança (que he o
seu ultimo termo) se contam se-
tenta graos, havendo do estreito
de Gibraltar, aonde Africa
começa, quasi trinta & cinco
graos até a linha equinoccial;&
dahi correndo outros tantos até
o cabo de boa esperança, fica o
coraçam, & o meyo da Africa
debaixo da linha equinoccial,
& da Zona torrida, a qual os
antigos, erradamente julgavam
por inhabitavel, por causa do
immenso ealor do sol, que com
a visinhança de seus abrazados
rayos, cuidavam que totalmen-
te queimava as gentes, & torra-
va as terras, que ficam entre os
dous tropicos, debaixo d'esta
Zona; porém aos Portugueses
deve o mundo todo o conheci-
mento, que teve assim d'estes
mares, como d'estas vastissimas
regioens, as quaes sam habita-
das de grande multidam de gê-
tes, tam diversas nos costu-
mes, como confinantes nas co-
res; porque todos, ou mais, ou
menos (conforme trazem os
couros da carne requêimados)
vestem de negro. Por maneira,
que os Portugueses, de hum cer-
to modo, acrescentãram o mū-
do, & o fizeram mayor do que
os homês imaginavam em seus

errados, & apertados conceitos;
porque, que importava ser o
mundo grande, se este estava es-
condido, como tambem serve
de pouco o diamante enterra-
do, ainda que valha muito. Po-
sto que nossos trabalhos em
parte foram como os das abe-
llhas, as quaes fazem o mel, &
outros lho comem; porque ho-
je os Olandezes sam senhores
destas conquistas; & se em Pin-
da, que he a principal escala, fi-
zermos huma praça de armas,
seremos senhores de hum novo
mundo, que vay correndo por
aquelle rio Zaire affima, de hu-
ma, & outra parte, aonde há
muitos Reynos, cheyos de mui-
tas drogas, com que poderiamos
enriquecernos a nós, & fazer
guerra a nossos inimigos.

6 Aqui pois neste coraçam
da Africa, debaixo da Zona tor-
rida, & nesta parte da costa oc-
cidental de Africa, na Ethiopia
inferior, fica o Reyno de Con-
go, ou Manicongo, confinante
com outro grande Reyno, cha-
mado Loango, de muita frescu-
ra de laranjeiras, & frutas de
espinho, como as nossas, & ou-
tras muitas arvores; habitado
de gente menos safara que os
de Congo, aonde hoje os Olan-
dezes tem muitas feitorias, &
he grandissimo o proveito, que
delle tiram, de marfim, cobre, &
outros resgates. Seguese logo o
Reyno chamado Cacongo, que

Reynos, q
ficam junto
a Congo.

Ann o de
Christo de
1547.

354

Anno da
Companhia
8. + 7.

he a mãy do cobre, & de outros metaes de muita estima.

7 Os costumes destas gētes de Cōgo, sam já tã sabidos dos nossos Portugueses, & tambem cōtados pelos nossos historiadores, que tenho por cousa escusada referilos; só tocarei o que a mim me pertence, q̄he apōtar a rezam, que houve, pera el Rey Dom Ioam ordenar este anno ao Padre mestre Simam, que mandasse algũs dos nossos acudir à conversam d'aquella gentilidade. Porque depois de ficar descoberto este Reyno por Diogo Cam, no anno de 1484. logo no anno de 1491. se bautizou o mesmo Rey de Congo, & o Principe herdeiro, filho seu, que houve por nome Dom Affonso, por respeito do Principe de Portugal Dom Affonso, filho del Rey Dom Ioam o segundo, em cujo tempo foram estes successos; por esta mesma causa o Rey de Congo se chamou Dom Ioam, & a Rainha tambem se quiz honrar com o nome de Dona Leonor, em memoria da serenissima Rainha de Portugal, que assi se chamava.

8 Nam carece de mystério, que no mesmo anno de 1491. em que se fez o primeiro bautismo de hum Rey tam poderoso nesta costa de Africa, & se edificou a primeira Igreja de pedra, & cal, no meyo d'aquella idolatria, nacesse nosso

bemaventurado Padre S. Ignacio; querendo, parece, o Senhor (que occultamente causa estas maravilhosas confrontaçoes) festejar, com este bautismo, o nascimento de tam sancto varã, fundador de hũa religiam, ordenada pera a conversam da gentilidade. Foy continuando neste Reyno, o conhecimento da fé de Christo, com varios successos, assim no espiritual, como no temporal, desdo tempo del Rey Dom Ioam o segundo, em que se bautizou o primeiro Rey, até o tempo del Rey Dom Ioam o terceiro, trabalhando nesta christandade, com muito zelo, os religiosos da sagrada ordem do bemaventurado Padre Sam Domingos, & tambem os muy veneraveis Padres, chamados neste Reyno de S. Eloy.

9 O Rey, que no tempo, de q̄ himos falando nesta Chronica, governava em Congo, se chamava Dom Diogo; & porque havia varias discordias entre elle, & o Bispo Dom Ioam Bautista (que era pessoa de muita virtude, & nam podia deixar de estranhar, quanto aquella barbara christandade gentiliza-ya) mandou a Lisboa, por seu embaixador, hum Sacerdote Portugues, por nome Diogo Gomes, a dar conta a el Rey Dõ Ioam do que passava acerca das differenças, que tinha com o Bispo, & do muito que necessi-

Manda o
Rey de Cõ-
go pedir
pregado-
res a el Rey
D. Ioam.

O Rey de
Congo foy
bautizado
no anno e
q̄ nasceo S.
Ignacio.

Trata-se de
híre qua-
tro religio-
sos nossos a
Coim. go.

tava aquelle Reyno, que sua Alteza lhe acodisse com algum socorro espiritual, como fizeram os Reys seus antecessores. Poz el Rey em conselho a petição, que o sacerdote lhe trazia, vio bem a grande falta, que naquella nova Igreja havia de quem a doutrinaſse, & lhe ensinasse o caminho da salvaçam; & assentou, que convinha ao serviço de Deos, & ao seu, mandar àquelle Reyno em missam alguns religiosos da nossa Companhia: pera este effeito encomendou ao Padre mestre Simam, q̄ fizesse aprestar quatro: & logo o Padre: (que nenhuma cousa mais desejava, que haver muitas occasioens semelhantes) escreveu a Coimbra ao Padre Luis Gõçalves, que lhe mandasse quatro religiosos do numero de varios, que lhe apontava, pera aquella gloriosa missam de Congo, em Guiné.

CAPITULO XXVIII.

Do grande fervor, que houve no Collegio de Coimbra, pera a missam de Congo: de como partiram quatro, com huma carta del Rey Dom Ioam; & como foram bem recebidos por el Rey de Congo.

Tanto que o Padre Reytor Luis Gõçalves recebeu a carta do Padre mestre Simam, fez ajuntar toda a commuidade, & lhes declarou a ordem, que tinha, pera avisar quatro dos presentes, tres sacerdotes, & hum irman, que se haviam de partir logo pera Guiné. Foram notaveis os sanctos effeitos, que houve no auditorio, com os quaes bem declararam quaes eram os desejos, que havia naquelles fervorosos animos, nam só da missam do Reyno de Congo, mas da conversam do mundo todo: com notavel alvorço, & espiritual alegria, começaram todos a cercar ao Padre Reytor de joelhos, & com as mãos levantadas, pedindolhe, cada hum delles, com grande fervor, & efficacia, quizesse sua Reverencia nomealo, pera que lhe coubesse tam ditosa sorte; aos rogos ajudavam lagrimas, entrepondo, em rezam de alcançarem o que tanto desejavam, nam seus merecimentos propios, porque destes pouco fiavam, mas os de Christo Senhor nosso, em sua sagrada paixam, nos quaes melhor libravam estes fervorosos desejos.

Entre todos foy notavel o fervor do irman D. Leão Henriques, de quem falamos nos cap. 12. & 13. nam cabendo nelle o impero do grande espirito, que

*Grãdes de
sejos, q̄teve
o P. Leão
Henriques
de hir a
Congo.*

Anno de
Christo de
1547.

356

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno da
Companhia
8.

o movia, rompeo por todos os irmãos, & se lançou aos pés do Padre Reytor Luis Gonçalves, pedindolhe com lagrimas, que a honra da paixão de nosso Redemptor, o nomeasse pera aquella missam, no lugar do irmão, que havia de acompanhar os tres sacerdotes. Notaveis eram as rezcoens, que dava pera saber despachado neste seu sancto requerimento, todas nascidas de seu grande zelo, & religiosa humildade; entre as outras particularmente allegava sua pequena estatura, que nam era pera apparecer nestas partes de Europa, porèm que este defeito lhe nam podia prejudicar em Guiné, & que quando nam prestasse pera outra cousa, poderia occuparse em servir os Padres, que fossem eleitos pera aquella missam. Estas, & outras rezoens, nascidas de huma vontade entregue ao serviço de Deos, & ao bem das almas, se representavam com tal affecto, que nam sò edificaram, & consolaram muito ao Padre Luis Gonçalves da Camara (seu Reytor, & seu primo) mas tambem tratou de dar hum meyo, com que por huma parte deferisse a tam fervorosa instancia, & por outra fizesse conforme a obediencia lhe ordenava, porque ainda que o Padre mestre Simam lhe nam excluia expressamente ao irmão Leão Hê-

riques, com tudo lhe apontava huns poucos dos quaes poderia escolher quatro, & assim foy o meyo, que pera a jornada de Congo mandou tres Padres, dos que vinham nomeados, convem a saber, o Padre Jorge Vaz, que hia por superior da missam, os Padres Christovam Ribeiro, & Iacome Dias, & o irmão Diogo do Soveral; & avisou ao Irmão Leão Henriques, pera que viesse com os quatro escolhidos a Lisboa, offerecerse ao Padre mestre Simam, o qual daria a sentença definitiva no caso, q̄ quanto da sua parte elle lhe dava liberal licença, por nam resistir a tam louvavel instancia. Mal se poderà explicar cõ breves palavras, o jubilo, & alvoroço, com que o Irmão Leão Henriques festejou este bom principio do despacho de sua pertença.

3 Chegaram os missionarios a Lisboa, aonde foram muy bem recebidos do Padre mestre Simam, & ao Irmão Leão Henriques agradeceo a vôtade, mas nam lhe a ceitou a obra, julgãdo por boas rezoens, que nam convinha mandalo a Guiné, por que parece que já em espirito previa, como pay que era desta provincia, quam necessario havia de ser nella o Padre Leão Henriques; o qual ficando com o sentimento de nam hir a Cõgo, ficou com o merecimento

*Nomes dos
quatro re-
ligiosos, q̄
foram a
Congo.*

*Nam quere
o P. M. Si-
mam, que
fosse a Cõ-
go o P. Le-
ão Henri-
ques.*

de

desobedecer a seu prelado. Porém como era tam sincera esta sua vontade, & tam entranháveis estes seus desejos, toda a vida suspirou pela missão de Guiné. Os quatro, que lhe levaram a bençã, por elle tam pretendida, & nam alcançada, se embarcaram em companhia do embaixador do Rey de Congo, & deram à vela em Setembro, deste anno de 1547. & com boa monçã, em breve tempo, tomaram a ilha de Sam Thomé (dõde he breve a passagem para Congo) nella adoeçeram gravemente (que estas sam as primeiras drogas, que os estrangeiros recolhem nestas terras) d'ali, mal convalecidos, tornaram a continuar a viagem; & finalmente foram embocar pelo rio Zayre, chegando a Pinda principal escala para o Reyno de Congo.

4 Tanto que o Rey Dom Diogo soube da vinda dos Padres, os mandou receber ao caminho, por dous d'aquelles senhores de seu Reyno, que os viêram tomar mais de fincoenta legoas fóra da corte, festejandoos por todo o caminho com baylos, & cantares a seu modo, & levandoos em cavallos feitiços, conforme ao costume da terra, que he huma machina rude, na forma seguinte: tomam hum pão de bastante grossura, de oito pès em com-

prido, sobre o qual poem hum couro de boy, ao modo de sella, sobre elle se assenta o cavalleiro; levam este pão dous negros aos hombros, hum diante, & outro detrás, hindo sempre alguns de refresco pera se revezarem, quando o caminho he comprido. Nesta forma chegaram á cidade do Salvador, donde o Rey com seus filhos, & toda a sua corte, sahiram a receber os Padres, até huma cruz fóra da cidade, com grandes demõstraçoens de amor, & bom gastralho.

5 Os Padres lhe entregaram huma carta d'el Rey de Portugal (que aqui quero por, pera que se veja o grande zelo, & christandade deste piedosissimo Principe: diz ella assim: *Muito alto, & excellente Principe, & irman. Eu Dom Ioam, por graça de Deos, Rey de Portugal, & dos Algarves, da quem, & dalem mar; em Africa, senhor de Guiné, & da conquista. &c. vos envio muito saudar, como aquelle, que muito prezô, & amo: pelo muito grande desejo, & zelo da christandade de vossos vassallos, & naturaes, de que tanto serviço se segue a nosso Senhor, & tamanha honra a vossa pessoa, & estado. Escolhi, entre os Padres da Companhia de IESU, Christovam Ribeiro, & Iacome Dias, & Jorge Vaz, & o irman Diogo do Soveral, pera os enviar a elle, & ajudarem ao Bispo Dom Ioam Bautista, pessoas muy virtuosas, & de tal*

Carta, que
el Rey Dom
Ioam es-
crevêo ao
Rey de Cõ-
go.

Como foram
recebidos
por el Rey
de Congo.

Anno de
Christo de
1547.

Anno da
Companhia
8.

doutrina, & exemplo, que espero em
nosso Senhor, que nisso farão muito
fructo; pelo que vos rogo muito, que se-
jam de vos recebidos, & tratados com
o di a benignidade, & em todas suas
ousas tam favorecidos como heresãm;
& eu confio delles, & de suas virtu-
tes, que servirão tam bem a nosso Se-
nhor, & a vós, nas cousas de seu officio,
& bem da christandade, que folgueis
vós muito de o fazer assum com elles,
& leveis grande gosto, & contenta-
mento. Rey muy excellente, Principe,
& irman; nosso Senhor haja sempre
vossa pessoa, & real estado em sua sã-
cta guarda. Escrita em Lisboa 9. de
Agosto de 1547.

6 Foy esta carta muy fe-
stejada por aquelle Rey de Cõ-
go: mandou logo agasalhar os
Padres, com toda a liberalida-
de, conforme ao uso da terra,
em casas palhaças, que assi sam
as que tem nas suas povoações.
Nam descan saram muito os Pa-
dres (porque nam hiam a Con-
go buscar descanso) logo tratã-
ram de entender nos negocios
de sua missam. Foram dar obe-
diencia ao Bispo Dom Fr. Ioam
Bautista, religioso da sagrada or-
dem do glorioso Patriarcha S.
Domingos, que os recebeu com
grande benignidade, estimando
muito o novo socorro, que Deos
lhe mandava, pera acodir a suas
ovelhas. E pera melhor effeito
das cousas, que os Padres em-
prendiam, dividiram as occupa-
ções na forma, que podessẽm

cultivar, & instruir nas coulas
de sua salvaçam aos que já esta-
vam bautizados, & trazer à nos-
sa sancta fé aos que ainda esta-
vam cegos com a idolatria, a tu-
do acodiam os quatro religio-
sos, com grande zelo, sendo ne-
sta primeira entrada, em tudo
igoal o fructo; porque o Padre
Christovam Ribeiro em pou-
cos dias instruiu, & bautizou
muitos milhares de almas, nam
perdoando a trabalho nenhum,
correndo varias terras, atravess-
sando mattos, passando mãres,
& vadeando muitos rios. O
mesmo sucedeo ao Padre Iorge
Vaz, com tam prospero suce-
so, que edificou tres Igrejas, à
honra do Senhor, cuja fé com
tanto fervor prégava, huma de-
dicada ao Salvador do mundo,
outra da invocaçam de nossa
Senhora d'Ajuda, a terceira a
Sam Ioam Bautista, acodindo
a tudo. o Rey de Congo, com
grande vontade, & com grande
desejo de satisfazer ao que
tanto lhe encommenda-
va elRey de Por-
tugal.

Bõ successo
desta mis-
sam em seu
principio.



Como os
Padres a-
codiram
ao bẽ des-
tes chris-
tãos.

CAPITULO XXIX.

*Do mais que sucedéo nesta
missam, & de como o fim
nam respondéo a seus
bons princi-
pios.*

I N Em sempre os bõs principios sam peñhores certos de bons fins; & tal vez grandes alicesses, que parece demandavam edificios eternos (que pudessem vencer no tempo os seculos innumeraveis, & competir na altura com as estrellas do firmamento) ficam sepultados, nam menos debaixo do pezo da terra, que no pègo do esquecimento: que nam houve na terra obra mais bem principiada, nem que mostrasse haver de ser mais bem acabada, que a que merecéo o privilegio, & o nome de paraíso terreal, no qual Deos poz ao homem, pera o lograr. E com tudo sabemos de certo, que de toda esta fermosa machina (que por sua grãdeza, & magestade demandava huma eternidade de duraçam) perdéo o homem, em muy breve tempo, & quasi em seus mesmos principios; contentandose Deos com mostrar a Adam, que perdia em hum instante, por ser

^a
Gen. 2. n. 8.
Plantaverat autem Deus paradisum voluptatis a principio.

peccador, o que poderia lograr sempre, se fosse justo.

2 Muy bem principiada esteve por vezes a christandade de Congo; navegavam desta vez os Padres com mar bonança, com vento em popa, bafejado pelo Espirito sancto; porèm como era necessario prégarem cõtra os peccados publicos, assim como reprimiam os vicios no publico, enthesouravam odios no particular; queriam o Rey de Congo, & seus vassallos accitar a fé, & o conhecimento de Deos, mas queriam este Deos feito a seu modo; porque sendo Deos o que fez o homem no principio do mundo à sua imagem^b, hã homens que querem hoje fazer a Deos à sua vontade; como sucedéo antigamente aos filhos de Israel, que enfadados já do Deos verdadeiro, tratavam de fazer divindades falsas; parecendo-lhes que hũ Deos feito por sua mam, lhes ficaria mais à mam, pera viverem a seu modo, & lhe consentir seus peccados.

3 Desta mesma maneira sucedéo agora em Congo, aonde o Rey por huma parte mostrava vontade de ser christam, mas posto que tinha o nome, faltavam-lhe muito as obras; nẽ elle, nem muitos de seus vassallos queriam resistir á sensualidade, que entre elles era muy licenciosa, com o abominavel

*Rezãm por
que estes
christãos
tornãram
atrás.*

^b
Gen. 1. n. 27.
Creavit Deus hominẽ ad imaginẽ, & similitudinẽ suam.

^c
Exo. c. 32. n. 8
Fecerunt sibi vitulũ conflatilem. & adoraverunt &c.

O Rey de Congo era o mais escandaloso.

2. ad Cor. c. 6. n. 15. Quis scietas luci ad tenebras? quæ autem convectio Christi ad Belial.

uso de muitas molheres, & com a continuacão em suas feitiçarias; & como o Rey nestes particulares era o mais escandaloso, era tambem o que menos soffria ser emendado; & queria ajuntar com a pureza da ley de Christo as abominaçoens dos erros genticos: porẽm (como dizia S. Paulo^e) nem as trevas podem ter parentesco algum com a luz, nem a verdade de Christo com a mentira de Belial. Procediam dos avisos dos Padres grandes odios naquella gente barbara, contra seus prẽgadores; o odio gẽrava defacatos, & d'estes naciã desgoztos, & desavenças, nam sô contra os Padres, mas tambem contra todos os Portugueses. Atiçava o fogo o demonio, levantando grandes incendios de perseguicoens, que juntamente abraçassem os nossos, & de todo ponto secassem as raizes, que a fẽ catholica hia lançando em Congo. Já se atreviam a nam guardar respeito à Igreja, já desprezavam seus prẽgadores, & tratavam, com grande calor, de os lançar de suas terras.

4 Vendo os Padres quam pouco respeitada era a christandade entre esta gente, que ainda se mostrava tam barbara nos maos costumes, quam impaciẽte aos bons conselhos; tratãram de falar ao Rey, pera ver se com boas palavras o podiam dobrar,

De como os Padres quizeram falar ao Rey.

& emendar; vãse ao seu paço, aonde lhes nam dêram tam facil entrada (que até estes barbaros sabem difficultar estas entradas, & se atrevem malquistar a seus Reys) esperãram os Padres por muito tempo à porta, & ali se puzeram ao modo dos seus negros requerentes, assentados no cham com muita continencia, em final da reverencia à pessoa real, segundo o uso da terra, & estiveram por muito espaço pretendendo audiencia, sem o Rey barbaro deferir a toda esta humildade, antes dizendolhe (o que parece representava seu porteiro mór) q̃ havia muito que estavam ali os Padres pera lhe falar, respondeo de dentro muito alto (nam como serenissimo, que elle queria ser, mas como impaciẽtissimo, qual na verdade era) com brãdos desentoados, que se fossem, porque lhes nam queria falar. Tam levado estava da paixam brutal, que nam queria dar entrada aos Padres, que lhe pretendiam fechar a porta aos vicios, a que elle dava sala frãca em sua casa; & assim se recolhẽram pera casa, soffrendo bem esta repulsa; & dando graças ao Senhor (como faziam os Apostolos^d) pelos fazer dignos de padecer afriõtas por seu sanctissimo nome.

5 Sentãram os idolatrãs feiticeiros este roim animo no

d
Ad. e. 5. n. 41.
Ibant gaudẽtes à cõspectu cõcilij, quoniam digni habiti sunt, pro nomine Iesu, contra meliam patis

deprado

Como o Rey
de Cogo com-
meçou a
perseguir
aos Padres

Mar. 10. 23.
Cum persequer-
ur vos in civi-
tate ista fugite
in altam.

depravado Rey, & com artes diabolicas o atiffavam mais contra os servos do Senhor; chegou elle a ordenar aos Padres, que nam prègassẽ. Quando elles isto viram, lhe mandaram pedir licença pera se hirem a outros Reynos, que os desejavam, pois nam achavam lugar aonde os pediram; como Christo Senhor nosso, dizia aos Apostolos, que fizessem, quando os nam recebessem em huma cidade. Tanto que o Rey entendeo, que os Padres tam de proposito tratavam de sua partida, arrependido do que tinha dito, lhes mandou rogar, que se nam fossem; nam porque o tal arrependimento nacesse da emenda, que devia ter, mas pelo temor de perder a amizade de hum Rey tam poderoso, como elRey Dom Ioam o terceiro; & por arrecear de perder os ganhos, que à terra lhes traziam os Portugueses; que assim succede a semelhantes peccadores, que fingem grandes arrependimentos, quando tratam de mayores interesses.

6 Ficaram os Padres por entam aproveitando-se d'esta occasiã, continuando, com grande liberdade, em seus sanctos exercicios, de prègar, confessar, & reprender os vicios; porẽm como o coraçam do Rey estava entrado da pe-

çonha, nam pode por muito tempo dissimular o odio, que tinha aos prègadores do Evangelho (porque assim costuma succeder, que huma vez quebrado o freyo do honesto, & virtuoso, se corre despenhadamente em todo o precipicio de maldades) perseguio aos Padres tam duramente, que por vezes estiveram perto do fio do cutello, com que o turbulento Rey os costumava ameaçar. Estendeose o preverfo odio contra os mais Portugueses, faltando pouco que os nam mandasse degolar a todos; porẽm a rezam d'estado (que muitas vezes acaba mais com os Principes, do que os respeitos divinos) fez serenar algum tanto aquelle animo perturbado, perdoando aos Padres, por nam quebrar com elRey de Portugal, cujo grande poder, ainda de tam longe, metia medo a toda Africa: bastou este respeito humano, pera se nam manifestar de todo por outro Herodes sentido, por lhe estranharem sua abominanda sensualidade.

7 Porẽm ainda que o Rey impio atou suas mãos pera ferir, deixou muy solta a lingua pera matar, cousa indigna em pessoas reaes (porque o vassallo generoso melhor sofre o golpe da espada,

Cõtínua a
perseguiçã
do Rey de
Cogo cõtra
os chris-
tãos.

Anno de
Christo de
1547.

Tempo de
Cōzo em-
baixador
de Portu-
gal. & o ir-
mam Diogo
de Soveral.

362

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno da
Companhia
8.

Trabalhos,
& morte
do P. Jorge
Vaz.

que a ferida da **lingua**) Foy o barbaro tanto adiante em sua descomposiçam, que nam soffrèo o embaixador de Portugal tal desaforamento; embarcou-se pera o Reyno, & em sua companhia se veyo o Irmam Diogo de Soveral, com ordem de seu superior, pera dar conta a elRey, & ao Padre mestre Simam, do que passava em Congo; & depois de chegado, se embarcou pera a India, como se a jornada, que fez a Congo, lhe servisse de ensayo pera a navegaçam do Oriente. Ficaram os tres Padres naquelle desterro, sem lhes darem licença pera exercitar seus apostolicos ministerios, sentindo por isto muito mais o trabalho, que padeciam, à vista de tantas almas remidas com o sangue de Christo, sem lhes poderem mostrar o caminho da verdadeira liberdade.

8 Nesta fogueira de calmas, & nesta fragoa de desgostos, sô ficou aos tres Padres o remedio dos tres mancebos na fornalha de Babylonia, dando de decontino graças, & cantando louvores a Deos, por lhes dar tanto que padecer por seu amor: às grandes incommodidades do clima da terra, se foram ajuntando outras maiores do sentimento do coraçam; estas traziam ao Pa-

dre Jorge Vaz, superior da missam, sobre quem mais carregavam os trabalhos, tam consumido, que por obedecer aos companheiros, se houve de sahir da terra, porém já tam desfeito, que em breves dias trocou os trabalhos desta miseravel vida, pelo descanso da eterna, que sem duvida está possuindo, pela muita paciencia, charidade, & longanimidade, com que procedeo todo o tempo em que esteve no Reyno de Congo, prégando àquelles barbaros, & domesticando aquellas feras, tam brutaes em seus costumes, como inconstantes nos propositos; porque se hoje se abrandavam aquellas pedras duras, & seguiam a suavidade da musica d'aquelle seu divino Orpheo (que com a melodia da cithara do Evangelho, lhes queria mudar a natureza de fera, em coraçam de cera) dahi a pouco tornavam atrás, & ficavam tam penhascos, como se cada hum delles tivesse nas entranhas os rochedos do monte Caucaço. E nós tambem por agora os deixemos, que ao diante teremos varias occasioens de ver como os nossos cõtinuaram tam afastada, & trabalhosa missam, na qual, ainda que muitas vezes perdemos o trabalho, sempre asseguramos o premio.

Dan. cap. 3.

CA-

CAPITVLO XXX.

De huma carta, que neste anno de 1547. escreveo nosso Patriarcha sancto Ignacio aos Irmãos do Collegio de Coimbra.

HE muy proprio de hum pay cuidadoso, trazer sempre os olhos sobre os filhos mais queridos, advertindo em suas acçoens, nam menos pera os louvar, quando procedem como virtuosos, que pera os reprehender, quando erram como homens. Doutrina foy esta, que nos leo o mesmo Verbo encarnado em seus discipulos, que amava como pay, & doutrinava como mestre. Teve Sam^a Pedro, sendo dos mais validos, reprehensam com nome de satanás, por huma falta, que se bem naceo de ignorante, nam procedeo de inimigo: teve tambem seus louvores^b, porque soube conhecer a quem seguia como homem, & adorava como a filio de Deos, vendose beatificado da boca do pastor eterno, por saber conhecer quem Christo era. A outros

Apoitolos reprehendeo tambem o Senhor^e de ambiciosos, em pretender, & de nescios em pedir. A outros tambem^a estranhou grandes rigores em castigar culpas pequenas, por nam serem bons discipulos do mestre, que os ensinava, pois quieriam castigar, com furiosos rayos, descuidos de homens ignorantes. Assim o fazia nosso glorioso Patriarcha, como verdadeiro discipulo de tam bom mestre, & vivendo sempre com os olhos, & com o coraçam, sobre o seu muy prezado Collegio de Coimbra, por esta ser a mais preciosa joya, que tinha fora de Roma; & vendo quam bem crecia a fabrica material do Collegio, quiz tambem por carta propria promover o edificio espiritual das virtudes, pera isso lhe escreveo huma carta neste anno de mil, & quinhentos, & quarenta, & sete, & outras poremos nos livros seguintes, que devemos estimar como pedras preciosissimas, & como fundamentaes dos progressos espirituaes, tam bem desejados por nosso glorioso fundador; & he bem que nos andem mais presentes na memoria, que as doze, que em nome das doze Tribus mandou lançar o Patriarcha Josue^e na passagem do povo de Israel,

8.

^c
Matr. c. 20. n.
22. Nescitis
quid petatis.

^d
Luc. c. 6. n. 55

^a
Mar. c. 8. n. 13.
Vade retro Satana, quoniam non sapis quae Dei sunt. &c.

^b
Mar. c. 16. n. 17
Beatus es Simo Barjona, quia caro, & sanguis non revelavit tibi.

^e
Josue c. 4. n. 8.
Duodecim lapides posuit Josue in medio Jordani alveo. &c.

Anno de
Christo de
1547.

364

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno da
Companhia
8. 7. 1.

pera a terra de promissam: & la do ceo, aonde nosso Patriarcha descansa, nos esta excitando a memoria dos bons conselhos, que nestas cartas nos deo, pera que nunca seus filhos deixemos de exercitar por obras, o que tal pay nos advertio por avisos. Referiremos agora aqui a carta, que este anno escreveo a Coimbra, a qual, posto que aos que a lerem pareça comprida, se a filhos memorias de pays nam enfadam, aos nossos, escritas por tal pay, sempre recream: começa a carta desta maneira.

Carta do
P.S. Ignacio.

2 A summa graça, & amor eterno de Iesu Christo nosso Salvador, seja sempre em nosso favor, & ajuda. Amen. Por cartas de mestre Simam, & de Martinho de sancta Cruz, tenho ca frequences novas de todos, & sabe o Senhor, de quem todo o bem depende, de quanta consolacão, & alegria me he saber a que a divina Magestade vos ajuda, assim no estudo das letras, como das virtudes, & bom cheiro dellas, que ainda em partes tam distantes dessas, animam, & edificam a outros, de que todo o bom christam deve ter particular contentamento, pela obrigacão commum, que todos temos a buscar a honra, & gloria do nosso creador, no bem de sua imagem, remida com o sangue, & vida de seu unigenito filho. A mim particularmente cabe grande parte deste gosto, pois estou tam obrigado a vos ter particular amor dentro de minha alma.

Por tudo seja sempre glorificado, & bendito o creador, & Redempcor nosso, de cuja liberalidade infinita mana todo o bem, & graça. Praza a sua divina piedade abrir cada dia mais as fontes de sua divina misericordia, augmentando, & promovendo o que em vossas almas tem principiado. Nem duvido da summa bondade summanamente communicativa de seus bens, & daquelle amor eterno, com que nos quer dar toda a perfeicão (com muito mayor vontade, do que a nos temos pera recebella) que assim o fará: que nam sendo assim, nam nos animara seu eterno filho ao que so de sua divina man podemos alcançar, dizendo: Estote perfecti, sicut & Pater vester caelestis perfectus est. Assim que de sua parte certo he que elle esta prestes, com tanto que da nossa parte de a humildade lugar pera muito se receber de suas grandezas, & ver que usamos be das merces, que ja nos fez, & das que esperamos nos faça de sua divina graça.

3 Nam deixarei neste particular de por esporas, ainda aos que entre vos vam corredo. Que certo vos posso dizer, que muito vos aveis de estremar em ternas & virtudes, se aveis de responder ao que vos fizestes, & fazeis esperar, nam so nesse Reyno de Portugal, senam em outros muito distates; que vistos os socorros, & ajudas interiores, & exteriores, q Deos N. S. vos dá por todas as vias, com rezam esperam de vos fruito miraculoso e extraordinario. E assi he, que a ta grande obrigacão de verer sanctamente,

como

Mar. 5. n. 48.

como tendes, nam satisfaz procedi-
mento ordinario. Uede qual he vossa
vocaçam, & julgareis, que o que em
outros nam serà pouco, o serà em vos:
porque nam vos chamou Deos das tre-
vas, á admiravel luz sua, passãdo vos ao
Reyno de seu filho muito amado (como
aos mais fieis) mas pera que melhor cõ-
servasseis a pureza de vossa alma, & ti-
vesseis mais unido o amor nas cousas es-
pirituaes de seu serviço, ouve por bẽ ti-
rãr vos do perigoso golfam deste mûdo, a
fim de nam perigar vossa consciencia no
meyo das tormentas, que nelle costuma
levantar, de hũa parte o vento do dese-
jo, ora de riquezas, ora de honras, ora
de deleites. E de outra: o do temor
de perder tudo isto. E tambem pera q̃
estas cousas baixas se nam apoderasse
de vosso entendimento, & amor, fazen-
do repartir por varias partes, & vos
pudesseis todos converter, & empregar
naquillo pera que fostes criados, que
he a gloria de Deos, & a vossa salva-
çam, & dos proximos.

4 E dado que a este alvo tirem
os institutos da vida religiosa, com tu-
do a divina bondade vos tem cha-
mado a este, onde nam com huma gê-
ral direcçam, mas metendo nisto todo
o cabedal de vossa vida, & trabalhos,
haveis de fazer de vós hum continuo
sacrificio à divina gloria, & honra,
& salvaçam dos proximos; traba-
lhando nella com o exemplo, & af-
fectuosas oraçoens, com que a divina
providencia ordenou, que huns a outros
nos ajudassemos. Donde poderẽis entẽ-
der, quam nõbre, & real he o modo de
viver, que tendes escolhido, pois nam so-

mente entre homens, mas ainda entre
anjos nam se podem achar exercicios
mais nobres dos que sam glorificar ao
creador em sy, & reduzir a elle suas
criaturas, em quanto sam capazes da
participaçam da divina gloria. Assim
que consideray vossa profissam, pera de
humã parte vos consolardes, & dardes
ao Senhor infinitas graças por tãtos be-
neficios, & doutra pedirlhe especial fa-
vor, pera responder a ella, ajudados de
grande esforço, & diligencia, que vos
he muy necessaria pera sabirdes cõ fins
tam importantes. Por amor de IESU
Christo nõso Senhor, & Redemptor, que
esquecendovos do que fica atràs, vos es-
tendais com S. Paulo, ao muito que
vos fica por andar no caminho da per-
feiçam. A froxidam, tibieza, & fastio
do estudo, & dos mais exercicios virtu-
osos, aveyos por inimigos declarados dos
fins, que pertendeis; nem consintais, que
vos levem ventagem os filhos deste mû-
do, em buscar, com mais industria, &
cuidado, as cousas temporaes, que vos ou-
tros as eternas. Em vergonhaivos, que
elles corrà cõ mayor pressa pera a mor-
te, do que vós pera a vida. Tendevos por
homẽs pera pouco, se virdes que hũ cor-
tesam serve com mais cuidado, a fim
de grangear a valia do Principe da ter-
ra, que vós a do Rey do cõ: & se hum
soldado por hũ fumo da honra da victo-
ria, & algũ despojo, se poem em cãpo
cõ mais determinaçam, que vós pela glo-
ria, que vós pelo senhorio do mûdo, e de
vós mesmos; nam vos seja esta fraqueza
de pouco pejo, & vergnoha. Nam sejais,
por amor de N. S. remissos no exerci-
cio, & guerra da cõquista da perfeiçã,

b
ad Phil. c. 3. n.
3. Quæ retro
sunt oblivif-
cens. &c.

Anno de
Christo de
1547.

366

Anno da
Cpanhia
8.

tendo entendido o que diz o sabio, que o arco quebra por estar sempre entesado, & o animo por estar remisso, & a alma dos que trabalham se fortalece, & engrossa, como diz a Scriptura.

5 Procuray de entreter o favor sancto, pera trabalhar no estudo das letras, & da virtude, que assim em hum, como em outro, val mais hum aeto intenso, que muitos remissos; & o que nam alcança hum froxo em muitos annos, hum diligente costuma alcançar em breve tempo. Nas letras está clara esta differença: a mesma he no vencer das paixoens, & fraquezas, a que nossa natureza está sojeita. E no adquirir das virtudes certo he, que os remissos, porque nam pelezam contra sy, tarde, ou nunca chegam a gozar da paz de sua alma, nem a possuir algũa virtude perfeitamente. Sendo assim, que os fervorosos, & diligentes em breve tempo passam avante em huma coisa, & outra. Pois o verdadeiro contentamento, que nesta vida pôde haver, a experiencia mostra, que se nam achamos froxos, & remissos, senam nos que sam ferventes no serviço divino. Porque esforçandose de sua parte a se vencer a sy mesmos, & a cortar pelo amor proprio, desarreigam de sy as paixoens interiores, & as inclinaçoens viciosas de sua alma. E tambem com alcançar os habitos das virtudes, vem como naturalmente a obrar com facilidade, & alegria, conforme a elles. Pois com porem o peito à virtude, se dispoem a receber da mam de Deos, pijsimo consolador, a suavidade de suas consola-

çoens, pois ao vencedor se dà o manna escondido. Pelo contrario, a tibieza he causa de viver hum com molestias, nam deixando tirar a causa dellas, que he o amor proprio, & desmerecendo em tudo o favor divino.

6 Per tanto deveis trabalhar mais de proposito em vossos louvaveis exercicios, que nesta vida sentireis o fruto do sancto fervor, nam so na perfeiçam de vossas almas, mas ainda no contentamento da presente vida. Pois se atentais pera o premio da eterna (em que todos deviamos frequentemente por os olhos) facilmente vos persuadiria S. Paulo, que nam tem que ver os trabalhos deste mundo pera a futura gloria do outro, a qual se manifestará em nós, porque o momentaneo, & leve de nossa tribulaçam, nos causa hum pezo de gloria sobre maneira excellente, & eterno. E se isto he assim em todo o christam, que honra, & serve a Deos, facilmente podeis ver quanta será vossa coroa, se respondeis a vosso instituto, que he nam somente servir de a Deos em vossa pessoa, mas trazerdes a outros muitos a honra, & serviço do mesmo Senhor, sendo do numero daquelles, que instruem a outros, & os trazem a virtude, & par isso resplandeceram como estrellas do firmamento por toda a eternidade. Este louvor dà a Scriptura sagrada aos que diligentemente se empregam em seu officio, assim he depois de exercitar as armas, como d'antes em as apparelhar. Que doutra maneira certo he, que nam basta entender em obras, que de sy sam boas, pois nos dirá o Propheta Iere-

d
ad Rom. c. 8.
n. 18. Nō sunt
condignz pas-
sionēs huius tē-
poris ad futurā
gloriā, quz re-
velabitur in
nobis.

d
Dan. c. 12. n. 3
Fulgebūt quasi
stellz in perpe-
tuas æternita-
tes.

mias; e que maldito he aquelle que faz as obras de Deos com negligencia: & S. Paulo; que muitos correm as parellhas, mas hum só recebe o premio; & que nam será coroadado, senam o que legitimamente pelejar: que quer dizer o que bem trabalhar.

CAPITVLO XXXI.

Continua a doutrina da mesma carta de S. Ignacio.

Sobre tudo isto queria se acedesse em vos o amor puro de nosso Senhor, & Redemptor; & o desejo de sua honra, & da salvaçam das almas (que elle tanto à sua custa remio) tendo a isto particular obrigaçam, pois sois soldados seus, com especial titulo, & soldo nesta sua Companhia. Digo especial, porque outros muitos hã geraes, que grandemente nos obrigam a zelar seu serviço, & honra. Soldo seu he todo o natural que sois, & tendes, pois de sua mam recebestes, & hoje possuis todas as partes, & perfeçoens da alma, & corpo, & bens exteriores. Soldo seu sam os bens espirituaes de sua graça, com que tam liberal, & benignamente nos anticipou, & nam deixa de os conservar em nós, sendo tam rebeldes, & contrarios a sua divina vontade. Soldo seu sam os inestimaveis bens da gloria, a qual (sem dahi lhe vir algum proveito) vos tem aparelhada, & prometida, communicandovos todos os thesouros de sua bemaventurança, per a que seiais por

humamente participaçam de suas perfeçoens, o que elle he por sua essencia, & natureza. Soldo he finalmente todo o mundo universo, & quanto nelle se contem, assim corporal, como espiritual, pois nam somente Deos tem posto em nosso ministerio quanto hã debaixo do céu, mas toda aquella sua alta corte, sem perdoar a nenhuma das hierarchias celestiaes, pois todos os espiritos bemaventurados se occupam em servir áquelles, que entram na herança da salvaçam eterna. E porque todos estes soldos nam bastavam, se fez a sy mesmo preço nosso, dandosenos por irmam na mesma natureza, por preço de nossa redempçam na Cruz, por mantimento, mesinha, & companhia de nossa peregrinaçam na sagrada Eucharistia. O quam mão soldado he, a quem nam bastam tantos soldos, pera se animar a trabalhar pela honra do seu Principe? Pois he certo, que por nos obrigar ao procurar, & desejar cõ mais promptidam, quiz sua divina Magestade anticiparnos com estes incomparaveis, & custosos beneficios, despojando (em certo modo) sua perfectissima felicidade de seus bens, por nos fazer participantes delles, pois tomou nossas miserias pera nos isentar dellas, quiz ser vendido por nos resgatar, infamado por nos honrar, pobre por nos enriquecer, morto com tanta ignominia por nos dar vida immortal, & bemaventurada.

2 O quam estranha ingraticam, & dureza he a de quem, com tudo isto, nam se dà por muy obrigado a ser muy diligente em procurar a honra, &

Anno da
Christo de
1547.

368

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno da
Companhia
8.

louvor de Christo N.S. E se vedes esta obrigacão, & vos desejais empregar em seu divino serviço, em tempo estais, em que he necessario mostrar por obras vosso desejo. Ponde os olhos em todas as partes do mundo; buscai, & vede onde he hõrada a divina Magestade; onde venerada sua immensa grãdeza; onde conhecida sua sabedoria, & infinita bondade; onde se cõpra sua vortade santissima, & nam vos causarã pequena dor, ver como no mundo he ignorado, desprezado, blasfemado seu sancto nome, & a doutrina de Christo, eterna sabedoria, deseparada; seu exeplo esquecido, o preço de seu sangue, em certo modo, perdido de nossa parte, por aver tã poucos, q̃ delle se aproveite. Põde os olhos em vossos proximos, como em hũa imagẽ da santissima Trindade, & capaz de sua gloria, tẽplos do Spirito S. mẽbros de Christo S.N. remidos cõ rãtas dores, infamias, & seu sangue. Vede em quãta miseria se acham metidos em tã profundas trevas de ignorãcia, & tã tãpestade de desejos, & vãos temores, & tã outras perturbações conquistados, & batidos por todas as partes de tantos inimigos visiveis, & invisiveis, a risco de perder, nam a fazeda, ou vida tẽporal, senam o Reyno, & felicidade eterna, & de cair na intoleravel miseria, & fogo do inferno. Digo, por resumir em poucas palavras, q̃ se he cõsiderais a obrigacão, q̃ tẽdes de tornar pela hõra de Iesu Christo S.N. & pela salvaçã dos proximos, entẽdereis quã devida coisa he, q̃ vos desponhais a todo o trabalho, pera vos fazer idoneos instrumentos da graça divina pera este effeito, mormẽte avẽdo

hoje tam poucos obreiros, q̃ buscam a sy, e nam a Iesu Christo, & por isso muito mais vos deveis esforçar, cõ levar por diãte o em que outros faltam, pois Deos vos fez esta particular graça da vocaçã, a que vos chamou, & dos propósitos, & desejos, que vos dá.

3 O q̃ atẽ aqui tenho dito pera espertar que dorme, & fazer correr que pouco anda, nam hãde ser occasiã de dar em outro estremo de fervores indiscretos, que as doẽças nam procedẽ sormẽte de cousas frias, qual he a ribieza, mas tãbẽ de cousas quẽtes, qual he o demasiado fervor; racionavel devaçã, diz S. Paulo, cõformãdo se cõ o do Psalmista B. A hõra do Rey ama o juizo, que quer dizer a discricã; & o que se figurava no Levitico, onde Deos mãdava, que tẽ todo o sacrificio se offercesse sal, que significa a sabedoria. E he assi que nenhu ardu mais efficaç tẽ o inimigo da natureza humana, pera tirar do coraçã a verdadeira charidade, como fazer que se proceda nella incautamente, & nam cõforme a rezã superior. Em nada sejas nimio, disse o outro. E assi se deve guardar ainda na mesma justica, como ledes no Ecclesiastico. Nam queiras ser demasiadamente justo, que a nam ter esta moderaçã, o bẽ se cõverte em mal, e a virtude em vicio, & nasce outros inconvenientes, que encotram a tẽçã de que assi caminha. O primeiro he, q̃ nam põde servir a Deos muito tempo, como acõrece nã chegar ao fim do caminho, o cavallo, q̃ no principio faz muycõpridas jornadas, antes costuma ser, que vẽ a occupar outros em o servir. O segũdo, que nã costuma ser de dura o que assi cami-

f
ad Rom. 12. n.
1. Rationabile
obsequium ve-
strum &c.

g
Pf 98. n. 4.
Honor regis iu-
dicium diligit.

h
Lev. c. 2. n. 13.
Quodcumque
obsteris fac
isale conditum.

i
Ter. in And. Sed
arbitror in vita
esse maxime
utile, ut nequid
nimis.

l
Eccl. c. 7. n. 17.
Noli esse mul-
tum iustus.

inha

nhã cõ demasiada pressa, q̃ ainda nisto
tẽ lugar o que diz a Scriptura; q̃ a fa-
zẽda depressa adquirida, facilmete se a-
caba. E nam sò se diminúe, mas he cau-
sa de cair, porque como diz a Scriptura:
Quẽ se apressa muito, nã deixa de em-
bicar, e tãto a queda he mais arriscá-
da, quãto he de mais alto, nã parãdo tẽ
o ultimo degrão. O terceiro he, q̃ quẽ assi
procede, nã atẽta no perigo, q̃ hã e car-
regar muito a barca. Bẽ he verdade, q̃
hã perigo em ser vasia, e cõ pouca les-
tro, por q̃ qualquer tẽtaçã a leva de hũa
parte pera a outra. Porẽ mór perigo hã
cõ a carregar tãto, que se vã a pique ao
fudo. O quarto he, acõtecer, q̃ por cru-
cificar o homẽ velho, se crucifica o novo,
trazẽdo a nã poder por fraqueza ex-
ercitar as virtudes, e obras sãctas, que
segũdo S. Bernardo, quatro cousas se ti-
ram por este excesso injustamete; ao cor-
po a execuçã das boas obras: à alma
o affecto: ao proximo o exemplo: a Deos
a honra. Donde infere, que fica com en-
cargõ de tudo isto, como hũ sacrilego, por
assi tratar o vivo exemplo de Deos.

4 Diziamos, que tirava o exẽplo ao
proximo, por q̃ a queda de hũ espãta, e
em tibia a muitos no caminho espiritual,
e ainda costuma dar escãdalo. E por esse
respeito se chamã divisões da uniã, e in-
migos da paz, alẽ do mal, q̃ a sy mesmos
se fazẽ cõ soberba, e vã gloria, preferindo
seu juizo ao de todos, e pelo menos sur-
pãdo o q̃ nã he seu, que he fazerẽse jui-
zes de suas cousas, pedindo a rezã que o
seja seu superior. Alẽ destes hã outros,
incõvenientes, como he carregarse tãto
de armas, que nã se possã ajudar dellas,
como David^m das de Saul: e profer de

esporas, e nã de freyo, ao cavallo, de sua
natureza impetuosa: demaneira, que ne-
ste particular he mui importãte a discri-
çã, q̃ modera os exercicios virtuosos
ẽtre os estremos. E como bẽ avisa S. Ber-
nardo, nã se hãde crer sẽpre à boa võ-
tade, mas hãse de ordenar, e reger prin-
cipalmete no q̃ começa, pera que nã acõ-
teça ser máo pera si, que quer ser bõ pe-
ra outros. O que he máo pera si, pera que
poderã ser bõ? E se vos parece que a dis-
criçã he cousa rara, e difficil de alcãçar,
ao menos suprã a falta della cõ a obediẽ-
cia, e cõselho do superior, que sẽpre serã
seguro. E se algũ quizer seguir atẽ seu
parecer, ouça o que o mĩsmo S. Bernar-
do diz; que o que se faz sã cõsentimẽto,
e võtade do pay espiritual, nam se conta
por merecimẽto, mas por vã gloria. Lẽ-
brese que he crime de idolatria nã se so-
geitar, e poccado de agoureiro nã obede-
cer, como diz a Scriptura. Assi que pera
tomar o meyo entre a tibieza, e o fervor
indiscreto, importa tomar por guta a sã-
cta obediẽcia: e se no tẽpo do estudo ten-
des grãde desejo de mortificaçã, em-
pregayo antes em quebrar vossas võtã-
des, e sogeitar os juizos debaixo do
jugo da obediẽcia; que em debilitar, e
afligir os corpos, sã a devida moderaçã.

5 Nam quera cõ tudo, que pelo
que tenho dito, cuidassẽs que me desa-
gradam algũas vossas mortificaçoens:
que estas, e outras louscuras sanctas sei-
eu que as usam os sanctos pera seu pro-
veito, e sam uteis pera hũ se vècer, e
aquirir mais copiosa graça, mĩrmente
nos principios: porẽ em tẽpo de estudos, e
a quẽ tẽ ja mais dominio sobre o amor
proprio pela graça divina; e que tenho

escripto

Anno de
Christo de
1547.

370

Anno da
Cpãnhia
8.

Joã. c. 13 n. 34
Hoc est præ-
ceptum meū,
ut diligatis in-
vicem.

escrito de reduzirse à mediocridade da sancta discricam, tenho por melhor: nam vos apartando da obediencia, a qual vos encomêdo muy encarecidamēte, junto com aquella virtude, perfeiçã, & compendio de todas as outras, que Iesu Christo nosso Senhor tanto encareceo, chamado seu ao preceito della, que vos ameis hũs a outros, como eu vos amei, & nam somente que entre vós cōserveis o fraternal amor, & uniã de charidade, mas ainda o estēdais em vossas almas á salvaçã dos proximos, pezãdo o que cada hũ delles val, pelo preço que custou pelo sãgue, & vida de Christo nosso Deos, & Senhor; porque aparelhãdo de hũ a parte as letras, & de outra augmentãdo a charidade, vos façais inteireros instrumentos da divina graça, & cooperadores desta altissima obra de reduzir a Deos, supremo fim, suas criaturas.

6 E neste meyo tēpo, em que sois estudãtes, nam vos pareça que sois muiteis ao proximo, porque ãle de vos aproveitardes a vós, como pede a charidade ordenada, servis ao proximo em muitas maneiras, pera gloria, & honra divina. A primeira cō o trabalho presente, & cō o fim cō que o tomais, ordenãdo tudo pera sua edificaçã. Que os soldados em quãto attendem a se prover de armas, & munçoões, pera a empresa, que se espera, nam se pode dizer, que seu trabalho nã he em serviço do seu Principe. E dado que a morte atalhãse a algũ, antes de se começar a communicar exteriormente ao proximo; nem por isso deixa de o ter servido no trabalho, que poz em se aprestar, & aperceber. O qual, ãlem da tençã cō que se

toma, se devia cada dia offerecer a Deos nosso Senhor pelos proximos; que sendo o Senhor servido de o aceitar, podia ser instrumento pera ajudar ao proximo, nam de menos importãcia, que o pregar, ou confessar. O segundo modo de o ajudar, he serdes vós mesmos muy virtuosos, & sanctos, pera assim serdes idoneos de fazer tães os proximos, quães vós sois, porque o modo que Deos omnipotēte quer se guarde nas gerações naturaes, quer tãbem proporcionadamente nas espirituaes. Mostrão a Philosophia por experiencia: que na gēraçam de hum animal, ãlem das causas gēraes, como sam os céos, se requiere agente immediato da mesma especie, que tenha a forma, que hà de introduzir em outros sujeitos da mesma maneira, pera por em outros a forma de humildade, paciencia, & charidade, quer a divina sabidoria, que a causa immediata, de que elle usa como instrumento (qual he o pregador, ou confessor) seja humilde, paciente, & charitativa: de maneira que, como vos dizia, aperfeçoãdo vos a vós em toda a virtude, servis grãdemente ao proximo, porque nã aparelhais menos, antes mais alto instrumento, pera se lhe dar a graça cō a boa vida, & com a doutrina; dado que hũa, & outra cousa requer o que há de ser perfeito instrumento da salvaçam das almas.

7 O terceiro modo de ajudar o proximo, he com bom exemplo de vida, & desta (como vos dizia) pela graça divina, sabe o bom cheiro desse Collegio, que edifica muito em outras partes fora desse Reyno. E espero no

Autor

Autor de todo o bem, que seus doens em vós continuarão, & irão em crescimento; pera que crescendo cada dia mais em toda a perfeição, creça, sem o pretenderdes, este sancto cheiro, & edificação, que dahi se estende por tantas partes. O quarto modo de ajudar as almas, & que comprehende muito, consiste nos sanctos desejos, & orações: & dado que o estudo vós leve muito tempo, pôde com tudo, com desejos, recompensar o tempo, aquelle, que com todos os seus exercicios, tomados puramente por serviço de Deos, os faz oração continua; mas misto, & em todas as mais cousas, mais ao perto tendes com quem em particular as possa conferir, & por esta causa pudera eu excusar parte do que escrevo; porém fazendo isto tam poucas vezes, & tendo-me dito, que desejaveis alguma carta minha, me quiz por esta vez consolar com vosco, escrevendo largamente.

8 Nam mais por hora, que rogar a Deos nosso Senhor, & Redemptor, que como lhe aprouve fazervos graça de vos chamar, & darvos efficaç vontade, pera vos entregardes a seu serviço; assim seja servido continuar, & augmentar seus doens em todos, pera que sempre creçaes, & persevereis em seu serviço divino, pera muita honra, & gloria sua, & ajuda de sua sancta Igreja. Amen. De Roma, a 27. de Mayo de 1547.

Vosso em o Senhor nosso
Ignacio.

9 Esta he a carta, cheia de tam admiravel doutrina, & de tam rara prudencia, que aqui

toda por extenso tresladei, por fazer este serviço aos Irmãos do Collegio de Coimbra, aos quaes o sancto escreveu entam, & a quem eu a offerço agora.

CAPITULO XXXII.

Da mudança do Reitorado do Padre Luis Gõçalves da Camara, & de alguns fogeitos, que no anno de 1548. entraram na Companhia.

Vremos neste capitulo hum notavel lanço do governo do Provincial de Portugal, & huma rara fogação do Reitor de Coimbra; que se bem a hũs deo occasiã de o estranharẽ, a outros deo materia de se edificarem. Esquecerse hum fogeito illustre do que era em sua minice, liçã he de S. Paulo: querer porém igoalar grandes, & pequenos nos mesmos exercicios da virtude, & nos mesmos officios de humildade, tem suas difficuldades; porque talvez nam succederã ao mais velho, o que era proveitoso ao de menor idade, & nam poderã o mais moço com o que se atreve o valor, & prudencia do mais anciã: agora veremos, como

^a
1. a. I Cor. c. 15.
11. 12. Quando
aurẽ factus sũ
vir evacuavi
quẽ erant par-
vuli.

Anno da
Christo de
1548.

372

Anno da
Companhia
9.º ANO

se houve hum varãam perfeito com a occupaçam de hum moço ordinario; & como se portou hum Reytor do Collegio com o officio do cosinheiro da casa.

2. Dissemos no capitulo 17. como na ausencia do Padre Martinho de S. Cruz (hido a Roma a negocios do Collegio de Coimbra, do qual tres annos fora Reytor) fizera o Padre mestre Simam terceiro Reytor d'aquelle Collegio (morgado de toda a Companhia) ao Padre Luis Gonçalves da Camara. Procedeo elle em seu officio, como se podia esperar de sua qualidade, & prudencia: veyo neste comenos a festa do Natal em vesporas do anno de 1548. (em o qual entramos nesta historia) & desejando o Padre mestre Simam de hir passar aquella sancta noite em companhia de seus irmãos, & religiosos do Collegio de Coimbra (como costumava fazer em semelhantes solemnidades) se foy de Almeirin (aonde entam residia a corte.) a Coimbra, aonde tinha o coraçam: depois de passada aquella bemaventurada noite (com a devaçam, & espirito, que se costuma naquelle sancto Collegio) no dia da primeira oitava do Natal, estando os religiosos todos juntos, chamados pera aquella aççam, aliviou o Padre mestre Simam

ao Padre Luis Gonçalves da Camara do officio, & cargo de Reytor do Collegio (nomeando em seu lugar ao Padre Luis da Grã) & pera que nam effivesse ocioso, lhe encommendou o cargo da cosinha.

3. Grande admiraçam causou mudança tam repentina no tempo, & tam desigoal nas occupaçoens: salto foy este de gloria, pera quem so desejava desprezar-se, & de grande merecimento, pera quem só pretendia abnegar-se. Mostrou o Padre Luis Gonçalves, que nada lhe faltava de primor pera exercitar cargos honrados, & que lhe sobejava o valor, pera receber officios abastidos: aceitou este humilde despacho, com mais satisfaçam, & alegria, do que outros receberiam os melhores cargos do mundo: tal se achava entre as grosserias do officio, como outros entre as policias da corte: assim vivia na cosinha, como se della fosse natural: acodia com toda a pressa a esta sua nova occupaçam, & nam perdoava a trabalho, nem menos a assistencia, empregando neste humilde exercicio todas as suas boas partes, de que Deos o tinha dotado, de illustre, de cortesam, de prudente, de avisado, de confiado, & de sancto: todos os instrumentos da cosinha lhe estavam em grãde obrigaçam, pela limpeza cõ

Como o P.
Luis Gonçalves foy
feito cosinheiro.

Como o P.
Luis Gonçalves se
applicava
ao officio
de cosinheiro.

Vay o P. M.
Simam pelo
Natal a
Coimbra.

que

que os trazia luzidos, & pelo cuidado com que curava das alfayas d'aquella pebre officina; que hum varã exemplar, que poem os os olhos em Deos, com igual animo, se emprega em occupaçoens grandiosas, & se exercita em officios mais abatidos.

4 Varios juizos se fizeram por muy calificados entendimentos, sobre mudanças de occupaçam tam alta, & tam baixa, vendo hum homem tam insigne apeado da dignidade em que estava, pera occupaçam tam humilde, em que se via. Pasmou toda a Companhia, que naquelle tempo havia em Europa, de que na de Portugal (que entam era a que parece tinha vindo do cèu) houvesse rezã pera ser tratado com tam riguroso, & insolito decreto hum unico Reytor (de tam numeroso Collegio, primeiro na Companhia) sendo elle tam illustre pela qualidade, filho de hum dos mais conhecidos fidalgos do Reyno, benemerito por suas boas partes, virtudes, & letras, aceito à pessoa do Rey, capaz de todas as confianças reaes, presentes, & futuras, como os tempos bem mostraram: porèm nõs, assim como nam sabemos faltas, que houvesse em hum Reytor, aquem sobejavam tantos bons talentos, assim en-

tendemos, que o Padre mestre Simam (como era varãm dotado de hum espirito tam levantado, tam fóra do caminho ordinario, & como tinha tanto conceito da virtude do Padre Luis Gonçalves) desejando, que os da Companhia estivessem aparelhados, nam sò pera guardarem o voto, que fazem de nam pretender honras, antes de as ter, mas tambem, que as soubessem deixar, depois de as possuir, por isso quiz neste caso darnos exêplo a todos de verdadeira humildade, pera que à vista de hũ Reytor feito cofinheiro, soubessemos, que na casa de Deos os mais honrados sam os mais confiados; & q̃ na Religiam sam de igual autoridade as dignidades lustrosas, & os officios humildes: segũdo o cõselho de Christo,^b o qual nos diz, que quãdo nos virmos mais avētajados nõ merecer, entam nos tenhamos por menos proveitosos no servir; & quando chegarmos a fazer tudo, entã entēdamos, q̃ se nos deve nada. Agora encontramos aqui cõ hũ Reytor, q̃ ainda era mãcebo, metido em hũa cofinha, ao diãte encontraremos, na mesma officina, a hũ velho, q̃ tinha sido Provincial; este foy o P. Leam Hēriques, q̃ tambẽ nos deixou semelhante exêplo, como veremos em seu lugar.

4 Feita esta troca entre os dous PP. Luis Gõcalves, & Luis

Do q̃ algũs
sentiram
desta mu-
dança do
P. Luis Gõ
calves.

b
Luc. 17. 10.
Cum feceritis
omnia quæ præ-
cepta sunt vo-
bis, dicite servi
inutiles sumus.

Anno de
Christo de
1548.

374

Anno da
Companhia
9.

da Grã; nam faltaram curiosos, que descursaram sobre estes dous provimentos, qual dos dous Reyttores ficaria com mayor satisfacção, se o que era levantado a governar o Collegio, se o que fora apeado pera servir na cozinha? Muitos defendiam, que melhor fora a sorte do que ficava antregue nas mãos da sancta humildade: eu bem entendendo, que he cousa ordinaria louvar as occupaçoens baixas; porém vejo, que mais fazem os homens pelas que sam lustrosas; que se assim nam fora, nam viramos no mundo tantas guerras entre seculares, & tantas paixoens entre religiosos; mas o certo he, que entre os servos de Deos he de grande quietaçam a vida levada em exercicios humildes, sendo as occupaçoens lustrosas, cheyas de perpetuas cruces interiores, & ficando sempre os pinaculos mais altos, expostos a quedas mais perigosas. Era o Padre Luis da Grã (que succedeo no Reytorado) pessoa em quem assentavam bem estas, & outras mayores dignidades: foy natural de Lisboa, douto, & nobre, de singular bondade, bella natureza, com grande brandura, & suavidade de costumes. Depois de governar o Collegio de Coimbra, por espaço de cinco annos, foy à missam do Bra-

P. Luis da
Grã, suas
boas partes.

sil, aonde foy Provincial (como adiante veremos) com grande satisfacção, assi dos subditos, pera os quaes era amoroso pay, como dos Indios, de quem parece foy verdadeiro Apostolo.

5 Deste mesmo tempo acho grandes memorias de muitos, & muy notaveis sogeitos, que nesta conjunçam trouxe Deos à Companhia. Neste anno de 1548. entrou o Padre Marcos Iorge, natural de Coimbra, licenciado em Canones, & com grande credito de letrado naquella faculdade, que depois accrescentou, com o muito estudo, & grandes progressos da sagrada Theologia na Companhia, na qual foy agraduado doutor, entre os primeiros, que com este grão sahiram laureados na Univerfidade de Evora. E com ser grande a satisfacção, que dava de suas letras, muito mayor era a que havia de suas virtudes. Foy varram muito humilde, & quando se via mais honrado, com mayor vontade fugia de ser estimado, declarando com muita singeleza o humilde solar de que procedia; havendo que sò mereciam favores levantados, os que nam tinham qualidade de officiaes, como elle dizia, que era seu pay: porém quanto mais se desejava ver desprezado, & destimado, tanto era mayor

Entra na
Companhia
P. Marcos
Iorge.

o preço

o preço em q̃ o tinham, & melhor a estima, que d'elle faziam; porque a honra segue com melhor desvelo aos que a fogem com mayor cuidado; & o preço & estimaçam da pessoa mais se deve às obras boas, que aos p̃ays fidalgos; porque a verdadeira nobreza nam he (como bem disse o outro °) a que foy herdada por progenitores já mortos, mas he a exercitada por virtudes entre os vivos.

6 Teve este Padre na Cõpanhia tanto zelo da boa criação dos mininos, em sua primeira idade, pera que lhe nam faltasse o conhecimẽto, que deviam ter dos mysterios da fé, proporcionado a seus tẽros annos, que fez hũ breve extracto da doutrina christã (com declaraçam particular de toda ella) muy accõmodado em dialogos, pera mininos, ao qual cõmumente chamamos Cartilha, que he verdadeiramente hum livrinho de ouro, porque em tam breve volume recolhe grandes thesouros, & como o anel pequeno de Pompeo Magno, ostenta grandes triumphos, nam de barbaros fogeitos por violencia de armas, mas da barbaria desterrada por suavidade de doutrina; triumphos por certo, tanto mais dignos de ser estimados, quanto mais he aventajado o preço das almas bem doutrinadas, que as

victorias dos corpos mal cõquistados.

7 Fezse esta cartilha pelo Padre Marcos Iorge, mas á instancia do serenissimo Cardeal Dom Henrique, Legado apostolico, & Inquisidor gẽral destes Reynos, pelo grande zelo, que tinha da boa criação dos Portugueses, em sua tenra idade; de maneira, que àquelle bom Padre se deve o trabalho d'aquella excellente obra; & a este excellentissimo Principe se deve a gloria de tam copioso fruto; porque nam se pòde ver quanto redundou em bem de todo este Reyno, pera conhecimento, & proveito nas cousas da fé, nos pequedos, & nos mayores. E pera que logo viesse a conhecimento de todos, mandou o serenissimo Infante repartir por todo o Reyno muitos milhares d'estes tratados, á custa de sua real fazenda, fazendoos dar de graça, pera de melhor vontade os trazerem todos nas mãos; & com esta sancta usura alcançar ganhos dobrados, & melhores interesses. Este foy o primeiro livro, que da Companhia se imprimio em Portugal; & ainda que o volume foy pequeno, com tudo o principio foy ditoso, pelos muitos, que com grande gloria d'esta provincia tem

Juven. sat. 8.
Tota licet veteres exornent
undique ceræ
Atria, nobilitas sola est, ar-
que unica vir-
tas.

o P. Marcos Iorge
foy author
da Cartilha.

Fruto, q̃
se recolheo
da Cartilha.

Anno de
Christo de
1548.

376

Anno da
Cipanhia
9.

sahido. Foy o Padre Marcos Ior-
ge, por sua muita authoridade, e
suas grãdes letras eleito Procu-
rador a hũa Congregaçam de
Roma, em a qual padeceo mui-
tos trabalhos, por hir sê cõpa-
nheiro, de q̃ finalmete se lhe o-
riginou a morte, cõ que veyo a
dar ditoso remate a sua santa vi-
da, como tocaremos adiante no
cap. 1. livro 3.

Entra na
Cõpanhia
P. Iorge
Rijo.

8 Foy o segũdo, q̃ nesta cõ-
junçam illustrou o numero do
Collegio de Coimbra, o P. Iorge
Rijo, q̃ sêpre serà de muy santa,
& muy saudosa memoria, pera
todos os habitadores d'aquelle
Collegio, no qual, por espaço de
50. annos foy ministro, com a
mayor vigilancia, & cõ a mais
trasordinaria aceitaçam, que ex-
plicar se pòde; & tenho por grã-
de consolaçam minha ter alcã-
çado ainda muitos annos a este
bom Padre, que era hum vivo
exemplar de mansidam, & de
sanctidade. Foy nobre, natural
do lugar de Sam. Ioam da talha
defronte de Sacavem, arrebal-
de de Lisboa; & hum dos mais
raros fogeitos, que a Compa-
nhia logrou, desde seu nacimẽ-
to, até hoje; varã dotado de
prudencia singular, de angelica
pureza, de modestia admiravel,
& de charidade rara: em mais
de 50. annos, q̃ governou o Col-
legio de Coimbra, com o cargo
de ministro (q̃ entre nõs tem o
cuidado de todo o temporal da

casa, cõ subordenaçam ao Rey-
tor) procedeo sêpre cõ tal igual-
dade, pera com os subditos, com
tam grande cuidado de acodir
ao necessario, que nam ouve em
tam largo tempo (sendo este of-
ficio tam exposto a queixas) al-
gum, que com fundamento se
queixasse do Padre Iorge Rijo:
assim amava a todos, como se
fosse pay de cada hũ; assim cura-
va dos enfermos, como se nam
tivesse outros cuidados: & em
resoluçam foy o P. Iorge Rijo
hũ dos mais sanctos, & dos mais
exẽplares, & apontados religio-
sos, q̃ teve esta provincia de Por-
tugal; verdadeiro Israelita, no
qual nunca houve engano; & no
qual sempre reynou a verdade.
E isto basta nesta sua entrada na
Religiam, porq̃ na sahida deste
mũdo se dirã muito de suas per-
feiçoens, & virtudes.

9 Foy o terceiro o P. Pero
d'Afonseca, o qual foy insigne
mestre na Philosophia, & excel-
lente doutor na Theologia; era
natural do lugar da Cortiçada,
por outro nome Proença a nova
em Ribatejo, da comarca do Pri-
orado do Crato: foy hũ dos mais
graves, & mais doutos homẽs do
seu tẽpo, & reverenciado por tal
entre os melhores engenhos de
Europa. O Cardeal Alberto Ar-
chiduque de Austria, quando go-
vernava estes Reynos, nas cou-
sas em que pretendia acertos,
sempre se governou por este

Entra na
Cõpanhia
o P. Pero
d'Afõseca.

excel-

Anno de
Christo de
1548.

Cargos, q
teve na Co
panhia o P.
Pero d'A-
fonseca.

Anno de
Cõpanhia

excellentiſſimo varã, ſendo elle inventor, & author de muitas couſas de grãde edificaçam, & exẽplo neſte Reyno. No mẽo das couſas religioſas teve feliz acerto de ſeus decretos, ou foſſe ſendo Reytor do Collegio de Coimbra; ou ſendo ſete annos aſſistente em Roma do Padre Everardo Mercuriano, quarto gẽral da Companhia; ou ſendo outros ſete annos Prepoſito continuo da caſa de S. Roque, a qual muito acreſcẽtou; ou finalmente ſendo por eſpaço de tres annos Viſitador de toda a Provincia de Portugal: a todas eſtas occupaçoens deo eſtremado acerto, & muy religioſo luſtre, como de tam grave juizo ſe podia eſperar, pois foy, ſem duvida, hum dos mais inſignes herõas, que eſta Provincia logrou, naquelles ditos annos, & naquelles tempos dourados. Baſta eſta breve lembrança do P. Doutor Pero d'Afonſeca, porque ao diante teremos muitas occaſioens de falar delle; poſtoque nunca a fama ſe eſquecerã de ſuas obras, pois no-las deixou imprefſas, em quatro tomos da Metaphyſica, na Dialectica, & na Iſagoge de Porphyrio: nas quaes obras vivirà ſua memoria nas Vniverſidades do mũdo, como em monumentos eternos, mais perennantes, que os ſepulchros de bronze, mais altos que as pyrami-

des Egytanas, que ouſavam (como o outro^d ouſou a dizer) a quererſe igoalar com o cẽo viſinho, porque eſtas finalmente com o tempo vieram a cahir, & arruinar, & aquellas nem as põde conſumir a idade gaſtadora, nem as poderã diminuir a antiguidade envejofa.

IO O quarto, que neſte anno entrou no Collegio de Coimbra foy o P. Pero Dias, natural da cidade de Liſboa, inſigne peſſoa na quietaçam, & modeltia de ſua vida, & pela notavel prudẽcia, de que Deos o dotou, pera grande acerto de ſuas obras, ou foſſem de negocios temporaes, ou foſſem de couſas eſpirituaes, porque em hũa, & outra occaſiã nos deixou admiraveis exemplos de Procurador devoto, moſtrando que ſe podia ajuntar em hum ſõ, os negocios de procuraturas cuidadoſas, com ocio ſancto de òraçam fervoroſa, De tal maneira trazia ſubordinados os tẽpos de contẽplar, e negociar, que ſempre o negocio ſe ſubalternava à contemplaçam, & devaçam; & eſtas de tal forte enfeitavam os negocios com Deos, & os requirimentos com os homens, que parece que na mam trazia a boa eſtreia dos bons ſucceſſos; que nunca negocios temporaes ſe perdẽram por acodir primeiro as obrigaçoens divinas. Com tanta brandura, & ſe-

9
d
Petron. in ſat.
Pyramidẽs que
auſe vicinum
attingere cœlũ.

Entra na
Cõpanhia
P. Pedro
Dias.

Como exer-
citou o of-
ficio de Pro-
curador do
Collegio de
Coimbra.

serenidade, & com tal modestia tratava com as pessoas de fóra, com os ministros, & officiaes da justiça, sobre as fazendas, demandas, & rendas d'aquelle grande Collegio, que todos diziam, & julgavam d'elle, que era hum varã, que nam tratava mais que de cõtertar a Deos, & edificar aos homens. Couza era muy experimentada, & certa, que buscando os porteiros pera as pessoas, que na portaria o chamavam, por respeito dos muitos negocios d'aquelle officio, rara era a vez que o nam achassem de joelhos em oraçã, como se primeiro quizesse diligenciar no céo, o que havia de vir a negociar com os homens. Era tambem confessor commum de todos os religiosos, com grande dita, & consolaçã de seus confessados, pela grande felicidade, de que Deos lhe fez merce, pera consolar almas desenquietas, & serenar cõciencias embaraçadas. Foy o Padre Pero Dias em missã pera o Brasil, & na viagem foy Deos servido, de lhe dar a palma dos que morrem pela fé de Christo, fazendo capitã de treze companheiros, que hindo prégar a barbaros gentios, deram a vida a mãos de crueis Calvinistas: do qual isto agora baste, porque ao diante necessariamente fará d'elle larga mēçã quem cõtinuar esta Chro-

O P. Pero Dias com treze cõpanheiros foi morto pela fé.

nica, porque se trata com grande calor de sua canonizaçã.

CAPITULO XXXIII.

Parte o Padre Luis Gonçalves da Camara por cõpanheiro do Padre Ioã Nunes Barreto, pera a missã de Berberia.

NAm se póde negar ser celestial, & divino o meyo das missões apostolicas pera a conversã do mundo, todas tomãram seu preço, & sua autoridade daquelle primeira missã do Verbo encarnado, mandado por seu Pay eterno ao mundo, como Legado de seu divino lado, *Misit Deus filium suum*. Veyo à terra este divino missionario, prégo, servio, curou, & exercitou todos os bons officios, que elle queria tivessem os seus apostolicos ministros; & antes de se partir pera o céo, despachou em varias missões a seus discipulos, pela terra toda, pera prégarem o Evangelho^b a toda a criatura. Cõ este espirito criou sempre S. Ignacio a seus filhos; com este os mandou por varias partes do mundo com este mesmo espirito nacõ a Compa-

^a
Ad Gal. 4. n. 4

^b
Mar. c. 16. n. 15
Euntes in mundū uniuersum
pædicate euāgelium omni
creaturæ.

Anno de
Christo de
1548.

Grandes
fervores
de missões,
que neste
têpo havia
no Collegio
de Coim-
bra.

^c
Juven. sat. 10.
Vnus Pellæo
inveni non suf-
ficiat orbis,
Æstuar infelix
angusto cardi-
ne mundi &c.

^d
Isaiz c. 18. n. 2

Anno da
Copanhia

9.

nhia em Portugal, & se foy sê-
pre criando, & ainda agora vay
com gram felicidade continuã-
do. Neste tempo de que vou
escrevendo, era no Collegio de
Coimbra em todos o fervor das
missões tam grande, que pare-
cia nam caberem os espiritos
fervorosos nos apertados limi-
tes das espheras humanas, que
animavam: o universo todo era
muy pequeno, a respeito de ze-
lo tam excessivo; mais espaçosos
mundos quizeram pera os con-
verter, do que Alexandre^o os
desejava, pera os conquistar.
Com este valeroso fervor anda-
vam todos tã enlevados, q quã-
do tratavam de mandar pera a
India alguns, havendo de ser
dez os nomeados, éram cento
os pretendentes; & se lhes lar-
gassem as licenças, todos sahi-
riam com inflamados dese-
jos, a occuparse na conversã-
das almas, parendolhes que
nam compriam com suas obri-
gaçoens os que com azas ange-
licas nam sahiam voando a de-
bruçar o mundo aos pés de seu
creador; entendendo que a elles
era o aviso, que Deos dava por
Isaias: *Ite angeli veloces;* vendo bẽ
nestas palavras os dobrados en-
carecimentos, com que o Se-
nhor apressava a diligencia em
seus missionarios, pois se nam
contentava com lhes chamar
anjos (que por serem espiritos,
nam tem a carga dos corpos

pezados) mas tambẽ lhes acree-
centava o titulo de ligeiros, pe-
ra que entendessem quanta
pressa demandava Deos em se-
us ministros, querendo, que nam
sò fossem muy anjos no correr,
pera prégár, mas que tambem
fossem muy ligeiros no voar, pe-
ra converter.

2 Com estes fervorosos
pensamentos se criavam naquel-
le tempo os Padres, & os Irmãos
do Collegio de Coimbra; mu-
tos discorriam por todo Portu-
gal em missões, & destas al-
gumas temos vistas, & hiremos
ainda apontando mais; outros
jà tinham passado à India, &
prégado o Evangelho na A-
sia, corrida muita parte na
costa de Africa, & entrado por
Guinë na Ethiopia inferior, co-
mo atrás apontamos: neste an-
no, de que himos escrevendo, se
offerecêo hũa occasiã de mã-
dar missã à quella parte de A-
frica mais visinha a nòs, a que
chamamos Berberia, aonde or-
dinariamente os christãos pa-
decem duro cativoiro, debaixo
da crueldade dos mouros fron-
teiros à costa de Hespanha. Era
neste tempo capitam de Cei-
ta Dom Affonso de Noronha
(que depois foy Visorrey da In-
dia, irmam do Marquês de Vil-
la real) o qual, levado de sua
muita christandade, rinha gran-
de sentimento, do notavel de-
semparo, & extrema miseria,

*Occasiã,
que houve
pera a mis-
sã de A-
frica.*

Anno da
Christo de
1548.

380

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

que sabia padeciam em Berberia os Christãos cativos, & soterrados nas profundas masmorras de Tituam. Pera acodir, como piadoso, a obra de tanta charidade, achou que o melhor meyo era escrever ao Padre M. Simam, porque sabia muy bem da grande entrada, que tinha com el Rey, & do grande amor dos proximos, que ardia em seu peito: escreveu tambem ao mesmo Rey, representádolhe quam grande serviço de Deos seria, hirem áquellas partes alguns religiosos da Companhia, ajudando por ventam aos da sagrada ordem da sanctissima Trindade, cujo officio, por estatuto, he acodirem a esta redempçam, o qual exercitam com muita gloria de Deos, & gèral proveito dos que estam cativos em Africa, entre os Mouros.

3 Acodio o benignissimo Rey às cartas de D. Affonso, & aos rōgos do Padre M. Simam, a quem ordenou que fizesse eleiçam de algũs da Companhia pera esta missãm. Tanto que no Collegio de Coimbra se soube da nova empresa, que se lhes abria, nam se pōde facilmente crer, quantos foram os pretendentes, que se opposeram a estas trabalhosas cadeiras: entre outros se foram logo offerecer (com grande resignaçam nas mãos da sancta obediencia, & desejosos de padecer trabalhos)

o Padre Ioam Nunes Barreto, que depois foy Patriarcha de Ethiopia (de cuja entrada na Companhia falamos no livro primeiro, capit. 30.) & o Padre Luis Gonçalves da Camara, que ainda andava occupado no seu santo exercicio da cosinha, nam por fugir este trabalho, que era pequeno, mas por buscar outro, que lhe parecia mayor. Nam pode o Padre mettre Simam deixar de deferir a estes fervorosos oppositores: deolhes por cōpanheiros ao Irmam Ignacio Vogado, que em poucos meses da Companhia tinha aproveitado muito na virtude. Partiram logo os tres missionarios pelo Algarve, entraram por Andaluzia, por todas estas partes foram notaveis os fruitos, que de caminho recolhèram, com prègaçosns, & confissoens, como verdadeiros filhos de S. Ignacio, que nunca passava os caminhos ocioso, & como imitadores do encarnado Verbo, que sempre caminhava communicando graças, & repartindo favores, como testifica a Scriptura: *Qui pertransyt benefaciendo.*

4 Chegados os Padres a Ceita, tiveram grandes occasiões de fazer muitos serviços a Deos naquella cidade, prègando, & confessando aquelles soldados, & cavalleiros fronteiros, mais costumados em acodir aos repiques dos rebates, que aos

Anno da
Companhia
9. 8.

Sam nomeados pera esta missãm o P. Ioam Nunes Barreto, & o P. Luis Gonçalves da Camara.

Act. c. 10. n. 38
Qui pertransyt
benefaciendo,
& sanando omnes. &c.

finos

Anno de
Christo de
1548.

Grãdefruí
to, q' fizera
em Ceita.

Anno da
Cópia

9.

finos da prégaçam; & mais dé-
ftros em terçar a lança, que em
decorar a doutrina. Foy o frui-
to tam notavel, & a mudança
tam propria do braço do excel-
so, que o mesmo Governador
da praça D. Affonso de Noro-
nha, se deo por obrigado a ren-
der as graças ao P. M. Simam,
por hũa sua carta, na qual lhe
lhe certifica, que fora tal a mu-
dança, com as doutrinas, & san-
ctos trabalhos dos Padres, que
muitos homens, que antes nos
costumes pareciam Mouros bar-
baros, agora já representavam
ser Religiosos sanctos. Junta-
mente lhe avisa nesta carta, que
tinha mandado pedir seguro ao
Alcayde Acém, pera os Padres
entrarem dentro em Tituãm, &
acodirem aos cativos; que nisto
havia grandes perigos, & diffi-
culdades; porẽm que as mayo-
res eram, ver os grandes dese-
jos, que os Padres tinham de
entrar por Tituãm, prégando a
fê de Christo; & que com isto,
sò fariam bem a sy, morrendo
martyres gloriosos, mas nam
acodiriam a sua obrigaçam, li-
bertando Christãos encarcera-
dos; & que por esta causa elle
os nam queria largar, sem pri-
meiro ter huma ordem, em que
o mesmo Padre mestre Simam
lhes puzesse obediencia expref-
sa, de nam se meterem a prégar
aos Mouros publicamente os
mysterios de nossa sancta fê, &

que se contentassem por entam
com visitar, & sacramentar aos
pobres cativos, & com se infor-
mar do modo das redempçoẽs,
& que com esta informaçam se
voltassem a Ceita.

5 Com estes avifos, & obe-
diencias se partiram os Padres
pera Tituãm, a 13. de Setem-
bro do mesmo anno, em com-
panhia, & guarda de tres Mou-
ros conhecidos, a quem D. Af-
fonso de Noronha os entregou:
estes levaram, & defenderam os
tres religiosos de alguns assal-
tos, que tiveram de varios Mou-
ros, que no caminho lhes sahi-
am pera os roubar, & matar: mas
nam os podẽram estes livrar da
grande fome, & mayor sede,
que por aquellas brenhas de-
sertas, & matos Africanos pade-
ciam. Entraram em Tituãm,
aõde foram recebidos dos Mou-
ros da terra com bom rosto, &
aposentados na aduana; nem a-
charam nelles as injurias, & a-
frontas, que pelo nome de Chri-
sto desejavam padecer; posto
que isto ficou sò por entam à
conta dos mininos, & moços de
menor idade, os quaes seguiam
aos Padres pelas ruas, com mo-
stras do entranhavel odio, que
bebem contra os Christãos con-
o leite de suas mãys, que bem
se via nas gritas, nas zombarias;
& ainda (passando de roins pa-
lavras a peyores obras) nas pu-
nhadas, que lhe vinham dar.

Partem os
Padres pe-
ra Tituãm.

Anno da
bristo de
1548.

382

Anno da
Companhia
9.

Como forã
visitar os
cativos e
suas mas-
morras.

6 Logo no dia seguinte trataram de visitar os cativos christãos, que por varias masmorras estavam repartidos; entraram os Padres por aquelles lugares soterraneos, por aquellas covas nocturnas, & enxovias tenebrosas, por onde jaziam sepultados em vida, entre as sombras da morte os pobres Christãos cativos; com tal vista, & com tam alegre, & nam esperada visita, lhes amanheceo a estes miseraveis Christãos huma fermosa, & esclarecida menha, como se o mesmo Sol lhes entrasse pela porta dentro, dando-lhes huma muy apprazivel alvorada; da maneira que antigamente aconteceo no mundo, (como canta Isaias) com a vida, & visita do mesmo Deos encarnado, quando veyo libertar ao genero humano cativo, & sepultado nas trevas mais profundas do peccado, & nas sombras mais escuras da ignorancia.

7 Entre os casos em q aqui se vio a providencia do Senhor, foy oque lhe succedeo com hum pobre cativo, que era hum Sacerdote Francês muito honrado, que acharam quasi no cabo da vida, com huma grande doenca, & era cativo de hum Mouro çapateiro: a este enfermo tomou á sua conta o Padre Luis Gonçalves, por ser muy destro na lingua Francesa, desde tempo que estudou em Paris; pri-

meiramete alegrou o enfermo, falãdolhe na sua lingua natural, (que tal he a força do amor das terras, em que nacemos, que até naquella hora, quando a vida vay faltando, se consola o que está morrêdo, senam cõ ver sua patria, ao menos com ouvir sua lingua) & logo o ouviu de confissam. E no mesmo tempo trabalhava o Padre Ioam Nunes de por em ordem todo o necessario pera lhe levarem o sanctissimo Sacramento, com a mayor decencia, veneraçam, & concerto, que em tal terra, & em tal casa pudesse ser; assim o fez com hũa muy devota procissam, ordenada com canto, & muitos louvores, acompanhada dos Christãos, dos quaes huns hiam cantando, & todos chorãdo de consolaçam, por verem ao Senhor sacramentado, no meyo de tantos inimigos seus, hir como triumphando pelas ruas de Tituãm, aonde se nam vira naquella forma, havia muitos tẽpos: Foram os Padres continuando com o seu sacerdote enfermo, acodindolhe ao bem de sua alma, & nam lhe faltando ao necessario do corpo, que estava já muy debilitado, até que finalmente acabou a vida temporal, com grandes sinais de começar a eterna. Fizeram-lhe hum enterramento publico, cõ tumba levantada em hombros de mercadores Christãos, hindo

Isaias c. 9. n. 2.
Sedentibus in
tenebris, & in
umbra mortis
lux orta est eis.

Como o P.
Luis Gonçal
ves acodio
a hũ pobre
sacerdote
Francês.

Anno de
Christo de
1548.

Anno da
Cipanhia

9.

com toda a solennidade possível, pelo meyo das ruas de Tituam, até o lugar deputado pera sepultura dos Christaos, que está fóra dos muros, hindo os Padres entoando os versos, & os responsos, & os demais encomendando sua alma ao Senhor.

8 E pera melhor se ver a merce, que Deos fez a este sacerdote, & a cruel grangearia, que estes barbaros fazem nos pobres cativos, apontarei o que acho escrito, que contava muitas vezes o Padre Luis Gonçalves: dizia que estando pizando hum apisto pera esse Sacerdote Francés, em tempo em que elle hia já quasi acabando, entram de repente pela aduana quatro, ou cinco mercadores Mouros, tratando muy de proposito cõ o çapateiro, sobre o preço, que haviam de dar por aquelle seu cativo, a quem elle em faude cortava em quatorze mil reis, sem haver quem lho quizesse comprar, & agora pedia mais, & eram mais os lançadores; a causa desta mudança do preço foy a nova opiniã, que concebèramo enfermo, dizendo que devia de ser alguma pessoa muy principal, pois viam a tres religiosos todos occupados cõ grãdes desvelos, em o curar, & em lhe procurar faude; & era tam desenfreada a cobiça dos crueis lançadores, que com verem ao

miseravel sacerdote lançado no cham, sobre buma cuberta, carregado de ferros, deitando sangue pela boca; sem poder comer havia seis dias, & já quasi sem alento, lhe faziam força, que se levantasse, pera verem sua disposiçam, & julgarem o preço, que se podia dar por semelhante mercadoria; tam cega he a cobiça, & tam barbara a crueldade destes deshumanos mercadores.

9 Magoavamse os Padres sobre maneira, deverem andar as ruas cheyas de cativos Christãos, carregados de ferros, magros, consumidos, & desfigurados, com fome, & mau tratamento; & com tudo, como aos filhos de Israel nam perdoavam os Egytanos o trabalho dos adobes, assim estes eram obrigados por seus amos a trabalhar de sol a sol, andando huns no campo cõ o arádo, ou com a enxada, outros no povoado moendo com mós de braço, que he trabalho de grande fadiga; & todos finalmente como homens desenterrados. Pera os Padres melhor assistirem a estes seus cativos, & acompanhar com o exemplo, aos que nam podiam valer com a liberdade, deixaram o gasalhado, que tinham na aduana, & se hiam a dormir, & habitar nas masmorras, entre os miseraveis cativos, pera os consolar com sua presença, pois os nam podião

aliviar

Exemplo
da crueldade, & cobiça dos
Mouros de
Berberia.

Grãdes trabalhos dos
cativos em
Berberia.

Anno da
Christo de
1548.

384

Anno da
Companhia
9.

aliviar de seus ferros: rezavam com elles de noite muitas oraçoens, faziam lhes doutrinas, & prégaçoens, accommodadas ao estado, da paciencia em que deviam viver; com nam menos devaçam, & lagrimas nos ouvintes, que compaixam, & lastima nos prégaadores.

IO Que na verdade nam podia deixar de ser grande o sentimento nos Padres, vendo a tantos Christãos, que estando ainda vivos, já pareciam sepultados debaixo da terra, em escuras concavidades, em trevas perpetuas, apinhoados huns sobre os outros, por nam haver lugar pera se revolverem; & quando consigo boliam, pera em tam grande incommodo se poderem menos mal accommodar, logo em se bolindo soavam os grilhoens, que os lastimavam, a cujo triste som levantavam espantosos gritos, & lamentaveis gemidos, que retumbando por aquellas horriveis cavernas da terra, representavam assombramentos do inferno. Tomando occasiã deste lastimoso carcere, lhes fez o Padre Ioam Nunes Barreto, na primeita noite, huma practica sobre aquellas palavras do Propheta: *Posuerunt me in lacu inferiori, in tenebrosis, & in umbra mortis.* Foy a practica de grande consolaçam pera os cativos; a qual se lhes acrescentou com as es-

molas do dinheiro, que levavã, que apos ella lhes repartiram, tomando os Padres a sua conta particularmente os mais enfermos, pera melhor os prover, alimpar, servir, & fazer todos os mimos possiveis, com tanta applicaçam, & gosto, como se em cada hum d'aquelles pobres servissem a pessoa do mesmo Christo.

CAPITULO XXXIV.

Volta o Padre Luis Gonçalves a Portugal, a dar conta dos cativos, continúa com elles o Padre Ioam Nunes.

I **C**ontinuavam os tres religiosos nestes santos exercicios; & nam se contentando seu fervoroso zelo com acodir, com tanta charidade aos Christãos, que padeciam tam cruel cativoiro dos corpos, tratavam de remediar os que traziam as almas cativas do demonio; & porque lhes estava prohibido por obediencia, como dissemos, que nam prégassem em publico aos Mouros; nam perdiam occasiã de falar a alguns em particular, & principalmente aos Elches, que sam os arrenegados, que com

Do mais fruto, que os Padres recolhiã em Tituãm.

*Lugares so
terraneos,
aõde estam
os cativos.*

*Practica, q
lhes fez o
P. Ioam
Nunes Bar
reto.*

*f
Psal. 87 n 7.*

suas sanetas praticas se tornaram a recolher ao rebanho do eterno pastor, donde havia annos que andavam desgarrados. Entre estas ovelhas perdidas, a quem penetrou o rayo da luz do cõeo, foy hum Elche mancebo, que entre os Mouros se chamava Alcaalá, & era fidalgo Portuguès, natural da cidade de Lisboa, o qual (como outro filho prodigo) se veyo finalmente a render, & lançar aos pès do Padre Luis Gonçalves, que tomandoo nos braços, o recolhéo no coração, como pay amoroso a hum filho arrependido.

2. Com estes, & outros cõtinuos trabalhos, veyo o P. Luis Gonçalves a adoecer gravemente; & porq̃ em Tituãm nam havia remedio de poder sãrar, o mandou o P. Ioam Nunes, que se viesse a Ceita, aonde deo ordẽ o capitam D. Affonso de Noronha, pera que fosse curado cõ todo o cuidado. Tanto que o Padre se começou a erguer, logo se foy ao pulpito, contando d'elle os grandes trabalhos, & extremas miserias, que os Christãos cativos padeciam; & decẽdo do pulpito, se foy logo pelas portas a pedir esmolos perã tantos necessitados. Recolhidas estas esmolos, que todos lhe dẽram, com boa vontade, conforme a possibilidade de cadahum, & vendose com bastante saude,

estando jã posto ao caminho, pera tornar à empresa dos seus cativos, que enterrompêra, mas nam deixara, recebèo cartas do Padre Ioam Nunes Barreto, seu superior, em que lhe ordenava, que logo se viesse a Portugal, a dar conta a elRey do que havia em Tituãm, & tratar com elle, com efficacia, do remedio d'aquella desemparrada gente.

3. Com a vinda a Portugal do Padre Luis Gonçalves, se acrecentou ao Padre Ioam Nunes, o pezo do trabalho, q̃ d'antes se repartia por ambos; mas nem por isso largou a estancia, continuando nella sempre com o mesmo fervor, por espaço de cinco annos, sendo em todo este largo tempo sua ordinaria occupaçam, confessar, commungar, consolar, & servir aquelles seus pobres cativos, os quaes, sêdolhe muy necessario o socorro temporal, muito mais necessitavam do espirital; porque havia muitos, que havia mais de vinte annos, que se nam tinham cõfessado; & d'estes puderia apõtar muitos casos em particular. Achou espaçoso mar a grande charidade do P. Ioam Nunes, em que pudesse liberalmente estender suas velas, empregãdose todo de dia, & de noite em tam charitativos exercicios, competindo o trabalho do corpo com as consolaçoens da alma, q̃ lhas

9.

Fica o P.
Ioam Nunes Barreto cõtinuãdo sò com esta missam.

Adoece gravemente o P. Luis Gonçalves, & vem se a Ceita.

Anno de
Christo de
1548.

386

Anno da
Companhia
9.

Como se applicava o P. Ioam Nunes em servir aos seus cativos.

1. ad Cor. 9. 22.
Omnibus omnia factus sum.

dava Deos muy frequentes, imaginandose cativo dos mesmos cativos, por amor d'aquelle Senhor, que por dar liberdade aos escravos, veyo tomar forma de servo; & pelos libertar da morte, deo a vida em preço de seu resgate. Desfazia-se o charitativo Padre em ajudar aquella pobre gente; & como a charidade he muy engenhosa, nam havia officio de piedade pera o qual se nam mostrasse muy deſtro; já se fazia medico pera com huns, a outros servia deurgiã, logo se exercitava em o officio de enfermeiro, & cofinheiro (como outro S. Paulo, que pera ajudar a todos, fazia os officios de todos) varrialhes, & alimpavalhes as masmorras, muy solcito de se guardar limpeza, pera que de todo nam ficasse aquelle ar corrupto, & inficionado: tudo fazia com tam extraordinaria applicaçam, que totalmente se esquecia do descanso do sono natural; gastãdo as noites inteiras em moer trigo nas masmorras, tomãdo sobre sy acodir à taréfa dos doentes, pera os livrar dos açoutes. A taes excessos chega a verdadeira charidade de Christo, quando de véras toma posse do peito de hum apostolico varrã.

4 Nesta occupaçam vivia o Padre Ioam Nunes Barreto, tam contente com sua forte, que

conforme escrevia ao P. mestre Simam, nenhũa cousa mais sentiria nesta vida, q' sahir d'aquelle sua voluntaria prisam, como verdadeiro imitador d'aquelle Senhor, q' se deixou prèder a sy, por nos livrar a nós do cativeiro; e quiz ser sepultado na terra, por nos tirar das masmorras do inferno. Quando lhe diziã (o q' succedia muitas vezes) q' os Mouros o queriam lançar fóra de Tituãm, por arreçarẽ, q' cõ sua estada e Berberia, encõtrasse sua perversa feita, estes eram todos seus sobresaltos, & suas mayores afflicções; pera se aliviar d'estes riscos em que andava, apontava de lá ao P. Mestre Simam, que considerasse se seria bem, darlhe o serenissimo Rey Dõ Ioam algum cargo, como de ser escrivã da Redempçam, ou ao menos ajudante seu, pera q' d'esta maneira, por rezã do tal officio, os Mouros o nam pudessem lançar fóra, & aquelles pobres tivessem a consolaçam de sua assistencia.

5 Nam paravam os desejos do Padre sõ em acabar a vida em estancia tam gloriosa, pera servir aos seus cativos; mas tambem pretendia, por todas as vias possiveis, se teria a ditosa sorte de acabar martyrizado, entre os Mouros; bem significou estes abraçados desejos em huma carta, que achey escrita aos Irmãos do Collegio de Coimbra, na qual

Grãdes de sejos, q' tinha de continuar em o serviço dos cativos.

entre

Anno de
Christo de
1548.

Carta do
P. Ioam
Nunes Bar-
reto aos ir-
mãos do
Collegio de
Coimbra.

Grande a-
mor. & re-
verência, q
tinham ao
P. Ioam
Nunes.

Atè os mes-
mos Mou-
ros o hon-
ravam.

entre outra lhe diz estas pa-
lavras : *Quid retribuam Domino
pro omnibus quae retribuit mihi?*
*Donde mereci eu , sendo quem sou, ser
o primeiro da Companhia , que neste
Reyno em terra de Mouros chegasse a
pregar, & confessar, & dizer missa?*
*Elle seja sempre louvado , por ser tam
liberal, que faz tam grandes merces a
hum tam grande peccador. Ainda ef-
pero deste grande Senhor, que me con-
ceda este favor , que me mande o Xa-
rife cortar a cabeça , ou moer com a-
çoutes, como muitas vezes aqui fazem
a estes cativos , pera que mais cedo vã
gozar da verdadeira vida, deixando es-
ta miseravel, pera os q sendo ella morte
a tem por vida, &c.*

6 Com tam sancto procedi-
mento, & com tam rara cha-
ridade, cobrou ao P. Ioam Nu-
nes toda a gente tanto amor, &
devaçam, q ao humilde Padre
causava nam pequena cõfusam:
em o vendo pelas ruas (quando
lhe era neffario, pera bem dos
seus cativos, & enfermos, fahir
d'aquellas covas soterraneas)
õlhavam pera elle , como se
visses a hum Sam Paulo fahi-
do do terceiro cèo; uns lhe
beijavam a mam, outros o ve-
stido , outros se lançavam a
seus pés, pedindolhe a ben-
çam. Seis masmorras havia ne-
ste tempo em Tituãm, todas
visitava cada dia , & nellas
nam havia doente, nem ne-
cessitado, que o nam tivesse a
cabeceira , pera lhe acodir a

alma, & pera lhe curar o cor-
po. Atè os Mouros se edifica-
vam, & o veneravam como a
sancto; o mesmo Alcayde A-
cém vendoo fahir da masmor-
ra, lhe mostrava o rosto alegre,
& dizia delle palavras de mui-
to louvor; tal he a efficacia
da virtude, que atè os que sam
mais barbaros no entendimen-
to , nam deixam de alcan-
çar sua fermosura. O filho do
mesmo Alcayde repetia mui-
tas vezes, que taes finezas de
virtude nam se achavam em
nenhum dos seus Cacizes, &
aonde via o Padre o tratava
com grande, & notavel res-
peito: porèm estes rayos de
luzes divinas, ainda que eram
bastantes pera lhes illustrar os
entendimentos, nunca che-
garam a lhes conquistar as
vontades. Muito desejou o
Padre de fahir a disputas com
os Cacizes dos Mouros; po-
rèm nam lhe foy possível po-
der, nem d'esta maneira, entrar
naquelles mattos bravios da
feita Mahometana, tam fe-
chados, que nem romper,
nem entrar se deixam, pro-
fessando defender sua selvatica
superstiçam, mais como bru-
tos com fereza, que como ho-
mens com rezam; a maneira de
fèras, que com as unhas, &
com as garras defendem, que
lhe nam entrem em seus co-
vis.

Anno de
Christo de
1548.

388

Anno da
Companhia
9.

7 Vendo o Padre que perdia o tempo com os Mouros, se voltava aos seus Christãos, a os quaes trazia tam bem doutrinados, & tam domesticados, & bem acostumados com o uso dos sanctos Sacramentos, que naquellas seis masmorras já se nam ouvia hum juramento; muitos se confessavam de quatro em quatro dias, commungavam muitas vezes; & viviam finalmente tam reformados, que já aquellas covas nam pareciam carceres de cativos forçados, mas representavam os semiterios, & criptas antigas, aonde os sanctos martyres em Roma voluntariamente se recolhiam, vivendo tam contentes debaixo da terra, como se já estivessem no alto de cèo.

Como tra-
tou da cõ-
versãõ
dos Iudeos

8 Nam parava o fervoroso espirito deste grande servo do Senhor em curar, & sanctificar os seus cativos; mas vendo que os Mouros nam queriam disputar com elle, se hia ás synagogas dos Iudeos, aonde, como mais confiados, por mostrar que o nam temiam, muitas vezes o admitiram a disputas. Huma vez entrando em huma synagoga, achou o mestre, que estava cercado de grande multidam de mi-ninos, todos muy lindos no exterior, aos quaes estava ensinando a ler pela Biblia: co-

meça o Padre a disputa com este mestre, eis que logo entram outros muitos, bastantes pera encher a synagoga, fazem oraçam a seu modo, tremendo com as mãos, & cabeça, salmêam com grandes guayas, & ridiculos menêos: riõse o Padres d'aquelles tregeitos, & de tam fea, & impertinente superstição; perguntalhes porq õram de tal sorte? Respondem nam fer mais em suas mãos, á vista do respeito, que tinham a Deos, quando entravam a lhe õrar, lembrados do tremor de seus antepassados, quando Deos no monte Sinay a deo sua ley sancta a Moyses: & que a memoria d'aquelles terremotos os fazia a elles sahir com aquelles gestos, que pareciam ridiculos aos que eram de outra ley. Vede là, Ihes disse o Padre, nam seja esse tremor manifesto castigo da morte, que destes ao innocente IESV, como Caim estreme- cia com a morte, que deo a seu irmam Abel, ordenando Deos justamente, que sempre trouxesse em seu corpo esta publica devisa de sua enorme maldade.

9 iv Daqui tomando o Padre occasiã, tratou a disputa com hum dos mais anciãos na idade, mayor Rabino na autoridade, & que entre elles parecia o melhor doutor.

^a
Exo. 19. n. 16.

^b
Gen. c. 4. n. 15.

come-

^c
Ioa. c. 10. n. 24
Circũderunt
ergo eũ Iudæi.

começando a disputar, todos á roda cercaram o Padre (como antigamente, em outra semelhante acçã, os Iudeos cercaram a Christo "Senhor nosso, tomando todos no meyo: a este mestre ignorante provou o Padre, cõ grande copia de lugares da Biblia, todos os mysterios da vinda do Messias, & os principaes artigos, que elles negam: ouvio o Rabino as palavras de vida eterna, mas como aspide surda tapou as orelhas, por nam entender ao prægador da verdade; mostrase pertinã em seus erros, persistem os mais em sua dureza, continuam em sua cegueira; & faltandolhe na boca a reposta, no entendimento o discurso, & muito mais no rosto o pejo, vieram a brados descompostos; que esta foy sempre a manha dos ignorantes, quere rem levar à força de gritos, o que nam sabem persuadir com efficacia de rezoens. Entra em zelo o varãm apostolico, começa tambem a dar vozes, dizendo, que elle estava apparelhado a morrer alegremente, nam huma sã, mas muitas vezes, pela ley sanctissima de Christo verdadeiro Deos, & Messias, & que nenhum d'elles se atreveria a dar a vida em prova de sua falsa crença, como se se lembrara do desafio de Elias aos sacerdotes de Baal^d. E vendo que nam

havia nenhum que aceitasse o campo, & que á vista d'estes seus brados todos ficaram como emmudecidos, abrandou tambem a voz, & recolhéo o impeto d'aquelle fervoroso espirito; & com vozes brandas, & rezoens muy bem compostas, tratou de lhês persuadir a verdade do Evangelho: Entra neste comenos na synagoga o fidalgo de Lisboa, que fora renegado, a quem o Padre Luis Gonçalves tinha reduzido, & como bom discipulo, se poem logo da parte de seu mestre, arde em zelo, pela ley de Christo, cõtra os erros dos Iudeos; & vendo que se nam deixam convencer com rezoẽs, desejava, como outro Elias, que viesse fogo do cẽo, que abraçasse os corpos, pois nam queriã render a Deos as almas.

10 Acabouse finalmente a disputa, deixandoos o P. igualmente convencidos no entẽdimento, & obstinados na võtade; porẽm o successo mostrou, que nam foy de todo baldada a contenda, & que finalmente a victõria ficou pelo Padre; porque em chegando a casa, logo nas suas costas veyo o Rabino mais anciã, que tinha sido o presidente da disputa, a render as armas á verdade do Evangelho; confessando que bem tinha entendido, pelas escrituras, ser Christo Iesu o Messias prometido, & que agora vinha con-

^e
4. Reg. cap. 1.
n. 10.

Do fim de
sta disputa.

^d
1. Reg. c. 18. v.
n. 25.

Anno de
Christo de
1548.

390

Anno da
Companhia

9.

fessar em secreto o que d'antes tinha negado em publico: porèm que estava deliberado já a passarlhe á cidade de Ceita, & ser Christam em publico, & em secreto. Outros varios Iudeos, de posto o velame com que o diabo os traz cegos, recebêram a luz da graça; que tambem passou a allumiar a muitos Mouros, & Elches, que chamavam ao Padre, pera lhe fazer varias perguntas sobre as cousas de sua salvaçam, & finalmente se fogueitavam á verdade evangelica. Mas deixemos por agora ao servo do Senhor, feito, por seu amor, servo dos cativos de Tituam, que tempo nos virá em que, no quinto livro desta Chronica, o venhamos tirar do aperto destas masmorras de Africa, pera o levarmos feito Patriarcha á outra Africa mais dilatada. E agora vamos continuando com outras missoens, que neste anno se fizeram.

CAPITVLO XXXV.

Da missam, que este anno mandou à India o Padre mestre Simam de dez religiosos nossos, faz se mensam de alguns d'elles em particular.

F Alamos no capitulo passado da missam, q' o Padre mestre Simam mandou a Africa, agora contaremos a que no mesmo anno enviou à India; porque seu grãde espirito abrangia ao mundo todo. Dez religiosos despachou este anno pera o Oriente, que pera o Padre mestre S. Francisco de Xavier foram de notavel alivio, & grandissima consolaçam, & a melhor, & mais preciosa mercadoria, que de Portugal se lhe podia conduzir. Destes seja o primeiro o Padre Melchior Gonçalves, Theologo de muito espirito, & singular zelo das almas, como bem mostrou primeiro em Portugal, & depois na India, aonde se occupou com tanto fervor, & cuidado, na conversam dos gentios, & ajuda espiritual dos Christãos, que o Padre Paulo de Camerino (que com o Sancto Padre Francisco de Xavier passou ao Oriente) nam acha palavras com que engrandeça a grande satisfaçam, que havia d'este insigne missionario. Logo deo mostras de sua acertada eleiçam, no que fez em Baçaim, aonde, em breve tempo, ministrou o sancto bantismo a quatrocentos gentios, confundindo seus erros, derrubando pagodes, levantando templos; entre os quaes foy a Igreja da Madre de Deos de Tanã, que está

P. Melchior Gonçalves insigne missionario.

quatro

Anno de
Christo de
1548.

Anno da
Companhia
9.

quatro legoas de Baçaim, aonde depois foy crescendo a Christandade, & ao presente tem a Companhia Collegio, ordenando no mesmo lugar o Padre Melchior Gonçalves hum seminario pera boa criaçam dos mi-
ninos, filhos d'aquelles novos Christãos.

2 Daqui naceo em particular a destruiçam de hũ muy grande, & sumptuoso pagode, lavrado de obra Romana, aonde todos aquelles gentios, na figura de hum corpo humano, com tres rostos (que o demonio nam sabe ter hum sô) que representava tres idolos chamados Bamhaa, Bisnuu, & Mace-
rũ, adoravam a sua falsa, & mō-
struosa Trindade, semelhante à que os Gregos antigamente, & ainda depois delles aceitaram os Romanos, nas tres cabeças, & tres officios, que fingiam em Diana; que sempre o diabo intentou com sombras falsas deslumbrar luzes verdadeiras. Estava este seu famoso templo, entre huns valles de sombrio arvoredado (que o diabo sempre foge da luz) cercado ao redor com tres fontes, às quaes correspondiam três tâques de muita agoa, que lhes serviam dos abominandos sacrificios, & supersticiosos lavatorios; por ser aquella casa frequentada d'aquelles cegos gentios, que de toda a India acodiam a visitar,

& adorar aquella tergemina monstruosidade. Toda esta espantosa machina, se bem representava o muy celebrado, & famosissimo templo do idolo de Serapis; ^b na grandeza de sua obra, tambem o representou no sucesso de sua ruina. Estas, & outras insignes obras fez, & desfez o Padre Melchior Gonçalves na India, & finalmente acabou sanctamente em Goa, no anno de mil, & quinhentos, & sincoenta, & sinco.

3 O segundo dos eleitos pera esta missã da India, foy o Padre Balthazar Gago, varã escolhido, por particular providencia de Deos, pera hir criar a nova Christandade, que o Senhor tratava de plantar em Iapã; aonde foram notaveis os serviços, que lhe fez este grande servo seu, que demandavam hum grande livro, porque padeceo grandes cativeiros, & se vio muitas vezes abraços cõ a morte, entre perigos da terra, & entre naufragios do mar; & huma vez esteve condenado à morte, esperando por momentos, com grande alegria, o golpe da catana Iaponeza, pera lhe cortar a cabeça, por amor do mesmo Senhor: foram innumeraveis as almas, que tirou da garganta do dragã infernal, & restituiu a seu criador. De tudo isto se fará larga mensã na historia da India, & já anda impresso nas

Têplo famoso dos
gêrios, derubado pelo P. Melchior Gonçalves.

^a
AEn. 4. Tergemina que Hecaten, tria virgines ora Dianæ.

^b
Vide Ruf. d. c. 22. & sequent. Itē Socrat. lib. 7. c. 20. Spöd. annal an. 389. n. 15.

P. Balthazar Gago foy grande Apostolo no Iapam.

Anno da
Christo de
1548.

392

Anno da
Cõpanhia

cartas de Iapam, & pelo Padre Luis de Gusman da nossa Cõpanhia.

4 O terceiro foy o Padre Antonio Gomes, doutor em Theologia, pela Vniuersidade de Paris, homẽ de altos espiritos, & grande engenho, o qual hia pera ser Reytor do Collegio de Goa. Foy o quarto o Padre Paulo do Valle, que na costa da Pescaria fez muitos seruiços a Deos nosso Senhor, & no fim veyo acabar preso entre Genticos, pela fé, que como Christam professava, & como prégador lhes ensinava; dando com este genero de martyrio, ditoso remate a seus gloriosos trabalhos, testificando com a morte, entre cadéas, & grilhoens, o que tinha prégado em vida, entre barbaros, & gentios.

5 Entrou mais em o numero d'estes dez missionarios o irnam Ioam Fernandes de Oviado, ditoso companheiro do Padre S. Francisco de Xavier no Iapam, & interprete do Padre Cosme de Torres (de quem já falamos neste livro.) Este he aquelle Irnam Ioam Fernãdes, tam celebrado, & exemplar prégador do Iapam, que com os milagres da paciencia, suprio a falta das letras; a cujo raro exẽplo attribuímos, & devemos as primeiras cõversoens, que houve no Iapam: porque havendo dias que elle, & o Padre Sam

Francisco de Xavier prégavam na cidade de Iamanguche, sem tirarem fructo de seu trabalho; estando prégando o Irnam, como tinha de costume, em huma rua, hum dos que passavam, mais obstinado em seus erros, & mais descomedido em seu atrevimẽto, se chegou a elle, & lhe lançou no rosto, em quem todos os presentes tinham os õlhos, hum escarro, que de repente arrancou do peito. Tam seguro ficou o Irnam com esta afronta, como se a elle se nam fizesse; mostrando ser verdadeiro discipulo d'aquelle Senhor, em cuja divina face, e espelho da divindade, & envejas sanctas de Seraphins abraçados, se atreueram peccadores a fazer semelhantes tiros. Passou avante o gentio, zombando, & dando rizadas, mas nam passou por alto aos ouvintes exemplo de tam raro sofrimento; discursaram como judiciosos, que nam podia deixar de ser sancta huma ley, que taes effectos causava em seus prégadores: dali por diante se começaram a bautizar, & se abríram de par em par aquellas portas de bronze, com que o diabo tinha fechados os coraçõens àquelles gentios: ficando evidente a todos, que mais se convertéo o mundo pela paciencia, que pela eloquencia; & que pôde melhor prégado o que melhor sabe sofrer.

9.

Exẽplo do
sofrimẽto.

Mat. 26. 67.
Tunc expuerunt in faciem eius.

Irnam Ioam Fernãdes, grãde prégador no Iapam.

Lib. 2. c. 19.

Anno de
Christo de
1548.

Irmam Luis
Froes,
grãde ser-
vo de Deos
no Iapã.

Anno da
Companhia
9.

6 Os outros companheiros foram os Irmãos Francisco Gonçalves, Gil Barreto, Manoel Vaz; & o Irmam Luis Froes, natural de Lisboa, o qual depois de feito sacerdote na India, escreveu em bom estylo, com grande diligencia, & verdade, todas as cousas tocantes à conversã dos infieis nas partes, & Reynos do Iapã; tendo particular cuidado de escrever todos os annos a Portugal os successos d'aquella nova Christandade, cujas cartas eram esperadas com grande alvoroço, nam sò em Portugal, aonde as remetia, mas tambem por toda Europa, aonde se desejavam. A historia ecclesiastica do Iapã nos dizem, que deixou composta, mas nam acabou de chegar à impressã do prelo, por elle primeiro chegar ao prêmio do céo, que foy muy bem merecido depois de largos, & continuos trabalhos, que padeceo em o Iapã, nam menos escrevendo como bom historiador, que obrando

como melhor

pregador.



...

CAPITULO XXXVI.

Vay pera a India, entre estes dez missionarios, o Padre mestre Gaspar Barzéo, que foy hum dos mais insignes fogeitos, que teve a Companhia.

1 **N**O ultimo lugar nos pareceo apontar ao Padre Mestre Gaspar Barzéo (sendo elle digno de ter sempre em todas as historias o primeiro lugar) pera nos termos hum pouco com elle, como pede a obrigaçam, que temos a hum tam heroico, & raro varã, que sem duvida foy hum dos mais assinalados entre os apostolicos missionarios da Companhia, na qual entrou em Coimbra no anno de 1546. no septimo da Companhia, & delles já diffemos alguma cousa neste mesmo livro.

2 Este he aquelle grande mestre Gaspar, segunda pedra fundamental do glorioso edificio da Igreja militante nas partes da India Oriental. Este he aquelle mestre Gaspar, cuja humildade foy tam singular, que sendo dotado de tantos, & tam excellentes talentos, como a

Lib. 2. c. 13. n. 7. & 8.

Humilda. de do P. M. Gaspar.

Anno de
Christo de
1548.

394

Anno da
Companhia
9.

experiencia ensinou, se deixou estar por muito tempo servindo de roupeiro em o Collegio de Coimbra, tirando Deos d'esta humilde officina pera o pulpito, como antigamente ao nosso Portuguès S. Antonio da cofinha pera a cadeira. Embarcou-se este milagroso varãem pera a India, em a não em que hia por capitam mòr Ioam de Mendoça, filho de Antonio de Mendoça Furtado, & de Dona Isabel de Noronha (o qual foy governador da India, & sucedèõ no governo ao Conde do Redondo, no anno de 1564.) ditoso em levar tal companheiro na sua não, porque elle lhe valèõ em huma horrenda, & subita tormenta, que se levantou no cabo de boa esperança, em que todos se deram por perdidos, na qual o impeto dos ventos, a bravosidade dos màres, a furia das ondas, que de todos os lados varejavam a não, a continuaçam dos choveiros, a repetiçam de espantosos rayos, ameaçavam aos tristes navegantes o naufragio certo, & a morte presente: & tal foy emfim a confusã, & perturbaçam de todos os navegantes, que chega a dizer o Padre mestre Gaspar^b, que sò os tormentos, & tormentas do inferno poderiam vencer o que aquelles pobres ali padecerãm. A todos acodio este grande seruo de Deos, que como melhor

piloto, melhor soube governar a não; porque com tres cruces, que fez no mar, amansou o indomito elemento, serenou o tẽporal, & aquietou aquelle bravotufã.

3 Este he aquelle Padre mestre Gaspar, que sendo de naçam Zelandès, & que cortava mal a nossa lingoagem Portuguesa, com tudo era tam raro o espirito do cẽo, com que se explicava, que aquelle mesmo Senhor, que fez eruditas as lingoas dos mininos de peito, lhe dèõ a sua tal graça, que foy o mais ouvido, & o mais buscado prègador, que em seu tempo houve em Goa; porque aonde faltava a propriedade das palavras cultas, sobejava a eloquencia das obras sanctas; & aonde nam havia arrezoados de Rhetorica enfeitada, brãdava a effiçacia do espirito inflammado.

4 Este he aquelle famoso prègador, & insigne apòstolo de Ormús, mandado pelo Padre S. Francisco de Xavier; a qual cidade, naquelle tempo, era hũa Babylonia do Oriente, era hum theatro de toda a abominaçam, huma feira da ladra de toda a maldade, escala franca dos mayores vicios, praça livre dos mais abominães peccados, & hum emporiõ de toda a falsa superstiçam, por acodirem a ella, com o melhor das riquezas do Oriente, as peyores fezes do

mundo

Grãde tormenta, que aquietou o P.M. Gaspar

^b
P. Nicol. Trig.
in vita Gaspar.
lib. 1. c. 5.

^c
Sap. 10. n. 21.
Et linguas infantium facit diversas.

Foy muy celebre em Ormús.

mundo, assim da Christandade, como da Gentilidade, do Judaísmo, da Mourama, da Persia, & da Turquia; que toda esta escoria se ajuntava naquella cidade, que chamavam pedra do anel do Oriente; pera que entendamos, que ahi mais triumpham os vicios, aonde melhor brilham as riquezas. Entrando pois neste grande campo aquelle abraço do espirito do Padre M. Gaspar, tantos foram seus incansaveis trabalhos, tam efficazes seus sermoens com os Christãos, suas disputas com os Iudeos, suas rezoens com os Gentios, seus prodigios com os Mouros, que em breve tempo aquella cidade, qual a de Ninive peccadora, ficou convertida; & aquella praça de falsas abominações, transformada em cidade de verdadeiros Christãos. Por espaço de tres annos se deteve nesta empreza, com huma vida verdadeiramente apostolica; confundindo a idolatria, convencendo aos Iudeos, convertendo aos Gêntios, peleijando victorioso cōtra os vicios, & despojando triumphante ao inferno.

Quãta estima se fazia do P. M. Gaspar.

5 Foy tam estimado o Padre mestre Gaspar em Ormús, que todos, assim Mouros, como Gentios, o tinham, & reverenciavam como homem sancto; o mesmo Rey se tirou huma vez de seu trono real, & à força fez nelle assentar o humilde

servo do Senhor; como se de tal lugar sò fosse mais merecedor, o que era menos ambicioso: este mesmo Rey, por dar gosto ao Padre, & pelo respeito, que tinha a sua veneravel pessoa, & credito, que dava a sua doutrina, mandou fechar as portas do seu Alcorâm de pedra, & cal; & fez outros notaveis excessos, em que mostrou a opiniã, que tinha da virtude do Padre, & o conceito, que fizera da verdade do Evangelho.

6 Voou tanto por aquellas partes a fama do Padre mestre Gaspar, que de dentro do sertãm da Arabia felix, entre os dous cabos Rosalgate, & Moçandam, na regiã, que hoje chamam Aymam (que cuidando serem os filhos de Amam, descendêtes de Loth, aos quaes a sagrada Escriptura chama Amonitas, que sendo Gentios foram os primeiros a quem preverteo o falso Propheta Mafamede, por ser gente muy ignorante) vieram dous embaixadores de quatro cidades, as mais nobres d'esta Regiã, ao Padre mestre Gaspar, pedindolhe, que lhes fosse prègar o Evangelho, porque com a fama dos milagres, que d'elle ouviam, estavam todos resolutos a serem Christãos. Muito estimou o Padre esta embaixada, & de melhor vontade se partiria a darlhe o cumprimento, se nam estivesse

^d
Gen. cap. 19.
n. 38.

Embaixada ao P. M. Gaspar

por

por davante a obediencia do seu sancto Padre Francisco de Xavier, que por reprimir os sanctos impetos d'aquelle ardente espirito, lhe poz expresso preceito, que por espaço de tres annos se nam sahisse de Ormûs, nê se metesse pela Persia, ou Arabia. Mais ditosos foram os dous embaixadores, que vieram, que as quatro cidades, que os mandaram; porque estas ficaram cõ a magoa do Padre nam poder hir em pessoa a prègarlhes; & os embaixadores recebêram a agoa do bautismo, & se voltaram pera suas terras, bem instruidos nas cousas da fé, mais contentes sem a contagiã dos peccados na alma, depois do bautismo, do que Naaman sem a lepra, e que lhe inficionava o corpo, depois de se lavar no rio Iordam. Até Constantino- pla chegou o nome do Padre mestre Gaspar, & de là o desejaram, & pretendêram: porque a virtude, & sanctidade nam he menos estimada ao perto, que procurada dos que vivem longe.

7 Este finalmente he aquella Padre mestre Gaspar, a quem o sancto Padre Francisco de Xavier, partindose pera Iapâm, deixou em seu lugar, por V. Provincial da India, & a quẽ logo o mesmo sancto P. M. de joelhos, como se fosse verdadeiro subdito, rendeo obediencia.

Foy este insigne varã hum raro exemplo de toda a perfeiçã; na pureza foy tam esmerado, que vivendo na terra entre peccadores sensuaes, parecia apacentarse ja no cêo, seguindo o cordeiro entre lĩos: era muy dado a oraçã, & familiaridade com Deos; de tal maneira repartia o tempo da noite, que sòs tres horas dava ao descanso corporal, as mais gastava em exercicio espiritual. Desta forja de amor divino sahia tam acelo em o amor do proximo, que ardia em desejos de dar sua vida pela salvaçã das almas. No zeloda honra de Deos parecia outro Elias, & nam havia cousa, que se lhe representasse difficultosa, quando por davante se punha a honra de Deos, que zelava, & o bem das almas, que procurava. Na occasiã em que o Rey de Ormûs mandou fechar de pedra, & cal (como diffemos) as portas do seu Alcorã, bramiam os Mouros com furia diabolica, cortavamse com navalhas em sinal de sentimento, amotinandose todos na cidade, ameaçando ruina aos nossos templos, morte ao Padre, & destruiçã a toda aquella Christandade. Nam afombrou o animoso prègador, antes com novos brios, inflamado em zelo da honra de Deos, & desejo do martyrio, trata de sahir em campo contra os

*Virtudes
do P. M.
Gaspar.*

*Cõvertêse
os q̃ lhe le-
varam a
embaixa-
da.*

*4. Reg. cap. 5.
ã n. 1.*

inimigos

inimigos da verdade; toca logo caixa, que era a cāpainha da sã-
cta doutrina; poẽ em ordẽ seus
esquadroẽs, q̃ eram os mininos
que doutrinava; rōpe pelo meyo
d'aquella Mourama; vayse de-
mãdar hũa mesquita, q̃ estava e
hũa alto mōte, aõde os Mouros, e
seus Cacizes se tinhã feito for-
tes; sobem os mininos pela serra
acima, vam entoãdo a sãta dou-
trina, enchem os valles a s vozes
desta innocente soldadesca; en-
tram, a pezar dos Mouros; na
mesquita, arvora o Padre no
mais alto della huma fermosa
cruz, em final de victoria: a vista
deste invencivel estendarte de
nossa redẽpçam, foy tal o medo
que deo nos Mouros, que sem
outra batalha, nẽ outras armas,
perdẽ o animo, desempãram o
cãpo, deixam a estancia, largam
aquella, & todas as mais mesqui-
tas, ficando em toda a ilha esbu-
lhados da posse immemoravel;
em que estavam de terem nella
seus templos; que se hoje ainda
houvesse igual espirito, tambem
veriamos semelhãtes victorias.

8 Hiame detendo mais do
ordinario nesta materia, porẽm
menos do que he devido a este
insigne varãm; & ainda nos fi-
cavam por contar suas muitas,
& muy espantosas obras, que se
tiveram por milagres, com que
Deos o fez venerado em vida,
& autorizado depois da morte;
mas o que tenho dito he bas-

tante, pera darmos esta breve
noticia deste excellente Apof-
tolo, cujas obras milagrosas sam
jã muy sabidas, porque andam
na vida do sancto Padre Frãcis-
co de Xavier, escrita pelo Padre
Ioam de Lucena de nossa Cõ-
panhia, no livro 10. de sua admi-
ravel Chronica: & mais copio-
samente as trata o Padre Nico-
loo Trigault da mesma Com-
panhia, em hum livro, que fez
da vida deste incomparavel Pa-
dre; que foy sem duvida gloria
da patria, aonde naceo; honra
de Portugal, aonde se criou; or-
namento da Religiam, aonde
viveo; & finalmente emparo, &
protector da India: aonde na
cidade de Goa, com es Sacra-
mentos tomados, entre dul. issi-
mos colloquios com seu cria-
dor, & sentimẽtos de nam mor-
rer martyrizado, lhe entregou
sua alma em 18. de Outubro de
1553. dandolhe o primeiro ac-
cidente, & como correo da mor-
te, estando prẽgando no pulpi-
to, porque tal emperador do
Senhor dos exercitos, nam con-
vinha que morresse, senam
estando em pẽ; nam tinha da
Companhia mais que sete an-
nos, & meyo, nos quaes fez
tantas, & tam prodigiosas ma-
ravilhas, que neste pouco tempo
igualou por merecimentos de
obras, o q̃ outros grãdes sanctos
alcançaram por cõtinaçam de
annos; & merecẽo dizerse del-

Vide Nicol.
Trig. in vira P.
Gasp. lib. 3.
cap 20

Morte do
P. M. Gaf-
par.

Anno de 398
Christo de
1548.

Anno da
Cõpanhia
9.

Seneca Cõsol.
ad Martiam.
Quicquid ad
summum perve-
nit a l'exitum
propereat.
Ingenia quæ
sublimiora, &
breviora, nam
tibi incremento
locus non est,
vicinus occa-
sus est.

le, q̄ chegou perto de se igualar
cõ o P.S. Frãisco de Xavier. E
nam he esta a primeira vez, que
a morte envejosa levou os que
eram melhores; q̄ os engenhos,
diz Seneca, q̄ quanto sam mais su-
blimes, tanto sam mais breves;
porque como chegãram ao sũ-
mo, se nam ha mais pera onde
subir, necessariamente se ha de
seguir o decer, & o acabar. Nam
*ubi incremento locus non est, vicinus oc-
casus est:* que até nisto sam seme-
lhãtes à luz do sol, que em che-
gando ao mais sublime ponto
do seu auge, logo desce ao ter-
mo de seu occidente.

CAPITVLO XXXVII.

*Como entrou na Companhia
Dom Theotónio de Bragan-
ça, filho do Duque Dom
Iaimés; de como seus pa-
rentes o procurãram
tirar da Com-
panhia.*

Continuavam neste
anno as obras do
Collegio de Coim-
bra, & ainda que houve alguns,
que nam goitãram muito do
trabalho, & que à vista da padio-
la desanimãram; os quaes, como
vimos no capit. 23. tornãram a-
trãs; cõ tudo tambẽ houve mui-
tos, que movidos cõ os illustres,
exẽplos dos nossos religiosos, vie-

ram pedir a Cõpanhia, q̄ muitas
vezes assi succede, q̄ o que a hũs
servio de pedra de escãdalo, pe-
ra logo tropeçar, aproveitou a
outros de espera, pera melhor
caminhar. Entre os q̄ neste tẽpo
do governo do P. Luis da Grã se
movãram a pedir a Cõpanhia, o
principal foy D. Theotónio de
Bragãça, cuja entrada quero a-
qui referir por extẽso, por q̄ teve
notaveis circũstãcias: & pera me-
lhor noticia he necessario con-
starnos primeiro quem foy este
fogeito, cõ cuja entrada, esteve ã
balanças ficar, ou sair a Com-
panhia de Portugal.

Foy D. Theotónio filho de
D. Iaimés, quarto Duque de Bra-
gança, sobrinho del Rey D. Ma-
noel, porque era filho do Duque
D. Fernãdo, segũdo deste nome,
& da Infante D. Isabel, irmã del-
Rey D. Manoel, & filha do Infã-
te D. Fernãdo, que era filho del-
Rey D. Duarte: casou o Duque D.
Iaimés em Castella cõ D. Lea-
nor de Mẽdoça, filha de D. Ioam
de Gusman, terceiro Duque de
Medina Sidonia, da qual houve
hũ filho chamado D. Theodo-
sio, que lhe succedeo no estado, e
hũa filha a Infãte D. Isabel, mo-
lher que foy do serenissimo In-
fante D. Duarte, filho del Rey D.
Manoel, & pãys da senhora D. Ca-
therina (oppositora cõ el Rey D.
Philippe á coroa de Portugal,
& avõ dignissima da magestade
del Rey D. Ioam o IV. N. Sñor. q̄

Progenito-
res de D.
Theotónio
de Bragã-
ça.

Anno de
Christo de
1548.

Anno da
Cõpanhia

Nomes dos
irmãos de
D. Theoto-
nio.

hoje reyna em Portugal) Morta D. Leanor, casou segunda vez o Duque D. Iaimes cõ D. Ioãna de Médoça, filha do Alcayde mór de Mouram, senhora em sangue illustrissima, por ser da casa do Infãtado em Castélla; & ainda ètam maiores os dotes d'alma, cõ q' Deos a illuminou: d'ella houve o Duque D. Iaimes quatro filhos, & quatro filhas; q' forã D. Ioãna (q' casou è Castella cõ D. Bernardo de Cardenes, Marquês de Elche, sucessor do Ducado de Maquêda) D. Eugenia, molher de D. Frãcisco de Mello, seu segundo primo, Cõde de Tétugal, & Marquês, q' foy de Ferreira; D. Maria, & D. Vicêcia, q' foram religiosas no mosteiro das Chagas de Vilauiçosa. Os filhos foram D. Iaimes, que falecèo de pouca idade: D. Constantino (Camareiro mór del Rey D. Ioam o III. & primeiro Visorrey, que foy á India na menoridade del Rey D. Sebastian, no anno de 1558) D. Fulgêcio, que foy D. Prior è Guimaraes da Igreja collegiada de N. Senhora da Oliveira, & commedatario do mosteiro d' Amoreira: o ultimo foy D. Theotonio de Bragãça; o qual ficava sendo sobrinho segũdo del Rey D. Ioam o III. por ser filho do Duque D. Iaimes, primo irmam do dito Rey, filhos de irmãos, a saber, el Rey D. Manoel, & a Infante D. Isabel; & è cõsequêcia d'isto, era D. Theotonio das mais reaes, &

autorizadas pessoas, que havia no Reyno, & o sogeito de mayor qualidade, que entam autorizava a Vniversidade de Coimbra. 3 Habitava D. Theotonio no cõvêro de S. Cruz, aõde o Duque D. Theodosio, seu irmam, o tratava cõ grãde casa, como pedia a grãdeza de tal estudãte. Soavã muito neste tẽpo è Coimbra, os exẽplos de rara edificam, q' davã os nossos Irmãos moradores do Collegio de Coimbra: de boa vôtade ouvia D. Theotonio o q' lhe cõtavam de nossas cousas; & movido desta fama, hia algũas vezes cõ sãcta curiosidade a nossa casa, pera ver o novo edificio, q' se levantava, & experimentar os exẽplos, q' lhe cõtavam; gostava muito de ver os nossos religiosos, q' andavam trabalhando nas obras, de cuja modestia, e cõposiçã se edificava, & maravilhava muito: & como era de singular natureza, de christãos, & reaes costumes, afeiçoouse tãto aos nossos, & cõtètoulhe tãto seu bõ procedimẽto, q' se inclinou a fazer-lhes cõpanhia nas obras do edificio, que faziam, & seguilos na regra da vida, que professavam. 4 Era elle de idade de 18. annos, & nã se podia dizer, q' se movia sã advertir no q' determinava; vay se cõ estes pẽsamẽtos de mandar ao P. mestre Simam, que o ouviu muy de espaço, respõdendolhe, que era necessario mais maduro cõselho, sobre mu-

9.

Occasiã, que houve pera Dom Theotonio entrar na Cõpanhia.

Como pediu a Cõpanhia.

dança de vida de hum filho de tal pay, & sobrinho de hũ Rey tã poderoso, & aquẽ a Cõpanhia tinha tã grãdes obrigaçoẽs. Sẽtia se muito o fervoroso pretendente da religiam, haverlhe de servir de impedimento, pera entrar na Cõpanhia, o q̃ elle cuidava q̃ havia de ser causa de o receberem de melhor vontade. Foy tanta a força, q̃ repetio por muitas vezes, instando nesta sua petiçam, q̃ se resolveo o P. M. Simam, de nam resistir a tã sanctas importunaçoẽs; & assim, depois de larga cõsideraçam, pôdo os olhos sò em Deos, cuja parecia a vocaçã, o admitio por novo na Cõpanhia. E nam foy esta a primeira vez, q̃ em religioẽs sagradas se dedicaram ao serviço de Deos muitos sogeitos, cõ semelhantes empenhos de sangue real, q̃ destes casos há muitos nas historias ecclesiasticas, & e Portugal nos nam falta o exẽplo, q̃ neste particular nos deo o Infãte D. Pedro, irnam, ou filho del Rey D. Affonso Hẽriques, ^b q̃ foy frade de S. Bernardo, no mosteiro de Alcobaça: & tãbẽ em nossa religiam temos neste particular illustrissimos exẽplos, q̃ andã em nossas historias; & ainda neste presente anno, em q̃ isto vou escrevẽdo, entrou na Cõpanhia em Roma, com edificaçã de toda a corte Põtifical, & admiraçã de toda a Christãdade, o Infãte Cassimiro, irnam do serenissi-

mo Rey de Polonia: q̃ a casa de Deos he tã nobre, que hõra aos Principes, & nã fica deshõrada cõ os peoens (pois todos servẽ a hũ mesmo Deos, q̃ sãdo Senhor dos anjos, se fez escravo dos homẽs) & d'aqui nace ficarẽ todos nella mais aproveitados, cõ tam milagrosa mudança, que assim como pela natureza divina ficou deificada a humanidade, em rezã da uniã substãcial a hypostasi do Verbo; assi a magestade de Deos autorizou a humildade do homẽ; ficando o abatimento dos que o servẽ tã sublimado, & a pobreza dos que o imitam tã adeosada, que quãdo parece que mais se humilhã os Principes da terra, cõ se fazerẽ mais pobres, entam sem duvida mais se entronisam cõ ficarẽ mais divinos.

5 Cõ tal fervor se entregou a Deos e sua casa D. Theotonio, e cõ tal resoluçã se abraçou cõ a pobreza, & cõ a humildade, que depois de se recolher em exercicios spirituaes, sahio delles tã inflãmado, q̃ toda a aniquilaçam, & abnegaçam de sy mesmo, lhe parecia glorias de mayor estima, & hõras de melhor credito: & nã lhe bastãdo jã as humildades, q̃ ficavã das portas a dẽtro, pretendia, como sollicito oppositor, as mais publicas, pelas ruas mais cõmuas da cidade, julgãdo q̃ nã se havia de desprezar de seguir no publico do mũdo, o q̃ julgava por melhor no secreto da religia. Na

da lhe

^a
Vide Plat. de bono stat. Rel. lib. 2. c. 26.

^b
Vide quz dico lib. 2. c. 20. n. 6.

Como procedeo D. Theotonio no novi-ciado.

lhe embaraçava a confiança, ver-se em trajos, & occupaçoẽs, que tam longe estavam de sua qualidade, todas tinha por cõfiadas em sy, pelo gosto de as exercitar. Servia nos mais baixos officios da casa, cõ tã trasordinario fervor, quanto tivera o mayor ambicioso de se ver no mais honrado lugar. Até dos criados do Collegio procurava ser criado, fazêdo-se enfermeiro dos que estavã enfermos, cõ tal amor, & cuidado, como se em cada hũ ser visse ao mesmo Christo; q̃ a verdadeira charidade trata da obra, & nam respeita à pessoa.

Trata o
Duque de
tirar seu
irmam da
Cõpanhia.

6 No meyo d'estes sãtos fervores, fervia o mũdo por impedir tã gloriosas victorias. Era já neste tẽpo falecido o Duque D. Iaimes, tinhalhe succedido no estado de Bragãça seu filho Dõ Theodosio o primeiro (o qual nam sò era irmam, mas tãbẽ foy como pay de seus mesmos irmãos) chegoulhe a nova da entrada de D. Theotonio na Cõpanhia, cõ a qual notavelmẽte se alterou; tẽdo por grãde injuria sua entrar seu irmam em hũa religiã tã nova, pouco conhecida, e pouco autorizada; & mais se lhe acrecõtava o sãrimẽto, por se efeituar sã ordẽ sua (o mesmo sentimẽto houve em sua mãy a senhora D. Ioãna de Mendoça) Vayse a elRey seu tio, q̃ este se lhe represẽto por melhor caminho, parecẽdolhe q̃ logo se executa-

ria o que elRey ordenasse neste particular: entra a falar cõ elle, armado cõ grãdes queixas cõtra mestre Simam, por se atrever a meter na Companhia D. Theotonio, sã licẽça de hũ Rey seu tio, & sem ordem de hũ Duque seu irmam: que se nam havia de permitir, que a Companhia, sendo hũa religiã nova, & tã pouco autorizada, lhe roubasse seu irmam, cõ persuaçoẽs enganosas, querendõse fazer conhecida á conta de pessoas allustres, que cõ mil invençoẽs procuravam recolher em sy: & que amenhã nam estaria seguro nenhũ senhor em Portugal, porque cõ a mesma facilidade lhe enganariam os filhos, & lhe furtariam os irmãos. A volta destas queixas tam apaixonadas, pede o Duque cõ grãdes instancias a elRey, q̃ ou lhe faça logo remerer a sua casa a seu irmam, largãdo a sua mãy, reprẽdendo muito a M. Simam de tal atreuimẽto; ou ao menos lho mande depositar em outra religiã, & se lhe faça exame, & perguntas por outros religiosos, quaes elle nomeasse.

7 Ouvio elRey ao Duque seu sobrinho, & nam desprezou os requerimentos de tam grãde parte: ou fosse pela rezã, que achou em suas petiçoẽs, ou pela autoridade, que havia no requerente; deolhe palavra de lhe acodir áquelle negocio, & de ao menos lhe fazer depositar seu irmam noutra parte, pera effeito das pergũtas necessarias. Manda logo por hum moço da camara

9.

Queixas,
q̃ fez o Du
que a el-
Rey.

Resposta
delRey ao
Duque.

chamar ao Padre mestre Simam: chega elle, & acha ao Rey hum pouco mais carregado do costumado: communicoulhe elRey a causa de seu sentimento; repetiolhe a rezam das queixas do Duque; perguntalhe como se atreveo a receber na Cõpanhia seu sobrinho, sem lho fazer a saber, & sem beneplacito seu; ordenalhe que logo o faça depositar, da maneira que o Duque pretendia.

CAPITVLO XXXVIII.

Da grande constancia, com que o Padre mestre Simam respondeo a elRey; & como se houve neste negocio.

NAm tomou esta proposta de subito ao Padre mestre Simam, que bem tinha elle previstas em seu capacissimo animo todas estas tempestades, & sabia muy bem tudo o que o Duque dizia; & porque o negocio pedia larga resposta, pera dar rezam de sy, & satisfazer aos cargos, que por parte do Duque se lhe punham, pedio licença a sua Alteza, pera se deter na fala mais do que hum vassallo costuma, diante da pessoa real; que pera tudo lhe dava confiança o

Pede licença a elRey pera lhe falar.

favor de Rey tam benigno, cõforme tantas vezes tinha experimentado: havida a licença, logo, com grande quietaçam lhe respondeo, com as rezoens seguintes.

2. *Que lhe nam poderia succeder cousa do mayor descontentamento, que verse em occasiã alguma, com que nam pudesse dar complemento ao minimo asseno de sua Alteza, sabendo muy bem quanto sua Alteza tratava de dar gosto à Companhia, com frequentes favores, & magnificas mercês. Que ainda que estes reaes cõpnhos o nam obrigassem a huma gratificaçam eterna, bastavam os particulares de sy mesmo, pera lhe ser alvitre de suprema estimaçam, haver cousa em que pudesse manifestar o que perpetuamente desejava reconhecer. Porem que aquelle negocio era de qualidade, que excedia a jurisdicçam de quem o mandava, & os poderes de quem o havia de executar, pois era resistir a Deos, & tirar-lhe das mãos a preza, de que já, como senhor, tinha tomado posse; que elle como servo nam podia já desfazer o que Deos tinha obrado como superior; nem podia desuadir com preceitos, o que o ceo tinha rendido com inspiraçoens.*

3. *Que respondendo às rezoens do Duque, facilmente confessava ser a Companhia Religiã nova; porem que por isso nam devia de perder nada, pois as cousas contentam mais, por serem novas, & agradam menos quando sam velhas: que sentia muito dizer o Duque, que a Companhia era*

desco-

Respõde o P. M. Simam, aoq o Duque dizia cõtra a Cõpanhia.

a
Cicer. de Clar.
Oratoribus.
Plato mihi u-
nus erit instar
omnium. Ita re-
fert de Antima-
cho.

b
Vide Plat. de
Bon stat. Rel.
lib. 2. c. 26.

Descargos
do P. M. Si
mam, ao q
lhe im-
punha o
Duque.

desconhecida, & pouco autorizada, sa-
bendo que tinha por pay, & protector
a hum Rey tam magnifico, tam conhe-
cido, & autorizado; que se ao outro
Philosopho, lhe bastava hum sò Pla-
tam pera seu ouvinte, a Companhia lhe
sobejava hu tal Rey pera seu apoio: &
que por este respeito ficaria autorizado.
o mesmo principe Dom Iuam seu filho,
se entrasse na Companhia: que nam
era esta a primeira vez, que filhos de
Reys, & de grandes Principes entra-
ram em religioens: nem seria em Dom
Theotonio cousa nova; q que em outros
tinha sido materia usada; que o Empe-
rador Carlos Magno, tivera tres fi-
lhos religiosos; & Ricardo Rey de In-
glaterra dedicara a Deos dous filhos
na religiã; & S. Luis Arcebispo de
Tolosa fora frade menor, sendo filho de
hum Rey, estimando mais o habito de
pobre, que a dignidade de Princi-
pe.

4 E quanto dizer o Duque, que
elle mestre Simam enganara a Dom
Theotonio com falsas persuasoens, & o
furtara do paço de seu irman, pera o
trazer a Religiã, o contrario era o
certo, porque nenhum da Companhia
lhe falara, antes Dom Theotonio o im-
portunara muitas vezes com lagrimas,
pedindolhe que o recebesse na Compã-
nhia, & elle lhe resistira, atè nam poder
resistir a Deos. E que se o fizera sem
licença do Duque seu irman, & sem
ordem del Rey seu tio, fora porque a-
quellas vocaçoens pertenciam a outro
tribunal mayor, a quem se havia de pe-
dir a licença, & de quem se deviam
esperar as ordens. Que Dom Theotonio

ja tinha idade pera ser loure em seme-
lhantes eleiçoens de vida, & porque
efficazmente queria eleger esta, lhe con-
vinha nam na communicar a quem a
podia impedir. Que Deos era Senhor
absoluto de suas creaturas, & podia
chamar a quem quizesse, sem admitir
esperas de licenças humanas, quando
dava penhores de inspiraçoens divinas;
que Dom Theotonio era loure admini-
strador de sua propria liberdade; &
porque a quiz dedicar toda a Deos,
nam a quiz primeiro sogeitar aos ho-
mens, nos quaes quizã entendia, que
havia de achar repugnancias, que o im-
pedissem, quando elle tratava de azas,
que o apressassem.

5 E ainda que o Duque mysto
tivesse sentimento, & mostrasse triste-
za, melhor era (como diz S. Iuam Ti-
maco,° entristecer aos parentes, que dar
que sentir a Christo, porque este por
nos amar, nos ganhou; porèm aquelles
quando nos amam, nos perdem: que he
doutrina certa entre todos os Theolo-
gos, que neste particular nenhuma obri-
gaçãõ ha de obedecer aos parentes,
tendo toda de nos render a Christo; &
tanto mayor, quanto he mais severa
aquella sua sentença, quẽ ama a seus
parêtes mais q a mim, nã he dig-
no de mim; & nam há mayor casti-
go, que fazerse hum homem indigno de
Deos. Dom Theotonio quer ser da
Companhia de IESU; quer ser disci-
pulo de Christo, & era impossivel selo,
sem primeiro fugir de seu irman por-
que assim o resolve o mesmo Senhor,
quando disse, q̄ todo o que nam
deixasse primeiro pay, & mãy, &

c
Clima grad. 3.
Melius est cõ-
tritare parêtes,
quam contrif-
tare Dominum.
Iesũ, hic enim
nos creavit, &
salvavit, illi-
pe suos amãdo
perderunt.
d
Ad 2. 2. q. 104.
art. ultimo.

e
Mat. 10. n. 37.
Qui amat pa-
trẽ, aut matrẽ
plusquam me,
non est me dig-
nus.

f
Luc. 14. v. 26.
Si quis venit ad
me, & non odi-
t patrẽ suũ, & ma-
trẽ, & filios, &
fratres, & soror-
es, non potest
meus esse disci-
pulus.

Anno de
Christo de
1548.

404

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno da
Companhia
9.º ANO
1
D. Chryf. de
Virg. e. 15.

irmãos, nam podia ser discipulo seu.

6 Bem vejo que me dirá alguê, que ainda que nam fosse obrigaçam, ao menos a boa criaçam pedia, que D. Theotonio primeiro tomasse a bençam a vossa Alteza, & houvesse o beneplacito de seu irman; nam nego, senhor, que pareceo nisto menos piedoso a seu irman, & menos primoroso ao mundo. Porém o verdadeiro primor consiste em sò o guardar a Deos, sem respeitar aos homens; & a verdadeira piedade, (como diz S. Hieronymo ^v) he nesta occasiã saber usar de crueldade. Antes (como diz S. Bernardo ^v) posto que seja impiedade desprezar os pays, com tudo he grande piedade desprezalos por Christo. E como lhe havia de pedir licença, sabendo de certo, que lha havia de negar? Porque se elle repugna tanto, estando já recebido, mayores demonstraçoes faria antes de o receberem. Dõ Theotomo, senhor, já nam he de seu irman, já nam pertence a V. Alteza, he todo de Deos, a elle está já dado, & consagrado; querelo tirar agora da Religiam, he sem duvida (como diz San Gregorio ⁱ) hum genero de furto, ou por melhor dizer, sacrilegio, porque se tira a Deos o que já lhe estava dedicado.

7 No que toca, arrecear o Duque, que todos os filhos dos grandes do Reyno se venham meter na Companhia, se agora se nam resistisse á entrada de seu irman, proveria à divina Magestade, que fossem tães os procedimentos dos mancebos fidalgos, que sò este mal se lhes temesse; porém nem o Du-

que neste particular he o procurador dos grandes do Reyno (como S.º Ioam Chrysostomo dizia, quando se ria dos que zelavam os que entravam nas religiões, dizendo que se acabaria o mudo se todos fossem continentes) nem os temores sam tam proximos, que por que entraram algũs poucos a servir a Deos, se haja de arrecear, que cheguem todos a fugir do mundo.

8 E no particular de o depositarem em alguma parte, pera se lhe fazerem novas perguntas, lhe pareciam muy escusadas, pois elle lhas tinha feitas muitas vezes, por sy, & por outroo religiosos da Companhia: & que julgava diante de Deos, que nam convinha inquietar de novo a hum noviço, que estava todo occupado em divinas contêplaçoens: & assim se resolveu em que Dom Theotonio nam havia de sair, com ordem sua, pela porta do Collegio, por onde humavez entrara a poder de lagrimas: que nam era de crer, que pessoa de tam altos espiritos, & de tam conhecido aviso, entrasse enganado, ou estivesse forçado: & nam era justo, que S. Alteza lhe desse tal torvaçam com semelhantes depositos, & perguntas. Que em ultima resoluçam entendia diante de Deos, serlhe impossivel obedecer a S. Alteza naquelle negocio; porque como era todo de Deos, nam podia deferir a embargos metidos pelos homens, pois nam podia haver rezoens temporaes, que atropelassem o que se devia a respeitos eternos. E que elle nam consentiria nunca, que aquelle novo soldado deixasse de seguir a bandeira de seu capitam celestial, deixando

^s
Hier. ep. 1. ad
Eliod. Solum
pietatis genus
est in hac re ef-
se crudelē. &c.
h

Bern. Ep. 104.
Et si impiū est
contēnere mar-
itē, contēnere
autem propter
Christum piū-
simum est.

ⁱ
D Greg. lib. 4.
Regist. ep. 44

Notavel
resoluçam
do P. M. Se-
mam.

Anno de
Christo de
1548.

Anno da
Companhia
9.

o posto da Religiam, que com tam valente resoluçam tinha buscado: salvo se lho tiraſsem por força, o que elle nam esperava de hum Rey tam piedoso, & de hum senhor tam benigno.

Sentio el-
Rey a refif-
tência do P.
M. Simam

9 Acabou o Padre mestre Simam o seu arzeoado, mas nam lhe foy tam facil persuadir com elle a sua Alteza; antes sêtio muito elRey achar tam grãde resistencia em materia, em que por sua palavra real se achava já tam empenhado, com o Duque seu sobrinho: & vendo que o Padre mestre Simam lhe fechava todas as portas, pera haver de levar o negocio por bem, recorreo ao brio de Rey, & ao poder do braço real; & assim desenganou ao Padre, que já que nam queria fazer com suavidade o que lhe ordenava, em se dar copia do noviço, pera as diligencias das pregūtas, que usaria de violencia, & lho mandaria tirar por força, pois sò a essa mostrava querer obedecer.

Grãde cõ-
stancia do
P. M. Si-
mam.

10 Nam desanimou a grãde constancia, & fortaleza do Padre mestre Simam, á vista de ameassas de hum Rey tam poderoso, que já se lhe dava por parte, sendo d'antes sòmente solicitador. Entendeo que o caso era de qualidade, que tendo effeito o mandado real, nam poderia ser sem grande quebra da honra de Deos, & da autoridade da Companhia; & que execu-

tandose semelhante ordem, posto que aquelle exemplo poderia ser raro (pelo serem as pessoas, que no negocio entravam) com tudo bastaria dar-se huma vez em D. Theotonio, pera outras gentes de menor qualidade o pretenderem em sy (porque os exemplos nam pãram no lugar em que começam, antes como rios, começando com pouca agoa, chegam ao mar muy caudalosos) por onde, com hũa constante resoluçam, movido nam menos de huma sançta liberdade, que de huma rara confiança na benignidade delRey, lhe replicou: que se sua Alteza se resolvia a mandar tirar Dom Theotonio do Collegio de Coimbra, que aos mesmos ministros da tal execuçam, desse ordem pera se entregarẽ do mesmo Collegio, & de todas as doaçoes, & provisoens reaes, que estivessem feitas á Companhia; & que elle, & os mais Religiosos tratariam de hir servir a Deos e outra parte; porque nam era bem que a Companhia ficasse em Portugal, aonde tam grande força, & tal a fronta lhe faziam. Dizendo isto se despedio o Padre da presença do Rey; & com o mesmo valor escrevẽo em continente ao Padre Luis da Grã, Reytor de Coimbra, que em primeiro lugar mandasse logo Dom Theotonio, aõde nam pudesse ser molestado

Da resolu-
çam com q
respondẽo
a elRey.

por ministros reaes, nem pregũtado por religiosos estranhos. Que em segundo lugar entregasse aos ministros delRey (que lhe fossẽm sobre esta execuçam) as chaves do Collegio, com todas as alfayas, & papeis pertencentes a provisoens, & doaçẽens reaes; & que mandasse de dous em dous todos os subditos do Collegio, pera o que entam se principiava em Salamanca; & que elle logo em pessoa se partia pera Coimbra, pera acabar de effectuar esta sua resoluçam, como em effecto se poz logo ao caminho.

II Este foy o valor do Padre mestre Simam; este o esforçado, & religioso brio d'aquelle constante animo, que mais estimava a liberdade de sua Religiam autorizada, que a amisade de hum Rey tam poderoso; julgando que nam havia Religiam, aonde faltasse a liberdade; & que à Companhia no primeiro lugar lhe convinha ser isenta de seculares se meterem em seu governo, ainda que fossẽm pessoas reaes: & posto que por hũa parte era tam humilde, que se sabia sogeitar a qualquer alheo parecer, por outra era tam valeroso, que resistia a hum Rey tam empenhado; porque tratava as cousas com os olhos postos em Deos, & sem usar de respeitos humanos; que assim fazẽ os sanctos, sabem humilhar-se

aos homens, & sabem resistir aos Principes; sabem sogeitar-se com humildade aos mais fracos, & sabem repugnar com animo aos mais valentes; como hum Moyse^m q̄ sabia resistir a Deos por amor dos homens, & sabia sogeitar-se aos homens por amor de Deos: como hum San Paulo, ⁿ que confessando-se pelo mais abatido, quando era necessario resistia como o mais esforçado; & como hum S. Ambrosio, ^o & S. Ioam Chrysofostomo, os quaes nam temiam preceitos imperiaes, quando eram encontrados a respeitos divinos; resistindo aos Emperadores (hũ em Milã, outro em Constantinopla) no que julgavam, que nam convinha nem ao serviço de Deos, nem ao proveito do proximo.

CAPITV LO XXXIX.

Do mais que passou neste negocio, & de como Dom Theotonio veyo a sabir da Companhia, & de seu sancto procedimento, sendo Arcebispo de Evora.

I **C**Hegadas as cousas, sobre este negocio, aos extremos, que vimos, assim da parte delRey,

em

Quanto o P.M. Simã pretendia, q̄ a Companhia tivesse toda a liberdade.

^m
Exod. c. 32.
n. 32.

ⁿ
1. ad Cor. c. 15
n. 9.

^o
In vita horum Pontif. Mens. Decem, die 7. & 27. Januarij. Vide itẽ Baron. an. 390. & Spond. ibi, n. 1

Como el-Rey nam passou adiante neste negocio.

em procurar a pretençam do Duque, como da parte do Padre mestre Simam, pera sustentar a causa da Religiam; & partido já pera Coimbra, pera executar a mudança dos nossos, em caso que a nam houvesse no Rey. Deos nosso Senhor, em cuja nam estam os coraçoes dos Principes, quiz mostrar neste negocio tam intricado. (no qual se nam arriscava menos que a sahida da Companhia de Portugal) que sempre acode favoravel a quem valeroso defende suas partes: succedeo assim neste caso, em que o piedosissimo Rey nam quiz passar adiante, parecendo-lhe, depois de madura deliberaçam, & acertado conselho, que nam convinha continuar na demanda, & por causa tam leve, desfazer em hũ momento a Religiam, que havia annos sustentava: veyo, como prudente, a mostrar, que estimava muito ter hum vassallo tam constante, que por defender a parte, que julgava ser de Deos, se atrevia a resistir ao mesmo Rey. Quiz o benignissimo Principe, que quebrasse a contenda por sua parte, que elle entam queria fosse a mais fraca. Ordenou ao Duque que se aquietasse, & nam molestasse mais a seu irman, & que o dèsse por bem empregado na casa de Deos.

2. Quebradas assim as fu-

riosas ondas d'esta terrivel marreta, ficou o Duque quieto, dom Theotonio seguro, & mestre Simam vencedor (que tanto monta saber resistir com valor, quando a causa he de Deos) & na verdade nam sey de que me espante mais neste caso, se da inteireza do valor, & da independencia d'este grande servo de Deos, em conservar hum noviço, que o demonio por meyos tam poderosos queria inquietar; se da piedade de hum Rey tam benigno, com quem pode mais a devaçam, que mostrava à Companhia, que o empenho, & a obrigaçam, que tinha a seu sangue; cortando pela palavra, que tinha dada a hum tam grande Principe, por nam cortar pelo amor, que tinha a huma tam querida Religiam: effeito por certo nam muito achado em vontades de Principes, & senhores, que muitas vezes atropellam as leys de Deos, sò por se adorarem a sy mesmos; que tanta he a estimaçam, que fazem de seu gosto, que mais tratam de o afagar, & servir com violencias alheas, que de o moderar, & reger com rezoens proprias: & ficaram com este successo entendendo todos, quam preciosos eram os quilates do real amor, com que por tantas vias se professava augustissimo senhor, & amorosissimo pay da Companhia, pois mortificava o

Mostras do
grande amor,
que el Rey nos
tinha.

comprimento, que devia a sua palavra real, & a correspondencia, que tinha a tam chegados parentes, por nam ter semelhante quebra com a Companhia.

3 Quieta pois em bella paz esta tormenta, que entre outras pessoas poderia causar grandes naufragios, aliviado D. Theotónio de tam grande oppressam, ficoulhe o passo largo, & o campo desimpedido, pera fazer finezas dignas de quem elle era, sendo hum dos mais fervorosos sogeitos, que a Companhia teve naquelles dourados tempos. Era na oraçam frequentissimo: na humildade, & abatimento proprio o que venia com mayor valor as soberbas fumagens da natureza criada em paços reaes; desprezando grandezas, & sopeando esperanças. Notaveis eram as mortificaçoens, que fazia, & nestas muitas vezes excedia nam sò a medida de suas forças, mas també a vontade de seus prelados; cuidando sempre que podia mais, sendo que elles julgavam, que lhe convinha menos.

4 E como tinha estes espiritos tam subidos, com grandes brios naturaes, muitas vezes o fagitavam juizos propios, pera sentir mal das moderaçoens alhéas; pela qual rezam tinha grãde trabalho em sogear seu parecer, quando se achava com

contraria opiniã: d'aqui vinha que mais lhe agradavam modos extravagantes, que caminhos ordinarios: entrou em pensãmentos de mayores abatimentos, tratou de alcançar na Companhia o mais infimo estado de coadjutor temporal; cousas, que ainda que muy bem indicavam vontade humilde, & mortificada, nam mostravam espirito sogeito, & obediente; & na Religiam nam há virtude legitima, aonde falta obediencia verdadeira: & he certo que todo o juizo prudencial resistiria a estes intentos de dom Theotónio. E como a Companhia usa dar tam estreita noticia aos Padres géraes em Roma, & este sogeito era o de mayor qualidade em Portugal, em todas as cartas se dava particular informaçam de seus procedimentos a nosso glorioso Patriarcha: o qual desejou muito telo junto de sy, pera ver se podia formato a seu geito, & fazelo à sua mam: o mesmo desejo tinha dom Theotónio, pera conhecer hum pay tam sancto, de quem ouvia contar taes maravilhas.

5 Com estes mutuos desejos, que havia de parte a parte, se veyo a effectuar a jornada de dom Theotónio a Roma, aonde muy de espaço o tratou nosso sancto Padre: & posto que via o amor, que tinha à Companhia, & a seu instituto, & seu

grande

Dos procedimētos de D. Theotónio em o noviciado

Nam se sogeitava a sa cilmēto ao parecer de seus superiores.

Vay Dom Theotónio a Roma.

grãde espirito de mortificaçam; & zelo das almas; cõ tudo alcãçou nelle, q̃ aquelles tam reaes espiritos nam acabavam de se amoldar bẽ cõ a fogueiçam, que a Cõpanhia require. ẽ seus religiosos: oq̃ mais ẽ particular defcõbrio nelle, pelo demasiado sêtimẽto, que mostrou, quãdo por ordẽ do S. Patriarcha foy o P. M. Simam mandado a Roma, largando o cuidado da Provincia, como veremos no livro seguinte. Parecõ a S. Ignacio, q̃ poderia na Cõpanhia haver ao diante abalos de muita confideraçam, se D. Theotónio perseverasse nella, continuãdo em seus reaes brios, & em seus proprios juizos: & prevendo, como tam sancto, q̃no mundo poderia fazer a Deos mayores serviços: por estes, & outros respeitos, & por rezam da pouca saude, q̃ tinha, depois de tratar o negocio cõ Deos, lhe parecõ libertar a D. Theotónio da obrigaçam dos votos substanciaes da Companhia, pera q̃ fizesse de sy o que mais convinha á qualidade de sua pessoa, & o que mais dizia com o governo de seu espirito.

6 Antes q̃ se chegasse a esta execuçam, o cõsultou primeiro com elRey D. Ioam, que o pediam assim muy acertados primores, que ao sancto nunca faltaram. Havido o beneplacito de sua Alteza, o chamou hum dia o sancto Patriarcha, & muy

amigavelmente se compos com elle, fazendoo capaz, que lhe bastavã os sete annos, que já tinha na Companhia, & que no mundo faria mais serviços a Deos, ficando livre das obrigaçoens, & fogueiçoens de religioso; & que fiava de seu grande espirito, que guardaria no seculo o que tinha aprendido na Religiam. Executouse finalmente, com grande sentimento seu, esta notavel mudança do estado de religioso, pera a vida secular: que tal era o valeroso espirito de sancto Ignacio, que nam arreceava despedir ao sobrinho de hum tal Rey, se julgava diante de Deos, que lhe nam servia na Companhia, pera que outras pessoas de desigual qualidade nam estranhem semelhantes mudanças, que d'elles muitas vezes se faz, da Companhia em que estavam, pera o mundo a que os mandam.

7 Succedeo nesta despedida de Dom Theotónio o que por vezes temos experimentado com muitos outros fogueitos, pelos quaes fazendo seus parentes grandes, & insolentes diligencias, pelos tirar da Companhia, & do serviço de Deos, o mesmo Senhor os vem depois a castigar, em lhos trazer pera suas casas, dandolhe com elles nos olhos,

Como Dom Theotónio foy despedido da Companhia.

Trata S. Ignacio de despedir a D. Theotónio.

*Como pas-
sou Dom
Theotónio
depois de
ser despe-
dido.*

em tempo em que menos os esperavam, & quando cuidavam q̄ os tinham já accommodados. Podera eu aqui apontar muitos exēplos, q̄ vi, & notei; nam sayamos de D. Theotónio: quem duvida que tinha elle qualidades paternas, & partes pessoaes, pera ser a primeira, & principal pessoa da Cōpanhia, aonde largamēte poderia aproveitarse a sy, e hōrarnos a nōs: tiverāno porēm seus parētes por mal empregado na Religiam; diligenciāram com grādes fadigas sua sahida, goardoulho Deos em futuro, pera lho trazer diante dos olhos despedido, quando elles já menos o desejavam; permitindo primeiro q̄ andasse o pobre senhor desmasteado do favor de seus mesmos parentes, pelas cortes estranhas de Italia, França, Alemanha, Inglaterra, e Hespanha, buscādo com q̄ vivesse, dos potērados estrangeiros, por lhe faltar o favor dos Principes naturaes.

8 E vindo a Portugal, depois de muitos annos, nam teve outra ajuda de custo de sua mesma casa, & solar real de Bragãça, mais que hūa Igreja das serras de Tralos montes, da appresentaçam do Duque seu irnam, (da qual servio alguns annos de proprio Parocho, morando em em casas quasi palhaças) & o thesourado da Igreja collegiada da villa de Barcellos. Achou cō tudo ainda na Cōpanhia amor, &

poder pera lhe grāgear o Arcebisgado d'Evora, q̄ nelle renunciou a segunda vez o serenissimo Cardeal D. Hērique seu tio, por voto, & intercessam dos Padres da Cōpanhia, em especial do P. Leām Hēriques, cōfessor de sua Alteza, tendo entam de rendimentos aquella mitra passante de 80. mil cruzados: nam nos desmerecendo nunca D. Theotónio o amor, que sempre lhe tivemos, mostrando quam bē m aceitou a boa criaçam em casa tam honrada, cō a reciproca, & amorosa correspondencia, com que nos tratava, & com os raros exemplos de virtude, que aqui brevemente lhe apōtarei, como de cousa muito nossa.

9 Assim viveo Dom Theotónio os mais annos de sua vida no mūdo, a que se passou, como se nam faltara hūa sō hora na Religiam em que se criou: & a verdade he que sempre a virtude achou bons alētos na nobreza honrada, & bem criada; como tambem sinistros, & mãos procedimentos achāram agudas espōras em nobrezas safadadas, & perdidas com más inclinaçōes, & peores exercicios da primeira criaçam. Raras foram as demonstraçōes, q̄ neste particular nos deo este exēplarissimo prelado: primeiramēte no amor q̄ sempre teve a Cōpanhia, que se bem se deixou ver, que elle a nam perdēra de māy, tambem

*Como foy
feito Arce-
bispo de
Evora.*

*Amor, que
sēpre teve
a Compa-
nhia.*

fe alcançou, que ella o nam largara de filho: correo sempre por todo o tempo de sua vida com os da Companhia, cam a mesma familiaridade, com a mesma afeicam, & respeito, como se ainda vivera entre nós: conforme a este amor, era a confiança, com que nos tratava, mais como religioso de casa, que como pessoa estranha. Nam sahia a visitar o Arcebispado sem levar Padres da Companhia, que prégavam aos povos, & doutrina-
 vam os mininos: tinha muy particular affecto, & muy especial cuidado das missoens transmarinas da Companhia, principalmente das do Iapam, a cujos embaixadores, quando vieram a Europa, tratou com grandezas de Principe, & com amor de pay. E quando se embarcaram, lhes deo toda a sua recamara, com mil cruzados em dinheiro, & outros mil em cousas pertencentes à sua matalotagem. Cartevase com os Padres da Companhia, que residiam no Iapam; pedialhes particular conta dos progressos daquella christandade; festejava muito as cartas, que de là vinham, as quaes mandou copiar, & imprimir à sua custa, dedicandoas, em hum prologo, que fez, aos bemaventurados Padres Sam Francisco de Xavier, & mestre Simam

Tinha grã de devaçã ás missoës da Companhia.

Rodrigues (que ja eram mortos, mas vivos em sua memoria): pelo grande amor, & devaçam, que sempre a ambos teve. Tambem tinha particular amor aos nossos da Provincia do Brasil, aonde tinha ao Padre Luis da Grã, seu primeiro Reytor, no Collegio de Coimbra, ao qual tinha especial respeito, chamandolhe sempre seu pay; & como a tal, depois do P. mestre Simam, o reconhecia, & venerava, mandandolhe grandes esmolas. Mostrava grandes saudades do sancto tempo de sua criaçam na Companhia. Dizia muitas vezes, sendo Arcebispo (ao modo do Papa Eugenio, que tendo as chaves de Sam Pedro, suspirava pelas do seu mosteiro) que tinha envejas a sy mesmo, quando na Companhia era enfermeiro de Iustino, que era hum escravo do Collegio de Coimbra, a quem elle curava; que os varoens sanctos sabem reconhecer os preciosos quilates da virtude; & quando se vem mais sublimados por dignidade, entam se desejam mais abatidos por humildade.

10 Foy notavel a pobreza com que se tratou; por baixo do roxete trazia hũa roupeta parda de sãragoça, ou de raxa parda, por cima hum modo de jubam, com mangas compridas da mesma cor, nenhum religioso

Tratavase cõ grande pobreza.

mais reformado, trazia o vestido mais safado, & pobre: a mesa era bastante pera a sustentação da vida, mas nam era regalada pera a qualidade da pessoa: sempre junto de sy comiam doze pobres; & de ordinario mandava alguma igoaria aos doentes do seu hospital, ou aos Capuchos da sua cidade: & sempre, em quanto comiam, tinha refeição da alma, com a lição espiritual, que lhe liam. Nenhum uso tinha de tapeçarias em sua casa. Pera tapar o vento das portas, & o fegredo das camaras, tinha no inverno huns pannos verdes muy grosseiros, & pelo verão huns couros vermelhos, sem outro algum feitiço; & se alguém o arguia d'esta pobreza no trato, & fingeleza da casa; respondia, com nam menos christandade, que aviso, que mais proveitoso era comerem os pobres, que enfeitar as paredes. Estando em Evora nam tinha outro ginete mais lustroso, em que andar, que huma mulinha desprezível; & com ter bastantes pagens, & lacayos, quando sahia de casa a visitar alguém, nam levava mais que dous diante d'ella, & dous pagens atrás, senam que muitas vezes sahia a pé vestido de saragoça, & com hum sò pa-

*Sua grãde
moderaçã.*

gem: nam faltava com ilto á rezam d'estado de quem era, com coches, & mullas, pera capellaens, & criados, quando era necessario, que todos trazia com a modestia, & limpeza, que convinha a tam illustre senhor.

CAPITULO XXXX.

*Da grande charidade, &
mais virtudes deste grande
Prelado, Dom Theotónio
de Bragança.*

Dous annos depois de prelado da Igreja Eborense, foy Deos nosso Senhor servido, no anno de 1580. por suas occultas permissões, infestar com a contagiã da peste aquella cidade, & as terras mais nobres, que lhe ficam visinhas; nem se pôde crer as notaveis finezas, de que usou, em acodir a tam importuno mal, que durou por espaço de oito meses, assistindo elle pessoalmente por tempo de dous meses, até que as alterações das guerras, que sobrevieram, o forçaram a sair-se da cidade. Ao espirital dos enfermos acodio com alguns Padres da Companhia, que naquella occupaçam sanctamente acabaram; dos quaes foy

*Como se
dio no re-
po da pe-
ste.*

hum

hum o Padre Francisco Rodrigues theologo, & bom letrado, de quem costumava dizer Dom Diogo de Castro, capitam de Evora, que com mayor alvoroço se lhe veyo offerecer o dito Padre, pera se hir meter no meyo da peste, do que os Romanos costumavam ter, pera hir triūphando ao Capitolio.

2 Outro companheiro, q̄ na mesma occupaçam sacrificou liberal a vida ao Senhor, foy hum irmam chamado Martin Alvares, homem de muita virtude, & de estremada charidade; tinham estes à sua conta mil enfermos, pouco mais, ou menos, na casa da faude, que estava fóra da cidade: outros tantos havia dos muros a dentro, aos quaes tambem por sua ordem acodiam cinco sacerdotes da Companhia com seus companheiros, que foram o P. Jorge Pereira, que entam naquella Vniversidade tinha acabado de ler o curso de philosophia, & depois cōsumou o da vida em Guiné, no Reyno de Angola, aonde trabalhou por espaço de vinte annos: foy o segundo o Padre Lourêço de Freitas (mestre do Padre Jorge Pereyra) o qual na Vniversidade de Coimbra tinha lido dous cursos de artes, & ensinado em varias partes Theologia espiculativa, & moral, com muita opiniã de doutri-

na, & com grande credito de virtude, da qual deo illustrissimas provas, morrendo aqui sanctamente, & mostrando, que mais estimava o officio de bom enfermeiro, que as borlas de mestre insigne. Os outros companheiros foram, o Padre Francisco Soares, bom theologo, & bom prégador, o qual, posto que foy ferido do mesmo mal, guardou o Deos, pera o hir servir ao Brasil, aonde acabou sanctamente: os outros foram os Padres Antonio Pirez, & André Alvares. A estes dous mil enfermos acodia o bom Arcebispo com notavel providencia, provendoos com grande abundancia, pagando grossos ordenados a medicos, sargioens, sangradores, enfermeiros, ministros de justiça, que entendiam em fazer levar os feridos à casa da faude: & à mesma conta da fazenda do Arcebispo se meneavam os gastos dos religiosos, assim da Companhia, como de outras Religioens, que aly acodiam, de sorte que lançadas as contas, seachou que gastou naquella peste gram soma de mil cruzados; acodindo a tudo com tanta vontade, & applicaçam, que o seu cuidado, & ordinaria occupaçam era mandar buscar por todas as partes galinhas, carneiros, ovos, açúcar, que repartia pelos enfermos,

*De outros
Padres, q̄
acodiram
a esta peste*

Como acodia a estes enfermos.

exercitando agora em mayor campo a charidade, com que na Companhia se criou, acodindo aos enfermos; até chegar elle mesino por suas mãos a cozer os lenções, a fazer os fios, que haviam de servir aos doentes. Hinda huma vez na sua mullinha, encontrou hum enfermo, que se nam podia bulir, apeou se logo, polo a cavallo, mandou o ao hospital, & elle se foy a pè muy contente, pera a Cartuxa, como se entam caminhaſſe mais aliviado, quando o pobre hia mais bem accommodado.

Como acodio a outros muitos lugares.

3 Nam se limitava o fogo d'esta grande charidade, que em tam real peito ardia, a huma só cidade, porque tambem acodia à de Beja, & às villas de Montemor, Estremor, Arrayolos, Villaviçosa, Redondo, & Campo de Ourique, que todas se abraçavam com a mesma contagiã: & avisandoo huma vez o licenciado Alvaro Tinoco, conego d'aquella Sè (a quem elle deixara na cidade, pera lhe correr com estes gastos) que era necessario muito dinheiro, o Arcebispo lhe mandou huma boa copia, respondendo, que gastaſſe sem medo, que quando nam tivesse que dar, o hiria pedir pelo amor de Deos aos demais preladados do Reyno. Foy Deos servido de acodir com remedio da tam grande mal, por meyo deste

tam liberal, & charitativo pastor: porêm no anno de 1597. & logo no seguinte de 1598. em que houve grande fome na cidade de Evora, por falta de pam, mandou a Lisboa hum capellam seu, com toda sua prata (por nam ter entam dinheiro) com ordem, que a empenhaſſe, pera comprar trigo, pera os pobres, como em effeito se empenhou, & se compraram duzentos moyos, que cada dia mandava cozer, & repartir pelos pobres; tendo d'ali por diante a vella pera se allumiar, em lugar de castiçal de prata, metida em huma laranja; & servindose com louça de barro, que sem duvida nesta occasiã lhe parecia melhor que a de prata lavrada cõ o boril mais deſtro; porque como sabia apartar o precioso do vil, sabia a seu tempo desprezar o ouro, & contentarse com o barro. Chegou a descalçar os çapatos pera os dar de esmola: & outra vez nam tendo mais que dous lenções pera a sua cama, mandou dar hum d'elles, pera amortallar hum miseravel, repartindo ametade da cama ao pobre, mas dando a alma por inteiro a Deos.

Notavel exêplo de esmola.

104 Na pureza de sua vida foy sempre hum anjo, sem haver d'elle huma minima sospeita, que podesse nem levissimamente macular tam casto procedimento, como quem se tinha

De sua pureza.

criado

criado em huma Religiam, aonde nos ensinam a imitar Seraphins na pureza da alma, & a ser anjos na limpeza do corpo: & assim se tem por cousa indubitavel, que foy elle do fermoso numero d'aquelles, que seguẽ as pisadas immaculadas do Cordeiro sem magoa. Dizia todos os dias missa com particular aparelho, & notavel devaçam. Era muy sofrido, & moderado nos agravos, que lhe faziam (que nem ainda semelhantes pessoas escapam a linguas atrevidas, que atê contra a mesma Lúa se atreve a ladrar o cam envejoso) dizendo a hum pobre na praça de Evora, que lhe pedia esmola, que se recolhesse no hospital, aonde lhes tinha preparado o necessario; em retorno deste bom conselho, tanto que o Arcebispo voltou as costas, lhe deo o pobre outra esmola de roins palavras, chamãdolhe em voz alta de doudo, & dizendolhe outras semelhantes liberdades; querendo logo seu Camareiro Martim de Faria castigar tal atrevimento, & foltura, o Arcebispo com sancta indignaçam se tornou contra elle (como outro David^b cõtra Abisay, pelo querer vingar de Semei, que com tanto excesso o deshonrava) & reprehẽdendo lhe disse: *Nam vos aconteça mais querverdes castigar o que eu gosto de sofrer: com a mesma paciencia*

se havia, quando algum lhe fallava agastado, & com descompostura; entam se recolhia mais em sy; ouvia, & calava, como paciente; que nam he obrigaçam responder a tudo o que ouvimos: & por isso, como notou o outro sábio, tẽdo duas orelhas pera ouvir, temos hũa só lingua pera falar.

5. Era incansavel o trabalho, que tomava por suas orelhas, visitando elle mesmo o seu Arcebispado, executando por sua pessoa o que julgava ser necessario, pera remedio das almas, & edificaçam de sua Igreja. Nenhuma cousa o fazia triste, senam o sentimento das offensas da divina Magestade, as quaes por todas as vias procurava atallar com singular providencia, & com admiravel inteireza. Vigia até a meya noite, & logo às cinco horas da manhã infalivelmente rezava prima. Notaveis foram as esmolas, que fazia; as grossas rendas de seu Arcebispado (que chegou alguns annos arrendado por 82 mil cruzados) eram poucas, pera abranger ao muito que dava pelo amor de Deos. Fez à sua custa hum hospital de pobres, acodindolhe cada mez cõ boas esmolas de dinheiro, & cincoenta moyos de pam, em cada hum anno, alem da vestiaria, & outras particulares ajudas.

6. Entre as obras publicas,

Pauca loqui
prudens, audi-
reque plurima
debet.
Os unõ, binãf-
que aures id-
titõ tenemus.

De sua pa-
ciencia.

Vide Alciat.
Emblem. 164.

^b
3/Reg. c. 16.
n. 10.

*Como fez o
famoso mo-
steiro da
Cartuxa
de Evora.*

& memorias mais insignes de sua magnificencia, & singular piedade, foy o famoso mosteiro de Scala cæli, da Cartuxa, que fez hum pouco fora da cidade de Evora, pera a parte do Norte, trazendo a este Reyno aquella sagrada Religiam, a fim de nos por a todos diãte dos olhos o vivo exemplo de sanctidade, a estremada penitencia, o continuo silencio, & primitiva perfeiçam, que ainda conservam aquellas nam menos retirados, que sanctos religiosos, aos quaes vinha muito affeioado, pelos exemplos, que nelles tinha visto, & pelas charidades, que delles tinha recebido, em França, & outras partes por onde andou peregrinando. Tomou tanto a peito continuar com esta real obra, que no material do edificio (que em tudo he magnifico, & sumptuoso) & nas propriedades, & rendas, que lhes comprou, no provimento da sacristia, nos riquissimos ornamentos de ouro, & prata, & nas mais alfayas, & enxoval necessario, pera tam grande convento, se affirma ter despendido mais de duzentos mil cruzados. Com seu favor promoveo a fundaçam do mosteiro das religiosas, que chamam do Salvador; acodiado assim ao temporal do edificio, como ao espirital da reformaçam dos costumes; dan-lhe algũas regras, que imitam

às da Companhia; mandando pera este effeito vir de Lisboa, do mosteiro de sancta Martha (que he hoje huma celestial officina de religiosas sanctas) quatro freiras de muita prudencia, & grande perfeiçam, das quaes era a principal Margarida de S. Martha, pera introduzirem naquelle convento a virtude, & sanctidade, com que aquellas sanctas religiosas contentam ao cèu, & edificam aos homens.

7 Aquietou, & reformou o convento das religiosas de S. Monica de Evora; o mesmo lhe succedeo com outros conventos de religiosas. Ajudou muito o mosteiro novamente fundado na villa do Torràm, das freiras da invocaçam de nossa Senhora da Graça: & com acodir a estes, & outros conventos de religiosas, nunca teve amidadè particular com freira nenhuma: & sò em Salamanca tratou com especial familiaridade a sancta Madre Theresa de IESV, & elle foy o primeiro que lhe mandou imprimir seu livro, que de Madre tãm sancta, bem se podia ser filho devoto. Em seu tẽpo vieram a Evora os religiosos Carmelitas descalços, que sam homens de rara virtude, & de muy conhecida modestia, & insigne exemplo, aos quaes deo as casas pera viverem. Começou, & poz em ordem o seminario de Sam Mancio, cõforme

Os mosteiros, que reformou.

Trid. sess. 23.
c. 18.

Grãdes es-
molas, que
fazia.

o sagrado Concilio Tridentino manda, que haja em cada diecesi, o qual nam estava posto em execuçam naquella Igreja, metendo logo algũs Collegiaes com divisa propria no vestido, fazendo contribuir, pera sua sustentaçam, as Igrejas do Arcebispado, conforme o mesmo Concilio dispoem. Ordenou com sancto zelo na mesma cidade, huma casa, pera se recolharem a vida honesta, & virtuosa molheres, que andam perdidas, admittindo com grande vôtade, a todas que lhe pediam remedio, tomando à sua conta provelas de todo o necessario, nam menos pera preserva do presente, que pera remedio de suas almas no futuro; gastando nesta obra, de tanto serviço de Deos, todos os meses tres moços de trigo, & cem cruzados em dinheiro, além da roupa, que seu veador repartia por todas, conforme a ordem, que tinha de tam charitativo Prelado. Sempre sustentou os dous mosteiros de Capuchos, da ordem da Piedade, assim o que está jũto dos muros de Evora, como tambem o que fica em Valverde, & o acrecentou a Guardia, sendo d'antes sò Vigairaria. Alem disto acodia a todas as casas da Misericordia do seu Arcebispado, repartindo cada anno certas esmolas, que com particular cuidado lhes mandava;

pera ajuda dos galtos, com que aquellas sanctas Irmandades acodem á sustentaçam dos pobres, emparo de orfans, remedio de viuvas, & cura de enfermos; em que com tanto louvor, & edificaçam se emprega a flor da nobreza do Reyno, & o melhor da gente do povo.

CAPITVLO XXXXI.

Da occasiã, que houve, pera Dom Theotomio hir a Valvedlid, aonde morreu em serviço de Deos.

DEsta maneira procedia este grande sacerdote, que, em seus dias (como de outro Moyses, a podemos dizer) foy amado de Deos, & dos homẽs. Teve largos annos de vida, posto que foy muy curta, a respeito dos que lha delezavam mais comprida; porque cada vez era mais amado, por ser cada vez mais proveitoso; d'elle podiamos com rezãm affirmar, o q^b Cassiodoro escrevia a Cypriano varãm patricio (em nome do seu Rey Athalarico) *que igualmente crescerã na idade, & montãra nos merecimentos; de sorte que o curso dos annos lhe dava augmento nos louvores; envelhecendo no corpo, mas reflorecedo na*

^e
Ecclesi. 45. Dil-
lectus Deo, &
hominibus
Moyses. &c.

^b
Cassiod. Varia.
lib. 8. epist. 21.
Cresce cre-
cis semper. &
meritis, cursus
annorum laudis
augmẽtũ Se-
neleis corpore,
sed laude ju-
venescis.

na virtude. Procedeo sempre, como verdadeiro Prelado, que aceitou aquella dignidade, nam pera se honrar a sy, mas pera servir aos outros; nam pera grãgear credito, mas pera exercicio de trabalho: entendendo bem, (como advertio Sancto Agostinho^c) que o Bispado (conforme a doutrina de Sam Paulo, a Timotheo) he nome de obra, & nam he titulo de honra, *Episcopatus nomen est operis, non honoris*. E por isso tratou de apascentar suas ovelhas, & nam tratou de subir a mayores dignidades: o que bem mostrou em muitos casos de sua vida; & em especial que tendo em seu poder em escrito huma promessa de sua sanctidade o Papa Gregorio XIII. impetrada à instancia del Rey Dom Sebastiam (sem elle a procurar) pera o capello de Cardeal; elle nunca tratou do compromisso deste despacho; o qual papel se lhe achou depois de sua morte, com grande edificacão de sua muita humildade; que he exemplo raro, & de grãde confusão pera os que pretendem hum Bispado, pera ser de grao de outro Bispado: & muitas vezes nam sendo merecedores do roxete de Bispo, querem voar à purpura de Cardeal.

2 Estando pois este bom prelado muy entrado já na idade, porque passava dos 70.ãnos;

sucedéo huma occasiã de grãde serviço de Deos, & honra de sua fé catholica, pera haver de hir a Castella dentro de Valhedolid, aonde estava a corte del Rey Dom Philippe o III. do nome, que entam tinha o governo destes Reynos; & como tam zeloso defensor da fé, se animou a tomar esta empresa entre mãos, & por os pés ao caminho, posto que previo que hia a morrer, como dantemam disse ao Prior mestre Antonio d' Aruda: nam duidou com tudo de offerecer a vida, que tinha, por defender a fé, que professava; obrigando com seu exemplo, & pedindo com suas cartas a Dom Agostinho de Castro, Arcebispo, & senhor de Braga, & Primas das Hespanhas, & ao Arcebispo de Lisboa Dom Miguel de Castro, & ao notavel varã Martim Gonçalves da Camara, pera com suas pessoas autorizarem aquella sua sancta pretencão, pera honra da Inquisicão, & contra os hereges deste Reyno; o que todos fizeram com christianissima determinacão, levando muitos homẽs doutos, & insignes letrados, pera allegarem os textos, & proporem as rezoens, que por sua parte se offereciam: & como elle tinha tanto amor, & conceito da sua Religiam a Companhia, levou consigo dous Padres doutores nossos, de muita prudencia, &

letras,

^c
August. Aib. 19.
de civit. c. 19.

^d
1. Timot. 3. 1.
Siquis Episcopatum desiderat, bonũ opus desiderat.

Cõpanheiros, q' levou a Castella.

Occasiã, q' houve pera D. Theotónio hir a Valhedolid.

letras; o Padre Francisco Pereira, & o Padre Nicolào Godinho: & do conselho gèral da S. Inquisiçam foy o doutor Bertholamèo d' Afonseca, deputado do mesmo tribunal.

3 Andando o Arcebispo Dom Theotonio naquella corte feyto requerente, sobre tam sanctas pretençoens, o tomou a morte, tanto mais gloriosa, quanto mais longe de sua pàtria, a qual deixára, por nam deixar o zelo da fé, que adorava: vivia em corte, mas como quem estava em desterro; nam procurando despacho pessoal, mas tratando do bem commum; nam com cuidados de interesses proprios, mas em requerimentos de honras divinas. Aqui acabou este illustissimo, & dignissimo prelado; nam é sua casa descãfado, mas fôra no campo pelejando; dando a vida nam sò pelas ovelhas de seu rebanho, mas tambem pelas mais de todo Portugal; que vida tam preciosa nam podia deixar de prestar pera muitos, abrangendo a todo o Reyno, como se de todos fosse amoroso pay, & cuidadoso pastor. Bem podemos com muita rezam dizer d'elle, chorando por huma parte sua morte, & gozandonos por outra de seu esforço, o que David disse do capitam Abner: *Nequaquam ut mori solent ignavi mortuus est Abner: nam morreo o grande pastor*

Theotonio como soldado covarde, & como homem pera pouco, pois nem o temor dos sceptros soberanos, nem o respeito das purpuras reaes, lhe esfriou o sangue, & impedio a lingua, pera deixar de falar nas cousas da fé com toda a liberdade; nem o receo dos gastos lhe atou as mãos; nem a fraqueza da velhice lhe impedio os pès, pera fazer caminho tam comprido, & se expor a negocio tam arriscado, em que pela parte contraria estava tam empenhado hum Monarcha tam poderoso, como naquelle tempo era Philippe III.

4 Morreo enfim aos 29 dias do mes de Julho, do anno de 1602: em huma empreza digna de seu sancto zelo, na corte de Hespanha, da qual Deos o levou á da gloria, aonde com aventajados prémios o terá coroado. De Valhedolid lhe trouxeram seu corpo, com todas as conveniencias dignas de tal deposito, à sua cidade de Evora (posto que elle ordenava em seu testamento, que lhe trouxessem seus ossos metidos em hum sacco sobre hum jumentinho) E na Igreja mayor de Evora se lhe fizeram solennissimas exequias, acompanhadas de perennes lagrimas da cidade toda; dahi o levaram ao mosteiro de S. Antonio extra muros, que elle havia acabado, aonde descansa

Como lhe tresladaram seu corpo.

Morreo em Valhedolid.

^c
1. Reg. c. 30.
n. 33.

na sua sepultura, que tinha feita, de hũa pedra raza no cham, & sem armas; que com este pobre tumulo se contentou sua humildade, merecendo grandes Mausoléos sua virtude; mas o que lhe faltou naquelle estreito lugar, lhe tem concedido sua gloria no mundo todo; nam houve prègaçam nas suas exequias (mandando o ceremonial, que a haja) porque assim o ordenou em seu testamento; porém o q̄ entam calou o prègador, ainda hoje apregoa a fama, com brados mais vivos, & com vozes mais eloquentes.

5 Fiz esta breve relação da vida deste excellentissimo, & gravissimo prelado, nam sò pelas rezoês commúas do muito que o Reyno todo lhe deve, mas muy em particular, por ser cousa nossa, por ser filho da Cõpanhia, por ser feitura do Padre mestre Simam, & por se ter criado sete annos na Companhia, a quem elle singularmente amava, como mãy muito querida, aonde sempre viveo com a alma, posto que trazia o corpo fóra: que essa força tem com os homens a primeira criação, que aly ficamos pera sempre sogetos, aonde em algum tempo bebemos o leyte da primeira doutrina: que por isso dizia a mãy do minino Samuel, que o trazia ao templo, pera que nelle assistisse todos os dias de sua

vida; & com tudo, lançadas bẽ as contas, muitos annos viveo Samuel fóra do templo de Deos; porém, porque teve no templo a primeira bca criação, por aquelles primeiros annos se cõputavam todos os mais de sua vida; por maneira, que ainda os annos, que viveo fóra de Jerusalem, & ausente de seu templo, eram annos, que pertenciam à casa de Deos, aonde tivera a criação; por este titulo nos pertence Dom Theotónio, pois na Companhia se organizou aquelle admiravel composto de heroicas virtudes, nella se lançaram as primeiras linhas àquelle quadro celestial; nella se abriam os primeiros fundamentos deste fermoso templo de Deos; sabendose aproveitar D. Theotónio no mundo, sendo já homem, da boa criação, que tivera na Companhia, sendo ainda moço: comprindose muy inteiramente o que nosso glorioso Patriarcha lhe tinha dito, quando o despedio da Companhia, que no mundo havia de fazer a Deos grandes serviços; & foram elles taes, que logo pareciam prophetizados por hum varram sanctissimo, & exercitados por hum sogeto illustissimo.

1. Reg. c. 1. n.
28. Erego cõ-
modaticu Do-
mino cunctis
diebus.

D. Theotónio sempre pertenceo à Cõpanhia.

CAPITVLO XXXXII.

Como neste tempo procediam os nossos em Lisboa; & do grande fructo, que naquella cidade, & em outras, fazia o Padre Francisco Estrada.

I Em he que demos hũa chegada a Lisboa, & tornemos a continuar com a ordem dos annos, que enterrompemos, por concluir com as cousas do Arcebispo Dom Theotnio; vejamos como neste tempo procediam os nossos (ainda que poucos em numero, mas muy valentes nos brios espirituas) que residiam na casa de S. Antam (nella habitava o Padre mestre Simam, quando a corte estava em Lisboa, nella se hospedavam os missionarios, que hiam pera a India, & os que partiram pera Congo.) Neste mesmo tempo morava no Collegio de sancto Antam aquelle grande servo de Deos, & famoso prégador o P. Francisco Estrada, o qual tinha prégado todo o anno atrás, & parte d'este de 1548. em q' estamos, cõ grãde fructo, & igual admiraçã d'aquella grãde cidade, vindo a

ouvilo, como ahũ anjo decido do cõo, pera lhe trazer novas da outra vida, & ensinar meyo da salvaçam: eram muitos os que acodiam à Igreja de S. Antam, que pera tam grandes concursos era muy estreita; vinham todos buscar o bem de suas almas, por meyo dos sacramentos da confissam, & cõmunham, que a este fim particularmente hiam sempre emproados seus admiraveis sermoens: & como a gente de Lisboa ordinariamente seja dotada de hũs natutaes brandos, & muy doceis, nelles, como em cera branda, se imprimia a divina inspiraçam: & pera que a todos se abrisse mais facilmete a porta do cõo, tinha o Padre dando ordẽ, pera que todos os dias, à boca da noite, se dẽsse na Igreja o necessario aparelho, pera acodirẽ a tomar a disciplina, os q' movidos da verdadeira contriçam, quizessem vir tomar vingança de seus peccados.

2 O modo cõ que naquelle tempo se fazia este acto penitencial, era semelhante em tudo ao que hoje se usa na casa de Sam Roque, & no Collegio de sancto Antam pela quaresma; em quanto a gente se vinha ajuntando, se lhes lia na crasta huma devota liçam, sobre algum mysterio da paixão de Christo Senhor nosso; logo entravam pera a Igreja, aonde o Padre Frãcisco Estrada,

Do modo cõ q' se romavam as disciplinas no Collegio de S. Antam.

Anno de
Christo de
1548.

422

Anno da
Companhia

9.

subindo ao púlpito Ihes fazia huma pratica espiritual, sobre algum passo da mesma paixam do Redemptor, incitando os penitentes ao amor divino, ao odio, & vingança de seus peccados: no cabo da pratica se mostrava huma devotissima imagem do Ecce homo, pera que se acabassem de render à vista de tam lastimoso espectáculo; & pera que finalmente persuadissem o exemplo de Christo o que nam tinham alcançado as vozes do prégador. Acabada a pratica, começava logo a disciplina, com tanto rigor em todos, & com tal impeto de lagrimas, que bem mostravam semelhantes effectos por fóra a graça divina, & a contrição dos peccados, que Deos infundia dentro de suas almas: hoje na casa de Sam Roque, & no Collégio de sancto Antam o novo, se acrescenta mais huma devota, & muy bem temperada musica de hum Miserere, cantado com toda a perfeição dos melhores instrumentos, & mais gabadas vozes, pera tambem cõ esta sancta invenção attrahir os que gostam de musica, que nam hã duvida que tem muita força, pera, com hũa branda violência, levantar os espiritos, dobrar os animos, & dominar o coração, que assim o mostra a experiencia, & as historias nos ensinam; como lemos na Escripura, quã-

do a Saul, ^a com a cithara de David, Ihe respirava o coração perturbado, & o deixava o espirito maligno: & do grande Achilles ^b tambem se conta, que cõ a musica de Chiram se Ihe amainavam as iras d'aquelle natural tam fogoso. Nam era necessario, naquelle bom tempo, usar d'estas traças, & sanctos enganos, pera ajuntar a gente, & convocar auditorio, bastavam os brados do Padre Francisco Estrada, pera vencer a voz de Orphéo, & suprir a cithara de Arion, hum nos bosques de Thracia assamando leões, outro no mar de Corintho attrahindo golfinhos.

3. Notaveis erã os effectos da graça poderosa nesta devota accam. Pudera cõtar muitos casos, q̃ neste tẽpo succederam aos que vindo a esta disciplina a caso, se emedaram muito de proposito: entre algũs Ihe bẽ que fique este em memoria. Andava hum homẽ de roins procedimentos, havia tempos, deliberado em matar outro (que aõde entra a paixam nem a vida perdou) sò Ihe faltava occasiã pera sahir cõ seu danado intẽto; buscãdoa, soube a caso, como o seu cõtrario, acodia muitas vezes a nossa casa de S. Antam, cõ os mais q̃ hã ouvir o Padre Estrada, & a tomar disciplina: persuadioo o diabo, que tinha alcançada a occasiã, que tanto d'antes desejava;

obede-

^a
1. Reg. 16. 23.
David rollebat
citharã, & per-
cutiebat manu
sua, & refocil-
labatur Saul.

^b
Cicer. 1. Top.
cul. Quasi.

^c
Virg. Eclog 8
Orpheus in syl-
vis, inter del-
phinas Arion.

Caso nota-
vel de hũ
peccador,
que se cõ-
verteo.

obedecéo logo ao primeiro as-
feno de tam roim conselheiro,
que como tam sagás, & tam
malevolo, pretendia de hum
caminho duas maldades, matã-
do a hum innocéte, & desacre-
ditando as disciplinas. Vayse à
porta de sancto Antam; poem-
se nella muy dissimulado, pera
à sahida atravessar o homem
com a espada, senam que pri-
meiro Deos o quiz atravessar
a elle com o golpe da pala-
vra divina, a quem Sam Pau-
lo a chama espada de dous gu-
mes, que penetra a alma, & cor-
ta as entranhas.

4 Andava o furioso man-
cebo, com tam impia tençám,
passeando diante da nossa Igre-
ja, ondeando entre mil pensa-
mentos, tratando como poderia
mais a seu salvo assegurar aquel-
la facçam, & fartar seu preverso
desejo: & como toda a detença
lhe parecia igualmente vagaro-
sa, & penosa, chegava de quãdo
em quando á porta da Igreja, a
ver se acabava já aquella cere-
monia: cada vez que chegava
ouvia dêtro a voz do prégador,
q era o P. Frácisco Estrada, q es-
tava fazêdo a pratica da Paixam:
eis q de repéte o move Deos, q
entre a ouvir tãbé o que tantos
ouviã; duvida, pãra, vay por diã-
te, toca o lumiar da porta, reti-
ra-se logo arrepedido; torna dahi
a pouco a cometer a êtrada, hũas
vezes levado da curiosidade de

q via, outras enlevado da pieda-
de do q ouvia: até q finalmête se
resolveo a entrar, mais a fim de
dissimular o a q viera de sua ca-
sa, q pera saber o que se fazia na
de Deos; mas elle he tã miseri-
cordioso, que quis por esta via
dar a vida da alma a quẽ trata-
va de dar a outro a morte do
corpo: foy o peccador ouvindo
ao prégador, foyo penetrando a
força da palavra de Deos, foy re-
gãdo aquella alma o sangue de
Christo, de que praticava o P.
Estrada, & de tal maneira abrã-
dou seu duro peito, que come-
çou logo aquella pédra, batida
cõ a vara da penitência, a dar co-
piosa agoa de suavissimas lagri-
mas; julgando ser indigno de hũ
homem christam executar a in-
sãna determinaçám de hum o-
dio infernal, à vista do abrazado
amor, cõ que o dulcissimo IESV
derramãra seu precioso sangue
por peccadores arrependidos: &
vendo cõ seus olhos, & ouvindo
cõ seus ouvidos o fervor sancto
cõ que aquella pia gẽte tratava
de sua salvaçam, e pedia perdã
de suas culpas; veyo finalmête
a renderse a Deos cõ esta sancta
bateria, desistindo da morte tẽ-
poral; que a treição pretendia
dar a seu cõtrario, & livrãdo-se da
eterna, a que ficava cõdenado.

5 Acabada a pratica, & a
disciplina, vay logo (porque o
Spirito sancto nam admite va-
gares) a demandar o P. Frácisco

d
Ad Ephes. c. 6.
v. 17. & ad Heb.
c. 4. n. 12. Pe-
netrabilior om-
ni gladio inci-
piti, & contin-
gens usque ad
divisionem ani-
mæ, &c.

Inspiração
es, q Deos
dava a es-
te pecca-
dor.

Como se
mudou es-
te pecca-
dor.

Anno de
Christo de
1548.

424

Anno da
Companhia
9.

Como se
rendeo a
Deos este
peccador.

Elstrada, lançou-lhe a seus pés, citao pera huma confissam geral no dia seguinte: acodio logo pela manhã, depois de gatar a noite em suspiros; deo conta ao Padre de seu danado pensamento, chorou com grande sentimento seus peccados; daly por diante procedeo como justo, o que na terra tinha nome de peccador; restituindo Deos esta ovelha perdida ao seu rebanho, por meyo tam maravilhoso, & dando a vida da graça a quem tratava de dar a outrem a morte de espada. Nê foy este sò o fruto das prègações do Padre Francisco Elstrada, porque nos cõsta por memorias, que ainda hoje conservamos, que muitas pessoas de grande autoridade, & renda fizeram notaveis mudanças, movidas por Deos a melhorar as vidas, ouvindo as prègações d'este apostolico varã, cujos sermoes hiam encaminhados, pera inflamar as vontades dos ouvintes, & nam pera recrear os entendimentos dos ociosos: & porque agora hã tam poucos, q sigam este Norte, hã tantos prègadores, que vam errados; & hã tam poucos ouvintes, que sayam emendados.

6 Dissemos atrás do muito fruto, q este Padre fez na cidade do Porto em seus moradores, nos quaes eram neste tẽpo tam notaveis os desejos de ver a este

seu tam prezado prègador, que veyo o P. M. Simam em lhe dar licença, & conceder este favor àquelles nobres cidadãos, pera que os fosse visitar: passou por Coimbra, chegou ao Porto, aõde o esperavam com alvoroço, & finalmente o recebèram com grandissima alegria, sahindo seus devotos ao tomar fóra da cidade, capitaneados pelo muy noble, & muy devoto cidadã Henrique de Gouvêa, de quẽ já falamos, todos tam contentes, como se viessem a receber hum anjo, vindo entam da gloria, a lhes conceder graças, & repartir favores. Renovouse logo cõ sua chegada o fervor da virtude, & da penitencia, com tam grande concurso de gente, que posto que antemanhã acodia ao confissionario (& nelle assitia a mayor parte do tempo em que nam prègava) com tudo nam lhe era possivel dar expediente às confissoens dos muitos que o vinham demãdar. Era cousa de grande admiraçam, ver a grande frequencia de auditorio, & notavel alvoroço, cõ que todos concorriam a seus sermoes, prègando elletam a meude, que em hũ dia fez cinco prègações, que aõde sobeja o espirito nũca falta a força, & sempre sobra a materia: & se o prègador he sancto, nunca se enfastia a gente de o ouvir.

7 Chegado o principio da

Como o P.
Francisco
Elstrada
tornou à
cidade do
Porto.

8
Lib. 2. cap. 11.

f
Lib. 2. cap. 9.
& 11.

qua-

He chama
do P. Es-
trada a
Coimbra.

^h
Surd. in vita S.
Benedicti. 21.
Matthij.

De hũ no-
tavel ser-
mam, q̃ fez
uo Porto.

ⁱ
Isai. c. 38. n. 8.

quaresma foy o P. chamado pe-
la obediencia, pera hir prègar a
Coimbra: tanto q̃ d'esta ordem
se teve noticia na cidade, foy
grãde o sentimento, q̃ disso mo-
strãram todos, fazẽdo mil quei-
xas a Deos, & aos homẽs, pelo P.
os deixar em tal tẽpo, & cõ rãta
pressa; parece que o cẽo ouviu
estes desejos, ao menos em parte
(como ouviu os røgos de S. Es-
cholastica, ^h na despedida de seu
irmam S. Bento) porque tratãdo
elle, como verdadeiro obediẽte,
de se partir logo ao outro dia,
sobreveyo tanta agoa (que esta
a ninguem tẽ respeito) com tal
tormẽta, & cõ tã espãtosa cerra-
çã do tẽpo, q̃ seria grande te-
meridade cometer o caminhoẽ
tal occasiã. Logo os cidadãos,
no meyo de tanta agoa sequio-
sos da perenne doutrina do seu
prègador, aproveitando se da oc-
casiam, lhe pediram lhes prè-
gasse aquella menhã, pois Deos
os favorecia a todos, & o detinha
a elle: veyo nisso facilmente o P.
Estrada, deixãdo em suas mãos a
escolha da Igreja, em q̃ havia de
ser o fermam, q̃ foy no mosteiro
de S. Bento, na mesma cidade,
aõde depois de se recolher hum
pouco, pera cuidar no q̃ havia de
dizer, começou a prègar sobre
aquellas palavras do Propheta I-
sayas: ditas a el Rey Ezechias:
Dispone domini tua, quia morieris tu,
& non vides: tratou o passo cõ tã-
ta devaçã, & eloquẽcia, q̃ foy

admiravel o abalo, q̃ causou no
auditorio, tãtas as lagrimas, q̃ se
derramavam, q̃ queriam cõpetir
cõ a chuva do cẽo; que tambẽ
nesta occasiã parece q̃ abriu
suas catarãtas, pera ajudar as la-
grimas dos devotos Portuenses,
choradas na prègaçã, & na del
pedida do seu prègador, q̃ final-
mẽte dãdo o tẽpo lugar, & amai-
nando as chuvas, se partio pera
Coimbra.

8 Em chegãdo àquella ci-
dade, foy prègar nos Domingos
à Sé, dõde cõ grãdes instãcias o
tinham pedido. Nẽ hã q̃ espãtar
de ter tam bõs sucessos nos ser-
moens, & ser tam aceito aos ho-
mẽs, quẽ o era tãto a Deos, & aos
q̃ muito tinham de Deos; porq̃
alẽ do grãde amor, que S. Igna-
cio tinha a este seu convertido,
era notavel a opiniã, que do
P. Frãcisco Estrada tinham to-
das as pessoas de credito e qual-
quer parte do Reyno, a que as-
sistia, ou por onde passava, em
rezã de seu grãde talẽto, & de
sua rara virtude: em confirmaçã
d'esta verdade sabemos, que o
o bẽaventurado P. M. S. Francis-
co de Xavier, quãdo na India re-
cebia os nossos ao tẽpo q̃ che-
gavam de Portugal, depois de
pergũtar pelo glorioso Patriar-
cha Ignacio, & pelo P. M. Simam,
o primeiro de quẽ queria saber
particulares novas, era o P. Frã-
cisco Estrada (porque atẽ ã par-
tes tam remotas soava o trovam

9.

Grãde opi-
niã, q̃ se
tinha do P.
Francisco
Estrada.

Anno de
briso de
1548.

426

Anno da
Companhia
9.

daquella celestial voz) como de quem por fama, & por luz do cèo tinha muy grãde estima de seus sermoes, & satisfaçam de sua Joutrina; que entre os servos de Deos, ainda que absentes, pela uniã que tem com Deos, a cõservam tambẽ entre sy, com hũa divina simpatia, como servos do mesmo numero em o paço do Rey da gloria.

9 Quer o concluir este capitulo, & dar fim a este segũdo livro, referindo hũ caso, em cõfirmaçam do que himos contãdo, que parece milagroso, com que Deos quiz autorizar a virtude deste seu grande prẽgador, & mostrar que nam era menos efficãz nas palavras, que poderoso nas obras. Estando elle em Villa de Conde, na provincia d'entre Douro, & Minho, prẽgãdo em hũa missã, em que cahio a sorte àquella villa, de o ter aly de passagem; succedeo a hũa dona honrada, & virtuosa, (mã, que foy de Diniz Preto, luiz dos orfãos da mesma villa, que isto affirmou por juramẽto, & por hum assinado seu, que estã no cartorio de Coimbra) succedeo digo, a esta dona, que peia se consolar com o Padre, lhe deo conta do grande sentimento, que tinha, de nam achar remedio a huma sua filha, que entã era minina (& depois foy freira no mosteiro de S. Clara da mesma villa, por nome Da-

miana de IESV) a qual sendo naquelle tempo de oito annos, tinha em huma palma da mamhuns grãdes polmoes, a maneira de verrugas, tam grandes, & feos, que lhe nam deixavam cerrar a mam; cousa de que a mãy tinha continua pena, & desconfolaçam, nam sò pela notavel deformidade, mas tambem pela ver com a mam quasi aleijada, e totalmente impedida.

10 Tinha a nobre viuva neste particular feitas todas as diligencias, que o amor de mãy lhe ensinava, trazendo medicos de fora, & usando de todas as mesinhas, que elles apontavam, sem o effeito desejado, porque se a caso com o ferro tocavam, as verrugas, brotavã, & cresciam com mayor força: compadeceose o Padre do desgosto da mãy, & da aleijã da filha: pergunta-lhe se hà de ser serva de Deos, recolhendose em alguma Religiam; & respõdeo ella, que sim, dandolhe Deos saude: fez o Padre o sinal da Cruz sobre aquelles polmoes, nomeãdo duas vezes o nome sanctissimo de IESV (que he o mais saudavel remedio, pera todas as infirmitades) cousa maravilhosa, & caso notavel, logo naquella noite dormindo a minina, vigiou Deos em lhe dar saude: sonhou (porq tambem hà sonhos verdadeiros & divinos) que se via livre do grande impedimento da sua

mam

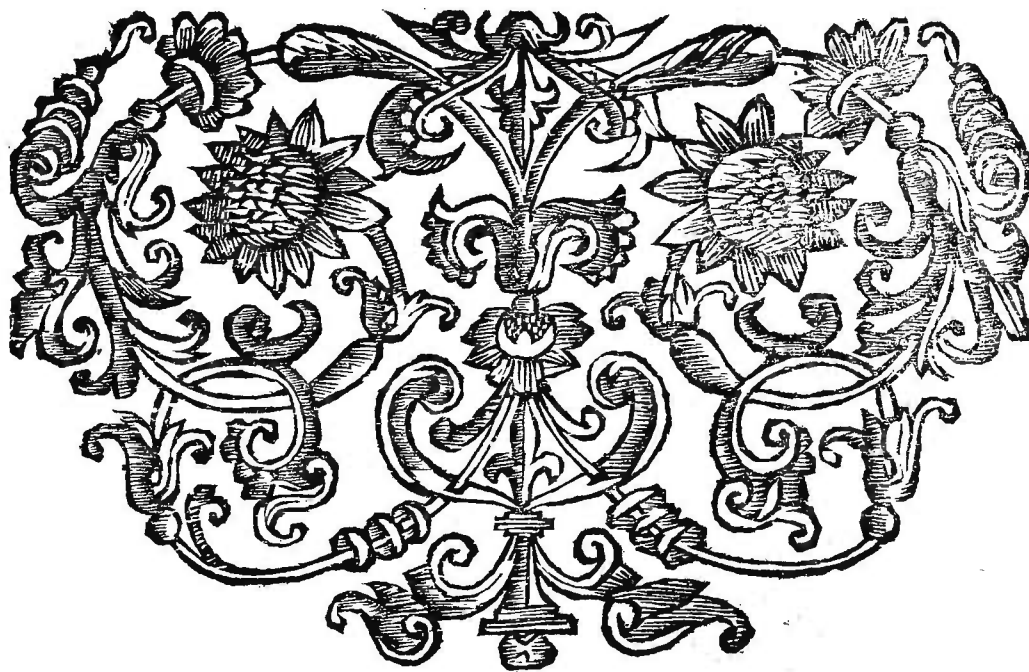
Saude alcançada por meyo do P. Francisco Estrada.

Milagre do sinal da Cruz.

mam ; & em acordando , acodindo com a outra mam , pera ver se era o sonho verdadeiro, achandoa livre de tam grande mal , começa a dar brados pela mãy, dandolhe alegres novas de como o Padre lhe dera a desejada faude ; levantase a mãy, acodem todos os de casa, vem cõ seus olhos sucesso tam prodigioso, reconhecendo todos nelle a virtude de seu servo ; porque de tal maneira se foram, que nem lhe deixaram final, nẽ se atrevêram mais a repetir; que quando Deos he o medico, que dà a faude , nam deixa rasto no corpo ferido , mas quer que fiquem as lembranças na alma agradecida.

II O mais que podiamos contar do Padre Francisco Estrada, deixo â Chronica de Castella, que está escrita de mam, feita pelo Padre Pero de Ribadeneira , da nossa Companhia; porque com os mesmos successos prégou por toda Hespanha , & foy Provincial em o Reyno de Aragam (como tambem se pòde ver no Padre Orlandino, na sua historia géral) ao qual agora deixaremos em Portugal, & daremos huma chegada ao Brasil, aonde o Padre mestre Simam mandou missionarios no anno de 1549. no qual entraremos com o livro seguinte d'esta historia.

Lib. 8. n. 57. &
lib. 9. n. 62. lib.
14. n. 56.



Anno de
Christo de
1549.

Anno de
Cipactua
10.



LIVRO TERCEIRO
DA CHRONICA
DA COMPANHIA DE
IESV, NOS REYNOS
DE PORTV GAL.

CAPITVLO I.

*Propoemse o fundamento, que
bouve pera o Padre mestre Si-
mam mandar missionarios ao
Brasil: da se conta do descobre-
mento, & Capitania, que aly
fizeram os Portugueses, & es-
tado das cousas daquella
Christandade.*

NA M paravam
já neste tempo
sò em Europa,
nem chegavam
sò a Africa, nê
entravam sò pela Asia as mis-

soens da Companhia; nem se li-
mitava o grande espirito do P.
mestre Simam a hum sò mun-
do; agora veremos no anno de
1549. (no qual entramos nesta
Chronica) a primeira missam, q̃
mandou ao mundo novo: & assi,
como no livro passado cõtamos,
ainda q̃ brevemente, as virtudes
admiraveis, & obras prodigiosas
do P. M. Gaspar, no Oriete, & de
outros seus cõpanheiros; assi ne-
stes capit. veremos outros glo-
riosos missionarios no Brasil; tẽ-
do muito de q̃ nos edificar, & es-
pantar do seu primeiro, & prin-
cipal capitam o P. Manoel de
Nobrega. Mas antes de entrar-
mos a tratar desta missam, serà
necessario, pera clareza do que

O o hemos

1549.

Do modo
em que se
puzeram
no princi-
pio as cou-
sas do Bra-
sil.

hemos de escrever, & ver brevemente o estado, em que se des-
puzeram, & ainda entam se a-
chavam as cousas do Brasil, as-
sim no temporal, como no espi-
ritual.

2 Descuberta pelos Portu-
gueses a costa mais oriental, que
fica na península, & parte mais
austral do mundo novo, pera o
meyo dia; o nome, que lhe
deu Pedro Alvarez Cabral, seu
primeiro descobridor, foy ter-
ra de sancta Cruz, por oc-
casião de huma fermosa cruz,
que elle, com grande solen-
nidade de missa, pregação,
& alegres salvas de toda a ar-
mada, fez arvorar naquella
praya de tam estendidas re-
gioens. Ficando, sem duvida,
a terra com tam soberano ti-
tulo, muy autorizada, senam
montasse mais com o povo
ignorante a inconsideraçam,
com que se lhe mudou, por cau-
sa dos ganhos, que lhe vieram
de hum páo chamado Brasil,
(que se dá nos maros desta ter-
ra) pelo qual se tem quasi per-
dido o nome da terra de san-
cta Cruz, chamãdolhe commū-
mente Brasil.

3 Foy este descobrimen-
to no anno de mil, & quinhen-
tos; & porque o capitam mór
Pedro Alvres Cabral tinha que
fazer sua derrota pera a India,
aonde navegava com a arma-
da; antes de dar à vela, quiz

dar a boa nova a Portugal, de
como a seu real sceptro se acre-
centava aquella fermosa cruz,
que tinha tennado posse desta
grande parte do mundo novo,
em nome de Christo & del Rey
Dom Manoel seu senhor: des-
pachou pera Portugal a Gal-
par de Lemos com as primer-
as mostras da fruta d'aquella
espaçosa regiã, que era hum
Indio, dos naturaes, que houve
às mãos.

4 Muy festejada foy em
toda a corte a alegre nova do
novo descobrimento d'esta grã-
de parte do mundo novo. E
como o felicissimo Rey Dom
Manoel em seu grande cora-
çam, & na esfera de sua em-
preza comprehendesse o mun-
do todo, acodio com muita
préssa a este mundo, que de
novo se lhe acrescentava; fez
aprestar a hum homem muy
pratico nas Mathematicas, &
Cosinographias, Florentino de
naçam, chamado Americo
Vespucio, ao qual mandou
reconhecer, sondar, & de-
marcar aquella costa do mun-
do novo, a quem, por esta re-
zã alguns Autores chamam
America.

5 Enteirado el Rey, pela in-
formaçam, que trouxe o Floren-
tino, de quam florente podia
ser aquella navegaçam novamē-
te descuberta, pela fertilidade
dos campos, largueza das terras,

Manda el-
Rey D. Ma-
noel desco-
brir a cos-
ta do Bra-
sil.

Em q anno
se desco-
briu o Bra-
sil.

Anno de
Christo de
1549.
Trata el-
Rey D. Ma-
noel de po-
voar o Bra-
sil.

Martim Af-
fonso de Sou-
sa foy pri-
meiro a po-
voar o Bra-
sil.

lib. 2. o. 12. n. 8

Anno de
Capanha
10.

& bondade dos âres; tratou logo de a povoar; & pera este effeito a dividio em Captianias, repartindo as terras por alguns fidalgos, dando a cadaqual certas legoas, cõ absoluto mado, pera as povoar, reger, & governar, de baixo de sua real jurisdicam. O primeiro fidalgo, que lançou mam desta empreza, foy Martim Affonso de Sousa, que depois foy governador da India, & teve aquella boa sorte, de levar consigo ao Oriente, o grande Apostolo do Iapam o sancto Padre Francisco de Xavier, como dissemos no primeiro livro: foy com elle seu irramam Pero Lopes de Sousa, ambos com licença d'elRey, pera cada hum tomar pera sy sincoenta legoas de terra. A este effeito se partio Martim Affonso de Sousa com huma boa armada, com a qual correo, sondou, & descobrio toda aquella costa, até o grande, & fermoso Rio da prata, em cujos baixos perdèo huma das melhores naos, que levava; & assim como hia descobrindo algũa terra de novo, por aquella costa, assim hia pondo os nomes, que melhor lhe pareciam, aos portos, cabos, rios, paragens, lagoas, entradas, & enseadas, porque hiam passando (que este he o privilegio dos primeiros descobridores de novas regioes) na volta tornou a surgir em S. Vicente, q̃ foy a primeira

Capitania, que houve no Brasil, fundada por elle Martim Affonso de Sousa.

5 Tambem seu irramam Pero Lopes de Sousa fez em Quibè hũa villa, demarcado cada hũ as suas 50. legoas, conforme as sesmarias da merce, & doaçam real. Nam teve Pero Lopes de Sousa tẽpo pera poder possuir, & povoar tam larga terra; cõ menos se contenta hũ corpo morto, & o grãde Alexandre, q̃ nam cabia no mundo todo, estando vivo, com quatro palmos de terra se aquietou sendo morto; porq̃sõ a morte (como disse o outro gẽtio) mostra aos homẽs quam pequenos sam seus corpos: assim succedeo a Pero Lopes de Sousa, que tratando de povoar aquella grande distancia de terras, que com liberal mam lhe deo o felicissimo Rey Dom Manoel, nem hum palmo de terra teve depois pera morrer, porque, em breve, acabou afogado no mar, faltando-lhe tã pequeno espaço de terra, em q̃ fosse sepultado. depois de morto, a quẽ tinha o espaço de 50. legoas, pera viver, & se enriquecer, se tivesse vida.

6 A Capitania, que chamam do Espirito sancto povoou Vasco Fernandes Coutinho, com mais venturoso successo, que o de Pero Lopes de Sousa; & ainda que ao diante, voltando elle pera o Reyno,

Morte de
Pero Lopes
de Sousa,
irramam de
Martim
Affonso de
Sousa.

Juven. sat. 10.
Sarcophago
contentus erit.

Juven. sat. 10.
Mors sola fate-
tur Quantula
sint hominum
corpacula.

Como forã
habitadas
outras va-
rias Capi-
tãcias.

Anno de 432
Christo de
1549.

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno da
Companhia
10.

se tornou a despovoar, comu-
do depois se foy restaurando,
& hoje he huma das melhores
Capitanias do Brasil. A Ca-
pitania de Porto Seguro po-
voou Pero de Campos Louri-
nho, natural de Villa de Con-
de, com muita, & boa gente, fun-
dando duas villas, a saber, Por-
to Seguro, & sancto Amaro, &
outras tres povoaçoens: porèm
como nesta vida andamos em
huma perpetua tormenta, nam
há porto seguro pera semelhan-
tes naufragios; assim aconte-
ceo aos que se davam por se-
guros, em Porto Seguro, porque
crescendo com a prosperidade a
soltura nos peccados, por duas
vezes, dentro em hum anno, se
ateou tam forte incendio, que
o segundo acabou de consumir
as reliquias, que do primeiro ti-
nhã escapado: a este fogo do cèo
tambem se acrescentou outro da
gente da terra, que sam os Ay-
murès tam crueis, que parecem
lobos, & nam homès; porèm es-
tes já hoje nos temem, & como
se vãm recolhendo pera os seus
matos, & os nossos melhorando
nos costumes, vay sendo agora
este porto mais seguro de Ay-
murès, & mais livre de incèdios.

Como foy
principia-
da a capi-
tonia da
Bahia de
todos os
Sanctos.

7 A Bahia de todos os Sã-
tos (que hoje he a Metropoli do
Brasil, & assento dos Governadores,
Bispos, & Ouvidores gè-
raes de todo aquelle estado) foy
primeiramente povoada por

Francisco Pereyra Coutinho,
mas a liberdade dos nossos nos
peccados, & o escandalo, que
d'elles tomãram os barbaros da
terra (que na verdade muitas
vezes, entre estes gentios, mais
barbaros somos nós por cruel-
dade, do que elles o sam por
costumes) com a morte de hum
mancebo filho do Indio prin-
cipal, se amotinãram, destruindo
as fazendas, queimando os
engenhos, & arrazando as ca-
sas, em tal forma, que a Fran-
cisco Pereyra lhe foy necessa-
rio recolherse à Capitania de
Porto Seguro, pera ahi se asse-
gurar dos assaltos destes barba-
ros, largandolhe o corro co-
mo a touros; & tentando de-
pois aplacalos, cuidando que já
estariam mais brandos, veyo a
fãr por elles morto em Tapari-
ca, aonde o derrotou hum ri-
jo temporal. Depois da morte
de Francisco Pereyra, se tornou
a povoar esta Capitania por Dio-
go Alvares, & seu genro Paulos
Dias, aos quaes os Indios aceita-
ram por serem homès pacificos,
& que os tratavam com huma-
nidade; que até estas feras, que
quasi nam tem rezã, sabem
conhecer a brandura; & cõ nam
parecerem homens, estranham
deshumanidades.

8 A Capitania de Pernam-
buco, povoou hum fidalgo, por
nome Duarte Coelho, cõ gente
muy escolhida. A Capitania,

Como se po-
voou a Ca-
pitania de
Pernam-
buco.

q se

Anno de
Christo de
1549.

Anno da
Cōpanhia
10.

q se chama S. Iorge dos Ilhéos, houve delRey Iorge de Figueiredo Correa, que sem hir ao Brasil, a mandou povoar com algũa gente. A do rio de Ianeiro tomou depois à sua conta elRey Dom Sebastiam, mandando edificar nella huma cidade (que por seu respeito se chamou de Sam Sebastiam) com grandes favores, & privilegios. Ao rio (q por ser estreito na foz, deixa aquelle porto muy defensavel) lhe poz Martim Affonso de Sousa por nome o Rio de Ianeiro, por entrar nelle o primeiro dia deste mes. Todas estas cappitanias, & outras que hoje hà, naquella costa, & parte do mundo novo, se foram povoando muy devagar, & humas depois de outras; de sorte, que até o anno (de que himos falando) que foy o de nossa redempçam de mil, & quinhentos, & quarenta, & nove, éram ainda poucos os Portugueses, que habitavam o Brasil, divididos por varias povoações, & principios de capitánias.

Dos assaltos, que lhe davam os barbaros.

9 Cōfinavam os nossos por algũas partes cõ algũs barbaros, q de quãdo em quãdo os vinhã visitar; entre outras nações, algũs sam muy féros, principalmente aos q chamam Tapuyas, & Aymurés, os quaes andavam pelos matos, & charnecas, sem ter cidades, nẽ villas, nẽ aldeas, vivendo apartados huns dos outros,

em choupanas, que muitas vezes mudavam, como antigamente os Scyrthas, & Nomados; nam sabiam que cousa era commercio com outra gente, alhéos de toda a policia, mais toscos, & mais brutos que as brutas montanhas em que se criavam; de maneira que á sua vista ficavam muy polidos aquelles Faunos habitadores da antiga Italia, nacidos dos troncos dos Carvalhos, que Saturno veyo do cêo a domesticar, conforme historiavam os Romanos. Estes Tapuyas, & Aymurés, contra as leys da propria natureza, comiam carne humana, tendo por honra, & valentia cevarse em seus proprios inimigos, com que metiam grande terror aos Portugueses, que arreceavam muito serem offerecidos por prato, nas crueis mesas d'estes novos Atreos.

10 Faltavam lhe prégadores, que lhes dessem as boas novas do sagrado Evangelho, & que com a brandura, & suavidade da ley, & graça divina, os doutrinassem, humanassem, & policiassem: porque depois que o Padre Frey Henrique, da Religiam Seraphica, Bispo que depois foy de Ceita, prégou a primeira vez nas prayas da Capitania de Porto seguro, & celebrou o divino sacrificio da missa, á vista d'aquelles barbaros, em

AEn. 8. Is genus indocile, & dispersum motibus altis, Cōposuit.

Da falta, q havia de prégadores.

Anno de
Christo de
1549.

434

Anno da
Companhia
10.

quatro semanas, ou pouco mais que a armada do primeiro descobridor Pedro Alvares Cabral, aly esteve surta. Nam sabemos que viessem outros religiosos, nê prégadores de Portugal a estas partes, senam foram tres, ou quatro da mesma ordem, que também acodiram á capitania de Porto seguro, aonde ainda hoje se mostrão as ruinas das pobres casinhãs, aonde sanctamente habitavam. Começaram os benditos Padres a romper com o arado do Evangelho os selvaticos, & espesmatos d'aquella barbara gentildade, com mais zelo, & fortaleza de animo, que com ventura, & felicidade de successo; porque antes de terem noticia da terra, querendo hum delles vadear hum rio a que nam sabia o vao, se afogou nelle, dandolhe com este desastre o nome, porque ainda hoje lhe chamam Rio do frade; como contam do rio Tybre em Italia, que teve este nome de hum Rey, que se dizia Tyberino, que nelle se afogou, chamandose d'antes Albula.

II Contra os outros companheiros se amotinaram aquelles gentios, & remetendo a elles, os mataram, despedaçaram, & comeram: & ainda que lhes faltou a humanidade, pera lhes perdoar, nam lhes faltou astucia pera maliciarem, porque se ve-

stiram nos habitos dos dous religiosos, que mataram, por lhes prégarem a fé, & por lhes reprehenderem seus peccados; & nesta forma revestidos, passeavam pela praya, fingindose frades, pera com este disfarce chamarem, & enganarem alguns Portugueses, os quaes, sem advertir, acodindo a religiosos, encontravam com Aymurês; descobrindo, debaixo das pelles de fingidas ovelhas, os dentes de lobos carniceiros: nam durou porêem muito esta traça, porq̃ nem costumam enganar durar muito, nem elles se ageitauam bem cõ aquelles trajos; & dando sobre elles os Portugueses, lhes despiram os habitos, & lhes tiraram as vidas.

CAPITULO II.

Trata o Padre mestre Simam de hir à empreza do Brasil, sem ter o effeito desejado: manda em seu lugar o Padre Manoel de Nobrega, com mais sinco companheiros.

I **N**O estado, que apõ-
tamos no precedente
capitulo, procediam as cousas do Brasil, com
grande

Ovid. 2. Fast.
78. Albula, quæ
Tyberim mer-
sus Tyberinus
in undis, Red-
didit. &c.

Anno de
Christo de
1549.

Como el-
Rey D. Ioã
entregou a
Companhia
a conver-
sã do
Brasil.

Anno da
Companhia
10.

grande falta de ministros do Evangelho, que doutrinassem gente tam ignorante, & policiassem tam barbaros costumes: & como o serenissimo Rey Dom Ioam o III. mais desejasse dilatar a ley de Christo, que prolongar as columnas de seu Imperio; tratou de acudir effectivamente ao remedio de gente tam desamparada. Entregou esta empreza a Companhia, mandando chamar ao Padre mestre Simam, & ordenandolhe, que escolhesse religiosos de grande espirito, pera com a doutrina evangelica trazerem ao aprisco do rebanho de Christo aquellas feras, que viviam sem ley.

2 Vendo o Padre mestre Simam esta nova empreza da conversã de tam larga gentildade, que podia na grandeza competir com a da India, & na barbaria, & ignorancia levarlhe conhecida ventagem; como quem nenhuma cousa mais desejava que seguir o primeiro intento, com que de Roma veyo a Portugal; já que nam podera seguir a seu amado irmam, & sancto companheiro o glorioso Padre Francisco de Xavier, na empreza da India, houve que Deos lhe offerencia a do Brasil, pera a qual tanto mais se afevorou, quanto mayor era o desamparo, & mais conhecida a ignorancia deste gentio; pelo que logo tratou de vencer a

mayor difficuldade, em que este seu desejo podia topar, que era o gosto que mostrava o Rey serenissimo em o ter na sua corte: tendo por certo que com repugnancia de sua real vontade, nam poderia aver beneplacito de nosso sancto Padre, nem do summo Pontifice, pera fazer viagem, & entrar na conquista, que desejava: por esta causa, hindo-se o Padre mestre Simam ao serenissimo Rey, lhe falou d'esta maneira.

2 Até agora, senhor, tendo recebidas de vossa real mãam muitas, & muy grandes merces, pera a Companhia, que todos sabemos reconhecer, & nenhum acabarã de servir: nam tenho pedido nada pera mim, à conta da grã de vontade com que vos sirvo, & da que em vossa Alteza vejo, pera me fazer merces. Por onde agora; com toda a confiança, vos quero pedir, senhor, huma merce, que segundo confio da graça divina, será pera vos fazer mayores serviços, estando absente, & ensinando os gentios, do que vos faço com minha presença, sendo mestre do Principe meu senhor. Bem sabe vossa Alteza, de como de Roma vinha destinado pera a India, por companheiro do Padre mestre Francisco, o gosto de vossa Alteza me fez ficar em Europa, cheyo de mil saudades da India, & de grandes envejas de meu bom companheiro mestre Francisco: pelo que a vossa Alteza, como a Principe tam justo pertence fazerme justiça, restituindome agora a conversã da genti-

Praticado
P. M. Si-
mam a el-
Rey Dom
Ioam, so-
bre hir ao
Brasil.

Anno de
Christo de
1549.

436

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno da
Companhia
10.

Pede o P.
M. Simam
licença pe-
ra hir ao
Brasil.

lidade, que entam por bons respetos me-
tiron: já o Collegio de Coimbra, que vos-
sa Alteza mandou fundar (a cuja obra
atè agora tenho assistido) está em altu-
ra, que sem mim pode crescer, & hir
avante. Bem sey que averá muitos, que
me estranhem querer deixar a corte de
vossa Alteza; pelas choupanas do Bra-
sil; & deixar o melhor Principe,
pelos peores gentios; & o mayor
senhor, pelos mais baixos escravos: mas
tal vez he licito deixar a Deos, por a-
mor de Deos; largar o Rey, pelos vas-
sallos, & deixar o senhor pelo escravo.
Há muitos melhores, que em, nesta vossa
corte, que com partes mais aventajadas
possam acodir a vosso real serviço, mas
há muy poucos, que se animem a deixar
os cortesãos de Lisboa, pelos Aymures
do Brasil: destes poucos, senhor, com
vossa real licença, quero eu ser o pri-
meiro no Brasil, pois nam mereci ser o
segundo na India. A vossa Alteza
pertence, por muitos titulos, conceder-
me esta licença, assim porque há muy-
tos annos que correm por sua conta es-
tes gentios, como tambem porque lha
peço em recompensa de serviços pro-
prios, se alguns tenho feito a vossa Al-
teza, a cuja real benignidade, & co-
nhecida christandade pertence acodir
como bem senhor àquelles escravos, co-
mo bom Rey àquelles vasallos, como
bom pastor àquellas almas, & como
Principe tam benigno deferir à conso-
lação deste humilde servo de vossa
Alteza.

Como al-
cançou li-
cença.

4 Edificouse muito o sere-
nissimo Rey desta petição, na-
cida da abrazada charidade, &

fervoroso zelo das almas do Pa-
dre mestre Simam; nam vinha
porém em o querer apartar de-
sy, pelo grande gosto que tinha,
em que o Principe seu filho ti-
vesse o bom logro de tal mestre;
com tudo foy tam efficaz a in-
stancia do servo de Deos (que
com huma sancta importuna-
çam continuava em sua peti-
çam) que nam podendo el Rey
resistir a tam fervente zelo de
ajudar as almas dos Brasís, lhe
houve de dar licença, posto que
limitada, por espaço de tres an-
nos, os quaes acabados se volta-
ria pera o Reyno. Festejou mui-
to o Padre mestre Simam esta
licença, & por ella beijou a
mam a sua Alteza. Logo escre-
veo a Roma, dando conta a nos-
so bema venturado Padre S. Ig-
nacio de seus intentos, & da li-
cença, que tinha alcançada do
serenissimo Rey, pedindolhe sua
sancta bençam, pera com dez
religiosos da Companhia comer-
ter aquella gloriosa conquista
do Brasil; avisando tambem ao
mesmo sancto Padre, como o se-
renissimo Rey desejava, que par-
tindose elle pera o Brasil, lhe
mandasse alguns dos outros pri-
meiros Padres, ou dos mais anti-
gos, pera ficarẽ, em sua corte, dos
quaes apontou em particular, ou
ao Padre Claudio Iayo, ou ao
Padre Hieronymo Domenec.

5 Recebéo o sancto Patriar-
cha as cartas da pretençam do

Da conta
desta pretê-
çam a S.
Ignacio.]

Padre

Padre mestre Simam, que pera elle nam foy nova, porque havia muitos annos, que lhe instava por hir trabalhar na conversam da gentildade, sem lhe ser possivel deferir a seus fervorosos desejos, pela resistencia que havia da parte do Rey. Avidas estas licenças, se fez prestes o Padre mestre Simam, pera a viagem do Brasil, pera onde tratava de partir na estrada delaneiro deste anno de 1549. Nem o detinha por entretanto, mais que a chegada de Roma do Padre Martinho de S. Cruz, que tinha hido aquella sancta cidade, sobre materias de grande importancia, pera esta provincia, em especial, pera o Collegio de Coimbra, do qual o dito Padre fora Reyor, como atrás dissemos.

6 Nam esta muitas vezes em nossas mãos a execuçam de cousas grandes: ainda que o homem he o que propoem, como parte; Deos he o que dispoem, como Senhor: & tal vez, aonde nós cuidamos que mais acertamos em emprezas gloriosas, Deos lhe dà o desvio, conforme sua divina vontade; contentandose, em alguns, sò com o desejo (que se he fervoroso, & de coraçam, nam há duvida, que tem tanto merecimento, como as mesmas obras). que assim succedeo a David (sobre a fundaçam do templo de Ierusalem) aquem Deos agradeceo a vontade, mas

nam aceitou a obra. De tal maneira ordenou as cousas a disposiçam divina, que quando o Padre mestre Simam esperava a chegada do Padre sancta Cruz, (do qual falamos no livro següdo desta Chronica) pera se partir pera o Brasil, lhe chegarã novas de sua partida pera o cêo, & cõ ella se dilatou a ficada e Portugal: & se occasionaram tantos negocios, tam circumstanciados de gravissimos impedimentos, que julgaram os Padres desta provincia, que convinha totalmente resistir ao comprimẽto deste seu grande desejo, pela grande falta, que em tal tempo lhes faria este seu unico, & tam proveitoso pay: & assim lhe foy forçado ao Padre mestre Simam nam hir ao Brasil, ficando com mayor pena, vivendo em sua patria, do que outros poderiam ter, morrendo no desterro.

7 Vendo pois o Padre mestre Simam, que por entam lhe nam era possivel hir em pessoa ao Brasil, escolheo seis religiosos da Companhia, pera darem principio a tam gloriosa empreza. Estes foram o Padre Manoel de Nobrega, superior, & primeiro Provincial d'aquella provincia; o Padre Ioam de Aspilcuenta; o Padre Antonio Pires, o Padre Leonardo Nunes; & os irmãos Vicente Rodrigues, & Diogo Iacome; & de todos faremos abaixo particular, posto que

breve

Lib. 2. c. 17.

Resistem os
Padres á
hida do P.
M. Simam
ao Brasil.

Lib. 2. c. 17.

Como se
desfez a hi
da do P. M.
Simam ao
Brasil.

1 Reg. e. 7. n.
6. Nunquid tu
edificabism ihi
domum ad ha-
bitandum.

Vay pera o
Brasil o P.
Manoel de
Nobregacõ
mais sinco
companhei-
ros.

Anno de
Christo de
1549.

438

Anno da
Companhia
10.

breve mensam. Estes se embarcaram em companhia de Thomé de Sousa, que o serenissimo Rey mandava por primeiro governador d'aquella espaçosa provincia, com poder absoluto, & com jurisdicam sobre todas as Capitancias, de que atràs falei: o qual foy fidalgo de grandes mercimentos, & muita christandade, & veyo a ser veador da fazenda d'elRey Dom Ioam o III. & da Rainha Dona Catharina.

8 Partio da barra de Lisboa o novo governador Thomé de Sousa, & com elle os Padres da Companhia, no principio de Fevereiro de 1549. & com vento prospero, & mōçam tendente, avistaram o Brasil, & lançaram ferro na Bahia de todos os sanctos: desembarcaram logo na villa velha, saindo os Portugueses, em som de guerra, armados, & postos em feiçam de pelejar, por se nam fiarem dos barbaros da terra. A primeira cousa, que fizeram, depois de darem graças a Deos, pelos deixar por o pè em terra, foy, cō grande devaçam, & igoal festa, arvorar huma fermosa cruz, em hum campo razo, à sombra da qual se alojaram no mesmo lugar, por espaço de hum mes, em quanto tratavam de ganhar as vontades aos barbaros, & de escolher sitio, pera a nova cidade, que queriam fundar, que ha-

via de ser cabeça de todo o Estado da Brasil, & assento perpetuo dos governadores, justiças gèraes, & Bispos d'elle. Começou-se a obra com grande fervor, conforme o regimento, que levava o governador Thomé de Sousa. Porém em quanto elle continúa no edificio da cidade, & os seis da Companhia estam alojados a tam boa sombra, como a da sancta Cruz, que arvoraram, antes que digamos alguma cousa da virtude, & grandes talentos de cada hum d'elles, & do muito que trabalharam naquella inculta vinha do Senhor, nos obriga o costume dos historiadores a dizer alguma cousa daquella grãde Provincia do Brasil, dos costumes da gente, das propriedades da terra, & de algumas cousas mais notaveis, que d'ella soubermos, por relaçam dos nossos, & experiencia de muitos.

CAPITULO III.

Da se huma breve noticia da terra do Brasil, de sua muita fertilidade, & variedade de fruitos, com que Deos a enriquece.

1 **A** Inda que entre os Portugueses sam muy sabidas

*Chegam os
Padres ao
Brasil.*

*Como se co-
meçou a ci-
dade da Ba-
hia de to-
dos os Sã-
ctos.*

Anno de
Christo de
1549.

Anno da
Cõpanhia

10.

Altura em
que fica o
Brasil.

^a
Maff. Indic.
hist. lib. 2. in-
titio.

das as cousas do Brasil, donde hoje quasi sam tam naturaes como de Portugal, com tudo a obrigaçam de quẽ escreve, nam atenta sõmente aos que sam sabios nas materias; mas tal vez há de deferir ao hospede, & satisfazer ao estrangeiro, q̄ deseja conhecer, por escrito, o que nam vio por experiencia; & alcançar nos livros, lendo, o que nam pode conseguir com os olhos; & assim nos fica a nõs correndo a obrigaçam de dar alguma noticia, por mayor, das cousas do Brasil; porẽm esta serà em tal forma, & com tal brevidade, que nem enfademos aos que já as sabem, nem faltemos aos que ainda as desejam saber; pera d' esta maneira ficarmos melhor entendendo qual foy o theatro aonde os religiosos da Companhia deram ao cõo tantos aplausos de infinitas almas, que lhe offereceram quãto mais que cõ esta variedade na historia, aliviaremos aos leitores, aos quaes offereço este pequeno trabalho, no qual, por ventura, que nas antiguidades do Brasil, achem aqui algumas cousas de novo; porque como temos estas noticias por via dos nossos Padres, que aos palmos correram todas estas terras, podemos assegurar, que se nam forem estas cousas as mais novas, ao menos seram as mais certas.

2 Corre pois esta provin-

cia de sancta Cruz, hoje vulgarmente chamada o Brasil, de dous grãos da Linha Equinocial, até trinta, & cinco, pera o meyo dia, que tantos vam até o cabo de S. Maria (junto do qual entra no mar o rio da Prata) defronte quasi por linha direita, do cabo de boa esperança, que fica na mesma distancia de grãos. Por onde parece erro da impressã, em o nosso Padre Maffeo, que em lugar de trinta, & cinco, lhe puzeram quarenta, & cinco grãos: & mayor erro he ainda dos que dizem que chega o Brasil por cincoenta, & cinco grãos, até o estreito de Magalhães. Ficam lançadas estas terras em forma (como mostram os melhores Cosmographos) de hum comprido triangulo, cuja baze está virada pera a linha; da parte do Norte se estende directamente do Oriente pera o Occidente, vindo dar huma ponta, da banda do meyo dia, em regioens até hoje quasi incognitas.

3 Pelo lado, que lança pera o Oriente, que fica defronte dos Reynos de Loango, Congo, Angola, Monomotapã, & até o cabo de boa esperança, cerca ao Brasil, com suas immensas agoas, o mar Oceano Ethiopico, & Austral. Pelo outro lado occidental, pela parte interior, da banda do occidente, se divide esta Provincia da do Pe-

Serras cõ
se divi-
do Brasil
do Perú.

rú, com humas serranias tam altas, & com huus rochedos tallados, tam fragoſos, & eminentes, que à ſua viſta perdem a fama os celebrados Alpes, & tam nomeados Pirinèos; pois (ſegundo ſe conta) atè as meſmas aves mais voadoras, com difficulda- de ſe levantam a tal altura; nem há mais que hum paſſo, & eſſe muy agro, & difficuloſo, pera ſe poder paſſar de huma deſtas provincias, pera a outra; como ſe a meſma natureza prohibiſſe eſta communicacão, pondo aquellas eſpantofas montanhas, como por marcos, & balizas, q̄ repartiſſem aquellas ricas provincias a diverſos ſenhores.

4. E poſto que, no que toca aos mais dos habitadores deſtas terras, poſſamos admitir, cõ muitos autores, que parece foram a ultima obra da natureza, quando eſtava já mais cansada; com tudo no que toca à freſcura, & fertilidade, lhe quadra o louvor, que dà Plinio à ſua Cãpania em Italia, dizendo que parecia obra da natureza, quando eſtava com a mam mais folgada; porque aqui ſe vê aquella ſua ditofa, & bemaventurada amenidade. He toda a regiã muy fertil, e muito freſca; de ares ſãdios, benignos, & tẽperados, de muy fermofas viſtas, cauſadas da perenne verdura dos cãpos cheos de plantas, que em todo o anno conſervam a folha,

os montes abrigados, o cẽo vital, puro, & fereno; a terra cuberta de arvoredos, povoada de bosques, abundante de paſtos, levantada em gracioſos, & alegres outeiros, dilatada, & eſcondida em freſcos valles; em mãres de fermofas campinas; as quaes todo o anno conſervam a verdura, mostrando ſempre a graça da primavera, ſem deſteperacão dos rigores de inverno, nem ardores das calmas do eſtío: de modo que eſcaçamente ſentem os moradores nem aſpe- reza de frio, nem exceſſo de quentura.

Por toda eſta regiã arre bentam abundantes fontes, & correm caudaloſos rios de capaciffimas madras, & alguns delles muy poderofos em agoas: por toda eſta eſta entram muitos braços de mar; como ſe a meſma terra ſolicita em ajudar ſeus naturaes, contando ſe a ſy meſma, admitiſſe eſtes mãres, & ſe retalhaſſe em rios, pera com mais facilidade abrir paſſagem, & franquear o commercio a ſeus habitadores; como Plinio a diſſe da ſua Italia. Os principaes rios ſã tres, q̄ nacẽ de hũ immẽſo lago no interior do ſertã, muito rico, ſegundo a fama, de ouro, prata, & pedrarias o primeiro, & mais celebrado deſtes, he o rio da Prata, cuja foz eſtã em trinta, & ſinco grãos da banda do Sul, & tem mais de quarenta legoas de

Como he o
Brasil freſ-
co, & abũ-
dante.

b
Vide Dam. de
Goes 1. part.
Chron. Reg.
Emman. c. 56.

c
Pli. natur. hiſt.
lib. 3. c. 5.
Felixque illa,
ac beata am-
nitas, Vt palam
ſit uno in loco
gaudentis opus
eſſe natura.

Louvores
da terra
do Brazil.

d
Pli. Natur. hiſt.
li. 3. c. 5. n. 30.
Tãquam ad iu-
vandos morta-
les ipſa avidẽ
in matia pro-
currẽs.

Rio da
Prata.

boca,

boca, pela qual entra no mar, com tam grande apezo de agoas, que cortando os mares salgados, bebem os marinheiros de suas agoas doces muito longe de sua foz, como no livro segundo contamos do rio Zayre, junto a Congo.

Lib. 2. cap. 27

Rio Real.

5. O segundo rio, que sahe do mesmo lago, se chama Rio real, o qual em doze graos vem sahir junto a Bahia de todos os Sanctos, nam tem mais que meya legoa de boca; mas sahem tambem delle as agoas tam valentes, que cortando as salgadas do mar, por espaço de tres legoas, conservam sua doçura; navegase por elle acima obra de setenta legoas, e nem se pode passar adiante, por causa de huma quebrada de quatrocentas braças de alto, da qual todo o rio se despenha (como contam do Nilo em Ethiopia) com tam horrendo estrondo, como se fosse hum continuado, & espantoso trovam; & com a força desta precipitada queda, tem feito hum como sumidouro debaixo da terra, pelo qual se mete, & esconde, & vay sahir dahi huma legoa; como se gostasse de tornar a nacer, da maneira que os antigos fingiam, na sua Grecia atrevida em historiar, do celebrado rio

Alphéo, na região Peloponense, que escondendo suas agoas por debaixo do mar, as vinha descubrir, & entregar ao Mediterraneo, junto a fonte Arethusa em Sicilia.

6. O terceiro rio, que sahe d'aquelle vastissimo lago para a parte do Norte, he o em que entra outro, que se diz das Almazonas; algũs lhe chamam, o rio grande, & hoje communmente o gram Pará; nam esta sua foz mais que meyo grao da linha; a qual dizem ser de quarenta legoas. Alem d'estes tres tam finalados, & famosos rios, que procedem da mesma fonte, há outros muitos de estranha grandeza, & fermosura, hum dos quaes he o rio do Maranhã, que dista do de Sam^{cento} ~~trinta~~ cincoenta legoas. Tem este rio dentro de sy muitas, & muy grandes Ilhas, & no meyo huma povoada de grande numero de gentios; tem sete legoas de boca, pella qual entra no mar ao Norte; pode se navegar por elle acima cincoenta legoas, até onde chega a maré, & nesta paragem entram nelle outros rios do sertão, por hum dos quaes, no descobrimento, que os Portugueses fizeram no anno de mil, & quinhentos, & trinta, & cinco, se navegou por espaço de duzen-

Virg. 3. AEn. Alphœum izma est huc Ehidis amnē Occultas egisse vias subter mare quicquid Ore Arethusa quo Siculis confunditur undis.

Rio grãde, ou rio do gram Pará.

Rio do Maranhã.

tas, & cincoenta legoas, até
 lhês faltam altura de agoa,
 pera nadarem nas embarcaço-
 ens. meo & ...
 7. Há nesta região grande
 diversidade de arvores, de no-
 tavel grandeza, & fermosura,
 há plantas, & lenhos muy
 aromaticos, & salutariferos, co-
 mo de sandalos, jacarandás,
 aquilas de bom cheiro, noz
 moscada, gengibre, canafisto-
 la, pimenta, tabaco, a que
 chamam hoje erva sancta, por
 outro nome Betum; sobre to-
 dos os frutos o mais notavel,
 & o mais precioso he o do as-
 fucar, porque nelle ajuntou
 a natureza o doce, & o pro-
 veitoso. Há muita variedade
 de balsamos; entre outros he
 muy estimado o que de sylla-
 cam humas arvores chamadas
 Copaibas, que sam muy altas,
 & copadas, as quaes sarjadas
 na casca (lique até às arvores
 he proveitosa a sangria) esti-
 lam pelo estio aquelles pre-
 cioso liquor, o que alem do
 bom cheiro, que experimen-
 tamos, tem virtude pera curar
 feridas, & preservar de corrup-
 ção; há palmas muy fermos-
 sas de varias castas, e de
 tam espantosa grandeza, que
 laum só, que com a lançoa a
 pava, e engroo Camamup & os
 Ilhéos, deo toda a madeira
 pera a fábbrica da Igreja da
 Misericordia, que se fez na

villa dos Ilhéos, sem entrar
 nem huma só taboa de algu-
 ma outra arvore; & passa-
 vam as raizes d'elle de trin-
 ta palmos em diametro. He
 tambem muito pera celebrar
 humna fermosa arvore, que
 parece tem a fecundidade das
 arvores, que vio Sam, Ioan,
 nas Ribeiras do rio do Pa-
 raíso, que davam doze frui-
 tos no anno, chamase Te-
 nipava; tem esta arvore to-
 do o anno fructa madura, a
 modo dos nossos mamelos;
 tem juntamente outra verde,
 & no mesmo tempo tem flor,
 & todos os meses muda a
 folha, & se reveste de no-
 vo: de modo que se he sem-
 pre a fructa acompanhada com
 folhas frescas; mas não se
 contenta com folhas, senão
 que tambem dá flor, & jun-
 tamente offerece fructa; como
 se a quizesse apresentar, cham-
 famente madura, & se desca-
 mas tambem enramada com
 as folhas, & juntamente en-
 feita, & visto se com as flo-
 res. A copia, fermosura, &
 grandeza de laranjas, cidras,
 limoens, limas, & mais arvores
 de yespinho heoam conhecida
 ventagem ás melhores, & mais
 celebradas do misso Portugal.
 Seria nunca o acapar, se qui-
 zessemos por menor contaria
 a fantosa grandeza, & appa-
 zivel

Notavel
 grandeza
 de arvore.

Apoc. c. 22. n.
 2. Ex utraque
 parte fluminis
 lignū vitæ, affe-
 ritur. Quod
 duodecim, per
 menses singu-
 los &c.

Há grãde
 variedade
 de arvores
 fructife-
 ras no
 Brasil.

Da muita
 diversidade
 de de plâ-
 eas.

zivel variedade, que hãde arvores, de plantas, & de frutees, das quaes deixo de falar, por nam mostrar que me vou já esquecêdo da brevidade, que prometi, neste capitulo.

9 Nam he menor a variedade, & novidade dos animais, do que das plantas, porque nam sòmête cria esta terra muitos dos principaes, que conhecemos, como sam Veados de muitas castas, Antas, Porcos monteses, Onças, Tigres, Gatos bravos, Porcoespinhos, mas quasi infinitos outros, huns conhecidos, outros de que nam temos noticia entre nós.

10 Tambem he maravilhosa a fermosura, & diversidade de aves, & passáros, que Deos criou no Brasil, alguns de cores finissimas, de tam suaves musicas, de tam galharda vista, de instinctos tam particulares, & curiosos, que he muito pera louvar, & engrandecer ao supremo Autor da natureza, que assim soube enriquecer aquella terra com plantas, povoala de animais, & encher seus àres com tantas aves, & com passáros tam curiosos. E pois entrei nesta materia das aves, ainda que vou tam apressado, nam posso deixar de me deter em descrever a curiosidade da vista, ao menos em hũ, e o instincto da natureza em

outro. Hã hum passaro, que alem de constar de cores finissimas, tem hum como barrete na cabeça, de pennas tam fermosas, que representa toda a variedade das que escaçamente alcançam os que melhor dellas entendem; se o poem de huma parte, nam hã veludo carmesim, nem escarlata de mais viva cor; & logo se o virãis pera a outra, nam hã preto mais escuro, nem mais lindo azul celeste; & se lhe dais outra volta, nam hã peça mais dourada, nem diamãte mais resplandecente; o papo he de cor peregrina, a q̃ nam sabemos bẽ dar o proprio nome; porque se lhe quereis chamar amarélo, logo se vos representa verde; & quando cuydaveis, que era azul, de repente se vos mostra encarnado, & em hũ momẽto parece laranja; & logo jurareis, que he leonado; com hũã tã notavel mistura de todas as cores jũtas, q̃ polas furtar todas à natureza, lhe quadrava melhor o nome de furtacores; se lhe nã quizermos chamar Protheo das cores: o mais corpo he revestido de hũ pardo muy gracioso, q̃ faz realçar mais, & sahir mais brilhantes as outras cores, mas atẽ este mesmo pardo sahe como sobre dourado, enriquecido com mil esmaltes, & retoques de encarnado, que avultam mais sobre a cor parda do vestido. O bico he muito

*Passaro de
miravel e
cores.*

*Grãde variedade, e
novidade
nos ani-
mais.*

*Notavel
diversidade
de nas a-
ves.*

comprido, & todo preto, com o qual apanha o orvalho, & mel de que se mantem a sy, & sustentam a seus filhos: de modo que a sua sustentaçam nam he da terra, como dos outros animais, mas todo depende do cèo, como se nam tivesse a terra pasto digno de tam fermosa ave: chamamhe os naturaes Garracicam.

*Notavel
instincto
de huma
ave.*

II O outro passáro por nome Tangarà, tem tambem na cabeça hum como barrete de laranjado finissimo, & sobre os olhos certos perfis da mesma cor; este nam canta, senam em certa occasiã, que direi logo: he este passáro notavel em ter certos accidentes, como de gota coral, que o derrubam, & deixam sem sentidos, nem movimentos, por algum espaço de tempo, no qual, em quanto elle assim está como morto, poemse outros passáros da sua mesma especie à roda, & com grande pressa se mudam, & trocam entre sy os lugares; & em quanto dura esta dança, o andam picando, & como espantando, pera que torne em sy do accidente; & continuã nestas mudanças, até que o doente esperta, & se levanta, dando hum grande assobio, a que os outros todos respondem com o mesmo viva, & começando a voar o

que estava amortecido, o seguem todos em bandos, com tanta festa, & enlevados tanto da musica, que vam dando ao seu convalescente, que às vezes os tomam à nam, sem elles desistirem do cantar, nem advertirem mais, que em festejar, & aplaudir a saude do seu enfermo; & sò nesta occasiã sahem com sua musica, que parece mais bem empregada em festejar a saude alhea, que a do Cyrne, que tambem sò a exerceita em adivinhar a morte propria.

12 Nem faltam lá as nossas perdizes, galinhas bravas, nas cores de fora mais appraziveis que as nossas, porém a carne de dentro nam he tam branca, nem tam saborosa. Tem codornizes, rolas, pombas, melros, & pátos, & outras muitas aves semelhantes às que cá temos, com quasi infinidade de outras, que entre nós se nam criam. Há tambem Aguias, Falcoens, Açores, Gaviaens, & outras muitas aves de rapina (que estas em nenhuma parte faltam, & igualmente se dam em Portugal, & no Brasil.)

Muita variedade de outras aves.

13 Dissemos dos animais da terra, & das aves do ar, & me detive mais do que quizeira nestas descripçoens, agora faltava falar dos peixes do mar, dos quaes há por aquel-

Tambê há grãde variedade nos peixes do mar.

la costa tam grande variedade, que nam sò a enriquecem, mas també a fazem admiravel com a novidade, & nas feiçoens, grandeza de corpos; & com o sabor, que leva a ventagem em muitos aos mais estimados, & mais preciosos de Portugal. E porque neste particular hà peixes no Brasil muy admiraveis, baste esta noticia gèral, por nos nam determos tanto no particular.

CAPITULO IV.

Continuase a mesma materia, em especial dos costumes dos naturaes do Brasil; & das barbaras ceremonias, com que comem a carne humana.

MVito he pera espantar, que mostrando-se a natureza tam dadivosa, & liberal pera com os fruitos da terra, do mar, & do ar do Brasil, se mostrasse tam escaça, & avarenta, pera com os homens da mesma terra; & sendo os ares tam benignos, & temperados, o terreno tam fertil, & abundante; & havendo animais na terra, & aves

no ar, com instinctos tam maravilhosos, sahifsem os homens tam rudes, tam barbaros, & ignorantes, que com difficuldade se podem muitos persuadir, que merecem nome de racionaes. Em fim, parece que a natureza trocou as mãos, & pera a terra se mostrou mãy, & pera os homens madrasta. Nam houve (como diziamos) no antigo Latio, a Faunos mais sylvestres, achados ao pé das moutas, a quem Saturno veyo domesticar: nem houve Satyros mais agrestes, nem Sylvanos mais rusticos, criados nas montanhas de Arcadia, tam celebrados entre os Gregos, & tam cantados entre os antigos poetas, que barbarizassem tam brutalmente, como estes Indios, criados nos matos, & charnécas do Brasil, bem podemos confiadamente dizer d'estes, o que d'aquelles se disse, que tendo só o rosto de homês, tinham a natureza de brutos; se lhes nam quizermos chamar homens meynos féras, como Plinio. chamou a outros semelhantes.

2 Andam em bandos, como entre nós o gado, hús detrás dos outros, todos muy calados, occupandose em escutar, & bater o mato, aonde se acertam de sentir bulir alguma cousa, que imaginam lhes pôde

a
Virg. AEn 8.
Genf. que viri
truncis, & Juro
robore nati.
&c.

b
Virg. 1. Georg.
Ovid. 1. Me-
tam. 39.
Horat. 3. Carm.
od. 18.

c
Plin. Nat. hist.
lib. 7. c. 2

*Quam ignorantes sã
os homês,
& quam
barbara
he a gente
do Brasil.*

*Nam tem
Ley, nem
fé, nê Rey.*

*Vide Maff. de
rebus Indiis.
lrc. 2. prope
initium.*

*Quam effi-
caz he a
imagina-
çam nestes
barbaros.*

fazer mal, deitam a fugir a
mais correr, & nam se ajuntam
senam d'aly a muitas legoas.
Nenhum conhecimento tem
do criador, nem idolos reco-
nhecem, nem tem modo algum
de culto divino; nam tem ley
nenhuma, nem professam fé,
nem reconhecem Rey; & por
isso alguns curiosos quizeram
notar, que no seu alphabeto,
nam usam das tres letras F. L.
R. como se até nisto a nature-
za, com sua occulta prudencia,
nos ensinasse, que nem o no-
me, nem ainda a primeira letra
sabiam, á Fé, à Ley, & ao Rey.
Sam porém grandemente so-
geitos a seus feiticeiros, & per-
didos por agouros. Nam dei-
xam de ter algum conhecimē-
to da immortalidade da alma,
posto que cuidam, que depois
da morte, as almas se tornam
em demonios, & destes ham
elles tam grande medo, que to-
dos os dias, em certos passos do
caminho, lhe ham de offere-
cer alguma dadiva, & quando
a nam fazem, tē imaginaçam,
que ham de morrer, & he tam
forte, & poderosa semelhante
apprehesam nestes gentios, que
tanto que entram nella, se apo-
déra d'elles a melencolia de
maneira, que basta pera mor-
rerem, sò porque cuidam que
morrem, como lhes acontece
cada dia; & os religiosos da
Companhia, que com elles tra-

tam, tem disto clara experien-
cia, procurãdo por muitas vias
atalharlhes esta morte da ima-
ginativa, porque se lhe acerta
de entrar semelhante apprehē-
sam, he doença sem remedio,
que infallivelmente os mata; e
muitas vezes no mesmo dia, &
na propria hora, em que a ima-
ginaçam os entra, os deixa a
vida: por tantas estradas cami-
nhamos pera a sepultura, que
tal vez semia violencia do fer-
ro, & sem a furia do fogo, com
menor trabalho, basta imagi-
nar na morte, pera perdermos
a vida.

2 Como sam tam brutos
nos costumes, nam he muito
que o sejam nos mantimentos,
nam perdoam a sapos, lagartos,
cobras, & mais inmundicias;
posto que tambem usam da
mandióca, que he o seu pã, &
& mantimento ordinario, que
fazem de certas raizes, que
plantam as molheres, cujo he
o trabalho de cavar, semear, &
cultivar a terra, porque os ho-
mens sò se occupam em el-
moutar, & queimar o mató, em
guerrear, & em caçar. Nam
tem hora certa, nem deputada
pera comer, mas a qualquer
tempo que sentem fome, & se
lhe offerece mantimento, ain-
da que seja à meya noite; se
poem a comer muy de propo-
sito. Sam muy soffredores de fo-
me, & sede, porque com qual-

*As molhe-
res do Bra-
sil sam as
que traba-
lham.*

quer cousa se contentam, passando dias inteiros sem comer, nem beber, sem disso se queixarem, ou se mostrarem descōtentes; quando comem nam bebem, senam no cabo, por jũto, a modo de brutos; nem se curam muito da agoa ser limpa, & cristalina, porque de qualquer charco se contentam; suas camas dos mais polidos, sam humas redes, que penduram pelas pontas em diversas partes da choupana, a modo de huma funda muito larga.

4 Nam tem outro vestido mais que o que lhe deo a natureza, porẽm quando se querem enfeitar, & por mais louçãos, tingemse com hum certo summo de humas frutas, que chamam genipabo, & esta cor lhe dura por espaço de nove dias, fazendo muitas laçarias, & labores por todo o corpo, & cõ isto se persuadem, que sahẽ mais ricos, mais vistosos, mais galhardos, & mais vestidos à culta; zombando, quando assim se vestem, das nossas tellas de ouro, & prata, & da nossa pedraria mais fina (que he tambem outro genero de zombaria, senam que esta nossa tem melhor escufa, por ser mais usada de melhor gente) Outras vezes se untam de almecega, pegãdo nella muita diversidade, & fermosura de pennas, com que sahẽ por todo o corpo mvy enfeitados

*Os Brasís
nam trazẽ
vestidos.*

*Como se
enfeitam
estes In-
dios.*

de plumas, & de penachos (& na verdade nam tem mais direito os bichos da seda, pera vestirem os Europêos, do que as aves do ar, pera enfeitarem aos Brasís) mas o de que sobre tudo se horam, sam as pedras verdes, & brancas, que trazem como embutidas nos beiços, que furam pera este effeito (que nam pòde deixar de ser galla muy custosa) & aquelle vem mais bizarro, & com huma galante ferocidade, mais aparatoso, que traz mais pedras destas, mais buzios, & outros pendentos pelos beiços, & pelas faces, como encaftoadas na propria carne; que até estes barbaros se martyrizam, pera se enfeitarem: tã natural he no mundo gostarem os homens de parecer bem, ainda que seja derramando sangue, por se mostrarem galantes.

*Noravel
mozo dese
enfeitarẽ.*

5 Nam tem Rey, nem Principe, nem justiça, a quem reconheçam, mas sempre em cada aldea hà hum como mayoral, a quem os outros guardam algum modo de respeito. Este pouza separado, tem por officio prègar de madrugada, persuadir aos outros o que quer, ou seja paz, ou guerra, ou alguma feitiçaria, o que faz cõ grande alvoroço, & fervor, dando em sy, gritando, & arzoando, com grande copia de palavras, & com muita variedade de af-

feitos; prezam-se muito de valentes, sahem à guerra huns cōtra os outros, & mais estimam matar hum Tapuya, que he o terror destes Brasis, do que se prefaria hum christam de cortar a cabeça a algum famoso Turco.

6 Tem grandes ceremonias em trazer o inimigo vencido na guerra pera a aldeia, & em o apofetar, tratar, & levar por espaço de tres annos, que o detem, antes de o matar, & comer, a fim de lhe ficar delle geraçam, em que exercitem a mesma crueldade. Ao entrar da aldeia, até chegar a casa, ou choupana do que o cativou, vem com festas, bailos, & cantigas, & o Tapuya cativo, vem fazendo seu bailo da guerra, com estranha braveza, sem mostra alguma de sentimento. Todo este tempo tratam ao cativo com todo o mimo de caça, & pescaria, pera melhor o se varem; tēno porém carregado com cordas de algodam, que lhe lãçam ao pescoço, que pesarã meya arroba. A guarda, que lhe poẽ, sã velhas muito crueis (que nem por isso estã peór guardado) as quaes o vigiam de continuo, pera que nam fuja. Todos estes tres annos gastam em se aperceber pera o dia da festa, em que o ham de comer, fazendo suas rōças, levantando choupanas de novo, & tal vez mu-

dando a aldeia, & quanto mais aparato se faz a esta morte, tanto o preso mais se honra, & se dà por mais famoso.

7 Chegando o dia affinalado, primeiro o vam lavar a hum rio, pera hir mais purificado, & dahi o trazem com grande festa, de bailos, & de cantigas, dizendolhe, que nam estranha fazeremlhe o que elle, & seus parentes muitas vezes a outros tinham feito: logo o trazem a hum terreiro, aonde lhe tiram as cordas, & lhe lançam outras pelo pescoço de vinte & trinta braças, muy galantes, tecidas com tanta arte, que parecem feitas por algum sirgueiro dos mais primorosos de Europa. Por estes cordoens (que nam sã os de Adam, com que Deos prometia trazer a seus escolhidos presos na liberdade da verdadeira charidade) o tomam no meyo, hũs de huma parte, & outros de outra, como a touro de cordas, & lhe dam muitas frutas, com que elle atira a todos; tal he a festa que fazem nestes dias, que acontece muitas vezes fugirlhe o preso de noite do curral onde o tem, porque as mesmas guardas, & carcereiros, cansados dos bailos, & alienados com o muito beber do seu vinho (que fazem de milho) nem dam acôrdo de sy, nem dam fé do que lhes foge.

Das ceremonias q̃ usam, quã do trazem algum Tapuya cativo.

Do modo cõ q̃ trazẽ o Tapuya pera o matarem.

*Oze. c. ii. n. 4.
In funiculis Adam trahã eos, in vinculis charitatis.*

Da grãde festa q̃ fazem, pera matar o Tapuya.

Descreve-se o modo cõ que sahe o matador do Tapuya.

8 No dia decretado pera esta sua festa da matança do Tapuya, sahe o matador muy gallardo a seu modo; vem tingido de hum barro branco, o rosto sobre tinto, & gateado pelo corpo todo: traz huma gorgeira de pennas de cores ao pescoço, na cinta huma espada de pão muy implumada nos cabos, & elle todo tam contente de sy, tam vaidoso, tam soberbo, & entonado, que cuida que leva apos sy os olhos do mundo todo. Entra no terreiro, aonde se hà de executar a morte, acompanhado com seus padrinhos: começa a dar varios passos, como prologo que entra no theatro, antes que comece a lançar a loa: faz logo hum bailo tam terrivel, que mete horror, enchendo o ar de rinchos, de affubios, & alaridos. Nam he pequeno espanto ver apos isto sahir o preso ao terreiro, dando tambem seus saltos, fazendo suas danças, & affubiano, com tal festa, & alvorço, como se aquelle fora hum dia de gram prazer. Aqui o vem demãdar o matador, cõ estranha bravosidade, esgremindo, & bizarreão cõ a espada, chegase a elle, & depois de fazer varias ceremonias, lhe dà hum golpe mortal, derrubãdoo no cham: logo lhe quebra a cabeça, partindoa em varias partes, alevantando os presentes grandes gritas, em final de festa.

Como matam o Tapuya preso.

9 Acodem logo as mulheres com as crianças no collo, & com notavel pressa, & grande sofriguidam, as vam untar com o sangue, ainda quente, do Tapuya morto, pera daly se affeçoarem a beberem com o leite tambem o sangue humano; coula que Plinio e estranha fazerem os homens, ainda no sangue das feras, porque sempre parece genero de crueldade beber sangue. Segue-se logo hum pranto geral dos homens, & mulheres, que fazem, nam sobre o morto, que aly tem; mas com faudades dos seus, que naquella forma acabaram entre os inimigos. Passado o choro, depois de bẽ limpo o corpo, o talham, & repartem entre sy, com grande festa, tomando pera isto hum como almotacel; antigo já, & versado neste officio: & todas as vezes que ham de comer carne humana, o fazem com iguaes festas de bailos, & affubios. O matador, feita esta valentia, se vay lançar em huma rede, que he a sua cama, sem sahir da choupana, nem se deixar ver, ou visitar de alguẽ, como se d'esta maneira, & com este retiro da gente, se quizesse fazer mais venerado, & admiravel, & pera sua fama melhor se celebrar em ausencia, ficando menos exposto à enveja, & mais mercedor do louvor.

Pli. lib. 28 nat. hist. c. 1.

Como repartem o Tapuya morto.

10 Fiz tam particularmentam

Anno de
Christo de
1549.

450

Anno da
Cõpanhia
10.

mentam d'estas barbaras ceremonias, com que solennizam o deshumano banquete da carne humana, pera que d'aqui tiremos quam autorizadas tinha o diabo estas mesas Thyestéas, & infandos convites; & quanto custaria aos nossos Padres, querer desarraigat hum vicio, que tam profundas raizes tinha lançado. Deixo o mais, que dos costumes d'estes gentios podia dizer, porque do referido se deixa bem ver, quam difficultosa empresa seria reduzir esta gentilidade à urbanidade, & policia christã, & quam sanctos intentos foram os do senhor Rey D. Ioam o III. em os querer, por meyo dos Padres da Cõpanhia, trazer ao conhecimento da virtude. Mas já he tempo que tornemos a visitar aos seis religiosos da Companhia, que deixamos alojados em hum campo, com o Governador Thomé de Sousa, tratando de edificar nova cidade.

CAPITULO V.

Como o Governador Thomé de Sousa edificou a cidade do Salvador, E do que os religiosos da Companhia fizeram nestes principios, ensinando os gentios, E pretendendo tirar lhes o costume de comer carne humana.

EM quanto o Governador Thomé de Sousa, depois de desembarcado, demarcava o sitio, pera a fundaçam da nova cidade, sempre teve a sua gente em ordenança de guerra, nam se fiando dos enganos d'aquelles barbaros; que ainda que parecem brutos pera seguir o bem, sam muy esperros pera maliciar; cõ tudo sempre procurou, com prudencia, trazelos a sua boa amisade; & neste particular lhe communicou Deos tal felicidade, que os Indios, esquecidos de sua natural fereza, se vieram meter entre os Portugueses, fiando se d'elles, & admitindo o commercio, & resgate, que entre sy faziam, como se de muito tempo se conhecèram. Vendo pois o Governador, que os Indios nam empediam, antes ajudavam à fundaçam da cidade, repartio entre elles certos lugares, & sitios, pera edificar suas casas, conforme a plãta, que do Reyno levava feita. Logo com grãde calor acodirã todos a tratar de levantar as casas, conforme a traça, que lhe davam; & o Governador acodia a se fazer forte na cidade, procurando de a tornar com muros, pera que, em caso que os barbaros levantassem algum motim, a nam podessem entrar.

2 Os da Companhia trataram logo de levantar huma

Procura o Governador atrahir os Indios a sua amisade.

Como se edificou a cidade do Salvador.

*Occupãse
os Padres
è fazer por
suas mãos
hũa Igre-
ja.*

hũa Igreja, a que puzeram por nome nossa Senhora d'Ajudã, como quem necessitava tanto do empaño, & ajuda desta soberana Rainha; & porque a obra era sancta, & era bem que com seu exemplo animassem aos mais Portuguezes; os mesmos Padres eram os pedreiros, & carpinteiros, & elles eram sòs os que acodiam a toda a obra da Igreja; por quanto os mais Portuguezes se occupavam hũs nos muros da cidade, outros no edificio de suas casas, conforme a repartiçam, que tinham. A este trabalho se ajuntava a grãde pobreza, & falta do necessario, com que viviam, por nam terem até entam ordenado del-Rey; & quererem antes padecer, que serem molestos ao Governador, & aos mais Portuguezes; porém era tam grande o desejo, que tinham de ver acabada a Igreja, pera nella ser honrada a Rainha dos anjos, que (posto que muitas vezes lhes era necessario pedir de porta em porta) em breve tempo puzeram a obra em altura; que quando se nam precatařam, os Portuguezes se viram com hũa Igreja bastante, em que já se dizia missa, em que prégavam, & ministravam os sacramentos, fazendo officio de curas de almas, por nam haver até entam outros sacerdotes. Porém como o seu intento sò era acodir aos

Portuguezes, neita falta; tanto que do Reyno veyo pessoa sufficiente, pera curar d'aquella almas, lhe largaram o sitio, & a Igreja, que com tanto trabalho tinham edificado, indose morar entre os gentios, com grande edificaçam dos Portuguezes, que entenderam, que o trabalho dos Padres sò era atentar ao bem commum, & ao das almas d'aquelles gentios. Ordenaram logo sua habitaçam em hum monte fóra dos muros, a que chamaram o montẽ Calvario, animandose cõ o exemplo da cruz de Christo no Calvario, aos trabalhos, que neste monte previam, que lhe haviam de vir aos montes; estava elle naquelle tempo povoado pelo cume, & pelas fraldas de choças, & choupanas d'aquella féra, & inculta gente, no meyo da qual se meteram, sem outras armas defensivas, mais que a confiança em Deos, & na Virgem sacratissima sua mãy, que he a torre fortissima de David, da qual estam pendentes milhares de escudos de favores do cẽo, pera os que tomam esta Senhora por avogada em seus trabalhos. Logo com todo o cuydado começaram os Padres a diligenciar os meyo, & industrias, pera domesticar, & cultivar gente tam agreste, & tam rude.

4 As difficuldades no principio

*Tratam os
Padres da
cõversãm
d'aquelles
gentios.*

*Cant. 4. n. 4.
Turris David,
nille piper pẽ
dct ex ea, om-
nis signatura
fortium.*

*Grãdes difficulda-
des que havia
pera converter
estes gentios.*

*Como os
nossoes Pa-
dres tratã-
ram da con-
versãõ
dos Brasís.*

cipio pera abrir estes matos da gentildade, foram grandissimas, porque além da rudeza natural, estavam tam cegos, que parecia nem ter nelles lugar o lume da rezã, obrando sò a natureza, pelo peccado depravada; por outra parte tambem a vida pouco exemplar de alguma gente Portuguesa (que naquelles tempos, obrigada por justiça, hia povoar o Brasil) sua cobiça, seus enganos, & sua devalidam nos cultumes, faziam, entre aquelles gentios, odioso o nome christã. Mayor difficultade lhes causava veremse os Padres tam poucos, pera tam grande seãra, sem noticia alguma da lingua da terra. Porém confiados na graça divina de Christo Senhor nosso, que com tam poucos homens, no principio do Evangelho, o annunciou no mundo todo, dandolhe Deos lingua, & sabedoria, pera falarem diãte dos Reys, & dos mayores letrados do mundo todo; & armados cõ esta consideraçã, puzeram o peito a estas, & outras mayores difficultades, começando logo aprender a lingua do Brasil, & por meyo de alguns Portugueses, que já lhe podiam servir de interpretes, doutrinavam os gentios, que viviam por aquellas montanhas: aos quaes de tal maneira foram grangeando as vontades, que cobrãram aos Padres grande respeito, & amor,

obrigados da brandura, que nelles viam, & da verdade com que os tratavam; q̄ atè estes brutos, que nam sabem o nome a verdade, sabem estimar os que sam verdadeiros. Era muito pera ver a confiança, com que aquelles barbaros vinham buscar os Padres, como se houvesse muitos annos que os tratassẽ, já os nam estranham, já se fiam delles, já os buscam em suas enfermidades, já muitos lhes pedem o bapuzamento, já nam parecem feras dos matos, mas homens racionais, & domesticos; tambem os Padres já mais confiados lhes pregavam, & estranhavam seus vicios; & posto que alguns lhe foram desarraigando, com tudo o de comer carne humana tinha lançado tam altos alicesses, que nam bastavam meyo brandos, pera de todo o arrancar: resolveramse finalmente em fazer neste particular hum feito memoravel, que ainda que mostrava ter grandes difficultades, as escusava o sancto fervor, que ardia naquelles peitos abrazados em zelo divino: foy o caso o seguinte.

6 No capitulo passado differmos largamente, com quanta solennidade festejavam estes gentios a morte de seus inimigos, que cativavam na guerra, & das grandes ceremonias, que usavam, em lhes comer seus

corpos

*Seguinte
Como os In-
dios se co-
meçaram
a fiar dos
Padres.*

Empedem os Padres a festa da morte de hum Tapuya.

corpos mortos. Sucedeo q̄ estavam elles hũ dia celebrando, ao pé d'aquelle monte, a festa da matãça de hũ Tapuya, os gritos eram tã grãdes, os alaridos tam horrendos, q̄ atroavam os ares, & faziam reiubar as cõcavidades das mōtanhas visinhas. Nam se pode mais cõter o fogo, q̄ ardia nos zelosos peitos do P. Manoel de Nobrega, & seus cõpanheiros, derao primeiramente grandes brãdos ao cõo, pera cõ elles espãtar os gritos infernaes d'aquelles ministros de Satanãs, & logo com hum animo muy resoluto, fiados em Deos, & na sua causa, se meteram no meyo d'aquelles barbaros, a tẽpo em q̄ já o Tapuya estava estirado no cham pera o talharem; & com grãde liberdade de espirito, reprehendendo aquellas abominaveis ceremonias, & infames iguarias, estãdo os barbaros sobre o corpo morto, pera o trincharẽ à sua vōtade, lâçaram mam delle, & o tiraram das unhas d'aquelles leoões carniceiros: os quaes, como espãtados de tã novo atreuimẽto, aindaq̄ no gesto mostravã fereza, & indignaçã, cõ tudo, como ãleados, se aquietarã, deixãdo levar sua rica preza. Nam foram tam comedidas como os homens as molheres, & entre ellas algumas velhas, que como tigres esfaimadas, nam podiam sofrer perder o gosto da iguaria, que sua crueldade lhe gui-

zara, assim começaram a bramir, & dar gritos tam espantosos, que amotinaram os demais gentios a vir demandar a preza, que os Padres lhe tinham tirado das unhas, & dos dentes.

7 Porẽm os Padres se derao tal prẽssa, em quanto durou aquelle primeiro comedimento dos gentios, q̄ quando os barbaros chegaram amotinados, já o corpo estava enterrado, jũto do seu aposento, mas o impeto destas feras foy tam grande, que por mais ardis, que os Padres usaram, nam foy possivel perderẽ o fato aquelles crueis lobos, & escãparlhe o corpo debaixo da terra. Tornaram os Padres cõ o mesmo animo, & deliberaçã, bradando, & estranhando tal fereza; porẽm já estas tristes, & infernaes Arpias, famintas de carne humana, lhe tinham cortado hum braço; mas em ouvindo os Padres, tornaram de repente a parar; da maneira, que quando, em hum grande povo se levanta algum motim, se a certa de apparecer alguma pessoa grave, & de autoridade, se aquietam os animos, & a tormẽta da briga, se torna por algum tẽpo a serenar; assi milagrosamente se aquietou por entã o furor desta gente à vista dos Padres, q̄ lhes brãdavam, & estranhavam crueldade tam brutal. Mas nam parou aqui o successo, porque tornandose a recolher

Amotinã-se os barbaros contra os Padres.

Tornam os Padres a tirarlhe a preza das mãos.

*Tornam
os barba-
ros a se a-
motinar.*

pera suas choupanas, tornâram as velhas a repetir seus gritos, dizendo taes injurias aos que se vinham sem a preza, que armandose logo todos com seus arcos, & frechas, vieram de romania demandar a casa dos Padres, os quaes tendo aviso, se recolheram na cidade por mandado do governador, & pouco faltou que os barbaros nam entrassẽ os muros, destruissem a cidade, & comessẽ a bocados os mesmos habitadores. Neste sitio, em que os Padres entam se recolheram dentro dos muros, se edificou pelo tempo a diante o Collegio, que hoje temos naquella cidade; defendendonos entam dos barbaros, & agasalhandonos agora entre os Portugueses.

*Acode o go-
vernador
a este mo-
tim.*

8 Recolhidos os Padres, acodio o governador cõ os mais Portugueses, que pode ajutar, & parte cõ o espãto das armas de fogo, parte com brandura de boas palavras, fez recolher, & retirar os barbaros, aquietãdose por entam aquella trovoada, q̃ ameaçava mayores coriscos; tão mõta saber na occasiã largar o corro ao touro bravo, & nam esperar o impeto de gente amotinada: porẽm mayor foy em parte outra tempestade nam dos arcos, & frechas dos barbaros Brasis, mas dos dentes, & lingoas de nossos Portugueses; que julgando as cou-

fas mais por paixam humana, que por rezoens divinas, diziam, que os Padres foram causa d'aquelle motim, com seus imprudentes fervores, & zelo indiscreto, pondo a risco a cidade toda, & seus moradores, tirando o comercio, & resgate cõ os Indios, que tão lhes importava; & acrescentando outras muitas queixas apparẽtes, & mal fundadas; aos quaes tambem acodio o governador cõ sua conhecida prudẽcia, & grãde christandade, declarandolhes os bõs intentos dos Padres, & que por seu meyo, & sãcto zelo lhes havia Deos de fazer muitas merces, q̃ aquella tormenta logo amainaria, q̃ fiassẽ mais de Deos, & de seu poder, à vista do qual nam tinham que arreçar as frechas dos Brasis; que elles mesmos nos haviam de vir buscar, & pedir perdã do atrevimẽto, q̃ tomãram, desfazendose aquella grãde nevoeiro, & convertẽdose em hũa alegre serenidade: assi foy, porq̃ passãdolhe aos barbaros aquella primeira colera, & cõ ella o appetite desordenado do prato, q̃ das mãos lhe tirãram, vieram muy arrependidos pedir perdã aos Padres, e paz aos Portugueses.

9 Cõ esta occasiã lhe tornãram os Padres a estranhar a barbaria de tã fero costume, em q̃ se tinham criado, dizẽdolhe, q̃ se emẽdassẽ, & abominassẽ taes

*Aquieta o
goveona-
dor aos mes-
mos Por-
tugueses.*

Como os
Padres tra-
tavam de
converter
os Tapuyas

iguarias; o q̄ elles por entã lhes prometêrã de boa vôtade, dãdo cõta aos Padres de muitos semelhantes prisioneiros, que actualmente estavam retidos, por outras povoações, cõ o mesmo intento de os sevar pera os comer; o q̄ sabêdo os Padres, trataram de lhes salvar as almas, pois lhes nam podiam defender os corpos; foram se aos presos, entrãram nas choças, ou gayolas, em q̄, como leões bravos, estavam encarcerados, instruíramnos muy de proposito nas cousas de nossa sancta fé; & tanto que os viram capazes, lhes administrãram o sagrado baptismo. Nam pode o demonio soffrer esta sancta invençam, nascida da charidade do Padre Nobrega, & de seus companheiros; & pera a atalhar, meteo na cabeça aos barbaros gētios, que a carne humana, depois do baptismo, perdia muito do sabor, que d'antes tinha (que assim sabe o diabo enganar aos que traz feitos à sua mam) pelo que d'aly por diante, por nenhum caso consentiam, que os Padres tratassem com os taes prisioneiros, deputados ao talho.

10 Porê m como o zelo sãcto he mais sábio, que a maldade do inimigo, usavam entã os Padres de outra industria: quando sabiam que tinham alguma das suas ordinarias festas

da matança de algum Tapuya, ou Aymurè, hiam os Padres muy dissimulados, com pretexto de quererem assistir àquella sua solemnidade: pediam licença, entravam no terreiro, viam as danças, ouviam as musicas, & finalmente assistiam em toda a festa; & quando o auditorio se dava por mais autorizado, com a presença dos Paijs (que assim chamam elles aos Padres) entã, dissimuladamente, estando os outros mais occupados em celebrar o seu vodo, se chegava algum dos Padres ao padecente, & davalhe o melhor, q̄ podia, noticia dos principaes mysterios de nossa sancta fé, excitando a pedir perdã a Deos de seus peccados, & a receber com grãde devaçam o sagrado baptismo; & logo, pedindo o mesmo catecumenõ, tirando de hũ lenço, q̄ levavam molhado em augoa, e premêdo lho sobre a cabeça, o bautizavam; vencendo cõ esta traça ao diabo, enganãdo cõ esta sancta invẽçam, as falsas imaginações dos barbaros gētios.

11 Deste, & de outros semelhantes ardis usãram os Padres naquelles principios, pera tirãrê àquelles gētios o abuso infame de comer carne humana, & pera os bautizar, & trazer ao conhecimẽto de seu criador, & da policia christã; coufas, q̄ ao principio parecãram a muitos nam

Tranças, q̄ usavam os Padres pera bautizar estes gentios presos.

Anno de Christo de 1549.

Como mudaram estes barbaros seus costumes brutos.

somente difficultosas; mas ainda impossiveis; porẽ o tẽpo nos mostrou tã valẽtes successos, & tambem logradas seãras, entre estes matos, & estas feras, q̃ nam somente deixaram de comer carne humana, mas totalmente se acomodaram a brãdura, & piedade dos costumes christãos, recebẽdo a ley de Christo, ajuntãdo se em aldeas, a fim de poderẽ ser doutrinados pelos Padres, tẽdo Igrejas, aõde assistem cõ muita piedade, & nellas confrarias do sãctissimo Sacramẽto, celebrãdo procissoes, officiando missas de cãto de organ; q̃ nam he pequeno milagre da ley de Christo, ver gẽte tam agreste, & inculta, domesticarse em tam breve tẽpo, de maneira, q̃ os q̃ a modo de salvagẽs viviam pelos mõtes espalhados, ãgora vivem, como christãos mais reformados, & cõ tal fogueiã aos Padres da Companhia, q̃ os tẽ por mestres, por pays, por medicos, enfermeiros, defensores, & tutores seus; nam se apartãdo ẽ cousa algũa de sua doutrina, & parecer, pelo grãde respeito, amor, & reverẽcia, que lhes tẽ, como he notorio por toda a costa, & sertãdo do Brasil, q̃ os Portugueses tem descuberto. Mas porq̃ o P. Manoel de Nobrega foy o primeiro superior, & Provincial, q̃ a Companhia teve no Brasil, & a elle, & a seu sãcto zelo, & ditosos trabalhos, se devẽ todos os bons successos, q̃ como

rios sairam daquella fõte manãcial de suas muitas virtudes, bẽ he que façamos delle particular mençãam.

CAPITULO VI.
Do sãcto zelo, & virtudes do P. Manoel de Nobrega (primeiro Provincial da provincia do Brasil) em quanto esteve em Portugal.

FOy tam estimado entre os Gregos, a aquelle seu tam celebrado cantor Orphẽo, que nam somente lhe engastaram a sua cithara, b̃ entre as mais nobres cõstellacoẽs do cẽo, mas tambem a elle o contavam entre os seus Deoses mais milagrosos, atribuindolhe, entre outros dos seus falsos milagres, que com a suavidade da cithara, & melodia da voz, trazia apos si os penhascos, tornãdoos tam brandos, como se fossem de cera; & atrahia as feras, fazendoas tam mansas, como se fossem cordeirinhos. Nam ẽram os sabios de Grecia tam ignorãtes; q̃ chegassem a persuadir se, que Orphẽo abrandava as pedras, & amansava as feras; porẽm quizeram, como prudentes, significar por estas alegorias a grande sabedoria de Orphẽo, merecedora de elles o canonizãrẽ, pois foy o primeiro mestre, q̃ tiveram os Gregos, q̃ quando mais agrestes, & quando mais incultos,

& quando

^a Vide Suidam de reb. Thessalicis.

^b Ovid. 3. Fast.

O que os Gregos fingiam de Orphẽo.

^c Horat. in Art. Por. Czdibus a vietu fãdo derrerur Orpheus. Dicitur ab hoo lenire tigres, rabidosq̃, leones.

& quando mais dados a ter por melhor iguaria (como os Aymurés no Brasil) o prato da carne humana.

2 O que de Orphéo fingio a antiguidade de Grecia, vemos em nossos dias cõprido na gẽtilidade do Brasil, que verdadeiramente parece hũ novo encantamento de vozes divinas, & musicos celestiaes, pois vemos tantas feras, de naturezas tã indomitas, mais duras que os rochedos do mõte Appenino, seguirẽ a doutrina, & os sanctos conselhos do bom Padre Manoel de Nobrega, primeiro Orphéo, que com tãto louvor amãsou estes tigres mais feros, que os Hircanos, domesticou estes leoens, mais bravos, que os Cleonêos, & abandonou estas pedras, mais duras, que as do mõte Caucaço. Iã fizemos atrã da mẽsam da entrada na Cõpanhia d'este glorioso varã, q̃ foy no anno de 1544. & tambẽ dissemos algũa cousa de seus primeiros fervores, & do muito fructo, q̃ fez prẽgãdo, & confessando por varias partes deste Reyno de Portugal, deixando pera este lugar o mais que se sabe de sua vida, & virtudes.

3 Era, quãdo se cõsagrou a Deos na Cõpanhia, Bacharel formado em Canones, & conhecidamente o melhor de seu curso, cõ boas esperãças de grãdes despachos, assi por suas partes, como pela muita valia, que tinha por

via de seu pay, q̃ era Desẽbargador, & de hũ seu tio, q̃ era Chãçarel mõr, & muy valido com a pessoa real. No fim de seus estudos, vagãdo huma Collegiatura (das q̃naquelle tẽpo se davã per opposiçoens muy debatidas, no mosteiro de S. Cruz de Cõimbra) o posse a ella Manoel de Nobrega, cõ outro Canonista, a o qual, a juizo de todos, & do doutor Martim d'Aspilcueta Navarro, seu mestre, elle lhe levava conhecida vẽtagẽ; porẽm (como tal vez acõtece em semelhãtes opposiçoẽs) o q̃ menos sabia, foy preferido, & o nosso Manoel de Nobrega padeceo aquella repulsa. Tomou a divina providẽcia este meyo, pera otirar do mũdo; & por aquella Collegiatura, q̃perdeo ẽ S. Cruz, o trouxe à cadeira da gloria, no seu Collegio de Iesu, & d'aly o escolheo, como outro Paulo, por vaso de eleiçam, pera levar seu sãto nome a gẽtes barbaras, & a naçoẽs estranhas, no mũdo novamente descubertas. Tanto q̃ entrou na Cõpanhia, logo sahio cõ hũ espirito dobrado de oraçam cõtina cõ Deos, & de zelo fervoroso cõ o proximo; sahia do Collegio a fazer doutrinas pelas cidades, & lugares visinhos.

4 Fez muitas missoẽs pelo Reyno, todas a pé, & pedindo esmola, da maneira q̃ jã cõtamos nesta Chronica: & porq̃ seu grãde espirito nã cabia ẽ Portugal,

Os Brasẽs
estam hoje
muy dome-
sticados.

d
Li. 1. c. 32. n. 8

e
Lib. 2. cap. 25
& 26.

Occasiã, que Deos tomou pera trazer a Cõpanhia o P. Manoel de Nobrega.

f
Lib. 2. cap. 25
& 26.

Anno de
Christo de
1549.

458

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno da
Companhia
10.

2. ad Timoth.
c. 4 n. 2.

O q̄ succedeo ao P.
Nobrega
cō hū Cōde
Castelha-
no, q̄ trouxe
a Deos.

& já começava abafar em sua pátria, fez algumas peregrinações fóra do Reyno, a Salamanca huma, outra a Sanctiago, tambem a pé, & pedindo esmola, falando sempre de Deos nas estradas, nos ajuntamentos, nas Igrejas, nos hospitaes, com tal fervor, & continuaçam, guardado o *opportune*, & *importune* do Apostolo, que huma vez o chegaram a prender huns homens, a quem elle reprehendia. Na peregrinaçam de Salamãca lhe succedeo, encontrar-se com hum fidalgo titular, dos principaes de Castella, no qual o sangue era mais illustre, que a fama, porque era nelle muy estranhada huma roim amisade, com a qual corria havia annos, com grande escandalo do povo, & afronta de sua casa. Sahira este titular à montaria, & estava em hum campo jantando, tendo à mesa tam roim companhia; teve o Padre noticia do que passava, por a cousa ser muy publica, & haver particulares rezoões pera o Padre o saber: ardendo em sancto zelo, foy a elle, & tomando no campo, à mesa, se poz muy de proposito ao reprehender, falandolhe por vós, & com tal liberdade, que os circunstantes ficaram admirados, arreçando que aquelle fidalgo titular tomasse a reprehensam muito mal, por ser feita (como seus criados diziam) fóra de

tempo, & occasiã, pois entam estava à mesa, & se tinha sahido a recrear no cãpo; porèm quando o negocio he da salvaçam, toda a occasiã he muito boa; como notou Sam Gregorio^h na Madalena, que tomou o Senhor estando na mesa, porque a qualquer tempo, vinha a muito bom tempo.

5 Nam se aggravou o fidalgo, mas como cortesã, & palaciano, lançou a cousa a graça, perguntandolhe se era elle dos alumbrados, & se queria que lhe désse alguma esmola, offerecendolhe logo o dinheiro: o Padre mais acezo em zelo de Deos, lhe respondeo: *Pecunia tua tecum sit in perditionem: emendayvos de vosso peccado, & fazez penitencia d'elle, porque se vos nam emendays, vejo sobre vós a espada da ira de Deos*, acrescentando outras palavras, com o espirito tam affervorado, & efficaz, que quando os criados estavam esperãdo aviso do amo, pera tratarem mal ao Padre, & o lançarem com oprobrio de sua presença, o Cōde o fez tanto pelo contrario, que d'aqui se lhe motivou a grande volta, que deo a vida, & a grande devaçam, que teve à Companhia. Taes sam os effeitos da divina graça, que obra quando Deos quer, & nam seguindo os homens julgam: em resoluçam, aquelle Conde se emendou; & fundou em suas

^h
Luc. e. 7. Aug.
Hom. 23. to. 10
Irruens quasi
importuna cō-
vivo, opportu-
na beneficio.

ⁱ
Añ. c. 8. n. 20.

Como este
Conde se
emendou.

terras, & à sua custa hum Collegio à Companhia; cousa que o bom Padre muyto estimou; rendendo infinitas graças á divina bondade, que o movéo em tal occasiã, que parecia tam incommoda, a reprehender a vida tam escandalosa d'aquelle personage; que podia com rezã dizer, que nunca melhor lhe succedêra a caça, que a d'aquelle dia; porque hindo fazer montaria de fêras, Deos o caçàra, & o amansàra.

6 Porèm, pera que entendamos como he sò effeito da divina graça, a conversã de hum peccador, pois vimos a hũ tam facilmente rendido a Deos, com o custo de tam poucas palavras do Padre Nobrega, nam he menos de espantar o caso seguinte, no qual, feitos grandes gastos da parte do bom Padre, todos vieram no cabo a montar nada: o caso foy, que vieram chamar ao Padre, pera confessar, & ajudar a morrer huma pessoa, que publicamente vivia em mau estado, com hum Ecclesiastico muy conhecido: fez o Padre seu officio, com tanto zelo, que escapando a molher d'aquelle enfermidade, por espaço de hum anno perseverou em vida sancta, frequentando os sacramentos com grande edificaçã, dizendo, que tudo devia ás vozes do cêo, & conselhos divinos do Padre Nobre-

ga: porèm esquecendole dos brados de seu bom confessor, tornando a cahir na culpa passada (em que continuou por tẽpos) veyo a recahir na doença, & chegou às portas da morte; & estando muito no cabo da vida, falando consigo, dizia: *He possível, que hey de ser condenada, por viver em peccado com hum sacerdote?* & logo respondia, que sim; repetio isto tres vezes, & por remate concluiu com este horrêdo desatino, dizendo, q se entregava a Beelsebut, d'aquella hora, pera toda a eternidade: estremeram os presentes com ouvir tam blasfema resoluçã, & acodindolhe com hũa imagem do sancto Crucifixo, pera que beijando as chagas do piedosissimo Senhor, lhe pedisse perdã de tal blasfemia, a enferma virava o rosto pera outra parte, nam podendo sofrer a suavissima face do benignissimo Salvador, que assim morto parecia lhe reprehendia os peccados de sua vida.

7 Acodiram, com toda a prêssa, ao Padre Nobrega, pera que viesse a segunda vez a dar remedio a esta alma: veyo elle com seu costumado zelo, fazendo todos os possiveis, & impossiveis, quanto lhe inspirava o espirito de Deos, que ardia em sua alma, pera livrar aquella peccadora do espirito maligno, que d'ella parece tinha tomado

Caso notavel, q lhe succedeo cõ hũa peccadora.

Anno de
Christo de
1549.

Como o P.
Manoel de
Nobrega
acodio a
esta pecca-
dora.

460

Anno da
Companhia

IO.

1

Ion. 3. an. 4.

m

Nahū c. 3. n. 1.
Vz civitati sā-
guinum. &c.

n. 7. Vallata est
Ninive &c.

n

Hier. ibi. & Ly-
ra. Ninivitz re-
versi sunt ad vo-
mitū, & sic civi-
tas eorū subver-
sa est, de qua
subverfione
prophetavit
Tobias. c. 4.

posse: bradava o bom Padre ao cêo, & â enferma, derramava lagrimas, multiplicava suspiros, pedia a Deos com grandes gemidos, que abrandasse aquelle coraçam, & o rendesse à verdadeira penitencia, pegandose muitas vezes com as sanctissimas chagas do bom IESV, cuja imagem tinha diãte dos olhos, aproveitando-se de reliquias sãctas, acrecentando exorcismos, deitandolhe agoa benta, & fazendolhe todos os mais bons officios, que a charidade inflamada ensina nesta occasiã a semelhantes servos de Deos.

8 Porém quiz elle mostrar nesta peccadora, que assim como he piedoso pera com hũs, costuma ser juiz riguroso pera com outros, por seus occultos, & profundissimos juizos, que sabemos venerar, mas nam podemos alcançar. No meyo dos brados do Padre, sem Deos o querer ouvir, cõtinuando a miseravel na mesma obstinaçam, acabou de repente, naquelle lastimoso estado de sua perdiçam, mostrando Deos com tam espantoso exemplo, que as rechahidas sempre sam mais perigosas, nam menos nas doenças do corpo, que nas enfermidades da alma; & quam riguroso he em castigar peccados repetidos, que em outro tempo tinha perdoados; como aconteceu à cidade de Ninive, que depois

Morte lastimosa de aquella peccadora.

de arrependida, & penitente, pela pręgaçam do Propheta Ionãs, tornou a recair em seus peccados (como lemos no Propheta Nahum^m) & Deos nosso Senhor executou nella o riguroso golpe da espada de sua divina justiça, destruindoa com a espantosa affolaçam de que fala o mesmo Propheta; como nota S. Hieronymoⁿ, com outros Padres. Nestes sanctos exercicios, & outros, que atràs contamos, andava todo occupado o Padre Manoel de Nobrega, quando Deos o chamou, & levou ao Brasil, pelo modo que himos contando.

CAPITULO VII.

Continuãse a mesma materia da virtude, & obras maravilhosas do Padre Manoel de Nobrega, depois de chegar ao Brasil.

I **D** Esenganado jã o Padre mestre Simam, que os gravissimos negocios desta provincia lhe nam davam lugar, pera cõprir seus grandes desejos da missãm do Brasil, se resolveo em chamar de Coimbra ao P. Manoel de Nobrega, pera o mandar em

He chama-
do a Lisboa
o P. Mano-
el de No-
brega, pera
hir ao Bra-
sil.

seu

seu lugar ao Brasil, & por mais pressa que se deo o bom Padre com esta nova, pera elle tam alegre, quando chegou a Lisboa, pera a qual se partio a pé, & com hum bordam na mam, já o governador Thomè de Sousa tinha dado á vela com sua frota, ficando o Provedor mór Antonio Cardoso de Barros, com o qual se embarcou, sê companheiro algum, até alcançar a frota, & se passar á mão do governador, em que hiam os mais Padres da Companhia.

2 Sentença foy sempre muy celebrada, que quem passa o mar, muda o clima, mas nam muda o animo: bem se vio esta verdade neste servo de Deos o Padre Manoel de Nobrega, que com passar tantos mares, & mudar climas tam diversos, sempre o animo, & o espirito perseverou o mesmo; o zelo fervoroso, & inflammado em terra, nam se apagou com as augoas do mar. Em quãto navegou, ajudou, quanto pode, com praticas espirituas, confissoes, & outros officios de piedade, a todos os marinheiros, & passageiros, com tam grãde successo, que todos os da mão, em especial o governador, lhe cobrãram grande afeição.

3 Aqui lhe succedeo hum caso, que muitas vezes contava o mesmo governador em Portugal, por hum notavel, & raro

prodigio; o qual, ainda que foy em materia, que à primeira vista nam parece de muito porte, com tudo bem se mostrou, que quiz Deos por elle indiciar, qual era a virtude deste milagroso varã, & quanta estima queria que delle tomasse o governador, pera adiante o favorecer nas conquistas espirituas, que no Brasil havia de emprender. O caso foy, que sendo hum dia o Padre Nobrega convidado pelo governador, vindo hum peixe à mesa, que tinham pescado, lhe disse a caso o governador, que havia muitos annos, nam comia cabeça de peixe, ou de qualquer carne, & isto à honra de S. Ioam Bautista, & lembrança d'aquella purissima cabeça, cortada por defensam da castidade; nam lhe aprovou o Padre a devaçam, antes a bautizou por huma grande superstição, & especie de agouro, persuadindolhe, que tratasse de outras devaçoes mais aceitas ao Sancto, & deixasse aquelle abuso supersticioso.

4 Porẽm como havia annos, que o governador continuava neste seu modo de mortificação, nam queria quebrãtar o proposito, que conservava à honra de tam grande Sancto. E como os animos piedosos costumam ser muy credulos, talvez se persuadia o governador, que por esta sua devaçam lhe

fazia

a
Horat. ep. lib. 1.
epist. 11. Caeli
non animi mu-
tant qui trans-
mare currunt.

Como se
houve em
o tẽpo da
navegaçã.

Caso prodigi-
oso, q̃ lhe
succedeo so-
bre hũa ca-
beça de
peixe.

fazia o Sancto muitas merces. Vendo o Padre, que o nam podia com palavras persuadir, a que deixasse aquella sua imaginada devaçam, com huma certeza prophetica, do que havia de succeder (semelhante em parte ao que succedeo a Christo, Senhor nosso, quando mandou a Pedro tirar o peixe, pera pagar aos ministros, que arrecadavam os tributos) disse ao governador, que mandasse lançar huma linha ao mar, & que conforme ao que tirassem, veria qual era a vontade divina naquella particular; lançouse a sedela, com grande alvoroço dos presentes, que estavam esperando o lanço desta pescaria; senam quando (couza maravilhosa) vem todos, que vinha presa no anzol huma cabeça de peixe, sem o mais corpo, que os anjos, sem duvida, aly tinham cortada, & aparelhada, pera comprimento da doutrina, & verdade do Padre. Foy em todos o espanto igual á novidade; & o governador, movido com tam evidente final, & confirmado no que o Padre Nobrega lhe tinha dito, nam querendo perder a occasiã de quebrar o agouro, com tam milagrosa iguaria; mandou cozer a mesma cabeça, comeo alegremente, & repartio della, com grande gosto seu, & espanto dos presentes. Grande foy a opi-

niã, que por este calo, & outros semelhantes cobrou o governador da sanctidade, do Padre Manoel de Nobrega.

5 Entrando no Brasil, foram as obras, que fez, tam gloriosas, que, pera se haverem de relatar todas, necessitavam de huma grande Chronica, como esperamos que façamos Padres d'aquella Provincia, dando a luz trabalhos tam sanctos, & tam bem empregados deste servo de Deos, & dos mais religiosos da Companhia, em todo o Brasil. Era elle hum pay muy amoroso pera os pobres, & uico remedio pera os desemparedos; assim Portugueses, como Indios; elle foy o principal, que amançou, & domesticou aquella gente, mais fêra, que as mesmas fêras; elle os ajuntou em aldeas; elle lhes dava leys; elle os ensinava, & doutrinava; & lhe tinham tam grande obediencia, que o que nam podia acabar o governador, por força de armas, & violencia da polvora & pelouro, acabava o Padre Manoel de Nobrega só com sua presença, & poucas palavras.

6 Tinha o diabo ganhada muita terra com estes gentios, por via de agouros, & feitiçarias, a que sem resistencia alguma se entregavam; brádava o Padre contra estes enganos; & pera de todo defautorizar o demonio,

*Desafio do
P. Manoel
de Nobrega
cō hū fa-
moſo feiti-
ceiro.*

em hum dia de grande ajuntamento de gentios, teve modo pera fazer vir diante de sy, & de todo aquelle povo, hum famoso, & celebrado feiticeiro, de tão nome, & autoridade pelas repostas, que dava, & mesinhas, que fingia, que era venerado entre os Indios, como hum Apollo Delphico entre os Gregos, ou como hum Simam Mago, entre os Iudeos: chegado este autorizado feiticeiro a hū grande terreiro, no meyo de infinito povo, que tinha concorrido, & decido d'aquellas montanhas, huns pera buscarem remedio de suas enfermidades neste seu Esculapio; outros pera verem o successo do desafio, que havia de ter com o Padre Manoel de Nobrega: a este pois sahio o Padre ao encontro, como outro David contra o temido Philistão; & por principio de desafio lhe pergunta cō grande imperio, & liberdade, em virtude de quem fazia as obras, que delle se contavam, se em nome de Deos, criador do céo, & da terra, se em nome do demonio, inimigo da geração humana; respondeo o barbaro com mais diabolica soberba, que se podia esperar de nenhū ministro de Satanás, que elle era o mesmo Deos, & filho do que reynava no céo, do qual era muito amado, & que muitas vezes se lhe tinha mostra-

do, nas nuvens resplandecentes, & entre temerosos trovões.

7 Nam se pode conter mais o espirito afervorado, que ardia em zelo divino, ouvindo taes blasfemias; logo de repente, com voz espantosa, exclama ao céo, na lingua Brasílica, bráda, estranha, arrezoa, confunde, & desfaz a diabolica liberdade do cego encantador, com tal impeto, & força mais que humana de espirito superior, que dando Deos virtude, & efficacia a suas palavras, bastaram estas pera derrubar por terra aquella soberba torre de enganos (como bastou huma pedra pera lançar no cham aquella grandiosa estatua em Babyloña) assim succedeo aqui com hum novo milagre, porque espantado o feiticeiro com estes brádos, lançado peito por terra, se abraçava com os pés do Padre, dandose por vencido, & confundido, & confessando, que sò o Deos; que o Padre adorava, era o verdadeiro, & como a tal pedia perdão de suas culpas, pedindo ao Padre o metteſse no numero dos Cathecumenos, pera aprender os mysterios de nossa sancta fê, que de todo coração recebeo, com grande gloria de Deos, & conversam de muitos gentios, nos quaes fez grande abalo esta victoria, por ser tam publica, &

1. Reg. c. 17.

*Reposta
muy sober-
ba do fei-
ticeiro.*

*Dan. c. 2. v. 34
Donec abscis-
sus est lapis si-
ne manibus, &
percuſit Ba-
baram, & comi-
nuit. &c.*

*Como se cō-
verteo este
feiticeiro.*

Anno de
Christo de
1549.

464

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno da
Companhia
10.

1. Reg. 17. n.
19.

Como aco-
di: á boa
criaçã dos
mininos.

celebrada: que quando Deos quer, basta hum pedra pera derrubar hum poderoso gigante, & sobejam poucas palavras pera converter hum feiticeiro gentio.

8 O principal meyo de que o Padre usava, pera os hir affeioando aos costumes da christandade, foy empregarse todo no ensino dos mininos naturaes da terra, como quem bem entendia, quanto monta a boa criaçam nesta tenra idade, & que ordinariamente conferuamos em velhos, os costumes, que com o leite bebemos na mocidade: desta maneira hia o zeloso varã ateando pouco a pouco o fogo divino, de sorte, que por aquellas prayas, & campos, aonde antigamente reynava a ignorancia, & a barbaria, se nam ouuam senam cantigas da doutrina christã, repetindose continuamente os sanctissimos nomes de I E S V MARIA, & mais sanctos, com tanto fervor, que punham espanto, & confundiam aos nosos Portugueses. Visitava o bõ Padre todas as aldeas, andando sempre a pè, & ainda depois de velho, & muy doente, & tal vez com os pès chéos de chagas, acodia a todas as partes com hum bordam na mam, subindo pouco a pouco pelas ladeiras mais ingremes d'aquellas montanhas: & ainda que o espirito

Caminhos,
que fazia
a pè.

de seu zelo o animava, com tudo a fraqueza do corpo o retardava, de tal maneira, que tal vez parava, sem poder dar passo adiante, necessitando da ajuda do companheiro, que hmas vezes o sustentava nos braços, & outras hia diante d'elle tirandoo pelo bordam.

9 Nam vestia nunca coufa nova, nem usava de mantéo, andando sempre em corpo, como os mais irmãos, por causa da muita pobreza em que viviam, & por andarem mais desempedidos nos grandes caminhos, que faziam: nenhum perigo, nem trabalho recuzou nunca pelo bem, & salvaçam dos naturaes da terra, por cuja liberdade se punha em campo contra a avareza dos Portugueses, que os queriam cativar, soffrendo com muita paciencia, & com notavel longanimidade, os grandes odios, & perseguiçoens, que por esta causa se lhe originaram; que aonde entra

a cobiça, atropela todas as
boas leys, & quer cati-
var por ambiçam,
os que sam livres
por nature-



CAPITULO VIII.

Da devaçam do Padre Manoel de Nobrega : de sua grãde pureza , & mais obras maravilhosas : & de sua sancta morte.

De sua grãde devaçam.

DEpende muito a bondade da agoa, das boas qualidades da fonte de que procede; & a virtude pera ser legitima, há de ter sua origem na fonte purissima da oraçam, & devaçam. Foy o Padre Manoel de Nobrega muy devoto, & muy dado ao exercicio da oraçam mental, da qual assim tratava, como se nam tivesse outros cuydados mais que falar com Deos; & posto que na Companhia seja costume, & ainda regra, dizerse a missa por espaço de meya hora, com tudo, neste particular, buscava dispensaçam, gastando sempre huma hora na missa, & derramando nella ordinariamente grande copia de lagrimas, das quaes Deos lhe tinha concedido particular dom; & em especial lhe cahiam em grande copia, com laudades da gloria, todas as vezes que ouvia alguma mu-

fica. Quem visse ao Padre Manoel de Nobrega derramando lagrimas diante de Deos na oraçam, julgaria, que via hum Arsenio nos desertos da Thebaida, chorando, & contemplando: & quem logo considerasse o empenho com que se empregava no trato do proximo, & doutrina dos Brasís, se persuaderia, que sò tratava das almas alheas, esquecido todo da propria; porém era tal a cõcordia das virtudes daquella alma, que o sancto ocio da oraçam, nam empedia o negocio da pregação.

2 Em todas as mais virtudes foy muy insigne este notavel varãm, & em especial naquella, que a Companhia tanto estima da pureza angelica, que trazia tanto diante dos ólhos, pera elle a guardar, & ensinar aos outros, que parece que sò esta virtude prezava mais que todas as outras, sendo que em todas era tam insigne; & pera que soubefemos por testemunho proprio (porque nam hà nesta materia outro mais fiel, & verdadeiro) qual tinha sido nesta parte, assim em Portugal, como vivendo entre as liberdades dos Brasís, ordenou Deos nosso Senhor as cousas de sorte, que se achasse em huma brava tormenta no mar, em que

Da grãde pureza, q sempre guardou.

todos se deram por perdidos; & quando os pobres dos navegantes, bradando misericordia ao ceo, costumam confessar seus peccados publicamente, & manifestar os segredos interiores de suas almas, principalmente os que lhe andam mais presentes na memoria, & mais estimulados da consciencia; persuadido este purissimo religioso, que era chegada a sua hora, depois de cumprir com todas as obrigaçoens de bom Christam, & de varã Apostolico, preparandose a sy, & ajudando aos outros; confesso em voz alta, que o que mais naquella hora o animava, & consolava, era a guarda do voto da pureza, que sempre trouxera diante dos olhos, como joya de inestimavel preço, da qual Deos por sua divina misericordia tinha dotada a Companhia: & logo com hum espirito mais que humano, como em ultima manda, de quem se apartava desta vida, amaldiçoou aquelles, que algũa hora fossem causa de se macular este dom preciosissimo, que tanta fermosura dava a sua Religiam; & isto com tal vehemencia de espirito, com tal força, & autoridade de palavras, que quem o ouvia, julgaria que tinha jurisdicãm de Deos sobre os que nam fossem fieis nesta vir-

*Maldiçã,
q deitou so
bre os que
nam guar
darem a
pureza.*

tude; & que se podiam temer os vindouros, que quem nella faltasse, lhe abrangesse esta maldiçãm, fulminada por hum varã tam admiravel, & em tam notavel occasiam; porque Deos nosso Senhor, quando antigamente deo poder a algũs Prophetas, pera ameaçarem cõ maldiçoens a seu povo, nam ficou impossibilitado pera dar semelhante jurdiçãm a hum homem tam apostolico, sobre os desleaes, se os houvesse nesta parte, à Companhia: escapou o Padre deste trabalho do mar, porqãinda o esperavã outros nã menores na terra; q parece permitio Deos aquelle, só a fim de nos ficar hũ testemunho tã certo de sua angelica pureza.

310 Os perigos em que este servo de Deos se vio pela paz dos Portugueses, & pela salvaçãm das almas, foram muy grãdes: estando na Capitania de Sam Vicente, se amotinaram todos aquelles Indios Tamoyos, excitados pelas tyrannias, & crueldades de alguns Portugueses, & dando grandes affaltos nas nossas terras, nos mataram, & cativaram tantos, que entraram os Portugueses em pensamentos de despovoar aquella Capitania: nam duvidou o bom Padre offerer a vida, pelo bem de seus proximos; depois de persuadir aos Portugueses quanto lhes

*Grãdes pe
rigos de q
Deos li.
arrou ao P.
Manoel de
N obrega.*

Convinha à boa paz com aquelles gentios: vayse a elles, & com hũa confiança mais que humana, q̄ todos lhe julgavam por temeraria, entra pelo meyo de suas aldeas, vayos demandar aos matos, visitaos nas suas choupanas, persuadeos a ter paz com os Portugueses; tudo com tam valente successo, que quando os nossos cuydavam, que elle estaria despedaçado, assado, & comido d'aquelles barbaros, se viram com as pazes feitas, mandando dez homens dos Índios, por refens das pazes, aos Portugueses, & deixandose a sy, & a seu companheiro por parte dos Portugueses; estimando este voluntario cativoiro, á conta de ver a desejada paz entre aquelles, aquẽ procurava a salvaçam; livrãdo Deos muitas vezes de evidentissimos perigos, porque sabendo os gentios visinhos das pazes, que o Padre tratava, acodiram muitos com furia diabolica, deliberados ao matar, pera nam haver conclusã nas pazes, que julgavam, que lhes nam convinham; porẽm, quando elles vinham mais furiosos, & resolutos em o matar, tanto que o Padre apparecia, como se com sua vista se lhes mudasse a natureza, & de lobos os tornasse em cordeiros, deixavam a braveza, depunham os arcos, largavam as se-

Pazes, que fez entre os Portugueses, & os Tamoyos.

tas, & lançados aos pés do Padre Nobrega, pediam pazes, os que vinham com furia infernal, appellidando guerra. Que d'esta maneira favorecia Deos, a quem sò com õlhos nelle desprezava os perigos.

4 Muitos outros casos pudera contar, q̄ deixo pera a historia do Brasil; & tambẽ se podiam appõtar muitos outros successos admiraveis, & que foram julgados por milagrosos, dos quaes direi sò hum, porque nelle resplandece nam menos o poder da Virgem sanctissima, q̄ os merecimentos deste seu grãde servo. Entre outras obras de serviço de Deos, que o Padre fez no Brasil, foy a ermida da invocaçam de Nossa Senhora d'Ajuda, na Capitania de Porto Seguro, que agora he a casa de mayor concurso, & devaçam, q̄ há por aquellas partes do Brasil, pelos grãdes, & prodigiosos milagres, que a Senhora aly vay obrando, dos quaes sò contarey este, assim por estar authenticado, como por ser feito em favor deste seu devoto Padre.

5 Estã situada a casa da Virgem nossa Senhora da Ajuda na coroa de hum outeiro; & decendo d'elle pera baixo, tudo eram canaveaes de assucar, & terras alheas, pelas quaes os Padres achavam grãde difficuldade de passagẽ, assi pera poderem hir buscar agoa pera a obra da

Casa de N. Senhora da Ajuda, q̄ edificou o P. Manoel de Nobrega.

ermida, como pera elles beberem: nam havia mais que hũa fonte, que estava na raiz do monte, & difficultavase mais o trabalho, por haverem necessariamente de passar pelos canaveaes de hũ homẽ, que o levava mal, & se queixava muito, falando pezadamẽte dos Padres lhe devaçarem, como elle dizia, sua fazenda. O nosso trabalho era grande, & o sentimẽto dos moradores era mayor, por verem, que aquelles servos do Senhor, nam sò tinham o trabalho de subir a costa do monte carregados, mas tambem o desgosto, pelo que tomava aquelle homem: nesta desconsoaçam recorreram á Virgem d' Ajuda, pedindolhe que os ajudasse, pois a causa era sua, lêbrandolhe semelhãte favor, q̃ por intercessam de S. Clemente fizera Deos aos christãos de Chersonesso.

6 Logo hum dos companheiros do P. Manoel de Nobrega, vêdo o trõco de hũa arvore aly defrõte, muy jũto â ermida, brádando ao cẽo com grandes lagrimas, dizia: *O se a Virgem Mãe de Deos aqui nos desse hũa fonte de agoa perenne, nam molestariamos a este homem, cuja molestia, mais nos cança, que o trabalho de trazer a agoa de tam longe. Tende confiança, irmam* (lhe respondeo o Padre Manoel de Nobrega) *que poderosa he a Senhora pera fazer mayores milagres.*

Vamse d'aly todos, seguindo ao mesmo Padre com muita fê, a dizer missa na capella, que hiam fazendo da Senhora d' Ajuda; eis que estando hum d'elles no meyo do divino sacrificio (cousa maravilhosa, como se naquelle instãte batesse Moyses, cõ a vara na pẽdra do deserto, quãdo Deos lhe mãdou, q̃ lhe falasse pera dar agoa) arrebeta de subito hũ grãde torno de agoa no lugar assinalado, no trõco da arvore, junto do altar da Senhora, cõ espanto, & admiraçam de muitos, q̃ cõcorreram a ver esta agoa verdadeiramente milagrosa: entre os quaes tambẽ acodio aquelle homẽ senhor do canaveal, e vergonhado já de sua pouca piedade cõ os Padres, ficãdo d'aly por diãte o mayor devoto da Cõpanhia, q̃ houve naquella terra: sendo em tudo esta agoa mais milagrosa, que a de Moyses; pois aquella foy agoa de contradicam, como lhe chama a Escritura, & esta foy agoa de paz, & de concordia; aquella repartio Deos a rebeldes, & incredulos, esta deo a seus fieis, & devotos; aquella por intercessam de Moyses, esta por via da Virgẽ sanctissima, obrigada das lagrimas do P. Nobrega, & de seus companheiros.

7 Voou a fama deste prodigio, concorréo infinita gente, a ver com seus olhos tam grande maravilha, nam cessando

Notavel
cõfiãça em
Deos do P.
Nobrega.

a
Num. c. 20. n.
11. Percutiens
virga bis filicẽs,
egressa sunt a-
quaz largissi-
maz.

Milagre
muy grãde
de hũa fo-
nte de agoa.

b
Num. 20. n. 11
Hec est aqua
cõtradictionis.

c
Num. 20. n. 10.
Audite rebel-
les, & inotedu-
li.

Vide Baro. an.
100 & Spond.
ibi n. 4. & Me-
taphr. 23. No-
vemb.

foy admitido na Religiã, & nelte, sahindo do mudo, entrou no cêo.

10 Este foy o ditoso fim do Padre Manoel de Nobrega, a quem nam tomou a morte descuydado, mas muito sobré aviso, & muy bem aparelhado; nam morreo como covarde, mas como soldado valente, & como ministro fiel do Evangelho, peleijando contra os vicios, ensinando os ignorantes, & cõvertendo os gentios. Foy varã a quem verdadeiramente podemos chamar Apostolo do Brasil, como a S. Francisco de Xavier do Oriente. Elle foy o primeiro religioso da Companhia, que desembarcou, & pos o pè na terra do Brasil, sahindo da não com huma grande cruz às costas, seguido dos mais companheiros, & acompanhado dos Portugueses, todos com muitas lagrimas de devaçam, que lhe causavam as muitas, que o Padre derramava, até que arvorou este divino final no lugar, em que por entam se alojou, com sua gente, o governador Thomé de Souza. Elle foy o primeiro, & principal da Companhia, naquella provincia, que aturou neste grande trabalho, continuando por espaço de trinta annos naquella nova, & tam inculta vinha do Senhor, sofrendo com rara paciencia os costumes, & barbarias d'aquelles

Indios, a variedade dos climas, que mudava, a pobreza que naquelles primeiros tempos foy muy apertada (por nam ter mais que as esmolas dos fieis) os caminhos muy compridos pela salvaçam das almas, andando por aquelles matos, & navegando aquelles mares, com muitas tormentas; & huma vez padecendo naufragio junto a S. Vicente, perdendose a não, & escapando elle milagrosamente, sem saber nadar; & sofrendo as mais difficuldades, que atràs apontamos, que bem se deixam ver quam grandes seriam, em tempos, em que a barbaria assim reynava nos gentios, & os vicios assim dominavam nos Portugueses.

11 Em todos estes annos foram notaveis os augmentos, que teve esta Christandade do Brasil, com os trabalhos deste bom Padre, de quem podemos dizer, que a elle devemos toda aquella Provincia, que aly tem a Companhia, porque elle a plantou, elle a regou, & Deos a acrecentou (como San Paulo dizia) Elle fundou o Collegio, que temos na cidade da Bahia, que he o principal, & cabeça de toda aquella Provincia; elle tambem começou o Collegio de Piratininga, & d'aly o passou, & fundou na cidade de S. Sebastiam no rio do Janeiro: elle fez a casa de S. Vicē-

te, &

O P. Manoel de Nobrega foy Apostolo do Brasil.

Do muito que o Brasil deve ao P. Manoel de Nobrega.

1. ad Cor. 3 n. 6. Ego plantavi. Apollo nigravit, Deus autē incrementum dedit.

CAPITULO IX.

*Dase breve relaçam do Padre
Ioam de Aspicuelta, que foy
hum dos companheiros do
P. Manoel de No-
brega, na missam
do Brasil.*

EM companhia do Pa-
dre Manoel de No-
brega, mandou o Pa-
dre mestre Simam cinco reli-
giosos de muita virtude, & ze-
lo, como gente escolhida por
tal superior, os quaes todos tra-
balharam, & acabaram sancta-
mente, naquella gloriosa em-
preza: hum delles foy o Padre
Ioam de Aspilcueta, natural do
Reyno de Navarra, sobrinho
do celebre doutor Martim de
Aspilcueta Navarro, Cathedra-
tico de prima da faculdade de
Canones, na insigne Vniversi-
dade de Coimbra, em cuja casa
estava, & della entrou na Com-
panhia, no anno de 1544. co-
mo dissemos no livro primeiro;
& por ser pessoa de grande exê-
plo, & conhecido fervor do bẽ
das almas, o escolheo o Padre
mestre Simam, o qual se nam
enganou no bom conceito, que
delle tinha, porque trabalhou
no Brasil na cõversam d'aquella

*Foy o pri-
meiro Pro-
vincial do
Brasil.*

te, & a de Porto seguro, aonde
deixou edificada aquella ermi-
da milagrosa da invocaçam de
nossa Senhora d'Ajuda, & ago-
ra he a casa de mayor romagẽ,
& devaçam, pelos grandes, &
prodigiosos milagres, que a Vir-
gem sacratissima aly vay obrã-
do: elle foy o primeiro Provin-
cial do Brasil; posto que por es-
paço dos primeiros dez annos
foy superior de todos os nossos,
sem titulo de Provincial, por
ser subordenado, & fogeito ao
Padre mestre Simam, que tam-
bem era Provincial do Brasil,
como ainda agora o Provincial
de Portugal o he tambem dos
nossos religiosos, que residem
em Africa, nas partes de Ango-
la, & Cabo verde. E porque o
Brasil nestes principios foy co-
lonia de Portugal, por isso, com
boa licença dos Padres d'aquel-
la Provincia, & de quem ao di-
ante tomar o cuydado de escre-
ver estes gloriosos trabalhos, fi-
zemos esta commemoraçam,
(& lhe faremos outras ao dian-
te) ainda que muito por mayor,
deste grande servo do Senhor,
a quem todas aquellas vastissi-
mas terras do Brasil terã eter-
nas obrigaçoens; mas porque
tambem as devem aos seus bõs
companheiros, que nesta occa-
siã o seguiram, quero breve-
mente fazer d'elles algu-
ma lembrança.

*Quem foy
o P. Ioam
de Aspil-
cueta,*

*Lib. 1. cap 39.
n. 6.*

Anno de
Christo de
1549.

472

Anno da
Companhia
10.

Notavel
temerida-
de deste
homem.

Famoso
malfeitor
desterrado
no Brasil.

gentilidade, com grande espirito, & com notavel exemplo de mortificação, & perfeita charidade. E porque os exemplos, que neste particular nos deixou entre os Indios, & entre os Portuguezes, sam muitos, & muy eminentes, & nam se podem contar todos, quero referir hum, pera que d'elle tiremos os mais.

2 Havia por aquelle tempo no Brasil muitos malfeitores, degradados de Portugal (que sempre esta praga perseguio ao Brasil, & as mais conquistas deste Reyno) entre outros havia hum famoso degradado, que tinha por nome o Barbosa; o qual tinha alcançado em Lisboa, entre os alentados, grande fama de valente, de temerario, & atrevido; emfim era homẽ desalmado, livre nos costumes, desembaraçado na consciencia, accomodado pera qualquer roim acometimento, insigne malfeitor, & dos que tem por vida propria tirar as alhẽas, com o qual nem a rezã tinha lugar, nem as justiças do Brasil, nem ainda as de Portugal podiam prevalecer; passando sua intrepida ousadia por toda a força, & resistencia, como se vio na cidade de Lisboa, aonde acoffado huma vez das armas de hum corregedor, & d'alguns alcaydes com muitos ministros de justiça, se acolheo à Sè; mas

nam lhe valendo sagrado, por causa de suas boas obras, se retirou com as armas nas mãos, & se fez forte na torre dos sinos, & ahi se defendeo por muito espaço de tempo, contra todo o poder da justiça, valendose de espingardas, & pistolas, de que andava cercado, & finalmente da espada, que esgremio galhardamente. E vendose finalmente em risco de ser entrado, qual o fero leãm (que cercado de grande multidam de caçadores, se está embravecendo contra as lanças; & porque nam pòde despedaçar com as unhas, & desfazer com os dentes aos que o querem matar, offerecido à morte, dà hum salto entre os chuços dos monteiros, & sobre os venablos dos caçadores) tal o atrevido Barbosa, vendose sè esperança de escapar á justiça, com huma cega temeridade, saltou d'aquella alta torre, & de tal maneira veyo rodando pelas muralhas abaixo, que ficou sem lesã alguma de confideraçã (que se fora outro qualquer sogeito necessario pera o bem da republica, nam escaparia com vida, que taes sam os desmanchos da fortuna)

3 Mas veyo finalmente este bravo touro a ser agarrado, (q este officio nam dura muito) & metido no limoeiro, aonde esteve carregado de ferros; & depois de larga prisã, foy de

desterrado

sterrado pera o Brasil; porque estas sam as commendas, com que sahem semelhantes frõteiros. Nam mudou o Barbosa o animo com a mudança da terra; era o mesmo no Brasil, que tinha sido em Portugal (que assim custuma suceder) servindo de escandalo aos Portugueses, & de terror aos Brasís; que sô com ouvir seu nome, fugiam espavoridos. Andando o tempo, quiz a misericordia divina domesticar este leão, & abrandar aquella natural ferocidade, com huma larga doença, que o poz em grande aperto, & em igual desemparo, nos braços de toda a miseria, fôra da povoação dos Portugueses, em huma pobre choupana, sem haver quem tivesse compaixam de seu lastimoso estado. Sabendo disto o P. Ioam de Aspilcueta, nam lhe sofréo sua muita charidade deixar de acudir a este miseravel, como quem tinha diante dos olhos a doutrina, dos sanctos Padres, que nos ensinam, que nam havemos de atentar a pessoa a quem servimos, senam ao Senhor, por quem servimos: porque Deos respeita a boa vontade de quem dá, & nam atenta as roins obras de quem recebe. Vayse aonde estava quasi morrendo, visita-o, consolao, a-limpao, & provéo de todo o necessario, & com muita vontade se lhe offerece pera o servir, &

curar, em quanto a doença continuasse.

4 Aceitou o doente o serviço, com animo mais izento, que agradecido; porque ainda que a doença lhe tinha quebrantadas as forças, nam lhe tinha mudada a condiçam; tomava o que o bom Padre lhe fazia; nam como graça voluntaria, mas como serviço devido: melhorou alguma cousa o doente, na enfermidade, mas nam sãrava na condiçam; continuava o devoto enfermeiro com tanto amor, & humildade, como se servisse ao mesmo Christo em pessoa: & depois de perseverar muito tempo (porque a doença foy larga, & quasi habitual) com todos os bons officios de charidade, nunca pode tirar delle huma boa palavra, antes perpetuas queixas, & repostadas, muy conformes à dureza d'aquelle tam aspero natural, conservando-lhe Deos a vida, nam menos pera o converter a elle, que pera exercitar o Padre; que sam os dous fins pera que Deos (cõforme a S. Agostinho^b) sustenra a vida a hum mão homem: folgava o Padre com a occasiã de exercitar a paciencia, & estimava ver-se culpado por este homem, aonde elle cuydava que podia agradar muito ao mesmo Deos.

5 Entrando hum dia o Padre a visitar o seu Barbosa, com

hum

^a
Valer. Episc. in
quodam serm.
Nō interest cui
petiti eroges,
non enim re-
quiri Dominus
virtū mereatur.
ille qui postu-
lat, sed quirit
qualiter præstat
qui donat.

Grãde cha-
ridade do
P. Ioam de
Aspilcuet-
ta.

^b
Aug. in Ps. 4.
ad 1. vers. Om-
nis malus aut
ided vivit ut
corrigatur, aut
ided vivit ut
per eum bonus
exerceatur.

Christo de
1549.Companhia
IO. + 1

Notavel
ingratidã,
& dureza
deste ho-
mem.

hum mimo, que de novo lhe oferecia; elle com a mesma dureza se começou a queixar, & ao reprehender de o nam servir como pedia a qualidade de sua pessoa. Caloule o Padre por entã, mas d'ahi a pouco, armandose com humas disciplinas, se poz de joelhos diante do seu enfermo, & pedindolhe perdã das culpas, que tinha cometido em o curar, & servir, se virou pera huma imagem de Christo crucificado (que pera esse effeito puzera diante) & descobrindo as costas, se começou a disciplinar rijamente; tomando o castigo, & fazendo penitencia, por quam mal o tinha servido; & pedindo ao Senhor, que lhe dèsse perfeita saude.

Como este
homem se
mudou, &
se emẽ dou

6. A vista deste espectáculo se nam pode conter mais aquelle peito de pédra, que se nam abrandasse com taes golpes de charidade; & dando lugar à rezã, conheçõ sua dureza, & ingratidã, de tal sorte, que arreventãdo em lagrimas, com grande impeto se arremeçõ fora da cama, & deitando-se aos pés do bom Padre, levãtando a voz em grito, começou a dizer: Nam atenteis, Padre, pera minha ingratidã, & loucura, porque meus grandes peccados sam causa de ex. nam usar de rezã, & ser peor que hum bruto animal; vossa paciencia, vencõ minha dureza; & vossa charidade minha ingratidã: eisme aqui,

lançado a vossos pés; venham sobre mim esses açoutes, que vossa innocencia nam merece: eisme aqui trocado; & arrependido; & aquelle a quem nem as justicias, nem os perigos, nem as doçças, & misérias, pudèram nunca amansar; com vossa sancta humildade, & rara paciencia, tendes vencido, & de bravo leão, tornado hum manso cordeiro; & pois ategora, com tanta charidade, tratastes de meu corpo doente, tratai daqui por diante desta alma perdida; contaya entre a numero das que vistes buscar ao Brasil, que com a graça divina (que por vosso meyo nella sinto) espera de vos dar perfeita satisfacãm a vós, & ao mundo todo de meus enormes peccados: assim succedeo, porque melhorando na saude, & na alma, ficou totalmente outro, & se teve por couza milagrosa a mudança, & cõversãõ deste peccador, que d'aly por diante se trocou de tal maneira, que ninguẽ o julgava pelo que tinha sido, senam pelo que vian que era; todo beato, & compungido, sem sahir nunca da nossa Igreja, seguindo sempre os conselhos do Padre; que tal he a força da divina graça, & tam gloriosas sam as victorias da paciencia: & nesta sancta vida acabou, com grandes mostras de sua salvaçãm, cõ huma mudança tam notavel, que bem a podiamos chamar com o Propheta Rey, mudança da mam direita do Excelso; deixandonos este singular ex-

Notavel
cõversãõ
deste ho-
mem.

2
Pl. 76. n. 11.
Hic mutatio
dextera ex-
celsi.

plo da grande paciência, & charidade de tam charitativo Padre; & desta, como de amostra, podemos tirar a bondade deste panno: & poderemos entender, que nam há penhasco tam duro por natureza, que se nam dobre com a brandura da charidade, que juntamente (como diz S. Paulo) he paciente pera sofrer afrontas, & he benigna pera servir enfermos.

7 E pera que entendamos, que esta admiravel charidade se nam limitava só aos Portugueses, quero tambem contar outro caso, do qual constará quanto fez, & quanto padeceo este grande servo do Senhor, pela salvaçam d'aquelles Indios: nam se contentava com os que tinhamos nas aldeas, juro das nossas Capitánias, senam que tratou tambem de os hir demandar muito ao longe, pera que nenhuns lhe escapassem, a quem queria salvar a todos: cõ hum animo, a juizo dos homẽs temerario, se meteo mais de duzentas legoas por aquelle sertam do Brasil, caminhãdo sempre a pé por matos incultos, & por charnecas bravias, habitadas de grande numero de brutos, & de feras, cada huma das quaes parece que tinha em suas unhas, & dentes a vida de que por taes brenhas se atrevia andar sem guia pera os caminhos, sem mantimento pera a susten-

taçam, & com tantas incommodidades, & asperezas, que se nam fora o grande amor de Deos (que era o mana pera elle por aquelles desertos, mais suave do que foy o outro pera os filhos de Israel) mal se pudera imaginar, que poderia elle acabar a jornada, sem primeiro deixar a vida: mas guiado pelo Senhor, a quem servia, & trabalhando incansavel, por manifestar aos Brasis seu sancto nome; perseverou com huma fortaleza invencivel, humas vezes por terra falteado de feras; outras por agoa passando rios, & entrando por grandes alagoas, buscando o vao com muitos perigos; ora errando por caminhos estranhos, & nunca trilhados com pès humanos: até que com ditoso successo acertou, & deo com muitos gentios; os quaes hia buscar; guiado pelo Spirito sancto, que o encaminhava pelos desertos, & o livrava dos perigos pelas brenhas (qual a seta, que o soldado do campo del Rey de Syria, embebẽo no arco, & atirou contra o exercito del Rey de Israel, posto que depois de despedida, fosse como perdida; cõ tudo Deos a guiou tam direita, & certa, como se o coche do Rey fosse a barreira, que demandava, & seu peito o alvo a que se tirava) Assi guiado o Padre Ioam de Aspilcueta, ainda que parece que hia er-

1 ad Cor, 13. 4
Charitas patiens
est, benigna
est.

Como o
P. Ioam de
Aspilcueta
entrou pe-
lo sertam
a converter
os Indios.

c
3. Reg. c 22
n. 34. Vir autẽ
quidã terendit
arcũ, in incer-
rũ sagitã diri-
gens, & casu
perculsit regẽ
Israel.

rado por aquelles matos, Deos o encaminhou, pera achar, & trazer ao céo muitos gentios, mais metidos no inferno com seus peccados, que no sertam com suas choças.

8 Quem por aquelles matos incultos, & deshabitados, encontrasse a este bom Padre, julgaria, sem duvida, que hia errado, & que andava perdido, & lhe poderia perguntar, como a Ioseph, antigamente perguntou o que o achou no campo, quem buscava? & elle tambem lhe poderia dar a mesma resposta, dizendo, que buscava a seus irmãos, que eram os Indios do Brasil: & por isso quando mais errado nos caminhos, entam mais acertado nos intentos; & quando mais perdido entre os homens, entam mais bem achado entre os Anjos; que nam poderiam deixar de festejar nos céos as conversoens de tantos peccadores no Brasil. Tornou finalmente com vida desta notavel empresa, depois de lutar com tam poderosas difficuldades, muy rico, & carregado de despojos, com grandissimo numero de Indios, que trouxe pera as aldeas, pera os domesticar, bautizar, & doutrinar, livrandoos do cativoiro do inferno, alegre pelos ver postos na liberdade de filhos de Deos, & no caminho da salvaçam. Porém, pera que até nisto imitasse

áquelle bom paltor, que veyo do céo buscar as ovelhas perdidas no deserto deste mundo, pelas quaes poz a propria vida: tornou d'esta missam o P. Ioan de Aspilcueta tam mal tratado na saude, tam desbaratado no vestido, tam ferido, & escalavrado pelo corpo, que depois de chegar, em breves dias deixou esta vida mortal, depois de tomados os sacramentos, & se foy a gozar do fruto de seus trabalhos em a eterna, aonde achará o premio merecido em caminhos tam asperos, & por trabalhos tam gloriosos.

CAPITULO X.

Dos mais companheiros do Padre Manoel de Nobrega nesta missam do Brasil, que foram os Padres Antonio Pires, Leonardo Nunes, Vicente Rodrigues, & Diogo Iacome.

O Outro companheiro do Padre Manoel de Nobrega, foy o Padre Antonio Pires, varam apostolico, & que passou grandes trabalhos em cultivar, defender, & doutrinar os Indios do Brasil: edificou muitas Igrejas,

Gen. c. 37. n. 15
Invenit eum vit
errantem in agro,
& interrogavit
eum quid quære-
ret, at ille res-
pondit, fratres
meos quæro.

Como tornou desta entrada pera o sertam.

Como Deos o levou pera sy.

OP. Antonio Pires começou o Collegio de Pernambuco.

trabalhando por suas proprias mãos em o officio de pedreiro; começou o Collegio da Companhia em Pernambuco; & em tudo procedeo como bõ cõpãheiro de tã insigne varãm; & finalmente recolhendose das aldeas dos Indios, pera o Collegio da Bahia, do qual era superior, com grande fraqueza, & enfermidade, que ganhou, visitando aquelles christãos, & descorrêdo por aquelles matos, veyo a morrer como verdadeiro servo de Deos, occasionãdo selhe a morte cõ o grãde trabalho, q̃ levava no serviço, & ajuda do proximo; a qual foy muy sãtida dos Portugueses, q̃ nelle perdèram verdadeiro pay; & igualmente foy chorada dos Indios, que o tinhã por mestre, & emparo.

P. Leonardo Nunes foy grande missionario no Brasil.

2 Veyo tãbẽ cõ o P. Manoel de Nobrega, o P. Leonardo Nunes, o qual, pouco depois de sua chegada àquellas partes, foy mãdado pelo P. Nobrega à Capitania de S. Vicente, na qual havia algũs cinco lugares de Portugueses, q̃ necessitavam muito da boa doutrina de tal missionario, por q̃ os mãos costumes, & escãdalos peccados destes Portugueses, em parte eram peyores q̃ os mesmos Brasis, nam tẽdo quasi mais q̃ o nome de christãos; os quaes, cõ a presença do Padre, cõ sua sãcta doutrina, grãde paciencia, & brãdura de cõdiçã, que Deos lhe cõmunicou, ficã-

ram tam reformados, q̃ se nam conheciã a sy mesmos, espantados de tam notavel mudãça, q̃ Deos nelles tinha obrado, por meyo do grande zelo d'este servo de Deos; ao qual ficãram tã affeiçoados, que logo lhe edificãram casa, & Igreja, com tanto fervor, & com tam especial vontade, que os principaes da terra traziam a madeira do mato às costas, contribuindo todos com suas esmolas, pera obra tam sancta, & crescendo nelles cada dia tanto a devaçã, & bom exemplo com as prẽgaçoens, & bõs conselhos do Padre; que muitos, que quasi nunca se tinham confessado, nẽ cõmungado, frequentavam estes Sacramentos, com notavel devaçã, & piedade, cada quinze, & cada oito dias.

3 Depois de reformados os Portugueses, entendẽo na conversã dos gentios, & na liberdade dos Indios; em ambas estas cousas teve successos gloriosissimos, que deixo ao historiadõ da Chronica do Brasil. Cõ tal prẽssa corria aquellas aldeas dos Indios, prẽgando no mesmo dia em muitas partes, & acodindo aos sãos cõ a doutrina, & cõ o remedio aos enfermos, que os mesmos Brasis, q̃ costumam ser muy ligeiros em correr, & matèjar por aquellas brenhas, o nam podiam alcãçar, & lhe chamavam em sua lingua, o Padre

Chamavã lhe os Indios o P. Voador.

Voador, porque a charidade o fazia de ferro pera trabalhar, e o vestia de azas pera voar. En-
trou mais de cem legoas pelo sertam; tirou das unhas dos Tamoyos muitos Portuguezes, & Castelhanos cativos; bautizou milhares de Indios, cõ grãde trabalho, mas cõ igual proveito.

4 Depois de tantos exercicios de charidade, & religiã, que o Padre Leonardo fez naquellas partes do Brasil, veyo finalmente a morrer por obediencia, porq mandandoo chamar a Roma nosso sancto fundador (pera tratar cõ elle, como cõ testemunha de vista do bem d'aquella nova Provincia, que que nosso glorioso Patriarcha tanto desejava promover) acabou a vida com quasi todos os que vinham na viagem, em hũ lastimoso naufrãgio, do qual escapãram poucos, que nos dêram larga noticia do muito que o Padre trabalhou em ajudar os companheiros, naquelle ultimo perigo, confessando a huns, & animando a todos; morrendo finalmente afogado no mar, depois de tantos trabalhos levados na terra do Brasil, dandose por mais contente cõ a sepultura nas agoas do Oceãno, que os Reys gentios com as pyramides de Memphis em Egipto.

5 Foram mais de Portugal nesta missã com o Pa-

dre Manoel de Nobrega pera o Brasil, dous Irmãos, que lá se ordenãram de missa; hum d'elles era o Irmam Vicente Rodrigues, o qual foy Irmam, segundo a carne, d'aquelle grãde servo de Deos o bom Padre Jorge Rijo, pay de todos os que nos criamos no Collegio de Coimbra, aonde foy ministro por espaço de mais de cincoenta annos, de cuja entrada na Companhia já fizemos mençã. Trabalhou o Padre Vicẽte Rodrigues cõ muito louvor, & igual merecimento, naquella provincia, residindo em varias partes, correndo toda aquella costa, convertendo gentios, prégando aos Portuguezes, curando os enfermos, & exercitando todas as mais boas obras, que se esperam de hum zeloso missionario; recolhendo de terras tam este-reis copiosissimos frutos, no trato, & comercio das almas, que offereceo a seu creador, em cujo serviço finalmente acabou, trocando a terra do Brasil, aonde tanto trabalhou, pelo cẽo, aonde foy descansar: procedendo sempre, como homem a quem Deos tinha milagrosamẽte cõmunica-da saude, quando estava mais desesperada, por meyo do Padre mestre Simam, como conta o nosso Padre Orlãdino, & nõs ao diante referiremos.

P. Vicente Rodrigues trabalhou muito no Brasil.

Lib. 2. c. 32. n. 8.

Morreoem hũ naufrãgio.

Vide Ord. lib. 8. n. 81.

O outro companheiro do Padre Manoel de Nobrega, foy o Irmam Diogo Iacome, que lá se ordenou de missa, o qual, em chegando ao Brasil, foy logo enviado à Capitania de San Vicente, com o Padre Leonardo, aonde fez grandes serviços a Deos, & d'aly foy logo à Capitania do Espirito sancto, acodindo sempre a duas aldeas, que havia naquella Capitania: & pera ter contas de rezar, que dar aos novos Christãos, no tempo, que lhe ficava de suas obrigaçoens, se punha a tornear, & a fazer rosarios, que repartia pelos Christãos, pera que nam tivessem escusa de nam rezar; & posto que nunca tinha aprendido este officio, com tudo a charidade, que he muito engenhosa, lho ensinou. Foy este bom Padre o primeiro que no Brasil deo motivo, pera entre os nossos se renovar o que antigamente faziam aquelles sanctos do ermo, de que falamos no cap. 22. do segundo livro, procurando saber algum officio mechanico, servindo-lhes esta occupaçam, pera evitarem a ociosidade, nos tempos, que lhe sobejavam, & pera ajudarem sua sustentaçam, com o trabalho de suas mãos, & com o suor de seu rosto; & assim sabemos que tivemos no Brasil, neste tempo, in-

signes officiaes, pedreiros, carpinteiros, çapateiros, ferreiros, & de outros semelhâtes officios, exercitados por muitos nossos, q̄ sêdo nobres por natureza, se faziam mechanicos por vontade; & nam tendo mestres, com quem apprender, sahiam officiaes insignes, pera poder ensinar; usando d'estas traças, pera acodir àquelles pobres Brasís, nam sò com a doutrina espiritual, mas tambem com o remedio temporal; porque a charidade he muy sabia, & dêstra; & mais valentes officiaes sayem, os que apprendem pera ajudar ao proximo, que os que trabalham pera ganhar dinheiro. E nam foy este sancto costume exercitado sòmente pelos antigos Padres no ermo, & continuado pelos nossos Religiosos no Brasil; senam que tambem foy exercicio proprio de Apostolos, pois vemos que san Paulo, no tempo que lhe ficava de prègar, exercitava o officio de fazer tendas, ou cabanas, que nifso vem a dar a arte scenofactoria, de que fala a Escritura nos Actos, dos Apostolos: de maneira, que aquelle grande Apostolo, Principe da Igreja, vaso de eleiçam, secretario de Christo, a quem estavam abertos os thesouros da gloria, vivia tam privado dos

Muitos
nossos Pa-
dres no
Brasil ex-
ercitavam
officios me-
chanicos.

P. Diogo
Iacome fa-
zia contas
pera dar
aos Indios.

^b
Vide quz dieo.
lib. 2. cap. 22.
n. 8.

A. c. 18. n. 3.
(Erant autem
scenofactorie
artis.)

bens da terra, que lhe era necessario suar, pera se sustetar, pera que entendamos, que perinitio Deos, q̄ houvesse pobreza no mundo, mais pera exercicio de sanctos, que pera castigo de peccadores.

167 Desta maneira o bom Padre Diogo Iacome deo exēplo com os officios mechanicos a muitos nōssos, que os exercitavam no Brasil, com grande edificaçam dos religiosos, & proveito d'aquelles christãos, os quaes vindones buscar, pera remediar seus corpos, levavam sanctificadas suas almas, & à conta da obra mechanica, que elles queriam, ficavam com a boa doutrina, que nōs lhe davamos, servindoos de graça, pelo interesse de lhes infundir a divina graça. Veyo finalmente este fiel servo do Senhor acabar a vida por obediencia, porque estando convalescente de huma grave enfermidade, & mandandoo o superior acodir a huma Christandade, nã tratou de se escusar, & quiz antes perder a vida, que a perfeiçam da obediencia, fraco no corpo, mas robusto no espirito; porque morreo no caminho, com grande consolaçam de sua alma, por ver que morria, por hir a salvar almas, a imitaçam d'aquelle Senhor, que nã temeo a morte de cruz,

Morte do
P. Diogo
Iacome.

por nos vir trazer a vida da saltaçam. Estes foram brevemente referidos os successos do P. Manoel de Nobrega; e estes foram seus ditos companheiros, que deixando o lustro de Portugal, se foram embrenhar nos matos do Brasil: vivendo com muitos trabalhos entre barbaros, mas descansando na morte entre anjos.

CAPITULO XI.

Entra na Companhia o Padre Gonçalo Alvares, que ao diante foy Visitador eleito do Iapam: da se brevemente conta de sua vida, e morte gloriosa, nas praças do Iapam, em companhia do Padre Manoel Lopes de Bulham.

MVito há q̄ sabemos do Collegio de Coimbra, de caminho pera o Brasil cō o P. Manoel de Nobrega; he tēpo de darmos lã huma chegada, & concluirmos com as cousas deste anno de 1549. fazendo huma breve, & devida mençam de hum notavel varã, chamado o Padre Gonçalo Alvares, o qual neste mesmo anno, em que foy pera o Brasil o Padre Nobrega, deo feu nome, & se entregou tōdo à

Foy o P. Gõ
çalo Alva-
res muy da
do á ora-
çam.

Companhia. Era o Padre Gonçalo Alvares natural de Villaviçosa, de geração nobre, & hórada; estudava na Vniversidade de Coimbra; & movido pelo bom exemplo dos nossos, pediu a Companhia, na qual foy admitido, & procedeo sempre com grande virtude, & exemplo: era muy dado á oraçamental, recebendo nella de Deos nosso Senhor particulares premios, & singulares favores, occupandose muitas horas de dia, & muito tempo de noite neste sancto exercicio.

Entre outros casos notaveis, que pudera aqui relatar, em que mostrou a grande suavidade, que Deos lhe communicava na contemplaçam das cousas divinas, lhe succedeo hum, dignissimo de ser contado por exemplo notavel da oraçam, & obediencia. O caso foy, que estando elle no mosteiro de Sam Fins (aonde com outros Irmãos, por causa de pouca saude, se tinha retirado) tangendo hum dia ao exame da consciencia (como he custume entre nós antes de hirem a jantar) foy elle, como tinha de custume, fazer o exame ao coro de joelhos, & com as mãos levantadas ao cèo, diante do sanctissimo Sacramento; succedeo nam se ranger á comunidade, dando a hora, por a caso nam estar o re-

feitório preparado; tanto que se concertou, nam advertiram em tocar a campainha á mesa, contentandose em dar aviso de palavra, o que parece bastava, por ferẽ poucos os que assistiam naquelle mosteiro. Nam foy aviado o Irmam Gonçalo Alvarés, tambẽ por inadvertência; porẽm elle nam sentindo final pera acabar o exame, & acodir ao refeitorio, se deixou cõtinuar, como verdadeiro obediente; & por outra parte, vendose cõ a mesa posta diãte do sanctissimo Sacramento, cõ melhores iguarias de pam supersustãcial; de tal maneira foy gostãdo deste banquete, q̃ sem advertir no tẽpo, nẽ se lembrar de outro manjar corporal, de tal sorte ficou enlevado em Deos, que aly esteve de joelhos; & na mesma postura, por espaço de oito horas, até outra vez a campainha dar final á noite, a hirem ao refeitorio, & hindo entam buscar, o acharam enlevado naquelle maravilhoso roubo de espirito, no qual perseverou sempre de joelhos, & com as mãos levantadas (como testificaram muitos, que hindo por varias vezes fazer oraçam ao coro, o viram sempre na mesma postura) o que nam poderia ser, senam estivesse todo aquelle tempo enlevado em alguma extasi, & divina contemplaçam, que lhe acrecentou as forças, porque

Perseverou oito horas em oraçam.

Notavel
exẽplo de
sua ora-
çam, & o-
bediencia.

sendo fraco de compreçam, & nam muito alentado na faude, pode perseverar oito horas de joelhos, com tal alento, que lhe nam parecêram mais, que hum quarto de exame.

8. Muy semelhante a esta sancta vida foy a gloriosa morte deste bom Padre, o qual sendo depois mandado pelo Beato Padre Francisco de Borja, por Visitador ao Iapam, fazendo naufragio com seus companheiros na costa do Iapam (por causa de hum horrendo tufam, que de repente lhes sobrevèu) foy achado seu corpo na praya morto, porém de joelhos, & cõ as mãos levantadas, naquella postura, em que passou as oito horas no coro de S. Fins, & em que gastava a mayor parte das noites no Collegio de Coimbra; querendo Deos nosso Senhor, com este milagroso successo, manifestarnos quanto apoyava a oraçam d'aquella alma, & a postura d'aquelle corpo: ordenando as cousas de tal sorte, que morresse este seu servo, como outro Moyses, á vista do Iapam, que era a sua desejada terra de promissam; & querendo, que seu corpo sahisse á terra, com os braços, & as mãos levantadas ao céu, pera que entendessemos como tambẽ morrerá nas mãos, & nos braços de Deos; & que com aquella postura dava graças ao Senhor, pe-

lo levar, ainda que morto, á terra do Iapam, nõde desejava dar a vida a tantos.

4. Em semelhante postura foy achado, por S. Antam, metido em huma cova da Thebaida, o corpo morto d'aquelle grande solitario S. Paulo: em as prayas de Iapam foy visto de joelhos, depois de morto, o Padre Gonçalo Alvares: ambos servos de Deos; porém por diversas vias, hum feito Anacoreta, & metido no ocio da oraçam; outro buscando a gente, & metido no trafego do mundo; aquelle sò contemplativo, este tambem activo: mas sendo as vidas diversas, foram depois na morte semelhantes, pera que entendamos, que pôde hum varã Apostolico, que morrèu prègando, igualar os raptos mais extáticos, do que viveo contemplando: do successo de Paulo, primeiro ermitam, nam temos mais noticia, que a que nos deu S. Antonio o grande: este admiravel caso do Padre Gonçalo Alvares, nos contou o Irmam Jorge de Loyola, natural de Iapam, que como a cousa muy sabida, & muy celebrada pelos Christãos, & gentios, lhe damos todo o bom credito, pela grande opiniã, que se tinha da verdade, & sinceridade deste Irmam, que aly foy testemunha de vista, & escapou milagrosamente cõ vida d'aquelle

terrivel

Foy seu corpo, depois de morto, achado de joelhos.

Deut. 34.

a
Hier in vita S.
Parr. loquês de
Paulo primo
eremita. 6. ca.

terrivel naufragio.

5 A este espirito de continua oração acompanhavam as mais virtudes em grão muito subido, & perfeito, resplandecendo em todas seu grande exemplo, principalmente na mortificação, & humildade, nas quaes nam somente foy insigne, quando era mestre dos noviços, mas tambem quando foy reytor do Collegio de Coimbra, & preposito da casa de Sam Roque, acodindo ordinariamente à cozinha, assim no tempo da mesa a repartir o comer à communiidade (vestido em huma roupa parda, & cingindo o avental) como entre dia, nam perdoando a occupaçam nenhuma, das que aly se costumam exercitar, por mais baixas que parecessen aos olhos humanos. Alem de outros rigores, que usava pera configo, trazia de ordinario cilicio junto à carne; & em todas suas acçoens, ou tendo saude, ou estando enfermo, se havia com tanta paciencia, & humildade, que nam parecia Reytor, senam o mais humilde noviço do Collegio.

6 Sua charidade, pera cõ os subdiros, era como de hum pay muy amoroso, pera com seus filhos muy queridos. Se no Collegio havia enfermos, com estranha charidade, de dia, & de noite vigiava sobre elles; & pera seus subditos nam cahirem

em enfermidades, tinha huma maravilhosa prevêçam, porque quando via algum Padre, ou Irmam mais fraco, ou cansado do ordinario, lhe dava a mão antes da queda (como quem bem entendia, que melhor he o medico, que preserva da doença perigosa, que aquelle que vos cura depois de terdes cahido nella) chamava em tal caso o enfermeiro, encõmendavalle o Padre, ou Irmam, a que lhe parecia que hia faltando a saude, & entregavalle por tãtos dias, conforme sua necessidade representava; ordenando ao enfermeiro, que todos os dias lhe desse conta d'aquelle convalescente; & com esta sancta traça, & paternal cautela, restituiu as forças a muitos; curou graves enfermidades, & escusou mayores gastos. D'elle se conta, que em quanto foy Reytor, ordenou aos porteiros, que nenhum pobre se fosse de nenhuma das portarias, sem esmola; & assim se fazia; & por isso Deos lhe acrescentava as rendas do Collegio, porque nam temia repartillas pelos pobres.

7 Tinha no exterior huma grande affabilidade, & alegria religiosa, com que a todos chamava a sy, de tal maneira, que os subditos nam fugiam d'elle, como fazem a muitos superiores, os quaes com perda dos pobres subditos, tendo na-

De sua
grã de mor-
tificação.

Teve grã
de chari-
dade cõ os
enfermos.

tureza pera serẽ temidos, nam sabem ter arte pera serem buscados; & assi à cõta da autoridade, q̃ querem ganhar, perdem o nome de pays, que nam souberam grangear; que na verdade se enganam os que quẽrem ser temidos, com tanto que sejam obedecidos, que até em hum genio se estranhou esta resoluçã tragica, *Oderint, dum metuãt*, mais força tem com os homẽs o bom termo, que a aspereza; & o que nam vence o rigor com violencia, acaba o preceito com brandura: & porque o Padre Gõçalo Alvares, guardava muito bem este conselho, por isso era tam querido, & estimado de seus subditos, os quaes com o mesmo cuydado, & diligencia, com que muitos fogem da cõversaçam de seus superiores, buscavam a este bom Prelado: & d'aqui se seguiam grandes bens à comunidade, porque todos viviam em paz, & tinham confiança pera communicarem a seu superior seus desgostos proprios, sem lhe ser necessario vilos a saber por bocas alheas. Mas de tal maneira temperava o Padre Gonçalo Alvares a cithara de suas virtudes, que com esta brandura de pay, quando convinha, sabia ajuntar o rigor de juiz, mostrando se principalmente severo em faltas publicas, que podiam redundar em discredito da Religiã, que

tanto amava.

8 Era homem de grande prudencia, & muy advertido, & acutelado em ouvir enformaçoens de faltas alheas, pelos muitos danos, que se originam em huma comunidade, quando hum superior he facil em dar credito a defeitos, que se notam nos outros: sam os homens (como ensina a ^b Escriitura) naturalmente inclinados ao mal, desde seu primeiro nascimento, & d'aqui vem, que mais facilmete dam credito, nas cousas de nossos proximos, ao mal, que contra elles nos dizem, que ao bem, que por elles nos testificam; & se a todos he necessario grande cautela em crer enformaçoens sinistras, muito mais convem esta advertencia aos Prelados, & superiores, os quaes pera governarem bem, ham sẽpre de deixar hum dos ouvidos desocupado, pera ouvir a parte.

9 Tinha grande zelo de acodir ao bem das almas; nunca, sendo Reitor do Collegio de Coimbra, largou a outrem a occupaçam de fazer a sancta doutrina; o mesmo costume guardou, sendo Preposito da casa de S. Roque; & fazia este sãcto exercicio com muy grande applicaçã, & com nam menos gosto, que proveito dos ouvintes. Emfim, que o Padre Gonçalo Alvarez foy hum dos mais

*Requere se
muita cautela nos superiores.*

^a
Gen. c. 8. n. 21.
Sensus enim,
& imaginatio
humani cordis
ad malũ prona
sunt ab adoleſcentia sua.

Sueton in Caligula, e. 30.

Era muy amado de seus subditos.

Foy Reitor de Coimbra, & Preposito da casa de S. Roque.

perfei-

perfeitos varoens, & exemplares religiosos, que teve esta provincia, na qual, posto que fazia a Deos grandes serviços, suspirou tanto pelo Japam, & pela conversam dos gentios no Oriente, que tratando o Padre Francisco de Borja, de mandar por Visitador àquellas partes hum homem de grande virtude, & de igual autoridade, & letras, escolheo ao Padre Gonçalo Alvares, o qual, com hum amor te tam glorioso, veyo a coroar sua sancta vida.

io Morreo tambem naquelle mesmo naufragio o Padre Manoel Lopes de Bulham, que no mesmo tempo tinha entrado na Companhia, natural da cidade de Lisboa, muy illustre por sangue (cunhado de D. Pedro de Meneses, irman de Dom Duarte de Meneses, Viforey, que foy da India) & parente, conforme muitos diziam, do nosso Sancto Antonio de Lisboa: era este bom Padre homem de grande exemplo, & virtude, zeloso do bem da Companhia, fora Reytor no Collegio de Braga, & Vicereytor no de Coimbra; & nesta jornada da India, & Japam, escolhido por companheiro do Padre Gonçalo Alvares, na visita, que hia fazer a aquellas partes do Oriente; & finalmente companheiro tambem do naufragio, & morte bemaventurada, pois foy

por obediencia, em ajuda dos proximos, & serviço de Deos.

CAPITULO XII.

Como neste anno em que entramos de 1550. os serenissimos Infantes Dom Luis, & Dom Henrique, pediram missões da Companhia pera suas terras, & de outras, que o Padre mestre Simam

repartio pelo Reyno.

ENTRAMOS no anno de 1550. em o qual o Padre mestre Simam repartio muitos missionarios pelo Reyno; que quem, com tanto cuydado mandava prégadores ás mais remotas partes dos dous mandos Oriental da India, & Occidental do Brasil, nam se podia esquecer d'aquelles, q lhe ficavam mais perto em Portugal; principalmente porque de muitas partes do Reyno acodiam ao Collegio de Coimbra, pedindo missões; a todos acodio o Padre mestre Simam, mandando huns ao Porto, outros a Braga, a Ponte de Lima, & a Portalegre, sentndo o Reino em tam varias partes a melhoria de vidas de seus moradores,

P. Manoel
Lopes de
Bulham,
acabou em
hū naufrá-
gio cō o P.
Gonçalo Al-
vares.

Anno de
Christo de
1550.

486

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno da
Companha
II.

Missam ao
Priorado
do Crato.

res, & alivio de suas consciencias. Nam foram neste anno os ultimos (que levados desta fama, pretendèram pera suas terras tam fructuosos obreiros) os serenissimos Infantes Dom Luis, & o Cardeal Dom Henrique; os quaes, como tam piedosos, mandaram ao Padre mestre Simam pedir prègadores pera as terras de sua jurisdicam: o Infante Dom Luis, pera o seu Priorado do Crato, da gram commenda de Malta, aonde foram os nossos em missam, & fizeram muito fruito, em particular na villa da Sertã, com singular proveito da terra, & gosto de sua Alteza.

Missam ao
Arcebispa
do d'Evora.

2 O Cardeal Infante (que já hia perdendo as sospeitas passadas, que do nosso instituto tivera, por roim enformaçam de alguns emulos mal intencionados) movido com o exemplo, & praticas de seu irman o Infante Dom Luis, pedio tambem missionarios pera o seu Arcebisgado d'Evora, pera o qual foram designados oito Padres; os quaes se dividiram, conforme as ordens do serenissimo Principe, pelas principaes partes de sua diecese; obrando todos com o fervor, & exemplo, que delles a Companhia esperava, & os povos necessitavam. Teve entre estes oito Padres grande eminencia o Apostolico varam o Padre Manoel Fernan-

des, a quem coube na repartiçam a villa de Avis, cabeça da insigne ordem militar de Sam Bento; ao qual o espirito, & o talento com grande felicidade favoreciam, de quem logo faremos larga mençam: & ao bom successo d'estes Padres devemos em grande parte, o bom conceito, que de nós cobrou este Senhor, & o bom acolhimento, que nos fez no seu Arcebisgado, no real Collegio, que nos fundou, & Vniversidade, que nos entregou, como veremos nesta historia.

3 Tambem o Reyno do Algarve participou d'este bem, deferindo o Padre mestre Simam a petiçam do illustrissimo, & reverendissimo Dom Ioam de Mello, que entam era Bispo d'aquelle Reyno; & d'ahi a tempos succedeo no Arcebisgado d'Evora ao Infante Cardeal. A estas terras do Algarve foy enviado o Padre Gonçalo Vaz de Mello, insigne missionario da Companhia (como atrás temos visto) & religioso de grande satisfacam. Nam se póde encarecer a felicidade, & grandeza do fruito d'esta missam; & como a edificaçam dos prègadores, & a fama de suas obras, se espalhasse em breve pelo Reyno todo, era notavel a instancia dos lugares mais remotos, pera que lhe mandasse là os Padres, & nam perdessem, por distantes,

Missam ao
Reyno do
Algarve.

Lib. 2. c. 24

Anno de
Christo de
1550.

Anno da
Coparhia

II.

Da festa cõ
que foy re-
cebido o P.
Gonçalo
Vaz na vil-
la d'Ala-
goa.

os proveitosos favores, q̃ outros
logravam por visinhos.

4 Partindose o Padre pe-
ra a villa da Alagoa, chegando
à vista d'ella, achou todo o po-
vo junto, que era de quinhētos
visinhos, que em procissam or-
denada vinham a receber o
missionario do cẽo, com alegres
repiques de sinos, musicas de
clerigos, cantares de mininos,
ramos nas mãos, & alvoroço do
povo, representando, em parte,
o que houve em Ierusalem na
entrada do Salvador: com este
prazer chegaram á villa, entrã-
ram na Igreja. Pagoulhes o Pa-
dre este tam pio recebimento,
com lhes prégar logo na mesma
Igreja, com tam subida satisfa-
çam de todos, que nam houve
nenhum dos principaes do lu-
gar, que os nam quizesse levar
por seus hospedes, pera sua casa:
guardaram porém os Padres seu
estylo, em buscar os passos da
sancta pobreza, agasalhandose
com os pobres do hospital, aon-
de foy tanta a gente, que con-
corrẽo a velos, que foy necessa-
rio ao Padre fazerlhe outra pra-
tica, pera os mandar consola-
dos. Aqui se detiveram alguns
dias, com grande fruto, & igual
consolaçam de todos. Iunto à
cidade de Sylves acharam hum
lugar por nome Estombre, aon-
de os visinhos eram mais de
duzentos; porém os odios eram
infinitos; estavam divididos em

dous bandos; as mortes eram
tantas, as vigias, & cautelas tam
repetidas, que mais parecia esta-
rem em fronteira de Mouros,
q̃ viver em terra de Christãos.
O Bispo em pessoa acodio a se-
renar estes tufoens, & apagar
estes fõgos, mas de balde; por-
q̃ se guardava esta victoria pera
o Padre Gonçalo Vaz, o qual
prégou contra os odios, com tal
força de espirito, que no meyo
da Igreja, chorando todos mil
lagrimas, bradaram a Deos mi-
sericordia, & se fizeram amigos;
com as mayores demõstrações
possiveis.

5 Em Faro o sahãram a re-
ceber toda a cleresia, a cidade,
& o povo; & depois em forma
de comunidade o foram visi-
tar ao hospital, aonde o Padre,
conforme seu costume, se reco-
lhia; aly foy muito pera ver a
solēnidade, com que lhe deram
os parabens da vinda; que pera
ficarem mais autorizados, falou
hum sò, & pera se mostrarem
mais cortesãos, & fazerem li-
sonja aos Padres, a quẽ tinham
por grãdes Latinos, foy a prati-
ca do P. Cura em Latim, q̃ por
ser de tal Hortẽsio, seria muito
pera ouvir; toda foy de louvores
da Cõpanhia, & de seus ministe-
rios. Acabada a fala, que pou-
cos deviam de entender, logo
se explicaram em Portugués,
multiplicando forçosas rogati-
vas aos Padres, pera aceitarem

Como os
missiõna-
rios foram
recebidos
em Faro.

hũas

Anno de
Christo de
1550.

488

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Cabo de S.
Vicente se
chamava
Sacro.

hūas casas nobres, que pera sua morada se tinham preparadas, que o Padre muito agradecéo, mas nam aceitou, por nam aggravar a sancta pobreza, com quem já estava agasalhado naquelle seu hospital. Foy a festa deste dia muito mais solenne, por succeder esta entrada dos Padres em dia do insigne martyr Sam Vicente, que naquelle Reyno he muy celebrado, & que deo o nome ao Cabo tam conhecido, na costa do Algarve, a quē hoje chamamos de Sam Vicente, & antigamente se chamava sacro, & muito mais o ficou depois com o sagrado deposito do corpo do sancto, que aly se descobrio, no tempo do primeiro Rey de Portugal; hoje Lisboa logra a gloria das reliquias, & o Cabo tem a honra do nome. Tomãram os Padres por bom agouro a entrada em tal dia, esperando de alcançar grandes victorias dos vicios, pois os recebia hum sancto, que tinha nome de vencedor. Muito desejavam os desta cidade, que os Padres aly se detivessem mais; porém nam foy possivel despachar selhes a petição, que sobre isto remetêram ao Padre mestre Simam; & assi, depois de dous meses gastados em obras de grande serviço de Deos, se recolhêo o Padre Gõçalo Vaz de Mello a Coimbra, tratandose em todo este tempo

com tanta severidade, & aspreza, que sendo de poucas forças, & compreiçam delicada, como por vezes temos advertido, com a mesma camisa com que do Collegio de Coimbra sahira, tornou a entrar, sem nūca a mudar, suando tantas vezes, em tam grande numero de prègaçoens; que d'esta maneira procediã aquelles nossos primeiros missionarios; & assim custuma Deos alentar aos que se emprêgã em seu serviço; & se nos expomos ao trabalho, sempre achamos as forças mayores na execuçam, do que o amor proprio nos representa na imaginaçam.

6 O modo com que se haviam estes nossos missionarios, quero aqui apontar, pera nos ficar em memoria, por ser de grande exemplo, & edificaçam; porque todos hiam a pé, com bordoens na mam, & com hum alforçesinho, em que levavam o seu Breviario, com huma Biblia, & algum outro livro espiritual; nenhum dinheiro levavam, nem outro provimento, por hirem mais entregues nas paternaes mãos da providencia divina; pediam esmola de porta em porta, dormiam no cham, ou pelas eiras no campo, & pelas casas pobres, & hospitaes no povoado, sem permitirem nenhum outro gasalhado; procediam com tanta pobreza, com

Anno da
Companha
II. 21
Grãde as-
pereza cõ
q se trata-
va o P. Gõ-
çalo Vaz de
Mello.

Direiçam,
q guarda-
va os nos-
sos missio-
narios.

Como ajũ-
tavam a
gente.

tal modestia, & humildade, que o muito fruto, que recolhiam, mais o alcãçavam por efficacia do exemplo de suas peffoas, que por eloquencia dos seus sermões. Tanto que chegavam a algum lugar, logo acodiam á Igreja, & havida licença do Parocho, corriam logo a terra toda, tangendo hum d'elles a campainha, & ajuntando o povo, pera fazerem a doutrina, & este era o primeiro final, que se dava de terem os Padres chegado a alguma parte; & tambem este era o primeiro repique de guerra, que se tocava contra os vicios; & porque a gente das aldeas anda ordinariamente occupada de dia em grangear sua vida, ajuntavam os Padres a esta gente, depois das Avemarias, ou em alguma Igreja, ou em algum alpendre, & abi lhes ensinavam a doutrina: eram grandes os concursos, acodindo todos, levados ao principio da novidade de taes mestres, & prégadores, & depois movidos, pelo muito proveito, que experimentavam os discipulos, & os ouvintes. A estima, que à gente fazia, de tam apostolicos missionarios, era grandissima, tendoos por homens sanctos, vindolhe tomar a bençám, & a pedir a mam, & a beijar o mantèõ. Quando passavam por algu-

ma rua, sahiam os homens, & as molheres pelas portas, & pelas janelas, pera os verem, nam se fartando de lhes lançar bençoens, chamando-lhes sanctos, dando graças a Deos, por verem (como elles diziam) tanto bem em suas terras.

7 D'esta maneira sahiram o Padre Gonçalo Vaz, com seus dous companheiros, & correram todo o Reyno do Algarve. D'esta maneira o Padre Valeriano, Mendes, missionario verdadeiramente apostolico, foy à villa de Bouzella, patria do Padre mestre Simam, & a suas aldeas, & lugares visinhos; & tambem lhe coube hir a Ponte de Lima, que andava dividida em dous bãdos, com odios infernaes, & a deixou em paz, cõ hum trabalho incãfavel, & com hum successo muy glorioso. D'esta maneira entraram pela comarca de Figuerõ, & Pedrogam o Padre Melchior Nunes Barreto, & o Padre Ioam de Gouvea; & d'esta maneira sahiram no mesmo anno, pera a villa do Sardeal, & seu termo, o Padre mestre Diogo Vieira, com seu companheiro; & o Padre Luis Gonçalves, Ignacio de Azevedo, & outros apostolicos varoens, de que abaixo falaremos, fizeram gloriosas entradas, pela Beira, e entre Douro, e Minho.

b.
Videlib. r. e.
32. n. 8.

Insignes
missionarios
d'a-
quelle tẽ-
po.

Anno de
Christa de
1550.

490

Anno da
Companhia
I. F. . . I

Nam me detenho em singulari-
zar as obras de serviço de Deos,
& os fructos tam acesoados, que
se colhiam d'estes trabalhos,
por me nam deter, em cousas, q̃
em nossas missões sam muy cõ-
tinuas, & tiveram sua origem
nestas primeiras, que estes nos-
sos Padres exercitaram, & hoje
vemos continuar nos missiona-
rios, que todos os annos sayem,
ao menos pela quaresma, com
grande fructo das almas, mu-
dança de custumes deprava-
dos, honra da Companhia,
confusão do inferno, & gloria
divina; agora veremos outra
missão, que o Padre mestre Si-
mam neste anno de 1550. mã-
dou ao Brasil.

CAPITULO XIII.

*Manda o Padre mestre Si-
mam neste anno de 1550.
quatro Religiosos ao Brasil,
pera ajudarem ao Padre*

*Manoel de Nobrega,
superior daquella
missão.*

TAnto que no Colle-
gio de Coimbra se
começaram a ler as
cartas, que o Padre Manoel de
Nobrega, & seus companheiros
mandaram do Brasil, pera onde

tinham hido o anno atrás de
1549. (como temos cõtado) e se
ouvíram as boas novas, q̃ vinha
da vastidã de terras, & multã
de gentios, & grande falta de
obreiros, que cultivassem aquel-
las asperas montanhas da gen-
tilidade, nam se pôde facilmete
crer o grãde fervor, que de no-
vo se ateou naquelle saneto Col-
legio, desejanço todos, & pretẽ-
dendo cada hum a gloria desta
trabalhosa missão; porque até-
gora Deos nosso Senhor cõmu-
nicou sempre à Cõpanhia este
tam grande zelo, & fervoroso
desejo da salvaçam das almas, &
conversãm de infieis, de forte q̃
mayor he o trabalho dos supe-
riores, neste particular; em hir à
mam aos grandes fervores, com
que se criam os nossos religio-
sos em Portugal; & assim pouco
lhe custou ao Padre mestre Si-
mam mandar ao Padre Manoel
de Nobrega algum socorro de
obreiros, pera o ajudarẽ a esmou-
tar, & rõper aquellas terras tam
sylvestres da gẽtilidade do Brasil.

2 De todos os pretendentes,
q̃ estavam com os õlhos lãgos,
esperãdo o despacho da missão,
escolheo, & nomeou ao P. Salva-
dor Rodrigues, homẽ de grãde
virtude; o qual trabalhou no Bra-
sil, cõ hũ espirito incãfavel, cul-
tivãdo aquelles barbaros, domesti-
cãdo aquellas feras, bautizãdo
a muitos, & ajudãdoos a todos,
como pay, & mestre de cada hũ:

*Grãde fer-
vor de mis-
sões, q̃ sã-
pre houve
entre os
nossos.*

*P. Salva-
dor Rodri-
gues vayẽ
missão ao
Brasil.*

era homem de maravilhosa simplicidade, & admiravel obediência; de sorte, que nam fazia couza alguma, sem particular ordẽ, & direiçam do superior; & porque neste particular pudera cõtatar muitos casos, sò q̃ro apõtar hum, que mostra bem a innocencia, & obediencia d'este ser vo de Deos.

3 Andãdo elle já muy doẽte, & cõsumido nas forças (por causa dos grãdes trabalhos, que na conversãm d'aquelles Indios tinha padecido) & estando na cidade da Bahia, acertou de se partir o P. Manoel de Nobrega, seu superior, pera a Capitania de Sam Vicente, o qual lhe disse: *Anima myos, Padre, nam morrais, até que eu torne a esta cidade;* tomou isto o bom Padre tanto de véras, & com tanta fingeleza de obediencia, que crescendo a doença, até o por quasi no fim, todo seu trabalho era dizer, que estava sentindo de nã morrer, & hir gozar da vista de Deos, que tanto desejava, porque nam tinha licença, até a tornada do Padre Provincial, que nam poderia ser senam d'aly a muitos meses.

4 Assim foy este innocente Padre continuando na vida desesperada já de todos, & descõfiada dos medicos, querendo Deos nosso Senhor, q̃ a morte, q̃ a nada tem respeito, a tivesse a simplicidade tam sancta, & obe-

diencia tam perfeita, dando tre goas, pera que viesse finalmente a morrer com licença de seu superior, porque chegando neste tẽpo de Portugal o Padre Luis da Grã, que vinha por collateral do mesmo Provincial do Brasil (& contandolhe a resignaçam na sancta obediência do enfermo, q̃ por outra parte estava penando, no estremo da fraqueza, & cõ ardētissimos desejos de se ver sã Deos nosso Senhor) lhe tirou o escrupulo, dizẽdo-lhe q̃ bẽ podia morrer quietamẽte, porq̃ elle, pela cõmissam, q̃ trazia do P. M. Simam, & poderes, q̃ tinha de superior, o podia desfobrigar da obediência, que dizia lhe tinha posta o P. Manoel de Nobrega: avida esta licença, cõ grãde cõsolaçã de sua alma, como se ẽ sua mam estivera o partir desta vida, tratou logo, com muita alegria, de morrer, alvorocãdo-se pera a partida, q̃ elle sẽpre tinha pedido a Deos, q̃ fosse em dia da Assũpçam da Virgẽ sacratissima Senhora N. de quẽ elle era devotissimo; & assi recebidos de novo os sacrametos esteve em seu perfeito juizo, até a meya noite da vespora d'Assũpçam d'esta Senhora, no qual ponto entrou em passamento, e deo seu espirito ao Senhor, entrando nas primeiras horas do dia da Assumpçam, pera hir gozar da vista de Deos, & da Virgem sanctissima na gloria,

P. Salvador Rodrigues veyo finalmete a morrer por obediência.

Notavelinnocencia, e fingeleza do P. Salvador Rodrigues.

em o dia da mayor festa, & triumpho d'esta Senhora, a quem tam bem tinha servido, como humilde servo, & obediente Capellam, que com rezam podia dizer à imitaçam de seu Mestre, & Senhor, a que fora obediente até a morte.

5 O outro escolhido pera o Brasil, foy o Padre Francisco Pires, varam verdadeiramente dos escolhidos de Deos, por seu grande exemplo, & extrema da virtude, o qual trabalhou muito naquella Provincia, confessando, prégando, & ensinando os mininos, & ajudando os Indios, do modo que melhor podia, porque nam podendo tomar a lingua da terra, se aproveitava de interpretes, por meyo dos quaes fez grandes serviços a Deos entre aquelles Brasis. Pouco depois de sua chegada, foy mandado pelo Padre Manoel de Nobrega, com alguns companheiros, à Capitania de Porto Seguro, pera ahy dar principio a huma residencia da Companhia, como em effeito fez; edificando em hum outeiro huma casinha, pera os nossos religiosos se recolherem, & ajudando a fazer a ermida de nossa Senhora d' Ajuda, tam frequentada hoje, & tam celebre, em rezam da fonte milagrosa, que (como atris^b disse-mos) a Virgem sanctissima, que

he fonte de graças, & favores, fez arrebrantar naquelle outeiro; & nesta assinalada merce da Senhora, teve o bom Padre Frâncisco Pires muita parte, porque elle foy o que dizia a missa, quando no meyo della começou a correr a milagrosa fonte. Foy superior em muitas residências d'aquella costa, & reytor do Collegio da Bahia; & depois de muitos trabalhos, & caminhos é serviço das almas (até chegar de puro cãçação a lançar sangue pela boca) veyo finalmête a acabar ethico, no mesmo Collegio, recebendo os sacramentos, com grande edificaçam dos presentes, & dando notaveis mostradas de entranhavel devaçam, que sempre tivera a Virgem sanctissima Senhora nossa, à qual de continuo fazia suavissimos colloquios, & com elles na boca espirou, com grande consolaçam de sua alma, como bẽ indicia no exterior; q nam podia a Virgẽ sãctissima deixar de favorecer naquella hora, cõ enchête de graças divinas, a quẽ em vida tinha socorrido, cõ abudãcia de agoa tam perenne.

6 O terceiro companheiro foy o P. Manoel de Payva, o qual entrou no Collegio de Coimbra sêdo já sacerdote, & cura de almas, homẽ de muita paz, & asêto, de grãde chaneza é seu trato, & synceridade é sua cõversaçaõ, como outro Natanael, é quẽ

Teve muita parte no milagre da agoa de N. Senhora d' Ajuda.

^a
Al Phil. c. 2. n.
8. Factus obediens usque ad mortem.

*P. Frâncisco Pires
vaytambẽ
pera o Brasil.*

*P. Manoel de Payva
vaytambẽ
ao Brasil.*

^c
Ioa. c. 1. n. 47.
Vere Israelita
in quo dolus
non est.

nã havia engano, nẽ malicia; em prova do qual contarei o q̃ lhe succedeo nos primeiros dias de sua entrada: estãdo recolhido ẽ exercicios espirituales, como he costume da Cõpanhia (descuydãdose a caso o Irmam noviço, q̃ tinha cuydado de lhe levar de comer por se a ter a outro) passou dous dias inteiros ẽ jejũ natural, sã comer, nẽ beber: & como elle era tã sincero, nã quiz lãbrar nada ao Irmam, havẽdo q̃ poderia aquilo ser regra, ou estylo da Religiam, naquelles primeiros dias, pera prova de sua paciẽcia; mas ao terceiro dia, como a fome ofosse apertãdo mais, cõ a mesma cãdura de sua alma, entrou ẽ outro pẽsamẽto, occorrẽdo-lhe, q̃ por pobreza do Collegio, nam haveria q̃ lhe dar a comer: & logo descursãdo, se trazia ainda cõsigo algũa peça, cõq̃ pũdesse focorrer ao Collegio naquella falta, que a elle tãto lhe abrangia, nam achou o P. Cura mais q̃ hũas luvas, unico despojo do q̃ no mũdo deixãra; estas, cõ muita synceridade, entregou ao Irmam, perã q̃ por ellas cõprasse algũa cousa de comer, se por vẽtura a nam havia ẽ casa: entendẽo o Irmam o q̃ passava, cahio ẽ seu descuydo (q̃ em noviços nã foy este o primeiro, nẽ serã o derradeiro) deo conta ao superior, o qual, posto q̃ sentio a falta, estimou muito a paz, & sofrimẽto do bom sacerdote, que

nestẽ caso deo moltra de quãto Deos havia de fazer por meyo de sua humildade, & sancta simplicidade, ao diante.

7 Cõtarei outro caso, nacido da mesma synceridade, & bõdade d'este verdadeiro Israelita. Vẽdo elle a grãde falta do necessario, cõq̃ os Padres naquelle tempo passavam no Brasil, nam tendo cõ que se sustentar a sy, nem com que acodir aos pobres, & doentes, principalmente Indios novamente convertidos, a que elle muito desejava favorecer; tendo diante dos olhos o exemplo de Sam Paulino, Bispo de Nola, que se fez cativo dos Vandalos, por libertar ao filho de huma viuva de seu Bispado, desejou com muita synceridade, que o vendessem, pera remediar os Padres, & acodir às faltas, que havia nas Igrejas, entre os Christãos, que de novo se bautizavam. Vendo o Padre Manoel de Nobrega o animo cõ que o P. Payva se offerencia pera o venderẽ, querẽdo, como homẽ de tã alto espirito, deixarnos, neste humilde servode Deos, hum raro exemplo de charidade, lhe disse, que lhe agradecia muito aquella boa vontade, & que era contente, que o vendessem; entregao logo a hum corretor de escravos, que o trouxe com pregã publico, por muitos dias, pelas ruas, & pelas praças, como se

Offerencia-se pera ser vendido, pera ajuda do sustẽto dos Padres

Sur. in vita S. Paulin. mense Junij, die 22.

Foy homẽ muy finge lo, & can-dido.

costumava fazer naquella nova cidade da Bahia aos escravos ; continuando tanto nisto, que nam faltou hum cidadam (que tambem nam devia de ser dos mais maliciosos) que lâçasse cento, & vinte cruzados por elle, pera o ter por Capellaõ em sua fazenda: aqui era muito pera ver a sancta simplicidade, cõ que o Padre rogava ao lançador, que desse mais algũa coufa, porque os Padres estavam muito pobres, & que elle o serviria valentemente, offerecendose a todo o serviço de casa.

§ Assim andou o bom Padre por alguns dias em leilam, atè que dando conta ao Padre Nobrega, quanto se subia no preço, & quam de veras tratava o Padre Payva de sua venda, o mandou vir pera casa, & declarou a todos o que pretendéra com esta almoeda, que nam era vender ao Padre (a quem estimava em preço infinito) mas que sò queria dar mostras ao mundo da grande charidade, & humildade deste grande fervo de Deos. A estes extremos, tam fora da opiniã, & juizo dos homens, chegaram os Sanctos, pelo amor que tem a seus proximos, que na verdade nam sam excessos, nem extremos, a respeito d'aquelle excesso de estremado amor, do supremo Rey da gloria, que

nam sò desejou de ser vendido pelos homens; a quem tanto amava, mas effectivamente o vèderam por trinta dinheiros; & com este raro exemplo se vem a persuadir os verdadeiros servos do Senhor, que entam valẽ mais, quando por elles dam menos.

9 Nam se pôde dizer, em poucas palavras, o muito que este bom Padre servio a Deos nosso Senhor, nas partes do Brasil, ajudando aos Portugueses, & hindo sempre diante nos seus exercitos, contra os barbaros, & gentios Tamoyos, com huma cruz arvorada diante de todos, sendo o primeiro em acometer (porque era homem robusto, de grandes forças, que a nenhum trabalho se negava) & ficando sempre o ultimo em se recolher: por cujo meyo alcãçaram os Portugueses gloriosas victorias d'aquelles crueis inimigos; & succedeo algumas vezes, que despedindo contra elle os barbaros innumeraveis frêchas, sendo tam certos no atirar, de nenhuma permitio Deos, que o acertassem, nam sem grande espanto dos mesmos Tamoyos, que depois perguntavam quem era aquelle de huma roupa cõprida, que andava com huma cruz na man, diante de todos, ao qual nenhum de seus grandes tiradores podiam fiêchar. Com o mesmo cuydado solici-

Fez grandes serviços a Deos no Brasil, ajudando os Portugueses contra os Tamoyos.

Como cessou esta vida do P. Payva.

tava o bẽ dos Indios, que se cõvertiam, dos quaes era hum pay commum, tido, & conhecido por todos nesta conta. Finalmente nestes, & outros sanctos exercicios gastou a vida o bom velho Manoel de Payva, atẽ nosso Senhor o chamar pera sy com huma doẽça prolongada, que passou na Capitãnia do Espirito sancto, sem com ella dar trabalho, nem molestia a alguẽ, atẽ acabar sanctamente carregado de dias, & cheyo de merecimentos.

*P. Affonso
Bras foy o
quarto des-
ta missã
do Brasil.*

O quarto d'esta missã foy o Padre Affonso Bras, superior dos mais, homem de grande virtude, & muy digno do cargo, que lhe deo o Padre mestre Simam, pois como superior sempre foy diante dos cõpanheiros, no exemplo, & no zelo das almas; cujas grandes virtudes eu apontara aqui, se achasse noticias particulares; mas deixo isto aos Padres do Brasil, que espero que na sua Chronica apontarã os exemplos, & virtudes d'estes servos de Deos, que foram, segundo entendo, os ultimos missionarios, que o Padre mestre Simam d'estes Reynos mandou pera o Brasil, cujos matos bravios vemos hoje amansados, & transformados em huns novos campos Elyfios, os quaes, cultivados pela mam d'estes benditos Padres, vam a todo o tempo

dando perpetuas flores, como d'aquelles cantavam^d, & continuos fruitos de bençam, com que edificam os homens, & alegam os anjos. E nos agora sahindo do Brasil, chegemos ao Collegio de Coimbra, acompanhando ao serenissimo Rey Dom Ioam.

^d
Cland de rapr.
lib. 2.
Ze phytis illic
melioribus ha-
lant Perpetui
flores.

CAPITULO XIV.

*Da jornada, que fez el Rey
Dom Ioam o terceiro a Co-
imbra, a visitar a sua
Universidade, & o seu
Collegio da Com-
panhia.*

FOY el Rey Dom Ioam o terceiro hum dos felicissimos Principes, q̃ teve o mundo, porque soube procurar em seus Reynos a sabidoria, & a valentia, soube ser sabio, & soube ser valeroso: foy hum Salamã dos seus tempos, no zelo, que teve em fazer sabio o Reyno, que governava; & foy hum Alexandre em cõservar com grandes cuydados as acçoens militares, que no Reyno havia, nacidas d'aquelles generosos Portugueses, que trouxeram assombrados no Oriente os Mamalucos do Egypto

*Felicida-
des del Rey
D. Ioam o
terceiro.*

Anno de
Christo de
1550.

496

Anno da
Cõpanhia

I I.
Vide Doctorem
Ioannem Pinto
Ribeiro, tract.
doctissimo de
praeferentia li-
terarum.

Como fun-
dou a Uni-
versidade
em Coimbra.

(no tempo dos Soldaões d'aquelle Imperio) & no Oriente os Baxàs de Turquia, os Ianizaros de Constantinopla, rija força da tyrannia Orhomana, prostrada porém à vista das bandeiras Lusitanas, no primeiro, & segundo cerco de Dio, que com grãde gloria d'esta coroa, sustentaram, & defendéram aquelles dous rayos da guerra, Antonio da Sylveira, & Dom Ioam Mascarenhas, insignes capitaens de tam conhecido valor, que nam tem que envejar Portugal aquelles celebrados Gregos, & Romanos, que a fama com mais empenhos apregoa, & o mundo com mais louvores solenniza.

2 Nam foy este grande Principe menos venturoso em conquistar, & conservar Reynos, que em cultivar, & policiar entendimentos. Advertio o sábio Rey, que os seus Portugueses eram mais destros nas armas, que nas letras; & que eram mais inclinados a conquistar terras com violencias da lança, que a render vontades com luzes de sciencia: tratou de ajuntar a sabiduria com as armas; porq̃ nam foy esta a primeira vez que se germanáram; que em ambas se affinalou hum Cesar, & outros muitos, que sabiam levar em huma mam o livro, & na outra a lança: & he resoluçam infallivel entre os

melhores Estadistas, que nam pôde cõtinuar os successos felices das armas, senam hà progressos ditosos das letras. Em rezam disto fez hũa Vniversidade, escolhêdo pera ella o sitio em Coimbra, a qual dotou, & enriqueceo dos sobejos, & grandezas do real mosteiro de sancta Cruz, (obra realenga do progenitor dos Reys d'este Reyno, o insigne Dom Affonso Henriques, fatal, & primeiro fundador da Monarchia Lusitana) Ficou d'esta maneira o Reyno illustre na valentia das armas, & autorizado pela fama das letras; & ficou o mundo perdendo a romim opiniã, que tinha dos Portugueses, aos quaes julgavam por valentes soldados, mas por fracos letrados; & ficaram os estrangeiros entendêdo, que nam tinhamos menos cabedal, pera profeguir hum argumento na Cadeira, que pera esgremir huma espada na guerra.

3 Trouxe o sábio Rey a esta sua Vniversidade, em seus berços, doutores estrangeiros, como amas de gente innocente; em sua virilidade, hombridade, & mayoridade, sahio logo a real eschola, com tam fecundos partos nas sciencias Iuridicas, Canonicas, & Theologicas, que escusou mestres forasteiros, & os pode emprestar dos naturaes: & pera que esta tanto sua

Resum, q̃
teve pera
trazer as
sciências a
Portugal.

Vniversidade ficasse mais autorizada, & augmentada, fundou na mesma cidade o seu real Collegio da Companhia, que muito trazia nos olhos, & nos cuydados, com outros mais generosos intentos da conversam de suas grandes conquistas à fê Catholica, & Igreja Romana.

4. Tinha elRey grandes desejos de ver com seus olhos estas duas obras tão suas, assim a Vniversidade, como o Collegio; & pera que o bom logro desta visita ficasse dobrado, levou consigo a Rainha Dona Catharina sua mulher, com toda a corte, & mais nobreza de seus Reynos. Chegou a Coimbra; foy ver a sua Vniversidade: com grãde gosto seu, & applauso cõmũ, entrou pela primeira sala dos autos, vio aquellas officinas da sabiduria, honrou cõ sua presença todos os gèraes das escholas (que esta vez, & outra sõmente se viram autorizados com as pessoas reaes, deste serenissimo Rey, & de Dom Sebastiam seu neto) ouvio com grande affabilidade as liçoens aos mestres, nam se dedignando hum Monarcha tam poderoso, de se fazer discipulo, & ouvinte de mestres tam aventajados; & de someter à sabiduria seu real sceptro, & sua coroa soberana; como antigamente succedeo ao grande Pompeio, triumphador das tres partes do mundo, quã-

do voltando vencedor da Asia conquistada, chegou a Rhodés, cidade, que florescia em letras, & foy ouvir, com notavel benevolencia, todos os mestres: & depois em Athenas, entrando a visitar ao Philosopho Posidonio, lhe rendeo, & abatèo a porta aquelles seus fasces laurea-dos, & ennobrecidos com os triumphos de Mithridates, & com as victorias de Tigranes; julgando, que entam ficavam mais vencedores do mundo, quando mais sometidos à sabiduria.

5. Depois de autorizada a Vniversidade, com tam real, & benevola visita, tratou elRey Dom Ioam de visitar tambem o nosso Collegio de IESV, aonde o levava o coraçam, & o desejo de ver aquelle illustre morgado de sua afeição, & amor. Estava entam o edificio ainda muito em seus principios, & cõ mtuito menos sumptuosidade do que hoje vemos, assim no material da fabrica, como no numero dos Religiosos, a respeito do que hoje temos; & posto que já era copioso, com tudo as casas eram muy humildes. Nam se dedignou este augustissimo Principe de entrar em edificio tam apertado; o que nelle havia mais pera ver, eram os Religiosos, que o novo Collegio criava; que em numero já chegavam a cento & sincoenta, & faziam a mayor communidade

Foy visitar
o nosso Col-
legio de
IESV.

Parte el-
Rey pera
Coimbra
com toda
a corte.

Visitou a
Vniversi-
de, & ou-
vio os me-
stres.

Anno de
1550.

498

Anno de
Companhia
II.

do Reyno. Nam tinha o Collegio pessa, em que sua Alteza os pudesse ver todos juntos, como quera; & por isso, em hum grande terreiro do sitio, os dispos em ordem o Padre mestre Simam, pera que el Rey visse a cada hum, & com tam bons olhos, & com tam benigna vista os abençoasse a todos, pera se multiplicarem em numero, & pera crescerem na virtude; que he o que sancto Ambrosio disse de Deos nosso Senhor, quando, depois de criadas as criaturas, em todas poz os divinos olhos, *Dignitate aspectus bonitatem operi conciliabat*: assim nos succedeo aqui nas terras plantas do Collegio, & de seus subditos; & assim como creceo o mundo a olhos vistos, depois de Deos lhe por os olhos; creceo a obra do Collegio, depois d'este saudavel olhado, com tal luzimento na fabrica, que he hoje huima das mais sumptuosas da Christandade, & com tal augmento no numero, que tem este passado de duzentos, & sincoenta religiosos.

6 Foy o benignissimo senhor correndo muy devagar os olhos por aquelles seus queridos Religiosos; nam podia haver pintura de mais subida valentia, nem quadros Apellineos de pincel mais peregrino, que mais enlevassem os reaes olhos, do que foy a religiosa, & alegre

vista d'ites animados retratos da modestia, & d'estas vivas imagens da virtude. Nam lhe bastava velos huma so vez, por muitas punha nelles os olhos muy devagar, com grande satisfacaõ de sua alma, pela humildade, & modestia, que mostravam na exterior composiçaõ, & em seus religiosos aspectos; deleitandose muy de espaço, em considerar, & em ver aquelle espectaculo da modestia, aquelle theatro da virtude, & aquelle novo parto, que ao mundo sahio, nacido das entranhas de sua real benevolencia. Aqui se renovou, em parte, aquella visita, que o sanctissimo Papa, Innocencio II. fez ao mosteiro de Claraval, aonde o que mais lhe levou, & enlevou seus olhos, foram os olhos modestos d'aquelles sanctos monges, discipulos queridos, & filhos espirituaes de Sam Bernardo.

7 Nam se contentou sua Alteza so com ver estes seus amados porcionistas, tambem falou com alguns delles, em particular com Dom Theotonio de Bragança seu sobrinho, louvandolhe ja a escolha, que fizera em deixar o mundo pela Religiam; falou a outros, que do serviço do paço conhecia, agasalhando, & festejando a todos com real affabilidade, com graça nos olhos, & com a boca

cheva

Ambros. ad illud Gen. 1. n. 31. Vidit Deus cuncta, quæ fecerat, & erant valde bona.

Grãde gosto, q' mostra em ver os nossos religiosos.

In vida D. Bern. Ribad. pag. 218. item Sur. 20. Augusti.

Da muita benevolencia, com q' agasalhava os religiosos.

cheya de riso. Afsistia, & presidia a este notavel auto o Padre mestre Simam, dando a sua Alteza noticia das partes, talêtos, & condiçam de cada hum; apõtandolhe o numero dos theologos, que entam eram quarenta, & muitos de finco, & quatro annos de Theologia; mostravalhe os Artistas, os Humanistas, todos applicados ao estudo das letras, com intençam da conversam dos gentios. Parecia aquelle Collegio huma Companhia de anjos militantes cõtra a ignorancia, cõtra os vicios, & profanidades mundanas. De tudo isto concebia o magnifico Principe grande consolaçam, pois tudo redundava em sua glõria, vendose autor de tam grande felicidade: por tudo dava a Deos as devidas graças, dãdofe por mais ditoso, que elRey Dom Manoel seu pay, pois ally tinha soldados tam escolhidos, com os quaes esperava fazer ao Oriente mayor proveito, allumiandoo com prẽgaçoens, do que seu pay fizera conquistandoo com armas.

8 Sahiose finalmente do Collegio o esclarecido Principe, deixando porẽm nelle o coraçam, & a affeiçam, & se voltou pera Lisboa, & tambem o Padre mestre Simam tratou de deixar Coimbra, & sahir de Portugal, hindose a Roma, pera onde o chamava nõsso sancto

Patriarcha, pela causã, que logo apontarei.

CAPITULO XV.

He chamado a Roma o Padre mestre Simam, por nõsso sancto Patriarcha: manda diante o Padre Dom Gonçalo: & como provéo os officios, que tinha de mestre do Principe, & Provincial.

MVy bem occupado andava o Padre mestre Simam, assim em acõdir ao paço, pera a criaçam do Principe, de quem era mestre, como em afsistir ao governo da Companhia, de quẽ era Provincial; foylhe necessario enterromper huma, & outra cousa, pela rezam, que aqui apontarei. Desejava muito nõsso sacto fundador Ignacio fazer em Roma hũ modo de congregaçam gẽral, em q̃ ajuntasse todos os primeiros Padres, que houvesse em Europa, com outros dos mais antigos nos annos, & mais autorizados em letras; assim pera lhes communicar as constituicoens da Companhia, como pera renunciar o cargo de gẽral, de que muito

Quanto se alegrou el Rey cõ esta vista.

Rezoens, q̃ houve pera o P. M. Simam ser chamado a Roma.

Anno de
Christo de
1550.

500

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno da
Companhia
II.

delejava aliviarse. Escrevè o sancto Patriarcha ao serenissimo Rey Dom Ioam, pedindo-lhe nisto beneplacito, & escrevè ao Padre mestre Simam, ordenandolhe, que havendo licença de sua Alteza, logo se puzesse ao caminho de Roma. Chegaram estas cartas a Lisboa, antes d'elRey se partir a Coimbra, a visitar a Vniversidade, & o Collegio; nam quiz elle, que o Padre se fosse a Roma, antes de se fazer esta jornada, pera que o mesmo Padre mestre Simam, lhe offercesse, & mostrasse aquellas novas plãtas, que elle mesmo tinha criado, naquelle jardim tambem regado, com favores divinos.

2 Acabada a visita, que elRey fez a Coimbra, tornou o Padre mestre Simam a pedir, com mayor instancia, a licença, pera hir aonde seu sancto Padre o chamava, a qual veyo a conceder sua Alteza, antepondo o bem commum da Companhia a seu commodo particular. Havida a licença, começou o Padre mestre Simam a tratar d'esta sua romaria, & da do Padre Dom Gonçalo da Sylveira, da qual he bem que miudemos neste passo as circũstancias, pera que d'ella se aprenda, em tempos presentes a edificação, com que nos passados se caminhava, em semelhantes peregrinaçoens. Ordenou o Pa-

dre sancto Ignacio ao Padre mestre Simam, que fossem de Coimbra a Roma nesta occasiã algũs Theologos dos q̃ já eram passantes, & de mayores esperanças, pera que hindo a Roma, vissem a Companhia em sua fonte; & voltando a Portugal, enformassem aos mais Irmãos do que tinham visto naquelles Padres. Resolvè o Padre mestre Simam, que fossem tres, o primeiro, o Padre Gonçalo da Sylveira, o segundo, o Padre Ioam Ricio Flamêgo, do terceiro nenhũa noticia acher: & porque a partida do Padre mestre Simam se hia dilatando mais, os despachou logo, com ordem, que fossem por Gandia, pera naquella Vniversidade tomarem o grão de doutores, assim pera mayor autoridade das letras, que professavam, como pera dar gosto ao Duque de Gandia Dom Francisco de Borja, que assim o pedia, o qual já naquelle tempo era pretendente da Companhia, de quem ao diante falaremos.

3 Nenhuma cousa menos tratava o humilde Padre Gonçalo da Sylveira, que ter o grão de doutor, porque os seus pensamentos nam eram de ter borlas doutoraes, mas de converter cafres Orientaes; com tudo aceitou esta mortificação, assim por obedecer, como pela occasiã, que se lhe offercia, de hir

*Aceita a
jornada,
pera ver a
S. Ignacio.*

*Como o P.
M. Simam
mandou a
Roma o P.
Di Gonçalo
da Sylveira.*

ver seu sancto Padre Ignacio, em cuja sanctidade lhe parecia que acharia mais que admirar, que nas grandezas d'aquella famosa cidade, cabeça do mundo, & a primeira, & principal, entre suas maravilhas: que se antigamente (como diz Sam Ieronymo^a) acodiam muitos a Roma dos vltimos fins de Hespanha, & de França, mais pera ouvir a eloquencia de Livio, que pera ver a magnificencia de Roma: melhor fundamento tinha o Padre Gonçalo da Sylveira, pera dizer, que estimava a jornada a Italia, nam tanto pera saber as grandezas da celebrada Roma, quanto pera ver os exemplos do grande Ignacio.

3 Sahiram os tres Romeiros do Collegio de Coimbra, em forma de verdadeiros peregrinos, aceitando os rigores da jornada à imitação da que fizeram os nossos primeiros Padres, hindo de Paris a Veneza, & a Roma. O vestido, que levavam, era pobre; hiam a pè, com bordoens na mam, mendigando pelas portas; levavam às costas huns alforges com os seus papeis. Despejou se o Collegio, pera sahirem acompanhando os devotos Romeiros, guiando a todos o Padre Luis da Grã; seu Reytor, & seguindoo hum cento de Religiosos: continuou

o acompanhamento até huma legoa da cidade: parados todos aqui, se rezou, com muita devaçam a Ladainha, a qual acabada, & dados os vltimos abraços, continuaram seu caminho, os que se hiam a Roma, acompanhados de affectuosas saudades, dos que se voltavam pera Coimbra.

5 A obediencia, ou governo dos tres Romeiros, hia à conta do Padre Dom Gonçalo da Sylveira; & porque o seu espirito nam soffria termo em se maltratar, & perseguir, como a capital inimigo, levavam os companheiros huma superintendencia, sobre o tratamento de sua pessoa, pera lhe moderarem os fervores de sua oraçam, & lhe modificarem os rigores de sua mortificaçam: por maneira, que juntamente ficava subdito, & era superior, tendo o merecimento em obedecer, & tendo a pena de mandar. Caminhando, com esta sancta ordem, chegaram à cidade de Gãdia, aonde Dom Francisco de Borja os recebeu, & agasalhou, com os primores de Duque de Gãdia, que ainda era, & com o amor de Religioso da Companhia, que já desejava ser. Nam foy menor o cuydado

^a Hier. rō. 3. ep. 1
ad Paul c. 1.
Ad T. Liviu la-
deo eloquētia
fonte manantē
de vltimis His-
paniz, Gallia-
rumque finibus
quosdā venisse
nobiles legi-
mus; & quos ad
contēplationē
sui Roma non
taxerat, unius
hominis fama
perduxit.

Do modo
cõque a-
minhavao
P. D. Gõça-
lo, & seus
cõpanhei-
ros.

Como che-
garam a
Gãdia, &
foram rece-
bidos da-
quelle Du-
que.

Anno de
Christo de
1550.

502

Anno da
Companhia
11

charitativo, que o Padre André de Oviedo, Reytor do Collegio de Gándia, teve do bom trato dos peregrinos, que eram já seus intimos conhecidos do Collegio de Coimbra. Chegado o dia do doutoramento, feitos já os autos necessarios, tomou o Duque Dom Francisco a sua conta a solennidade da festa, fazendo tambem os gastos das propinas, com grande contentamento seu; havendo, que mayor honra recebiam aquellas novas Athenas, em encorporar em sy tam nobres Doutores, do que elles em receber tam honrosos grãos.

6 Esperavam os tres companheiros, naquelle posto, pelo Padre mestre Simam, pera continuarem a Roma sua jornada: entre tanto nam estava ocioso o Padre Gonçalo da Sylveira, travou muy particular, & sancta amizade com o Duque; & como se acharam muy semelhantes em espirito, facilmente se juntaram no trato, que todo era de Deos, & da mayor perfeiçam, a que cada hum d'elles, muy de proposito, anhelava. Sahio logo do paço ao publico, & começou a prégar com grande zelo. Mas porque lhe pareceo ao Padre Dom Gonçalo, que

nam era a Vniversidade de Gándia praça bastante pera seu dilatado espirito, procurou mudar o sitio, pera ter campo mais espaçoso: com beneplacito do Duque Dom Francisco de Borja, & do Padre André de Oviedo, se partio pera Valença, aonde era Reytor o Padre Diogo de Miram (que tambem era conhecido seu do Collegio de Coimbra, & primeiro Reytor d'elle) o qual o tinha recebido na Companhia. Nesta cidade foy muy grande o fructo, que recolheo o Padre Gonçalo, das confissoens, a que assistia de dia, & de noite, que me nam detenho aqui agora a referir, porque quem ler o que adiante contaremos d'este admiravel varão, bem entenderá, que o Padre Dom Gonçalo era tam valente operario em Valença, como o tinha d'antes sido em Portugal, & ao diante fcy no Oriente.

7 Com estes sanctos exercicios andava todo occupado este fervoroso servo do Senhor; & era tal a fama de suas obras em Valença, que por vezes chegou aos ouvidos d'elRey em Portugal: & porque muito o estimava, & o via já autorizado, com o grão de Doutor, nam quiz que com sua entrada em Roma,

Vay o P. D.
Gonçalo a
Valença.

O q fez em
Gándia o P.
D. Gonçalo.

Anno de
Christo de
1550.

Anno da
Cópia
II.

lhe puzessem embargos a fahida, & carecesssem os naturaes deste Reyno, do grande bem, que logravam os estranhos. Sabendo pois, que elle se detinha prégando, & confessando em Valença, esperando pelo seu Provincial o Padre mestre Simam; a este significou o gosto, que teria, em que mandasse voltar a Portugal o Padre Dom Gonçalo, antes de entrar em Roma; & porque a significaçam da vontade de hum Rey poderoso, custuma ser preceito em hum vassallo obediente, nam pôde o Padre mestre Simam deixar de dar gosto a quem tanto o devia procurar; escreveu logo ao Padre Dom Gonçalo, que se puzesse a caminho, & voltasse a Portugal, porque assim lho ordenava sua Alteza. Tanto que o Padre Dom Gonçalo recebeu esta carta, no mesmo dia se poz a caminho, como tam resoluto, & verdadeiro obediente; sem mais lhe lembrar o desejo, que tinha de hir a Roma, pera ver seu sancto Padre Ignacio, julgando, que mayor era o merecimento, que tinha em obedecer a seu Provincial, que o gosto, que lhe podia resultar de ver a seu Patriarcha.

8 Neste mesmo tempo andava o Padre mestre Simam

preparándose pera a jornada de Roma, tratando do provimento dos officios, que tinha; nomeou em seu lugar, por mestre do Principe Dom Ioam, o Padre Luis Gonçalves; da Camara, que por muitos titulos o merecia; & he muito digno de advertencia, que o mesmo P.M. Simam, que havia dous annos tinha feito ao Padre Luis Gonçalves cofinheiro no Collegio de Coimbra, agora o fez mestre do Principe na corte de Lisboa; como bom superior; que assim como sabia mortificar, tambem queria autorizar; porque nem mortificava por paixam, nem autorizava por lisonja; pondo sò diante dos olhos as boas conveniencias de governo, que tal vez ensinam, que levanteis sobre a cabeça o que trazieis abatido debaixo dos pés. Aceitou o Padre Luis Gonçalves (ainda que com menes vontade, que a cofinha de Coimbra) o que agora lhe ordenava a obediencia, em o paço de Lisboa; mostrando, que nam tinha menos humildade pera ser cofinheiro, que talentos pera ser cortesam; porque sò aquelle sabe ser bom mestre, que primeiro aprendeo a ser bom discipulo; & aquelle pôde com mais luzimento ensinar Princepes, que soube com

O P. Luis
Gonçalves
da Camara
ficou
por mestre
do Principe.

Anno de
Christo de
1550.

504

Anno da
Companhia
11.

OP. Gõçalo de Medeiros ficou por Viceprovincial

Lib. 1. c. 10.

mais confiança exercitar humildades.

9 Restava o officio de Provincial; neste cargo provéo ao Padre Gonçalo de Medeiros, pessoa de cuja escolha nam podia haver duvida, & muito menos enveja (se por ventura houvesse algum, que desejasse este cargo) porque, quanto à antiguidade da Religião, a todos precedia; & quanto à virtude, nenhum se lhe aventajava. Da vocaçam á Companhia deste insigne varãm dissemos já no cap. 10. do primeiro livro; de suas virtudes faremos mençam ao diante, neste mesmo livro, no anno em que Deos o levou a descansar ao cèo. E como o Padre mestre Simam tinha grande noticia das bondades do padre Gonçalo de Medeiros, sempre em suas vacaçias lhe entregava o governo: & elle sabia tambem aproveitarse d'estas gagens, que dizia, que aceitava o cargo de superior, sò por hum bem, que com elle lhe vinha, que era ter licença gèral, pera se penitenciar á sua vontade, sem ter superior, que lhe fosse à mam, (porque sendo subdito, lhe punham sempre limite a suas mortificaçoens) tal era o espirito deste bom Padre, que aceitava os cargos, nam pera se honrar, mas pera se mortificar; que se os supe-

riores das Religioens sò pretendessem semelhantes proys, & percalços de suas prelasias, haveria menos ambiçam, & governariam com mais quietaçam.

CAPITULO XVI.

Vay a Roma o Padre mestre Simam: refere-se huma carta delRey Dom Ioam, pera o Papa Iulio terceiro, em abonaçam da Companhia: dáse conta do que succedéo nesta Congregaçam, a que os Padres mais antigos foram chamados.

PROVIDOS os officios do Padre mestre Simam, (assi de mestre do Principe, como de Provincial) da maneira que tenho dito, & ordenadas as cousas da Provincia, com toda a boa direiçam, que se podia esperar de tam prudente Prelado; depois de se despedir de seus subditos de Coimbra, com mutuas, & saudosas lembranças de parte a parte, se partio pera Roma, tomando primeiro o ultimo beneplacito de S. A. o qual o recebèo

com

Fez el Rey
seu Agente
em Roma
ao P.M. Si
mam,

com sua costumada benevolencia; & pera mostrar a opiniã, que concebia da Companhia, & amor, q̄ tinha ao Padre, nam quiz que se partisse, sem recõmendaçoens suas; assim pelo que tocava ao procedimento gèral da Companhia em Portugal, & no Oriente; como no que pertencia à pessoa do Padre mestre Simam, tam bem visto, & valido de tal Rey: & pera que o mesmo Padre, em tudo, alcançasse o bom despacho dos negocios, que em Roma havia de tratar, sobre cousas tocantes ao bom governo da Companhia, & Portugal, & conversã da gètilidade no Oriente, o fez Agente seu, em negocios gèraes, & particulares, de q̄ hia, por instrucçã real, encarregado. Faz fé de tudo isto huma carta sua, que temos em nosso poder, pera o Papa Iulio terceiro, que fora novamente eleito em Vigario de Christo na terra, por morte do sãctissimo Padre Paulo, tambem terceiro (que pera nós sempre serã de primeira, & suavissima memoria) a qual succedeo em 2. dias de Dez embro do anno atrã de 1549. O treslado d'esta carta quero aqui por, porque serã aos vindouros muy grata lembrança, de tam religioso, & esclarecido Principe, pelo grande zelo, que tinha da salvaçam das al-

mas; & servirã de nos lembrarmos da obrigaçam, que todos temos, de nam degenerar dos altos pensamentos, que seu grande entendimento tinha da primitiva Companhia; diz a carta assim.

CARTA DELREY Dom Ioam o terceiro, pera o Papa Iulio terceiro.

2 **M**uito sancto em Christo Padre, & muyto bemaventurado Senhor. Vosso devoto, & obediente filho Dom Ioam, por graça de Deos Rey de Portugal, & dos Algarves, com toda a humildade, envio a beijar vossos sanctos pès. Muito sancto em Christo Padre, & muyto bemaventurado Senhor; sendo informado do fructo, que os Padres da Companhia de IESU faziam em Italia, & outras partes, & como seu estatuto era ordenado, pera espiritualmente ajudarem o proximo, & converterem os infieis, que a este Reyno sam sogetos, mandei pedir ao Papa Paulo, que me quizesse enviar os ditos Padres, o que sua Sanctidade folgou de fazer, & me mandou dous, das quaes hum delles, que se chama Mestre Simam, por me parecer serviço do Senhor, mandei ficar

Anno de 506

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno da
Companhia.

Christo de
1550.

nesto Reyno, pera poder dar principio a hum Collegio, aonde agora estavam cento & sincoenta estudantes da Companhia de IESV, a que eu mando dar todo o necessario, pera assim como se forem criando em letras, & virtudes, os mandarem a diversas partes, a exercitar sua vocaçam. O outro Padre, que se chamava mestre Francisco, mandei às partes da India, aonde anda (com muitos outros Padres, que do dito Collegio foram) entendendo na conversam dos infieis, & ajudando a bem viver os Christãos, que nas ditas partes tenho, pera defensam dellas; & por meyo dos ditos Padres se converteram a nossa sancta fe, em diversas partes, muitos gentios, & infieis; & isto fazem nam somente com doutrina, continuo trabalho, & exemplo de vida, mas ainda (como por cartas do Bispo de Goa, & de outras pessoas de credito, sou certificado) hum delles se offereceo à morte, com grandes sinaes de charidade, por salvar alguns dos que convertem, que estavam em perigo de por imigos serem tomados, & tornados a seus erros passados, & assim foy morto pelos Mouros, como esforçado servo de nosso Senhor, & com muita edificaçam dos que o viram morrer. E por esperar nas ditas partes da India, & outras de missoens, sogeitas a estes Reynos, aonde andam alguns dos ditos Padres, muito serviço de nosso Senhor, & augmento de nossa sancta fe, & ter já o Rey de Tanor convertido, & andarem outros alguns abalados pera isso, por meyo delles, de que Deos será muito servi-

do, & nossa sancta fe dilatada, determinei neste Reyno, & nas ditas partes da India, plantar alguns Collegios dos ditos Padres da Companhia de IESV; & porque este serviço de nosso Senhor se nam poderá bem effeituvar, como cūpre, sem vossa Sanctidade favorecer este negocio espirital, & temporalmente, envio lá o dito Padre mestre Simam, o qual peço a vossa Sanctidade muito por merce, queira ouvir, & conforme as necessidades, que esta sancta obra tem, o ajudar nellas, concedendolhe as graças, que lhe pedir, & a vossa Sanctidade parecercm necessarias, pera tanto serviço de nosso Senhor. Muito sancto em Christo Padre, & muito bemaventurado Senhor, nosso Senhor por muitos tempos conserve a vossa Sanctidade em seu sancto serviço. Escrita em Coimbra, em 10. de Novembro de 1550.

R E Y.

3 Continuou o Padre mestre Simam seu caminho a Roma, levando hum Irmam por companheiro, com grande edificaçam, & exemplo, como se esperava de varam tam exemplar, & entregue ao serviço de Deos, & ao bem das almas. Dentro do mesmo anno de 1550. nos ultimos dias de Dezembro chegou a Roma, aonde por aquelle tempo achou já cōgregados os principaes Padres da Companhia, que haviam de ter suffragio naquella junta. Nam se pòde com palavras ex-

plicar,

Faz el Rey
nesta carta
mêsam
do P. Antonio
Criminal.

*D. Affonso
d'Alencastre, & o
doutor Balthezar de
Faria, embaixado-
res em Roma.*

*Queria S.
Ignacio re-
nunciar nas
mãos dos
Padres o
cargo de
geral.*

plicar, a grande consolaçam, que teve o sancto Patriarcha, em ver diante de seus olhos, a seu antigo companheiro, & grande amigo em o Senhor, o Padre mestre Simam; nam se fartava de ouvir, & de lhe perguntar novas da Companhia em Portugal, & do serenissimo Rey Dom Ioam; o mesmo prazer, & alegria ouve da parte do Padre mestre Simam, por tornar a lograr em presença seu muy querido pay, de quem havia muitos annos andava tam ausente. Tambem foy o Padre mestre Simam muy bem recebido de Dom Affonso d'Alencastre, comendador mór da ordem de Christo, & sobrinho do mesmo Rey, que havia pouco tinha hido a Roma por embaixador, a dar a obediencia, & os parabens ao novo Papa; & succedeo a Balthezar de Faria, almotacel mór, & Coudel mór destes Reynos, que tinha assistido aos negocios del Rey Dom Ioam o III. em Roma, & depois foy seu embaixador, na mesma corte; ao qual temos particulares obrigaçoens, pela muita amisade, & trato, que teve com nosso glorioso Patriarcha sancto Ignacio.

4 Chegou o dia, que se tinha decretado pera as cousas, por cujo respeito esta junta fora intimada; eram duas as mais substanciaes; huma era a renun-

ciacam do cargo de geral da Companhia, que o sancto Padre Ignacio fazia nas mãos daquelles Padres: a outra era o exame das constituições, que aly queria communicar-lhes. Em huma, & outra cousa mostrou bem o glorioso Patriarcha os ricos thesouros de sua grande humildade; pois sendo elle pay, & mestre de todos por direito, se queria fazer Irmam, & discipulo por fogeçam. Quanto a renunciacam, com singular espirito liou Deos aquelles Padres, pera nam approvarem tam humilde, & insperada deliberação, pelos graves inconvenientes, que se podiam temer, contra a promoçam, & crescimento da Companhia, em tam tenra idade, se lhe dessem o leite de ama estranha, faltadolhe o pay, que com influencias divinas, criara, naquelles breves annos, a Companhia, com tanto vigor, & fortaleza, que poucas partes havia no descuberto do mundo, em que ella se nam achasse ja entrada, & dilatada.

5 Tratou tambem o outro ponto tocante ás leys, & governos da Companhia; & posto que pela muita confiança, que o Papa Paulo III. tinha de sancto Ignacio, tinha havidas por approvadas, com autoridade apostolica, quaesquer constituições, & decretos, que fizesse, pera governo da Companhia,

*Tambem
quize, que
examina-
sem as co-
stituições.*

Anno de
Christo de
1550.

508

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno da
Companhia
II.

sem ser necessario outro algum juiz, que as examinasse, & approvasse; com tudo nam quiz o humilde sancto, que sahisse a luz as constituicoens, sem que primeiro pelos Padres congregados fossem revistas, examinadas, & approvadas; fogeitandoas primeiro a tam maduros, & raros juizos, como eram aquelles de Padres tam autorizados, & de tam varias naçoens, posto que tam unidos em espirito, pera que d'esta maneira se ajustasse a uniam das leys, com a diversidade das pessoas; & ficassemos entendendo, que nam há differença de pareceres, aonde há combinaçam de amor.

Todos approvaram as constituicoens.

6 A todos os Padres congregados, foy a liçam das constituicoens gratissima, porque a todos se ordenou, que em particular as vissem, & com liberdade as censurassem; elles porèm as julgaram, como vindas do cèo, & nam compostas por homem, mas ordenadas, & escritas pelo dedo de Deos. Mas era tal a prudencia, & humildade do sancto legislador, que, com todas estas revistas de leys tam apuradas em decretos, & ajustadas em pareceres, nas quaes já podia haver muy segura confiança, com tudo nam quiz que se publicassem, senam d'aly a tres annos, esperando sempre mais defecado, & clarificado exame, nam sò dos primeiros

revisores, mas de todos, que dellas tinham alguma noticia; ordenando Deos nosso Senhor as cousas desta maneira, porque era bem que leys, que haviam de governar tanta variedade de gentes, tivessem a approvaçam do mundo, & a censura do tempo: que se pera huma poesia ter a prerogativa de excellente (como ensina o mestre della) lhe sam necessarios nove annos, pera d'esta maneira sahir mais bem limada, & melhor torneada, quanto mais será necessario este vagar em materia de tanta consideraçam, como eram as constituicoens de huma Religiã, tam nova nos costumes, & tam dilatada no mundo. Nem o sabio Catã approvava os que pretendem captar louvores, com se mostrarem nas obras, que fazem, apressados; porque a muita prèssa, sempre está fogeita a muitos erros; antes, como elle costumava repetir, assàs se fez apressado o q' sahio bem acabado.

7 Acabouse em breve a congregaçam (porque, aonde há uniam de vontades, & conformidade de juizos, em poucas horas se resolvem pontos de grande substancia) & trataram os padres vogaes de se voltar a suas occupaçoens; & como as que tinha em Portugal o padre mestre Simã, eram de tanta importancia, depois de

Horar de Arte Poetica. Nonúmque prematur in annu.

Manut. in Aph. Cæon. Sat citò, quod fat beapè.

Como se concluiu aquella congregaçam.

con-

concluir os negocios de sua Alteza com sua Sanctidade; despediose de seu sancto Patriarcha, tomadolhe a bençam, que lhe lançou, cheya de seus poderes, pera o bom governo de seus subditos, & pera resolver, ordenar, & fundar os Collegios, que nesta Provincia se pedissem. Chegou finalmente a Portugal, da maneira que veremos, festejado, & recebido, mais como anjo vindo do céo, que como hospede chegado de Roma.

CAPITULO XVII.

Como neste tempo se resolveo o Cardeal D. Henrique a fundar o Collegio da Companhia em Evora: apontamse as razões, que pera isso teve.

ENtramos a contar as cousas, que succederam neste anno de 1551. em que se cõtam doze da Companhia, que pera toda ella foy de grande alegria, por succeder nelle o felicissimo nascimento do magnifico, & real Collegio da cidade d'Evora, dedicado ao divino Espirito, cuja viraçam de tal maneira assoprou em poppa, que vemos

hoje, naquella nobre cidade, huma das mais illustres casas, q̃ a Companhia tem pelo mundo todo.

2 Nam havia até aquelle anno em Portugal outra casa da Companhia, mais que o Collegio de Coimbra, & a residencia de sancto Antam em Lisboa, & a de S. Fins, junto ao Minho; neste anno se estendeo a Companhia pela provincia de Alentejo; & se deo principio ao sumptuoso Collegio d'Evora: & bemera que huma tam real cidade, como a d'Evora, tam celebrada por seus fundadores; tam conhecida por sua antiguidade; tam temida dos Romanos, pelo seu famoso defensor Quinto Sertorio; tam abundante em riquezas; tam opulenta em frutos; tam bem provida cõ o rico thesouro da sua agoa da prata; tam nobre em seus edificios; tã illustre por seus cidadãos; tam autorizada com magnificos cõventos de Religiosos; tam sanctificada com o sangue de seu glorioso Pontifice, & illustrissimo martyr Sam Mansio, discipulo de Christo Salvador nosso; & finalmente tam amada del Rey Dom Ioam o terceiro (a qual, com ser a legunda do Reyno, pòde em muitas prerogativas ser a primeira) bem era, digo, que tivesse hum Collegio da Companhia, que tambem fosse real, nam menos na gran-

Excellencias da cidade d'Evora.

Vide Rezend. lib. 5. Antiq. pag. mihi 281. Vide itẽ Vasc. lib. 5. Antiq. Lusit. pag. mihi, 288.

Vide Rezend. de Antiq. lib. 4. pag. mihi 282. & Brevia. Ebor. 15. Maij.

Anno de
Christo de
1551.

510

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno da
Companhia
12.

*El Rey D.
Ioam o 3.
tinha ja
intentado
fazer hum
Collegio á
Cõpanhia
em Evora.*

*Orland. 1. p.
lib. 3. n. 83.*

deza da obra, que na excellencia do fundador; pera que correspondesse a sumptuosidade do Collegio, à magnificência da cidade.

3 Iã o serenissimo Rey Dom Ioam tivera este nobre pensamento, no anno de 1542. como nos consta de algumas escrituras, que estam no Collegio da Madre de Deos, cujo agora he o sitio, que o magnifico Rey ideava pera o Collegio da Companhia; ordenando ao seu muy celebrado prégador frey Ioam Soares (que depois foy dignissimo Bispo de Coimbra) que lhe comprasse este sitio, pera o Collegio, que nos meditava; porque como amava tanto esta cidade (huma sobre todas as do Reyno) & como estimava tanto a Companhia, & ordinariamente passava em Evora grande parte do anno, queria ter a Companhia junto de seu paço, pois a trazia dentro do seu coraçam. Concorde isto muito com o que diz a nossa historia gêral, que a tençam do liberalissimo senhor Rey D. Ioam o III. fora fudar em Evora outro Collegio, como o de Coimbra; & que pera isso ordenara ao seu architecto, que lhe escolhesse o sitio, & debuxasse a planta.

4 Isto que o serenissimo Rey intentou por pensamento, veyo a executar por obra o

eminentissimo Cardeal, & serenissimo Infante seu irram, pera quem Deos tinha reservada esta gloria: dispondo o cêo as cousas de maneira, que se occupassem dous augustissimos Principes, ambos Reys, & ambos irmãos, em fundar dous Collegios, ambos reaes, o de Coimbra, & o de Evora; os quaes também pôdem ser irmãos, nam sò pela irmandade dos Religiosos, mas tambem pelas grandezas do edificio. E posto que o Collegio de Evora reconheça o de Coimbra, por irram mais velho, & confesse que foy como Colonia, que sahio d'aquella nova Roma Conimbricense, (por rezam do Padre Melchior Carneiro, & mais companheiros seus, que de Coimbra lhe mãdou o Padre mestre Simam, pera sua fundaçam, como logo veremos) com tudo tem o Collegio de Evora tam assinaladas prerogativas, & privilegios tam reaes, excellencias tam conhecidas, grandezas tam sumptuosas, por causa de seus fogeitos, de seu edificio, de suas rendas, & de sua real, & pontifical Vniversidade, que bem pôde ter caixa, & entrar em competencia com o Collegio de Coimbra, se nos Religiosos nam reynasse mais a mayor humildade, com que cada hum deve desejar ser vencido do outro, nam tratando de ventagens de Collegios

*Os nossos
Collegios
de Coim-
bra, & de
Evora, pô-
dem ser
iguaes em
muitas
cousas.*

legios

Ovid. 1. de Põ-
to. Omne foli
forti patria est.

O Infante
Cardeal te
ve algum
tẽpo pouca
affeicãm á
Cõpanhia.

legios, nem de disputas de terras; porque sam cidadãos do mundo todo, & filhos da mesma mãy, que he a mesma Religiãm, que em Christo os gerou; & por isso he muito digno de estranhar, haver, entre Religiosos, porfias sobre a melhor pátria, & paixoens sobre a mayor casa; porque ao forte (como o outro disse) qualquer terra he pátria pera viver; & ao Religioso, qualquer canto he sitio pera morrer. Agora veremos o principio, que teve a fundaçam d'este Collegio Eborense.

5 Por vezes vimos nesta historia, como o serenissimo Infante D. Hêrique mostrava muy pouca afeicãm à Companhia, & ao Padre mestre Simam; & como este Principe era irman d'elRey, Inquisidor gèral, Arcebispo, & Cardeal; & como esta averfãm, que nos tinha, se fundava em seu sancto zelo, por arreçar (com sinistras enformaçoens, que de nõs tinha) que com a doutrina catholica, semeassemos a zizania heretica, por lhe dizerem, que algũs nossos tinham vindo das partes do Norte; bastava esta pouca inclinaçam, pera a termos por grande perseguiçam; (que de grãdes Princeses, basta hum pequeno desfavor, pera causar grandes tormentas nos vassallos desfavorecidos) & se nam fora a muita afeicãm, &

devaçam, que nos tinha o serenissimo Infante Dom Luis, apoyada com a principal valia do grande favor d'elRey, trabalhosamente poderia huma plãta tam tenra, deitar raizes, com tam contrarias influencias. Era tal o fastio, que este Principe tinha tomado ao Padre mestre Simam, que lhe era de muita pena velo no paço, & entẽdia, com tam efficaç zelo, nas cousas da Companhia, que mandou devassar sobre a doutrina do Padre mestre Simam, & examinar os exercicios espirituães do nosso sancto fundador, por frey Diogo de Murfa, Reytõr da Vniversidade de Coimbra, & Religioso da ordem de S. Ieronymo, da maneira q̃ referimos no primeiro livro.

6 D'esta maneira nos tratava o Infante Cardeal, tendo sempre de nossas cousas esta suspensa opiniãm. Trazem os tempos, que tudo variam, reveladas differenças, ora de successos alegres, & ditosos; ora de casos tristes, & desengraçados; & de nenhuns, nas cousas humanas; se pòdem colher consequencias futuras, que sejam infalliveis, ou de alegres bonanças, ou de trabalhosas perdas; & até os Princeses mais soberanos estam sogeitos a estas mudanças, nam sõ na variedade de successos, que em sy experimentam, mas tambem na diver-

tidade

Vide quãz dico
lib. 1. c. 34.

Anno de
Christo de
1551.

512

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno da
Companhia
12.

Como se
mudou ne
sta opini-
m sinif-
ica.

fidade de opinioens, que de outros formam. Ordenou a divina providencia as cousas de tal sorte, que o serenissimo Cardeal voltou em poppa, na opiniã & credito da Companhia; & em lugar de a esquivar, começou a chariciala; julgando, que lhe nam estava bem ser elle singular em sentir mal de gente, de quem o Rey, & o Reyno todo tam bem julgava. A primeira demonstraçam, que deo d'esta mudança da mam direita do Senhor (em cuja mam estam os coraçõens dos Princepes) foy no ãno atrás de 1550. em q pedio Padres (como dissemos) pera missã, pelo seu Arcebispa do de Evora, obrigado do exemplo do Infante Dom Luis, seu irmam, que tambem os pedio pera o seu Priorado do Crato.

Causas, q
teve pera
a fundaçã
do nosso Col-
legio.

7 Tam boas novas lhe trouxeram, do fruto, que os missionarios fizeram, em as terras de sua jurisdicã, & tam boas enformaçoens hia ouvindo da Companhia, & tantos bens lhe dizia de nossas cousas o Infante Dom Luis seu irmam, que começou a inclinar-se a melhor conveniencia do credito de seu juizo; & foy vendo as cousas da Companhia com õlhos mais desafogados de alguma nevoa, que d'antes nam lha mostrava tam engraçada. Ajudou tambem muito a mudar dos pensa-

mentos sinistros, que de nós tinha a sancta conversã, & boas advertencias, que neste particular lhe dava o muy Religioso Padre frey Luis de Granada, da sagrada ordem dos Pregadores, a quem devemos eternas obrigaçoens. Levado o Principe d'estestam amigos, & cordeaes de enganõs, rendeo sua demasiada cautela, ao melhor conhecimento de sua grãde prudencia; & em ultima resoluçam, nam sò se deo por muy satisfeito dos procedimentos da Companhia, mas tratou logo de a ter junto de sy, pera consolaçam sua, & ajuda espiritual de suas ovelhas, danlhe Collegio magnifico, com rendas; & rendendolhe o coraçam tributario com amor.

8 Tambem ajudou muito a se apressar o effeito d'esta sua resoluçam, o desejo, que tinha o Cardeal Infante, de dar bons condiscipulos em Evora ao Senhor D. Antonio, filho do Infante D. Luis, aquẽ queriã fazer ecclesiastico, como o tinham sido o Infante Cardeal D. Affonso, & como era o mesmo Infante Cardeal D. Henrique, ambos irmãos, & tios do senhor D. Antonio. Pera isto, depois de saber bem latim, ordenaram, que em Evora, nos paços reaes, aonde habitava, estudasse a sagrada Theologia, escolhendose pera mestre o muy insigne varã

P. M. Fr.
Luis de
Granada,
ajudou a
esta funda-
çam.

O senhor
D. Anto-
nio teve
por mestre
a fr. Ber-
tholameo
dos Mar-
tyres.

fre y

tyres.

^a
Ovid. lib. 4. de
Pont. Eleg. 2.
Excitat audi-
tor studium.

^b
Orlaad. lib. 11
n 68.

frey Bertholamèo dos Martyres, Primàs, que depois foy das Hespanhas, meritissimo Arcebispo, & senhor de Braga, hum dos mais esclarecidos Prelados da Igreja de Deos. Parecèo pois aos serenissimos Infantes, que se fizesse gèral de mais condiscipulos ao senhor Dom Antonio (que a presença de hum sò ouvinte, ainda que real, nam excita tanto o cuydado de hum bom mestre, nem esperta tanto a diligencia de hum bom discipulo) acharam, que nam podia ter melhores condiscipulos, que alguns Irmãos da Cõpanhia, peraq d'elles aprèdesse a virtude: pretendendo com isto seu pay (como diz o nosso historiador gèral^b) que se inclinasse a entrar na Companhia: porèm como nam tinhamos casa em Evora, resolveose o Cardeal Infante a fundarnos hum Collegio naquella sua cidade, pera dar bons condiscipulos ao senhor Dom Antonio, pera dar gosto ao Infante D.

Luis, & pera fazer este bem a todo A-
lentejo.



CAPITULO XVIII.

Manda o Cardeal Infante chamar a Evora o Padre Luis Gonçalves da Camara; trata com elle, & com o Padre mestre Simam da fundaçam d'quelle Collegio: escreve a sancto Ignacio; & da resposta, que o sancto lhe mandou.

TOmada esta resoluçam, mandou o Cardeal Infante chamar a Evora o Padre Luis Gonçalves da Camara (que na ausencia do Padre mestre Simam ficàra por mestre do Principe) a Lisboa, aonde entam estava a corte. Foy o P. Luis Gõçalves a Evora, levando por cõpanheiro o P. Micer Ioam Aragonès: com ambos tratou o Infante de sua determinaçam, & das causas porque logo queria que a fundaçam se puzesse em effeito, & das circumstancias, com que de presente se havia de proceder em aquelle negocio; & com isto os despedio pera Lisboa, cõ carta pera o P. M. Simam, em chegando de Roma, pera que em tudo dèsse inteiro

Anno de
Christo de
1551.

514

Chega a
Evora o P.
M. Simam
Saccita a
fundaçam
do Collegio

credito ao que os Padres dissessem, que tinham com elle tratado, em negocio de tanta importancia. Veyo neste conuenos de Roma o Padre mestre Simam, & passou por Evora, em muy boa occasiã: foy muy festejado do serenissimo Infante, & deo o Padre infinitas graças a Deos, pelo ver tam trocado, & tam affeioado já à Companhia. Partiose logo o Padre mestre Simam pera Lisboa, a dar conta a S. A. do succedido em sua hida a Roma.

2 E como estas cousas da fundaçam, nam se effectuaesẽ cõ a pressa dos desejos do Infãte, no Setembro deste anno de 1551. repetio com segunda carta ao Padre mestre Simam, dizendo-lhe, que com alvoroço esperava naquella cidade os novos fundadores, pera no seguinte mes de Outubro se dar principio à obra tam desejada. Esta he a formal origem da Companhia entrar na cidade de Evora; aonde ao diante houve tantos crecimentos, & grandezas, como no discurso desta historia se hirãm apontando. E porque o desejo do Infante era muy grande, de se effectuar esta sua obra, quiz tambem o Padre mestre Simam tratar o negocio com o sancto fundador da Companhia, & assim, com toda a pressa, lhe escreveu, dandolhe a boa nova, de

quã mudado tinham ao serenissimo Cardeal Infante, & de como tratava de ser fundador do Collegio de Evora. No mesmo tempo despachou o senhor Infante, pera Roma, hũ seu criado, chamado Gaspar Soares, pera tratar com o sancto Padre Ignacio este negocio, & outros, que lhe encomendou da sua Igreja. Chegou Gaspar Soares a Roma, viose com o sancto Patriarcha, entregoulhe a carta do Infante, que lhe foy de grande consolaçam, por ver q̃ tinha de novo a Companhia grãgeado a benevolẽcia d'aquelle esclarecido Principe, & respondeo a sua A. cõ outra carta sua, que he a seguinte.

CARTA DO
Padre sancto Ignacio,
pera o serenissimo
Cardeal In-
fante.

Ao meu senhor, em o
Senhor nosso, o In-
fante Cardeal.

Meu senhor em o Senhor nosso.

A Summa graça, & amor eterno de Christo
nosso Senhor, jaude,
& visite a vossa Alteza, com seus

Anno da
Companhia
1551
Manda o
Cardeal
hũ seu em-
baixador
a S. Ignacio.

san-

sanctissimos doens, & graças espiri-
tuaes. Antes que Gaspar Soares me
desse hũa de V. A. por cartas de nos-
sos Irmãos tinha eu entendido a deter-
minação sancta, q̄ Deos N. Senhor ti-
nha dado a U. A. de entregar aquelle
Collegio (cõ tãto zelo de seu serviço, &
do bẽ comũ, & em especial do Arce-
bispado de Evora, fabricado, & dota-
do) a nossa Companhia minima, & ro-
da de U. A. em o Senhor nosso, a que
dou infinitas graças, pelo conceito, &
amor tã singular, & proteiçam della,
que dà a V. A. & a sua real casa, cõ
beneficência tã grãde, & perpetua, q̄ de
quãto bẽ della sahir, cõ rezãm se deve
atribuir o merecimento universal a vos-
sas Altezas; & espero eu na divina, &
summa bondade, que nam serã peque-
no o particular, que desse Collegio de
Evora ha de redundar a U. A. de
minha parte eu terei o cuydado; que
convem, pera que essa obra, no que a
nõs toca, com muito calor vá adian-
te, conforme a sancta intençam de V.
Alteza.

3 No que toca ao desta corte, eu
me tenho offerecido inteiramente, pera
tudo o que Gaspar Soares quizer, que
eu faça cõ o Papa, ou cõ quaesquer ou-
tras pessoas; & atẽgora nam se lhe
tem offerecido em que eu pudesse ser-
vir, por estar o que pretende bẽ en-
caminhado; mas elle sabe, que quan-
do nisto, ou em outra cousa qual-
quer, pudesse eu em o Senhor nosso
ajudar, me empregarei com a af-
feiçam, que devo, & terei per-
petuamente ao serviço de vossa Al-
teza, em sua divina Magestade, a

a quem praza darnos a todos sua gra-
ça comprida, pera que sempre imi-
temos sua sanctissima vontade, & a
cumpramos perfeitamente. De Roma
31. de Janeiro de 1552.

D. U. A.

Humilde, & perpetuo servo
em o Senhor, Ignacio.

4 Esta he a carta do nosso
glorioso Patriarcha, na qual se
mostra tam agradecido, tã avi-
sado, & tã sancto. O Collegio de
q̄ aqui faz mençam, q̄ o Infante
entregou à Cõpanhia, he o de
que atraz falamos, q̄ tinha fun-
dado pera aquelles clerigos, q̄
elle tratava, que fossem os Cõ-
fessores, & Parochos no seu Ar-
cebispado. Esperava S. A. com
grande alvoroço, pelos nossos
religiosos, por ter aviso, q̄ eram
jà sahidos do Collegio de Co-
imbra. No capitulo seguinte
veremos como chegarã, & co-
mo foram delle recebidos.

CAPITULO XIX.

Manda o Padre mestre Si-
mam onze religiosos de Coim-
bra a fundar o Collegio de E-
vora; & de como aly foram
agasalhados; & de seu san-
cto procedimento.

1 Vendo o Padre M. Si-
mam os grãdes deseios

Anno de
Christo de
1551.

P. Melchior
Carneiro, foy pri-
meiro Reitor do Col-
legio d'Evora.

Nomes dos
primeiros
fundadores
do Collegio
d'Evora.

Vide lib. 1.
c. ult.

516

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

do serenissimo Cardeal, julgan-
do, que nam convinha haver
mais dilaçam neste negocio de
tanto serviço de Deos (depois
de dar esta boa nova a nosso sã-
cto fundador) nomeou, pera
Reytor do futuro Collegio o
Padre Melchior Carneiro, que
depois foy Bispo de Nislea em
Ethiopia, sobre o Egypto, do
qual logo faremos particular
mensãm; o segundo deste nu-
mero foy o Padre mestre Ioam
Cavilhonio, que depois se a-
chou no Concilio Tridentino,
por Theologo do Duque de Ba-
viera; o terceiro foy o Padre Ma-
noel Fernãdes, prégador muito
estimado, por seu pulpito, &
muito mais por seu exemplo,
do qual tambem logo falare-
mos; dos outros sete compa-
nheiros, quatro eram Irmãos
Theologos, que hiam pera
ser condiscipulos do senhor
Dom Antonio, o Irmam Pero
da Fonseca, de quẽ já atrás fala-
mos, que foy insigne letrado
Theologico, & Philosophico; o
Irmam Miguel de Barros, douto
em letras Latinas, & Gregas; o
Irmam Affonso Barreto, pessoa
nobre, o qual era irmam do Pa-
dre Ioam Nunes Barreto, que
foy Patriarcha de Ethiopia; o
Irmam Manoel Vaz, que depois
foy Doutor em Theologia:
vieram mais tres Irmãos coad-
juutores, a cujo cuydado esta-
vam as cousas temporaes do

Collegio; partiram todos do
Collegio de Coimbra, no pri-
meiro de Outubro, deste anno
de mil & quinhentos, & sincoẽ-
ta & hum, sendo onze em nu-
mero os que hiam pera fundar
este Collegio, lembrados dos
q̃ Christo teve na terra de doze
Apostolos; & desejando, que af-
fim como no presente numero
faltava hum, pera prefazer a
conta dos doze, que tambem
naquelle novo Collegio nunca
houvesse algum Iudas, que dei-
xasse a Companhia de IESV;
o que Deos lhes comprio inte-
ramente, porque todos perseve-
raram com louvor, até a morte.

2 Caminhavam todos
a pê peregrinando, & pedin-
do esmolas; tinham entre dia
muitas horas de oraçam, to-
dos os dias ouviam missa,
antes de sahir do lugar, fa-
ziam exame de consciencia
duas vezes, falavam de Deos
pelas estradas aos caminhan-
tes, & entre sy, com prati-
cas sanctas, se affervoravam
em devaçam, & desejos de
padecer muito pelo Senhor
de todos: chegaram á villa
de Arrayolos; & acho escri-
to, que acertando de estar
entam aly, como em cabeça
de Condado, o serenissimo Du-
que de Bragança D. Theodosio,
primeiro do nome (cujo irmam
Dom Theotonio de Bragança
era entam da Companhia)

& la-

Anno da
Companhia
12.

Do modo
cõ q̃ cami-
nharam
a tẽ Evora.

*Em Arra-
yolos forã
vistados
do Duque
de Bragã,
ça.*

& sabendo que os nossos peregrinos eram chegados áquella sua terra, & que estavam recolhidos no hospital, logo com a confiança real, de quem elle era, & com mostras da piedade, que sempre teve, foy em pessoa ao hospital, a visitar aquelles humildes peregrinos, antes que elles pudessem preoccupar esta merce; que com tal estimaçam ôlhava Deos pera homens, que com tanto desprezo tiravam os ôlhos do mundo. Na visita os tratou com real benevolencia, & cortesia, que parece pronosticavam estas tam alegres vesporas, quanto áquelle pequeno manipolo, havia de ser de proveito, & de serviço a seus serenissimos netos, & senhores da real casa de Bragança.

3 Chegaram finalmente a Evora, aonde foram recebidos do Cardeal Infante, com tantas demonstraçoens de benevolencia, que bem ficaram prevendo d'estes tam ditos principios, os notaveis favores, que ao diante experimentou a Companhia, neste augustissimo Princepe. Grande foy o commum applauso de todos os moradores de Evora, quando entenderam a causa de verem tantos Religiosos da Companhia de IESV, fóra do costumado, em Evora;

houve muitos, que foram beijar a mam a sua Alteza, por esta grande merce, que de novo fez a toda a Provinvia de Alentejo; assinalaramse nesta tam discreta, & religiosa charidade, o Padre mestre frey Luis de Granada, & com elle o muy Reverendo Padre frey Luis de Baeça, muy grave Religioso, & de muita authoridade, da sagrada ordem do glorioso Doutor da Igreja San Hieronymo, ambos foram beijar a mam ao Cardeal, por tam singular beneficio, feito áquelle Arcebispado. Muito estimou sua Alteza, ver estas, & semelhantes approvaçoens de seus intentos; & ao Padre mestre frey Luis de Granada, encarregou, que na Sè, em que havia de prèzar, declarasse ao povo sua tençam, acerca da fundaçam do novo Collegio. Comfrio muy bem este sancto varam, com esta recommendaçam, porque á volta de fazer o que lhe mandavam, gastou o sermám todo, em louvores da Companhia, a quem chamou Religiãm de varoens apostolicos, apostados a procurar, com todas as forças, o bem das almas, & renovar, na Igreja de Deos, a sanctidade de costumes. Na cidade tudo eram mutuos parabens, & alegres embo-

*Davã pa-
rabens ao
Infante
Cardeal,
por levar
a Compa-
nhia a E-
vora.*

*OP. M. fr.
Luis de
Granada,
prègava
louvores
da Compa-
nhia.*

Anno de
Christo de
1551.

518

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno da
Companhia
12.

ras, que cada vez creciam mais, vendo o fruto, que logo experimentaram, com aquelles novos hospedes, que com tal graça, & com tal fervor começaram a dispor, & preparar a terra, que se hia vendo, que o mesmo era semear no campo, que recolher no seieiro.

3 Tinha o serenissimo Cardeal dado ordem, pera se fazerem aposentos, pera os seus hospedes, em hum Collegio, que já d'antes traçava, de sacerdotes virtuosos, pera confessores d'aquelle Arcebispado, nam foy possivel estar o Collegio acabado ao tempo que os Padres chegaram de Coimbra: por emprestimo foram agasalhados em humas casas, que estavam na rua da Mesquita (aonde hoje está situado o Collegio da Madre de Deos) que tinha servido antigamente de hospital, intitulado de S. Ioam de Ierusalem, que naquelle lugar mandara fundar o muy bem afortunado Rey Dom Affonso Hêriques, com sua ermida, que se chamava S. Ioaninho, pera distincção de outra de S. Ioam, que há na mesma cidade: deose, pelo tempo adiante, esta ermida, & hospital às Religiosas commendadeiras da ordem de Malta, que nelle viveram até o anno, de que faz mensã a historia da mesma ordem; no qual

o Infante Dõ Luis, sendo Prior do Crato, lhes mandou edificar hum convento em a villa de Estremoz, pera onde as passou, & he mosteiro unico, neste Reyno, de freiras commendadeiras da dita ordem. Este foy o primeiro sitio, em que os nossos estiveram em Evora: desejando porém sua Alteza de os ter mais junto de sy, & dilatandose a obra do Collegio, que nos havia de entregar, os fez mudar entre tanto, pera humas casas visinhas a seus paços pontificaes, que ficavam detrás da capella mór da Sè, na rua, que chamam de Freiria, porq̃ moravam aly os Freyres de Avis. E porque nem aly estavam accommodados, como elle desejava, a cabo de hum anno, houve licença del Rey, pera os accommodar nos paços reaes, em quanto se aperfeçoava o novo Collegio; aly se recolhia tambem o senhor Dom Antonio, ouvindo Theologia, com os nossos irmãos, que dissemos, tendo o mestre, que apontamos; & d'aly se passaram pera o novo Collegio, no anno de 1554. como aquiãte veremos, naquelle mesmo anno.

4 Toda a cidade de Evora, & ainda o Arcebispado, hiam sentindo huma viraçam de primavera do cèu, com que todos em gèral se alegravam, presentindo o grande fruto, que

Primeiro
sitio em q̃
estivemos
em Evora.

Mudamse
pera os pa
ços.

ao diante se havia de recolher, com a vista de tam appraziveis flores; os mininos se aproveitavam nos doutrinas; os grandes se melhoravam em suas consciencias, & no conhecimẽto do que deviam a Deos; multiplicavamse as confissoens, & as communhoens. A vista de semelhante procedimento, creciam os applausos na cidade, & os parabens ao serenissimo Infante, por elle ser o autor de que tanto bẽ tinha emanado. Era grande o jubilo do Infante Dom Luis, por ver congraçado o Cardeal com a Companhia, & ermanadas entre sy a benevolencia & afeicam, de hum tam poderoso Principe, com a pureza & virtude da Religiã, que elle tanto prezava. Finalmente foram taes os favores nesta cidade, assim os reaes dos Infantes, como particulares do povo, que temeram os Padres, que tam bõs successos lhes atrazassem o fructo de sua profissã, da maneira, que às vezes tornam atràs as searas, com o muito favor dos tempos. E pera que entendessem, que nem havia de ser tudo navegar por agoa doce, tiveram logo seu pedaço de mar salgado: & pois temos contado os mimos, que experimentaram, relatemos aqui tambem os trabalhos, que padeceram; que aos que Deos ama, cultuma revelar os successos, dandoos humas ve-

zes alegres, & serenos, permitindoos tambem tristes, & adversos: que nam começou a ser Christam (diz sancto Agostinho) o que pretende passar sem perleguicam.

CAPITULO XX.

De algumas molestias, que os nossos padeceram neste principio, & de como Deos os livrou dellas.

S Empre na Companhia foy certa huma sentença de nosso glorioso fundador, que dizia, que d'aquelles Collegios esperava mais fructo ao diante, que tiveram mais perseguiçoens em seus principios. Falava o sancto, nam menos movido de sua prudencia, que ensinado de sua experiencia. A virtude nam he mimosa; & assim como as sementeiras crecem com as geadas de Janeiro, assim a sanctidade melhor se arreiga com o ferro da perseguiçam; porque, como até os gentios alcãçaram, nos trabalhos, & nas adversidades está o caminho real pera a virtude. Neste tempo foram grandes as tribulaçoens, que os hereges moveram em muitas partes do mundo, contra a Companhia,

Angust. in ser.
Si putas te non
habere perse-
cutiones, non
dũ capisti esse
Christianus.

*Cõ as per-
seguiçoens
floreceo
mais a Cõ-
panhia.*

^a
Ovid. 4 Trist. 3
Publica virtus
per mala facta
via est.

1551.

^b
Vide Orland.
lib. 11. n. 39.^c
Orland. lib. 11
n. 15.^d
Orland. lib. 11
n. 47.

mas tambem foram mayores os favores do céo, que experimentamos; porque nelle a magestade do Rey dos Romanos Dõ Fernando^b, irram do Emperador Carlos Quinto, deo principio ao nosso Collegio, em Viena de Austria, na alta Alemanha, a pezar dos hereges que contra nõs, como Cerberos, infernaes ladravam, & como inimigos da verdade guerreavam. Em Napoles,° neste mesmo tẽpo, aonde certos hereges se uniram, pera nossa destruiçam, se ajuntaram alguns senhores titulares, pera fundaçam de hũ Collegio da Companhia, naquella insigne cidade, cabeça d'aquelle Reyno. Neste mesmo anno, o petiçam do Cardeal de Lotharingia,^d entrou a Companhia em Paris, a pezar das grandes tempestades, que os hereges levantaram. Conforme a esta experiencia de outras partes, bem era que em Collegio, aonde Deos havia de ser tam honrado, fossen primeiro os nossos perseguidos.

2 Parece que nam podia o demonio vernos com casa, & de assento na cidade de Evora, & já por se arreçar disto, alienou tanto de nõs o Cardeal Infante, metendolhe finistras enformaçoens de nosso procedimento; nam soffria com paciencia ver a aceitaçam, que tinhamos em toda aquella cidade:

determina de nos armar filadas, pera que já que nos nam podia render as claras, ao menos nos acomettesse por emboscadas. Era o exemplo dos nossos, na modestia de suas pessoas, na pobreza de seu trato, na humildade de suas acçoens, o que trazia toda aquella cidade affeçoada, & espantada de procedimentos tam peregrinos. Nesta fonte de tanta synceridade de vida, & pureza de costumes, quizeram homens perdidos lançar peçonha; fizeram quanto o autor da mentira lhes ensinou, pera nos inficionar, mas acodio o autor da verdade, pera nos purificar.

3 A primeira filada, que o inimigo commum nos armou, succedeo desta maneira: dous homens de roim vida, versados, segundo parece, nas escholas do mesmo inferno, ensinados por tal mestre, se vestiram de humildes trajos, que em tudo representavam bem a pobreza dos nossos Padres (que tambem o demonio, como diz o Apostolo^e, se trãsfigura em anjo de luz, sendo elle Principe das trevas) estes dous ministros de Satanàs, fingindo, nam menos a modestia dos ólhos, que a pobreza dos vestidos, com diabolica dissimulaçam, se foram huma noite (porque a mentira foge da luz do dia) a casa de hum certo capitular da Sê, na qual elle, po-

12.

*Traça q o
diabo tomou,
pera nos desau-
torizar.*

^e
2. ad Cor. c. 11
n. 14. Iplœnim
Satanas trans-
gurat se in an-
gelum lucis.

fua muita devaçam, dava liberal mesa de jogo; entram pela porta, sobem a escada os dous fingidos apóstolos; houve alvoroço nos que assistiam aos envites com tal visita; persuadem-se, que lhe vem fazer alguma prêgaçam; levantale o capitular, manda arrojjar cadeiras, dā-se as faudações cōmuas; perguntalhes, que demandam suas reverencias em sua casa, & a tal hora; nada menos esperavam que a resposta, que lhes ouviram: *Somos, dizem, dous Religiosos da Companhia, a aspereza com que vivemos, & o rigor com que nos tratam he muy superior ás fracas forças da humanidade; necessita, diziam, esta tezidam de arco frêchado, de algũ alivio de vida; mas porque o credito, & opiniã, que a gente de nós tem, nam permite que respiremos de dia, nos vimos aqui aliviar de noite; & de v.m. dizem, assim como fiamos a confissam desta fraqueza, assim esperamos de dar em sua presença hum par de horas de descansadas tregoas ao severo rigor de nossa vida; trazemos dinheiro bastante, seremos, com os mais, parceiros no jogo; que logo começaram, com grande desenvoltura, & notavel leviandade, jugãdo, & jurando (que estes dous officios sempre andam juntos)*

4 Nam nos consta do que fez o reverendo capitular nesta occasiã, sobejamos conjecturas, pera nos persuadirmos,

que conhecẽo os verdadeiros tafões, & fingidos Religiosos. O certo he, que na seguinte manhã, elle poz de dia em publico, o que passou de noite em sua casa. Contou a todo o Cabido aquella infame leviandade, que fingio crer naquelles dous hospedes nocturnos, discursou, com grande liberdade, sobre a modestia, & encolhimẽto dos nossos, dizendo, que tudo eram fingimentos, & hypocrésias; d'aly passou a por a boca no mesmo céo, affirmam lo, que o Cardeal serenissimo vivia enganado, por trazer àquella terra homens perdidos por assombro de gente sancta. Do Cabido sahio a historia à praça; & tomando novas azas a roim fama, já corria pela cidade, que todos os nossos andavam de noite pelas casas do jogo, & que eram todos hãs apóstolos falsos, & huns verdadeiros hypocritas; que este mal tẽ o peccado de hum fogeito, que pertence a alguma communnidade, porque cometendo hum sò a culpa, abrange a todos a infamia: bastou murmurar sò Judas, da que elle chamava perdiçam na Madalena, pera que outro Evangelista disseffe, que murmuraram todos: assim succedeo aqui; porque pela infamia, que o diabo fingio em dous, o povo multiplicava o erro em todos: desta maneira que-

Como se
publicou
esta silada
do diabo.

f
Joan. 12. n. 4.
Dixit ergo u-
nus ex discipu-
lis eius Judas
&c.
Matt. 16 n. 8.
Videntes autem
discipuli indi-
cati sunt dicē-
tes &c.

*Següidatira
ca, de q o
diabo usou
contra nós
em Evora.*

ria o diabo envidar o resto naquelle joga, pera que entrando a enganar com poucos, ficasse com o ganho de ver perdidos a muitos.

5 Nem se contentou o cõmū inimigo, cõ ver tam bem lograda aquella sua infernal silada; eisq no meyo d' esta gram poeira de murmuraçoens quiz corroborar a mentira passada, com outros argumentos de novo. Apareceo neste mesmo tempo em Evora outro ministro do diabo, vestido com trajo de clerigo modesto, dizendo, que era da Companhia de IESV, & que por isso se chamava Diogo de IESV; este tal entrava pelas Igrejas, & se punha publicamēte a confessar a toda a sorte de gente, apregoando grandes poderes, que tinha de Roma, por ser da Companhia; & em effeito, elle absolvia de todos os casos reservados, sem algum pejo, & com tanta facilidade perdoava peccados horrendos, que mais facil se mostrava em absolvelos, do que os penitentes foram em cometelos: avante passava este novo Papa, dava a beijar a mam aos que confessava; & já por esta cerimonia lhe passaramos, senam deitara mais avante a mām, porque, no cabo da confissam, pedia dinheiro, com pretexto de hum retabolo, que fingia quererem os Padres fazer, dando-

lhe muy boas cores, antes de ser pintado, & antes de vir aos nossos ao pensamento tal obra; porque como haviam de tratar de retabolo, se ainda nam tinhã capella? Muito mal levava a gente do povo os petitorios do novo confessor, & se contentava a huns por liberal, em dar absolviçoens, a outros descontentava por importuno, em pedir esmolas; & em resoluçam, se escandalizavam todos de tal Padre da Companhia, & pelos mãos termos deste sò, julgavam que assim deviam de ser todos os mais.

6 Teve noticia o Padre Reytor Melchior Carneiro da grande tempestade, que contra a pequena naveta se tinha levãtada: tentou primeiro bem as causas de tam repentino marulho, achou que de nossa parte nam havia nem sombra de culpa; tratou de recorrer sôa Deos, fiando que elle acodiria por nossa innocencia; & que toda aquella machina de patranhas diabolicas (como edificio sem fundamento) se havia logo de arruinar por sy mesma. Assim succedeo, os nossos calãram, & Deos falou. Suscitou Deos antigamente o espirito do mancebo Daniel, 2^o pera acodir pela honra de huma mulher innocente; levantou aqui o zelo de hum velho, pera defender a virtude de huma Religiam sancta:

*Como o P.
Melchior
Carneiro
acodio a estes falsos
testemuhos.*

^B
Dan. c. 13. n. 45
Suscitavit Deus
spiritum pueri,
&c.

havia

Anno de
Christo de
1551.

Acode
Deos pela
innocência
dos nossos
religiosos.

Anno da
Cõpanhia
12.

havia em Evora, naquelle tempo, hum sacerdote muy anciam na idade, & muy venerado na virtude, que se chamava Vicente Rodrigues; a este tomou Deos por instrumento, pera descobrir estas maranhas. Nam podendo o bom sacerdote soffrer por se boca, com tanta liberdade, em peffoas, que elle tinha por sanctas, se resolveo em nam comer, nẽ beber, até nam desenrolar tam enganosos enleos: lidou com proveito, & fruto na pesquisa, até vir a descobrir a trilha dos malfetores: & quanto ao primeiro caso do jogo, veyo a saber, que os que tomãram aquella mascara enganosa, eram dous clerigos, de muito despejo, & de pouca consciência, inimigos, sem causa, da Cõpanhia (cujos fracos õlhos cegavam à vista da luz dos nossos; & descobrio, q nas horas, que elles gastãram na casa do Capitular jugando, estavam os da Companhia no seu Collegio orando, por aquelle ser o tempo, em que nos davam final ao exame da consciencia, & a outros exercicios, em que hum por hum somos vistos, & visitados de nossos superiores. Por esta evidẽte coarctada dos nossos; & por a publica confissã dos delinquentes (com grande alegria do serenissimo Cardeal, & de todos os bons) ficãram os dous clerigos castigados, & fi-

cou o diabo perdendo naquelle seu jogo, em o qual tinha metido o resto, & cuydava de ganhar muito.

7. O outro engano do chamado Diogo de IESV, descobrio Deos por via de hum mancebo, que escandalizado da importunaçam, com que lhe pedia esmola, o foy seguindo, pera ver se entrava em nossa casa, & vendoo meter em hũa estalagẽ; deixando aly emprazada a caça, & a hum minino em vigia, porque lhe nam escapasse das mãos; foy dar conta do que passava ao Doutor Diogo Fogaça, official de sua Alteza, no governo do Arcebispado, o qual mandou hum meirinho pera o prender; porẽm como o reverendo confessor andava já com cem õlhos sobre sy, tendo alguma noticia do que passava, se trasmontou de tal maneira, que nunca mais nem absolveo, nem appareceo. D'este modo, defez a divina bondade aquelles espesos nevoeiros, que a malicia infernal hã deitando diante dos õlhos dos moradores de Evora, a fim de nam verem a luz, que o Senhor lhes trazia, pera sahirem das trevas de seus peccados, de q muitos, por meyo dos nossos, se apartãram. E ficãram todos entendendo, que nam bastam treçoens fingidas, pera de sacreditar a verdade.

Como se
descobrio o
outro en-
gano.

CAPITULO XXI.

Dãse huma breve noticia do Padre Melchior Carneiro, primeiro Reytor do Collegio de Evora; de como daly foy pera a India; E de outros Reytos do mesmo Collegio, que seguiram seu exemplo.

AS duas primeiras, & principaes colūnas, sobre que se principiou o edificio do novo Collegio, foram o Padre Melchior Carneiro Reytor, & o Padre Manoel Fernandes, que era o prègador; ambos em seus officios procederam, com tal emnencia de exemplo, que pòdem muy bem ser offerecidos aos vindouros, por retratos, & protipos, pera serem imitados que melhor quizerem proceder. Já atrás falamos no Padre Melchior Carneiro, o qual se tinha grandemente assinalado, em seus principios, no Collegio de Coimbra, com grandes fervores de mortificaçam, & devaçam; & agora em Evora mostrou bem ser varam de notavel espirito, desprezador de sy mesmo, de grande charidade,

pera com os outros, insigne zelador da honra de Deos, & homem de rara prudencia. Por estas boas partes, que nelle bẽ conhecia o Padre mestre Simam, o enviou a Evora por Reytor, & superior dos nossos, em occasiã de tanta importãcia; & a experiencia mostrou quam acertada foy esta eleiçam; porque com seu sancto, & prudente modo, grageou o animo do Cardeal Infante, & afieçoou a sy, & á Companhia as vontades dos nobres, & os coraçoes do povo.

2 Grande conceito, & satisfaçam tinha o serenissimo Infante da prudencia, & letras do Reytor do seu novo Collegio, & por isso fazia delle toda a confiança, cometendolhe as cousas de mayor importancia, pera o bem espiritual de suas ovelhas, & remedio de peccados, cuja emenda sempre dava muito que cuydar a este vigilantissimo pastor, fazendo todas as boas diligencias, pera os evitar; tinha a cidade toda dividida como em quadrilhas, com presidentes, repartidos em seus lugares, pera com mais facilidade, & providencia acudir às necessidades temporaes; à volta do bem temporal, acodia ao proveito espiritual, distribuindo pelos mesmos bairros as pessoas, que tinha de mayor confiança, encarregandolhes con-

grande

Teve delle grãde cõceito o Cardeal Infante.

^a
Lib. 2. cap. 22.
n. 5.

O P. Melchior Carneiro, foy homem de grandes talentos.

grande cuydado, que com toda a vigilancia o avizassem de qualquer escandalo, que houvesse na cidade, pera logo lhe por o remedio cōveniente, que muitas vezes, por sy mesmo, o zelosissimo Principe applicava, chamãdo a seus peços o culpado, & aly diante de sy o avisava paternalmēte, & logo o remetia ao Padre Melchior Carneiro, pera o confessar, & meter no caminho de sua salvaçam, que elle fazia com grande zelo, & com igual prudencia. E havia ordinariamente tantas occupaçoens semelhantes, que muito mayor era o trabalho, que lhe davam as ovelhas, que sua Alteza lhe remetia, que os subditos, que a Cōpanhia lhe entregou; porque estes, como tam virtuosos, eram muy bons de governar; aquelles, como peccadores, eram muy trabalhosos de encaminhar: a todos acodia o bom Reytor, procedendo em tudo de tal maneira, que era amado dos subditos, & estimado dos de fóra.

3 Governou o P. Melchior Carneiro este Collegio d'Evo-
ra, até o anno de 1555. em que foy mandado pera a India, pera companheiro, & sucessor do Patriarcha de Ethiopia, sobre o Egypto, Dom Ioam Nunes Barreto, como diremos adiante nesta historia. Muito tempo havia que este servo de Deos pedia a

missã da India (que estes erã os despachos, que pretendiam os superiores d'aquelle bom tēpo) & posto que sentio muito o encargo da dignidade Episcopal, pera que hia eleito, com tudo, como esta Prelazia tinha mais de trabalhos, que de honras, aceitou a carga, por nam perder a jornada: & depois em Goa foy sagrado Bispo de Nisséa. Mas nam chegando, pelos inconvenientes, que houve (de que falaremos adiante) a governar suas ovelhas proprias, ajudou espiritualmente ás alhéas, porque de Goa foy mandado à China, aonde na cidade de Macão exercitou o officio de Bispo, pastoreando aquelles Christãos tam sòs, & por tam longa distancia de terras, & divisã de mares, afastados do supremo Pastor de Roma. Estando pera le embarcar pera o Iapam, foy Deos servido de o chamar pera o cèu, pera lhe dar o premio destes grandes trabalhos. Exercitou o Padre D. Melchior Carneiro aquella occupaçam, nã como substituto, que era, mas como se fosse proprietario, vigiando, com grande cuydado, em afugentar os lobos, que muito ao longe, em os sentindo, os hia montear, & perseguir.

4 Boa prova deste sancto zelo foy o que lhe succedeo na

*Foy à Chi-
na, & pre-
tendeo en-
trar no Ia-
pãm.*

*Como foy
pera a In-
dia.*

India, aõde ouvindo que hũ herege Nestoriano, fingindo autoridade de Bispo Armenio, andava na costa do Malabar (semeando atrevido a doutrina pestilencial de seus abominaveis erros, com grande dano d'aquelles novos Christãos) ardêdo o P. ã saneto zelo, se foy a Cochim, aonde começou a perseguir aquelle ministro do inferno; & vendo-se o herege magoado, nam podendo com rezões fazer tiro de importancia ao Padre, lhe atirou huma vez com huma fêta, que lhe passou de parte a parte o vam do barrete, que se levanta sobre a cabeça, sem lhe fazer dano algum, mostrando Deos o cuydado, que tinha de defender a vida, de quem lhe defendia a fé.

5 Em lugar do muito, que deste nosso primeiro Reitor de Evora, pudemos dizer, basta o testemunho, que d'elle temos de nosso Padre S. Ignacio, na carta, que escreveu a Claudio Emperador de Ethiopia, aonde falando do Patriarcha Ioam Nunes Barreto, & dos Bispos seus sucessores, que eram o Padre André de Oviedo, & Melchior Carneiro, diz o seguinte: *O Patriarcha, & seus dous Coadjuutores, & futuros sucessores, sam pessoas de approvada virtude, exercitados em nossa Companhia, em todos os exercicios della; & foram escolhidos pera esta empreza de tan-*

to momento, por sua excellencia de virtude, & sua doutrina, & sciencia singular: ao que se ajunta o grande animo, & alegria, com que acozem esta gloriosa empreza, armados de grande confiança, pera soffrer trabalhos, pela gloria de Deos, em ordem à conversão das almas. Até aqui nosso saneto Patriarcha; q̃ em breves palavras nos descreve as grandes virtudes d'este exemplar Prelado, & perfeito Religioso.

6 Tornando a Evora, donde nos sahimos pera a India cõ o P. Melchior Carneiro (primeiro Reitor d'aquelle Collegio) parece q̃ sua bẽ afortunada eleiçam logo mostrou ser hũ vêturoso, & sãto pronostico, do muito q̃ este insigne Collegio avia de illustrar cõ luzes do céu a todo o Oriente da terra, cõ os varoẽs Apostolicos, q̃ havia de mandar pera as partes da India, pois começou pelo primeiro Reitor, tã autorizado por dignidade Episcopal, e tã acreditado por religiã, e virtude; porq̃ posto q̃ o Collegio do Spirito S. d'Evora, nã foy particularmẽte fũdado pera seminario da India, como o de IESV de Coimbra, cõ tudo igualmẽte participa dos trabalhos de tã sãctas missões, e merece os louvores de stas gloriosas õprezas; e como deo pera a India o seu primeiro Reitor, assi pera cõtinuar cõ esta sã õta liberalidade, dahi a poucos annos lhe deo jũtamẽte, pera a

mesma

Testemunho de S. Ignacio, sobre a pezoa do P. Melchior Carneiro.

Maff. lib. 16. h. A. Ind. fol. m. h. 325. Item An. L. Luc. in vita S. Ignar. lib. 5. c. 10.

De outros
Reytores
do Collegio
de Evora,
q̄ forã pe-
ra a India.

mesma missã, o Reytor do Collegio, o Vicerreytor, & o mestre dos noviços, q̄ erã os Padres Frãcis-
co Martins, varã affinalado em
letras, & virtude; Ieronymo Re-
bello, conhecido por homẽ de
muito spirito, religiã, & obediẽ-
cia; & o Padre Ieronymo Cota,
de grãde piedade, & muita òra-
çã, o qual (cõ muitos seus novi-
ços, q̄ seguiram tã sãcto exẽplo)
acõpanhou o seu Reitor, e Vicer-
reytor nesta gloriosa resoluçã.

7 Nẽ parou aqui o effeito do
exẽplo do primeiro Reitor, porq̄
dãhi a poucos annos lhe deo o
mesmo Collegio pera a India
outro Reitor, o P. Pedro da Syl-
va, q̄ cõ sua conhecida prudẽcia,
& inteireza de vida, letras, & sã-
ctos costumes, grãdemẽte auto-
rizava aquella Vniversidade, &
hõrava a Cõpanhia toda; & po-
sto q̄, assi o P. Pero da Sylva, co-
mo o P. Frãcisco Martins, acabã-
ram a vida na viagẽ da India, tẽ-
do por sepultura o mar Oceano,
sẽ chegarẽ a lãçar ferro nas pra-
yas desejadas do Oriẽte; nã foy
parte a magoa de taes perdas,
pera naquelle Collegio se dimi-
nuir este fervor de hir à India,
a prẽgar a fé, dãdo sẽpre o Spiri-
to S. àquelle seu Collegio, a quẽ
deo o titulo, novo espirito, pera
cõtinuar cõ ãpreza tã sãcta; co-
mo succede ainda ã nossos tẽpos
em fogeitos gravissimos, douto-
res, & lẽres de Theologia actua-
es, q̄ temos visto embarcar se pe-

ra a India, cõ exẽplo, & edifica-
çã. Mas pois estamos ainda no
Collegio d'Evora, & falamos do
primeiro Reitor, bẽ he q̄ diga-
mos tambem alguma cousa do
primeiro prẽgador.

CAPITULO XXII.

*Apontamse as cousas pertecẽ-
tes ao P. Manoel Fernandes,
primeiro prẽgador do Collegio
de Evora, & de seu sãcto zelo,
& obras maravilhosas.*

Entre outras boas sortes
que teve este real Col-
legio d'Evora, hũa foy
ser seu primeiro prẽgador o P.
Manoel Fernãdes mestre, q̄ en-
finou a ser sãcto, àquelle tã co-
nhecido Simam Gomes, nomea-
do neste Reyno, pelo çapateiro
sãcto, cuja vida, & espãtosas vir-
tudes andam impressas pelo P.
Manoel da Veiga de nossa Cõ-
panhia, do qual diremos algũa
cousa adiãte, no anno de 1554.
Naceo este P. em Africa na ci-
dade de Tãgere, de pays nobres,
dos quaes foy criado ã todos os
bõs costumes; estudou Latim, &
ordenouse de subdiacono; mor-
reolhe neste comenos seu pay,
ficoulhe a mãy viuva, & hũa ir-
mã dõzela; & ardẽdo nelle o de-
sejo de alcançar algũ estado de
perfeiçã, no qual se salvasse
a sy, & aproveitasse a outros, se
resolveo a deixar a mãy, & a

O P. Ma-
noel Fer-
nãdes na-
ceo em Tã-
gere.

Anno de
Christo de
1551.

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno da
Companhia
12.

irmã, & quanto tinha em Tãgere, & virse a Lisboa, pera entrar em algũa Religiã. Com esta resoluçam se embarcou, & chegou a Lisboa, a tempo em q̃ vio, & conheceo o sancto Padre Francisco de Xavier, & ao P. M. Simam; & tratando com elle sobre sua entrada na Cõpanhia, foy admitido, depois de provado com os exercicios espirituales, & levado ao Collegio de Coimbra, pelo mesmo P. M. Simam, entre os primeiros fundadores d'aquelle sancto Collegio, como dissemos atrás: aqui estudou o q̃ restava de Philosophia, & Theologia, procedendo sempre cõ raro exẽplo, sendo hũ dos principaes ventuteiros naquellas valentias de espirito, em que os nossos, nos primeiros annos se exercitaram em Coimbra, como contamos atrás; & por ser homem de tam conhecida virtude, o mandou o Padre M. Simam, entre os primeiros fundadores do Collegio d'Evora; ordenando Deos as cousas de sorte, que os dous principaes Collegios de Portugal, o de Coimbra, & o de Evora, reconhecessem, & devessem a este exẽplarissimo Padre, os principios de sua felice creaçam.

2. Foy este Padre hũ dos primeiros de nossa Religiã, q̃ no anno de 1550. à petiçam do serenissimo Cardeal Infante Dõ Hérique, começou a prègar por

toda a provincia de Alêtejo, na qual missã fez cousas maravilhosas, & proprias de hũ prègador apostolico, tirãdo odios, desterrãdo supersticoes, prohibindo peccados escãdalotos, cõ tã felice sucesso, q̃ parece, o Spirito sãcto iguالمẽte falava, & obrava por elle; porq̃ aõde quer q̃ entrava, logo na terra, cõ hũ notavel, & occulto abalo, se sèria nova mudãça, & refoamaçam de costumes; de sorte, q̃ podemos dizer, que, de hũ certo modo, ao exemplo deste bõ Padre, devemos o Collegio d'Evora; aonde foy o Padre Manoel Fernandes o primeiro, que nelle teve por officio prègar, o que fazia na Sè, & em outras partes da cidade, & em todo o mais destrito do Arcebispado, fazendo missõens a pé, como Apostolo, & pedindo esmolas como pobre; prègando seis vezes cada semana, àlẽ de hũa liçam, q̃ todas as noites lia aos mininos, & aos moços jã mais crecidos no hospital, ou na Misericordia das terras por onde caminhava. E foy tam grande o zelo, cõ q̃ prègou na cidade de Bèja, que ardia em odios; q̃ pãdo se huma vez a hũa porta da cidade, que chamam de Moura, fez cõ q̃ ali se falassem, & abraçassem mais de sincoenta homens, que depondo com lagrimas o odio passado, se davam os parabens da amisade presente. Entrando

do mais em alguma terra, em que sabia haver peccados publicos, bãdos conhecidos, & enemidades escãdalosãs, antes de entrar na conquista destes odios, dizia primeiro missã, & se punha em larga òraçam; & destas minas ficava tam enriquecido no espirito, & tã roborado nas forças, q̄ nenhũa difficuldade lhe metia medo, como se fosse hũa colũna de ferro, ou hũ muro de metal, a quẽ nam faziam abalos ventos furiosos, & tormentas desfeitas de respeitos humanos, & peccados publicos, por mais q̄ o demonio se tivesse com elles feito forte, & acastellado.

3 D'aqui nacia nã tomar negocio entre mãos, tocãte á salvaçam das almas, q̄ nam cõcluíse felismente, trabalhãdo assi do pulpito, cõ a efficacia, & fervor de seu espirito, como em particular no trato familiar cõ o proximo, a quẽ sãpre levava a Deos, como a norte em quẽ emproava sua alma. Nas prẽgaçoẽs, que fazia, mais obrava o espirito, & zelo, q̄ lhe sobejava, q̄ a eloquẽcia, & cõcerto de palavras, q̄ lhe faltavã, guardãdo muy bẽ o cõselho, q̄ S. Prospero^o dava a hũ Prẽgador, que nam puzesse sua confiança no resplendor das palavras, mas na virtude das obras. Com esta traça de tal maneira rendia as almas, & abrazava os coraçõens dos ouvintes à penitencia, & lembranças da eter-

nidade, que tornavam todos compungidos; & huma vez saindo dous fidalgos de o ouvir na Sã de Evora, aonde prẽgava alternadamente cõ hum grave religioso (de outra religiã, prẽgador de nome) perguntou hum dos fidalgos ao outro, qual dos dous prẽgadores lhe cõtentava mais? Respõdeo, q̄ quãdo ouvia o outro religioso, vinha cõtente do prẽgador, mas quando ouvia o Apostolo, vinha descõtente de sy; dãdo cõ isto a entẽder a grãde virtude, q̄ Deos punha nas singelas palavras da q̄lle seu humilde servo: & na verdade ellas erã de tãta efficacia, cõ o dom de lagrimas, q̄ tinha, que nam fazia prẽgaçam de que se nam seguissem gloriosos effeitos de mudãça de vida, & admiraveis cõversões de notaveis peccadores.

4 Na primeira prẽgaçam, q̄ fez em Lisboa, ouvindo o a caso hũ Africano Alfaqueq̄ del Rey, & natural do mesmo Padre, que havia nove annos, q̄ estava em mào estado (tã aferrado à torpe occasiã, q̄ nam se lãbrava da molher, & filhos, q̄ tinha na cidade de Tãgere) subitamẽte ficou tã tocado da graça divina, & trocado na mã vida, q̄ logo cõ grãde prẽssa, & igual edificaçã, e nam menor espanto de todos, se tornou a Tãgere a fazer vida cõ sua molher, & filhos, fazẽdo voto de nũca mais tornar ao perigoso estado da torpeza, de q̄ Deos

O q̄ lhe succedeo em hũ sermão em Lisboa.

^c
D. Prosp. lib. 1.
de vita cõtrẽpl.
Prãdicator nã
in verborũ splẽ
dore, sed in o-
perũ virtute to-
tã prãdicandi
ãduciã ponat.

Anno de
Christo de
1551.

530

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

*A moda
Companhia
12.*

*Outro su-
cesso da pre-
gação, em
Elvas.*

o tinha livrado, por meyo do P.
Manoel Fernandes.

5 Em Elvas lhe succedeo
outro caso, que ainda que leve
na materia, he digno de ponde-
raçam no effeito: havia huma
molher casada naquella cidade,
de muita nobreza, & grande ca-
lidade, tam perdida por galas, &
atavios em seu toucado, & ve-
stido, que era seu trato, & fausto
igualmente apparatuso na vista,
& excessivo nos gastos: ouvindo
hum dia prêgar ao Padre Ma-
noel Fernandes contra a vaidade
do mundo, se trocou, como
outra Madalena; & ferida de
interior sentimento, começou
logo a tirar de sy as joyas, &
brincos, com que andava ataviada,
atè ficar em hum trajo
cham, honesto, & humilde. Vin-
do o marido de fora, & vendo
aquella novidade, a começou a
estranhar; & entendendo a fonte
donde manára tal mudança,
deixando de pelejar com ella,
se indignou contra o prêgador,
& dizendo mil males d'elle, &
da Companhia (que quem está
agastado, & sentido, ainda aos
mais innocentes nam perdoa)
foylhe à mam a molher, & com
grande humildade lhe pediu,
que nam condenasse o Padre
tantas vezes, sem primeiro o
ouvir pelo menos hum: veyo
nisso o marido, mais pera o co-
nhecer, & tachar, que pera se a-
proveitar, & se melhorar.

6 Porém a palavra de
Deos na boca de seu servo, foy
espada tam penetrante, & cor-
tadora, que logo o ferio, & tres-
passou de tal sorte, que como
se fora morto ao mundo, & a
suas vaidades, acabada a prêga-
çam, nam sò louvava o que sua
molher fizera, em deixar o su-
perfluo de seus trajos, mas elle
mesmo, por verdadeira contri-
çam, & amor da penitência, cor-
tando por respeitos humanos, se
vestia no interior de cilicios; &
se lhe fora licito, como dizia, o
faria de sacco no exterior. Affi-
troca Deos os coraçoes hu-
manos, mudando tam depressa
o juizo, & parecer das cousas,
que quasi de subito vem hum
homem a gostar do que d'an-
tes abominava, & já lhe parece
fermoso, o que d'antes regeita-
va por afrontoso. Creceo tanto
nestes dous virtuosos casados o
effeito da divina graça, que ca-
da qual d'aly por diante servia
ao Padre de seguir a caça espi-
ritual, que elle nos sermoens a-
levantava, atrahindolhe o mari-
do os homens nobres, & ella
occupandose em fazer vir à
confissam as molheres mais hõ-
radas da cidade; que destas es-
pias sanctas tinha muitas este
bom caçador.

7 Era seu estylo ordinario
hir pelas ruas com o compa-
nheiro, perguntando, se havia
doêtes, pera os cõsolar, & ajudar

*Como se
mudou hũ
homẽ no-
bre, ouvindo
do o P. Ma-
noel Fer-
nandes.*

a bem

Anno de
Christo de
1551.

Notavel
zelo em
buscar as
almas.

Anno da
Copanhia
12.

a bem morrer: este era se u zelo em toda a parte; mas em Evora foy mais notavel; hia se pelas ruas da cidade, aonde havia mayor concurso do povo, & aly fazia praticas espirituas: informavase dos officiaes em suas tendas, se havia naquella rua algum odio particular, ou escândalo publico, que logo tratava de asserenar, & desarreigar. Cõvidava a todos à cõfissam, assinalandolhe o dia, & a hora em que os esperava, pera os ouvir. Aos dias sanctos à tarde, ajuntava toda esta gente (no principio em huma casa do aposento apertado, em que primeiro os nossos pousaram na Freiria, & depois nos paços del Rey, pera onde se mudaram) aly os ajuntava na sala, que chamam da Princesa, a qual se enchia das mais graves, & autorizadas pessoas da cidade; aly lhes pré-gava, com tanto fervor de espirito, & abundancia de lagrimas, que era espanto ver quanto elle se movia a sy à devaçam, & excitava aos outros à contriçam. Acabada a fervorosa pré-gaçam, se assentava logo no cõfissionario, pera empolgar na caça, que como bom caçador tinha levantada.



CAPITULO XXIII.

Da muita estima, que faziam dos sermoens do Padre Manoel Fernandes os muy veneraveis Padres frey Bertholoméo dos Martyres, & frey Luis de Granada; & de algumas obras do serviço de Deos, que fez na cidade de Evora.

NO tempo em que pré-gava em Evora o Padre Manoel Fernandes, residia na mesma cidade (como temos dito) o muy insigne varam Fr. Luis de Granada, tam conhecido no mundo, nam sô pelos exemplos de sua sancta vida, mas tambem pelos escritos de excellête doutrina, com que allumiou a Igreja catholica. Era naquelle tempo este esclarecido Padre muy estimado d'el Rey, da Rainha, & dos Infantes; resistio a grandes mitras, & como tam humilde, escolhêo antes a vida de religioso pobre, que o estado de prelado rico. Este tam grave, & calificado varam, como só pũha os ôlhos em Deos, a quem muito amava, & no bem dos

Anno de
Christo de
1551.

P. M. fr.
Luis de
Granada
estimava
muito a Cõ
panhia.

532

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno da
Companhia
12.

dos proximos , que muito procurava, nam se pôde crer, quanto se alegrava de nos ver em Evora, & quanto estimava nollo instituto; dizendo que a Cõpanhia, era hum novo garfo da perfeiçam de Christo, hum manipulo do céo , pera encaminhar os homens à salvaçam , & pera renovar na Igreja de Deos a antiga sanctidade. Este gravissimo Padre (a quem em grãde parte devemos a fundaçam do nosso Collegio de Evora, pelo muito que a isso persuadio ao serenissimo Infante Cardeal) tinha grande consolaçam de ouvir o muito fruto, que fazia com seus sermoens, na cidade de Evora , o Padre Manoel Fernandes. Estava tambem na mesma cidade aquelle clarissimo lume da mesma ordem de S. Domingos frey Bertholamèo dos Martyres , que depois foy tam celebrado Arcebispo de Braga , & nam menos Primas das Hespanhas, por sua humildade, que primeiro nas virtudes por seus raros exemplos: tambem este muy veneravel Padre estimava muito a Companhia, & se alegrava quando ouvia falar do sancto zelo dos sermoens do Padre Manoel Fernandes.

2. Trataram huma vez entre sy estes dous gravissimos Padres, de hirem ouvir secretamente ao Padre Manoel Fer-

nandes , movidos de sancta curiosidade, sem o Padre advertir nelles, pera que o servo de Deos com mais liberdade entendesse com seu auditorio: succedeo em parte a estes insignes varoens (com o que ouviram, & alcançaram deste humilde prégador) o que antigamente a S. Agostinho^a , quando, com seu amigo Alipio, ouvio a Ponciauo falar do grande Eremita sancto Antam; foy nelles igual o espanto á compunçam , repetindo muitas vezes, como humildes, que éram, que o Padre Manoel Fernandes , com sua sancta , & douta simplicidade, & com seu fervoroso zelo, rendia as almas, & acabava, com facilidade , o que grandes prégadores , com sua eloquencia, & letras , nem poderiam desejar. Acrecentando o reverendo Padre, & insigne mestre frey Luis de Granada , que hindo elle á cidade de Elvas prégar , por mandado do Cardeal Infante, com todo seu estudo, & applicaçam , nunca pudera arrancar os odios, tirar os abusos, nem remediar os peccados publicos d'aquella cidade , mas que em chegando o Padre Manoel Fernandes fora cousa espantosa ver, como logo a cidade ficara em paz , reformada nos costumes , melhora da na piedade, affeiçoada à de vaçam , rendida ao bando de I E S V Christo. Mas bem se

deixa

Os Padres
fr. Luis de
Granada,
& fr. Bertholamèo
dos Martyres
vã ouvir a este
Padre.

Aug. lib. 8. cõf.
c. 6. Stupebamur
autem au
dientes &c.

deixa ver nestes louvores alhe-
os, a humildade propria deste
excellentissimo varám, o Padre
Padre frey Luis de Granada;
pois he certo, que com suas ad-
miraveis prègaçoens em Portu-
gal, & com seus doutissimos li-
vros em toda a Christandade,
tem feito tanto fruito, & con-
vertido tantas almas ao céo,
que com muita rezam o Sum-
mo Pontifice Gregorio deci-
motertio, de felice memoria,
disse delle, que tinha feito ma-
yores milagres na Igreja de
Deos, do que se allumiara ce-
gos, & resuscitara mortos.

Com a mesma satisfa-
çam do sermám, que ouvira, fa-
lava o insigne varám frey Ber-
tholaméo dos Martyres, & ficou
tam affeioado à Companhia,
pelo que em Evora ouvio a es-
te seu generoso filho, que esta
foy huma das causas, que o mo-
véram, pera que sendo Primás
das Hespanhas, & Arcebispo
de Braga, fundasse naquella sua
antiga, & Augusta cidade hum
Collegio da nossa Companhia,
de que ao diante se dará con-
ta: & concebeo tanto deste hu-
milde, & fervoroso prègador,
que medindo os mais da Cõ-
panhia, pelo molde do Padre
Manoel Fernandes, dizia ao Pa-
dre Ignacio de Azevedo (de que
já falei, que foy o primeiro Rey-
tor do seu Collegio, que fundá-
ra) que até os Irmãos cõsinhei-

res da Companhia, lhe mandaf-
se prègar pelas aldeas, & lúga-
res do Arcebisnado: este era o
conceito, que estes excellentis-
simos varoens tinharn da Com-
panhia; & conforme ao concei-
to, era tambem o amor, que sê-
pre nos mostraram; & a estes
dous tam abalizados Padres, da
sagrada ordem de S. Domingos,
entendo verdadeiramente, que
devemos o bom galardado, que
sempre em Portugal nos fize-
ram os muy reverendos Padres
Dominicanos, dos quaes, neste
Reyno, nos confessamos sempre
por servos obrigados; & agora
tambem nos prezamos da hon-
ra de verdadeira amizade, &
irmandade, que com os da Cõ-
panhia manda guardar o reve-
rendissimo P. M. gèral da ordẽ
fr. Thomás Turcus, no Capitulo
gèral, que tiveram em Roma,
neste anno passado de 1644.

4 Tornando ao nosso Pa-
dre Manoel Fernandes, nam se
põde em breve recopilar o mu-
ito fruito espiritual, que este in-
signe servo do Senhor colhia
com seus sermoens em publi-
co, & praticas familiares em se-
greto, movendo os ouvintes à
penitencia, a examinar sua cõf-
ciencia, & frequentar os sacra-
mentos, desarreigar os vicios,
plantar nas almas as virtu-
des, & a perseverar na deva-
çam, & exercicio de obras vir-
tuosas.

Aeste P. de
vemos em
parte a fũ-
daçam do
Collegio de
Braga.

Irmãdade
q temos cõ
os Padres
Dominica-
nos.

Anno de
Christo de
1551.

Anno da
Companhia
12.

O P. Ma-
noel Fernã
des foy M.
espiritual
de Simam
Gomes.

5. Hum dos melhores disci-
pulos, & mais affervorados ou-
vintes, que teve o Padre Ma-
noel Fernandes, foy Simam
Gomes, tam conhecido em Por-
tugal, por sua rara virtude, que
communmente lhe chamam o
çapateiro sancto; aproveitouse
elle tam bem da doutrina, que
ouvio a seu mestre o Padre Ma-
noel Fernandes, que foy homẽ,
naquelle idade, de vida san-
cta, & de tam admiravel luz,
nas cousas espirituas, que veyo
a ser hum varãm de rara virtu-
de, & chamado propheta d'a-
quelles tempos. Era Simam Go-
mes o corretor d'esta sancta
mercadoria das almas, elle lem-
brava as praticas, fazia o audi-
torio, rogava a seus conhecidos,
que viessem ouvir, & tratar com
o Padre Manoel Fernandes, co-
mo elle Simam Gomes fez, ap-
proveitandose tanto da virtu-
de de tal mestre, que sendo hu-
milde çapateiro, chegou a ser
hum prodigioso exemplo de
virtudes, & sanctidade, com que
edificou Portugal, & espantou
o mundo: & se a gloria do dis-
cipulo he louvor do bom me-
stre (como bem disse o Philoso-
pho) grandes louvores merece
o Padre Manoel Fernandes,
pois teve hum discipulo tam
glorioso.

2. Ethie. c. 10.

Bõs cultu-
mes, q o P.
Manoel
Fernãdes
meteo em
Evora.

6. Entre outros sanctos cu-
stumes, que o Padre Manoel
Fernandes introduzio em Evo-

ra, foy hirem duas vezes cada
somanã alguns homens pios, &
devotos, ensinados por elle, visi-
tar o hospital, as cadeas, & ou-
tros lugares, que necessitavam
de remedio, repartindose estes
seus devotos missionarios por
diversas partes da cidade, con-
forme a ordem, que o Padre
lhes dava, com grande consola-
çam dos enfermos, alivio dos
presos, & remedio dos pobres:
elle foy o primeiro da Compa-
nhia, que na cidade de Evora
começou o sancto costume de
acompanhar os padecẽtes, que
morriam por justiça, assistindo-
lhe primeiro de dia, & de noi-
te nos carceres, consolandoos,
& excitandoos a confissam; &
depois de chegados ao lugar
donde padeciam, sobia ao mais
alto da escada; & com grande
fervor, & zelo, & nam menor
abalo do auditorio, prégava a-
quelles ouvintes, que ordina-
riamente costumam ser mui-
tos.

7. Era este servo de Deos
muy affavel, brando, & benigno
com todos, & muy em espe-
cial pera com os penitentes,
que ouvia de confissam; he a
brandura da condiçam, hum
como anzol, que atrahẽ a sy
como presos, & enlevados, a-
quelles com que tratamos; &
d'aqui nacia, que atrahida a gẽ-
te da grande affabilidade do
Padre, com que agasalhava a

Tinha grã
de brãdu-
ra em seu
trato.

todos,

todos, & os recolhia dentro em sua alma, o buscavam, & seguiam em grande numero; homens, & mulheres, & gente de toda a sorte, pera o ouvirem pregar, pera se confessarem, pera buscar remedio de suas almas; & ainda dos corpos, porque acudia a muitos pobres com esmolas occultas, que elle negociava. Porém, assim como por amor de Deos se fazia pomba na simplicidade, & brandura, tal vez, quando era necessario, se mostrava terrivel, & riguroso em reprehender, & emendar peccados publicos, & escandalosos, de que se lhe originou a morte gloriosa, que teve, como logo veremos.

CAPITULO XXIV.

Da gloriosa morte do Padre Manoel Fernandes, que lhe deram, por pregar contra os vicios; & como foy sentida de todos; & das honras, com que o sepultaram.

Assim se havia o Padre Manoel Fernandes em seus sermons, & assim procedia em sua vida: pregava com brados, mas ainda bradavam mais seus ex-

plos; guardava muy bem o conselho, que S. Gregorio Nazianzeno dava a hum pregador, que antes de fazer sanctos aos outros, se sanctificasse a sy mesmo: era tocha, que resplandecia, & tambem era tocha, que (como o glorioso Bautista ^b) primeiro ardia: & assim como imitou a este grande sancto no exêplo, da vida, tambem quiz Deos, que o representasse na semelhança da morte; pois aquelle morreo por pregar a verdade, & defender a castidade; & este acabou, por zelar a virtude, & reprehender a sensualidade.

2. Foy o caso desta maneira: estava elle em huma misão na cidade d'Elvas (entre outras, que costumava a fazer correndo todo Alentejo) havia entam naquella cidade hum peccado muy publico, escandaloso, & envelhecido, entre duas pessoas, se bem nobres por callidade, muy depravadas por sêsuas: crecia no povo o escândalo, murmuravam huns, queixavamse outros, estranhavam todos a devacida da vida, & a publicidade do peccado: nam podia ignorar o bom Padre Manoel Fernandes, o que entre todos era tam sabido, nem compriria com a obrigaçam de pregador da verdade, senam zelasse no pulpito, o que todos estranhavam pelos soalheiros; hum dia, ardendo em zelo do cêo,

^a
Greg. Naz. in Apolog. Mundari prius operet. & sic alios mundare, sanctificari, & ita sanctificari.

^b
Ioa. c. 5. n. 35. Erat lucerna ardens, & lucet.

Occasião da morte, q' deram a este bom Padre.

*Prêga o P.
cô grande
zelo cõtra
a sensualidade.*

com hum fervor mais que ordinario, representou, & encarecêo a maldade do peccado, a graveza da offensa divina, o rigoroso castigo, que ameaçava os peccadores; posto que tudo em gèral, sem nomear pessoa alguma, nem decer ao caso em particular. Foy tal a efficacia deste sermão, que a pessoa, que dava occasiã a tanto escandalo (que por outra parte era de autoridade, & respeito) se rendeo às vozes divinas, & aos brãdos do prêgador, & com grande resoluçam se apartou do peccado, & melhorou a vida.

3 Porèm o outro perdido, a quem o demonio tinha preso, & a sensualidade tornãra cêgo, entrou em tal furor contra o servo de Deos, que logo temerariamente se deliberou em dar morte cruel, a quem lhe pretendia dar a vida (que semelhantes peccadores, nem respeitã a Deos, nem perdoam aos homens) Voltavase jã o Padre d'Elvas pera o seu Collegio de Evora, depois de acabada a missã; costumava elle a hir sempre hum pouco atràs do companheiro, pera que sò, com mais liberdade, pudesse continuar na oraçam, em que sempre se exercitava pelos caminhos. Eis que subitamente, em hum lugar deserto, lhe sahẽ ao encontro certos homens armados, & rebuçados (porque

tal maldade nam se podia fazer com rostos descubertos) estes, com hum impeto infernal, & furia diabolica, o derrubãram no cham, & logo o pizãram aos couces; & depois, cõ hũ novo genero de crueldade, pondo as espadas de parte, declarandolhe a causa porque o vinham matar, o moeram com sacco de arã; pera que nos nam espantemos dos diabolicos tormentos, & infernaes generos de martyrios, com que os Dioclicianos em Roma, os Dacianos em Hespanha, os Saporez na Persia, per novos, & exquisitos modos atormentavam os Martyres de Christo, pois vemos entre Christãos tam grande crueldade, com huma especie de tormento, tanto mais cruel, & trabalhoso, quanto mais dilatava a morte, pera fazer mais penosa a vida.

4 Choviam sobre o servo de Deos as pancadas, multiplicavamse os golpes, moendolhe o corpo todo: sofria o bom Padre, com tanta constancia, & paciencia, que sem nenhuma resistencia offerencia o corpo aos golpes, dando graças, & louvores a Deos, por padecer por sua honra, & pedindo á imitaçam do bom I E S V, com grandes brados (couza admiravel) perdãm pera os algozes, que tam deshumanos o tratavam; atẽ que elles, nam menos satisfeitos,

Da cruel morte, que deram ao P. Manoel Fernãdes.

Exêplo ad
miravel
da chari-
dade do P.
Manoel
Fernâdes.

que cançados , persuadindose, que o deixavam já affaz morto, se foram, & o deixaram: porém o servo de Deos, ficando ainda cõ algũ alento de vida, chèo todo de mortaes dores, & cõ os bofes moidos , os tinha tam lavados pera os mesmos matadores, que com huma estranha demonstraçam de charidade, tirãdo forças da fraqueza (porque a charidade he muy valente) levantou a voz, & como se estiveira prègando, cõ o seu costumado zelo, lhes dizia : *Nam fugais, amigos, de quem vos ama, & mais sente, o peccado, que cometestes, que as dores, que lhe causastes: tornay a mim, senhores, que ainda estou viva, pera rogar por vós a Deos, & sofrer a morte muitas vezes. Nam vos temais da justiça da terra, que como nam derramastes sangue, nam há feridas, que vos publiquem, nem testemunhas, que vos culpem, nem eu se-rey parte pera vos acusar ; só da justiça divina vos podeis temer, & por isso em mim achareis o remedio pera o perdã, & nam queixas pera vossa condemnaçam; peçovos, nam como a inimigos, mas como a meus muito amigos; pelas entranhas da misericordia de I E S V Christo, que aceiteis de mim o perdã, que vos dou diante do tribunal da divina justiça, perdoandovos de coraçam, por amor daquelle Senhor, que rogon a seu Pay eterno por quem o crucificava. E pois já tendes perdã da parte, livrayos logo*

aqui, diante deste eterno juiz; & porque vos sera muito difficuloso achardes quem vos absolva deste sacrilegio, & excommunham, em que en-correstes; vindevos a mim, com toda a confiança, que eu, pelos poderes, que tenho, logo vos absolverei.

5 Foram tam efficazes os brados d'este servo de Deos, dados nesta hora, & circumstancia, que de tal maneira abalaram o coraçam de hũ d'aquelles homicidas, que tornado de leãm bravo em cordeiro manso, se lançou aos pés d'aquelle, a quem pouco antes pizãra com os seus proprios (sam effeitos da divina graça, que he muy apressada no obrar, quando entra de posse de hũa alma (chora o triste peccador arrependido; pede, com lagrimas, perdã da morte, que causou no corpo a quẽ cõ brados lhe pretendia dar a vida da alma. Aos brados de Christo, morrendo na cruz, attribuio o sagrado Evangelista a conversã do Centuriã, *Videns quia sic clamans expirasset; à oraçam de sancto Estevã apedrejado, attribuio sancto Agostinho, a mudãça de Paulo arrependido; os brados, & orações deste bom Padre, causarã a conversã repentina d'este peccador. Caso notavel; estava o servo do Senhor espirando, porém com perdoar, & absolver a seu matador, tornou a respirar, con-*

Como se
arrepêdeo,
& cõfessou
logo hũ dos
matadores

^a
Mat. cap. 15.
n. 39.

^b
Aug. to 10 ser.
1. de S. Steph.
Si sanctus Ste-
phanus sic non
orasset, eccle-
sia Paulum nõ
haberet.

fessou em fim, absolvéoo, chorou com elle, dando graças a Deos, por ver tam acelerada penitencia, sendo o P. juntamente o juiz, & o aggravado; dādo da parte de Deos o perdão, q̄ já da sua lhe tinha concedido; & mostrādo se mais apressado em curar a culpa, de quem lhe quiz dar a morte; que em tratar da cura, pera recuperar a vida: varām verdadeiramente prégador, & executor; porque prégava a paz, & logo a procurou: & tenho este caso por mais milagroso, do q̄ se refucitara o Padre alguns mortos; porq̄ na opiniam de S. Agostinho, nam ha mayor milagre, que amar os inimigos.

6 Nam morreo aqui logo este bēaventurado varām, querendolhe Deos dar a cōsolaçam de vir acabar no seu Collegio d'Evora, entre seus irmãos; o mesmo matador, & peccador arrependido, chorando mil lagrimas, lhē deo a mam, & o ajudou a trazer ao Collegio, & depois publicou, & cōtou esta historia tam notavel; porque este grande servo de Deos, assim como nam teve boca pera se queixar, assim nam teve animo pera a declarar. Foy grande o sentimento em toda a cidade d'Evora, quando souberam o estado q̄ tinham o seu grande prégador: o mesmo senhor Cardeal Infante D. Henrique, pela grāde opiniam, q̄ tinha de suas virtu-

des, o foy visitar à cama; aonde, depois de receber os sacramentos, cō o nome de IESV na boca, acabou este fiel servo, morrendo verdadeiramente em seu officio, como prégador da verdade; prégãdo a, & morrendo por ella: & nam he pequena gloria deste real Collegio d'Evora, q̄ o primeiro prégador, q̄ teve, acabasse cō morte tã gloriosa, a qual succedeo no anno de 1555. em q̄ se cōtavam já desfaisseis da Companhia.

7 Tanto que na cidade se soube, que era morto o seu grāde prégador, & se começou a romper o genero de martyrio, com que acabara a vida presente, nam se pōde crer o grāde sentimento, q̄ em todos houve, concorrendo à nossa casa, pera acompanhare na morte a quem tãto bem lhe fazia sendo vivo. Aco-dio a cidade toda a seu enterramento, procurando todos tomarlhe algũa cousa; ao menos de seus vestidos, q̄inhã por muy prezada reliquia: & nam tendo os nossos ainda Igreja, aonde o pudessem enterrar, cōtendendo logo muitas, sobre qual dellas havia de levar o nobre deposito de seu corpo; finalmente venceu a Sê; & sahindo o Cabido cō a clerisia, o vieram buscar a nossa casa, donde revestido com o ornato sacerdotal, foy levado, com hum solenne acompanhamento de toda a cidade, até

^a
August. in lib.
Confess. Nihil
mirabilius in re-
bus humanis,
quam diligere
inimicos

Veyo o P.
ainda mor-
rer ao Col-
legio.

Do grāde
sentimēto,
q̄ houne da
morte do
P. Manoel
Fernādes.

Como foy
enterrado.

à Sé, aonde foy depositado na sepultura, que hum Conego principal, por nome Gomes Pires (homem de muita virtude, & de grande autoridade) pera isso offereceo, dizendo, que tinha por grande dita sua, poder honrar sua cõva com os ossos de tam grande servo de Deos, que d'ella, no dia do juizo, se levantaria muy confiado, em companhia do Padre Manoel Fernandes. Nem pararam as lagrimas dos vivos com a sepultura, que deram ao corpo morto, porque por muitos dias continuaram os choros, repetiam os prantos, & se dobravam as saudades dos que hiam chorar sobre sua sepultura, chamandolhe servo de Deos, homem sancto, pay dos pobres, & remedio dos peccadores.

8 No anno de mil, & quinhentos, & oitenta & nove, tratou o Arcebispo Dom Theotónio de o tresladar pera a nossa Igreja; acharamlhe inteiros, & incorruptos os ornamentos sacerdotaes, com que havia quasi trinta & cinco annos fora enterrado; acodio a cidade, bradando todos, vamos ver o sancto; com grande solennidade foy trazido, & depositado em hum caixam, na nossa capella de Sam Vicente, assistindo o Arcebispo, com hum solennissimo officio; tudo bem

merecido por hum varãm tam apostolico, que viveo prégando, & morreo perdoando.

9 Esta foy brevemente a vida, & a morte do primeiro prégador, que teve a nossa Companhia, na cidade de Evora, que foy hum bom pronostico dos illustres varoens, & prégadores Apostolicos, que ao diante houve neste sancto Collegio; o qual deixaremos agora atè o tempo em que foy Provincial o Padre Diogo Mirãm, em que succedeo a mudança pera o novo Collegio, que hoje temos naquella cidade, & entam tornaremos a continuar com suas cousas, que agora deixamos muito em seu principio; & renovaremos o gosto, que temos em falar na fundaçam deste real Collegio, & de sua Vniversidade; como o que gosta muito de huma iguaria, procura, que muitas vezes lhe venha á mesa: agora he necessario hirmos a Coimbra, & a Lisboa, pera contar os mais successos, pertencentes a este mesmo anno, em que himos de 1551.



Da solennidade cõ q
foy tresladado.

CAPITVLO XXV.

*Dos grandes fervores de mis-
soens, que havia neste tempo,
no Collegio de Coimbra; & de
treze Religiosos, que este anno
foram pera as partes da
India, & do
Iapam.*

EM quanto os nossos Religiosos ficam na cidade de Evora, da maneira, que temos apontado, & em quanto nam os tornamos a visitar, com o Padre Comissario Ieronymo Natal (que succedeo no anno de 1554. no qual continuaremos com as cousas d'aquelle real Collegio) Vamonos ver o Collegio de Coimbra, aonde acharemos muy acesos os fervores das missoens da India, & conversam da gentildade. Chegaram a Portugal as boas novas da ditosa morte, pela fé, do Padre Antonio Criminal, que foy o primeiro da Companhia, que animoso deo a vida, pela pregação do Evangelho; & como se aquelle sangue bradasse da India, pedindo missoens a Portugal (assim como bradava o sangue de Abel, ^a pedindo justiça a Deos) era tal o divino

fogo, que se tinha atcado em todos os moradores d'equelle sancto Collegio; que confessavam os superiores, que se nam podiam valer com cartas, & memoriaes dos que pretendiam ser eleitos, pera tam gloriosa empreza, & preferidos em tam sollicita pretensam: que na verdade sempre esta foy a melhor bençam, & o principal do te, com que Deos nosso Senhor enriqueceo este Collegio, filho primogenito da Companhia, continuando sempre nelle, o vivo desejo, & ardente zelo, de se acharem presentes, aos ardores da Zona torrida, à furia dos ventos, à bravosidade dos mares, às setas dos Brasis, às lanças dos Mouros, às catanas dos Iapoens, & aos perigos do mundo todo, pelo amor do bom I E S V, de quem aquelle Collegio tem o nome, & de quem participa a graça.

2. Com a vinda de Roma do Padre mestre Simam, cessou o Padre Luis Gonçalves da Camara na substituição do officio, que lhe ficara encomendado, de ser mestre do Principe, & foy logo mudado pera Coimbra (aonde era a sua ordinaria estancia) pera promover, com sua presença, o bẽ daquelle Collegio; & foy tal a consolação, que teve, com ver, & experimentar este celestial fogo de

mil-

Vide lib. 2. c. 1.

^a Gen. 4. n. 10.
Vox sanguinis
fratris tui, cla-
mat ad me de
terra.

Vay o. P.
Luis Gonçalves
ves a Co-
imbra.

Anno de
Christo de
1551.

Anno da
Companhia
12.

missões, que ardia em todos aquelles Religiosos, que lhe pareceo, que nam tinha mais grata, & mais laborosa nova, que mandar a sua Alteza, do que esta, em que lhe relatasse os desejos, q̄ em todos havia, de hir converter almas ao Oriente, & ao Brasil; & porque achey no Cartorio de Coimbra a carta, que escreveo a elRey por esta occasiã, neste mesmo anno de 1551. me pareceo relatala aqui letra por letra (pera consolaçam, & exẽplo dos habitadores d'aquelle sancto Collegio) a qual diz assim.

Carta do
P. Luis Gõ
calves da
Camara,
pera elRey
D. Ioãmo
III.

3 Achey, senhor, tanto fervor nesta casa, tanta obediencia, & humildade, com todas as mais virtudes, que parecem necessarias à perfeiçam, que a Companhia pretende, que ainda que eu trabalhãra muitos annos em serviço de nosso Senhor, somente com o prêmio de ver isto, & conversar tam sancta gente, me tivera por muy satisfeito. Vossa Alteza deve dar muitas graças a nosso Senhor, & ter por muy certo, que desta vinha, que aqui plantou, há de colher o fructo, que muito agrada ao mesmo Senhor. Ao menos, se vossa Alteza fundou este Collegio, pera cumprir com as obrigaçoens, que tem às almas da India, do Brasil, & às mais terras dos infieis, bem pôde ter por certo, que pera isso estam todos bem aparelhados, & andam nisso tam acesos, que he grande trabalho ter nam neste Collegio, que se nam passe todo à India, & ao

Brasil, & mais terras dos infieis. Os demais delles deram suas rezõens, & trabalhãram de persuadir, que os mandassem; & fora os quatro nomeados pera o Brasil, outros tres, ou quatro mostrãram tam excessivos desejos, com tantas lagrimas, & com tam vivas, & efficazes rezõens, que pareceo ao Padre ser obrigado a mandalos, por nam resistir ao Spirito sancto; principalmente sendo o desejo de hir pera o Brasil, donde se escreve, que há necessidade desta gente. E pera que os mandassemos de melhor vontade, pagou logo Deos dantemam, com quatro, ou cinco, que já estam recebidos, & com muitos outros idoneos, que andam moridos pera entrar na Companhia, so pelas rezõens, que lhe deram pera sabir della os que sam sabidos. Pareceme, que nam quiz Deos mais que ver este Collegio limpo de filhos do mundo, pera lhe dar a criar os seus. E porque vossa Alteza de tudo isto foy causa, desejamos todos muy affectuosamente de pagar esta merce, com continuamente pedir a nosso Senhor pague a vossa Alteza nesta vida, & na outra tanto serviço, como lhe nisto tem feito. Coimbra &c.

3 Atẽqui a carta do Padre Luis Gonçalves da Camara, na qual, assim como refere os sanctos fervores dos verdadeiros Religiosos da Companhia, assim tambem toca nas despedidas de outros, que entre os filhos legitimos, nunca faltãram

Anno de
Christo de
1551.

542

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno da
Companhia
12.

*Nomes dos
treze Reli-
giosos, que
este anno
foram pe-
ra a India.*

*Missam pe-
ra a India
de treze Re-
ligiosos.*

alguns, que degeneraram, per-
dendo por suas faltas a religiã, a
que Deos os tinha chamados; mas
por isso o ouro da Companhia he
dentro mais puro, porque custuma
lançar fora a escória. Vendo pois
o Padre mestre Simam os grandes
fervores dos pretendentes da India,
& quanto o Oriente necessitava de
operarios, conforme as cartas, que
escrevia o grande Apostolo S. Fran-
cisco de Xavier (por causa da nova
entrada, que tinha feita nos Reynos
do Iapam) despachou este anno pera
a India treze Religiosos do Collegio
de Coimbra; & segundo as memoria-
s, que acho, foram muy poucos, a
respeito dos muitos, que pretendiam
este bem, de hir dar as vidas no
Oriente, movidos do exemplo do
Padre Antonio Criminal, morto pela
fé às lançadas pelos Badagás, & à
vista das obras milagrosas do Pa-
dre S. Francisco de Xavier.

5 Hiam aquelle año pera a In-
dia oito nãos de viagẽ, & todas
sahiram da barra de Lisboa dẽtro
do mes de Março, mas em diversos
dias, por causa da variedade dos
tempos. Na capitania, que se chama-
va a não Espera (na qual hia Diogo
Lopes de Sousa por capitam mór da
viagem) se embarcou o Padre
Melchior Nunes Barreto (de quem
muitas vezes temos falado) doutor
em Theologia, pela

Vniversidade de Coimbra, & Irmã
do Padre Patriarcha D. Ioam Nunes
Barreto (de quem adiante falaremos)
o qual hia por superior da missam.
Levava em sua companhia o P. Antonio
Herédia, & tres Irmãos, a saber,
o Irmã Ioam da Costa, o Irmã
Melchior Dias, & o Irmã Aleixo
Madeira. Em outra não hia o Padre
mestre Gõçalo Rodrigues, com dous
companheiros, que eram o Irmã
Antonio Dias, & o Irmã Manoel
Teixeira, que veyo a ser na India
hum grande letrado. Em outra não
hia o Padre Manoel de Moraes o
velho, cujos companheiros eram o
Irmã Pero d'Almeida, o Irmã Ior-
ge Nunes, o Irmã Thomás, & o
Irmã Guilherme, ambos Frangosos.

6 Foram tambem este anno, pera
a India, encoitados aos nossos, huns
nove mininos orfãos, com mais hum
supernumerario, da casa, que pera
seu remedio se fundou em Lisboa,
pelo Abbade Pedro Domenec, natural
de Catalunha, no anno de 1549. aos
quaes mandou el Rey dar humas
casas, no sitio aonde agora estam,
á Mouraria, sahindo das portas de
Sam Vicente (& assistindo o mes-
mo Rey, & a Rainha na primeira
missa, que se disse naquella sua
apertada Igreja; tanta era a piedade
d'este esclarecido Prince-

*Mininos
orfãos, que
el Rey mã-
dou pera a
India este
anno.*

Vide n. 1. c. 22

pe:

pe) d'estas casas, aonde ainda hoje vivem, se podiam commu-
nicar os mininos orfãos, por dē-
tro, com os nossos, que mora-
vam em S. Antam o velho; os
quaes naquelles principios pro-
movèram grandemēte esta boa
obra, de tanto serviço de Deos,
& emparo de muitos pobrefi-
nhos, que ao diante sahíram
muy aproveitados em letras,
& virtudes. Mandava S. A. es-
tes mininos orfãos pera a India,
pera lá se criarem à nossa som-
bra, com a doutrina da Compã-
nhia, & se applicarem a ser ido-
neos ministros da Igreja, na-
quellas partes. E em effeito, es-
tes nove foram de muito pro-
veito pera o culto divino, & ser-
viço das Igrejas, cantando, & of-
ficiando as missas em cãto d'or-
gam, com muita destreza. Tam-
bē, em quanto durou a navega-
çam, se ajudarã os PP. d'estes mi-
ninos orfãos, pera espertarem a
devaçam aos navegantes; assim
nas doutrinas, que se faziam to-
dos os dias, como procurando
tambem, que cantassem, & ale-
grassem a gente do mar, com
cantigas devotas, cessando des-
ta maneira as musicas profanas:
todos os dias, com os Padres,
diziam a Ladainha; & às festas,
& quartas feiras a cantavam
publicamente, & à boca da noi-
te entoavam a antiphona da
Conceiçam da Virgem nossa
Senhora, antes de se dar final

*De quãto
proveito fo-
ram os mi-
ninos or-
fãos nesta
viagem.*

às Avemarias; estas acabadas,
em voz alta, lembravam as al-
mas do Purgatorio, o estado da
sancta Madre Igreja, & os que
estavam em peccado mortal.
As festas feiras liam publica-
mente, no convês da não, algu-
mas cousas da paixam de Chri-
sto nosso Redemptor. Ao sab-
bado, junta toda a gente da
não, cantavam devotamente a
salve á Virgem Maria Mãe de
Deos. Aos domingos, & dias
sanctos, prégavam os nossos Pa-
dres, & diziam missa ao uso do
mar, naquelle tempo; acodiam
aos enfermos, com a charidade
tam costumada dos nossos, em
semelhantes viagens.

CAPITULO XXVI.

*Do mais que succedeo aos nos-
sos missionarios nesta via-
gem da India.*

I **D** Ecêdo mais ao par-
ticular, do muito q̃
Deos foy servido o-
brar pelos nossos, nesta viagem
da India, se tem por cousa mi-
lagrosa o que sucedêo à não,
em que hia o Padre Manoel de
Moraes; porque havendo de
passar a linha, lhes deo tal cal-
maria, & durou por tanto tem-
po, que a gente totalmente per-
dêo a esperança de passar à In-

*Notavel fa-
vor, q̃ Deos
fez n hũa
daquellas
nãos, pelas
orações de
hũm nosso
Padre.*

Anno de
Christo de
1551.

Anno da
Companhia
12.
Como se
houve o P.
M. Mel-
chior na
sua não.

dia, porque já lhe faltava o m̃timento, & sobejavam as doencas. No meyo desta desconso- laçam ordenou o Padre Ma- noel de Moraes huma procif- sam, na qual sahio com os seus nininos orfãos, & com muitos disciplinantes, começando de hum altar, que se levantou na poppa, até outro, que se fez no castello da proa, com hum re- tabolo de Nossa Senhora da Piedade: cousa foy affás digna de admiraçam, que dadas tres voltas pela não, & chegando ao altar da Virgẽ do pé da Cruz, bradando a Deos misericordia, logo o Senhor das misericor- dias (por intercessam de sua sã- ctissima Mãe) ouvio os rōgos dos affligidos navegantes, aco- dindo, no mesmo ponto, com vento galerno, que foy cada vez refrescando mais, & affo- prando em poppa, até os meter seguros pela barra de Cochim. O trabalho do Padre Manoel de Moraes, nesta sua não se lhe dobrou, porque elle foy o que em toda a viagem servio de Cu- ra, & de Capellam da não; & o que mais he, foy sempre o enfermeiro; & finalmente veyo ádoecer de puro trabalho, a- brangendo tambem o mal aos companheiros, posto que foy Deos servido de lhes dar sau- de, pera continuarem na In- dia com estes sanctos traba- lhos.

O P. Ma-
noel de Mo-
raes servio
de Cura na
sua não.

2. Em a não capitania, em que hia o Padre mestre Mel- chior, houve tãta reformaçam, & emenda dos m̃os costumes (ordinarios em semelhãtes via- gens) por causa do sancto zelo, & incansaveis trabalhos deste servo de Deos, que diziam os officiaes da não, que tendo na- vegado muitas vezes aquelles máres, nunca tinham visto nos navegantes semelhantes proce- dimentos na virtude, & assim lhe chamavam a não sancta. Ajudou muito a esta sancta no- vidade o exemplo, que dava o capitam m̃or Diogo Lopes de Sousa; o qual, por dar gosto ao Padre, mandou lançar hum bã- do, que ninguẽ jurasse naquella não, nẽ jugasse mais q̃ até certa contia, executando em sy o ri- gor da ley, que puzera aos ou- tros: exercitando em tudo nam menos sua muita christandade, que sua grande fidalguia. Desta maneira hia a não em poppa nos bons costumes, & hiam os Pa- dres muy bem navegados nas cousas do serviço de Deos, por- que nenhuma intentavam com os navegantes, da qual nam alcançassem o bom successo. Ata- lhãram muitos desafios, que naquelle tempo eram muy or- dinarios entre os Portugueses, que nam arreceavam, por ga- nhar honra á força de braço, perder a vida, com risco da sal- vaçam.

Anno de
Christo de
1551.

Como Deos
livrou a
náo de hñ
baixo mi-
lagrosa-
mente.

3 Hum caso succedeo nesta não sancta, que todos entã tiveram por milagre, que Deos obrou pelas oraçoens do Padre Mestre Melchior. Navegava a capitãnia mar bonança, vento em poppa, saudando já a terra, com grande festa dos navegantes, à vista de Moçambique, quando de repente foy varar em hum seco, & se assentou sobre huma lagẽ, a tempo que valava a marè. Grande foy a confusam, que sobresalteou aos passageiros: a não se assentou no baixo, mas elles levantaram os gritos ao céu, bradando a Deos misericordia, & dandose todos por perdidos, acodiam hñs a alijar a fazenda ao mar, outros a cortar o mastro grande, muitos se lançavam a nado, & o piloto, como se estivesse doudo, dava em sy. Nam perdeo o animo, neste grande perigo, o Padre mestre Melchior, animando a gente, & exortandoa a ter confiança em Deos; que nos maiores perigos, custuma socorrer cuydadoso aos que delle se valem confiados. Recolheose a fazer oraçam, na qual Deos lhe deo claro conhecimento de como costumava favorecer aos q̃ tratam do zelo do proximo, & da honra divina. Acabou o Padre a oraçam, sahio do camarote, & foy coula maravilhosa, que havendo huma hora, que a não estava assentada sobre a

pedra, & saltando cada vez mais a agoa á não, porque valava a marè, de improviso se levantou do baixo, & começou a nadar, sendo grande; & muy carregada, sem tomar agoa; & sem dano, ou perigo algum, foy direita lançar ferro no porto; dando infinitas graças ao Senhor, & attribuindo todos esta merce aos merecimentos do Padre mestre Melchior, cujas oraçoens, tanto que chegaram ao alto do céu, logo Deos livrou a não do baixo de Moçambique.

4 D'ahi a huns dias chegou tambem ao mesmo porto o Padre Gonçalo Rodrigues em a sua não; & se ajuntaram aly dez Religiosos da Companhia, que todos se empregaram na cura dos doentes de seis náos, que das oito aly vieram aportar, festejandose muito hñs aos outros, quando de novo chegavam, & já lá achavam seus naturaes, & amigos. Em a não sancta Cruz, da qual era capitam hum Miser Bernardo, vinham tres Religiosos da sagrada ordem dos Prègadores, todos de muita virtude, de grande religiã, & zelo das almas: os nossos da Companhia os foram receber em procissam, cõ muita solennidade, com alegres musicas, que lhe davam os mininos orfãos, edificandose muito os Portugueses de ver tanta uniã de vontades, que sempre

Chegao P.
Gonçalo Ro-
drigues a
Moçambi-
que.

Anno de
Christo de
1551.

546

Anno da
Companhia

1277

Grãdestra-
balhos do
Irmam Ior-
ge Nunes.

he a mesma, aonde sò reyna o desejo de contentar a Deos, & aonde vive o zelo de salvar as almas. Detiveramse estar náos em Moçambique até o principio de Setembro, & todas juntas, com monção tendente, deram à vela pera Goa: & como os doentes eram muitos (em especial na capitania, aonde mais concorreo o peso da gente) creceo, com esta occasiã, o trabalho aos nossos, & em particular ao Irmam Iorge Nunes, que de puro trabalho veyo a morrer, estimando muito dar nesta occasiã a vida propria, por remediar a saude alheã.

5 A este bom Irmam chamava, em huma sua carta, o Padre mestre Melchior verdadeiramente martyr no affecto, pois desejando tanto hir á India, pera que o matasem, prégando aos gentios, veyo a morrer no mar, curando aos enfermos. Foy finalmente tanto o que estes nossos Padres trabalharam nesta navegaçam, que se deo por obrigado o Visorrey Dom Affonso de Noronha (filho do segundo Marqués de Villa real Dom Fernando de Noronha) que entam presidia na India, a escrever ao Padre mestre Simam, gratificandolhe aquelles illustres operarios; & dizendo, com grandes encarecimentos, que ainda que os nossos Religiosos nam fossem ao Oriente

mais que pelo muito que serviam a Deos no tempo da viagem, podiam dar por bem empregados, seus grandes, & muy gloriosos trabalhos; o que agora eu aqui aponte, pera que vejamos quam antigo he este bom costume, dos nossos missionarios ajudarem os navegantes, & pera q̃ nos animemos todos a cōtinuar estes sãctos exercicios, persuadindonos, que entam cōtentamos mais a Deos, quando servimos melhor aos proximos.

CAPITULO XXVII.

De como se houve na India o Padre Melchior Nunes Barreto, o qual foy o primeiro prégador, que entrou na China; & dos muitos trabalhos, que padeceo na jornada do Japão.

I **D** Espidamonos dos Padres d'esta gloriosa missã, em darmos novas a esta Provincia, mãy sua, de quam acertado fosse dalos à da India. Pareceria a alguem, que a pessoa do Padre Doutor Melchior Nunes Barreto, suas letras, & sua mui-
virtude, excellente governo, &

illustres

illustres partes, de que Deos o dotou, se nam deviam de tirar de Portugal, pera o mandar pera a India: como tambem culpára por cousa menos acertada, quem vir com ôlhos humanos, o grande numero de doutores, & de pessoas gravissimas, que esta Provincia, pelo discurso dos tempos, foy largando de sy, pera se empregarem na empreza do Oriente. Porém os que julgarem estas acçoens com os ôlhos em Deos, sem duvida ham de achar, que sam muy bem empregados todos os que esta Provincia manda pera a India; porque assim como nam se perde o que a Deos se entrega, assim fica a Companhia ganhando seus subditos, que vam á India perder a vida, por ganhar as almas; porque aqui vem frizando aquella divina sentença do Senhor, ^a que achará a vida ganhada no ceo, quem por amor d'elle a perdeu no mundo.

2. O principal d'esta missam foy o Padre mestre Melchior, tam nomeado nas cartas do Japam, hum dos mais exemplares, & mais autorizados missionarios, que esta Provincia de Portugal, tam fertil em bons sogeitos, mandou á India; de sua entrada na Companhia falamos no livro primeiro, ^b capitulo 22. Grandes foram os trabalhos, que pelo bem das almas pade-

ceo este grãde servo do Senhor, verdadeiro imitador do Apóstolo do Japam S. Francisco de Xavier. Eram taes as consolaçoens, que Deos lhe communicava, que numa carta, que da India escreve, entre outras diz estas palavras: *O quam doce he a experiencia dos gostos, que Deos comunica por meyo de sua Cruz? Quam grande socorro da de consolaçoens nos trabalhos, & tribulaçoens; quam manifesta intelligencia de muitas cousas, que antes desta experiencia sam muy escuras de entender?*

3. Chegado a Goa na sua não sancta, foy muy festejado pelo glorioso Padre S. Francisco de Xavier, porque logo conheceo quam bom companheiro tinha no Padre mestre Melchior. Mandou o a Baçaim, aonde se applicou tanto ao bem dos proximos, que de todo se esquecia de sy mesmo, ficando ás vezes o dia todo sem comer bocado, por nam faltar no pasto espiritual de seus proximos. Ao Domingo prégava duas vezes, & quatro pela semana, sempre com grande fructo dos ouvintes, & com muitas cõversoes de gentios.

4. Nam deixava, com a occupaçam das prègaçoens, a da sancta doutrina, á imitaçam do bemaventurado Padre mestre Francisco; hia todos os dias com a campanha pela cidade, chamando a gente á doutrina.

Como acodia a fazer doutrinas.

^a
Ivan. 12. n. 2.
Qui dicit animam
suam in hoc mundo,
in vitam æternam
custodit eam.

^b
Lib. cap. 22.

O tempo, que lhe ficava, dava às confissoens; deputava pera o confissionario certos dias, nos quaes aturava da menhã até duas, ou três horas da noite, alegrándose sobre maneira, quando via ajoelhados no confissionario, por suas prègações, e rendidos algũs peccadores, imitãdo na terra o gozo, q os anjos tem no cèo com suas conversoens. Pera o muito abalo, & muitas mudanças de vidas, que no povo houve, ajudou muito hum jubileo, que o Padre lhe publicou, com tanto zelo, & preparaçam, que só a fim de a gente estar mais disposta, pera receber a graça divina, & as graças, que se podiam ganhar com o sancto jubileo, fez primeiro trinta sermoens, sobre esta materia. Brotaram com tal aparelho, no exterior, grandes effeitos da graça interior, & uniã do Spirito sancto, disciplinandose muitos publicamente pelas ruas, & praças; outros com cruces às costas; outros com huma cáveira na mam esquerda, & disciplinas na direita; que com estes sinaes exteriores, quer Deos tambem, que o sirvam aquelles, que foram rebeldes em o offender.

Foy homẽ de muita oraçam.

5 Foy o Padre mestre Melchior homem de grande espirito, & muy conhecida devaçam, muy dado á oraçam, & ao trato, & familiaridade com Deos, mas nem por isso se esquecia

de acodir ao proximo; & assim se davam as mãos as duas vidas contemplativa, & activa, que parecia nivelado pelo molde de ambas. Tinha muitos discipulos nesta escola do espirito, assim Religiosos, como seculares, nos quaes havia grande reformaçam de custun es, procedendo, & vivendo todos com tal perfeiçam, como se fossem noviços. Dos Portugueses era tam amado, pela sancta affabilidade, que tinha em sua conversaçam, que até os homiziados, que em desserviço d'el Rey de Portugal, se hiam fugindo a terra de Mouros, acodiam ao Padre, com grande confiança, & elle os redusia, trazendos a Deos, & aquietandoos com el Rey.

6 Achou o Padre mestre Melchior, por aquellas partes, muitos hereges luteranos (que em toda a parte pega a contagiã d'esta peste) os quaes, a titulo de bombardeiros passavam à India, pera afeftar sua artilheria do inferno, & fazer tiro cõtra a verdade catholica, publicando, & repartindo muitos livros escritos em lingua Tudesca, & hum psalterio de David, commentado com as preverfas mentiras do impio Martim Luthero. Felos o Padre prender, atalhando o incendio, com que estes infernaes Vulcanos, queriam abraçar a India, que com

Como se houve cõtra os hereges.

mais

mais facilidade se atearia naquella gente ignorante, do que o fogo na polyora das suas bõbardas; & nam se contentando cõ o castigo, q̄ fez dar na India, a estes malvados hereges, escreveu a Portugal, sobre a grande cautela; q̄ se devia ter no exame dos estrangeiros das partes Septentrionaes, quando houvessem de hir pera as conquistas da India.

7 Muy bem occupado andava o P. M. Melchior, convertendo os gentios, & réformãdo os christãos, quando, por falecimento do Padre mestre Galpar em Goa, & do Padre Sam Francisco de Xavier às portas da China, ficou Provincial por nomeaçam do mesmo sãcto Padre Xavier (que sò tam grande fogeito poderia encher tal lugar, & ter forças bastantes, pera succeder a dous tam valentes Atlantes) porém elle estimou antes mostrar, quam de proposito pretendia seguir os trabalhos d'aquelles excellentes capitaens, & que antes queria imitalos nos fuores, que succederlhes nas prelasias: ficando o governo a outro; correo muita parte da India, foy a Malaca, aonde fez muito serviço a Deos; & d'ahy navegou pera Iapam, com grandes perigos, por mar, & por terra; & nam podendo d'esta vez lançar ferro nestas suas tam de-

fejadas ilhas, achando occasiam de embarçam pera a China, entrou de caminho nas lhas de Champeiloo, Lâpacau; & tambem esteve em a ilha de Pulotimam, arribando à costa do Malayo, com grandes perigos: foy à ilha de Sancham, aõnde vio o lugar da sepultura de seu grande amigo o Padre Sam Francisco de Xavier; & nelle, com grande copia de lagrimas, & com toda a solennidade possível disse missa, & prégou.

8 D'aqui passou á China, entrou na gram cidade de Cantam (q̄ elle dizia ser como Lisboa) foy o primeiro prégador do Evangelho, q̄ teve esta gloria de se lhe abrirem as entradas da China, q̄ até entam parece q̄ estavam fechadas cõ muralhas de aço, & cõ ferrolhos de diamante: que verdadeiramente attribuímos este milagroso successo nam menos às oraçoens do grãde Xavier ja morto, que aos innumeraveis trabalhos do P. Mestre Melchior. Duas vezes entrou nesta cidade de Cantam, dando as primeiras, & alegres novas do Evangelho, áquellas gentes, disputando com os sacerdotes dos Chins, confundindo seus erros, alcãçando gloriosas victorias, & lançãdo os primeiros fundametos do grãde edificio d'aquella christãdade, tẽdo nestas êtradas os trabalhos,

Entrou na ilha de Sancham.

Orland. lib. 15. n. 134. In annis Japon. fol. mihi 47.

Duas vezes entrou na China.

Deixa o cargo de Provincial, & vay-se ao Iapam.

& merecendo tambem as glorias de primeiro Apostolo da China; que só por esta façanha deve ser eternizado o nome deste grande servo de Deos, dignissimo Irmam do Patriarcha D. Ioam Nunes Barreto, de quem adiante falaremos.

9. Porèm, porque os desejos, que tinha de entrar tambem no Iapam, eram vehementissimos; a pezar de infinitas difficuldades, depois de continuar dous annos, nesta sancta porfia, atravessando mares, padecendo naufragios, perseguido de cofarios; entrou finalmente nesta sua desejada terra de promissam, (q sem grãdes perigos nam se fazẽ grãdes façanhas) No Iapam foy visitar o Rey de Bungo, da parte de Deos, & em nome do Visorrey da India, acõpanhado de 40. Portugueses, q quizeram fazer aquella hõra ao Padre, & aquelle serviço ao Evangelho, entrãdo cõ todas aquellas ceremonias, q se contam de outra semelhante entrada do Padre S. Frãcisco de Xavier sendo nesta, & noutras occasiões, seu interprete o Irmam Ioam Fernandes, de quẽ temos falado muitas vezes. Mostrando o P. M. Melchior, em todas estas emprezas, a grandeza de seu animo, o fervor de sua charidade, & os quilates de seu abrazado zelo, q sempre o acõpanhou, atẽ dar a vida nestas sanctas occupaões,

hindo ao cẽo receber a coroa tecida cõ os trabalhos, que padecio, procedendo em tudo como se esperava do successor de S. Francisco de Xavier, a quem reverenciava como pay, & estimava como sancto, trazendo sempre consigo, como preciosissima reliquia a sobrepeliz deste milagroso varã, por meyo da qual escapou de grandes perigos.

10. Nas nossas cartas do Iapam anda, entre outras, huma d'este inestimavel Padre, escrita de Cochim a 10. de Janeiro de 1558. que he admiravel, & parece de hum S. Paulo, digna de varã tam apostolico, na qual conta parte de seus innumeraveis trabalhos, que teve na entrada da China, & do Iapam, padecendo todos, com alegre animo, & offerecendo a vida tantas vezes, pelo bem daquelles gentios, & por trazer ao rebanho do Senhor aquellas ovelhas perdidas; que tudo isto podiamos esperar do Padre mestre Melchior, que foy aquelle, de quem contamos no primeiro livro, que levou as costas o carneiro esfolado, por ordẽ do P. M. Simam, no dia em q se fez doutor na Vniversidade de Coimbra; & quẽ entam, com tanto animo, tomou aos hombros o carneiro, bem mostrava naquella promptidam, a vontade, cõ que

Vide Fernam Mend. Pinto c. 125.

Lucen. lib. 9. cap. 5.

Lib. 2. c. 19.

P. Lucen. lib. 10. c. 23.

In annis Iapamiz ann. 1558. fol. mihl 47.

Lib. 1. cap. 22.

ao diante se havia de offerecer a trazer, pera Christo, tantos cordeirinhos innocentes, que bautizou, & tantas ovelhas desgarradas, que encaminhou. D'este grande servo de Deos faz muy honorifica mençam Fernam^h Mendes Pinto, quasi nos ultimos capitulos de suas peregrinaçoens; em que teve por vezes o P. mestre Melchior por muy bom companheiro; & tudo o que aly diz, he conforme com as cartas, & noticias, q̄ temos entre nós, que sam muy certas.

^h
Vide Fernam
Mendes Pinto.
c. 229. & c. 225
& sequentibus.

CAPITULO XXVIII.

Dãse huma breve noticia do Padre Manoel de Moraes, & do Padre Gonçalo Rodrigues, que nesta missam foram pera a India.

Agora daremos brevemente conta do Padre Manoel de Moraes, a quem chamaram Senior, homem muito nobre, natural de Bragança (donde procedem os da familia dos Moraes) entrou na Companhia no anno de 1544. foy mādado, em desembarcando, à ilha de Ceilam, pelo P. S. Francisco de Xa

Do muito que fez o P. Manoel de Moraes pelo bem das almas.

vier, sendo capitam da ilha Dõ Duarte de Sã, fidalgo de muito valor, & piedade; ao qual era tã aceito o Padre Moraes, que depois, em Portugal, o apregoava por sancto, & dādo a rezã de sta sua opiniã, dizia, que nũca nelle sentira effeito de carne, se nam de espirito, & q̄ nam tratava de cousas da terra, senam do cẽo. Occupouse o P. Manoel de Moraes em Ceilam, primeiramente entre os Christãos, em arrancar da terra abusos, & peccados publicos, como era comerem gẽralmente carne às festas feiras, & sabbados, & na quaresma, tam desafortadamẽte, que quando o Padre começou de prẽgar contra esta impia largueza dos costumes, tam fora da obrigaçam, & piedade christã, se riam os ouvintes d'isto, lançando a cousa a passo (que assim costumam fazer os que nam querem ser cortesãos pera com Deos) Porẽm tanto porfiou o bom Padre, que lhe vieram a pedir perdã, emendando as vidas d'ahi por diante. Houve publicas mostras de cõtriçam, & penitencia nos soldados, & nos mercadores Portugueses, q̄ hũs, & outros costumãter demasiadas liberdades nos costumes, em especial na India, aonde os soldados parece sò tratam da largueza da vida, & os mercadores sò cuydam nos empregos da fazenda.

*Do muito
que se en-
tre os ge-
ntios, pera
os doutri-
nar.*

2 Com a mesma diligencia soube ganhar os animos dos gentios; com tam boas obras, que iguالمême o respeitavam como a mestre, & o amavam como a irmam. Muitos, por sua industria, recebèram a agoa do sancto bautismo, entre os quaes foy hum grãde senhor de terras (irmam de outro, que com peçonha tinha morto o terrivel, & muy temido Pandarà, pay do Rey, que entam reynava) este se convertéo com muita gente de sua casa, & recebeu da mam dô Padre o sancto bautismo. Com o mesmo zelo pretendeo, que o Rey de Ceilam, com seus Chingalàs, abrissem os ólhos á luz do Evangelho, & deixassem as trevas de seus erros. Mas nem sempre os bons successos respondem aos bons desejos: tinham os Mouros a principal culpa da pertinacia do Rey, & da obstinaçam dos vassallos; & chegava esta refinada peçonha a pegar-se nos Portugueses; a estes particularmente acodia o servo de Deos, desfazendose em sancto zelo, emendando a muitos, & ameaçando a todos, até que finalmente veyo àdoecer á força de trabalhos; que estes sam os preciosos rubis, que o Padre Manoel de Moraes foy buscar às pedreiras de Ceilam.

3 D'aqui, mandado pelos superiores, tornou a Goa, pera o curarem de suas grandes enfermidades, aonde d'ahi a poucos dias, cercado de seus Irmãos, & das saudades do cêo, tendo sempre a IESVS na boca, & a elle, & sua Mãy sanctissima no coraçam, sahio da vida presente, pera começar a gozar a eterna, no anno de mil, & quinhentos, & sincoenta, & quatro, tres annos depois de sahir da barra de Lisboa. Varám verdadeiramente mortificado, & nada rendido ao amor proprio, & que tanto soube sogetar seu corpo á rezam, que nem a ultima enfermidade, em que morreo, lhe fez deixar o rigor da penitencia de que usava, tanto que em a hora, em que espirou, o acharam cingido com huma cadea de ferro, que trazia junto da carne, em final, que nam queria dar liberdade ao corpo, até a alma nam ficar fora das prisoes deste desterro, pera voar livre à patria do paraíso.

4 O terceiro Padre de particular consideraçam (deixando os mais companheiros) foy o Padre mestre Gonçalo Rodrigues, nam menos douto em letras; que affinalado em virtudes; trabalhou com muita gloria de Deos, na India,

*Morreo
sanctamê-
te em Goa*

*Do muito
que traba-
lhou o P.
M. Gonçalo
Rodrigues.*

em varios Reynos : primeiro em Ormús , onde foy mandado pela sancta obediencia, fucedendo ao varám apostolico , Padre mestre Gaspar, que naquella praça do mundo tinha feito grandes obras , & maravilhas. Era tanta a fome , que tinha o Padre mestre Gonçalo , de encaminhar almas, que mandando a esta missám da Persia, logo se embarcou , com tal diligencia , que nam tratou de meter consigo nenhum género de matalogem , sustentandose na viagem sò de esmolhas . E tal era a vontade , que tinha de começar a desejada empreza , que chegando a Mascate , pera com mais brevidade tomar Ormús , se meteo em huma pequena terrada , com muy poucas pessoas , arriscado aos perigos do mar , & aos encontros de ladroens , que em effeito o cercaram tres , ou quatro embarcaçoens de Nautiques (que sam coffarios assim chamados naquelle mar) & chegando-se à pequena terrada , despediram muitas sêtas sobre o Padre, & sobre seus companheiros . Elle se poz em óraçam; & foy cousa milagrosa (como todos depois contavam) que nem a elle , nem a seus companheiros Arabigos , fizeram mal algum , antes tornavam as sêtas pera trás , ferindo a-

os mesmos Nautiques , que se afastaram da preza , com mais diligencia do que quando a demandaram ; ficando com isto entendendo , que nam podem fazer mal os tiros das sêtas ervadas , a quem defendem os favores do cèobenigno ; & que peleijam os anjos, pelos que vam converter gentios.

5 Tanto que chegou à cidade de Ormús , donde havia pouco se tinha partido o Padre mestre Gaspar , logo todos temperaram as faudades do mestre , que perdèram, com a vinda do prégador , que ganhavam ; começando a reconhecer, no successor do Padre mestre Gaspar, seu espirito dobrado , como * Eliséo de sejava alcançar de seu mestre Elias, quando o deixou na terra, arrebatado elle em carro de fogo pera o cèo. Continuou o Padre seus sanctos trabalhos , & perpetuos exercicios, prégando , confessando, fazendo a doutrina cada dia , disputando com os Iudeos , confundindo os Mouros , convertendo os Gentios , prégando aos Portuguezes , sem perder a nenhum trabalho ; até que vencidas as forças corporaes , cahio gravemente enfermo , & juntamente o companheiro, que lhe agravou mais a enfermidade . Mas nam

Vide lib. 2.
cap. 36.

Como esca-
pou mila-
grofamente
de hús cof-
sarios.

4. Reg. c. 2. n.
10. Obsecro
fiat in me du-
plex spiritus
tuus.

foy a doença parte pera deixar de acodir com o vigor do espirito valente, aonde faltavam as forças do corpo fraco; & sem duvida acabaria nesta porfiada contenda, de querer tirar forças da fraqueza, se a prudencia dos superiores o nam fizessem por entam deixar a estancia, & recolherse a Goa.

6 D'aqui partio pera a ilha de Salfete, aonde, tanto que teve mais algum alento, continuou com seus exercicios sanctos. Em Baçaim, huma legoa de Tanà, achou aquelle famoso templo da idolatria, dedicado pelos gentios á sua abominavel Trindade (que era o principal forte, em que o diabo se tinha acastellado) ajudando, como bõ companheiro, ao Padre Melchior Gonçalves (como dissemos atrás^b) a derrubar este castello roqueiro do inferno, levantando logo hum templo, cõsagrado à sanctissima Trindade, reconhecida, & adorada por mais de quatro mil Christãos, que elle converteo da gentildade.

7 Nam paràram aqui os caminhos do Padre Gonçalo Rodrigues, porque elle foy o embaixador, que no anno de 1555. foy mandado a Ethiopia, a tentar o animo d'aquelle Emperador, como veremos adiante, na qual jornada padeceo grandes trabalhos, & se vio em

muitos perigos, por mar, & por terra. Com esta mesma constancia trabalhava de atalhar o cativeiro das crianças, que em Tanà os pays gentios cultumavam vender aos Mouros, quando delles tinham roim agouro. O meyo, que achava mais accommodado pera ganhar estas almas, era comprar elle mesmo os filhos aos pays, usando d'esta sancta invençam, pera tirar aquellas almas do cativeiro do diabo, & pera ganharê, cõ o bautismo, a liberdade de filhos de Deos. Acõteceolhe huma vez comprar duas crianças, por preço de duas tangas & meya, que vem a valer duzentos & dez reis, as quaes, com celestial ventura das mãos do sacerdote, que as bautizou, se passãram às dos anjos, que as recebêram; apresentando ao divino cordeiro estes dous cordeirinhos, lavados com a agoa bautismal, & tornados mais alvos, que a neve, com a graça do Senhor, que tam facilmente achãram. Ditas almas, que com tam leve preço alcançãram a gloria, a quem S. Paulo^c chama pezo eterno? Ditoso Padre, que com tam pouco dinheiro fez tanta mercancia; com duas tangas remio duas almas, comprãdo tam barato, o que a Christo custou preço infinito: posto que ambos excedêram, assim Christo como o Padre; hum em cõprar

por

O que lhe succedeo em Baçaim.

^b
Lib. 2. cap. 35.

Por muy pouco preço cõprou hũs innocẽtes, q̃ bautizou.

^c
2. ad Cor. c. 4.
n. 17. Acetmũ
gloriz pondas
operatur. in
nobis.

por muito, outro em mercar por pouco; Christo deo preço infinito, o Padre o deo muy lillimitado; os excessos de Christo nos pedem obrigaçam, os do Padre nos causam espanto; estes porèm nam teriam o effeito da graça, se Christo lhe nam dèsse o valor do sangue: em hũs, & em outros se vio bem a misericordia, & liberalidade de nosso Deos, pois nam deixa de nos resgatar, quando nos vendem muito baratos; nem deixa de nos remir, ainda que lhe custemos muito caro.

8 Apos estes puros espiritos, & outros muitos, que o Padre mestre Gonçalo mandou diante ao céo, he de crer, que com muita festa, em companhia dos anjos, foy admitido na gloria, a receber o prémio de tam ditosos trabalhos. Muito pudemos tambem dizer do Padre Antonio Heredia, que veyo em companhia do Padre mestre Melchior, & depois foy Reytor em Cochim, aonde trabalhou muito, como tambem em Ormũs; porèm baste por agora esta breve noticia, que dey dos tres principaes Padres desta missãm, aos quaes offerço este pequeno trabalho, por nos pertencerem à nossa Provincia de Portugal, donde os mandamos, pera tam gloriosa empresa, deixando a relaçam muy larga de suas heroicas

obras, pera a Chronica da India; que bem he que no Oriente, & Poente, se occupẽ os mais nobres engenhos, em descrever taes façanhas.

CAPITULO XXIX.

Dã elRey ao Collegio de Coimbra o mosteiro de Sam Ioam de Longavares: torna o Padre Gonçalo Vaz de Mello em missãm ao Algarve, com grande proveito espiritual daquelle Reyno.

MVito se alegrava o serenissimo Rey, vendo com seus olhos o bom logro da Religiãm, que de Roma trouxera a Portugal; & muito estimava ouvir as boas novas, que de nossas cousas lhe contavam os que vinham da India. Nam podia haver pratica mais alegre pera o pijsimo Princepe; nem lhe podiam offercer mais saboroso prato; nem lhe sabiam melhor grangear a vontade, com lisonja, que mais lhe agradasse, do que quando lhe falavam no ardente espirito de missoens da India, com que os sogeitos do seu Collegio de Coimbra se

Quãto el-Rey estima va as boas novas de nossas cousas.

P. Antonio Heredia tambẽ veyo nesta missãm.

Anno de
Christo de
1551.

556

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno da
Companhia

12.

criavam; porque nam lhe comprazia tanto a nova, que lhe davam de hum Reyno da India rendido, & conquistado, quanto a nova de hum gentio convertido, & bautizado. Tal era o fervoroso zelo da gloria de Deos, que ardia no peito deste religiosissimo Princepe. E desejando augmentar o numero dos fogeitos no seminario de Coimbra, lhe quiz primeiro acrescentar as rendas; o que succedeo este anno de 1551. dandonos o mosteiro de S. Ioam de Longavares, sito junto às ribeiras do rio Minho, em visinhança da villa de Monsâm, da maneira, que apontamos no segundo livro.

Lib. 1. cap. 14.

Antiguidade
de deste
mosteiro.

2 A fundaçam deste mosteiro he tam antiga, que lhe nam sabemos o fundador, se bẽ me persuado, que seria elRey D. Affonso Henriques, pela muita devaçam, que tinha aos Religiosos Conegos regrantes de S. Agostinho (aos quaes pertencia este mosteiro) & porq̃ sabemos, que foy dotado por elRey Dom Sicho, filho deste glorioso Rey; Tambem sabemos, q̃ foy cõfirmado, com grandes privilegios, por elRey Dom Affonso o segundo, & por muitos outros Reys, até elRey Dom Manoel. Do templo, & mais edificio d'este mosteiro, nam temos hoje mais vestigios, que a capella mór, que he de abobeda; o cor-

po da Igreja (que he grande, & mayor do que demandava a capella) nõs o fizemos. Hã mais huma imagem de S. Ioam Bautista, muito antiga, mal feita, & avelhentada, a que os fregueses chamam S. Ioam da gorra, por causa da que tem na cabeça, ao modo, que em Portugal se usava antigamente (que até aos sanctos querem os homens vestir a seu modo, & à usança do tempo) He tanta a devaçam, que já de muitos annos, estes pòvos tem a esta sua imagem, & he ella tam velha, & tã imperfeita, que julgando nõs, que era indecencia estar no altar, lhes fizemos outra muito perfeita; & pondolha em seu lugar, tanto bradaram, & nos demandaram pelo seu S. Ioam da gorra, até que o tornaram a ver no altar, aonde hoje o veneram, sem fazer caso do outro Sam Ioam novo, & perfeito: tanta he a força da criaçam, que nõs dèram, & da tradiçam, que tivemos, que chegam os homens a prezar mais o que veneraram seus pays, que o que vem com seus õlhos.

3 Tinha sido commendatario d'este mosteiro o senhor Dom Duarte, filho d'elRey Dõ Ioam o III. (a quem suas virtudes podiam legitimar) o qual morreo em Lisboa, nam tendo mais que vinte & dous annos de idade, sendo já Arcebispo

Devaçam
desta gẽte
a hũa ima-
gẽ muito
antiga.

D. Duarte
filho natu-
ral delRey
D. Ioam
o III.

eleito

Anno de
Christo de
1551.

Anno da
Cõpanhia
12.

eleito de Braga, porque pretendia elRey seu pay encaminhalo a ser ecclesiastico, como foram o Cardeal Dom Affonso seu tio, Bispo d'Evora, & o Cardeal Dom Henrique, tambem irmão de seu pay, Arcebispo que foy successivamente de Braga, d'Evora, & de Lisboa, & outra vez d'Evora, & depois Rey de Portugal.

4 Nam se offereceo a elRey Dom Ioam outro successor, em quem empregasse melhor este grande beneficio (que vagãra por morte de hum filho, que tanto amava) que o seu Collegio de Coimbra, a quem tambem tinha em lugar de filho, & assim lhe fez liberal doaçam deste mosteiro, com todas suas annexas, & pertença, pera com esta renda accrescentar o numero dos fõgeitos, que criava naquelle Collegio; com intentos de os mandar a converter o Oriente: Fezse a união in perpetuum; authoritate Apostolica, como consta das bullas, que temos em nosso poder, passadas pelo Papa Julio III. no segundo anno de seu Pontificado, que foy este, de que himos cõtando, de mil & quinhentos, & sincoenta & hum, nas quaes diz, que se inclinou a fazer esta graça ao dito Collegio, por lhe ser assim pedida por elRey Dom Ioan III. *pro causa dos grandes trabalhos, que os Padres da Compa-*

nhã padeciam, na conversão das almas, & propagaçam da fã catholicã, nam cessando nem de dia, nem de noite de vigiar nestas sanctas occupaçoens, &c. Pera que vejamos a obrigaçam, que corre a todos os moradores d'aquelle sancto Collegio, em continuarem com este apostolico fervor das missõens do Oriente, & conversão da gentildade, pois vemos, que estas foram as causas, que principalmente motivãram a fundaçam do Collegio ao Rey, & a confirmaçam das rendas ao Papa.

5 Nesta bulla da união de S. Ioam de Longavãres, que começa, *Regimini universalis Ecclesie, meritis licet imparibus, disponente Domino presidentes &c.* faz particular mençam o summo Pontifice Julio III. do fruto, que os nossos missionarios recolhãram no Reyno dos Algarves, nestas palavras: *Plurimos in Ecclesia Dei fructus afferebant, quodque tam in dictorum Portugalia, & Algarbiorum Regnis, quam in insulis maris oceani, eidem regno subiectis, & pluribus alijs locis plurimum proderant.* Nam tinhãmos até aquelle tẽpo casa algũa no Reyno do Algarve; & assim este fruto espirital, de que aqui fala sua Sanctidade, se ha de entender do que aly fez o Padre Conçalo Vaz de Mello, na missão de que atrás falamos, diligenciada, & alcançada pelo illustrissimo

União in
perpetuũ
do mostei-
ro de Lon-
gavãres.

Anno de
Christo de
1551.

O Bispo do
Algarve
pede mis-
são dos
nosso Pa-
dres.

Torna ao
Algarve o
P. Gonçalo
Vaz de
Mello.

558

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno da
Companhia
12.

Bispo de Sylves Dom Ioam de Mello; o qual vendo o bom successo da missão passada, & dando ouvidos às affectuosas petições de suas ovelhas, pedio, que lhe tornassem a remeter ao Algarve o seu muy desejado prègador o Padre Gonçalo Vaz de Mello: nam se atrevia o Padre Provincial a despachar tam piedosa petição, sem beneplacito do Padre; porque o trabalho, que tomava nas missões, era muy pezado; & as forças, que tinha no corpo, eram muy fracas; porém o valeroso soldado se nam escusou da hida, dizendo, que os que militam nesta bandeira, ham de trabalhar, até desfalecer, & nam se ham de queixar, até morrer; & assim tomada a bençã ao Padre Provincial, se partio pera o Algarve, levando por companheiro hum Padre por nome Fructuoso André, de grande sciencia, & zelo pera o sacramento da penitencia. Foram recebidos na cidade de Lagos, mais como sãctos cahidos do céo, que como prègadores vindos de Coimbra; foy igual o fruto, que recolheram, ao gosto com que os receberam.

6 Em Villa nova de Portimã (lugar grande, & muy consideravel no Reyno do Algarve, habitado de gente nobre, posto que já foram mais ricos, do que hoje estam) aqui es-

perãram o Padre com notaveis alvoroços, pelo que já sabiam de seu espirito, & pelo que tinham experimentado de seu talento. Chegou ao hospital, pera acodir aos enfermos, conforme seu sãcto custume; nelle achou muy doente a hum pyrata Francés, que da cadea, aonde estava preso, tinham trazido, por se nam poder, entre os presos, sofrer o intoleravel cheiro, com que os infestava, por causa de huma perna quebrada, & fistulada. Gloria foy pera o Padre Gonçalo Vaz, achar tal hospede naquella casa, tendo por alviçaras, haver de dar boa conta, de quem tam mã a dera da fazenda alhéa; servioo com grande vontade, & limpeza, fez-lhe seu enfermeiro, curavalhe a ferida com admiravel paciencia, pelo infosfrivel cheiro, que de sy lançava; o qual de tal maneira penetrou ao Padre Fructuoso André, seu companheiro, que por oito dias esteve totalmente desfacordado. Por grande ventura teve o Padre Gonçalo Vaz ficar sò no campo, curando, & assistindo ao seu ferido; o que fazia com todo o regalo possivel, & com tam aprazivel graça, como se todas estas cousas fizera à pessoa do mesmo Christo. E se bem acodia o varã de Deos á ferida do corpo, ainda melhor lhe valeo na morte da alma; porque

Charidade
q o P. u sou
cõ hũ pyr-
ta] enfer-
mo.

de

Anno de
Christo de
1551.

Cõvertese
o pyrata, q
era herege.

Anno da
Copanhia
12. (7)

de hereje Hugonote, o fez Catholico Romano; & depois de recebidos os sacramentos necessarios, o mandou alegre pera o cêo, como piamente podemos considerar, que esta he a bondade do Senhor, & esta a dita de alguns; que tal vez dà Deos traça cõ que roube o cêo, na morte, hum herege, que foy ladrão na vida.

7 Toda a costa d'aquelle Reyno foram correndo a pé estes devotos peregrinos; entraram pelos lugares mayores, & menores, buscando o bem dos proximos nas aldeas, nas villas, & nas cidades, á imitação d'aquelle Senhor, de quem conta o Evangelista ^b S. Matheus, que andava como em huma roda viva, correndo todas as cidades, & os lugares de Iudéa, prègando o Evangelho; ensinandonos com este exemplo a nam perdoar ao trabalho, á conta de aproveitar o proximo. E porque o Senhor tambem descia às prayas, ^c & hia ao mar a pescar almas, & ensinar as ^d turbas da naveta; a esta imitação o Padre Gonçalo Vaz tambem hia ao mar, a fazer pescarias espirituales; chegou a huma armaçam de Atuns, nam pera se recrear com sua vista, mas pera doutrinar os pescadores com sua chegada; constam estas armaçoens de grande numero de gente, tem grossa fabrica de re-

des, de barcos, de instrumentos; muitos gastos, & tambem muito fruito de seus trabalhos, & sò pera elRey monta cada armaçam destas, em anno, de Atuns, vinte, ou trinta mil cruzadoos, e o mais fica pera os armadores.

8 Os primeiros, que, como atalayas deram fé dos missionarios, foram os mininos, que havia na armaçam (que sempre estes ouvem melhor os brados de Deos) sahiram em procissam a receber os Padres; apos elles vieram os pays; muy satisfeitos do novo alvoroço dos innocentes filhos: recebèram os Padres com mayor alegria, do que se lhes entrasse, no bucho das suas redes, hum grande cardume de Atuns, pera nelles começarem a copejar alegremente: era ao por do sol; & logo na praya, antes de tratar de outros melhores gasalhados, tiveram huma fructuosa exhortaçam, com que, em toda aquella noite, houve muitas confissoens, & grandes penitencias. No romper da menhã haviam necessariamente de hir acodir a sua armaçam, despediramse dos Padres, offereceramhe em bom agradecimento, da trabalhosa noite, que levaram, boa copia de sua pescaria; os Padres lha agradeceram, mas nam a aceitaram; porque nam vinham buscar o ganho dos atuns, mas o proveito das almas.

A festa, q
lhe fizerã
os de hũa
armaçam.

^b
Mat. c. 9. n. 35.
Et circuitabat Ie-
sus omnes ci-
uitates, & ca-
stella, docens in
synagogis eorũ,
& prædicans
regnum Dei.

^c
Mat. c. 1. n. 18.
Ambulans Iesus
iuxta mare Ga-
lilee, &c.

^d
Luc. c. 5. n. 3.
Et sedens do-
cebat de navi-
cũla turbas.

CAPITULO XXX.

Continua em sua missam o Padre Gonçalo Vaz de Mel-
lo; vay tambem a entre Dou-
ro, & Minho o Padre Gon-
çalo da Sylveira: acaba de
ser Reytor o Padre Luis da
Grã, sucedelhe o Padre
Urbano, que deixou o
cargo, por hir pe-
ra a In-
dia.

Como o trabalho do
Padre Gonçalo Vaz
era grande, & as for-
ças do espirito mayores que as
do corpo, hia já muy cansado,
& desfalecido. Chegaram em
Loulè, a hum convento de re-
ligiosos Capuchos da Piedade,
aonde o Padre primeiro tratou
de dar pasto ao espirito fervo-
roso, que remedio ao corpo en-
fermo; porèm, o mesmo foy co-
meçar a dizer a missa no altar,
que começar a lançar sangue
pela boca: nam poderia Sam
Paulo queixarse d'este mini-
stro do Evangelho, como se
queixava dos seus Hebreos,
pois estes nam puderam re-
sistir atè o sangue, este soube

trabalhar atè morrer, porque
deste achaque do sangue, que
derramou aqui, se lhe originou
a morte ao diante. Nam se pô-
de facilmente crer, & menos
agradecer, a muita charidade,
com que o Padre Provincial,
d'aquelles seraphicos Padres, &
o P. Guardiam do cõvento, tra-
taram de socorrer a tam urgen-
te perigo; & nam foy esta a ul-
tima vez, que os da Companhia
temos experimentada a synce-
ra benevolencia, & liberal tra-
tamento d'estes igualmente sã-
ctos, & charitativos Padres; &
se pera com todos sua charida-
de he universal, pera os nossos
religiosos he muy particular,
mostrando com isto ao mundo,
que nam sentem impedimento
na pobreza, os que tem a con-
fiança na charidade. Porèm o
Padre nam queriã desistir da
empresa começada, ainda que
tinha a saude tam perdida. D'a-
ly se foy ao hospital de Loulè,
aonde, estimando mais a saude
espiritual do proximo, que a
corporal de sy mesmo, por sa-
tisfazer à gente, que o vinha
demandar, estando actualmen-
te de tando sangue, os ouvia de
confissam; porque seu valeroso
animo nam desfalecia à vista
do sangue, como acontece ao
soldado bisonho.

2 Sua desconsoiação era
por lhe parecer, que nam po-
deria pregar, pelo temor, que
tinha

Grãde cha-
ridade dos
Padres Ca-
puchos.

Adoece o
P. he cura-
do cõ mui-
ta chari-
dade pelos
Padres da
Piedade.

Ad Heb. 12. n. 4
Non dum enim
usque ad san-
guinem resistis
tis.

O meyo, q
somou pe-
ra prègar,
estado do-
ente.

tinha de acabar de romper a
vea, com a força do falar: po-
rém, porque o amor do pro-
ximo he muito engenhoso, u-
sou deste meyo, resolveose em
prègar, mas em voz baixa,
& com tal moderação, que
o fervor do espirito se ac-
commodasse ao compasso da
rezam; julgando, que d'esta
forte temperava o fervoroso
zelo das almas, com o cuy-
dado da saude: assim o fez
o bom Padre, & começou
a prègar, com tanta suavida-
de, com tal brandura, &
devaçam, com tam grande
abundancia de lagrimas, que
qual a branda chuva, sem se
sentir, vay calando a terra;
assim se foy o auditorio en-
ternecendo com tantas lagri-
mas, & com tal compun-
çam, & verdadeira dor de
seus peccados, que confes-
saram, que mais copioso frui-
to recolheo o Padre d'esta vez
chorando, que d'outras mui-
tas bradando. Este era o
zelo d'este fervoroso missio-
nario; & d'esta maneira pro-
curava o bem das almas. De-
pois de estar em Loulé al-
guns dias (aonde tomou al-
gumas sangrias) nam quiz
deixar de continuar a mis-
são. Passouse à cidade de
Faro, aonde se deteve hum
mes, por petição da Cama-
ra, com extraordinaria mu-

dança, & reformaçam de cu-
stumes.

3 Nestas sanctas occu-
paçoens gastou o Padre Gon-
çalo Vaz de Mello sua deli-
cada compreçam, nam se
poupando nunca às occupa-
çoens, nem furtando o cor-
po ao trabalho; & ainda
que nam teve occasiam de
dar a vida, derramando o
sangue pello pescoço, como
desejava, elle se martyrizou
a sy, deitando pela boca;
porque veyo a consumir a
vida com huma febre ethi-
ca, & a deixou, sendo Pro-
vincial dignissimo em Portu-
gal, perdendo a vida na oc-
cupaçam, em que outros a
logram com mais honrado des-
canço.

4 Por este mesmo tem-
po sahio em missão, por en-
tre Douro, & Minho, o glo-
rioso confessor do Senhor, o
Padre Gonçalo da Sylveira,
que já era vindo de Roma,
o qual, com seu incansavel
zelo da salvaçam das almas,
acendia o fogo do Espirito
sancto, por toda a parte por
onde passava; detevese na
cidade de Braga, aonde foy
muy estimado, prègando, &
confessando, & gastando as noi-
tes em oraçam; pousava no
hospital de Sam Marcos; &
 neste passo real agasalhou a
seu grande amigo o Padre

Deste acha
que se lhe
originou a
morte.

P. D. Gôca
lo agasa-
lhou a D.
Leão, com
grãde po-
breza.

Christo de 1551.

Companhia 12.

Leão Henriques, que vinha de Sam Fins pera Coimbra; pozse a mesa, pera agafalhar o seu hospede, & foram as iguarias huns pedaços de pã de boroa (que naquellas partes chamam motrêques) com hum par de cebolas, & huma pouca de agoa, por huma tigela de barro ordinario; que estas eram as preciosas iguarias, estas as cõpas apparatusas, com que hum filho do Conde da Sortelha agafalhava a hum hospede, que descendia de Reys. Deo-se o Padre Dom Leão por muy bem hospedado no hospital, & por muy bem banqueteadado, com as iguarias da sancta pobreza, guisadas com o fogo do verdadeiro amor; que por isso, melhor he, como diz o Sabio, o prato da hortaliça com charidade, que o banquete esplendido com odio. Renovouse aqui em parte aquelle tam celebrado convite, de que fala Sam Hieronymo, entre Sam Paulo, & sancto Antam; repetindo o Padre Dom Gonçalo no povoado, o que tanto nos edificamos de ter succedido no deserto.

5 Aqui neste hospital de Sam Marcos, passava este vigilante missionario a mayor parte da noite, vigiando, ou em ôraçam, ou es-

tudando pera os sermoens, & ao sono somente dava, o que a natureza, cansada de resistir, tomava quasi a furto sobre o livro, ou quando muito sobre o cham. Neste mesmo hospital se guardava, em memoria de tam insigne varã, huma mesa com hum buraco aberto cõ o fogo, na qual o Padre Gonçalo estudava de noite; & adormecendo huma vez encostado sobre esta mesa, acertou de se acabar de gastar o pedaço de rolo de cera, que ficou ardendo, no tempo, em que o sono o sobressaltou: & foy cousa maravilhosa, que chegando o fogo à taboa, foy lavrando, & a foy gastando pouco a pouco, até fazer hum buraco nella, que a passou de parte a parte, quanto dizia a circumferencia do rolo, sem mais passar adiante, nem queimar a mesa, em que o Padre estava reclinado; que parece nam quiz o fogo usar de sua costumada violencia, por nam espertar o servo de Deos, & impedir o repouso, de que tanto necessitava: senam foy, que por isso o nam queimou entam, porque já o achou abrazado do amor divino, ao qual, como diz a Escripura, nem as agoas podem apagar, nem as chamas poderã consumir: ou tambem porque teve respeito o

fogo

^b
Proverb. c. 15.
n. 17.
Melius est vocari ad olera cum charitate, quam ad vitulum saginatum cum odio.

^c
Hier. in vita D. Pauli. c. 9.

Caso milagreoso, q'su cedeo neste hospital ao P.D. Gonçalo.

^d
Aqua multum non potuerunt extinguere charitatem, nec flamma obruent illum.

fogo, material, a quem nunca pode queimar o sensual, livrando Deos milagrosamente de tam grande perigo, & nam permittindo, que morresse queimado em Braga por defastre, o que havia de morrer em Monomotapa afogado pela fé.

Grãde fer
vor de espiri
rito do P.
D. Gõçalo.

6 Muito pudera contar d'esta missã do Padre Gonçalo da Sylveira, que verdadeiramente era como hum rayo de celestial fogo, que hia abrazando em amor de Deos a todos os lugares por onde passava, & a todas as gentes com quem tratava; porém, porque d'esta materia hey de falar ao diante, em hum breve epilogo, que farey de sua vida, quando tratar das cousas da nossa casa de S. Roque, por quanto elle foy o primeiro Preposito d'ella; por isso agora me nam detenho em relatar suas espirituales valentias, & espantosas mortificaçoens, com que edificou o mundo, & assombrou o inferno.

7 Neste mesmo anno de mil, & quinhentos, & cincoenta, & hum, acabou o Padre Luis da Grã de ser Reytor no Collegio de Coimbra, & por sucessor de tam insigne varã, meteo o Padre Mestre Simam o Padre Urbano, que entam era, no

mesmo Collegio, mestre dos noviços, o qual entrou na Companhia com o Padre Luis Gonçalves da Camara, no anno de mil, & quinhentos, & quarenta, & quatro; era muy nobre por sangue, honrado nos procedimentos, grave no trato, conhecido por suas letras, & venerado entre os estudantes, por suas virtudes: melhor ainda correspondeo a vida da Religiã ao trato da Univeridade; porque era homem de grande espirito, & de singular prudencia, foy dotado de tam rara humildade, & de tam fervoroso desejo da salvaçam das almas, que igualmente se desconfolava com se ver no governo, & com se deter em Portugal. Em resoluçam, a instancia, que este bom Padre fez, por recusar o cargo de Reytor, & por alcançar a missã da India, foy causa de nam ser de dura o fructo de sua bem acertada eleiçam; & julgando os superiores, que nam havia pera que causar pena, a quem desejavam dar gosto: passado hum anno, lhe deram a alegre nova de hir em missã pera a India.

8 Tambem o Padre Luis da Grã, seu antecessor, teve o despacho da missã do Brasil, como veremos ao diante; de ma-

Companhia

12.

P. Urbano
foy religio
so de mu-
taesima.

Recusou o
Reytorado,
por hir pe-
ra a India.

Anno de
Christo de
1551.

564

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno da
Companhia
13.

Dous Rey-
tores de
Coimbra
foram em
missão á
India, &
Brasil.]

neira, q̄ dous Reytores do Collegio de Coimbra, tam autorizados, tiveram por grãde prêmio de seus trabalhos, serẽ mādados em missã, hum ao Oriẽte a converter Indios, outro ao Brasil, a ensinar Genticos. Que estas eram as comenlas, que os mais graves Padres, naquelle tempo, pretendiam; estes os prêmios, que de seus Reytorados esperavam. Da viagem do Padre Urbano, falaremos na segunda parte, no anno de mil, & quinhentos, & sincoenta, & tres, em que succedeo; & da missã do Padre Luis da Grã, pera o Brasil, tambem diremos em o mesmo anno. Ao Padre Urbano succedeo, no governo do Collegio de Coimbra, o Padre Manoel Godinho, que foy já no anno de mil & quinhentos, & sincoenta, & dous, por nomeaçam feita pelo Padre Diogo Mirã, que succedeo no cargo de Provincial ao Padre mestre Simam, como veremos neste seguinte anno, em que logo entramos; & porque este successo tem muito, que contar, & por remate d'elle havemos de concluir com as cousas do Padre mestre Simam, até referirmos sua sancta morte; por isso quero primeiro, nos dous seguintes capitulos, falar do Padre mestre Gonçalo de Medeiros, porque neste seguinte anno de 1552. foy

Deos servido levalo pera sy.

CAPITULO XXXI.

Dãse alguma noticia das virtudes do Padre mestre Gonçalo de Medeiros, que neste anno, em que entramos, de 1552. morreo, em sancto Antam de Lisboa, o qual foy o primeiro noviço d'esta Provincia.

ENtramos no anno de 1552. & antes de falarmos da mudança, que nelle houve no governo da Provincia, bem he que demos hũa chegada a Lisboa, á nossa residencia de S. Antam, aonde aquelles poucos Padres, que aly viviam, continuavam, com grãde exemplo, & edificaçam, como por vezes temos visto nesta historia. Este anno foy Deos servido de lhe levar pera sy o P. Gonçalo de Medeiros, que era o principal sogeito d'aquella casa, & tinha ficado por Viceprovincial, no tempo em que o P. M. Simam foy a Roma, do qual Padre por vezes temos falado, em especial no ^a primeiro livro, cõtando sua milagrosa entrada na Cõpanhia, na qual foy

Lib. 1. c. 10. á
n. 2.

o pri-

o primeiro noviço, que tivemos em Portugal, procedendo sempre, como homẽ, a quẽ Deos N. Senhor tinha feita tam singular merec, como foy darlhe esperança tam certa de sua predestinaçam, & salvaçam, quando lhe appareceo o anjo (estando elle na mayor perturbaçam de animo, cõ grãde tropel de penfameños tristes) dãdolhe aquella alegre nova, de se haver de salvar, da maneira que diffemos no primeiro livro.

2 Foy o Padre mestre Gõçalo de Medeiros homem de muita òraçam, do qual se póe dizer, como de S. Paulo, q̃ sua cõversaçam era no cẽo, aõde parece q̃ só trazia os sentidos do corpo, & tinha os gostos da alma. A mayor parte da noite vigiava cõ Deos, & o dia tinha tãbẽ repartido, q̃ sempre lhe ficava tẽpo, pera empregar cõ Deos 4. & 5. horas de òraçam mental. D' esta fonte perẽne da luz divina, tirava tãto conhecimẽto, q̃ muitas pessoas graves nam sò da Cõpanhia, mas das principaes do Rẽyno, o hiam cõsultar em cousas muy difficultosas (como a homẽ alumiado de Deos) aos quaes, em breves palavras, resolvia grãdes questões; porque sendo tam copioso nas praticas espirituas com Deos, parece que lhe faltavam as palavras, pera praticar com seculares. Era necessario aos superiores

porem limite ao muito tempo, que o Padre gastava em òraçam, pelas grandes dores de cabeça, que tinha, com a muita continuaçam neste sãcto exercicio: guardava o religioso Padre sua obediencia, em deixar a Deos por Deos, & guardava Deos o seu direito, em ter por sua aquella alma.

3 Foy muy dado às solidas, & verdadeiras virtudes, & fazia muy pouco caso de alguns traordinarios favores, & sinaes de exterior sanctidade, sem a devida firmeza no fundamento da humildade; a estes imprudentes fervores chamava o Padre Medeiros, fervores de panela, que està ao fogo, que logo escuma, & levanta fervuras, mas em lhe faltando a quentura da devaçam, & gosto sensível, se desfazem, & tornam em frieza. Nam parava esta devaçam do Padre mestre Gonçalo, no descanso da vida contemplativa, porque era muy conforme ao espirito da Companhia, & assim tambem se exercitava cõ todo o cuydado na occupaçam da vida activa; & posto que era grande Letrado, muy bõ Theologo, & excellẽte Thomista, & podia subir, & apparecer nos pulpitos (como faziam seus cõpanheiros) cõtudo sòmẽte se occupava no cõfessionario, mostrãdo, q̃ pudera tãbẽ prẽgar como doutor; porẽ, q̃ quiz antes

Foy muy applicado a ouvir cõfissoens.

Lib. 1. c. 10.

Foy homẽ de muita òraçam.

b
Ad Phil. c. 3. n. 20. Nostra autẽ conversatio in caelis est.

Anno de
Christo de
1552.

566

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno da
Companhia
13

sò cõfessar como humilde: & nẽ por isso ficou de peor cõdiçam, porque ainda que o officio de prẽgar he de muita honra, a occupaçam de confessar he de mais proveito; porque o prẽgador levanta a caça; mas o confessor empolga nella. Antes he tam soberano o officio de confessor, que tem os poderes do mesmo Deos, porque sò Deos, & o confessor pòdem perdoar peccãdos: porẽm com isto pòde estar, que assim como he cargo muy honroso, he tambem muy custoso; como bem experimentam os que bem o exercitam: que por isso dizia alguem, que o sacramento da Confissã, se chama Penitencia, nam sò pela que faz o que se confessa, senam pela que toma o que absolve: & como o Padre mestre Gonçalo de Medeiros era de tam conhecida virtude, exercitava esta occupaçam, com notavel cuydado, nam atentando pera o grande trabalho, que tinha, mas respeitando o muito fruto, que recolhia.

4 Nam se pòde bastante-mente dizer, com quanta perfeiçam fez este trabalhoso officio de confessor; madrugava a rezar, & ter oraçam, & logo pela manhã muito cedo se hia por no confissionario da nossa Igreja de sancto Antam de Lisboa, a ouvir quantos se que-riam confessar; depois das onze

horas se levantava do confissionario, & hia dizer missa, pera dar o sanctissimo Sacramento aos penitentes, que tinha confessado: da mesma maneira cõtinuava, depois de tomar a refeiçam corporal; rezava logo suas horas, & acodia tanto que se abria a Igreja, & nella perseverava, como soldado vigilante, na estancia do confissionario, atẽ lhe tocarem a se recolher, fechandose a porta da Igreja. Quando faltavam penitentes na Igreja, nam se tornava a recolher na cella, antes se ficava no confissionario todo o dia esperando, como bom caçador, pera que lhe nam escapasse da rede a preza, que desejava (que tal vez, como o outro, dizia, entam melhor succede a caça, quando menos se espera) & pera aproveitar o tempo, quando assim esperava, levava hum livro de sancto Thomas, de quem era muy devoto, ou huma summa de Cayetano, pera se refrescar nas materias moraes, em quanto nam havia que fazer nas confissoens. Redundava esta promptidam, & residencia no confissionario, em muito bem, & grande proveito dos penitentes, que acodiam a elle, sabendo que a qualquer hora teriam entrada pera serem ouvidos, & sahirem despachados.

5 Guardava no confissionario

Como se
preparava
pera acodir
às cõfissoens.

^a
Ovid. de Rem.
lib. 1. Calus ubique iuvat, sè
per tibi pèdeat
hamus, Quo
minimè reris
gurgite piscis
erit.

nario

Anno de
Christo de
1552.

Igualdade
q' cõ todos
guardava
no confis-
sionario.

Anno da
Capanhia
13.

navio muita igoaldade, sê algũa
aceiraçam de pessoas, nã se dei-
xando levar de respeitos huma-
nos, quem sò tratava de rezoês
superiores; antes se pera algu-
ma parte inclinava, primeiro
acodia aos pobres, & desempa-
rados, & depois chamava os
nobres, & ricos: estava huma
vez esperando, pera se confes-
sar com elle Dona Antonia de
Meneses (filha de Simam da
Cunha, trinchante mór d'el-
Rey Dom Ioam o terceiro) mo-
lher de Diogo Lopes de Sou-
sa, governador entam da casa
do civil, & depois, por morte
d'elRey Dom Henrique, go-
vernador d'este Reyno, a qual
foy senhora de muita virtude,
& que tinha particular deva-
çam à Companhia; mandou
ella pedir por hum pagem ao
Padre Gonçalo de Medeiros,
que a quizesse ouvir de confis-
sam; respondeolhe o Padre, que
de boa vontade, porém que pri-
meiro havia de confessar a hu-
ma molher preta, que já aly es-
tava, & precedia no tempo a
sua senhoria, & muito mais na
necessidade, porque era escrava,
sogeita à vontade alhéa, que
poderiam pelejar com ella, se
tardasse, em casa: edificouse
summamente da reposta, a illu-
strissima senhora; esperou occa-
siã, confessouse, & depois con-
tou o que tinha passado, en-
grandecendo muito a virtude

do bom Padre, & inteireza do
zeloso confessor, que he exem-
plo, que pôde servir a algumas
pessoas, que sam muy delicadas
em materia de lhe preferirem
alguem no confissionario; co-
mo se perdessem sua autorida-
de, por lhe darem mais tempo
pera se aparelhar. O que neste
sagrado tribunal passava, colli-
giam muitos das mudanças de
custumes depravados, reforma-
çoens de yidas estragadas, con-
versoens de famosos peccado-
res, & outros maravilhosos ef-
feitos, que bem mostravam o
poder da divina graça, que por
meyo do Padre mestre Gon-
çalo raes obras executava.

6. Tinha pera com os pe-
nitentes muita charidade, cho-
rava com elles, & doíase, como
se elle fosse o peccador. Con-
tou hum homem de credito,
depois da morte d'este servo de
Deos, que andando elle muy
carregado na consciencia, pe-
los grãdes peccados, em que se
via quasi atolado, se foy a san-
cto Antam, como cervo ferido,
buscar remedio, naquella fonte
de agoa de graça, que todos
achavam patente no Padre me-
stre Gonçalo, fez com elle hu-
ma confissam geral, chorou
muitas lagrimas, offereceo o
corpo pera a penitencia, & en-
tregoulhe a alma pera a contri-
çam, & quando elle, com o ma-
yor conhecimento de seus pec-

Charidade
q' guarda-
va com os
penitêtes.

Anno de
Christo de
1552

Anno da
Companhia
13.

cados esperava huma trasordi-
naria penitencia; o bom seruo
do Senhor o despachou com
unco vezes o Pater noster, &
a Ave Maria, acrecentando,
que elle ficava muy consolado,
por lhe ver tam bons sinaes de
contricam, & que a mais peni-
tencia, devida a taes culpas,
outrém a faria por elle, tomãdo
sobre sy, innocete a obrigaçã,
q̃ competia ao peccador. O pe-
nitente, que aletm do grãde ar-
rependimento, era de primores
honrados, vendo tam affectuo-
sa charidade, exercitada em
quem tam pouco merecia se-
melhantes favores, tomou por
sua mam grandes satisfaçoens
dos peccados passados, & ficou
tam cativo, de tam religiosos
termos, que morto o Padre Gõ-
çalo, hia todos os dias, com hu-
ma saudosa lembrança, & de-
vaçam, lançarlhe agoa benta
na sua sepultura, & rezarlhe al-
gũa cousa, em final de amor, &
gratidam.

Sua grãde
humilda-
de.

7 Quando por causa de
dores da cabeça, nam podia a-
codir ao confissionario, exerci-
tavase em obras de humildade,
& charidade, varrendo o dor-
mitorio, & as cellas, servindo a
outros Padres, & ajudando os
officiaes de casa, dizendo que
nem ainda doente lhe convi-
nha estar ocioso; & pois a ca-
beça nam podia aturar com os
penitentes, as mãos se exerci-

tassem na vafoura. Nam duvi-
davam os nossos Padres de san-
cto Antam, que suas graves en-
fermidades, se lhe originaram
do excessivo trabalho das con-
fissoes. Estando já o bom Padre
desconfiado dos medicos, lhe
disse o Irmam enfermeiro, que
sua Reverencia morria do grã-
de trabalho, que tomara em
ouvir confissoens; ao que respõ-
deu, cõrosto muy alegre: *Prome-
ra a N. Senhor, q̃ minha morte tivesse
causa tam sancta; & occasiã tam
digna, que acabara eu em meu officio,
dando o ultimo espirito no confissio-
nario, pera desta cadeira de penitencia,
merecer alcançar a da gloria.*

CAPITULO XXXII.

Da obediencia, & humilda-
de do Padre Gonçalo de Me-
deiros, & de sua bema-
venturada mor-
te.

Este foy o Padre me-
stre Gonçalo de Me-
deiros, em o sancto
exercicio de confessar. Muito
püdera agora dizer de sua rara
obediencia, virtude muy ne-
cessaria aos religiosos; porque
assim como sem capitam nam
hã victoria, & sem piloto exer-
citado, ninguem pòde ter espe-

Desuagrã
de obedi-
cia.

^c
Laur. Iustin. in
ligno vitæ c. 3

^d
Provc. c. 21. n.
28. Viri obedientes
loquuntur victo-
riose.

Exêplo no
tavel de
sua obediẽ
cia cega.

rança de lançar ferro no porto desejado, assim diz Sam Lourenço Iustinião, quem na vida espiritual se nam sogeita a seu superior, pera delle ser guiado, tem certo o perigo no pego tormentoso deste mundo. Grandes victorias teve de sy mesmo o Padre mestre Gonçalo de Medeiros, muitas vezes venceo o mundo, & desbaratou exercitos infernaes, emproando seguro no porto da salvaçam. Estas victorias se devem a sua grande obediencia, porque sò o varãm obediente pôde contar triumphos, & cantar victorias, como diz a Scriptura^d sagrada; & porque esta virtude tem varios graos, & hã huma obediencia, que sô sogeita a vontade própria, & outra mais perfeita, que tambem cativa o entendimento cego; nesta particularmente se exercitava este devoto obediente, com huma resignaçam cega, & prudente simplicidade.

2 Mandou o huma vez chamar de Lisboa a Coimbra o Padre mestre Simam seu Provincial; partio se logo o apressado obediente, a pé peregrinando, sem mais viatico que a confiança em Deos, com que tudo lhe sobejava: passa o caminho alegremente, chega a Coimbra, sobe ao Collegio, bate à portaria, entrega sua patente ao porteiro; & em quanto este vay

levar recado ao Padre Provincial, espera na porta o peregrino; quando o Padre mestre Simam soube, que era chegado (como grande mestre, que era, em materia de espirito, querendo com este sucesso, que aly previa, dar exemplo aos vindouros, & exercitar a obediencia, & paciencia do exemplar sacerdote) mandou ao porteiro, que lhe dissesse, antes de entrar da portaria, pera dentro, que nam tinha já que fazer naquele Collegio de Coimbra, que dizia o Padre, que se voltasse pera sancto Antam: foy tal sua promptidam, & tam cega sua obediencia, que sem esperar pera o outro dia, logo no mesmo ponto (porque o verdadeiro obediente, como diz Sam Bernardo, nam sabe dilatar d'hum dia pera o outro) sem falar com nenhum outro religioso, sem se desempoar do caminho, se voltou muy alegre, outra vez a pé, a desandar quasi 34. legoas, repetindo neste passo ao porteiro, as palavras sabidas de huma cantiga rustica, *Davalhe o vento no chapeirã, quer de, quer nam;* & com esta rusticidade affectada, o cortesã religioso, com o toscos de hum moute inculto, & vulgar, disfarçou o maes polido, & refinado de huma primorosa, & rara obediencia, deixando se levar pera onde o mandavam, como se fosse hum

^e
D. Berni de obed. Verus obediens: mandata non prostrati-
nat.

Grãde re-
signaçam
nas mãos
de seus su-
periores.

corpo morto, ou bordam de
homem velho, o leva pera on-
de quer quem o tem na mam;
que assim nos ensina, a nossa
regra.

3 Viviam tam despojado
de sua propria vontade, que de-
sejando os superiores, pera lhe
buscar remedio à saúde, que lhe
faltava, darlhe o que fosse mais
gosto seu, ou passalo pera algu-
ma terra, ou Collegio, pera on-
de mais quizesse, lhe nam po-
diam tirar outra reposta, mais
que esta, *Farey o que me manda-
rem*; & estando huma vez muy
doente em Coimbra, lhe disse
o Padre mestre Simam, se que-
ria vir pera Lisboa, por ser ter-
ra mais temperada, de ares mais
benignos, & de clima mais su-
ave; respondeo, que o seu querer
nisto, & em tudo o mais, era a
vontade de seu superior, que es-
ta tinha elle pela divina, &
por isso d'ella queria ser gover-
nado, nam menos na vida, que
na morte.

Como fu-
gia do fa-
vor, & ap-
plauso dos
grandes.

4 A humildade d'este ser-
vo de Deos, & desprezo das cou-
sas do mundo, com que sempre
fugio a honra dos Princepes, &
favores da aura popular, foy
couza neste Reyno bem cele-
brada, por elle ser muy conhe-
cido: & como nestes principios
(pela muita merce, que nos fa-
zia o invictissimo Rey Dom
Ioam o terceiro) era a Compa-
nhia tam estimada, procurava o

Padre mestre Gonçalo nam ser
visto dos Reys, nem conhecido
do povo. Porém, como os
rayos do sol sam difficultosos
de encobrir, por mais que as
nuvens se opponham envejosas,
assim taes sam as luzes da verda-
deira humildade; porq̃ ainda q̃
o seu officio he anichilar seus
professores, quanto mais se es-
condem, mais se manifestam, &
à sombra de sua escuridade, lu-
zem mais seus resplandores.
Esta foy a causa, que fez mais
conhecido o Padre mestre Gõ-
çalo; quanto menos tratava de
valer, tanto o estimavam por
mais valido. O mesmo Rey Dõ
Ioam o terceiro, prezava tanto
a este humilde Padre, que em
ausencia do Padre mestre Si-
mam Rodrigues, quando (como
dissemos) foy a Roma, ordenou,
que o Padre Gonçalo ficasse
por mestre do Principe Dom
Ioam seu filho; mas elle resistio
tanto, que foy necessario no-
mear o Padre Luis Gonçalves:
a serenissima Rainha Dona Ca-
therina, o respeitava como a
sancto; & estando huma vez o
Padre em Almeirim, recolhi-
do em huma capella, dentro da
horta d'elRey, pera a qual ti-
nhamos porta, passando por aly
a Rainha, lhe disse: *Encomen-
dayme a Deos Padre mestre Gonçalo*;
estava o servo de Deos posto de
joelhos, & sem mudar a postura,
lhe respondeo, q̃ sim, abaixado

humilmente a cabeça, & continuando perseverante na oração (que os varoens sanctos guardam todos os primores com Deos, ainda que faltem em alguns pontos de cortesia com os homens) querendo as damas, que seguiam a Rainha, fazerlhe a mesma petição, lhe disse a Rainha, *Deixay ao sancto, que rogue a Deos por nos.*

Como veyo
a adoecer.

5 A muita penitencia, que fazia, a continuacão aos exercicios espirituales, a excessiva assistencia no confissionario, nam podiam deixar de causar grandes enfermidades neste bom Padre; adoeceo muy gravemente, & o mal ainda era dobrado, por causa de seus muitos achaques; & porque o amor, que lhe tinham, era grande, lhe applicavam muitos remedios; ao que elle respondia, que nam se cansassem com curar hum tronco velho, que já nam podia reverdecer. Tinha o servo de Deos tanta devaçam ao sanctissimo Sacramento, que ainda na ultima doença, em que as forças estavam muy debilitadas, cada dia disse missa, até o dia antes de sua ditosa morte.

Como se
aparelhou
pera morrer.

6 Estando já em vesporas de se ver na gloria desejada, era cousa admiravel, ver, & ouvir os abrazados colloquios, as ferventissimas jacularorias, as léttas acezas de amor divino, com que manifestava os desejos de

ver a Deos, & à Virgem sanctissima, com quem tinha suavissimas praticas. Antes de entregar sua alma ao Senhor, pedio a vela, & tomandoa na mam, repetio, com alguns Padres, o symbolo dos Apostolos, & disse estas notaveis palavras: *Nesta fé me criaram, nesta vivi sempre, & declaro, que nesta morro; testifico nesta hora, que se com a agonia da morte me escapar alguma palavra indigna de peço christam, já de agora a bey por nam dita; & estendendo o braço com a vela na mam, disse mais estas palavras: Assim como este lume allumia os olhos do corpo, assim creyo eu, que meu Senhor IESU Christo allumia todo o homem, que vem a este mundo, porque elle he luz verdadeira, & eterna.*

7 Feita esta protestaçam da fé, com grande affecto, continuando com suavissimos colloquios, depois de recebidos os sacramentos, com grande devaçam, espirou, & morreo em o Senhor, em a residencia de sancto Antam, aos 4. de Abril de 1552. & se foy gozar do premio, de que tinha promessa, como dissemos no primeiro livro, acabando com huma morte tam ditosa; a qual nos justos (como diz Sam Bernardo,) he fim dos trabalhos, remate das victorias, porta da vida, & entrada da perfeita segurança; varãam dignissimo de perpetua memoria, & merecedor de ser posto

De sna sã
cta morte.

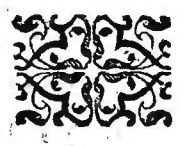
Lib. 1. c. 10.

f
D. Bern. in Ep.
Preciosa mors
sanctorũ, tan-
quã finis labo-
rũ, tanquã meta
victoriaz, tanquã
vitz-ianua, &
perfectz secu-
ritatis ingres-
sus.

Anno de Christo de 1552.

Lib. 1. o. 10.

na frontaria d' esta Provincia, entre as pedras mais escolhidas, que mais lustram neste sagrado edificio; pois he o primeiro novico, que em Portugal foy recebido na Companhia, como apotamos no primeiro livro d' esta historia; & assim como foy o primeiro na entrada de nossa Religiam, assim he dos primeiros, que merecem ser estimados como pays, & autorizados como sanctos; ao qual, muito em particular, tem especiaes obrigaçoens; o Collegio de Sancto Antam, pelas rezoens, que temos dito, & pelo muito exemplo, que deo a seus confessores; que devem aqui, com particular empenho, empregarse nesta sancta occupaçam do confissionario, pois tem à sua conta a boa criaçam de tantos moços estudantes, que nos tem por mestres, & nos bulcam por confessores.



CAPITULO XXXIII.

Das causas, que houve, pera neste anno de 1552. (por ordem de nosso sancto Patriarcha Ignacio) acabar o Padre mestre Simam de ser Provincial em Portugal, & pera hir ser Provincial em o Reyno de Aragã.

Pelo que vimos até aqui nesta nossa historia, em que se contam treze annos da Companhia, consta quam grandes sam as obrigaçoens, que todos os filhos das Provincias, pertencentes a Portugal, temos, & devemos ao Padre mestre Simam Rodrigues (que sempre foy até aqui o principal logeito d' esta Chronica) a quem todos reconhecemos por nosso muy prezado, & muy querido pay, cuja memoria sempre será pera nós muy sancta, & muy faudosa; & sempre lhe confessaremos as primeiras, & mayores obrigaçoens, pois a elle se devem os Collegios, as casas, os estudos, em que nos criamos, & as rendas, com que nos sustentamos; porque elle foy o primeiro da Companhia,

Muito devemos ao P. M. Simam.

nhia, que veyo a Portugal, elle foy a quē tanto estimou o serenissimo Rey D. Ioam o III. por sua grãde virtude, por seus grãdes talentos, por suas raras partes, & apprazivel cōdiçam; & sobre tudo, pelo grãde zelo das almas, em q̄ ardia aquelle fervoroso peito: & por seu respeito particularmēte estimou tãto este grãde Rey a nossa Religiãtoda, julgãdo, q̄os mais filhos da Cōpanhia deviã ser semelhãtes a tã bõ pay. & assi, como tenho por cousa sē duvida, q̄ a dilataçam, & bõ sucesso da Cōpanhia, pelo mūdo todo, se deve principalmēte (depois de Deos, & das lagrimas do nosso S. P. Ignacio) ao serenissimo Rey D. Ioam o III. de gloriosa memoria (pelo muito, q̄ nos deo, pelo muito, q̄ nos amou, & pelo muito, q̄ nos autorizou, & encômẽdou aos Sūmos Pontifices, & aos mayores Monarchas do mūdo.) assim tenho por cousa indubitavel, que todo este bẽ se deve, em grãde parte, ao P. M. Simam, pois elle foy o primeiro da Cōpanhia, aquē conheceo este augustissimo Rey, & a quē tãto estimou, como temos visto; & por cujo respeito, tãto tomou ē seu real peito, & a sãta cõta as cousas da Cōpanhia, q̄ nam sòmēte quiz, & pretẽdeo, q̄ fosse Religiãt, mas sempre a amparou, & autorizou, dilatou, & triqueceo cõ tã liberal mã, & cõ favores tã grãdiosos, & pri

vilegios tam notaveis, como temos visto nesta primeira parte, & hiremos vendo na segunda.

2 Passava de doze annos, q̄ este grãde servo de Deos o P. M. Simam cõtinuava nestes Reinos, cõ o cuydado, & cargo de superior, & depois Provincial, nam sòmēte acodindo ao bem da Companhia, dentro em Portugal, mas dilatandoa por algumas partes de Africa, & pelo mundo novo do Brasil, como já referimos; & por todo o Oriente, com nova gente de socorro, que os mais dos annos lhe mandava, alcançandolhe do Rey liberalissimo grandes esmolas, pera o augmẽto da christandade d'aquellas partes, grãdes favores, & privilegios, pera os missionarios, & pera os novamente convertidos; emfim, ajudando, como pay, a todos os filhos, que tinha diante de seus õlhos; & como solícito, & cuydado pastor, acodindo tambẽ ás ovelhas, que andavam ausentes, & fóra do aprisco de Portugal: neste anno porẽm, cõcluio cõ o governo d'esta provincia, & o entregou ao padre Diogo Mirãm, & se partio pera Roma, pelas rezõens, que aqui apon-

3 Muy bẽ sabia nosso glorioso Patriarcha sancto Ignacio, de quam grande proveito era pera Portugal o padre mestre Simam, com seu governo,

Grãdes obrigações,
q̄ temos ao
P. M. Simam.

Doze annos
havia, q̄ o
P. M. Simã
governava
esta Provincia.

Lib. 3. c. 11.

Anno de
Christo de
1552.

574

Anno da
Companhia
13.

Rezoens, q
houve, pe-
ra o P. M.
Simam a-
cabar de
ser supe-
rior.

& com sua assistencia; com tudo lhe pareceo, que pois esta provincia estava ja tanto avante, & tam bem fundada, lhe nam faria ja tanta falta sua presenca, & que se podia ja entregar este governo a outro superior; o que julgava ser conveniente, por alguns bons respeito; assim pera que se persuadissem os Religiosos de Portugal, que nam haviam somente obedecer ao padre mestre Simam; nem so reconhecelo a elle por pay, & superior. Em rezam d'isto considerava o sancto fundador o grande amor, que os Irmãos d'esta provincia tinham a este seu querido Provincial, & julgava, que cõvinha moderar, & apurar este affecto, que havia a sua presenca corporal, tiradolho dos olhos, pera q so o amassem em espirito, como verdadeiros filhos de Christo Redemptor nosso, o qual, pera desapegar seus discipulos do amor, que tinham a sua sagrada humanidade, lhes dizia, a que lhes importava sua ausencia, quanto a vista corporal; pera que, desapegados do objecto humano, ficassem mais dispostos pera receber o espirito divino; & pera que (como notou S. Joam Chrystostamo) se acostumassem a nam sentir ausencia corporaes, os que se criavam pera se dividirem pelo mundo todo; assim entendia

nosso bemaventurado Padre; como grande mestre de espirito, que conuinha tirar, por algum tempo, dos olhos dos Irmãos da Companhia de Portugal, a presenca do seu tam amado superior, pera que nam estranhassem semelhantes apartamentos os que se criavam pera viverem apartados.

4 Outro motivo de nam menor consideracam teve tambem o sancto Patriarcha, pera fazer esta mudanca de governo; porque o padre mestre Simam havia ja doze annos, que era superior, & Provincial; & nas constituicoes, q tinha feitas, (& comunicadas ao mesmo Padre, pera se haverem de publicar) se limitava o governo dos Provinciaes, a tempo de tres annos, conforme ao uso commum das outras Religioens; & como logo se haviam de publicar estas constituicoens, era justo, que tambem começasse esta ley a porse em praxe, pera q se persuadissem os superiores, q nam haviam de ser perpetuos. E quasi no mesmo tempo mandava tambem o sancto Patriarcha vir da India o glorioso P. S. Francisco de Xavier (que tambem havia mais de dez annos, que aly era superior absoluto) Em consequencia desta ordem, o padre Diogo Miram (q succedeo no governo ao P. M. Simam) nam cõtinuou no cargo

^a
Joan. c. 16 n. 7
Expedit vobis
ut ego vadam.

^b
Chryf. hom. 87
in Ioan. Vr in-
festiva affe-
ctū, & cõsuetu-
dinis desidētiū
tolleret, cum
enim essent or-
bis terrarū curā
suscepturi, si-
mul ampliū
esse non pote-
ant.

^c
Const. p. 9. c. 3
§ 14

^d
Lucen. in eius
vita lib. 10,
c. 27.

Outra rezã
m, pera
esta mudã
ça.

Querã S.
Ignacio, q
o P. fosse
promover
o bem dos
Collegios
de Valença
& Aragã.

de Provincial, mais que tres annos, entregando logo a provincia ao padre Miguel de Torres, como veremos.

5. Outra rezã havia, de nam menor consideraçã, porque tratava S. Ignacio de introducir, & praticar as constituçoens da Companhia, as quaes, como quer que em muitas cousas variassem as ordẽs, & costumes, que atẽ o presente correrã nesta provincia, dadas pelo P. M. Simam; pera isto se executar com mayor suavidade, & cõ menor contradicã, lhe pareceo, que convinha ausentar se de Portugal o P. M. Simam, porque assim com a troca do Prelado, nam estranhassẽ a mudãça das ordens.

6. Estas foram as causas, que movẽram ao sancto fundador, pera fazer a mudança do Padre mestre Simam, ordenandolhe, que fosse tomar o governo da Provincia de Aragã, como primeiro Provincial d'aquelle Reyno, pera que, com sua boa dita, com sua grãde benevolencia, & com a entrada, que com todos tinha, por sua boa graça, & apprazivel condiçã, promovesse o bem da Companhia em Valença, & em Aragã (aonde ainda nam havia Collegio na sua principal cidade, que he Saragoça) como já o tinha feito em Portugal. E supposto que o sancto fundador

tratava de entregar o governo a outro Provincial, ficava esta mudança do P. M. Simam, pera outra provincia, posta em toda boa rezã; porque o sancto, como muy prudente, que era, bem previa os inconvenientes, que poderia haver, se o padre mestre Simam ficasse em Portugal (tendo o governo outro Provincial) pois necessariamente haviam os Religiosos de recorrer a elle, assi n por sua muita autoridade, como por sua muita affabilidade; o que particularmente fariam os que tivessem queixas, ou verdadeiras, ou fingidas do novo Provincial (que sempre hã queixos em occasiã de superiores novos) & em nenhuma conveniencia de bom governo podia caber, permitir se na mesma provincia, & no mesmo Collegio, semelhante recurso; que os superiores nam querem ter em casa quem lhes faça sombra; & os que começam a governar, nam gostam de ter por censores de suas aççoens, os que acabãram de governar; & ainda que o padre Diogo Mirã era homem de muita virtude, & soffrimento, com tudo, neste particular, mais se havia de respeitar à paz dá comunidade, que à paciencia do superior.

7. Por onde, supposto que o sancto Patriarcha julgava,

Anno de
Christo de
1552.

576

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno da
Companhia
13.

*Era muy
ordinaria
a mndaca
das terras
em os nos-
sos.*

Lib. 2. c. 18. &
c. 20. n. 10. &
c. 32. & c. 42.

que convinha, que o Padre mestre Simam acabasse com o governo da Provincia; tambem em consequencia convinha a sahida pera outro Reyno; o que ficava menos de estranhar, naquelle tempo, em que as mudanças dos nossos, pera diversos Reynos, eram muy ordinarias, como temos visto nesta historia, porque nosso sancto Patriarchi costumava a repartir os Religiosos, mais conformandose com a neçesidade das provincias, do que respeitando o natural dos logeitos; & assim como nos mandava, pera governar a provincia de Portugal hum Hespanhol, natural de Valença, que era o padre Diogo Miram; assim tambem ordenava, que o padre mestre Simam Portuguès, fosse governar a provincia de Aragã; & nesta conformidade mandava de Portugal subditos pera Castella, & de Castella, & de outras partes pera Portugal (como largamente vimos nesta historia.) pera que todos nos amassemos como irmãos, nam por sermos da mesma pátria, mas por estarmos na mesma Religiã. Todas estas conveniencias, & todas estas causas, que appontei, facilitavam muito a sahida do padre mestre Simam de Portugal, aonde naceo, & aonde es-

tava, pera Aragã, aonde o mandavam ser provincial: quanto mais que o varam sabio, por mais longe que vá da terra donde naceo, nunca pode sair de sua pátria (como dizia Seneca,) porque sempre fica dentro do mundo, do qual he natural, & ainda que se possa chamar peregrino, nunca poderá ser desterrado.

8 Se estas rezoens, que aqui appontei, facilitavam a sahida do padre mestre Simam, havia outras muitas, que muito a dificultavam; porque el Rey gostava de o ter junto de sy, o Principe o tinha por seu mestre, & os cortesãos, & fidalgos o estimavam como confessor, como conselheiro, como amigo, & como homem, que tinha muito de Deos. No capitulo seguinte veremos, como o padre aceitou esta ordẽ, & como na corte; & entre os nossos se tomou esta mudança.



f
Sen. de Reine.
fortitud.
Patriam meam
trãfire nõ pos-
sum, omnium
una est terra
&c. Si enim sa-
piens est, pere-
grinatur, si stul-
rus, exulat.

CAPITULO XXXIV.

*Como o Padre Mestre Simam
recebeo esta ordem, & entre-
gou o governo ao Padre Dio-
go Miram; & como isto se
tomou, assim na corte, como
entre os nossos; & do
principio do governo
do novo Pro-
vincial.*

Tanto que o Padre mestre Simam entẽdo a vontade do glorioso Patriarcha, tratou, como filho de obediencia, de por em execuçam, o que o sancto lhe significava acerca de deixar o cargo de Provincial, & ainda ausentarse de Portugal, posto que se lhe fazia cousa muy pezada, haver de continuar com o mesmo cargo em outra Provincia, porque de todo o ponto desejava verse livre de semelhantes governos. Divulgouse logo pela corte (porque nam he possivel encobriremse segredos, & governos domesticos da Religiã aos poderosos, & validos) nam se pôde dizer quam mal tomavã os fidalgos, & mais cortesãos, haverem de perder

hum varã tam insigne, que tãto lhes autorizava a sua corte: entre outros, os q̃ nisto se mostrãram mais sentidos, foram o Duque d'Aveiro D. Ioam d'Alencastre, neto d'elRey D. Ioam oII. (de quem já dissemos, quam afeiçoado era ao P. M. Simam) & o Conde da Castanheira D. Antonio de Ataide, que entã era o valido com elRey, & grãde amigo do Padre, & protector da Companhia, como já contamos no primeiro livro; os quaes com grande efficacia, procuravam, por todas as vias, estorvar esta mudança, offerecendose a fazer baixar hũ decreto, em q̃ elRey mandasse, que o P. M. Simam nam sahisse de seu Reyno; outros pretendiam haver ordẽ, & ainda obediencia do S. P. Ignacio, em q̃ de novo obrigasse ao P. M. Simam a nam sahir de Portugal. Outros, por saberem, q̃ nisto davam gosto ao Principe, & ao Rey seu pay, & a toda a corte, tratavam de hir detẽdo o Padre, pera entre tãto impetrarẽ do Sũmo Põtifice hũ Breve apostolico, pelo qual o mandasse residir na corte, continuar cõ o ensino do Principe D. Ioam; & secretamẽte apertavã cõ elRey, q̃ o obrigasse, por via do Sũmo Põtifice, a aceitar algum Bispado, que por muitas vezes lhe tinhã offerecido, & naquella occasiã, com mais calor, lhe pretendiam entregar.

*Escusase o
P. M. Simã
de ser Pro-
vincial em
Aragã.*

*O sentimẽ
to q̃ houve
da hido do
P. M. Si-
mam.*

Li. 1. c. 26. n. 6.

Lib. 1. c. 15.

*Meyos, q̃ se
tomavam
na corte,
pera impe-
dir esta
mudança
do P. M. Si-
mam.*

Anno de
Christo de
1552.

578

Chronica da Companhia de Iesu, em Portugal.

Anno da
Companhia
13. 7. 1

Escreve S.
Ignacio a
elRey.

2 Muito arreceavam os Padres d'esta Provincia; que nam fosse possivel deferir elRey a esta vontade do sancto Padre Ignacio, pelo muito que em outros tempos lhe tinha resistido a sua hida a Roma, como vimos no capitulo quinze deste livro, & pelo muito, que estimava a pessoa do Padre mestre Simam. Vendo pois o sancto Padre Ignacio, a força, que faziam ao Padre mestre Simam, assim a benevolencia real, como o amor, que os grandes da corte lhe tinham, escreveu ao serenissimo Rey, & à serenissima Rainha Dona Catherina, & aos Infantes Dom Luis, & Dom Henrique, cartas, em que lhes manifestava as rezoens, que tinha, pera que o Padre mestre Simam entregasse o governo ao Padre Diogo Miram; & juntamente mandou outras cartas ao Padre Leão n. Henriques, & ao Padre Urbano, & Luis Gonçalves, em que lhes dava cõta d'estes negocios, & lhes encomendava a siltissimã execuçam delles: escreveu tambem, sobre a mesma materia ao Padre mestre Simam; recebeu o servo de Deos a carta de seu sancto Padre, em q̄ vio a resoluçam, que tomava, em o aliviar do governo, pera o entregar ao Padre Diogo Miram, que pera isso tinha vindo de Roma.

3 Nam se podem crer os

finaes de reverencia, com que recebo esta nova, beijando muitas vezes a carta, chegando ao peito, & pondo a cabeça; tratou logo de a dar à execuçam, entregando as cartas, que vinham pera o Padre Diogo Miram, & desobrigandose no mesmo tempo do governo da Provincia, que com toda a resignaçam entregou ao mesmo Padre Diogo Miram. Feita a entrega do governo, pediu logo licença a elRey, pera se retirar à residencia de Sam Fins, junto a Valença do Minho, que o serenissimo Rey cõcedeo, assim por deferir às cartas do sancto Padre Ignacio, como porque a ausencia do Padre mestre Simam nam era pera fora do Reyno; sahiose logo da corte (estimando mais o canto de sua Religiam, que as prelasias mais graves, & autorizadas do Reyno) & se passou pera esta residencia, em quanto tratava de se escusar do governo da Provincia de Aragã, & em quanto se aquietavam as faudades dos nossos, & dos cortesãos, & fidalgos (que tanto sentiam sua ausencia) procurando somente entregar-se a Deos, & viver consigo naquella solidam, & entre aquellas montanhas, & serranias, em que está fundado o mosteiro de Sam Fins; porẽm, nem aqui lhe foy possivel aquietarse, porque nam cessavam os

Retirase o
P.M. Simã
pera Sam
Fins.

da

Grãdes fa-
udades, q
havia do
P. M. Si-
mam.

P. Diogo
Mirám foy
homẽ mui-
to severo.

da corte a pedir ao Rey, que lhes restituísse o mestre do seu Princepe, que tinham por deterrado em Sam Fins, em quanto o nam viam em Lisboa: muito mayores eram os desejos, que os nossos do Collegio de Coimbra tinham, de ver, & gozar a seu antigo pay, assim pelo grande amor, que sempre lhe tiveram, como tambem por estranharem muito o novo modo de governo do Padre Diogo Mirám.

4 Era este Padre homem de grande virtude, mas acompanhada de igual austeridade: era hum rijo Catãm, era justo, era tenaz, & constante em seu bom proposito; asperrimo pera consigo, & nada brando pera com os outros; & como tinham grande opiniã da virtude, queria por em praxe de obra, a que entendia na especulaçam do entend mento; nam ajustava as cousas pelo que podem ser, senam pelo que era bem que fossem: cahiolhe por adjunto no governo, com o Reytorado do Collegio de Coimbra, o Padre Manoel Godinho (que succedeo ao Padre Urbano, por nomeaçam do mesmo novo Provincial, como já dissemos) o qual Padre Godinho parecia feito pelo mesmo molde do Padre Mirám, semelhante a elle na virtude, & zelo, & em tudo igual na severidade, &

aspereza, com que se tratava a sy, & com que queria medir os outros.

5 E na verdade, nesta mudança de Provincial, novidade de governos, & introduçam de Constituiçoens (que, como diremos, em seu tempo, se começaram a introduzir) parece que pediam as conveniencias de bom governo, que estes nôvos superiores entrassem praticando o uso das Constituiçoens, mais com a tenta da suavidade, que com a vara do rigor; que até o mesmo Deos nos ensinou esta doutrina, porque sendo assim que no livro do Levítico^a ameaça grandes mortes, a quem nam guardar suas leys, quando no Exodo^b as começou a publicar, entrou prometendo prêmios, & nam fulminando castigos; porque nam era bê (como nota Cyrillo Alexandrino) que logo começasse ameaçando, como juiz, quem queria ser amado, como pay. Antes sepre foy dictame de novos governadores, querer captar benevolencia, com mostrar brã dura; q assim o disse o aviso do outro Consul Romano, falando dos Princepes, em principio de seu sceptro.

6 E quando nam haja favores, ao menos convem em o tal tempo dissimular com rigores; & este foy o primeiro bom lanço de governo, de que usou

13. 7. 5

Os princi-
pios de go-
verno se-
pre devem
ser mais
brandos.

^a Levit. 24. n. 2.
Morte mortu-
tur, &c.

^b Exod. 20. n. 13
Vt sis longu-
vus supet terrã,
quã Dominus
Deus tuus da-
bit tibi.

^c Cytill. Alex. lib.
11. in Levit.
Voluit ut non
metu pãnz,
sed amote pie-
tatis mandata
custodias, &c.

^d Lentulus apud
Lucan 8. Phat
fal. Mirissima
fors est Regno-
rum sub Rege
novo.

Saul,

Christo de

I 552.

1. Reg. c. 10.
n. 17. Et despe
xerunt eū, ille
veró dissimula
bat se audire.

2. Reg. c. 20.
n. 10.

2. Reg. c. 3.
n. 27.

3. Reg. c. 1. 4
n. 31.

Saul, * escolhido por Deos (no tempo, em que ainda estava em sua graça) do qual conta a Escripura, que dissimulou as affrontas, que contra elle diziam os filhos de Belial; porque como estava ainda em principio de reynado, julgou que mais lhe convinha por entam dissimular, que castigar. O mesmo lemos de David, ^f o qual podêdo matar a Ioab, pelas mortes injustas, & atreçoadas, que deo aos dous generaes Abner, & Amasa; com tudo, usou de clemencia de Rey novo, que entam era: & o mesmo fez seu filho Absalam, ^g quando começou a ter a coroa de Israel, perdoando ao traydor Adonias. Todos estes exemplos parece que haviam de mover ao novo Provincial Diogo Mirám, & ao novo Reytor Manoel Godinho, a começar seu governo dissimulando, & nam castigando; fazendo favores, & nam entrando cō rigores: elles porém incitados de seu zeloso espirito, entraram logo com severidade, introduzindo novas ordens, ainda que fosse á custa dos subditos, aos quaes sempre descōtentam novidades; especialmente se sam de mayores apertos, senam vambem reguladas pelo molde da prudencia, & tenteadas primeiro pelo prumo da brandura. Nam podiam estas cousas deixar de causar grandes saudades

do Padre Mestre Simam, & da suavidade do seu bom governo.

7 Outra rezam havia no Collegio de Coimbra, pera alguns, andarem menos contentes; porque o novo Provincial Padre Diogo Mirám, levado de seu fervoroso zelo, a todos os officios da casa queria assitir por sy mesmo, parecendohe que faltando em algum, logo se perdiam todos; & que nam se fazia nada, senam presidisse a tudo. Nam podiam os officiaes, & ministros, deixar de andar pouco satisfeitos, por cuydarem se nam tinha d'elles a devida confiança (que os subditos sentem muito, que os Prelados nam fiam muito d'elles; antes cada hum quer (como diz Seneca ^h) que os outros se fiam d'elle: & na verdade, se vos fiaes de hum homem, obrigailo a ser fiel; & pelo contrario, quem teme ser enganado, dá occasiã pera o saberem enganar; & o que de alguem sospeita mal, mostralhe o caminho pera ser mau: d'aqui vem a resoluçam dos prudentes, que quem alguma vez nam sabe dissimular, nam deve governar: porque hã cousas, nas quaes (como diz o mesmo Philosopho ⁱ) he melhor permitir enganos, que mostrar desconfianças: *In quibusdam rebus satius est decipi, quàm disfidere.*

7 Grande prudencia se require

P. Diogo
Mirám a
todos os of
ficios que
ria assitir

^h
Sen. li. 2. de ira.
c. 23. Quisque
sibi credi vult,
& plerique ip
sam fidē obli
gat fides habita.
ta.

Sen. epist. 3. ad
Lucil. Multi
fallere docue
runt, dū falli ti
mēt, & alijs pec
candi ius suspi
rando fecerūt.

Quãto cõ
vẽ dissimular.

ⁱ
Senec. lib. 2. de
ira, c. 23.

August. Quæst.
vet. & novi tes-
tamēti. Si pec-
cantibus respō-
deas ad singu-
la, nō deerit u-
bi pecces.

m
Gregor. Naz in
Apol. Re vera
mihi videtur
esse ars artū, &
disciplina disci-
plinārum homi-
nem regere.

n
Orland. lib 13.
n. 55.
Instar excoeli
cuiuslā motu-
ris orbis subie-
ctos æqualiter,
& cum gravita-
te ciere.

Cōselho, q
S. Ignacio
deo ao P.
Diogo Mi-
ram.

requere pera governar com-
midades grandes; & assim co-
mo com o demasiado descuydo
do prelado se afroixam os sub-
ditos na virtude, assim com a
demasiada severidade se exaf-
pèram; & como diz sancto A-
gostinho, quem quer emendar
todas as occasioens de pecca-
dos, nam lhe faltará alguma oc-
casiã em que venha a peccar;
& porque o superior ha de to-
mar o caminho entre estes do-
us baixos, por isso nam há offi-
cio mais difficultoso de apren-
der, que o de saber governar; &
d'aqui vem chamar Sam Gre-
gorio Nazianzeno ao bom
governo, *Ars, artium, & discipli-
na, disciplinarum*, Arte das artes, &
sciencia das sciencias. E pera
que o bõ Padre Diogo Mirãm
entendesse, que esta sua nimia
vigilancia, & demasiada assistẽ-
cia, por sy mesmo, às occupa-
çoens dos outros, nam eram a-
justadas ao governo, que sancto
Ignacio queria na Companhia,
lhe escreveo o mesmo sancto
huma carta, da qual fala o Pa-
dre Orlandino; na qual, com
celestial prudencia, o advertio,
que temperasse aquella sua soli-
cita nimiedade, & que se lem-
brasse, que nam era obrigaçam
de superior mayor, meter se nos
officios temporaes da casa; &
que hum Provincial havia de
ser como hum primeiro motõ
das espheras celestiaes, que

nam decendo do seu supremo
cêo, por meyo dos outros
moveis communica suas influ-
encias à terra, com igualdade, e
com gravidade.

9 Em quanto o Padre
Provincial Diogo Mirãm nam
guardou este conselho, em tudo
se queria meter, & por isso nos
subditos havia desgostos; &
com elles cada dia creciam as
saudades do Padre mestre Si-
mam, as lembranças de seu bõ
tempo, & os desejos, & preten-
sões de o ter outra vez por pay,
& de o lograr por Provincial; pa-
rece ndolhes, que só este reme-
dio poderiam ter, pera gozar
da serenidade de seu governo,
por mais que elle já nam trata-
va senam das contemplaçoens
do cêo, & sentia haver ainda
quem d'elle se lembrasse. Com
tudo bem se deixava ver, que
em quanto o Padre M. Simam
estivesse em Portugal, ainda que
fosse no retiro de Sam Fins, ha-
viam os Religiosos de suspirar
por elle: & em quanto elle, ou
nam tornasse aos governar, ou
elles nam perdessem estas espe-
ranças, com sua ausencia,
nam poderia amai-
nar esta ma-
reta.



CAPITULO XXXV.

Manda sancto Ignacio por Visitador a Portugal, o Padre Miguel de Torres; escreve a el Rey, sobre a mudança do Padre mestre Simam; responde-lhe sua Alteza; e parte-se o Padre pera o Reyno de Aragã.

TEve aviso sancto Ignacio em Roma, do que passava em Portugal; & tratou logo, como tam vigilante, de aquietar estes desgostos; & pera isto tomou este seguinte meyo. Havia tempos, que elle desejava mandar huma pessoa de autoridade, que viesse a Portugal beijar a mam ao serenissimo Rey Dom Ioam o III. (como a glorioso fudador desta provincia, primeiro protector, & o mais insigne benfeitor da Companhia) & lhe desse as devidas graças, por tam magnificas merces, em seu nome, & de toda a Companhia, supposto que elle nam podia vir em pessoa comprir com esta tam precisa obrigaçam; pera isto escolheu o padre Miguel de Torres, Reytor, que entam era no

nosso Collegio de Salamanca, & Doutor em Theologia, pela Univerfidade de Alcalá, pessoa de grande respeito, de quem farei na segunda parte. E pera que viesse com mais autoridade, lhe deo o cargo de Visitador d'esta provincia. Alem d'este devido reconhecimêto, que o novo Visitador vinha tributar ao augustissimo Rey, o principal negocio, que com elle trazia, era pedir-lhe desse sua Alteza amorosa licença ao padre mestre Simam, pera sahir de Portugal, & hir governar a provincia de Aragã, declarando por carta sua, as causas, que o moviam, em o Senhor, a fazer esta mudança.

2 Recebeo o poderoso Rey esta humilde embaixada do servo de Deos sancto Ignacio, com grande benevolencia, & com muita satisfação da pessoa do Doutor Miguel de Torres, por ser homem de muy calificada virtude, de rara prudencia, & notavel autoridade; deferiolhe a tudo, & no particular da mudança, que o sancto Patriarcha queria fazer do padre mestre Simam; posto que o serenissimo Rey a sentio ao principio (pela mnita conta, que fazia da virtude, prudencia, & grandes talentos de tam insigne varã) com tudo foy tal o respeito, que teve à vontade, & parecer de nosso bemaven-

turado

Manda S. Ignacio dar os devidas graças a el Rey D. Ioam.

P. Miguel de Torres foy homem de muita autoridade.

turado Padre, que cortandô por seu gosto proprio, deo liberal licença ao Padre mestre Simam, pera sahir de Portugal.

3 Respondendo a S. Ignacio com a leguinte carta, que temos em nosso poder, que lhe remeteo, por via do padre Luis Gonçalves da Camara, que d'aly a poucos meses foy a Roma, como veremos adiante.

CARTA DELREY Dom Ioam o terceiro, pera nosso sancto Padre Ignacio, sobre a mudança do Padre mestre Si- man.

Padre mestre Ignacio, recebi vossas cartas, & com ellas muito contentamento; & houve, por serviço de nosso Senhor, o que me pedistes, acerca da mudança do Padre mestre Simam, o que se fez da maneira, que o Padre Luis Gonçalves vos dirá; & podeis ter por muito certo, que sempre folgarei de favorecer esta Companhia pelo muito fructo, que vejo, que nosso Senhor por ella em meus Reynos, & Senhorios faz; & porque, acerca desta minha vontade, & de todo o mais da dita Companhia, & assento das cousas della, nestas partes, toca ao dito Luis Gonçalves; a elle me remeto, & lhe dareis inteiro credito,

Carta del-Rey pera S. Ignacio.

em tudo o que de minha parte vos disser. Escrita em Lisboa, em 30. de Janeiro, de 1553.

REY.

4 Ate aqui a carta do serenissimo Rey; & nesta licença, que deo, & resolução, que tomou, bem mostrou o grande amor, que tinha à Companhia, pois tantas mostras de benevolencia ao Padre mestre Simam, mais éram fundadas na Religião, que na pessoa, posto que esta fosse tam digna de ser estimada; o que appôtei aqui, pera que se desenganem alguns Religiosos (quando se virem estimados no mundo) & se persuadam, que a estima, que d'elles se faz, mais he por respeito da Religião, que professam, que por causa dos talêtos, q' possuê, como a experiêcia nos mostra em alguns, que tanto que deixaram o habito, que vestiam, logo perdêram o respeito, que lhes tinham.

Prova do amor, qel Rey tinha à Companhia

5 Tambem temos em nosso poder a carta, que no mesmo tempo, por esta occasiã, escreveo elRey ao seu embaixador em Roma, que naquelle tempo era (como temos dito) Dom Affonso d'Alencastre, Commendador mor, a qual tambem quero aqui referir, porque a achei no cartorio de Coimbra, & sempre servirá pera maior clareza do que himos contando, & pera entendermos o

amor

amor, que este augustissimo Rey nos tinha, & a boa opinião, que formava da Companhia; & nos animemos a saber merecer semelhantes favores, cõ termos iguaes merecimeños.

CARTA DELREY
Dom Ioam o terceiro,
 pera **Dom Affonso de**
Alencastre, commenda-
 dor mór da ordem
 de **Christo,** & seu
 embaixador em
Roma.

Escreve el Rey ao seu embaixador em Roma.

Commendador mór, sobrinho, & amigo, &c. por algumas rezas de serviço de nosso Senhor, & por me assim enviar a pedir o Padre mestre Ignacio, Preposito geral da Companhia de IESU, houve por bem, que o Padre mestre Simam deixasse o cargo de Provincial, como vos dirá o Padre Luis Gonçalves, que a essa corte vay, sobre algumas cousas, que sam do governo da dita Companhia necessarias; & porque elle he pessoa, de cuja virtude, letras, & prudencia, tenho muita confiança, vos agradeccerei muyto dar deslhe credito em tudo o que da minha parte, acerca da dita Companhia, & negocios della, vos disser, & se comprir fallardes em algumas cousas ao sancto Padre, & alguns Cardeaes, & outras pessoas,

falohes da minha parte, com a diligencia, que confio, & como, segundo soube do dito Luis Gonçalves, o fizestes na annexaçam do mosteiro de Sam Ioam de Longavares, & em haver a data delle, que estava perdida, & em outras cousas da Companhia, que vos muito agradeço, & me hey nisso por bem servido de vós. Escrita em Lisboa, 30. de Janeiro, de 1553.

R E Y.

6 Tanto que o padre Miguel de Torres entendeu, que sua Alteza se inclinava a dar licença ao padre mestre Simam, tratou de lhe escrever a Sam Fins. Trazia elle algumas folhas de papel asinadas em brãco, com o nome do nosso sancto Patriarcha (tanta era sua autoridade, & tam grande a conta, que d'elle fazia o sancto) pera que, cõforme o que achasse no Rey, assim escrevesse ao padre mestre Simam, & aos mais, q̃ pera execuçam d'este negocio fossem necessarios; d'estas cartas mandou logo huma ao padre mestre Simam, na qual se lhe ordenava, que deixando a estancia de S. Fins; se fosse a tomar o governo da provincia de Aragám.

7 Nam foram necessarios mais avisos pera o Padre, como tam verdadeiro obediente, se por logo a caminho pera Lisboa, pera que havendo o bene-

Partese logo o P. M. Simam de S. Fins.

placito

placito real, de que até entam
 lhe nam constava (porque nam
 tinha ainda recebida a ordem
 de sua Alteza) se partisse pera
 onde a obediencia lhe ordena-
 va; posto que tinha respondi-
 do ao sancto Patriarcha, que
 esperava do muito amor, que
 lhe merecia, o escufasse d'a-
 quelle novo governo, & se con-
 tentasse com elle deixar Por-
 tugal, dandolhe licença pera
 hir a Roma, a lançar-se a seus
 pés, & tomar a bençã de tam
 bom pay, & amigo em o Se-
 nhor. Vindo pois o Padre me-
 stre Simam de Coimbra pera
 Tomar, recebeu a carta do fe-
 renissimo Rey, da qual enten-
 deo a conformidade, que to-
 mava com o parecer do sancto
 Patriarcha; & logo, com nota-
 vel resolução, digna de hum
 varã tam Apostolico, & com-
 panheiro tam familiar de hum
 tam grande sancto, sem passar
 mais avante, sem mais deten-
 çã, nem apparelho, se
 partio d'aly pera
 o Reyno de A-
 ragã.

Grãde obe-
 diencia do
 P. M. Si-
 mam,



CAPITULO XXXVI.

Como o Padre mestre Simam
 chegou a Roma, & se vio
 com o sancto Patriarcha Ig-
 nacio; & do mais que lhe su-
 cedeo nos annos, que an-
 dou fóra de Por-
 tugal.

1 **C**Om tam valente re-
 soluçã, oomo vi-
 mos, & com tam ce-
 ga, & valerosa obediencia, se
 partio logo o padre mestre Si-
 mam da villa de Tomar, pera o
 Reyno de Aragã, hindo sem-
 pre com grandes esperanças de
 ter alguma reposta das cartas,
 que escrevêra ao sancto Patri-
 archa, pera que o escufasse do
 governo da provincia de Ara-
 gã. Neste caminho lhe so-
 breveyo huma grave enfermi-
 dade, por onde lhe foy neces-
 sario tornar atrás, & deter-se em
 hum hospital, aonde lhe nam
 faltava mais que a presença dos
 nossos Religiosos, a quem elle
 tanto amava.

2 Neste comenos teve hũa
 carta de nosso S. P. escrita em
 Mayo de 1553. chã de toda a
 benignidade, & mostras de verda-
 deito amor, na qual por etã o ef-
 cusava da partida pera Aragã,

Escusa S.
 Ignacio ao
 P. M. Simã
 da hida
 Aragã.

& lhe ordenava, que fosse a Roma, a ver se com elle. Grande foy a alegria, que o Padre recebeu com esta carta; & porque o muito gosto, que tinha de hir ver a seu antigo, & amoroso pay Ignacio, lhe fazia tirar forças da fraqueza, assim fraco, & indesperto como estava, se poz logo a caminho, guardando pelas estradas, & estalagens a ordem da oração, & exercicios espirituaes (que aprendéra de seu mestre sancto Ignacio, nos largos, & trabalhosos caminhos, que com elle tinha andado) até que finalmente, com grande alegria de sua alma, avistou os desejados muros d'aquella cidade, cabeça do mundo, & da Religião catholica.

3 Tanto que chegou a Roma, nam faltou que lhe metesse na mão hum Breve Apostolico, passado á instancia de pessoas illustres de Portugal; pelo qual (cõforme acho escrito) a sanctidade do Papa Julio III. lhe dava licença para poder residir na corte de Portugal, ou aonde fosse mais consolação sua. Recebeo o Padre o Breve, por nam parecer que desprezava tam illustres personagens, como eram os que o tinham impetrado; sentio porém muito, haver quem cuydasse d'elle, que lhe podia fazer graça; quem o queria deter em

Lisboa, quando o seu Patriarcha sancto o chamava para Roma; & logo se foy lançar aos pés do sancto Géral, offerecendo a sy, & entregandolhe o Breve. Esta he a noticia, que entre nós há deste Breve, & a temos por mais certa, que a que dam d'elle, em outra forma muy diversa, alguns autores menos bẽ enformados, & pouco afeiçãoados às cousas de Portugal.

4 Nam se pôde explicar a grande consolação, & alegria, que recebeu o espirito de sancto Ignacio, com a vista de tam amado Irmão, & companheiro seu, na fundação da Companhia, & em suas peregrinações, particularmente vendoo tam fogueito nas mãos da obediencia, sem querer usar do Breve, que lhe offereceram, como quem mais estimava a fogueição, que tinha a seu superior em Roma, que a liberdade, que lhe procuravam os cortesãos em Lisboa. Deteveo nosso sancto Patriarcha por algum tempo, no qual o Padre mestre Simão lhe deo larga conta de sy, das cousas de Portugal, dos progressos d'esta Provincia, das missoens, que tinha mandado à India, ao Brasil, & a Congo; & muy em particular lhe contou as muitas obrigações, que tinhamos

*Offerecem
ao P.M. Si-
mam hum
Breve, pe-
ra residir
em Portu-
gal.*

*Orland. lib. 14.
n. 6. Ioan. Euf.
cundē teutus
to. Viror. illust.
Societ. fol. mi-
hi 550.*

*Quam fe-
stajado foy
de S. Igna-
cio.*

ao serenissimo Rêy Dom Ioão o terceiro; & referindolhe muy por menor todos os mais successos das cousas de Portugal, que pera o sancto Padre, éram de gratissima satisfação, communicando o sancto com elle as cousas de importancia da Companhia. Mas desejando o Padre mestre Simam retirar-se totalmente de negocios, pera algũa parte, em que se pudesse dar todo a Deos; pediu licença a nosso sancto Padre, pera hir em peregrinaçam a Ierusalẽ, como no principio de sua cõversã com elle tinha tratado, & com os mais companheiros: dada a licença (com grandes eavejas de nosso sancto Patriarcha, pelo nam poder acõpanhar) se partio, cõ este intêto, pera Veneza, aõde estando esperando a primeira embarcaçam pera Chipre, tornou a enfermar de tal maneira, que lhe nam foy possivel levar adiante esta sancta peregrinaçam, que já em outro tempo intentrã com o mesmo sancto fundador, sem lhe ser possivel levala ao cabo.

5 Vendo pois, que nam podia executar esta resoluçam, havida licença, se recolheo a Hespanha, aonde viveo muitos annos em o Collegio de Murcia, & em alguns outros das Provincias de Castella, com notavel exemplo de san-

ctidade, & continuo exercicio de fervente oraçam, & rara humildade; ajudando grãdemente aos nossos com praticas sanctas, com bens conselhos, & sobre tudo com o sancto exemplo de sua vida; & posto q̃ nosso glorioso Patriarcha, tendoo nas partes de Castella, queria descãsar nelle, cometendolhe suas vezes, & poderes, pera em todos os negócios de importãcia se fazer o q̃ elle, & o P. Antonio de Araõs assentassem: cõ tudo o P. M. Simam se conservou sempre em tanta humildade, & encolhimêto, que nam queria usar dos poderes, q̃ tinha de Provincial, & collateral do P. Araõs, senam em algũs casos, em q̃ o mesmo S. P. lhe escrevia, encõmendandolhe com particulares rezoens, que acodisse a algum negocio de muita importancia, & entã o fazia, cõ tanta prudencia, que todos tinham como oraculo do céo, a resoluçam, que sahia de hũ varã tam exercitado em governos, & tam humilde, que nam queria governar.

6 Desta maneira passou muitos ãnos de sua vida em Roma, & em Castella, experimentando a bemaventurança da vida particular, que sò sabe lograr quem a sabe estimar; que na verdade sam grandes os perigos, a que estã expostos os Prelados, & os

Trata o P. M. Simam de hir a Ierusalẽ.

Retirouse de governos.

A grandes perigos estam expostos os superiores.

^b
D. Amb. in suo Pastoral.

^c
D. Grego. 3. p. Pastoralis curae, admon. 27. Plerumq; etiã iustoscũm rēporalis potētia sustollit, velut in laqueũ culpa comprehendit.

^d
Gen. c. 37. n. 3. Israel diligebat Ioseph super omnes filios.

Gen. 49. n. 10.

superiores, pois tem á sua conta haver de dar conta de tantos subditos: antes quanto maiores foram os governos, que tiveram, tanto mais estreitas serã as contas, que lhes pedirã, conforme a sentença de Sancto Ambrosio, *Cui plus creditur, plus ab eo exigitur*. E ninguem cuyde, que estã izento de perigar, se estiver ao leme da prelasia; porque (como testifica San Gregorio Magno) atê aos varoens justos arma o diabo laços, entre as redes do governo: & por isso nam he prova de mayor amor o despacho do melhor mando; como bem se vio em Iacob^d, o qual amando mais a Ioseph, do que a Iudas, como testifica a Escrip-tura; com tudo a Iudas menos amado, & nam a Ioseph mais querido, entregou o sceptro de Israel, como quem antes o queria ver no remanso da vida particular, que nas ansias, & nos perigos, que necessariamēte havia de ter, governãdo os outros, & cançandose a sy.

7 Acho porém escrito, q algũas vezes usou de seus poderes, principalmēte quãdo assilho ordenava o P. gēral da Cōpanhia, como foy entre outros casos hũ, em q lhe cometẽo, q averigua-se certa duvida, q havia entre os Reytores de dous Collegios da Cōpanhia, sobre huma peça de

muita importancia, que cada hũ d'elles dizia, q pertencia ao seu Collegio, allegãdo pera isto as rezoẽs, q havia, & como ambos cuydavam, q tinhã por sy a justiça, & q sò procuravam o bem cõmum do Collegio, sem tratar de cousa sua propria, era o letigio mayor, & a porfia mais cõtroversa. Remeteose o negocio por vezes a nosso Padre gēral, o qual, desejando muito de o aquietar, o cometẽo ao padre mestre Simam, pedindolhe que o quizesse resolver, & levar ao cabo; o qual bem mostrou sua grande prudência, & bom governo, na industria, que teve, pera aquietar, & fazer capazes da rezã aos dous Reytores. Depois de hir visitar aquelles Collegios, & ouvir ambos os superiores; vendo a difficuldade, que havia em os compor, tratou de levar por traça, o que nam podia averiguar por rezã; & assim trocou os ditos dous Reytores, pondo hum no Collegio, aonde o outro estava; feito isto, mandou os arrezoar sobre a peça da contenda; porẽm elles com a mudança dos Collegios, tambem mudãram das opinioens, porque jã cada hum pretendia a peça pera o Collegio pera onde se mudãra, & se aproveitavam das mesmas rezoens, com que d'antes cada hum d'elles cõtrariava a pretẽçam do outro.

Notavel industria do P. M. Simam em seu governo.

Vendo isto o padre mestre Simam, os convenceo primeiramente com a variedade de seu proprio juizo, mostrandolhes evidentemente, que mais se regiam pelo rumo errado da afeição, que pelo norte certo da boa rezam. Logo, com toda a liberdade, & resoluçam, determinou o que melhor lhe pareceo, sem oufarem a resistir, nem repugnar, julgando elles (como succedeo às duas litigantes diante de Salamam, quando se aquietaram com a sentença, que lhe deo) que nam se podia vir com embargos a quem julgava as coufas, nam seguindo as leys da paixão, mas segundo as regras da verdade.

8 Assim esteve o P. M. Simam nesta quietaçam de vida, venerado de todos aquelles Padres, & Irmãos, como pay de todos em o Senhor, & summamente desejado, & suspirado d'esta provincia de Portugal, que sepre teve hũa sancta enveja aos outros Reynos, por lhe reterê, & nam restituirem o tesouro de tam affinalado varam; até que no anno de 1572. congregandose a Companhia universal em Roma, pera eleiçam do quarto geral, que foy o Padre Everardo Mercuriano, pelas grandes instancias, que se fizeram d'esta provincia (& por outras rezoens mais uni-

versaes, que moveram ao mesmo Padre geral) nos fez restituir, depois de muitos annos, tam grande penhor de sanctidade, pera que pois em vida nos tinha fundada esta Provincia, com seus gloriosos trabalhos, depois morto nos amparasse com suas prezadas reliquias.

CAPITULO XXXVII.

Como o Padre mestre Simam, depois de muitos annos, tornou a Portugal, & de algumas coufas mais notaveis, que neste tempo lhe succederam; & de sua ultima enfermidade.

1 **A**inda que nesta historia ordinariamête nos himos accõmodando aos annos, tambẽ himos principalmête seguindo as pessoas; & por isso nam me sogerto tanto a fazer annaes, que quando he necessario a clareza da historia, & melhor noticia das coufas, nam haja de contar no anno, que for seguindo, os casos, que muito adiante succederam; conforme a isto, posto que a sancta morte do Padre mestre Simam succedeo muitos annos, depois do de.

3. Reg. c. 13.

*Occasiãm
pera tornar
a Portugal.*

1552. que hiamos historian-
do; com tudo, porque o lugar
agora nos convida; & porq̃ elle
he o, principal logeito d'esta
primeira parte, a que himos dā-
do fim, me pareceo concluir
com suas cousas; posto que por
outra parte nunca d'ellás qui-
seramos fahir.

2 Foy restituído a Portu-
gal o padre mestre Simam (por
ordem do reverendo Padre E-
verardo Mercuriano, quarto
Géral da Companhia) no an-
no de 1574. carregado de dias,
& muito mais de merecimen-
tos, depois de haver quasi vinte
annos, que por obediencia se
ausentára d'este Reyno, os qua-
es todos gastou em exercicios
de óraçam, contemplaçam, &
sancta-humildade, & em servi-
ço do proximo, conforme os in-
stitutos da Companhia, que el-
le tanto estimava. Chegando a
Portugal, lhe aconteceram du-
as cousas, dignas de se referirẽ
neste lugar.

3 A primeira foy, que
hindo a entre Douro, & Mi-
nho, & entrando em Villa
de Conde (por lhe ficar no ca-
minho, que trazia) pergun-
tando pelo juiz dos orfãos,
por nome Diniz Pinto, o
foy logo demandar a sua ca-
sa. Tanto que o juiz dos
orfãos o vio diante de seus ó-
lhos, ficou nam menos alegre
com esta vista, que alvoroçado,

& espantado, com a repentina
chegada de tam milagroso va-
rãr, q̃ havia mais de trinta an-
nos, q̃ como elle dizia, lhe tinha
prophetizado tres cousas, & sen-
do cumpridas as duas, sò falta-
va a terceira, de que elle já ne-
nhum caso fazia, por saber que
havia tantos annos andava o
Padre ausente por Reynos es-
tranhos, & provincias tam re-
montadas de Portugal: a pri-
meira cousa foy, que lhe disse o
Padre em Coimbra (sendo aly
estudante o dito Diniz Pinto)
que posto que era Theologo,
nam havia de tomar estado
ecclesiastico: & assim foy, por-
que andando os tempos, se ca-
sou, cumprindose d'esta manei-
ra o que o Padre lhe tinha di-
to. A segunda cousa, que lhe
disse, foy, que em Villa de Con-
de (donde nam era natural) ha-
via de edificar humas casas no-
vas, pera sua habitaçam, naquel
la terra. A terceira, que o pa-
dre mestre Simam lhe disse,
foy, que nas mesmas casas, de-
pois de muitos annos, o havia
de hir a visitar: as duas primei-
ras promessas já estavam muy
bem cumpridas, porque elle to-
mou o estado de casado, & nam
de ecclesiastico; era juiz dos
orfãos em Villa de Conde, &
as casas, em que morava, eram
novas, que elle mesmo tinha
edificado. Pouco caso porém fazia

*Torna a
Portugal
o P.M. Si-
mam.*

*Notavel
caso, q̃ lhe
sucedeo em
Villa de
Conde.*

*Como se cū-
prio o q̃ o
P. tinha
dito.*

já o juiz do cumprimento da terceira promessa; porque ainda que ao principio, quando deixou a Theologia pelo matrimonio, se consolava com cuidar, que punha por obra a prophesia do padre mestre Simam, tendo aquelle casamento por quasi milagroso, & ordenado do céu, pois fora previsto por tal servo do Senhor; & confirmando-se ainda mais nisto, quando, d'aly a alguns annos, se vio em Villa de Conde, & com bens, que lhe davam posses, pera edificar casas de novo (que também tinha por milagrosas, por causa da promessa do padre mestre Simam) com tudo, andando os annos, & com elles vindo alguns desgostos, que os tempos necessariamente trazem a hum homem casado, com familia, & mais obrigaçoens do matrimonio; & sobre tudo, sabendo, que estava tam longe de Portugal o padre mestre Simam, & de assento em Reynos estranhos; já estava quasi desconfiado, & tinha perdida a opiniã do casamento milagroso, & o conceito das casas prophetizadas; julgãdo, que aquelles dous primeiros successos seriam a caso, pois nam via cumprido o terceiro.

5. Senam quando, estando hum dia mais descuidado, despachando sobre a mesa hum feito, pertencente a seu officio,

em hum aposento das suas casas novas, subitamente ve entrarlhe pela porta o padre mestre Simam; reparou porem no que via; & assegurandose que elle era, ao principio ficou como enleado, pois tinha diante de seus olhos o que tanto desejava, & o que nada menos esperava; tanto que tornou em sy, daquelle subito alvoroço, sem esperar mais demoras, lança a mesa por terra, vay correndo ao Padre, deitase a seus pés, peito por terra, chorando muitas lagrimas de prazer, & alegria; & engrandecendo o Senhor, por ver assim á risca cumprido o q, com seu espirito, seus servos tão de antemã estam prevendo. Este caso contou muitas vezes Diniz Pinto, com taes circumstancias, & com tanta certeza, que podemos piamente crer, que revelou Deos aquelles successos ao Padre; que o Senhor costuma fazer estes favores a seus servos; & ainda que lhes encobre muitas cousas, também lhes manifesta algumas, pera que conhecendo o pouco, que tẽ de sy, reconheçam o muito, que lhe vem de Deos.

6. O outro caso foy, que vindo a Visão, á instancia do Bispo Dom Jorge de Ataide, grande seu devoto (por ser filho do primeiro Conde da Castanheira Dom Antonio de Ataide, do qual por vezes disse-

mos a muita amizade, que tivera com o padre mestre Simam) & passando com dous companheiros seus, por junto da villa de Bouzela, aonde nacera, & aonde ainda tinha huma irmã, & muitos parentes muy honrados, de muito respeito, & os melhores da terra; nunca os companheiros puderam acabar cõ elle, que entrasse na villa, pera ver sua pàtria, consolar sua irmã, & falar com parentes, que tantos annos havia, que nam tinha visto; antes se houve nesta occasiam, como verdadeiro companheiro do grande Padre Sam Francisco de Xavier, que tam notavel exemplo nos deixou neste particular, vindo de Roma pera Portugal: assim passou o Padre mestre Simam, por junto de Bouzela, pàtria sua, sem ver, nem mandar recado a nenhum dos seus parentes, tudo a fim de instruir a seus filhos em Christo, naquelle sancto odio, & esquivaça, que o mesmo Senhor no seu Evangelho espera d'aquelles, que o pretendem seguir, com perfeicam de vida religiosa, a qual a primeira cousa, que ensina, he deixar cuydados do mundo, & sopear lembranças de parentes, conforme a doutrina de Sãm Paulo. *Continuo non requiem carni, & sanguini.* & quanto exemplo nisto nos deo o Padre mestre Simam, podem julgar os que tantas vol-

tas dam, & tantos rodeos fazem; huns por ver seus parentes, outros por visitar seus amigos.

7 Entrou enfim o padre mestre Simam no seu Collegio de Coimbra, a q̃ elle tinha lãçada a primeira pedra, & continuado, quanto pode, com a obra, que agora via muy adiantada. Nam se pòde explicar por palavras, a consolaçam, que aquelle sancto Collegio, & toda esta Provincia teve, com a vista, & presença de seu muito amado pay, que outra vez viam restituído; sendo em todos o alvoroço dobrado, assim nos do seu tempo, pelo tornarem a ver, como nos que de novo achava, porque nunca o tinham visto; todos o veneravam, como a varãm sancto, & a quem deviam a fundaçam desta Provincia. Nam se satisfiziam os Padres, & Irmãos de o ver, & de ouvir suas palavras de tanta edificaçam, & espirito, que a todos animava ao zelo, & perfeicam de nosso instituto; suas praticas eram sanctas, & ordinariamente da origem, & principios da Companhia, que todos gostavam grandemente de ouvir; principalmente porque apoyava as palavras boas, com melhores obras; admiravamse de ver a constancia, com que tinha perseverado em suas mortificaçoens, & bons dictames;

Como foy festejado o P. M. Simã em Portugal.

Lucen. lib. 1.
c. 8.

Luc. cap. 14.
n. 26.
Odio a parentes.

Ad Gal. c. v.
n. 16.

viamno velho nos annos , mas muy vigoroso no espirito; reconheciã o mesmo exemplo de sua pessoa, lembrandose do que tinha dado nos tempos passados, & vendo a rara perseverança , com que continuava nas mesmas penitencias , sem ter respeito a que vinha tam entrado na idade, & debilitado cõ graves enfermidades, & trabalhos excessivos, passados em tantos caminhos. Nam foy menor a alegria, que houve em todo o Reyno na gente de fora , nos seus antigos devotos, & conhecidos , dos quaes ainda alguns viviam, que o vinham visitar, & nam acabavam de se persuadir, que o tinham ainda vivo, & diante dos olhos.

8 O mesmo Rey Dom Sebastiam, que já entam reynava , lhe mandou dar as boas vindas, tratãdo de o tomar por seu confessor , em lugar do Padre Luis Gonçalves (que entam estava muy doente) & servirse d'elle em negocios de importancia , mandandolhe falar por Dom Iorge d'Almeida , Arcebispo , que entam era de Lisboa; mas o servo de Deos, com grande constancia, & inteireza se escusou, por causa de sua idade, & indisposiçoens; & muito mais pelo que sentia , & costumava a dizer , que o paço encantã; & quando se quer deixar, nam he possivel fazelo ; &

que já nam era tempo pera elle tratar mais que do Rey da gloria, & da corte do céu.

9 No anno de 1576. em 17. de Janeiro, se teve congregaçã geral em Lisboa, na casa de Sam Roque; nella se achou (com grande consolaçã dos congregados) o padre mestre Simam , o qual foy nella o primeiro definidor; & o que teve o primeiro lugar, conforme a ordem com que estavam assentados; nesta congregaçã se acharam os Padres Leãõ Henriques , Manoel Alvares, autor da Arte , Iorge Serrãõ, Miguel de Sousa , Diogo Vieira, Ignacio Martins, o Padre Mauricio, & outros, que elle tinha recebido na Companhia, & eram seus filhos espirituães em o Senhor, cõsolandose muito com os ver, & nam se fartando elles de ôlhar, pera seu antigo pay, & querido mestre, que em Christo os gerãra ; & ensinãra: ouviam suas palavras , & tomavam suas respostas , como se fossem dadas por hum oraculo ; reconhecendo nelle o espirito , com que fundãra esta Provincia; & lembrandose do primitivo tempo em que o tiveram por regra viva , porque por palavra , & exemplo lhes ensinãra o instituto da Companhia, que já viam tam acrecentada, & dilatada.

10 Nam foy possivel go-

Como se achou e hũa congregaçã em Portugal.

Escusase de ser confessor del Rey D. Sebastiam.

*Da occasi-
ão q' hou-
ve, para
adoecer.*

zar esta Província por muito tẽ-
po de tam grãde bẽ, & univer-
sal consolaçam, que todos ti-
nham com a vista, & exemplo
de tal pay; porque passados al-
guns poucos annos, que gastou
neste Reyno, visitando os prin-
cipaes Collegios, com grande
fruito, & consolaçam espirital
de todos os Padres, & Ir-
mãos; recolhendo-se finalmen-
te a Lisboa, estando na casa
de Sam Roque, lhe deo huma
febre, que se veyo a fazer con-
tinua, a qual, por espaço de
hum anno, o foy gastando, &
consumindo; dandolhe Deos
em todo este largo tempo,
grandes occasioens de mereci-
mento, pelas grandes dores,
que padecia, que de dia lhe
tiravam o repouso; & de noi-
te o privavam do sono; sem
ter outro alivio mais que o das
continuas lembranças da glo-
ria, & desejos da vista de
Christo Senhor nosso, cõ
quem estava em per-
petuos collo-
quios.



CAPITULO XXXVIII.

*Da grande paciẽcia do Pa-
dre mestre Simam, em sua lar-
ga enfermidade; do raro
exemplo, que nos deo;*

E de sua sancta

morte.

Como a febre era cõ-
tinua, de tal maneira
se foy ateando, & cõ-
sumindo aquelle corpo cansa-
do, & desfeito já com as peni-
tencias, que os ossos quasi lhe
enxergavam todos, tam distin-
tamente, que parecia mais hu-
ma imagem da morte, repre-
sentada naquella armaçam de
ossos, que corpo de homem vi-
vo; que d'esta maneira quer
Deos algumas vezes apurar a
paciencia de seus servos, como
lemos de muitos sanctos, & em
especial de Sam, Basilio, de
quem sabemos, que chegou a
nam ter mais que o espirito da
vida conservado nos ossos, &
cuberto com a pelle; & o mes-
mo dizia de sy, entre suas quei-
xas, o sancto Iob,^b quando con-
sumidas as carnes, tinha sò os
ossos pegados à pelle. Assi des-
feito nesta ossada, viveo perto
de tres meses, com grande es-
panto dos medicos, que nam

*Como ficou
desfeito cõ
a doença.*

^a
Brev. Rom. 14.
Iunij. Cum tãtũ
s; inu. vivens.
præter ossa, &
pellẽ nullapræ
terea corporis
parte constare
videretur.

^b
Iob c. 19. n. 20
Pelli meæ con-
sumptis carni-
bus adhæsit os
meum

labiam

fabiam como se podia conſervar o eſpirito da vida naquella representaçam da morte: & ainda que o ſentimento de ſeus filhos eſpirituaes era grande, pelo verem aſſim eſtar penando, com tudo, o proveito, & edificaçam eſpiritual, era mayor, pelo grande exemplo, que nos deo de paciencia, & devaçam, nesta tam prolongada enfermidade.

2 Da paciencia nam ſerá neceſſario darmos grandes provas, á viſta do muito, que ſe padece em huma doença comprida; ió poſſo dizer, que era practica ordinaria dos medicos, & enfermeiros, que nunca viram mayor moderaçam de palavras, & ſoffrimento de agudas dores: a devaçam ſe manifeſtava nos abrazados deſejos da gloria, fervorosos colloquios, & continuas jaculatorias ao cêo; no alvoroço, & alegria, com que falava, & ſuſpirava por Chriſto, repetindo muitas vezes aquellas palavras do Pſalmo, *Hei mihi quia incolatus meus prolongatus eſt, &c.* Sentindo grandemente dilatar ſe ſeu deſterro, & ſuſpirando por ſe ver no cêo, diante da Mageſtade divina, em companhia da Virgem ſacratiffima, de quem ſempre foy devotiſſimo; chamando muitas vezes por ſeu ſancto companheiro, & bom amigo o glorioſo P. ſancto Ignacio, deſejado de ſe ver

no cêo com elle, & com os demais primeiros Padres da Cõpanhia, a quem elle tinha ajudado a fundar tam ſancta Religiã. E ſe a enfermidade (como diz Sam Hieronýmo ^e) he a pedra de tõeque, que melhor mostra os quilates da virtude do tempo da ſaude; bem mostrou, nesta occaſiã, o padre mestre Simam o ouro de ſua rara paciencia, & as riquezas de ſeu grande ſoffrimento; pois nam baſtou a fraqueza do corpo, pera debilitar as forças do ſpirito; podiamos dizer delle cõ Sam Paulo, que entam era valente, quando eſtava enfermo, *Cum infirmor, tunc potens ſum*; porque aos Sanctos (como dizia o meſmo Apolto ^g) na doença ſe apura a paciẽcia, & na enfermidade ſe aperfeiçoa a virtude.

3 Antes de fallecer algũs meſes, tinha rogado a hum Religioſo ſeu particular amigo, q̃ quando entendeffe dos medicos, que tinham qualquer deſconfiança de ſua vida, lho fizeffe logo a ſaber, aſſegurando, que lhe nam podia trazer nova mais alegre: & quando finalmente o Padre lhe deo eſte a viſo, de como os medicos diziam, que cedo acabaria a vida; perguntou, com toda a ſegurança, ſe havia de ſer logo; reſpondendolhe o Padre, que ainda duraria todo o diſcurſo d'aquella lua; nam ſe pode crer o

^e
Hier. in Epiſt.
Quid bohi habent fanitas lægor ostendit.

^f
2. ad Cor. c. 12.
n. 10.

^g
2. ad Cor. c. 12.
n. 9. Virtus in infirmitatē per ſicitur.

Como ſe alegrou cõ a nova da morte.

^d
Pf. 119. n. 5.

Grandes ſaudades, que tinha do cêo.

ſenti-

sentimento, que mostrou, dizendo estas formaes palavras: *Basta, Senhor, que ainda hey de estar tanto tempo sem vos ver; vinde Senhor, vinde Deos da minha alma; vinde, & nam queirais tardar bom IESU.* Nas ultimas fomanas de sua vida significou, que teria particular consolaçam, se o deixassem estar sò, sem o estorvo das continuas visitas dos Padres, & Irmãos, que lhe nam sabiam do cubiculo: todos estes dias, & noites gastou em praticas, & colloquios com Deos, com a mais notavel alegria, que imaginar se pôde; os olhos sempre fitos no ceo, as lagrimas correndolhe em fio pelo rosto abaixo; outras vezes batendo nos peitos, pedindo perdã de suas culpas, louvando ao Creador, pelas merces, que de sua liberal mãam tinha recebido; & suspirando pela gloria, com tam grãde alvoroço, com tanta alegria, & certeza de sua salvaçam (como o pôde estar da commenda quem tem já na mãam a portaria real, pera della hir tomar posse) & por mais que os discipulos, & amigos (como antigamente fizeram ao grande Padre S. Martinho^h) lhe diziam, que se nam cansasse tanto, pois estava tam fraco, & com tantas dores; nada d'isto admitia, dizendo, que o deixassem aliviar có Deos, porque sò este descanso tinha, & só este desejava ter.

Pede, q' o
dixê estar
sò cõ Deos.

^h
Vide Sur. 8. No
vemb. in vita
S. Martini.

4 Com esta doença ser tam comprida, que passou de anno, & tam rigorosa, que o poz no estremo, em que disse-mos, que parecia huma imagem viva da morte, he cousa, que mete espanto, o que acho escrito, que em toda esta doença, quiz conservar, & em effeito guardou o rigor da penitencia, que em sua vida tinha usado, dormindo sempre vestido, sem tirar mais que a roupeta. E pera nos dar a todos exemplo de verdadeiro pobre de espirito, & de todo ficar desapegado do mundo, pois d'elle já nam tinha mais que a pelle seca, & os ossos quasi mirrados, pedio ao Padre Preposito da casa de Sam Roque, que era o Padre Iorge Serãm, que lhe mandasse tirar da sua camàra, tudo quanto nella houvesse, pera lhe ficar aquella consolaçam de se ver como outro Sam Francisco pobre, & despido de todas as cousas temporaes, pera morrer nũ como Christo, & com Christo; assim se executou logo; & ainda, que as alfayas, que lhe acharam, foram pobrissimas, & pouquissimas; cõ tudo, como diz Casiano, ninguem hà, q' nam tenha riquezas que deixar, se sabe ter verdadeiro affecto, pera as desprezar. Ditoso Padre, que pode deixar tudo, antes de tudo o deixar; tendo tanto merecimẽto em largar este pouco,

Na doença
cõservou o
rigor da
penitência.

Desua grã
de pobre-
za.

ⁱ
Cassia. de inll.
monac. c. 27.
Univ. renū-
ciavit facul-
tibus mundi,
quicūq; affectū
possidēdi eam
am. uravit.

como

como se em execuçam deixasse muito; porque aonde faltava a fazenda, sobejava o affecto: vendose muy consolado, porque se achava sem cuydado nenhum da terra, sò abraçado com Christo em sua Cruz: dizendo com o Apostolo, que nenhuma cousa queria senam a Christo crucificado.

E como a doença foy tam prolongada (& nella o vigor do espirito, & presença do juizo, sempre o mesmo na enfermidade, qd'ãres tivera na saúde) houve largo tẽpo pera muy de proposito, & cõ grãde exacçam fazer confissam geral de toda sua vida, cõ muitas lagrimas, & mostras de verdadeira contriçam: & entendendo, que se hia acabãdo o termo de sua peregrinaçam, pedio, q' lhe trouxessem o sanctissimo Sacramento, por modo de viatico, estãdo a camara chëya dos Padres, & Irmãos, que vieram acompanyar o Senhor (como he costume entre nòs) tẽdo o sacerdote o Senhor nas mãos, lhe disse estas formaes palavras, com grandissimo affecto de sua alma, *Dissolve Domine iugum captivitatis meae, complacet tibi Domine ut eruas me, festina Domine, & descende, & libera me*; desfatai, Senhor, o jugo de meu cativo; sede servido, meu Deos, de me livrar; apressaivos, Senhor, & vinde a me libertar: logo, com profunda humilde,

recebeo o divinissimo Sacramento, rompendo em lagrimas tam impetuosas, que a todos os circunstantes cauou o mesmo effeito, chorando, & soluçando com devaçam; depois d'isto recebeu a extrema unçam, com o mesmo acordo dos sentidos, respondendo, & ajudando ao sacerdote, com notavel devaçam: & vendose já com todas as obrigaçoens de Christam, tam bem compridas, nam se pôde crer a consolaçam, & jubilos de alegria d'aquella ditosa alma.

6 Nam se esqueceo porẽm (entre estes favores do cẽo, & proximas esperanças de ver a Deos) dos seus amados Padres, & queridos Irmãos d'esta provincia; & assi pedio ao Padre Preposito, que lhe mandasse ao seu cubiculo todos os Padres, & Irmãos d'aquella casa, porque estava de caminho pera o cẽo, & se queria despedir delles; entrãram os Padres poucas horas antes de Deos o levar pera sy, & pondo os õlhos, cõ muita alegria, & amor, em cada hum delles, foy grande a consolaçam, que teve, com ver tam bẽ logrados tantos filhos, que em Christo gerãra; & despedindose logo de todos, & de cada hum em particular, lhes lãçou huma grande bençam, que todos lhe tomãram nesta ultima despedida, & pedindolhe licença

Devaçam
cõ q' recebeo o viatico, & a unçam.

Como se despedio dos Padres & Irmãos desta Provincia.

lhe beijaram todos a mão, sendo o primeiro o Padre Jorge Serram, Preposito da casa de Sam Roque, varão de rara prudencia, de muitas letras, & virtude, a quem o mesmo Padre tinha recebido muito moço na Companhia, como dissemos no primeiro livro¹; o mesmo fizeram depois todos os Irmãos, falando o bêmérito enfermo com todos, com admiravel suavidade, & notavel alegria, despedindo-se d'elles, & encõmendando-lhes sobre tudo o amor a Companhia, aonde Deos os trouxera.

7 Foy esta despedida hum espectáculo de lagrimas, de cõsolaçam, de dor, de sentimento, & saudades; porque ainda q̄ re-
tebiam os filhos grande cõsolaçam cõ a bençam de tal pay, que sempre entranhavelmente os amara, & entam com mayor affecto os queria meter na alma; cõ tudo, por ser bençam de quem se apartava, pera sempre d'elles, nã podia deixar de causar o effeito das lagrimas, que todos, em tam grãde copia, derramavam. Renovouse aqui aquella saudoso, & ultimo apartamento de Nepotiano, de que fala S. Ieronymo, quando visinho à morte, chorando todos, só elle se ria; & mostrando os que ficavam com vida, sinaes de tristeza, o que morria os dava de alegria: *Et universis circa plorantibus, solus ipse ridebat.* Parece (como

acrecenta o mesmo Sancto) q̄ se mudava, & nam que acabava; que trocava, & nam q̄ deixava os amigos. Despedido de todos, & continuando outra vez com os colloquios, & jaculatorias cõ Christo Senhor nosso, com a Virgem sacratissima, com o seu anjo da guarda, & mais sanctos do ceo, aos 15. do mes de julho, no anno de 1579. estando ainda como d'antes em seu perfeito juizo, olhando pera os presentes disse, que morria, & com o nome de IESV na boca, sem nenhum outro movimento, nẽ final exterior, às duas horas, depois da meya noite, deo sua bẽdita alma ao Creador, pera del-
le receber o premio devido a seus grandes merecimentos, & gozar da vista de Deos, & da continua gloria accidental, que cada dia lhe recrece cõ os sanctos trabalhos da Companhia em Portugal. Esta foy a ditosa morte do P. M. Simam; com mais rezam podiamos aqui dizer o q̄ da morte do venturoso consul Metello, disse o historiador Romano, *Hoc est nimirum magis, feliciter de vita migrare, quam mori;* que isto mais foy mudar a vida, que entrar na morte.

8 Morreo este bẽaventurado Padre na casa professa de S. Roque de Lisboa, como temos contado, ordenando Deos as cousas de tal sorte, que dos nossos primeiros dez padres, aquel-

Morte do
P. M. Si-
mam.

Velleius Pater,
histor Rom.
lib. 1.

Providen-
cia divina
em repar-
tir as reli-
quias de
tres nossos
varoës.

Li. 1. c. 32. n. 8

Grãdes sa-
udades do
P. M. Si-
mam.

^m
Hic. ad Eliod.
in Epitaph. Ne-
por. c. 6. *Eratus
erat vultus; in-
telligeres illi
non emori, sed
migrare, muta-
re amicos, non
relinquere.*

les

les tres , que mais affinalados foram, hum em Italia, outro na India , & este em Portugal, ficassem suas sagradas reliquias nas casas professas , que sam as cabeças d'aquellas Provincias, pera que com tam sanctos depositos amparassem, & defendessem, ainda depois de mortos, aos que, cõ seus grandes trabalhos, fundaram, & augmentaram, sendo vivos. A casa professa de Roma em Italia, se ennobrece, & se gloria cõ o inestimavel tesouro de nosso sancto fundador. A casa professa de Goa , na India Oriental, se hõra cõ o incorrupto, & milagroso corpo de S. Frãcisco de Xavier , Apostolo do Oriente : & a casa professa de Lisboa, em Portugal, se consola cõ o illustre penhor dos ossos do nosso muy amado, & querido pay o P. M. Simam , primeiro fudador d'esta Provincia, a quẽ devemos o bẽ, q̃ hoje gozamos, & a quẽ reconhecemos por primeiro objecto, merecedor d'aquelle glorioso titulo de Apostolos, cõ q̃ nos honram em Portugal, nam porque o sejamos na dignidade, & na hõra, mas porq̃ o desejamos ser nos merecimentos, & nos trabalhos.

9 A honra dos gloriosos sepulchros d'estes tres notaveis varoẽs, nam podia caber em hũa sã Provincia, bem era q̃ se estẽdesse pelo mundo todo, pera q̃ todo participasse algũa parte de

tam preciozas prẽdas. D'aquelles tres famosos capitaens Cesar, Pompẽio, & Crasso, notou o Romano, autor do Satirico, que os dividio a fortuna em a morte , espirando Crasso entre os Parthos, morrendo Pompẽio na praya de Africa, & acabãdo Cesar na curia Romana ; porq̃ parece (como elle diz) que nam podia huma sã regiã sustentar o pezo de tam grandes sepulchros. Com mais rezã podemos dizer, que dividio Deos nosso Senhor, por tam remotas Provincias , os corpos d'aquelles dous sanctos varoẽs, & o do P. M. Simam, assim porque tanta gloria nam cabia em hum sã lugar; como , pera que mortos com suas reliquias, cõsolassem, defendessem, & autorizassem os filhos, que em Christo gẽrãram sendo vivos. Com tal padroeiro da casa de S. Roque , & protector de toda esta Provincia, podemos affegurar àquella casa grandes bens , & afiançar a toda a Provincia singulares favores do cẽo, o qual nam pòde deixar de acodir, muy liberal, ao desempenho desta tam rica, & preciosa prenda.

*Petron in
fat Crassum
Parthus habet,
Libycæ iacet
æquore Mag-
nus, Julius in-
gratam sedavit
fanguine Ro-
mam,
Et quasi nõ pos-
set tot tellos
ferre sepulchra,
Divisit cineres.*

*S. Ignacio
em Roma.*

*S. Frãcisco
de Xavier
em Goa.*

*O P. M. Si-
mam em
Lisboa.*



CAPITULO XXXIX.

Da pessoa, & partes do Padre mestre Simam; da Cruz, que lhe acharam sobre o peito, aberta em sua propria carne; das exequias, que lhe fizeram; & da sepultura, que lhe deram.

E Ste foy o ditoso transitado deste bemaventurado varão o Padre mestre Simam, de gloriosa, & muy saudosa memoria, pera todos os filhos desta provincia; em o qual resplandeceram todas as boas partes, que em hum homem, em tudo perfeito, mais se podem desejar: foy primeiramente dotado de todas aquellas perfeições exteriores, & corporaes, de que os homens mais se prezam, & o que mais he ornado de graças, & perfeições interiores, que elle sobre tudo estimava. A estatura proporcionada, o aspecto veneravel, & composto, os olhos grandes, a cor branca, a compostura toda do rosto, o gesto, o meneo do corpo, com tam grande igualdade, & correspondencia

Foy muy perfeito nas perfeições corporaes.

de membros, que podia ser hum fermoso retrato, pera se debuxar hum bom quadro, que pudesse representar autoridade, & consiliar respeito, com as mais perfeições, que se podiam desejar; que até nisto (como do grande Basilio dizia Sam Gregorio, Nazianzeno) nam foy a nenhum inferior, em quanto o nam quebrantou, com os annos, o rigor da penitencia, & o estudo da oração. Foy homem de grande mortificação, usando todos os dias de alguma em particular, além da ordinaria (da disciplina, dos jejuns, & cilícios) que se usa na Companhia.

2 Com a penitencia do corpo ajutava a mortificação das paixões, tratandose com grande desprezo no publico, & no particular. Nam posso deixar de por aqui o paragrapho de huma sua carta, que atrás referi, na qual (respondendo ao Reytor de Coimbra, que se lhe queixava de alguns Irmãos, que se pejavam de fazer em publico algumas occupaçoens humildes, especialmente de andar com huma carreta no serviço da obra do Collegio) lhe diz assim: *Eu por esta me offereço a ser vosso carreiro, & nisto receberey mais gosto que em ser mestre do Principe: a Cruz de Christo nam foy senam ás costas, & nã a levou por dentro de casa, senam pelo*

a
Nazian orat. de laud. Basil. Nō. quod in his inferiori esset, cū adhuc ztate floretet, necdū Philofophia carnem domuisset.

Foy muito mortificado.

meo de Ierusalem: Vinam daretur Simoni hac libertas, com o mais, que no livro segundo ^b escrevemos. Foy homem purissimo, & estimava sobre maneira esta virtude na Companhia, como joya mais preciosa, & como esmalte de mayor valor, pretendendo, que seus filhos procurassem imitar a pureza angelica, & fossem semelhantes aquelles Cherubins, que esculpio Salamã ^c, em as paredes do templo, cercados de victoriosas palmas, que sam (como diz o venerable Beda) os triumphos da castidade.

3 Teve grande estimacão do instituto da Companhia, prezando mais a pobreza da Religião, que a honra das prelasias; & d'aqui nasceu a instancia, que fez para recusar o Bispado de Coimbra, que com tanta vontade lhe offerreco o serenissimo Rey Dom Ioam o terceiro: teve rara constancia, & grandeza de animo, guardando sempre com a mesma serenidade, em tanta diversidade de successos, como experimentou em sua vida. Foy homem de grande humildade, & desprezo proprio, sendo mestre do Principe Dõ Ioam, andava com huma ataca branca de couro sobre a roupeta de pãno: & estando como Provincial visitado o Collegio de Coimbra, levava de or-

dinario as costas hũa panella de cobre cõ a esmola pera os pobres da cadea. Por final, q̄ vindo hũa vez em corpo, trazendo as costas o caldeirão, em que levava esmola aos pobres, o foram os Irmãos todos esperar à portaria, alcatifado lhe o chã com seus mantéos, pera q̄ passasse por cima d'elles, à imitacão do que os discipulos fizeram ao Senhor na festa de ramos ^d: & posto que o Padre estranhou muito este excesso, com tudo mostraram o amor, que lhe tinham, & a reverencia, que lhe guardavam: & na verdade so pòde pizar capas, quem por amor de Deos anda em corpo. Perguntado hũa vez, qual fora a mayor mortificaçã, que nesta vida tivera, respondeo, que a primeira fora nam hir á India, & a segunda andar no paço, sendo mestre do Principe.

4 E assim como foy humilde em vida, assim o acertou, & o soube ser na morte, porque alguns dias, antes de o levar Deos pera sy, lembrando-se que tinha no peito hũa Cruz, obra aberta ao ferro, naquella idade de ouro, de suas primeiras mortificaçoens, em seus fervorosos principios (nos quaes assim como Sam Francisco de Xavier, se atou com huns cordeis, assim elle, com huma ponta aguda de hum ferro penetrante, abrio no peito por

A grande estima q̄ se fazia do M. Siman

d
Mat. c. 21. n. 8
Plurimã autem turba straverunt vestimenta sua.

b
Lib. 2. c. 23.
n. 1.

c
3. Reg. c. 6. n. 29. Et fecit in eis Cherubim, & palmas, & picturas varias, quasi prominentes de pariete, &c

Beda lib. de re plo. c. 14.

Teve grande constancia.

Notavel
fervor de
mortifica-
çam.

foza esta Cruz, em final da que tinha dentro recolhida) & pera que nam houvesse alguns, que se persuadissem depois delte morto, que aquella Cruz era milagrosa (como o foram as chagas do Seraphim de Assis) chamou a dous padres, & em segredo lhes disse, que quando, depois de morto, o fossem amortalhar, & lhe achassem hũa Cruz aberta no peito, que soubesse; q nam era obra milagrosa, mas que fora fervor indiscreto: esta foy sua grande humildade, assim queria encobrir, & defautorisar este sancto excesso de animosa mortificaçam.

5 Sua condiçam era naturalmente branda, affavel, & muito benigna; & d'aqui tomaram occasiam alguns autores, que escreveram sua vida, pera, com menos fundamento, o notarem de froixo, & remisso; elle porém de tal maneira era manso, que (como S. Gregorio Nazianzeno, escreve de seu pay) temperava a suavidade cõ o rigor, & a benevolencia com a aspereza; por onde, quando era necessario, tratava a seus subditos com grande severidade, exercitandoos muitas vezes em cousas muy difficultosas, & repugnantes á natureza, como no discurso d'esta historia temos visto. Por cousas muy leves dava pezadas penitencias, dizendo, que os Religiosos

nam ham de estranhar as penitencias, pois nam vieram á Religiam pera levar boa vida. Nam soffria escusas no que reprehendia por suas faltas, & dizia, que quem se escusava, nam se conhecia, & aonde havia escusas, nam podia haver emenda; porque esta se deve fundar no conhecimento proprio, & no odio da culpa. Facilmente se inclinava a despedir da Companhia os inuteis, & escandalosos, dizendo, que o despedir tinha a virtude da sangria, que tira sangue, mas dá saude.

6 Era inimigo d'hum devaçam mimosa, que foge do trabalho, & busca o descasso: dizia, que o Religioso da Companhia havia de ser de aço, pera aturar o trabalho, & soffrer a obediencia, que nam serviam entre nõs, homens (como elle dizia) feitos de manteiga, que logo ao primeiro ar do fogo, de qualquer tribulaçam, se derrem: & conforme a isto, todos os officios de humildade, atè andar com o carro queria que corresse pelos Irmãos; & como elle hia diante com o exemplo que dava, ninguem lhe contradizia o que ordenava.

7 Era tam grande o respeito, que lhe tinham, junto cõ hum filial amor, que todos, & ainda os mais velhos estavam diante d'elle, como se fossem mininos. Parece que tinha do

Era facil
em despe-
dir.

Grãde re-
verencia,
que lhe ti-
nham.

Orland. lib. 12.
n. 54. Joã. Euf.
de viris illust.
Societ. fol. mi-
hi 550. col. 2.

D. Grego. Naz.
Orat. funeb. in
laudem Patris
Idẽ & lenis ac
placidus erat,
ur si quis unquã
in agendo per-
zquẽ strenuus.

vide li. 2. g. 23.

minio sobre os subditos com quem falava. Sentio grande repugnancia hum sacerdote, que havia pouco tinha entrado, & no mundo se tratava limpo, & bem trajado, em haver de hir peregrinar cuberto de remendos (tanto caso fazem os homens do modo com que andam vestidos, que até hum pobre Religioso, se nam he mortificado, sente nam se ver bem vestido; & sendo assim q o habito se fez pera cubrir os defeitos do corpo, agora descobre as paixões da alma) soube o Padre mestre Simam a repugnancia do noviço, & com muita brandura, & ponderaçam, lhe disse: *Como assim, Padre meu, & nam vos lembrais de IESU Christo, despido por vossa amor?* Nam foy mais necessario, pera logo o sacerdote se render, & lançar aos pés do Padre, pedindo lhe, com muitas lagrimas, perdã de sua soberba; & tomando, com grande vontade, o pelote, que d'antes abominava, cõ elle sahio a peregrinaçam; & esta generosa mortificaçam foy principio de outras grandes victorias, que ao diante alcançou, porque fez na India grandes serviços a Deos. Tal foy finalmente este grande servo de Deos Mestre Simam, pera com todos seus subditos; assim punha as leys aos outros, & assim as guardava consigo; que nam

atrecearey de lhe chamar ley viva, como dizia Sam Gregorio Naziãzeno, falando de Basilio morto.

8. Hiamonos outra vez occupando em epilogar as virtudes do padre mestre Simam, que nos livros atrás mais largamente apontamos; porẽm, sam taes as obrigaçoens, que temos a tam bom pay, que me nam atre vi velo morto, sem me lembrar de qual foy sendo vivo, & (como dizia Sam Hieronymo, de Nepotiano) já q o nam acompanho com o corpo; quero seguido com a lembrança, & pois nam posso falar com elle, ao menos me consolo com falar delle.

4. Tornãdo pois às cousas de sua morte, tão q espirou, cõ grã des lagrimas, & sentimentos dos filhos, que estavam presentes, acodiram muitos a lhe beijar a mã, & a tomar alguma reliquia; & logo descobrindo se no peito aquella sagrada imagem da sancta Cruz, de que falamos, nam se pôde erer o abalo, que nos presentes causou; julgandoa muitos por mais milagrosa, a vista de sua humildade, com que tinha declarado, que a nam tivessem por milagre; cuja haste seria de hum palmo de cõprimento; a largura da haste, q atraveffava, de meyo palmo, a grossura, de hum dedo foram; com grande devaçam,

Gre. Naz. orat. funeb. de laud. Bas il. Initio. Non enim eum virtutis legem omnibus fuisse dicere verebor.

Hier. ad Eliod. in epist. Nepot. c. 11. Quẽ corpore non valemus, recordatione teneamus, & cõ quo loqui nõ possuimus, de eo loqui nunquam desinamus.

Como lhe descobrira a Cruz, q tinha no peito.

reverenciar, & beijar aquelle precioso Relicario, que nam trazia dependurado, mas encravado no peito; respeitando aquelle novo habito de Christo, que nam andava assentado, & cozido no vestido, mas impresso, & gravado no coraçam.

10. He a Cruz verdadeiro habito de Christo, he o seu mais proprio final, he a sua divisa, & a mais conhecida bandeira: & como o Padre mestre Simam tinha em seu mesmo corpo este habito, esta divisa, & esta bandeira, ficava verdadeiro religioso da ordem de Christo, soldado que seguia melhor sua bandeira, & feito mais propriamente cavaleiro do habito de Christo. Trazia S. Paulo (como elle mesmo diz) em seu corpo os sinais das chagas do Salvador, tambem em seu mesmo corpo trazia o Padre mestre Simam aberta a Cruz do mesmo Christo; & assim como Sam Paulo por aquelles ferretes era tido, & havido por servo, & escravo marcado, & ferrado de seu Senhor; assim o Padre mestre Simam, por esta Cruz, havia de ser conhecido, & avaliado por crucificado cõ Christo: de feiçam, que nam se enganaria quem dissesse, que sua carne lhe era cruz, em que vivamente andava crucificado.

11. He a Cruz imagem

de Christo morto, mas esta Cruz do peito do Padre mestre Simam, era Cruz viva, pois estava unida com hum corpo vivo, & assim ficava Christo morto tendo vida, na vida do Padre mestre Simam: bem podiamos aqui applicar o que se disse de sancta Clara, de monte Falco, em cujo coraçam vivo estavam os sinais da paixão de Christo, dizendo, que a morte pelos homẽs, fora effeito do amor de Christo, mas aquella vida era obra do amor de Clara. Seguto podia andar de nam perder a Cruz, pois a trazia gravada, & encravada em sy mesmo; nam lha poderiam os tyrannos tirar, pois estava a ella tam prezo, & afferrado, que poderia deixar a vida, mas nam lhe poderiam arrancar a Cruz: estava crucificado ao mundo, & tinha a Cruz tanto de casa, que a tinha dentro de sy mesmo: estava a Cruz aberta na mesma carne, como se fosse huma mesma cousa a Cruz com sua mesma carne; era, sem duvida, d'aquelles de quem diz Sam Paulo, que crucificaram sua carne, com os vicios do corpo, & com as concupiscencias do mundo. Sãcto^p Agostinho nos encommenda, que tragamos a Cruz pregada no coraçam; assim a trazia o Padre mestre Simam, atravessada, & pregada junto do coraçam, como quem

tanto

Discurso
sobre esta
Cruz do
peito do P.
M. Simam

Ad Gal. c. 6. n.
17. Ego enim
stigmata Domini
in mei in corpore
meo portans.

m
Sur. in vita D.
Clara Mont.
Falco. mense Augusti.
die 17. In Riba eode
die, in extrav
In eius tumulo.
Hauit morte suorum
ta; referatur a
mori.
Mors illata
meo, reddita
vita tuo.

Ad Gal. c. 5. n.
24. Qui carnem
suam crucifixerunt
cum vitijs, & concupiscencijs.

P
Aug. to. 9. fol.
mhi 69. lit. K.
agit quomodo.
Cruz Christi fidelium
cordibus figenda.

tanto a estimava, & amava; & como quem a nam fiava de outrem, senam de seu mesmo coração: pera que entendessemos, que com aquelle mesmo cuydado, com que o Sábio manda guardar o coração, com esse mesmo guardava elle a Cruz; porque assim como do coração se deriva a vida ao corpo, assi da Cruz depende a vida da alma. Tinha a Cruz sobre o peito, pera com mayor valor por o peito às mais trabalhosas cruces das mayores difficuldades.

12 Fizeram lhe as exequias com a mesma solennidade de lagrimas, às quaes acodiram nam só os nossos Religiosos, que estavam em Lisboa, assim na casa de Sam Roque, como no Collegio de sancto Antam; mas tambem acodiram muitos fidalgos, & gente nobre, & outros muitos religiosos devotos da Companhia, que nos vinham ajudar a sentir a perda de tam bom pay. Acharam se presentes tres Bispos de muita autoridade, o Bispo Capellam mór Dom Iorge de Ataide, que foy muito seu amigo, que ajudou a cantar o officio aos nossos religiosos; Dom Antonio Tellez Bispo de Lamego, & outro Bispe de Parma, que naquelle tempo se achava na corte de Lisboa, & tinha conhecido em Italia o Padre mes-

tre Simam.

13 Foy seu corpo depositado na Capella mór, defronte do Sanctissimo Sacramento, das grades da Communham pera dêtro, juto dos degraos do altar mór, no mais autorizado jazigo d'aquelle grãde templo, como pay universal (depois do Padre sancto Ignacio) de toda esta Provincia, da qual foy primeiro Provincial, & principal fundador. Sentio muito o Arcebispo d'Evora Dom Theotónio de Bragança a morte d'este insigne Padre, de quem se prezava ser filho muy particular em o Senhor, & tinha d'elle tanto conceito, q' lhe dedicou a elle, & ao S. Padre Francisco de Xavier já mortos, o livro das annuas de Iapam, que fez imprimir, chamandolhe na dedicatória a ambos bemaventurados, como se os imaginasse vêdo a Deos, como Sanctos, & gozando da gloria, como bemaventurados. E pera que fosse eternizada a memoria, de quẽ merecia continuas lembranças em todos os seculos, pediu licença ao nosso reverendo Padre geral Claudio Aqua Viva, pera poder ornar, com grandes marmores, & gloriosos epitaphios, a sepultura de tam veneravel Padre; porém quando lhe chegou a licença de Roma, já o achou tambem a elle enterrado em Evora; por

*Lugar aõ-
de foy se-
pultado.*

Prov. 4. n. 23.
Omni custodia
serva cor tuu,
quonia ab ipso
vita procedit.

*Concurso
a suas exe-
quias.*

esta causa se nam executou tam nobre pensamento.

CAPITULO XXXX.

Da tresladaçam, que se fez aos ossos do Padre mestre Simam; & do epitaphio, que tem em seu sepulchro; & de outro, que lhe fizemos nossos Padres da Provincia de Fran-des.

I Assim esteve por muitos annos enterrado, & escondido naquelle lugar hum corpo, tam digno de magestosos sepulchros; até que andando os tempos, & arreceandose que estas reliquias de seu corpo se perdessem (misturandose, inadvertidamente, com as de algum Padre de grande autoridade, que merecesse ser tambem depositado em tam honrado lugar) com grande veneraçam escolheram os ossos do Padre mestre Simam, & os recolheram em huma arcazinha de marmore quadrado, que nam tem mais que dous palmos de largura, a qual metèram na pa-

Lugar aon de deposi-taram os ossos do P. M. Simam

rede da Igreja, junto à porta, que sahe da sanctissima pera o cruzeiro, à mãem esqúerda, de frente da Capella, ou nicho da sanctissima Trindade, que hoje he de Gonçalo Pires Carvalho, & de sua molher Dona Camilla de Noronha, insigne benefeitora, & grande affeioada à Companhia.

2 Com este pequeno sarcophago se contentou (como do outro se disse) este grande Alexandre, a quem a terra toda parecia huma estreita cova. Dentro de soberbos mausoléos, & debaixo de prodigiosas pyramides (que com a altura se atreviam a abarbar com o céu visinho, & com sua obra oufavam a desafiar a mesma Eternidade) se recolhiam antigamente em Egypto infames cinzas de monstros humanos: dentro d'esta humilde pedra vivem sepultados os ossos, que foram animados por hum muy insigne, & gloriosissimo varã. Aquelles, tendo na terra famófos, & grandiosos sepulchros, estam cativos no carcere do inferno, padecendo horrendas, & eternas pennas; este, tendo na terra seu corpo recolhido, em tam limitado jazigo, a alma se passa alegre no céu, pelos largos, & fermosos campos do paraíso.

3 Grandes epitaphios merecia o sepulchro de tam

insigne

^a
Iuv. sat. ro. Cū
ramen a figulis
munitā intrave-
rit urbē Sarcophago conten-
tus erit.

insigne varám, bem era, que os mais nobres engenhos se cansassem, & agustassem em sahir cõ partos de proza mais limada, & de poesia mais sobrelevada, pera dar a conhecer ao mudo, cujas são as reliquias, que jazem, debaixo d'aquella urna funeral; bem empregados ficariam em tal obra, os mais cuydadosos desvelos, dos mais alêtados pensamentos. Com muy particular devaçam pretendeo o excellentissimo, & reverendissimo Dõ Theotónio de Bragãça tomar sobre sy este cuydado, como já dissemos. Porém eu, neste pequeno marmore, acho hum titulo tam humilde, que nam cõtem mais que o seguinte: *Ossa P. M. Simonis Roderici p̄ recordationis, qui Provinciam hanc Lusitanam fundavit, primus in ea Provincialis, unus é novem B. P. N. Ignatij Socys. Obijt in hac domo; 14. Julij, anno Domini 1579.* Com estas breves, & apoucadas regras, se contentou a humildade, por nam dizer o esquecimẽto dos Padres d'esta Provincia.

4 Queixavase o outro Romano antigamente, & tinha por temeraria a mã de Septimio, ^b porque se atreveo a escrever hum titulo pequeno, sobre o corpo de Pompeio Magno, enterrado debaixo da aréa da praya de Libya, dizêdo del-
le, ^c *Hic situs est Magnus;* porque

se Pompeio era o grande por Antonomafia, como podia ter epitaphio tam pequeno por esteiteza? E em fim se vem a resolver, que tinha Pompeio por epitaphio todo o nome Latino, & todo o Imperio dos Romanos; porque sò este era bastante pera indiciar façanhas de hum tam celebrado capitam. Com quanta mais rezam me posso eu queixar de haver quem quizesse, com tam poucas letras, historiar, & epilogar as muy estendidas, & immortaes façanhas de tam excellente varám: o epitaphio de Pompeio se estendia por todo o Imperio Romano; muito mayor lugar occupa, & muito mais se dilata o titulo do sepulchro vivo do Padre mestre Simam morto: nam està sua fama limitada com os marcos de hum só Imperio.

5 Em todas as quatro partes do mudo, aonde chegou a fama das sagradas quinas, & gloriosas conquistas de Portugal (que sò se acabam aonde se fecham as portas do universo) ahi vive a gloria do Padre mestre Simam; & ahi chegam as letras do seu estendido epitaphio: se tomarmos por rumo direito de Norte a Sul; & se atravessarmos o mundo, cruzando este rumo de Leste a Oeste, sempre acharemos exarado em bronzes eternos o nome immortal do

Padre

Epitaphio do sepulchro do P. M. Simam

^b Lucan. 8. Pharsal. Temeraria de xtra Cor obijt Magni tumulum.

^c Lucan. ibidem

^d Lucan. 8. Pharsal. Romanum nomen, & omne Imperium Magni est tumuli modus. &c.

Por todas as quatro partes do mundo chegou a fama do P. M. Simam

Padre mestre Simam. Se passarmos a nossa Europa, escaçamente acharemos lugar aonde não esteja estampada sua lembrança, em Roma, em Sena, em Ferrára, em Pádua, em Bolonha, em Veneza, em toda Italia, em Portugal, em França, em Alemanha, em Castella, em Aragám, em Valença, & em toda Hespanha, que em todas estas partes esteve, & em todas vive sua fama nos marmores immortaes de sua boa memoria. Elle primeiramente nos fundou a nossa Provincia de Portugal, & tambem a elle devem semelhante reconhecimêto muitas Provincias de Hespanha, porque de Coimbra mandou o Padre André de Oviedo a fundar o Collegio de Gandia; mandou o Padre Diogo Mirám a fundar o Collegio de Valença; mandou a Castella, pera promover varias fundações, além d'outros, os Padres Maximiliano Capella, Manoel Lopes Henriques, & Francisco de Villanova (que foy hum grande servo de Deos, & fundou o Collegio de Alcalá, & ajudou muito à fundação dos Collegios de Cordova, & Cuenca) elle foy o primeiro Provincial em Aragám, & o que promoveo o bem da Provincia de Valença.

6 Se sairmos de Europa, & nos passarmos dentro a Asia, & formos espertar o sol dentro

nos primeiros berços de sua madrugada, acharémos, que este insigne varão acrescentou a luz ao seu Oriente; porque a elle se devem as quatro Provincias da Companhia, que aly se fundaram, a de Goa, a de Cochim, a de Iapám, & a da China, que todas, como de sua fonte, manaram do Collegio de Coimbra, que este grande Padre fundou: a estas Provincias deo elle mesmo (além de muitos, & muy insignes missionarios) em successores do Apostolo Oriental San Francisco de Xavier, dous primeiros Provincias, o padre Mestre Gaspar Barzè, o Padre Melchior Nunes Barreto. Se nos sairmos da rica Asia, & avistarmos as conquistas Africanas, ainda lá acharemos, que alcança este tam dilatado epitaphio, pelas missoes, que lá mandou com o padre Ioam Nunes Barreto, & seus companheiros, cativos voluntarios entre os cativos, nas mais profundas masmorras de Titum. Se nos metermos pelos desertos mais remontados, & pelas terras mais incultas da Africa mais ardente, por Dongo, por Congo, & por Guinè, ahi acharemos missionarios da Companhia, agenciados, & mandados pelo padre mestre Simam, veremos branqueados (como dizia San Ioam Chrystomo do Apostolo San Thomè) aos

*Padres, q
mandou a
Hespanha.*

Lib. 1. c. 42.

Lib. 1. c. 37.

Lib. 1. c. 42.

^h
Lib. 2. c. 36.

ⁱ
Lib. 3. c. 27.

*Padres, q
mandou a
Asia, & a
Africa.*

^l
Lib. 2. c. 33.

^m
Chryst. orat.
de duodecim
Apostolis.

Ethio-

Ethiopes com a agoa do sancto bautifmo, por meyo do Padre mestre Simam; & nelles viva sua memoria, pelos Padres Iorge Vaz, Christovam Ribeiro, & la come Dias, que foram das melhores luzes do Evangelho, que amanhecêram entre aquellas trevas da ignorancia.

7 Até os que bebem na fonte mais escõdida do rio Nilo, aonde cahem os Reynos da Ethiopia superior, lem o epitaphio das obra maravilhosas do P. M. Simam, pelos filhos da Cõpanhia, q d'esta provincia continuam na porfia d'aquella espiritual cõquista. Cõ rezam podemos applicar ao P. M. Simam aquelle gabo, q o autor da historia ° Romana deo ao seu Põpeio Magno, dizendo, q triumphou de Africa, de Asia, & de Europa, pera q quãtas partes havia no mûdo, tâtas deixasse por padroês de seus trophêos, & por monumentos de suas victorias. Mas nam se limita em hum sô mundo a esphera dos braçoens gloriosos d'este tam assinalado letreiro. Vamonos ao novo mûdo, porque tambem lâ acharemos viva a lembrança d'este varãm incomparavel; lâ encontraremos missionarios, & filhos seus, dignos de eterna estimaçam, como foram os dous primeiros Provinciaes P do Brasil, o Padre Manoel de Nobrega, insigne Apostolo daquellas ter

ras; & o Padre Luis da Grã (varãm de conhecida virtude, que tinha sido quarto Reytor do Collegio de Coimbra) cõ outros nobilissimos zeladores da fé Catholica, que o Padre M. Simam mandou aquellas vastissimas regioens. Por todas estas quatro partes do mûdo, se estêde o cãpo, se espraya o marmore, & se immortaliza o bronze do funeral epitaphio da sepultura do P. M. Simam.

8 He necessario sahir fõra do mundo, pera achar lugar aonde nam chegue a memoria d'este veneravel Padre, que he o que San ° Bernardo dizia ao Papa Eugenio, falando da grandeza de seu poder: *Orbe exeundum est, qui velit explorare que non ad tuam pertinent curam.* Que parece pera o Padre mestre Simam se compos o louvor, que de Christo nos deixou o Propheta, no seu Psalmo: *Ante solem permanet nomen eius;* ou como San Hieronymo lé, *Vitra solem,* que seu nome se estende, & suas proezas relampaguem antes que o sol se nos mostre; & depois que a sua luz se nos esconde, *Ante, & ultra:* porq se jaz alguma terra antes da terra, & se hà algum canto do mundo além do mundo, fõra da luz do sol, & além do curso das estrellas,ahi, cõ mais rezam, do que o Mantuano cantou do seu Augusto,

Lib. 2. cap. 28
n. 2.
Padres, q
enviou a
Congo.

Velleus Pater.
i. 2. hist. Rom.
Vt quot partes
terrarum orbis
unt, totidẽ fa-
sciet monu-
m-
ta victoriæ suæ.

P
Lib. 3. à c. 1.

Bern. ad Eug.

Psal. 71. n. 17.

Virg. Aen. 6.
Incertis tibi
deus, tibi
entra tibi, se
lique...

se estende a fama, & vive estampada a gloria do Padre mestre Simam. E por ventura, que por nam haver engenho, q̄ possa sustêtar o pezo de tã estêdidas façanhas, se limitaram os Padres d'esta Provincia às humildes regras affima referidas, como quem por nam se atrever a descrever tudo, se contentasse com indiciar tam pouco.

CAPITULO XXXI.

Do epitaphio, que os muy veneraveis Padres da nossa Compa-

nhia, da Provincia de Frandes fizeram ao P. M. Simam.

N Am deixaremos porêm de agradecer muito aos muy reverendos Padres da Provincia de Frandes, o sancto zelo com que nos quizeram autorizar o sepulchro deste nosso estimado pay, com hum famoso epitaphio, que merecia ser escrito com letras de ouro, o qual trazem naquelle seu insigne livro, a que chamaram *Imagem do primeiro seculo da Companhia*, aonde às folhas duzentas, & noventa, & duas, se lê d'esta maneira.

ELOGIVM SEPVLCHRALE
SIMONIS RODERICII.

INDIÆ DEBITVM,
Sed Lusitaniæ reservatum
SIMONIS RODERICII
VLYSIPONENSIS

Mortale depositum hîc iacet.

OLIM INTER PRIMOS ADIVNCTVS IGNATIO,

Cû cunctos in Italiã socios alacriter sequeretur;

Gravi impeditus ulcere destitutus fuisset a suis,

Nisi prodigio repête sanatus, Deoq; fret⁹ ac potēs,

Præire, quàm sequi ad ardua maluisset.
 Regnante Ioanne, Imperante Paulo, utrôq; tertio,
 Illo Lusitaniæ Rege, hoc Pontifice Maximo,
Gemino & vindice fidei, & societatis minimæ defensore,
Propagandæ causâ religionis in Oriëntales Indias ab Ignatio missus,
 Expeditionis tam arduæ cõmilitonem habuit
FRANCISCVM XAVERIVM.

Dignus Româ Iudice, qui Orientis tanto lumini
 In viam tam inviam præluceret.

VLYSIPONEM ERGO DELATVS,
In luce urbis clarissimæ, & aulæ Regiæ splendore perpetuo,
 Socio & adiutore Xaverio, ita se gessit,
Vt Rapti in admirationem hominum tantorû Reges, & populi
 Passim illos, nec otiosè, Apostolos nominarēt.

Tanto tam præclare virtutis encomio,
In nomen posterorum, appellationemque perpetuam derivato.
Indiã ergo spectabat, & Indiæ uterq; hic Apostolus debebatur.
Et sanè non unum India Xaverium tam haberet,
Nisi reluciantem licet, & cū illo superare maria cupientē Simonē,
Sibi, etiam præ Xaverio, commodum Lusitania tenuisset.

Hac spe frustratus ineūdi pro fide certaminis,
Occasionem tamen agendi, & patiendi fortia non amisit.

Iubente Rege, Permittente Ignatio,
Coactus esse Lusitano Principi quod fuerat Aristoteles Alexãdro,

Non minùs periculosa omnium gratiã
 Quàm paucorum invidiã laboravit;

Tanto clarior apud omnes,
Quanto in utrâque fortuna inventus est fuisse constantior.
Tandem cū & societate Lusitaniæ, & Lusitaniã societati
 Mutuis devinxisset obsequijs,

Privatis rebus, & publicis
Pro Catholico Europe, & Indię bono prudēter dif-
Extra Indiam, quā semper amavit: positis,

Extra Æthiopiā, Brasiliā, cæterāsque terras ultimas,

Quò sepius ex aula meditatus est fugam:

Extra ictū, spēque Martyrij, quod impensè quęsit,

ANNO M. D. L. XXIX.

Ipsò, postquā secut⁹ Ignatiū, quadagesimo quinto,

Apostolus in patria, Miles in umbra,

Qui alibi violentā maluit, naturali morte decessit:

DEO SIC VISVM:

Cuius providentię utrobique promptum est,

Ibi illustrare naturā, hīc occultare virtutem.

*OP. M. Si-
mam nam
foynatural
de Lisboa.*

Lib. 1. c. 5.

2 Em muy grande reco-
nhecimento estamos a estes
muy reverendos Padres da Pro-
vincia de Frandes, por tam in-
signe epitaphio, & por tã noble
elogio, com que nos animaram
o sepulchro do Padre mestre
Simam, pay de toda esta Pro-
vincia; se bem lhe poderam
por embargos os visinhos da
cidade de Viséo, porque no epi-
taphio dizem, que o P. M. Si-
mam he Lisboaes, sendo, como
dissemos^a, natural de Bouzela,
do Bispado de Viséo, & de sua
mesma comarca; por ventura q̃
lhe dam tam boa patria, como
he Lisboa, por cuydarem, q̃ pes-
soa tam grande, nam podia ca-
ber em lugar tam pequeno: per-
suadidos, como outro Natanael,

q̃ de Nazareth, lugar humilde,
nam podia sahir cousa boa, nẽ
haver nelle varam grãde. Porẽm
com boa licença de Natanael,
de Bethlem, cidade tam peque-
na, sahio David,^c hum dos nove
da fama; & nella nasceo o mes-
mo Christo,^d o mayor entre os
nascidos das molheres.

3 E com seu beneplacito
dos muy veneraveis Padres de
Frandes, nam repugna a terra
pequena, com o nascimento de
varoẽs grandes; porque d'estes
exemplos estam cheyas as his-
torias divinas, & nos offere-
cem muitos as letras huma-
nas^e. Quanto mais que a
villa de Bouzella já deo a
este Reyno varoens sanctos, &
muy celebrados, dos quaes foy

^b
Ioan. 1. n. 46.
A Nazareth po-
test aliquid bo-
ni esse.

^c
1. Reg. c. 16.

^d
Mich. 5. n. 2.
Ex te exiet
dux &c.

^e
Vide Petrarc.
lib. 2. dial. 4.

o prin-

f
Fr. Luis de Sou-
za na historia
de S. Domin-
gos lib. 2. c. 13

o principal Sam frey^f Gil, tam conhecido em Portugal, ornamento, & gloria da sagrada ordem dos prégadores, o qual nasceu nesta villa, com seus irmãos, que tambem foram homens conhecidos, chamados Payo Rodrigues, & Ioam Rodrigues, filhos todos de Dõ Ruy Paes de Valladares, os quaes eram parentes do P. M. Simam Rodrigues.

Prova-se, q
morreo aos
quinze de
Julho.

4 Tambem reparo em outra cousa no letreiro, que apontamos, que está na casa de Sam Roque, na urna dos ossos do Padre mestre Simam; porque diz, que morreo em os quatorze de Julho, sendo assim que feitas as diligencias possiveis, acho que foy aos quinze do dito mes, duas horas depois da meya noite. Porém como esta morte foy de noite, houve occasiã para alguns cuidarem que pertencia aos quatorze de Julho, sendo que na verdade pertence aos quinze, pois morreo já depois da meya noite; que parece quizeram ambos estes dias contender sobre a posse d'esta gloria: mas nam he esta sò a com que sahio vencedor este dia de quinze de Julho, porque he dia, entre nós, muy celebre, & bemafortunado, por tambem nelle festejarmos a ditosa morte, pela fé catholica, do Padre Ignacio d'Azevedo, com seus quarenta companheiros,

como ja tocamos no livro segundo: & neste mesmo dia, pela mesma causa, morreram sete religiosos nossos às mãos dos gētiãos na India, em Salfete, como se dirã no anno em que isto succedeo; & emfim, no mesmo dia, posto que tambem em diverso anno, foy gozar da gloria, como esperamos, o Padre Iorge Rijo, de boa memoria, de quem por vezes temos falado nesta Chronica: que todos estes successos acrescentam neste dia a gloria accidental no cêo ao Padre M. Simam, pois a elle se devem tantas palmas; & elle recebêo na Companhia a estes dous Padres Ignacio d'Azevedo, & Iorge Rijo; & tambem he de crer, que os recebeo no cêo, aonde todos gozam o ditoso fruto, de seus bẽ empregados trabalhos. Agora trataremos de algumas obras maravilhosas, que Deos obrou por este seu servo, que parecem milagrosas, posto que o mayor milagre he o de sua sancta vida; & aonde hã obras admiraveis por virtudes, nam hã que fazer tãto caso de historias celebradas por milagres.

Lib. 2. c. 18.



CAPITULO XXXII.

De algumas obras maravilhosas, que Deos obrou pelo Padre Mestre Simam.

I **A** Indá que (como diz o bemaveturado P. S. Gregorio ^a Magno) como o movimento dos mēbros no homē vivo, he manifesto sinal de haver nelle alma, assim os milagres dos sanctos mortos, sam claro argumēto de suas almas terē vida immortal; com tudo nem sempre os mayores milagres costumam indiciar a mayor sanctidade, porque (como consta do Apostolo Sam Paulo ^b) bem pōde hum ter o dom de prophacia, & conhecimento de todas as sciencias, fazer obras milagrosas, & façanhas prodigiosas, abalar ferranias, & relucitar mortos, sem ter charidade, nem amor de Deos; como se vio em Iudas, que fazia milagres por fōra, & trazia o diabo dentro n'alma: donde veyo a concluir sancto Agostinho, ^c escrevendo à sua Igreja Hiponense, que assim como nem todos os Sanctos tem aquellas graças a que chamamos gratis datas, assim tam-

bem nem em todas as memorias dos Sanctos quiz Deos, que houvesse milagres; antes repartio estas dadivas, conforme o conselho de sua vontade, & nam segundo o juizo da nossa rezám. E por isto assim ser tam verdadeiro, bē pudemos espantarnos da grande virtude, & perfeiçam do P. M. Simam, ainda que nam houvesse obras milagrosas, q̄ delle podessemos ostentar; porém parece que nē este favor do cēo, & mimo particular gratis dato, deixou Deos de cōmunicar a este seu servo, q̄ lhe era tam agradável.

2 Muitos casos admiraveis temos visto nesta Chronica do P. M. Simam, em sua vida; muitos pudemos tambem contar depois de sua morte, eu me cōtento com relatar dous; advertindo porém, que o meu intēto nam he autorizar estes, & outros successos por milagrosos; bastame contalos da maneira, que succedēram, deixando a cēsuras d'elles à sancta Igreja, que julga das obras, & approva os milagres. Tanto q̄ Deos N. S. levou pera sy este seu servo, parece q̄ foy seu ditoso trāsito de clarado a hũa grave, & devota pessoa, pela maneira seguinte: na mesma hora, em que elle deo a alma a seu Creador (que foy sendo ainda de noite) levantandose a caso esta pessoa, & abrindo huma janella,

sem

^a
Greg. lib. 4. dialogorum, c. 6.

^b
1. ad Cor. c. 13. à n. 2. Etsi habuero prophetiā, &c. Et si habuero omnē fidē, ita ut montes transferam charitatē autē non habuero, &c.

^c
Aug. epist. 137.

*Clarida de
q se vio so
bre acella
em q mor-
ree o P.M.
Simam.*

sem saber a causa, que o movia a fazer esta aççam, vio claramente sobre a camara do Padre hum grande, & fermosissimo resplendor, com cuja vista ficou grandemente maravillhada, & nam menos consolada; porèm por outra parte confusa; por nam saber que manifestava hum rayo de luz tam notavel, que por algum tempo, & em tal hora apparecia sobre aquelle lugar: vindo pela manhã à casa de Sam Roque, a communicar a alguns Padres esta maravilhosa visam, & interior consolaçam, que recebera, declarou o resplendor, que vira, & as horas em que lhe apparecèra, & a parte do dormitorio sobre que cahia, & achouse ser o mesmo tempo, & o mesmo lugar em que o servo de Deos se partira da terra pera o cèo: donde se ficou entendendo, que Deos nosso Senhor, por aquelle milagroso resplendor, usou com este bemaventurado Padre do favor, que fez a outros Sanctos, em sua morte, declarando com estas luzes do cèo os resplandores de tam excellètes virtudes, os rayos de sua pureza, o inflâmado zelo das almas, com que Deos nosso Senhor fez resplandecêre a este seu illustre servo.

3 Custume he de Deos ordenar, que nam sò os corpos, reliquias, & cinzas de seus sãtos

sejam milagrosas, mas tambem tal vez ordena as cousas de feiçam, q atè os vestidos, & peças mais exteriores, q nesta vida servirã a homẽs sanctos, sejam milagrosos instrumentos de obras maravilhosas; assim o lemos em muitas historias, & assim o experimẽtamos nesta Provincia, em muitos milagres, que Deos N. Senhor foy servido obrar, por meyo, nam sò das reliquias, mas tambem da firma, & ainda de qualquer pedacinho de taboa da barra, em que se encostava nosso glorioso Padre sancto Ignacio, no tempo de sua primitiva penitencia, no retiro de Manreza. Este mesmo custume guardou Deos nosso Senhor com este insigne varãm, & deixando outros, sò contra-rei hum favor, que cõmunicou, tomando por instrumento hum seu bordãm.

4 O caso apontarei com todas suas particularidades: vindo a Lisboa, no ãno de 1583. quatro annos depois de sua morte, hũ sacerdote, q era de nossa Companhia, por nome Vitto Liner, da provincia da alta Alemanha, (o qual hia ã peregrinaçam a S. Tiago de Galiza) & agasalhado-se na casa de S. Roque, quando se houve de despedir, pedio que lhe dessem hũ bordãm pera o caminho, q fazia a pè; & por lhe fazerẽ particular agasalhado, & festa, lhe derã hũ, q servira ao P.M.

*Qualquer
reliquia
de nũsan-
cto he mi-
lagrosa.*

O q̄ Deos
obrou, por
meyo do P.
M. Simam

a
1. Reg. 21. n. 9
Non est huic
alter similis, da
mihieum.

Simam, advertindolhe o favor, que lhe faziam, em lhe dar peça de tanta estima: festejou grandemente o peregrino tam rica joya, nam menos que David antigamente a espada, com que degolara o gigante Goliatho, a no valle de Teribintho, que lhe deo o sacerdote Achimelech, dizendo, que se nam podia achar outra semelhante. E assim, posto que se aproveitou do bordam no caminho, foy sempre com muita reverencia, & grande consolaçam.

5 Chegando á villa de Aveiro, aposentouse junto da praya, em hum estalagem, aonde estava hum minino em cama muito doente, desconfiado dos medicos, & já pera morrer; pediram ao Padre quizesse dizer hum Evangelho sobre o enfermo, escusouse elle ao principio, por estarem presentes huns Conegos de Toledo, pessoas de autoridade, que por aly passavam; porém, depois q̄ estes se embarcaram pera Ovar, se foy a rezar o Evangelho ao minino, o qual tanto que vio o Padre, da maneira que podia, com a voz, com os olhos, com os acenos, & com hum increivel alvoroço, lançando as mãos fora, & debatendose todo, nam fazia senam pedir, & chorar pelo bordam (que parece que com

Pede hum
minino en
fermo o
bordam do
P.M. Si-
mam.

os olhos da innocencia estava prevendo, que nelle tinha a saude) pedio a mãy ao Padre, que lho largasse, pois tanto chorava por lhe tocar: o Padre lho chegou, dizendo, que aquelle bordam fora de hum grande servo de Deos; pegou logo d'elle o minino, & com hum novo alento nam fazia senam beijalo, & abraçar-se com elle, que pera o Padre lho tirar das mãos, quando se quiz partir, foy necessario usar de muita traça.

6 Caso foy bem admiravel, porque de improvizo o minino, que estava pera morrer, se achou de todo sam; & logo, à vista do Padre, & dos mais, que estavam presentes, se levantou, & começou a saltar pela casa, como se nunca fora doente. Ficaram os presentes admirados com ver tam notavel prodigio diante de seus olhos; & o pay nam menos contente, que maravilhado, perguntava ao Padre, cujo era aquelle bordam tam milagroso? Declaroulhes o Padre, quam grande servo de Deos fora o que d'elle tinha usado, & que a elle deviam agradecer saude tam prodigiosa: q̄ foy cõ mais apressado effeito, q̄ a do Propheta Eliséo, cujo bordam nam bastou tocado, pera dar vida ao outro minino morto, sem o mesmo sancto vir em pessoa a unir-

^c
4 Reg. cap. 4.
n. 29.

se

se todo com elle.

*Quanto se
estimou a-
quelle bor-
dã.*

7 Com a vista de tam grande maravilha ficou o Padre Vitto summamente consolado; & nam se tendo já por digno de usar de bordã, que Deos tomára por instrumento de obra tam espantosa (tomando outro pera fazer seu caminho) levava este ao hombro, metido em huma baihna de panno, com muita decencia; como quem já o estimava n'alma por reliquia, & nam o levava na mam como bordã. Com estes dous bordoens, hum na mam, de que se servia, & outro às costas, que venerava, entrou no Collegio de Braga, & na residencia de Sam Fins, aonde muitos Padres o sahiram a receber como peregrino de nossa Companhia; & tratando todos com sancta charidade (como he costume aos peregrinos entre nós) de o aliviar, huns do mantêo, outros dos alforges, & mais alfayas de caminho; vindo aos bordoens, largou o de que se servia por necessidade, mas nam o que venerava por reliquia: & por mais força, que lhe fizeram, nam foy possivel tirarlho nunca da mam, até que cõtou a causa da muita veneraçã, que lhe tinha; & assim se partio o peregrino com o seu bordã às costas, q' lhe nam servia de cruz pezada, mas de alivio grande; & expe-

rimentando neste caminho outros muitos favores do cêo, que todos attribuhia a tam bom cõpanheiro; & a tam precioso peñhor, q' cõ grande estimaçam, & por joya de grãde preço, levou consigo dentro a Alemanha.

8 E porque nam ficasse em esquecimento caso tam notavel, desejãdo o P. Alvaro Lobo (a quem devemos muito das noticias, & trabalhos desta Chronica, como dissemos no prologo desta primeira parte) d'aly a algũs annos autenticar mais esta maravilha, escreveu sobre este negocio ao dito Padre (que estava em Alemanha, em a Provincia de Bavaria) por via do P. Iorge Cretelio, Reytor do Collegio de S. Paulo da Cõpanhia de IESV em Ratisbona; o qual por hum notario Apostolico, fez juridicamente perguntar ao Padre Vitto Liner, em presença de muitas pessoas religiosas da Companhia, & da ordem de S. Bento (a qual o dito P. Vitto, com licença de nosso reverendo Padre gèral, se tinha passado, & já nella era professo, ficando por esta via testemunha menos sóspeita) & elle referio, & testemunhou com juramento, o que temos dito, pelos mesmos termos, que apontamos; estando tambem presente o reverendo Padre frey Bernardo, seu Dom Abbade, como cõsta de hum instrumento autentico,

*Como se
autêticou
este caso.*

feito em Latim, no anno de 1600. no celebre mosteiro do inferior Alteich, da ordẽ de S. Bento, do Bispado Passaviense, em Bavaria, por Adamo Chovistoser, publico notario cõ seu final publico, o qual instrumẽto veyo a nosso poder, & se guarda no cartorio de Coimbra.

9 Este favor experimẽtou o P. Vitto, por meyo do P. M. Simam; outros mayores esperamos, confiados no bordam de seu emparo (que nam he bordam de cana vazia, no qual diz Deos aos Israelitas, que nam confiẽ) cõ este andaremos seguros, & caminharemos alentados, pelos caminhos da salvacam, atẽ chegarmos ao fim desejado de nossa peregrinacam.

CAPITULO VLT.

De outros casos admiraveis, que Deos obrou pelo Padre mestre Simam, dando saude aos Padres Vicente Rodrigues, & Dom Gonzalo da Sylveira.

1 **E**stes casos aconteceram depois da morte do padre M. Simam; muitos lhe sucederam em sua vida, que foram tidos por mila-

grossos: sõ dous, que guardei pera este lugar, quero apõtar aqui, porque tiveram notaveis circũstancias, & porque estam autorizados com o testemunho do P. Orlandino, na historia geral da Companhia, posto que nõs os sabemos por melhores vias; & gèralmente falando (pera q ao menos hũa vez o diga) as noticias, que nesta Chronica damos das cousas do P. M. Simam, sam mais certas, que as que o dito Chronista refere em algũas partes da dita historia: o primeiro caso succedeo em Lisboa, o segundo em Coimbra. Iã fizemos atràs^b mençam do P. Vicente Rodrigues, irmam do P. Iorge Rijo de boa memoria; & contamos parte dos grandes serviços de Deos, que fez no Brasil, prégando, & ensinando aquelles barbaros. Era este Padre, sendo ainda mancebo, muy achacoso, & logoito a grandes dores de cabeça; tinham selhe em Coimbra applicados todos os remedios possiveis, conforme a muita charidade, que a Companhia usa com seus enfermos; porẽm aconteceuolhe, o que algumas vezes succede, que sempre cõ os remedios peiorava.

2 Ordenaram os medicos, q o Irmam mudasse a terra, & q o mandassem aos ares naturaes da pãtria, q custuma ser a melhor mesinha, ao menos pera mãebos achacosos, q muitas

vezes

^f
Isai. c. 36. n. 6.
Ecce confidis
super baculum
arundineũ, cui
firmixus fue-
rit homo, intra
bit in manum
eius, & perfora-
bit eam &c.

^a
Lib. 8. n. 80.

^b
Lib. 3. c. 13.

P. Vicente
Rodrigues
adocceioem
Coimbra.

vezes sãram com este remedio; ou pelo gosto que tem de vir á pátria; ou porque esta melhor agasalha os seus naturaes. E como elle era quasi natural de Lisboa (por ter nacido na Fonte da talha, que he hum arrabalde d'aquella grande cidade) facilmente veyo o P. M. Simam nesta mudança pera os âres naturaes (a qual, quando he por rezã da saude, ou por outra qualquer causa racional, nam he tam difficulosa entre nòs, como alguns querem praguejar) Veyo o enfermo mudado de Coimbra pera o mosteiro de S. Antam de Lisboa, aonde lhe applicãram todos os bõs remedios, q̃ a arte ensinava aos medicos, & a charidade ministrava aos superiores, por ser hum dos sogeitos de mayores esperãças, que tinhamos entre nòs: nam correspondeo porẽm o successo da mudança aos desejos dos Padres, porque cada vez se achava peõr; de sorte, q̃ os medicos, por cuja via esperavam a saude, vierã totalmẽte a descõfiar de sua vida, pelos evidẽtes sinaes, q̃ nelle viam de acabar cedo.

3 Chega neste comenos de repẽte, quãdo menos se cuidava, vindo jã de Coimbra o P. M. Simam, aonde d'aquella vez por muito tẽpo se deteve: dam novas ao enfermo, q̃ tinham em casa o seu Provincial; nam lhe padãram dar mẽsinha mais cor

deal; alegrouse, & alvoroucouse muito, pera ver a seu querido pay, & lhe tomar a ultima bençã, antes de se partir desta vida, pera onde estava muy de caminho. Chega o Padre ao Collegio, entra na enfermãria (porq̃ esta era a primeira visita, q̃ fazia depois de hir ao sanctissimo Sacramento) sauda ao enfermo, alegrã, abraçã, dizẽdo estas formaes palavras: *Confiaay, Irmã, que nam haveis de morrer desta*: o P. M. Simam o disse, & Deos, q̃ he o verdadeiro medico, o cõfirmou de tal maneira, q̃ de repente cõ esta visita, o visitou a saude, & logo se levãtou sem doença, sem achaque, & sem dor algũa; que quãdo a merce he divina, logo vem cheya de graças copiosas. Este caso diz o nosso historiadõ gẽral, que foy logo tido por prodigioso, & como tal se escreveo a Roma, aonde ainda se guarda aquella carta. Esta foy a merce, que Deos fez ao P. Vicẽte Rodrigues, por meyo do P. M. Simam: que nam era bẽ, que morresse às mãos dos medicos de Lisboa, hum sogeito a quem Deos guardava, pera no Brasil dar saude espirital a tãtos gentios, como atrã temos jã contando; que saude milagrosã sempre foy muy proveitosa.

4 Vejamos agora outro caso ainda mais maravilhoso, em q̃ Deos, por meyo do P. M. Simam cõmunicou tambem a saude a

*Em Lisboa
recabio
mais perigo.*

*Como o P.
M. Simam
animou o
enfermo.*

^c
Lib. 8. n. 80.

Lib. 3. c. 10.

*Adoece em
Coimbra
gravissimamente o
P. D. Gonçalo da Sylveira.*

outro enfermo, que tambem ao diante foy hũ dos missionarios de mayor nome, & como tal deo a vida pela fé, q̄ prégava, entre os barbaros da Cafraria: & porq̄ este successo foy raro, quero aqui apontar todas as circunſtancias que d'elle acho escritas, que por causa do fogeito, nos nam devem de enfadar. Estava o P. D. Gonçalo da Sylveira doente em Coimbra, no anno de 1548. cõ hũ rigoroso prioris, a que tinha dado algũa occasiã, nam menos o descuydo, q̄ elle tinha da saude, que o pouco conhecimẽto, que os medicos tiveram da doença; nam no sãgrãram a tẽpo; & quando lhe quizeram acodir, era já tal a fraqueza, por se ter o mal apoderado muito, que nam estava capaz de remedio algũ; de sorte, que totalmẽte descõfiãram os medicos de sua vida. E porq̄ o amõr, que os Padres tinham ao doẽte, era muy grande (que todo era bem empregado no P. D. Gõçalo da Sylveira) mandãram chamar o insigne doutor Thomãs Rodrigues da Veiga (bem conhecido neste Reyno, q̄ entã lia a cadeira de prima de medicina) pera q̄ o viesse visitar, & pera ver se achavam nelle melhores novas de mais esperanza, & cõfiança: porẽm elle, tãto que lhe tomou o pulso, muito mais os descõsolou, advertindo ao P. M. Simam, que mandasse vigiar o enfermo

aquella noite, porque nam poderia chegar ao outro dia.

5 Mal se poderã explicar, quam grãde, & quã gẽral foy o sentimẽto em todo o Collegio, cõ esta nova tam triste, que em especial atravessou a alma do P. M. Simam, cõ agudas dores de sentimẽto, porq̄ estimava infinito a este tã raro fogeito, & entẽdia o muito, q̄ a Cõpanhia perdia cõ tal morte. Porẽm se o amigo he pera hũa hora (como dizẽ) o q̄ he verdadeiro amigo, he pera a mais trabalhosa: toda a noite gastou o P. M. Simam, vigiando sobre o seu enfermo, hindoos os enfermeiros sustentãdo, & alẽtando cõ apistos, & algũas sustãcias, que escaçamente podia levar; consumindo cada vez mais o fogo abrazador da febre maligna, em que ardia.

6 Chegada a menhã, vẽdo o P. M. Simam, que os remedios tẽporaes nam sucediam, tratou de lhe applicar os divinos, usou do seu meyo tam louvavel nelle, que era recorrer ao sacrificio da missa, quãdo queria alcãçar grandes merces da liberalidade divina, pera seus subditos: movido entã interiormente muito mais, á vista do perigo tam evidente, de hũ filho seu em o Senhor, a quẽ tanto amava, & prezava: despedindo se d'elle lhe disse: *Irmãem D. Gonçalo, tẽde bõ animo, eu vou dizer missa por vossa saude.* Couza foy muy notavel, & muy

*Vay o P.
M. Simam
dizer missa
pelo P.
D. Gõçalo.*

noto ria no Collegio, & celebra-
da sempre em toda esta Provin-
cia, que estando o servo de Deos
no altar offerecêdo o immacu-
lado sacrificio do corpo, & san-
gue de Christo, de improvizo se
alvorçou na cama o doente, q̄
estava em passamento; & em
presença do P. Luis da Grã, que
entam era Reytor do Collegio,
& de outros tres Irmãos, que o
acompanhavam, em voz alta, &
distineta, disse estas palavras:
*Meu Senhor IESU, ò Senhor meu, eu
estou sam, o P. M. Simam me alcãçou
saude.* Notavel foy o abalo, que
aquellas palavras causaram nos
circunstãtes, porque viam, como
resucitado, a quẽ cuydavam, q̄
logo morria; & ouviam falar al-
to, a quem nem respirar podia.
Acabou a missa o P. M. Simam,
& torna logo a visitar o seu en-
fermo, acha a enfermaria cheya
de gente, cõvocados todos cõ a
novidade do caso; recebe o o P.
D. Gõçalo, cõ grandes sinaes de
agradecimento, & alegria, diz-
lhe, q̄ de todo p̄to está sam, & q̄
sò lhe falta licẽça pera se poder
levãtar da cama: porêm o P. M.
Simam, dissimallãdo o caso (que
os sanctos fazẽ os milagres, mas
nam tratam de os asfoalhar) lhe
ordenou, que se nam erguesse.

7 Nam criam os presentes
o que viam, posto que muito de-
sejavam de o ver, & de o crer;
vam entrando muitos de novo,
falam cõ elle, perguntãlhe hũa,

& muitas vezes, se he assim o q̄
lhe dizem, acerca de sua saude;
certificaos o P. Gonçalo; repe-
tiñdo lhe muitas vezes, que def-
do p̄to, em que o P. M. Simam
differa missa por elle, se achava
sam, & sem nenhũa enfermida-
de; & que pera andar entre el-
les, nam lhe falta mais, que a li-
cença, que lhe negava quẽ lhe
dera a saude. Tinha sido o mal
tam grande, & era a maravilha
tã notavel, que entrãram alguns
em pensamentos, que aquella tã
ãpressada melhoria, fora algũa
breve demõstraçam da vida, q̄ se
despedia, como ultima labareda
da cãdeya ãtes de se apagar. Pe-
ra se poderẽ melhor certificar,
tornã a mãdar recado ao mesmo
doutor Thomãs Rodrigues: aco-
dio logo, toma o pulso, achao s̄
fèbre, sem pontada, sem agasta-
mentos, sem dor nenhũa; òlha
pera o rosto, em quẽ o dia d'an-
tes vira os sinaes da morte, veo
alegre, & bem assombrado; acha
os òlhos, que d'antes tinha que-
branta los, & cõsamidos, cheyos
de graça, & de viveza: o pulso,
em toda a noite intercadente,
jã sem febre, & compassado; o
tactõ ardente, & fogoso, jã tem-
perado, & saudavel: em fim sem
mostras de perigo, nem arre-
ceyos de ser saude fingida, por
termo da morte visinha: espan-
tado o doutor com tam subita
mudança, nam pode entam dei-
xar de dar boas novas (que

*Declara o
P. D. Gõçalo,
que o P.
M. Simam
lhe dera
saude.*

nos medicos sam muy raras) diz aos presentes, que o Padre estava totalmente sam, & que a a saude era sobrenatural: pergunta logo ao mesmo Padre, que lhe diga d'onde lhe veyo tanto bem: *Nam sey mais, senhor, tornava a dizer o servo de Deos (como succedeo ao cego do Evangelho, ° que sempre respondia o mesmo a quem lhe tornava a perguntar, quem, & como lhe dera a vista nos olhos?) nam sey mais, dizia, que estando da maneira, que v. m. me deixou, me disse o P. M. Simam, que me animasse, porque hia dizer missa por minha saude; & no tempo em que a dizia subitamente me senti totalmente sam.*

8 Acabaram, com este desengano, os religiosos todos de creer, nam ser aquilo termo de vida, mas outro principio de nova vida, maravilhosamente concedida pelo Senhor, a este seu grande servo; que em memoria deste favor celestial, recebido em dia de Sam Sylvestre, se chamou algum tempo Sylvestre; querendose, até nisto, mostrar agradecido; pois recebeu a vida do Senhor (como podemos dizer) duas vezes; que muitas vidas merecia lograr tal sogeito. E se a vida, que até entam fez o Padre D. Gonçalo foy vida sancta, d'aly por diante foy vida milagrosa; se a primeira foy de homem mortificado, a segunda foy de homem

refucitado: & porque elle sabia que era vida cõcedida por Deos, a Deos a quiz tornar a restituir; dandoa muy liberal, por seu divino amor, na Cafraria, assim como entam a recebeu em Coimbra, como veremos na segunda parte, falando nas cousas da casa de Sam Roque. E com rezam podemos tambem dizer, que duas vezes devemos ao Padre mestre Simam possuirmos tal sogeito, como foy o Padre D. Gonçalo da Sylveira, a primeira quando o recebeu na Companhia, vindo elle do mundo; a segunda, quando lhe deo saude, estando pera sahir do mundo.

9 Muitos outros casos, tidos por propheticos, & julgados por milagrosos, obrou Deos por este grande servo seu, que pudera aqui contar, & os deixo, assim por nam cansar mais aos leitores nesta primeira parte da Chronica da Companhia em Portugal; & suas conquistas; como porque (como diz Sam Hieronymo ^a) o dom das prophcias, & a graça de fazer milagres, nem sempre sam melhores provas de mayores merecimentos: estes casos, que tenho apontado, sam sem duvida muy dignos de estima, & admiracão; porèm muyto mais admiraveis sam os que Deos, por meyo do Padre M. Simam, obra cada dia espiri-

rual-

o
Ioan. c. 9. n. 25
Dixerunt ergo
illi quid fecit
tibi & c. Res-
pondit illis, dixi
vobis iam, &
audistis.

Duas ve-
zes deve-
mos ao P.
M. Simam
termos o P.
D. Gõçalo.

id
Hieron. ad c. 7
Matth. Prophe-
tizare, & virtu-
tes facere, in-
terdum non est
meriti, qui ope-
ratur.

tualmente em nossas almas, com a suavissima memoria de suas excellentes virtudes, & dos assinalados, & fortes exemplos, que nos deixou do zelo da salvação das almas, da verdadeira abnegação da propria vontade, & desprezo do mundo; da mortificação, oração, & obediencia, em que fundou esta provincia.

io. E cõ isto damos fim a esta primeira Parte, na qual prome-

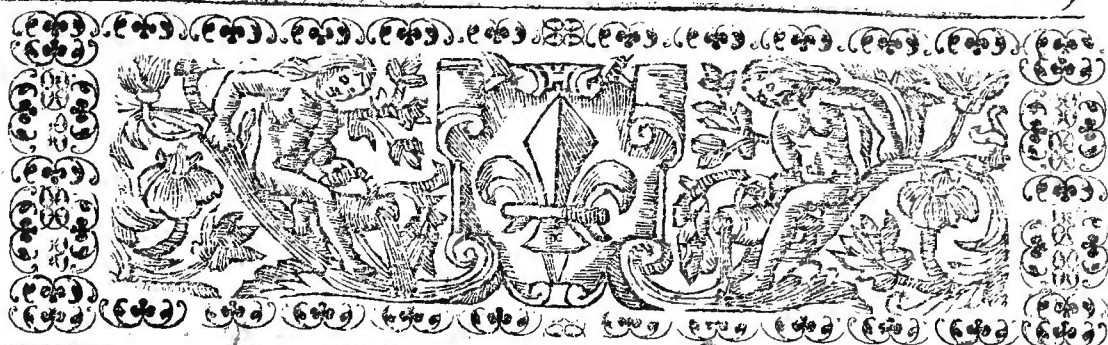
temos tratar da fundação, & progressos da Companhia, em Portugal, & suas conquistas, em quanto governou o Padre mestre Simam Rodrigues; na segunda Parte veremos o mais que succedeo, no tempo do governo do Padre Diogo Miram, & do Padre Miguel de Torres, até a morte do nosso

glorioso Patriarcha
Sancto Ignacio.

FINIS LAVS DEO,

Virginique Matri, ac parenti sanctissimo Ignatio.





T A B O A D A D O S C A P I T U L O S D E S T A C H R O N I C A .

LIVRO PRIMEIRO.



Capitulo I. Como Deos converteo a sy a S. Ignacio de Loyola, pera dar principio á Religiã da Companhia de IESU. fol. 1.

Capitulo II. Continua S. Ignacio sua cõversã: faz grandes penitencias; vay a Ierusalem: estuda em varias Universidades. fol. 6.

Capitulo III. Vay sancto Ignacio à Vniversidade de Paris, ajunta companheiros; vay com elles a Roma: tratam da fundaçã da Companhia, que finalmente foy approvada pelo Papa. fol. 10.

Capitulo IV. Do principio, que teve a entrada da Companhia em Portugal, cõ a vinda do P. Simam Rodrigues a este Reyno. fol. 14.

Capitulo V. Dãse hũa breve relaçam da pessoa do P. M. Simam; de como seguiu a S. Ignacio; e de suas peregrinaçoens. fol. 18.

Capitulo VI. Do mais que succedeo ao

P. M. Simam, até vir a Portugal. fol. 24.

Capitulo VII. Da ditosa eleiçam do Padre S. Francisco de Xavier pera a India, e de sua vinda a Portugal. fol. 32.

Capitulo VIII. Chega a Lisboa o P. S. Frãcisco de Xavier, dà saude ao P. M. Simam: vam ambos visitar a S. Alteza. fol. 38.

Capitulo IX. Como os dous Padres S. Francisco de Xavier, e mestre Simam procederam em Lisboa, aonde lhes puseram o nome de A. postolos. fol. 41.

Capitulo X. Trata el Rey da confirmaçam da Companhia: recebe-se em Portugal o primeiro noviço. Poemse em conselho de estado a hida dos Padres pera a India. fol. 44.

Capitulo XI. Da ultima resoluçam, que se tomou neste negocio: e como el Rey despachou pera a India o P. mestre S. Francisco de Xavier. fol. 50.

Capitulo XII. Como se foy o Padre

mestre S. Francisco de Xavier des-
pedir del Rey, & deo à vela pera a
India. fol. 55.

Capitulo XIII. Dáse huma breve no-
ticia da pessoa, & virtudes do
Padre Sam Francisco de Xavier.
fol. 59.

Capitulo XIV. Continuase a mesma
materia do elogio de S. Francisco de
Xavier. fol. 66.

Capitulo XV. Das mais virtudes do
Padre Sam Francisco de Xavier,
fol. 70.

Capitulo XVI. Dá el Rey ao Padre
mestre Simam Rodrigues o mos-
teiro de Carquere, pera ajuda da
fundaçam do Collegio de Coim-
bra; trocáo pelo mosteiro de san-
cto Antam o velho, que tinha si-
do de freiras da Annunciada.
fol. 76.

Capitulo XVII. Dáse alguma noticia
deste mosteiro de sancto Antam, o
qual foy a primeira casa, que tive-
mos em Portugal, pera onde se
mudou o Padre mestre Simam.
fol. 81.

Capitulo XVIII. Manda sancto Ig-
nacio companheiros de novo ao Pa-
dre mestre Simam: recebe outros
em Lisboa, entre elles ao Irmám
Manoel Godinho, a quem man-
dou, vestido como estudante se-
cular, à Universidade de Coimbra.
fol. 87.

Capitulo XIX. Partese o Padre
mestre Simam Rodrigues pera
Coimbra: dáse principio aquel-
le magnifico Collegio. folio.

94.

Capitulo XX. Como passavam os mos-
tos neste tempo em o novo Collegio
de Coimbra, assim no temporal, co-
mo no espiritual: & do procedi-
mento do seu primeiro Rector. fol.
99.

Capitulo XXI. Da pouca estimaçam,
que na Universidade se fazia dos
nossos; & como se foy mudando
esta roum opiniám: & dos primei-
ros, que entráram naquelle Colle-
gio. fol. 104.

Capitulo XXII. Entram na Compa-
nhia Melchior Nunes Barreto,
prova o P. M. Simam com huma
nova mortificaçam: vem tambem,
entre outros, Dom Gonçalo da Syl-
veira, & Dom Rodrigo de Me-
neses. fol. 109.

Capitulo XXIII. Dá licença o Papa
pera na Companhia nam haver li-
mite nos professos: pera todos pro-
mete rendas el Rey Dom Ioam:
dáse noticia dos estados dos profes-
sos, que há na Companhia. fol.
116.

Capitulo XXIV. Continuase a mesma
materia dos diversos estados, que
há na Companhia. fol. 121.

Capitulo XXV. Como neste tempo, por
meyo do nosso sancto Padre, & do
Padre mestre Simam, se atalhã-
ram hums grandes desgostos, entre
el Rey D. Ioam, & o Papa Paulo
III. fol. 125.

Copia da carta de sancto Ignacio, pe-
ra o Padre mestre Simam, sobre
este negocio do Bispo D. Miguel.
fol. 128.

Capitulo XXVI. O Padre mestre

Simam

Simam recusa o Bispado de Coimbra, aceita ser mestre do Principe, & de como se houve neste cargo. fol. 132.

Capitulo XVII. Da humildade, & pobreza do Padre mestre Simam, sendo mestre do Principe: do modo com que fazia seus caminhos a Coimbra: das muitas merces, que el Rey lhe fazia. fol. 136.

Capitulo XVIII. Dos combates, que se deram aos Irmãos Dom Gonçalo da Sylveira, & Dom Rodrigo de Meneses, & de sua firme constancia. fol. 140.

Capitulo XXIX. De outros combates, que teve o Irmão Dom Rodrigo; de sua sancta vida, & bemaventurada morte. fol. 145.

Resposta de Dom Rodrigo pera Dona Brites de Vilhena sua mãy, no mesmo Capitulo. fol. 147.

Capitulo XXX. Do sentimento, que houve da morte deste Irmão Dom Rodrigo de Meneses; & das boas partes com que Deos o dotou. fol. 149.

Capitulo XXXI. Occupase o Padre mestre Simam em Lisboa no proveito dos proximos, & vay pela festa do Natal a visitar o Collegio de Coimbra; & dos grandes proveitos, que se seguiam destas suas visitas. fol. 154.

Capitulo XXXII. Trata-se da vinda do Padre Pedro Fabro a Portugal; manda este diante doze escolhidos sogeitos, entre elles o Irmão Francisco Estrada, insigne prega-

dor: entram muitos na Companhia, movidos com seus sermoens. fol. 160.

Capitulo XXXIII. Da entrada do Irmão Antonio Moriz; da tentação, que teve, com que fugio da Companhia: & de como tornou a entrar. fol. 166.

Capitulo XXXIV. Da inquirição, que por via do Cardeal Infante se tirou, sobre a doutrina do Padre mestre Simam Rodrigues, & sobre os exercicios de sancto Ignacio. fol. 172.

Capitulo XXXV. Dá-se huma breve noticia, de que cousa sejam os exercicios, de que usa a Companhia; & dos grandes bens, que delles resultáram no mundo. fol. 176.

Capitulo XXXVI. Dos grãdes frutos, que se tem tirado destes exercicios espirituaes. fol. 179.

Capitulo XXXVII. Vay o P. Diogo Miram, Reytor de Coimbra, fundar o Collegio de Valença; entra em seu lugar o P. Martin de S. Cruz: vam os nossos peregrinar, & fazem outras mortificaçoens publicas. fol. 185.

Capitulo XXXVIII. Reprovam alguns as mortificaçoens dos nossos: levantase huma perseguição contra o Padre mestre Simam; acode Deos por sua innocencia, & acrecentamse os favores reaes. fol. 189.

Capitulo XXXIX. Vem a Portugal o Padre Antonio de Araos. chega depois delle o Padre Mestre

Pedro Fabro : he muy festejado de sua Alteza : Vay a Coimbra , faz entrar na Companhia escolhidos sogeitos , entre elles o Padre Luis Gonçalves da Camara. fol. 193.

Capitulo XXXX. Como por meyo do Padre Pedro Fabro, veyo milagrosamente á Companhia hum nobre Abbade de entre Douro, & Minho, chamado Ioam Nunes Barreto. fol. 199.

Capitulo XXXXI. Alcança o Padre Pedro Fabro licença pera se hir a Castella; escreve ao Collegio de Coimbra, & m̃dalhe algũas reliquias, & finalmente se parte pera Vallhedolid. fol. 204.

Capitulo XXXXII. Do socorro de religiosos , que o Padre mestre Simam mandou ao Padre Fabro a Castella: & do que este bendito Padre escreveu ao Collegio de Coimbra. fol. 209.

Capitulo XXXXIII. Entra na Companhia o Irmam Affonso Barreto: de sua grande mortificação , & zelo extraordinario da salvação das almas. fol. 213.

LIVRO SEGVNDO.

Capitulo 1. Da missã, que no anno de 1545. foy pera a India; & da gloriosa morte do P. Antonio Criminal, primeiro da Companhia, que deo a vida pela fe; & do mais, que succedeo a seus companheiros. fol. 221.

Capitulo II. Exercitamse os nossos em Coimbra com varias mortificações, em que os prova o P. M. Simam Rodrigues. fol. 229.

Capitulo III. Continiam os nossos, por ordem do Padre mestre Simam Rodrigues, com estas mortificações publicas, em que os exercitava. fol. 235.

Capitulo IV. Mostra-se como estas mortificaçoens , de que usavam os nossos , sam conformes á doutrina dos Sanctos : dá-se a rezã de se nam usarem já hoje tanto na Companhia. fol. 238.

Capitulo V. Escreve sancto Ignacio a primeira vez a elRey Dom Ioam : dalhe conta de suas cousas; pedelhe licença, pera o Padre mestre Simam hir a Roma , em rezã de renunciar o cargo de geral. fol. 242.

Capitulo VI. Trata elRey Dom Ioam, por via do Padre sancto Ignacio, com o Papa, sobre haver neste Reyno tribunal do sancto Officio; & sobre o capello de Cardeal, pera o Infante Dom Henrique , com o sucesso , que se pretendia. folio. 247.

Capitulo VII. Manda o Padre mestre Simam pera a India nove insignes ministros do Evangelho. fol. 250.

Capitulo VIII. Continiamse a mesma materia das virtudes dos mais sogeitos desta missã. fol. 255.

Capitulo IX. Vay o Padre Francisco Estrada em missã a entre

Douro, & Minho; detense no Porto; entra na Companhia, movido de seus sermoens, o conego Vasco Ferrás. fol. 260.

Capitulo X. Dos procedimentos do Irmão Vasco Ferrás, até sua morte na Companhia. fol. 264.

Capitulo XI. Do mais fruto, que o Padre Francisco Estrada recolheu na cidade do Porto, em especial na mudança de vida de Henrique de Gouveia; & de como, ainda absente, animou os seus devotos. fol. 268.

Capitulo XII. Como Deos chamou pera a Companhia a Dom Leão Henriques, primo do Padre Luis Gonçalves da Camara. fol. 276.

Capitulo XIII. Como Dom Leão Henriques entrou na Companhia, & de seus procedimentos em o noviciado. fol. 280.

Capitulo XIV. Acrescenta elRey Dom Ioam o terceiro as rendas ao seu real Collegio de Coimbra, dandolhe o mosteiro de Sam Fins, & outros dous mais. fol. 284.

Capitulo XV. Declarase a Companhia em Portugal por Provincia; vay o Padre mestre Simam a Coimbra, lê a bulla da confirmaçam; & do grande fervor, & renovaçam de espirito, que houve com sua chegada. fol. 289.

Capitulo XVI. Da renovaçam dos votos, que houve neste mesmo tempo no Collegio de Coimbra. fol. 294.

Capitulo XVII. Vay o Padre Martinho de sancta Cruz a Roma, aonde morreo sanctamente: entra em seu lugar, a ser Reytor do Collegio de Coimbra o Padre Luis Gonçalves da Camara. fol. 297.

Capitulo XVIII. Como neste anno foy recebido na Companhia Dom Ignacio de Azevedo, o qual, ao diante, com quarenta companheiros, deo a vida pela fé catholica. fol. 302.

Capitulo XIX. Entram na Companhia o Padre Mauricio, que ao diante foy confessor delRey Dom Sebastiam, & foy com elle a Africa: & o Irmão Ioam Fernandes de Oviedo, que depois foy grande missionario no Iapão. fol. 308.

Capitulo XX. Vay o Padre mestre Simam a Coimbra, pera commecçar a obra do Collegio novo: trata, com toda a solemnidade, de lançar a primeira pedra; sahe da terra, nas primeiras enxadadas, hum enxame de abelhas. fol. 315.

Capitulo XXI. Como se lançaram as primeiras pedras no edificio do Collegio de IESU, da cidade de Coimbra. folio. 320.

Capitulo XXII. Das contradicções, que se levantaram contra as obras do Collegio novo, & como se aquietaram. fol. 323.

Capitulo XXIII. De alguns, que se tentaram na vocaçam; do que so-

bre isto escreveu o Padre mestre Simam: & de huma grave penitencia; que deo a huos Irmãos, que escreveram cartas sem ordem. fol. 328.

Capitulo XXIV. Sahem varios missionarios do Collegio de Coimbra, entre elles o Padre Gonçalo Vaz de Mello, vay de Sam Fins em missam a varias partes. fol. 334.

Capitulo XXV. Vay o Padre Manoel de Nobrega em missam pela Provincia da Beira; & do grande fructo, que d'lla recolheu. fol. 341.

Capitulo XXVI. Apontamse alguns casos mais notaveis, que succederam nesta missam ao Padre Manoel de Nobrega: Vay a Roma o Padre Bertholameo Ferram, por cujo meyo entrou na Companhia o P. Francisco Rodrigues, que foy grãde servo do Senhor. fol. 346.

Capitulo XXVII. Da occasiam, que houve, pera hirem os nossos religiosos em missam a Congo: da se huma breve noticia deste Reyno. fol. 350.

Capitulo XXVIII. Do grande fervor, que houve no Collegio de Coimbra, pera a missam de Congo: de como partiram quatro, com hũa carta del Rey D. Ioam; & como foram bem recebidos por el Rey de Congo. fol. 355.

Capitulo XXIX. Do mais que succedeo nesta missam; & de como o fim nam respondeo a seus bõs principios. fol. 359.

Capitulo XXX. De huma carta, que

neste anno de 1547. escreveu nosso Patriarcha sancto Ignacio, aos Irmãos do Collegio de Coimbra. fol. 363.

Capitulo XXXI. Continua a doutrina da mesma carta de sancto Ignacio. fol. 367.

Capitulo XXXII. Da mudança do Reyorado do Padre Luis Gonçalves da Camara; & de alguns sujeitos, que no anno de 1548. entraram na Companhia. fol. 371.

Capitulo XXXIII. Parte o Padre Luis Gonçalves da Camara por companheiro do Padre Ioam Nunes Barreto, pera a missam de Berberia. fol. 378.

Capitulo XXXIV. Volta o Padre Luis Gonçalves a Portugal, a dar conta dos cativos; continua com elles o P. Ioam Nunes. fol. 384.

Capitulo XXXV. Da missam, que este anno mandou à India o Padre mestre Simam, de dez religiosos nossos: faz se mençam de alguns d'elles em particular. fol. 390.

Capitulo XXXVI. Vay pera a India, entre estes dez missionarios, o Padre mestre Gaspar Barzeo, que foy hum dos mais insignes sujeitos, que teve a Companhia. fol. 393.

Capitulo XXXVII. Como entrou na Companhia Dom Theotonio de Bragança, filho do Duque Dom Iaimes; de como seus parentes o procuraram tirar da Companhia. fol. 398.

Capitulo XXXVIII. Da grande con-

stancia, com que o Padre mestre Simam respondeo a elRey; & como se houve neste negocio. fol. 402.

Capitulo XXXIX. Do mais q̄ passou neste negocio; & de como Dom Theotónio Veyo a sahir da Companhia, & de seu sancto procedimento, sendo Arcebispo de Evora. fol. 406.

Capitulo XXXX. Da grande charidade, & mais virtudes deste grande Prelado Dom Theotónio de Bragança. fol. 412.

Capitulo XXXXI. Da occasiã, que houve, pera Dom Theotónio hir a Valhedolid, aonde morreo em seruiço de Deos. fol. 417.

Capitulo XXXXII. Como neste tempo procediam os nosos em Lisboa; & do grande fruto, que naquella cidade, & em outras, fazia o Padre Francisco Estrada, fol. 421.

LIVRO TERCEIRO.

Capitulo I. Propoemse o fundamento, que houve, pera o Padre mestre Simam mandar missionarios ao Brasil: da se conta do descobrimento, & capitãrias, que aly fizeram os Portugueses, & estado das cousas daquella christandade. fol. 429.

Capitulo II. Trata o Padre mestre Simam de hir à empresa do Brasil, sem ter o effeito desejado: manda em seu lugar o P. Manoel de Nobrega, com mais cinco compa-

nheiros. fol. 434.

Capitulo III. Dãse huma breve noticia da terra do Brasil, de sua muita fertilidade, & variedade de frutos, com que Deos a enriqueceo. fol. 438.

Capitulo IV. Continúa-se a mesma materia, em especial dos costumes dos naturaes do Brasil; & das barbaras ceremonias, com que comem a carne humana. fol. 445.

Capitulo V. Como o governador Thomé de Sousa edificou a cidade do Salvador; & do que os religiosos da Companhia fizeram nestes principios, ensinando os gentios, & pretendendo tirarlhes o costume de comer carne humana. fol. 450.

Capitulo VI. Do sancto zelo, & virtudes do Padre Manoel de Nobrega (primeiro Provincial da provincia do Brasil) em quanto esteve em Portugal. fol. 456.

Capitulo VII. Continúa-se a mesma materia da virtude, & obras maravilhosas do P. Manoel de Nobrega, depois de chegar ao Brasil. fol. 460.

Capitulo VIII. Da devaçã do Padre Manoel de Nobrega: de sua grande pureza, & mais obras maravilhosas: & de sua sancta morte. fol. 465.

Capitulo IX. Dãse breve relaçaõ do Padre Ioã de Aspicqueta, que foy hum dos companheiros do Padre Manoel de Nobrega, na missã do Brasil. folio. 471.

Capitulo X. Dos mais companheiros do Padre Manoel de Nobrega, nesta missam do Brasil, que foram os Padres Antonio Pires, Leonardo Nunes, Vicente Rodrigues, & Diogo Iacome, fol. 476.

Capitulo XI. Entra na Companhia o Padre Gonçalo Alvares, que ao diante foy visitador eleito do Iapam: dáse brevemente conta de sua vida, & morte gloriosa, nas prayas do Iapam, em companhia do Padre Manoel Lopes de Bullham. fol. 480.

Capitulo XII. Como neste anno, em que entramos, de 1550. os serenissimos Infantes Dom Luis, & Dom Henrique, pediram missoens da Companhia, pera suas terras; & de outras, que o Padre mestre Simam repartio pelo Reyno. fol. 485.

Capitulo XIII. Manda o Padre mestre Simam neste anno de 1550. quatro religiosos ao Brasil, pera ajudarem ao Padre Manoel de Nobrega, superior daquella missam. fol. 490.

Capitulo XIV. Da jornada, que fez elRey Dom Ioam o terceiro a Coimbra, a visitar a sua Universidade, & o seu Collegio da Companhia. fol. 495.

Capitulo XV. He chamado a Roma o Padre mestre Simam por nosso sancto Patriarcha: manda diante o Padre Dom Gonçalo: & como proveo os officios, que tinha de mestre de Principe, & Provincial. fol. 499.

Capitulo XVI. Vay a Roma o Padre mestre Simam: refere-se huma carta delRey Dom Ioam, pera o Papa Iulio terceiro, em abonaçam da Companhia: dáse conta do que succedeo nesta congregaçam, a que os Padres mais antigos foram chamados. fol. 504.

Carta delRey Dom Ioam o terceiro, pera o Papa Iulio terceiro. fol. 505.

Capitulo XVII. Como neste tempo se resolveo o Cardeal Dom Henrique a fundar o Collegio da Companhia, em Evora: apontamse as rezons, que pera isso teve. fol. 509.

Capitulo XVIII. Manda o Cardeal Infante chamar a Evora o Padre Luis Gonçalves da Camara; trata com elle, & com o Padre mestre Simam da fundaçam daquelle Collegio: escreve a S. Ignacio; & da resposta, que o sancto lhe mandou, fol. 513.

Capitulo XIX. Manda o Padre mestre Simam onze religiosos de Coimbra a fundar o Collegio de Evora; & de como aly foram agasalhados; & de seu sancto procedimento. fol. 515.

Capitulo XX. De algumas molestias, que os nosos padeceram neste principio; & de como Deos os livrou dellas. fol. 519.

Capitulo XXI. Dáse hũa breve noticia do P. Melchior Carneiro, primeiro Reytor do Collegio de Evora; de como d'aly foy pera a India: & de outros Reytors do mesmo Collegio, que seguiram seu exemplo. fol. 524.

Capitulo XXII. Apontamse as cousas pertencentes ao P. Manoel Fernãdes, primzeiro pregador do Collegio d'Evora, & de seu sancto zelo, & obras maravilhosas. fol. 527.

Capitulo XXIII. Da muita estima, q' faziam dos sermões do P. Manoel Fernãdes os muy veneraveis Padres frey Bertholamço dos Martyres, & frey Luis de Granada: & de algũas obras do serviço de Deos, que fez na cidade de Evora. fol. 531.

Capitulo XXIV. Da gloriosa morte do P. Manoel Fernãdes, que lhe deram, por pregar contra os vicios; & como foy searida de todos, & das honras com que o sepultaram. fol. 535.

Capitulo XXV. Dos grandes fervores das missões, que havia neste tempo no Collegio de Coimbra: & de treze religiosos, que este anno foram pera as partes da India, & do Iapã. fol. 540.

Capitulo XXVI. Do mais que succedeo aos nossos missionarios nesta viagem da India. fol. 543.

Capitulo XXVII. De como se houve na India o P. Melchior Nunes Barreto, o qual foy o primeiro pregador, que entrou na China; & dos muitos trabalhos, que padeceo na jornada do Iapã. fol. 546.

Capitulo XXVIII. Dãse hũa breve noticia do P. Manoel de Moraes, & do P. Gonçalo Rodrigues, que nesta missã foram pera a India. fol. 551.

Capitulo XXIX. Dã el Rey ao Collegio

de Coimbra o mosteiro de S. Ioam de Longavares; torna o P. Gonçalo Vaz de Mello em missã ao Algarve, com grande proveito espiritual d'aquelle Reyno. fol. 555.

Capitulo XXX. Continua em sua missã o P. Gonçalo Vaz de Mello: vay tambem a entre Douro, & Minho o P. Gonçalo da Sylveira: acaba de ser Reytor o P. Luis da Grã, succedeo o P. Urbano, que deixou o cargo por hir pera a India. fol. 560.

Capitulo XXXI. Dãse alguma noticia das virtudes do P. M. Gonçalo de Medeiros, que neste anno em q' entramos de 1552. morreo em S. Antã de Lisboa, o qual foy o primeiro noviço desta Provincia. fol. 564.

Capitulo XXXII. Da obediencia, & humildade do P. Gonçalo de Medeiros, & de sua bemaventurada morte. fol. 568.

Capitulo XXXIII. Das causas, que houve, pera neste anno de 1552. (por ordem do nosso S. Patriarcha Ignacio) acabar o P. M. Simam de ser Provincial em Portugal; & pera hir ser Provincial em o Reyno de Aragã. fol. 572.

Capitulo XXXIV. Como o P. M. Simam recebeo esta ordem, & entregou o governo ao P. Diogo Miram; & como isto se tomou assim na corte, como entre os nossos; & do principio do governo do novo Provincial. fol. 577.

Capitulo XXXV. Manda S. Ignacio por visitador a Portugal o Padre

Maguel de Torres: escreve a el Rey sobre a mudança do P. M. Simam; respondelhe sua Alteza; e parte se o Padre pera o Reyno de Aragám. fol. 582.

Capitulo XXXVI. Como o P. M. Simam chegou a Roma, e se vio com o S. Patriarcha Ignacio: e do mais que lhe succedeo nos annos, que andou fora de Portugal. fol. 585.

Capitulo XXXVII. Como o P. M. Simam, depois de muitos annos, tornou a Portugal; e de algumas cousas mais notaveis, que neste tempo lhe succederam, e de sua ultima enfermidade. fol. 589.

Capitulo XXXVIII. Da grãde paciẽcia do P. M. Simam em sua larga enfermidade: do raro exemplo, que nos deo: e de sua sancta morte. fol. 594.

Capitulo XXXIX. Da pessoa, e par-

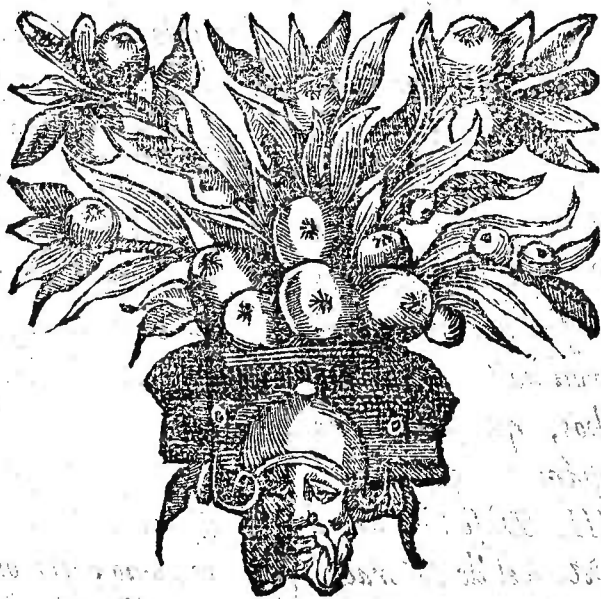
tes do P. M. Simam: da Cruz, q̃ lhe acharam sobre o peito, aberta em sua propria carne: das exequias, que lhe fizeram; e da sepultura, que lhe deram. fol. 600.

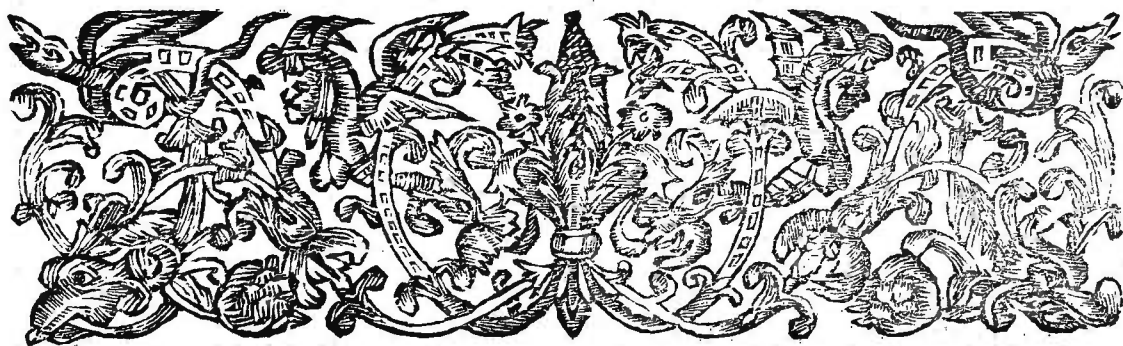
Capitulo XXXX. Da tresladaçam, que se fez dos ossos do P. M. Simam: e do epitaphio, que tem em seu sepulchro. fol. 606.

Capitulo XXXXI. Do epitaphio, que os muy reverendos Padres da Provincia de Frandes, fizeram ao P. M. Simam. fol. 610.

Capitulo XXXXII. De algumas obras maravilhosas, que Deos obrou pelo P. M. Simam. fol. 614.

Capitulo ultimo. De outros casos admiraveis, que Deos obrou pelo Padre mestre Simam, dando saude aos Padres Vicente Rodrigues, e Dom Gonçalo da Sylveira. fol. 618.





INDICE

DE ALGUMAS

AUTORIDADES DA

Esçriptura , de que se
faz mençãam nesta
Chronica.

GENESIS.



- Ap. 32.n.25. Te-
tegit nervum fe-
moris eius, & sta-
tim emarcuit. fol.
4.col. 1.
- Cap. 17.num. 5. Quia patrem
multarum gentium consti-
tuisti me. fol. 19.col. 1.
- Cap. 2.n. 19. Omne enim quod
vocavit Adam animæ viven-
tis, ipsum est nomen eius. fol.
43.col. 2.
- Cap. 41.n. 11. Vbi una nocte
uterque vidimus somnium
prælagum futurorum. fol.
78.col. 1.
- Cap. 18.à n. 1. Cúmque elevaf-
set oculos apparuerunt e-
tres viri stantes prope eun-
&c. fol.90.col. 1.
- Cap. 42.n. 6. Et Ioseph erat
princeps in terra Ægypti,
atque ad eius nutum frumē-
ta populis vendebantur. fol.
135.col. 1.
- Cap. 3.n. 6. Vidit igitur mulier
quòd bonum esset lignum
ad vescendum, & pulchrum
oculis, aspectúque delecta-
bile. fol. 167.col. 1.
- Cap. 2. n. 9. Lignum vitæ in
medio paradisi, lignúmque
scientiæ boni, & mali. fol.
172.col. 2.
- Cap. 18.n. 1. Apparuit autem
ei Dominus in convalle Mā-
brè sedenti in ostio taberna-
culi sui in ipso fervore diei.
fol. 182.col. 2.
- Cap. 12.n. 1. Egredere de ter-
ra

ra tua, & cognatione tua, & de domo patris tui, & veni in terram, quam monstrabo tibi. fol. 298. col. 1.

Cap. 18. n. 6. Festinavit Abraham in tabernaculum ad Saram &c. & n. 7. Qui festinavit, & coxit illum. fol. 271. col. 1.

Cap. 4. n. 4. Abel quoque obtulit de primogenitis gregis sui, & de adipibus eorum. fol. 293. col. 1.

Cap. 47. n. 9. Dies peregrinationis meæ centum triginta annorum sunt, parvi, & mali, & non pervenerunt usque ad dies patrum meorum, quibus peregrinati sunt. fol. 315. col. 1.

Cap. 28. n. 18. Tulit lapidem, quem supposuerat capiti suo, & erexit in titulum, fundens oleum desuper. fol. 321. col. 2.

Cap. 37. n. 14. Vade, & vide si cuncta prospera sint erga fratres tuos, & pecora, & renūcia mihi quid agatur. fol. 338. col. 2.

Cap. 2. n. 8. Plantaverat autem Dominus Deus paradysum voluptatis à principio, in quo posuit hominem, quem formaverat. fol. 359. col. 1.

Cap. 1. n. 27. Et creavit Deus hominem ad imaginem suā. fol. 359. col. 1.

Cap. 37. n. 15. Invenitque eum vir errantem in agro, & in-

terrogavit, quid quæreret: at ille respondit: fratres meos quæro. fol. 476. col. 1.

Cap. 8. n. 21. Sensus enim, & cogitatio humani cordis in malum prona sunt ab adolescentia sua. fol. 484. col. 2.

Cap. 4. n. 10. Vox sanguinis fratris tui clamat ad me de terra. fol. 540. col. 1.

Cap. 37. n. 3. Israel diligebat Ioseph super omnes filios. fol. 588. col. 1.

EXODVS.

Cap. 34. n. 28. Fuit ergo ibi cū Domino quadraginta dies, & quadraginta noctes: panē non comedit, & aquam non bibit, & scripsit in tabulis. Verba fæderis decem. fol. 7. col. 2.

Cap. 15. n. 25. Qui ostendit ei lignum: quod cū misisset in aquas, in dulcedinē versę sunt. fol. 69. col. 1.

Cap. 33. n. 11. Loquebatur autem Dominus ad Moysen facie ad faciem, sicut solet loqui homo ad amicū suum. fol. 72. col. 1.

Cap. 3. n. 1. Cūque minasset gregem ad interiora deserti, venit ad montem Dei Horeb. fol. 182. col. 2.

Cap. 32. n. 8. Fecerunt sibi vitulum conflatilem, & adorerunt, atque immolantes ei hostias dixerunt: &c. fol. 359. col. 2.

Cap. 20. n. 13. Ut sis longævus
super terram, quam Domi-
nus Deus tuus dabit tibi. fol.
379. col. 2.

LEVITICVS.

Cap. 2. n. 13. Quidquid obtuleris
sacrificij, sale condies, nec au-
feres sal fæderis Dei tui de sa-
crificio tuo. fol. 368. col. 2.

Cap. 20. n. 2. Morte moriatur,
&c. fol. 579. col. 2.

NUMERORVM.

Cap. 10. n. 31. Tu enim nosti in
quibus locis per desertū cas-
tra ponere debeamus, & eris
ductor noster. fol. 65. col. 1.

IOSVE.

Cap. 10. n. 22. Aperite os spelū-
cæ, & producite ad me quin-
que Reges, qui in ea latitāt,
& nolite timere, nec pauea-
tis. fol. 69. col. 2.

Cap. 10. n. 24. Ite, & ponite pe-
des super colla regum isto-
rum. fol. 69. col. 2.

Cap. 2. à n. 1. Misit Iosue filius
Num de Setim duos viros
exploratores in abscondito:
& dixit eis: Ite & considera-
te terram, urbēque Iericho.
fol. 89. col. 1.

Cap. 4. n. 8. Fecerunt filij Is-
rael sicut præcepit eis Iosue,
portantes de medio Iordanis
alvæo duodecim lapides, ut

Dominus ei imperarat, iuxta
numerum filiorum Israel.
fol. 363. col. 2.

REGVM. 1.

Cap. 16. à n. 12. Surge, unge
eum, ipse est enim. fol. 32.
col. 2.

Cap. 30. à n. 21. Venit David
ad ducentos viros, qui Lassi
substitierant, nec sequi potue-
rant David, & residere eos
iusserat in torrente Bessor:
&c. fol. 122. col. 2.

Cap. 16. n. 23. David tollebat ci-
tharā, & percutiebat manu
sua, & refocillabatur Saul, &
levius habebat: recedebat e-
nim ab eo spiritus malus, fol.
313. col. 1. & fol. 422. col. 2.

Cap. 17. n. 39. Non possum sic
incedere, quia non usum ha-
beo. fol. 369. col. 1.

Cap. 1. n. 28. Et ego cōmendavi
eū Dño, cunētis diebus qui-
bus fuerit cōmodatus Dño.
fol. 420. col. 2.

Cap. 10. n. 27. Et despexerunt
eum, ille verò dissimulabat se
audire. fol. 580. col. 2.

Cap. 16. n. 18. Ecce vidi filium
Isai Bethlehemitem. fol. 612
col. 2.

Cap. 21. n. 9. Non est huic al-
ter similis, da mihi eum. fol.
616. col. 1.

REGVM. 2.

Cap. 18. num. 3. Tu unus pro

decem millibus computaris.
fol. 65. col. 2.

Cap. 10. n. 4. Tulit itaque Hannon servos David, rasiq; dimidiã partẽ barbæ eorũ, & præscidit vestes eorũ medias, usque ad nates, & dimisit eos. fol. 153. col. 1.

Cap. 3. n. 33. Nequaquã ut mori solent ignavi, mortuus est Abner. fol. 419. col. 1.

Cap. 7. n. 5. Numquid tu ædificabis mihi domum ad habitandum? fol. 437. col. 1.

REGVM 3.

Cap. 19. n. 13. Quid hic agis Elia? fol. 106. col. 2.

Cap. 13. n. 4. Extendit manũ suã de altari, dicens: Aprehẽdite eũ, & exaruit manus eius, quã extenderat contra eum. fol. 283. col. 2.

Cap. 5. n. 17. Præcepitque Rex ut tollerẽt lapides grãdes, lapides pretiosos in fundamentũ templi. fol. 320. col. 1.

Cap. 22. n. 34. Vir autem quidam tetendit arcum, in incertum sagittam dirigens, & casu percussit Regem Israel, inter pulmonẽ, & stomachũ. fol. 475. col. 2.

REGVM 4.

Cap. 1. n. 10. Si homo Dei sum descendat ignis de cælo, & devoret te, & quinquaginta tuos. fol. 389. col. 2.

Cap. 4. n. 29. Tolle baculũ meũ in manu tua, & vade. fol. 616. col. 2.

Et n. 31. Posuerat baculum super faciem pverĩ, & non erat vox, neque sensus &c. fol. 616. col. 2.

ESDRÆ 1.

Cap. 6. n. 3. Cyrus Rex decrevit ut domus Dei ædificaretur, quæ est in Hierusalem. fol. 94. col. 2.

TOBIÆ.

Cap. 11. n. 15. Quã apprehendens Tobias traxit ab oculis eius, statimq; visum recepit. fol. 21. col. 2.

Cap. 5. n. 6. Et ignorans quòd angelus Dei esset, salutavit eũ, & dixit unde te habemus bone iuvenis. fol. 90. col. 1.

IOB.

Cap. 19. n. 20. Pelli meæ consumptis carnibus adhæsit os meum. fol. 594. col. 2.

PSALTERIUM.

Cap. 4. n. 7. Signatum est super nos lumẽ vultus tui Domine: dedisti lætitiã in corde meo. fol. 1. col. 2.

Cap. 96. n. 5. Montes sicut cera fluxerunt à facie Domini, à facie Domini omnis terra. fol. 6. col. 1.

Cap. 17. n. 11. Et ascendit super

Cherubim, & volavit: volavit
super pennas ventorum. fol.
67. col. 1.

Cap. 120. n. 1. Levavi oculos
meos in mōtes, unde veniet
auxilium mihi. fol. 96. col. 1.

Cap. 67. n. 26. Prævenerūt prin-
cipes coniuncti psallētibz, in
medio juvenularū tympani-
striarum. fol. 114. col. 1.

Cap. 35. num. 7. Iustitia tua si-
cut montes Dei: judicia tua
abyssus multa. fol. 149. col. 1

Cap. 54. n. 7. Quis dabit mihi
pēnas sicut colūbæ, & volabo,
& requiescam? fol. 151. col. 1

Cap. 54. n. 6. Timor, & tremor
venerūt super me, & cōtexe-
rūt me tenebrę. f. 170. col. 2.

Cap. 118. n. 23. Etenim sede-
runt principes, & adversum
mē loquebantur: servus au-
tem tuus exercebatur in iu-
stificationibus tuis. f. 177. c. 2

Cap. 54. n. 8. Ecce elongavi fu-
gēs, & mansi in solitudine.
fol. 168. col. 1.

Cap. 44. n. 11. Audi filia, & vide,
& inclina aurē tuā: & obli-
viscere populū tuū, & domū
patris tui. fol. 208. col. 1.

Cap. 40. n. 2. Beatus qui intelli-
git super egenū, & pauperem,
in die mala liberabit eū Do-
minus. fol. 212. col. 1.

Cap. 104. n. 21. Constituit eum
Dominū domus suæ, & prin-
cipē omnis possessionis suæ.
fol. 212. col. 1.

Cap. 103. n. 5. Qui fundasti ter-

rā super stabilitatē suam: non
inclinabitur in sæculum sæ-
culi. fol. 228. col. 2.

Cap. 18. n. 7. Exultavit ut gygas
adcurrēdā viā, à sūmo cælo
egressio eius. fol. 243. col. 1.

Cap. 72. n. 9. Posuerūt in cælū os
suū: & lingua eorū trāsivit in
terram. fol. 253. col. 1.

Cap. 33. n. 21. Custodit Do-
minus omnia ossa eorum: u-
num ex his non conteretur.
fol. 256. col. 2.

Cap. 105. n. 7. Patres nostri
in Ægypto nō intellexerunt
mirabilia tua: non fuerunt
momores multitudinis mi-
sericordiæ tuæ. fol. 296.
col. 1.

Cap. 117. num. 16. Dexterā
Domini fecit virtutem, dex-
tera Domini exaltavit me.
Et num. 17. Non moriar,
sed vivam, &c. fol. 301.
col. 1.

Cap. 72. n. 10. Ideo cōvertetur
populus meus hic: & dies ple-
ni inveniētur in eis. fol. 315.

Cap. 97. n. 8. Flumina plau-
dent manu, simul montes
exultabunt à conspectu Do-
mini: quoniam venit iudica-
re terram. fol. 317. col. 1.

Cap. 113. n. 6. Montes exul-
tastis sicut arietes, & colles
sicut agni ovium. fol. 317.
col. 1.

Cap. 131. Memento Domine
David, & omnis mansuetudi-
niseius. & n. 5. Donec inveniā

- locum Domino, tabernaculū
Deo Iacob. fol. 322. col. 1.
- Exinanite exinanite usque ad
fundamentum. fol. 313.
col. 2.
- Cap. 54. n. 23. Iacta super Domi-
num curam tuam, & ipse te
enutriet, non dabit in æter-
num fluctuationem iusto. fol.
335. col. 1.
- Cap. 118. n. 126. Tempus fa-
ciendi Domine: dissipave-
runt legem tuam. fol. 347.
col. 2.
- Cap. 98. n. 4. Honor Regis judi-
cium diligit. fol. 368. col. 2.
- Cap. 87. n. 7. Posuerunt me in
lacu inferiori: in tenebrosis,
& in umbra mortis. fol. 384.
col. 1.
- Cap. 76. n. 11. Hęc mutatio dex-
teræ excelsi. fol. 474. col. 2.
- Cap. 119. n. 5. Hei mihi quia
incolatus meus prolongatus
est. fol. 595. col. 1.

P R O V E R B I A.

- Cap. 21. n. 1. Sicut divisiones a-
quarū, ita cor Regis in manu
Dñi: quocūque voluerit incli-
nabit illud. fol. 50. col. 2.
- Cap. 14. n. 12. Est via quæ vide-
tur homini iusta: novissima
autem eius deducūt ad mor-
tem. fol. 167. col. 2.
- Cap. 13. n. 11. Substantia festi-
nata minuetur: quæ autem
paulatim colligitur manu,
multiplicabitur. fol. 369. col. 1.

- Cap. 19. n. 2. Qui festinus est pe-
dibus, offēdet. fol. 369. col. 1.
- Cap. 15. n. 17. Melius est vocari
ad olera cum charitate, quā
ad vitulum saginatum cum
odio. fol. 562. col. 1.
- Cap. 21. n. 28. Vir obediens
loquetur victorias. fol. 569.
col. 1.
- Cap. 4. n. 23. Omni custodia ser-
va cor tuū, quoniā ab ipso vi-
ta procedit. fol. 605. col. 1.

C A N T I C A.

- Cap. 4. n. 13. Emissiones tuę pa-
radisus malorum punicorū,
cum pomorum fructibus. fol.
70. col. 2.
- Cap. 2. n. 12. Flores apparue-
runt in terra nostra, tempus
putationis advenit. fol. 149.
col. 1.
- Cap. 4. n. 4. Turris David collū
tuum, quæ ædificata est cum
propugnaculis: mille clypei
pendent ex ea, omnis arma-
tura fortiū. fol. 451. col. 2.

S A P I E N T I A.

- Cap. 7. n. 14. Infinitus enim
thesaurus est hominibus:
quo qui usi sunt, participes
facti sunt amicitiæ Dei, prop-
ter disciplinæ dona cōmen-
dati. fol. 78. col. 1.
- Cap. 4. n. 13. Quia consumma-
tus in brevi, implevit tēpora
multa, placita enim erat mihi

- anima illius. fol. 151. col. 1.
 Cap. 9. n. 15. Corpus quod cor-
 rumpitur, aggravat animam.
 fol. 297. col. 1.
 Cap. 10. n. 10. Iustum deduxit
 Dominus per vias rectas, &
 ostendit illi regnum Dei, &
 dedit illi scientiam sanctorū.
 fol. 305. col. 2.
 Cap. 10. n. 21. Sapientia aperuit
 os mutorum, & linguas infā-
 tium fecit disertas. fol. 345.
 col. 2.
 Cap. 5. n. 22. Ibūt directè emis-
 siones fulgurum, & tamquā
 à bene curvato arcu nubiū
 exterminabuntur, & ad cer-
 tum locū infilient. fol. 347.
 col. 1.
 Cap. 10. n. 21. Linguas infan-
 tium fecit disertas. fol. 394.
 col. 2.

ECCLESIASTIC.

- Cap. 2. n. 1. Fili accedens ad
 servitum Dei, sta in iusti-
 tia, & timore, & præpara ani-
 mam tuam ad tēntationem.
 fol. 45. col. 2.
 Cap. 24. num. 13. Et in electis
 meis mitte radices. fol. 257.
 col. 1.
 Cap. 50. n. 6. & 7. Quasi stella
 matutina in medio nebulæ,
 & quasi luna plena in diebus
 suis lucet, quasi sol refulgēs,
 sic ille effulsit in tēplo Dei.
 fol. 276. col. 1.
 Cap. 45. n. 1. Dilectus Deo, &

hominibus Moyse: cuius
 memoria in benedictione
 est. fol. 417. col. 2.

ISAIA S.

- Cap. 55. n. 8. Non enim cogi-
 tationes meæ, cogitationes
 vestre: neque viæ vestræ, viæ
 meæ, dicit Dominus. fol. 32.
 col. 2.
 Cap. 19. n. 1. Ecce Dominus af-
 cendet super nubem levem,
 & ingredietur Ægyptum, &
 commovebūtur simulachra
 Ægyptia à facie eius, & cor
 Ægypti tabescet in medio
 eius. fol. 67. col. 1.
 Cap. 35. n. 6. Tunc saliet sicut
 cervus claudus, & aperta erit
 lingua mutorū. fol. 78. col. 2.
 Cap. 55. n. 9. Quia sicut exaltā-
 tur cæli à terra, sic exaltatæ
 sunt viæ meæ à vijs vestris, &
 cogitationes meæ, à cogita-
 tionibus vestris. f. 106. col. 1.
 Cap. 54. n. 2. & 3. Dilata locum
 tentorij tui, & pelles taber-
 naculorū tuorū extende: ne
 parcas ad dexteram, & ad si-
 nistrā penetrabis. f. 117. co. 2
 Cap. 14. n. 13. & 14. Sedebo in
 mōte testamenti, in lateribus
 Aquilonis: ascendam super
 altitudinē nubiū, similis ero
 altissimo verumtamen ad in-
 fernū detrahēris, in profundū
 lacu. fol. 120. col. 1.
 Cap. 9. n. 6. Parvulus enim na-
 tus est nobis, & filius datus
 est nobis. fol. 211. col. 1.

Cap. 20. n. 2. Et fecit sic, vadēs nudus, & discalceatus. fol. 237. col. 2.

Cap. 8. n. 3. Voca nomen eius, accelera spolia detrahere: festina prædari. fol. 243. col. 1.

Cap. 65. n. 20. Puer centum annorum morietur, & peccator centum annorum maledictus erit. fol. 261. col. 1.

Cap. 10. n. 5. Væ Assur, virga furoris mei. fol. 283. col. 2.

Cap. 18. n. 2. Ite Angeli veloces ad gentem convulsam, & dilaceratam. fol. 379. col. 1.

Cap. 9. n. 2. Populus qui ambulabat in tenebris, vidit lucem magnam, habitantibus in regione umbræ mortis, lux orta est eis. fol. 382. col. 1.

Cap. 38. n. 1. Dispone domui tuæ, quia moriëris tu, & non vives. fol. 425. col. 1.

Cap. 36. n. 6. Ecce confidis super baculum arundineum, cui si innixus fuerit homo, intrabit in manum eius, & perforabit eam &c. fol. 618. col. 1.

IEREMIAS.

Cap. 1. n. 7. Noli dicere puer sum: quoniam, ad omnia quæ mittam te, ibis. fol. 261. col. 2.

Cap. 48. n. 10. Maledictus qui fecit opus Domini fraudulē-

ter. fol. 296. & 367. col. 1.

Cap. 38. num. 13. Si exteris ad principes regis Babylonis, tradetur civitas hæc in manus Chaldæorum, & succendent eam igni, & tu non efugies de manu eorum. fol. 311. col. 1.

EZECHIEL.

Cap. 1. n. 1. Iuxta fluvium Chobar, aperti sunt cæli, & vidi visiones Dei. fol. 182. col. 2.

DANIEL.

Cap. 4. n. 8. Proceritas eius cōtingens cælum: aspectus eius usque ad terminos universæ terræ. fol. 98. col. 2.

Cap. 2. n. 48. Tunc Rex Danielem in sublime extulit, & munera multa, & magna dedit ei, &c. fol. 135. col. 1.

Cap. 12. n. 3. Fulgebunt quasi splendor firmamenti, & qui ad iustitiam erudiūt multos, quasi stellæ in perpetuas æternitates. fol. 366. col. 2.

Cap. 2. n. 34. Donec abscissus est lapis de monte sine manibus, & percussit statuam in pedibus eius ferreis, & fictilibus, & comminuit eos. fol. 463. col. 2.

Cap. 13. n. 45. Sulcitavit Dominus Spiritum sanctum pueri iunioris, cuius nomen Daniel. fol. 522. col. 2.

OZEAS.

Cap. 2. n. 14. Ecce ego lactabo eam, & ducam eam in solitudinem: & loquar ad cor eius. fol. 115. col. 1.

Cap. 2. n. 14. Ducam eam in solitudinem: & loquar ad cor eius. fol. 182. col. 2.

Cap. 11. n. 4. In funiculis Adam traham eos, in vinculis caritatis. fol. 448. col. 2.

IOEL.

Cap. 2. n. 28. Et iuvenes vestri visiones videbunt. fol. 261. col. 2.

IONAS.

Cap. 3. n. 4. Et cepit Ionas introire in civitatem itinere diei unius, & clamavit, & dixit adhuc quadraginta dies, & Ninive subvertetur. fol. 188. col. 2.

MICHÆAS.

Cap. 1. n. 8. Super hoc plāgam, & ululabo: vadam spoliatus, & nudus: faciam planctum velut draconum. fol. 237. col. 2.

Cap. 5. n. 2. Et tu Bethlehem Ephratā parvulus es in millibus Iuda, ex te mihi egredietur, qui sit dominator in Israel. fol. 612. col. 2.

MACHABÆORVM 2.

Cap. 11. n. 8. Cūmque pariter

prompto animo procederēt, Ierosolymis apparuit præcedens eos eques in veste candida, armis & aureis hastam vibrans. fol. 90. col. 2.

MATTHÆVS.

Cap. 6. n. 2. Cūm facis eleemosynam, noli tuba canere ante te, sicut hypocritæ faciunt in synagogis, & vicis, ut honorificentur ab hominibus. fol. 24. col. 2.

Cap. 17. n. 20. Hoc autem genus dæmoniorum non ejicitur, nisi per orationem, & ieiunium. fol. 30. col. 1.

Cap. 26. n. 38. Tristis est anima mea, usque ad mortem. fol. 62. col. 1.

Cap. 21. n. 5. Zach. c. 9. n. 9. Sedens super asinam, & pullum filium eius subiugalis. fol. 67. col. 1.

Cap. 18. n. 24. Ecce motus magnus factus est in mari, ita ut navicula operiretur fluctibus, ipse vero dormiebat. fol. 68. col. 2.

Cap. 8. n. 21. Dimitte mortuos sepelire mortuos suos. fol. 114. col. 2.

Cap. 21. n. 5. Ecce Rex tuus venit tibi mansuetus, sedens super asinam, & pullum filium subiugalis. fol. 137. col. 1.

Cap. 4. a. n. 1. Iesus ductus est in desertum à spiritu ut tentaretur à diabolo. fol. 167.

- col. 2. & fol. 183. col. 1.
- Cap. 13. n. 44. Simile est regnum cælorum thesauro abscondito in agro: quem qui invenit homo, abscondit & prægaudio illius vadit, & vendit universa, quæ habet, & emit agrum illum. fol. 189. col. 2.
- Cap. 25. n. 21. Intra in gaudium Domini tui. fol. 211. col. 2.
- Cap. 5. n. 8. Beati mundo corde: quoniam ipsi Deum videbunt. fol. 212. col. 1.
- Cap. 6. n. 4. Ut sit eleemosyna tua in abscondito, & n. 6. Intra in cubiculum tuum, & clauso ostio, ora patrem tuum in abscondito. fol. 229. col. 2.
- Cap. 5. n. 16. Sic luceat lux vestra coram hominibus, ut videant opera vestra bona, & glorificent patrem vestrum qui in cælis est. fol. 229. col. 2.
- Cap. 24. n. 27. Sicut enim fulgur exit ab Oriente, & paret usque in occidentem. fol. 243. col. 1.
- Cap. 4. n. 22. Illi autem statim relictis retibus, & patre, secuti sunt eum. fol. 251.
- Cap. 7. n. 14. Quam angusta porta, & arcta via est, quæ ducit ad vitam: pauci sunt, qui inveniunt eam. fol. 273. col. 1.
- Cap. 6. n. 29. Nec Salomon in omni gloria sua coopertus est sicut unum ex istis. fol. 297. col. 1.
- Cap. 26. n. 8. Ut quid perditio hæc? Et n. 9. Potuit enim unguentum istud vendari multo, & dari pauperibus. fol. 326. col. 1.
- Cap. 10. n. 23. Cum persequentur vos in civitate ista, fugite in aliam. fol. 361. col. 1.
- Cap. 16. n. 17. Beatus est Simon Bar-ionna quia caro, & sanguis non revelavit tibi, sed pater meus, qui in cælis est. fol. 363. col. 1.
- Cap. 20. n. 22. Nescitis quid petatis. fol. 363. col. 2.
- Cap. 5. n. 48. Estote ergo vos perfecti, sicut pater vester cælestis perfectus est. fol. 364. col. 2.
- Cap. 26. n. 67. Tunc expuerunt in faciem eius, & colaphis eum ceciderunt. fol. 392. col. 2.
- Cap. 10. n. 37. Qui amat patrem, aut matrem plusquam me, non est me dignus. fol. 403. col. 2.
- Cap. 17. n. 26. Vade ad mare, mitte hamum: & eum piscem, qui primus ascenderit, tolle: & aperto ore eius, invenies staterem: illum sumens, da eis pro me, & te. fol. 462. col. 1.
- Cap. 26. n. 8. Videntes autem discipuli, indignati sunt dicentes: ut quid perditio hæc? fol. 521. col. 2.

Cap. 9. n. 35. Et circuibat Ieſus omnes civitates, & caſtella docens in ſynagogis eorum, & prædicans regnum Dei. fol. 559. col. 2.

Cap. 4. n. 18. Ambulans Ieſus iuxta mare Galileæ, &c. ibidem.

M A R C V S.

Cap. 5. n. 7. Quid mihi, & tibi Ieſu fili Dei altiffimi? fol. 11. col. 2.

Cap. 1. n. 31. Continuò dimiſit eam febris, & miniſtrabat eis. fol. 26. col. 1.

Cap. 4. n. 39. Ceſſavit ventus: & facta eſt tranquillitas magna. fol. 66. col. 2.

Cap. 6. n. 8. Et præcepit eis ne quid tollerent in via, niſi virgam tantùm, non peram, non panem, neque Zonâ æs, &c. fol. 134. col. 1.

Cap. 10. n. 21. Vade, quæcùmque habes vende, & da pauperibus, & habebis theſaurũ in cælo: & veni ſequere me fol. 251. col. 1.

Cap. 11. n. 23. Quicùmque dixerit huic monti: Tollere, & mittere in mare, non heſitaverit in corde ſuo, ſed crediderit, quia quodcùmque dixerit fiat, fiet ei. fol. 253 col. 1.

Cap. 4. n. 17. Non habent radicem in ſe, ſed temporales ſunt. fol. 256. col. 2.

Cap. 6. n. 3. Non ne hic eſt faber, filius Mariæ, frater Iacobi, & Ioseph, &c. fol. 327. col. 2.

Cap. 6. n. 18. Non licet tibi habere uxorem fratris tui. fol. 343. col. 1.

Cap. 8. n. 33. Vade retro me Satana, quoniam non ſapis quæ Dei ſunt, ſed quæ ſunt hominum. fol. 363. col. 1.

Cap. 15. n. 39. Videns autem centurio, qui ex adverſo ſtabat, quia ſic clamãs expiraſſet, ait: verè hic homo filius Dei erat. fol. 537. col. 2.

L V C A S.

Cap. 14. n. 26. Si quis venit ad me, & non odit patrem ſuũ, & matrem, & uxorem, & filios, & fratres, & ſorores, adhuc autem, & animam ſuam, non poteſt meus eſſe diſcipulus. fol. 37. col. 1. & fol. 303. col. 2.

Cap. 6. n. 14. Elegit duodecim ex eis, quos & Apoſtolos nominavit. fol. 42. col. 2.

Cap. 22. n. 44. Et factus eſt ſudor eius ſicut guttæ ſanguinis decurrētis in terram. fol. 62. col. 1.

Cap. 16. n. 9. Facite vobis amicos de māmōna iniquitatis, ut cùm defeceritis, recipiant vos in æterna tabernacula. fol. 83. col. 2.

Cap. 24. n. 18. Tu ſolus peregrinus

- nus in Hierusalē, & nō cognovisti, quę facta sunt in illa, his diebus. fol. 91. col. 1.
- Cap. 13. n. 24. Contendite intrare per angustam portam. fol. 101. col. 2.
- Cap. 15. n. 5. & 6. Et cūm invenerit eam, imponit in humeros suos gaudens: & veniens domum convocat amicos, & vicinos, dicens illis congratulamini mihi, &c. fol. 110. col. 2.
- Cap. 6. n. 29. Qui te percusserit in maxilam, prębe illi, & alteram. fol. 152. col. 2.
- Cap. 15. n. 19. Surgam, & vadam ad patrem meum. fol. 170. col. 1.
- Cap. 15. n. 18. & 19. Pater peccavi in cælum, & coram te: iam non sum dignus vocari filius tuus. fol. 171. col. 2.
- Cap. 5. n. 7. Et annuerūt socijs, qui erant in alia navi, ut venirent, & adiuvarent eos. fol. 222. col. 1.
- Cap. 23. n. 11. Sprevit autem illum Herodes cum exercitu suo. fol. 234. col. 2.
- Cap. 7. n. 38. Et stans retrò secus pedes eius, lachrymis caput rigare pedes eius, & capillis capitis sui tergebat, & osculabatur pedes eius, & unguento ungebat. fol. 236. col. 1.
- Cap. 23. n. 28. Nolite flere super me, sed super vos ipsas flete, & super filios vestros.
- fol. 267. col. 2.
- Cap. 22. n. 42. Non mea voluntas, sed tua fiat. fol. 293. col. 2.
- Cap. 23. n. 46. Pater in manus tuas commendo spiritū meū. fol. 301. col. 1.
- Cap. 4. n. 43. Quia & alijs civitatibus oportet me evangelizare regnum Dei: quia ideò missus sum. fol. 340. col. 1.
- Cap. 11. n. 8. Propter improbitatem tamen eius surget, & dabit illi quotquot habet necessarios. fol. 343. col. 2.
- Cap. 23. n. 48. Percutientes petora sua revertebantur. fol. 345. col. 2.
- Cap. 17. n. 10. Cum feceritis omnia, quę pręcepta sunt vobis, dicite: servi inutiles sumus. fol. 373. col. 2.
- Cap. 5. n. 3. Et sedens docebat de navicula turbas. fol. 559. col. 2.

IOANNES.

- Cap. 5. n. 9. Et statim sanus factus est homo ille: & sustulit grabatum suum, & ambulabat. fol. 26. col. 1.
- Cap. 19. n. 28. Vt consumaretur scriptura, dixit: Sitio. fol. 72. col. 2.
- Cap. 20. n. 15. Illa existimans, quia hortulanus esset, dicit ei: Domine si tu sustulisti eum, dicito mihi ubi posuisti

eum.

eum fol. 9 i. col. 1.

Cap. 4. n. 34. Meus cibus est ut faciam voluntatem eius, qui misit me, ut perficiam opus eius. fol. 103. col. 1. & fol. 155. col. 2.

Cap. 8. n. 48. Non ne benè dicimus nos, qui Samaritanus est tu, & dæmonium habes? fol. 106. col. 1.

Cap. 3. n. 10. Tu es Magister in Israel, & hæc ignoras? fol. 110. col. 1.

Cap. 13. n. 7. Quod ego facio, tu nescis modò, scies autem postea. fol. 110. col. 2.

Cap. 12. n. 19. Ecce mundus totus post eum abiit. fol. 163 col. 1.

Cap. 17. n. 3. Hæc est autem vita æterna: ut cognoscant te, solum Deum verū, & quē misisti Iesum Christum. fol. 180. col. 1.

Cap. 1. n. 41. Invenit hic primum fratrem suum Simonē, & dixit ei: invenimus Messiam (quod est interpretatum Christus) fol. 200. col. 2.

Cap. 4. n. 7. Da mihi bibere &c. & n. 14. Fiet in eo fons aquæ salientis in vitam æternam. & n. 35. Et venit messis? Ecce dico vobis: levate oculos vestros, & videte regiones, quia albæ sunt iam ad messem. fol. 205. col. 1.

Cap. 16. n. 7. Expedi vobis ut ego vadam: si enim non abiero, Paraclytus non veniet

ad vos: si autem abiero, mitam eum ad vos. fol. 208. col. 1.

C. 10. n. 9. Per me si quis introierit salvabitur: & ingredietur, & egredietur, & pasqua inveniet. fol. 212. col. 1.

Cap. 19. n. 30. Et inclinato capite tradidit spiritū. fol. 227. col. 1.

Cap. 14. n. 28. Si diligeretis me gauderetis utique, quia vado ad patrem. fol. 267. col. 2.

Cap. 18. n. 9. Quos dedisti mihi, non perdi ex eis quemquam. fol. 311. col. 2.

Cap. 12. n. 15. Ecce Rex tuus venit sedens super pullū asinæ. fol. 314. col. 1.

Cap. 4. n. 40. Cum venissent ergo ad illum Samaritani, rogaverunt eum ut ibi maneret. fol. 336. col. 1.

Cap. 15. n. 12. Hoc est præceptum meum ut diligatis invicem sicut dilexi vos. fol. 370 col. 1.

Cap. 10. n. 24. Circumiderunt eum Iudæi. fol. 389. col. 1.

Cap. 12. n. 4. Dixit ergo unus ex discipulis eius Iudas Iscariotes, qui erat eum traditurus, quare hoc unguentum non venijt &c. fol. 521. col. 2.

Cap. 5. n. 35. Ille erat lucerna ardens, & lucens. fol. 535. col. 2.

Cap. 12. n. 25. Qui odit animam suam in hoc mundo, in vitam æternam custodit eam,

fol.

- fol. 547. col. 1.
 Cap. 1. n. 47. Ecce verè Israe-
 lita in quo dolus non est. fol.
 492. col. 2.
 Cap. 16. n. 7. Expedit vobis
 ut ego vadam. fol. 574.
 col. 2.
 Cap. 1. n. 46. A Nazareth po-
 test aliquid boni esse? fol.
 612. col. 2.
 Cap. 9. n. 26. Dixerunt ergo illi
 quid fecit tibi &c. Respon-
 dit illis, dixi vobis iam, & au-
 distis. &c. fol. 622. col. 1.

ACTA APOST.

- Cap. 9. à n. 6. Domine quid me
 vis facere? fol. 5. col. 1. & fol.
 37. col. 1. & fol. 28. 1 col. 2. &
 fol. 293. col. 2.
 Cap. 5. n. 15. Ut veniente Pe-
 tro, saltem umbra illius obū-
 braret quemquam illorum,
 & liberarentur ab infirmita-
 tibus suis. fol. 5. col. 2.
 Cap. 17. à n. 24. Ne timeas Pau-
 le, Cæsari te oportet assiste-
 re: Ecce donavit tibi Deus
 omnes qui navigant tecum.
 fol. 8. col. 2.
 Cap. 1. n. 26. Et dederunt sor-
 tes eis, & cecedit sors super
 Mathiã, & annumeratus est
 cum undecim Apostolis. fol.
 32. col. 2.
 Cap. 16. n. 9. Visio per noctem
 Paulo ostensa est: vir Mace-
 do quidam erat stans, & de-
 precans eum, & dicens: Trā-

- siens in Macedoniam adiuva
 nos. fol. 35. col. 2.
 Cap. 10. n. 11. & 12. Velut lin-
 teum magnum, in quo erant
 omnia quadrupedia, & serpē-
 tia terræ, & volatilia cæli.
 fol. 63. col. 1.
 Cap. 2. n. 11. Audivimus eos lo-
 quentes in nostris linguis
 magnalia Dei. fol. 98. col. 1.
 Cap. 4. n. 32. Erat cor unum, &
 anima una. fol. 99. col. 2. &
 fol. 157. col. 1.
 Cap. 22. n. 3. Secus pedes Ga-
 malielis eruditus iuxta veri-
 tatem paternæ legis, sicut &
 vos omnes estis hodie. fol.
 110. col. 1.
 Cap. 6. n. 15. Viderunt faciem
 eius, tamquàm faciem ange-
 li. fol. 164. col. 1.
 Cap. 5. n. 42. Omni autem die
 non cessabant in templo, &
 circa domos docentes, & e-
 vangelizantes Christum Ie-
 sum. fol. 188. col. 2.
 Cap. 9. n. 20. Et continuo in
 synagogis prædicabat Iesum,
 quoniam hic est filius Dei.
 fol. 198. col. 2.
 Cap. 9. n. 3. Et subito circumfulsit
 eum lux de cælo. fol. 281
 col. 2.
 Cap. 18. n. 3. Et quia eiusdem
 erat artis, manebat apud
 eos, & operabatur: erant au-
 tem scenofactoriæ artis. fol.
 327. col. 1.
 Cap. 20. n. 34. Quoniam ad ea,
 quæ mihi opus erant; & his

qui mecum sunt ministraverunt manus istæ. fol. 327. col. 1.

Cap. 5. num. 41. Illi quidem gaudentes à conspectu concilij, quoniam digni habiti sunt pro nomine lesu contumeliam pati. fol. 360. col. 2.

Cap. 10. num. 38. Qui pertransiit benefaciendo, & salvando omnes oppressos à diabolo, quoniam Deus erat cum illo. folio 380. col. 2.

Cap. 8. n. 20. Pecunia tua tecum disit in perditionem: quoniam donum Dei existimasti pecuniâ possideri. fol. 458. col. 2.

Cap. 20. num. 37. Dolentes maximè in verbo, quod dimiserat, quoniam amplius faciè eius non essent visuri. fol. 469. col. 2.

Cap. 18. num. 3. Erant autem scenofactoriæ artis. fol. 479. & column. 2.

AD ROMANOS.

Cap. 11. n. 34. Quis enim cognovit sensum Domini? aut quis consiliarius eius fuit. fol. 149. col. 1.

Cap. 10. num. 12. Non enim est distinctio Iudæi, & Græci: nam idem Dominus omnium, dives in omnes, qui

invocant illum. fol. 157. col. 1.

Cap. 1. n. 20. Invisibilia enim ipsius, à creatura mundi, per ea, quæ facta sunt, intellecta, conspiciuntur. fol. 180. col. 1.

Cap. 11. num. 16. Et si radix sancta, & rami. fol. 257. col. 2.

Cap. 8. n. 18. Existimo quòd non sunt condignæ passionibus huius temporis ad futuram gloriam, quæ revelabitur in nobis. fol. 366. col. 2.

Cap. 12. num. 11. Rationabile obsequium vestrum. folio 368. col. 2.

AD CORINTH. 1.

Cap. 15. n. 9. Ego enim sum minimus Apostolorum, qui non sum dignus vocari Apostolus, quoniam persecutus sum ecclesiam Dei. fol. 43. col. 2.

Cap. 9. num. 22. Omnibus omnia factus sum, ut omnes facerem salvos. fol. 71. col. 1.

Cap. 4. num. 9. Spectaculum facti sumus mundo, & angelis, & hominibus. fol. 90. col. 1.

Cap. 13. n. 7. Charitas omnia suffert, omnia sperat. fol. 181. col. 1.

Cap. 2. num. 15. Spiritualis homo omnia iudicat, & ipse à nemine iudicatur. fol. 190.

Cap. 2. num. 14. Animalis autem homo non percipit ea, quæ sunt spiritus Dei. fol. 239. col. 1.

Cap. 6. n. 12. Omnia mihi licet, sed non omnia expediunt. fol. 241. col. 2.

Cap. 2. n. 2. Non enim iudicavi me scire aliquid inter vos, nisi Iesum Christum, & hunc crucifixum. fol. 255. col. 2.

Cap. 15. n. 52. In novissima tuba, canet enim tuba, & mortui resurgent incorrupti. fol. 338. col. 2.

Cap. 13. n. 11, & 12. Quando autem factus sum vir evacuavi, quæ erant parvuli. fol. 371. col. 2.

Cap. 3. num. 6. Ego plantaui, Apollo rigavi: sed Deus incrementum dedit. fol. 470. col. 2.

Cap. 13. num. 4. Caritas patiens est, benigna est. fol. 475. col. 1.

Cap. 13. a num. 2. Et si habuerō prophetiam, & noverim mysteria omnia, & omnem scientiam; & si habuerō omnem fidem, ita ut montes transferam, charitatem autem non habuerō, nihil sum. fol. 614. col. 1.

Ad CORINTH. 2.

Cap. 12. n. 2. Scio hominem in Christo ante annos quatuordecim (five in corpore nescio, five extra corpus nescio, Deus scit) raptum huiusmodi usque ad tertium cælum. fol. 23. col. 2.

Cap. 11. n. 26. Periculis in civitate, periculis in solitudine, periculis in mari, &c. fol. 71. col. 1.

Cap. 11. n. 25. Ter naufragium feci: nocte, & die in profundo maris fui. folio 116. col. 1.

Cap. 8. num. 23. Confidentia multa in vos, five pro Tito, qui est locus meus, & in vos adiutor, five fratres nostri. Apostoli in ecclesiarum gloria Christi. folio 123. col. 2.

Cap. 10. n. 3. In carne enim ambulantes, non secundum carnem militamus. fol. 158. col. 1.

Cap. 10. n. 5. In captivitatem redigentes omnem intellectum in obsequium Christi. fol. 180. col. 2.

Cap. 11. n. 28. Instantia mea quotidiana, sollicitudo omnium ecclesiarum. fol. 255. col. 1.

Cap. 10. n. 4. Arma militiæ nostræ non carnalia sunt, sed potentia Deo, ad destructionem

munitionum. fol. 255. column. 2.

Cap. 4. n. 17. Momentaneum & leve tribulationis nostræ, supra modum in sublimitate æternæ gloriæ pondus operatur in nobis. fol. 274. col. 2.

Cap. 6. num. 15. Aut quæ societas luci ad tenebras? quæ autem conventio Christi ad Belial. fol. 360. col. 1.

Cap. 11. n. 14. Ipse enim Satanas transfiguratur se in angelum lucis. folio. 520. col. 2.

Cap. 12. n. 9. Virtus in infirmitate perficitur. fol. 595. col. 2.

Ibidem. n. 10. Cum infirmior tunc potens sum. fol. 595. col. 2.

AD GALATAS.

Cap. 5. n. 13. Per charitatem spiritus servite invicem. fol. 99. col. 2.

Cap. 1. n. 10. Si adhuc hominibus placerem, Christi servus non essem. fol. 189. col. 1.

Cap. 4. num. 4. Misit Deus filium suum, factum ex muliere, factum sub lege. fol. 378. col. 2.

Cap. 1. num. 16. Continuo non acquievi carni, & sanguini. fol. 592. col. 1.

AD EPHESIOS.

Cap. 4. n. 23. Renovamini autem spiritu mentis vestræ. fol. 296. col. 2.

AD PHILIPP.

Cap. 3. n. 20. Nostra autem conversatio in cælis est. fol. 8. col. 1.

Cap. 4. n. 3. Adiuva illas, quæ mecum laboraverunt in Evangelio cū Clemente, & cæteris adiutoribus meis, quorum nomina sunt in libro vitæ. fol. 123. col. 1.

Cap. 3. n. 8. Propter quem omnia detrimentum feci, & arbitror ut stercora, ut Christum lucrifaciam. fol. 216. col. 2.

Cap. 2. n. 7. Semeptipsum exinanivit, formam servi accipiens, in similitudinem hominem factus, & habitu inventus ut homo. fol. 216. col. 2.

Cap. 1. n. 23. Desiderium habes dissolvi, & esse cum Christo. fol. 300. col. 2.

Cap. 3. n. 13. Quæ retrò sunt obliviscens, ad ea verò, quæ sunt priora extendens me ipsum. fol. 365. col. 2.

Cap. 2. num. 8. Factus obediens, usque ad mortem, mortem autem crucis. fol. 492. col. 1.

Cap. 3. n. 20. Nostra autem cō-
versatio in cælis est. fol. 565.
col. 1.

AD COLOSSENSIS.

Cap. 3. n. 3. Mortui enim estis,
& vita vestra abscondita est
cum Christo in Deo. fol. 7.
col. 2.

Cap. 3. num. 9. Nolite menti-
ri invicem, expoliantes vos
veterem hominem cum ac-
tibus suis, & induentes no-
vum, eum qui renovatur in
agnitionem, secundum ima-
ginem eius, qui creavit il-
lum. fol. 230. col. 1. & fol.
297. col. 2.

AD THESSALONIC. 2.

Cap. 3. n. 10. Qui non vult o-
perari nec manducet. fol.
155. col. 2.

AD TIMOTH. 1.

Cap. 4. n. 2. Caeteriatam ha-
bentium suam conscientiam.
fol. 343. col. 2.

Cap. 3. n. 1. Si quis Episcopa-
tum desiderat, bonum opus
desiderat. fol. 418. col. 1.

AD TIMOTH. 2.

Cap. 4. n. 2. Insta opportunè,

importunè: argue, oblectra,
increpa in omni patientia.
fol. 343. col. 1.

Cap. 2. n. 5. Non coronatur, nisi
legitimè certaverit. fol. 367.
col. 1.

AD HEBRÆOS.

Cap. 12. num. 2. Qui propo-
sito sibi gaudio sustinuit cru-
cem, confusione contemp-
tâ, atque in dextera sedis
Dei sedet. folio. 88. co-
lumn. 2.

Cap. 11. num. 37. Circuierunt
in melotis, in pellibus ca-
prinis, egentes, angustiati,
afflicti, quibus dignus non
erat mundus. folio. 240.
col. 1.

Cap. 4. num. 12. Penetrabilior
omni gladio ancipiti, & per-
tingens usque ad divisio-
nem animæ, atque spiritus,
compagum quoque, ac me-
dullarum. fol. 423. col. 1.

Cap. 12. n. 4. Nondum enim
ad sanguinem restitistis. fol.
560. col. 1.

APOCALYPSIS.

Cap. 21. num. 11. Habentem
claritatem Dei, & lumen e-
ius simile lapidi pretioso,
tamquam lapidi iaspidis, si-
cut crystallum. Et num. 18.
Ipsa verò civitas aurum

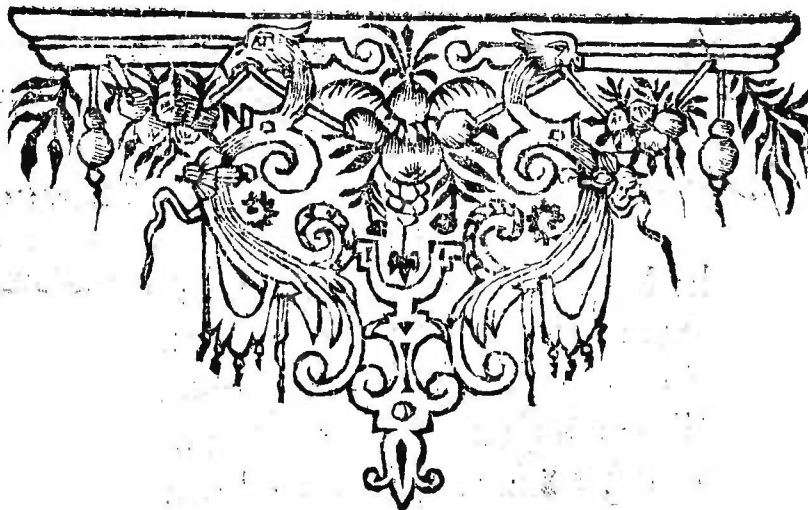
mündum simile vitro mundo. fol. 157. col. 2.

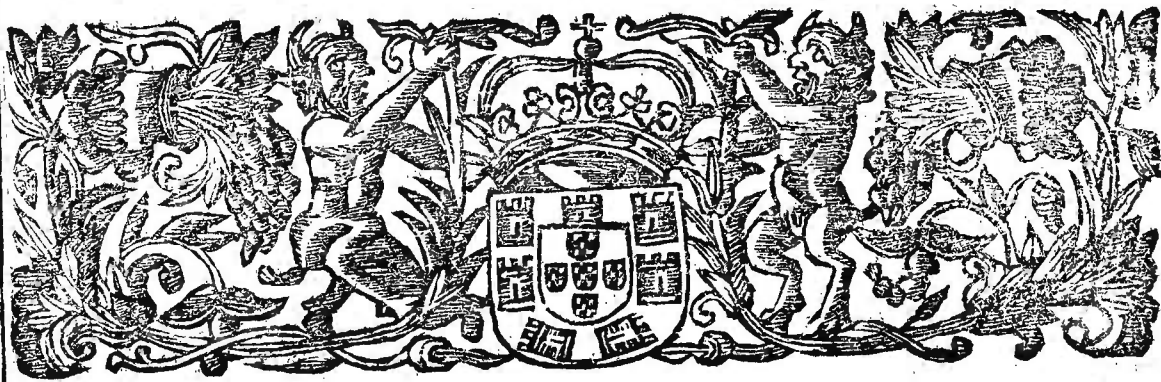
Cap. 21. num. 27. Non intrabit in eam aliquod coinquinatum, aut abominationem faciens, & mendacium, nisi qui scripti sunt in libro vitæ Agni. fol. 158. col. 1.

Cap. 21. n. 25. Et portæ eius non claudentur per diem: nox enim non erit illic. fol. 273. col. 1.

Cap. 21. n. 19. Et fundamenta muri civitatis, omni lapide pretioso ornata. fol. 320. col. 2.

Cap. 22. n. 2. Ex utrâque parte fluminis lignum vitæ, afferens fructus duodecim, per menses singulos reddens fructum suum, & folia ligni ad sanitatem gentium. fol. 442. col. 2.





INDICE

DAS COVSAS MAIS NOTAVEIS DESTA CHRONICA.

A.

Abelhas.



Ahe hum enxame de Abelhas no principio das obras do Collegio de Coimbra. fol. 318. n. 7.

Adolpho, Conde de Alzaha.

Faz buma notavel mortificacão. fol. 240. n. 2.

Rey D. Affonso Henriques.

Sárou milagrosamente no mosteiro de Carquere, por intercessão de nossa Senhora. fol. 77. n. 4. & 5.

Deo o mosteiro de Carquere

aos conegos regrantes de S. Agostinho. fol. 78. n. 5.

Affonso Barreto.

Como se moveo a entrar na Companhia. fol. 213. n. 2.

Seus graudes excessos do amor do proximo. fol. 214. n. 3.

Notavel traça, que toma, pera ajudar aos proximos. fol. 215. n. 5.

Fazse moço da ceirinha. fol. 216. n. 6.

Do bom successo, que teve nesta sua sancta pretençam. fol. 217. n. 9.

Toma outra notavel traça, pera acodir a hum clerigo de vida escãdaloza. fol. 217. n. 10.

Reprehende ao clerigo, mas não lhe succede bẽ. fol. 218. col. 1.

Converte a huma peccadora.
ibidem.

Morre sanctamente. fol. 218.
num. 12.

Dom Affonso d'Alencastre.

Foy embaixador em Roma; festeja muito ao P. M. Simam.
fol. 507.n. 3.

Escrevelhe o Rey sobre a vida do Padre Mestre Simam.
fol. 584.

Dom Affonso de Noronha.

Pede ao Padre mestre Simam ponha obediencia expressa aos nossos missionarios, de se contentarem somente com visitar os pobres cativos. fol. 381.n. 4.

Alcança seguro do Alcayde Acém, pera os Padres entrarem dentro em Tituám.
ibidem.

Padre Affonso Bras.

Homem de grande virtude, & superior dos mais missionarios no Brasil. fol. 495.n. 10.

Padre Affonso Cypriano.

Vay em missam à India. fol. 150.n. 2.

Denuncia hum caso notavel, contra huns peccadores. fol. 258.n. 4. & 5.

Agoa.

Agoa salgada tornada doce miraculosamente por Sam Fran-

cisco de Xavier. fol. 69.n. 5.

Algarve.

O Bispo do Algarve pede missam dos nossos Padres, pera aquelle Reyno. fol. 558.n. 5.
Torna ao Algarve o Padre Gocalo Vaz de Mello, & o que nelle lhe succedeo. à fol. 558. à n. 5.

Almeirim.

Vam os Padres S. Francisco de Xavier, & mestre Simam a Almeirim. fol. 47.n. 5.

Ambrosio Ferreira.

Trata de entrar na Companhia. fol. 233.n. 6.

Como o provou na vocaçam o Padre mestre Simam. ibi. num. 7.

Traz huma cãveira na mam: he recebido na Companhia. ibi. n. 10.

America.

Affim se chama o mundo novo, por causa de Americo Vesputio. fol. 430.n. 4.

Ambiçam.

Grandes males, que vê ao mundo, causados pela ambiçam. fol. 120.n. 6.

He vicio muito sutil. ibidem. num. 7.

Perturba aos religiosos. ibidem

Amor.

Amor de Deos excita o conhecimento do mesmo Deos. fol. 180. n. 2.

O amor de Deos he o alvo a que atiram os exercicios espirituales. fol. 181. n. 3.

Padre André de Oviedo.

Entra na Companhia. fol. 161. num. 3.

Vay de Coimbra a fundar o Collegio de Gandia. lib. 1. c. 42.

Foy Reytor no Collegio de Gandia. fol. 502. n. 5.

Tem grande cuydado do Padre Dom Gonçalo da Sylveira, & seus companheiros. fol. 502. n. 5.

Sancto Antam.

Mosteiro de S. Antam de Lisboa, fogeito a S. Antam de Benespera. fol. 80. n. 8.

Frey Ambrosio Pereira, commendador de S. Antam de Benespera. fol. 80. n. 8.

Obrigações, que temos a S. Antam. fol. 81. a n. 1.

Primeira casa, que tivemos em Lisboa. ibi.

Dãse noticia dos mosteiros, & frades de Sancto Antam. ibidem.

Sancto Antam de Benespera, aonde estava? fol. 83. n. 4.

Primeiro mosteiro de sancto

Antam de Lisboa. fol. 83. a n. 5.

Seu sitio, & sua fundaçam. ibid. Como se extinguiram os mosteiros de sancto Antam. fol. 84. n. 7. & 8.

Mudase pera sancto Antam o Padre mestre Simam. fol. 85. n. 9.

Em sancto Antam começam os nossos a exercitar os ministerios da Companhia. fol. 85. n. 10.

Do estado em que achamos o mosteiro de sancto Antam. fol. 86. n. 11.

Variedade de nomes, que teve o mosteiro de sancto Antam o velho. fol. 87. n. 13.

Mudança pera S. Antam o novo. ibidem. n. 12.

Sancto Antam de Benespera.

Como se unio á Companhia este mosteiro in perpetuum? fol. 228. n. 8.

Dom Antonio de Ataide.

Dom Antonio de Ataide, primeiro Conde da Castanheira, veador da fazenda. fol. 53. n. 2.

Quem foram seus pays. fol. 53. n. 5.

Foy grande valido del Rey Dõ Ioam o terceiro. fol. 53. numer. 5. verso.

Suas boas partes, & muitas vir-

tudes. fol. 54. n. 5.

Foy muy desentereçado. ibidẽ.
Grande amigo de Sam Francisco de Xavier, & do Padre mestre Simam. fol. 55. n. 6.

Padre Antonio Criminal.

Embarcase o Padre Antonio Criminal, pera a India, na nao Burgalesa. fol. 223. n. 4.

He mandado por superior dos nossos, na costa da Pescaria, pelo S. P. Francisco de Xavier. fol. 225. n. 7.

Toda esta costa corréo a pè, & descalço. ibidem.

O P. Antonio Criminal quarẽta vezes cada dia se ajoelhava, à imitaçam do Apostolo S. Bertholamèo. ibidem.

Como foy alanceado? fol. 227. n. 9.

Crueldades feitas pelos barbaros depois de morto. ibidem. num. 10.

Antonio Correa.

Entra na Companhia. fol. 115. num. 11.

Antonio de Araós.

Foy pessoa muito grave, parente de sancto Ignacio; he mandado pera Portugal. fol. 193. n. 1.

He bem recebido del Rey; prèga em Almeirim &c. ibidẽ.

Antonio Gomes.

Doutor Theologo; entra na Companhia. fol. 196. n. 6.

Antonio de Quadros.

Entra na Companhia. fol. 166. n. 9.

Suas boas partes, talentos, & mortificaçam. ibidem.

Irmam Antonio Monis.

Entra na Companhia. fol. 166. n. 1.

Tentase na vocaçam. fol. 167. n. 1.

Quer viver sempre peregrinando. ibidem.

Resistelhe o P. M. Simam. ibidem. n. 2.

Foge do Collegio de Coimbra. fol. 168. n. 3.

Arrependese da fugida. fo. 169. n. 3.

Vese em grandes afflicçoens. fol. 169. n. 4.

Vay em peregrinaçam a Montserrat. ibidem. n. 5.

Arrependese de ter fugido da Religiám. fol. 169. n. 5.

Resolve se em hir a Roma a buscar a sancto Ignacio. f. 170. n. 6. & 7.

Compaixam, que delle teve S. Ignacio. fol. 171. n. 8.

Suas penitencias. ibidem.

Torna a ser recebido na Companhia. fol. 171. n. 8.

Sua ultima doença, & morte. fol. 171. n. 9.

Fr. Antonio Moniz.

Reformador de Tomar , faz grandes comprimentos ao Padre mestre Simam. fol. 137. n. 3.

Padre Antonio de Heredia.

Foy à missam da India, & là trabalhou muito. fol. 555. n. 8.

Dom Aeonio.

Filho do Infante Dom Luis, teve por mestre frey Bertholaméo dos Martyres. fol. 513. num. 8.

Anjos.

Apparecem em diversas figuras. fol. 90. n. 5.

Annunciada.

Mosteiro d'Annunciada, fundado pela Rainha Dona Leonor. fol. 80. n. 7.

Animaes.

Grande variedade, & novidades nos animaes do Brasil. fol. 443. num. 9.

Apostolos.

Chamam em Lisboa Apostolos aos Padres Sam Francisco de Xavier, & Simam Rodrigues. fol. 42. n. 4.

Nam temos direito pera nos chamarmos Apostolos. fol. 43. n. 6.

Obrigaçoens, que consigo traz este nome. fol. 44. n. 6.

Arvore.

Grande variedade de arvores fructiferas no Brasil. fol. 443 n. 8.

Aves.

Notavel diversidade nas aves do Brasil. fol. 443. n. 10.

Huma ave, por nome Garracacam, admiravel em cores. ibidem.

Tangará, ave de muy notavel instincto. fol. 444. n. 11.

B.

Bahia de todos os Santos.

Como foy principiada esta Capitania. fol. 432. n. 7.

Balthazar Gago.

Foy grande Apostolo no Iapam. fol. 391. n. 3.

Padeceo muitos trabalhos, & foy cōdenado à morte. ibidẽ.

Balthazar de Faria.

Embaixador d'elRey D. Ioam em Roma, a quem temos particulares obrigaçoens. fol. 507. col. 1.

Padre Bertholaméo Ferram.

Vay a Roma. fol. 348. n. 4. Falo sancto Ignacio ministro da casa professa, & depois seu

secretario immediato. ibi-
dem.

Morreo de huma febre ethica
em Roma. ibidem.

Teve notavel resignaçam nas
mãos da sancta obediencia.
fol. 342. n. 4.

Fr. Benholandio das Martyres.

Fundou o Collegio de Braga.

fol. 533. n. 3.

Grande conceito, que tinha do
Padre Manoel Fernandes.

Vide P. Manoel Fernandes.

Dizia da Companhia, que até
os irmãos cofinheiros lhe
mandassem pregar pelos lu-
gares de seu Arcebispado.

fol. 533. n. 3.

Barbaros.

Vide Brasís.

Batel.

Batel desaparecido, torna daly
a tres dias apparecer, por in-
tercessam de Sam Francisco
de Xavier. fol. 67. n. 3.

Bandos.

Bandos, entre Religiosos, sam
muy prejudiciaes. fol. 120.
num. 6. in fine.

Padre Bernardino dos Reys.

Bernardido dos Reys recebido
na Companhia, he muitos
annos procurador da India.

fol. 85. num. 9.

Belchior Nunes Barreto.

Entra na Companhia Belchior
Nunes Barreto. fol. 109. n. 1.

Prova o Padre mestre Simam
com huma mortificaçam.

fol. 110. n. 2.

Fazse Doutor em Theologia.

fol. 110. n. 2.

Leva as costas hum carneiro
por propina a hum Doutor.

fol. 110. n. 2.

Foy grande servo de Deos na
India. fol. 111. n. 3. Vide lite-
ra M. Melchior Nunes Bar-
reto.

Belchior Carneiro.

Entra na Companhia. fol. 112.
num. 5. Vide litera M. Mel-
chior Carneiro.

Bordam.

Bordam milagroso do P. M. Si-
mam. à fol. 615. an. 4.

Brasil.

Em que anno se descobrio. fol.
430. n. 3.

Em que modo se puzeram as
cousas do Brasil em seu prin-
cipio. ibidem. n. 2.

Manda elRey Dom Manoel a
descobrir a costa do Brasil.
ibidem. n. 4.

Chamase Brasil, por causa de hũ
pao, que nelle hà assim cha-
mado. ibidem. n. 2.

Trata

- Trata el Rey Dom Manoel de povoar o Brasil. fol. 431. n. 4.
- Occupamse os Padres em fazer por suas mãos hũa Igreja no Brasil. fol. 431. n. 2.
- Largam esta Igreja a pessoa sufficiente cura de almas, indose elles mesmos a morar entre os gentios. ibidem.
- Tratam os Padres da conversam d'aquelles gentios. ibidem n. 3.
- Como os Indios começaram a se fiar dos Padres. f. 432. n. 5.
- Impedem os Padres a festa da morte de hum Tapuya. fol. 433. n. 6.
- Amotinamse os barbaros contra os Padres. ibidem n. 7.
- Tornam os Padres a tirar-lhe a presa das mãos. ibidem.
- Tornam os barbaros a se amotinar. fol. 434. n. 7.
- Aquieta o governador este motim. ibidem n. 8.
- Como sua Alteza entregou à Companhia a conversam do Brasil. fol. 435. n. 1.
- Pratica do Padre M. Simam a el Rey sobre hir ao Brasil. ibid. n. 2.
- Pede o Padre mestre Simam licença pera hir ao Brasil. fol. 436. n. 3.
- Como alcançou licença, & deo conta d'esta pretençam ao nosso sancto Padre Ignacio. ibid. n. 4.
- Como se desfez a sua hida, resistindo a ella os mais padres da provincia. fol. 437. n. 6.
- Vay pera o Brasil o padre Manoel de Nobrega, com mais cinco companheiros. ibidem n. 7.
- Chegam os padres ao Brasil. fol. 438. n. 8.
- Começale a cidade da Bahia, arvorando primeiro os nosos huma fermosa cruz em hum campo razo. ibid.
- Altura em que fica o Brasil. fol. 439. n. 2.
- Serras, que dividem o Brasil do Perú. fol. 440. n. 3.
- Louvores da terra do Brasil. ibidem n. 4.
- Como he o Brasil fresco, & abundante. ibid. n. 5.
- Brasis.*
- Comeram a huns frades, & vestiramse em seus habitos. fol. 434. n. 1.
- Como estes barbaros foram mortos pelos Portugueses. ibidem.
- Quam ignorante, & barbara gente sejam. fol. 445. n. 1.
- As molheres Brasis sam as que trabalham. fol. 446. n. 2.
- Como se enfeita esta gente. fol. 447. n. 4.
- Nam tem fé, ley, nem Rey. ibid. n. 5.
- Das ceremonias, que uzam, quando trazem algũ Tapuya cativo. fol. 448. n. 6.

Do modo, & grande festa, que fazem, quando trazem o Tapuya pera o matarem. *ibidē.* n. 7.

Como mudaram estes barbaros seus costumes brutaes. fol. 456. n. 11.

Os Brasís estam hoje domesticados. fol. 457. n. 2.

C

Cabo de S. Vicente.

Chamavase antigamente Sacro. fol. 488. n. 5.

Cabo de boa Esperança, dizem alguns, que he quasi ilha. fol. 352. n. 3.

Carlos Magno.

Teve tres filhos Religiosos. fol. 403. num. 3.

Capitanias.

Capitanias do Brasil, a primeira foy de S. Vicente. fol. 431 n. 4.

Capitania do Espiritu sancto, foy povoada por Vasco Fernandes Coutinho. *ibidem.* n. 6.

Capitania de Porto seguro, povoada por Pero de Campos Lourinho, foy queimada por duas vezes. fol. 432. n. 6.

Cativos.

Grandes trabalhos dos cativos em Berberia. fol. 383. n. 9.

Lugares soterraneos, aonde estã os cativos. fol. 384. n. 10.

Pratica o P. Ioam Nunes aos cativos. *ibidem.*

Castigo.

Castigo, que Deos deo a huma peccadora, que tornou a recahir nos mesmos peccados. fol. 459. a n. 6.

Castigo, que deo o padre mestre Simam a huns que escreveram sem licença. fol. 332. num. 8.

Casimiro.

O Infante Casimiro, irmam do serenissimo Rey de Polonia, he religioso da Companhia. fol. 400. n. 4.

Carquere.

Dá el Rey à Companhia o mosteiro de Carquere. fol. 77. n. 3.

Foy fundado pelo Conde Dõ Henrique, *ibid.* n. 4.

Milagre, que nossa Senhora fez neste mosteiro. *ibid.* n. 5.

Trocasse este mosteiro pela Cõmenda de S. Antam. fol. 81. num. 9.

Caranguejo.

Trazao P. S. Francisco de Xavier hum crucifixo, que lle cahio no mar. fol. 66. n. 1.

Castigo.

Castiga Deos a hum peccador blasfemo. fol. 347. n. 1.

Castiga a outro, q̄ poz as mãos no Padre Leão Henriques. fol. 283. n. 12.

Carta.

Carta de admiravel espirito, & prudencia de N.S.P. Ignacio pera o Collegio de Coimbra. fol. 364. n. 2. até 8.

Carta do P. Ioam Nunes Barreto, pera os Irmãos do Collegio de Coimbra. f. 387. n. 5.

Carta do P. Luis Gonçalves da Camara, pera elRey Dom Ioam o III. fol. 541. n. 3.

Carta do P. Gonçalo Vaz, pera o Collegio de Coimbra. fol. 272. n. 6.

Carta do padre Francisco Entrada, pera huns devotos da cidade do Porto. fol. 273. n. 8.

Carta do mesmo, sobre a morte do Irmão D. Rodrigo de Meneses. fol. 150. á n. 2.

Carta do padre Pedro Fabro, pera o Collegio de Coimbra. fol. 207. n. 4.

Cartas, que escreveram sem licença. Vide Castigo.

Carta de S. Ignacio, pera o serenissimo Cardeal Infante. fol. 514. n. 2.

Carta delRey D. Ioam III. a S. Ignacio, sobre a mudãça do P.M. Simam. fol. 583. n. 4.

Carta do mesmo Rey, pera Dõ Affonso de Alencastre, seu embaixador em Roma. fol. 584. n. 5.

Carta escrita de hũs nossos, sem licença, a fim de inquietar outros. fol. 330. n. 5.

Grandes perigos a que vay exposta huma carta. ibidem. n. 6.

Como estas cartas foram dar na mãõ do superior? fol. 331. n. 7.

Carta do P.M. Simam, em que manda despedir os que escreveram sem licença. fol. 333. n. 9.

Carta delRey Dom Ioam, pera elRey de Congo. fol. 357. num. 5.

Capitaens.

Quaes foram os capitaens, que hiam em companhia de sam Francisco de Xavier. fol. 59. num. 8.

Chélas.

Religiosas de Chélas se persuadem ter a cabeça cõ as demais reliquias de S. Felix, em sua Igreja. fol. 285. n. 3.

S. Clara de Monte Falco.

Tinha em seu coraçam estãpados os sinaes da paixãõ de Christo. fol. 604. n. 1.

Coadjuutores.

Coadjuutores espirituaes; votos, que fazem, & dignidades, q̄ podem ter. fol. 121. n. 1.

Nam podem ser despedidos Coadjuutores espirituaes professos, senam por gravissimas

- causas, por ordem do padre gèral. fol. 122.n. 1.
- Coadjutores temporaes, tambẽ fazem os votos em publico, mas nam sam solennes. fol. 122.n. 2.
- Exercitamse no trabalho temporal. ibid.
- Sam participantes dos merecimentos de todos os da Cõpanhia. ibid.
- Tẽ os mesmos privilegios dos professos solennes. ibid.
- Nome de Coadjutor he muy autorizado. fol. 123.n. 3.
- Irmãos Coadjutores de muita virtude, que houve nesta provincia. fol. 123.n. 4.
- Collegio de Coimbra.*
- Lugar em que se deitou a primeira pedra desta obra. fol. 316.n. 4.
- Andavã os nossos religiosos cõ grãde alegria trabalhãdo nestas obras. fol. 317.n. 5.
- Nas primeiras enxadadas sahe da terra hũ enxame de abelhas. fol. 318.n. 7.
- Varios discursos sobre este enxame de abelhas. fol. 319.n. 8. & 9.
- Lançãse sinco pedras nos alicesses, rezãdo primeiro os nossos sinco Psalmos, em honra das sinco letras do nome de IESV. fol. 320.n. 1.
- A primeira pedra dos alicesses foy em honra do nome de IESV. ibidem.
- A segunda foy á honra do Papa Paulo III. fol. 321.n. 2.
- A terceira á honra do S. P. Ignacio. ibid.
- A quarta em nome delRey D. Ioam III. ibid.
- Lançaramse mais duas; hũa em em nome da serenissima Rainha D. Catherina; & outra em nome do Principe Dom Ioam seu filho. ibid.
- Lançou mais o P. M. Simam três pedras á hõra dos tres votos da Religiã. ibid.n. 3.
- Descrevese o sitio, q o P. M. Simam tomou pera fundaçam do Collegio de Coimbra. fol. 96.n. 4.
- Primeiros habitadores do Collegio de Coimbra, como se chamavam. fol. 97.n. 7.
- Grande estreiteza de casas, & habitaçam no principio deste Collegio. fol. 98.n. 8.
- Virtudes, que exercitãram os primeiros habitadores d'aquelle Collegio. fol. 99.n. 1.
- Rendas, que no principio havia no Collegio de Coimbra. fol. 99.n. 2.
- Do grande aperto da morada com que os nossos ao principio viveram no Collegio de Coimbra. fol. 100.n. 3.
- Da grãde devaçam, & penitẽcia dos nossos primeiros habitadores do Collegio de Coimbra. fol. 101.n. 4.
- Vẽ de novo sinco cõpanheiros pera o Collegio de Coimbra. fol. 104.n. 10.

- Do pouco caso, que faziam dos
nossos em Coimbra ao prin-
cipio. fol. 104. n. 1.
- Chamavam os Franchinotes,
& nam sentiam bem de sua
doutrina. fol. 105. col.
- Primeiro, que entrou no Colle-
gio de Coimbra. fol. 108. n. 7
- Vê muitos pedir entrar no Col-
legio de Coimbra. f. 115. n. 10.
- Como se houverã os nossos nas
cõtradiçoens cõtra as obras
do Collegio. fol. 326. n. 7.
- Continuam as obras do Colle-
gio. fol. 327. n. 8.
- Servẽ os nossos nestas obras de
carreiros, & agoadeiros. *ibid.*
- Occupãse os nossos cõ grãde fer-
vor nestas obras. f. 328. n. 1.
- Sahẽ do Collegio de Coimbra
fũdadores pera as provincias
de Castella. fol. 185. n. 1.
- Ordena el Rey ao P. M. Simam,
q vã começar a obra do Colle-
gio de Coimbra. fol. 315. n. 2.
- Em 14. de Abril se trata lãçar a
primeira pedra. fol. 316. n. 3.
- Grandes desejos, que havia no
Collegio da missã da India
fol. 222. n. 2.
- A grandeza d'este Collegio.
fol. 118. n.
- Devaçam dos primeiros habi-
tadores do Collegio de Co-
imbra. fol. 101. n. 4.
- Companheiros de S. Ignacio.*
- Vam a Veneza, aõde o S. Patriar-
cha os espera. fol. 111. n. 2.
- Occupamse no bem das almas.
ibid. n. 3.
- Dividemse em varias missoens.
fol. 12. n. 4.
- Chegam a Roma. fol. 13. n. 6.
- Tratam de fundar a Cõpanhia.
ibidem.
- Hum endemoninhado declarou
quem eram. fol. 11. n. 3.
- Quãtos foram, & como se cha-
mam. fol. 10. n. 1.
- Agasalhamse cõ S. Ignacio em
hũa pobre ermida. f. 26. n. 4.
- Cõpanheiros, q vẽ de novo ao
P. M. Simam. fol. 88. n. 1.
- Companhia.*
- Fundaçam da Companhia de
IESV. fol. 13. n. 6.
- He Religiã muy distincta dos
Theatinos. *ibid.*
- He confirmada a primeira vez
pelo Papa Paulo III. fol. 13.
n. 7.
- Occasiã, que houve, pera Deos
a trazer a Portugal. fol. 14.
n. 1.
- He confirmada, & declarada
em Religiã. fol. 45. n. 1. *fin.*
- Os Religiosos da Companhia
tem obrigaçam de fazer o-
bras dignas de Apostolos.
fol. 44. n. 6.
- He confirmada a segunda vez.
fol. 117. n. 3.
- Da variedade de estados, que
tem. fol. 118. a n. 1.
- Conegos de S. Antam.*
- Conegos de S. Antam guardam
as regras de S. Agostinho.
fol. 82. n. 2.
- Eram verdadeiros Religiosos.
fol. 83. n. 3.

Insignia de que usavam. *ibid.*

Congo.

Descreve-se, com brevidade, o Reyno de Congo. fol. 350. n. 1.

Junto d'elle está hum lago de duzentas legoas em roda. fol. 351. n. 2.

Altura do Reyno de Congo. fol. 353. n. 5.

Foy descoberto por Diogo Cãm. *ibid.*

El Rey de Congo no baptismo se chamou Ioam, como tambem a Rainha Leonor, por respeito dos Reys de Portugal. *ibid.*

Foy baptizado no anno do nascimento de S. Ignacio. fol. 354. n. 8.

Manda el Rey de Congo pedir prègadores a el Rey D. Ioam o III. *ibid.* n. 9.

O padre Leãm Henriques trata de hir a Congo em missãm. fol. 355. n. 2.

Trata-se de hirem quatro Religiosos nossos a Congo. fol. 355. eodem n.

Nomes dos quatro Religiosos, que foram a Cõgo. fol. 356. eodem n.

Como foram recebidos os nossos por el Rey de Cõgo? fol. 357. n. 4.

Como os Padres acodiram aos Christãos de Congo; & do bom successo d'esta missãm. *ibid.* n. 6.

Como foram dar obediencia ao Bispo D. fr. Ioam Bautista. *ibidem.*

Porque tornaram os Christãos de Cõgo atrás? fol. 359. n. 2.

O Rey de Cõgo era mais escandaloso. fol. 360. n. 3.

De como os padres lhe quiserã falar. *ibid.* n. 4.

Como o Rey de Cõgo começou a perleguir os Padres? fol. 361. n. 5.

Continua a perseguiçam d'este Rey cõtra os Christãos. *ibid.* n. 6.

Vem-se de Congo o embaixador de Portugal, & o Irmãõ Diogo de Soveral. fol. 362. num. 7.

Conhecimento proprio.

He muy necessario, & proveitoso a todos. fol. 181. n. 4. & 5.

Congregaçam.

Chama S. Ignacio a huma Cõgregaçam; & como se concluo em breve. fol. 508. Vide P.M. Simam.

Contrações.

Cõtrações nas obras do Collegio de Coimbra. â fol. 323.

Constituições.

Sam approvadas em Cõgregaçam. fol. 508. n. 6.

Consultores.

Sam nomeados cinco cõsultores

pera o Collegio de Coimbra. fol. 302. n. 6.

Crueldade.

Exêplo da crueldade dos Mouros de Berberia. fol. 383. n. 8

Cruz.

Cruz, que se achou no peito do Padre mestre Simam.

Vide Mestre Simam. fol. 603. n. 9.

Sancta Cruz de Coimbra.

Grande charidade, com que os nossos foram agasalhados dos muy reverendos Padres de Sancta Cruz de Coimbra. fol. 95. n. 3.

D.

Deos.

Modos por onde Deos se communicou aos homens. fol. 1. n. 1.

Acode Deos pela innocencia dos nossos Religiosos. fol. 523. n. 6.

Devaça.

Devaça sobre os exercicios da Companhia. Vide fr. Diogo de Murfa.

Deserto.

Cõmunicase Deos nos desertos. fol. 182. n. 6.

Dentro na Religiã se há de buscar deserto. fol. 183. n. 7.

O Doutor Diogo de Gouvêa.

Diz a elRey D. Ioam, que faça vir de Roma companheiros de S. Ignacio, pera o Oriente. fol. 15. n. 2.

Escreve o Doutor Diogo de Gouvêa a S. Ignacio, pera que mande alguns seus cõpanheiros à India. fol. 15. num. 2.

Diabo.

Pretende o diabo meter medo ao P. M. Simam. fol. 28. n. 7.

Traz na cidade de Sena enfeitados a muitos. fol. 29. n. 9.

He vencido pelo P. M. Simam. fol. 30. n. 10.

Disfarces.

Disfarces, & mudanças de hábitos, pera ajudar os proximos, sam conformes á sagrada Escripura. folio 89. à n. 4.

Como armou a tirar tres da Cõpanhia. fol. 330. n. 4.

Traças, que tomou pera desfautorizar a Cõpanhia em Evora. fol. 520. à n. 3.

Diogo Mirãm.

Primeiro Reytor do Collegio de Coimbra; suas muitas virtudes. fol. 98. n. 9. & f. 99. n. 5.

Era Irmãm ainda, quando foy Reytor do Collegio de Coimbra. fol. 98. n. 9.

Sua grande mortificaçam. fol. 102. n. 6.

Renova os votos com seus subditos a primeira vez. fol. 103 n. 8.

Retirase de Coimbra com os Irmãos D. Gonçalo da Sylveira, & D. Rodrigo de Meneses, pera lhes dar exercicios. fol. 114. n. 9. fin.

Vay fundar o Collegio de Valença. fol. 185. à n. 1.

Foy homem severo. fol. 579. n. 4.

Fazse a entrega do governo da provincia ao padre Diogo Mirám. fol. 578. n. 3.

Teve por adjunto no governo da provincia o P. Manoel Godinho. fol. 579. n. 4.

A todos os officios queria assistir. fol. 580. n. 7.

Cõselho, que deo S. Ignacio ao padre Diogo Mirám, nesta materia, fol. 581. n. 8.

Padre Diogo Monteiro.

Mestre de noviços nesta provincia muitos annos. fol. 156. num. 6.

Padre Diogo Iacome.

Fazia no Brasil contas, pera dar aos Indios, sem nunca aprender este officio. fol. 479. n. 6.

Sua morte. fol. 480. n. 7.

Disciplina.

Do modo cõ que se tomavam as disciplinas em S. Antam. fol. 421. n. 3.

Lom Duarte.

Filho natural delRey D. Ioam o III. fol. 556. n. 3.

Tinha sido Cõmendatario de S. Ioam de Lõgavares. ibidẽ.

Fr. Diogo de Murfa.

Frey Diogo de Murfa, Reytor da Vniversidade, tira informaçam da Cõpanhia. fol. 173. n. 4. & 5.

Devaça, que tirou sobre os procedimẽtos da Cõpanhia. fol. 173. & fol. 174.

Bom successo d'esta devaça. fol. 174. & fol. 175.

E

Eleiçoens.

Sam segundo a võtade divina, & nam cõforme os homens querem. fol. 32. n. 1.

Exame.

Exame de abelhas, que sahio dos alicesses do Collegio de Coimbra. fol. 318. n. 7.

Epitaphio.

Epitaphio do sepulchro do P. M. Simam na casa de S. Roque. fol. 607. col. 1.

Epitaphio, q fizeram os padres de Frandes ao sepulchro do P. M. Simam, fol. 610.

Estados na Cõpanhia.

Estados de professos solẽnes na Cõpanhia. fol. 119. n. 5.

Estado de coadjutores espiri-
tuaes, & votos, que fazem na
Companhia. fol. 121.n. 1.

Estado de Irmãos coadjutores
temporaes. Vide coadjutores
temporaes.

Estudantes.

Estudantes de Coimbra come-
çam a acodir ao novo Col-
legio. fol. 108.n. 6.

Evora.

Excellencias da cidade de Evo-
ra. fol. 509.n. 2.

Como elRey D. Ioam III. tinha
já intentado fazer hum Col-
legio à Companhia em Evo-
ra. fol. 510.n. 3.

Chega o P. M. Simam de Roma
a Evora, & aceita a funda-
çam do Collegio. fol. 514.
n. 1.

Origem da Companhia entrar
na cidade de Evora. *ibid.*

Nomes dos primeiros fundado-
res do Collegio de Evora.
fol. 516.n. 1.

Do modo que caminharam até
Evora. *ibid.* n. 2.

Como foram visitados do Du-
que de Bragança em Arrayo-
los. fol. 517.n. 2.

Primeiro sitio em que estive-
mos em Evora. fol. 518.
n. 3.

Mudarse os nossos pera os pa-
ços. *ibid.*

Como o Reytor, Vice reytor,
& Mestre dos noviços do
Collegio de Evora, foram pe-
ra a India. fol. 527.n. 6.

Exercicios espirituales.

Exercicios da Companhia, ap-
provados pelo Papa Paulo
III. fol. 176.

Devaça, que se tira sobre el-
les. fol. 174. & fol. 175.

Dãse noticia dos exercicios da
Companhia. fol. 177.

Autor dos exercicios foy S. Ig-
nacio. fol. 177.n. 2.

Estè nome de exercicios he
muito antigo. fol. 177.n. 2.

Quanto tempo duram de cada
vez estes exercicios? fol. 178
n. 3.

Grande fruto, que se tirou d'e-
stes exercicios. fol. 178.
n. 4.

Pessoas graves, que tomaram
estes exercicios. fol. 179.
n. 5.

Pelos exercicios se vem em co-
nhecimento de Deos. fol.
180.n. 1.

Pelos exercicios se alcança o
conhecimento proprio. fol.
181.n. 4.

Ensinam os exercicios a fugir
do mundo. f. 182.n. 6.

Exercicios sam necessarios aos
Religiosos da Companhia.
fol. 183.n. 7.

Sam mais necessarios aos secu-
lares. fol. 184.n. 9.

Aos exercicios da Companhia
devemos a mesma Cõpanhia.
fol. 184. num. 10.

F.

Cardeal Farnesio.

Nepote do Papa Paulo III. foy
Bispo de Viséo. fol. 131.
n. 13.

Trata S. Ignacio com elle os
negocios de Portugal. fol.
249. num. 4.

Fe.

Os Portugueses foram sempre
constantes na fê. fol. 130.
num. 9.

S. Felix, ou S. Fins.

Quem foy este martyr S. Felix?
fol. 284. n. 3.

A cabeça d'este sancto està no
mosteiro de Sam Fins. ibi-
dem.

Faz sua Alteza uniã do mos-
teiro de S. Fins ao Collegio
de Coimbra, por espaço de
cem annos. fol. 286. n. 4.

Foy depois unido in perpetuũ.
ibidem.

Bulla da uniã de Sam Fins.
ibid. n. 5.

Dãse noticia d'este mosteiro.
fol. 284. n. 1.

Dona Fernando Henriques.

Foy senhor das Alcacevas, Al-

cayde mor de Evora, tio do
padre Leãm Henriques.
fol. 277. n. 3.

S. Francisco de Xavier.

Sam Francisco de Xavier he
nomeado pera a India. fol. 33.
n. 2.

Era secretario de S. Ignacio. fol.
33. n. 2.

Aceita, com grande alegria, o
aviso de hir pera a India. fol.
34. n. 3.

Vem com toda a prèssa a Por-
tugal. fol. 34. n. 4.

Vem a Lisboa com o Embai-
xador D. Pedro Mascarenhas,
fol. 25. n. 5

Teve algumas revelaçoens. fol.
35. n. 5.

Sucedemlhe varios milagres no
caminho de Roma a Lisboa.
fol. 36. n. 6.

Seu grande desapegamento dos
parentes. fol. 37. n. 8.

Chega a Lisboa, dá faude ao
padre mestre Simam. fol. 38.
n. 1.

Vay com o padre mestre Si-
mam a falar a el Rey. fol. 38.
n. 2.

S. Francisco de Xavier, & o pa-
dre M. Simam agasalharam-
se no hospital. fol. 40. n. 5.

Occupase em Lisboa na salva-
çam dos proximos. f. 41. n. 1.

S. Francisco de Xavier solicita
muito sua hida pera a India.
fol. 48. n. 1.

Queria elRey, cõ out: os muitos, que o padre S.Francisco de Xavier ficasse em Portugal. fol. 49. n. 9.

A grande edificaçam, que deo, & o pouco apresto, que teve pera a India. fol. 53. n. 4.

Vay despedirse delRey, pera se embarcar pera a India. fo. 55 n. 1.

Reposta, que deo a elRey na despedida pera a India. fol. 57. n. 5.

Embarcase pera a India. fol. 57 n. 6.

Vltima despedida, que fez do padre mestre Simam. fol. 58. n. 7.

Da à vela pera a India. fol. 58. n. 8.

Parte pera a India em 7. de Abril de 1541. fol. 59. n. 8. in fine.

Milagre prodigioso, que fez com o padre Marcello Mastriolo, dádolhe saude. fol. 60. n. 2.

Apparece, depois de morto, em trajo de peregrino. fol. 60. n. 2.

Terras, que andou, & mares, que navegou. fol. 61. n. 3.

Milagroso suor de hum crucifixo, quando o sancto padecia algum trabalho. fol. 61. n. 5.

Nomes de seus pays. ibid.

Foy illustre por sangue. ibid.

Andava tam unido com Christo, que quando elle traba-

lhava, Christo suava. fol. 61. n. 5. in fin.

Parecia ser a alma do mesmo Christo. fol. 62. n. 5.

Terras, que correó em Europa. fol. 62. n. 6.

Como se houve num hospital, curando huma chaga de hũ incuravel. fol. 63. n. 7.

Atase fortemente, & he solto milagrosamente. fol. 63. n. 7.

De suas muitas navegaçoens, que fez na India. fol. 64. n. 8.

Lança ferro em Goa. ibid.

Sucessos, que teve na Ilha do Moro. fol. 64. n. 9.

Vay a Iapã, entra pelos seus Reynos. fol. 64. n. 10.

Hia a pé apos os cavalos dos Iapoens, que lhe serviam de guia. fol. 65. n. 10.

Cabos que dobrou. ibid.

Gentes a que prégou. ibid.

Apparece em muitas partes diversas. fol. 65. n. 11.

Tinha hum grande coraçam, desejoso de acodir a todos. ibidem.

Milagre, que fez, a que chamam do Caranguejo. fol. 66. n. 1.

Milagre do batel. fol. 67. n. 3.

Milagre da agoa salgada, que fez doce. fol. 68. n. 4.

Metendo o pé na agoa a tornou doce. fol. 69. n. 5.

Sendo Nũcio na India encobre sua dignidade. fol. 70. n. 1.

Os grandes trabalhos, que padecéo. fol. 71. n. 2.

Quanto desejava acodir a todos os proximos. fol. 71. n. 2.

Os meyo, que tomava, pera sahir com este fim. ibid.

O grande amor de Deos, que tinha. fol. 71. n. 3.

Das grandes consolaçoens, que Deos lhe cõmunicava. fol. 72. n. 4.

Dizia, que nam queria mais cõsolaçoens. fol. 72. n. 4.

Suspirava por mais trabalhos. ibid.

Andava enlevado em Deos. fol. 72. n. 5.

Teve dom de lingoas. fol. 73. n. 6.

Dizem, que refucitou vinte, & cinco mortos. ibid.

Esmola milagrosa, que deo a hum naufragante. fol. 73. n. 7.

He chamado Apostolo da India. fol. 74. n. 7.

Acabou sanctamente em Sancham, à vista da China. fol. 75. n. 8.

Seu corpo foy achado inteiro, & incorrupto. ibid.

Foy tresladado pera Goa. ibid.

Francisco Neto.

Francisco Neto, grande prègador, entra na Companhia. fol. 92. n. 10.

Padre Francisco Estrada.

O P. Francisco Estrada entra na

Copanhia. fol. 161. n. 3.

Seus grandes talentos, & partes. fol. 162. n. 3.

Seu grande talento de pulpito. fol. 164. n. 6.

O grande fruto, que se recolhia de seus sermoens. fol. 164. n. 7.

O padre Francisco Estrada prèga a quaresma em Coimbra. fol. 260. n. 1.

Vay em missam a entre Douro, & Minho, & em peregrinaçam a Sanctiago. ibid.

Prèga de repente na festa do Archanjo sam Miguel, na cidade do Porto. ibidem. n. 2.

Como tornou pera a cidade do Porto. fol. 424. n. 6.

He chamado pera Coimbra. fol. 425. d. 7.

Grãde opiniã, que tinham do padre. ibid. n. 8.

Com huma sua prègaçam, feita na praça, faz concorrer muita gente cõpungida ao Collegio. fol. 236. col. 1.

Saude alcançada por meyo do padre Frãcisco Estrada. fol. 426. n. 9. & 10.

Foy Provincial em o Reyno de Aragã. fol. 427. n. 11.

O padre Francisco Estrada escreve huma carta sobre a morte do Irmã Dom Rodrigo de Meneses. fol. 150. n. 2.

Padre Francisco Pires.

Foy em missám ao Brasil. fol. 492.n. 5.

Muy devoto de nossa Senhora. ibidem.

Teve parte no milagre de nossa Senhora d'Ajuda. ibid.

Deos o levou pera sy no Collegio da Bahia. ibid.

Dom Francisco de Borja.

Chega o P.D. Gõçalo da Sylveira a Gandia cõ seus cõpanheiros, & herecebido do Duque. fol. 501.n. 5.

Faz os gastos do Doutoramêto o Duque, cõ as mais solênidades. fol. 502. no mesmo n.

Padre Francisco Rodrigues.

Tralo Deos à Companhia, por meyo do padre Bertholamêo Ferrám. fol. 349.n. 5.

He recebido na Cõpanhia pelo padre M. Simam, com ser aleijado. ibid.

Grandes foram seus talentos. fol. 350. eodem n.

Padre Francisco Peres.

O Padre Francisco Peres ficava todo arrebatado, em lhe falando da paixám de Christo. fol. 255.n. 1.

Cõ hum crucifixo nas mãos animava os Christãos no cer-

co dos Iãos. ibid.

Abrindolhe a sepultura, depois de vinte annos, acharamlhe os ossos presos com huma maravilhosa raiz. fol. 256. n. 2.

Tresladaçam de seus ossos pera a Igreja da Companhia. ibidem.

Francisco de Villanova.

Foy de Coimbra fundar o Collegio de Alcalá; foy homem de grande virtude. fol. 186. col. 1. & fol. 608.n. 5.

Fugir do mundo.

Cõmunicase Deos aõs que fogem do mundo. fol. 182. num. 6.

Freiras.

Freiras d'Annunciada. Vide Annunciada.

Fructuoso Nogueira.

Entra na Companhia. fol. 112. num. 4.

Fundadores de Religioens.

Quem foram. fol. 2.n. 4.

G.*Mestre Gaspar Barzéo.*

Entra na Compãhia. fol. 393. n. 1.

Por sua humildade se deixou, por muito tempo, ser roupeiro do Collegio. fol. 394. n. 2.

Embarcasse pera a India, & aquietou huma grande tormenta com tres cruces, que fez no mar. ibidem.

Foy insigne Apostolo de Ormús, mandado pelo sancto Francisco de Xavier. ibidem n. 4.

Tam respeitado foy em Ormús, q̄ aquelle Rey o fez assentar em seu proprio throno. fol. 395. n. 5.

Vem embaixadores ao Padre mestre Gaspar. ibid. n. 6.

Convertemse estes embaixadores. ibidem.

Manda el Rey de Ormús fechar as portas de seu Alcoram de pedra, & cal. ibidem.

S. Francisco de Xavier deixa o P. M. Gaspar em seu lugar, por Vice provincial da India. fol. 396. n. 7.

Virtudes admiraveis do P. M. Gaspar. ibidem.

Enfadamse muito os Mouros com os ministerios, que exercita o P. mestre. ibidem.

Morte do P. M. Gaspar em Goa. fol. 397. n. 8.

Padre Gonçalo de Medeiros.

Foy o primeiro novico, que entrou em Portugal na Companhia. fol. 45. n. 2.

He fortemente tentado. ibidem.

Apparecelhe hum Anjo, que lhe assegura a salvaçam. fol. 46. n. 6.

He insigne Theologo, muy visto na doutrina de S. Thomas. fol. 46. n. 4.

Fica por superior da Residencia de sancto Antam. fol. 94. n. 2.

Foy homem de muyta oraçam. fol. 565. n. 2.

Foy muy applicado a ouvir confissoes. ibid. n. 3.

Como se preparava pera acudir ás confissoens? fol. 566. n. 4.

Igualdade, que com todos guardava no confissionario. fol. 567. n. 5.

De sua humildade, & grande obediencia. fol. 568. n. 1.

Exemplo notavel de sua obediencia cega. fol. 569. n. 2.

Como fugia do favor, & applauso dos grandes? fol. 570. n. 4.

Veyo a adoecer de muito trabalho. fol. 571. n. 5.

Foy muy devoto do sanctissimo Sacramento. ibidem. n. 6.

De sua sancta morte. ibidem. n. 7.

Ficou por Vice provincial, em lugar do padre M. Simam. fol. 504. n. 9.

Aceitou o cargo, pera se penitenciar á sua vontade. ibidem.

Padre

Padre Dom Gonçalo da Sylveira.

Foy muy illustre por sangue.
fol. 112. n. 6.

Dãse conta de quem foram seus
pays, & avôs. fol. 113.

Vem pedir a Companhia. *ibid.*
n. 7.

He perseguido de seu irmãm,
pera que faya da Cõpanhia.
fol. 141.

Como vencêo estas tentaçõs.
ibid. n. 3.

Pede esmolas pelas portas. fol.
236. n. 3.

Vay a Roma com mais dous
Theologos. fol. 500. n. 2.

Passam por Gandia, pera toma-
rem o grão de Doutores, á
instanciã de D. Francisco de
Borja. *ibid.*

Aceita o padre Gonçalo da Syl-
veira a jornada, pera ver a
sancto Ignacio. *ibidem.*
num. 3.

Parte de Coimbra com seus
companheiros, com bordoês
nas mãos, indo a pé mendi-
gando pelas portas. fol. 501.
n. 3.

O que fez em Gandia, em quã-
to esperava pelo P. M. Simã.
fol. 502. n. 6.

Vay o P. D. Gonçalo a Valêça.
ibidem.

Torna pera Portugal, por ordẽ
de sua Alteza, que nisto le-
vava muito gosto. fol. 503.
n. 7.

Obediencia grande do P. Dõ
Gonçalo. *ibid.*

Alcança saude, por meyo do
padre mestre Simam. à fol.
619. à n. 4.

Sahe ã missãm a entre Douro,
& Minho. fol. 561. n. 4.

Agasalha ã Braga ao P. D. Leãm
Henriques com grande po-
breza. *ibidem.*

Caso milagroso, que succedeo no
hospital, a onde se agasalhava
fol. 562. n. 5.

Grande fervor de espirito do
padre Gonçalo da Sylveira.
fol. 563. n. 6.

Padre Gonçalo Vaz de Mello.

Entra na Companhia. fol. 166.
n. 8.

Sahe em missãm com o padre
Antonio Gomes. Vide mis-
sionarios.

Effeitos bõs, que se seguiram de
huma sua prêgaçam. fol.
338. n. 6.

Como se recolhêo a S. Fins. fol.
339. n. 7.

Torna a sahir em missãm. *ibi-*
dem.

Vay a Viana com o padre An-
tonio Gomes. fol. 340.
num. 8.

O que lhe succedeo em hum ser-
mãm no Porto. fol. 341.
n. 10.

Torna em missãm ao Algarve.
fol. 588. n. 8.

Charidade , que ufou o padre com hum pyrata enfermo. fol. 558.n.6.

Como o convertèo de herege Hugonote , fazendo catholico Romano. fol. 559. n.eodem.

A festa , que lhe fizeram os de huma armaçam. ibidem.numero 8.

Adoece , & he curado com muita charidade , pelos padres da Piedade. fol. 560.n.1.

O meyo, que tomou, pera prègar, estando doente, fol. 561 n.2.

Originouse a sua morte de deitar sangue pela boca. ibidẽ. num. 3.

Padre Gonçalo Alvares.

Foy natural de Villaviçosa. fol. 481.n.1.

Grandemente se dava á ôraçam ibidem.

Raro exemplo de sua ôraçam, & obediencia. ibid.n.2.

Perseverou oito horas em ôraçam. ibidem.

Indo por visitador ao Iapâm, fez naufragio com seus cõpanheiros. fol. 482.n.8.

Foy seu corpo, depois de morto, achado de joelhos. ibidem.

Foy Reytor de Coimbra, & Preposito da casa de S. Roque. fol. 483.n.5.

De sua mortificaçam, ibidem.

Teve grande charidade cõ os enfermos. ibid. n.6.

Ordenou ao porteiro, sendo elle Reytor, que nenhum pobre se fosse das portarias sê esmola. fol. 483.n.6.

Era muy amado dos subditos. fol. 484.n.7.

Foy muy acutelado em ouvir informações de faltas alheas. ibid. n.8.

Sendo Reytor de Coimbra, & Preposito de S. Roque, nunca largou a occupaçam de fazer a sancta doutrina. ibidem.n.9.

Padre Gonçalo Rodrigues.

Chega com a sua nao a Moçambique. fol. 545.n.4.

Do muito que trabalhou na viagem de Ormûs. fol. 552. n.4.

Sustentouse nella só de esmólas. fol. 553. eodem n.

Como escapou milagrosamente de huns coffarios? ibid.

Adoece gravemente de muito trabalho. ibid.n.5.

Derrubou em Baçaim hum tẽplo de idolos, consagrando outro à sanctissima Trindade. fol. 554.n.6.

Cõverteo quatro mil Christãos. ibidem.

Foy mandado por Embaixador ao Emperador de Ethiopia. ibid.n.7.

Por pouco cõprou hũs innocẽtes, que bautizou. ibid.

Governo.

Os principios do governo sempre devem ser mais brandos. fol. 579.n. 5.

Os que governam, cõvem dissimular. fol. 580.n. 7.

Nam he prova de mayor amor a entrega de melhor governo. fol. 588.n. 6.

Graça.

Quando he efficaz, nam admittite embargos. fol. 282.n. 9.

H.

Habito.

Habito pòde se mndar & fingir, pera ajudar aos proximos. fol. 89. a n. 4.

Infante D. Henrique Cardeal.

Nam foy no principio affeicoado á Companhia. fol. 48. n. 7.

He de parecer, que ambos os Padres Sam Francisco de Xavier, & M. Simam, vam pera a India. fol. 48. n. 7.

Faz tirar huma devaça sobre os procedimentos da Cõpanhia. fol. 173. n. 3.

O serenissimo Cardeal Infante teve dezanove votos pera ser Papa em Roma. fol. 249. n. 5.

Teve algum tempo pouca affeicãm à Companhia. fol. 511.

Mandou examinar a doutrina dos exercicios espirituaes de nosso sancto fundador. ibidem.

Causas, que teve pera a fundaçam do nosso Collegio d'Evora. fol. 512. n. 7.

Como se affeioou á Cõpanhia. ibid. n. 6.

Manda chamar o padre Luis Gõçalves da Camara, pera tratarẽ da fundaçam do Collegio d'Evora. fol. 513. n. 1.

Manda recado a S. Ignacio sobre a fundaçam do Collegio d'Evora. fol. 514. n. 2.

Damlhe parabens, por levar a Companhia a Evora. fol. 517. n. 3.

Padre Henrique Henriques.

O P. Henrique Hêriques, reparte quatro mil cruzados em dinheiro pelos pobres, antes de se embarcar pera a India. fol. 251.

Foy preso dos Badagãs, & levado huma vez ao cavallete. ibidem.

Compòs a Arte Malavar, o Vocabulario, hum Confissionario, & hum Flos sanctorũ. ibidem.

Edificou muitas Igrejas, dous hospitaes, & instituio huma Irmandade de Christãos mais provectos. ibidem.

Sua morte no lugar de Punicalle. fol. 253. n. 3.

Henrique de Gouvêa.

Henrique Nunes de Gouvêa faz voto de castidade com consentimento de sua mulher. fol. 275. n. 10.

Antes de sua morte fez os votos da Companhia, conforme a licença, que tinha. ibidem.

Acham seu corpo inteiro, lançando de sy hum cheiro suavissimo, dez annos depois de enterrado. ibid.

Declarou como havia de morrer dia de S. Bento; & que d'aly a dez annos morreria sua mulher Beatris de Madureira. ibid.

Procedimentos de Henrique de Gouvêa. fol. 270. n. 4.

Trata Henrique de Gouvêa de trazer pera a Companhia a D. Ignacio de Azevedo. fol. 304. n. 3.

Partese o padre Ignacio de Azevedo pera Coimbra a tomar os exercicios. ibidem. n. 4.

Humildade.

Humildade nos habitadores do Collegio de Coimbra. fol. 159. n. 10.

Humildade do padre mestre Simam. fol. 158. n. 9. Vide M. Simam.

I.*Santo Ignacio de Loyola.*

Primeiro fudador da Cõpanhia de IESV, naceo em Biscaya. fol. 2. n. 3.

S. Ignacio foy muy illustre em sangue. fol. 3. n. 4.

Defende, com grande esforço, o Castello de Pamplona, contra os Franceses. fol. 3. n. 6.

Foy ferido com huma bala. fol. 4. n. 6.

Soffre, cõ grãde animo, as dores da ferida, & a cura, que lhe fizeram. fol. 4. n. 8.

Converteoo Deos a sy, por meyo da liçam espiritual de hum livro da vida dos Sãtos. fol. 5. n. 8.

He visitado na doença pelo Apostolo Sam Pedro, & pela Virgem nossa Senhora. fol. 5. n. 9.

Alcança, por meyo da Virgem purissima, o dom da pureza. ibid.

Vay a Monferrate, aonde se cõfessou gèralmente, & se vestio de hum sacco de burel. fol. 6. n. 1.

Deixa sua espada dependurada, diante do altar da Senhora de Monferrate. ibid.

Retirase a fazer penitencia em huma lapa junto a Mãreza. fol. 6. n. 2.

- He favorecido do cêo com
particulares nimos. folio 7.
n. 3.
- Trata de hir em peregrina-
çam a Ierusalem. folio 7.
n. 4.
- Em Veneza o agasalha em
sua casa, por revelaçam di-
vina, hum Senador. fol. 8.
n. 4.
- Chega a Ierusalem, visita a-
quelles sanctes lugares, com
grande devaçam. folio 8.
n. 5.
- Volta-se a Hespanha, escapan-
do milagrosamente dos pe-
rigos do mar. folio 8.
num. 5.
- Applicase ao estudo das letras.
fol. 9. n. 6.
- Estuda em varias Vniversidades
ibidem.
- Prohibemlhe, que nam prégue.
ibidem.
- Vay estudar á Vniversidade de
Paris. fol. 10. n. 1.
- Ajunta varios companheiros.
ibidem.
- Volta sancto Ignacio a Hes-
panha, por causa da pou-
ca saude, que tinha. fol. 11.
n. 2.
- Torna a Veneza, aonde o espe-
ravam seus companheiros.
fol. 11. n. 2. & 3.
- Vay sancto Ignacio a Roma,
leva por companheiros ao
padre Pedro Fabro, & ao
padre Diogo Laynes. fol. 12.
n. 5.
- Tem no caminho de Roma hũa
visãm. ibid.
- Dá saude ao padre M. Simam,
& asseguraõ, que hade viver
muitos annos. fol. 25. n. 2.
& 3.
- He eleito em gèral da Compa-
nhia. fol. 45. n. 1. fine,
- Manda companheiros de novo
ao padre mestre Simam. fol.
88. n. 1.
- Manda mais cinco cõpanheiros
perá o Collegio de Coim-
bra. fol. 104. n. 10.
- Trabalha muito por compor o
Papa Paulo III. cõ elRey Dõ
Ioam o terceiro. a folio.
128.
- Como concluio estas pazes. fol.
131. n. 13.
- Escreve a elRey sobre a mudã-
ça do P. M. Simam. fol. 577.
n. 2.
- Despio em Monferrate seus
vestidos ricos. fol. 6. & 240.
n. 4.
- Escreve nosso sancto Patriarcha
a elRey Dom Ioam. fol.
500. n. 1.
- Escreve ao padre M. Simam, q̃
havendo licença de sua Al-
teza, se puzesse logo ao ca-
minho de Roma. ibid.
- Queria o sancto renunciar nas
mãos dos padres congrega-
dos, o cargo de gèral. fol.
507. n. 4.
- Como quiz que tambem exa-
minassem as constituicoens.
ibid. n. 5.

Manda dar as devidas graças a
elRey D. Ioam o III. fol. 582
n. 1.

Escreve a nosso S. P. Ignacio so-
bre a mudança do P. M. Si-
mam. fol. 583. n. 4.

Prova do amor, que elRey ti-
nha à Companhia. ibi-
dem.

S. Ignacio nam escreve a elRey
D. Ioam III. por humildade.
fol. 244. n. 4.

Rezoens, que movéram a nosso
S. Padre a escrever a S. Al-
teza. fol. 245. n. 5.

Trata nosso sancto Padre de re-
nunciar o cargo de geral.
ibid. n. 6.

Alcança S. Ignacio o tribunal
da S. Inquisiçam pera este
Reyno. fol. 248. n. 4.

Negociou o nosso S. Padre o
capello de Cardeal pera o In-
fante Dom Henrique. fol.
249. n. 5.

Ordena nosso sancto haver re-
novaçam dos votos duas ve-
zes no anno. folio 296.
num. 6.

Padre Ignacio de Azevedo.

Progenitores do padre Igna-
cio de Azevedo. fol. 303. n. 1

Boas partes do mesmo Padre.
ibid.

Entra na Compauhia. fol. 305.
n. 5.

Como procedeo no noviciado.
ibid. n. 6.

Applicou se com grandes veras
aos officios humildes de al-
fayate, & çapatéiro. fol. 306.
n. 7.

Ao padre Ignacio de Azevedo
se deve a fundaçam do Col-
legio de Braga. ibid. n. 8.

Foy o primeiro Reytor delle.
ibidem.

Como passou ao Brasil, & sen-
do Provincial voltou a Por-
tugal, & daly a Roma, a pe-
dir socorro de gente. fol.
307. n. 9.

Morreo pela fé com quarenta
companheiros. ibid.

Da devaçam, que tinha á Vir-
gem sanctissima. ibid. n. 10.

Tratase de sua canonizaçam.
fol. 308. n. 11.

Ignacio Vogado.

Vide missam de Africa,

Padre Ignacio Martins.

Como foy recebido na Cõpa-
nhia. fol. 322. n. 5.

Fez as doutrinas de setete annos.
ibidem.

Cuidava muitos, q fora elle ca-
nonizado, quando foy beatifi-
capo nosso S. padre Ignacio.
ibidem. n. 6.

Ilha do Moro.

Muy aspera, & cheya de gen-
te muito barbara. folio 64.
n. 9.

Vay a ella S. Francisco de Xa-
vier. ibid.

Inquisiçam.

Tribunal da Inquisiçam, acrescentado em privilegios em Portugal, por S. Ignacio. fol. 248. à n. 3.

ElRey D. Ioam.

Recebe com grande benevolência o Padre S. Francisco de Xavier, & o P. M. Simam. fol. 19. n. 3.

Entrega aos dous padres a criaçam dos moços fidalgos. fol. 39. n. 4.

Chama aos padres Apostolos. fol. 43. n. 3.

Procura a confirmaçam da Companhia. fol. 44. n. 1.

Busca pera isso a intercessám dos mayores Monarchas. ibidem.

Trata de fundar hum Collegio da Companhia em Portugal. fol. 47. n. 3.

Deseja, que fiquem ambos os padres em Portugal. fol. 50. n. 1.

Resolve em mandar pera a India o padre mestre Sam Francisco, & que fique o P. M. Simam em Portugal. fol. 51. n. 2.

Pratica, q' fez ao P. S. Francisco, na despedida pera a India. fol. 56. n. 2.

Paga na melhor moeda as letras da confirmaçam da Cõ-

panhia. fol. 93. n. 12.

Ordena ao padre M. Simam, que vá fundar o Collegio de Coimbra. fol. 94. numero. 1.

Grande benignidade com que tratava as cousas da Companhia. fol. 100. n. 2.

As mercês, que nos fazia, nam queria que corresse por mã de outrem. fol. 100. n. 2.

Liberalidade cõ a Companhia. fol. 118. & fol. 139. n. 6.

Grande benignidade cõ a Companhia. fol. 139. n. 5.

Trata, que entre a Companhia em Castella. fol. 160. n. 2.

Do grande amor, que tinha até aos noviços da Companhia. fol. 192. n. 7.

ElRey Dom Ioam III. primeiro Princepe, que no mundo fez estimaçam da Companhia. fol. 243. n. 2.

A conta de sua real fazenda paga as letras da Confirmaçã. ibidem.

Procura trazer a Companhia a Portugal. fol. 14. n. 1.

Escreve, sobre esta vinda, a seu embaixador D. Pedro Mascarenhas. fol. 15. n. 3.

Felicidades de sua Alteza. fol. 495. n. 1.

Rezã, que teve, pera trazer as sciencias a Portugal. fol. 496. n. 2.

Como fundou a Vniversidade de Coimbra. ibid.

Parte elRey pera Coimbra,
com toda a Corte. fol. 497.
n. 4.

Visitou a Vniversidade, & ou-
vio os mestres. *ibid.*

Foy visitar o nosso Collegio de
IESV. *ibid.*

Grãde gosto, q̄ mostrava em ver
os nossos religiosos. f. 498. n. 6.

Da muita benevolencia cō que
agalhava os religiosos. *ibid.*
n. 7.

Quanto estimava sna Alteza as
boas novas de nossas cousas.
fol. 555. n. 1.

Fez seu agente em Roma ao
Padre mestre Simam. fol.
505. col. 1.

Carta delRey D. Ioam o tercei-
ro ao Papa Iulio terceiro.
ibid. n. 2.

Faz elRey mençãm nesta carta
do Padre Antonio Criminal.
ibidem.

Padre Ioam Nunes Barreto.

Abbate de nossa Senhora de
Freiris; quem foram seus pa-
ys? fol. 199. n. 2.

Seus dous irmãos entrãram na
Companhia. *ibid.*

Era muy dado à contēplaçãm.
fol. 200. col. 1.

Trata seu irmãm de o persuadir
que entre na Companhia.
ibidem.

Tem hum sonho mysterioso.
fol. 201. col. 1.

Apparecelhe nossa Senhora.
fol. 201. n. 5.

Vem a Coimbra pedir a Cōpa-
nhia. fol. 202. n. 6.

Praticas, que teve cō o P. Pedro
Fabro. *ibid.* n. 7.

Pede entrar na Companhia, on-
de he admitido. fol. 203.
n. 8.

Vay em missãm a Berberia. à
fol. 378.

Leva o sanctissimo Sacramento
em procissãm a hum cativo
em Tituãm. fol. 382. n. 7.

Fica continuando sò a mis-
sãm de Tituãm. fol. 385. n. 3

Atẽ os mesmos Mouros o res-
peitavam. fol. 387. n. 6.

Tinha seis masmorras à sua cõ-
ta. fol. 388. n. 7.

Como tratou da cõversãm dos
Iudeos, & estranhou humas
ceremonias ridiculas de que
usavam. *ibid.* n. 8.

Dispũta cō os Iudeos. fol. 389.
n. 9.

Hum Rabino principal, cō ou-
tros, se convertem com esta
dispũta. *ibidem.*

S. Ioam de Longavares.

Como deo elRey este mostei-
ro à Companhia. fol. 288.
n. 9.

Este mosteiro foy de Conegos
regrantes. *ibid.*

Tinha S. Alteza concedidas as
rendas deste mosteiro ao se-
nhor D. Duarte. *ibid.*

Dã sua Alteza este mosteiro ao
Collegio de Coimbra. fol.
556. n. 1.

Antiguidade deste mosteiro.
ibid. n. 2.

Vniãem in perpetuum deste mosteiro, pera o Collegio de Coimbra. fol. 557. n. 4.

S. Ioãem da Gorra.

Devaçam da gente a esta muito antiga imagem. f. 557. n. 4.

Fr. Ioãem Soares.

Grande prègador . fol. 80.
n. 9.

Foy muito amigo do P. M. Simam. fol. 81. col. 1.

Por sua via se nos trocou o mosteiro de sancto Antãm. ibidem.

Foy Bispo de Coimbra, & fez muito no Concilio Tridentino. fol. 134. n. 3.

D. Ioãem Tello de Menezes.

Irmãm do Irmãm Dõ Rodrigo de Menezes; suas boas partes, & cargos, que teve. fol. 142.
n. 4.

Pretende, que seu irmãm saya da Companhia, mas de balde. fol. 143. à n. 5.

Dom Ioãem de Alencastre.

Duque d'Aveiro, grande devoto do P. M. Simam, fol. 135. n. 6. & fol. 577. n. 2.

Padre Ioãem de S. Miguel.

Entra no Collegio de Coimbra. fol. 108. n. 7.

Sua muita oraçam. ibid.

Habitou principalmẽte no Collegio de sancto Antãm. fol. 109. col. 1.

Padre Ioãem da Beira.

Entra na Companhia. fol. 162.
n. 4.

Foy insigne missionario. fol. 163. n. 4.

Aviãado pera a India; aceita o aviso de joelhos. fol. 223.
n. 5.

Andou douts dias sobre as agoas do mar abraçado com hum madeiro, atè que o mesmo mar o lançou vivo na praya. fol. 228. n. 11.

Prophetiza em huma ilha das Malucas, o castigo cõtra hũs Apostatas. ibid.

Morre sanctamente em Goa. ibidem.

Padre Ioãem de Madureira.

Indo visitar o Brasil, foy tomado dos Ingrefes. fol. 171.
n. 5.

Morreo antes de chegar a Inglaterra. ibid.

Padre Ioãem Codorì.

Adoece, he curado pelo P. M. Simam. fol. 27. n. 6.

Padre Iorge Serrãm.

Entra na Companhia. fol. 165.
num. 8.

Ioãem Fernandes de Oviedo.

Como Deos o trouxe à Companhia.

nhia. fol. 312. n. 6.

Por occasiam de ouvir huma disciplina, se cõvertéo a Deos. ibidem.

Vem pedir a Companhia, & faz nelle notavel experiencia o padre mestre Simam. fol. 313. n. 7.

Como foy recebido na Cõpanhia. fol. 314. n. 9.

Foy ao diante companheiro do padre S. Francisco de Xavier, & grande prégador do Evãgelho. ibidem. item fol. 392. n. 5.

Sofre, com grande animo, huma grande affronta, que lhe fez hum gentio no Iapã. fol. 392. n. 5.

Padre Ioam de Aspilcueta.

Sua entrada na Companhia. fol. 471. n. 1.

Sua grande charidade, pera cõ hum malfeitor no Brasil. fol. 473. n. 3.

Sua grande paciencia. fol. 474. Notavel ingratidam, & dureza de hum malfeitor, pera com opa dre Aspilcueta. ibid.

Como se emendou este malfeitor, à vista da paciencia, & charidade do Padre. ibidem. n. 9.

Como entrou pelo Sertãm a converter os Indios. fol. 475. n. 7.

Como tornou d'esta entrada pelo Sertãm; & como Deos o levou pera sy. fol. 476. n. 8.

Padre Iorge Uaz.

Trabalhos, que padeceo, & sua morte. fol. 362. n. 8.

Dona Iorge d' Almeida.

Arcebispo de Lisboa, vay dar as boas vindas ao P. M. Simam, &c. fol. 593. n. 8.

Padre Iorge Rijo.

Entra na Companhia. fol. 376. n. 8.

Foy natural de S. Ioam da Talha. ibid.

Servio no officio de ministro do Collegio de Coimbra cincoenta annos. ibid.

Irmãõ Iorge Nunes.

Morre na viagem da India de muito trabalho. fol. 546. n. 4.

Iulio terceiro.

Faz particular mençãm em huma bulla sua, do muito fructo, que os nossos missionarios recolheram no Reyno do Algarve. fol. 557. n. 5.

Iuizos.

Iuizos humanos sãm muy errados. fol. 106. n. 2.

L

Rainha Dona Leonon.

Fundou o mosteiro d'Annunciada, aonde agora està fan-

Do Antão o velho. fol. 79.
num. 7.

Padre Leão Henriques.

Avo do padre Leão Henriques
Dom Henrique Henriques,
senhor das Alcacevas, & ca-
çador mór delRey Dõ Ma-
noel. fol. 277. n. 2.

Pays do mesmo padre, D. Ioam
Henriques, & D. Ioanna de
Abreo. *ibid.*

Naceo na ilha da Madeira, na
villa da Ponta do Sol. *ibi-*
dem.

Livra Deos de hum grande pe-
rigo a Dom Leão Henri-
ques, sendo minino. *ibidem.*
n. 3.

Vem pera o Reyno, & se cria
em casa de seu tio. *ibid.* n. 4.

Vay estudar á Vniversidade de
Paris. *ibid.*

Mostras de seu grãde engenho.
ibidem.

Mudase o padre Leão Henri-
ques de Paris pera Coimbra.
ibid. n. 6.

Sente grandemente a entrada
na Companhia de seu primo
o padre Luis Gonçalves da
Camara. *ibid.* n. 7.

Estudou, cõ grande credito, ca-
nones na Vniversidade de
Coimbra. *ibid.*

Como Deos o moveo a entrar
na Companhia. fol. 280.
n. 8.

Grandes desejos, que teve, de

hir à missã de Congo. fol.
355. n. 2.

Nam quiz o padre mestre Si-
mam, que fosse o padre Leão
Henriques a esta missã. fol.
356. n. 3.

Fez voto de entrar na Compa-
nhia, movido por hum retra-
to do Salvador, no juizo, que
estã ainda no Collegio de
Coimbra, fol. 281. n. 9.

Entra na Cõpanhia, cõ grande
consolaçam de todos. fol.
282. n. 9.

Como procedeo no noviciado?
ibidem.

Com hum pobrissimo fato de
mendigo pede esmolas pelas
ruas. *ibid.* n. 11.

Sofre, com grande paciencia,
huma affronta, recebendo
bofetadas em lugar de esmò-
las. *ibidem.*

Padre Leonardo Nunes.

Reformou alguns Portugueses,
que tinham sòmente o no-
me de Christãos. fol. 477.
n. 2.

Morreo em hum naufragio. fol.
478. n. 4.

Trabalhou muito no Brasil.
ibidem.

Liberalidade.

Liberalidade delRey D. Ioam.
fol. 139. n. 6.

S. Luis.

Arçobispo de Tolosa, sendo fi-

lho de hum Rey, se fez frade menor. fol. 43. n. 3.

Infante Dom Luis.

Muy afeiçãoado à Companhia. fol. 49. n. 9.

He de parecer, que os padres S. Francisco de Xavier, & M. Simam, fiquem em Portugal. ibidem.

Muy devoto do P. M. Simam. fol. 135. n. 6.

Mandou edificar em Estremôz hum convento pera as Religiosas cômẽdadeiras de Malta, que he unico neste Reyno. fol. 518. n. 3.

Padre Luis Gonçalves da Camara.

Entra na Companhia. fol. 196. n. 7.

Quem foram seus pays. fol. 197. col. 1.

Occasiã, que teve pera entrar na Companhia. fol. 197. n. 8.

Vay tomar os primeiros exercicios fóra de Coimbra. fol. 198. col. 1.

Teve hum anno de noviço. fol. 281. n. 9.

He visitado por D. Leãm Henriques em Coimbra a primeira vez. ibid.

He eleito por Reytor de Coimbra. fol. 301. n. 6.

Foy insigne nas divinas letras, & nas humanas. fol. 302. n. 6.

Escreve ao padre meitre Simã, dandolhe conta de huns Irmãos, que mostravam descõfiança em continuar os officios de humildade. fol. 328. n. 2.

Trato particular nas cousas do espirito do padre Luis Gonçalves, com o padre Pedro Fabro. fol. 277. n. 5.

Padre Luis Gonçalves entende com tres distrahidos, fracos na vocaçam. fol. 330.

Padre Luis Gonçalves manda muitos nossos peregrinar a varias partes do Reyno. fol. 335. n. 1.

Deixa de ser Reytor. fol. 372. n. 2.

Como se applicava ao officio de cofinheiro. fol. 372. n. 3.

Do que alguns sentiram d'esta mudança, do padre Luis Gonçalves. fol. 373. n. 4.

Como acodio a hum sacerdote Francês, cativo em Tituãm. fol. 382. n. 7.

Ficou por mestre do Princepe. fol. 503. n. 8.

Reduz a hum fidalgo arrengado a nossa sancta fé. fol. 384. n. 1.

Adoece gravemente em Tituãm, & se vem pera Ceita. fol. 385. n. 2.

Pede esmõlas pera seus cativos, & torna pera sua empresa. ibidem.

He mandado vir a Portugal, pera dar conta a sua Alteza

do

do que havia em Tituam.
ibidem.

Vay pera Coimbra, depois da
vinda do P. M. Simam pera
Lisboa. fol. 540. n. 2.

Escreve a sua Alteza os fervo-
res dos nossos Religiosos pe-
ra hirem à India. fol. 541
num. 3.

Padre Luis da Grã.

Entra na Companhia. fol. 115.
n. 10.

Vay com outras pessoas de res-
peito, em corpo, buscar agoa
à fonte do Bispo. fol. 237.
n. 5.

He nomeado por Reytor de
Coimbra. fol. 372. n. 2.

Foy natural de Lisboa. fol.
374. n. 4.

Fr. Luis de Granada.

Prêgava louvores da Compa-
nhia em Evora. fol. 517.
n. 3.

Estimava muito a Companhia.
fol. 532. n. 1.

Fez mayores milagres na Igre-
ja de Deos com seus doutif-
simos livros, & admiraveis
prêgaçoens, do que se allu-
miara cegos, & resuscitara
mortos. fol. 533. n. 2.

Fr. Luis de Montoya.

Defende nossas mortificaço-
ens publicas. folio 189.
n. 2.

Irmam Luis Froes.

Grande servo de Deos no Ia-
pam. fol. 393. n. 6.

Teve cuydado de escrever a
Portugal o successo da nova
Christandade todos os an-
nos. ibidem.

M.

P. Manoel Godinho.

Entra na Companhia, movido
por hum sermam, que ouvio
ao padre fr. Ioam Soares. fol.
88. n. 2.

Vay a Coimbra disfarçado em
habito secular. fol. 89. n. 3.

Foy homem de muita mortifi-
caçam. fol. 81. n. 8.

Vay por meyo de huma villa
despido da cintura pera ci-
ma. ibid.

Vestido como secular tratava
com os estudantes. fol. 106.
n. 3.

Praticas, que fazia aos estuda-
ntes. fol. 107. n. 4.

P. Manoel Fernandes.

Naceo em Tangere. fol. 527.
n. 1.

Foy o primeiro mestre de Si-
mam Gomes, a que chamavã
o çapateiro sancto. ibid.

Primeiro prêgador do Colle-
gio de Evora. ibi-
dem.

Fez grandes serviços a Deos nas missoens das terras de Alentejo. fol. 528. n. 2.

O que lhe succedeo em hum fermâm, em Lisboa. fol. 529. n. 4.

Outro successo de huma prègação em Elvas. fol. 530. n. 5. & 6.

Notavel zelo em buscar almas. fol. 531. n. 7.

Vam ouvir suas prègações o padre fr. Luis de Granada, & o padre fr. Bertholamèo dos Martyres. fol. 532. n. 2.

Bons costumes, que meteo o P. Manoel Fernandes em Evora. fol. 534. n. 6.

Grande brandura em seu trato. ibid. n. 7.

Occasião que houve pera a morte, que deram a este bõ padre. fol. 535. n. 2.

Prèga o padre, com grande zelo, contra a sensualidade. fol. 536. n. 2.

Trata hum peccador sensual de dar a morte cruel a este padre. fol. 536. n. 6.

Da morte, que lhe dèram. ibidem.

Exemplo admiravel da charidade d'este padre. fol. 537. n. 4.

Como se arrependeo, & se confessou logo hum dos matores. ibid. n. 5.

Veyo ainda morrer ao Collegio. fol. 538. n. 6.

Do grande sentimento, que

houve da morte d'este padre Manoel Fernandes. ibidem. n. 7.

O Infante Cardeal o foy visitar à cama. ibid.

Como foy enterrado, & da solennidade com que foy tresladado. fol. 539. n. 7. & 8.

Padre Manoel de Moraes.

Foy natural de Bragança. fol. 551. n. 1.

O muito que fez pelo bem das almas. ibid.

Morreo sanctamente em Goa. fol. 552. n. 3.

Favor notavel, que Deos fez em huma não, pelas oraçoens do padre. fol. 543. n. 1.

Servio de Cura na sua não. fol. 544. eodem n.

P. Manoel de Nobrega.

Entra na Companhia. fol. 165. num. 8.

Vay em missão pela provincia da Beira. fol. 342. n. 1.

Do fruto, que fez na cidade da Goarda. ibid.

Traça, que usou, pera converter hum peccador. ibidem. à n. 2.

Como foy recebido na villa do Sabugal. fol. 344. n. 5.

Como entrou na villa mendigando pelas portas. ibid.

Foge dos regalos, que lhe fazia o Commendador Dom Du-

- arte de Castello Branco. ibidem.
- O que lhe succedeo na villa da Covilhã. fol. 345.n.
- Reprehende huma descomposta folia, que profanava a Igreja. fol. 346.n. 1.
- Do que lhe succedeo com huma endemoninhada. fol. 347.n. 2.
- Como prégava contra peccadores publicos. ibidem. num. 3.
- Occasiã que Deos tomou pera o trazer à Companhia. fol. 457.n. 3.
- Foy peregrinar a Salamãca, & & Sanctiago a pé, & trouxe a Deos hum Conde Castelhanofol. 458.n. 4.
- Caso notavel, que lhe succedeo cõ huma peccadora. fol. 459 n. 6. 7. & 8.
- He chamado a Lisboa, pera hir pera o Brasil. folio 460. num. 1.
- Caso prodigioso, que lhe succedeo sobre hũa cabeça de peixe. fol. 461. n. 3.
- Do muito que fez, & padeceo no Brasil. folio 462. numero 5.
- Desafio que teve com hum famoso feiticeiro. fol. 463. n. 6.
- Como cõverteo este feiticeiro. ibid. n. 7.
- Como acodia á boa criaçam dos mininos. folio 464. num. 8.
- De sua muita pobreza. ibidem. n. 9.
- De sua devaçam, & grande pureza, que sempre guardou. fol. 465. n. 1.
- Maldiçam que deitou sobre os que nam guardavam a pureza. fol. 466. n. 2.
- Grãdes perigos de que Deos livrou ao P. Manoel de Nobrega. fol. 466. n. 3.
- Pazes, que fez entre os Portugueses, & os Tamoyos. fol. 467. eõdem n.
- Edificou na Capitania de Porto seguro, hũa ermida da invocaçam de nossa Senhora da Ajuda. fol. 468. n. 5.
- Milagre muy grãde de hũa fonte de agoa, que succedeo neste tempo. ibid. n. 6.
- Ainda hoje hà naquella ermida muitos milagres. fol. 469. n. 7.
- Teve revelaçam de sua morte. ibid. n. 8.
- Morreo em 18. de Outubro cõ nota veis circumstãcias. ibid. n. 9.
- Continuou a missam do Brasil por espaço de trinta annos. fol. 470. n. 10.
- Foy Apostolo do Brasil. ibidem.
- Foy o primeiro Provincial do Brasil. fol. 471. n. 11.
- Fundou o Collegio da Bahia, & outros. ibid.

Padre Manoel Lopes de Bulhãm.

Acabou em hum naufragio cõ
o padre Gonçalo Alvares.

fol. 485. n. 10.

Foy natural de Lisboa, & parẽ-
te, conforme a algũ, do glo-
rioso sancto Antonio, ibi-
dem.

Padre Manoel de Payva.

Vay em missãm ao Brasil. fol.
492. n. 6.

Foy homem singelo, & cãdido.
fol. 493. n. 6.

Como se offereceo pera ser vẽ-
dido, pera ajuda do su-
stento dos padres. ibidem
n. 7.

Mandou o superior entregalo a
hum corretor de escravos,
pera ser vendido. ibi-
dem.

Como cessou esta venda do
padre Payva. fol. 494.
num. 8.

Faz grandes serviços a Deos no
Brasil, ajudando os Portu-
gueses contra os Tamoyos.
ibid. n. 9.

Despedindo os barbaros innu-
meraveis frechas cõtra elle,
permitio Deos, q de nenhũa
o acertassem. ibid.

Padre Manoel de Sá.

Entra na Cõpanhia. Suas boas
partes. fol. 196. n. 6.

Vay ter o noviciado a Valẽça.
fol. 198. n. 9.

Dona Maria.

Princesa de Castella, filha del-
Rey Dom Ioam III, muy de-
vota da Companhia. fol.
209. n. 2.

Padre Marcos Iorge.

Entra na Companhia. fol. 374.
n. 5.

Foy natural de Coimbra. ibid.
Foy dos primeiros Doutores
que se agradaũram na V-
niversidade de Evora. ibi-
dem.

Foy homem de grande humil-
dade. fol.

Foy autor da Cartilha. folio
375. n. 6.

O padre Marcos Iorge foy elei-
to por procurador a huma
congregaçam em Roma. fol.
376. n. 7.

Martim Affonso de Sousa.

Governador da India, teve a
boa forte de levar consigo
ao Oriente Sam Francisco
de Xavier. folio 431.
num. 4.

Partio com boa armada a po-
voar o Brasil. ibid.

Tomou pera sy, com licen-
ça delRey, sincoenta le-
goas de terra. ibidem.

Poz os nomes, que melhor lhe parecia, aos portos, cabos, &c. *ibid.*

Como levou à India o Padre Sam Francisco de Xavier na sua não Sanctiago. fol. 58. n. 8.

De quem foy filho este fidalgo; & suas boas partes. folio 58. num. 8.

P. Martinho de S. Cruz.

Prudencia singular do padre Martinho de S. Cruz. fol. 282. n. 10.

Boas partes do mesmo padre. fol. 298. n. 1.

Como se houve no caminho de Roma. *ibid.* n. 2.

O que lhe succedeo cō S. Ignacio. *ibid.* n. 3.

Como exercitou em Roma os ministerios da Companhia. fol. 299. n. 4.

Adoece gravemente, & morre com grande dita; tendo nōso S. P. à cabeceira. fol. 300. n. 5.

Foy segundo Reytor de Coimbra. *ibid.* n. 6.

Padre Mauricio.

Singular paciencia do P. Mauricio. fol. 309. n. 2.

Foy preso por ladram. *ibid.*

Como foy conhecido por innocente. fol. 310. n. 3.

Officios que teve. *ibidem.* numero 4.

Foy Confessor delRey D. Sebastiam. *ibid.*

Como previo a perda delRey Dom Sebastiam? fol. 311. n. 5.

Foy o unico da Companhia, q na batalha morreo, ouvindo de confissam a hum fidalgo ferido gravemente. *ibid.*

Os seus doze companheiros salvaram suas vidas. *ibidem.*

Mestre Melchior Carneiro.

Foy natural de Coimbra; & de sua mortificaçam. fol. 187. n. 5. *fine.*

Primeiro Reytor do Collegio d'Evora. fol. 516. n. 1.

Como acodio a huns falsos testemunhos em Evora, levantados contra a Companhia. fol. 522. n. 6.

Foy homem de grandes talentos. fol. 524. n. 1.

Teve delle grande conceito o Cardeal Infante. fol. 524. n. 2.

Como acodia ao bẽ espirital dos proximos. *ibid.*

Foy pera a missam da India. fol. 525. n. 3.

Foy sagrado por Bispo de Nicæa. *ibid.*

Como esteve na China, & pretendeo entrar no Japam. *ibidem.*

Estando pera se embarcar o chamou Deos pera sy. ibidem.

O que lhe succedeo com hum falso Bispo. fol. 526. numero 4.

Testemunho de S. Ignacio sobre a pessoa do P. Melchior Carneiro. ibid. n. 5.

Andava em corpo pobremmente vestido. fol. 187. n. 5. & fol. 188. col. 1.

Mestre do Principe.

Vide P. M. Simam.

Quanto mōta ter bom mestre. fol. 133. n. 4.

Milagres.

Nem sempre sam melhor prova de mayor virtude. fol. 614. n. 1.

Milagre de huma fonte, junto da ermida de nossa Senhora d'Ajuda. Vide P. Manoel de Nobrega.

P. M. Melchior Nunes Barreto.

Como se houve na sua não. fol. 544. n. 2.

Como por suas oraçoens livrou Deos a não de hum baixo milagrosamente. fol. 545. n. 3.

Padeceo muito pelo bem das almas. fol. 547. n. 2.

Sua chegada a Goa. Foy muy festejado de Sam Francisco

de Xavier. ibidem. numero 3.

Como acodia às doutrinas? ibidem. n. 4.

Publicou hum jubileo, fazendo trinta sermoens pera o aparelho d'elle. fol. 548. n. 4.

Foy homem de muita oraçam. fol. 548. n. 5.

Como se houve contra certos hereges. ibid. n. 6.

Deixa o cargo de Provincial, & vay pera o Iapam, fol. 549. n. 7.

Entrou na ilha de Sancham. ibidem.

Duas vezes entrou na China, sendo o primeiro prégador do Evangelho nella. ibid. num. 8.

P. Melchior Gonçalves.

Insigne missionario; bautizou em Baçaim quatrocentos gentios. fol. 390. n. 1.

Levantou huma Igreja á Mãe de Deos, & instituo hum seminario pera criaçam dos mininos. ibid.

Derrubou hum sumptuoso templo dos gentios. fol. 391. n. 2.

Acabou sanctamente em Goa. ibidem.

Fr. Miguel de Contreiras.

Da ordem da sanctissima Trindade, varam de grande

virtude, instituidor da Misericordia de Lisboa, Confessor da Rainha Dona Leonor. fol. 79. n. 7.

Dom Miguel.

D. Miguel da Sylva, Bispo de Visão, foy em algum tempo valido del Rey D. Ioam o III. fol. 125. n. 2.

Suas boas partes, & grandes espiritos. ibid.

Obras grandiosas, que fez. ibidem.

Descabe de sua privança. fol. 126. n. 3.

Deixando Portugal, vayse pera Roma, sem ordem del Rey. ibid. n. 3.

Sente el Rey muito a sahida do Bispo. ibid. n. 4.

Sentença muy aspera, que deo contra elle. fol. 127. numero 4.

He o Bispo muy bem recebido em Roma, & feito Cardeal. ibid. n. 5.

Grande sentimento del Rey D. Ioam, por este respeito. fol. 127. n. 5.

Temense grãdes desgostos, por causa do Cardeal D. Miguel. fol. 128. n. 6.

O muito, que sancto Ignacio fez, & escreveo sobre esta materia. fol. 128. n. 7. & fol. 129. &c.

P. Miguel de Torres.

Foy Doutor em Theologia, &

Reytor do Collegio de Salamanca. folio 582. a numero 1.

Veyo por Visitador desta provincia. ibid.

Foy pessoa de muita autoridade. fol. 584. n. 6.

Trazia algũas folhas de papel, afinadas em branco, com o nome do nosso sancto Patriarcha. ibidem.

Mininos orfãos.

Casa que tem em Lisboa. fol. 542. n. 6.

Mandou sua Alteza nove mininos orfãos pera a India. fol. 542. n. 6.

De quanto proveito foram os mininos orfãos nesta viagẽ. fol. 543. eodem n.

Misãm de Africa.

Grandes fervores de misões no Collegio de Coimbra. fol. 379. n. 1. & fol. 490. n. 1. & fol. 540. n. 1.

Occasiã que houve pera a misãm de Africa. ibidem. n. 2.

Dom Affonso de Noronha pede a el Rey, & ao padre mestre Simam padres pera esta misãm. fol. 380. eodem n.

Differe sua Alteza a esta tam justa petiçam. ibidem numero 3.

Sam nomeados os padres Ioam Nunes Barreto. & Luis Gõçalves da Camara. ibid.

Vay o Irmã Ignacio Vogado por companheiro dos padres ibidem.

Chegam a Ceita, aonde fazem grande fructo. fol. 381. numero 4.

Partem os missionarios pera Tituã. ibid. n. 5.

Sam recebidos dos Mouros cõ bom rosto, mas perseguidos dos mininos. ibid.

Como foram visitar os cativos em suas masmorras? fol. 382. n. 6.

Reduzem a nossa sancta fẽ alguns arrenegados. fol. 384. num. 1.

Misãm da India!

Fervores da misãm da India.

fol. 222. n. 2.

Treze religiosos sam nomeados pera a misãm da India. fol. 542. n. 5.

Misãm de Congo.

Vide Congo.

Missionarios da Companhia,

Sahem missionarios de S. Fins, q̃ estavam convalecendo. fol. 335. n. 2.

Pobreza de que usavam os nossos missionarios. fol. 336. n. 2.

Regimento de que usavam. ibi. n. 3.

Como foram conhecidos por Religiosos nossos. ibid.

Primeiro missionario pera a India, depois de S. Francisco de Xavier, foy o P. Antonio Criminal, & foy o primeiro, q̃ derramou seu sangue pela fẽ. fol. 228. n. 11.

Vam nove missionarios pera a India. folio 250. n. 2.

Despacha o P. M. Simam dez missionarios pera a India. fol. 390. n. 1.

Misãm ao Priorado do Crato, & Arcebispado d'Evora. fol. 486. n. 1. & 2.

Misãm ao Reyno do Algarve. ibid. n. 3.

Como os missionarios foram recebidos em Faro? fol. 487 n. 5.

Direçam, que guardavam os nossos missionarios. folio 488. num. 6.

Modestia.

Pela modestia nos chamaram Apostolos. fol. 43. n. 5.

Grande modestia, que os nossos guardavam trabalhando nas obras do Collegio de Coimbra. fol. 327. n. 9.

Esta modestia moveo a D. Theo- tonio a vir pedir a Companhia. fol. 328. n. 9.

Mortificaçoens.

Mais usadas entre nós no tem-

po das ferias. folio. 186.
n. 3.

Mortificaçoens publicas, que os
nosos faziam em Coimbra.
fol. 187.n. 5.

Eram reprovadas de muitos.
fol. 189. à n. 1.

Mortificações mais notaveis no
Collegio de Coimbra. fol.
230.n. 2.

Mortifica o padre mestre Si-
mam a hum noviço. fol.
231. n. 3.

Mortificaçam notavel, feita ao
P. Leám Henriques. fol. 282.
n. 10.

Grande mortificaçam de Adol-
fo, Conde de Alfacia. fol.
240.col. 1.

Mosteiro.

Mosteiro de S. Antam. Vide S.
Antam.

Mosteiro de Carquere. Vide
Carquere.

Murmuraçam.

Murmuram alguns da grãdeza
da obra do Collegio de Co-
imbra fol. 323.n. 2.

Murmuraçam contra o mesmo
Rey, por causa desta obra.
fol. 325.n. 6.

Murmuraçam que havia cõtra
nosso modo de proceder. fol.
172.n. 2.

N.

Natal.

Festas de Natal, como se passa-
vã no Collegio de Coimbra.
fol. 156.n. 6.

Nilo.

O rio Nilo nace em Preste Io-
am. fol. 351.n. 3.

Desejos grandes de Alexandre
Magno, & de Iulio César,
pera descobrir o Nilo em sua
fonte. fol. 351.n. 3.

Nicolao.

P. Nicolao de Bobadilha, hũ dos
nove companheiros de san-
cto Ignacio, he nomeado
pera a India. fol. 33.n. 1.

Padre Nicolao Lancillote, he
avilado pera a India. fol.
223. n. 15.

Noviço.

Provado pelo padre mestre Si-
mam, com hũa notavel mor-
tificaçam. fol. 231.n. 3. & 4.

P. Nuno Ribeiro.

P. Nuno Ribeiro entra na Cõ-
panhia. fol. 116.n. 12.

Padece muitos trabalhos na In-
dia. ibid.

Morreo com peçonha, que lhe
deram os Mouros. ibid.

O

Obediencia.

Obediencia cega do P. Diogo
Vieira. fol. 164. n. 7.
Descripçam da obediencia.
fol. 293. num. 10.

Obras do Collegio de Coimbra.

Vide Collegio de Coimbra.

Oraçam.

Oraçoens do padre Leão Hé-
riques alcançam saúde no
braço a hum jurador. fol.
283. n. 12.

P

Patria.

Diversidade de patrias nam cõ-
vem que faça diversidade de
animos. fol. 157. n. 6.

Paulo terceiro.

Foy o primeiro Papa, que con-
firmou a Companhia. fol. 13

n. 7.
Manda alguns cõpanheiros de
S. Ignacio a varias partes. fol.
13. n. 7.

Teve alguns desgostos com el-
Rey Dom Ioam o terceiro.
fol. 125.

P. Paulo do Valle.

Fez muitos serviços a Deos na

colta da Pescaria. fol. 292.
num. 4.

D. Pedro Mascarenhas.

Embaixador em Roma del Rey
Dom Ioam; avisao, que pe-
ça alguns nossos padres pera
a India. fol. 14. & fol. 15.
n. 1.

Quem foram seus pays? ibid.
Foy grande afeiçãoado, & pro-
tector da Companhia. fol.
16. n. 3.

Pede a sancto Ignacio seis cõ-
panheiros pera a India.
ibidem.

Concedelhe o sancto fõs dous.
fol. 16. n. 4.

Pedro Annes.

Foy o ultimo ermitam de san-
cto Antam, & primeiro San-
christam de Sam Roque.
fol. 86. n. 11.

Pedro Lopes.

Natural de Villa pouca, primei-
ro que entrou no Collegio
de Coimbra. fol. 108. n. 7.

P. Pedro Fabro.

Grandes virtudes deste padre.
fol. 160. n. 1.

Tratase de sua vinda a Portu-
gal. ibid. n. 2.

Na Universidade de Lovayna
traz à Companhia alguns ef-
colhidos sogeitos. fol. 161.
n. 2.

Chega a Lisboa. fol. 194. n. 2.

He muy bem recebido de sua
Alteza. fol. 194. n. 3.
Quam festejado foy do P. M. Si-
mam. fol. 194. n. 3.
Trata el Rey de o deixar em
Portugal. fol. 195. n. 4.
Vay ao Collegio de Coimbra.
fol. 195. n. 3.
Recebe grande alegria de ver
aquelle Collegio. ibidem.
n. 4.
Estando em Coimbra, traz mui-
tos à Companhia. fol. 198.
n. 6.
Como procedia na Corte de
Portugal fol. 204. à n. 1.
Quam sancto, & bem estreado
era na conversaçam dos cor-
tesãos. fol. 215. col. 1.
Pretende hir a Castella, & el-
Rey lhe resiste. fol. 205.
num. 2.
Manda reliquias ao Collegio
de Coimbra. folio 206.
num. 3.
Escreve ao Collegio de Coim-
bra. fol. 207. à n. 4.
Escreve outra carta a Coimbra.
fol. 210. à n. 5.
Morre em Italia. fol. 212. n. 9.
P. Pedro d' Afonseca.
Excelente Doutor em Theolo-
gia, & Philosophia; entra
na Companhia. fol. 376.
num. 9.
Natural do lugar da Cortiçada.
ibidem.
Teve na Companhia o cargo

de Assistente, Visitador, &
mais officios honrosos. fol.
377. eodem n.

Deixou impressos quatro to-
mos da Metaphysica, Diale-
ctica, & Isagoge de Porphy-
rio. ibid.

P. Pero Dias.

Varám de singular modestia.
fol. 377. n. 10.

Entra na Companhia. ibid.

Foy natural de Lisboa. ibid.

Como exercitou o officio de
procurador do Collegio de
Coimbra. ibid.

Morre pela fé com treze cõpa-
nheiros na missam do Brasil.
fol. 378. n. 10.

Como tratava com os minis-
tros, & officiaes da justiça.
ibidem.

Padre Pero da Sylva.

Scndo Reytor de Evora, se em-
barcou pera a India. fol. 527
num. 6.

O Infante Dom Pedro.

Foy religioso de San Bernardo,
no mosteiro de Alcobaga.
fol. 400. n. 4.

Pero Alvares Cabral.

Pedro Alvares Cabral, primei-
ro descobridor do Brasil. fol.
430. n. 2.

Poz por nome ao Brasil, terra
da S. Cruz. ibid.

Perseguiçam.

Contra a Companhia. fol. 170.
à n. 2.

Perseguiçam contra o Padre
mestre Simam. Vide mestre
Simam.

Com as perseguiçoens floreceo
mais a Companhia. fol.
519. n. 1.

Peregrinaçoens.

Sahem os nossos do Collegio
de Coimbra a fazer suas pe-
regrinaçoens. fol. 186. n. 3. &
fol. 187. n. 4.

Grande dignidade. de peregrina-
nos. fol. 60. n. 3.

Peste.

Morre o padre Francisco Ro-
drigues na peste. fol. 413.
n. 1.

De outros padres que acodiram
à peste. *ibid.* n. 2.

Peccador.

Caso notavel de hum peccador
que se converteo. fol. 422.
n. 3.

Inspiraçoens que Deos dava a
este peccador. folio 423.
num. 4.

Como se mudou este peccador.
ibidem.

Pernambuco.

Foy povoado por Duarte Coe-
lho. fol. 432. n. 8.

Primeiras pedras.

Vide Collegio de Coimbra.

Perfeiçam.

Consiste a perfeiçam na resig-
naçam da propria vontade.
fol. 293. n. 9.

Nam he contra a perfeiçam de
Religiosos o trabalho das
mãos. fol. 327. n. 8.

Pompeio.

Aonde, & quam pobrementemente
foy sepultado? fol. 607. n. 4.

Porto.

Vide padre Francisco Estrada.
Louvores de algũa gente muito
virtuosa, que havia na cida-
de do porto. fol. 272. n. 3.

Primeiro.

Primeiro que entrou no Col-
legio de Coimbra. fol. 108.
num. 7.

Professos.

Professos de quatro votos so-
lennes, sam muy autoriza-
dos na Companhia. fol. 119.
n. 5.

O direito, que tem na Compa-
nhia. *ibid.*

Fazem voto de nam procurar
honras. fol. 120. n. 6. & fol.
121. n. 8.

Fazem voto de manifestar ao
superior, quem procurar al-
guma honra na Companhia.
ibidem.

Providencia.

Providencia divina em repar-
tir as reliquias de tres nos-
fos varoës sãtos. fol. 598. n. 8.

Provincia.

Trata sancto Ignacio de fazer
provincia em Portngal. fol.
289. n. 1.

Foy a segunda provincia da
Companhia. ibid.

Tem toda a Companhia obri-
gaçoens á provincia de Por-
tugal. fol. 124. n. 6.

Foy principio das provincias
de Castella. fol. 208. nu-
mero 8.

Declarase a Companhia em
Portugal por provincia. fol.
289. n. 1.

Portugueses.

Foram sempre muy constantes
na fee. fol. 130. n. 9.

Pureza.

Muy necessaria aos da Cõpa-
nhia. fol. 158. n. 8.

Quam insigne foy nesta virtu-
de o padre Manoel de No-
brega. Vide Manoel de
Nobrega.

R.*Reys.*

Ricardo Rey de Inglaterra,

dedicou a Deos dous filhos
na Religiã. fol. 483. n. 3.

Rey de Congo. Vide Congo.
Reys de Portugal, muy constã-
tes na fee. fol. 130. n. 9.

Rey D. Ioam o terceiro. Vide
D. Ioam.

Mercès que vem immediata-
mente pela mã do Rey,
sam mais dignas de estima.
fol. 100. n. 2.

Reytor.

Primeiro Reytor do Collegio
de Coimbra. fol. 98. n. 9.

Sua muita mortificaçam. fol.
101. n. 5.

Sua grande oraçam, & trato cõ
Deos. ibid.

Foy Reytor sem ser ainda sa-
cerdote. fol. 98. n. 9. Vide P.
Diogo Mirãm.

Primeiro Reytor de Goa padre
Nicolao Lancilloto. fol.
228. n. 12.

Reliquias.

Reliquias, que mandou a Co-
imbra o padre Pedro Fabro.
fol. 206. n. 3.

Renovaçam.

Renovaçam de votos. Vide
Votos.

Religiosos.

Religiosos da Companhia sem
profissam solenne. fol. 124.
n. 5.

Os Religiosos ham de usar de grande synceridade. fol. 157 n. 7.

Religiosos de S. Antam. Vide S. Antam.

Residencia.

Residencia de S. Antam. Vide S. Antam.

Residencia de S. Fins. Vide mosteiro de S. Fins.

Rios.

Rio do Frade. fol. 434. col. 1.

Rio da prata. fol. 440. n. 4.

Rio real. fol. 441. n. 5.

Dos rios do Gran Pará, & do Maranhã. ibid. n. 6.

Rio Zayre, chamado pelos Portugueses, Rio do Padrã. fol. 350. n. 1.

Rio Nilo nam nace em Cogo. ibid. n. 2.

Nace na Ethiopia superior. ibid. n. 3.

Quam grande, & furioso seja o rio Zayre. fol. 352. n. 4.

Dom Rodrigo.

Dom Rodrigo de Meneses vem pedir a Companhia. fol. 114.

Quem foram seus pays. ibid. He muy cõbatido de seus pays que saya da Companhia. fol. 142. n. 4.

Reposta a seu irmã Dõ Ioam

Tello. fol. 144.

Mandamno peregrinar a nossa Senhora de Guadalupe. fol. 145. n. 1.

Vay por seu companheiro o Irmã Manoel Godinho. fol. 146. n. 1.

No caminho da peregrinaçã pretendem seus pays tiralo da Religiã. fol. 146. numero 2.

Reposta que mãdou a sua mãy. fol. 147. n. 3.

Sua morte na Religiã. fol. 149.

Sò cinco annos viveo na Companhia. fol. 149.

Qual ficou seu corpo depois de morto. fol. 149. n. 1.

Quam sentida foy sua morte. fol. 150. n. 1.

O que escreveo sobre sua morte o P. Francisco Estrada. fol. 150. n. 2.

Grandes virtudes do Irmã D. Rodrigo de Meneses. fol. 151. n. 4.

Recebe, com grande humildade, hũa bofetada, que lhe deram. fol. 152. n. 5.

Sua grande obediencia. fol. 152. n. 6.

Suas boas partes, & admiravel memoria. fol. 153. n. 8.

Foy muy querido, & amado de todos, em especial do Padre mestre Simã. fol. 153. num. 7.

S.

Padre Salvador Correa.

Vay em missã ao Brasil. fol. 490. n. 1.

Foy varã de notavel innocẽcia, & fingeleza. fol. 491. num. 3.

Muy devoto de nossa Senhora. ibidem.

Como veyo a morrer por obediencia. ibid.

Dom Sebastiã.

Dã elRey D. Sebastiã a Companhia o conto de Sam Fins. fol. 287. n. 7.

Sentimentos espirituales.

Sentimento espiritual do padre Antonio de Quadros, que deo ao P. M. Simam. fol. 291. n. 4.

Sentimento do Padre Melchior Nunes Barreto. ibidem. num. 5.

Sentimento do P. Manoel de Nobrega. ibid.

Sentimento do Padre Melchior Carneiro. ibid. n. 6.

Sentimento do P. M. Gaspar Barzéo. ibid. n. 7.

Sinceridade.

He muy necessaria pera os Religiosos. fol. 157. n. 7.

P. M. Simam Rodrigues.

O padre M. Simam Rodrigues he hum dos nove primeiros companheiros de S. Ignacio. fol. 10. n. 1.

He o primeiro nomeado pera a missã da India. fol. 16. num. 4.

Parte pera Portugal, aonde chegou dentro em oito dias. fol. 17. n. 4.

Chega a Lisboa, vay visitar sua Alteza. fol. 17. n. 5.

Agasalhale no hospital de Lisboa. fol. 18. n. 5. verso.

Temos grandes obrigaçoens ao padre mestre Simam. fol. 18. n. 1.

Sua pátria, & nome de seus pay. fol. 19. n. 2.

Seu pay, estando pera morrer, prophetizou os gloriosos successos de seu filho. fol. 19. n. 2.

Foy estudar a Paris, por ordem delRey de Portugal. fol. 20. n. 3.

Seu grande fervor, & mortificaçam. fol. 20. n. 3.

Faz seus votos com os mais padres em Paris. folio 20. num. 4.

Parte de Paris a Veneza com os mais companheiros. fol. 21. n. 5.

Sãrou milagrosamente de hum grande mal. ibid.

- Vay de Paris até Veneza com grandes trabalhos. fol. 22. num. 6.
- Recolhe em sua mesma cama a hum leproso. folio 22. num. 7.
- Adoece de lepra, & sara milagrosamente. ibid.
- Sua humildade em encobrir esta merce de Deos. fol. 23. n. 8.
- Parte de Veneza pera Roma. fol. 23. n. 9.
- He socorrido milagrosamente no caminho. fol. 24. n. 9. verso.
- Adoece o Padre Mestre Simam perigosamente, & he curado por sancto Ignacio. fol. 25. n. 2.
- Prega M. Simam em Ferrara com grãde fruto das almas. fol. 26. n. 4.
- Diz a primeira missa. fol. 27. n. 5.
- Vay a Roma cõ todos os mais padres companheiros. fol. 28. n. 7.
- Nam faz caso de medos nocturnos do diabo. ibidem.
- Mestre Simam foy o primeiro missionario mandado pelo summo Pontifice. fol. 30. n. 10.
- Vay Mestre Simam reformar hum mosteiro de freyras. fol. 30. n. 11.
- Lê a sagrada Escripura em Sena. fol. 30. n. 12.
- Converte hum sacerdote escandaloso. folio 31. numero 13.
- Adoece em Sena de hũas quartãs. fol. 32. n. 14.
- Occupase em Lisboa na salvam dos proximos. fol. 41. n. 1.
- Sente muito quereremno deixar em Portugal. fol. 51. n. 2.
- Sente muito Mestre Simam hir a India. fol. 52. n. 3.
- Trata de hir pera a India. fol. 77. n. 2.
- Trata de termos algũa casa em Lisboa. fol. 79. n. 7.
- Mudase pera sancto Antam. fol. 85. n. 9.
- Partese a fundar o Collegio de Coimbra cõ dez cõpanheiros. fol. 95. n. 2.
- He agasalhado com seus dez companheiros no convento de sancta Cruz de Coimbra. fol. 95. n. 3.
- Em sancta Cruz de Coimbra sam primeiro agasalhados os nossos. fol. 95. n. 3.
- Foy o primeiro professo solenne desta provincia. fol. 118. col. 2.
- Boas partes do P. M. Simam pera contentar a todos. fol. 132. n. 1.
- ElRey D. Ioam Ihe era muito affeiçoadado. ibid.
- Apresenta nelle elRey Dom Ioam o Bispado de Coim-

- bra. fol. 132. n. 2.
- Resiste o padre mestre Simam a esta dignidade. fol. 133. n. 3.
- He o primeiro que resiste a semelhantes dignidades. ibid. n. 4.
- Grande louvor seu, por nam haver ainda constituições, que prohibissem dignidades na Cõpanhia. fol. 133. n. 3.
- Foy eleito pera mestre do Principe. ibid. n. 4.
- Aceita ser mestre do Principe. fol. 135. n. 5.
- Da grande virtude com que se houve nesta occupaçam. ibidem.
- Era muy amado de toda a corte. folio 135. numero 6.
- Hia sempre a pé ao paço. fol. 136. n. 1.
- Andava muy pobrememente vestido. ibid.
- Nam admitia em seus caminhos mulas regaladas, que pera elle estavam deputadas. fol. 137. n. 2.
- De hum encontro, que teve com frey Antonio Moniz Reformador de Tomar. fol. 137. n. 3.
- Mortificaçoens publicas, que fazia em Lisboa. fol. 138. n. 4.
- Nunca pretendeo nada, pera seus parentes. fol. 138. nam. 5.
- Só pretende o bem de sua Religiã. folio 139. numero 5.
- Mandoulhe elRey dar huma vez cem mil cruzados, pera alfayas do Collegio de Coimbra. fol. 139. n. 6.
- Offerta do P. M. Simam a elRey. fol. 140.
- Converte em Lisboa a hum Embaixador da India. fol. 154. n. 1.
- Os grandes serviços de Deos, q fazia estando na corte. fol. 155. n. 2.
- Mandava que nam dessem de comer ao que naquelle dia nam fizera a Deos algũ serviço. fol. 155. n. 3.
- Pelos Nataes, & por outras festas semelhantes, hia a Coimbra. fol. 155. num. 5. 6. & 7.
- Avilos que o padre mestre Simam dava a seus subditos. fol. 156.
- Encõmendava a seus subditos, que tivessem grande uniam. fol. 157. n. 6.
- Encomendava a sinceridade aos Religiosos. fol. 157. n. 7.
- Encõmendava muito a pureza. fol. 158. n. 8.
- Exemplo de humildade, que deo no Collegio de Coimbra, beijando os pés a todos. fol. 158. n. 9.
- Grandes frutos, que se recolhiam de suas praticas. fol. 159. n. 10.

Tirase devaça sobre sua doutrina. fol. 173. & fol. 174.

Perseguiçam que se levantou contra o P. M. Simam. fol. 190. n. 3.

Como o defendeo elR y Dom Ioam. fol. 191. n. 5.

He visitado numa doença por elRey. fol. 192. n. 6.

Manda religiosos da Cõpanhia a fundar as províncias de Castella. fol. 209. n. 2.

Dom Ioam de Alencastre Duque d'Aveiro, & Dom Antonio de Attaide Conde da Castanheira, eram grandes amigos do P. M. Simam. fol. 577. n. 1.

Nam quer elRey D. Ioam III. dar licença ao P. M. Simam para hir a Roma. fol. 246. n. 7.

Trata o P. M. Simam de nomear tres missionarios para a India. fol. 222. n. 3.

Dam os religiosos de Coimbra seus sentimentos em escrito ao P. mestre Simam. fol. 290. n. 3.

Declarase por primeiro Provincial desta provincia. fol. 289. n. 1.

Vay pelo Natal a Coimbra. fol. 372. n. 2.

Como aliviou ao padre Luis Gonçalves do officio de Rector do Collegio de Coimbra, & como lhe encõmedou o cargo da cozinha. ibid.

Recebe na Companhia a Dom

Theotonio, filho do Duque de Bragança. fol. 399. n. 4.

Pede licença a sua Alteza, para se deter na fala mais do que hum vassallo costuma diante da pessoa real. fol. 402. n. 1.

Responde o P. M. Simam ao q o Duque dizia contra a Cõpanhia. ibid. n. 3.

Descargos do padre mestre Simam ao que lhe ímpunha o Duque. fol. 403. n. 4.

Notavel resoluçam do P. M. Simam. fol. 404. n. 8.

Sentio elRey a resistencia do padre mestre Simam. fol. 405. n. 9.

Grande fortaleza, & constância do P. M. Simam neste negocio. ibid.

Admiravel resoluçam, com que respondeo a elRey. ibidem.

Escreve o padre mestre Simam ao padre Reytor de Coimbra, que mandasse logo a Dom Theotonio, aõde nam pudesse ser molestado por ministros reaes, nem perguntado por Religiosos estranhos. fol. 406. n. 10.

Ordem do P. M. Simam para se entregarem as chaves, & papeis do Collegio aos ministros reaes. ibid.

Mais estima o P. M. Simam a liberdade de sua Religiã autorizada, q a amisade de hũ Rey tã poderoso. f. 406. n. 11

Rezoens que houve pera o padre mestre Simam ser chamado a Roma. fol. 499. num. 2.

Pede licença a sua Alteza, pera hir a Roma. folio 500. num. 2.

Como o Padre mestre Simam mandou a Roma o Padre Gonçalo da Sylveira, com mais dous Theologos. ibidem.

Foy o padre mestre Simam bẽ recebido em Roma de Dom Affonso d'Alencastre, Embaixador de sua Alteza. fol. 507. n. 3.

Do muito que devemos ao padre mestre Simam. fol. 572. n. 1.

Doze annos governou esta provincia. fol. 573. n. 2.

Rezoens que houve pera o padre mestre Simam acabar de ser superior. fol. 574. n. 3. 4. & 5.

Queria sancto Ignacio, que o Padre mestre Simam fosse promover o bem dos Collegios de Valença, & Aragã. fol. 575. n. 6.

Escusase o Padre mestre Simam de ser Provincial em Aragã. fol. 577. n. 1.

Meyos que se tomavam na corte pera impedir a mudança do Padre mestre Simam. ibidem.

Os sentimentos que houve da hida do Padre mestre Si-

mam. ibidem.

Recebe a nova de sua mudança, com grandes sinaes de reverencia. folio 578. numero 3.

Retirase o Padre Mestre Simam pera Sam Fins. ibidem.

Como pretendiam alguns da Corte, que aceitasse algum Bispado. fol. 577. num. 1. fine.

Parte o padre mestre Simam de Sam Fins. folio 587. num. 7.

Poese a caminho pera Aragã. fol. 585. n. 1.

Adoece gravemente neste caminho. ibid.

Escusa S. Ignacio ao padre mestre Simam d' esta hida. ibid. n. 2.

Ordena sancto Ignacio ao padre mestre Simam, que va a Roma. ibid.

Como guardava o padre mestre Simam a ordem da oração, & exercicios espirituales, neste caminho. ibid.

Chega a Roma. fol. 586. n. 2.

Offerecemhe hum Breve, pera residir em Portugal, que levou logo a sancto Ignacio. ibid. n. 3.

Quam festejado foy do nosso sancto Patriarcha. ibidem. n. 4.

Trata o P.M. Simam de hir em peregrinação a Ierusalem. fol. 587. eodem n.

Havida licença adoece no caminho. *ibid.*

Vendo que nam podia proseguir a sua peregrinaçam, torna a Hespanha. *ibidem.* n. 5.

Viveo muitos annos em varios Collegios de Castella com notavel exemplo de sanctidade, retirandose do governo. *ibid.*

Admiravel industria do P. M. Simam em seu governo. fol. 588. n. 7.

Occasiã que teve pera tornar a Portugal. folio 589. n. 8.

Caso notavel, que lhe succede em Villa de Conde, depois de tornar a Portugal. fol. 590. n. 3. 4. & sequent.

Odio do padre mestre Simam a parentes. fol. 592. numero 6.

Como foy festejado o padre M. Simam em Portugal. *ibid.* num. 7.

Escusase de ser confessor del Rey D. Sebastiam. fol. 593. n. 8.

Dom Jorge d'Almeida Arçebispo de Lisboa, lhe dá as boas vindas, da parte del Rey Dom Sebastiam. *ibidem.*

Como se achou em hũa congregaçam em Portugal. *ibid.* n. 9.

Da occasiã que houve pe-

rá adoece. fol. 594. numero 10.

Como ficou desfeito com a doença. fol. 594. numero 1.

De sua grande paciencia, & saudades do cêo. folio 595 n. 2.

Como se alegrou com a nova da morte. *ibidem.* numero 3.

Pede que o deixem estar sò co Deos. folio 596. eodem num.

Na sua larga doença conservou o rigor da penitencia. *ibid.* n. 4.

De sua grande pobreza. *ibidem.*

Devaçam com que recebeu o Viatico, & a sancta Vnçam. fol. 597. n. 5.

Como se despedio dos Padres, & Irmãos desta provincia. *ibid.* n. 6.

Grãdes saudades do padre mestre Simam. fol. 598. numero 7.

Da sua sancta morte na casa professa de Lisboa. *ibidem.* n. 8.

Foy muy perfeito nas perfeições corporaes. fol. 600. n. 1.

De sua grande mortificaçam, & constancia. fol. 601. n. 3.

Da grande estima, que faziam do padre mestre Simam. *ibidem.*

- Foy em grãde maneira humilde. *ibid.* n. 4.
- Com hũa ponta aguda de ferro abrio em seu peito huma cruz. *ibid.*
- Como era facil em despedir. fol. 602. n. 5.
- Aborrecia a devaçam mimosa. *ibid.* n. 6.
- Da grande reverencia, que lhe tinham. *ibid.* n. 7.
- Como lhe descobriram a cruz, que tinha no peito. fol. 603. n. 9.
- Do cõprimento, & largura desta cruz. *ibid.*
- Como foram reverẽciar, & beijar este preciosissimo relicario? fol. 604. eodem n.
- Discurso sobre a cruz do peito do padre mestre Simam. *ibidem.* n. 4.
- Grande concurso a suas exequias. fol. 605. n. 12.
- Lugar aõde foy sepultado. *ibid.* n. 13.
- Foy muy sentida a morte do Padre mestre Simam por Dom Theotonio. fol. 605. n. 13.
- Trata Dom Theotonio de fazer hum sepulchro magnifico ao Padre mestre Simam. *ibidem.*
- Como foy tresladado seu corpo. fol. 606. n. 1.
- Epitaphio, que lhe puzeram na arca onde estam seus ossos. fol. 607. col. 1.
- Quam estendida he a fama do padre mestre Simam pelo mundo todo. fol. 607. & fol. 608. à n. 5.
- Padres que mandou a Hespanha. *ibid.* col. 1.
- Padres que mandou à India. *ibid.* n. 6.
- Padres que mandou a Africa. *ibidem.*
- Padres que enviou a Congo. fol. 609. col. 1.
- Padres que enviou ao Brasil. *ibid.* n. 7.
- Epitaphio do sepulchro do padre mestre Simam, feito pelos padres da provincia de Frandes. fol. 610.
- O padre mestre Simam nam foy natural de Lisboa. fol. 612. n. 2.
- Provasẽ que morreo aos quinze de Julho. folio 613. num. 4.
- Como Deos revelou a morte do padre mestre Simam. fol. 614. à n. 2.
- Da claridade que se vio sobre a casa onde morreo. fol. 615. col. 1.
- Da saude prodigiosa, que deo a hum minino, por meyo do seu bordam. fol. 615. à n. 4.
- Da saude ao padre Vicente Rodrigues, & ao padre mestre D. Gonçalo da Sylveira. fol. 618. à n. 1.

Superiores.

Tem muito de que dar conta.

fol.

- Como foy feito Arcebispo de Evora, por intercessão dos padres da Companhia, *ibid.* n. 8.
- Amor, que sempre teve à Companhia. *ibidem.* numero 9.
- Não sahia a visitar seu Arcebispado, sem levar consigo nossos Padres. folio 411. num. 9.
- Tinha grande devaçam às misfoens da Companhia. *ibidem.*
- Carreavase com os padres, que residiam no Japão. *ibidem.*
- Mandou imprimir à sua custa as cartas do Japão, dedicandoas ao sancto Xavier, & ao padre mestre Simão. *ibid.*
- Tratavase com grãde pobreza. *ibid.* n. 10.
- Sempre junto de sy comiam doze pobres. fol. 412. numero 10.
- Como acodio no tempo da peste. *ibid.* n. 1.
- A dous mil feridos da peste acodia com grãde providencia. fol. 413. n. 2.
- Encontrando a hum enfermo, que se não podia bullir, o mandou por no seu proprio cavallo, até o hospital, hindo elle mesmo a pé. fol. 414. eodem n.
- De sua muita charidade com lugares. *ibidem.* numero 3.
- Notavel exemplo de esmola, que mandou fazer. *ibidem.*
- De sua pureza, & paciência. fol. 415. n. 4.
- Entre outras obras insignes fez o famoso mosteiro da Cartuxa de Evora. folio 416. n. 6.
- Reformou outros varios mosteiros. *ibid.* n. 7.
- Grandes esmolas que fazia. fol. 417. eodem n.
- Tendo promessa de hum Cappello de Cardeal, nunca procurou o comprimento d'este despacho. fol. 418. n. 1.
- Occasião que houve pera Dom Theotónio hir a Valhedolid. *ibid.* n. 2.
- Companheiros que levou a Castella. *ibid.*
- Morreo em Valhedolid. fol. 419. n. 3.
- Como trasladaram seu corpo, metendo em huma pobre sepultura, como elle tinha ordenado no seu testamêto. fol. 420. n. 4.
- Sente muito a morte do padre mestre Simão. fol. 605. n. 13.
- Pede a nosso reverendo Padre licença pera lhe levantar hũ sepulchro. *ibid.*

Thomè de Sousa.

Procura atrahir os Indios a sua amizade: fol. 450. n. 1.
Como edificou a cidade do Salvador? ibid.

Fr. Thomas Turcius.

Este Reverendissimo gèral dos Padres Dominicanos, mandou aos seus Religiosos guardar a verdadeira amizade, & irmandade com os da Companhia. fol. 533. n. 3.

V*Irmam Vasco Ferràs.*

Entra na Companhia em Coimbra. fol. 264. n. 8.
Dos procedimentos do Irmam Vasco Ferràs; como adoeceo, & foy mandado ao Porto. fol. 265. n. 1.
Como foy conhecido de seus pays. fol. 266. n. 2.
Buscam elles meyo pera o trazer do hospital pera sua casa. ibid. n. 3.
Como se preparou pera a morte; & como foy enterrado. fol. 267. n. 5.

Verbo.

O Verbo encarnado se disfar-

çava por amor dos homês. fol. 90. n. 6.

Apparece em varias figuras. fol. 91. num. 7.

Padre Urbano.

Foy religioso de muita estima. fol. 563. n. 7.

Recusou o Reytorado do Collegio de Coimbra, por hipera a India. ibid.

Vay estudar Theologia a Valença. fol. 210. col. 1.

Padre Vicente Rodrigues.

Foy irmam do grande P. Iorge Rijo. fol. 478. n. 5.

Trabalhou muito no Brasil. ibidem.

Alcança faude por meyo do P. mestre Simam, fol. 618. a num. 1.

Vicios em nobres.

Sam mais dignos de se estranharem. fol. 39. n. 4.

Universidade.

Dá elRey seus paços pera a Universidade de Coimbra. fol. 99. n. 5.

Vniam.

Vniam muy necessaria na Companhia. fol. 157. n. 6.

Votos.

Como se fazia a renovaçam dos

votos nos primeiros annos da
Companhia no Collegio de
Coimbra. fol. 295. n. 1.
Forma antiga na renovaçam
dos votos. ibid. n. 2.
Fez o P. M. Simam haver esta
renovaçam. fol. 244. n. 1.
Bens que traz consigo esta re-
novaçam. fol. 296. n. 4.
Vase renovaçam de votos na
Religiã dos padres Car-
melitas descalços. ibid. n. 5.

X

Xavier.
Vide S. Francisco.

Z.

Zayre.
Vide Rios.
Zembre. Vide rio Nilo.

Zelo.
Zelo das almas. fol. 336. n. 2.
Vide missionarios; Vide
missãm.

LAVS DEO,



Alguns erros da Impressãõ mais notãveis.

Fol.	Col.	regra.	erros.	emendas.
95.	1.	21.	Emperador.	Rey.
98.	2.	18.	perto	aperto.
249.	1.	13.	Agosto.	Iulho.
153.	1.	3.	Henon.	Hannon.
561.	2.	28.	Vindo de Roma.	vindo da hida de Roma
580.	1.	18.	Abfalam.	Salamam.
249.	1.	13.	1557.	1547.
209.	2.	29.	36.	37.



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).